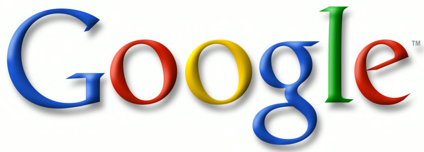


ARCHIVO
PITTORESCO

ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

VOLUME III — 1860

PREÇO DE CADA VOLUME

Em Lisboa 2$000 réis, nas Provincias, franco de porte, 2$200 réis



LISBOA

TYPOGRAPHIA DE CASTRO & IRMÃO, RUA DA BOA-VISTA, PALACIO DO CONDE DE SAMPAIO

MDCCCLX

ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO, IRMÃO & C.ª

Assignatura em Lisboa, anno 2:000 réis — para as Provincias remettido pelo correio, 2:200 réis — numero avulso 50 réis.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.

3.º ANNO — 1860

LISBOA VELHA E LISBOA NOVA



Praça dos Romulares — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

PROLOGO

Dois annos conta já este jornal de vida trabalhosa, cortada de estorvos e adversidades taes, que fariam soçobrar animos não tão revestidos de afoiteza e perseverança, que nunca, mercê de Deus, nos tem desamparado.

Quando nos afoitámos a mares onde tem desarvorado e naufragado tantos baixeis mais bem tripulados e mareados que o nosso, contavamos já com os contratempos de tal navegação. Mas alguns foram tão inopinados como só a mão da fatalidade os sabe deparar. Uma epidemia de muitos mezes nos dispersou e levou os leitores; um incendio total nos devorou a officina, e truncou as collecções do jornal.

Com boa sombra temos reparado estes desastres, e os nossos assignantes estão pontualmente inteirados do II volume, que terminámos com o anno passado de 1859.

Tendo, logo depois do incendio, estabelecido provisoriamente a officina em casa menos apta para o nosso trafego, tivemos de a transferir, no começo do presente anno, para edificio mais vasto e a commodo, qual é o que ora possuimos; e esta mudança nos inhibiu de encetar o III volume com o anno actual, como era nossa tenção, e para cujo effeito não poucas diligencias empregámos.

Agora, provídos convenientemente para que a redacção e impressão do Archivo Pittoresco não desdiga, antes se avantaje dos numeros já publicados, vamos abrir o III volume com o primeiro trimestre do anno.

Gratos á acceitação publica que tem merecido o plano que adoptámos, seguil-o-hemos cuidadosamente, augmentando a variedade dos artigos, tanto quanto póde comportar a estreiteza das publicações d'esta ordem, e nacionalisando cada vez mais este jornal, não só com os retratos, monumentos, edificios, paizagens, productos e typos portuguezes, divulgados pela gravura de madeira, e por artistas

nossos, mas tambem pela narrativa dos feitos e acções de nossos antepassados, dos seus usos e costumes, antigualhas de muito valor e prestimo para retemperar o romance e o drama nacional, que andam hoje tão dissaboridos com as francezias de que ahi fazem uma linguagem enxacôca, e de tão suave idioma como é o portuguez, uma salsada que amaruja até aos paladares mais depravados.

Esta nacionalidade foi que levantou o antigo PANORAMA ás alturas em que o vimos resplandecer. O que até então jazêra sotterrado nos archivos publicos, e ignorado nas livrarias particulares, veiu á luz universal da imprensa, e deu renascimento á litteratura patria, e á gravura nacional, que até alli era supprida pelos *clichés* francezes.

N'um jornal popular esta condição é das primarias. O amor da patria e o zelo pela sua independencia, infunde-se e estimula-se pelas memorias e recordações do passado, no que tem de glorioso, bom e imitavel em todos os tempos. Inspiram ellas o sentimento religioso, o respeito á moral; excitam o genio emprehendedor; dão conhecimento do que fomos, e esperanças do que podemos vir a ser. São os pergaminhos e brasões de familia, por onde cada qual sabe a razão e origem do seu appellido, que nem só os nobres e afidalgados tem genealogias honrosas. Cada reino, cada provincia, cada cidade, villa, aldêa e freguezia a tem, não em um solar ou estirpe, mas commum e hereditaria de paes a filhos successivamente. É por isto que os conquistadores tratam astuciosamente de ir apagando todos os vestigios da nacionalidade dos povos conquistados, historia, monumentos, usos, costumes, e sobre tudo a lingua, que por ter a excellencia de ser materna, mais difficilmente, ou nunca de todo se desentranha esse affecto nativo dos povos.

O ARCHIVO PITTORESCO tem sempre visado a este alvo, e com mais attenção ainda n'elle trará posta a mira d'aqui em diante.

Boa prova d'este invariavel empenho dos editores, é terem convidado para a collaboração d'este jornal os bons escriptores do paiz, que se tem dignado ennobrecer as paginas do ARCHIVO com os seus nomes, e egual appello lhes fazem aqui de novo, com o honorario a que taes emprezas podem chegar. Os artistas que tem illustrado tão esmeradamente este semanario, são os melhores que ha no reino. Nos dois antecedentes volumes contam-se já 233 gravuras, muitas de grande trabalho e apurada execução, sendo 148 d'ellas de desenhos originaes, e de assumptos portuguezes a maior parte.

O imperio do Brasil, que tanto auxilio presta ás publicações de Portugal, e onde innumeraveis patricios nossos se reveem a toda a hora nas folhas e livros, que da sua nação gloriosa lhes vão suavisar as saudades da terra, nos tem prestado sempre bom acolhimento. E ultimamente d'alli nos veiu um poderoso auxilio, que a gratidão nos manda divulgar e reconhecer, para que o exemplo se propague, que é este o melhor galardão e renome de taes acções.

Fundára-se na capital d'aquelle imperio uma sociedade composta de portuguezes, sob a symbolica denominação de «Madrépora»[1] cujos fins são prestar auxilio á civilisação e engrandecimento de Portugal, adoptando como primeiros esforços — «distribuir gratuitamente pelo povo, jornaes de litteratura, de sciencias, de artes liberaes e mechanicas.»

Foi pela benemerita direcção d'aquella sociedade, fundamentalmente patriotica, escolhido o ARCHIVO PITTORESCO como um dos jornaes dignos de auxiliar tão generoso e nacionalissimo empenho. Para este effeito, recebemos ordem de mandar distribuir por conta da sociedade um avultado numero de exemplares pelas escholas publicas do reino, e pelas casas de educação das classes desvalidas.

Correspondendo a este honroso testimunho de confiança e approvação do nosso jornal, nos desvelaremos por conseguir o intento que a sociedade «Madrépora» se propõe, já da sua parte executado pela distribuição, tambem gratuita, de outras publicações portuguezas.

A pedra angular de nosso engrandecimento é sem controversia a instrucção popular, que se não tem proporcionado, diffundido nem vigiado como é indispensavel, concorrendo para esta obra de salvação d'alma e de corpo, não só o estado, mas todos os bons cidadãos, attento que os poucos recursos do erario mal chegam para o que está legislado.

Merece uma estatua aquelle que primeiro se lembrou, e alcançou os meios, de ministrar leitura sã e de prestimo, ás escholas publicas da mocidade. Mas visto que o tempo não váe asado para monumentos de esculptura, o real agrado, a munificencia do Soberano que tanto ama e promove a instrucção popular, que até a hospéda e mantem nos seus paços, não deixará de se manifestar para com os benemeritos fundadores da sociedade «Madrépora» recompensando honorificamente o seu já provado zelo e patriotismo a favor da civilisação e engrandecimento do reino que tanto prezam e honram, lá das remotas paragens onde nunca o deslembraram nem menosprezam.

Se até aqui temos posto todo o cuidado, para que este jornal possa ser lido sem escrupulo, entre as familias e pela mocidade, o acatamento devido á religião e á moral continuará a ser o timbre d'esta publicação, tanto mais agora, que em escholas de infancia e casas de educação váe ser thema de leitura instructiva e amena.

Não tanto pelos artigos de actualidade, mas pelos monumentos antigos que n'estas paginas se hão de inserir, a lingua portugueza, na sua genuina construcção, na sua indole, abundancia, propriedade e donaires; na docil variedade dos seus estilos, poderá servir de estudo aos escholares, desde os elementos da grammatica até á nota de uma carta, e d'ahi á redacção de escriptos de maior folego.

A necessidade, e muitas vezes a obrigação de fallar e escrever em publico, váe crescendo de anno para anno. D'aqui a algum tempo não será gente aquelle que não souber pegar n'uma penna (como se costuma dizer figuradamente).

Se nas escholas se não encaminhar e dirigir a mocidade a esses campos elysios dos tempos modernos, onde tropeçam e cáem aquelles que os não sabem pisar firme, não será a geração futura a nossa vergonha, não nos infamará de grande culpa, não nos cobrirá de maldições?

Atalhemos quanto antes este perigo, todos os que podermos e soubermos.

Com este intuito, e os demais consignados no nosso primitivo plano, proseguiremos n'este volume.

PRAÇA DOS ROMULARES

Por duas transformações tão sensiveis tem já passado esta nossa Lisboa, que em breve andarão os antiquarios á busca de noticias e vestigios de muitos sitios e monumentos, como se estudassem a antiga Roma!

O terremoto e incendio de 1755 extinguiu gran-

[1] Madrépora chamam os naturalistas a um corpo marinho da feição de ramos de arbusto, empedernido, em cujos poros vivem polypos, e pertence á classe dos zoophytos ou animaes vegetaes, como o coral, a esponja, etc. N'um dos proximos numeros daremos a estampa e explicação competente.

dissima parte da Lisboa affonsina de que nunca tivemos uma boa planta. As obras municipaes de 1834 até hoje, tem egualmente revolvido e desobstruido a Lisboa pombalina, sem haver o accordo de deixar planta e memoria de todos os edificios demolidos, e de todos os sitios transformados, aliás com melhoramentos e construcções louvaveis.

Se nós agora buscámos de balde a origem e destino do antigo terreiro ou praça dos Romulares, egual sorte terão os que d'aqui a alguns annos se quizerem orientar em muitas paragens que vãe sumindo o atterro da Boa-Vista.

A photographia hoje é a melhor, a mais fiel depositaria que tem a historia, a chorographia, a topographia, a ichonographia, a archeologia em fim, para transmittir á posteridade os homens e as cousas que perecem como elles. Com este poderoso auxiliar, com este espelho reproductor que nos deparou o sol, não temos nenhuma das desculpas que se podem acceitar aos nossos antepassados.

Cumpre pois que o pelouro das obras municipaes e a intendencia das obras publicas, tomem um arbitrio a este respeito, para que nada se destrua ou transforme sem ficar nos seus archivos uma estampa cuidadosamente photographada, que depois se faculte para os estudos ou publicações historicas e artisticas, de nacionaes e estrangeiros.

Além d'esta lembrança feita aqui, promoveremos perante essas duas estações publicas a sua execução.

Voltando á praça dos Romulares, ou cáes do Sodré, como geralmente se lhe chama, representado na gravura que hoje publicâmos, diremos, que tentando investigar a antiguidade e derivação do nome d'esta praça, não o conseguimos. Só alcançámos, que muito antes do terremoto já assim se denominava, posto que não fosse praça regular, e apenas um sitio ou paragem da longa praia ou ribeira de Lisboa.

Jacome Ratton, ascendente do actual visconde d'Alcochete, que pelo tempo do terremoto morava ao Loreto, conta nas suas *Recordações*, que estava no seu escriptorio, fazendo ver a um comprador amostras de papel que tinha para vender, quando sentiu os primeiros abalos do pavoroso terremoto, e logo descêra para a rua, onde encontrando errante e espavorida uma sua visinha, estrangeira, lhe dera o braço, seguindo ambos pela rua do Alecrim abaixo, atravessando os «Romulares» em direcção ao mar; mas crescendo as ondas, retrocederam, vindo pela mesma rua do Alecrim até ao alto da Cotovia, para onde muito povo acorria.

Quando o marquez de Pombal dividiu a cidade em bairros para serem vigiados por magistrados especiaes, n'elles vem essa denominação, que ainda se conservou até aos nossos dias, e cremos que o sr. conselheiro José Bernardo da Silva Cabral foi o ultimo corregedor do bairro dos Romulares.

Este nome não se acha em nenhum vocabulario nem genealogia do nosso paiz. Sería appellido de algum italiano que alli tivesse o seu trafego, visto que por aquelle sitio residiam e negociavam muitos, e tanto que no visinho largo de S. Paulo houve d'antes um mercado que chamavam dos genovezes?

Haveria n'aquelle terreiro algumas figueiras italianas de certa especie chamada *romulare*, visto que muitas denominações de ruas e sitios de Lisboa tomaram o nome de arvores que ahi houve?

Tudo isto são conjecturas, similhantes ás que hão de fazer os nossos vindouros, quando virem citada a travessa dos Gatos, que ha dias desappareceu com a demolição dos casebres do Loreto. Não terão fundamento para suppor que havia alli commercio ou vivenda de gatos?

O que se sabe é que toda aquella beira mar, ou, como então se chamava, marinha, desde os paços da Ribeira, situado onde agora está o arsenal, até ao paço de Santos, actualmente da casa d'Abrantes, era despovoada. O sitio que hoje occupa o cáes do Sodré e Corpo-Santo era tudo praia, onde se reunia a gente do mar, nacionaes e estrangeiros, e d'estes muitos, porque o commercio então era grande, por causa dos generos do Brasil, que se fazia todo pelo porto de Lisboa.

Para dar idéa da concurrencia que d'antes havia n'aquella paragem, citaremos um auctor do tempo dos Filippes. Os jesuitas tinham por costume ensinar a doutrina christã pelas praças e logares publicos. Para esse fim juntavam os rapazes das escholas, e os levavam comsigo a esses logares, onde os rodeava muito povo, que assim attrahido do espectaculo ouvia tambem a doutrinação. O padre Balthasar Telles, eloquente chronista da Companhia, diz ao nosso proposito o seguinte:

«Advertindo o padre mestre Ignacio (o da cartilha) como n'aquella paragem da cidade a que chamam Corpo-Santo (chegava onde hoje se estende o cáes do Sodré) concorriam muitos estrangeiros de toda a sorte de gente, catholicos, hereges, soldados e marinheiros; pondo em ordem a sua luzida soldadesca (os meninos das escholas) entrou e conquistou aquella praça, levantando a bandeira da santa doutrina em um logar eminente á porta da ermida de Nossa Senhora da Graça, que até ao dia de hoje (1635) nos faz alli mui bom gasalhado, porque em todas as semanas, em um certo dia alli acode a santa doutrina a continuar a boa posse d'aquella praça, que se ganhou pela santa industria do padre mestre Ignacio, com grande fructo dos outros ouvintes, porque, os que não aproveitam, pelo menos se confundem.»

A ermida de que falla o chronista tinha sido edificada pelos maritimos e navegantes, e ahi veneravam a imagem de S. Pedro Gonçalves Telmo, para cuja canonisação elles trabalharam e gastaram muito; e a este patrono que invocavam e lhes apparecia nas tempestades chamavam o Corpo-Santo, ou, á hespanhola, Santelmo. A ermida demoliu-se depois do terremoto, mas a denominação que teve aquella praia, originada do orago da egreginha nautica, ainda se conserva no pequeno largo, dito do Corpo-Santo, que alguns erradamente tem dito provir-lhe tal denominação de haver alli desembarcado o corpo do infante santo, que assim chamaram a D. Fernando, filho d'el-rei D. João I, que ficou de refens em Tanger, para se restituir aos moiros a cidade de Ceuta, no que elle não consentiu, preferindo ir captivo para Fez, onde morreu martyrisado. Os seus ossos, quando vieram para o reino, desembarcaram no Restelo (Belem).

A denominação de cáes do Sodré, que vulgarmente abrange tambem esta praça dos Romulares, que fica no centro d'elle, foi dada depois do terremoto quando Vicente Sodré, descendente de Fradique Sodré, inglez que passou a este reino no tempo de D. Affonso V, edificou alli grandes predios que vinculou, concorrendo tambem para a cortina e obra do cáes, que é um dos mais centraes que tem Lisboa, e que dá melhor serventia aos navios ancorados no Tejo.

A camara municipal mandou arborisar esta praça, e em 1845 a fez empredrar de enxequetado preto e branco, pondo-lhe no meio um quadrante horisontal, sobre uma mesa redonda de pedra lioz, cousa ridicula, inutil, e impropria de tal logar, e que espera occasião de se fazer um varejo artistico á cidade, para ser d'alli extirpada como outros que taes abortivos, repugnantes ao gosto e correcção da arte, que diffamam a nossa capital.

Com o prolongamento do atterro que se está fazendo, esta praça cresce muito em área para o rio, por isso ha quem a julgue então sufficiente para n'ella se levantar a estatua de Camões, tão nobre e artisticamente modelada pelo joven esculptor Victor Basto, e que brevemente será exposta ao publico na academia das Bellas-Artes.

Parece que o risco do artista fôra projectado para o novo largo do Loreto; mas os entendidos optam pela praça dos Romulares (que de certo então perderá o nome), porque se verá a estatua desaffrontadamente do Tejo e de toda a magnifica rua do Alecrim, a qual desce sobre o meio d'aquella praça.

D'este projecto, em breve daremos ampla noticia a nossos leitores.

ANTIGUIDADES NACIONAES

«Não calarei antigualhas que por suas cãs e longos annos, não sómente agradam aos olhos, mas criam no animo graves e doces considerações.»

Estas amoraveis palavras do Baronio portuguez, o douto antiquario George Cardoso, cáem-nos de feição para encabeçar a serie de noticias e monumentos inéditos da historia, lettras, artes, commercio, usanças e regimen do antigo Portugal, que havemos de estampar n'estas paginas.

A busca e selecção que d'essas antigualhas nos obrigâmos a fazer, ha de certo acreditar, perante os nossos leitores, a judiciosa sentença do auctor do «Agiologio Lusitano» que ao principio citámos.

O seguinte inédito recommenda-se á publicidade, mórmente por duas razões.

Primeira, como subsidio para a historia economica de Portugal, podendo-se desde já confrontar e citar na questão pendente em cortes, a respeito da admissão de cereaes estrangeiros.

Segunda, para que se veja como o povo, pelos seus representantes municipaes, tomava a mão e contrapesava nos negocios publicos, e isto em tempo que não tinha rei natural nem independencia.

Tambem é para estudar e imitar, a nobreza, chãnidade e isenção da linguagem, fallada directamente a um soberano absoluto, por homens de officio, que embora se valessem de interpretes lettrados, achavam quem os soubesse entender, zelar seus direitos, e propugnar seus interesses.

Haverá hoje, d'este cunho, muitos representantes do povo?

CARTA DO JUIZ DO POVO DA CIDADE DE LISBOA A EL-REI D. FILIPPE III SOBRE AS LICENÇAS PARA VIR PÃO DE FÓRA

Muito alto e poderoso senhor! — O juiz do povo e casa dos 24 de Lisboa, prostrados aos pés reaes de v. m. catholica, pedimos, em primeiro logar, perdão de fazermos lembrança do que toca ao officio de reinar; e em segundo, como agradecidos ao beneficio e bom governo de D. Fradique de Toledo, capitão-geral d'este reino, pedimos a v. m. que se haja por bem servido na providencia e prevenção que elle fez, mandando ao senado da camara d'esta cidade, licenças para se darem a mercadores e pessoas estrangeiras, que se obrigassem a trazer pão e sustento a esta cidade, obra nascida de sua muita virtude e grande entendimento, e do muito zelo que tem ao serviço de v. m., em occasião menos apertada que a d'este anno (em o qual as continuas aguas que choveram este maio, e as grandes sêccas que sobrevieram até o presente, impediram poder semear-se e nascer pão), foi v. m. servido mandar escrever ao duque de Maqueda, servindo aqui no mesmo cargo, em carta de 25 de outubro de 1631 o seguinte: — *Han sido bien concedidas las licencias que aveis dado para hazer las dichas prevenciones, y de mas de aprovarlas os doy muchas gracias pelo cuidado que aveis puesto en esto, y quedo dello servido.* E ao presente, devendo v. m. (se tivera verdadeira informação) regraciar na mesma fórma ao marquez de Villa-Nueva, sentimos differentes effeitos, e o sentimos tanto pelo que toca á fé publica, e palavra dada pela cidade com as licenças do capitão geral de v. m., como pelo aperto em que este povo fica, necessitando de mantimentos, e impossibilitado de podel-os haver; porque, senhor, ainda que o capitão geral, e senado d'esta camara de Lisboa, não podessem dar as licenças que deram para virem navios com mantimentos, posto que fossem de Hollanda e contrabando, comtudo, como isto se ordenasse para alliviar o povo da falta de mantimentos, se podiam ordenar as taes licenças em ordem ao bem commum, e tão valiosas como ensinam os doutores que tratam esta materia; e com mais razão se devia regular ser esta a vontade de v. m., estando tão visinho o exemplo do anno passado, e sendo mais urgente a necessidade do presente.

Sendo a paz naturalmente a cousa mais necessaria para o augmento e conservação da republica, é certo ser de maior consideração a abastança dos mantimentos e cuidado d'elles, como notou um jurisconsulto que permittiu aos soldados podessem accusar-os que fraudassem a anona, dando como razão, que assim como vigiavam para bem da paz, muito mais o deviam fazer pela vida publica. E é tão necessario prevenir que não haja fome, quanto convem conservar a vida de todos quantos vivemos n'este povo, que quanto maior é e mais populoso, se acrescenta mais a fome, e tanto maior necessidade será, e com sua grandeza se consumirá, não devendo desejar-se menos no tempo que está sujeito a tão grande monarcha. E ainda é este expediente mais para se advertir em razão de que, no tempo da fome, commummente se come mais; e quanto isto esteja por conta de v. m. se vê bem no cuidado que os romanos tinham do provimento dos mantimentos para o povo romano, para o que crearam muitos ministros particulares, e o principe mandava repartir muito pão ao povo, a que chamavam anonas civis; e em tempo antes de Julio Cesar se dava pão a 320 mil homens, os quaes elle reduziu a 160 mil, por ver que se descuidavam da agricultura, como de Suetonio e Tacito refere Lipsio; e havendo fome no tempo do imperador Claudio, originando-se d'ella (como é costume) muitas sedições, roubos, e alevantamentos no povo, o mesmo imperador mandou buscar os mantimentos a seu risco, se se perdessem os navios por ser inverno, fazendo mercê aos mercadores que se obrigaram a trazel-os. Nem se ha de esperar que pendamos por momentos do sustento que houver limitado para poucos dias, antes d'isso se ha de atalhar, como já disse bem quem aconselhou, que preparasse a guerra quem desejava a paz. E para fazer fome, basta temer-se fome, porque peor é que a guerra o temor d'ella; e se faltarem os mantimentos e quem os traga, será necessario diminuir-se a multidão do povo, e desamparar-se a cidade, cujos officiaes se sustentam do trato e mercancia, aos quaes se faltarem seus ganhos, não havendo compradores, cessarão as obras mecanicas e os officios do povo, e basta que os que negoceiam tenham perigo para se recolherem sem negociar, e os preços das mercadorias excederem á medida do perigo.

O que tudo faz em consideração de v. m. haver de franquear a mercadoria do pão, que se trou-

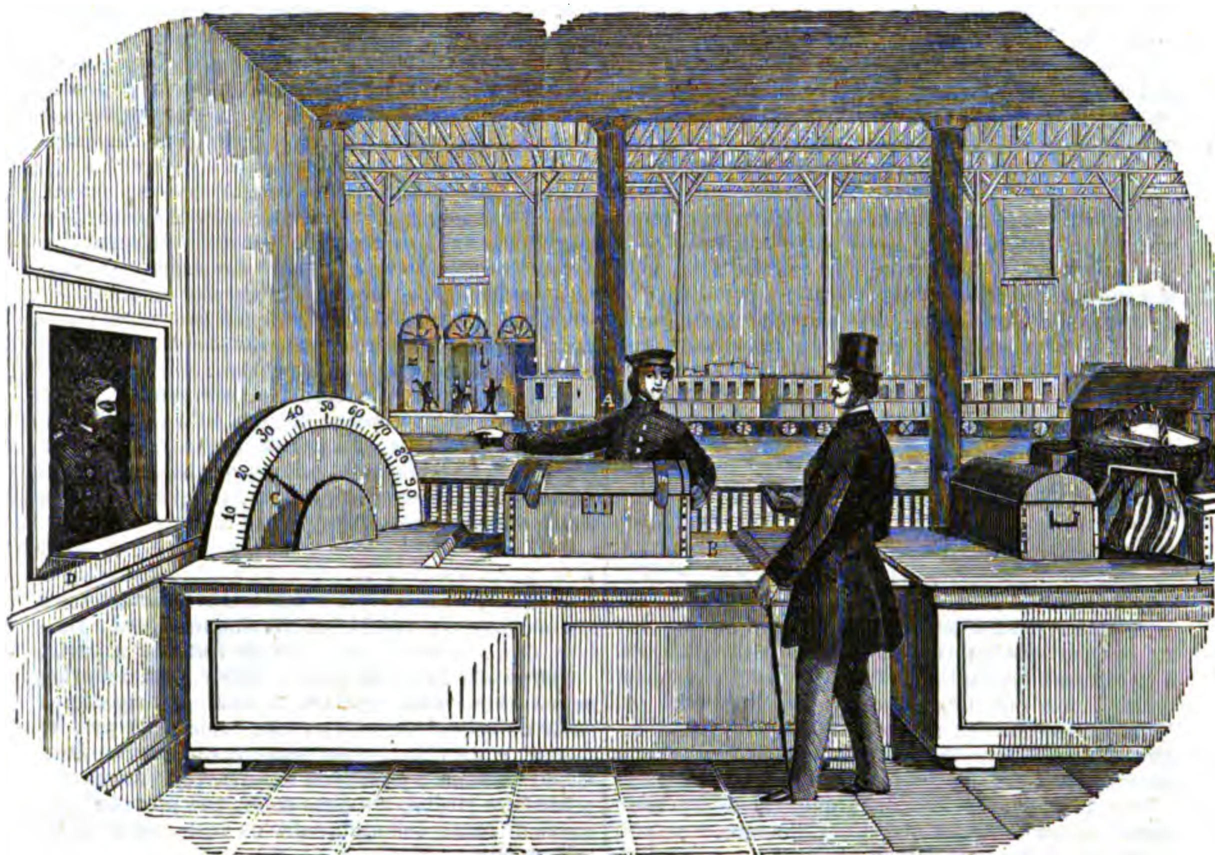
xer d'onde quer que venha, não só para as licenças que estão dadas, e navios que vieram debaixo da fé e palavra publica, mas para se darem todas as necessarias para haver abundancia, sem a qual não póde haver provimento para as armadas, e com fome nem os soldados podem sustentar as armas, nem conservar-se nenhuma pessoa em seu estado; e convem mais prevenir armas contra a fome que contra os inimigos, pois a fome é inimigo domestico, e que faz maior guerra sem risco nem despeza dos contrarios todos de v. m. Com isto alcançaram os romanos nome de paes da patria, e v. m. reconcentrará no coração de seus subditos o amor de rei natural e pae piedoso. Nosso Senhor guarde a real e catholica pessoa de v. m. para exaltação de sua santa fé, augmento de seus reinos, e conservação de seus vassallos. Escripta em mesa na casa dos 24 em Lisboa, aos 13 de setembro de 1632. Assignaram n'ella o juiz do povo Francisco Velloso, com os mais da casa.

CARTA D'EL-REI D. AFFONSO IV PARA JUDICH SEU VEADOR DA FAZENDA

Nós el-rei mandâmos a vós Judich, veador da fazenda da nossa cidade de Lisboa, que tanto que esta vos for apresentada, nos envieis trinta covadós de bristol azul para nosso vestir, e mais nos enviareis com a dita presteza tres covados de veludo preto para colar e pontas de jubões do nosso filho, e mais quatro arrobas de assucar para nossa reposta [1] por haver necessidade d'ellas, por serem entrados embaixadores de reinos estranhos; e isto fareis com trigança. [2]

Em Coimbra calendas de outubro, era de 1332. — Rey.

[1] Ucharia.
[2] Brevidade.



O pesa-bagagem de Brussaut

Ha invenções que se distinguem por sua admiravel simplicidade, e pela utilidade de que todo o mundo se aproveita. A que representa a gravura é d'este genero.

O pesa-bagagem inventado por mr. Brussaut, para uso das estações *(gares)* dos caminhos de ferro, armazens, fabricas, etc., é denominado por elle « autopesador dynamico-circonvertente. » *Autopesador*, porque indica por si mesmo, sem o auxilio de pessoa alguma, o peso dos fardos e outros objectos; *dynamico*, porque é construido sobre o systema dos contrapesos e da alavanca; *circonvertente*, em fim, porque o ponto de apoio da alavanca, em vez de ser uma haste de lamina aguda, é um systema de rolos ou cylindros girando sobre si.

Deve considerar-se, quanto á parte exterior e jogo visivel, e quanto á construcção interior relativa ao ponto de apoio.

Concernente ao primeiro ponto, a gravura o faz melhor comprehender que qualquer explicação. A gravura representa a frente da estação do caminho de ferro com a longa mesa onde se depositam as bagagens, e a guarita do empregado que inscreve os pesos.

O empregado A faz resvalar o fardo sobre a mesa até ao prato, ou concha da nova balança B, que está ao nivel da mesa, da qual é continuação. Esta concha é a mesma do contrapeso, porque o resto do apparelho de pesar está encoberto.

O meio-quadrante C tem os numeros indicadores

dos differentes pesos, por grandes divisões de dez em dez kilogrammas, com subdivisões por kilogrammas. A agulha ou ponteiro do quadrante corresponde-se com a alavanca, de fórma que recebe todas as influencias, e, por consequencia, marca o peso do objecto elevando-se tanto mais quanto elle é mais pesado. A capacidade do pesa-bagagem varía segundo a sua construcção; pode-se elevar até 10,000 kilogrammas; mas para os fardos dos viajantes é sufficiente um quadrante que indique até 100 kilogrammas, como o da gravura.

O empregado D vê, do seu postigo, o peso de cada fardo e inscreve-o. Ao mesmo tempo o viajante verifica o peso, e está seguro de que o não enganaram, o que evita qualquer contestação.

Não é esta a unica vantagem; conhece-se logo que resulta d'este systema grande simplificação, que faz desapparecer os passos baldados, a troca de fardos, o tenteamento na balança do contrapeso para o equilibrio obrigado, e, portanto, mais celeridade e menos embaraços.

Quanto ao apparelho circonvertente, sobre o qual se verifica o contrapeso, e que é o artificio interior do pesa-bagagem, consiste n'um systema novo de mobilidade mechanica, applicavel a multidão de cousas, rodas de wagons e vehiculos ordinarios, roldanas, volantes de manufacturas, etc.

O leitor comprehende, no tocante ao pesa-bagagem, que se poderia dispor n'elle o arranjo exterior, tanto com os antigos systemas de contrapeso, como com este. Porém, o novo systema ajuntará a precisão á exacção, tornando a mobilidade do ponto central de oscillação muito maior, e evitará todos os inconvenientes das usuras, falhas etc., da haste (fiel), n'um serviço sujeito a tantos accidentes, rapidez e baldões.

A POESIA DO LAR DOMESTICO [1]

. . . . . ¡ Mil veces desgraciado
El que al fulgor de tu hermosura ciego,
En su alma inerte y corazon helado
No abriga un rayo de tu augusto fuego!
¿Qué es el mundo sin ti? ¡ templo vacio,
Cielo sin claridad, cadáver frio!
AVELLANEDA; *Ode á poesia*

I

A poesia não é sómente aquelle raio que illumina a mente do que faz versos. A poesia está no mundo sob diversas fórmas, e alberga-se entre nós, quasi sempre, sem que presintamos a sua presença.

O homem, no seu instincto egoista, acolhe-a na alma poucas vezes, porque não espera tirar d'ella algum proveito; na primeira juventude pede-lhe versos para cantar á mulher a quem ama; mais tarde pede-lhe dramas que dêem dinheiro.

Mas n'esta segunda épocha, já não é a poesia quem inspira a sua penna; a poesia escondêra-se envergonhada; porém sempre compassiva e generosa, deixa ao auctor dramatico a arte de fazer versos.

Desde o momento em que o homem quer vestir a poesia com o manto da especulação, a poesia foge d'elle.

Porque a poesia deve ser espontanea; é o sentimento, é a flor pura e odorifera que brota no coração; quando os raios da angustia hão crestado todas as flores da alma, a da poesia desenvolve a sua corolla mais formosa do que nunca; as lagrimas são-lhe o orvalho, e a resignação o sol benefico que a anima com os seus frouxos resplandores.

A poesia é a companheira inseparavel de toda a mulher boa, e a que aformoseia o lar domestico! Desgraçada da mulher que a desconhece, e infeliz tambem do homem que deseja para companheira uma mulher prosaica e materialista! Se procurar uma alma gelada, encontrar-se-ha com uma alma dura! Se buscar um coração falto de illusões, só achará um peito vazio, ou os vestigios sangruentos de um coração despedaçado!

[1] Versão do hespanhol.

II

A poesia é o sentimento do bello. Toda a mulher que trata de embellezar a vida de seu esposo e filhos, tem alma poetica e terna.

A mãe acalentando seu filho nos joelhos, perto de uma janella grinaldada de flores, tem a meus olhos uma poesia tão bella quanto eloquente.

A donzella sentada junto ao velho pae, lendo com suave e doce voz, nas longas noites de inverno, para o distrahir, offerece um quadro de ternissima e inimitavel poesia.

Não conheci ente mais poetico do que uma joven, filha de um antigo militar, que desposára um pobre empregado de poucos annos e ainda menos haveres.

Conheci-a dois annos depois de casada, e mãe de um menino de oito mezes; vivia, além d'isso, com elles seu velho pae, participando da modesta e quasi pobre existencia de seus filhos.

A repugnancia apoderava-se-me do animo quando ia, com minha mãe, a casa de alguma das suas faustosas e opulentas amigas; o meu coração, tão ingenuo, que nem sabía dar-se conta de suas sensações, entorpecia-se-me no peito.

Aquella monotona magnificencia, aquelles salões, onde o luxo se agglomerava debaixo de cem differentes aspectos, respirando em todos a vaidade; n'aquellas pesadas armações de damasco, que velavam quasi sempre o esplendor do dia; aquelles divans, emfim, destinados a levar um somnolento languor aos que os occupassem, causavam-me tal repugnancia, que não a podia vencer.

Com que vehemencia desejava, pelo contrario, que minha mãe me concedesse licença para ir a casa da minha joven amiga! Margarida inspirava-me terno carinho, uma sympathia incomprehensivel na edade em que então me encontrava, porque ainda não tinha completado os doze annos.

III

Margarida tinha vinte e dois annos apenas; o seu genio alegre e amavel afastava d'aquella casa a tristeza que não perdia occasião de assomar á porta.

Margarida só tinha para a servir uma rapariga pouco mais velha que eu, a qual desempenhava parte do serviço da casa; e ella cuidava do pae, do esposo, e do filho; o seu esmero carinhoso estendia-se tambem á janella do seu quarto, que era um verdadeiro jardim, e a duas rolas, que presas n'uma gaiola de canna collocada entre os vasos, arrulhavam tristemente.

Todas as vezes que eu ia ver Margarida, encontrava-a em casa; o seu gabinete estava unicamente guarnecido com algumas cadeiras de palhinha, uma mesa de engraçado feitio, sobre a qual havia sempre duas jarras com flores, e o berço do filhinho, velado por cortinas de musselina branca.

Junto do berço bordava Margarida todo o tempo que lhe ficava livre dos deveres domesticos. O ordenado do marido era limitado, e por isso ella fazia o sacrificio das horas de descanço, entregando-se áquelle trabalho, que lhe proporcionava algum dinheiro com que contribuir para o sustento da sua familia.

Quem diz que o trabalho diminue a vida e prejudica a saude, propaga um erro. Margarida era um prodigio de belleza florescente, de fresca e encantadora louçania; tinha sempre rosadas as faces, e os olhos brilhavam-lhe de felicidade e contentamento.

O trabalho é que conserva a tranquillidade no

espirito da mulher; a boa distribuição do tempo proporciona-lhe a tranquillidade da consciencia, e essa alegria inalteravel que emana da serenidade da alma.

O ocio é o seu diabolico inimigo; porque o ocio corrompe o coração, debilita o entendimento, gela a alma, e perde todos os bons instinctos da mulher.

IV

Margarida, e sua familia, viviam n'um quarto defronte da casa em que eu habitava com a minha; todas as manhãs se levantavam ás sete, e cantando como um passarinho, asseava a sua pequena sala e o gabinete das flores, como eu lhe chamava.

Depois vestia o filhinho, que já andava só, ajudava a vestir seu velho pae, penteando-lhe os brancos cabellos, concertando-lhe a gravata, e prestando-lhe, em fim, todos os cuidados que a sua edade exigia.

Via-a eu, com um prazer indefinivel, entrar, sair, e distribuir os seus cuidados entre aquelles tres entes que cifravam n'ella toda a sua ventura; via-a mudar a agua ás suas rolas, dar-lhes alimento, e esperava com impaciencia a hora de seus enfeites e apuros, para assistir a elles, occulta pelas cortinas que guarneciam a minha janella.

Ao concluir todos os arranjos, Margarida tirava a touca branca, e desenlaçava os lindos cabellos castanhos, que penteava com incrivel agilidade, entrançando-os graciosa e singelamente atraz da cabeça.

Um vestido branco e liso, apertado com um cinto azul, era todo o seu adorno no verão; no inverno, substituia este trajo por outro de lã escura.

Depois de vestida assim, sentava-se a trabalhar, em quanto o avô brincava e ria com o neto.

Quando pela tarde voltava o esposo a casa, Margarida conhecia-lhe as passadas; deixava o bordado, e tomando o filho nos braços corria a recebel-o.

Quão ditoso devia sentir-se aquelle homem ao estreitar contra o seu peito a angelica esposa e o innocente filho! Grandissima devia ser a sua ventura, visto que se lhe gravava, em todas as feições, com caracteres assás visiveis e profundos!

Em quanto jantavam, não deixava eu de ouvir o riso sonoro e doce de Margarida; comtudo, o pouco tempo que permaneciam na mesa accusava a frugalidade dos manjares.

Muitas noites alcançava licença de minha mãe para passar o serão em casa de Margarida; esta acalentava o filho, e de novo tomava o bordado, embalando o berço com o mimoso e breve pé.

Ás dez horas deixava a agulha e tomava um livro, no qual lia com suave e tranquilla voz até á meia noite.

Como estavamos attentos á leitura, seu pae, seu esposo, e eu! Sentado o ancião em frente d'ella, escutava com uma especie de extase a voz da filha, e o joven esposo, apoiando a face na mão, parecia suspenso dos labios de Margarida.

Esta escolhia os livros que mais lhe agradava na bibliotheca de meu pae, e a eleição d'elles testimunhava assás a lucidez modesta do seu talento, de um talento que brilhava com a suave e grata formosura da perola, sem deslumbrar, como o diamante, com as suas brilhantes e acrisoladas facetas.

Preferia sempre as obras escriptas por mulheres: os romances de Mistriss Bennet, de M.me de Staël, de M.me Cottin e de M.me de Genlis, eram os seus favoritos. Certo dia que lhe eu levei um romance de George Sand, tomou-o, viu-lhe os titulos, agradeceu-me com doçura, e collocou-o sobre a mesa sem o abrir.

Perguntei-lhe, admirada, porque não o folheava, segundo o seu costume.

— Deixo-o aqui para que o leia meu marido; não me agrada esse auctor.

— Porque? observei-lhe com estranheza.

— Porque escolheu uma senda impropria do seu sexo, respondeu Margarida; George Sand invadiu o terreno que só deve pertencer ao homem.

— Porém, escreve debaixo do pseudonymo de homem.

— É exacto, replicou Margarida; acaso deixará de ser a sua alma de mulher? Minha querida Maria, Deus poz grande differença entre a alma, o coração e os sentimentos do homem e os da mulher; a que abjura da natureza, dos impulsos que lhe tem dado o proprio Deus, a que troca aquella e estes pelos do outro sexo, não será amada como mulher, nem respeitada como homem; nunca excitará a admiração de ninguem, porque tudo o que é injusto é condemnavel; tudo o que é presumpçoso dista muito de ser grande: eu quero os livros d'essas mulheres que põem ante os olhos doces e evangelicas virtudes; os livros que ensinam a ser boa mãe e boa esposa, e aborreço as paginas envenenadas em que se vestem as paixões com manto de flores, e os crimes com manto de oiro.

Muitas vezes, ao tomar a penna para começar um livro destinado ao publico, me recordei das palavras de Margarida, d'aquellas palavras que ninguem esperaria de labios puros e inexpertos.

A ternura da alma, e o instincto da mulher sensivel, supprem com vantagem o proprio talento.

V

Desde a edade mais delicada se deve inculcar na alma da mulher a doce e suave poesia, que depois lhe servirá para aformosear o seu lar.

Façam-lhe amar tudo o que é bom, tudo o que é terno, tudo o que é bello; façam-lhe elevar a Deus o seu coração com sincero affecto. Deus é a fonte da verdadeira, da sublime poesia, o germen da belleza infinita.

Disse-o no artigo, *Fé*, que publiquei n'outra parte: *o amor é a poesia da religião: a fé o seu beneficio.*

Mães, inculcae no coração de vossas filhas o amor ao bello e a fé em Deus; serão d'este modo boas e felizes, e farão a ventura de quantos vivam ao seu lado.

E não soffrerão nunca esse agastamento, ou *spleen* fatal no homem e condemnavel na mulher, porque e sempre produzido pela ociosidade, ou pela saciedade dos prazeres.

Nada ha mais bello do que a virtude; os entes a quem o mundo chama em culta linguagem *despreoccupados*, aquelles que não recuam ante nenhum meio de satisfazer as suas paixões, gozam, porventura, e extasiam-se lendo as sublimes *Confidencias* de Lamartine, onde o amor materno se pinta com a maior verdade, onde as virtudes do lar domestico estão divinisadas pelo immortal poeta?

Fazei, pois, ó mães! fazei que vossas filhas amem a virtude; sujeitae-as ao dever; mostrae-lhes que a sorte da familia está nas mãos do nosso debil sexo, pois que o imperio e a influencia da mulher, não sáe, nem deve sair das paredes do seu lar.

Convencei-as de que a mais intima satisfação, o gozo mais completo, está na crença de cumprir com os seus deveres, e de que nada ha mais poeticamente bello do que a virtude.

A fronte da mulher boa, traz um sello que lhe imprime a mão de Deus, e que os annos, os pesares e os soffrimentos respeitam.

Se é formosa, a sua belleza tem um caracter particular que se não encontra nas outras mulheres.

Se não foi dotada de graças pela natureza, possue ao menos um encanto indefinivel, que é, por assim dizer, o reflexo da alma.

A mulher boa aformoseia tudo quanto lhe está ao pé, e em tudo imprime o sêllo da verdadeira, suave e grata poesia, que é a felicidade do lar.

Porque a poesia, como disse, não consiste unicamente em fazer versos; a poesia está sempre em toda a alma candida e terna, em todo o coração recto e sensivel.

Tudo o que é bello, tudo o que é bom, é poetico.

Por isso repito: infeliz da mulher que sente a alma exhausta de poesia! ella não conhecerá nem o amor de esposa, nem o de mãe, nem as santas affeições da familia.

Feliz, mil vezes, a que sente em si mesma a fonte do sentimento e da poesia! Nos deveres encontrará infinitas venturas, e atravessará a senda da vida sempre com o riso nos labios, e a serenidade na fronte.

A mulher que deplora esta sua condição, ou abdica os seus direitos para conquistar os de outro sexo, só será um inutil fardo para os seus, merecendo a sua justa execração. É acaso uma desgraça nascer para ser o anjo do lar domestico? para embellezar a existencia dos que amâmos?

Não, de certo; a mulher, se tem a alma elevada e poetica, o coração, o espirito recto e escudado com uma sincera e religiosa fé, encanta e torna feliz quanto a rodeia, e, portanto, é impossivel que seja infeliz!

D. MARIA DEL PILAR SINUÉS DE MARCO

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Continuaremos a dar aqui, semanalmente, alguns themas para estudo e observancia da pureza e correcção da nossa lingua, a beneficio dos principiantes, e acaso dos que já o não são.

É principal obrigação de quem escreve, observar a correcção e pureza da linguagem, não a deturpando com barbarismos e solecismos, não a adulterando com dissonantes e escusados neologismos, nem tambem com excogitados archaismos, que tudo isto prejudica ou tolhe a clareza, que é a lei fundamental da escripta.

Os neologismos que pedem os progressos incessantes do espirito humano, são as heranças, o morgado inalienavel das linguas, porque a necessidade de exprimir uma idéa nova, ou denominar um novo producto, pede ou cunha, logo, a palavra que deve entrar na circulação do mundo civilisado.

Estes vocabulos não são gallicismos, como a escrupulosa nimiedade de alguns puristas quer que sejam, embora venham derivados do francez, porque a linguagem da sciencia é universal, e a technologia cosmopolita. O ponto está que sejam adequados, na versão, á indole e consonancia da lingua adoptante.

Gallicismos reprehensiveis são os termos e locuções que nos trazem, ou arrastam, da lingua franceza, para substituir ou repellir os que temos da nossa, com a mesma accepção, com mais energia, e muito mais bem soantes.

Um d'esses termos reprehensiveis é o verbo *partilhar* na accepção neutra ou intransitiva, tomada do verbo francez *partager*, que tem as duas naturezas, como muitos dos nossos. Partilhar entre nós é activo unicamente, porque para a acção intransitiva temos o verbo participar.

Cumpre advertir que nenhum diccionario da nossa lingua traz ainda o verbo *partilhar*, nem ao menos o do sr. D. José Lacerda, que é o mais recente, e tem bom numero de palavras novas.

Temos o substantivo *partilha*, termo de jurisprudencia orphanologica, para designar a divisão ou partição de uma herança pelos legitimos herdeiros. D'este substantivo se fórma o verbo partilhar, isto é, a acção de fazer partilha, dividir em partes, em pequenas partes talvez, porque a desinencia ou terminação em *ilha*, na nossa lingua, é em regra diminutiva. D'esta significação primitiva, se lhe tiram os derivados com que já é usado por bons escriptores, pelo que deve ser incluido nos diccionarios, mas não com a natureza de intransitivo, como a do francez, porque então é, não só gallicismo repugnante, mas barbarismo intoleravel.

Por exemplo, estas locuções, que temos lido até em diplomas officiaes: *O governo partilha as idéas do illustre deputado.* Pode-lhe partilhar o corpo ou os bens, mas não as idéas que são incorporeas. *Partilhar do sentimento publico. Partilho a mesma opinião. Partilhar as mesmas doutrinas, os seus pesares, as suas alegrias, etc.*, são gallicismos vergonhosos. Em bom portuguez deve dizer-se: Participar *do sentimento publico.* Participo *da mesma opinião, dos seus pesares, das suas alegrias, etc.*, isto é, tomo parte n'ellas. «Das boas obras que fazem uns, participam (e não *partilham*) todos os mais que estão na graça de Deus», diz o cathecismo.

ESTATISTICA DE LEITURA

No anno proximo findo de 1859, concorreram á bibliotheca nacional de Lisboa 6:112 leitores, e 57 visitantes, a maior parte estrangeiros e estrangeiras, a ver aquelle enorme deposito de livros, e o precioso gabinete de medalhas.

Estes concurrentes leram 8:727 volumes das seguintes materias:

De Historia, litteratura e polygraphia.......	5:144
De Sciencias naturaes, artes e officios.......	1:632
De Sciencias civis e politicas.................	1:120
De Sciencias ecclesiasticas.....................	439
De bellas-artes..................................	47
Jornaes politicos e litterarios.................	233
Manuscriptos....................................	112
Livros emprestados aos estudiosos e escriptores, pelo praso e com a caução prescripta no regulamento de 7 de dezembro de 1837	673

ENIGMA





A pedra da egreja, no Chili

A provincia do Chili, ou antes Chile, na America do sul, que desde 1818 se constituiu em republica independente; foi conquistada pelos hespanhoes em 1537, que a governaram como colonia, e mantiveram á custa de muitos trabalhos, desde as primeiras tentativas que os chilenos fizeram a prol da liberdade, até ao reconhecimento da sua independencia.

Da sua conquista, historia, riquezas e povoadores, escreveu um volume em folio, com mui curiosas estampas, o jesuita hespanhol D. Alonso de Ovalle, em 1646, de que nos poderiamos valer para dar noticia d'esta deliciosa provincia do novo mundo, se não nos devessemos restringir á explicação da estampa que hoje reproduzimos.

O clima do Chili é dos mais aprazíveis e sadios do globo, sobre tudo na costa maritima, d'onde os naturalistas dizem que não cede em amenidade aos ares de Italia. É, porém, tão sujeita esta região a terremotos, que lhe tira parte dos encantos que para alli attrahiria os europeus. Entretanto, os habitantes estão já tão affeitos a taes calamidades, que vivem como se tal lhes não tivera acontecido tantas vezes, como em 1822, que um terremoto lhe arrasou a melhor cidade, chamada de Valparaiso, que pelo nome, bem applicado, está dando pregão das maravilhas da natureza d'aquella terra, que tem de extensão 450 legoas ao longo das costas do mar Pacifico.

Conta o Chili para mais de 125 rios e ribeiras, muitos d'elles navegaveis. As florestas são gigantes e espessas, todas de madeira propria para construcções navaes, de que faz grande exportação, tendo-se não ha muito estabelecido varios estaleiros na foz do Maule, e levantado uma povoação maritima e commercial, que ainda não mencionam os tratados de geographia, mas que dentro em pouco será a feitoria de todos os generos das ricas provincias agricolas de Talca e Coquimbo. Esta povoação foi a principio chamada a Nova Bilbau; mas para commemorar a proclamação da sua nova lei politica, lhe pozeram o nome de Porto da Constituição, o qual se conserva e usa officialmente nos actos do governo.

Pouco conhecida ainda na Europa, sel-o-ha muito em breve, que assim lh'o promette o opulento futuro que os seus povoadores lhe vão preparando. Pena é que os bancos de areia, que de vez em quando vem obstruir a entrada do porto, impeçam ás vezes a entrada dos navios. Para remover este obstaculo ao commercio maritimo, tem os negociantes, auxiliados pelo governo, trabalhado activamente; pelo que, a Nova Bilbau virá um dia a rivalisar com a capital da Biscaya, cujo nome teve no seu berço.

Por ora, esta nascente cidade não tem que ver para o viajante, mais que as suas magnificas florestas. As praias do mar, onde vem desaguar o rio Maule, são assombradas por eminentes rochedos, que dão um aspecto mui agreste a toda a costa, principalmente ao sul do rio. As rochas são graniticas, mas de um granito que se decompõe ao ar, resultando d'esta simples circunstancia, a singular variedade na disposição dos rochedos, porque, se uns tomam

a fórma de um cubo immenso, outras se elevam em pyramidal.

Quasi a meia legoa da nova cidade, está a rocha viva que a nossa estampa representa. É uma grande massa de pedra, notavel pelas suas dimensões, e porque a atravessa de parte a parte uma especie de canal, ou, para melhor dizer, uma galeria natural, cuja elevação excede muito a altura de um homem. Esta singular abertura recebeu dos habitantes o nome de «Piedra de la Iglesia», não se sabe se por ter esta rocha sua analogia com um edificio levantado por industria humana, ou porque, segundo uma tradição oral, se disse missa sob o tecto natural da galeria.

O Chili tem uma população de 1:600:000 almas, segue a religião catholica romana, e falla a lingua hespanhola.

O celebre poeta hespanhol quinhentista, Alonso de Ercilla, no poema epico da conquista dos araucanos, em cuja guerra combateu, dedicou o primeiro canto da sua *Araucana* á descripção e louvores do Chili.

POETAS PORTUGUEZES NO BRASIL

I

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

Vivemos n'um paiz e n'um seculo em que duas braças de chão surribado valem mais do que um livro! Todos os individuos tendem mais ou menos para a vida material, para as grandes emprezas da industria moderna, que nascem n'um dia e morrem no outro supplantadas por emprezas mais gigantescas. Os nossos ouvidos no meio do estrepito confuso das machinas, e do ruido das locomotivas, não ouvem senão o tinir metallico do dinheiro, bem ou mal adquirido. Os espiritos mais abstractos aspiram ao conforto que dá a riqueza, ao luxo, ao gozo de tudo. O vapor é o genio da epocha; os campos onde reinava outr'ora a tranquillidade, onde o silencio da paz era apenas interrompido pela voz do lavrador que incitava o gado ao trabalho, ou pelo canto argentino da ceifeira, estremecem agora com o rodar constante das carruagens que passam como relampagos. Espessas columnas de negro fumo correm pelos ares, como nuvens de ruim agoiro, roubando-nos á vista o azul dos ceos que alegrava as almas. Ao suave aroma das plantas e das flores succedem-se as nauseabundas exhalações do carvão de pedra candente. Rouba-se á terra o pittoresco aspecto que lhe deu o Creador, atterrando os valles, e abrindo as montanhas para assentar carris de ferro. Cortam-se os rios, expulsam-n'os dos seus leitos para transformar com elles a natureza dos terrenos, e fertilisar, em proveito da avidez do ganho, o chão mais ingrato á cultura.

Esta febre industrial communica-se de dia para dia; dá em todos a vertigem de *andar depressa*, e as quédas de uns não impedem que outros precipitem a carreira com a cega esperança de mais breve attingirem o suspirado fito. O gozo material é a Divindade que todos pretendem ter por si; e para chegar junto d'ella não se hesita diante de nenhum obstaculo; a consciencia fecha os olhos para não ver os amigos quando seja mister sacrifical-os, e váe silenciosamente enfileirar-se nas longas alas dos homens que introduziram a infallibilidade no calculo.

As leituras queridas da actualidade são os relatorios pomposos, onde as palavras soam como orchestra de circo; os contratos monstruosos, as contas de gerencia de companhias fabulosas, a historia de lucros enormes de minas que se não exploraram, a noticia, em fim, de tudo em que se possa ganhar muito, trabalhando pouco, e não gastando nada. Acceitam-se os meios honestos, a usura, ou a infamia, para fazer fortuna, com tanto que se faça com o menor incommodo. Sabe-se apenas se existem outras letras além das de cambio, se para ser feliz é necessario saber mais do que levantar castellos de algarismos, e se o *Deve* e *Ha de Haver* não é a suprema expressão da humanidade.

Os homens que nasceram para illustrar a sciencia, a litteratura, a politica ou a historia do seu paiz, tem pejo de se isolarem das tendencias do seculo, e, ainda que sem se despirem da probidade, fogem das suas especialidades para não morrerem de fome, ou de ridiculo, e embrenham-se no commercio, plantam arrozaes, ou fundam fabricas de estrume!

De todos os individuos que compõem as sociedades humanas, nenhum é menos apto para esta lucta de interesses materiaes do que o poeta. Assim tambem é elle o primeiro e o que mais soffre por essa exclusão, para que não contribue a sua vontade, porque ella provém da natureza da sua organisação. Bem ou mal, o poeta não póde produzir senão um genero de mercadoria, que tem raros consumidores; e como só a multidão multiplica o salario, segue-se que o desgraçado acabará á mingoa, não podendo entregar-se a uma vida agitada e grosseira, cuja actividade physica matará a actividade moral. A sociedade, que o assassina, recusando-lhe os meios de viver segundo a sua natureza, condemnal-o-ha, como criminoso diante de Deus e dos homens, quando elle tomar a resolução de Chatterton. Se por ventura Deus lhe der força e paciencia para curvar a cabeça diante dos algarismos, o calculo matará a illusão, e as harmonias sublimes que brotavam de vez em quando do seu cerebro ardente, não tornarão a manifestar-se!

Mas para este meio suicidio, para esta immensa resignação é necessaria uma energia rara; e os que a não tem, hão de por força soltar o grito supremo e terrivel, que serve de epigraphe á historia de um d'estes desventurados illustres: *despair and die!* pouco importa que elle se chame Camões, Chatterton ou Homero.

Alfredo de Vigny escreveu mais de um livro para sustentar o principio de que o poeta adquire, pelas primeiras manifestações do seu talento, o direito ao pão, que deve pagar em poemas; triste porém d'aquelle que se confiar n'esta generosa theoria! A inspiração é uma loucura que attaca os homens de genio, e o vulgo acha indignos da sua piedade esses loucos divinos, que fallam como os anjos. Porque o poeta não póde abafar no seio a celeste melodia dos seus hymnos, para traficar em escravos, ou em moeda falsa, deixa-se morrer á fome! Vergonhosa doutrina, que não inspira bastante horror senão aos selvagens da America, porque estes julgam-se obrigados a manter e respeitar os que padecem de loucura, ainda que sejam filhos d'uma tribu inimiga.

Não sei porque mysterio da Providencia o talento se revela mais nos individuos pouco favorecidos da fortuna; que isto seja uma especie de compensação, ou que a opulencia contrarie o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, é certo que se os poetas não são ricos, tambem os ricos não são poetas, nem de poesia entendem.

Mas d'essa ignorancia resulta que tambem não compram o livro, especialmente hoje, que já não é moda proteger as letras, e a falta de consumidores ensina á miseria onde habitam os queridos das musas.

Em Portugal, paiz de poesia e de poetas, onde até os camponezes das provincias menos cultas improvisam em seus cantares suavissimas endeixas, quasi que já se não faz um verso. Armaram os interesses materiaes de baraço e cutello, em nome do progresso, e lançaram-n'os em columna cerrada sobre todas as cabeças a quem o sol da nossa terra, ou o sol da liberdade, doirava a inspiração. Essa pleiada de cantores que principiou ha perto de vinte annos uma vida cheia de amor, de gloria, e de esperança, ficou assombrada quando lhe interromperam a harmonia dos seus mais bellos cantos com o estrepito das machinas; esmoreceu quando lhe disseram que despedisse de si as illusões, se queria pão e vestidos; e dispersou-se como um bando de cysnes, quando lhe provaram que se vivia muito bem sem amor e sem poesia.

E vive-se com effeito! Deixem correr o tempo que o positivismo das nossas eras ha de talvez substituir ainda, na fronte dos que empunham a lyra, uma aureola de ridiculo, em vez da coroa d'espinhos, porque a de loiro já se não usa.

Fizeram dos poetas administradores, jornalistas, lavradores, governadores civis, escrivães de fazenda, e até ministros d'estado! A uns mataram-nos realmente, a outros amortalharam-nos vivos em empregos para que tinham manifesta negação; e se algum por acaso collocaram em logar onde podesse aproveitar a sua vocação, não houve n'isso virtude, mas sim esquecimento dos que o fizeram.

A verdade é que se não ouve já senão raras vezes alguma d'aquellas doces melodias que outr'ora nos deleitavám; e assim mesmo as que chegam aos nossos ouvidos são rapidas e fugitivas como um sonho! A lyra apenas ferida emmudece logo com receio, talvez, de que a vão denunciar aos fariseus, para quem é um crime o fazer versos.

Mas apesar de tantas contrariedades, de tanto materialismo estupido e de tanto desprezo pela mais nobre das bellas artes, tal é a natureza do nosso clima, que os poetas continuam a nascer todos os dias, ainda que se não atrevam a revelar-se aos barbaros que os rodeiam. Mais felizes, porém, do que os da geração que vae passando, descobriram um meio de se subtrahirem á oppressão dos *melhoramentos materiaes*. Esse meio feliz, inspirado sem duvida pelo amor do bello, é emigrar para o Brasil.

Alli póde-se cantar sem receio de ser interrompido pelos bramidos horrorosos da mechanica, ou pelo desdem insultador dos materialistas. Lá adora-se a poesia; e o mar, os lagos, os rios, as selvas, as flores e as aves, tudo inspira e incita ao canto. Padecem-se por lá muitos e muito grandes infortunios, é verdade, mas não se prohibe á imaginação que vôe desaffrontada. As saudades da patria, porque esta as inspira sempre por mais ingrata que seja, as memórias da infancia e da familia, o aspecto d'uma natureza esplendida e unica, tudo contribue para fazer poetas aos que o não são, e muitos se tem creado sem outros elementos. Da cidade do Porto, de Vianna, de Braga, e de outros logares da provincia do Minho, que antigamente não exportavão senão escravos brancos para os mercados do novo mundo, partem agora, e quasi diariamente, mancebos, ricos apenas de talento, que não achando na terra natal facilidade de cultivar as letras, e de adquirir ao mesmo tempo os meios de uma honesta subsistencia, a vão procurar entre os seus irmãos d'além-mar, cuja lingua, religião e litteratura se confundem com as da patria. N'aquelle grande imperio, o commercio não tem horror á leitura; lêem-se com prazer os bons versos, e o caixeiro da mais modesta *quitanda* sabe de cór os *Lusiadas*. Tambem lá vive, como em toda a parte, um grande numero d'estes selvagens que chamam ao mechanismo do verso *uma engenhosa tolice*, e que não comprehendem a utilidade do poeta no meio das sociedades bem organisadas; mas para esses o homem que falla com as musas é um doido pacifico e inoffensivo, que não vale a pena contrariar.

Em vista d'isto, não admira que o Brasil seja o grande consumidor dos livros que se imprimem em Portugal, que os mancebos portuguezes residentes nas diversas provincias do joven imperio sejam muito dados á cultura das letras, e que no Rio de Janeiro haja, entre outras muitas e muito uteis associações, um *Gremio Litterario Portuguez*, que sendo composto na maior parte por gente do commercio, é muito superior ao *Gremio Litterario de Lisboa*, fundado por muitos dos primeiros escriptores de Portugal.

No segundo artigo mostrarei a razão d'esta superioridade.

F. GOMES DE AMORIM

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

A façanhosa guerra intentada pelos nossos visinhos hespanhoes, contra este barbaro imperio, para vingarem o ultraje feito á bandeira iberica, tem actualmente trazido para a imprensa de Hespanha e França, muitas noticias e relações antigas de Marrocos. Entre ellas merece especial menção a memoria escripta pelo sr. D. Antonio Canova del Castillo, no magnifico jornal de Madrid *La America*.

Bem é que nós os portuguezes, primeiros conquistadores d'aquelles barbaros, em cujas terras perdemos o nosso rei D. Sebastião, saiamos tambem com algum pouco do muito que ainda temos inédito, a respeito d'aquella parte da Africa.

Eis o que nos induz a publicar a seguinte viagem, mui curiosa e particularisada no tocante aos usos e costumes dos marroquinos no seculo passado. Tem ainda esta viagem outro valor, que é ser escripta por uma dama portugueza, ácerca da qual apenas podémos apurar o seguinte.

A auctora, D. Filippa de Vasconcellos, foi captivada pelos barbarescos nos principios do seculo passado, navegando com seu marido para o Levante. Conduzida a Mequinez, corte habitual do imperador de Marrocos, ahi esteve captiva vinte e tantos annos.

Como nenhum dos nossos biographos dá noticia desta escriptora, recorremos á chronica dos frades Redemptoristas ou da Trindade, e ahi achámos a seguinte menção:

Entre os resgatados d'Africa, n'este anno de 1729, vieram D. Filippa de Vasconcellos, natural de Alcacer do Sal, casada com João de Torres, egualmente captivo, de edade de 43 annos; D. Anna de Vasconcellos, sua filha, casada com Lourenço do Rio, tambem captivo, de edade de 15 annos, e 11 de captiveiro; D. Leonor de Vasconcellos, filha da dita D. Anna, de 2 annos de edade.

Na *Gazeta de Lisboa* de 5 de maio de 1729, se dá a seguinte noticia:

A 23 entrou n'este porto, com viagem de 7 dias, de Mazagão, um navio inglez chamado «Genova Fragata», e n'elle chegaram dois religiosos da Santissima Trindade, o doutor fr. Pedro de Mello e o prégador geral fr. Joseph de Paiva, que haviam partido d'esta cidade para aquella praça em 6 de setembro do anno passado. Com elles chegaram da escravidão de Mequinez 113 pessoas, em que entram

7 mulheres e 4 meninos, nascidos 3 d'elles na mesma escravidão; e cada pessoa d'estas foi resgatada por 410 patacas.

Os religiosos os conduziram em procissão desde a praia de S. Paulo, onde desembarcaram, pelo terreiro do Paço, e ruas publicas da cidade, até ao seu mosteiro, onde os hospedaram 3 dias á sua custa, festejando a sua chegada com luminarias e repiques. S. M. e A. viram a procissão das janellas do paço.

Por aqui se vê que D. Filippa era pessoa notavel, porque de tantos captivos que vieram juntos de Marrocos, só d'ella e das pessoas da sua familia se faz menção.

Consta que d'esta varonil e mui instruida senhora portugueza, tinha escripto largamente fr. Simão de Brito, que por muitos annos estivera em Mequinez, e a conhecêra lá. Mas todas as obras manuscriptas d'este frade foram consumidas com a livraria do convento da Trindade no terremoto de 1755.

Como os nossos leitores verão, esta viagem é chêia de interesse, e admiravel pela aventurosa e atribulada vida da auctora.

I

Nasci na villa de Alcacer do Sal, provincia do Alemtejo; foi meu pae um cavalheiro morgado, por nome Manoel Paes Cobellos de Vasconcellos, natural da villa de Alvito, o qual por um infausto successo lhe foi preciso passar com seu pae para o reino de Hespanha, fazendo assento em Xerez de la Frontera, em a qual cidade casou com minha mãe, D. Leonor de Medina e Gusmão, das principaes familias da dita cidade, em a qual morou alguns annos, até que alcançando perdão de S. M., voltando para o reino de Portugal, veiu fazer residencia em a villa de Alcacer do Sal, onde meu pae tinha seu morgado, na qual villa nasci, primogenita de todos os meus irmãos, e como tal com applausos festejada.

Porém, logo que no infausto theatro d'este mundo dei os primeiros indicios de minha vida, principiei tambem a dar extraordinarias demonstrações dos meus principios; pois não foi possivel, segundo contam, pegar em peito racional para o meu sustento, sem embargo de serem duplicadas as amas que buscaram; e vendo meus paes, que quasi quatro dias completos estava sem sustento algum, determinaram chamar medicos, para ver o que em tal caso se devia fazer; e entre varias consultas que tiveram, foi conselho de um d'elles, que me deitassem, de umas cabras que em casa havia, umas pingas de leite na bocca, e vendo que de algum modo o levava, chegando a bocca ao peito, dizem, logo principiei a mamar, ficando todos maravilhados; do qual leite me sustentei algum tempo, sem ser possivel em todo elle pegar em outro peito; e assim me fui criando entre os regalos e delicias de uma casa de tantos cabedaes, como a de meus paes n'aquelle tempo era.

Porém, como já o destino queria dar principio á tragica historia de minha vida, succedeu que indo meus paes pagar uma romaria ao Senhor Jesus da Serra, que dista uma legoa da dita villa, habitando em umas casas que são do conde-barão, ahi estivemos alguns dias, entre os quaes, um d'elles, saindo como rapariga de nove annos a divertir-me por um alto monte, que para o rio fica confinante, querendo colher umas flores, e escorregando-me os pés, fui precipitada pelo monte abaixo, de sorte que já quasi chegando ao mar, fiquei presa por certa rama. Estando assim por algum tempo, sem ser d'este successo minha familia sabedora, fui vista pela gente de uma lancha, que me recolheu a seu bordo, e como não vissem mais pessoa alguma, me levaram a um barco pescador, que era da dita villa, dizendo terem-me achado já quasi caindo dentro d'agua, e que não conheciam de quem era; mas sendo dos ditos pescadores conhecida, me levaram a meus paes, que com muitas lagrimas me buscavam por todos aquelles sitios, do qual sobresalto fiquei bastantemente molestada.

Mas, como os infortunios não costumam, pela maior parte, vir sós, eram poucos dias passados quando me succedeu outro como o antecedente; e foi o caso, que no tempo da mesma romaria, que durou quasi um mez, indo ao pé de uma lagoa que fica no mesmo sitio, na qual o conde-barão tinha n'aquelle tempo quantidade de patos, e querendo pegar em um dos mais pequenos que na dita lagoa andavam, fui de um toiro assaltada, sendo-me preciso para meu livramento, metter dentro d'agua até aos peitos, ficando o toiro, por ter vindo da parte mais baixa, atolado, sem poder totalmente fazer movimento algum, ficando eu n'este estado mais de tres horas, até que vindo gente me tiraram, sendo necessario a meus paes fazer varios remedios para poder entrar em mim, pois com a grande frieza e sobresalto, fiquei incapaz de fazer movimento algum, por cujo motivo deixando a romaria nos fomos para casa.

Como da afflicção fiquei com accidentes continuados, sem serem sufficientes os humanos remedios para o allivio, determinaram fosse uns dias levada a um convento de religiosas de Santa Clara, sito em o castello da dita villa, para companhia de uma minha tia, por nome soror Simôa dos Anjos, para ver se ahi tinha algum divertimento, para cujo effeito tiraram licença para estar todo o tempo qué quizesse, e ahi estive oito mezes, com tanto gosto, que fui tendo conhecidas melhoras, tanto assim que não queria de lá saír, intentando ficar freira em o dito convento; o que meus paes de nenhum modo quizeram. Vendo minha resolução, formaram um engano com que me tiraram; mas assim devia de ser, para experimentar os tragicos successos de minha vida, pois tres vezes fiz fugida para o dito convento, sem ser possivel lograr o que desejava.

Passado seria um anno que do convento tinha saído, quando veiu para este reino a Magestade de Carlos III, sendo preciso a meu pae, como principal da terra, ir visitar o dito senhor, em a qual visita ficou contrahindo particular amizade com o pagador geral das tropas do dito Carlos III, o padre Alves Cienfuegos, com o qual se correspondia. Mas como em este mundo não se acha felicidade que tenha perpetua duração, succedeu que de um pleuriz maligno falleceu meu pae, em cinco dias de doença, sendo para todos da terra a sua morte de notavel sentimento; em cujo tempo fiquei eu de edade de doze annos, e meus irmãos todos de menor edade; e juntamente minha mãe padecendo uma molestia de bastante detrimento.

Era juiz de fóra da dita villa Nuno Baracho Encerrabodes, que n'aquelle tempo se achava em concontroversia com meus paes, e determinou logo fazer inventario de todos os bens que se achavam livres do morgado, vendendo todos os moveis, dizendo que por se acharem menores, queria pôr toda a importancia no cofre. De todas as fazendas livres fez tutor a um meu tio clerigo, o padre Francisco Paes Cobellos, com o qual estavam meus paes em nimia inimizade, por cujo motivo impacientada, uma tarde, intentei com uma pistola tirar a vida ao dito juiz de fóra, o que fizera, se minha mãe, com muita efficacia, me não impedisse. Mas como ella no dito tempo se achasse totalmente padecendo uma chronica enfermidade, determinaram os medicos que pa-

ra sua melhora era muito necessario mudal-a de ares, o que logo intentámos fazer para a villa de Setubal, o que o nosso administrador de nenhum modo queria consentir, dizendo era escusado andar mudando habitação, assim que, de nenhum modo convinha, cujo conselho não quizemos observar. Vendo elle a nossa resolução, determinou fallar ao juiz de fóra, para que passasse ordem a todos os barcos d'aquella villa, com pena pecuniaria e de prisão, áquelle que para fóra da villa nos levasse, ao que eu com toda a resolução fiz vir um barco de Setubal, em o qual de noite, por uma janella baixa, que para o rio fica, fui embarcando todo o fato, e o mais que para a jornada tinha preparado; e embarcando minha mãe, e a mais familia, nos puzemos á vela.

Porém, chegando a um sitio, que dista uma legoa da dita villa, onde chamam os Alamos, vimos vir um barco pequeno com o nosso administrador, juiz de fóra e mais justiça, e querendo chegar ao barco, lhes dissemos se fossem e nos deixassem; mas vendo que proseguiam sem attenderem ás nossas razões, com um bacamarte, que levava preparado com seis quartos e duas balas, lhe atirei ao barco, onde feri a dois; por cujo motivo retirando-se, formaram-nos logo crime de resistencia; porém nós passando para a cidade de Lisboa, onde eu tinha outro tio, por nome Francisco Monteiro de Miranda, desembargador de appellação, crimes e aggravos, este em breves tempos compoz tudo, livrando-me do crime, por menor.

(Continúa)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

O TRAPEIRO DE LISBOA

Lido este artigo, ninguem, por certo, concluirá que muito mais facil é compor um poema como os *Lusiadas*, ou um drama como o *Fr. Luiz de Sousa*, do que photographar litteralmente o trapeiro de Lisboa, cuja singelissima e prosaica physiologia se limita, apenas, ao comprimento do arco que descreve um gancho, nas mãos de um homem cristalisado pelos agentes fataes do idiotismo e da miseria, para apanhar trapos e papeis velhos.

Antes nós queriamos ser encarregados de resolver as insoluveis questões do *deficit*, da liberdade do commercio, do papado, ou de descobrir quem nos governe constitucionalmente, que é hoje a nossa pedra philosophal, do que sermos obrigados a traçar a physiologia do miseravel e nauseabundo personagem que nos váe occupar, e perante o qual, a propria fecundidade milagrosa dos romancistas francezes se tornaria palavrosamente esteril.

Todavia tentemos, pelo menos, a tarefa, já que a gravura é, em terras jornalisticas, um viajante que os leitores não reconhecem sem lhe verem o passaporte.

Muita gente cuida que na vasta cadeia social, os trapeiros constituem uma familia mui diminuta, e que taes são simplesmente os que, como o da nossa estampa, limpam as ruas, os monturos e os barris do lixo, dos trapos e outros residuos.

É um engano.

Essa errada opinião póde lisonjear o amor proprio dos que, usando de trapos, comtudo não os apanham publicamente, mas profana gravemente o inviolavel culto da verdade.



O trapeiro de Lisboa
(Copiado do natural) — Desenho de Nogueira da Silva

Não conhecemos na sociedade individuo que não seja mais ou menos trapeiro; e cremos que esta profissão, necessaria e utilissima, data dos primeiros descendentes do pae Adão.

Se a ávida curiosidade de Eva, atiçada pelos malignos artificios de Satanaz, não houvesse apanhado o pomo conservador da graça, quem se lembraria, até ao presente momento, de fabricar o trapo, e quem conseguiria ver hoje um trapeiro?

A apparição de uma e outra cousa sería um facto impossivel, porque não se exigia, nem na vida physica nem na vida moral, o uso do trapo, nem o mister de trapeiro, cuja origem é a seguinte.

Quando a graça abalou do paraiso, o peccado, não tendo animo para apparecer em publico, ficou a scismar na pousada da saudosa fugitiva, sobre o modo porque havia de encobrir a sua macula; lembrou-se do trapo; fiou-o; teceu-o; talhou-o; cobriu-se com elle, e assim arranjou outra cousa que dá graça ao individuo, posto que não venha de graça.

Foi feliz a idéa, e até agora ainda ninguem teve outra que melhor satisfizesse a este fim.

Sendo tudo isto assim, como decididamente nos parece, estão os leitores habilitados a comprehender esta definição:

Toda a sociedade é uma familia interminavel de trapeiros, dividida em diversas especies, a saber:

A dos trapeiros apurados, ou por excellencia — janotas;
Idem aveludados — burguezes;
Idem ensebados — pobres;
Idem esfarrapados — mendigos;
Idem que vestem e vivem de trapos e ossos, como o que a nossa gravura fielmente representa, e aos quaes consagrâmos exclusivamente estas linhas.

Estes trapeiros, que ao principio se nos afiguravam zero na longa equação social, representam até certo ponto, nada menos que a mola real de todo esse estrondoso movimento, operado nas admiraveis funcções da imprensa.

Póde-se dizer que é quem faz gemer os prelos, porque é elle quem fornece a materia prima ás fabricas de papel.

Não obstante, d'esta sua avultada e importante significação no mundo das sciencias e das letras, ninguem se lembrou ainda senão nós, e longe de ser objecto de idolatração publica, como o primeiro motor de industria que maior serviço presta ao progresso moral da humanidade, todos fogem d'elle como se fôra a peste em pessoa.

O trapeiro é, pois, o ente de mais triste figura que a natureza creou, e o maior desordeiro conhecido na politica do aceio.

A sua apparição causa um alboroto mais pronunciado do que aquelle que levanta o alarma de uma *bernarda*, a passagem de um emigrado de Marrocos, ou o pregão dos cegos vendendo a estulta carta hereticamente attribuida a Jesus Christo.

É que o trapeiro tem alguma cousa de repugnante phantasia, e de alheio ao aspecto e viver dos seres organisados, para infundir terror aos proprios cães, que mesmo a dormir dão por elle a longa distancia; é que o trapeiro é a peste das escadas, que por todo o transito das suas industriosas excursões, vae deixando em completo chiqueiro, pelo que se torna o flagello e o pesadelo dos moços e criadas de servir.

Atravessar em silencio, um palmo que seja, de rua, é-lhe tão impossivel como captivar as sympathias d'estes individuos, que hão de ser sempre seus eternos e acirrados inimigos.

O trapeiro segue a eschola da philosophia misanthropica, e é de facto e direito um apostolo que faz honra á canina memoria de Diogenes, e ao chorado barão de Catânea.

Não carecendo de auxilio algum estranho para exercer a sua industria; não precisando de relacionar-se, porque não pretende assentar-se á mesa do orçamento; litteralmente absorvido n'uma tarefa para que é necessario permanente olho vivo, o trapeiro anda sempre isolado, conversa só comsigo, porque nem mesmo aos compradores de trapo dá palavra; acolhe em si os dois insectos filhos da pobreza com pasmosa e inimitavel caridade, e do mundo apenas aproveita o que este despreza, para, em rigorosa harmonia com o systema do orgulhoso cynico d'Athenas, desprezar tudo quanto os outros homens usam e gozam!

NOGUEIRA DA SILVA

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Apontaremos e reprehenderemos hoje o mais vulgar e repetido solecismo da nossa lingua, o qual anda mui arreigado não só na conversação familiar, mas tambem nos discursos publicos, e nos dialogos dramaticos, em quasi todos os theatros.

Eu parece-me que hoje temos bom tempo.

Eu convem-me sair deputado.

Eu admira-me que haja tão pouco amor á lingua materna.

Eu aborrecem-me os falladores importunos.

Elle admira-me que fizesse tal.

Todas estas locuções são viciosas, barbarisam e deturpam a nossa lingua.

Os verbos chamados pronominaes empregam-se com pronomes pessoaes; mas estes devem tomar a variação que lhe é propria.

Nas phrases apontadas o pronome *eu* deve necessariamente variar para *mim*, com a preposição que se lhe junta, para a indispensavel clareza do discurso, que é todo o empenho das leis grammaticaes.

Devem, pois, todas aquellas locuções corrigir-se com a indicada variação do pronome. D'este modo:

A *mim* parece-me que etc.

A *mim* convem-me etc.

A *mim* admira-me etc.

A *mim* aborrecem-me etc.

A *mim* me admira etc.

Isto quanto ás regras da grammatica geral, concorde n'este ponto em todas as linguas neolatinas; porque, quanto á indole da nossa lingua, ainda devemos supprimir o pronome inicial de todas estas phrases, com o que ficam muito breves, energicas, e affirmativas. Assim:

Parece-me que hoje temos bom tempo.

Convem-me sair deputado.

Admira-me que haja tão pouco amor á lingua natal.

Aborrecem-me os falladores importunos.

Aqui estão, não só corrigidas grammaticalmente, mas em bom portuguez, todas as quatro phrases ou orações que ao principio transcrevemos com o indicado solecismo. E dissemos em bom portuguez, porque muitas vezes está o discurso escripto com todo o rigor grammatical, mas não com a propriedade e vigor que tem a nossa lingua. E isto se deve notar sempre aos estudantes, para que elles se persuadam, de que não basta saber grammatica para escreverem bem a lingua materna, porque isto só se consegue pela leitura dos bons auctores classicos.

Voltando ás locuções viciosas que já deixámos corrigidas, convem advertir, que a razão principal d'estas e similhantes corruptelas, é o costume de conjugar e acompanhar sempre os verbos com pronomes desnecessarios, que tanto enfraquecem, embaraçam e sobrepesam a lingua portugueza, e lhe dão o cunho da construcção franceza.

Para que das escholas se extirpe este costume, com o qual ficam viciados os estudantes, adoptou o sr. Julio Caldas, digno professor da eschola normal de Lisboa, na sua *Grammatica* publicada na *Encyclopedia das Escholas de Instrucção Primaria* (Lisboa 1854), o systema de conjugar os verbos sem os pronomes pessoaes, como até alli se usava, e se tem ainda teimado irracionalmente.

Eis os motivos que elle aponta em nota a pag. 43:

«Duas razões nos levaram a não conjugar os verbos com os respectivos pronomes pessoaes.

1.ª Porque não são os pronomes que designam as pessoas do verbo, mas sim a sua terminação. Quando dizemos *am-o, am-as, am-a, am-amos, am-ais, am-am,* estas terminações correspondem aos pronomes *eu, tu, elle, nós, vós, elles,* e os substituem; por tanto desnecessario é tal acrescentamento.

2.ª Porque usal-os nas conjugações, é costumar o ouvido dos estudantes ao seu frequente emprego, o que é contrario ao espirito e indole da lingua portugueza. Demais, as conjugações assim desembaraçadas d'estas palavras estranhas ao verbo, prestam-se mais facilmente a serem entregues á memoria.»

Apesar d'estas razões logicas e de facil intuição, os compendios de grammatica ainda continuam com o systema antigo!

Para que se veja que o abuso e multiplicação de pronomes é um dos vicios que mais afeiam a nossa lingua, citaremos a seguinte phrase de um auctor classico, mui popular nas escholas:

« Sendo eu vassallo, me tratou como amigo, e *me* amou como filho. »

A superfluidade do pronome pessoal, *me*, que vàe sublinhado, causa n'esta oração dois grandissimos defeitos, ambiguidade e cacofonia.

Pois este trecho é de Jacinto Freire de Andrade, na *Vida de D. João de Castro*, livro que desde muitos annos anda nas escholas, mas que é preciso retirar das mãos de estudantes primarios, por ter um estilo excogitado, fanfarronico, e muitos desprimores grammaticaes como o que apontámos, e se deve emendar assim: « Sendo eu vassallo, me tratou como amigo, e amou como filho. »

Tambem ha bons exemplos da repetição de pronomes com elegancia e intimativa, como o seguinte:

« Que me louve ou reprehenda gente cega,
A mim se me dá pouco ou nada d'isso. »

A. FERREIRA — *Poemas Lus.*

ANTIGUIDADES NACIONAES

A camara municipal, ou senado de Lisboa, gozou sempre de grandes preeminencias e regalias, durante a antiga serie dos reis de Portugal, todas conferidas em attenção e agradecimento aos moradores d'esta capital, com os quaes os nossos monarchas se acharam sempre, na paz e na guerra, como veremos das noticias e memorias antigas que tencionâmos dar a publico.

De todas as regalias que á camara de Lisboa se conferiram ou ella impetrou, nenhuma mais singular, e até exotica e vaidosa, como a de sollicitar, para si, o tratamento de *Alteza*, proprio de principes, oito annos depois da acclamação del-rei D. João IV.

Para averiguarmos este ponto, de que por acaso achámos lembrança, investigando as antiguidades ainda tão desconhecidas d'esta nossa Lisboa, requeremos á camara, ha annos, nos certificasse, por modo authentico, para não parecer fabula, o que do seu archivo constasse a tal respeito.

Esse documento publicâmos agora, para encorporar n'esta serie de antigualhas, e se saber que effectivamente a camara de Lisboa pediu que lhe fosse dado o tratamento de alteza (provavelmente havia de se intitular: *Sua Alteza Municipal*), mas o rei mandando instruir o requerimento, ou não devolveu os papeis, ou se extraviaram, como outros muitos, sobretudo no tempo dos Filippes, de sorte que não sabemos hoje em que fundamentos estribavam os vereadores d'aquella epocha tão cerebrina pretenção.

Com que direito, e para que fins, quereria o tratamento de alteza, um tribunal popular, onde se sentavam tantos sapateiros e albardeiros?

Verdade seja que não nos deveramos pasmar tanto, vendo que hoje se dá por ahi excellencia a alguns presidentes das associações de artes e officios!

Pena é que ficassemos privados do teor da petição da camara de 1649, e apenas sabendo que ella requereu effectivamente o tratamento de alteza, como nol-o certifica o seguinte documento, que transcrevemos tal qual o obtivemos, para evitar razões. Eil-o aqui:

« Diz Antonio da Silva Tullio, que para auctorisar um escripto que pretende publicar sobre as regalias e preeminencias que a camara de Lisboa tem tido em diversas epochas da monarchia, precisa saber, por certidão authentica, quaes foram os fundamentos porque a camara pediu a el-rei D. João IV o *tratamento de alteza*, o que, segundo apontamentos que o supplicante tem, consta da representação transcripta a fl. 264 do livro 2.º do mesmo rei, no archivo municipal.

« Item, se a fl. 19 v. do livro carmezim, do mesmo archivo, onde se acha designado o logar que pertence á camara, indo com el-rei, ha com effeito alguma cota á margem, e o que diz. — P. a v. ex.ª a mercê de lhe deferir. — *Antonio da Silva Tullio.* »

« Passe, em termos. Camara 21 de setembro 1854. — *Mattos Pinto — Costa — Reys e Sousa.*

« Illustrissimo e excellentissimo senhor — A secretaria não póde passar a certidão requerida pelo supplicante Antonio da Silva Tullio, porquanto, os fundamentos que o supplicante diz constarem da representação transcripta a fl. 264 do livro II d'el-rei D. João IV, não existe similhante representação do dito livro e folhas; mas sim um decreto de 14 de outubro de 1649, que manda subir ao governo os documentos e papeis que a camara tivesse, sobre a pretenção que a mesma tinha, de se lhe dar o tratamento de *alteza*. — E no livro carmezim, a fl. 19 existe a designação que o supplicante menciona, e á margem d'ella se via existirem tres cotas, duas das quaes, quasi não fazem sentido, em consequencia de faltas de letras, causadas pelo aparado do livro, e a outra, não só por este motivo, mas tambem por se achar em estado de não se poder ler, por estar a escripta quasi de todo sumida. — A vista pois do exposto v. ex.ª mandará o que for servido. Secretaria geral, em vinte e dois de setembro de mil oitocentos cincoenta e quatro. — Servindo de subchefe da primeira repartição — *Frederico Torcato da Cruz.*

« Está conforme. — Secretaria geral da camara municipal de Lisboa, em 3 de novembro de 1854. D'esta gratis. — O escrivão da camara — *Nuno de Sá Pamplona.*

« Use da informação como certidão e lhe convier. — Camara 23 de setembro de 1854. — *Mattos Pinto — Serzedello — F. Mendonça.* »

EXEMPLOS CLASSICOS

Como os jornaes illustrados, qual é o nosso, necessitam de artiguinhos, ditos e sentenças de poucas linhas para ajustar as paginas, empregaremos sempre, para este fim, excerptos dos nossos bons escriptores, destinados a servir de exemplos aos mestres, nas analyses grammaticaes e de boa redacção que devem fazer a seus discipulos.

*

Não ha para um sabio maior obsequio que a offerta de um livro. *D. Francisco Manoel de Mello*

O ELEPHANTE OPERARIO

O homem tem submettido para o seu viver as maiores forças da natureza, as forças mechanicas, as forças animaes, as forças vegetaes, e continúa indefinidamente n'esta conquista. Por isso mesmo, tem sempre novos triumphos a esperar, e a sciencia e a actividade lh'os depara quasi todos os dias.

Posto que se tenha alcançado já muito na domesticação dos animaes, ainda ha muito que conquistar n'este reino da natureza.

O elephante é talvez, de todos os quadrupedes, o que mais póde ser prestavel ao homem pela domesticidade.

Este animal é o unico que sobreviveu aos seres gigantes dos tempos geologicos; e parece que a sua raça está a ponto de se extinguir. Deixal-a-hemos desapparecer sem a domesticar e aviventar?

Forte, corpulento, intelligente, de boa indole, e o mais sociavel de todos os grandes animaes, não será o elephante aptissimo para ajudar o homem nos seus trabalhos quotidianos?

Todos os nossos historiadores da India referem coisas maravilhosas da docilidade, obediencia e ensino dos elephantes, tanto na guerra como no trafego d'aquelles povos.

Conhecendo-lhes o prestimo, propoz ultimamente mr. Collaux á *Société protectrice des animaux*, varios alvitres para se aproveitar em forças e intelligencia do elephante domesticado.

Ha certos trabalhos, diz elle, que são proprios para os elephantes. O cavallo e o boi não devem continuar a ser sobrecarregados com os enormes pesos e tarefas que até hoje lhes impõem. O verdadeiro operario d'esses trabalhos é o elephante. Além de se poder apparelhar como qualquer besta de carga, póde com as mais pesadas, porque um elephante transporta com toda a facilidade um peso de 65 arrobas ou... kilogrammas. É verdade que come umas tres arrobas de alimento por dia, mas trabalha em proporção. Tem, porém, muito boa bocca, não ha comestivel que rejeite, pelo que custa tanto a sustentar como tres cavallos, os quaes necessitam de outro penso. Anda depressa, e póde fazer n'um dia trinta legoas tão facilmente como um cavallo faz cinco.

Vivem 150 a 200 annos, de sorte que n'uma familia sería tal propriedade como uma quinta, uma casa ou uma fabrica.

Ajunte-se a esta grande potencia muscular, o producto dos seus dentes, que tanto emprego tem nas manufacturas de marfim; a pelle, a gordura, os nervos, o leite, e a grande quantidade de estrume, o que será um novo manancial para a agricultura.



O elephante operario

Porém a sua mais preciosa qualidade é a intelligencia, que, junta á força, dá a este animal um valor impagavel.

Um elephante bem ensinado é operario gigante, que trabalha como um Hercules por si só.

Conta modernamente um viajante, que em certa cidade da India ingleza, víra um elephante que trabalhava nas demolições, sósinho, deitando abaixo todos os materiaes com a tromba, e com ella os lançava n'um apparelho que tinha sobre o lombo, transportando-os cuidadosamente para um logar que lhe havia sido apontado, sem quebrar nem perder cousa alguma. Depois removia o entulho, e limpava o terreno perfeitamente. Vêde a estampa.

Meia duzia d'estes elephantes operarios bastavam para deitar abaixo os casebres do Loreto em vinte e quatro horas. É os que desejavamos para demolir as vergonhosas ruinas de S. Roque, muitos pardieiros de Alfama, o forte de S. Paulo, e acabar quanto antes o atterro da Boa-Vista!

Mr. Collux termina a sua memoria com o principal da questão que elle suscita, que é a aclimação d'estes animaes na Europa, e sua procreação. Para este fim adduz o testimunho de varios escriptores romanos, entre elles Columella, que dizem se reproduziam em Roma os elephantes que vinham para os espectaculos gladiatorios.

Se isto assim é, contâmos dentro em pouco ver pelas ruas das cidades, elephantes carregados e pacificos como burros de lavandeira.

Que maravilha se pedirá a este seculo que elle não nol-a dê?

Para que se veja que a intelligencia e habilidade dos elephantes é coisa antiga e averiguada, não será despropositado mencionarmos aqui, a destreza e *cortezania* d'aquelle famoso elephante que el-rei D. Manoel mandou de presente ao papa Leão X (Lourenço de Medicis) em 1514:

«Fazia-se ver singularmente, entre tanta grandeza (da embaixada) um elephante indio, sobre o qual ia um riquissimo cofre com o presente que el-rei mandava ao papa, coberto de um panno tecido de oiro, com as armas reaes de Portugal, que não só cobria o cofre, mas tambem o elephante até beijar a terra. Ia tambem, sobre este, um naire que o mandava, vestido de roupa de ouro e seda.

«Tanto que o elephante avistou o papa, obedecendo ao naire, se humilhou tres vezes, e tomando na tromba grande quantidade de agua de cheiro (que estava prevenida) borrifou com ella ao papa e cardeaes, depois aos mais que estavam pelas altas janellas, e voltando-se para o povo, começou da mesma sorte a ensopal-o; findo o que, fazendo tregeitos e meneios com muita graça, repetiu a primeira cortezia e foi passando muito senhor do campo.»

Por aqui se vê, que o elephante não está unicamente fadado para operario, ou besta de carga, como quer mr. Collaux.

Explicação do enigma do numero antecedente

A vergonha cora as faces, o medo as desbota

Bastos

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



S. Jeronymo (estatua da egreja de Mafra)
Desenho de Nogueira da Silva, segundo uma photographia de mr. Cifka — Gravura de Pedroso

Distribuidas pela fachada, vestibulo e capellas da basilica de Mafra, ha 58 estatuas collossaes de marmore, representando os santos fundadores de ordens religiosas. Umas tem 3^{m},56, outras 2^{m},24 de altura.

Estas estatuas foram esculpidas quasi todas por artistas nacionaes, discipulos de Alexandre Justi, estatuario italiano, e primeiro director da *casa do risco* estabelecida na villa de Mafra, para servir de laboratorio de esculptura e architectura para a grande obra da basilica, paço, e convento de Mafra.

Qualquer que seja a opinião que hoje se forme da faustosa edificação d'aquella ilha de marmores nacionaes, em que o estado gastou 25 milhões de cruzados, é incontestavel que a esta obra se deve o maior impulso, o grande movimento que as artes plasticas tiveram em Portugal. Umas reviveram, outras aperfeiçoaram-se, e todas lucraram com este acto de magnanimidade e devoção del-rei D. João v.

Todas estas estatuas estão ainda inéditas, mas hoje, por meio da photographia, se podem divulgar em proveito da arte, e para gloria nacional. É o que n'este numero começâmos a fazer, reproduzindo a de S. Jeronymo, que é a primeira da capella do Santo Christo, a qual fica da parte do evangelho, entrando pela porta principal do templo. N'esta capella estão, de ambos os lados, em seus nichos, as estatuas dos quatro doutores da egreja — S. Gregorio, S.^{to} Agostinho, S.^{to} Ambrosio, e S. Jeronymo.

Pela nossa gravura, conhecerão os entendedores, que esta boa estatua, apesar do estilo *barroco* d'aquella épocha, tem merito, mórmente considerada em muitos dos seus accessorios.

Em outro artigo, e por peritos, avaliaremos esta e outras esculpturas de Mafra, de que por ora só temos algumas photographias, sendo necessario ir examinar os originaes, e ver se tem indicação do nome dos esculptores que as obraram, investigação que ainda nenhum escriptor ou artista fez, nem sequer o intelligente collector das nossas riquezas artisticas, o conde de Rackzynsk.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

INTRODUCÇÃO

O SARGENTO DE VETERANOS — HISTORIA D'UMA CUTILADA

Está a fazer quatro annos passava eu uma tarde pela Fundição. Entrava a primavera: o ar estava sereno e tepido, o ceo limpo e azul, de um azul tão formoso e benigno, que de certo já o teria exportado alguma companhia, se fosse possivel pôl-o em acções. Vinha do lado das torres a aragem do Oceano, impregnada d'aquelles acres perfumes que avigoram o sangue e como que estimulam a alma.

Parei a contemplar o rio, os cabeços nevoentos dos montes d'alem, e a magestade do sol na proximidade do occaso, vacillando entre dois abysmos, um de raios, outro de vapores.

É natural que o leitor, chegando a este ponto, por mais condescendente que seja, e por muito avesado que ande a similhantes confidencias, diga comsigo:

— Que me importam os seus passeios, e que tenho eu com as suas contemplações?

Ainda que se dôa o meu amor proprio, sou completamente do mesmo voto. Nem as minhas contemplações nem os meus passeios importam nada. Por isso tambem dou esta satisfação. Se entro em taes particularidades, é porque são até certo ponto preliminares historicos necessarios á intelligencia da minha narrativa, e como os seus primordios naturaes; é porque na arvore de geração da idéa, que hoje sáe á luz, representam ellas, digamos, as raizes do tronco primitivo.

Contemplando e scismando estava eu, pois, com os olhos no Tejo e o espirito vagabundo. Por entre as imaginações aventurosas, que se me alternavam n'este quasi diorama interior, veiu naturalmente a passar a perspectiva dos nossos bons tempos de influencia e gloria.

Lembrança é esta que inevitavelmente occorre a quem hoje observa o nosso vasto porto, relativamente deserto, e o compara com as memorias que nos deixaram os nossos passados. Povoa-se involuntariamente a phantasia d'essas memorias incitadoras de profunda saudade. Dilata-se a vista para a barra a procurar os renques de galeões e naus da India, mais bastos, ainda ha um seculo, do que hoje as fragatas do rio amparadas aos caes. Indaga-se onde estão os nossos incomparaveis marinheiros, que tinham a intimidade de todos os mares. Evocam-se da historia as sombras dos nossos destemidos soldados, que pelejavam em todos os continentes.

Em vão se alonga o desejo, em vão se interroga o espaço. De tudo isso vê-se apenas, lá ao longe, entre a cerração que vem do mar, o vulto soberbo e solitario da torre de Belem, muda testimunha de outras edades, que ficou de pé, entre tantas grandezas caídas, como estatua sobre um tumulo.

Nunca me invadem estes pensamentos — e frequentemente vem elles, porque os traz a cada passo uma confrontação dolorosa — que me não commova uma indefinivel tristeza. Não sei se é exagerado orgulho nacional; sei só que é um sentimento invencivel.

Não ha mais alto pedestal do que a distancia dos tempos, conheço-o. Os feitos de nossos avós apparecem-nos despidos das paixões e das miserias vulgares, que elles como nós tiveram, porque foram homens como nós. Exalça-os na cogitação esta poesia magnificadora das coisas extinctas, que exerce uma seducção tão attractiva. Não ignoro taes verdades, e a mim mesmo as repito.

Mas que importa? Como não ha de contristar a acareação, se, feitos todos os descontos, ainda o passado se avantaja ao presente como um nobre terceto de Antonio Ferreira á prosa surrateira de um additamento?

Foi, com effeito, uma robusta e audacissima raça de homens, a que jaz cinza. Commetteu ella com egual resolução o possivel e o impossivel, vencendo e succumbindo com a mesma heroicidade. Das serras em que se creára trouxe, ao que parece, a energia indomavel e a fé que nada esmorece.

As serras estão mais perto do ceo. É alli o ar mais puro, e alcança-se mais longe e de mais alto. O homem, na visinhança de Deus, vê tudo a seus pés, e nada, senão o mesmo Deus, acima de si. D'ahi aquelle enthusiasmo que não comprehende o obstaculo, aquella confiança que encadeia a fortuna, aquelle fervor religioso que faz o poder divino cumplice das temeridades humanas.

De geração em geração se transmittiu o espirito herdado; e, em quanto elle durou, este povo pequeno, comprimido n'uma nesga de terra á beira-mar, deu brado no mundo, como antes d'elle só tinham feito os mais possantes.

Rodeado de inimigos, com a espada fundou uma patria; com a espada varreu os contrarios, dez vezes mais numerosos, que lh'a disputavam á nascença; com a espada lhe alargou e firmou as fronteiras; com a espada investiu as trevas e o terror de um mundo ignoto; com a espada appareceu, em fim, nas cinco partes do mundo, conquistador, navegante, colonisador, propagandista, civilisador, e commerciante!

Ai! quem não ha de chorar de dentro ao ver essa espada, corroida de sangue fraterno vertido nas luctas civis, tão leve agora, que nem contam com ella os que pesam os destinos das nações!

Por mais que faça, tudo na actualidade me parece pequeno e miserando ao pé das grandes coisas e dos grandes varões que foram. D'isso fallo a cada passo, porque não encontro ahi nada que m'o faça esquecer. Todas essas porfias, todas essas emprezas, todos esses litigios, todos esses desenhos e projectos, pintados de variados artificios, pregoados em palavras sonoras, figuram-se-me puerilidades, se os aproximo dos arrojos épicos d'aquelles homens, que tudo tentavam sem se contarem, e não viam difficuldade superior ao seu esforço.

Ne'ste nosso ambiente, em tudo diverso, ha talvez tanta confusão de eccos, porque se fez n'elle um grande vacuo: falta a fé que o enchia.

E não falta mais nada. Epochas houve já em que estivemos tão quebrantados de forças como hoje, e peior do que hoje em condições de trabalho. Nunca, todavia, deixaram nossos paes de se levantar dos desastres. É que elles sempre se julgaram capazes de emprehender o que mais ninguem ousaria; e hoje, ao revez, desalenta-nos de tudo um panico de impotencia, alimentado por não sei que vozes de terror, empenhadas em persuadir-nos que para nada somos aptos, nem sequer para as trivialidades a que todos chegam.

Este o vicio moral que mais importa combater, porque n'elle está a maxima degeneração e a razão da decadencia. Os brios do paiz estão apenas adormecidos. Se os estimularem, se os dirigirem no sentido de uma restauração verdadeiramente patriotica, verão como despertam e vivem. Para isso basta resurgir-lhe e pôr-lhe diante dos olhos os heroicos exemplos, as acções generosas, os nobres sentimentos, os magnanimos sacrificios, que por desgraça andam tão esquecidos e descultivados, bem que tanto abundem nos nossos annaes de todas as epochas.

(Continúa)

MENDES LEAL JUNIOR

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 11)

No tempo que em Lisboa nos achavamos, fomos visitar o padre Alves Cienfuegos, o qual de nos ver mostrou especial contentamento, offerecendo-se para tudo que nos fosse necessario. N'este tempo que em Lisboa estivemos, que seriam tres mezes, falleceu el-rei D. Pedro, succedendo á coroa o nosso monarcha el-rei D. João v, que Deus guarde, em cujo tempo intentou fallar-me o padre Alves Cienfuegos para que contrahisse matrimonio com um cavalheiro aragonez, que se tinha retirado para este reino, entregando a Carlos III Fuente Esguinalde, da qual praça era governador, e a quem quiz recompensar, fazendo-o coronel de um regimento que se fizera em Lisboa no tempo que se fez outro, que intitulavam do Almirante; o qual casamento minha mãe intentou divertir, dizendo era rapariga, pois me não achava ainda com treze annos completos; mas vendo a sua instancia, do que mostrava ter especial gosto, lhe fizemos a vontade, o que logo se effeituou, sendo elle mesmo padrinho. [1]

Estando depois de recebidos em Lisboa, tivemos ordem de Carlos III de marchar com o regimento para o Levante, o que logo fizemos com muitas lagrimas de minha mãe e irmãos, que com lamentaveis queixas sentiam, sendo de tão tenra edade, ir para regiões tão distantes; e como não havia de ser assim, se a roda da minha sorte tinha principiado a dar os primeiros movimentos da sua inconstancia?

Não foi para mim de sentimento mais que sómente ausentar-me de minha mãe e irmãos, pois a patria de nenhum modo me lembrava; e antes este embarque foi para mim de grande allivio, porque não era o meu designio outro mais que ver variedades de bastimentos, de gente estrangeira, com quem continuamente tinha dilatadas conversas, aspirando o meu desejo ir ver varias provincias, tanto assim, que vendo passar navios á vela, involuntariamente me punha a chorar, desejando ir dentro d'elles por esses mares, no que em brevissimos tempos vi cumpridos meus desejos.

Partimos, emfim, de Lisboa para a cidade de Alicante, que n'aquelle tempo era das que se tinham alliado a Carlos III; e estando quasi defronte do cabo da Gata, pouco antes de pôr o sol, nos encontrámos com uma nau de guerra franceza, com a qual combatemos quasi duas horas, em cujo tempo nos desarvorou a mezena, e se não chegára a noite, com que podémos escapar, infallivelmente experimentariamos o maior perigo, ficando admirada de ver os successos do primeiro embarque de minha vida serem tão excessivamente perigosos.

Governando o rumo para a bahia de Alicante, e chegando a ella com muita alegria, dando graças ao Senhor de nos livrar de tão evidentissimo perigo, desembarquei em terra, com muito applauso de todos recebida, especialmente do nosso regimento, que posto em ala, com salvas festejaram o meu desembarque. Fui logo para umas casas que já estavam preparadas, que eram de um francez dos mais principaes da terra, por nome mr. Rose, dos apaixonados a Filippe v, aos quaes como traidores intitulavam com o nome de *bulifleros*, o qual receando-se, deixando a terra, se ausentára.

Aos quinze dias de residencia na dita cidade, teve ordem D. Miguel, meu marido, de marchar com o seu regimento para o castello de Vilhena, no reino de Valencia, deixando-me em Alicante, em a qual estive onze mezes, morando no arrabalde de S. Francisco, desejando summamente, sem embargo dos perigos, ir para o sitio onde meu marido estava.

Achava-se n'este tempo tres legoas d'esta cidade, em uma terra por nome Elche, o general conde de Berwich, [1] e o sargento-mór de batalhas Macdonim, o qual, combatendo rigorosamente, foi ganhando a cidade, escalando as casas, e totalmente tudo destruindo: com esta revolta me vi sem guardas, e juntamente roubada por dois escravos, que, fugindo para o inimigo, me deixaram só com duas criadas.

N'este conflicto, temendo o furor da guerra e o rigor de Berwik, como assistia no arrabalde, antes que a cidade estivesse de todo destruida, fugi para a praia, na qual estava muita gente, que fugindo da cidade, buscavam barcos em que podessem fugir para refugio das vidas, nos quaes faziam diligencia de embarcar com toda a brevidade possivel. Havia entre as muitas embarcações duas fragatas corsarias, sendo capitão de uma d'ellas João Baptista Julião, natural da cidade de Valencia, ao qual, para que do conflicto me livrasse, prometti dar quinhentas patacas; e logo me embarquei, só com o dinheiro e prendas que commigo tinha trazido, levando juntamente na fragata, entre varias pessoas que embarcaram, nove freiras da Conceição e onze frades capuchos; e logo com toda a brevidade partimos para uma pequena ilha, que dista vinte legoas, pouco mais ou menos, chamada Iviça.

Seriam nove horas do dia quando partimos de Alicante a tempo que estavam os inimigos quasi chegando á praia; navegámos todo o dia com as mais embarcações, que carregadas de gente iam em nosso seguimento, e seriam cinco horas da tarde quando nos vimos perseguidos por duas naus de mouros, uma capitania argelina, chamada *Cavallo Branco*, a outra tambem nau de guerra; e estando quasi sobre nós, foi Deus servido acalmar o vento, de sorte que não podendo chegar como desejavam, principiaram a combater, jogando-nos muitas balas por espaço de duas horas, matando da fragata em que iamos, seis homens, e um frade capucho, que fronteiro a uma portinhola se achava. E indo escurecendo se affastaram, e nós no dia seguinte chegámos á ilha de Iviça, onde desembarcando, vieram buscar as freiras de cruz alçada; e eu fui para casa do governador, onde estive mez e meio, no fim do qual veiu noticia que se tinha perdido a batalha de Almansa, em a qual fallecêra meu marido, por haver mandado o marquez das Minas se fosse incorporar com o exercito grande, onde estava milord Gallaway [2] e milord Pertambu, [3] com a qual noticia fiquei como quem em terras alheias se considerava, em edade florente, sem mais amparo que o de Deus, pois com a morte de meu marido conhecia anniquiladas todas as estimações.

Determinando ir a Malhorca para d'ahi passar a Barcelona, e fallar a Carlos III para poder tornar a Portugal, a este tempo me veiu fallar o capitão corsario, que me tinha trazido, dizendo, que como meu marido tinha fallecido, e eu ficava rapariga em terras estranhas, intentava casar commigo, pois tinha largas noticias de quem eu era, ao que eu fiz toda a repugnancia possivel; mas considerando o estado em que me via, tão remota da minha patria, em tempo de tão civis guerras, me foi preciso dar palavra de casamento; e logo nos embarcámos, saindo pela manhã da ilha de Iviça, e navegando vinte e

[1] Para bem se avaliar a vida aventurosissima d'esta dama, cumpre ter na lembrança que a casaram tendo pouco mais de 12 annos.

[1] Barbic está no original.
[2] Galvé diz o original.
[3] Deve ser Peterborow.

quatro horas. Quasi á vista de Malhorca avistámos tres corsarios francezes, que, dando-nos caça, nos foi preciso arribar para a villa de Santa Olaia, da mesma ilha, em a qual me recebi com o dito capitão de mar e guerra João Baptista Julião, e aos tres dias saímos para a dita cidade, onde estivemos seis mezes, no fim dos quaes preparada a nossa fragata para continuar o corso na costa do Levante, embarquei juntamente com meu marido, pois de nenhum modo quiz ficar n'aquella cidade, por se achar n'ella todo o concurso da gente de Carlos III, que depois da derrota para alli se tinham retirado.

(Continua)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

PHYSICA POPULAR

I

OZONE

Para que as pessoas menos familiarisadas com a physica e chimica, possam dar o devido valor ás observações ozonometricas, que todos os dias se fazem nos observatorios meteorologicos, e entendam as que diariamente manda publicar nos jornaes o Observatorio do Infante D. Luiz, diremos aqui, mui resumida e claramente, o que se julga ser o *ozone*, a razão porque, com todo o cuidado, se verifica a sua existencia na atmosphera, e os meios que para isso se empregam.

Para que melhor possamos ser entendidos por todos, explicaremos primeiro o que é a atmosphera, qual a sua composição, e o que se deve entender por allotropia.

Atmosphera é a camada gazosa, ou a esphera de vapor, como a origem grega da palavra está pedindo se lhe chame, que envolve o globo terrestre, e que, como elle, é mais espessa na parte correspondente ao equador, e achatada nas partes que correspondem aos polos.

Segundo uns, a espessura da camada atmospherica, medida desde a superficie do mar, é de 12 legoas; segundo outros varía de 15 a 16 legoas. Dá-se o nome de *ar* ou *ar atmospherico* á mistura gazosa de que é formada a atmosphera.

Os antigos tinham o ar na conta de corpo simples ou elementar, isto é, de corpo formado de uma só qualidade de materia.

Lavoisier, um dos maiores chimicos que tem existido, conseguiu, por meio d'experiencias feitas com toda a delicadeza e perseverança, descobrir, em 1774, que o ar era um corpo composto, separar e estudar os seus elementos.

Desde então ficou-se sabendo que o ar é formado pela mistura de dois gazes muito differentes nas suas propriedades essenciaes, com quanto se assimilhem entre si em não terem côr, cheiro, nem sabor.

A estes dois gazes chamam os chimicos modernos *oxigenio* e *azote*.

O *oxigenio*, póde dizer-se affoitamente que é o mais importante de todos os gazes, que até ao presente se tem descóberto. É elle que, principalmente, produz o phenomeno da combustão; é elle que vivifica o sangue dos animaes, e o converte em sustento de todos os orgãos, depois que nos mesmos perdeu as suas propriedades nutritivas; é elle que unindo-se aos metaes, em muito differentes circunstancias, gera uma classe importantissima de compostos, conhecida pelo nome de *oxidos*; é elle que associando-se a corpos não metallicos dá origem a numerosissimos *acidos*; é, finalmente, um elemento indispensavel de todas as materias animaes e vegetaes, e da agua que bebemos, assim como da dos mares, dos poços, e da que, sob a fórma de chuva, se precipita da atmosphera.

O *azote*, longe d'alimentar a respiração e a combustão, asphyxia os animaes que o respiram puro, e apaga os corpos em ignição que n'elle se mergulham. Parece que na atmosphera serve principalmente para moderar a acção nimiamente comburente do oxigenio.

Em theoria póde-se affirmar que, se de subito desapparecesse o azote do ar, suppondo este sêcco, haveria uma geral e instantanea combustão de toda ou d'uma grande parte da materia organisada.

Lavoisier determinando, pelos meios que tinha á sua disposição, as quantidades dos dois gazes atmosphericos, achou 27 partes d'oxigenio e 73 d'azote.

Os estudos chimicos do ar, a que em epochas e paizes differentes procederam depois sabios mui distinctos, confirmaram os resultados obtidos por Lavoisier, e serviram para se rectificar um erro de quantidade.

A media de seis analyses feitas por Dumas e Boussingault deu em 100 partes de ar em volume, 20,8 d'oxigenio, e 79,2 d'azote; e em peso 23 d'oxigenio e 77 d'azote.

É esta a composição normal do ar atmospherico. Comtudo, jámais se encontram tão sós aquelles dois gazes. Acham-se sempre na atmosphera: *vapor d'agua; acido carbonico* (corpo formado de carvão e oxigenio); *hydrogenio carbonado* (corpo formado de carvão e hydrogenio) que se eleva dos pantanos; *saes d'ammoniaco; gazes* provenientes das fabricas, das materias vegetaes e animaes em decomposição; *miasmas* e corpos em suspensão.

Agora que já conhecemos a composição do ar, occupemo-nos da *allotropia*. Para entender o que ella seja bastará dizer pouco.

Todos sabem que tanto os corpos simples como os compostos se distinguem entre si pelas suas propriedades. Muitas pessoas, partindo d'esta verdade, suppõem que sempre que virem dois corpos diversamente caracterisados, devem concluir que são differentes. Não é tanto assim.

A sciencia tem descoberto corpos compostos dos mesmos elementos, e nas mesmas proporções, apresentando-se com propriedades mui dissimilhantes. Tem tambem achado corpos simples que, em circunstancias especiaes, assumem propriedades completamente outras das que lhes são proprias. Esta particularidade, tanto dos corpos simples como dos compostos, que depende do modo por que se dispõem os seus atomos, foi primeiro chamada *isomerismo*. Bersélius propoz o nome de *allotropia*, derivado de duas vozes gregas: *outro* e *maneira d'existir*, para designar o isomerismo dos corpos simples.

Além d'outras causas (note-se bem) a acção electrica póde tornar allotropicos diversos corpos.

Agora estão aplanadas as difficuldades para se perceber o que é o ozone. D'elle trataremos no artigo seguinte.

SOUSA TELLES JUNIOR

OMNIBUS COM GUARDA-CHUVA

Mr. Le Noir refere, na *Science pour tous*, que estando certo dia na almofada de um omnibus, desatou a chover copiosamente. Como, em taes momentos, os logares superiores, ou mais elevados, d'este genero de carruagens, são muito incommodos, ainda que se traga chapeo de chuva, mr. Le Noir travou a este respeito conversação com um visinho carita-

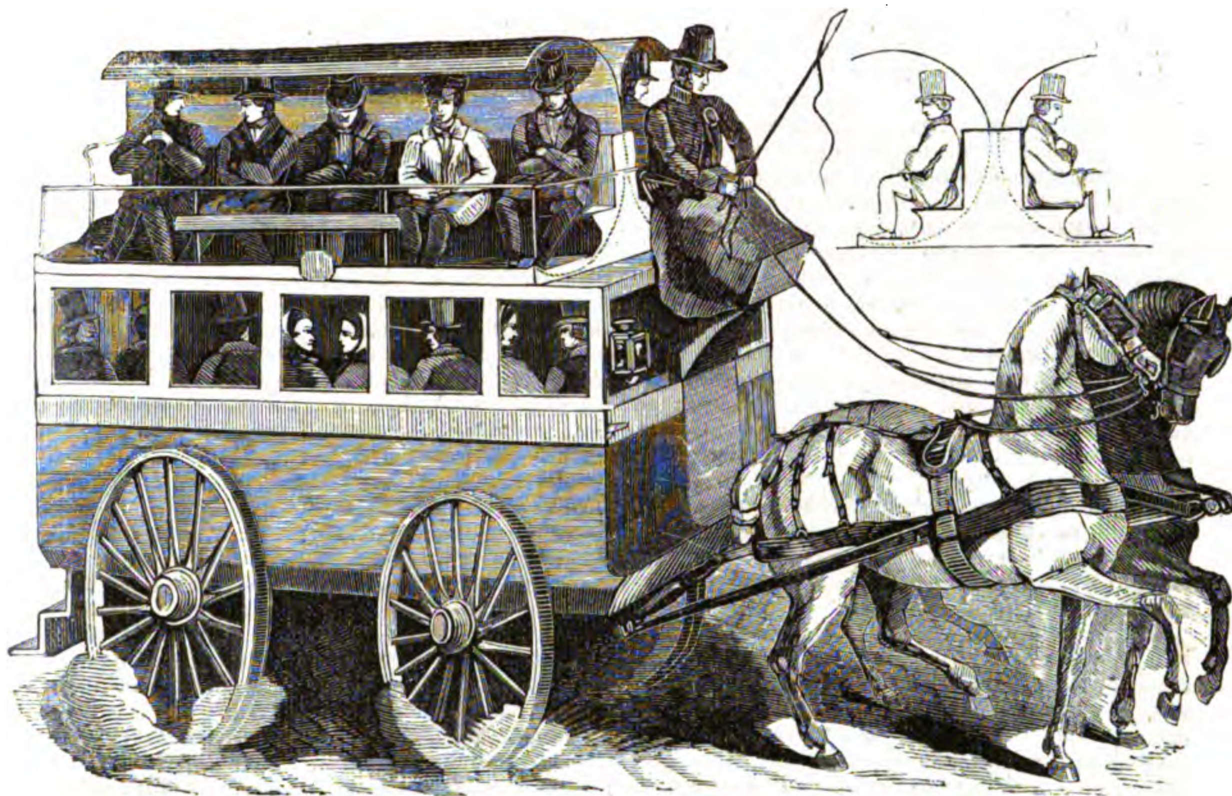
tivo que o abrigou debaixo do seu guarda-chuva; e do que discorreram ácerca dos meios de obviar os inconvenientes dos logares descobertos, quando sobrevem máo tempo, resultou elle imaginar um systema que julga digno de adoptar-se para as carruagens-omnibus, e tambem mui util para os viajantes.

É este o assumpto da gravura que reproduzimos, com a explicação que o mesmo inventor nos offerece no citado jornal, pelo modo seguinte:

«Imaginae um tecido leve, mas bastantemente solido, estendido sobre varas de ferro em fórma semicircular, presas entre si por umas tres varas direitas, postas ao comprimento de uma a outra extremidade, e collocadas uma no meio, e as outras duas ao longo dos extremos. Obteremos assim um toldo oblongo e arqueado, apresentando a fórma de semi-cylindro concavo por baixo, e convexo por cima. Imaginae que ha dois toldos, d'esta especie, no alto da carruagem, um resguardando as cinco pessoas do lado direito, o outro resguardando as cinco do lado esquerdo, curvando-se como azas atraz do cocheiro, aos lados da sua almofada, e em boa altura; teremos d'este modo abrigados todos os viajantes.»

Mr. Le Noir diz não ser necessario que os dois toldos estejam constantemente abertos, porque um guarda-chuva abre-se ou fecha-se, segundo póde ou não dispensar-se; e acrescenta:

«Imaginae tambem o espaldar dos assentos, contra o qual os viajantes se apoiam costas com costas, formado de duas peças parallelamente collocadas a pequena distancia, e o intervállo, prolongando-se circularmente até á base dos assentos, direito e esquerdo, dividido em duas pequenas caixas com corrediças apropriadas para colher as azas do nosso toldo. Imaginae, em fim, n'estas azas semi-cylindricas, gonzos construidos de fórma que baste para o co-



Omnibus com guarda-chuva

cheiro voltar a manivella para as fazer saír do seu estojo estendendo-as sobre os viajantes, ou para as recolher com a mesma rapidez quando já não forem precisas. Não se terá assim obtido um guarda-chuva para as carruagens, que se abre e fecha, tão facilmente, como a aba de certas secretárias que ainda não passaram de moda?»

Recommenda-se ás companhias de carruagens-omnibus, que ensaiem este novo systèma de preservar os viajantes do sol e da chuva.

Mr. Le Noir deixa aos mechanicos completarem a invenção com um jogo de apparelho, porque será facilimo encontral-o. Além d'isso, a construcção poderá comportar tantas modificações, quantas se julgue necessarias para sua melhor segurança, rapidez de movimento, e, sobre tudo, commodidade do publico.

Acrescente-se tambem, que ao pobre do cocheiro, sempre exposto ás intemperies, resultará a vantagem de egualmente se resguardar, se se fizer um toldo apropriado, que se moverá á sua vontade, e em todas as occasiões, quer para o livrar da chuva, quer para o abrigar do abrasamento do sol.

POETAS PORTUGUEZES NO BRASIL

I

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

(Vid. pag. 10)

Quando se fundou em Lisboa a sociedade do *Gremio Litterario*, e se fizeram nas suas salas as primeiras prelecções, certos homens que influem em tudo, e toleram tudo, menos a intelligencia e o talento, viram n'essas pacificas manifestações da sciencia e da litteratura uma aggressão violenta, feita ás nullidades vaidosas que tomam o silencio pela ma-

xima sabedoria. Começaram esses taes a tramar uma conspiração para se dar á instituição nascente outro pensamento, menos civilisador é verdade, porém, mais agradavel aos preguiçosos, que eram muitos; e não só acabaram com as prelecções, mas transformaram o *Gremio Litterario* n'uma casa onde hoje se váe conversar, fumar, ler os jornaes, jogar o bilhar, e fazer todas as coisas que são de uso vulgar nos botequins ou lojas de bebidas.

Em virtude d'esta rapida conversão, fez-se alli uma cozinha em vez de uma typographia; uma bateria de chaleiras, e outra de cafeteiras fazem exercicio até alta noite para fornecer aos frequentadores as unicas producções do *Gremio Litterario!*

É certo que o chá e o café não são coisas que devam desprezar-se ou prohibir-se n'uma associação de homens eminentes; mas, na minha opinião, não supprem de nenhum modo a falta dos bons livros, que podiam e deviam ter saído do *Gremio*, se não fora a deploravel transformação a que o obrigaram. Os seus fundadores eram, pela maior parte, homens de alta reputação scientifica e litteraria; as suas prelecções, ainda antes de tomarem a fórma do livro, serviriam de guia, de estimulo, e de exemplo á mocidade estudiosa. Mas estes apostolos do verdadeiro progresso esmoreceram no principio do seu apostolado, sem sequer conhecerem a causa de similhante desalento. É que os homens da alta influencia material, os que querem o progresso das coisas, imaginando que este é possivel sem o das idéas, combatiam surdamente a instituição util para a disfarçarem n'uma coisa inutil. Foram ainda os melhoramentos materiaes que ficaram vencedores; a industria botequineira deu um salto de quarenta seculos para collocar-se a par do vapor, e das grandes emprezas que devoram a actualidade. Deixou-se ao *Gremio Litterario* o seu titulo, hoje irrisorio, para não tornar tão escandalosa a reforma, e deram-lhe interiormente as proporções de *café-modelo*. D'aqui se conclue que para uma associação se denominar litteraria, não é necessario que ella produza livros, mas sim que tome chá ou café, que jogue o bilhar, leia jornaes, e faça uma pequena bibliotheca de luxo domestico.

Os nossos patricios residentes no Rio não o quizeram entender assim, e como se não póde tomar a mal que cada um entenda as coisas a seu modo, não serei eu quem os censure por isso. Elles entendem, pois, que um *Gremio Litterario* deve dar alguma demonstração que justifique o seu titulo, e por isso começaram em 1858 a publicação annual do *Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*. O primeiro anno d'esta excellente publicação é um bello volume em 4.º de 266 paginas, nitidamente impresso em papel velino, contendo um grande numero de poesias, muito bons artigos em prosa, e os retratos de Alexandre Herculano e Almeida Garrett.

Ha n'esta collecção, escripta pelos nossos patricios, novos e verdadeiros talentos, além de outros já conhecidos. Exilados, longe da patria que o desterro lhes torna mais querida, e tão saudosa, entregues talvez a trabalhos bem contrarios ás suas vocações, quem sabe quantas lagrimas cada um d'elles deixará caír sobre o papel onde lança a inspiração? Em Portugal não falta nunca quem saúde e anime a intelligencia que principia entre nós a manifestar os seus primeiros vôos; porque não faremos, pois, o mesmo áquelles de quem nos separou o destino, havendo-nos Deus concedido o mesmo berço? Porque a aurora do seu talento foi raiar na terra estrangeira, devemos por ventura mostrar-nos indifferentes ao esplendor e brilho que ella sobre nós reflecte? Sería uma injustiça. A gloria adquirida por qualquer homem não é sua unicamente; é tambem do paiz que o viu nascer. E esses mancebos que escreveram o primeiro volume do *Album do Gremio Litterario Portuguez no Rio de Janeiro*, se não todos, alguns pelo menos, creio poder affirmar, que não morrerão obscuros. Fazendo esta prophecia em nome da patria, pago por ella a esses nobres e generosos filhos, o amor que lhe consagram no desterro aonde vivem.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM

ANTIGUIDADES NACIONAES

DIAMANTES DA COROA DE PORTUGAL

(Memoria dos mais notaveis e preciosos existentes na guarda-joias do paço das Necessidades, depois do inventario da entrega que d'elles fez o sr. D. Miguel de Bragança em 1834)

Uma medalha de brilhantes das tres ordens militares para fita, avaliada em	81:800$000
Um bandó todo de diamantes..........	72:000$000
Uma caixa de tabaco com um grande diamante no meio, e outros menores em volta..........	23:600$000
Um collar de 50 brilhantes..........	50:000$000
Dois anneis com um grande brilhante cada um..........	20:000$000
Um botão de diamante grande, circulado de mais dez menores..........	17:800$000
Um annel de um só diamante grande	14:000$000
Um espadim com punho de brilhantes	12:200$000
Uma abotoadura de 86 botões..........	11:500$000
Um pingente de tres diamantes.......	9:850$000
Uma bengala com castão de diamante	9:200$000
Um placar das tres ordens militares...	6:200$000
Um jogo de fivelas para calções, sapatos e pescocinhos..........	5:600$000
Uma presilha de diamantes e rubis...	5:340$000
Um brilhante encarnado..........	4:800$000
Uma commenda da Torre e Espada...	4:200$000
Uma presilha de hombro com quatro pedras grandes..........	4:200$000
Uma medalha de Nossa Senhora da Conceição..........	1:300$000
Um livro dos Evangelhos com capa cravada de brilhantes..........	480$000
Um habito das tres ordens militares...	340$000
Um colar das ordens da Russia.......	300$000
Vinte e cinco veneras de diversas ordens estrangeiras..........	1:200$000
Dezesete medalhas de oiro..........	1:692$000
Pedras lapidadas já avaliadas..........	95:000$000

Além d'estas joias cravadas em obra, e das lapidadas com avaliação, a memoria menciona grande quantidade de partidas de pedras em bruto e refugos, com o seu peso e quilates, muitas d'ellas, o que deve montar a muitos milhões de cruzados.

D'estes diamantes em bruto, é que as cortes auctorisaram o vedor da casa real, por carta de lei de 23 de maio, a vender quantos bastassem pára comprar 1:000:000$000 rs. (dois milhões e meio de cruzados) em inscripções de tres por cento, averbadas ao apanagio da coroa, e inalienaveis para sempre.

Cumpre advertir, que a coroa de Portugal nos principios do seculo passado, era de todas as da Europa a que tinha mais diamantes; porém, no terremoto de 1755 desappareceram totalmente.

N'um livrinho hoje muito raro, publicado em Haya, e na lingua franceza, anonymo, em 1756, isto é, logo depois do terremoto, sob o titulo de *Relation historique du tremblement de terre survenu à Lisbonne*, se diz, que a perda dos diamantes da coroa, e das outras pessoas reaes, se avaliava em 30 milhões.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Anda, quasi sempre, errado nos escriptos modernos, o emprego do verbo deparar, dando-se-lhe accepção de neutro ou intransitivo, quando tal significação nunca lhe deram os mestres da nossa lingua.

É communissimo lermos nas correspondencias dos jornaes: *Deparei* hoje no seu jornal *com* um artigo, *com* uma noticia, etc.

E na conversação: *Deparei* hontem *com* fulano no theatro.

Ambas estas locuções são erradas, tanto na accepção do verbo, como na sua regencia.

Visto que o verbo é activo, devem-se construir as citadas phrases do modo seguinte:

Deparou-me hoje o seu jornal um artigo, uma noticia, etc.

Deparou-me hontem o accaso ou outra circunstancia fulano no theatro. Ou então: Encontrei fulano, etc.

Não só pelo emprego constante dos nossos classicos, mas pela sua derivação, este verbo não significa encontrar ou achar, mas sim apresentar-se-nos ou apparecer-nos alguma pessoa ou coisa, em geral quando menos o esperavamos, ou parecendo-nos incrivel.

«Só Deus nos podia deparar a taboa de salvação, n'aquelle pavoroso naufragio» — diz Diogo do Couto.

«Alguns casam só porque se lhes depara esposa rica ou bem parecida» — disse Bernardes.

O sr. Castilho, no seu admiravel tratado, *Felicidade pela Instrucção,* lamentando a falta de livros elementares para as escholas, exclama: «Esperaremos que o acaso nol-os depare?»

E finalmente, para os que não lêem classicos, basta repararem na crença, tão popular, de que Santo Antonio de Lisboa tem o poder divino de nos deparar as coisas perdidas, isto é, de nol-as apresentar, pôr diante dos olhos, por mais sumidas que estejam, ou que as tenha levado o démo, como diziam nossas avós, para o que é mister rezar o bem sabido responso ao milagroso santo dos rapazes e raparigas.

LUZ ELECTRICA

A LUZ ARTIFICIAL ANTES DE 1800

Muitas artes estão ainda na infancia, e uma d'ellas é a arte de allumiar, diz mr. de Saint-Mesmin.

E tão certo é que esta arte sáe agora da sua infancia, que poucas linhas bastarão para commemorar os differentes modos de allumiar usados até hoje.

Comecemos pela sua origem.

Os homens empregaram primeiramente a lenha resinosa das vastas florestas que povoavam a superficie da terra, para com ella se allumiarem. Os proprios deuses do paganismo não tiveram outra lembrança. Quando Plutão roubou Proserpina, Ceres, tendo jurado que havia de ir recuperar sua filha, para que a noite não a impedisse de continuar a busca, accendeu duas *pinhas* na cratéra do Etna.

Mas será necessario remontar a tão longe, e romper as sombras do Olympo para descobrir o rasto d'esta illuminação primitiva? Não. Ha a um canto do mundo certa ilha, cujos habitantes vivem em choças como os texugos, e não conhecem outra luz mais que a das maravalhas de pinho. É a infeliz Islandia!

Os bosques resinosos foram, pois, os primeiros que ministraram a luz artificial ao homem. Os egypcios inventaram depois as *lampadas* que se usaram em todo o oriente desde os tempos mais remotos. Consistiam simplesmente n'um vaso cheio de alguma substancia gordurenta, onde se mergulhava uma *torcida* de fios grossos. Este vaso oblongo, com bico por onde saía a torcida accêsa, pendurava-se por correntes a uma especie de candelabros chamados *lampadarios.* D'este modo se allumiavam os templos pagãos. Acha-se em todos os museus grande numero d'estas lampadas antigas. Depois voltou-se outra vez á resina, mas feita em *velas.* Era com este triste luminar que o lavrador das *Georgicas* de Virgilio repousava das penosas tarefas do dia. E ainda hoje, não vemos nós as camponezas fiar nas suas rocas, á luz vacillante da cepa que arde na lareira?

Quantos annos não passaram antes que a cera viesse desalojar a resina!

Cheguemos ao mundo christão: os primeiros *cirios* dissiparam as trevas das catacumbas, onde os fieis celebravam os mysterios da nossa religião. Quantas pessoas ignoram, entrando nas egrejas, que todas essas luzes que alli ardem de dia, commemoram os tempos barbaros da perseguição do christianismo!

Mas a vela de *cera* era muito cara para os pobres; inventou-se então, por economia, a vela de *sebo.*

Temos dado um passo de gigante na historia para chegar ao seculo XIV. E, parece incrivel, até aos ultimos dias do seculo passado, não se conhecia illuminação mais brilhante que a de um lustre carregado de *velas.* E não se comparem estas velas ás dos nossos dias, porque a vela de *stearina* foi inventada em 1825 por Gay-Lussac e Chevreul.

Podem-se resumir em poucas palavras todos os processos de illuminação usados até aqui: a resina nauseante, a torcida fumarenta, a cera custosa, o sebo hediondo, a stearina cara. Tal é a obra de cincoenta seculos!

LUZ ARTIFICIAL DEPOIS DE 1800

Era este o estado da arte de allumiar, quando entrou o anno de 1800.

Foi então que principiaram as tentativas da sciencia. Os descobrimentos dignos de attenção não tem ainda sessenta annos; e se não são irmãos, são pelo menos contemporaneos.

Quando se diz que o seculo XIX é o seculo das luzes, não sómente se enuncia uma verdade, mas faz-se um jogo de palavras.

Tres nomes se ligam aos trabalhos modernos: Argand, Lebon e Davy.

Argand, notando que a combustão era activada pela rapida subtracção dos seus productos, imaginou fazer um *candieiro com corrente de ar,* chaminé de vidro e torcida circular. Como é que este candieiro tomou o nome de um certo mr. Quinquet? Ignora-se. Quinquet era apenas um operario do medico de Genova; este era a cabeça, o outro a mão. Mas o publico é ás vezes tão cego como agora! Reparemos, pois, a injustiça de nossos paes, a quem o candieiro de Argand prestou bons serviços, e digamos com mr. Babinet, que este Quinquet foi o Americo Vespucio do Christovão Colombo da illuminação.

Na epocha em que Argand construia o candieiro de corrente de ar, um engenheiro francez, Philippe Lebon, sonhava já em dotar as grandes cidades com fontes de luz tão inesgotaveis como as da agua nativa. Em 1801 annunciou elle que se podia obter *gaz* inflammavel pela distillação da madeira e das materias gordurentas. A França de então foi ingrata: Philippe Lebon não conseguiu fazer-se ouvir na patria, e quando em Inglaterra, as officinas do famoso Watt eram allumiadas a gaz desde 1805, a primeira fabrica para a illuminação publica estabelecida em

França, ou foi aberta em 1818. Philippe Lebon já não existia!

Em summa, como se todos os grandes engenhos tivessem dado palavra para se juntarem no começo d'este seculo, em 1801, no mesmo anno em que Philippe Lebon publicava a sua memoria sobre a illuminação de gaz, um physico inglez preparava a primeira experiencia da *luz electrica*.

PRIMEIRO ENSAIO DA LUZ ELECTRICA

O physico inglez de que acima fallámos é Humphry David, affamado por muitos descobrimentos notaveis, mas cujo nome ficou principalmente immortalisado pelos seus trabalhos sobre a electricidade.

É curioso saber-se como Davy chegou a alcançar o conhecimento da luz electrica.

Tinham-se acabado as disputações entre Galvani e Volta; mas o fogo jazia ainda debaixo das cinzas, apesar de haverem já decorrido doze annos sobre a famosa experiencia de Bolonha. A victoria, muito tempo indecisa, tinha-se declarado a favor de Volta, o qual para derribar a theoria do seu adversario inventára a pilha.

Deu brado por todo o mundo a noticia dos maravilhosos effeitos do novo apparelho. A agua acabava de ser decomposta por Carlisle e Nicholson; tinham-se feito escandescentes os fios metallicos; haviam-se obtido raios luminosos, cujo fulgor só podia ser comparado ao do sol!

Á vista d'isto, julgou-se que Davy seria immolado ao idolo d'aquelle momento.

Mas a escandescencia dos fios metallicos, produzida pela pilha, o tinha admirado sobre tudo; mais de uma vez tinha inquirido, comsigo mesmo, se não haveria meio de prolongar esta escandescencia. O que se opporá á combustão, dizia elle? Farei a experiencia no vacuo.

Esta idéa lhe sorria tanto mais, que na producção da faisca que saltava continuamente entre os reophoros, tinha elle notado a resistencia que oppunha o ar á passagem da corrente. Tratou logo de fazer um apparelho.

Mas, antes de tudo, cônvinha saber qual era o corpo que se tornava escandescente? Seria o fio metallico?

Davy tinha muitas vezes verificado que o poder luminoso da faisca augmentava grandemente quando se juntavam as extremidades dos fios conductores ao centro das substancias susceptiveis de se desaggregarem. Era como uma reminiscencia d'este facto — que as chammas tanto mais brilhantes são, quanto maior é o numero das moléculas materiaes aquecidas.

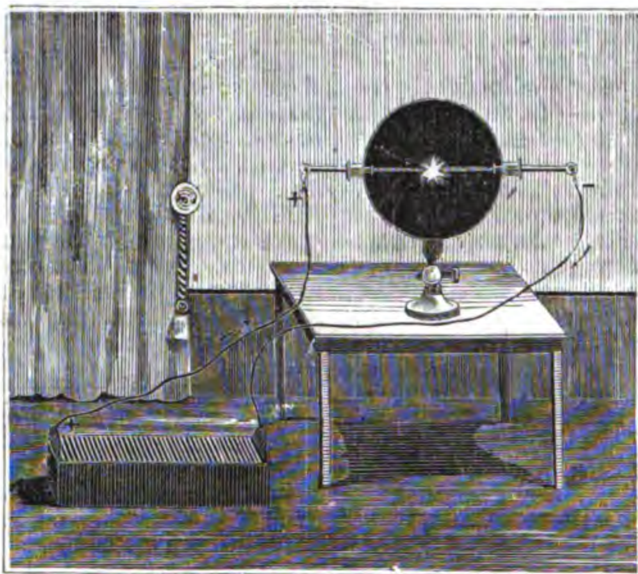
Resolveu pois adaptar cones de carvão ás extremidades dos reophoros ou polos. Viu que elles operavam no vacuo, e tambem que os cones de carvão é que escandesciam, e não os fios metallicos. A experiencia definitiva não se fez esperar muito tempo. Effectuou-se em 1801.

Vejamos agora o apparelho de que se serviu Davy, e façamol-o nós mesmos trabalhar.

Figurae um globo de vidro communicando com um pé cylindrico de cobre, que se possa parafusar a uma machina pneumatica, e vedar com uma torneira, como representa a nossa gravura.

Aos lados do globo ha dois fios metallicos presos por olhaes, forrados de coiro, de modo que se possam aproximar quando for mister. Á extremidade d'estes fios se adaptam uns pequenos cones de carvão vegetal, que devem ter sido primeiramente apagados em banho de mercurio, o que lhes augmenta a conductibilidade, porque os globulos d'este metal temlhe penetrado nos poros.

Proximo a este apparelho estará uma bateria galvanica, de muitas pilhas, reunindo 2000 elementos de 4 a 5 decimetros quadrados. Esta bateria, construida pela sociedade real de Londres, serviu depois para decompor a potassa e a soda.



Luz electrica

Ponde em contacto as duas pontas dos cones de carvão, depois communicaé um dos fios com o polo positivo da pilha, e o outro com o polo negativo. Logo se estabelecerá a corrente, que atravessando o fio conductor, fará brilhar os pontos de contacto dos dois cones de carvão com um clarão vivissimo. A pouco e pouco os pontos luminosos se irão propagando, e d'este modo tereis uma luz tão viva, que os olhos não a poderão supportar.

Ainda mais; se afastardes os dois cones um do outro, a luz não se extinguirá por isso, antes se communicará entre elles como uma fita de fogo.

O que ha de mais notavel na experiencia de Davy, é que a luz mais radiante tinha-se manifestado sem que houvesse combustão, se definirmos a combustão á maneira de Lavoisier.

Effectivamente os cones de carvão, collocados no vacuo, não podiam ser alterados na sua substancia; a sua fórma não tinha mudado; não ardiam, volatilisavam-se; havia o transporte das moléculas do carvão positivo para o carvão negativo, mas não se operava nenhuma acção chimica. D'isto se concluiu «que o calor e a luz não são mais que modificações da electricidade.»

Tal foi a primeira experiencia de Davy a respeito da luz electrica.

Dado este passo, ficou aberta a carreira aos numerosos campeões que desceram á arena, onde tantas luctas tem havido até hoje, para dar ás cidades a illuminação electrica, em vez da do gaz.

Não podem esperar dias de Deus, os que dão as noites ao diabo.

Padre Vieira

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Pescadores de Ilhavo — Desenho original de Annunciação — Gravura de Pedroso

Quando, ha annos, escrevemos no *Portugal Artistico* a analyse artistica e moral do melhor quadro de composiçaõ do esperançoso professor da aula de paizagem da academia das bellas-artes de Lisboa, o sr. Th. J. da Annunciação, notavamos, que segundo a opinião de um grande critico moderno — quadro de composição que não contém alguma lição de moral, faz lembrar aquella fabula de Esopo, que termina por este conceituoso epigramma: « Que bella cabeça! é pena não ter miolos! »

Nunca se dirá isto dos quadros populares do sr. Annunciação. Por mais trivial que seja a figura que elle vos desenhe, olhae-lhe para a physionomia, para a expressão, que lá se vos denunciará logo o affecto que a aviventa, a acção que representa na tela. Assim como a poesia, congenere da pintura, não deve ser um mero repuxo de phrases e rimas, embora simulem aljofres e diamantes que esmaltem e estrellem até o mais ôco poema, pois é mister que tenha alma, que isso entendemos por um pensamento dominante; do mesmo modo a pintura, a verdadeira pintura, não se deve limitar á béta das cores, á distribuição da luz e da sombra, ainda que esses toques sejam maravilhosos.

Este predicado, que então louvaramos no esperançoso artista, achámos tambem no singelo quadrinho, que elle para o nosso jornal desenhou, e que reproduzimos em gravura, executada por outro mancebo, egualmente perito n'esta arte, ainda tão pouco diffundida entre nós.

Estão alli visiveis duas figuras, quêdas, silenciosas, mas ha uma terceira occulta, não pelo véo do mysterio, mas pelo da sollicitude e carinho materno.

Todos sabemos que durante os mezes da pesca, grande parte da povoação maritima de Ilhavo váe lançar as redes por essas costas de Portugal, e que para Lisboa vem muitas companhas. As praias, desde a torre de Belem até Paço d'Arcos, são a paragem onde mais se encontram homens e mulheres d'essa tribu, que constitue um typo individual no nosso paiz.

A essa praia, subjacente á velha egreja da Boa-Viagem, segundo accusa a estampa, é que o artista, incançavel collector de typos populares, foi copiar as figuras e a scena que estamos vendo.

É meio-dia dos mais calmosos de agosto. O sol dardeja na arêa alvissima da praia, requeima os ares, e escalda as plantas nuas dos pescadores que a atravessam para terra, saídos da frescura dos seus barcos, surtos á beiramar, esperando que vente para molharem a vela, e irem-se foz em fóra fazer lanço entre as encapelladas ondas que a tantos tem sido lapides!

O velho que além vêdes, ouvindo tocar as badaladas do meio-dia, largára, litteralmente, barcos e redes, para saltar em terra, depois de se ter descarapuçado, resando as ave-marias do costume antigo. Era a hora do seu jantar, em mesa de pinho, mas que figuradamente chamaremos de pau santo, por se sentarem a ella cinco angelitos, que tantos eram os bisnetos que elle tinha, todos tão pequenos que se podiam cobrir com uma joeira.

O velho ovarino, que passava a maior parte das noites fóra da barra na pescaria, desforrava-se ao

jantar em galhofar com os bisnetos, os quaes, logo que ouviam as badaladas, iam-n'o esperar, mais a mãe, que egualmente a essa hora recolhia da venda com a sua canastra, que era tambem, quando já vasia do peixe, berço do filhinho que andava criando.

N'este tal dia de abrazar, a filha, que é aquella moçoila que vêdes a levantar com muito sentido o panno que está cobrindo a canastra, encontrou o avô, caminho de casa, levando n'uma infusa de barro o vinho para o jantar. Costumava o bom do velho, tanto que encontrava a neta, deitar logo a mão á canastra, para fazer festinhas á bisneta, dando trincos com os dedos, e fazendo-lhe outras gaifonas, com o que a velhice parece remoçar-se, vendo pular e bracejar diante de si os viçosos ramos da sua arvore de geração. Só n'aquelles instantes, o homem que tem descendencia, julga que nunca morrerá! Que outra explicação póde ter a alegria, tão de dentro, que jubila a velhice quando a cérca e festeja a infancia?

Ensinemos isto á mocidade, e façamos-lhe sentir bem, que o preceito moral de respeitarmos, agasalharmos, e alegrarmos a gente edosa, é para lhe escondermos a sepultura que trazem sempre riscada diante dos olhos; para lhe dar o calor da affabilidade ao coração que lentamente os annos lhe vão resfriando; para lhe levarmos, nós os moços, a alegria e distracção que a velhice lhes não deixa ir buscar onde nós a encontrâmos.

Quão veneranda e amavel não é, pois, a velhice, e quão pouco nos custa dar-lhe prazer!

Vêde como é sympathica a physionomia rude do velho da nossa estampa. Que cara tão consternada que elle tem! A nova que lhe deu a neta fel-o estacar; parece que não tem siria nos braços, e espreita ancioso a netinha dormente, que a mãe lhe mostra, levantando subtilmente, do lado d'elle só, o panno que a cobre.

Fôra o caso, que a criança andava morrinhenta havia dias. A mãe não podia deixar de saír com ella para a venda, porque a estava criando. O sol canicular que lhe dera na moleirinha aquella manhã, havia peiorado o innocentinho. A mãe corrêra a casa de um facultativo para lh'o mostrar. O doutor tivera nojo de se chegar á canastra, com medo que se lhe pegasse ao fato alguma escama do peixe. Torceu o nariz tão feiamente, que foi mesmo cravar um punhal na afflicta mãe. Receitou-lhe de voz uma garrafada, e concluiu — que se a rapariga fosse para o ceo, désse graças a Deus.

Eis a narrativa que explica a attitude estatica do varino, a tristeza da mãe, e o cuidado, a subtileza com que ella levanta uma ponta do panno, para mostrar a filhita ao bisavô, sem a acordar da modorra em que jaz dentro da canastra.

Dois affectos grandes, e grandemente expressivos, estão alli desenhados. Porém, o predominante é o affecto-rei que Deus poz no coração da mulher — o amor materno.

Como aquella gente, sem eira nem beira, sempre fóra de casa agenciando a vida, cria os filhos, trazendo-os constantemente, ora nos braços, ora ao peito, ora á cabeça, sem cançaço, sem enfado, alegre e risonhamente, pareceria coisa fabulosa, se não soubessemos que o amor de mãe obra prodigios, e vence todos os outros amores, até o da gloria.

O sr. Annunciação é verdadeiro em todas as suas copias do natural. N'esta varina, ou ovarina, se vê. Aquelles desvelos e carinho pela filha, embalada em humilde canastra, não são inferiores aos que póde desfructar a infancia opulenta, acalentada por amas e aias em berços cortinados.

Esta pintura, sobre ter o merito de representar os trajos graciosos d'aquella povoação maritima, é de mui correcto desenho, e de exacta perspectiva, como tem todos os quadros do sr. Annunciação, paizaista já admiravel, e que tem diante de si um largo futuro, se lhe proporcionarem os meios de fazer uma viagem fóra do reino, onde o seu talento poderá tomar altissimos vôos.

Sobre o seu merito, e collecção dos quadros que elle tem pintado, veja-se a biographia escripta pelo sr. J. A. Marques, no ultimo numero da *Revista Contemporanea*.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

INTRODUCÇÃO

(Vid. pag. 18)

O SARGENTO DE VETERANOS — HISTORIA D'UMA CUTILADA

N'isto pensava n'aquella tarde, e n'aquelle logar, que me chamára a taes reflexões, quando n'ellas me interrompeu uma voz rude, mas na intonação benevola, que, a poucos passos de mim, pronunciava estas palavras em tom de affectuosa protecção:

— Boas tardes, rapaz. Então como te dás lá na bateria?

O interpellante era um sargento de veteranos, alto, sêcco, e direito, espesso bigode grisalho, rosto marcial, uma cicatriz que lhe tomava meia face, no peito a medalha das cinco campanhas.

O interpellado era um artilheiro ainda novo, que vinha do lado do Terreiro, e provavelmente se dirigia ao quartel.

O veterano estava acostado á muralha com a frente para o Arsenal. O artilheiro veiu direito a elle, e correspondeu á saudação amigavel, com um ar de deferencia, que indicava mais do que respeito pelas divisas.

— Boas tardes, tio Casimiro — disse elle. — Não me dou mal na bateria, obrigado. Assim não fosse tanto a miudo o exercicio. Vae-se tornando pesado o serviço.

— Vossês sabem lá o que é serviço hoje em dia! — tornou o veterano.

O artilheiro não pareceu offendido da apòstrophe. Reconhecia evidentemente no seu interlocutor o direito de fallar d'este modo; e não era pouco significativo aquelle assenso tacito da parte de um soldado moço, naturalmente costumado a ouvir os camaradas motejarem d'estes *laudatori temporis acti*, que de ordinario desafiam o sorriso á juventude petulante.

Esta circunstancia avivou-me a attenção, e não perdi mais de vista o veterano. N'outra qualquer conjunctura não teria de certo reparado em tão vulgar incidente; mas o velho militar, ainda firme apesar dos annos, representando-me as reliquias vivas de uma gloria recente, correspondia de tal modo e tão directa e opportunamente ás minhas interiores cogitações, que tudo para elle e para alli me estava attrahindo.

A conversação dos dois durou pouco. O artilheiro tinha de estar no quartel ao toque da retreta, e não podia demorar-se.

Como o veterano ficasse só, cheguei-me insensivelmente. Vendo-o com os olhos fitos nas peças empilhadas no pateo da Fundição, disse-lhe para introito:

— Faz pena ver isto agora!

O sargento mediu-me de alto a baixo com desconfiança. Maravilhava-o, provavelmente, este desusado entremettimento de um *paysana*. Penso, porém, que me foi favoravel o exame. A admirativa sympathia pela sua pessoa, que eu mal encobria, e que elle para logo percebeu com a penetrante intuição do

soldado velho, como que secretamente o lisongeára, porque me respondeu com uma affabilidade que nada condizia com a suspeitosa investigação precedente:

— O senhor é rapaz e não póde lembrar-se. O que faria se visse o que eu vi!

— Muito ha de ter visto, creio — acudi alvoroçado com estas boas disposições. — Tem ahi no rosto um signal que bem o prova.

— São ossos do officio.

— São distinctivos que devemos todos venerar.

O veterano tornou a fitar-me com certo ar de surprehendimento. Evidentemente não estava costumado a fallarem-lhe assim. Notei os progressos que ía fazendo no seu espirito, e, proseguindo n'um designio que me despontára subitamente na idéa, continuei:

— Essas são condecorações que se não confundem, e honram tanto o soldado que as alcançou servindo a patria, como a patria que ainda conta taes soldados.

— Era assim no meu tempo. Hoje...

— Hoje tambem. Se ha quem pense e diga o contrario, ha ainda muitos e muitos que se inclinam diante de taes cicatrizes, e estimam no que valem esses attestados vivos de uma epocha de verdadeira gloria.

— E foi — tornou o veterano, interessado já no dialogo, faiscando-lhe dos olhos cavos um raio do fogo de outra edade — Bom tempo, grande tempo! D'estes attestados, como o senhor lhes chama, não me faltam, Deus louvado. E não me dei mal. Aqui onde me vê vou fazer sessenta e oito, e não me troco ainda por muitos que ahi vejo de cinta arrochada e ancas saídas. Soldados de parada! D'esses riase a gente. Uma sangria de vez em quando não se estranhava então. Mais se estranhava a cama. Umas semanas de hospital, quatro dias de convalescença, e voltava um homem á desforra. Ao cabo de uma campanha, o galucho mais galucho estava rijo como um ferro. Este signal que vê foi uma festa de sabre que me fez um caçador do *Mau-galão*, [1] na Canoeira, logo ahi para a frente de Leiria, que é a minha terra, quando os francezes lá entraram a segunda vez. Isso são contos largos.

— Foi uma batalha formal?

— Nada. É uma historia.

— Nega-m'a?

— O que! a historia? Eu sei... Os rapazes d'agora mettem á bulha estas coisas...

— Não eu, e bem quizera ouvir para aprender.

— Em fim visto que deseja... vá. Depois não se queixe se lhe parecer comprido o caso.

— Não parece de certo.

— Ha de o senhor saber, que sou de uma familia de fazendeiros, que vivia na Mourã, perto da cidade. Estava em casa a tratar-me de umas terçãs teimosas, que tinha apanhado em Alcacer. Tinha-me lá mandado o meu coronel. Quando me disseram que vinham os francezes, saltei da cama, e juntei-me á paysanada. Quiz ver se a levava para a frente. A vontade era boa; mas os pobres homens, coitados, não tinham armas nem pratica. Mettia-lhes medo a artilheria e ainda mais a cavallaria. Meia bateria, meia só que alli tivesse do meu regimento!...

— Era d'artilheria?

— Do regimento d'Elvas. Assentei praça com o coronel Oliveira, um homem ás direitas, e que sabía do officio. Como lhe ía dizendo, se temos alli um destacamento de linha, e umas pecinhas de 6 para dar animo ao gentio da terra, outro gallo cantára n'esse dia, que bem triste acabou. Fui de madrugada com os rapazes da Mourã e da Carvalha, e dois ou tres milicianos, pôr um piquete avançado a coberto da quinta do senhor capitão-mór, que ficava no caminho. Seriamos uns quarenta. Só os milicianos tinham espingardas, e uns sete ou oito armas caçadeiras. Os mais, chuços e roçadoiras.

— E com isso se atreviam a esperar forças aguerridas como as do exercito francez?

— A bem dizer não era esperal-as; era... Havia lá defesa! Nem quem pódesse commandar? Não era possivel resistir. Mas não se pensava no meio da balburdia, e o povo o que queria era atirar-se ao inimigo, fosse como fosse. Como quem diz, um instincto! Hoje em dia não se faz idéa do que foi aquillo por essas provincias fóra. Aconteciam muitas desgraças, bem sei. Que quer? Não havia terlhes mão, e uma pessoa, quando ouvia aquella gente e o que ella contava, tambem não era senhor de si: ía para diante com os outros. E depois os francezes sempre perdiam gente. Admira-se? Quantas d'estas, e outras ainda mais loucas... Loucas, sei lá!... Se era loucura, pegava-se... de fazer inveja, digo eu... Quantas mais lhe não podia contar!...

— Quem me dera que m'as contasse todas! Mal sabe como lhe ficava agradecido.

— Veremos, veremos. Vamos ao caso. A manhã correu sem novidade. Pela volta das dez para as onze horas, não vendo vir ninguem, avancei da quinta para subir aos cabeços da Calvaria d'onde se avistava mais terreno. Principiava a crer que fosse rebate falso. De repente, sentimos galope de cavallos. Os rapazes enfiaram e olharam para as casas da quinta, que nos ficavam já a uns trezentos passos á rectaguarda, no fim de uma chan sem abrigo. Percebi-os e gritei-lhes: «firmes!» Ficaram-se... de vergonha, mas já desconfiados. Eu bem conheci pelo tropel que era cavallaria, e não podia ser senão franceza. Mas que lhe havia de fazer? Se os deixo retirar, os francezes apanhavam-nos por força na campina, sem nos darem tempo de nos abrigarmos na casaria, e acutilavam-nos á sua vontade. Tinhamos á esquerda, muito mais perto, um moinho n'um outeiro. Postei alli a gente como pude. Os francezes desembocaram logo de um atalho entre vallados. Seriam uns vinte e tantos caçadores a cavallo, commandados por um official. Famosa tropa, valha a verdade. Era já de melhor trato. Assim que nos viram, pararam. «Bom signal» disse eu para os rapazes. «Tem ainda mais medo do que vocês.» Era um modo de fallar. Mas foi bom: alguns riram. Não se ouvia tiroteio, nem havia mais signal de inimigo perto. «Bravo, pensei commigo, com vinte miqueletes de Villa-Viçosa aqui, estavam apanhados os francezes até ao ultimo. Com esta gente... Quem sabe? Sempre é bom tentar.» E, voltando-me para o piquete, disse-lhe assim em ar de mofa, para fazer acreditar que era facil a coisa: «Rapazes, vocês querem caçar aquelles caçadores?» Os milicianos lá coçaram a orelha; mas os outros, que tinham menos experiencia, e passavam com facilidade de grandes sustos a grandes confianças, como é natural em gente bisonha, gritaram todos juntos: «Vamos a elles, anspeçada, vamos a elles.» Eu era então anspeçada... Não sei se o enfadam estas miudezas?

— Enfadar-me, sargento! Estava aqui a ouvil-o até ámanhã. Não me podia dar maior gosto. Continue, que lh'o peço com instancia.

— É que em a gente começando a lembrar-se, falla, falla...

— Para mim nunca de mais, creia.

— E depois estas coisas não se podem entender sem se darem explicações.

— Tanto melhor.

[1] *Margaron* queria naturalmente dizer o veterano, que foi com effeito o general francez que em 1808 saiu de Lisboa contra as provincias do Norte revoltadas, e a 2 de julho atacou Leiria, onde deixou terriveis memorias.

— Pois então, repare. Nós estavamos á esquerda, n'um outeiro, como lhe contei. Á direita ficava-nos o valle, que se ía estreitando para o lado do atalho d'onde vinham os francezes. Os altos seguiam assim a modo de arco, até pegarem com as terras altas que ladeavam o dito atalho. Avançando nós de flanco por aquelles altos, até nos irmos alojar nos vallados, os francezes estavam cortados, se não retirassem a tempo; e se retirassem, póde imaginar como ficaria animada a minha gente. Percebe?

— Perfeitamente. No primeiro caso inutilisava os exploradores inimigos, e dava um golpe de mestre; no segundo evitava o choque, e ao mesmo tempo ganhava força moral.

— Bravo. É isso. A tentativa lá era atrevida com a gente que tinha; mas, se me saísse bem, que bom principio! Eu tremia com o frio da terçã, e não queria que os rapazes pensassem que era outra coisa. Aproveitava assim a occasião para aquecer. Pelos outeiros não nos podiam os francezes carregar, que eram todos cobertos de sebes e de vinhas. Tudo isto vi n'um relance. Um *paysana* nem que estivesse tres horas a scismar. Estas coisas dá-as a prática. «A marche-marche» gritei; e galgámos por alli fóra como uns gamos. Havia só uma duvida que me não lembrou logo... Nem tudo lembra... Antes de chegar ás terras de arvoredo que os vallados talharam, e d'onde sem perigo podiamos com as nossas poucas espingardas tomar o passo aos francezes, apertados no carreiro, faziam os outeiros mesmo no reconcavo uma quebrada onde o campo se estendia um pedaço descoberto. Alli estava o *buzilis*. Nós, que íamos por cima, estavamos mais perto e conheciamos o terreno; os francezes na bocca da planicie tinham soffriveis cavallos e o faro de gente de guerra, que isso, não é lá por desfazer em ninguem, mas sempre é outra coisa. Se atravessassemos a quebrada sem que elles nos investissem, ou antes de chegarem a nós, tinhamol-a feito a limpo. Mal que topámos no principio da descida, parei um instantinho a ver se via os cavallarias. Nem um. «Retiraram» disse commigo, e segui com os outros de corrida. Ainda bem não chegavamos a baixo estavam os francezes sobre nós.

— Sem os ver?

— Não tinham perdido tempo tambem, os amaldiçoados manhosos. Vendo o nosso movimento adivinharam-nos a tenção, metteram a toda a brida direitos á quebrada, e emboscaram-se n'um cotovelo que fazia o monte. Quando démos por elles tinhamnos já as espadas em cima. Nem tempo havia de pensar. Para mostrar aos rapazes como a gente se podia defender, metti a arma á cara, e dei no chão com o official que vinha na frente. Os milicianos tambem fizeram fogo unidos. Se todos se conservassem firmes, os chuços e roçadoiras davam ainda que fazer aos francezes. Mas começaram-me logo a debandar. Foi o mal todo. Os pobres milicianos pagaram com a vida. Dos outros poucos escaparam sãos. Logo ao principio caíram sobre mim quatro francezes, nem menos. O primeiro foi fazer companhia ao official, o segundo atirou-me este talho de mestre, que me deitou abaixo atordoado. Não dei tino de mais nada. Creio que me deixaram por morto. Com a friagem da noite tornei a mim e arrastei-me até casa. A casa de meu pae era retirada. Minhas irmãs esconderam-me n'um celleiro velho, e escapei de ficar prisioneiro. Um mez depois fui juntar-me ás tropas do conde de Castromarim que tinha vindo do Algarve para Evora. O mais é que estava curado das terçãs. Veja lá se era boa a receita. Aqui tem como apanhei a primeira cutilada.

— Foi ferido mais vezes então?

— Sete; tres na cabeça, uma no peito, esta na face, e duas nos braços. Graças a Deus sempre pela frente.

O veterano dizia isto com uma ufania, de que não podéra rir-se, juro-o, o mais obstinado fabricante de epigrammas.

Despedi-me d'elle com um acatamento sincero. Era guarda, fiel, ou não sei que do trem.

D'alli por diante voltei muitas vezes para ouvil-o.

Como terá notado o leitor, não era difficil trazel-o a um assumpto, para elle naturalmente agradavel, para mim summamente interessante. Gostava de contar, e contava com prolixidade, mas encontrava em mim o ouvinte mais attento e constante que nunca achára. Era um archivo inesgotavel do muito que tinha visto, e do muito que tinha ouvido. Eu puxava-lhe pela lingua, e elle não se fazia rogado.

Ficámos em breve amigos intimos. Se alguma vez o não via no sitio costumado, vinha para casa descontente; e, pela minha parte, quando lhe não apparecia, creio que lhe fazia falta tambem.

Em dezembro de 1857 passei por alli umas poucas de vezes seguidas, sem o avistar sequer á porta, como costumava. Tinha já saudades da figura ainda desempenada do tio Casimiro, e d'aquelle rosto severo, que para mim se fazia prasenteiro, quando me dizia, retorcendo o bigode:

— Então quer historia hoje?

Tornei uma e outra vez. Nada. Deu-me uma pancada o coração. Informei-me. Tinha morrido da febre amarella, depois de servir de enfermeiro a uns poucos de camaradas, a quem salvára a vida.

Foi a sua ultima batalha e a sua ultima ferida — a mortal!

Deus lhe falle n'alma, ao meu valente sargento, que exerceu toda a sua vida o officio de heroe sem dar por isso. Mal sabia elle, quando innocentemente me contava as suas historias, que viriam ellas ainda a figurar em letra redonda. Se adivinhasse a intenção reservada com que lh'as sollicitava!...

As scenas, que vou narrar, são com effeito a herança do veterano recolhida nas nossas palestras. Disponho d'ellas sem escrupulo: paguei-lh'as com o prazer que lhe dei, escutando-as. Assim ellas o dêem tambem ao leitor.

MENDES LEAL JUNIOR

URZELLA

Ácerca da urzella tem-se escripto muito; mas para explicação da estampa que ahi se vê, basta limitarmo-nos a resumir o que publicou o nosso eminente botanico Felix de Avellar Brotero.

«A orzella é uma planta cryptogamica imperfeita, a que os portuguezes deram este nome, os hespanhoes o de *orselle* ou *orchilla*, os francezes o de *orseille*, derivando-o, com pouca corrupção, de *roccella*, que primeiramente lhe deram os italianos, querendo indicar por elle uma planta que dá cor roxa, e que os nossos sabios melhor teriam traduzido pelo de *roxella* ou *rubella*.

Pertence á amplissima familia dos lichens, que hoje se divide em muitos generos.

A verdadeira urzella, em logar de raiz tem um apoio nodoso aplanado, orbicular, e raramente mais uns fios minimos, com os quaes e com sua base se agarra ás pedras. Do seu apoio ou base nodosa, costumam sobresair muitas hasteas, aproximadas como um feixe, levantadas, roliças, pouco ramosas, de uma pollegada até tres de altura, e tanto ellas como os ramos são de cor cinzenta-alvadia, e terminam em pontas agudas.

Não se lhe divisam flores com estames nem pistil-

los regulares, e só tem nos lados umas verrugas ou tuberculos alternos, quasi rentes, um pouco chatos para cima, farinosos e alvadios.

Esta planta é inodora, tem sabor um pouco salgado, e por fim levemente acre.

Nasce naturalmente, sem cultura nem amanho, nos pincaros, e rochedos da beiramar das nossas Berlengas, da Provença e Languedoc, ilhas de Corsega, Elba, Sicilia; nas da Berberia, nas ilhas de Cabo-Verde e outras nossas de Africa, nos Açores, Canarias, Tenerife etc. »

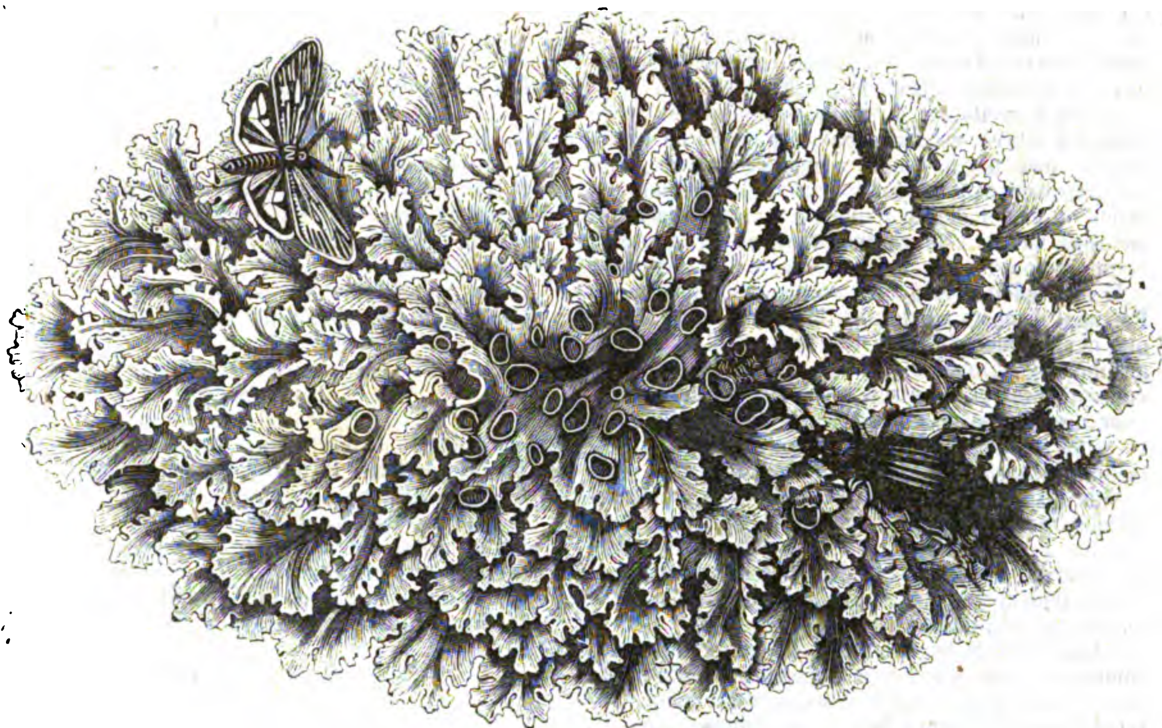
A urzella tem grande prestimo para a tinturaria, porque é o lichen que produz a mais viva cor purpurea. Serve não só para tinturaria, mas tambem para a pintura, para dar côr aos marmores, vinhos, licores, pastilhas, papeis etc.

A urzella, desde muito tempo conhecida nas Canarias, só em 1730 se descobriu nas nossas possessões de Africa.

Uns negociantes de Tenerife, á vista de uma amostra d'este musgo que lhe foi enviada da ilha Brava (uma das do archipelago de Cabo-Verde), mandaram uma embarcação com alguns urzelleiros áquella ilha, onde carregaram 500 quintaes, dando de *luvas* ao capitão-mór, pelà licença, uma pataca por quintal.

Os jesuitas sabendo d'isto, e conhecendo o valor commercial d'esta planta, requereram a el-rei D. João v privilegio exclusivo para apanhar e exportar aquella *hervinha secca*, querendo inculcar por este humilde nome, que a planta era de pouca valia, ou talvez (Deus nos perdoe) para illudir a boa fé do governo, suppondo-o ignorante do prestimo industrial d'aquelle lichen.

Mas o rei, que já estava bem informado, em vez de dar o privilegio aos padres, tomou-o para si, prohibindo a apanha da urzella, e dando-a de arrematação a um negociante hollandez estabelecido em Lisboa. Em 1750 arrematou-a um portuguez chamado José Gomes da Silva Candêas, que lhe deu



Urzella

grande incremento, até que passou para a administração da companhia do Grão Pará e Maranhão, que fraudou o estado grandemente, em virtude do que passou a ser administrada por conta do governo em 1750.

Prosperou muito desde esse tempo, a ponto que de 1820 a 1840, subiu o seu rendimento liquido para o thesouro, de 80 a 100 contos de réis.

O decreto de 17 de janeiro de 1837, que declarou livre a exportação da urzella das provincias de Angola, Moçambique, S. Thomé e Principe, posto não fosse tão boa como a de Cabo-Verde, fez-lhe perniciosa concurrencia, pelo que os arrematantes largaram o contrato.

Em 5 de junho de 1844, promulgou-se outro decreto, declarando que o commercio das plantas conhecidas pelo nome de urzella, ficava, em todas as provincias portuguezas de Africa, exclusivamente reservado ao governo, o qual o poderia dar por contrato, se fosse conveniente, gozando os contratadores de todos os privilegios concedidos aos arrematantes de fazenda publica.

Os investigadores que desejarem mais amplas noticias, podem ver a citada memoria do dr. Brotero; a do naturalista brasileiro Feijó, no t. 5. das « Memorias Economicas » da academia real das sciencias de Lisboa; a « Chorographia Cabo-Verdiana, e os « Ensaios estatisticos » de Lopes de Lima.

BIBLIOTHECA ESCHOLAR

Como jornal dedicado á instrucção popular, tem este obrigação de insinuar e aconselhar, quaes os livros mais aptos e correctos para o ensino das diversas disciplinas, comprehendidas no curso de preparatorios para mais altos estudos.

O novo conselho de instrucção publica já classificou discretamente em tres cathegorias os livros des-

tinados para o ensino publico, a saber: *adoptados*, *approvados* e *prohibidos*.

D'este modo teremos a final uma «bibliotheca escholar.»

Em quanto, porém, se não procede a essa classificação, iremos apontando os livros que já tiveram bem merecida approvação do antigo conselho, e outros, que posto não a tivessem, gozam de boa opinião, e tem já sido experimentados.

Entre os que reunem as duas condições de approvados e experimentados, tem distincto logar o *Bosquejo Metrico da Historia de Portugal*, composto pelo conselheiro A. J. Viale, professor de linguas, historia e litteratura da familia real, e de litteratura antiga no curso superior de lettras.

Este livro, com quanto seja do genero didactico, é, todavia, superior aos dois graus da instrucção primaria, como o proprio auctor declara na advertencia preliminar, mas sim optimo para os exercicios praticos da secundaria.

Ouçamol-o nos seguintes periodos:

«Poucos serão os successos de alguma importancia occorridos na nossa patria, ou concernentes a ella, que não se memorem nas duzentas setenta e tantas oitavas de que se compõe esta obra, consagrada á estudiosa mocidade portugueza.

Assim, a recitação, ou ainda a simples leitura de qualquer oitava, escolhida pelo professor, ou tirada á sorte, póde dar assumpto a mais de uma pergunta por parte do examinador e pela do examinado; o maior ou menor desenvolvimento ácerca do facto ou factos na mesma estancia indicados, ou a respeito do heroe ou do escriptor de que n'ella se faça menção.»

E com effeito, está este epitome da historia de Portugal disposto por tal arte para o fim designado, que nem sequer lhe falta um indice historico, biographico, geographico, etc., para que, sem ser necessario recorrer a outros livros, se possam averiguar e expôr os principaes acontecimentos que deve saber todo aquelle que se glorie de ser filho d'esta heroica nação.

Sobre o seu merito litterario e poetico, basta dizermos, que um juiz supremo n'estas materias, o sr. Antonio F. de Castilho, transcrevendo d'elle algumas oitavas n'uma selecta dos auctores de boa nota que podem servir de exemplares nas escholas, o qualifica d'este modo:

«Acabastes de ler os elogios da nossa lingua em commum; razão é que vejaes agora o que do merecimento de seus principaes classicos escreve um contemporaneo, que, em a bem saber, hombrêa com elles, e no tratal-a com facundia, elegancia, harmonia e primor de rima, a nenhum outro cede vantagem.»

Ha já duas edições do *Bosquejo Metrico* (1856 e 1858); e o auctor escreve actualmente novas estancias para acrescentar á terceira, que não tardará lhe seja pedida.

Algumas d'essas novas estancias, a respeito de escriptores classicos ou de nomeada, são as seguintes, que obtivemos da amigavel condescendencia do distincto poeta, nosso douto collega e mestre, o sr. conselheiro Viale.

Além da riqueza e propriedade da linguagem e rima, modelo seguro para estudo de principiantes, as oitavas que publicâmos, fazem muito ao nosso intento, que é incitar a mocidade á leitura dos nossos bons auctores, para retemperar a linguagem, tão desbotada hoje, não tanto pela corrente salôbra dos livros francezes, quanto pelo desprezo das fontes copiosas que temos nos classicos, que só ellas podem abrir-lhe e realçar-lhe as côres nativas.

Para este fim, pozemos em nota, a cada estancia, a obra de cada auctor que se deve preferir, quanto á linguagem.

ADDIÇÕES AO «BOSQUEJO METRICO DA HISTORIA DE PORTUGAL»

Depois da oitava 18, canto III

FRANCISCO DE MORAES [1]

Mil sonhos vãos de accesa phantasia
Conta Moraes, em phrase pura e tersa:
De paladins o esforço a galhardia,
De bellas damas dita, ou sorte adversa.
Com elle, estudioso, noite e dia,
Do luso Pindo o principe conversa,
E adorna assim, ufano, os seus poemas,
Com galas mais louçãs, com finas gemmas.

Depois da oitava 24, idem

S. JOÃO DE DEUS [2]

Em quanto Xavier, da fé divina
As luzes leva ás regiões da aurora,
João a caridade á gente ensina,
Que a fé já recebêra, e a Christo adora.
O prelado da egreja granadina
Vendo quanto em seu zelo se afervora,
«João de Deus» o acclama! Um tal cognome
Em brilho excede ao mais augusto nome.

Varão de Deus, consagra, a Deus acceito,
Gostoso, a seus irmãos fazenda e vida:
O fraternal amor, que arde em seu peito,
Continua impõe-lhe trabalhosa lida.
Devem-lhe enfermos mil conforto, leito,
Cura, desvelos, hospital, guarida:
D'elle, e dos filhos seus e imitadores,
Grátos, tres povos cantam os louvores.

Depois da oitava 37, idem

FR. THOMÉ DE JESUS [3]

Filho e traslado do hipponense Antiste,
Thomé, no amor fraterno ardendo absorto,
Em Alcacer aos seus exhorta, assiste,
Té que é preso, ferido e semi-morto.
Medita após, e narra em prisão triste,
(Que na aridez do acerbo desconforto
Chove-lhe a graça mysticos orvalhos)
De Jesus as finezas e os trabalhos.

Depois da oitava 47, idem

D. FR. AMADOR ARRAES [4] FRANCISCO RODRIGUES LOBO [5]

Arraes, brasão de Beja, e do Carmello,
Rico em sciencia humana e na divina,
Com attico sabor, e estilo bello,
Dicta preceitos de moral doutrina.

[1] Auctor classico da *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, e de outros escriptos romanticos. Era tão zeloso da lingua portugueza, que tendo feito um vilancete em castelhano, logo, por modo de emenda, compoz outro em portuguez, com a seguinte protestação: «Hei que faço injuria á minha natureza, querer bem como portuguez e escrevel-o em castelhano.»

[2] Santo portuguez, instituidor dos frades, ditos de S. João de Deus, para a cura e tratamento dos enfermos nos hospitaes. Escreveu varias cartas espirituaes, que andam publicadas nas suas biographias.

[3] Auctor classico da obra mystica intitulada *Trabalhos de Jesus*. Compoz este livro nas masmorras de Fez, porque foi um dos que acompanharam el-rei D. Sebastião a Africa, e ficou captivo na infausta batalha de Alcacerquibir. Escreveu esta obra com tanta difficuldade, que o capitulo ou trabalho XLVIII, confessa elle, «tel-o composto um dia que se viu muito affligido e desconsolado de dentro e de fóra, carregado de ferros, preso, só, e em uma casa tão escura, que para o escrever não teve mais luz, que a que lhe entrava por gretas de uma porta, que não tinham mais que a grossura de uma penna de gallinha.»

[4] Auctor classico de um volume de *Dialogos*, de grande erudição, boa doutrina, copiosa e tersa linguagem.

[5] Auctor classico de varias obras de prosa e verso, entre as quaes se avantaja a *Corte na Aldêa*, livro mui aprazivel, e prestadio para o estudo da nossa lingua e costumes antigos. Tambem é d'elle um poema em vinte cantos de oitava rima, intitulado o *Condestavel de Portugal*, em que as acções de D. Nuno Alvares Pereira são altamente sublimadas.

Cortezão e pastor, culto e singelo,
Rodrigues toca a flauta campezina:
Mas seu fado não quer que aos astros suba,
E com applauso egual emboque a tuba.

VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO [6]

Do Quinto Affonso, com primores de arte,
As lybicas facções canta Quevedo:
Horrores narra do cruento Marte,
Pinta amenos jardins, Tartareo enredo,
A sublime belleza alcança em parte
Dos cantores do Gama e de Godfredo;
E ao lado d'elles, no heliòneo monte,
Cinge de epico loiro a douta fronte.

Depois da oitava 18, canto IV

FR. FRANCISCO DE S. AGOSTINHO MACEDO [7]

De erudição rarissimo portento,
Macedo, então florece, e a Italia espanta:
Mas sciencia arrogante é fumo, é vento,
Que inutil sobe ao ar, que pó levanta.
Aos pósteros não lega um monumento
Que digno haja de ser de gloria tanta:
De tanto engenho, estudo e altivos ausos,
Tão só colhe infructiferos applausos.

D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO [8]

Mello, escriptor fecundo, e douto e arguto,
Narra, ensina, diverte, e ao bem exhorta,
Do templo da moral, com gloria e fructo,
Ornando a senda, descerrando a porta.
Em mais de um lance de tristeza e lucto,
Com brando elóquio miseros conforta,
E a ditosos, do fado entre as caricias,
Augmenta, apura os gozos, as delicias.

Depois da oitava 18, canto V

JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA [9]

Mais de um douto escriptor, em varios ramos,
Ostenta engenho, e porfiado estudo:
Acode a mocidade aos seus reclamos,
E ceifa palmas no pollineo ludo.
D'alta sciencia que ao varão de Samos,
Em tudo grande, preferíra a tudo,
Cunha penetra os adytos, e d'ella
Toda a doutrina, lucido, revela.

Depois da oitava 28, idem

THOMAZ ANTONIO GONZAGA [10]

Aos mais nobres laureis prepoz Gonzaga
De myrtho e rosas vivida capella:
A Téa lyra herdou, tão doce e maga,
Mas assumpto cantou mais digno d'ella:
Nunca a torpes paixões tributo paga
A musa de Dircéo pudica e bella:
Aos do cantor de Laura eguaes estimo
Seus carmes, em frescor, ternura e mimo.

A. J. VIALE

Auctor classico do poema heroico da conquista de Arzila e Tanger por el-rei D. Affonso V, que por esta razão intitulou *Affonso Africano*.

[7] Jesuita, e depois frade capucho, homem de immensa erudição e portentosa memoria, celebrado por ter defendido em Roma theses de *omnia scibili*, e publicado centenares de escriptos em prosa e verso, nas linguas latina, espanhola, italiana e portugueza.

[8] Auctor do poema erotico intitulado *Marilia de Dircéo*, e comparado por alguns a Petrarca. Está já traduzido em italiano.

[9] Auctor classico, e um dos escriptores mais copiosos e creadores da nossa lingua.

Ha d'elle muitas obras, quasi todas impressas, de historia, moral, e litteratura, prosa e verso. As mais gabadas são os *Apologos Dialogaes*, e a collecção das suas *Cartas Familiares*, a respeito das quaes escreveu tal auctoridade, como é o sr A. Herculano, o seguinte:

« O sal com que estão escriptos estes inimitaveis *Dialogos*, o modo com que n'elles se castigam as loucuras, ridicularias, e maldades de uma sociedade corrupta; o talento com que o auctor trava esta especie de drama, genero de que alguma coisa participa o dialogistico, a critica, erudição e bom gosto de que elle dá provas, principalmente no dialogo, são os principaes motivos para se dar a este livro a primazia entre tantos que D. Francisco Manuel escreveu. »

« Estas *Cartas*, que pela natureza do livro, pareciam o menos importante dos que compoz o nosso auctor, são um dos mais illustres monumentos da sua gloria litteraria. A variedade das materias, o tom conveniente, o estilo, e sobre tudo a pureza e propriedade da dicção, fazem que ellas sejam um dos melhores modelos, dos que n'este genero possue a lingua portugueza. »

[10] Celebre mathematico e poeta, cujas obras acreditam grandemente a sua sciencia e litteratura.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Em quanto não damos vasão aos artigos mais interessantes que nos tem affluido, somos forçados a estreitar as observações, que havemos começado, sobre a propriedade e construcção grammatical da nossa lingua.

Iremos, comtudo, dando sempre algum aviso tocante aos erros mais arreigados e vulgares.

É trivial ouvirmos e lermos em lettra redonda: Não passou *desapercebida* a sua observação, tal pessoa, objecto ou allusão. Fulano fez-se *desapercebido*, ou fiz-me *desapercebido*.

N'estas, e em outras muitas phrases vulgares que ora nos não lembra, erra-se vergonhosamente a natureza do verbo desaperceber, e a sua regencia.

Desaperceber, que ordinariamente se usa no participio desapercebido, é verbo activo, e significa desapparelhar, desarmar, desprover, e tambem desavisar, desprevenir.

Desperceber e despercebido, é não ter ou não ser percebido, não entender, não reparar. Já se vê que este verbo tem accepção e natureza mui diversa d'aquell'outro, e usal-o pelo modo apontado nas locuções que acima transcrevemos, é barbarismo intoleravel.

Deve-se, pois, dizer: Não passou despercebida a sua allusão. Fulano fez-se despercebido, isto é, desentendido, etc.

« O reino está desapercebido de armas e de mantimentos », disse Vieira, isto é, desprovido, desguarnecido, desarmado, sem os *apercebimentos* necessarios para a guerra.

« As tentações do demonio, peccadores, vos tomam desapercebidos », escreveu Diogo de Paiva, queria dizer, sem estardes prevenidos, preparados, escudados, com a fé, doutrina e orações da egreja.

Em summa, temos o adagio que diz: « Homem desapercebido, meio combatido. » Isto é, descuidado, desarmado, não provído ou prevenido para qualquer accommettimento, insulto ou engano.

Basta o pouco que fica dito, para que os escriptores principiantes evitem erro tão crasso, a que infelizmente os induzem até alguns diccionarios da nossa lingua, ou antes, da lingua de seus auctores...

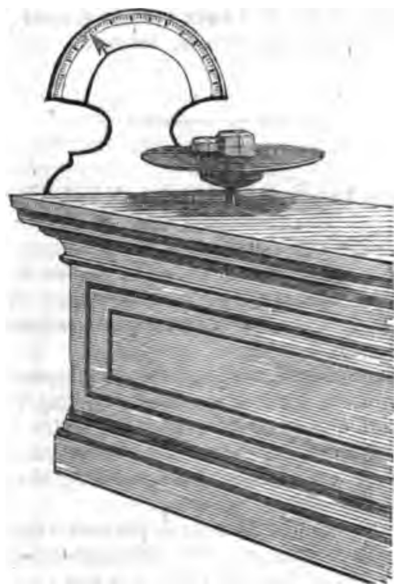
APERFEIÇOAMENTO DO PESA-BAGAGEM E MERCADORIAS

Mr. Brussaut fez já um notavel aperfeiçoamento ao seu novo engenho, por isso nos apressâmos de juntal-o á descripção e gravura que démos a pag. 5 d'este volume.

Substitue á haste da balança o seu eixo circunvertente.

Sobre o apparelho interno, que é a alma do invento, ha um prato, ou concha visivel, na qual se depõem os objectos para pesar, e o peso é indicado pela agulha do meio-quadrante de duas faces, uma

para o publico, e outra para a pessoa que o serve. (Vêde a gravura)



Além de outras, este methodo tem a vantagem de tornar impossiveis as fraudes, e simplicissimas as verificações do fisco, que n'um instante entra e vê, pela aferição, a fidelidade do peso.

Brussaut estabelece, n'esta idéa, cinco especies de pratos-pesadores, aos quaes chama: *ponte-pesadora*, para os grandes pesos ao nivel dos cáes, no solo dos armazens, etc.; o *prato-pesador-medio*, para os pesos medios; o *pesa-bagagem*, para as estações (*gares*) dos caminhos de ferro; o *pesa-pão*, e o *pesa-tabaco*.

Dissemos, quanto ao pesa-bagagem, que o empregado deveria olhar para o mesmo quadrante em que o publico verifica o peso dos fardos; Brussaut remedeia tal inconveniente, para a facilidade do serviço nas estações, assentando na guarita do empregado um contra-quadrante com um contra-ponteiro, o qual trabalha exactamente como o que vê o publico, por meio do simples movimento de relogiaria.

Como no systema dos pratos-pesadores não ha pesos, o pesa-pão, que póde ter diversas applicações, apresenta a grande vantagem de evitar o perpetuo contacto das mãos do vendedor com os pesos de cobre, cuja oxydação, transmittida aos comestiveis, prejudica a saude.

Quanto ao pesa-tabaco diremos, que o ponteiro, ou agulha, não indicará no quadrante os pesos, mas os preços. Para as mercadorias que tem preços invariaveis, é melhor graval-os na escala.

Para, em conclusão, dizermos uma palavra ácerca da construcção interior do prato-pesador, repetiremos o principio geral em que Brussaut o estabelece: «Tem por bases de acção e sensibilidade: «1.º como meio dynamometrio, a alavanca curva «rolante com contrapeso fixo e resistencia progres- «siva; 2.º como meio de mobilidade, o simples sys- «tema de suspensão conhecido e empregado nas pen- «dulas de instrumentos de precisão, applicado aqui «a um cylindro mobil tomado como testa de ala- «vanca»; e poder-se-hia ajuntar, segundo Le Noir: «3.º como ponto de apoio, o rolo circonvertente, em logar da haste.»

Será conveniente que este engenho se adopte nos nossos caminhos de ferro, para o breve despacho dos passageiros, e exacção da cobrança dos direitos da alfandega.

ANTIGUIDADES NACIONAES

RECEITA E DESPEZA DE PORTUGAL EM 1618

(Correspondencia secreta do anno 1628)

Eu fiz no anno de 618 um calculo e balanço da rendição d'esta coroa, que cuido mandei a v. ex.ª a Madrid. [1] Achava eu que esta coroa rendia 1:186 contos de réis, sem entrar n'isto a rendição do estado da India, que importava n'um milhão e 300 mil pardaus, com a rendição de Ormuz, terras de Salsete, Bardez e outros direitos.

E depois d'esta receita do reino, fiz a despeza d'elle, por quatro partidas, em que se comprehende tudo o que gasta, e de que se póde dar certeza, a saber: juros, tenças, ordenados, e logares de Africa. Sobre estas quatro rodas anda este carro, afóra armadas da costa, e armadas da India, que não recebem orçamento, nem dispendio averiguado.

Achava eu, que nas quatros partidas referidas se gastavam 627 contos de réis. Para prova da renda, direi o que me ficou de memoria, que até os rascunhos e borrões dei, e não tenho mais que a memoria, que é a minha torre do tombo ou do vento.

RECEITA

Valem as sisas	200:000$000
As alfandegas do reino	200:000$000
As 7 casas de Lisboa	90:000$000
O consulado	70:000$000
Os portos séccos	33:000$000
A extracção do sal	30:000$000
Proprios, jugadas, mestrados, cruzadas	40:000$000
A chancellaria	60:000$000
Cartas de jogar e solimão	40:000$000
O Brasil e redizima	54:000$000
O pau do Brasil	24:000$000
As terças do reino	24:000$000
A taboa de Setubal e Almada	30:000$000
As ilhas dos Açores	40:000$000
A ilha da Madeira	25:000$000
Angola	24:000$000
A ilha de S. Thomé	10:000$000
Cabo-Verde	15:000$000
Mina	—$—
A India por orçamento, vindo duas naus, e trazendo 15 mil quintaes de pimenta, com fretes, sendo de quatro cobertas, e vendendo-se a pimenta a 25 cruzados o quintal, valem 15 mil quintaes 150 contos de réis. Importaram os direitos 100 contos de réis	250:000$000
Total da receita	1:259:000$000

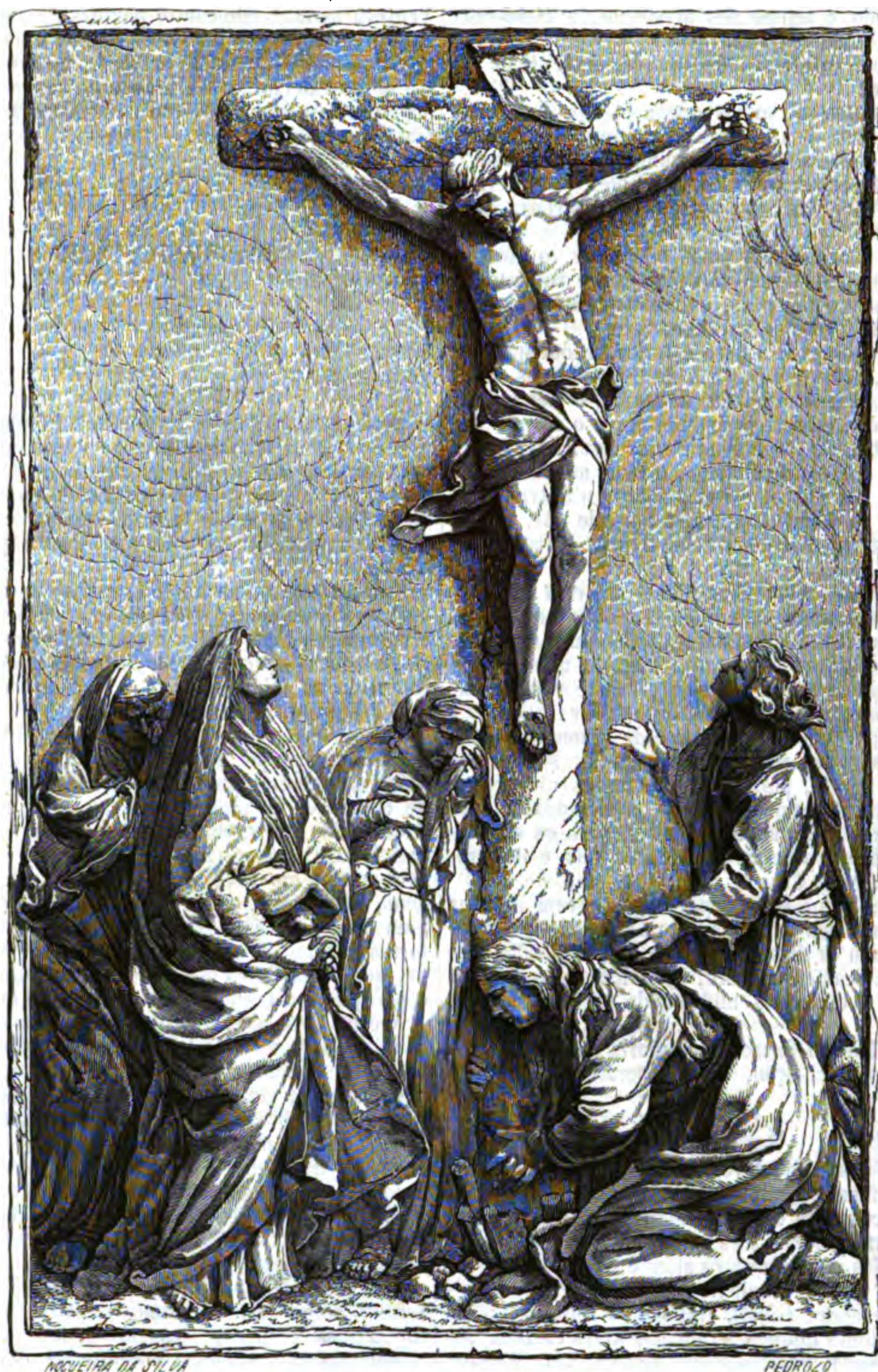
DESPEZA

Devia a coroa de juros que pagava no anno de 618	185:000$000
Devia de tenças que pagava, de pão, azeite, vinho e dinheiro em vidas	200:000$000
Devia de ordenado, do reino e Brasil	137:000$000
Devia de logares de Africa, Ceuta, Tanger, Mazagão	95:000$000
Total da despeza	617:000$000

(Continúa)

[1] O Conde-duque de Olivares, portentoso valido e ministro de Filippe IV de Hespanha e III de Portugal.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



CHRISTO CRUCIFICADO

(Alto relevo de marmore na basilica de Mafra) — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Quando tu, Senhor, lançaste os olhos torvados do alto dos céos, para condemnares os homens orgulhosos, os sabios que renegavam da origem de toda a sciencia, tinham elles passado, e não lhes achaste outro vestigio senão o grande silencio das suas campas.

E a nós, que lhes succedemos, viste-nos de joelhos á roda da tua Cruz.

A arvore da sabedoria havia bracejado mais robustos troncos, mais virentes ramagens; e foi-nos provado, então, que ella nascêra no Calvario.

Hoje, Senhor, a historia humana vem confirmar todos os dias a tua historia divina. A philosophia actual ergue sobre as ruinas dos systemas passados o lábaro da tua philosophia.

As nações que vês agitarem-se e rugirem dolorosamente em luctas civis, não fazem senão preparar-se para poderem escrever nas taboas de bronze das suas leis, duas palavras que resumem todo o Evangelho — a liberdade e a fraternidade.

A. HERCULANO

O CRUX, AVÈ!

É chegado o tempo dos mysterios, a *Hebdomas Magna*, a Semana do Calvario.

Calae-vos, interesses do mundo. Avè, Cruz do Redemptor!

Havia quatro mil annos que a justiça do Eterno esperava junto de ti o resgate do genero humano; e o resgate chegou com o escolhido de Deus, com o manso que venceu os fortes, o simples que atterrou os sabios, o pobre que abateu os soberbos. Avè, Cruz!

Chegou o vaticinado pelos prophetas, o Messias promettido, o suspirado das nações; e tu vistel-o, vergando sob o teu peso, caminhar tranquillo para á montanha do Golgotha. Avè, Cruz!

Chegou o escandalo para a Judéa, a loucura para os gentios, a força e a gloria de Deus para os christãos. Chegou o descendente de David, o Rei annunciado, e Rei o ouviste proclamar entre o apupar das turbas — *Hic est Jesus Nazarenus Rex*. Avè, Cruz!

Chegou o Filho do Homem, o Deus mandado pelo Senhor, o Rei pobre, o Rei pacifico, o Salvador do mundo; e tu vistel-o expirar á hora de nôa, implorando o Eterno Pai pelos seus algozes — *Pater, dimitte illis*. Avè, Avè, Cruz!

Expirou. Era Elle. *Verè Filius Dei erat iste.*

Cumpriram-se os vaticinios. O véo do templo rasgou-se, os rochedos estalaram, as sepulturas abriram-se, as trevas cobriram a face do universo; e tu, no meio de tantos prodigios, ficaste symbolisando a redempção dos homens. Avè, Cruz!

Ficaste; e por isso do monte da ignominia, onde te erguias como patibulo de infamia, subiste, já brazão de gloria, para os altares do sacrificio, para as fachadas dos templos, para os estandartes das nações, para as armas das cidades, para os escudos dos guerreiros, para as coroas dos reis e dos imperadores. Avè, Cruz!

Ficaste; e por isso os povos se curvam ás tuas plantas, por isso os afflictos te abraçam esperançosos, por isso és throno de graça e misericordia, por isso te radicaste na terra, e és hoje adorada por duzentos e cincoenta milhões de creaturas. Avè, Cruz!

Avè! Madeiro Sacrosanto, gloria do Libano, penhor de reconciliação, unica esperança das gentes. Avè!

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

* *

O magestoso alto relevo, que hoje reproduzimos pela gravura, fórma o retabulo do altar da primeira capella do corpo da egreja de Mafra, do lado do evangelho, consagrado a Jesus Christo Crucificado.

É um dos vinte e quatro altos e baixos relevos de marmore, que para aquelle sumptuoso templo esculpiram Alexandre Giusti, italiano, e seus discipulos Pedro Antonio Luques, Francisco Alves Canada, José de Almeida, Francisco Leal Garcia, Braz Toscano de Mello, Roberto Luiz da Silva e outros de que esperâmos dar noticia, durante a publicação das suas obras, as quaes, pela photographia, contâmos poder divulgar com toda a exacção.

Melhor não nos era dado commemorar a semana da Paixão do Redemptor, n'estas paginas, do que expondo tão edificante painel, com as reverentes palavras de tão catholicos escriptores, á contemplação religiosa dos nossos leitores.

O quadro tem, no seu composto, na escolha, acção e expressivo das figuras, o horrivel e pavoroso do deicidio que representa!

O Filho de Deus, feito homem, tem apenas alli, junto do patibulo, para lhe recolher o ultimo suspiro, o discipulo amado, sua santissima mãe, e as santas mulheres que nunca o desampararam. Esta piedade do sexo feminino inspirou ao eloquente padre Ventura as mais edificantes paginas do seu moderno livro «As mulheres do Evangelho»; e antes d'elle, ao nosso padre Vieira, as arrojadas apostrophes contra os que deixaram a fracas e chorosas mulheres, a palma da victoria em que mais se acrisola e contrastêa o animo varonil.

PHYSICA POPULAR

I

OZONE

(Vid. pag. 20)

Desde muitos seculos se tem notado que nas descargas da electricidade atmospherica, a que chamâmos raio, se espalha pelo ar um cheiro forte e desagradavel, muito parecido com o do enxofre queimado (que é um acido formado de um de enxofre e dois de oxigenio) e para alguem, com o que exhala o phosphoro.

Van Marum, reparando n'este phenomeno e attribuindo-o á acção da electricidade sobre o oxigenio atmospherico, pretendeu reproduzil-o no laboratorio, e o conseguiu, em 1783, enchendo um tubo muito comprido de oxigenio puro, e fazendo passar atravez d'este muitas faiscas electricas.

Parece que, em 1827, Scoutetten estudou o mesmo ponto, e propoz um meio facil de verificar a presença do agente ignoto no ar atmospherico. Segundo o parecer de uma commissão da academia das sciencias de Paris, composta de tres vogaes, que foram Balard, Boussingault e Becquerel, foi Schoenbein quem, em 1840, recomeçou o estudo do oxigenio electrisado, e lhe deu o nome de *ozone*. Algum tempo depois, este mesmo observador achou e tornou conhecido um processo para se obter o ozone, que consiste em fazer actuar o ar humido sobre o phosphoro á temperatura de 20 a 25 gráos.

A estas primeiras tentativas seguiram-se os estudos de Morignac e de La Rive, que acharam ser o ozone o oxigenio n'um estado particular de actividade chimica, isto é, n'um estado em que póde entrar em combinações, e produzir phenomenos que n'outro estado não póde produzir.

Fremy e Becquerel reconheceram a verdade das opiniões de Morignac e de La Rive, e convenceram-se de que era a electricidade o agente da modificação notavel que o oxigenio, em certas circunstancias, experimenta para se converter em ozone.

Em consequencia da energia chimica que apresenta o corpo de que estamos tratando, chamaram-lhe alguns chimicos *oxigenio activo;* outros denominaram-n'o *oxigenio electrisado;* Becquerel, e mais alguns propozeram que se lhe désse o nome de *oxigenio cheiroso*.

O nome de ozone, que a todos os outros tem prevalecido, e que vem de uma palavra grega, que quer dizer no nosso idioma *ter cheiro,* se não é muito significativo, tem de bom ser curto e facil de pronunciar.

Bussen e Magnus julgaram, estudando o ozone, que em vez de um, existiam dois ozones; um constituido pelo oxigenio no estado allotropico, e outro pela combinação do oxigenio com o hydrogenio.

Schoenbein, repetindo as experiencias de Bussen, rectificou os factos. Effectivamente, ha duas especies de ozone, mas em nenhum d'elles entra o hy-

drogenio (o hydrogenio é um gaz muito importante, que combinado com o oxigenio constitue a agua). Uma das especies do ozone é o oxigenio modificado pela electricidade positiva; a outra especie é o oxigenio modificado pela electricidade negativa.

Se novas experiencias não vierem contradizer as asserções de Schoenbein; se na realidade existirem dois estados allotropicos do oxigenio, provenientes da acção das duas electricidades, poder-se-hão explicar muitos phenomenos naturaes, cujas causas mal se entendiam. A quantidade do ozone na atmosphera parece variar muito com os differentes estados electricos da mesma atmosphera. Ás vezes parece não existir alli; comtudo alguem affirma que a sua formação é incessante junto das arvores, das habitações, e das montanhas.

Para reconhecer a sua presença e apreciar a sua quantidade, não tem ainda os observadores meio que plenamente satisfaça o espirito. Os que se usam mais são os papeis ozonometricos.

Os papeis ozonometricos preparam-se, tomando papel sem colla, e mergulhando-o por um certo espaço de tempo em agua distillada, contendo porções determinadas de iodureto de potassio (corpo formado de iode e potassio) e de amido, substancia que todos conhecem pelo nome vulgarissimo de pós de gomma. Quando o papel está bem ensopado, tira-se, estende-se sobre laminas de vidro bem lizas, e põe-se a seccar em sitio sombrio, e onde não haja corrente de ar. Feito isto, corta-se em tiras de dez centimetros de comprimento e de um centimetro de largura.

Para fazer as observações ozonometricas, toma-se uma tira do papel, e suspende-se n'um logar ventilado onde não dê o sol, nem penetre a chuva, longe de estabulos, cavallariças, montureiras, ou de quaesquer substancias em putrefacção. De doze em doze horas suspende-se uma tira nova, e observa-se a alteração da côr que apresenta a que foi substituida.

Vejamos agora como é que o ozone altera a côr do papel ozonometrico, e como se avalia e representa aquella alteração.

O papel, cuja preparação fica explicada, contém amido e iodureto de potassio; o ozone actua sobre o potassio, que estava unido ao iode, separa-o d'este e converte-o n'um corpo novo, chamado *potassa*.

Então o iode, libertado da combinação em que se achava com o metal, actua sobre o amido e fórma com elle um novo composto, *iodureto d'amido*, dotado de uma côr azul caracteristica, mas que se mostra com gradações numerosas, conforme a quantidade do iode que entra na combinação.

Para bem se apreciar a gradação da côr e indicar de um modo intelligivel, usa-se de uma escala chromatica, feita com porções determinadas de iode, para ponto de comparação da côr da tira.

As escalas mais em voga são as de Schoenbein, e de Bezigny.

A de Schoenbein consta de dez tiras pintadas desde o branco até ao azul intenso. O branco é o zero; as outras gradações até ao azul forte são designadas cada uma por um numero.

A escala de Berigny consta de vinte e uma listas coradas d'azul violaceo; a branca é o zero. Cada lista é designada por um numero inteiro.

Quando se faz a observação ozonometrica, molha-se o papel em agua distillada, e em seguida faz-se correr ao longo da escala até se encontrar uma tira, cuja côr combine exactamente com a do papel; ou então duas tiras de cujas côres seja cambiante a do papel. No primeiro caso indica-se a côr do papel por um numero inteiro, que é o indice da lista correspondente da escala chromatica; no segundo caso, indica-se a côr do papel por um numero inteiro e uma fracção. O numero inteiro indica a côr mais fraca correspondente da escala; a decimal exprime aproximadamente a relação que ha entre a côr do papel e a immediata mais forte da escala.

É escusado dizer que quanto mais ozone existir na atmosphera, tanto mais potassio se oxida; e que quanto mais potassa se formar, tanto mais o iode livre córa o amido.

Concluiremos este artigo dizendo, que o fim que os medicos e os meteorologistas tem tido em vista conseguir, estudando o ozone, é verificar até que ponto a sua presença na atmosphera influe na saude dos entes organisados, principalmente na do homem; e dos outros animaes de que o homem se serve mais ordinariamente.

Em um dos proximos numeros d'este semanario, trataremos da influencia do ar na salubridade dos povos, e então exporemos o que até ao presente se tem escripto ácerca do ozone, como agente cosmico.

SOUSA TELLES JUNIOR

ANTIGUIDADES NACIONAES

APRESTOS QUE EL-REI D. SEBASTIÃO MANDOU FAZER A FLANDRES E ALLEMANHA PARA A JORNADA DE AFRICA

A tomada de Tetuão, no imperio de Marrocos, pelas tropas aguerridas dos nossos convisinhos e amigos hespanhoes, tem suscitado a lembrança das nossas gloriosas façanhas em Africa, nos seculos passados.

A este proposito publicâmos hoje uma memoria inedita dos aprestos que el-rei D. Sebastião mandou fazer fóra do reino, para a fatal jornada de Alcacerquibir.

Não obstante ter o erudito Diogo Barbosa Machado compillado em 4 vol. de fol. todas as memorias que póde haver tocantes ao reinado de D. Sebastião, e haver uma chronica d'esse rei, escripta pelo capellão-mór da armada que transportou o exercito portuguez a Africa, fr. Bernardo da Cruz, publicada e annotada pelo sr. A. Herculano, não conferem estes dois auctores entre si, nem com o nosso ms.

Fr. Bernardo da Cruz, que assistiu a toda a faina do alistamento de gente e aprestos necessarios para a conquista intentada por D. Sebastião, diz que el-rei impetrára do summo pontifice, Gregorio XIII, a bulla da cruzada, com o que tirou grande copia de dinheiro; e mais impetrára do papa as terças das egrejas, o qual subsidio, *como era muito pesado e escandaloso*, fez el-rei composição com a egreja, que voluntariamente lhe dera cincoenta mil cruzados; que além d'isto, tomára el-rei o trato do sal, e juntamente houve pedidos lançados pelos povos e mercadores; que aos prelados e outros seculares ricos, mandára pedir dinheiro emprestado, com as quaes coisas e outras d'esta maneira, boas diligencias de arrecadar *e empenhar as rendas do reino e contratos*, se juntou grande quantidade de dinheiro, com que el-rei mandou logo fazer grandes provimentos e munições, etc. Que toda a gente fidalga e honrada se provêra á sua custa de todo o necessario, muitos vendendo peças, propriedades, e empenhando rendas e morgados, com muito gosto de o servirem e acompanharem. Que mandára Sebastião da Costa, seu escrivão da fazenda, a Allemanha, buscar tres mil tedescos, e em Castella tocar caixa, onde se fizeram dois mil soldados. Que com esta gente e a do reino, fizera o numero de 14,000 infantes, 1,500

de cavallo, assim acobertados como ligeiros, afóra 1,500 gastadores e outra gente de serviço, o que tudo fazia o total de 25,000 homens. Que a estes juntára as tropas de guarnição das praças que tinhamos na Africa.

A nossa memoria, que é do tempo de Filippe II, não inculca que houvesse tantos meios, porque ahi se diz que fôra um commissario a Flandres levantar dinheiro sobre o estanco do sal.

Tambem é curiosa a coincidencia de que uma das peças de artilheria, que os hespanhoes tomaram aos marroquinos em Tetuão, deve ser alguma das seis que menciona está memoria, mandadas fundir a Flandres para a jornada de Africa.

Posto que julguemos errada a copia da inscripção que os jornaes hespanhoes dizem ter essa peça, que é de bronze, o ser fundida em Mechlen, nome que os flamengos davam á antiga cidade de Flandres, que hoje pertence á Belgica, com o nome de Malines, e ter as armas e nome del-rei D. Sebastião, denota que é alguma d'estas seis.

Consta-nos que o governo de Hespanha quer fazer a gentileza de presentear el-rei de Portugal com esta peça. Em quanto ella não chega, tratámos de obter um desenho, para a dar gravada aos nossos leitores.

Agora leia-se a memoria a que nos temos referido.

«Mandou el-rei D. Nun'alvares Pereira a Flandres aprestar coisas necessarias para a jornada de Africa, e lhe deu um poder amplo e bastante, para tomar a cambio quatrocentos mil cruzados, a razão de oito por cento; e consignar os pagamentos na pimenta e drogas da India, na fórma que bem lhe parecesse; e assim lhe deu poder de rescindir o contrato que el-rei tinha feito com Conrado Noel, e Natanel Icong, de noventa e cinco mil quintaes de pimenta, por tres annos, dando elle seu consentimento a este destracto, e dal-o para contratar com quaesquer outras pessoas que bem lhe parecesse, isto por carta sua feita em latim na cidade de Lisboa a 11 de dezembro de 1577.

Mandou-lhe el-rei que intentasse fazer em Allemanha contrato sobre uma grande copia de trigo bom, e em bom preço, encommendando-lhe dois mil quintaes de polvora, mil de bombarda, e mil de arcabuz; copia de salitre, quinhentos mosquetes, um par de mestres de artilheria que quizessem viver em Portugal, catholicos. Que tratasse com Natanel, correspondente de Conrado, sobre fazer alistar 60 bombardeiros destros na campanha, de que se podessem fazer condestaveis; que se assentasse o modo mais accommodado de haver mestres, breu, e tambem o que sería bom fazer no contrato do sal, por instrucção del-rei feita em Lisboa a 21 de fevereiro de 1578.

O que se mandou vir de Flandres e Allemanha para a jornada d'Africa, foi:

3,000 quintaes de toucinho,
1,500 de chacina e lacões,
3,000 quintaes de queijo,
3,000 quintaes de farinha,
600 barricas de trigo,
6 peças de artilheria de campo com seus reparos,
6 peças desencavalgadas para cá se juntarem,
2,000 pelouros de ferro coado para estas peças,
80 rodas de reparos forrados de sua ferragem, fóra reparos de artilheria, conforme os de cima,
40 eixos para estas rodas,
60 falcas grandes de reparos,
3 vaivens de madeira com suas argolas de ferro e cadeias,
2 vaivens mais pequenos com suas argolas e cadeias de ferro,
4 artilheiros de campo,
60 bombardeiros allemães,
300 mosquetes grandes, todos de um pelouro,
4,000 arcabuzes de Noremberga, todos de uma menção e pelouro,
120,000 morrões de arcabuz,
2,500 quintaes de polvora de bombarda e arcabuz,
1,200 quintaes de enxarcia de todas as sortes,
1,000 lanternas,
300 quintaes de candeias de sebo em caixões,
100 quintaes de sebo em quartos,
100 quintaes de cera,
2,000 baldes de couro,
400 cantaros de cobre,
1,000 caldeirões de tirar agua de poços, de cobre,
1,000 de folha de lata sorteados, entre grandes e pequenos,
1,000 gamellas de pau pequenas,
20,000 escudelas de pau,
24 balanças com seus pesos, para se dar regra ao mantimento,
12 balanças para se pesar polvora e chumbo aos soldados,
4,000 sapatos de couro, de differentes medidas, para gente grande,
8,000 murrões alcatroados para alumiar de noite como tocha,
3,000 barris de breu,
150 barris de alcatrão,
40 quintaes de enxofre,
5,000 saccos de canhamaço de 6 e 7 alqueires,
8 escadas grandes quebradiças, com sua ferragem,
20,000 varas de canhamaço,
500 lonas para tendas,
4 engenhos para levantar artilheria, com dez de trazer em Allemanha os carros de conductas, guarnecidos com suas cadeias.

Depois mandou el-rei vir mais 2,000 arcabuzes, e mais 1,000 morrões.

Foram na armada com el-rei perto de mil velas, e só por lista dos armazens se proveram 750.»

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O castanheiro dos cem cavallos
O platano de Godfredo de Bulhão — O cedro de Washington
Os cedros do Libano
As gommiferas dos pantanos de Van-Diemen
A figueira de Tonga-Tabou — As algas de Anna-Maria
O carvalho de Penafiel

Vinde commigo, leitor, que vou mostrar-vos as baleias e os elephantes do reino vegetal.

Os gigantes e os pygmeus despertam-nos mais interesse do que as estaturas mediocres. Não ha nada mais natural. As grandezas medianas são coisas ordinarias, e tudo o que sáe d'esta orbita excita a nossa attenção pela similhança com o maravilhoso, cuja idéa nos attrahe e lisongeia, que nos enthusiasma e nos distrahe de certo aborrimento que sentimos, contemplando o panorama da vida, na instinctiva esperança em que estamos de maravilhas futuras, a mais extraordinaria das quaes, e ao mesmo tempo as mais desviadas da natureza presente, são como as prophecias.

Ora, para vos mostrar estas arvores gigantes, é mister que façamos juntos uma longa viagem, maior do que á volta do mundo; porém, como é de imaginação que vamos dar este passeio, não penseis em seguir-me. Franquear os mares, percorrer as ilhas, galgar as montanhas, voar de um a outro polo, são para o espirito recreios mais faceis, do que para os nossos membros os movimentos naturaes. Que differença de força entre a alma e o corpo! E ha quem acredite só n'este ultimo?

As nossas almas, pois, unidas farão a mesma viagem. Uma observará o que a outra apontar. Compete-me a ultima parte.

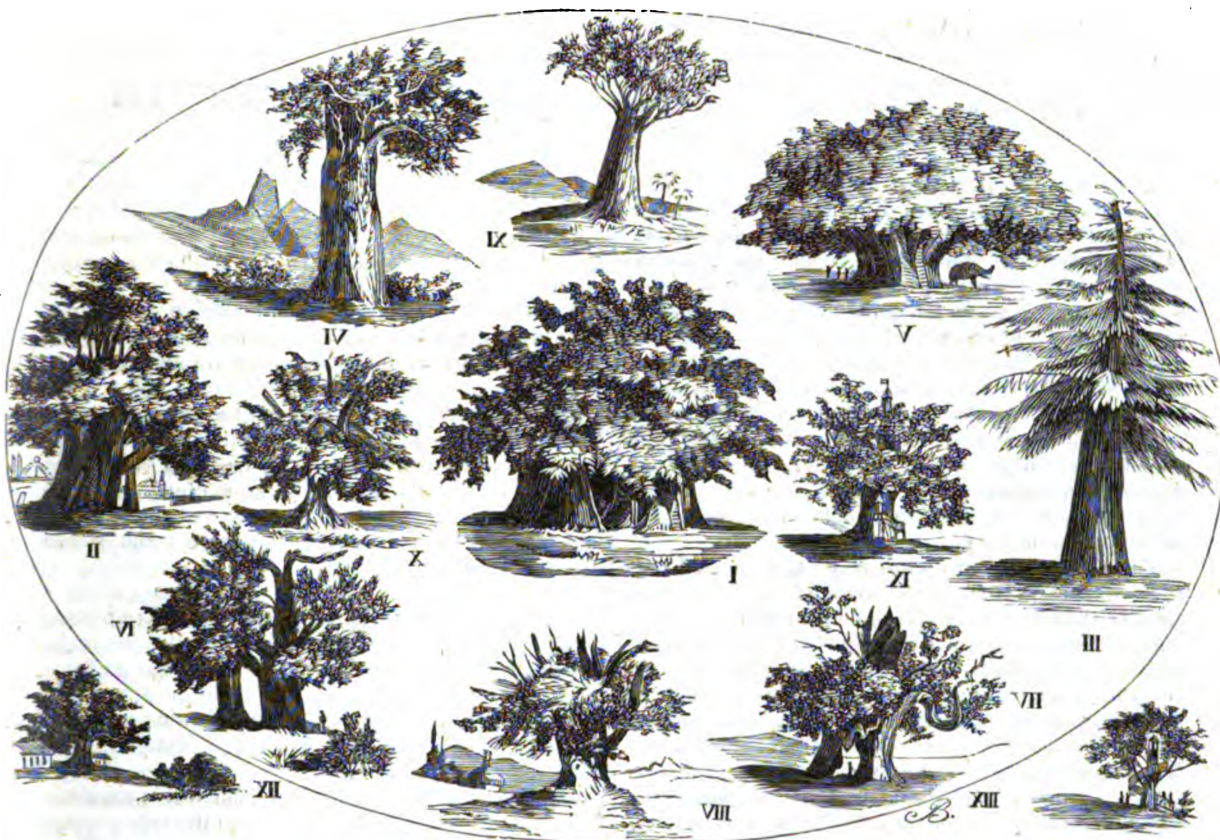
I

Partimos de Lisboa para a Italia, e já estamos na Sicilia, ao pé do seu volcão.

Vêdes esta arvore immensa? É a maior que existe na terra. A Europa, n'este genero de phenomenos, váe adiante de todas as outras partes do mundo. É um castanheiro, o castanheiro do Etna, conhecido pelo nome de castanheiro dos *cem cavallos*. A figura I, que o representa na gravura, é copia abbreviada de um desenho que se encontra na *Viagem pittoresca á Sicilia* em 1784. Mais de meio seculo acrescentado á sua longa existencia, depois que este desenho se tirou, roubou-lhe alguma da antiga belleza, porque está na ultima edade, na edade da decadencia; mas ainda não deixou de ser magnifico. Tomemos-lhe a medida, que vale a pena.

Cento e cincoenta e dois pés de circunferencia do tronco, á altura do homem! Mais de cincoenta metros! Se formarmos uma cadeia para o abraçar, só chegaremos a fechal-a estendendo os braços e dando-se as mãos, trinta homens; o trigesimo unicamente conseguirá chegar-se ao primeiro. Não é, por tanto, de admirar que seja a maior arvore da terra.

A extensão dos ramos e da folhagem está em proporção. O fumo do Etna não o tem molestado! Mas os habitantes não lhe conservam o respeito devido a similhante velhice. Ahi vão muitas vezes prover-se de lenha; e, a pouco e pouco, tem-lhe feito uma abertura, e n'esta um refugio em fórma de cabana, que lhes serve de estalagem durante o tempo da colheita da castanha; porque o famoso castanheiro



As maiores arvores do mundo

nunca deixa de cobrir-se de folhas na primavera, de flores no verão, e de fructos no outono.

Dois carros passarão, de frente, pela cavidade ou postigo que o vandalismo lhe tem aberto!

D'onde lhe vem o cognome popular? Certo dia, a rainha Joanna de Aragão visitou o Etna com cem cavalleiros. Uma tempestade veiu assaltar os viajantes. Descobrem o magestoso castanheiro; para ahi correm; e os cem cavalleiros, em volta da rainha, acham facilmente um abrigo durante a tempestade, elles e os seus corseis. Desde esse dia, o povo chamou ao castanheiro a arvore dos *cem cavallos*.

É possivel que tal gigante seja realmente um só individuo? Não será antes uma familia, cujos membros tenham posto em commum a vida, a seiva, e a casca? As opiniões dividem-se; Bridaine refere que tendo-o examinado no proprio paiz, em 1770, recolheu uma tradição que dizia fôra sempre arvore unica, mantendo a cortiça sã e contínua na sua juventude. O conego Rempero, naturalista italiano, sustenta que nasceu de uma só raiz, e Homel é do mesmo parecer. Porém hoje acredita-se que este enorme tronco é resultado da successão de cinco arvores originalmente distinctas. É esta a opinião de M. Charles Martin, que o examinou; e alguns tambem pretendem distinguir-lhe vestigios de um d'esses troncos originarios, que teria, separado, trinta e cinco pés de circunferencia.

O phenomeno explica-se melhor por esta ultima hypothese; e talvez seja a verdadeira causa da opinião dos viajantes modernos.

Um derradeiro olhar para a maior entre as maiores arvores que se tem visto, e partamos!

II

Tomemos o vôo sobre o Mediterraneo, e, franqueando a ilha de Malta, esse ramalhete de palmei-

ras, laranjaes, algodoeiros, alfarrobeiras, e mil flores que são entre nós de estufa; saltando tambem por cima de Cerigo, a antiga Cythera, privada de suas selvas desde que Venus foi d'alli desthronada, vamos a bater na margem do Bósphoro, perto de Constantinopla, a mais bella das cidades, dizem, por sua posição, na pequena aldeia de Buygdéré.

Notae este platano. Differe consideravelmente dos nossos pela espessura da folhagem, riqueza e direcção vertical dos seus ramos. Com effeito não temos senão o platano do Occidente; e aquelle pertence á variedade do platano oriental, que é bem mais formoso, brilha no seio da sua familia pelas suas gigantes proporções. Chamam-lhe o platano de *Godfredo*, porque, a crermos na tradição, os seus primeiros annos foram passados no tempo d'este heroe.

Admirae-lhe a altura e a immensa ramagem, que a figura II imperfeitamente representa. Da terra ao cimo da copa contam-se 60 metros (180 pés); menos oito metros do que as torres da cathedral *(Notre-Dame)* de Paris, cujo ápice está 68 metros acima do adro. Admirae-lhe tambem o comprimento dos ramos; a sua projecção no solo é de 112 metros de circunferencia, de sorte que, se os raios do sol caíssem perpendicularmente, ou em linha vertical sobre a sua copa, daria uma chapa de sombra de 336 pés de circuito. Que magestade!

O tronco está na proporção d'esta grandeza. Mede, no total, 39 metros. Não é tamanho como o castanheiro do Etna; mas ainda assim é maravilhoso. Faremos ácerca d'este a mesma pergunta: o tronco é unico, ou é juncção de muitos irmãos, cuja vegetação se poz em commum? Eis a opinião que tem voga. M. Ch. Martin, que o visitou ultimamente, achou vestigios de nove individuos que deveriam estar separados na infancia. Entre estes nove troncos ha dois que estão a leste e medem, a um metro acima do solo, $10^m,8$; outro, só por si, é de $5^m,40$; e, a oeste, descobrem-se seis formando uma ellypse de 23 metros, o que prefaz a circunferencia total dos 39 metros já indicados.

Tem uma cavidade aberta pelo fogo, na qual fizeram cavallariça para dois cavallos! Os turcos não são destruidores; respeitam tudo quanto existia antes d'elles no solo que os viu nascer; a esta qualidade se deve, pois, encontrarmos no oriente tanta recordação antiga; mas se não se dão ao trabalho de destruir, tambem não tratam de vigiar, reparar, nem luctar contra os estragos do tempo; é a incuria absoluta, a indifferença completa. Os turcos respeitam mais este bello platano, do que os sicilianos o seu grande castanheiro; porém, de certo, não terão o menor cuidado para o preservar de qualquer damno de que não sejam motores; é por isso que elles tem deixado que os vagabundos se estabeleçam ao pé do platano de Godfredo, e ahi accendam fogueiras. Estas fogueiras tem queimado, pouco a pouco, o tronco até ao ponto de lhe abrir esta caverna, que serve algumas vezes para abrigar duas cavalgaduras.

O formoso platano do Bosphoro tambem está na declinação de vida; ha annos que alguns ramos estão mortos, e se vêem séccos no meio da sua opulenta verdura. A nossa resumida gravura representa muitos d'elles.

Ao despedirmo-nos do platano, desejemos-lhe longa e feliz velhice.

III

Do Bosphoro de Constantinopla conduzo-vos á California, mas não singrando pelo canal de Suez, e mar Vermelho, visto que o isthmo de Suez ainda se não perfurou; nem voltando pelo estreito de Gibraltar, para atravessar o oceano Atlantico, o mar das Antilhas e o canal de Panamá, porque este segundo isthmo, como o primeiro, ainda tambem se não abriu; mas simplesmente trespassando a Asia, e em seguida o Grande-Oceano, com vôo de passaro, ou, antes, com o vôo da imaginação.

Vêde estes cedros ao pé dos quaes os do Libano são filhinhos apenas. Estamos na extremidade do condado de Calaveros, mui perto dos logares de Morphy, que formam uma floresta composta de noventa e dois gigantes. Cobrem estes com seus braços 60 hectares, e elevam-se, direitos como columnas, á altura media de 100 metros. Cada um d'elles não tem menos de 10 metros de diametro, o que prefaz 30 metros de circunferencia. Estão cercados de pinheiros e cyprestes de 200 pés de altura, especies de guardas, aos quaes ficam sobranceiros uns 100 pés seguramente.

Menos grossos do que o castanheiro e o platano, de que já fallámos, apresentam, na altura, uma differença que lhes dá a conformidade dos anões.

(Continua)

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 26)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

I

ESBOÇOS

Era homem de bons tempos o fidalgo de Val-de-mil, mais conhecido pelo titulo de capitão-mór de Murça de Panoya, ignorante como um morgado sertanejo, honrado como um legitimo cavalheiro. Passára elle já metade da vida entre as suas fragas transmontanas, cultivando as quintas, administrando o morgado, sem a mais leve idéa das voltas que tinha dado, ou podia vir a dar o mundo. Com o cordão sanitario d'este commercio patriarchal havia-se conservado intacto na stirpe o velho molde portuguez.

O sr. capitão-mór era o primeiro da sua terra e das aldeias convisinhas, e bastava-lhe ás ambições. Quando passava na villa todos os bustos se inclinavam; quando transitava na estrada todas as frontes se descobriam. Esta unanimidade de acatamentos em torno de uma superioridade incontestada havia-lhe assoprado ao cerebro uns fumos de vaidade, mais que innocentes, bemfazejos, por lhe encherem os grandes vasios, que sem este providencial supprimento inevitavelmente se lhe espraiariam n'aquellas regiões. Deus, que tudo faz pelo melhor, compensára-lhe d'este modo a elaboração da intelligencia com um pensamento unico, mas obstinado, mas inflexivel, mas justo á medida do craneo em que se incrustára. A cabeça do fidalgo de Val-de-mil era por dentro, como por fóra, uma coisa magestosa, inteiriça, massuda, e entretanto veneravel. Dissera-se que o interior e o exterior do antigo solar se reflectia e epilogava na pessoa do seu representante. Havia uma secreta analogia entre o homem e o palacio quadrangular e torreado, que solidamente pousava a meia encosta, entre a ribeira e a serra, cercado de bastos castanhaes, dominando a humilde casaria da povoação visinha como um senhor entre servos. Conhecia-se para logo que o mesmo cimento encorporára no solo aspero aquellas pedras que desafiavam as tempestades e os seculos, e betumára na comprehensão ferrenha de seu dono tradições não menos resistentes.

Ha entendimentos que são como vastas albergarias: n'estes as idéas, como viajeiros, entram, descançam, ataviam-se, sáem, proseguem, volvem,

alternam-se n'um giro continuado, n'um perpetuo movimento, sem que falte a cada uma logar em que se accommode, conforto com que se restaure, carinho que a festeje, mimo de que se regale.

Ha da mesma fórma bestuntos, que são como os paços acastellados de outras eras: n'estes, amplos desertos, feitos para outra raça, vivem como familia tres ou quatro dictames, a bem dizer instinctos, raramente mais, muitas vezes menos, que se enfadam na solidão saciados de espaço e de silencio, mas que ninguem d'alli póde expulsar, porque estão em casa sua por direito herdado, e exercem n'ella o senhorio do costume e a auctoridade da crença.

N'este caso estava o fidalgo de Val-de-mil. Por fortuna as opiniões, pouco numerosas, mas absolutas, que lhe faziam as vezes de toda a actividade mental, pelo lado da stricta moralidade, eram irreprehensiveis.

Estas opiniões resenham-se em poucas palavras. O fidalgo acreditava sinceramente que, nas categorias mundanas, acima da qualificação de capitão-mór não havia senão a de rei; suppunha ter esgotado a sciencia humana estudando o amanho dos seus soutos, e relendo a sua arvore de geração, ainda mais antiga do que elles; tinha, em fim, como artigo de fé, que Portugal era o primeiro reino do mundo, e a sua terra a primeira do reino.

Mas fossem lá bulir-lhe em pontos de timbre e pundonor! Ahi professava mais do que opinião: inspirava-o um sentimento bebido com o leite, e legado com o exemplo. A pratica do dever não era n'elle effeito de calculo; vinha-lhe do coração. O pó das gerações, adormecidas ao lado, segredava-lhe n'uma voz que o seu espirito entendia, e a que obedecia sem reflectir. Haviam-lhe no berço começado estas lições de campa, e já não podia aprender outras. Para dizer tudo n'uma palavra — era fanatico das suas fidalguias, mas a nobreza representava no seu conceito o fatalismo da honra.

Com estes diversos predicados, o sr. capitão-mór, fóra da sua jurisdicção, seria um ente completamente ridiculo, mas summamente respeitavel.

Lá ninguem lhe disputava a primazia. E eram mais do que attenções pelo cargo; era uma homenagem natural e hereditaria. Toda a comarca reconhecia no fidalgo de Val-de-mil a principal notabilidade do paiz, como se diz hoje. O solar que lhe dera o appellido á familia, tinha por verdadeiro nome Soalhães; mas a designação de Val-de-mil prevalecêra no uso, por ser a do logar visinho á quinta da residencia, logar exclusivamente povoado de colonos e dependentes seus. Os paes e avós de toda aquella gente tinham conhecido e tratado o avô e o pae do morgado. O respeito para com este era uma coisa transmittida com a educação. A consciencia da sua supremacia era tão sincera no fidalgo, como nos mais a veneração sem abatimento. Nem uns nem outros haviam nunca saído do limitado circulo em que placidamente lhes discorrêra a vida com todas as suas alternativas e paixões: O palacio e a quinta de Val-de-mil tinham a consagração das tradições locaes. Sem contrariedade participava o seu possuidor d'esta reverencia ingenita, que nem procedia de potestade excessiva por uma parte, nem de forçada subserviencia pela outra, antes se tornára uma condição das benevolas relações que entre ambas se haviam conservado de tempos immemoriaes. O morgado e a casa de Val-de-mil, que tudo fazia um, era o celleiro dos pobres, o remedio dos necessitados, a providencia nos desastres, o arbitro nas contendas, o esforço nas calamidades. As suas riquezas não faziam sombra, porque todos quinhoavam d'ellas. A sua auctoridade não pesava, porque mais significava protectorado paternal do que dominação imperiosa. Os fidalgos de Soalhães, costumados a viver sempre no meio d'aquelles homens rudes, e pouco menos rudes do que elles, temperavam a sua prosapia nobiliaria com certa affabilidade cordial, em perfeita correspondencia com a submissão que os lisongeava. A continuidade de trato, e a communidade da vida e profissão, limavam as asperezas que n'outras circunstancias poderiam derivar das differenças de jerarchia. Não havia, porém, distancia offensiva onde esta só se media pelos graus da patrocinação benefica, não pelos graus do desdem irritante, como tão frequentemente succede, no meio dos actuaes progressos, com muitos enfatuados, que as cegueiras da fortuna desempoaram, sabe Deus muitas vezes por que modo.

De tudo isto resultava, que não era raro encontrar no campo o sr. capitão-mór conversando muito á mão com o mais somenos lavrador.

Quanto ao physico, era elle um homem corpulento refeito, raras brancas, pescoço taurino, e um rosto severo, cheio de magestade viril. Nos seus dias de feição, accusava-se de ter já os seus cincoenta contados, coisa qué fazia sempre sorrir o padre capellão, confidente da certidão de edade, como encarregado do cartorio da familia. Sem embargo de alguma leve fraude nas datas, cavalleiro como um centauro, e caçador como Nemrod. O pulso rijo como a cabeça; franco de modos como de coração; limpo nas palavras como na consciencia. Uma têmpera que parecia ter ficado esquecida de algum dos heroes d'Aljubarrota.

N'aquellas terras, de tanta nomeada em primores de equitação, ninguem lhe levava a palma á gineta e á brida; era ainda o primeiro á barra, e passava por ser em todos os exercicios egualmente destro, infatigavel e intrepido.

Quando lhe iam pagar os rendeiros — com quem era tão rigido nas contas, como generoso nos apuros — se por acaso lhe levavam alguma peça, divertia-se em fazer d'ella um chapeo de tres bicos, operação que executava com summa pericia e facilidade, recurvando o polegar, o indicador, e o annular.

Deve-se dizer, em honra da verdade, que a fama d'estas innocentes distracções contribuia tambem seu tanto para a deferencia universal que manifestavam ao fidalgo. A força physica inspira sempre veneração e respeito nos povos, que se aproximam do estado primitivo.

O morgado era viuvo. Tres annos apenas fôra casado. Morrêra-lhe sua mulher na flor da vida, dando á luz uma filha. Sentindo profundamente o golpe; supportára-o como homem e como christão. Cravára-lhe no peito aquella perda o espinho de uma dor aguda, mas sem ostentações, e por isso mais sincera e duradoura. Não lhe faltaram depois instancias dos seus, e sollicitações de todo o genero para casar segunda vez. Resistiu a tudo. Não estavam ainda em moda os necrologios que dão ares de cartaz.

Em quanto a filha foi pequenina, desvelou-se com ella como poderia fazel-o a mãe que lhe faltára. Era uma coisa inexplicavelmente pathetica ver aquelle hercules, então na força da edade, encerrar-se noites e noites na camara da criancinha a embalar-lhe o choro com inalteravel mansidão, a conchegal-a e amimal-a com obstinada paciencia, a aflautar a voz agreste, costumada a vibrar nas serras, para a acalentar com maviosas toadas, sem confiar a ninguem estes cuidados de ama sêcca.

Ignez se chamava a innocente, como sua avó paterna. Aos cinco annos era um diabrete esperto e traquinas, com quem nada parava em casa. Aos nove, montava um garrano e galopava entre os fra-

guedos, rindo dos sustos que a seguiam. Aos dezoito era uma donzella de muito recato e compostura, que ao pôr do sol, passeiando á grande sombra das sobreiras hereditarias, scismava sem fito, suspirava sem motivo, córava e desmaiava sem ter de que, e concluia por se lhe arrazarem os olhos de lagrimas sem causa.

Vão lá saber o que se passa no coração das donzellas d'esta edade!

O pae estremecia-a com um amor que sabía unir á grave austeridade dos seus tempos. Guiára-lhe elle mesmo a educação, tão esmerada quanto o podia ser em taes condições. Não lhe haviam faltado aias nem mestras para as prendas feminis, e o padre capellão, debaixo das vistas paternas, completára-lhe uma instrucção, que não faria provavelmente grande figura na corte, mas que para alli era verdadeiramente excepcional.

Maravilhava o instincto do coração com que o fidalgo boçal suprira os requintes do espirito.

O padre capellão ouvira no Populo, em Braga, as lições dos eremitas de Santo Agostinho, e era o oraculo das immediações. Como tivesse parochiado algum tempo na egreja de Santa Marinha de Valdozende, no impedimento do abbade, tinham-lhe conservado o titulo com o costume, mesmo depois de cessar as funcções, e assim o denominavam por toda a parte. O proprio morgado, bem que rigoroso na observancia das pragmaticas, nunca o tratava de outro modo; ficava bem á sua casa o ter um capellão abbade, ainda que fosse por concessão consuetudinaria.

O reverendo abbade, já que assim lhe chamavam, em boa verdade era mais caçador do que theologo, apesar das lições do Populo. Póde até suspeitar-se que, originariamente, acima de qualquer outra, influira esta aptidão na sua admissão em casa do morgado, onde achára melhor abbadia do que a de Valdozende. As suas lettras, porém, com serem limitadas, ainda assim o avantajavam singularmente. Era elle o unico, um par de legoas em redondo, que lia alguma coisa mais do que o breviario.

Ignez ganhou com o abbade uma lettra soffrivel, a orthographia menos escabrosa d'aquelles contornos, e uns longes de geographia.

A menina de Val-de-mil, como commummente a cognominavam, ou «a senhora morgada» como a tratavam em casa, era tida pelos visinhos na conta de um anjo, e pelos estranhos considerada um portento.

Formosa era ella, isso sim, formosa devéras, formosa sem artificio, d'aquella formosura entre rustica e senhoril, que leva os olhos e enleia os sentidos.

O pae, vendo tão bem viçada e medrada aquella flor das montanhas, que por suas mãos creára, tinha orgulho por si, e ainda mais por ella.

Era para ver com que ar de satisfação, e ao mesmo tempo de sollicitude, lhe dizia todas as noites á benção da despedida:

— Deus te crie para bem, filha!

MENDES LEAL JUNIOR

Zombar dos bons conselhos é dispor para as ruinas.

*

O nome de Maria significa mar amargoso; mas não deixa por isso de ser doçura nossa, como a invocâmos. *Padre Antonio Vieira*

*

O vigor da virtude, porque mora na alma, não envelhece com o corpo. *D. Francisco Manoel de Mello*

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Os gallicismos que de necessidade havemos de receber no peculio da nossa lingua, para exprimirmos idéas e coisas novas, devem perder essa designação, que é odiosa pelo mal que tem causado ao nosso idioma, e tomar a denominação generica de neologismos.

Mas aquelles que em vez de nos opulentar e aclarar a linguagem, a esterilisam, remendam e obscurecem, devem conservar essa nota, para os evitarmos, para os reprehendermos nos escriptos alheios, e expungirmol-os dos nossos.

Um d'estes é tomar o verbo soffrer como synonymo de padecer, fallando-se de pessoas.

Padecer é sentir alguma enfermidade, dor, fome, trabalhos, necessidade, incommodo, desgosto, damno, desar, em fim, qualquer mal physico ou moral. Soffrer é supportar todos estes males com paciencia, resignação, animo, cara alegre, sem queixumes ou gemidos.

De sorte que ha padecer sem soffrer, mas não póde haver soffrimento sem padecimento.

Quando dizemos, fulano soffre do peito, asseverâmos uma coisa que talvez ignorâmos, ou que não seja verdade, porque elle póde padecer do peito, mas não ter soffrimento, não soffrer resignadamente essa doença. Por isso devemos dizer, para não errar — padece do peito.

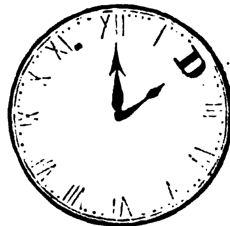
«A caridade é paciente e soffrida nas tribulações» — disse João Franco Barreto.

O padre Vieira, que é texto desenganado, diz, fallando das affrontas que os phariseus fizeram a Christo: «Faltava-lhe este complemento de inteira paciencia, que era *soffrer padecendo* immenso.»

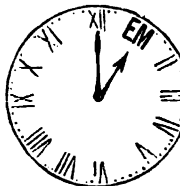
E mais familiarmente, a doutrina christã mandanos soffrer com paciencia as fraquezas do nosso proximo, isto é, os damnos, incommodos ou privações que por elle padecermos, e não, soffrermos.

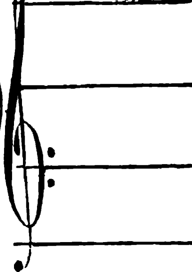
Quando o verbo soffrer se emprega em accepção translata ou figurada, então se usa muitas vezes sem perigo de gallicismo.

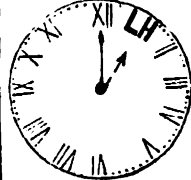
ENIGMA



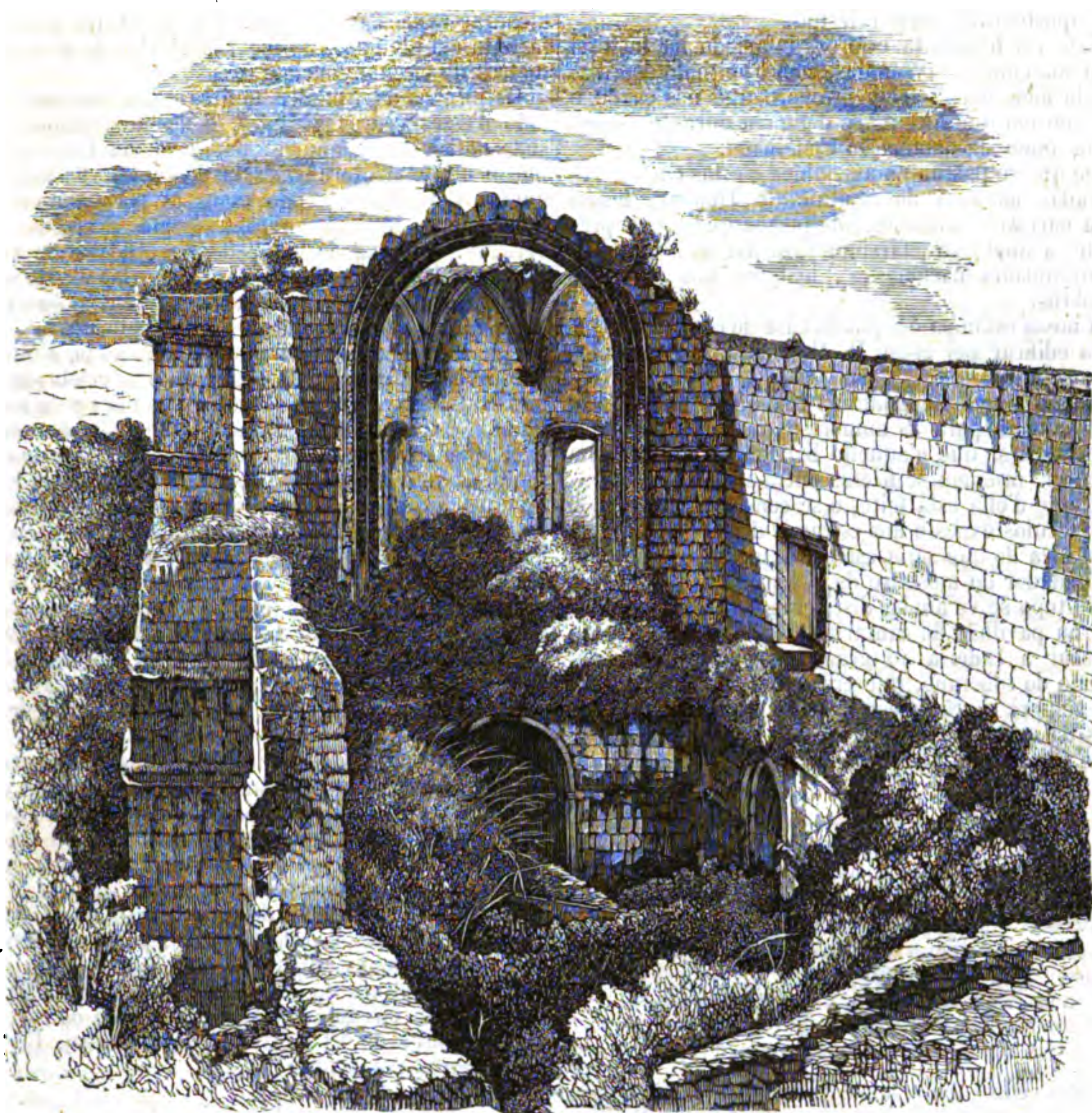








Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Casa do capitulo da Ordem de Christo, em Thomar — Desenho de Nogueira da Silva

« Não ha em toda a monarchia portugueza monumento mais nacional e venerando, nem mais proprio para excitar honradas e gloriosas recordações, que o convento da Ordem de Christo em Thomar. »

J. DA C. NEVES E CARVALHO — *Panorama*

« Le convent de Thomar est, après Batalha, le reste le plus important de l'antique grandeur du Portugal. »

RACKYNSKI — *Les arts en Portugal*

Coevo da independencia de Portugal e das nossas grandes edificações do seculo XII, erigido por um dos valentes capitães de D. Affonso Henriques, o mestre do Templo D. Gualdim Paes, em 1160, resume este monumento a serie dos estilos architectonicos que se tem succedido desde aquelle seculo até ao passado, isto é, desde D. Affonso I até D. João V, que foi o ultimo soberano que alli fez obra.

E, todavia, nunca se completou a d'aquelle grandioso baluarte da Ordem de Christo, baluarte que resistiu ás hostes de Miramolim, imperador de Marrocos, para agora o vermos ir-se esboroando pela diuturnidade do tempo, e pelo desleixo dos que tem a seu cargo a inspecção e manutenção dos monumentos nacionaes!

Todos os reis de Portugal, como grão-mestres da Ordem, contribuiram para aquella portentosa edificação; mas desde o tempo del-rei D. João I, em que a architectura mais se aperfeiçoou entre nós, fizeram-se alli obras notaveis, onde se admiram construcções de estilo anterior ao gothico, muitas do manuelino, e não poucas do que floreceu no tempo dos Filippes, a quem se deve a do famoso claustro chamado da Procissão do Corpo de Deus, em retribuição do muito que os freires da Ordem o ajudaram a nos captivar.

A mais bella e brilhante amostra do estilo de D. Manoel, em Thomar, é a janella da casa do capitulo, que fica debaixo do coro da egreja, em frente ao claustro de Santa Barbara. Esta elegante janella brevemente a daremos em gravura.

N'esta casa capitular se reuniram, a 16 de abril de 1581, as cortes, ditas de Thomar, para jurarem a D. Filippe II de Hespanha, rei de Portugal, depois da derrota do prior do Crato em Alcantara.

Ahi jurou e prometteu o perfido monarcha 19 capitulos, contendo os foros e regalias que devia conservar á nação portugueza, os quaes em pouco tempo infringiu escandalosamente, apesar de ter affir-

mado com a mão sobre o Santo Evangelho — que se algum dos seus successores os quebrantassem, seriam malditós da maldição de Deus, da Virgem e dos apostolos da corte celestial.

Este rei hypocrita e feroz, infamado na historia pela sua cubiça e tyrannias, com o epitheto de «diabo do meio-dia», foi o primeiro que nos cavou o abysmo em que o reino se definhou durante os sessenta annos da dominação castelhana.

Do que se passou na assembléa d'estas cortes, celebradas na casa do capitulo de Thomar, temos uma narrativa minuciosa, de pessoa que esteve presente, a qual extractaremos para dar na secção das «antiguidades nacionaes», n'algum dos proximos numeros.

A nossa estampa é copia da casa do capitulo, mandada edificar por el-rei D. Manoel, mas que nunca se concluiu.

Vendo aquelle magnanimo rei, que a antiga casa era pequena para as numerosas reuniões dos capitulos geraes, que n'aquelle baliado se costumavam celebrar, ordenou se fizesse outra mais espaçosa.

O que d'ella está feito, e se conserva ha mais de tres seculos exposto aos estragos do tempo, dá perfeita idéa do que seria este monumento, riscado pelo fundador do mosteiro de Belem.

No topo se vê ainda, distinctamente, o grande nicho ou pavilhão de cantaria lavrada, onde se devia collocar a cadeira do grão-mestre da Ordem, ou throno do soberano, que era o mesmo, porque o rei era sempre o grão-mestre, desde D. Diniz, que depois da extincção da Ordem dos Templarios, creou a de Christo em 1319.

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O castanheiro dos cem cavallos
O platano de Godfredo de Bulhão — O cedro de Washington
Os cedros do Libano
As gommiferas dos pantanos de Van-Diemen
A figueira de Tonga-Tahou — As algas de Anna-Maria
O carvalho de Penafiel

(Vid. pag. 36)

Estes cedros tem o nome de cedros de *Washington*, nome que os inglezes substituiram pelo de Wellington. Ha, em França, vinte e quatro pés da especie plantados ha quatro annos, os quaes M. Bronguiart, para se não envolver na pendencia entre a America e a Grã-Bretanha, designa, segundo Endlicher, com o nome de *Sequoia gigantea;* porém, teremos tempo para morrer muitas vezes antes que elles cheguem á sua natural grandeza, porque se estudaram ultimamente os cedros da California, e descobriu-se que o numero de camadas concentricas do tronco de um dos maiores, era de seis mil, do que se deprehende não poder ter menos de cinco a seis mil annos de existencia!

No meio d'estes gigantes, jaz em terra um, que abateu resequido. Tudo morre n'este mundo! A magestosa arvore, estendida no meio dos filhos, ferida de morte, dá ainda prova da sua grandeza. Tem mais um terço do que quando era viva, mede 450 pés de comprimento. É mais alta do que o zimborio dos Invalidos de Paris, que posto seja o mais elevado de todos os monumentos d'aquella cidade, todavia o zimborio dos Invalidos não excede a 105 metros ou 315 pés. O cedro formava o remate da floresta, cujo centro occupava, e dominava-a como patriarcha. Chamam-lhe ainda o *pae da floresta (the father of the forest),* e respeital-o-hão, sem duvida, até na morte. Com a quéda partiu-se na altura de 300 pés, e n'essa parte apresenta 18 pés de diametro. A figura III é um esboço d'esta arvore em miniatura, sem o auxilio de desenho traçado á vista d'ella. Muitos de seus filhos, sãos e vigorosos, promettem alcançar eguaes proporções. A medição que se tem já feito em algumas, dá-lhe 120 metros de alto e 5 metros de circunferencia.

Os jornaes da America muitas vezes tinham fallado d'estes cedros gigantes, e nós tomavamos as suas noticias por fabulas; porém M. de Tracy publicou ultimamente uma carta do capitão de mar e guerra Lapelin, contendo todos os pormenores; e um viajante que foi expressamente averiguar a verdade, ao condado de Calaveros, acaba de remetter as peças justificativas d'essa viagem, á sociedade central de agricultura. Examinando-as na imaginação, vemos realidades e não chimeras.

Que são os velhos cedros do Libano ao pé d'estas arvores monstruosas? O seu direito á celebridade não está duvidoso. Quem luctará com elles pela magestade das recordações? O seu talhe e fórma, comtudo, não são muito para referir. São ramos horisontaés, como aquelles de que falla Jussieu. Os habitantes do Libano explicam tal fórma, que não passa por natural n'esta especie de arvores, dizendo que a neve é que os tem assim arrasado. Parece mais racionavel suppor que similhante fórma seja propria da natureza dos que restam n'estas montanhas, e que eram, em 1550, segundo Bellon, 28; em 1556, segundo Fashtner, 25; em 1775, segundo Schutz, 20; e em 1833, segundo Lamartiné, 7, não comprehendendo uma pequena floresta de cedros mais pequenos, que podia conter 400 a 500.

Estes cedros são insignificantes restos das immensas florestas que afamavam o Libano no tempo de Salomão e de Hiram, e é mais difficil julgar-se por aquelles velhos decrepitos, o que seriam seus antepassados, do que pelas sphinges de Memphis o que foi esta cidade no tempo da sua gloria.

O cedro mais formoso da especie do Libano, que existe na Europa, é o de Beaulieu, perto de Genebra, em Sacconnex. Plantado em 1735, chegava já, em 1843, á altura de 30 metros. Medido em 1849, deu 4^{m},20 de circunferencia, e cobria com os ramos uma extensão de 19 metros ½ de diametro. Crescia e engrossava sempre!

IV

Continuemos, leitor, o nosso veloz passeio. Voltámos ao ponto da partida. Saltemos de um pulo na ilha de Van-Diemen. Como ella occupa, pouco mais ou menos, os nossos antipodas, sem nos darmos ao trabalho de seguir a redondeza da terra, tomemos a linha direita, e prosigamos desembaraçados atravez do globo.

Estamos na terra de Van-Diemen. Pisemos as novas margens até encontrarmos a Jasmania. Ao pé d'este monte (ao qual deram, em honra de Wellington, que nunca o viu, o seu nome), e nas ferteis margens do riacho que lhe banha na raiz, ha uma grande alameda. Aproximemo-nos. Soberbas arvores! Os indigenas lhes chamam as arvores gommiferas dos pantanos. Assimilham-se muito ás que a botanica dá o nome, na Australia, de *Eucolyptus*. São quasi tamanhas como os cedros da California, cuja imagem não se nos oblitera da memoria. Entre estes gigantes, alguns aproximam-se de 100 metros de altura.

Um viajante inglez deu, d'estas arvores, á Europa, as primeiras noticias em 1850. No meio da multidão achou uma que tinha abatido, e que póde medir exactamente. Dava um comprimento de 90 metros. Das raizes ao primeiro ramo formava um tronco direito de 67 metros de alto, cujo diametro era de 9^{m},2 na base, e de 3^{m},7 á nascença da enorme ramada que lhe adorna o cume.

Esta arvore tinha então 11 metros d'alto mais do que o remate do Pantheon, 22 metros mais do que as torres da cathedral *(Notre-Dame)* de Paris, e do que o zimborio dos Invalidos menos 15 metros. Vimos o pae dos cedros avantajar-se muito ao zimborio; mas esta arvore gommifera não nos parece menos admiravel.

Uma de suas irmãs tinha, a um metro do solo, 31 metros de circunferencia, e só vinte homens a poderiam abraçar. A figura IV nos dá uma idéa d'ella.

O mesmo viajante verificou que a arvore que tinha abatido, pesava 446.886 kilogrammas.

Aqui temos, leitor, mais uma especie phenomenal que parece restar-nos dos tempos geologicos, em que a natureza produzia reptis de 60 pés de comprimento, e os mastodontes [1], á vista dos quaes os elephantes actuaes pareceriam seus filhos pequenos; que se comprazia em povoar a terra e o mar, de especies gigantes, tanto do reino vegetal como do reino animal, visto que, n'aquellas epochas, até os fetos eram arvores de 80 pés de altura!

Não nos esqueçamos, porém, antes de deixar as ilhas do Oceano do Sul, de fazer escala por Tonga-Tabou, e pelas ilhas Marquezas, para ainda vermos duas maravilhas de que não temos estampa.

A primeira é a figueira de 33 metros de circunferencia, e 40 de altura. Tem, pelo menos, a grossura dos maiores cedros da California, porém de altura infinitamente menor. Em 1840 um dos ramos d'esta figueira, que estava imminente ao rio, partiu-se e caiu na agua, onde permaneceu por mais de seis mezes. Tinha, á sua parte, 6 metros de circuito e 2 metros de diametro. Era um formoso ramo de que se poderia fazer, excavando-o, um tubo, ao longo do qual um homem de grande estatura passearia em pé; a arvore, cujo tronco supporta este e outros ramos quasi da mesma grandeza, não é menos formosa. Á sombra d'esta figueira, o chefe do paiz, Touï-Touga, recebe a coroação, ceremonia acompanhada de tão estranhas e solemnes particularidades, que não valem a penna de chamar n'este momento a nossa attenção.

A segunda maravilha é a famosa séba, ou alga, planta marinha que o almirante Dumont d'Urville admirou em 1828, descendo a uma das ilhas Marquezas. Esta alga monstro, que deve ser antediluviana, eleva-se e estende-se na bahia de Anna-Maria; apresenta, a dois metros das raizes, 25 metros de circunferencia. Mas, na opinião geral, não é um só individuo; é juncção de vinte individuos, irmãos menores, posto que mui grossos, que se entrelaçaram, e apresentam o aspecto de um enorme feixe. A 13 metros do solo divide-se em ramos, alguns dos quaes vão rastejando mui longe. A sua folhagem tem ao todo 300 pés de diametro, o que lhe dá uma projecção no solo de 300 metros, projecção que é quasi o triplo da do platano de Godfredo, que nós achámos prodigiosissima.

Viajámos, leitor, sem nos levantarmos da nossa poltrona, de Lisboa ao Etna, do Etna ao Bosphoro de Constantinopla, de Constantinopla á California, da California ao Libano, do Libano ás ilhas do mar do Sul, e aqui ficâmos até á outra vez.

Esperando segunda viagem para visitar os outros gigantes do reino vegetal, gravemos na memoria a recordação dos seis grandes velhos que já admirámos: O castanheiro da Sicilia, o platano do Bosphoro, o cedro de Calaveros, a arvore gommifera de Van-Diémen, a figueira de Tonga-Tabou, e a alga de Anna-Maria; porque, desde já vos advirto, se encontrarmos ainda maravilhas não menos admiraveis, não acharemos de certo a figura esbelta do cedro, nem a espantosa grossura do castanheiro.

[1] Mammiferos fosseis, que se parecem com os elephantes.

Qual d'estes monstros é mais digno de interesse? O cedro, em nosso entender, visto que é uma especie, e não sómente uma das producções grandiosas em que prima de vez em quando a natureza. A floresta da California é verdadeiramente um resto das antiguidades geologicas, escapado á lei das revoluções que destruiram a raça dos gigantes de todos os tres reinos.

(Continúa)

ANTIGUIDADES NACIONAES

RECEITA E DESPEZA DE PORTUGAL EM 1618

(Correspondencia secreta do anno 1628)

(Vid. pag. 32)

Este papel provei com maximas menores. O almoxarifado pelo cabeção e pelos contratos, a India pelo orçamento referido. O resto d'esta rendição se consome em armadas, apresto de naus, e em mal parados.

Agora folgarei de saber de v. ex.ª se diz este calculo com o que se fez a S. M., que está em poder de v. ex.ª, e me disse que restavam 5 milhões e 40 mil cruzados.

E me parece, meu amo, que se estas coisas andarem bem joeiradas, e não houver gorgulho que dê no celleiro, se poderá Portugal governar sem os principes que o governam quererem antes ser senhores mal recebidos, que paes de seus vassallos, como os obriga a lei natural. Porém, esta regra tem sua limitação. Não parece que Portugal póde por si, sem particular soccorro do ceo, resistir ao impeto do Norte, e ás forças de Hollanda e Zelandia. Perdôe-me o sacro collegio senatorio; escute v. ex.ª um mileno que vive nas ribeiras do seu Danubio, e chegando de ver a v. ex.ª, se foi pela alta costa a capar os seus meloeiros, e a cada passo dizia: vós o pagareis, eu vos caparei.

E tornando ao fio d'esta teia, primeiramente vejamos: com que gente peleja hoje o estado da India. Segundo ponto: que poder tem esses hollandezes, e quanto tempo ha que dura esta rebellião de vassallos que sacudiram o jugo de sua vassallagem? Que se fez pelo mar? Que se tem consumido n'isso? Que tem importado? Quem isto me der irregular, saberá que a guerra que hoje se faz ao estado da India, não lh'a fazem naires nem poléas, nem jáos nem chins, nem rumes; fazem-lh'a os verdadeiros godos e scythas; fazem-lh'a os gigantes que cria o Norte, gente que se abraza viva por se não vêr rendida, quando não podem vencer seus inimigos; faz-lh'a mui gentil industria, de fogo, munições mui refinadas, artilheiros que sabem peso e conta, e que seu ponto não falha; fazem-lh'a naus mui bem petrechadas e artilhadas, e soldados pagos, que tem por officio serem soldados, como um sapateiro fazer sapatos. Esta a qualidade da gente com que se ha de brincar.

E em que estriba o poder d'esta gente? E como podem tão distinctamente perturbar, arrazar, destruir o estado da India? Duzentas e vinte e sete cidades ha nos estados de Flandres, e 6:500 villas ou villagios. Á obediencia de S. M. estão 90 cidades e 4 mil villagios. Estão rebeldes 137 cidades e 2500 villagios, e com S. M. ter por si e á sua obediencia tantas cidades e villas, váe em 70 annos que se rebellaram pelas mortes dos condes de Ornos e de Agomar, ou porque se não quizeram deixar governar de principes remotos, e que haviam de viver ausentes de seus vassallos. Essas tem feito e fazem á

Hespanha tão espantosa guerra, como fez Annibal ao imperio romano, e Scipião a Carthago; e se sommarmos os milhões de ouro que as guerras de Flandres tem consumido, sem d'isso resultar utilidade alguma, perde-se a arismetica, de modo que havendo de desaguar o impeto d'esta corrente sobre Portugal, elle por si não póde assistir aos soccorros que de presente se mandarem.

Esfolando as ovelhas e os carneiros, e pondo-os no talho, importará o que importou o perdão que se deu á gente de nação, os judeus, que foi milhão e meio. A venda das fortalezas são sonhos e patranhas, porque, se forem 20 galeões de Portugal, irão 40 de Hollanda, e se levarem 5 mil mariolas, e outros 5 mil bargantes tirados do limoeiro, ladrões, mal costumados, sem honra nem vergonha, mais dispostos para fugir que para soffrer medos e sombras da morte, levarão os flamengos soldados criados e adestrados em contínua eschola, onde ha 80 annos que dura por officio toda a disciplina militar, e qualquer grumete é lente de prima na arte nautica. Resultará esfolar o reino, enfraquecel-o, crearem os vassallos um odio mortal aos principes que os governam.

Se me respondeis, o estado da India é vosso, é coroa separada, tendes á vossa conta sustentardel-o, replicarei. Este aggravo, esta guerra, caiu sobre Portugal em razão do rei, não em razão do reino, que teve sempre paz com esta gente, e tinha os seus commercios pacificos, com que estivera opulento, prospero, e com dinheiro, que é o nervo da guerra, para se defender e acrescentar suas conquistas. Assim que, além do soccorro ter os perigos do mar e dos naufragios, e de ser composto de gente bisonha, não é capaz Portugal de um e de outro soccorro, assim em razão de gente como de cabedal, de navios e continuos apprestos, de sorte que d'este soccorro não póde resultar utilidade segura, antes mui arriscada, assim em razão de enfraquecer o reino, como de molestar os vassallos; de maneira que se póde recear um motim ou rebellião, e os reis não tem mais de seu que o credito de sua auctoridade, e se os vassallos lhe perderem a vergonha, ficam como os outros homens. Esta guerra é propria do corpo de todo o imperio de Hespanha. Com seis milhões de renda que tinham os erarios romanos, se fez absoluta senhora de Africa, Asia, Europa, aquella republica, que tyrannisada dos seus Cesares, veiu depois a perder-se.

S. M. tem 22 ou 23 milhões de renda, e a mais d'esta renda lhe vem pelo Oceano. Se quer defender seus commercios, e amparar seus vassallos, não ha de ser defendendo-se na India, senão offendendo dentro em casa a seus inimigos, e bater-lhes ás portas de maneira que lhes quebre as azas no ninho, e lhes não dê folego para voarem tão longe. Isto entendem os meninos do gado. Tenha o mar guarnecido com 60 galeões do estado, 60 navios menores, e assombre o Norte. E advirta v. ex.ª, que a armada que foi a Inglaterra não a destruiram, destruiu-a o mar e a pouca disciplina; todavia assombrou o Norte, e os inglezes não ousaram arcar com ella, e fizeram as sortes ao toiro muito de longe. Cuidar que esfolando Portugal, e soccorrendo o estado da India com o pouco que o reino póde, é o remedio d'esta fistula, os homens que o aconselham, parece-me que se enganam. Menos toiros, menos galas, menos apparatos e dispendios desnecessarios; encorporar todo o seu poder, mais armadas e mais armadas, e seus effeitos sejam nos mares de Hollanda e Zelandia, e no seu canal; e os dispendios dos arraiaes, assim como se emprega em terra, empregue-se no mar; tirarão a estes inimigos o folego, e o refugio maritimo de que se sustentam, desavergonhando-se para formarem contra as Indias Occidentaes e Orientaes, e devassando o commercio real e o particular dos vassallos de S. M. Se o padre Mendo da Motta me quer mal, porque escrevo estas ociosidades ao pé do meu pinheiro, importa-me isso pouco: contento-me que v. ex.ª m'as perdôe e escute, e para que não fique de todo enojado, lhe mando esse cesto de flores do meu buraco, aonde me furtei aos ventos, e salvo-me nas regras de Horacio que diz: « Que fôra dos amantes pobres se não houvera flores? » Que será de mim, que só flores posso offerecer, que as queima qualquer frio, e as offende e aggrava qualquer calma. — Nosso Senhor a illustrissima pessoa de v. ex.ª guarde como póde, etc. — D'este monte a 9 de julho de 1628. — F.

PESCA DE PEIXES ELECTRICOS

Ha certos peixes que estão munidos de singular armadura. Não possuindo sequer a couraça de escamas para sua defesa, tem, na cabeça, nos flancos, ou na cauda, orgãos cujo contacto excita no animal que os ataca, ou do qual façam presa, uma commoção nervosa, espasmodica, invencivel, capaz de o entorpecer e até de o matar, se não é vigoroso.

Tem-se fallado da attracção causada pelo olhar de certos animaes sobre outros. Podem existir esses factos, e originar-se da especie de electricidade desenvolvida por meio dos raios luminosos. As commoções determinadas por interposição do tacto são tambem admiraveis, e devem egualmente attribuir-se á força invisivel de que procurâmos formar idéa perfeita, quando estudâmos os seus diversos effeitos.

No tratado de electricidade de Harris [1], ha um capitulo que se refere aos peixes electricos, acompanhado da narração textual de Humboldt, sobre a pesca, ou antes, caçada americana de uma especie d'estes peixes.

Esta descripção, assumpto da nossa gravura, é a que em seguida traduzimos.

« Muitos peixes, diz Harris, como a tremelga, o bagre, e o siluro, gozam da singular propriedade de produzir espontaneamente descargas electricas mais ou menos violentas. [2] Estes peixes são ainda mais extraordinarios por terem a pelle privada de escamas.

« A tremelga habita as costas da Vendéa, da Provença, e tambem as do mar Adriatico; tem a mesma figura da arraia, e é n'ella que repentinamente se descobre tão curiosa propriedade. Quando a estimulam, agitando-se, quer na agua, quer no ar, lança repetidas descargas electricas. Na agua, a tremelga alcança, pelas descargas, os peixinhos de que se alimenta. Matteucci conseguiu tornar visivel a faisca produzida por uma d'estas descargas, collocando chapas metallicas nas costas e ventre do animal.

« A faculdade de produzir a electricidade parece

[1] *Leçons élementaires d'électricité*, ou *Exposition concise des principes généraux de l'électricité et de ses applications*, por W. Snow Harris, da sociedade real de Londres, etc.

[2] Muito antes de Geoffroy Saint-Hilaire, Humboldt, Harris, e outros naturalistas modernos, tinha o nosso padre Vieira notado a electricidade dos peixes, sem comtudo a definir, porque n'esse tempo estava ainda a sciencia muito ennevoada.

Ouçamos o que elle diz a respeito de um dos peixes de que estamos tratando.

« Admiravel é egualmente a qualidade d'aquell'outro peixinho, a que os latinos chamaram torpedo e os portuguezes tremelga). Este peixe conhecemos nós cá mais de fama que de vista; mas isto tem as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a canna na mão, o anzol no fundo, e a boia sobre a agua; e em lhe picando na isca o torpedo, começa-lhe a tremer o braço. Póde haver maior, mais breve, e mais admiravel effeito?

De maneira que n'um momento passa a virtude do peixinho, da bocca ao anzol, do anzol á linha, da linha á canna, e da canna ao braço do pescador. »

residir n'um orgão formado de pequenos tubos, divididos por diaphragmas, cheios de mucosidades, e animados por grossos tecidos nervosos.

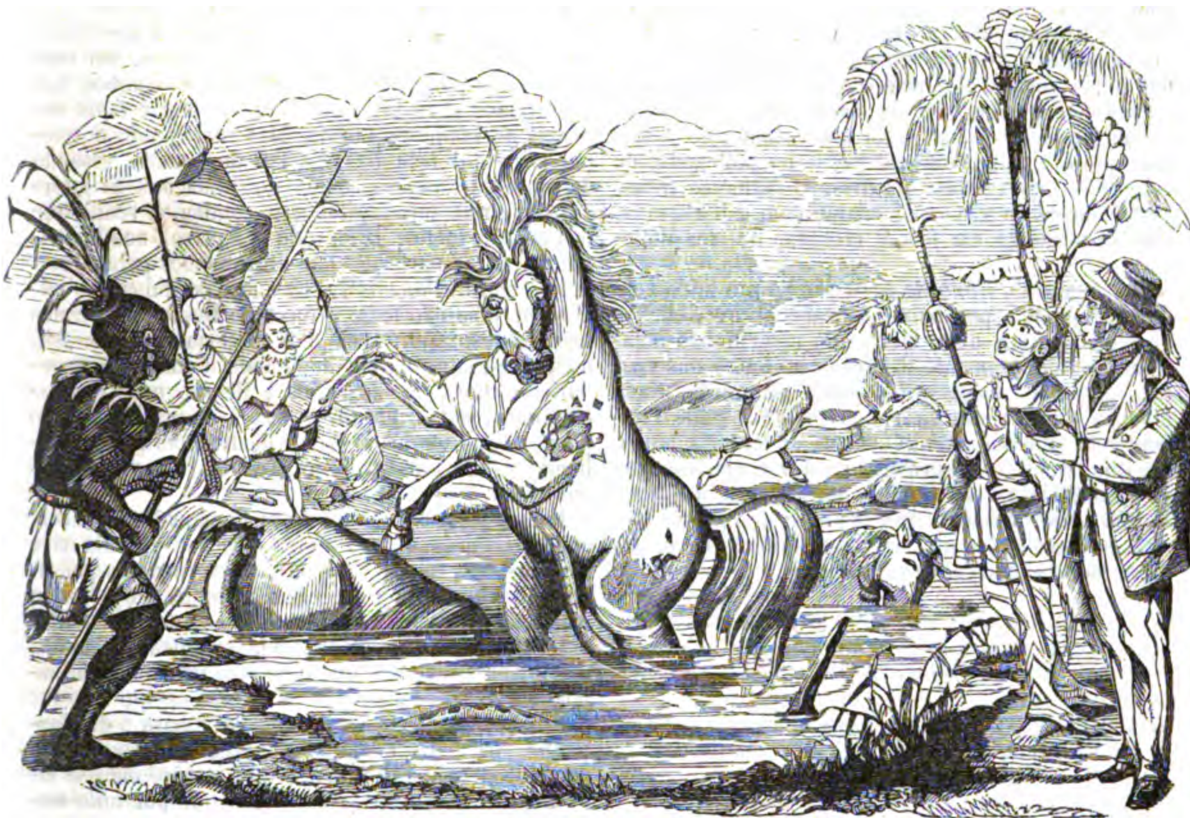
« O bagre [3], especie de enguia, é dos peixes electricos o mais curioso. Tem o corpo alongado como o da enguia; chamam-lhe tambem ás vezes, enguia de Surinam; a pelle é lisa e viscosa; nem sempre alcança o comprimento de dois metros, e ha muitos nos rios e mares da America meridional.

« Mr. de Humboldt refere assim uma pesca curiosa d'este peixe:

« Partimos a 9 de março, de manhã, para a pequena villa de Rastro de Baixo. D'ahi os indios nos conduziram a um rio que, no tempo das séccas, fórma uma bacia de agua lodosa cercada de boas arvores, de elusias, amyrideas, e mimosas, com flores odoriferas. A pesca dos bagres com redes é difficilima, por causa da extrema agilidade d'estes peixes; que se afundam no lodo, como serpentes. Não querem empregar o barbasco, isto é, certas hervas que embriagam ou entorpecem os peixes, porque os enfraquece. Os indios disseram-nos que iam pescar com cavallos. Tivemos difficuldade em formar uma idéa d'esta pesca extraordinaria; mas, dentro em pouco, vimos os nossos guias voltar da floresta, onde tinham ido fazer uma apanha de cavallos e machos indomitos.

« O ruido extraordinario do tropel dos cavallos faz saír os peixes do lodo, e os excita ao combate. Estas enguias mosqueadas, similhantes ás serpentes aquaticas, nadam á superficie da agua, e se enroscam debaixo do ventre dos cavallos e dos machos. Uma lucta entre animaes de organisação tão diversa, offerece o mais singular espectaculo que se póde ver.

« Os indios, munidos de harpéos e cannas compri-



Pesca dos peixes electricos

das, cercam estreitamente o pantano; alguns trepam ás arvores, nos ramos das quaes se estendem horisontalmente sobre a superficie da agua. Pelos gritos selvagens e comprimento das cannas, conseguem que os cavallos não fujam do lagamar. As enguias, aturdidas com o estrepito, defendem-se pelas repetidas descargas das suas baterias electricas.

« Por largo espaço parece alcançarem ellas a victoria. Muitos cavallos succumbem á violencia dos golpes invisiveis que recebem, de todos os lados, nos orgãos mais essenciaes da vida; uns, atordoados pela força e frequencia das commoções, desapparecem na agua; os outros, arquejantes, a crina hirsuta, os olhos espantados e exprimindo a agonia, sobrenadam, e procuram fugir da tempestade que os accommette. Os indios então impellem-n'os para o meio da agua. Alguns, porém, illudem a activa vigilancia dos pescadores, e vêmol-os ganhar a margem, tropeçar a cada passo, estender-se na areia com os membros adormecidos pelas commoções electricas que receberam.

« Em menos de cinco minutos, tinham-se afogado dois cavallos. O bagre, com os seus cinco pés de comprimento, enrosca-se contra o ventre dos cavallos, faz uma descarga em toda a extensão do seu apparelho electrico, ataca ao mesmo tempo o coração, as visceras e o plexo celiaco dos nervos abdominaes. É natural que o effeito que experimentam os cavallos seja mais energico, que o que o mesmo peixe produz sobre o homem, quando só lhe toca por uma das extremidades.

[3] É um peixe de 50 a 60 centrimetros de comprimento, que differe n'isto da tremelga, pois que n'esta o apparelho electrisante estende-se unicamente aos dois lados da cabeça, e tambem differe do siluro ou gymnota, cujo apparelho se limita aos lados da cauda.

«Pensavamos que a pesca terminasse pela morte successiva dos animaes que n'ella se empregam, mas pouco a pouco diminue a impetuosidade do combate. As enguias, cançadas, dispersam-se; carecem de longo descanço, e de alimento para reparar o que perderam de força galvanica: os machos e os cavallos mostram-se menos assustados, não eriçam a crina, nem os olhos exprimem tamanho espanto; as enguias aproximam-se então timidamente das margens do pantano, onde as agarram por meio de harpéos presos a extensas cordas. Quando as cordas estão bem sêccas, os indios, levantando o peixe no ar, não sentem commoção alguma. Em poucos minutos tivemos cinco grandes enguias, a maior parte das quaes estavam só levemente feridas.

«A temperatura das aguas em que vivem habitualmente estas enguias, é de 26 a 27 graus. Affirma-se que a sua força electrica diminue nas aguas mais frias; e é notavel, como já observou um celebre physico, que, em geral, os animaes dotados de orgãos electromotores, cujos effeitos se façam sensiveis ao homem, não se encontram no ar, mas n'um fluido conductor de electricidade. O bagre é o maior dos peixes electricos; medi alguns que tinham cinco pés e tres pollegadas de comprimento. Os indios asseguram que os tem visto ainda maiores. Achámos que um peixe com tres pés e dez pollegadas de comprido, pesava doze arrateis. O diametro transversal do corpo era, sem contar com a barbatana, que se prolonga em fórma crinada, de tres pollegadas.

Os bagres do *Cano de Bera* são de um lindo verde azeitonado; por baixo da cabeça, amarellos e vermelhos; tem duas fileiras de manchinhas amarellas, symetricamente dispostas ao longo das costas, desde a cabeça até á ponta da cauda. Cada mancha encerra um vaso excretorio; a pelle tambem está constantemente coberta de materia mucosa, que, como Volta provou, conduz a electricidade vinte ou trinta vezes melhor do que a agua pura. É, em geral, notavel, que nenhum dos peixes electricos descobertos até hoje, nas differentes partes do mundo, seja coberto de escamas.»

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 26)

Embarquei-me com muito gosto, e chegando ao golfo de Leão nos sobreveiu tão terrivel tempestade, que quasi nos vimos perdidos; porém, como Deus nas maiores tempestades acode com a felicidade da bonança, serenada a tormenta fomos a Sardenha, onde estive seis dias na cidade de Cagliari; e tornando a embarcar corseámos toda a costa, e d'ahi passámos a Messina, tocámos em Napoles, e d'alli fomos corsear na costa de Sicilia, sem podermos em todos aquelles tempos encontrar presa alguma. Aqui tivemos noticias, que no golfo de Lepanto andava uma galera de Liparotes, que trazem bandeira obscura, e por armas uma caveira, os quaes não dão quartel a ninguem, e buscando-a a encontrámos no dito golfo, com a qual combatemos perto de oito horas; e vendo-se de todo destruida, se entregou, sem lhe ficar vivos mais que dez homens. A nossa gente ficou mui mal tratada, mataram-nos dezoito homens, e muitos feridos, entre elles meu marido, com uma ferida perigosa em um hombro, e eu tambem com uma em um braço, por andar no conflicto dando frascos de polvora aos companheiros.

Acabada a contenda, fomos com a presa a Malhorca, e d'ahi a Barcelona, sem ficar a nossa fragata capaz; e como, por essa causa, já com ella não podessemos navegar, a instancias minhas resolvemos vir para o reino de Portugal, para cujo effeito fomos fallar a Carlos III, para que nos concedesse licença, a qual nos concedeu mandando-nos dar para os custos mil e quinhentas patacas. Logo nos embarcámos em um navio inglez, que se ajuntou com um comboi de oitenta navios, que de Porto Mahon para Ponente navegavam, viagem em que quasi sempre corremos tormenta. Uma noite, defronte de Almeria, como o vento era muito, abalroou comnosco uma nau de guerra da nossa conserva, levando-nos todo o esporão de proa; e foi evidente milagre de Deus não ficarmos submergidos, pois, com a pancada que deu, nos foi preciso trabalhar continuamente com duas bombas para esgotar a agua, e na mesma noite, outra nau de guerra deitou a pique um paquete com outro encontro que tiveram.

Passámos todo o estreito com muito trabalho, por serem os ventos notavelmente furiosos, e nós vendo que a nossa nau cada vez fazia mais agua, por cujo motivo não podia esperar os vagares do comboi, nos adiantámos para ver se podiamos chegar mais depressa á cidade de Lisboa. Mas carregando o tempo, corremos tres dias, no fim dos quaes, estando defronte de Cascaes, nos avistou uma nau de guerra que vinha por capitania do comboi, e vendo que nos adiantavamos, ignorando o motivo, nos principiou a atirar para que não entrassemos primeiro.

Fugindo d'ella, nos vimos quasi perdidos nos cachopos, e se não fosse a torre do Bugio, a que nos amparámos, sem duvida nos deitaria a pique. Ahi estivemos, até que entrando todo o comboi, encorporados com elle, chegámos a Belem, onde desembarcámos, dando muitas graças á divina Magestade de nos ter livrado de tão evidentes perigos; e sabendo minha familia da nossa vinda, nos vieram logo buscar com muito applauso.

Fomos para Setubal, e d'ahi passámos a Alcacer, onde estivemos quatro annos e meio; e n'ella tive os meus dois filhos, com algum descanço dos passados infortunios. Porém, como a minha sorte ainda não estava satisfeita com as antecedentes infelicidades, querendo que experimentasse outras de maior detrimento, succedeu que indo meu marido para Lisboa a certo negocio, por umas razões que tivera, lhe foi necessario deixar o reino, e ír para o de Hespanha, para o que me veiu buscar, dizendo fosse com elle para o dito reino, e que se não, indo-se elle, nunca mais o havia de ver, o que por mim ouvido com toda a resolução, empenhando pela minha vida uma capella que tinha, indo com meus dois filhos para Belem, onde estava preparada para a dita jornada uma settia valenciana, saímos pela barra á quarta feira de manhã, com grande sentimento de minha mãe e irmãos, pois, todos admirados da minha sorte, não sabiam o que dissessem.

Iriamos longe da barra de Lisboa quatro ou cinco legoas para levante de Nossa Senhora do Cabo, quando se formou uma tão rigorosa tormenta, que correndo em arvore sêcca, sem poder suster o rigor da tempestade, foi preciso alijar ao mar a maior parte da carga, desarvorando juntamente o pau maior, a qual tempestade nos levou até á costa de Berberia, e o primeiro porto que vimos foi Safim, onde, desejando amparar as vidas, pedimos, com uma peça, piloto aos mouros, e tão atroz era a tormenta, que não lhes deu logar de nos poderem vir buscar.

Corremos toda a noite já sem esperanças de vida; no outro dia, seriam dez horas, avistámos Santa Cruz, e de tão longe que apenas se podia ver. Pro-

seguimos a nossa derrota o restante do dia e noite até pela manhã, em cujo tempo nos vimos muito perto de Salé, e dando um tiro de peça da nossa settia, nos correspondeu lançando bandeira branca em uma torre, signal que não soubemos o que queria dizer; mas como nos vimos tão afflictos, deitámos a lancha ao mar, a qual contra a mesma settia se abriu com as vehementes ondas, e sem podermos dar-lhe remedio, se foi ao fundo, querendo Deus que um dos marinheiros, que dentro estava, pegando-se ao cabo, ficasse n'elle pendente, até que o poderam metter dentro, e vendo que a tempestade com mais furia nos ía fazendo naufragar, fizemos toda a diligencia, com uma pequena vela da mezena, que no traquete puzemos, de correr com o tempo, até que Deus fosse servido. Sem poder já, fomos dar á costa no domingo de tarde, entre El-Araxe e Mamora, em um sitio da costa onde pouco distante tem os mouros uma mesquita que chamam Sydi Safim. Foi Deus Nosso Senhor servido, pela sua alta providencia, que vasando o mar, ficasse em breve tempo a settia em sêcco sobre umas penhas, sem embargo de estar toda aberta com as pancadas. Querendo saltar em terra, foi preciso, para me poderem levar, atar-me sobre um alçapão da escotilha, e os meus filhos atados ás costas dos marinheiros, por haver bastante districto de mar entre a terra e as penhas, onde estava estribada a settia.

Pozeram-me em terra, onde me achei com os meus dois filhos, a menina, de quatro annos, por nome D. Anna de Vasconcellos, e o menino, de dois annos, chamado Manuel Julião de Vasconcellos.

N'esta costa estivemos dia e meio sem ver pessoa alguma, e juntamente sem saber onde estavamos, pois os marinheiros totalmente não conheciam aquelle sitio, antes parecia ser terra de gentios.

N'este tempo, subindo a um alto monte que estava perto da costa, nos vimos cercados de muita quantidade de barbaros, todos muito mal enroupados, que foi o maior signal que tivemos para os considerar gentios. Achava-se entre elles um velho, que mostrava entre todos ter alguma distincção, tanto no trajo como no respeito que todos lhe mostravam. Julgámos ser rei d'aquella gente, pelo que, prostrando-me aos seus pés, com muitas lagrimas, abraçada com meus filhos, pedia pela Virgem Santissima tivesse de nós compaixão, ao que respondeu no seu idioma, para nós totalmente desconhecido, apontando para o ceo, e com outras acções nos dava a entender não tivessemos temor algum. Crescendo a quantidade dos barbaros de todos os circumvisinhos logares, com muitos gritos nos levaram a Mamòra, que ficava distante meio dia de caminho, onde estava o governador de todos aquelles alarves, ao qual chamavam Alcaide-Alarbi.

(Continúa)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

O correcto e euphonico emprego das preposições na lingua portugueza, é o ponto em que mórmente hesitam os grammaticos sisudos.

A maioria dos classicos da lingua, n'este particular, não são texto desenganado, porque não havendo ainda principios assentados de grammatica philosophica, muitas vezes cáem em absurdos e contradicções que ninguem é obrigado a approvar, e muito menos a seguir.

É mister, pois, sujeitarmol-os á analyse, á critica da boa razão, e regularmo-nos pelas regras de analogia, e tambem pela suprema lei grammatical, a clareza, para a qual nenhuma outra parte da oração concorre mais que a preposição, principal instrumento da syntaxe de regencia.

Posto isto, iremos apontando as locuções que mais geralmente andam viciadas, pela introducção de preposições, que são evidentes solecismos.

« A fallar *a* verdade, eu enganei-me. »

« Mas, fallando *a* verdade, elle tem razão. »

Em qualquer d'estes modos de dizer, assás vulgares, ha solecismo, porque tem um elemento superfluo, ou incongruente. Se o *a* se tomar como artigo [1], é inquestionavelmente superfluo; se se toma como preposição, varia então o significado da oração, porque inculca que quem falla é *a* verdade, e não que o sujeito da oração falle verdade, ou verdadeiramente.

Venhamos aos exemplos, que são os tirateimas.

Diz o padre Franco, fallando de uma das comedias que os jesuitas costumavam fazer representar aos noviços:

«Depois entrou a fallar a verdade.» Isto é uma figura que representava a verdade fallando.

Portanto, para evitar equivocos, e emendar o erro, devem-se corrigir as phrases que acima apontámos, por este modo:

A fallar verdade, enganei-me.

Mas, fallando verdade, elle tem razão.

Nos melhores classicos havemos achado invariavel este modo de dizer, e para os obstinados aqui poremos alguns exemplos.

« Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade, porque diz as coisas como são. » *Vieira*, Serm. 4. 21.

« Só tinheis isto de mau, hei vos de fallar verdade. *Francisco de Moraes*, Dialogos no fim do *Palmeirim de Inglaterra*.

Nos proverbios, que todavia não são exemplares de grammatica, porque tem muitas corruptelas do povo, e muita particula superflua para fazer melhor sonido, n'esses mesmo achâmos auctoridade para o nosso caso. Dizem assim:

Ao medico, ao advogado, e ao abbade, fallar verdade.

Quem me não crê, verdade me não diz.

O amigo que falla verdade, é espelho são.

A VIBORA

(NOVOS REMEDIOS CONTRA A MORDEDURA)

De todas as especies de cobras que vivem na Europa, a unica verdadeiramente perigosa é a vibora (*Vipera berus*, Daudin, *Coluber berus*, Linneu).

Na provincia d'Entre Douro e Minho, e n'alguns logares da Beira, em geral nos prados lenteiros, nos juncaes pantanosos, etc., se encontram viboras de pequenas dimensões, e de côr esverdinhada.

Este ophidiano é do comprimento de 30 a 60 centimetros; a côr, geralmente parda, muda, n'algumas variedades, para o cinzento escuro, ruivo quasi avermelhado, ou negro. Tem nas costas duas series de manchas escuras, ou duas linhas longitudinaes em fórma de zigue-zague, acompanhadas de uma fileira de manchas negras de cada lado. Quasi todo o corpo está revestido de escamas, e as da cabeça são granuladas. O feitio da cabeça é quasi triangular, mais largo do que o corpo, e susceptivel de se dila-

[1] Alguns grammatistas assim lhe chamam. A seu tempo lhes assentaremos a espada.

tar ainda mais, achatando-se quando o reptil se enraivece; na parte mais larga tem duas grandes manchas cinzentas; e outra mancha similhante no meio da nuca. Todas estas circunstancias distinguem as serpentes venenosas das innocentes.

A lingua, que erradamente se considera envenenadora, é extensivel e fendida. A peçonha só existe no queixo superior, que tem dois dentes, mui differentes dos outros, compridos, curvos e ôcos, nos quaes o veneno se deposita por uma glandula da proximidade do ôlho. «O licor segregado por esta glandula, diz Cuvier, e derramado na ferida pelo dente, leva a ruina ao corpo dos outros animaes. O dente encobre-se n'uma ruga da gengive, quando a serpente não quer servir-se d'elle, e, no caso de quebrar-se, tem outros germens destinados a substituil-o.»

Quando a vibora faz uso de armas tão damnadas, endireita-as, enterra-as no corpo do animal que deseja morder, e assim produz na vesicula venenosa uma compressão que derrama a peçonha no canal e a introduz na ferida.

O olho da vibora é vivissimo, e parece annunciar a sua crueldade. É de natural timido; por isso só ataca os animaes, e rara vez o homem. Consiste o alimento da vibora em insectos, rãs, sapos, passarinhos, etc. A guela, dilata-se por tal fórma que póde engulir animaes quatro vezes mais grossos que ella; digere lentamente, e suppõe-se que passa o inverno sem comer.

A vibora commum encontra-se em diversas regiões da Europa meridional, e n'algumas da Africa. É ovivipera.

A mordedura da vibora não tem a mesma acção em todos os animaes; muda segundo as circunstancias. É mais perigosa nos animaes de sangue quente. Em geral, a quantidade de veneno necessaria para matar um animal, está na razão directa da sua força e corpulencia; um centesimo de grão basta para matar um pardal; um pombo exige quantidade seis vezes maior. Ao homem só tres grãos o matariam. Ora, como em geral a vibora contém dois grãos, e, para derramar esta quantidade de veneno, ha de fazer algumas mordeduras, segue-se que o homem de compleixão ordinaria, não succumbirá com duas mordeduras de vibora, não obstante experimentar agudos padecimentos, e grandes impressões de terror.



A vibora

Os accidentes produzidos variam muito; geralmente a circulação afrouxa, o sangue perde a faculdade de coagular-se, e a gangrena invade o sitio da mordedura. O enfermo sente dor na parte ferida, que se intumece e toma a côr do vermelho-achumbado; sendo mordido n'uma das extremidades, a inchação declara-se em todo o membro. Ao mesmo tempo, sente geral fraqueza, acompanhada de esvaimentos, náuseas e vomitos; algumas vezes, syncopes, delirio, ou convulsões; estes accidentes, então, podem occasionar a morte. Os casos fataes, porém, são rarissimos.

O tratamento da mordedura da vibora deve ser prompto. Alguns auctores dizem que o melhor é lavar a ferida, fazel-a sangrar, e depois cauterisal-a, já com preparação antimonial, ou pedra infernal, já com qualquer outro caustico que de repente se encontre. O ammoniaco, ou alcali volatil, é excellente para o fim, e produz bom effeito, mesmo applicado algum tempo depois do accidente. A applicação de uma ventosa é util, porque chama o veneno ao exterior, e impede que se introduza na torrente circulatoria. Será bom comprimir as veias por meio de ligadura, acima do sitio picado, a fim de afrouxar a absorpção da peçonha, e depois dilatar um pouco a ferida com instrumento cortante. O tratamento exterior e local deve ser assim, dando fé aos auctores que consultámos.

Tambem é efficaz o chlorureto de cal, diluido, para uma pressa, com a propria saliva, e posto logo sobre a ferida.

Para os cães mordidos é bom untar immediatamente a picada da vibora com unto de porco sem sal.

Interiormente, a applicação dos medicamentos, taes como borragem, flor de sabugo, etc., para provocar as transpirações copiosas, é de bom resultado. Tem-se obtido egualmente excellentes effeitos do sulphato de quinino dado em dóse de tres ou quatro grãos n'uma colhér de vinho, de hora a hora.

Em Portugal não ha outro animal venenoso, além da vibora. Bom é que os mestres digam isto ás creanças, para lhes tirar os temores que a gente credula lhes infunde.

Nada ha tão innocente, que os homens não adulterem; nenhuma arte tão saudavel cujas doutrinas não sejam elles capazes de perverter; nada, em fim, tão bom de sua natureza que elles não possam applicar a mau uso.

Capitão Manoel de Sousa

Explicação do enigma do numero antecedente

De hora em hora Deus melhora

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



O penedo dos ovos, ou penha longa — Desenho de Annunciação — Gravura de Pedroso

Tanto que o leitor pozer os olhos na estampa que lhe apresentâmos, reconhecerá logo, por aquella penedia rolada e sobreposta, que é um lanço da famosa serra de Cintra, á qual, pela sua eminencia, chamaram os antigos geographos, monte ou promontorio da lua.

Na estrada real, que váe de Lisboa para Cintra, pouco antes de chegar a esta deliciosa villa, á mão esquerda, fica uma casinha de modesta apparencia, mas de grande nomeada. É a da *Sapa*, antiga e immortal... queijadeira, a cuja porta fazem paradeiro todos os que regressam de Cintra, e querem trazer para a cidade um attestado authentico da sua visita áquelle delicioso vergel de Portugal.

Mesmo ao lado d'esta casinha, se abre uma estrada traversa, que em menos de meia hora conduz a um logar denominado do Linhó ou Linhol, talvez corrupção de Linhal, agro ou plantio de linho, que alli houvesse antigamente.

Não tem o Linhó, de certo, grandes attractivos para o viajante, porque ficando no fundo do valle, que formam os montes da Pena e de Santa Euphemia, faltam-lhe as bellas vistas que offerecem os pincaros de Cintra, as sombras dos seus frondosos bosques, e a frescura maviosa dos seus passeios. Mas em compensação, é o terreno mui florido e virente, por ser continuamente regado das copiosas aguas que da serra se precipitam, como serpes de crystal, colleando-se por entre os pomares e jardins, de que o valle é recortado.

Sobre esta planicie se ergue alterosa, á beira da estrada, a longa penha ou penedo que a nossa gravura representa, e devemos ao lapis do nosso insigne paizaista o sr. Annunciação, e ao buril primoroso do sr. Pedroso.

É formada esta penha por um alteroso grupo de penedos, todos rolados pelas aguas, como em geral são os de Cintra; e sobranceiro a elles, está um, enorme, posto a pino, em cujo vertice assentaram uma grande cruz de pedra os frades do proximo convento que se denominava de Penha Longa, tirando o nome d'esta que lhe está visinha. A cruz desabou já, mas ainda lá se conservam uns resquicios que a estampa accusa.

O povo chama-lhe, desde muito tempo, *penedo dos ovos*, a historia, *pera longa* ou *penha longa*, e uma chronica manuscripta, que temos á vista, composta por um frade jeronymo do mencionado convento, diz que se lhe chamou já em eras remotas, *pedra da verdade*.

A denominação primitiva parece-nos ser de *pera longa*, contracção de *pedra* em portuguez velho. Porque, na escriptura da compra do sitio para se edificar o convento, que transcreve o já citado frade, escriptura feita em 1390, diz o proprietario, que era um João Domingues, corretor da cidade de Lisboa, *que vende por 3$500 reis, moeda corrente de dez soldos, a sua quintan, em Peralonga, que consta de casas, asenhas, vinhas, herdades, pomares, mattos, fontes e foros, a qual parte com caminho que vai de Cintra para a Malveira, com o casal que foi do conde Dom Henrique*, e outros que cita, até entestar com os logradouros dos visinhos do dito logar de *Peralonga*.

Esta escriptura tem muitas singularidades, que por brevidade deixâmos de apontar. Mencionare-

mos, comtudo, que n'este notavel instrumento, se transcreve uma carta del-rei D. João I, com o seu sello de camafêo, datada de Santarem, e dirigida ao dito João Domingues, agradecendo-lhe o elle ter accedido aos rogos que lhe fizera para que vendesse a sua quintã aos frades jeronymos; e porque elles lhe não tinham podido pagar até junho, como fora ajustado, elle, rei, lhe mandava o dinheiro, para que não deixasse de se effectuar a compra, *cá, isto he huma couza que cumpre muito ao serviço de Deos e nosso; o que vos muito aggradesseremos, e per que vos faremos mercê.* Assim conclue o mestre de Avis.

Assignam esta escriptura, entre outros, como testimunhas, Bartholomeu Domingues, escholar de leis, filho do vendedor, e João Martins, *costureiro* (?).

Vê-se, pois, que o convento (que foi comprado pelo sr. Bessone), tomou o nome do logar, e este o tinha tomado da penha ou penedo de que estâmos fallando.

Sobre a denominação de penedo dos ovos, tão popular no sitio, eis o que nos diz o sr. Munró, n'um apontamento que muito lhe agradecemos.

«Attribue-se o nome de penedo dos ovos, dado a esta penha, á seguinte lenda.

Era voz constante n'aquelles sitios, que debaixo da enorme pedra existia um «thesouro encantado», o qual só se descobriria a quem podesse conseguir derribar a pedra, atirando-lhe com tantos ovos quantos bastassem para conseguir tal façanha. Ninguem a tentava; mas um dia, certa velha do logar quiz emprehender essa tarefa, e munindo-se de quantos ovos pôde juntar por muitos dias, começou a atiral-os sobre o formidavel penedo. Tendo, porém, exhaurido todas as munições, sem poder quebrar o encanto, e faltando-lhe os meios de adquirir ainda mais projectis, abandonou a empreza, e ficaram todavia na pedra, e ainda hoje lá se vêem, os signaes do tiroteio que fez a velha, nas malhas amarellas que cobrem um dos lados do penedo, malhas que os velhos e crianças do sitio affirmam serem as gemmas dos ovos que alli ficaram! Um musgo amarellado, que cobre a parte meridional do penedo, aviventa esta crença dos honrados linholenses.

Este rochedo serviu por muito tempo de signal ou marco aos navegantes que demandavam a barra de Lisboa. Com os melhoramentos da navegação, e a collocação de faróes na costa, não serve hoje o penedo dos ovos senão para colonia de corvos, e admiração dos raros viajantes que alli vão.»

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 38)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

II

O HOSPEDE

Em 28 de setembro de 1807, vespera de S. Miguel, andava tudo n'uma poeira na casa de Val-de-mil!

A tia Brigida, uma mulheraça volumosa e rubicunda, quarentona bem conservada, inspeccionava triumphalmente as fornalhas da vasta chaminé, guarnecidas até á ultima de certans e cassarolas de todas as dimensões, d'onde se exhalavam os mais succulentos aromas. A tia Brigida, ex-cozinheira do reverendo arcediago de Vermoim, gozava fama de assar como ninguem um lombo de porco, e era tida por consummada em beilhozes e massapães de ovos.

O Rodrigues, um velho alto e esguio, que passava por bem fallante, e tinha as honras ambiguas de mordomo e de escudeiro, depois de tirar as capas de fustão ás cadeiras de veludo da sala grande, sacudir os frisos que haviam sido dourados, espanejar e lustrar os pesados moveis, ricamente esculpidos, que de certo contavam mais de dois seculos, dispunha por sua propria mão, sobre a fina e alvissima toalha de linho de Guimarães, estendida na larga banca de carvalho da terra, os talheres de prata massiça, cuidadosamente brunidos, e a baixella da India, que um tio avô do morgado deixára á casa, e entrára no vinculo.

Alguns accessorios, tambem de prata, de um lavor que lhes attestava a respeitavel antiguidade, rematavam o conchego e adorno do todo.

Da taciturnidade meditativa com que o mordomo-escudeiro estudava as leis da symetria, via-se que tinha perfeita consciencia da gravidade das suas complicadas attribuições, e comprehendia a solemnidade da occasião.

A sala de jantar, ao rez do chão, era vasta como um refeitorio. A solidez de todas as pertenças estava indicando que fôra, primitivamente, destinada a saciar em festins homericos os mais robustos apetites.

Pela sumptuosidade das disposições culinarias, e pela magnificencia dos demais apercebimentos, podia-se conjecturar que o morgado teria n'esse dia á sua mesa, como succedia algumas vezes no anno, o senhor ouvidor da commarca, o senhor juiz dos orphãos, e o senhor sargento-mór, as pessoas mais gradas da governança, ou alguns cavalheiros principaes das terras visinhas, que tivessem vindo a montear com o fidalgo na serra da Garraya, e pernoitassem alli, o que tambem não seria raro, e perfeitamente concordava com a afamada hospedagem da casa de Val-de-mil.

Pois não era uma coisa nem outra!

Além dos tres talheres, que designavam quotidianamente os logares do capitão-mór, da morgada, e do abbade, não se notava mais que um. Um só, portanto, era o hospede.

Duas ou tres vezes se affastára o Rodrigues para contemplar a sua obra, e outras tantas voltára a rectificar alguma posição equivoca, ou a corrigir alguma imperfeição esquecida. A final, dilatando os olhos pela perspectiva, na verdade agradavel, que offerecia a mesa posta, como verificasse que nada faltava e tudo estava no seu logar, dignou-se desfranzir os beiços n'um sorriso de satisfação, que era um comprimento á propria pericia.

O Rodrigues era avaro de sorrisos, excepto para com a sua estimavel pessoa.

No melhor d'estes enlevos o veiu sobresaltar uma voz forte, que da porta da sala lhe gritou:

— Aqui está isto, que manda a tia Brigida!

Á entrada, sem se atrever a passar adiante, como se aquelle recinto lhe fôra um sanctuario vedado, apparecia um alentado serrano, ajoujado com um enorme taboleiro de tigeladas de requeijão córado, que saíam do forno, e que a tia Brigida effectivamente mandava ao Rodrigues.

— Espera, homem, espera, não entornes — atalhou este, acudindo sollicitamente ao taboleiro das tigeladas, que uma admirativa distracção do recem-vindo, pouco avezado a taes desempenhos, inclinára para um lado, perturbando a arrumação, e ainda mais o equilibrio, instantemente recommendado.

— Não tenha medo, não trazem molho as malgas — respondeu o serrano, atarantado com as exclamações. — Se caír alguma, apanha-se. Que tem lá?

— Forte alvar!... Deixa... Com cuidado, homem, não quebres... Que pressa tinha a sr.ª Brigida de mandar agora cá isto!

— Eu não sei. Ella diz que vocemecê é que o ha de arrecadar, e que tome conta nos perdigueiros.

— Pois sim, sim — observou o Rodrigues, que das mãos do serrano tomára com as precauções devidas o compromettido taboleiro, e, accommodando-o n'uma arca immensa, que servia de aparador, o protegia com um guardanapo, até lhe chegar a sua vez de tomar na sobremesa o conspicuo logar que lhe estava determinado. — Pois sim, homem. Isto não era sangria desatada. A sr.ª Brigida não tinha lá a Theresa?

— A Theresa está migando as hervas.

— E o Manoel Francisco?

— O Manoel Francisco está á depennar os patos.

— E o Estrada?

— O Estrada foi dar de beber ás bestas, com sua licença: eram horas.

— E o João do Sobredo?

— O João do Sobredo anda no monte á lenha.

— Então ao menos o João Pequeno — insistiu o escudeiro, apurando a lista dos famulos inferiores. — Podia mandar o João Pequeno, que sempre é mais ageitado do que tu para estas coisas.

— O João Pequeno! — tornou o imperturbavel serrano, sem se offender do infimo conceito em que o tinham — o João Pequeno foi ao rio, ás truitas!

Este derradeiro bote desarmou o Rodrigues, que tratou de encobrir a derrota, exclamando:

— Se isto hoje ninguem se entende aqui!

As observações do escudeiro ácerca da incompetencia do intruso não eram destituidas de fundamento. Este mesmo o reconhecia. O seu trajo, figura e modos, protestavam energicamente contra o serviço de que fôra interinamente incumbido, á falta de gente, como se vê.

Inculcava elle ser homem dos seus trinta e cinco annos, para mais, baixo mas reforçado, tão vigoroso e agil na montanha, como desastrado nos misteres caseiros. Os grossos borzeguins de couro cru, de evidente procedencia castelhana, e a jaqueta curta de panno de varas, coçada do matto, estavam certificando quanto as suas occupações, exclusivamente externas, haviam de ser alpestres e rudes.

Antonio Alegre era o seu nome, nome assaz justificado pela cara mais jovial e pela indole mais bonacheirona d'este mundo. Com ser tão pacifico, era o terror da tia Brigida, em consequencia dos numerosos fracassos que a sua apparição na cozinha de ordinario occasionava. Diziam, porém, as más linguas, que os ralhos e as apostrophes mais bravas da matrona encobriam mal uma secreta predilecção.

Fosse como fosse, todos em casa exprobravam os desconcertos do Alegre, que ria d'estas miserias, e todos morriam por elle, sem exceptuar o fidalgo e a morgada, de quem era valido, e que por sua parte adorava. Verdade é que, se tudo fazia ao revez nos trabalhos domesticos, e era um «quebradiço», como dizia a tia Brigida, resgatava estes leves defeitos com os mais uteis predicados. De Santa Comba a Monte-rei não havia espingarda que se lhe comparasse. Diziam d'elle os mais pimpões da provincia «que onde punha o olho punha a bala.» Tinha um folego incomparavel, e nas arestas agudas das serras, com o abysmo aos pés, corria tão firme e senhor de si como se estivera no rocio da villa.

Assim, nunca faltava na farta mesa do capitão-mór a melhor caça do matto e do monte, coisa que lisongeava o fidalgo, regozijava o abbade, e não era indifferente á tia Brigida.

O Alegre tinha em casa a graduação de couteiro, qualificação um pouco ambiciosa. A dignidade não correspondia exactamente ás suas funcções; mas soava bem, e dava-lhe uma importancia só d'elle ignorada.

Sendo caçador, como era, o fidalgo apreciava grandemente, já se vê, os meritos do Alegre; e o Alegre privava com s. s.ª, e com o sr. abbade, de um modo que não era dado ao vulgo. Este concurso de circunstancias especiaes fazia com que o bom do couteiro, apesar da sua rusticidade e natural commedimento, rivalisasse em influencia com a tia Brigida e o senhor Rodrigues, o que não era dizer pouco.

A exclamação do mordomo fez naturalmente pender a conversação para o que já era preoccupação de todos os familiares.

— Diga lá, tio Rodrigues (o mordomo e a cosinheira, um pela auctoridade do cargo, a outra pelas dependencias, eram tios universaes) diga lá — ponderou o couteiro — pelos modos temos hoje cá gente de maior.

— Olha — respondeu laconicamente o mordomo apontando para o unico talher, que havia na mesa além dos tres do costume.

— O que! Pois só um?

— Só.

— E por isto váe uma azafama tamanha!

— São ordens do fidalgo.

— Eu pensei que nos caíam ahi os da villa como tordos. Como é ámanhã dia de alardo...

— O alardo faz-se na veiga da Barroza. Ainda agora o sabes, homem?

— Sabia já. Se eu vou na companhia do capitão de Pegarinhos, que tem falta de atiradores! Por tal signal que já tenho a arma como um brinco. E ha de se lhe ver quem bate no alvo!

— Pois então, sendo o alardo na Barroza, é natural que os capitães vão todos jantar a casa do sr. ouvidor, que é mais perto.

— Mesmo o morgado consente. Por mais um motreco de caminho, tanto monta um nada...

— Pois sim; mas isto hoje não tem nada com o alardo de ámanhã, bem vês.

E o mordomo, recorrendo novamente á concludencia dos argumentos visiveis, tornava a indicar o accrescimo de um só talher, que significava um só hospede.

— Ai! Deus Senhor! — exclamou o couteiro, que media com razão a importancia da visita pela grandeza dos preparativos — então é elle pessoa por ahi além! O sr. juiz corregedor, querem ver!

— Se fosse o sr. juiz corregedor, vinham tambem os officiaes da correição — ponderou sentenciosamente o mordomo, aproveitando a opportunidade de fazer admirar a sua perspicacia e instrucção.

— É verdade — tornou o couteiro convencido — Oh!...

— Que é?

— E se fosse o nosso arcebispo?...

— Sabes lá o que dizes! O reverendissimo senhor arcebispo (já se notou que o Rodrigues era bem fallante) o reverendissimo senhor arcebispo andava agora por ahi sósinho, sem mais estado, nem nada... Nunca se viu.

— Então quem é elle? Algum principe encoberto! Dizem que os ha, tio Rodrigues.

O mordomo, que estava tão adiantado como o couteiro, mas que se queria dar por intimo confidente do amo, acudiu n'este ponto com uma conclusão cheia de reticencias, como se soubera uma infinidade de coisas.

— A esse respeito, Antonio, melhor é dar um ponto na lingua. O fidalgo que assim abre a sua casa, bem sabe a quem o faz e como o faz. Nunca ouviste «que pela bocca morre o peixe?» E lá diz tambem o outro: «quem muito falla pouco acerta.»

— Está bom, está bom. Isto tambem era só por conversar. O fidalgo onde está?

— Por que?

— Em elle podendo, quero-lhe dizer que apparece rasto de porco lá para as bandas de Martim.

— Ha de estar no eirado a ver se chega a visita.

— Qual visita?

— A pessoa que se espera.

— Ai! o tal... Então bem digo eu!

— Logo lhe fallas.

O Rodrigues não deu tempo a mais observações. Como tudo na sala de jantar estivesse acondicionado e em termos, intimou o competente mandado de despejo ao couteiro, e saíu dando volta á chave, para acautelar tudo, como recommendára a tia Brigida, das invasões dos perdigueiros, que já andavam farejando no corredor, attrahidos pelas apetitosas emanações da doçaria.

O capitão-mór estava no eirado da casa, conforme dissèra o Rodrigues. Pelo que ouvimos na palestra dos dois, é facil inferir que effectivamente aguardava o hospede, causador innocente d'aquelle reboliço domestico.

Declinava a tarde serena e formosa. Ao nascente, empinavam-se as penedias escuras da serra, entremeiadas de matto verdenegro. Ao poente, dilatavam-se as encostas cobertas de linhaes, e algumas veigas risonhas, que a ribeira cortava serpeando. Era um quadro singularmente attractivo nas suas agrestes opposições; formidavel a um lado, gracioso ao outro, bipartido de amenidade e pavor.

Seriam seis para as sete horas. Um bello raio de sol inflammava do occaso as vidraças do andar superior da habitação.

As janellas de Val-de-mil, importa dizel-o, tinham vidros. Este luxo, quasi fabuloso por aquelles tempos em taes paragens, acclamava mais alto do que tudo a opulencia do morgado.

Interrogava o fidalgo o trilho, condecorado com o nome de estrada, que além da ribeira colleava pelos outeiros. O abbade, sentado á porta, folheava um magro tratado da caça d'altaneria, que encontrára entre os dez ou doze volumes desemparelhados, de que se compunha a livraria da casa. Ignez passeava preoccupada, fitando de quando em quando no pae uns olhos em que transluzia a curiosidade que o respeito continha.

Sabía ella, como os outros, que se esperava uma visita. Pelas ordens que ouvíra sabía tambem que era homem, circunstancia soffrivelmente interessante para uma donzella pouco affeita a ver gente estranha. Presumia, como todos, que havia de ser pessoa de consideração, a julgar pelos preliminares.

Era, porém, mancebo ou edoso? Era da provincia ou da corte? Porque vinha, e a que vinha?

Todas estas interrogações, e muitas mais, tumultuavam desusadamente no espirito da gentil menina, como a seu pesar. Bem quizera ella perguntar alguma coisa. Isso, porém, era temeridade que nem julgava possivel.

O morgado andava enigmatico havia tempos. O modo mysterioso por que nos ultimos dias começára a fallar do hospede, que havia de chegar para o S. Miguel, dava-lhe seus ares de sphynge. O mesmo abbade, de ordinario bem informado, não entrára na confidencia, ou, se entrára, fechára-se com o segredo.

A preconisada visita, além da importante variação que trazia comsigo, e do prologo festival que o precedia em casa, recommendava-se como solução de um problema.

Cabe aqui observar que, por insciencia do morgado e descuido do abbade, Ignez lia e relia o livro da *Menina e Moça*, do poeta das saudades, outro volume esquecido nos armarios do cartorio. Naturalmente esta leitura captivou-a mais do que o *Lobato*, e desde certa épocha não achava coisa de mais sabor. A força de scismar e decorar os lances que a deleitavam, povoou-se-lhe a phantasia juvenil de Bimnardeis aventureiros, tão namorados como garbosos, que passavam a vida em requebros com suas damas, ou em combates por ellas.

Por aqui se ha de ajuizar como lhe daria rebate ao espirito o acontecimento, que revolucionava a casa, e lhe apparecia exornado de um sem numero de incognitas.

Sabe Deus quantas imaginações lhe tinham já desvelado as noites anteriores.

Era, em fim, sol posto, e o fidalgo começou a impacientar-se.

— Quantas legoas fazem de Villa-flor aqui? — disse voltando-se de repente para o abbade.

O abbade, colhido de subito, fechou o livro, fez a sua resenha mental, e respondeu:

— Ha de andar por seis. A Abreiro duas, duas e meia a Mofebres, e para cá do rio...

— Legua e meia — acudiu impetuosamente o capitão-mór, que achára no abbade a confirmação dos seus proprios calculos. — É isso. Seis legoas, o mais. Um dia inteiro para andar seis legoas!

— Os caminhos são maus.

— Qual maus! Na edade d'elle importavam-me lá caminhos! Nem agora mesmo. E de mais a mais vindo ao que vem.

Ignez, que não perdia uma palavra, aproximou-se machinalmente á extremidade do eirado. Seu pae dissera: « na edade d'elle. » Ou não havia logica, ou o suspirado hospede era moço, e muito moço. De companhia com estas significativas palavras tinha-lhe soado est'outra phrase, não menos digna de attenção: « vindo ao que vem. » A que viria?

A donzella, turbada de um sobresalto incomprehensivel, alongou os olhos pelo carril deserto até onde a vista alcançava. Suppunha ver a cada momento romper n'um turbilhão de poeira, d'entre os soutos que fechavam o horisonte, um ginete á desfilada, e n'elle, complemento indispensavel, um guapo cavalleiro, de armas luzentes e plumas ondeantes.

O abbade achegou-se para auxiliar esta dupla investigação.

— Repare v. s.ª, senhor capitão-mór — disse elle depois de alguns segundos de attento exame. — Não vem alli um cavalleiro?

— Onde? Não vejo.

— Ahi não. Cá mais perto. Pela banda debaixo da ermida. Alli... isso... Lá sáe da ramada dos castanheiros.

— É verdade. Vinha encoberto com as arvores. Agora, agora. É elle mesmo.

Ignez seguia avidamente a indicação do abbade.

Quasi defronte do eirado, já para diante de um cerrado de castanheiros, na vereda que levava á ponte de pau onde se atravessava a ribeira, apparecia com effeito, a menos de duzentos passos, o individuo a quem o morgado passára um certificado da identidade de pessoa, exclamando: « é elle mesmo. »

Choutava pacificamente o modesto cavalleiro, bamboleando as pernas a fim de excitar o ardor duvidoso da sua mulinha menos que meã. Um par de alforges túrgidos sacudia as ancas á cavalgadura, e atravessado na frente da almatrixa sobresaía um guarda-sol colossal, que nos seus tempos fôra vermelho.

A pouca distancia vinha um labrego pedestre, provavelmente seu criado.

A menina de Val-de-mil fez-se de côres. O objecto d'aquellas anticipadas attenções, o desejado, o mysterioso, desdizia tão flagrantemente do sonhado Bimnardel, que a pobre da donzella esmoreceu toda lá por dentro.

Quanto ao morgado, a prosaica trivialidade com que se apresentava o hospede não lhe diminuiu um atomo nos alvoroços, nem revogou as ordens dadas para o festejar.

A recepção foi cordial da parte do fidalgo, obsequiosa da parte do abbade, timida e secretamente molesta da parte da donzella. Conversou-se pouco. O recem-chegado vinha enfadado da jornada. Ignez póde apenas perceber que se chamava o sr. doutor Diogo Montez; que era da casa de Royos, da commarca de Villa-flor; e que saíra no anno antecedente da universidade, onde se formára in *utroque jure*, particularidade obscura, que, posto inspirar um grande acatamento ao abbade, lhe parecia, a ella, a coisa mais indifferente d'este mundo.

Ás oito horas estava a ceia na mesa.

Como a natural sagacidade do leitor já terá aventado, as formidaveis preparações da tia Brigida, e os arranjos artisticos do Rodrigues eram para a ceia.

Mas que ceia!

Ás dez horas durava ainda. As sobras podiam dar tres dias de jantar a vinte pessoas!

Ás dez e meia, hora insolita, só justificada pelas profusões do opiparo festim, o doutor caía de somno, e o abbade, um pouco turbado das fortes evaporações de algumas garrafas velhas do Douro, ía



O rhinoceronte

succumbindo á modorra que lhe invadia o cerebro.

A mesma Ignez, tão constrangida ou agastada, que nem agradecêra os comprimentos ao doce de damascos, obra prima de suas mãos, a mesma Ignez mal podia encobrir os hiatos prolongados que amiudadamente a accommettiam.

O morgado levantou-se em fim. O abbade, despertando em sobresalto, deu as graças, embrulhando um pouco os padre-nossos, e retirou-se. O Rodrigues pegou em dois castiçaes de prata com velas de cera branca accesas, e precedendo o hospede conduziu-o aos seus aposentos.

A menina de Val-de-mil, ficando só com o pae, ajoelhou, como era uso, para lhe pedir a benção.

Depois de lhe dar a mão a beijar, o morgado, levantou-a nos braços com affecto além do ordinario, e, sem mais preambulos, rodeios, nem commentarios, disse-lhe:

— Estás uma mulher, e eu não posso durar sempre. Ha viver e morrer. Este moço que viste vem ser nosso hospede. É filho de um amigo meu. Boa casa e boa gente. Não ha melhor, dez leguas em redondo. Está já tudo ajustado. D'aqui a tres mezes casas com elle. Boas noites, filha.

E recolheu-se tranquillamente ao quarto onde dor-

miu de um somno as suas oito horas do costume.

Ignez ficou estupefacta. Subindo á sua camara, levava as faces ardentes e aljofaradas, que nem duas rosas de Alexandria salpicadas do orvalho.

Verdade, verdade, não posso positivamente asseverar que passasse a noite como o pae.

MENDES LEAL JUNIOR

O RHINOCERONTE

É o rhinoceronte, depois do elephante, o maior dos quadrupedes. Tem doze pés de comprimento desde a extremidade do focinho até á origem da cauda; e a circunferencia do corpo é quasi egual ao comprimento. Assimilha-se ao elephante no volume; e, se parece mais pequeno, é porque tem as pernas mais curtas, proporcionalmente, que as do elephante, do qual ainda se differença, sobre tudo, pelas faculdades naturaes e pela intelligencia. Privado de toda a sensibilidade na pelle, faltando-lhe mãos e orgãos distinctos para o tacto, sendo a tromba substituida por um beiço movel, o rhinoceronte é superior aos outros animaes só pela força, grandeza e arma offensiva que lhe sáe das ventas. Esta arma é um chifre durissimo, solido em todo o comprimento, e mais vantajosamente collocado que os chifres dos outros animaes ruminantes; o rhinoceronte, por isso, tem preservadas todas as partes anteriores do focinho e a bocca. A pelle é mais dura e espessa que a do elephante; e o movimento da cabeça e das pernas, que terminam em largas patas, com tres enormes unhas, é ajudado pelas rugas do pescoço, das espadoas e da anca. Tem a cabeça maior que a do elephante, porém os olhos mais pequenos, e não os abre completamente.

O queixo superior é mais avançado que o inferior, e o beiço de cima tem movimento, póde estender-se até seis ou sete pollegadas, e termina por um apendice pontagudo, que lhe dá facilidade para pastar. Póde considerar-se este beiço, muscular e flexivel, como especie de mão ou tromba imperfeita, que não deixa, todavia, de agarrar com força e apalpar com destreza. Além do chifre, servem-lhe de defesas os dois dentes incisivos em cada queixo, aos quaes nenhum dos outros dentes se póde comparar. As orelhas conservam-se direitas, e parecem-se com as do porco.

A côr dos rhinocerontes é, em geral, azeitonada; na Africa encontram-se alguns que são cinzentos, e dizem que tambem os ha brancos. Ha-os na Asia, na Africa, em Bengala, em Sião, em Laos, no Mogol, em Sumatra, Java, Abyssinia e Ethiopia, no Congo, e até no Cabo da Boa-Esperança.

A caça do rhinoceronte é de difficuldade e perigo. Como a intelligencia d'este quadrupede é assaz limitada, os naturaes da Africa meridional armam-lhe ciladas nas estradas. Consistem estas armadilhas em encher profundas covas com folhas, fructos e raizes, de que o rhinoceronte se alimenta, e onde se envolve, despenhando-se no abysmo que lhe prepararam. O ruido da quéda avisa as tribus, que logo acodem ao sitio, e lançam-lhe madeiros incendiados, materias resinosas produzindo grande fetido e fumo, que suffoca o animal, ou o mata entre as chammas.

Para mostrarem todo o poder e força do quadrupede, contam os viajantes que a passagem do rhinoceronte por qualquer logar ou povoação, é signalada por continuas devastações. Na Asia chegam a organisar-se columnas de intrepidos caçadores armados de espingardas, com pecinhas de campanha, e aloes amestrados n'estas emprezas, para bater a terrivel fera. Lemos algures, que no cêrco de uma praça não se empregariam prudencia e valor eguaes. Ás vezes não regressam ao ponto de partida os caçadores que se dão a estas luctas de gigantes. Todos succumbem aos solavancos do rhinoceronte.

O seguinte facto, narrado por um illustre viajante, prova sobejamente o perigo a que se expõem os caçadores, e dará a explicação da nossa estampa. Ouçamol-o.

« Um dos meus amigos, mr. Duvanchel, pagou caro, junto ao Ganges, um acto de temeridade contra um rhinoceronte devastador, caçado por vinte denodados europeus. Quiz, desprezando os conselhos dos experimentados em taes combates, postar-se além de uma quebrada, em que se fazia a caçada, esperando assim, escondido por uma arvore, evitar a pancada do animal enfurecido. O rhinoceronte, excessivamente irritado por uma larga ferida, investiu contra Duvanchel, o mais inoffensivo dos caçadores. Apavorado, nem pensou na espingarda, nem na faca-de-mato, de que gentilmente se armára; fugiu com toda a agilidade, e dirigiu-se para a quebrada, onde esperava encontrar refugio; depois, com a mesma ligeireza, procura outra arvore, atraz da qual de abriga, pensando que o rhinoceronte passaria sem o descobrir. Mas de subito ouve, perto de si, o rebombo da carreira do colosso; estende a cabeça para calcular a grandeza do perigo que o ameaça, e vê o monstro que vinha do lado, mas um pouco adiante; inclina-se para traz; o astuto rhinoceronte faz um movimento obliquo, e com o chifre atira com o meu infeliz amigo para lá da quebrada. A fera salvou-se no bosque, depois de matar um combatente e ferir tres. Duvanchel, com muitas partes do corpo fracturadas, foi morrer, passados dias, a Calcuttá, onde os estudos e explorações o detinham. A sciencia tambem tem seus riscos. »

Em conclusão, os indios domesticam o elephante e o leão, para com elles guerrear o temivel inimigo dos seus lares. Ha, porém, quem affirme que o rhinoceronte não foge ás leis da submissão perante o homem. Alguns viajantes asseguram ter visto, nas provincias do interior da India, e, sobre tudo, ao pé da gigante cadeia do Hymalaya, rhinocerontes domesticos e dóceis á voz dos guias, que os empregam em transportes de familias, tendas, bagagens, etc., como se foram elephantes. No entretanto, parece que a sua fidelidade é duvidosa; porque, segundo uma brochura publicada em Calcuttá (1813), um d'estes rhinocerontes, que ia conduzindo uma familia de indios, mudou subitamente de andadura, e desobedecendo á vóz do guia, precipitou-se n'um rio proximo, o qual atravessou a nado. Toda a carga se afundou.

Não ha discreto que não seja benigno, nem ignorante que não seja rigoroso.

*

É signal de enfermidade o dissabor com que se gostam os bons manjares. *Francisco de Moraes*

*

Os que não tomam as medidas ao que podem, cuidam que podem tudo.

*

Nenhuma coisa se pedirá a Deus em memoria do nome de Maria, que não seja concedida.

*

O rei ha se de matar e morrer, para que os vassallos vivam. *Padre Antonio Vieira*

*

Lei é da natureza, e tão antiga como ella propria, serem os filhos obrigados a pagar as dividas de seus paes. *D. Francisco Manoel de Mello*

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O boabab de Adanson (cabaceiro, de Cabo-Verde) — O olmo de Morges — O carvalho de Salcey — O castanheiro de Neuve-Celle — O dragoeiro de Orotava — O castanheiro de Esaú — O carvalho de Allouville — Algumas outras arvores que se mencionam apenas

(Vid. pag. 42)

V

Adormecemos nas ilhas da Oceania, e sonhámos com as arvores gigantes que temos visto. Deixemos estas ilhas; atravessemos o Oceano, depois a Africa de lado a lado; desçamos á Senegambia, região predilecta do boabab ou *bombax*, de que ouvimos fallar muita vez, e que, com franqueza o confessâmos, nos divertiu muito na infancia, tanto pela originalidade estridente do nome, como pela definição que nos deparou, na letra B, um volumoso diccionario da academia. O nome, e a definição, que dizia ser o da maior arvore do mundo, não nos saíam do pensamento.

Para o ver em toda a magnificencia, vamos a Cabo-Verde. Observem o que Adanson alli mediu, perto da villa de Sor, e ao qual deram o nome scientifico de *Adansonia digitata;* pertence á familia das malváceas. O tronco é curto e de enorme grossura; as folhas são lanuginosas, largas, cordiformes, ás vezes recortadas, á similhança da mão de homem, e de côr purpurea. Adanson viu-se obrigado, para abraçal-o, a dar treze voltas em roda, estendendo os braços tanto quanto possivel; mediu 65 pés de circunferencia, ou, pouco mais ou menos, 22 metros. Póde tambem admirar-se n'elle os ramos de 55 pés, que tocam no solo, e que, por assim dizer, formam separadamente arvores monstruosas.

A grossura media d'esta especie é de 25 pés de circunferencia, e são precisos oito seculos para a alcançar.

Vejamos os mais bellos na ilha de Cabo-Verde. O que Adanson viu antes de nós, tem 76 pés de circuito, e est'outro 77 (fig. V). Adanson tambem observou suspensos dos ramos, como se fossem grandes cestos atados pelas azas, alguns ninhos de 3 pés de comprido, e de fórma oval, que, sem duvida, affirma elle, serviriam para aves do tamanho do abestruz.

O boabab carrega-se de fructo redondo ou oblongo, com casca egual á de certos cocos, de uma pollegada de espessura, porém doce e oleoginosa; está cheio de substancia esponjosa, especie de chocolate preparado pela natureza, mui sumarento.

A cortiça do boabab, reduzida a pó, é febrifuga e boa para a transpiração. As abelhas selvagens vão fazer os seus ninhos nas fendas dos enormes troncos do boabab; ahi recolhem o mel que se distingue por um aroma particular, e que julgam, principalmente na Abyssinia, superior a todo outro mel.

O boabab é tambem chamado, nas ilhas em que abunda, pão do macaco, provavelmente porque os macâcos se alimentam com os seus fructos. Os portuguezes em Cabo-Verde chamam ao boabab, cabaceiro, em razão da configuração do fructo.

O illustre viajante, que citámos, calculou que o maior boabab da ilha de Cabo-Verde teria 5.150 annos de edade.

VI

Regressemos á Europa. Não sigo comvosco o systema ordinario da progressão ascendente; comecei pelos maiores, e acabarei pelos mais pequenos. É uma fantasia.

Temos formosos olmos na Europa. Não se trata, é verdade, das dimensões monstruosas que medimos; trata-se, porém, de outras que merecem a nossa visita. Iremos ver o olmo de Morges, n'um valle do lago Leman, a algumas legoas de Genebra.

Não existe; caíu, ao abalo de um furacão, á uma hora da noite de 5 para 6 de maio 1824. Mas não importa. Como viajámos com a imaginação, o passado não deve ser para nós inaccessivel. Este olmo é soberbo! 11¼ metros de circunferencia no sitio em que os ramos se desenvolvem do tronco tão magestosamente; á saída do solo, um diametro de 5 metros e 70, o que dá um ambito de perto de 18 metros. Uma cadeia formada por doze ou treze homens podel-o-hiam abraçar. O comprimento do tronco, da terra ao primeiro ramo, é de perto de 4 metros ($3^m,88$); o olmo está na fig. VI em miniatura, levada ás proporções que lhe convem em relação aos outros gigantes da vegetação terrestre.

Um só dos ramos tinha 5 metros e 44 de circunferencia, e projectava outros cinco ramos na extensão aproximativa d'aquella. Um d'elles guardava a grossura perfeitamente egual sobre o comprimento de 9 metros e 74, e na altura de 23 metros, ou 69 pés, mediam-se ainda 97 centimetros de circunferencia.

Parece-me, leitor, que este olmo era tão admiravel, no seu genero, como os que vimos até aqui. O que ficou no mesmo logar foi um irmão pequeno, porque eram dois em Morges; e como de ordinario succede nos cataclysmos, o grande succumbiu, e o pequeno sobreviveu. Apesar d'este não ter ainda chegado á grandeza do primogenito, vê-se que é superior em belleza a todos os olmos, e que um dia justificará as pretenções que annuncia já. É preciso tempo, e muitos homens morrerão na visinhança antes de que o novo olmo chegue ao apogeu da sua gloria.

Dizem que a floresta de Puy-Saint-Ouen, nos Vosges, possue tambem uma arvore da mesma especie, que tem 33 metros de altura, 13½ de circunferencia, 25 de envergamento, e os ramos medem 6 metros em roda na origem. É digna rival. Deixemos, porém, os olmos, para visitar um formoso carvalho. O carvalho é meu predilecto. Era a arvore de Jupiter, se não érro, o que não me admiraria, porque eu sou tão moderno, leitor amigo, que todos os dias faço a possivel diligencia para me esquecer da mythologia.

VII

É o carvalho da floresta de Salcey, na Inglaterra, fig. VII. *The great Salcey oak* (o grande carvalho de Salcey, dizem os inglezes). Aqui estamos para o ver, a 10 milhas de Northampton. Tem 46 pés e 10 pollegadas de circunferencia na base, em medida ingleza, o que dá pouco mais de 14 metros, grossura enorme para um carvalho, porque são precisos nove homens para o cingir.

A 9 pés da terra, apresenta 16 pés e 2 pollegadas de circunferencia; e no interior do tronco mostra uma caverna vegetal com duas aberturas, uma de cada lado. O major Rooker deu já á estampa a descripção d'este carvalho. Brevemente encontraremos outro em França, que tambem é digno de attenção.

(Continúa)

O modo com que se escreve, é um pouco mais apurado do com que se falla. *Francisco de Moraes*

*

É antigo costume dos homens que não prestam para nada, quererem-se metter em tudo.

D. Francisco Manoel de Mello

CHAFARIZ DE BELEM

Se esta cidade de Lisboa é pobre em monumentos de architectura, a dos chafarizes é pobrissima.

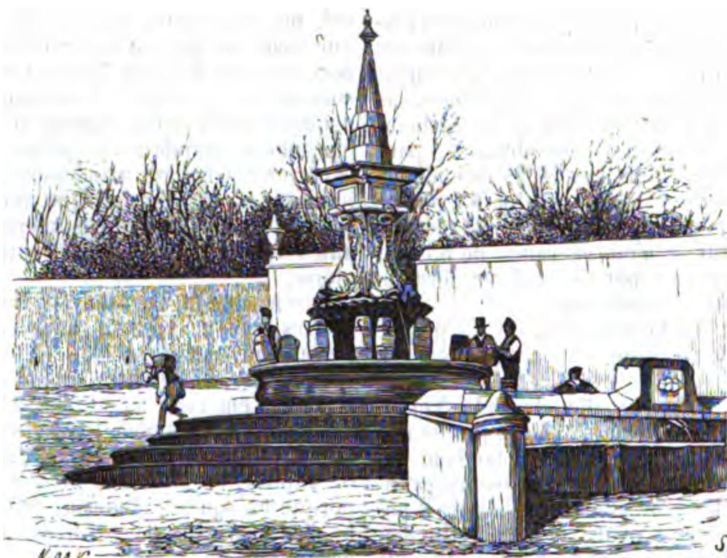
Os modernos não devem nada aos antigos em obra de arte, antes lhe são inferiores, e alguns servem de padrões da ignorancia e falta de gosto artistico dos architectos que infelizmente tem tido o municipio.

Merece honrosa excepção o que mandou edificar a vereação municipal de 1846 no bairro de Belem, posto que os quatro golphinhos por onde corre a agua, sejam de esculptura antiga, suppondo alguns que pertenceram ao chafariz que n'outros tempos houve no Rocio.

É ainda do nosso tempo o chafariz chamado da «Bola» por ser d'esta feição o globo de bronze que coroava a columna por onde subia a agua para as bicas. Era este o unico que havia no bairro de Belem. Consta por escripturas existentes no archivo da camara de Lisboa, que o senado comprára em 1611, por 150$000 rs., a Luiz Moreira e sua mulher Catharina Antunes, um charco que estes possuiam n'um serrado, sito em Alcolena, e d'aqui a encanára para Belem, permittindo o prior do convento dos Jeronymos, que o encanamento passasse pela sacristia, deixando alli uma porção de agua para o lavatorio. Era este o systema fradesco das pitanças.

Tal foi a origem do chafariz da Bola, que persistiu no pequeno largo que fica entre a praça de Belem e o largo dos Jeronymos até 1837. Como porém esta fonte não bastasse para o consumo dos moradores d'aquelle bairro, porque de verão chegava a seccar, a camara municipal de Lisboa resolveu mandar construir um chafariz novo e copioso, para o que comprou varias barracas que havia no chão salgado [1], por 1:000$000 rs., as quaes demoliu para fazer praça ao novo chafariz.

Começou-se a obra no principio de junho de 1846, e a 4 de abril de 1848, principiou a correr a agua, perante um numeroso concurso de espectadores, e do respectivo vereador do pelouro das aguas, o fallecido pharmaceutico do Rocio, Antonio de Carvalho.



O chafariz de Belem

Este chafariz, como se póde ver pela nossa gravura, é elegante, e todo elle de boa cantaria. Os quatro golphinhos que lhe servem de bicas, estavam guardados desde muito tempo n'um telheiro a S. Pedro de Alcantara, dizendo alguns que se haviam tirado do antigo chafariz do Rocio; mas o sr. José Sergio Velloso de Andrade, archivista da camara municipal de Lisboa, na excellente memoria que publicou em 1851 sobre os chafarizes e fontes d'esta cidade, e ao qual se devem estas noticias ácerca do de Belem, julga que estes golphinhos estavam destinados para o grandioso chafariz que se projectava fazer no Campo de Santa Anna, nos fins do seculo passado. Diz elle tambem que são obra do esculptor portuguez Antonio Gomes, o qual, como auctor d'elles, não achámos nomeado nas fidedignas *Memorias* das vidas e obras dos artistas nacionaes, colligidas por Cyrillo Volkmar Machado.

Este chafariz de Belem, com o custo das expropriações, novos encanamentos, jornaes e materiaes, importou em 11:800$000 rs.

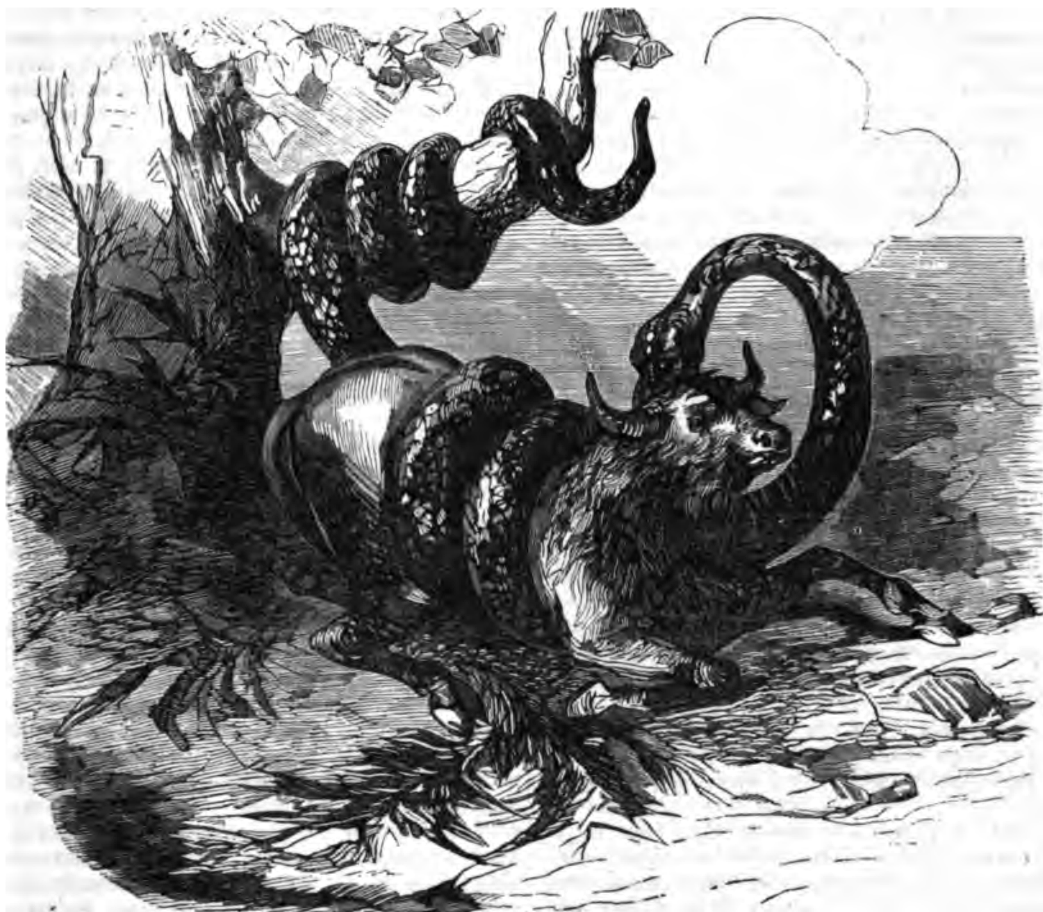
Não será descabido dizermos para remate, que o artista Alexandre Gomes, que esculpiu os golphinhos que se applicaram a este chafariz, é juntamente auctor dos quatro tritões que já estiveram postos no tanque do passeio publico, e hoje não sabemos onde os sumiram; e egualmente das duas figuras do Tejo e Douro, que ainda se acham no mesmo passeio, assim como das quatro carrancas que actualmente estão no chafariz de Alcantara. Todas estas esculpturas fez o dito estatuario Alexandre Gomes por 3:000$000 rs. para o projectado chafariz do Campo de Santa Anna, de cujo desenho contâmos dar uma copia em gravura.

Quando os monarchas se encaminhavam bem, era quando caminhavam a ver os philosophos, d'onde lêmos, que das duvidas dos principes, elles proprios appellavam para a sentença dos sabios. Diga-o Faraó nos sonhos, Nabuco nas illusões, Balthasar nas evidencias.

D. Francisco Manoel de Mello

[1] Era o solar dos Tavoras, que pelo attentado contra a vida de el-rei D. José, foi mandado arrasar e salgar.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



A bóa

Deu-se este nome ás serpentes notaveis pela sua grandeza, mas que pertencem a generos differentissimos. Querem alguns auctores que as maiores bóas sejam originarias da America; affirmam outros que as serpentes monstruosas encontram-se no interior de Africa, e, principalmente, na vasta região do Sonda. Outros, em fim, porfiam em que esta especie de ophidianos habita diversas paragens européas, mas tal opinião acha-se refutada por naturalistas como Daubenton, e outros mais modernos, por quanto, se não averiguou até hoje a existencia na Europa de reptis com as dimensões da bóa *(constrictor)*.

É certo, porém, que na America e na Oceania vivem as maiores serpentes conhecidas. Outro ponto de contestação e de duvida, é a respeito da sua grandeza. Ha diversas opiniões. Podem alcançar até 8 metros de comprimento, affirmam uns; dão-lhe outros até 16 metros, e com 55 pés, nos consta, fôra morto um reptil em Timor, e depois enviado a Lisboa por um antigo governador nosso, o sr. José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa. [1] Dando credito a Plinio, o naturalista, haveria serpentes bóas de 120 pés, ou 40 metros de comprido, o que se põe a par de tantas outras anecdotas que elle referiu em immemoraveis obras, mas que ninguem verificou. O poder que certos naturalistas attribuem á guela esfaimada da bóa, attrahindo os passaros empoleirados nas arvores, consiste, segundo elles, na corrupção do halito do reptil que, viciando o ar, e impregnando-o de miasmas deleterios, atordôa os passaros, tira-lhes a força, leva-os a uma especie de asphyxia, e por fim, cáem na guela aberta para os receber.

O alto da cabeça da bóa é largo, a fronte elevada e dividida por uma ruga longitudinal; os olhos são negros e as orbitas resaídas; o focinho é longo, e termina por uma grande escama alvadia salpicada de amarello. Tem a lingua carnosa, ligeiramente bífida e pontaguda; a abertura da guela profunda, e os dentes compridos. O corpo é espesso, e revestido em toda a extensão, de pequenas escamas lisas e ovaes; o ventre apresenta grandes e numerosas escamas; a cauda, nervosa e dura, tem a oitava parte do comprimento do corpo. As côres das escamas são vivas e variadas; morto o reptil, todas ellas desbotam; não são as mesmas em todos os climas. Geralmente, o amarello, o cinzento, e o vermelho, em diversas gradações, formam os matizes da bóa. Nos museus não conheceremos o effeito que produzirão taes matizes. A symetria das manchas, ou dos

[1] O sr. José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa foi governador das ilhas de Timor e Solor, pelo triennio de 1815 a 1818, e no desempenho d'estas funcções, que, por aquelles annos, foram difficeis e espinhosas, houve-se com singular energia. No commando da expedição que de Macau partiu contra os piratas chins, prestou serviços tão relevantes que, finda ella em 1819, promoveram-n'o ao posto de tenente-coronel de artilheria, arma a que pertencia.

Occupado como estava o valente militar em resolver negocios importantes no seu governo de Timor, devemos suppor que se descuidasse de enviar para Lisboa a serpente, segundo affirmára, por quanto desconhecemos a sua existencia aqui; ou, antes, presumimos, que assegurando o sr. Alcoforado que a bóa seria enviada á corte portugueza, o nosso informador, que é estrangeiro, e por largos annos viajou nas Indias, a julgasse em Lisboa, quando então ainda a familia real estava no Rio de Janeiro. Acerca d'isto, porém, nada consta officialmente, como tivemos occasião de averiguar.

olhos, que se observam na bóa, é tambem notavel.

Segundo escrevem da bóa americana, esta devora pequenos animaes, e foge do homem. Pelo contrario, a do Sonda alimenta-se do bufalo, e investe com o homem. Os naturaes de Timor, expostos como estão pelas plantações em que se occupam, chegam, para fugir ao subito perigo, a engodar os reptis, ligando ás arvores, ou ás rochas, com valentes cordas, algum bufalo, ao qual a bóa se lança, e o mugido abafado d'aquelle animal não tarda que annuncie o triumpho e a comida do ophidiano. Vêde a estampa. A monstruosa espiral envolve a victima, e quebra-lhe os ossos; a bifida lingua, com saliva glutinosa e fétida, passa-lhe o corpo, para a tragar mais facilmente; depois, dilatando sem proporção a guela, engole a cabeça; e pouco a pouco, e com difficuldade, o resto.

A caça da bóa da Oceania é em extremo perigosa, e affiança-nos um viajante, que preferiria combater o tigre ou o leão esfaimado nos desertos de Africa, do que a terrivel constrictor no seio das florestas do Sonda.

Ouçamos agora, e em conclusão, a Jacques Arago, referindo o que lhe contou o antigo governador, já citado, das nossas possessões de Timor, sobre a arte de que usava pára destruir o damnoso reptil n'aquellas paragens:

«Tornára-se de tal sorte mortifera a guerra que as bóas faziam aos bufalos pertencentes aos europeus e aos rajás tributarios do residente de Diely (Timor), que o governador José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa, resolveu, a final, organisar caçadas para a destruição, ou pelo menos, afugentamento dos reptis. Ajustou para este fim, a troco de alguns estofos fabricados no paiz, homens corajosos e energicos, que não temiam entranhar-se, de dia ou de noite, na pavorosa floresta, e combater seus terriveis dominadores. As armas que empregavam eram o formidavel cris, [1] cuja lamina é quasi sempre temperada na gomma do *bohon-upas* [2] (menos perigosa do que se pensa na Europa), e frechas agudas, denteadas, curtas, e postas em leque adiante do peito, que arremessavam contra o monstro quando o surprehendiam adormecido. O reptil fazia, porém, tantas victimas, que foi preciso renunciar a estes ataques, nos quaes se utilisava do serviço dos degradados. O sr. Pinto disse-me que, vendo-se embaraçado com petições para irem á caça da bóa, teve que diminuir a paga dos combatentes, tão vezeiros aos grandes perigos, como soffregos pelos estofos que lhes dava o governador!

«Baldadas similhantes tentativas, que findariam por despovoar a colonia, mais rapidamente que as febres perniciosas e a dysenteria, o sr. Pinto decidiu-se a lançar fogo á floresta infestada, ainda expondo a ilha a um incendio. Houve-se, todavia, com toda a prudencia; e assim que os bufalos, mandados em holocausto aos reptis, lhe attestavam a presença de um ou de muitos d'estes monstros, o sr. Pinto fazia circumscrever o sitio designado por um immenso decote. Como depois da comida a serpente cáe em deliquio durante alguns mezes, o trabalho dos animosos lenhadores só era interrompido pelas bóas que estavam em jejum, as quaes não ousavam investir com um exercito de homens promptos a recebel-as.

«Abatidos os troncos seculares com seus ramos tão variados e pomposamente vestidos, innumeras braçadas de folhas sêccas se lançavam ao centro; communicado o fogo ás primeiras camadas de matto, alimentavam-n'o e propagavam-n'o por meio de novos combustiveis deitados na queimada; então, através das ondulações das chammas, viam-se erguer do abrasado circo formidaveis bóas turbinosas, para fugirem á morte, trepar de um salto ao cimo das arvores, alcançar os mais elevados ramos, e diligenciarem por atravessar as flammantes barreiras que as estreitavam. Esforços inuteis! As serpentes caíam espavoridas e meio devoradas na fogueira, e davam o ultimo suspiro entre contorsões que bem mostravam os horrores de tal morte.

«Viam-se tambem algumas, affirmou o sr. Pinto, saltar das chammas, e em vez de fugir ao perigo, de que iam escapando, arremessarem-se contra os intrepidos malaios, e immolarem muitos d'elles antes de as vencerem.»

P. DE BRITO ARANHA

[1] Arma como adaga de que usam os malaios.
[2] Arvore venenosa de Java.

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

(Vid. pag. 46)

Soube d'isto o exercito que tem assento n'um sitio a que chamam Mexarromelá, habitado por mais de cinco mil negros, quando nós já iamos com os alarves de Mamora, que seriam tres mil homens, para a corte de Mequinez, a el-rei Muley Ismael, a quem levavam os captivos, para d'elle terem algum premio, pelo que nos levavam com muita estimação: Teriamos andado quasi um dia, quando nos encontrámos com os negros, que com ordem do seu general, que era el-Bachá-Zemerani, nos vinham buscar, dizendo que o sitio onde deramos á costa continava com o seu governo, ao que o alcaide dos alarves repugnava, dizendo que mais tocava ao governo de Mamora; por este motivo travaram entre si controversia, e se pozeram a pelejar. N'esta occasião me levaram os alarves, e me metterám na concavidade de um barranco, cobrindo-me com muita quantidade de matto. Ahi estive quasi tres horas, pois os negros, levando vantagem na peleja, obrigaram os alarves a trazer os captivos todos. Com esta revolta me rasgaram uma orelha para me tirarem os brincos, e com a pressa de me tirarem um cordão de ouro, que levava, me feriram no pescoço.

A este tempo trouxeram-me minha filha, e vendo que não vinha meu filho, com lamentaveis gritos chorava diante do alcaide dos negros, o qual não sabendo o motivo por que eu chorava, mandou buscar um negro que tinha estado captivo nas galés de Lisboa, o qual entendia o nosso idioma, e perguntando-me o que tinha, lhe disse que me tinham levado um filho, e não sabia onde elle estava; logo o alcaide, prendendo muitos, ferindo alguns alarves, e fazendo excessivas diligencias, ao cabo de dia e meio m'o trouxeram, o qual recebi com muitas lagrimas, trazendo á memoria a variedade de meus infortunios. Trouxeram tambem meu marido e os mais captivos, que, todos uns para os outros olhando, não sabiamos em que pararia similhante tragedia.

Levaram-nos os negros com estimação, dando-nos todo o necessario, especialmente a mim e a meus filhos. Chegámos á corte de Mequinez, e levando-nos a palacio, foram dar noticia a el-rei do succedido, e que traziam uma mulher e dois filhos, o qual mandou que fossemos á sua presença. Levaram-nos por uns grandiosos palacios, supposto que térreos, feitos com muita grandeza, de fontes e deliciosos jardins; e chegando a uma formosissima sala, ornada de muitas tapeçarias, onde estava el-rei sentado em uma alcatifa, com o braço encostado n'um travesseiro de veludo verde, e ao pé d'elle estava uma

mulher sentada com um menino nos braços, que ao depois soube que era a rainha. Fui logo a seus pés com os meus dois filhos, beijando a terra em sua presença, que assim me tinha dito o mouro das galés que se costumava fazer n'aquelle reino. Mandou-me levantar, e chamando as renegadas que em palacio havia, vieram logo treze; mandou o rei perguntar d'onde eu era, e para onde ía; respondi que era de Alcacer do Sal no reino de Portugal, e que mudando-me para o reino de Hespanha, nos sobreveiu temporal, de sorte que nos fez dar á costa em suas terras.

Conservei-me de pé em quanto o rei fallava com a rainha, a qual, com acções de agradecimento, beijou a cabeça a el-rei, o qual me disse que aquella era a rainha, a quem nos dava para seu estado; e logo me mandou dar uma alcova para que estivesse com meus filhos. Á noite mandou-me a rainha chamar por uma renegada, e me fez varias perguntas em coisas do nosso reino, mandando á renegada, que era natural das ilhas, estivesse commigo para me consolar, porque me via muito chorosa.

Assim estive cinco mezes, sem ver pessoa catholica com quem me podesse consolar; no fim dos quaes, um dia, veiu el-rei e a rainha com muitas aias e alguns eunuchos das guardas do palacio, que logo principiaram a instar me tornasse renegada, fazendo excessivas diligencias, sem ser possivel conseguirem o que desejavam. Mandaram que me despissem e me dessem muitas pancadas, e vendo a minha resistencia, trouxeram uns ferros accesos, com os quaes me queimaram as costas e os pés. Implorando o divino amparo de Deus, soffri com toda a constancia aquelles tormentos; mas, vendo frustradas as diligencias, me metteram, e a meus dois filhos, em uma masmorra, onde estive treze dias, esperando por instantes o fim da minha vida, o qual não sentia tanto como ficarem meus filhos, de tão tenra edade, em poder de tão tyrannos barbaros.

Nos dias que ahi estive se me foi o corpo todo inchando, e as queimaduras totalmente inflammando, o que visto por umas aias, o foram dizer á rainha, a qual, indo diante d'el-rei, lhe disse da fórma em que eu estava, e juntamente lhe pediu que, visto Deus trazer-me a suas terras, não me acabasse de matar d'aquella sorte, o que, ouvido por elle, me mandou buscar, e como me visse em tão miseravel estado, fez chamar os frades capuchos de S. Diogo, que em aquella cidade tem o seu convento, os quaes logo vieram, e lhes disse me levassem para me curar, e que de todos os modos me haviam de dar sã, senão que haviam de experimentar o seu furor; e elles me levaram, em o qual convento estive, curando-me com varios remedios, onde estive doente quarenta dias, e em todos elles mandava a rainha saber como eu estava; da qual enfermidade foi Deus Nosso Senhor servido escapasse, e com saude.

Indo a palacio, fui del-rei e da rainha com bastante alegria recebida, sem embargo que sempre me faziam continuadas diligencias para seguir sua infernal lei, o que eu, por defender constante, padecia innumeraveis trabalhos, pois no decurso de quatro annos continuamente para o dito fim me affligiam; até chegavam a pôr meus filhos na bocca de um forno para ver se nos podiam obrigar! Porém, como Deus nos ajudava, a tudo podémos resistir. E já enfadados depois de quatro annos, nos deixaram sem nos perseguir mais em coisa alguma, antes me fizeram criar o principe, filho d'esta rainha, que tinha cinco mezes de edade, chamado Mulei-Zidan, o qual com o meu filho juntamente criava com muita estimação de todo o palacio.

Passados seriam nove mezes, quando se determinou a rainha ir offertar o principe á casa de Meca, a seu maldito propheta Mafamede, pois assim o tinha promettido em certa doença muito perigosa, que em os principios de seu nascimento tivera. Preparou-se a jornada com grandioso acompanhamento, pois levava de guarda passante de seis mil negros, mais de seiscentas mulheres, muitos captivos e algumas captivas, entre as quaes fui eu com mais estimação de todas, por criar o principe que tanto estimavam; e pedindo eu a el-rei por meu marido, para que juntamente estivesse commigo, o qual desde que fomos captivos não tinha visto, logo mandou viesse, e que commigo sempre assistisse.

Saímos da cidade de Mequinez, fazendo primeiro adoração á mesquita de um seu grande santo, a que chamavam Mulei Dvis; d'ahi partimos para a cidade de Fez, da qual continuámos a jornada, não querendo em toda ella entrar em parte alguma, fazendo os acampamentos muitas vezes ao pé das mesmas cidades, das quaes vinham grandiosos presentes de todas as partes por onde passavamos. Chegámos a Mogafra, que é terra onde todos os d'aquelle reino, que para a casa de Meca fazem jornada, se ajuntam, onde estivemos oito dias, no fim dos quaes fomos ao Grão Cairo, onde nos deixou entregues ao governador, dizendo era indecencia, que catholicos chegassem perto de tão maravilhosa casa, levando uma mulher d'aquella terra, para que, em quanto iam, tratasse do principe, consignando aos captivos para o sustento uma pataca a cada um, o que o governador não quiz gastassemos d'ella coisa alguma. Ahi estivemos sempre mettidos em uma fortaleza até que vieram da sua promessa, d'onde voltámos para Mequinez, em cuja jornada gastámos oito mezes.

Logo que chegámos á dita cidade de Mequinez, me deu a rainha no meio da cidade umas casas para que morasse com meu marido e filhos; porém que todos os dias fosse a palacio com meus filhos, dando-me juntamente licença para poder contratar com vinhos e aguas-ardentes, que são os contratos que se permittem aos captivos, sem embargo de terem, com algumas instancias que faziam, esperanças que havia de renegar; e n'este tempo, vindo da jornada, falleceu meu marido.

(Continua)

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

POETAS PORTUGUEZES NO BRASIL

I

FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

(Vid. pag. 21)

Francisco Gonçalves Braga é um dos poetas que mais vantajosamente figuram n'este *Album*. Não sei da sua pessoa nenhuma circunstancia pessoal; mas julgando-o pelos seus versos, creio que é moço, e o seu appellido faz suppor que na provincia do Minho tenha a sua patria. As suas poesias são geralmente muito harmoniosas; ainda que por vezes se encontre n'ellas um ou outro verso mais frouxo e menos correcto, é de crer que taes defeitos desappareçam nas futuras composições do poeta, á medida que a experiencia e o estudo dos bons modelos lhe for apurando o gosto. Consta-me que em 1856 publicára elle n'uma collecção as suas primeiras *Tentativas Poeticas;* mas como não tenho nem vi nunca esse livro, só pelo *Album do Gabinete Litterario* posso avaliar o seu merito. São oito as suas producções exaradas no presente volume, e intitulam-se: *Beranger,*

Desejos, Garrett, Os cinco sentidos, Transição, A uma menina, Pedido, Lamartine.

Deprehende-se da leitura d'estas diversas peças, que seu auctor sabe sentir, amar, soffrer, e cantar, quando a admiração, o amor, a saudade ou a esperança lhe ferem as cordas da alma e as da lyra. Francisco Gonçalves Braga é um poeta de sentimento; porém, nos seus cantos amorosos não se nota esse tom lamuriante e sédiço que transforma a paixão em pieguice, e obriga o leitor a mandar ao diabo o choramigas que o apoquenta. Ha nobreza e elevação nas suas canções; mesmo n'aquellas onde a phantasia se desmanda um pouco, incitada pelo fogo dos desejos, o poeta prefere peccar antes pela liberdade da idéa, do que deixar-se caír no estilo dos vates pierios que *tem lagrimas na voz*. Ahi váe o exemplo.

São as ultimas estrophes de uma canção que tem por epigraphe, *Desejos*, onde o poeta, depois de uma vehemente invocação, termina assim:

....
Eu sería feliz!... Que fôra o mundo
Se o não dourassem amorosas flores?
Que fôra a vida não havendo um anjo
Para, entre afagos, nos sorrir nas dores?

Vem ser o anjo meu!... Altar sublime
Terás, com o meu amor, dentro em meu peito!
Vem ser o anjo meu!... Faustosa coroa
Terás de um trovador no amor perfeito!

Vem ser o anjo meu! nas horas mortas
Da noite amena, que ao amor inspira,
Virás sentar-te ao lado meu sorrindo,
Hymnos d'amores me inspirar na lyra!

Vem ser o anjo meu! com azas mysticas
Iremos percorrer a senda aérea!
Vem ser meu anjo, que o serei comtigo
Na estancia amena da morada ethérea!

Vem ser o anjo meu!... oh vem, que a vida
Não posso supportar na soledade!...
Vem ser o anjo meu, que além da campa
Terás o meu amor na eternidade!...

Vem ser o anjo meu!... Não já meus versos,
Mas sim os prantos meus t'o estão rogando.
Oh! já posso dizer que sou poeta,
Pois que estes versos te escrevi chorando!

Não lhe perdoem os defeitos onde os encontrarem, mas confessem que o auctor d'estes bellos versos é um verdadeiro poeta. O seu talento dá-lhe direito a um logar entre os mais esperançosos cantores portuguezes da actualidade, e eu julgo que todos folgarão em o ter por companheiro debaixo das bandeiras da arte. É, pois, um dever aconselhal-o e indicar-lhe o bom caminho que deve seguir para evitar os escôlhos. Muitas vezes se perdem os talentos logo ao nascer, por se não ter com elles a consciencia, e ainda a generosidade necessarias. Nós vivemos n'um tempo em que a critica quasi que não tem independencia: ou louva servilmente, ou condemna injustamente. Para tirar partido de uma phrase mais ou menos engraçada, e mais ou menos roubada e estropeada, crava-se o punhal da satyra desapiedadamente, e tolhe-se a inspiração quando ella começa a balbuciar as primeiras harmonias. Eu prefiro a indulgencia á severidade; mas note-se que não sou critico. Os que sabem e podem mais, analysem segundo as regras. Pela minha parte, antes quero apontar as bellezas de qualquer escripto, do que andar a esmerilhar-lhe os defeitos para com elles me fazer denunciante. Quando um joven poeta começa a expandir os seus primeiros sentimentos, a expor ao ar perigoso do mundo zombeteiro as perfumadas e mimosas flores do seu coração-virgem, eu não sei como ha homens que se divertem a murchar-lh'as, lançando sobre ellas o fel da inveja, ou o veneno da mordacidade! Logo nos primeiros versos, por muito defeituosos que a inexperiencia os faça nascer, se conhece se o auctor é nescio, ou tem em si alguma faisca do fogo sagrado que irrita os parvos illustres. Mas de qualquer modo, que se ganha em assassinal-o? Nada.

Das obras de um tolo não se escrevam juizos criticos; das de um rapaz de talento, devem fazer-se; mas sempre com benevolencia, e louvando antes o que for digno de estimulo, do que condemnando brutalmente erros que o gosto, os bons conselhos, e o estudo, corrigirão facilmente. Não sei aconselhar em questões de litteratura; o meu fim, fallando dos poetas portuguezes residentes no Brasil, não é escrever a critica das suas obras, é divulgal-as, e chamar ao gremio dos que vivem na patria, o nome dos pobres desterrados que procuram honral-a no desterro, com os seus trabalhos litterarios. Encarreguem-se outros de apontar as incorrecções, e indicar o meio de as evitar; estou certo que os nossos collegas e patricios que escrevem do outro lado do Atlantico, não desejam outra coisa. Assim, pois, irei indigitando e transcrevendo mais algumas poesias, tanto de Francisco Gonçalves Braga, como de outros não menos dignos de se tornarem entre nós mais conhecidos.

F. GOMES DE AMORIM

NOVA ARTE DE DOMAR OS CAVALLOS

Grande expectação chegou a causar ultimamente em Paris e Londres, um mancebo irlandez, appellidado Rarey, que em poucas horas domava e amansava até o cavallo mais arisco e manhoso.

Os lords e ricaços que tanto gostam de um cavallo revel amansado nas suas estrebarias, entregarâm os seus potros indomaveis ao recemchegado irlandez, que muitas vezes lh'os entregava mansos como borregos, logo da primeira prova.

Como elle fazia esta operação a occultas, começaram a correr boatos de que o homem empregava n'isto a arte magica, que usava de correntes magneticas e similhantes segredos que poderiam causar damno aos cavallos.

Conheceu-se, porém, que era falso, á vista de algumas sessões particulares que elle deu; e em recompensa de ter achado maneira de domar o cavallo sem castigo nem violencia, o que se podia applicar a outros animaes proprios para serviço do homem e da agricultura, lhe deram um bom premio, com a condição de elle dar sessões publicas para desengano dos incredulos.

De uma d'essas sessões foram tiradas as nossas estampas, e eis o que sobre o assumpto escreve o principal redactor do *Journal des Connaissances Utiles*, J. Garnier, no seu numero de fevereiro ultimo.

«Temos já assistido a duas sessões publicas dadas por mr. Rarey no circo, perante grande numero de amadores e de curiosos.

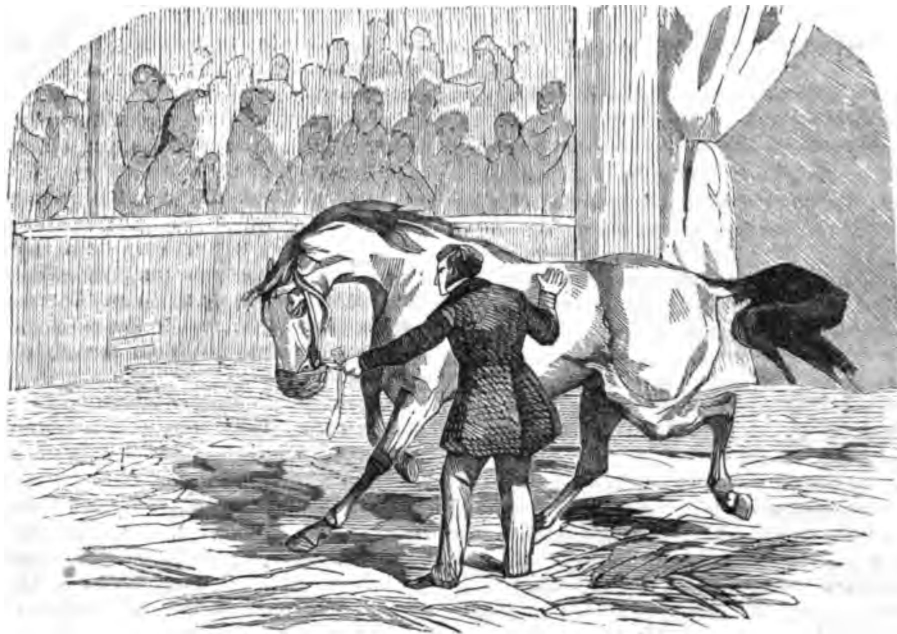
Observámos attentamente a maneira por que opéra o domador americano (como se elle intitula), e podêmos dizer que as suas demonstrações excitam a admiração, e devem causar grande mudança no ensino do cavallo, em particular, e dos animaes em geral.

Rarey não emprega nenhum sortilegio, nenhum meio occulto, nenhum mechanismo extraordinario, nenhum segredo, propriamente tal, como por ahi se

tem dito. O seu processo, ou antes o seu methodo, consiste n'uma serie de precauções, de manejos, de toques de mão e de afagos, que se podem descrever summariamente, mas que julgâmos indispensavel se vejam praticar, para se fazer uma perfeita idéa d'este methodo, e dos resultados que immediatamente se alcançam.

Comtudo faremos uma breve recapitulação do que vimos.

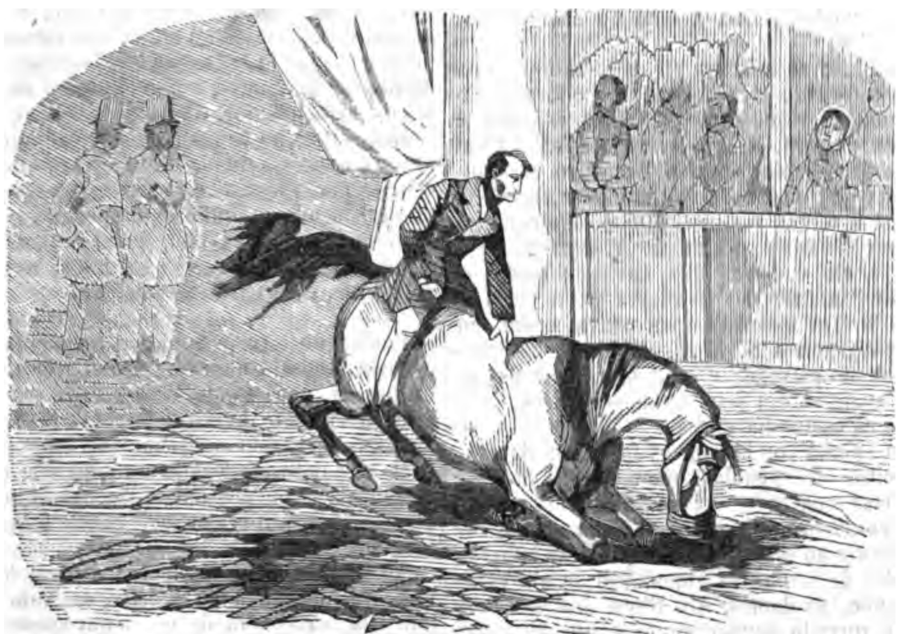
Primeiramente diremos que Rarey é ainda rapaz,



agil, robusto, methodico, e que trabalha sempre com circunspecção e intrepidez; que repete muitas vezes os mesmos toques de mão, com inaltaravel paciencia, evitando todo o movimento aspero, e afagando continuamente o animal.

Não usa de chicote, vara, nem de nenhum outro instrumento de castigo.

Vimol-o amansar cinco cavallos em duas sessões, tres dos quaes nos pareceram positivamente manhosos, propensos a morder e dar coice, ao menor toque ou



passagem de mão, pelos relinchos, tripudio, movimentos da cauda, e outros signaes externos de braveza.

A operação foi feita no hemicyclo do circo de Paris, juncado de palha. O cavallo não tinha outro arreio mais que o freio e um açaimo.

Os primeiros manejos tem por fim obrigar o cavallo a deitar-se. Depois de lhe dar alguns toques com a mão, o domador, tendo na esquerda a rédea, trata de fazer com que o cavallo levante a perna anterior, que elle dobra e prende com uma correia afivellada. Presa esta perna, trata de fazer o mesmo á segunda, de maneira que o cavallo cáe de joelhos, com o focinho sobre a cama de palha, e a garupa para o ar, sem se poder mover se não com as pernas posteriores, o que o fatiga muito, e lhe abate a petulancia.

Durante quinze ou vinte minutos, o cavallo faz esforços inuteis para se levantar; e Rarey continúa a correr-lhe a mão pela anca, cauda, pernas, pescoço, etc., senta-se-lhe na garupa, e deixa-se escorregar para o chão, sempre com movimentos methodicos, e continuos afagos com a mão.

(Continúa)

ANTIGUIDADES NACIONAES

DAS CORTEZIAS QUE ANTIGAMENTE FAZIAM OS REIS DE PORTUGAL, E OUTRAS CEREMONIAS QUE SE USAVAM NO PAÇO EM TEMPO DEL-REI D. SEBASTIÃO

O primeiro dia que os duques iam á corte beijar a mão a S. A., [1] recebia-os a rainha em pé, e se estava no estrado alto, dava tres ou quatro passos dentro d'elle; e se estava em alcatifa no chão, saía um passo ou dois fóra do estrado. O duque entrava com todos seus criados, e depois de beijar a mão a el-rei, punha-se perto do estrado á sua ilharga, em pé, em quanto os seus criados beijavam a mão, e acabando, fallava o duque com S. A. duas palavras, se queria, se não, punha-se defronte de S. A., e fazia-lhe uma mesura.

Depois de entrados a primeira vez, quando vão fallar á rainha, esta dá-lhes cadeira, e manda-os cobrir, e assim lhes falla, e quando lhe fazem mesura, se alevanta S. A., assim á ida, como á vinda. O marquez de Villa-Real, estando S. A. em estrado baixo, só lhe dá passos quando entra a primeira vez.

Os marquezes e arcebispos quando fazem a mesura, S. A. bole-se na cadeira, como que se quer levantar, sem comtudo o fazer nem se bolir mais d'ella.

Aos condes, quando faziam a mesura a S. A., punha sómente os olhos n'elles.

El-rei D. João III tirava o barrete aos duques todo por diante, ficando coberto por detraz. Ao marquez de Villa-Real e aos arcebispos fazia um pouco menos, e aos condes punha a mão no barrete sem o levantar.

Quando vinham as infantas ou os infantes a primeira vez á corte, saía a rainha um pouco fóra do estrado; das outras vezes esperava-os no estrado, e ahi lhes fazia mesura. Assentava-se o cardeal [2] em uma cadeira de espaldar, que lhe punham no panno ou alcatifa que descia do estrado da rainha. Ás infantas fazia a rainha mesura, e as punha comsigo no estrado em almofadas como S. A. estava; se a rainha estava em cadeira, lhes davam almofadas. Aos filhos dos infantes se levantava S. A. em pé quando lhe faziam mesura, e se estava assim um espaço até chegarem a S. A., e depois se assentavam em cima do estrado; e quando vinham as infantas, sentavam-se em seus mesmos logares, mas não punham as costas na parede.

Quando a rainha comia com as infantas, davam-se-lhes cadeiras de espaldas, e aos filhos dos infantes punham quatro ou cinco almofadas, umas sobre as outras, isto por lhes não darem cadeiras rasas, como davam ao infante D. Duarte. [3] Ás infantas dava o veador da rainha as almofadas, se ahi estava, quando não, as damas. Aos filhos dos infantes, as damas, e quando estava muita gente na casa, um pagem, por se não bolirem as damas, e assim dava o pagem cadeira ao infante D. Duarte.

Ao duque de Bragança lhe dava a cadeira um fidalgo seu, e ao duque de Aveiro, quando não trazia pagem que lh'a désse, dava-lh'a um reposteiro. D'ahi para baixo punham as almofadas os reposteiros.

Quando se assentavam os infantes com as damas, punham-lhes as almofadas aonde queriam, com a dama aonde se queria assentar; e d'alli para cima não havia outro nenhum homem, senão damas; e a outra que estava junto d'ella não ia nenhum galante para ella; mas com a terceira que ficava abaixo, e d'alli por diante, se podiam assentar os fidalgos que quizessem com as damas. E os filhos dos duques, marquezes e condes se assentavam entresachados como queriam, e a estes punham almofadas. A rainha se levantava ás infantas quando iam a sua casa, fazia-lhes a mesura, e estava em pé até que lhes punham as almofadas, e então se assentava S. A. no estrado, aonde as infantas ficavam, e ellas não se encostavam á parede em que a rainha punha as costas, ainda que lhes punham alli as almofadas; mas assentavam-se de modo que ficavam sempre com o rosto para S. A., e isto mesmo fazia aos infantes, os quaes se assentavam no mesmo estrado em almofadas.

Quando os infantes vinham de outros logares, fóra da corte, descia a rainha do estrado, do qual se alevantava depois de estar já entrada na sala meia gente da que vinha com o infante; e em vendo que elle entrava pela porta, começava a dar passos para elle, e conforme ao espaço em que a rainha havia de chegar fóra do estrado, se ia entretendo ou apressando o infante para chegar a S. A. Dava ella então dois ou tres passos mais apressados e mais largos do estrado, segundo o favor que lhe queria fazer; então se curvava o infante, mas não punha o joelho no chão, e lhe pedia a mão, faziam suas mesuras, e subiam-se para o estrado. Alli beijavam a mão á rainha os que iam com os infantes.

Quando el-rei cavalgava, que alli estavam os infantes, o mais velho lhe dava o estribo, pondo-se da parte da cabeça do cavallo, e tendo o estribo pelo alto até el-rei pôr o pé n'elle, e em cavalgando, o ajudava com o outro braço a subir; e não estando os infantes, fazia isto o sr. D. Duarte da mesma maneira; e quando faltavam estes senhores, o fazia o duque de Bragança; e quando todos faltavam, o fazia o estribeiro-mór, e isto não faziam ecclesiasticos.

Indo el-rei ao campo, ou por caminho, mandava muitas vezes ao duque de Bragança que se não descesse quando chegava ao paço, por lhe parecer que vinha cançado, e então se despedia de S. A. fazendo-lhe mesura do cavallo, e não se partia sem o deixar apeado; e assim se não descia nenhum criado do duque, e se partiam com elle.

*

Posto que esta pragmatica palaciana seja tirada de uns apontamentos que dizem fizera a rainha D. Catharina, para se observar na sua regencia durante a menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, vemos que no ceremonial com que foi recebido o cardeal Alexandrino, legado do papa Pio V, em 1571, se não observou pontualmente, talvez por ter a rainha deixado já a regencia, e morar fóra do paço (do Castello).

Na relação da visita d'esse cardeal legado á rainha, que habitava no palacio de Xabregas, se diz que ella o recebêra de pé, n'um aposento desadornado, dando só dois passos quando elle entrou, com uma leve cortezia. Que despedidos os prelados e mais pessoas da comitiva, ficára a conversar a sós com o cardeal, em lingua hespanhola e voz alta, por espaço de hora e meia, tendo-se ella sentado no chão (naturalmente sobre almofadas), e o cardeal defronte n'uma cadeira de couro, ambos sem docel, estando entretanto os prelados n'outro aposento, onde, por orgulho ou por descuido, não havia cadeiras. Que

[1] Sua Altesa, que era o tratamento que tinham então os nossos reis; porque o de Magestade foi introduzido em Portugal por Filippe II de Hespanha.

[2] O cardeal D. Henrique, filho del-rei D. Manoel, tio del-rei D. Sebastião.

[3] Tambem tio de D. Sebastião.

quando o legado se despediu, ella se pozera em pé, mas não saíra do seu logar, e apenas fizera uma leve inclinação de cabeça.

Bom é apurar estas usanças, para que possam observar a verdade os que escrevem romances ou dramas historicos.

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O boabab de Adanson (cabaceiro, de Cabo-Verde) — O olmo de Morges — O carvalho de Salcey — O castanheiro de Neuve-Celle — O dragoeiro de Orotava — O castanheiro de Esaú — O carvalho de Allouville — Algumas outras arvores que se mencionam apenas

(Vid. pag. 55)

VIII

Agora voltemos á Suissa; paremos na margem do lago de Genebra, no encantador sitio do castello de Neuve-Celle. Temos aqui um castanheiro; em 1408 abrigou um eremiterio, conta-o a historia; hoje não tem menos de 13 metros de circunferencia na base, 39 pés; é ainda lindissimo. Apesar dos estragos do tempo, conserva-se vigoroso, cheio de seiva e ricamente vestido! Os curiosos vão visital-o d'Evian, logar conhecido e frequentado por suas aguas mineraes alcalinas, a um kilometro do grosso castanheiro (fig. VIII).

Poderia mostrar-vos, de passagem, as duas roseiras perfeitamente eguaes d'Evian, cujo tronco apresenta 27 centimetros de circunferentia; ficará isso para occasião mais opportuna.

IX

É ainda preciso deixar a Europa; esquecêra-me do dragoeiro de Orotava, grande maravilha vegetal que merece a nossa visita.

O dragoeiro não é arvore propriamente dita; fórma o extremo da serie das lilaceas, na qual todas as especies, na maior parte, se compõem de hervas, e colloca-se ao lado do espargo, com os raminhos filiformes, pelos caracteres que servem de base á sua classificação. O dragoeiro rebenta vigoroso na India oriental e nas ilhas Canarias; distingue-se, principalmente, pelo perianthо (involucro exterior da flor) dividido e com segmentos recurvados por fóra; os estames são de fios engrossados no meio; a baga tem tres compartimentos e só uma semente. A hastea esponjosa dos dragoeiros, durante os calores, derrama um succo vermelho e resinoso, que é o sangue-de-drago dos droguistas; os raminhos bifurcam-se e coroam-se, no cimo, de mólhos de folhas pontudas, que são como feixes de espadas, e as flores brotam d'aqui em cachos.

Estamos em Teneriffe, e diante de nós temos o grande dragoeiro de Orotava; mas é melhor vêl-o na terra do que na nossa figura IX.

Como tem engrossado e crescido uma vegetação d'esta especie até formar o tronco, que dez braçadas podem apenas cingil-o, e que chega, talvez, a ter, na altura da hastea, sem comprehender os ramos que formam o feixe mais elevado, doze vezes a estatura humana? Tem 55 pés de ambito ao nivel do solo, e 72 pés de altura até á ramada. É tambem notavel a copa do dragoeiro pelos ramalhetes de folhas compridas e similhantes a lanças. A 21 de julho 1819, um terrivel furacão arrancou-lhe a terça parte, segundo se deprehende da inscripção gravada na alvenaria que tapa a fenda do alto do tronco, e protege a caverna interior contra a infiltração das aguas. É o que refere mr. Berthelot.

O monstruoso dragoeiro, segundo o relatorio de Lemaout ácerca dos seus *Tres reinos da natureza*, foi encontrado, tal como existe ainda, em 1402, por occasião do descobrimento da ilha de Teneriffe; e a lentidão com que crescem os dragoeiros novos, cuja edade é conhecida, confirma a tradição que lhe dá mais de mil annos de existencia.

Na provincia de Aragua (republica de Venezuela) encontra-se uma arvore da familia das leguminosas (especie de acacia), a que os indigenas chamam «saman» de *Güere*. O grande diametro dos ramos d'esta arvore é de 61 metros 20, e o tronco tem de circunferencia 9 metros 35. Póde abrigar um batalhão em columna!

O sabio Humboldt, nas suas viagens, dá-nos a seguinte descripção d'esta notavel arvore:

« Saíndo da villa de Furmero, descobre-se, a uma legoa de distancia, certo objecto que se apresenta no horisonte como outeiro arredondado, coberto de vegetação. Não é collina, nem grupo de arvores; é o famoso «saman» de *Güere*, conhecido em toda a provincia pela enorme extensão dos seus ramos, que formam o cume hemispherico de 576 pés de circunferencia. O saman é uma classe de mimosa, cujos ramos tortuosos se dividem por bifurcação. A folhagem tenue e delicada sobresáe, agradavelmente, do azul do ceo. Estivemos por muito tempo parados debaixo d'esta abobada vegetal. O tronco do saman de *Güere*, que se encontra na estrada de Furmero a Maracay, só tem 60 pés de alto e 9 pés de diametro; mas a verdadeira belleza d'elle consiste na fórma geral da copa, ou ramada. Os ramos estendem-se como um vasto guarda-sol, e inclinam-se para a terra, da qual estão uniformemente afastados 12 a 15 pés. A peripheria da ramada, ou copa, é tão regular, que, traçando n'ella differentes diametros, encontrei-os de 192 e de 186 pés.

« Um lado da arvore está inteiramente falto de folhas pelo effeito da sêcca; e no outro lado restam algumas folhas e flores. As filandras, as loranthеas, o cacto e outras plantas, lhe revestem as ramas e encrespam a casca. Os habitantes d'esta parte da America, e sobre tudo os indios, tem em veneração o saman de *Güere*, que os primeiros conquistadores parece encontraram, pouco mais ou menos, no estado em que o vemos hoje. Desde que o observam attentamente, não o viram mudar de grossura e de fórma. O saman deve ser ao menos da edade do dragoeiro de Orotava. Ha tanta magestade no aspecto das arvores seculares, que a violação d'estes monumentos da natureza é severamente punida nos paizes que não tem monumentos de arte. Ouvimos, com satisfação, que o actual proprietario do saman intentára um processo contra o rendeiro que tivera a temeridade de cortar-lhe um ramo. A causa foi pleiteada, e o tribunal condemnou o rendeiro. Acham-se perto de Furmero outros samans que tem o tronco mais grosso que o de *Güere*, porém as copas hemisphericas não alcançam a mesma extensão. »

(Continúa)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Atando o fio quebrado a pag. 47, por falta de espaço, proseguiremos hoje nas observações que promettemos fazer, sobre o erro que muitos commettem de intercalar na phrase portugueza certas preposições que alteram a indole, e tiram a graça e energia da nossa lingua, fazendo ainda peior que tudo isto, que é causar ambiguidade ao sentido do que se diz ou escreve.

O exemplo citado na referida pag. 47, como incorrecto, « a fallar ou fallando *a* verdade » portuguez mui vulgar hoje, não tem nenhuma auctoridade de peso com que se defenda, e quando tivesse, as leis da grammatica não se revogam com portarias singulares, ainda que sejam dos ministros da republica das letras, como é, por exemplo, o capitão Manoel de Sousa, com quem Moraes auctorisa muitos

dos vocabulos do seu diccionario, por ser realmente bom linguista:

« O nosso Jordão, a fallar a verdade, é de esphera acanhada.» *Peão Fidalgo*, pag. 83.

Talvez seja erro de impressão; mas inda que o não seja, é exemplo tirado de um dialogo entre pessoas indoutas, e de uma comedia, onde ás vezes é necessario, para a verdade dos caracteres, conservar similhantes corruptelas e solecismos.

Não nos lembra ter achado até agora, em auctor de boa nota, similhante erro. O que vemos é que todos esses o tem evitado, com ser tão vulgar.

Garrett, que muito gostava de se servir de certos modos do fallar plebeu, porque, dizia elle (mais de uma vez nos disse, quando fallavamos n'este assumpto): « O nosso povo não se pinta bem ao natural sem estes laivos, de que se não quer limpar, ou não o limpam.» Este mesmo grande escriptor, mas não purista, poz por titulo a uma das suas comedias: *Fallar verdade a mentir.*

O sr. A. Herculano diz no seu famoso romance *Arrhas por fóra de Hespanha*:

« Já disse, mestre Bertolameu, que fallo verdade.»

E mais adiante:

« — O que está n'aquella arca?

— Nada, ou para fallar verdade, quasi nada.»

O sr. A. F. de Castilho, que é o nosso evangelista contemporaneo, em pontos de fé grammatical, e de vernaculidade, nunca metteu o tal *a* intruso na phrase « fallar verdade », nem sequer em poesia, que tem carta de seguro para tomar certas liberdades, mettendo cunhas, muitas vezes a martello, para atacar ou enchumaçar o verso que não chega á medida; licença poetica de que muito se valem os pobretões de engenho, que se servem da figura enállage, como os mendigos da chapa do governo civil, para irem estender ou deitar a mão á syntaxe figurada.

Além dos exemplos classicos já citados no antecedente numero, ainda adduziram outros que temos agora á mão de semear. São ambos do opulento e gracioso D. Francisco Manuel de Mello, tirados das suas *Cartas Familiares:*

« Não erra quem os seus semelha, se as nossas velhas fallam verdade.»

« Este soneto é livro, e a resposta oraculo, fallo verdade.»

Insistimos talvez demasiado na correcção d'este solecismo, porque o vemos mui arreigado; e tanto, que na censura que exercemos das peças dramaticas, apesar de o apontar sempre como corruptela, e juntamente muitos outros erros de linguagem, nunca podémos conseguir que se não repetissem nos theatros, inclusivè no de D. Maria II, que se diz normal, e é official!

UMA DAMA CHINEZA

Quanto mais o imperio da China se occulta aos estrangeiros, a que geralmente chamam barbaros, mais são os livros, memorias e estampas que a respeito d'elle se publicam. Ha já uma bibliotheca em quasi todos os idiomas sobre o celeste imperio.

Temos nós os portuguezes a prioridade de havermos dado noticia á Europa d'aquelle vastissimo e industrioso imperio, que tem os seus 360 milhões de habitantes. Foi o celebre Fernão Mendes Pinto, que escreveu em boa linguagem, meiado o seculo XVI, e se publicou depois da sua morte, um volume in folio com o titulo de *Peregrinação*, onde conta tudo quanto viu, averiguou e padeceu durante vinte e um annos (1537-58) que alli peregrinou.

Esta viagem, que a principio se tomou por fabulosa, foi depois confirmada por muitos outros viajantes, e por isso traduzida em varias linguas.

Posteriores a este, outros escriptores portuguezes escreveram a respeito da China; devendo ser citados entre os modernos o sr. José Ignacio de Andrade (*Cartas da India e China*) e o sr. Carlos José Caldeira (*Viagem de Lisboa á China em 1850*), além de muitos artigos que este nosso distincto collaborador tem publicado nos antecedentes volumes d'este jornal, para cujas obras remettemos os leitores que quizerem renovar memorias d'aquelle imperio, a proposito da estampa que reproduzimos de uma dama da alta aristocracia chineza, que ultimamente esteve em Paris, onde os melhores photographos lhe tiraram o retrato que publicâmos.



Uma dama chineza

A China é paiz que não admitte innovações, e muito menos em ponto de modas. O seu trajo é sempre invariavel. As pinturas que desde muitos seculos vemos na sua magnifica loiça, nos seus leques, charões, marfins e outros artefactos, é a mesma que mostra a estampa.

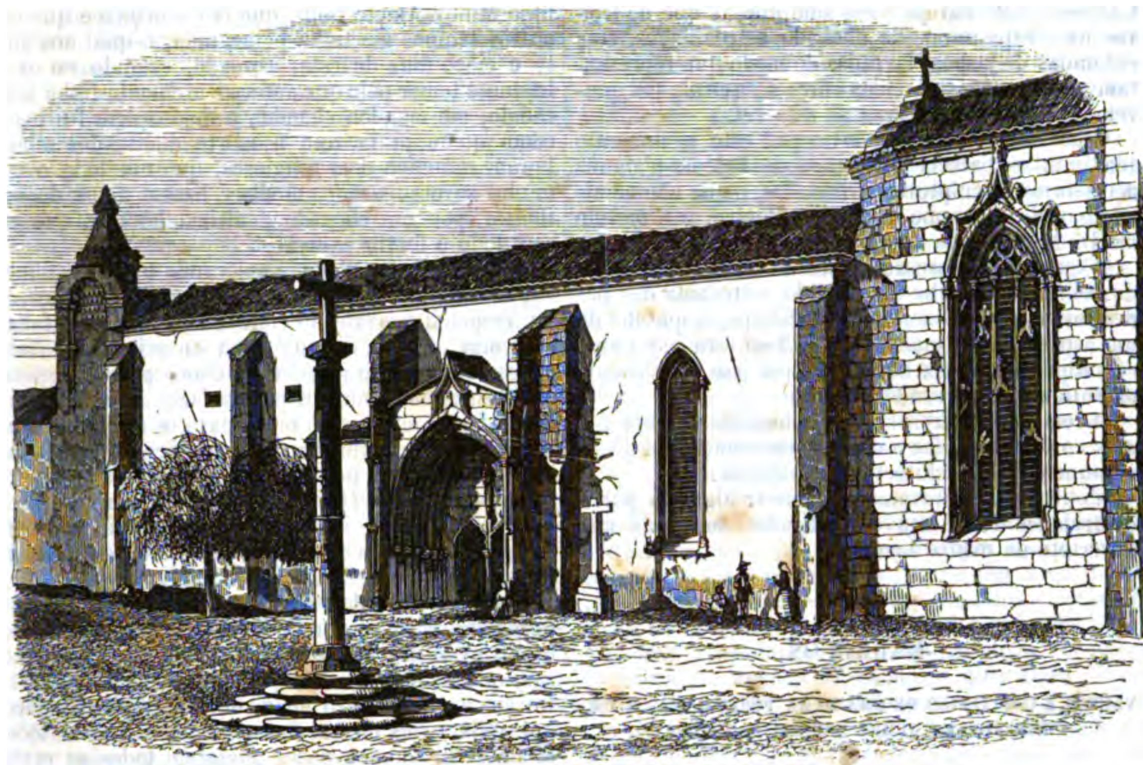
Os chins, como se sabe, occupam na classificação zoologica da humanidade o terceiro grupo ou especie, a mongolica, a qual se divide em duas raças.

A nossa gravura é de uma dama da raça chin. Rosto oval, olhos obliquos, sobrancelhas arqueadas, nariz grosso, bocca pequena, beiços redondos, cabello negro, muito basto e aspero.

Como no paiz ha muita bijouteria, as mulheres usam de muitos adornos. A que representa a estampa tem as unhas muito compridas, parece uma arpia! o que é entre ellas um signal aristocratico.

O soffrimento tambem se gasta, ainda que é moeda que não corre. *D. Francisco Manuel de Mello*

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Convento de Jesus de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva

I

Festejâmos o despacho que ultimamente teve a antiquissima Setubal, de ser elevada á categoria de cidade, com lhe gravarmos n'estas paginas o seu mais notavel monumento artistico, qual é o convento de freiras de Santa Clara, denominado de Jesus, fundado ha hoje perto de quatro seculos.

Já era tempo de dar titulo e foros de cidade a esta villa, que pela sua topographia, porto maritimo, producção, commercio e população, fôra sempre contada entre as principaes do reino, tendo apenas sobre si Lisboa, Porto e Vianna.

Por varias vezes a imprensa, desde 1842, instou por esta promoção, e nós fomos d'esses. Por fim houve uma vereação que definitivamente requereu esta preeminencia, e a conclusão do ramal do caminho de ferro do sul, que para aquella povoação se abriu agora, veiu resolver o despacho de que nos congratulámos, com aquella alegria d'alma que nos infunde qualquer progresso ou engrandecimento d'esta boa terra.

O convento que hoje estampâmos em gravura, é quasi todo obra do grande edificador, el-rei D. Manuel, e um dos bons typos que nos restam do estilo e desenho do architecto do mosteiro de Belem, o mestre Botaca.

A historia da fundação do convento de Jesus de Setubal conserva-se manuscripta na secção dos codices da bibliotheca nacional de Lisboa, e tem por titulo: — *Historia da antiga e curiosa fundação do convento de Jesus, da villa de Setubal, escripta por Soror Leonor de S. João.*

Eis como a boa da madre conta qual foi o principio d'esta edificação:

«Em 1489, inspirou Deus em Justa Rodrigues Pereira, dona nobilissima e de santos e altos pensamentos, ama do duque D. Manuel que depois foi rei de Portugal, que fundasse n'esta villa um mosteiro de freiras da primeira regra de Santa Clara. E sabendo ella que mestre Boutaca era vindo das Italias ás obras d'el-rei D. João (II) pela fama de seu engenho, e que estava na mesma terra, achando-se ella presente, entendeu que abria o Senhor caminho a seus intentos, mandou logo chamar ao dito mestre, e disse-lhe como desejava fazer um convento de freiras capuchas, e da regra acima dita, pelo não haver na Hespanha, e declarando-lhe o modo e traça como o queria, ficou o mestre maravilhado, e respondeu-lhe: «Ora não mais, senhora, esse é o convento que me foi mostrado em sonhos nas Italias, e trago debuxado.»

Ficou ella mui consolada, e foi dar conta a el-rei D. João II, que então reinava, e lhe disse como desejava fazer um convento, e se havia de intitular o nome d'elle *Jesu.*»

El-rei lhe respondeu: «Ama, a muito vos atreveis!» Ella replicou e disse: «Senhor, se Jesu houver mister alguma coisa de V. A., far-lha-ha?» O christianissimo rei tirou então a gorra da cabeça, e com ella baixa disse: «A Jesu, a pessoa e a coroa.»

Ella então, prostrada aos pés del-rei, lhe beijou a mão pela mercê, e pediu-lhe a consummasse impetrando breve e licença do papa.»

Assim, dito e feito, se levantavam então grandes monumentos!

Em quanto não chegava de Roma a competente bulla, se foi comprando o chão para o convento e cêrca; e pouco depois se começou a edificar, tudo

isto por conta d'el-rei D. João II, o qual fallecendo n'este meio tempo, seu successor D. Manuel, não só continuou, mas ampliou grandemente a obra, de tal sorte, que na opinião do classico agiographo Jorge Cardoso « esta egreja é das sumptuosas que de freiras ha n'este reino, de abobada e tres naves, com columnas de jaspes, lavradas de modo que representam dois cordões torcidos entre si, que alguns querem seja propria *empresa do dito rei.* »

Como se vê da nossa estampa, este monumento tem muitas parecenças com o de Belem, n'alguns accessorios, esculpturas e rendados, o que não admira, porque o mesmo architecto Botaca, e o mesmo rei D. Manoel, são auctores de um e de outro.

O que mais sobresáe n'este de Setubal, é a côr da pedra de que elle é revestido, extrahida das pedreiras da visinha serra de S. Filippe, o que lhe dá um aspecto ainda mais vetusto. Tem esta pedra uma côr atijolada, porém não egual, por isso lhe chamam os antiquarios « vermelho antigo. »

O conde de Raczynski na sua importante obra *Les arts en Portugal*, faz a devida commemoração d'este monumento de architectura manuelina.

N'outro artigo havemos de referir algumas particularidades d'este convento, tiradas do citado manuscripto da madre Leonor.

MARROCOS

VIAGEM E CAPTIVEIRO DE UMA DAMA PORTUGUEZA, N'ESTE IMPERIO, EM TEMPO DEL-REI D. JOÃO V

(Conclusão. Vid. pag. 59)

Passados alguns tempos, comprei umas casas ao pé do convento, por ter perdido as esperanças da liberdade, para que podessem meus filhos aprender a doutrina christã, e juntamente assistirmos ás nossas festas, que com muito zêlo em o convento se fazem; pois n'elle tinhamos missa, procissões, endoenças, sermões, e tudo quanto podiamos desejar. Porém tinha a pensão de ir com meus filhos todos os dias a palacio, da sorte que a rainha tinha determinado, onde andava com muita estimação de todos, e juntamente d'el-rei Muley-Ismael, que, sendo de tão terrivel condição, pois continuamente com a espada ou lança nas mãos se não passava dia algum, em que não fosse homicida de innumeraveis vidas, nunca, por muito enfadado que estivesse, experimentei, nem meus filhos, a menor molestia. Antes, passados os primeiros quatro annos, em que recebemos da sua crueldade a maior tyrannia, nunca mais nos offendeu em coisa alguma; pelo contrario, muitas vezes com as minhas petições acharam varias pessoas refugio para suas vidas, perdoando-lhes quando se consideravam no mais exacto perigo; por cujo motivo era entre os principaes de palacio muito estimada.

Havia entre os muitos filhos que el-rei tinha dos mais principaes um, que chamavam Muley Amete Debi, o qual com excessivo desvelo me perseguia, tanto que foi preciso queixar-me d'elle, e temerosa sempre me andava escondendo, por me ter jurado que se havia de vingar de mim.

N'este tempo fez petição um captivo da nação hespanhola a el-rei para casar com minha filha, ao que fizemos gravissima repugnancia; sem embargo do que, foi por el-rei para o matrimonio constrangida. Recebeu-se no convento dos religiosos, e d'este matrimonio teve uma menina, que se baptisou no mesmo convento, a quem pozeram por nome Leonor, e todos moravam juntamente commigo; e como meu filho tivesse já nove annos, o poz el-rei no mesmo convento, por haver n'elle hospital real, para que aprendesse a arte de cirurgia.

Dez annos teriamos de captiveiro, quando, fallecendo el-rei Muley-Ismael, coroaram ao principe seu filho Muley Amete Debi, que era o principe que em outros tempos me tinha perseguido, o qual aos vinte e cinco dias de estar coroado, estando eu com bastante temor pelo que antecedentemente tinha succedido, me mandou chamar, a cuja ordem fui logo, como quem já ia com a morte diante dos olhos. Foram commigo dois religiosos, que em todo o caminho se occuparam em dizer fizesse actos de catholica, pois era chegada a ultima hora, o que eu com todo o fervor exercia.

Cheguei diante d'elle, implorando o divino amparo; e chamando-me, procurou pelos meus filhos, e lhe respondi ficavam no convento; e sem me fallar em coisa alguma do que tinha succedido, me disse tivesse cuidado de ir todos os dias a palacio assistir á nova rainha, como costumava fazer á antecedente, o que foi de muita admiração para os religiosos, que o attribuiram a milagre de Nossa Senhora da Soledade; e tornando para o convento, os religiosos todos cantando *Te Deum laudamus* davam graças a Nosso Senhor de me ter livrado de tão evidente perigo, e os captivos todos com muitas festas festejavam por milagre a minha fortuna.

Um anno teria de reinado este principe, quando, formando-se duas parcialidades, uma dos brancos e outra dos negros, se travaram tão terriveis guerras, que tirando ao dito principe da coroa, constituiram um seu irmão chamado Muley Abedemelec, que reinou seis mezes, fazendo muito bem a todos os brancos. Em seu poder passaram todos os captivos muitos trabalhos, pois totalmente aborrecia os catholicos, dos quaes matou bastante quantidade; e vendo os negros que fazia mais apreço e estimação dos brancos do que d'elles, juntando-se e encorporando-se com o exercito, que estava em Mexarromel, buscando o principe que tinham despojado da coroa, vieram do dito exercito duzentos mil homens, que pozeram cêrco á corte de Mequinez, onde estava fortalecido Muley Abedemelec com todos os brancos. Mas os negros, como soldados pagos, sabiam de milicia melhor que os brancos, e assim em breve espaço de tempo ganharam a cidade, entrando n'ella de tarde, e toda a noite até ao outro dia fizeram extraordinarios damnos, saqueando toda a cidade, matando n'ella passante de cinco mil brancos, e mais de mil e quinhentos judeus, e juntamente cento e quatorze captivos, entre elles dois religiosos do nosso convento, e os outros todos ficaram nús e muito feridos. Roubaram e destruiram tudo, de sorte que não ficou imagem nem ornamentos sagrados que não levassem, deixando-me a mim e a meus filhos todos nús, levando tudo quanto comnosco tinhamos no convento, e a nossa casa, que ao pé d'elle estava, deixaram toda destruida; e termos escapado com vida, foi altissima providencia de Deus, pois duas vezes me pozeram a bocca de uma espingarda nos peitos, e se não fosse um negro conhecido, que sobre elles tinha algum dominio, que nos levou a sua casa e juntamente os religiosos, sem duvida todos teriamos n'aquella hora o nosso ultimo fim.

Retirando o exercito, seriam quasi onze horas do dia, voltámos para o convento, que não tinha coisa que totalmente não estivesse destruida, sem termos nós nem os religiosos coisa com que nos podessemos cobrir, e só com bocados de capachos é que nos remediámos; mas foi Deus servido que o dinheiro e as mais prendas de ouro e prata, que juntamente tinha com o dinheiro dos religiosos, escaparam enterrados, o que fizeram os padres em quanto elles estavam rompendo as portas para en-

trar, e só poderam, com a pressa, enterrar um calis e uma patena, porque a occasião foi tão urgente, que não deu logar para mais.

N'este conflicto estavamos, quando, levantando o cêrco de Mequinez juntamente com o principe que traziam, marcharam para a cidade de Fez, que dista doze legoas da dita corte, para a qual se retirára Muley Abedemelec com bastantes brancos, logo que viu de todo ganhada a cidade pelos negros, e então me mandou chamar Muley Amete, que era o principe que os negros traziam, o qual me disse que como ia pôr sitio á cidade de Fez, queria fosse e meus filhos, com mais alguns captivos, para lhe assistirmos o tempo que durasse o sitio.

Marchei com elle, levando juntamente meu filho, deixando minha filha na corte de Mequinez com seu marido e filha. Cinco mezes durou o sitio, e em todos elles foram excessivos os sobresaltos que tivemos, especialmente uma tarde que, levando d'el-rei certo papel a um bachá, indo commigo meu filho e seis moiros da guarda d'el-rei, veiu uma bala de artilheria perdida, que da cidade atiraram, que levou tres moiros dos que comnosco iam, e nós, sem saber como, ficámos em terra sem sentidos, ficando el-rei notavelmente admirado do que tinha succedido.

Ao cabo de cinco mezes se entregou a cidade por capitulação, e juntamente el-rei Muley Abedemelec; e retirando-se o exercito, veiu para Mequinez o principe que os negros traziam, e alli o coroaram.

Socegada a cidade, principiei outra vez a fazer casa de novo.

N'este mesmo tempo determinou el-rei dar resgate a todos os captivos, para o que mandou dois d'elles ao nosso monarcha, el-rei D. João v, que Deus guarde, para que nos mandasse resgatar, os quaes, vindo para Lisboa, e feita sua embaixada, mandou S. M. fossem para nos resgatar os padres redemptores Fr. Pedro de Mello e Fr. José de Paiva, e por thesoureiro Diogo Correia da Matta, com titulo de embaixador, e por escrivão Vicente Francisco Cardoso, que levaram tres pagens, dois moxillas e dois escravos clarineiros; e chegando a Mequinez, foram do rei com muito gosto recebidos, mandando-os pousar em casa de um bachá dos negros, chamado el-bachá Misael, dando ordem aos judeus para que com grandeza concorressem com todo o necessario.

Ajustou-se em fim o resgate para todos os captivos da nação portugueza. Saímos da cidade de Mequinez com bastante cabedal, pois á minha parte só, trazia nove cavalgaduras carregadas, fóra os dinheiros e peças de ouro e prata, que no cofre do embaixador para maior segurança traziamos. N'este resgate vieram cento e quinze captivos, com duzentos moiros de guarda.

Estivemos tres dias em Salé, e d'alli fomos a Azamor, onde estivemos dia e meio. Passámos d'ahi á Casa Branca, que dista de Mazagão uma legoa, na qual estivemos uma noite com muitas guardas, por estar d'ahi muito perto uma cabila, que não queria obedecer a el-rei que nos deu a redempção, á qual chamavam Muled-Duib, e diziam que n'aquella noite haviam matar todos os captivos, e juntamente com ella se encorporou outra cabila mais populosa, de sorte que as duas formavam um corpo de seis mil homens pouco mais ou menos. Entre elles estava um principal do reino, pae de duas barbaras do reino de Mogafra, que vieram no tempo do rei Muley-Ismael com muita ostentação de innumeravel gente, que de muitas legoas as foram buscar n'uns camelos, todos guarnecidos de muitas franjas de ouro, e em cima formada uma casa de madeira toda coberta de preciosas telas, dentro da qual vinham todas cobertas para não serem de ninguem vistas, por virem ser mulheres d'el-rei, cuja entrada na corte foi maravilhosamente grande; por cuja causa era este seu pae de todas estas cabilas notavelmente respeitado; e elle com a dita gente e com o alcaide, alli pouco distante de Mazagão, esperavam por nós para nos roubar, porque não queriam obedecer a el-rei, que nos mandou a redempção, por cujo motivo nos vieram da cidade de Azamor alguns dois mil homens para que fossem em nossa guarda, pois na tarde antecedente, querendo o padre José de Paiva entrar na praça com um pouco de gado que levava, tirando-lhe tudo que trazia, e ainda o habito de fóra, o fizeram tornar com bastante temor para Casa Branca, onde nós estavamos com os mais captivos; o que visto por nós, nos serviu de grande temor. Por esta causa estivemos toda a noite como quem tinha a morte diante dos olhos.

No outro dia de manhã partimos para a dita praça de Mazagão; e estando nós já debaixo da artilheria, vieram as duas cabilas dos moiros alevantados, e todos com alfanges nas mãos investiram comnosco, e nos levaram todas as cavalgaduras carregadas com o que traziamos; e nós, fugindo e escapando, mais por milagre que de outra fórma, deitando-se os captivos na cava que a dita praça tem, e mettidos pelas lamas, fomos dar a um patacho, que, posto em sêcco, lhe podémos chegar. E como entre todos os captivos não visse meu filho, com toda a resolução, mettendo-me outra vez entre os moiros, o andava buscando, e quiz Deus Nosso Senhor o achasse; e tirando por elle para a cava, me despiram os moiros, de sorte que entrando na praça, me lançou o governador a sua capa, com que me cobriu; e Fr. Pedro de Mello da mesma sorte o deixaram só com a tunica; e, se não se mettesse no patacho, não sei se escaparia; e como nos vissemos na praça, dissemos uns para os outros dessemos graças a Deus por nos ver livres de tão grande perigo!

D'ahi a dois dias veiu o embaixador e Fr. José de Paiva, que tinha ficado em quanto tinhamos de nos livrar d'aquelle perigo na cidade de Azamor, o qual foi recebido com muitas salvas de artilheria, da mesma fórma que nós o fomos, e estivemos em Mazagão quasi dois mezes, e no fim d'elles nos embarcámos para Lisboa em uma nau ingleza, sentindo todos muita alegria ao avistar esta capital, dando salvas todas as fortalezas, e desembarcámos em S. Paulo, onde se preparou procissão, para d'ahi irmos ao convento da Trindade.

Saímos da dita egreja com sumptuosa procissão, e chegando ao convento da Trindade, entraram os captivos todos, onde estiveram tres dias, como é costume em todas as redempções, excepto eu e meus filhos, e minha neta, pois estava já preparada uma carruagem, que era do estribeiro-mór do senhor infante, chamado Francisco Carvalho, o qual, logo que nos viu na procissão, nos mandou buscar para sua casa, onde estivemos uns dias em quanto fui beijar a mão a S. M. e dar-lhe os agradecimentos do beneficio do nosso resgate, o qual, vendo os meus papeis e o muito que na Berberia tinha padecido, me consignou uma tença de seis mil réis cada mez no peso do sabão.

Antes de estarem os papeis de todo despachados, não estando ainda a minha sorte descançada, succedeu que entre varias pessoas que me vieram visitar, foi uma d'ellas um capitão de Olhão, por nome Domingos Martins Pereira, o qual principiou a aconselhar-me que viesse para o logar de Olhão, onde com muito descanço poderia passar a vida com alguns dinheiros que tinham escapado no caixão do embaixador; e resolvendo-me tomar o seu conselho, vendi a mercê da tença a um cavalleiro do habito,

que vendo andava eu n'essa diligencia, me disse a queria comprar; e comprando tudo quanto era necessario para uma casa, buscando almocreve, e achando-o, me puz a caminho para o dito logar de Olhão, onde estive alguns mezes; e vendo que me ia atrazando cada vez mais, e que meu filho desejava aprender a arte de cirurgia, intentei ir para o reino de Hespanha, para cujo fim afretei barco para me levar os moveis, e tomando cavalgaduras até Castro Marim, passando para Ayamonte com meus dois filhos e minha neta, logo d'ahi partimos para o logar de Huelva, no qual estivemos tres mezes, esperando por meu genro, que havia seis mezes tinha ido para o dito reino de Hespanha fallar com uns seus irmãos, e alli tive noticias que estava no Porto de Santa Maria.

Pondo-me a caminho para esta cidade, soube que elle se tinha embarcado para as Indias de Hespanha em companhia de um seu irmão, deixando dito em uma carta, que brevemente tornava para o reino; e vendo-me n'estes termos, fui á cidade de Sevilha, onde então se achava a nossa princeza, á qual fui beijar as mãos; e perguntando-me por varias coisas da Berberia, mostrou ter especial gosto em me ouvir. N'esta cidade estive cinco mezes, nos quaes fui duas vezes, para certo negocio, fallar a el-rei Filippe v e á rainha; e alcançando o que pedia, me resolvi a ir para Cadix pôr meu filho no hospital, a fim de n'elle acabar de aprender a arte de cirurgia; e embarcando em Sevilha para a cidade de S. Lucar de Barrameda, alli estive uns dias, até que, passando a Cadix, puz meu filho no hospital real d'aquella cidade, como elle desejava, e alli estive cinco annos.

N'este tempo, apromptando-se uma armada para a restauração da praça de Oran, obrigaram meu filho a embarcar n'ella como cirurgião; o que muito me penalisou, por já saber o que costuma succeder em similhantes embarques. Aqui esteve sete mezes padecendo varios infortunios, até que elle teve occasião de fugir da cidade de Alicante, em cuja bahia a sua nau se achava, para uma charrua hollandeza, que para a dita cidade de Cadix fazia viagem. E logo que para ella veiu, temendo eu fosse o seu retiro conhecido, embarcando-me com elle, e com a mais familia em um calão do logar de Olhão, que n'este tempo se achava na dita cidade de Cadix, vim outra vez para o logar de Olhão, onde estivemos alguns tempos; e vendo que estavamos em miseravel estado, que, como não tivesse agenciá nenhuma, tudo se tinha destruido, resolvi-me vir para a cidade de Faro fallar ao eminentissimo sr. cardeal Pereira, que Deus haja, o qual, recebendo-me com muito gosto, mandou logo duas cavalgaduras buscar os meus filhos, e o fato que tinhamos, e alugando-nos umas casas na villa, para morarmos, nos mandava juntamente todos os dias o prato da sua mesa, o que por alguns tempos observou, até que eu lhe pedi era melhor me consignasse alguma mesada, e logo mandou se me désse mil e quinhentos réis, e dois alqueires de trigo cada mez, e juntamente o aluguel das casas, e tambem vestia os meus netos.

N'este tempo, casando-se meu filho, me resolvi ir para a cidade de Lisboa, e lhe fui dar os agradecimentos dos beneficios que me tinha feito, e me mandou dar para os gastos doze mil e oito centos, com que parti para aquella capital; e estando n'ella uns dias, depois de beijar a mão a S. M. fui para a villa de Setubal, onde estive dois annos.

Porém como meu filho estava na cidade de Faro, e d'elle tivesse muitas saudades, obrigada d'ellas me resolvi tornar outra vez para aquella cidade, onde presentemente me acho com minha filha e neta, passando com muita limitação e pobreza, valendo-nos, para o sustento, do limitado trabalho mulheril, e do amparo do exc. sr. arcebispo bispo do Algarve, o sr. D. Ignacio de Santa Theresa, que com suas esmolas continuamente nos está favorecendo. N'esta cidade estamos sem ter noticia do meu genro, que ha dez annos embarcou para as Indias, e até ao presente não temos noticia alguma d'elle, por cuja causa temos chegado a padecer muitas necessidades; sendo tão varios os progressos da minha vida, como n'este escripto váe relatado, e n'elle não explico muitas coisas pela brevidade do tempo.

Esta é, excellentissimo senhor, a tragica historia de minha vida até ao presente anno de 1744, e ainda sabe Deus os movimentos que a minha sorte tem que dar; cujos trabalhos offereço a Deus Nosso Senhor pela vida, saude, paz e augmento de vossa excellencia reverendissima, que a divina Magestade guarde para nosso amparo.

D. FILIPPA DE VASCONCELLOS

Ha ignorantes tão altivos, que se desprezam de perguntar, ou porque presumem que tudo sabem, ou porque não presumem que lhes falta alguma coisa por saber. Deus guie a nau onde estes forem os pilotos!

*

Não póde haver mais bem servida republica do que onde os logares forem os pretendentes, e os homens os pretendidos.

*

É açoite de Deus irado, aquelle ministro que quer a destruição dos vassallos, para por ella subir á graça do principe.

Padre Antonio Vieira

NOVA ARTE DE DOMAR OS CAVALLOS

(Vid. pag. 60)

Quando o domador percebe que o cavallo está disposto a deitar-se, váe-lhe fazendo sobre o flanco e as espadoas uma pressão continua, mas sem violencia, até que o cavallo se deita de todo. Então Rarey continúa a afagal-o até que o animal não dê signaes de impaciencia; de vez em quando Rarey senta-se sobre o pescoço, nas ancas, move e levanta-lhe as pernas, chega a cabeça do animal á sua, e faz tudo quanto quer do cavallo.

Quando o vê já sufficientemente docil e submisso, tira-lhe o açaimo, e não teme que o cavallo morda ou dê coices. Tira-lhe a brida de força, e põe-lhe uma ordinaria, despêa-o e ajuda-o a levantar-se.

Logo que o cavallo está em pé, monta-o, e apêa-se com grande ligeireza. Depois sella-o, começando por dar a cheirar o sellim ao cavallo, pondo-lh'o primeiro no pescoço, depois passando-lh'o para o lombo, pondo-lh'o e tirando-lh'o por muitas vezes, até que o animal se torne insensivel a estes movimentos. O mesmo faz com a silha, apertando-a e alargando-a duas ou tres vezes. Depois de assim apparelhado, monta-o, e apêa-se por vezes.

Para mostrar como se devem costumar os cavallos aos sons estrondosos, Rarey manda vir um tambor, que mostra ao animal, e lh'o dá a cheirar, como faz com o sellim; pondo-o depois sobre o cavallo, com uma vaqueta começa a tocar, primeiro muito devagarinho, depois mais forte, até rufar estrepi-

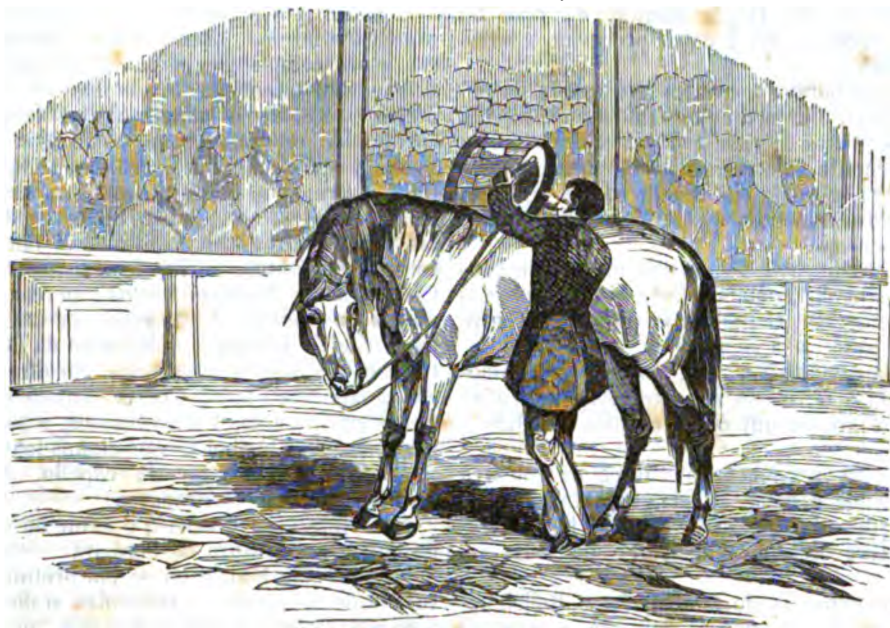
tosamente. O cavallo arrebita as orelhas, segue a progressão do som, mas não se espanta.

É esta a summaria indicação das demonstrações e manejos que vimos fazer a mr. Rarey; porém é mister presencial-os para se conhecer bem a sua maneira de operar, e o partido que se póde tirar do seu methodo. Sem isto não se póde tambem comprehender o opusculo que mr. Rarey publicou com o titulo de *L'art de dompter les chevaux*.

É provavel que um cavallo, já com manhas, se



dome á primeira vez; é possivel que certos cavallos se não corrijam sem muitas operações d'estas; mas é evidente que no maior numero de casos se consegue domal-os; e que hão de resultar, da vulgarisação do methodo de Rarey, grandes vantagens para a hygiene dos animaes, para a segurança das pessoas, e para humanar em geral o ensino dos brutos.



SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 50)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

III

PASSEIO Á VILLA

Ás oito horas do dia seguinte saiu do pateo da quinta uma brilhante cavalgada, entestando á ponte da ribeira, que em breve transpoz.

Estavam já inundadas de luz as flexuras dos outeiros. As ramadas dos soutos, inclinando-se com a viração, sacudiam sobre a relva o orvalho rútilo, como um chuveiro de diamantes.

Era uma aprazivel manhã de outomno, fresca e perfumada das agrestes emanações da serra, e dos balsamicos aromas dos vinhedos meio vindimados.

O ar penetrante d'aquellas terras montuosas e frias temperava-se com o dardear do sol, que já ia alto, e ameaçava apertar.

Compunha-se a cavalgada do senhor capitão-mór, o abbade, o hospede, a morgada, e o Rodrigues. Se-

guiam-n'a dois moços andejos; precedia-a, a larga distancia, o couteiro Antonio Alegre, de arma ao hombro, com o uniforme completo das ordenanças, exceptuando os borzeguins, de que não podia separar-se.

Verdade, verdade, fazia guapa figura o fidalgo de Val-de-mil, com a sua farda verde de abas compridas, e o seu chapeo armado apresilhado de oiro, pluma da côr da farda, e borlas trançadas. Caía na sella com garbo varonil, e meneava como um émulo do marquez de Marialva o seu possante mursello, estrellado em branco, de fina raça hespanhola.

Não direi que o todo fosse irreprehensivelmente marcial; mas tambem não envergonhava. Pelo contrario. A elevação da estatura, e a natural bizarria do porte, favoreciam-lhe o apparato guerreiro. Via-se bem que era de uma raça a quem as armas tinham sido longamente familiares.

Nenhum das visinhanças o encontrava aquelle dia no caminho, que, além da saudação usual, não ficasse parado a miral-o, como quem se gloriava de ter por conterraneo tão galhardo cavalleiro.

O Rodrigues seguia gravemente o amo n'um rocim anguloso como elle, mas como elle apto para todos os misteres, e inaccessivel á fadiga. O abbade trotava desembaraçadamente n'um galliziano esperto. A morgada montava uma bella egoa de Avró, que agil e impaciente sopeava com mão feita por bom mestre.

Quanto ao doutor, recusára peremptoriamente um formoso russo-cardão, ajaezado de novo, que por ordem do fidalgo lhe apresentára o Estrada. Parecera-lhe fino de mais o animal, e pedira com instancia que lhe albardassem a mulinha. Não lhe esquecêra tambem o guarda-sol vermelho para o que désse e viesse. Dizia elle, que pelo dia adiante ainda aquecia devéras, e lá para a tarde, com as nevoas das serras, nada mais facil do que armar-se um aguaceiro. O sr. dr. Diogo Montez, da casa de Royos, era, como se vê, homem precavido e summamente cauto.

A cada passo parava a cavalgada á espera do dr. que ficára atrás. Por mais que este saccudisse com os tacoens os ilhaes da cavalgadura, não a resolvia a passar do chouto calaceiro. Provavelmente a bestinha lembrava-se ainda das seis legoas da vespera, apesar do penso esmerado que se dava nas cavallariças de Val-de-mil.

O fidalgo chasqueava desapiedadamente o hospede, sem respeito aos graus academicos nem aos seus projectos de alliança. O Rodrigues praguejava entre dentes. O abbade ria á socapa.

Dirigia-se a cavalgada á villa, aonde o sr. capitão-mór, segundo o dever do seu cargo, ia assistir ao alardo, a que no dia antecedente havia alludido o couteiro.

Da quinta da residencia á cabeça da comarca faziam boa legoa e meia. O fidalgo contava com a andadura costumada, que era expedita. Estes atrazos, a que dava occasião o doutor, impacientavam a todos.

Por ordem expressa do fidalgo, foi o Rodrigues destacado para a retaguarda, levando a especial incumbencia de vergastar a mulinha com a sua vara de marmeleiro, até ao menos a metter n'um trote regular.

O escudeiro, que tivera alguns quatro annos praça no regimento de cavallaria de Miranda, se bem lh'o disseram, melhor o fez. Como a vereda, tida em conta de estrada, não consentisse mais do que um cavalleiro de frente, metteu por um carril lateral, e dando de esporas, collocou-se atraz do doutor, fustigando-lhe desenganadamente a alimaria. A mulinha matreira, attonita da novidade, torceu a anca para a direita, torceu-a para a esquerda, e sentindo sempre em cima do lombo o marmeleiro inexoravel, investiu pelo carril a galope.

Quando a morgada ia mais absorta em não sei que vagas cogitações, passou-lhe ao lado um turbilhão de poeira e de eloquencia.

A mulinha fugindo ao obstinado flagicio do escudeiro, corria a bom correr para a frente da cavalgada. O doutor desorientado, segurando-se com ambas as mãos á almatrixa, exorava em baldados clamores contra aquella inaudita violação do seu circunspecto caminhar.

Entreviu Ignez, como n'uma visão phantastica, o animal, o orador, e o guarda-sol vermelho.

Sobresaltou-a a rapidez d'aquella carreira inopinada, e ainda mais o estrepito jovial com que o fidalgo e o abbade, n'um dueto de gargalhadas, festejavam o resultado da expedição do Rodrigues.

A mulinha distanciou, como um raio, a comitiva. O doutor, logo que pôde, colhendo as redeas, fazel-a parar, apeou-se; e agitado, furibundo, accidentalmente da côr do guarda-sol, que empunhava em ar solemne, declarou que, se o não deixavam ir de seu vagar, voltava para a quinta.

Resignou-se o fidalgo, e o sequito de s. s.ª não teve remedio senão medir o passo pelo chouto da mulinha. Em compensação, o doutor foi todo o resto do caminho victima dos motejos cada vez mais acerbos do sr. capitão-mór.

Esta jornada fatal decidiu, como veremos, os destinos de duas creaturas. Esqueceu aos moralistas avaliar a influencia que um guarda-sol vermelho póde exercer na vida de um homem de bem. Buscarei eu remediar este descuido, e preencher tão grave lacuna.

É tempo agora de entrar em algumas particularidades, que servirão para explicar os successos presentes, e os lances futuros.

O doutor Diogo Montez era, com effeito, de uma excellente familia. Entrára novo para a universidade, e ahi completára os cursos com muita assiduidade e aproveitamento. Sendo mais illustrado do que a maior parte dos estudantes do seu tempo, ganhára entranhado amor ao estudo, e não fazia senão ler.

Aos vinte e sete annos conhecia a fundo a historia e os principios de direito romano, desde a lei das doze taboas, até ao Codigo Flaviano, desde os éditos dos Pretores até ao Digesto; familiarisára-se com as Institutas, as Pandectas, as Basilicas e as Constituições *Novellæ Leonis*; percorrêra toda a *Glossa ordinaria* de Acursio, decorára os Commentarios de Bartholo, e decifrára da primeira á ultima as distincções cujacianas. No direito canonico era egualmente versado: tinha entrado na intimidade das Decretaes e das Extravagantes, e possuia o *Corpus canonicum* melhor do que alguns lentes de prima.

Aos vinte e oito tomára capello, deixando em Coimbra um nome estrondoso.

Aos vinte e nove acha-o o leitor na casa de Val-de-mil, esposo futuro da herdeira.

Com ser tão lido, e ter-se tão profundamente saturado de romanistas e reinicolas, o doutor não era menos ignorante do que o morgado, nas coisas praticas da vida. Fôra de casa para a universidade, viera da universidade para casa, sem ver nem saber do mundo senão o que d'elle lhe diziam os livros de jurisprudencia, seus oraculos.

O pae do doutor e o fidalgo de Val-de-mil conheciam-se e escreviam-se. As proezas academicas do morgado de Royos chegaram aos ouvidos d'este ultimo, que as admirava tanto mais, quanto menos as comprehendia. Pensava elle então em escolher marido para a filha. Queria-lhe, sobre tudo, quem soubesse administrar e zelar a casa. Pareceu-lhe que ninguem o faria melhor do que tão consummado le-

gista, sem contar que a magistratura era uma das poucas escalas por onde se podia subir aos mais eminentes logares, ainda então exclusivamente reservados aos grandes. O doutor era egualmente morgado, e sobre tudo bem nascido, posto que menos abastado em bens.

Em taes circumstancias, o capitão-mór communicou os seus desejos ao fidalgo de Royos. Este, apreciando as vantagens do enlace, transmittiu a proposta ao filho, não lhe occultando que o veria com prazer acceital-a.

Acolheu o doutor favoravelmente os conselhos paternos. Era um caso previsto nas *Constitutiones personales*, e especialmente explanado no Feyo, Tratado 2.º Não achára objecção seria em Gaio, Modestino ou Papiniano. Sabia, além d'isso, que pelas leis de Lycurgo era o celibato considerado infame. Finalmente o matrimonio, em que nunca pensára senão como n'um contrato *inter vivos*, entrando perfeitamente na categoria dos actos legitimos, não lhe apresentava nenhuma repugnancia de legalidade.

Não foi, portanto, difficil o accordo. Os dois paes entenderam-se. Os destinados noivos eram ambos filhos unicos. Uniam-se as casas acrescentando-se reciprocamente em lustre e poder. D'aqui em diante o fidalgo de Val-de-mil acalentou a sua paternal sollicitude com a idéa de um surprehendimento que, attenta a edade da morgada, assentava dever-lhe ser particularmente agradavel.

D'esta idéa vinham os ares de mysterio que nos ultimos dias se lhe haviam notado.

Estando tudo concertado, pareceram-lhe as predisposições coisas futeis e escusadas. Um marido da sua mão era, no conceito do fidalgo, o presente que a filha receberia lá por dentro com maior alvoroço. Qualquer consulta se tornava portanto ociosa. Quem havia de escolher melhor do que elle?

Em inclinações e sympathias nem pensava. Tinham-n'o tambem casado assim, e lembrava-se ainda dos tres annos de rapida felicidade, que lhe haviam deixado tão gratas e saudosas memorias. Acreditava ingenuamente que eram aquellas as uniões verdadeiramente ditosas, e antegostava já a ventura que infallivelmente proporcionava á herdeira do seu nome e casa.

As informações ácerca do doutor não haviam mentido. Tinha elle recto juizo e sensivel coração. O seu unico defeito era ter vivido sempre confinado n'um circulo limitado e exclusivo. Parecia-se com o capitão-mór em desdenharem ambos egualmente as coisas estranhas ás suas predilecções.

O doutor estava na flor da edade. O estudo e a meditação tinham-lhe porém encovado os olhos, macerado as faces, e arqueado o busto, de modo que figurava mais de quarenta annos. Desflorira-se-lhe a tez n'uma existencia demasiadamente sedentaria; e no estado ordinario, a pallidez morena do rosto aproximava-se á côr dos folios amarellentos que sem cessar folheava. Vivendo sempre em retiro, não tinha sequer a amenidade da conversação, que muitas vezes resgata as exterioridades desgraciosas. Era usualmente taciturno, e a consciencia da sua inferioridade physica dava-lhe, com as damas principalmente, uns modos acanhados e contrafeitos, que excitavam frequentemente o sorriso.

Defendendo theses juridicas, o sr. doutor Diogo Montez assombraria os auditorios; mas para noivo, e noivo de uma formosa morgada de dezoito annos, que só fazia idéa do amor pela prosa de um poeta cavalleiro e namorado, ha de confessar-se que era o menos azado e o peior talhado possivel.

O fidalgo de Val-de-mil, firme no proposito, e olhando a outro alvo, não reparava para estes predicados, posto que tampouco disfarçasse o triste apreço que, sob o seu ponto de vista, fazia da varonilidade do doutor.

Ignez era outra coisa.

No anno anterior, pela mesma epocha, assistíra ella na villa ás bodas da filha do ouvidor, sua amiga intima, que se casára com um capitão do regimento 24.º N'esse dia começára com effeito a ir com os desejos além da inspecção das flores e da criação. Entrou a scismar a possibilidade de outras lianças de affecto, como o pae previra. Então lhe acordou a curiosidade das leituras, e o secreto enlevo no livro de Bernardim Ribeiro.

D'estas diversas impressões resultára, que a seus olhos um marido era infallivelmente um homem esbelto, desempenado, arrogante como o marido da sua amiga, terno e brigão como os heroes do seu livro, vigoroso e cavalleiro em fim como seu pae. E que outra coisa podia ella imaginar, se não distinguia outros typos? — se desde a infancia a tinham costumado a estimar a robustez corporal e a destreza nos exercicios violentos como attributos essenciaes da preeminencia viril? O abbade caçador — o abbade proprio, apesar do seu estado, era uma confirmação viva d'estas idéas.

Não ha mulher que no amanhecer da vida não tenha visto levantar-se-lhe, com a aurora do coração, uma imagem desenhada pela phantasia. Essa é a primeira a que em segredo se affeiçoa. Mesmo hoje, que moralmente se madruga tanto, e se acha logo tanta luz, hoje mesmo é assim. A differença está só em se começar muito mais cedo.

Sáe das penumbras da innocencia um ente ideal, a que o natural instincto veste as gentilezas mais sélectas que tem colligido no caminho transposto. A mulher ama esta visão antes de amar uma realidade; e ás vezes é quando ama de melhor fé. É a primeira necessidade da sua organisação logo que se completa. Evaporam-lhe o coração estas aspirações, como a flor espalha o perfume desabrochando.

O mesmo é nas cidades que nas aldeias, com mais intensidade ainda nas aldeias do que nas cidades, porque o ermo dilata os mundos da imaginação.

Ignez tinha, como todas, o seu sonho, logicamente conforme ás sensações em que se embalára. Um inexplicavel presentimento lhe estivera na vespera segredando que o hospede, tão esperado, tinha relação com aquelle sonho.

Imagine-se agora o doloroso desconforto que a havia de affligir ante a presença e os actos d'aquelle homem, de quem o pae lhe dissera: « este ha de ser teu marido! »

Aquelle o marido — a realidade — com tal figura, com tal apparencia, e com tal guarda-sol!

Ignez só podéra pegar no somno de madrugada, e isso mesmo para rever n'um pesadelo angustioso o rosto macilento do doutor, torneado em coquilho, feito castão d'uma gigantesca umbella vermelha, que pairava sinistra nos ares.

Nem eu quero dizer as lagrimas que n'aquella funesta noite custou á morgadinha o noivo e o guarda-sol!

MENDES LEAL JUNIOR

BARTEDOURO ROMANO

A simplicidade e a barateza devem formar o caracter essencial das machinas agricolas.

Hoje em dia, á vista da carestia e escacez de trabalhadores, todos os sabios cogitam em transformar os antigos instrumentos e machinas, por meio das engenhosas combinações da mechanica, a fim de que a força do homem e dos brutos se aproveite o mais que for possivel, sem grande cansaço do corpo, nem deterioração da saude.

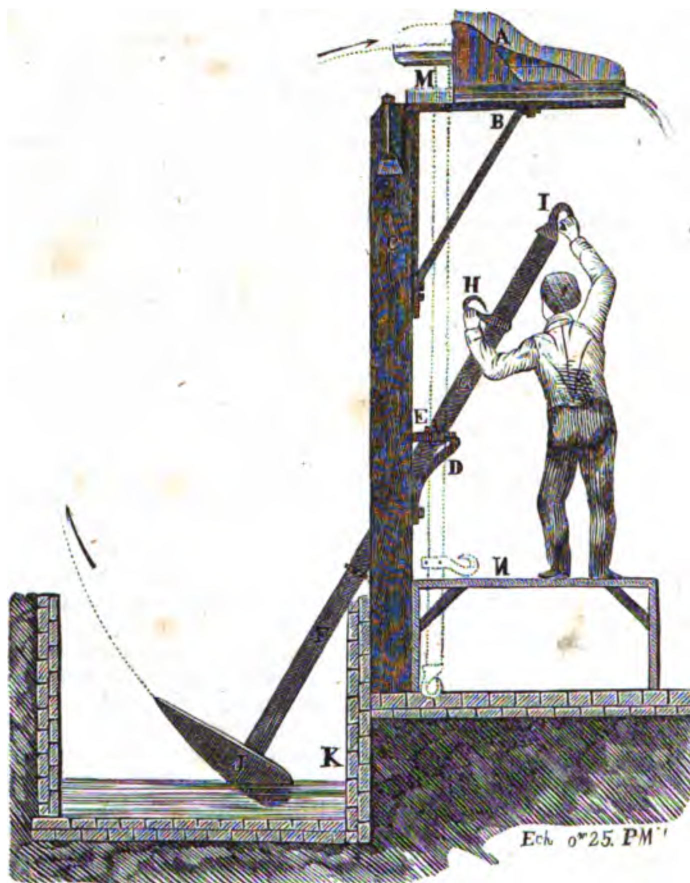
Os systemas de bombas hydraulicas contam-se já hoje por centenas; e todavia insiste-se em descobrir novos meios de tirar a agua das suas origens, com mais facilidade e abundancia, para as regas e irrigações, tão necessarias á agricultura. Entre nós é que ainda as noras são quasi exclusivamente as machinas hydraulicas de que nos servimos!

Ultimamente inventou-se, ou antes aperfeiçoou-se, em França, uma simplicissima machina, a que o auctor deu a denominação de « bartedouro romanó », machina que nos pareceu conveniente divulgar, porque n'alguns sitios pantanosos da provincia da Estremadura temos visto usar de um engenho similhante para tirar agua, ainda que não tão aperfeiçoado.

A gravura d'esta machina, que hoje publicâmos, bem claramente dá idéa da sua composição e movimento: comtudo descrevel-a-hemos concisamente.

Entre dois postes *C*, juntos de modo que facilmente se possa transportar a machina, gira uma alavanca (de madeira sómente a parte *F*) que se encava, n'um bartedouro de folha de ferro galvanisado, que póde ter a dimensão variavel de 15 a 30 litros. A outra parte *G* da alavanca é ôca, e tambem de folha de ferro galvanisado, terminando n'um contrapeso fundido *I*, que exceda uns 5 kilogrammas o peso do bartedouro vasio, para o que se introduz uma porção de chumbo no tubo *G*. Este contrapeso serve de péga para a mão direita, e a argola ovaloïde *H* para supporte do esforço da mão esquerda. No meio, ou n'outro qualquer ponto do seu comprimento, ha dois semicylindros fundidos, que se unem, e podem correr á vontade, mas que se fixam por meio de uma tarracha. Na extremidade dos postes se acha o tanque ou reservatorio, no qual vasa o bartedouro movido pela alavanca.

O movimento pois d'este engenho é muito simples.



Bartedouro romano

Quando o bartedouro está cheio na pia *K*, o operario apoia sobre a extremidade da alavanca a mão direita, e sobre a argola ovaloïde a esquerda; adquire então no primeiro quarto de circunferencia uma velocidade sufficiente para triumphar do *ponto morto* que se produz n'um momento dado, e acaba a outra parte do seu curso logo que a agua tenha adquirido uma força de impulsão, que accelere ainda mais o effeito util da machina. A agua é elevada sem nenhuma perda de altura, porque a disposição do banco *N* faz com que se aproveite tambem o peso do operario.

A agua, assim que chega ao primeiro reservatorio ou tanque *M*, póde ser encaminhada por tubos de irrigação, calhas ou outro qualquer conducto.

Com este engenho, um homem só, póde tirar 6 ou 8 vezes por minuto, a 3m, 15 de altura, um bartedouro de 22 litros de agua.

Egualmente póde trabalhar um homem oito horas por dia, o que dá o producto total de 216:000 a 316:000 kilogrammas de agua, o que pareceria incrivel se não se tivesse averiguado tão pasmoso resultado.

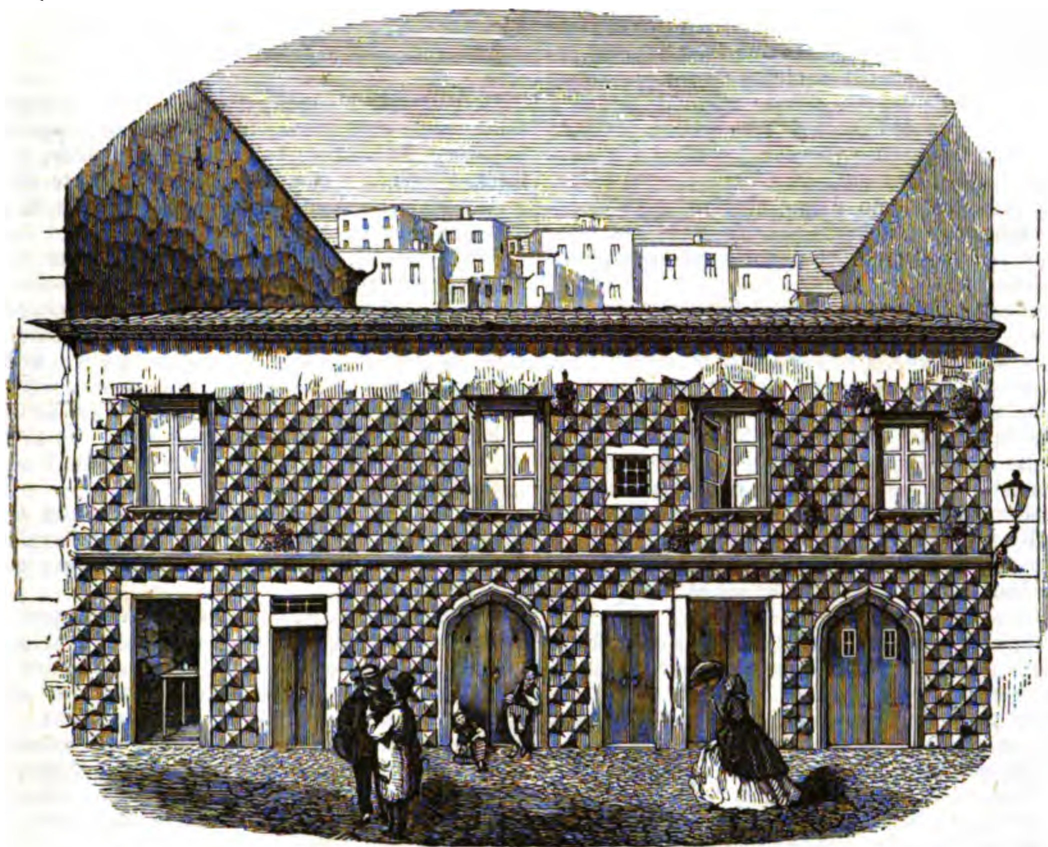
Em summa, aqui damos a noticia, para que os peritos a julguem, e, se valer a pena, adoptem entre nós o novo engenho, porque a sciencia hydraulica está agora, mais que nunca, ligada á prosperidade agricola e industrial da nossa bella mas infeliz patria.

Todas as nações tratam hoje de aproveitar, não só a força muscular do homem, *mas tambem o seu peso*; de sorte que o operario fique em taes condições hygienicas, que evite a oppressão do peito, principalmente nos trabalhos em que elle usa do balancim ou da manivella, a fim de que tenha depois de cada esforço um repouso regular, que, sommado, dê a terça ou quarta parte do tempo empregado no trabalho.

Parece-nos que o « bartedouro romano », que ahi fica desenhado, reune estas desejadas condições.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.

LISBOA VELHA E LISBOA NOVA



Casa dos Bicos — Desenho de Nogueira da Silva

Ora não se perca a casa dos Bicos!
ANEXIM POPULAR.

I

Tem as cidades, como as familias, suas alcunhas, que o rolar dos seculos váe puindo até que de todo as apaga. Quando os antiquarios, que são os genealogicos das cidades, querem fazer a arvore de costado das povoações antigas, esbarram com alcunhas já transformadas em appellidos, cuja origem se esconde no denso nevoeiro das lendas e tradições oraes, a que não ha atinar certo com a ponta do fio quebrado desde muitos seculos.

Tal acontece a muitos sitios e monumentos da velha Lisboa. E não só aos que nos tem sumido os terremotos, anniquilado a acção do tempo, varrido o sopro dos melhoramentos materiaes, e demolido o alvião municipal, senão tambem aos que ainda subsistem de pé, embora mutilados, a gemer pelas fendas e bojos que ameaçam a completa destruição d'esses macrobios de pedra e cal.

Mas nenhum d'esses caducos edificios, hoje monumentos, ainda que fossem insignificantes na sua mocidade, tem de certo mais occulto nascimento e baptismo que a Casa dos Bicos, sita no bairro escuro de Alfama, a antiga Judiaria e nova Gibraltar de Lisboa christã.

E todavia teve tal nomeada, chegou a ser tão popular e significativa, que deu mote para um dos nossos tão expressivos anexins, em summa, é casa que ficou em proverbio.

Mas com tudo isto, porque é tão desconhecida e ignorada, até dos nossos velhos e velhas, a origem e fundação d'esta casa, tão singular pela sua frontaria bicuda?

Não o sabemos.

Sabemos porém muitas particularidades curiosas e historicas a respeito d'ella, que descobrimos agora com muito custo, e revolvendo bastante papelada, para explicação e commentario da estampa que hoje publicâmos pela primeira vez, apesar de nos dizerem no sitio, que muitos estrangeiros a tem ido alli desenhar.

Dividiremos em periodos as resoluções que nos parece se podem dar a respeito dos seguintes quesitos, que sobre esta casa singular se devem fazer. Mas primeiramente recapitulemos o que a tradição oral diz da casa dos Bicos.

É voz constante, que aquella casa fôra edificada por um ricaço, que a revestíra de cantaria lavrada em bicos faceados, em cuja ponta havia de cravar um diamante. Que estando já a casa na altura do primeiro andar, o governo mandára suspender a obra, não querendo que na cidade houvesse uma casa mais rica e fallada que o palacio real. Que não obstante este embargo, se lhe ficára chamando a « casa dos diamantes », e que com este nome era conhecida no tempo dos Filippes, tanto que quando veiu a Lisboa o II d'estes reis intrusos a fôra ver.

Dizem outros, que no tempo del-rei D. Manuel estivera alli hospedada uma rainha preta, muito rica, que trazia muitos diamantes, e que d'aqui se

formára o anexim de se dizer «não se perca a casa dos bicos», como um thesouro ou a coisa mais preciosa que havia na cidade.

Dizem alguns que a casa foi construida segundo o risco do senhorio, sem impedimento ou embargo por parte do governo; que em cada bico lhe puzera um diamante, só do primeiro andar para cima; que eram diamantes fingidos, mas que toda aquella pedraria rutilava maravilhosamente ao romper do sol que lhe batia de través, porque n'aquelle tempo a frontaria da casa dos Bicos deitava para a praia da ribeira, e até nas aguas vivas se desembarcava mesmo á porta.

Que pelo terremoto é que abatêra, e se incendiára, ficando reduzida ás sobrelojas e armazens, tal qual agora a vemos, e a nossa estampa representa fielmente.

As memorias escriptas chamam-lhe «casa dos diamantes» (D. Francisco Manuel de Mello. *Cart. Fam. Cent.* 2. 98). (*Estrangeiros no Lima.* t. 1. 240), mas não dizem se lá os houve ou não.

Dizem mais, que aquella casa fôra de Affonso de Albuquerque, que na porta tinha as suas armas. (*Est. no L. ibid.*), que alli residia este grande conquistador da India portugueza, quando estava em Lisboa, e alli foi nascido e criado seu filho natural, Braz de Albuquerque, que publicou os famosos *Commentarios* de seu pae, e em cuja pessoa el-rei D. Manuel, o ingrato, recompensou mesquinhamente os serviços do valoroso vice-rei.

Até aqui a tradição oral, e o pouco que indirectamente achámos escripto a respeito da casa dos Bicos.

Vamos agora averiguar por partes ou quesitos o que ha de certo ou provavel em tudo isto.

1.° Quando foi edificada a casa dos Bicos?

2.° Acabou-se ou foi embargada?

3.° Teve ou não teve diamantes?

4.° Se os não teve, porque se chama nos livros impressos «casa dos diamantes»?

5.° Em que tempo residiu n'ella o grande Affonso de Albuquerque?

6.° Porque pertence hoje esta casa a um dos vinculos do antigo secretario de guerra?

7.° Acaso viria parar esta casa á familia dos Albuquerques por alliança matrimonial de algum d'estes fidalgos, como parenta dos ascendentes do doutor Lourenço Martins Bacalhau, appellido illustrado da magistratura portugueza?

8.° Era bacalhoeiro o pae ou avô do doutor Martins Bacalhau, homem rico, como sempre foram entre nós os d'este commercio, e por isso esta casa serve ha seculos de armazem de bacalhau, como quem puxa para os seus e não degenera?

9.° Porque é que a fazenda nacional poz a casa dos Bicos em praça, no tempo da infanta regente?

10.° Como é que por este casebre deu o honrado e já fallecido bacalhoeiro Caetano Lopes da Silva 14:500$000 rs. em praça, e depois lhe foi pedida judicialmente?

11.° Explica-se bem a generosa abnegação com que o dito Caetano Lopes abriu mão da casa dos Bicos, logo que a sua arrematação se poz em litigio, não querendo nunca pedir á fazenda nacional a restituição dos 14 contos, e a sisa que por ella pagára na superintendencia das decimas do bairro d'Alfama? Louva-se a bizarria d'este honrado homem do povo.

12.° Em conclusão, muita parte da tradição e das conjecturas a respeito da casa dos Bicos, virão a *ficar em agua de bacalhau*, genero cujo deposito tem sido ha tantos annos?

É o que os nossos leitores hão de decidir, á vista do que lhes dissermos nos artigos seguintes.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 71)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

IV

A PEDRA DO URSO

Despertando n'aquelle dia com os gorgeios matutinos, como costumava, imaginára Ignez que todas as scenas da vespera, a chegada do doutor, a ceia interminavel, e a communicação fulminante do pae á despedida, tinham sido com effeito episodios de um sonho prolongado e afflictivo.

Fugiu-lhe a illusão ante a luz, que lhe entrou n'este breve crepusculo do espirito conturbado.

Era tudo real, e bem real. Se ainda podéra ter duvidas, bastariam para lh'as dissipar as instancias com que a sua aia veiu prevenil-a de que o fidalgo, o hospede, e o abbade esperavam já no refeitorio, nosso conhecido, que ella descesse para o almoço.

Em quanto duraram os preparativos e o penteado, a morgadinha reflectiu profundamente. Se tinha tanto em que!

O moço jurisconsulto incorrêra, a seus olhos, n'um delicto enorme: era réo de lesa-cavallaria. Mal o previa elle, que nunca tal achára nos criminalistas!

Não previa, de certo. Tanto não previa, que, apesar de todas as suas fadigas, a imagem graciosa da donzella não se lhe tirára do sentido. Sonhára tambem, o doutor da casa de Royos; mas em vez de pesadelo, fôra-lhe o sonho uma visão angelical.

Nem por sombras pensava Ignez em desobedecer, ou sequer fazer objecções á seu pae. O que este dissera estava dito, como se fôra um evangelho. Era assim a sua criação, e ainda não tivera onde aprender outra coisa.

A insurreição do seu espirito alcançava unicamente o malfadado noivo. Os mesmos enfeites, a que não era indifferente, lhe pareciam odiosos, considerando-os mal empregados em tal conjunctura.

Mas vão lá decifrar estes mysterios femininos! Apesar dos pesares, não esquecêra á menina de Val-de-mil nenhum dos accessorios que podiam realçar-lhe a natural formosura. Verdade é, que uma ida á villa, e em dia de alardo, festividade que reunia o melhor da comarca, era coisa que sempre merecia attenção.

Não ignorava ella tambem, que seu pae folgava de a ver levar a palma a todas, como elle entre todos primava. Uns dias antes, o bom do capitão-mór chegára a fazer-lhe algumas recommendações áquelle respeito. Provavelmente queria que a morgada, e morgada noiva, apparecesse como quem era, e como o pedia a occasião.

D'estas, e outras reflexões, que não me atreverei a devassar, resultára sair a menina dos seus quartos radiante como um sol. Ninguem lhe suspeitaria, no florido e mimoso da tez, a insomnia causada pelas visões do pavoroso guarda-sol.

Fosse conselho da prudencia, advertencia da razão, ou secreta espectativa, o certo é que se apresentou na sala de jantar, se não contente, ao menos resignada. E linda? Oh! isso linda a fazer estalar de inveja as rosas do jardim, que se debruçavam curiosamente para dentro das janellas abertas.

Os criados, topando-a, não se podiam ter que não exclamassem: «benza-a Deus!» O pae deitou-lhe a benção com um sorriso de orgulhosa satisfação. O abbade, galanteador ao divino, chamou-lhe: *stella matutina*.

Quanto ao doutor, de costume disse nada. Quan-

do porém o acanhamento lhe permittiu contemplar surrateiramente a morgada, começou a acreditar que bem podia existir a felicidade em formato differente do folio.

Segundo o uso, fôra o almoço uma breve collação. Ninguem tivera tempo de se enfastiar.

Até áquella hora, bem vê o leitor, não sería temeridade contar que o temporal se afastasse, dispersando estas nuvens passageiras.

O terrivel, o funestissimo, o irremediavel, o fatal, levantou-se nos incidentes da jornada, que no precedente capitulo se relataram. As primeiras impressões modificar-se-hiam; os Bimnardeis seriam desterrados para o paiz dos sonhos, sua patria; o guarda-sol e a mulinha chouteira esqueceriam diante da valia effectiva de um bom marido, como o doutor podia e havia de ser; tudo, em fim, terminaria como o sr. capitão-mór o premeditára... se não fôra a repetição intempestiva das cavallarias do doutor. Não ser n'outra occasião o alardo, ou não se ter o noivo deixado ficar em casa, ainda que fosse com rheumatismo ou catarrho! Estava salvo.

Ha uma coisa que as mulheres — as mais ingenuas e menos reservadas — nunca perdoam aos que as pretendem: é o ridiculo, sobre tudo o ridiculo publico, flagrante, notorio, d'aquelle de que se faz anecdota.

Nem o capitão-mór, nem o doutor sabiam tal. De o não saberem, como se para aquillo mesmo conspirassem, vieram a provocar assim no espirito da morgadinha um invencivel tedio, a bem dizer odio, ao enlace projectado. Se não era ainda resolução de o repellir, incitava umas incertas, mas cada vez mais obstinadas, esperanças de nunca o realisar. Esperanças de ruim agouro são estas, que a muitos fazem desesperados!

No mesmo lance, como se presentíra a contrariedade, e a esquivança lhe estimulasse o amor que abrolhava, percorria velozmente o incauto doutor a distancia que separa do pendor o sentimento, subindo os gráos que levam da sympathia á paixão.

Crescia-lhe com tal rapidez este enleio, que ainda não era chegado ao cabo da jornada, e já, incitado da contemplação frequente, veria sem espanto no capêllo de doutor umas azas de Cupido, e o Formulario de Marculfo convertido n'um viveiro de madrigaes.

Permitta-me agora o leitor advertir-lhe que deixámos no caminho o sr. capitão-mór e o seu sequito. Não fôra bem que pessoas de tal categoria e consideração estivessem alli até agora á nossa espera.

No rocio da villa os vamos encontrar a todos; o fidalgo, no seu formoso murzello, á frente da brigada da ordenança; a morgada, o doutor, e o abbade, ás janellas da casa do juiz dos orphãos, que deitam para alli. Saíu o povo da missa do dia; isto é, serão dez para as onze da manhã, e está no seu auge a concurrencia e borborinho.

Ha com effeito um desusado movimento na pacifica povoação. O alardo é a causa sabida da grande affluencia. O fallatorio e agitação vão todavia além do ordinario. Em seu tempo e logar se dirá porque.

A reunião e exercicio geral das ordenanças de cada comarca era uma coisa previdentemente regulada. Mandava o regimento que se exercitassem juntas as companhias duas vezes em cada anno: « uma nas oitavas da Paschoa da Resurreição, outra pelo S. Miguel de setembro » diz formalmente o texto.

Qual dos moços de hoje não ouviu ainda na sua infancia alludir á afamada e infamada *bicha*, de tantos apodos perseguida, e com tanta leviandade chasqueada? Aquella era a bicha em grande, a bicha nos seus dias de gloria, a bicha que por todo esse Portugal se ouriçava de dardos e vomitava fogo, verdadeira bicha de sete cabeças, apenas decepadas logo renascidas, como as da serpente fabulada. Tinha ainda garras e dentes esta bicha-povo, povo das cidades, das villas, das aldeias, dos casaes, todo o povo, em fim, armado por seu nome e seu lar, pela patria e pela independencia, pela independencia que o sabe ser em obras.

E riu elle d'isto — fizeram-n'o rir, ao pobre do povo — sem ver que ria de si mesmo, do seu passado, e talvez do seu futuro!

Oh! rustica milicia de nossos maiores, não rirei eu, que ainda não troquei o respeito da verdade pelas vociferações estupidas e vans, que os parvos e ignorantes julgam bastar aos foros de nação. Quem sería o inventor dos epigrammas insulsos com que te frecharam? Provavelmente algum d'esses que, em suspeitando coisa util e prestante, voluntariamente se incumbe de desempenhar nas modernas sociedades o ignobil cargo, que na sociedade romana exercia forçado o escravo insultador; ou d'ess'outros, nescios malevolos, que reduzem o amor patrio a latir desconchavos contra estrangeiros, provocando a sua indignação ou os seus desdens, sem nunca terem voz para indicar o bem, nem energia para advertir o mal, nem juizo para aconselhar o seu paiz, nem braços sequer para o defender.

Livre-nos Deus dos taes, que são a mais ruim praga das boas instituições e dos grandes intuitos!

N'aquellas motejadas ordenanças estava em grande parte a força e o nervo da nossa antiga e robusta organisação militar. Não era na verdade muito para escarnecer o espectaculo d'um povo lavrador e soldado, que, depondo a enxada, aprendia a menear o arcabuz e a lança, e guiava o arado com a espada á cinta?

Pois foi d'isto que se riram os admiradores dos Martes de figurino. Por isso ficaram com o riso alvar, com as lastimas serodias, e a nacionalidade de palavradas.

Não tinham seguramente um aspecto brilhantemente militar essas multidões bisonhas; mas as mãos que sopesavam as armas, calejadas do trabalho, feriam rijo quando se tratava de guardar a terra que haviam amanhado, e onde lhes pousava o que mais incita o homem — a saudade e a esperança, o coração e a fortuna, as campas e as searas!...

Providenciava o regimento com admiravel ordem e intelligencia a composição e distribuição d'estas hostes populares; a instrucção parcial e successiva que haviam de receber sem prejudicar o serviço das lavouras; e as epochas da sua concentração nos respectivos districtos.

Mudou o mechanismo dos exercitos, e trouxe outras necessidades. Tão acertado era porém o systema, que ficou ainda servindo efficazmente com ministrar e ter continuadamente prestes subsidios poderosos de guarnição, de postos, de communicação, de aprovisionamento, e de defesa local, permittindo mobilisar completamente o exercito regular e uma grande parte das forças auxiliares da segunda linha.

A gente chamada da ordenança comprehendia todos os homens válidos, dos dezoito aos sessenta annos, que possuissem um determinado censo. A estes homens incumbia conservar determinadas armas, tambem em proporção de seus haveres.

Tendo todos um interesse de propriedade, não havia o perigo de degenerarem taes legiões em instrumentos de anarchia nem de oppressão.

Primitivamente dividiam-se ellas em terços. Modernamente a designação de terço foi substituida pela de brigada. Cada brigada, ao mando de um capitão-mór, subdividia-se em tantas bandeiras, ou

companhias, quantas comportava a população apta da comarca. Para completar uma companhia, ou bandeira, eram necessarias dez esquadras. Vinte e cinco homens formavam uma esquadra, commandada pelo seu respectivo cabo.

D'aqui veiu a denominação de cabo-d'esquadra, ainda hoje subsistente no exercito.

Assim, as bandeiras contavam duzentos e cincoenta homens, um capitão, um alferes e sargento, além dos dez cabos, e um tambor, criado do commandante da companhia, que era obrigado a mantel-o, e mandal-o ensinar, como onus correspondente ás preeminencias que lhe dava o posto.

A escolha dos officiaes das companhias, bem como a do capitão-mór, quando não era alcaide-mór ou senhor donatario, fazia-se por *nombramento*, ou eleição em camara, na presença do corregedor ou provedor da comarca. Tinha, além d'isto, cada companhia o seu meirinho e um escrivão para a competente policia, repressão das infracções, e execução das disposições penaes.

No impedimento do capitão-mór, commandava a brigada, ou reunião das companhias districtaes, o sargento-mór, seu immediato em auctoridade, assim como nas bandeiras o alferes suppria a ausencia do capitão respectivo.

A instrucção era ordenada pelo modo seguinte. De oito em oito dias, ao domingo ou dia santo, exercitavam-se duas esquadras de cada bandeira. Uma vez no mez, em egual dia, a bandeira toda; duas vezes por anno a brigada completa. Estes exercicios consistiam no manejo do pique, ou lança, e da espingarda de pedreneira, substituida pela provisão de 1758 ao antigo arcabuz, determinado no regimento originario.

As faltas e contravenções disciplinares eram castigadas com mulctas em dinheiro, de cincoenta a cem réis nas culpas leves, e de quinhentos réis para cima, além do encarceramento e degredo temporario para fóra do termo do concelho, nas reincidencias e delictos graves. O producto d'estas mulctas, reunido n'um cofre especial, era applicado a comprar as munições que se gastavam nos exercicios, e a satisfazer os premios estabelecidos para os mais destros e sollicitos.

Nos exercicios mensaes cumpria aos capitães mandar «fazer barreira»; isto é, designar ou erigir uma balisa para atirar ao alvo. Cada espingardeiro havia de disparar um tiro «por obrigação» O atirador que acertava no alvo tinha por premio um tostão, e ao que em melhor estado de conservação e limpeza apresentava o pique, ou espada, competia meio tostão.

Raramente os atiradores se limitavam ao tiro da ordenança. Os exercicios eram assim verdadeiras luctas de emulação e rivalidade, em que ainda os menos abastados não duvidavam municiar-se mais largamente á sua custa, para sustentar cada qual os creditos que adquirira, ou esperava ganhar em taes porfias. Esta fôra de certo a mente do legislador, que a um tempo conseguia dois fins: excitar o amor proprio, e tirar o peso ao encargo convertendo-o em recreio viril.

Nos dias de alardo, que eram dias de alvoroço e de festa pelas epochas do anno em que se celebravam e pela concurrencia que attrahiam, a influencia nos exercicios, como se póde suppôr, subia de ponto. Todos se preparavam com anticipação e empenho para fazer sobresair a sua destreza n'esta especie de justa, ou concurso, como ainda hoje é vulgar nos burgos do Tyrol, e em muitas povoações da Suissa.

Além d'estas companhias de infantes, havia outras de cavallo, correspondentes a mais alta qualificação, e a um censo mais elevado.

Tal era a ordenança, que por muito tempo constituira a resistente salvaguarda do paiz, e que desde 1570 conservava no povo a pratica das armas, estimulando regradamente o uso e serviço d'ellas.

Na epocha d'esta narração os rigores do regimento tinham na verdade afrouxado em mais de um ponto, dando logar a degenerações e abusos reprehensiveis. Contra esses abusos — e só contra elles — se devia porém ter satyrisado e legislado, não abrogando, senão reformando, a solida traça e structura d'esta grande machina, que era ao mesmo tempo uma possante instituição liberal: modificando-a no que fosse conveniente para acompanhar os progressos da arte militar, poder-se-hia crear com ella um vasto corpo imitante á *landwer* prussiana, de que não differia muito.

Com o seu genio, indole, e criação, o fidalgo de Val-de-mil não era homem de consentir, e menos de auctorisar aquelles abusos. Na sua brigada as antigas praticas seguiam-se ainda com extrema severidade.

Em observancia de um uso tradicional na localidade, a brigada de Murça, antes de marchar para o exercicio, reunia-se no rocio da villa.

É este um largo espaçoso. Fica-lhe na extremidade uma especie de padrão, que chamavam d'antes a pedra do urso. Alterou-se com os tempos esta designação; mas ainda lá existe a lapida, e ainda alli é conhecida pelo nome mais prosaico de «porca da praça» A figura do animal representado é de uma esculptura tão grosseira, e está de tal modo carcomida e gasta, que póde acreditar qualquer nome e versão.

Em todo o caso, é monumento de antiguidade, e a lenda popular dá-lhe uma origem curiosa.

É fama que os primitivos senhores da villa, progenitores da familia Guedes, tendo sido expulsos pela invasão sarracena, se refugiaram, como outros muitos, nas montanhas de Burgos. Pelos fins do seculo VIII, começando já a resurgir a christandade na Hespanha, voltaram os seus descendentes a reconquistar o perdido patrimonio. Ganharam-n'o com effeito; mas acharam os campos cobertos de matto e infestados de ursos. Os ursos destruiam as colmêas, unica industria que ficára aos raros colonos sobreviventes n'aquelle territorio devastado.

A indolencia administrativa dos conquistadores mauritanos dá plausibilidade á tradição.

Depois de vencerem os homens, moveram os destemidos cavalleiros crua guerra ás feras. E tanto montearam, tanto repetiram as montarias, que lograram extinguir a raça damninha. Os moradores agradecidos, em memoria do feito e beneficio, obrigaram-se a pagar-lhes annualmente tres arrateis de cera cada um, além dos mais foros em generos e dinheiro.

A lenda póde ser apocrypha: quanto ao fôro não o foi durante muitos seculos.

Não seria para admirar que todas aquellas brenhas e asperezas, mal povoadas de homens com tantas guerras assoladoras, se repovoassem de animaes ferozes, como as antigas selvas que hoje são Douro e Beira, como as mattas e paúes onde actualmente se levanta a immensa casaria da Babylonia chamada Paris.

Verdadeira ou falsa a tradição, a pedra do urso conservou por muito tempo uma tal ou qual memoria dos principios que lhe attribuem. Em quanto os donatarios da villa concorreram ás guerras com gente de seu soldo, não tinham validade os arrolamentos não sendo feitos ao pé d'aquelle padrão.

Provavelmente, uma remota analogia perpetuára o costume de fazer tambem junto á velha lapida a chamada das companhias nos dias de alardo.

O fidalgo de Val-de-mil, escrupuloso respeitador dos estilos herdados, mantinha este costume em todo o seu vigor; e a famosa pedra do urso retemperava todos os annos n'estas solemnidades as suas remotas glorias.

MENDES LEAL JUNIOR

A COBRA CASCAVEL

Tão perigosa como a serpente negra da Nova-Galles do Sul é de certo a serpente cascavel; não ha veneno mais activo que o seu veneno, nem halito mais empestado que o seu bafo.

Esta serpente tem de comprimento cinco ou seis pés, e de circunferencia de um pé a dezoito pollegadas. Os olhos brilham-lhe sempre, mesmo nas trevas. A cabeça é chata e com escamas, assim como o dorso, que representa a côr cinzenta-amarellada. A guela tem de tres e meia a quatro pollegadas de contorno; a lingua é negra, solta, fendida, e move-se com singular volubilidade. Os dentes são curvos e ocos, e a presa que elles subjeitam não poderá escapar-se; além d'isso, a peçonha derramada do queixo superior teria o cuidado de anniquilal-a. Debaixo da pelle que reveste o queixo superior, ha vesiculas, ou bolhas, onde o veneno se accumula. A cauda da serpente cascavel é guarnecida de escamas sonoras que, roçando-se umas contra as outras, produzem um ruido tão sensivel, que se ouve a sessenta passos de distancia. Similha o ruido que



A cobra cascavel

faz o pergaminho quando se enrola agitando-o; ou que produz dois seixos esfregando-os. Os movimentos do perigoso reptil operam-se com tal rapidez, que ha difficuldade em comprehendel-os. N'um instante a serpente enrosca-se, apoia-se na cauda, arremessa-se como frecha, contra a victima, fere-a e foge em seguida, porque receia a vingança do adversario.

A mordedura d'este reptil mata em dois minutos. É difficil averiguar precisamente se a serpente cascavel, depois de morder uma vez, dará a morte com segunda mordedura. Suppõe-se demonstrado, segundo o que os negros affirmam, que a segunda ferida é menos perigosa que a primeira; e a terceira, sendo feita com intervallo de uma hora, não apresentaria muita gravidade. Acredita-se geralmente na Martinica, que muitos negros tem remedios contra a mordedura do reptil. Conta, por exemplo, um viajante, que viu um escravo a quem a serpente cascavel mordêra na perna, e que, depois de o esfregarem energicamente com certa mistura de folhas que trazia sempre comsigo, nunca adoecêra d'essa ferida. Isto, porém, é excepcional; comtudo, sabe-se que o veneno da cascavel tem effeito mais rapido no sangue do branco, que no do preto. Em todo o caso o perigo existe, e é mister evital-o.

A serpente de cascavel assalta os cidadãos nas suas moradas, e vem provocal-os no seio de seus re-

fugios! Com o auxilio de archotes e de grande ruido, consegue-se afastar estas serpentes das habitações, e é assim que se preservam dos seus ataques os negros empregados no córte da canna de assucar, sobretudo quando tem de passar as noites no campo. Ha escravos, como o que a nossa estampa representa, que não receiam atacar de frente a cascavel; armados do archote, que lhes serve para as estontear, e com a espada cortam-na em duas. Outros empregam dois archotes: em quanto lhe apresentam um d'elles para a entontecer, com o outro queimam o reptil, ou obrigam-no a fugir. O meio mais conhecido para se desfazer de tão perigoso adversario, é o de surprehendel-o no momento em que, estendido no tronco de uma arvore, se baba aos ardores do sol. Violenta pancada com vareta de espingarda, ou qualquer instrumento, partiu-lhe um dos anneis, embaraçou-lhe os movimentos, e o reptil, assim ferido, morre em horriveis convulsões.

Segundo uma notavel descripção feita por Arago [1], alguns caçadores tem um methodo simples, e de facil execução, com o qual se expõem menos aos ataques mortiferos da serpente de cascavel. Consiste em armar, no sitio em que o reptil costuma repousar, uma gaiola cuja porta esteja aberta. Mettem-lhe dentro um rato, lagarto, ou passaro, que prendem para servir de negaça. Assim que a serpente descobre a presa, lança-se para ella, e quando principia a devoral-a, o caçador, occulto com alguma arvore, puxa, por meio de uma corda, a porta da gaiola; o reptil ficou recluso. Este methodo, porém, apresenta um inconveniente. Como a serpente de cascavel põe ás vezes mais de um mez de lapso entre uma e outra comida, facil é de comprehender que taes caçadas são pouco mortiferas, e que seriam necessarios seculos para despovoar uma colonia d'estes temiveis habitantes, se a necessidade da segurança pessoal não viesse efficazmente auxiliar o colono em tal empenho.

Entre nós ha um proverbio tirado do som que faz a cauda d'esta cobra, que é: « Dos ruges-ruges se fazem os cascaveis. » Como quem diz, de leves rumores nascem grandes revoluções; e de simples boatos grandes novidades.

Tambem por analogia se chamava aos homens que na alfandega punham arcos nas barricas e caixas de assucar, cascaveis.

[1] *Chasse aux bêtes féroces* — pag. 58.

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O boabab de Adanson (cabaceiro, de Cabo-Verde) — O olmo de Morges — O carvalho de Salcey — O castanheiro de Neuve-Celle — O dragoeiro de Orotava — O castanheiro de Esaú — O carvalho de Allouville — Algumas outras arvores que se mencionam apenas

(Conclusão. Vid. pag. 63)

X

Principiámos na Europa, devemos acabar na Europa.

Chegámos ao Delphinado, porto de Montclimart, e estamos vendo um grande castanheiro, a que chamam, ignorâmos por que, o castanheiro de Esaú. Está decotado e arruinado; é, com effeito, uma ruina, porém bella, magestosa, digna de respeito. Perdeu a folhagem, e hoje admiramol-o só como um velho calvo.

Tem 9 metros de circunferencia n'altura de um homem, 11 metros na base, e 13 metros contando com o volume das raizes. O castanheiro é de uma só peça; as fendas não lhe alteram o conjuncto; podem estas considerar-se como as rugas da velhice. Muitos ramos estão meio sêccos; outros fórmam lindos frondes, renovos magnificos, e massas opulentas em certos pontos de vista.

Não deixou de florescer e fructificar. Todos os annos colhem, n'aquelles ramos encortiçados, grande abundancia de castanhas. De alguns renovos póde até dizer-se que, pela sua verdura, annunciam a mocidade da arvore, porém são quasi todos estereis (fig. X).

XI

Acabemos pelo carvalho, a arvore que meu pae estimava, e que eu amo com predilecção, porque é o verdadeiro symbolo da força d'alma.

Vamos a Allouville, e entremos no cemiterio. Este carvalho vive das reliquias da morte. Quantos cadaveres humanos terão alimentado o curso da sua seiva para lhe formar o tronco, as folhas, os ramos e as boletas! Quantos corpos humanos terão revivido e revivem ainda n'esta massa vegetal!

O tronco tem 30 pés de circunferencia na terra (10 metros), e 24 pés n'altura de um homem. Ramos magnificos, sombra opulenta.

Os antiquarios da provincia occuparam-se do carvalho d'Allouville, e descobriram que não tem menos de 900 annos de existencia.

Construiram-lhe no cimo, segundo representa a fig. XI, um campanario que está quasi escondido na folhagem. A torre cobre uma cella de anachoreta.

A parte inferior do tronco é sufficientemente cavada para se armar em capella, e receber um altar, que o padre Détroit, parocho d'Allouville, dedicou á Virgem.

Grandes personagens tem tido a honra de orar alli por alguns minutos, e assentar-se á sombra do magestoso carvalho. As tradições celebram-n'o; os trovadores cantam-n'o; as tempestades tem-n'o insultado; o raio não deixou de feril-o; mas elle resiste egualmente impassivel ás glorificações e ás injurias.

Que nos resta agora? O castanheiro de Prévarange, plantado ha tres seculos, alguns annos depois da *Saint-Barthélemy*, e tendo já 4 metros de circunferencia? A faia do Mont-Blanc, perto de Dolonne, conhecida pelo nome de *guarda-das-camurças*, porque estes animaes ahi se refugiam durante o inverno, e porque tem de circuito 7½ metros? O carvalho de S. Luiz? Aquell'outro de Neufchâteau? O olmo de Saint-Gervais, onde se satisfaziam, em Paris, os direitos feudaes, e que já não existe? O bordo de Matibo, que o que tem de notavel é a fórma artistica que lhe deu um homem de mau gosto, chegando a fazer d'elle uma casa de dois andares, cercados de ninhos de passaros, e em cada um dos quaes ha um quarto com oito janellas para vinte pessoas? A arvore dos Sete-irmãos da floresta de Cotterets, por causa dos sete grossos ramos que sustentam um tecto? O cypreste de Chapultepes, na America, que deve ter, segundo De Candolle, seis mil annos de existencia? Etc., etc.

Não, tudo isso não é digno das nossas explorações depois das arvores gigantes que visitámos. Seria melhor vermos, n'este instante, a infeliz acacia de Robin do Jardim-das-plantas, em Paris, plantada em 1635, um seculo antes do cedro de Jussieu, mãe, póde dizer-se, de todas as acacias hoje existentes na Europa. É simples, e não têm a sua belleza, mas inspira respeito e gratidão, assim como o primeiro dos *séphoras* do Japão, que vivia ao pé da acacia, e a precedeu na morte.

Deixemos todas as celebridades que não tiram, como as precedentes, o seu merito da propria natureza. Desejo unicamente, e em conclusão, deixar-

vos os retratos do castanheiro Robinson d'Aulnay, celebre em Paris, e do carvalho de Dannevoux, em Meuse, para que vos sirvam de pontos de comparação, pela relativa pequenez, com os gigantes que vos mostrei. Vêde, portanto, as figuras XII e XIII, quasi imperceptiveis, e que não merecem, na minha opinião, fazer parte do circulo limitado dos eleitos. — Le Noire.

*

Terminada esta mui curiosa noticia das grandes e historicas arvores do mundo, não podêmos deixar de lastimar que a nossa descuriosidade, ou mais ainda, o natural desleixo, não haja tambem feito resenha das arvores seculares que temos em Portugal e suas possessões.

Entre todas merece ir aqui posta em appendice, e na conserva de suas coevas estrangeiras, o carvalho do solar de Barbosa, em Penafiel.

É antiquissimo, e dizem que da fundação da monarchia. Está quasi privado dos prolongados ramos que tinha, e nos que ainda lhe coroam a veneranda cimeira, poucas folhas se lhe descobrem, pois são tão raras como as cãs do ancião já chegado aos extremos da segunda infancia.

O tronco, porém, é formidavel e robusto. Tem 10 metros de circunferencia; no centro lhe fizeram, ou fez o tempo, uma caverna enorme, no meio da qual havia uma mesa de pedra com assentos á roda, onde jogavam os senhores do solar de Barbosa; e a tradição diz que alli se administrava a justiça áquelles povos.

Está este carvalho monumental no solar dos Barbosas, de quem descende o actual possuidor, o sr. Malafaia, progenie do que tanto se assignalou na tomada de Ceuta, em recompensa do que lhe deu el-rei D. João I este solar e honra de Barbosa.

D'esta arvore secular deu já o *Panorama* de 1844 uma gravura, desenhada pelo sr. S. Rodrigues Ferreira, de Penafiel.

ANTIGUIDADES NACIONAES

SUBORNO ELEITORAL EM 1735

A seguinte provisão do antigo desembargo do paço mostra que os subornos e venalidades que hoje estranhâmos nas eleições dos deputados, havia egualmente nas irmandades religiosas dos homens de officio. A mesma coisa, sem tirar nem pôr!

Justo é, que assim como apresentâmos exemplos honrosos de nossos avós, para os imitarmos, não occultemos aquelles que servem para mostrar que nem todos os vicios moraes e politicos são exclusivos dos nossos tempos, e que tambem ha muito dos antigos que reprovar.

Lêa-se a provisão.

Dom João (v) por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar; em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber, que o juiz e mais irmãos da mesa do glorioso patriarcha S. José, d'esta cidade, sita na sua mesma casa, me representaram por sua petição, que concedendo-lhes o seu compromisso, que a eleição que se fazia para os cargos da bandeira do officio de pedreiro, fosse por votos ou por sortes, elles até ao presente fizeram a sua eleição por votos, porém agora reconheciam e experimentavam o grande prejuizo e indecencia que se seguia do dito modo de eleger, *pois se peitavam os officiaes, comprando-lhes os votos, e dando-lhes para este effeito creditos amplos em casas de pasto, de que resultava serem eleitos os que tinham mais cabedaes, e não os benemeritos*, o que redundava em grande prejuizo e descredito de toda a irmandade.

E sendo chamados á mesa os officiaes que n'ella tinham servido, resolveram por unanime consentimento, como constava da certidão que offereciam, fazerem a dita eleição por sortes, o que até aqui fôra por votos, e saindo os eleitos por sortes, estes não poderiam fazer mordomo, senão aquelle official que tivesse servido na mesa do Santo dois ou tres cargos, pela falta que havia de os servirem.

Posto que o dito compromisso lhes concedia a faculdade de escolherem o modo mais conveniente de fazerem a dita eleição, porque temiam que alguns orgulhosos não quizessem consentir n'esta mudança, não obstante ser feita pela mesa, e pela maior parte da irmandade: me pediam, que attendendo ás justissimas razões que allegavam, lhes fizesse mercê de lhes confirmar o modo de eleger por sortes, e que os eleitos não fizessem mordomo, para ir á casa dos Vinte-e-Quatro sem primeiro ter servido dois ou tres cargos na mesa do Santo, determinando eu se fizesse a dita eleição da maneira e fórma que constava da certidão que offereciam. E visto o que allegaram, e informação que se houve pelo juiz dos orphãos da repartição de Alfama, servindo pelo corregedor do civil d'estas cidades, Simão da Fonseca de Sequeira, e resposta do procurador da minha coroa, a que se deu vista, e respondeu que o assento feito pelos supplicantes, juizes, e irmãos da mesa, e definidores, parecia muito justo, e que a fim de extinguirem subornos e parcialidades, se podia confirmar por mim, para ter firmeza:

Hei por bem fazer mercê aos supplicantes de lhes confirmar, como por esta lhes confirmo, e hei por confirmado, o accordão que fizeram para eleger por sortes os eleitos, e que estes não fizessem mordomo para ir á casa dos Vinte-e-Quatro sem primeiro ter servido dois ou tres cargos na mesa do Santo, na fórma e maneira que no dito accordão se continha.

E esta provisão se cumprirá como n'ella se contém, etc.

El-rei nosso senhor o mandou pelos DD. Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira, e Antonio Teixeira Alvares, ambos do seu conselho, e seus desembargadores do paço. José da Costa Pedroso a fez em Lisboa occidental aos 26 de outubro de mil setecentos e trinta e cinco annos. De feitio d'esta quatrocentos réis. — Gonçalo Francisco da Costa de Soutomaior a subscreveu. *Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira — Antonio Teixeira Alvares — José Vaz de Carvalho.*

GUERRA Á CHINA

A China, mais que nenhuma outra região, tem sempre dado thema para largas disputações, para copiosos volumes e multiplicadas viagens, em virtude da singularidade do seu viver, da antiguidade da sua industria, da riqueza e abundancia das suas producções.

Mas hoje ainda mais fallada está sendo essa grandissima região, porque os dois colossos da Europa, a França e a Inglaterra, se encaminham, pelas suas esquadras, contra o celeste imperio, a fim de vingarem o ultraje da bandeira, e a morte de alguns subditos d'estas duas potencias.

Esta guerra da China desenha-se já com sombrias côres, porque a innata covardia dos chins váe desapparecendo, visto que a sciencia das armas achou

alli accesso primeiro que as outras artes, a que podia dever a sua civilisação.

Quando a pag. 64 do num. 8 dissemos que o imperio da China contava os seus 360 milhões de habitantes, não tinhamos presente o relatorio do almirante Seymour, o qual dando conta da tomada de Cantão em 1856 pela esquadra ingleza, diz que achára no palacio do vice-rei o recenseamento do imperio e suas colonias, mandado fazer pelo imperador Hien-Toung em 1852, por onde constava officialmente que o imperio continha 396 milhões de habitantes. E n'uma viagem mais recente lemos que a China terá hoje 400 milhões de almas, mais da terça parte da população total do globo! O que prova, que não obstante ter o imperio da China 680 leguas quadradas de superficie, é o paiz mais populoso do mundo.

Não ha muitos annos que na China havia um meio mui facil de fazer a estatistica da população, porque todos os chefes de familia eram obrigados a ter á porta uma relação das pessoas que tinham em casa. Ignorâmos se este uso subsiste.

D'este excesso de população resulta a miseria, indolencia e propensão para o roubo, que caracterisa os chins. A emigração augmenta de anno para anno, e estes colonos, denominados *cules*, vão substituir os negros nos trabalhos agricolas, principalmente na America do sul, onde váe dando vantagem a sua colonisação. Nas nossas possessões da India ha muitos *cules* empregados no serviço domestico, e agora, em grande escala, nas obras publicas, estradas etc.

Como já dissemos no artigo antecedente, os missionarios portuguezes foram os primeiros europeus que penetraram na China, e que lhe pozeram este nome, pelo qual é hoje conhecido geralmente o celeste imperio, porque o seu nome chinez é *Tamim*, que quer dizer reino da luz. N'esses escriptores, quasi todos classicos da lingua, podem os curiosos de noções historicas buscar amplas noticias do caracter, religião, usos e costumes dos chins, que não tem ainda variado, apesar dos esforços que a Russia, França, Inglaterra e os Estados-Unidos, ora por vias de commercio, ora pelas de guerra, tem empregado para abrir relações com aquelle potentado, e fazel-o entrar na communhão européa.

O padre Manuel Bernardes, fallando de varios usos extravagantes da gente chim, diz com muita graça e mimosa phrase: « Os chinas havendo de fallar ao seu rei em algum negocio, levam escriptas as formaes palavras que lhe hão de propor, em uma taboinha de marfim, a qual entretanto tem levantada diante da boca, e serve de bordão á memoria, se resvalar com a turbação, e juntamente serve de anteparo ao bafo, que sería desattenção barbara, se a pessoa real chegasse a sentil-o. Tão cristallinas costumam ser as magestades, que até do bafo dos pretendentes se empanam! »

A figura chineza, que hoje apresentâmos, é a de um mandarim que ultimamente esteve em Paris, especie de constructor naval, que suppomos veiu ver os estaleiros da Europa.

Em 1853 vieram a Lisboa dois chins, christãos, deputados pelos seus correligionarios ao rei de Portugal para lhe pedir um bispo para a christandade portugueza da China. Um teria os seus cincoenta annos, o outro vinte e dois. Aquelle era casado, este solteiro, e destinava-se ao estado ecclesiastico. Chamava-se o mais velho Leo, e o moço Li. Ambos se explicavam em latim principalmente o rapaz, como tivemos occasião de verificar n'algumas conversações com elle. Este acha-se actualmente no seminario de Santarem, o outro regressou para a China, sem comtudo obter o despacho que veiu sollicitar, em consequencia das negociações então pendentes com a santa Sé a respeito do padroado do Oriente.



Mandarim chinez

Em quanto estiveram em Lisboa, foram apresentados no paço e em differentes casas titulares. Foram ao theatro de S. Carlos, ás cortes, e a um baile do Club, que foi o que mais os escandalisou, por verem lá as damas decotadas, e misturadas com os homens a dançar.

É sabido que os chins não admittem as mulheres nos seus actos sociaes, e dão-lhe tão pouca importancia, que nem os maridos de certa ordem comem com suas esposas e filhas á mesa!

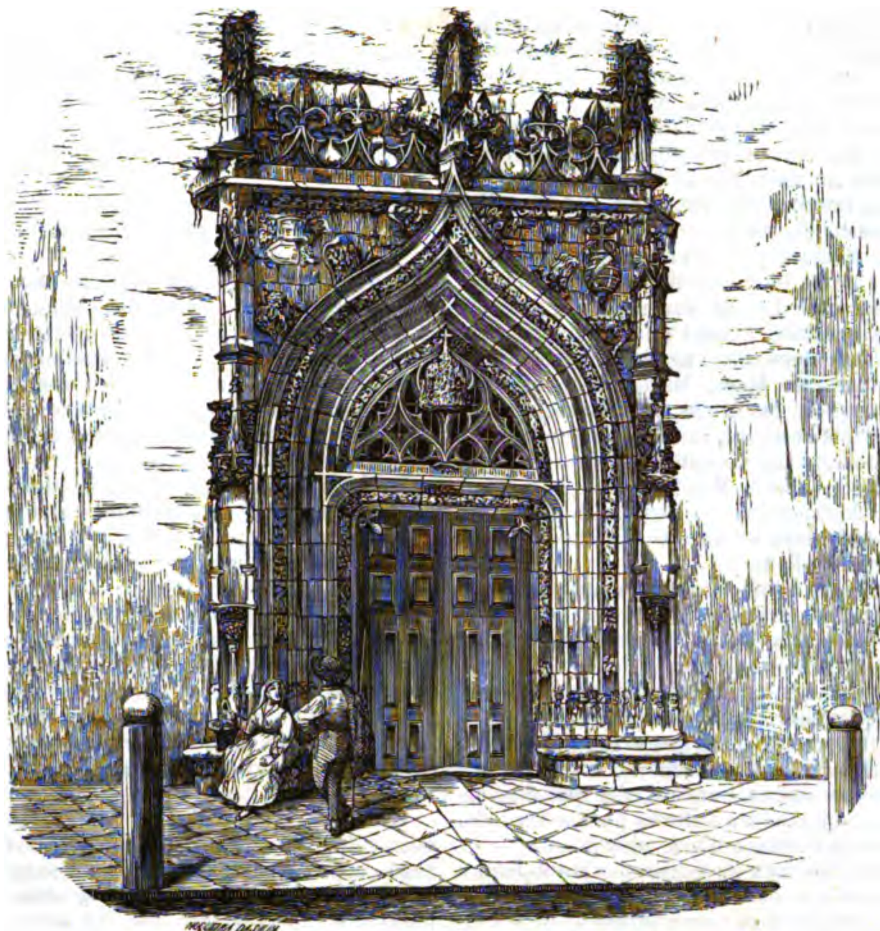
Devemos dizer aos leitores que soffram, (quando não approvem) o que não só soffreu mas approvou a antiguidade nos livros do seu tempo.

*

É prerogativa dos talentos sublimes, gozarem de mutua relação de idéas, que umas com outras fidelissimamente se correspondem.

D. Francisco Manoel de Mello

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Porta principal da egreja de S. João Baptista em Thomar — Desenho de Nogueira da Silva

Pertence ainda ao estilo architectonico do famoso rei edificador, a porta que hoje publicâmos gravada em madeira, que é a principal da parochia de S. João Baptista da cidade de Thomar.

Custa hoje a acreditar como foi possivel que el-rei D. Manuel, tão afanado com a tomada e conservação dos logares de Africa, descobrimento do novo caminho para a India, conquista e dominação dos potentados da Asia, descobrimento e civilisação dos brasis na America, lhe sobrasse tempo, gente e dinheiro para edificar tantos conventos, egrejas, ermidas, castellos, torres, e outros monumentos que vem enumerados pelo seu chronista Damião de Goes, que sobem ao fabuloso numero de sessenta e dois! É isto n'um reinado de 25 annos, e fallecendo elle apenas com 52 annos!

E notem os modernos, que se prezam, ou antes, que presumem de progressistas, que este monarcha não attendia só aos melhoramentos materiaes, porque, além d'estes monumentos de pedra e cal, nos deixou tambem outros que ainda conservam o cunho do progresso e civilisação que elle procurou dar ao seu reino, que taes são — o novo codigo das ordenações do reino, chamadas manuelinas, a reformação da universidade, as chronicas que mandou escrever por bons auctores, a reforma dos foraes, e os missionarios que instituiu e proveu para as conquistas do ultramar, e sobre tudo deu grande impulso á arte typographica, concedendo aos que exercitassem esta nobre arte os mesmos privilegios de que gozavam os cavalleiros da sua real casa.

O nosso respeitavel amigo o sr. Viale, no seu excellente poema historico, citado a pag. 30 d'este III vol., com mais energia que o proprio Camões, dirige a el-rei D. Manuel a seguinte apostrophe:

Afortunado rei, na mente abranges
Alta, duplice empresa, e ao cabo a levas!
A innumeras nações que banha o Ganges,
Por ti de Christo a luz dissipa as trevas;
E vencidas, pagãs, mauras phalanges,
A tamanho poder teu reino elevas,
Que com applauso egual, de reis e povos,
Assumes, rei dos reis, dictados novos.

Nem só marcia facção, nautico apresto,
Noite e dia em teu animo revolves,
Na reforma das leis, e em tudo o resto,
Mostras que ao bem geral a mente volves.
....

A egreja, cuja porta fizemos desenhar para amostra do estilo da sua architectura, é, como dissemos, a parochial de S. João Baptista, de Thomar.

Tem esta cidade na sua circunferencia muitos montes, quasi todos coroados de templos e ermidas. Situada n'uma planicie, que da parte oriental é banhada pelas aguas do rio Nabão, e do occidente assombreada pelo monte em cuja maior altura campêa o famoso convento mestral da ordem de Christo, vemos a egreja de S. João. Era uma pequena ermi-

da d'este mesmo orago; mas el-rei D. Manuel em 1520 a erigiu em collegiada parochial, para commodidade dos povos, a quem ficava distante a matriz de Nossa Senhora dos Olivaes, fóra da villa e em logar solitario. Deu-lhe oito beneficiados da ordem de Christo, vigario, thesoureiro e tres moços do coro.

A egreja é de tres naves, com bom coro, e uma elevada torre de sinos com seu relogio.

A capella-mór tem um retabulo de S. João Baptista, de boa pintura, mandado fazer por Pedro Affonso, contador do mestrado de Christo, e progenitor das nobres familias dos Toscanos, Cabraes, Marecos e Vasconcellos, ao qual por esta obra se lhe deu sepultura n'esta capella-mór, para si e seus descendentes. Da parte do evangelho tem as seguintes: capella collateral de Christo crucificado, cabeça do morgado que instituiu Manuel da Costa, onde elle e seus successores tem jazigo perpetuo e missa quotidiana. A capella de Jesus, Maria, José, com sua confraria. A capella das almas, tambem com missa quotidiana, e officio no oitavario dos defunctos. Da parte da epistola: a capella collateral de S. Jacinto, e no altar Santa Maria Magdalena. A capella de Santa Luzia. A capella de S. Pedro, da irmandade dos clerigos, com festa no dia das candeias, e officio geral pelos irmãos defunctos.

A irmandade do Santissimo tem uma boa sacristia, que mandou fazer á sua custa o desembargador Bernardo Gonçalves de Moura, natural d'aquella cidade.

Os quadros d'esta egreja attribuem-se a Gran-Vasco ou á sua eschola; mas o conde de Raczynski, no seu aliás importante livro *Les arts en Portugal*, desdenha muito d'elles nas seguintes linhas, que transcrevemos na lingua franceza, em que está escripto, lingua que não atira muito para a verdade, por isso ha tanto romance d'este idioma...

«Les grands tableaux de l'église de Saint-Jean à Thomar, au nombre de huit ou dix, sont évidemment l'œuvre d'un seul et même pinceau; on les attribue aussi à Gran-Vasco. Je les ai vus et examinés avec soin. Ils ne contribueraient guère à la gloire du peintre qu'on saurait être leur auteur.»

«Dans celui de ces tableaux qui représente *un festin*, les trois figures du premier plan ont de bien moindres proportions que les deux figures principales, qui sont assises à une certaine distance, au bout opposé de la table.»

«A part cette bizarrerie, il y a à dire en général que ce sont de faibles productions. Ces tableaux peints sur bois, appartiennent à l'époque d'Emmanuel ou de Jean III. Il importe très peu d'en connaitre l'auteur.»

Mais adiante, contando-nos a visita que fez áquelle e outros monumentos da provincia da Extremadura, exprime-se n'estes termos:

«Le 7 (octobre de 1843) je commençai ma tournée en entrant dans l'église de Saint-Jean qui se trouve sur la place principale. Au dessus du maître-autel se trouve un *Saint Jean baptisant le Christe*, et de chaque côté huit autres grands tableaux de ce genre, condamnés a porter le nom de Vasco. Ces tableaux ne sont pas tout à fait mauvais dans quelques parties; dans d'autres ils sont détestables. Sur celui qui représente les *noces de Cana*, ou quelque autre fête de la Bible, se trouvent, en premier plan, trois figures de jeunes gens infiniment plus petites que deux figures principales, assises au bout le plus éloigné de la table. Je demandai au sacristain à qui étaient attribués ces tableaux: il nomma: *Vasco; Vasco da Gama, Italiano.*»

Como não temos outro voto de entendedor, não queremos occultar este, posto que tão desfavoravel, e que permanecerá até se averiguar quaes são as pinturas que pertencem a este tão citado Gran-Vasco e seus escholares, pinturas que chegam ao incrivel numero de 400!

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 76)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

V

A VEIGA DA BARROSA

Em frente do antigo padrão, no tope da praça, o fidalgo de Val-de-mil presidia á chamada.

A brigada de Murça contava quatro bandeiras, e, posto que não estivessem rigorosamente completas, andavam entre setecentos e oitocentos homens de pé, e ainda uns cincoenta de cavallo, os que em soffrivel ordem formavam na presença do sr. capitão-mór.

Havia entre duas d'aquellas bandeiras uma rivalidade de atiradores, que augmentava de anno para anno as espingardas. N'este alardo passavam de cento e vinte, numero muito consideravel em relação ás outras brigadas.

O fidalgo alimentava secretamente as emulações, a fim de alcançar mais uma primazia á gente do seu commando. Se o leitor está bem lembrado, um dos seus proprios criados, e dos mais conspicuos, o couteiro Alegre, figurava n'uma das bandeiras.

Na residencia do juiz dos orfãos sabemos já que se reuniam as pessoas principaes, pela vista que tinha sobre o rocio.

Ignez, a uma das janellas com a dona da casa e outras damas, revia-se toda no garbo do pae; e, fazendo mentalmente comparações desastrosas, notava com um suspiro os mocetões que sobresaíam nas fileiras dos robustos serranos. Na sala immediata, o doutor Montez, acompanhado do proprio juiz dos orphãos e do ouvidor, discutia o direito dos donatarios, a proposito da tradição da Pedra do urso, que por occasião do alardo revivia inevitavelmente todos os annos. Abysmava elle os ouvintes com uma douta dissertação cosida em extractos da lei da Avoenga, lardeada de citações de Molineo, e saborosamente condimentada dos mais ajustados textos do Breviario de Aniano. A deferencia e respeitosa attenção com que os dois funccionarios escutavam o moço oraculo universitario, que estava no seu elemento, teriam de certo produzido no espirito de Ignez uma impressão favoravel ao jurisconsulto, se aquella o podesse ouvir. Infelizmente a morgadinha não tinha olhos nem ouvidos senão para as scenas exteriores.

Concluida a chamada e a mostra, o capitão-mór subiu um instante a comprimentar as senhoras. Ia buscar tambem a filha e o abbade, que era costume assistirem ao exercicio.

Entretanto desfilavam as companhias, rufando tambores, e desfraldando bandeiras. As mulheres mostravam com ufania umas ás outras os paes, os irmãos e os maridos, que aprumavam as armas e acertavam o passo com maior desgarro. Mais de uma agreste donzellinha se fez uma papoula, de incendida e rubra, ao ver passar o moço desempenado, que lhe levava os olhos. Aos velhos, desbarretados ante as bandeiras, pulava ainda o coração com saudades do seu tempo. Os adolescentes invejavam aquellas marciaes glorias, e corriam machinalmente a mão pelo beiço, a ver se o buço apontava.

Os comprimentos em casa do juiz dos orphãos não foram longos. Todos sabiam que instava o tempo ao sr. capitão-mór. Ignez estava prompta e impaciente.

— O doutor não vem? — perguntou o fidalgo ao abbade.

O abbade voltou-se para Diogo em modos de interrogação. Diogo ia a abrir a bocca, provavelmente para exprimir uma desculpa, antepondo a douta conversação á sequencia das cavallarias. O ouvidor, porém, preveniu-o respondendo:

— Vamos todos.

Era coisa já assentada. O doutor não ousou fazer objecções. Occorreu-lhe então que ia a donzella. Como havia de elle deixar de ir?

Estava reduzido a satellite, o pobre doutor!

— Já se cá sabe tudo — segredou a mulher do juiz dos orphãos á morgadinha quando se despediam.

— Tudo o que, minha senhora? — tornou Ignez, fazendo-se de novas, mas descorando.

— Disfarçada!

— Não sei, devéras.

A morgada mentia como um noticiario. Vejam a que extremos levam as malquerenças em amor.

— Ora vamos: quando é o grande dia?

Ignez dispensou-se de responder com o pretexto de não fazer esperar o pae. Lá no fundo do seu coração, se não fôra ser quem era, daria de bom grado as impertinentes confidencias a uma legião de demonios, como qualquer cachópa do monte.

Em quanto á porta se passava este breve dialogo, o doutor procurava por todos os cantos o indispensavel guarda-sol vermelho.

Cavalgaram todos. Os dois magistrados da villa montavam bons cavallos. A mulinha do doutor cada vez fazia mais soez figura.

O fidalgo largou a redea ao murzello, e foi tomar a frente á hoste, que já lhe levava soffrivel dianteira. Ignez ficou entregue á salvaguarda do abbade.

Não occorreu novidade até á Veiga. A marcha pedestre da brigada, cerrando o caminho ao rancho que a seguia, não dava occasião a grandes cavalhadas. O doutor pôde assim ir de seu vagar e á sua vontade. Esta forçada pachorra era do particular agrado da mulinha indolente, que metteu a passo estendendo uma vara de pescoço, e desemparelhando alternativamente as orelhas em signal de secreto regozijo. Por fortuna do doutor, não lhe consentia a timidez dar palavra á morgada. Se tal ousasse, em similhante attitude, e sem a presença protectora do fidalgo, ouviria provavelmente uma resposta muito similhante a um desengano, tal era a interior irritação da noiva.

Além da villa, entre esta e o logar de Fiolhoso, alegra a vista a formosa varzea da Barrosa, toda retalhada em hortas, e pomares, e terras de regadio, emolduradas de chousos e silvados sempre verdes. Dilata-se o valle, fresco, risonho e matizado, pelas abas da abrupta serrania, inclinando-se para a veia cristallina do Tinhela. O rio, fervendo sobre fragas, despenha-se impetuoso dos alcantis de Carrazêdo; mas, tanto que alli chega, alastra perdendo a furia, e espreguiça-se mollemente á sombra dos amieiros adormecendo entre as junças.

No meio do valle, mais proximo do rio que da serra, alongava-se um extenso baldio. Este era então o campo do exercicio.

A designação de Veiga da Barrosa derivava de uma copiosa fonte do mesmo nome, cujas aguas desciam em abundancia do alto da serra a fertilisar as culturas da planicie.

Era o sitio sobre modo ameno e pittoresco. N'um dos pincaros da penedia aprumada divisava-se uma ermidinha, pendurada sobre precipicios. Sobranceiras á ponta do Tinhela, no viso de um outeiro, avultavam as ruinas do antigo castello de Murça, com a torre de menagem ainda em parte orgulhosamente levantada, e aos pés, como os pedaços de uma coroa partida, as valentes ameias do adarve, dispersas no esconso do barrocal, que fôra acaso a carcóva da velha alcáçova. Para estes gigantescos destroços do passado, e para as tenebrosas gargantas dos despenhadeiros, serriam do prazenteiro vergel os viçosos plantios e as ramadas frondentes.

A brigada formou no campo em linha.

Tinha-a precedido a povoação da villa e suburbios tomando pelos atalhos. O rapazio, sobre tudo, familiar com todas aquellas agruras, galgára a distancia n'um credo, desabando das eminencias como torrente desparzida, e alegrando os ecoos das brenhas com o festivo clamor dos gritos e vozes infantis.

Ignez, acompanhada, como vimos, das pessoas de sua casa e dos mais altos funccionarios civis da comarca, foi postar-se convenientemente em sitio já conhecido, e com anticipação designado.

Começaram então os exercicios.

Não tinham estes grandes complicações, mas eram judiciosamente adaptados á qualidade e armamento d'aquella milicia popular.

Os cavalleiros separaram-se. Os espingardeiros, formando-se em corpo especial, tomaram a direita.

Seguiu-se o exercicio do pique ou chuço, que tinha o seu jogo e manejo particular, de não pouca utilidade para cargas. Passou depois a brigada toda, espingardeiros e piqueiros, a executar differentes marchas e contra-marchas, de frente e de costado, acabando pela marcha geral em batalha, tudo segundo o rigor das instrucções.

Em pós as marchas vieram as evoluções. A brigada metteu successivamente em columna por divisões, pelotões e secções, executando os seus quartos de conversão sem grandes duvidas, como força que tinha passado por austera eschola na sua educação parcial.

O sr. capitão-mór commandava em pessoa, dando as vozes com a pausa, serenidade e certeza de homem senhor de si, e sabedor do officio. Aquelles dias não os trocaria elle pela mais pingue moradia em palacio: eram-lhe dias de ufania e gloria.

E tinha razão a final, porque o honrado fidalgo tomava tanto a serio as funcções como as insignias do cargo, e não desdourava umas nem outras. Um governador das armas, ou tenente-general dos reaes exercitos, não se mostraria mais bizarro, nem mais homem. Assim, tanto os da ordenança como os do povo, ficavam sempre pondo nas nuvens a galhardia do seu capitão-mór.

Em quanto a infanteria descançava, coube a vez á companhia dos ginetes. Era esta composta de pessoas de teres, homens destros e caprichosos nas artes equestres, como geralmente são ainda n'aquella provincia os abastados. Porfiava cada um a qual se apresentaria melhor montado. Os seus exercicios, verdadeiramente brilhantes pela formosura dos cavallos e aptidão individual, consideravam-se um recreio privilegiado; e o proprio fidalgo, apesar da superioridade do grau, tomava pessoalmente parte n'elles, distinguindo-se e avantajando-se ainda aos mais moços e vigorosos.

Ignez seguia tudo isto com a avidez e commoção de quem não conhecia espectaculo superior, sem fallar no quinhão de respeitos que lhe resultava dos louros paternos.

Comparado áquelle turbilhão de cavalleiros porfiando em ardor e em brios, imagine-se a figura que faria o doutor da casa de Royos, desestradamente escanchado na almatrixa safada da sua alimaria meditabunda! Ignez aguava de vergonha todos os contentamentos — de vergonha por elle, e por si!

Principiou finalmente o exercicio do tiro, que era sempre o mais anciosamente esperado.

A barreira, do tiro, tinha sido cuidadosamente preparada sob a direcção dos capitães rivaes das bandeiras de Pegarinhos e do Sobrêdo, em frente d'um grosso e magnifico plátano junto a uma ladeira no fim do campo. A uns tantos passos, com o necessario resguardo e prevenção, contra qualquer descuido ou impericia dos atiradores inexpertos, collocaram-se os quatro commandantes das companhias e um tambor; os primeiros para verificarem os tiros felizes, o segundo para dar signal d'elles.

O alvo consistia n'uma larga taboa de castanho solidamente cravada na terra, e pintada de vermelhão. Ao centro, na altura dos peitos de um homem, tinham-lhe traçado um circulo a cal, que tomava uma boa parte da taboa, e concentrico a este outro a giz, que teria o diametro de uma moeda de dez réis, pouco mais ou menos.

Este era para os tiros de exame, e para os competidores consummados.

As balas que acertassem fóra do circulo maior, ainda que dessem na taboa, eram consideradas perdidas.

Os atiradores selectos, os que se reservavam para o fim, haviam-se afastado do trôço dos espingardeiros. O couteiro Antonio Alegre, tranquillamente encostado á arma, estava ao pé do capitão-mór, que fôra reunir-se, seguido da maior parte dos cavalleiros, á filha e aos magistrados da villa. Os piqueiros, apinhados com o povo, assistiam curiosamente como espectadores, mais empenhados todavia do que os outros pela honra das respectivas bandeiras.

Sabia-se como o couteiro privava com o fidalgo. Ninguem portanto lhe estranhava a prerogativa do logar.

O Alegre era n'aquella occasião a mira de todos os olhos e o assumpto de todas as observações. A sua incontestavel primazia dava-lhe sempre uma grande importancia n'estes dias. Circunstancias especiaes avivavam porém então a curiosidade.

Annunciára-se a apparição e concurrencia de um novo atirador, filho de um lavrador de Noyra, que andára tres annos pela Beira, e voltava acompanhado de grande reputação. Contavam-se d'elle coisas assombrosas, e os émulos do couteiro, segundo o costume, engrossavam caridosamente estes boatos.

Havia, pois, dois bandos egualmente alvoroçados de esperanças e receios.

Uns desejavam humilhar a superioridade do Alegre com uma rivalidade triumphal, em despique da sua constante *felicidade*, como lhe chamavam. Outros defendiam a fama adquirida, e desejavam ardentemente vel-a realçar na lucta.

O geral do povo, deve-se dizer, inclinava-se ao afamado caçador, que era já seu conhecido, e tinha muitos amigos.

A estes incitamentos juntava-se o ter o sr. capitão-mór generosamente promettido um quarto d'ouro ao que fizesse o melhor tiro. A magnificencia do premio rematava os antagonismos e redobrava a espectativa.

Nada d'isto ignorava o couteiro, e com toda a sua innocente rusticidade lá por dentro sempre se desvanecia da attenção que excitava. O fidalgo de Val-de-mil fazia secretos votos pelo seu famulo, e a morgada não podia dissimular a ardente e anciosa impaciencia.

Medida que foi a distancia proporcionada, encetaram o exercicio os tidos por somenos, e os que iam, como por demais, satisfazer apenas ao tiro da obrigação. Era a bem dizer o prologo, fastidioso como quasi todos os prologos. Crepitou alguns minutos a fuzilaria, sem que o tambor uma só vez rufasse. A taboa fôra já estrellada de um lado e outro, mas ainda não acertára bala em nenhum dos circulos.

Depois foram-se pouco a pouco tornando menos frequentes as detonações, porque os atiradores, que faziam mais de si, apontavam com maior cuidado. Ficou a baliza brevemente um crivo, e por quatro ou cinco vezes o tambor deu signal, mais ou menos forte, conforme a bala dera mais ou menos proxima ao pequeno circulo.

O capitão-mór voltou-se todo ufano para o futuro genro:

— Que lhe parece, doutor? — disse.

— Que me parece! O que? — accudiu, dando um pulo na almatrixa, o attonito jurisconsulto, que não esperava de todo a repentina interrogação, e n'aquelle comenos, á vasta sombra do seu fiel guarda-sol, fazia um commentario mental ao tratado de Grocio *De jure belli et pacis*.

— Que lhe parece a minha gente?

— A sua gente!

— A minha gente, sim... os meus rapazes.

— Quaes rapazes?

— Os meus atiradores... não os ouve?... Espere... Lá rufa mais forte... Se não me enganam os olhos, aquelle não andou longe... Quem foi?

— Foi o Domingos de Castorigo — respondeu o abbade, que era intimo de todos os bons caçadores do sitio, e observava como um curioso emérito.

— Bom tiro! Hein, Antonio? Que dizes tu, homem?

O couteiro abanou a cabeça, sorrindo com certo desdem, como quem não faz caso de bagatellas.

O Alegre não era invejoso; mas não desbaratava louvores. Aquelle sorriso, a que era vezeiro, indicava a pequena conta em que tinha as difficuldades.

Ignez não se poude ter que não exclamasse:

— Melhor, muito melhor o fará o nosso Antonio. Has de levar a palma a todos, não has de? Has de, que é o costume.

A menina de Val-de-mil revelava d'este modo a sua parcialidade.

O couteiro levantou para ella uns olhos, em que brilhava a um tempo a confiança, o orgulho e a gratidão, e respondeu com respeitoso affecto:

— Ha-de-se-lhe fazer a diligencia, sr.ª morgada.

— Lá em Royos não váe á caça? — continuou o capitão-mór para o doutor.

— Eu, á caça! — replicou este, como se lhe houvessem dirigido uma pergunta extravagante. — Nunca na minha vida peguei n'uma espingarda.

A morgadinha enviusou para elle um olhar de commiseração, que de amarello que era o faria verde, se o misero lhe percebesse o sentido.

— Faz mal — redarguiu o capitão-mór. — Com as armas se deram sempre bem os da nossa condição.

— « Armas, ou letras » diz lá o ditado — ponderou officiosamente o abbade.

— Sei, sei — tornou o fidalgo — mas uma coisa não estorva a outra, e não ha nada que tempere o sangue como um dia na charneca. E o abbade póde dizel-o, que dá muita vez de mão ao breviario. Olhe, doutor: vê-me este paz d'alma... — O fidalgo apontava para o Alegre. — Vê-m'o ahi com ares de quem não sabe o que ha de fazer? Vel-o-ha logo com a arma á cara, e quizera que o visse no monte... veria um homem!

O Alegre não ouviu o elogio do amo: tinha a attenção exclusivamente no desenlace que se aproximava.

Uns depois d'outros, haviam já porfiado destrezas os mais experimentados atiradores, e muitos com exito honroso. O moço de Noyra ficára só. O eterno sorriso do Alegre, que desesperava os seus competidores, acompanhára sempre as anteriores proezas.

O de Noyra teria os seus vinte e quatro annos, e era um rapagão perfeito. Estava, como o Alegre, encostado á espingarda, e parecia tão socegado como elle. Esta attitude inculcava uma segurança pasmosa, attenta a grande e justa nomeada do adversario.

Como só os dois faltassem, o mancebo olhou para o couteiro como provocando-o. O couteiro não se moveu. Um frémito de impaciencia agitava a multidão.

— Não vês, Antonio? — disse febrilmente a menina de Val-de-mil, que estava perto d'elle.

— Vejo — respondeu o Alegre com a sua placidez costumada — Estou á espera, sr.ª morgada.

O moço de Noyra não teve remedio senão preceder o Alegre. Plantou-se no terreno com garbo, carregou com minuciosos cuidados, como quem sabe o valor de cada accessorio, e apontou com promptidão e firmeza.

O tiro partiu. O couteiro d'aquella vez ficou serio.

Os capitães juizes accorreram, e quasi immediatamente um rufo estrondoso e prolongado annunciou um triumpho completo. Os parciaes do novo atirador romperam em acclamações.

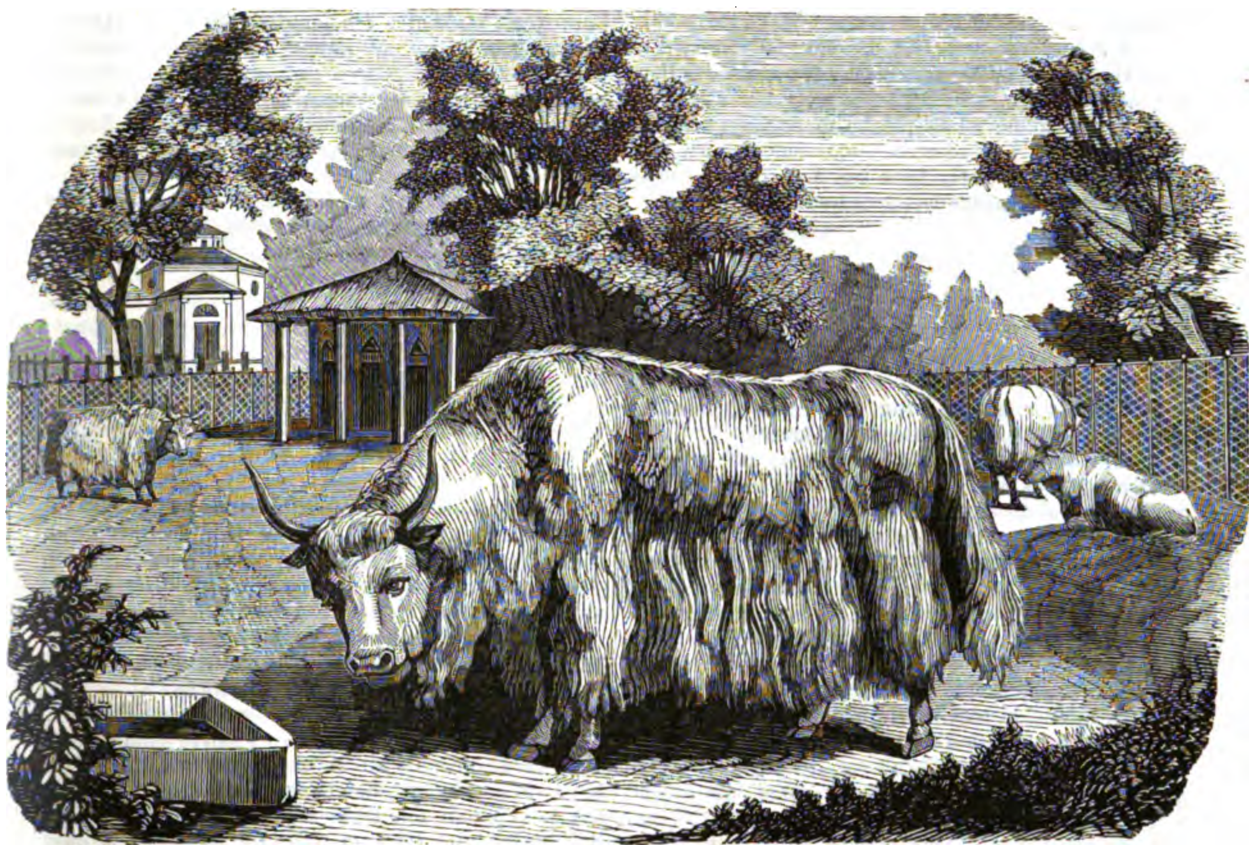
— Que tal? — perguntou, encobrindo o despeito, o capitão-mór ao alferes da bandeira do Sobrêdo, que lhe ia dar parte do lance excepcional.

— Não só a bala deu em cheio no circulo menor, mas atravessou-o exactamente pelo centro.

— Mas não foi com arma caçadeira?

— Foi com espingarda de rei.

— Ahi tens, Antonio — ponderou Ignez agastada — Que mais has de tu fazer agora?



Vacca chineza

— Veremos — respondeu simplesmente o couteiro.

E foi sem jactancia collocar-se na distancia marcada.

A escopêta do couteiro tinha uma insignificante apparencia, e era inferior no adarme ás armas de rei como a do filho do lavrador: o capitão-mór acautelára com esta circunstancia uma desculpa.

Preparou-se o Alegre expeditamente, quadrou-se em frente do alvo, com menos desplante do que o mancebo, mas com mais celeridade, desfechou n'um relance, e pousou a arma serenamente. Tanta confiança inspirava a sua destreza, que o tambor, os capitães, e um grande numero de curiosos estavam a descoberto ao lado da balisa.

Contra a geral espectação o tambor ficou mudo. O couteiro enfiou. Os fidalgos de Val-de-mil não o podiam crer.

O capitão-mór deu de esporas, e achegou-se á barreira.

— Então? — perguntou.

— Não se vê signal — acudiu o capitão do Sobrêdo.

— Nenhum? — insistiu o morgado para o de Pegarinhos, sabendo a má vontade do outro.

— Nenhum — respondeu este mortificado.

— Não póde ser — interrompeu com extraordinaria ousadia o couteiro, que se approximára tambem.

— Examina — disse-lhe o capitão de Pegarinhos indicando o alvo, onde estavam contados os signaes.

— Ahi? — tornou o couteiro. — Ahi não.

— Então onde?

— Aqui — instou, restabelecido do sobresalto.

E passando pelo reverso da balisa mostrou a bala cravada profundamente na casca lisa do plátano, exactamente na direcção do centro varado pelo filho do lavrador.

A bala do couteiro tinha cegado o alvo atravessando o orificio aberto pela outra.

Era um rasgo prodigioso. Foram todos verifical-o. O enthusiasmo da turba ia degenerando em delirio.

O filho do lavrador foi convidado a tentar tambem a experiencia. Recusou. D'aquelle dia em diante o couteiro não teve mais rival, nem a sua bandeira.

Assim acabou o alardo e exercicio.

O fidalgo de Val-de-mil retirou-se com os magistrados. Pelo caminho, exhausto momentaneamente o festejado assumpto, perguntou ao ouvidor:

— Que novidade havia hoje?

— Reparou?

— Reparei no fallatorio, que era desusado.

— É que chegou esta manhã um recoveiro de Braga, e espalhou-se que veiu ordem da corte ao sr. arcebispo para mandar pesar e tomar a rol as pratas das egrejas e conventos, a fim de as mandar para Coimbra.

— Porque?

— Dizem que estão para entrar francezes em Hespanha.

— Vozes do povo! — ponderou negligentemente o morgado.

E passou o dia a exaltar o seu Antonio, sem mais pensar em similhantes frivolidades.

MENDES LEAL JUNIOR

VACCA CHINEZA

A China é realmente um paiz celeste, pela singularidade das suas producções naturaes.

Ha alli uma especie de vaccas anãs, que prestam serviços eguaes aos do cavallo, tem crinas no pescoço e na cauda como elles, são cobertas de lã como os carneiros, ainda que só nos flancos; dão leite como as vaccas communs, e excellente carne para comer.

Taes são as propriedades e natureza da vacca representada na gravura, a que na China dão o nome de *yak*.

Animal tão precioso não podia deixar de excitar a attenção das sociedades de aclimação européas.

Effectivamente em 1854, mr. de Montigny trouxe do Thibet a Paris doze cabeças de *yaks*, tres das quaes foram para o Jardim das Plantas, um macho e duas femeas; cinco para a Sociedade de Aclimação, dois machos e tres femeas; duas para o Comicio agricola de Barcelonnette, um macho e uma femea; e duas remettidas a mr. de Morny.

D'estas doze cabeças morreu uma em Cantal, as onze restantes viveram, e deram em quatro annos quinze novilhos, sendo dois d'elles de geração franceza, porque a mãe tinha nascido na mesma abegoaria.

Á vista do bom exito d'esta tentativa, o celebre zoologo Geoffroy Saint-Hilaire, concluiu que estas vaccas se podem facilmente aclimar em varios paizes da Europa, e são muito uteis, sobre tudo nos paizes montanhosos.

Parece então que Portugal é apto para esta introducção, e que os nossos creadores, e sobre tudo os institutos agricolas, devem examinar o que ha de verdadeiro e positivo a tal respeito, porque este animal, além do leite e lã que produz, serve tambem para carga e tiro.

E a razão d'este duplicado prestimo, é que o *yak* é uma raça creada pela alliança de uma especie de cavallo, tal como a zebra, e de uma especie de vacca, embora isto seja contrario ao principio até agora professado pelos naturalistas, da impossibilidade da formação de uma nova especie de fecundidade perpetua, como persistencia de seus caracteres, pela hybridiação de dois generos differentes.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

« Antes poucas lettras com boa consciencia, que muitas sem probidade. »

Padre Antonio Vieira

Note-se que n'esta oração não apparece nem um verbo, porque está occulto ou subentendido pela figura ou licença grammatical chamada ellipse, que quer dizer, suppressão.

Póde-se n'ella subentender qualquer d'estes verbos: *Ter, haver, querer, preferir, desejar, estimar.* Por exemplo: Antes *ter* poucas lettras etc. *Quero* antes poucas lettras etc. Antes *haja* poucas lettras etc.

Esta sentença é optima para exercicios de syntaxe figurada, no que os mestres devem insistir constantemente com os alumnos, porque a nossa lingua ganha muita elegancia, concisão e energia com este modo de construir.

É por ellipse que se subentendem os pronomes pessoaes na conjugação dos verbos, sem se lhe anteporem, como já demonstrámos ser melhor, para fugir da toada franceza.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 73)

II

Começaremos n'este capitulo a desatar os nós cegos que a tradição oral, e tambem a escripta, tem dado successivamente no fio da historia fabulosa d'esta casa, tão popular pelos seus bicos ou pontas de diamante.

O primeiro dos quesitos propostos no capitulo antecedente, a que temos de responder, é este:

Quando foi edificada a casa dos Bicos?

Quasi a meio da antiga villa nova de Gibraltar, ou Judiaria Grande, povoação ou bairro judaico fóra do lanço de sul e sueste do muro que cercava Lisboa antes do seculo XIV, bairro tão poeticamente descripto pelo nosso eminentissimo antiquario o sr. A. Herculano, que Deus guarde, foi edificada a casa dos Bicos.

A celebre *casa da esnoga* (synagoga), transformada em 1502 por el-rei D. Manuel em templo christão (a Conceição-Velha), succedeu, em celebridade, a casa dos Bicos, sua visinha.

Desinfamado aquelle bairro da judiaria e heregia que o habitava, começaram os senhores e fidalgos vindos das conquistas, podres de ricos e dos maus vezos que por lá tomaram, a edificar os seus palacios, e a gente mercantil a casaria para o seu trato, que já era muito por aquelle tempo, e ia crescendo com os generos vindos do recemdescoberto Brasil.

Mas Affonso de Albuquerque, ao qual se tem attribuido a edificação do palacio ou casa dos Bicos (*Beserra, Estrangeiros no Lima*), não voltou da India senão em pó, e sessenta annos depois de ter para lá ido.

Affonso de Albuquerque nasceu em 1452. Foi filho segundo de Gonçalo de Albuquerque, senhor de Villa-Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do primeiro conde de Atouguia.

Descende Affonso de Albuquerque da casa real,

como quasi todos os nossos antigos fidalgos; mas a ascendencia d'este anda vinculada a um desastroso facto da nossa historia, a primeira guerra civil que houve em Portugal.

El-rei D. Diniz teve de D. Aldonça Telha, natural de Galliza, um filho que se chamou D. Affonso Sanches, o qual foi tão predilecto de seu pae, que veiu a causar inveja ao principe D. Affonso, filho legitimo de D. Diniz, e o que lhe succedeu no throno. Chegaram as coisas a ponto, que D. Affonso Sanches teve de se retirar para Hespanha, e lá casou com D. Theresa Martins, neta del-rei D. Sancho, o bravo, de Castella, tendo em dote, além d'outras possessões, villa do Conde em Portugal, e o castello de Albuquerque em Hespanha. D. Affonso oppoz-se á doação feita ao bastardo seu irmão, e rebellando-se contra seu pae e rei, poz-se em campo, levantou gente de guerra; dividiu-se o reino em duas parcialidades, houve muitos recontros, homicidios e roubos entre os dois partidos, até que, estando o proprio rei D. Diniz, já bem edoso, para dar batalha a seu filho nos campos do paço do Lumiar, interveiu a piedosa e depois santa rainha Isabel, a qual conseguiu congraçar seu filho com seu esposo, conciliação mui festejada por todo o reino, e que se perpetuou n'um padrão que ainda se conserva n'aquelle sitio.

D'este bastardo del-rei D. Diniz ficou um filho, por nome João Affonso de Albuquerque, que herdou a casa de seu pae, e foi o primeiro que tomou o appellido de Albuquerque. Esta familia veiu a apparentar-se com o celebre valído e escrivão da puridade de D. João I, Gonçalo Gomide, tão privado d'aquelle grande rei, que só elle soube do segredo da conquista de Ceuta, onde se achou com 400 homens « todos da sua libré. » Foi o primeiro senhor de Villa Verde, prior do Crato e alcaide-mór de Obidos, Leiria, etc. Jaz no claustro do convento da Graça de Lisboa, onde lhe fez jazigo seu pae, no tempo del-rei D. João I, com uma inscripção curiosa, que achámos no codice *C.* $^{1}/_{16}$ da secção dos manuscriptos da bibliotheca nacional, e diz assim: *Aqui jaz Gil Esteves Fariseu, e sua mulher Sancha Annes da Cunha, os quaes receberam por filho Gonçalo Lourenço Gomide, escrivão del-rei. Fizeram levantar em este cabido uma capella para sempre.*

D'aqui provém ser o jazigo dos Albuquerques no extincto convento da Graça, e ter o grande Affonso de Albuquerque disposto no seu testamento, feito em Goa, o seguinte: « Declaro que, fallecendo eu n'estas partes da India, o que Nosso Senhor por sua misericordia não permitta, por alguns justos respeitos que me a isso moveram, e por descanço de minha alma, mando que, depois de comesta (comida) a carne, os meus ossos sejam levados a Portugal, e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, onde jazem meus avós. »

E com effeito para aquelle jazigo foi trasladada de Goa a ossada de Affonso de Albuquerque em 1566.

Mas onde pararão hoje as cinzas d'este Napoleão da India portugueza?

Mais adiante tocaremos este ponto, porque tudo quanto vamos notando tem relação com a historia da casa dos Bicos.

D'este entroncamento, dos Gomides com os Albuquerques, nasceu o celebre vice-rei. Foi seu avô o mestre de S. Thiago, D. Francisco Affonso de Albuquerque, o qual foi degollado por ter morto sua mulher, por suspeitas, mas innocentemente. Do filho d'este, chamado Gonçalo de Albuquerque, senhor de Villa-Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha do primeiro conde de Atouguia, nasceu em 1452, o nosso Affonso de Albuquerque. Como era filho segundo, teve de começar mais cedo a grangear augmentos. Começou por moço da camara del-rei D. Affonso V. Quando este falleceu em 1481, passou ao exercito de Africa, e depois de fazer proezas em Arzila, voltou ao reino, e foi nomeado estribeiro-mór del-rei D. João II. Morto este soberano, em 1495, voltou a Arzila em compahia de um irmão, o qual mataram os moiros n'uma peleja, pelo que regressou a Portugal, e foi nomeado camarista del-rei D. Manuel, saindo por varias vezes nas armadas de Portugal, inclusivè na que foi a Tarento, por instancias do papa. Finalmente, em 1506 saíu de Lisboa commandando a esquadra que el-rei D. Manuel mandou á costa da Arabia, nomeando-o juntamente para succeder a D. Francisco de Almeida no vice-reinado da India. Alli esteve perto de dez annos, fallecendo em 1515.

Por estas datas, viagens e guerras, se vê que Affonso de Albuquerque não teria, de certo, muito vagar para fazer obras taes como a casa dos Bicos.

O que porém é certo, é que ella foi feita com *as quintaladas de pimenta* que se lhe ficaram devendo, e que recebeu seu filho bastardo e herdeiro universal, como ha pouco descobrimos n'um documento antigo, o codice *C* $^{1}/_{16}$ da collecção genealogica dos padres theatinos, que se acha hoje na secção dos manuscriptos da bibliotheca nacional de Lisboa.

Affonso de Albuquerque morreu solteiro; e é notavel que o benemerito investigador de antiguidades nacionaes, o beneficiado João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*, t. 3. pag. 221, lhe dê por mulher uma D. Filippa de Vilhena!

Á hora da morte, escrevendo a D. Manuel a notabilissima carta que vem transcripta nos seus *Commentarios*, posto que mui errada, como se viu pela confrontação do authographo, que se acha depositado na Torre do Tombo, gav. 15. mas. 17. n. 13, declarou Affonso de Albuquerque que deixava um filho natural. São notaveis, por affectuosas, as suas palavras: *Eu, senhor, deixo cá um filho por minha memoria, a que deixo toda minha fazenda, que é assás de pouca, mas deixo-lhe a obrigação de todos meus serviços que é mui grande.*

....

Peço a vossa altesa por mercê... que me faça meu filho grande, e lhe dê satisfação de meu serviço.»

Sobre quem fosse a mãe d'este filho, ha diversas opiniões. Nos *Commentarios* que elle publicou em nome de seu pae, não nos diz palavra, o que se deve respeitar como testimunho do seu respeito filial.

Gaspar Corrêa, nas *Lendas da India*, manuscripto que a academia real das sciencias está imprimindo, sob a direcção de seu socio o sr. R. Felner, diz na *lenda* de Affonso de Albuquerque, cap. 54. anno 1515, que elle deixára um filho « que houve, sendo mancebo, n'uma mulher de Africa ». O já citado codice manuscripto da bibliotheca nacional diz: « Teve um filho natural havido de uma escrava branca, por nome Joanna Vicente. » Em um nobiliario manuscripto da mesma bibliotheca (cod. *C* $^{1}/_{8}$ fol. 183) lê-se o seguinte: « Este Braz de Albuquerque, filho natural de Affonso de Albuquerque, teve, diz-se, por mãe *uma mourisca.* Foi universal herdeiro de seu pae, sem saber que era seu filho, porque só á hora da morte o disse. » Gaspar Corrêa diz mais, que este filho fôra criado por uma irmã de Affonso de Albuquerque; mas o dito nobiliario conta, que el-rei D. Manuel, tanto que recebeu a carta de Affonso de Albuquerque, lhe mandára recolher o filho em Santo Eloy, *para que aprendesse o que convinha para tratar com homens, porque até então tivera criação muito inferior.* »

Effectivamente el-rei D. Manuel reparou no filho a injustiça que fizera ao conquistador de Goa, Malaca e Ormuz, mandando-lhe por successor e espia

um inimigo, e desattendendo a petição que Affonso de Albuquerque justificadamente fizera para lhe ser dado o titulo de duque de Goa, merecendo elle o de duque da India, porque ao seu valor, politica e prudencia, se deveu o estabelecimento do imperio asiatico portuguez. Não só tomou conta do filho que este grande capitão lhe recommendára, mas, para perpetuar tão glorioso nome, o mandou chrismar, para que se ficasse chamando Affonso de Albuquerque, como seu pae. Depois casou-o com D. Maria de Noronha, filha do primeiro conde de Linhares, seu parente, dotando-o com vinte mil cruzados, fazendo-lhe mercê de trezentos mil réis de juro; mandando-lhe pagar oitenta mil cruzados de soldos que se ficaram devendo a Affonso de Albuquerque, e as quintaladas de pimenta que lhe pertenciam, o que tudo montou a grandes cabedaes, para aquelle tempo.

Era então moda, e luxo dos poderosos, fazerem casas, para habitar, na Ribeira, o antigo bairro da Judiaria, de grande trafego e concurrencia de estrangeiros, á beira do Tejo, povoado sempre de innumeraveis galeões de todos os reinos do mundo, e das frotas mercantis de todas as nações do poente e levante.

O bastardo de Affonso de Albuquerque, *o filho da mourisca*, elevado á grandeza, brilhando com os raios da gloria do pae, valido do rei, e tal rei como foi D. Manuel, casado com uma fidalga da primeira nobreza, e com muito dinheiro, quiz tambem ter palacio na Ribeira, e para quebrar os olhos, para cegar os émulos de seu pae, que eram todos os fidalgos poltrões e enredadores, protestou que havia de fazer uma casa forrada de diamantes. Esta bravata deveu, certamente, ser assumpto das satyras e epigrammas do tempo; mas não chegaram até nós. Chegou porém o anexim, que é evidentemente uma ironia.

A confirmação de que este filho de Affonso de Albuquerque foi o edificador da casa dos Bicos, achámos depois de muitas investigações, n'um dos codices da bibliotheca, o qual diz, tratando da genealogia d'este Albuquerque: « Foi vereador da camara de Lisboa, e algum tempo presidente d'ella. Fez a casa dos Bicos na Ribeira, e a grande quinta em Azeitão. »

Cumpria que n'aquelle tempo o presidente da camara municipal de Lisboa tivesse uma casa sumptuosa. E a dos Bicos o foi, como mais adiante veremos.

Este homem teve muitas letràs, como provam os *Commentarios* das façanhas de seu pae, que elle escreveu, e tiveram duas edições em sua vida. É tido por um dos primeiros classicos da lingua portugueza, e o seu livro como um grande subsidio para a historia da India.

Foi escolhido por el-rei D. Manuel para ir na armada que levou a Saboia a infanta D. Beatriz para casar com o duque reinante d'aquelle estado.

Falleceu, talvez na casa dos Bicos, na avançada idade de 80 annos.

Fica pois resolvido o primeiro quesito, sobre o tempo em que se edificou a casa dos Bicos, que foi naturalmente pelos annos de 1523.

A velhice é o horisonte da vida e da morte; o horisonte onde se junta a terra com o ceo, e o tempo com a eternidade. Que resolução póde haver mais bem aconselhada, e mais digna da madureza de umas cans, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias, e incertos, que póde durar a vida?

Padre Antonio Vieira.

URNA CINERARIA, POMIFORME, DE VIDRO BRANCO, ORDINARIO, ACHADA NO SITIO DA TROIA EM O DIA 8 DE JANEIRO DE 1858

Em terreno denegrido pelo fogo, e que mostrava ter servido de cemiterio de ustão, a uma braça de profundidade, foi achada esta urna, contendo ossos tostados e cinzas, duas redomas lacrimatorias de vidro, e uma moeda de cobre do imperador Claudio, successor de Caligula. Estava mettida em uma metade de amphora de barro grosseiro, que a defendia da pressão das terras circunstantes: e a esta amphora preservadora devemos a conservação da urna, que de certo não poderia resistir inteira ás deslocações e accidentes do terreno, no decurso de tantos seculos.



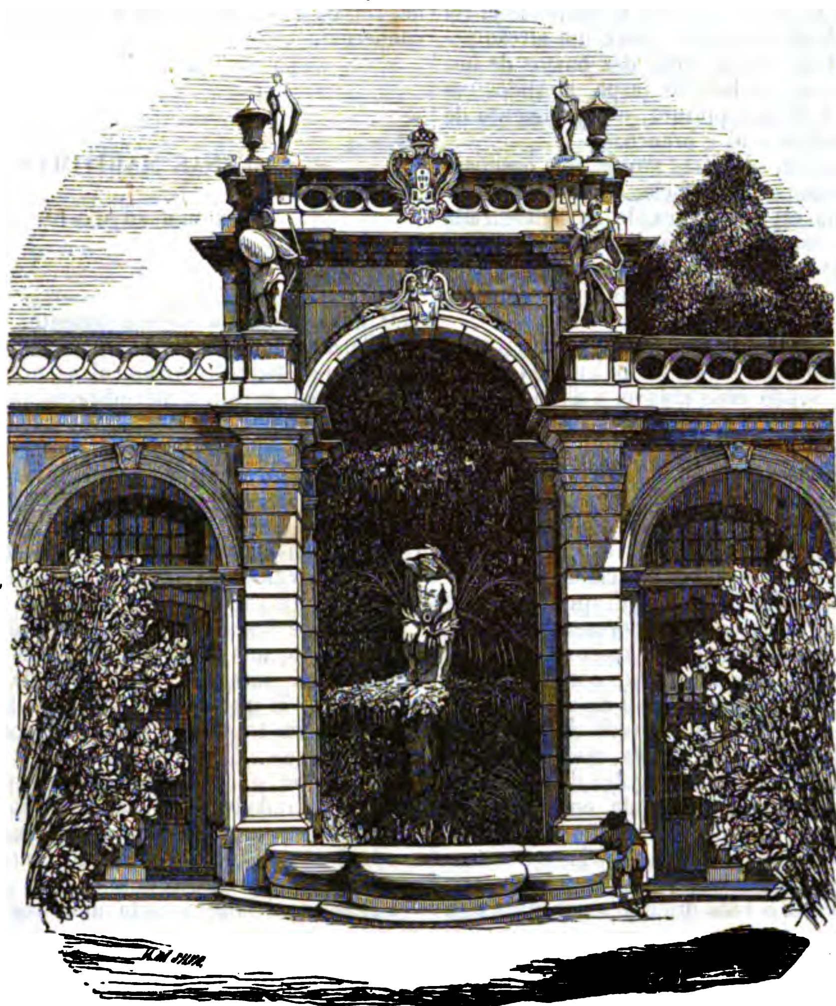
Quantos terá de subterrada a nossa urna? Alguns antiquarios decidiriam, que a sepultura é contemporanea da moeda; eu porém assento, que d'esta só podêmos tirar uma inducção segura, e vem a ser, que a sepultura não é anterior ao imperio de Claudio: póde ser contemporanea, mas tambem póde ser posterior ao menos tantos annos, quantos teve de curso legal a moeda.

O ultimo termo que a historia assigna á ustão dos mortos, é o seculo quarto. Macrobio, que viveu pelos tempos de Honorio e Theodosio, diz, que no seu seculo já se não queimavam os mortos. M. Deville diz, que este uso acabou nas Gallias antes da segunda metade do terceiro seculo. M. de Caumont alarga este praso até aos tempos de Constantino. Tudo isto póde ser verdade relativamente, porque é de suppor, que antes de ser universal o uso da inhumação, teria as quebras que precedem sempre as innovações geraes, pela tenacidade com que os povos costumam reter os usos da sua educação, principalmente n'estas materias. Como quer que seja, a nossa urna é de uma antiguidade remotissima.

O vidro da urna está embaciado e decomposto na superficie; em partes brilha com as côres prismaticas, porque está folhado e dividido em laminas tenuissimas, e é da natureza d'estas laminas o produzirem côres differentes, segundo a differença de sua densidade, como ensina a optica de Newton. Nota-se a mesma coisa nos vidros achados em Herculanum, e nas catacumbas de Roma.

G. X.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio



Cascata da real quinta de Belem — Desenho de Nogueira da Silva

Se exceptuarmos os paços da Ribeira, edificados por el-rei D. Manuel, nunca os monarchas portuguezes tiveram residencia verdadeiramente regia na capital de seus estados. Proveiu isto de nem sempre estar a corte em Lisboa, porque d'antes era por vezes insalubre e apestada a cidade.

D. João v, que teve grande tendencia para edificações sumptuosas, projectou fazer um palacio real, para o que, em 1719, mandou tirar uma planta exacta de Lisboa, convocando uma junta de fidalgos, padres, medicos e architectos, para discutir com elles, se o paço continuaria, mais ampliado, na Ribeira, onde estava, ou se edificaria outro em Buenos-Ayres, no ponto eminente á ribeira de Alcantara. Os medicos opinaram que o palacio á beiramar era insalubre, por causa da humidade e maresia. D'este voto foram alguns fidalgos da junta, taes como o marquez de Alegrete, os condes de Aveiras, de Unhão, da Ericeira, de Valladares e de S. Lourenço, assim como os architectos Ludovici e Ibarra, opinando por que o palacio se fizesse em Buenos Ayres. Votaram, porém, que se alargasse o da Ribeira para o Terreiro do Paço, o marquez de Abrantes, o das Minas, o conde de Assumar, o padre D. Manuel Caetano de Sousa, e monsegnor Berger. Á vista de tão contrarios pareceres, o rei desistiu do seu intento.

Mas como D. João v não podia reinar sem trazer obras, passados poucos annos, em 1726, comprou ao conde de Aveiras, por 200 mil cruzados, o bello palacio e jardim que elle tinha no largo de Belem, para alli fazer residencia real durante o verão. Comprou depois ao conde de S. Lourenço um palacete e quinta que este possuia para o lado da calçada da Ajuda. Com estas propriedades, e mais algumas casas circunvisinhas, formou o palacio real e quinta de Belem.

Não lhe alterou o prospecto, aliás acanhado, mas augmentou os jardins, guarneceu uns de gradarias, outros de balaustradas de marmore, ornou-os de estatuas, vasos, tanques e repuxos.

A frontaria d'este palacio fica no fundo do antigo e espaçoso largo de Belem, que actualmente se denomina praça de D. Fernando. Olha desaffrontadamente para o Tejo, que alli tem um excellente cáes mandado fazer por el-rei D. José.

O portico da entrada váe dar a um pateo, que d'antes se chamava dos *bichos*, por estar rodeado de jaulas onde se recólhiam as feras que os governadores do ultramar mandavam ao rei. Ha muito que as jaulas estão devoluto. Precede a entrada do palacio um pequeno vestibulo, d'onde se sobe por dois lanços de escada a uma galeria de janellas. D'aqui se passa a uma grande sala, por um portal de pe-

dra, entre quatro janellas rasgadas, com balaustres de marmore. No topo d'esta sala estão duas fontes de marmore, que brotam perennemente grande porção d'agua. No meio d'ellas está o busto de el-rei D. João v, esculpido em jaspe, sobre um airoso pedestal. Em volta lhe fazem corte dez bustos de imperadores romanos, tambem de jaspe, mettidos em nichos. O tecto é de boa pintura, e o pavimento de marmore, em xadrez azul e branco.

A esta sala seguem-se outras muitas que occupam toda a frente principal do palacio, com janellas que deitam para uma espaçosa varanda de balaustrada marmórea, com escadaria de pedra para o jardim. Estas salas estavam adornadas com a preciosa collecção de quadros que foram para o Rio de Janeiro, quando el-rei D. João lá residia.

No jardim de baixo, que tem varanda para a praça de D. Fernando, ou largo de Belem, ha varias salas de recreio, sendo mais notavel a do meio, com quatro portas de vidraça, que dão communicação para ambos os lados do jardim. É toda estucada de relêvo, tendo na parede do fundo uma fonte de marmore com sua estatua.

Deixemos, porém, o muito que poderamos descrever e contar d'esta deliciosa vivenda, para darmos noticia da cascata e hospicio, chamado da Arrabida, existente n'este real palacio, que é o que a nossa primeira estampa de hoje representa.

No jardim que fica sobranceiro ao já citado pateo dos bichos, ha um lago de marmore com seu repuxo, e no fundo um grande aviario decorado de pilastras, estatuas, vasos e fontes, tudo de marmore.

No meio do lago está uma linda cascata, com a figura de Hercules decepando a hydra de sete cabeças, de estatura colossal, cinzelada em marmore.

Na frente, e para o lado occidental, prolonga-se um terraço lageado com sua balaustrada, e duas escadas que descem para a quinta, entre as quaes ha outra cascata. Para o lado oriental corre uma aléa de arvores, e por detrás, em todo o comprimento, uma casa, cujas janellas caíam sobre um tanque que banhava tres faces da casa, e as paredes eram revestidas de muitos nichos com bustos de imperadores e imperatrizes de Roma, todos de fino marmore de Carrara. O tanque que rodeava esta casa, foi removido para sitio mais distante, e por essa occasião se fizeram outras que taes innovações.

Esta casa, quasi fluvial, no tempo do primeiro possuidor da quinta de Belem, o conde de Aveiras, João da Silva Tello, foi feita para hospicio dos frades da Arrabida, quando vinham a Lisboa, e lhe pediam agasalho. Tinha sua ermida, seis cellas e refeitorio. Quando D. João v comprou a quinta, fechou o hospicio, e deu-lhe nova fórma, mas sempre se lhe ficou chamando « Arrabida ».

N'esta real quinta, entre muitas estatuas insignificantes, ha dois grupos que merecem especial menção.

Um representa a Caridade Romana, na figura de uma joven matrona, dando de mammar a seu pae, já muito velhinho, mettido n'uma prisão, e de mãos atadas. Tem no plintho a seguinte subscripção do esculptor: *Bernardim Ludovici, romano*. 1737.

O outro grupo representa a rainha Dido expirando nos braços da sua irmã. Tem no plintho a seguinte subscripção: *Joseph Mazzuoli, senense fecit. Roma, anno* 1737.

Ambos vieram de Roma, e são de marmore de Carrara.

Este palacio é destinado para hospedar os principes estrangeiros que visitam Lisboa, e para os bailes e jantares da corte.

Para o beijamão, jantar e bailes do consorcio de S. M. El-rei D. Pedro v, que Deus guarde, se fizeram n'este paço grandes obras, e se abriu uma nova serventia, para as carruagens, na calçada da Ajuda.

O picadeiro que pertence a este palacio, obra del-rei D. José, passa por ser dos melhores que se conhecem.

SCENAS MARITIMAS

HOMEM AO MAR!

I

O navio caminha silenciosamente, impellido por branda aragem. As gaveas e joanetes vão em cheio, ufanando-se todas as velas, alvas e lisas, sobre os mastros, em quanto a marinhagem váe amurando o pesado traquete.

O navio váe ao largo. Os cutellos, ainda que mais pequenos, dão tambem valente impulso ao baixel. A vela grande, carregada a estibordo, parece querer rebellar-se contra a escota que a sustem, e invejar ás velas de proa a brisa que o official de quarto lhes liberalisa em detrimento d'ella, proferindo unicamente a palavra « arriba! »

É hora de descanço para a guarnição... Da gente de quarto, uns estão deitados pela tolda, outros revolvem na imaginação ardente de marinheiros, lembranças do que lá váe, mas que lhes deixaram como que um traço indelevel, quer por tristes, quer por agradaveis. É no alto mar, a sós com o ceo e com a solidão, que se sentem as mais vivazes e mais pungentes saudades do passado. Outra parte da gente fuma nos seus cachimbos de escuma do mar, debruçada na amurada; finalmente, outra parte dorme, vencida do cansaço e do calor.

« *Homem ao mar!* » grita uma voz da gavea de proa.

« A boia de salvação ao mar. — Orça! Arria o escaler de sotavento! — Larga escotas de papa-figos e amuras de cutellos! — Mette a varredoura dentro! »

E estas ordens, expedidas pela voz em grita do official de quarto, fazem reinar a maior actividade n'aquella mesma tolda em que, pouco antes, só se ouvia o rugido da proa fendendo as aguas.

Immediatamente o homem do leme atira ao mar a boia de cortiça, com um galhardete vermelho, e os marinheiros saltam para o escaler, põem-se dois a cada remo, um aspirante desce a elle pelas talhas, e o escaler, assim equipado, parte como uma setta direito á boia de salvação, a que já o homem, luctando com as ondas, se tem agarrado. O navio orçou a fim de poder tocar em vento á espera do escaler; todos os oculos de bordo, dirigidos para elle, vêem-n'o em pouco tempo caminhar para o navio, conduzindo o marinheiro ainda atordoado pela quéda, mas disposto a aquecer o estomago com uma boa dóse de aguardente.

II

O navio, batido pelo mar, joga violentamente de popa á proa, sacudindo a mastreação com medonho esforço. O vento é de rajadas, e augmenta cada vez mais. As ondas, a principio curtas, mas valentes, crescem a pouco e pouco, e as suas cristas espumantes são arrastadas em brancos turbilhões pelas fortes refegas... O horisonte escurece... Tudo presagia um grande temporal! O official de quarto manda metter as gaveas nos terceiros e ferrar papa-figos. Está tudo a postos...

— « Homem ao mar! » — gritam de uma gavea...

— « Boia ao mar! » — responde o official.

Depois segue-se a esta primeira ordem um momento terrivel... um momento de hesitação... um momento, em fim, de calculo de vida e morte para o infeliz marinheiro que baldeára ao mar debaixo de um temporal tão rijo!... Dever-se-hão arriscar dez homens por causa de um? A compaixão inspira o joven official. Ha possibilidade de bom exito, mas ainda maior probabilidade de o não haver! A compaixão vence.

— « Orça! Folga a escota da polaca! — Arria gaveas sobre as pêgas! — Arria o escaler de sotavento! »

E não obstante o mar estar temivel e ameaçador, os mais intrepidos marinheiros disputam-se a gloria de serem os primeiros a guarnecer a embarcação...

Porém os aspirantes, o mestre e os guardiões os precedem, e conduzem velozmente o escaler, que, tão fraco e delicado, se atreve a desafiar a furia indomavel das ondas, para salvar um desgraçado... E parece, a principio, que a fortuna váe coroar com bom exito o valor d'estes homens... Impellido de onda em onda, o escaler consegue salvar o náufrago; depois rema victorioso para bordo do navio, que o espera insoffrido... Mas ha um momento critico para o desventurado escaler; não podendo elle apresentar sempre a prôa ás ondas, atravessa-se ao mar, offerecendo assim ás vagas o debil costado!... De repente uma onda formidavel o apanha de través, vira-o, rola-o sobre si, duas ou tres vezes, com todos os animosos desgraçados que o tripulam, e depois... engole-o na sua voragem, deixando á flor d'agua quasi todos os pobres náufragos!...

O navio está perto, e vê-os debaterem-se, luctarem com animo contra a morte certa, levantarem as mãos ao ceo, como ultimo refugio... Está perto, e nada póde fazer para os salvar! Está quasi junto a elles, e não sem custo consegue o commandante conter o ardor dos officiaes e dos marinheiros, que ainda querem, por um bello esforço de valor, voar em soccorro dos seus infelizes companheiros!

Dez homens por causa de um! Lição terrivel que bem comprehende o coração dilacerado do official responsavel, ainda mesmo quando tem, para satisfazer a sua consciencia, a desculpa da possibilidade de bom exito!... Dez homens por causa de um? Basta...

E o impassivel navio segue a sua derrota, vendo submergirem-se no abysmo todos aquelles seus tripulantes!

III

Acossado por um pavoroso temporal, o navio capeia com o traquete e com a rebeca. Agua, ceo e terra, intimamente confundidos, apresentam á vista do observador o aspecto de um vasto e denso véo negro, onde apenas brilha, de tempos a tempos, a escuma phosphorescente das ondas... O balanço de bombordo a estibordo é horrivel... As lanchas que estão collocadas na tolda a custo se podem suster no balanço, ainda que atracadas com fortes peias e estralheiras. As balas das peças saltam fóra das chaleiras, e rolam pela tolda e pelas cobertas, misturando o seu rugido assustador com o estalido dos taboados da amurada, e com os assovios do vento pelos cabos, e com as pancadas desencontradas da gavea grande de encontro ao mastaréo. Os mais valentes marinheiros tentam metter a gavea nos terceiros, custando-lhes isso trabalho aturado e arriscado.

— « Homem ao mar! » — grita um marinheiro do lais da gavea... Mas o vento está tão rijo, que o proprio aspirante que está no cesto de gavea não póde ouvir este grito de compaixão, apesar de se ter já por vezes repetido...

A final, de bocca em bocca, de ouvido em ouvido, os marinheiros da gavea conseguem fazer-se perceber... Immediatamente o aspirante começa a gritar para o official de quarto: — « Homem ao mar! » Nada... O aspirante, por fim, já parece que uíva este grito de desespero, fazendo das mãos porta-voz. O official de quarto, em fim, ouve-o, e um movimento convulso lhe contrahe por algum tempo os musculos... Olha para cima e grita: « Bem... Silencio! »

E estas duas unicas palavras são o *requiem* e o *epitaphio* do desgraçado marinheiro. C.

CONVENTO DE JESUS DE SETUBAL

(Vid. pag. 65)

II

Do manuscripto citado no artigo antecedente, que é o codice *B*, 3—60 da bibliotheca nacional de Lisboa, vamos extractar a resumida historia da fundação d'este convento, com a indicação das preciosidades, que ainda hoje possue, dos bons tempos del-rei D. Manuel. Com a historia do convento vem á mistura outras curiosas d'aquelle tempo, como, por exemplo, a queima de mais de *um milhão de livros* arabes, que mandou fazer em Oran o celebre cardeal Ximenes, regente de Hespanha durante a menoridade de Carlos V.

« No anno de 1500, seguindo mestre Boutaca as obras do convento, conforme o debuxo que sonhára em Italia, como já n'elle estavam algumas religiosas, ordenavam ellas a seu gosto as officinas, com muita consolação da fundadora, a qual n'este tempo residia na cidade de Lisboa, por el-rei D. Manuel ahi assistir, estando aposentada no circuito do convento de Santa Clara para de mais perto haver as esmolas del-rei, e mais os privilegios, alvarás e mercês que lhe apontava. N'este anno deu el-rei um alvará, em que mandou ás justiças da terra não consentissem levantarem-se casas, por nenhum modo, defronte, nem ao redor d'este convento; alvará que está assignado por elle e por seu successor, que o confirmou com os mais.

« E assim deu el-rei um sino grande dos bons que ha no reino, com os nomes de Jesus e Maria n'elle esculpidos, e outro menor; campainhas grandes e pequenas para o uso da egreja e convento, ornamentos ricos, e muitos de varias sedas e guarnições; a opa de rico bordado e imaginaria com que foi levantado rei, de que ainda hoje estão guarnecidos dois ornamentos; assim deu os vasos de prata dourados para os altares, cofres de tartaruga e da China, chapeados de prata, para o sacrario, e outros em que estão corporaes e sanguinhos.

« Deu mais tapeçarias, alcatifas e outras peças, com muitas perolas e aljofres, com que se ornaram patenas e bolsas; e tambem mui ricos retabulos, que juntos com os que deu a rainha D. Leonor, sua irmã, se fez o da capella-mór, uma das formosas peças que se podem ver, por serem assim ricos como devotos, mandados de presente pelo imperador Maximiliano, primo dos ditos rei e rainha. Deram tambem notaveis reliquias, e uma riquissima cruz em que estão muitas, como adiante se verá.

« A nossa fundadora, entre os negocios do convento, ordenava tambem os de seus filhos, de modo que, acabados os de Martha, podesse com quietação entregar-se aos de Maria, como ao diante se verá. Da cidade de Lisboa, onde permanecia, avisava as religiosas e o procurador de fóra sobre o que era

necessario, entregando-lhe as esmolas de dinheiro, e as mais que el-rei dava para a sustentação e necessidades das freiras e convento. Escreveu para esta villa a um fidalgo, pedindo-lhe quizesse ser seu procurador, o que elle acceitou com muito gosto; e indo logo a Lisboa, se lhe fez procuração, na qual a fundadora lhe deu seu poder e auctoridade, para n'esta villa comprar e traspassar certas fazendas ao hospital de Nossa Senhora da Annunciada, ficando livre um pedaço de terra ao redor d'este convento. E assim deu mais o foro d'outra vinha, com que rematou os foros que ao hospital tinha comprado, e d'estas fazendas se fizeram escripturas publicas, que no nosso cartorio estão; assim como uma doação que fez mestre Gil, cirurgião-mór do reino, com licença del-rei, em que deu um pedaço de terra que eguala com a que a fundadora comprou. Foi feita esta doação em 29 de abril de 1503. Junto a estas escripturas está outra, porque consta ter o procurador do convento tomado posse pacificamente das ditas terras e chão.

« N'este tempo morreu o papa Alexandre VI, a quem succedeu Julio II. O nosso rei mandou logo dar-lhe a obediencia por seu embaixador D. Diogo de Souza; e entre as coisas que impetrava para bem de seu reino, pediu tambem para este convento, a instancias da fundadora, um breve em que confirmasse os que tinhão dado Innocencio VIII e Alexandre VI, e assim o declara com o mais que se segue, e é, que nunca o convento possa ser de frades nem de freiras de outra regra e profissão, mas sempre das senhoras pobres de Santa Clara, guardando a primeira regra com que foram fundadas pelas de Gandia, cidade de Valença; e que não passe o numero de trinta e tres, procurando sempre irem de bem em melhor, na guarda das ditas coisas e de sua profissão, e que havendo logar despejado e parenta da linha da fundadora, que queira entrar n'elle, se lhe dê primeiro que a outra; e que a capella debaixo do altar-mór seja a de D. João Manuel, filho da fundadora, e para seus filhos e netos, não sepultando a outros n'ella; e que a seu filho D. Nuno Manuel na mesma fórma concede outra capella, que elle faria defronte do altar maior, debaixo do coro e tribuna, chegando a altura até ella, e largura da mesma egreja. Assim lh'o concedeu o papa, declarando ter ella gastado *dez mil cruzados* de sua fazenda e seus filhos, adquirindo dos reis e padroeiros muitos mais; e que a instancia del-rei D. Manuel concede todas estas coisas, e as confirma para sempre, dando tambem licença ao mesmo rei e á rainha D. Maria, sua mulher, para entrarem no convento alguns dias no anno. Foi dado o breve ás tres calendas de maio de 1505. Está no convento em pergaminho.

« No tempo d'este rei e papa, se tomou a cidade de Orão aos moiros, pelo rei de Castella D. Fernando, pae da mesma rainha D. Maria nossa padroeira, governando em seu logar D. Francisco Ximenes de Cisneiros, religioso da nossa seraphica ordem, cardeal de Hespanha e arcebispo de Toledo, chancellermór de Castella, inquisidor-mór d'ella, e reformador de todas as religiões, por ordem do mesmo papa Julio II; o que fez com summa satisfação, assim do mesmo papa, como dos reis christãos. Em Granada converteu á santa fé, elle e outros frades da nossa religião, tanto numero de moiros, que não tinham mãos a baptisar, e pelas do arcebispo foram quatro mil. Queimou *um milhão e cinco mil livros* mahometanos; edificou á sua custa grande quantidade de egrejas, conventos, collegios, e seminarios. E para a armada de Orão offereceu gastos e pessoa. Ordenou duzentas villas no anno de 1509, e logo viu no ceo, em signal de victoria, a insignia da santa vera cruz, e a tornou a ver estando o arraial apparelhado para a batalha, e elle a cavallo, vestido de pontifical sobre o habito, e assim iam os mais religiosos revestidos, com espadas cingidas, cruz levantada, e estandarte com ella, tendo de uma parte e da outra as armas do santo arcebispo, cuja pratica, de espirito e valor, animou os soldados a commetter tão grande empresa, entoando primeiro: *Vexilla regis prodeunt*. Houveram victoria, que foi das maiores do mundo acontecidas, pois morrendo só trinta christãos, mataram passante de quatro mil moiros, e captivaram oito mil. Em quanto durou a batalha, esteve o nosso arcebispo no campo com as mãos levantadas em oração, pedindo victoria, e com ella entraram pela cidade de Orão os frades com cruz levantada cantando o hymno — *Te Deum laudamus*. O povo deitava pelas ruas ramos e palmas com palavras de louvor ao arcebispo, ao que elle respondeu: *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomine tuo da gloriam*. O alcaide lhe deu em paz as chaves da cidade, e trezentos christãos que estavam captivos. »

Os quadros vindos de Allemanha, n'este manuscripto mencionados, ainda se conservam no mosteiro, como verificou o conde Raczynski em 1844, segundo elle refere no seu importante livro *Les arts en Portugal*.

Estes quadros, em numero de 17, são dos attribuidos ao celebre pintor Gran-Vasco; porém o citado conde, por alguns annos ministro da Prussia junto á corte de Lisboa, e que os foi examinar a Setubal, com quanto se não julgasse habilitado para os capitular como taes, faz d'elles tanto apreço, que aponta esta collecção por uma das mais preciosas que elle viu em Portugal de quadros originaes, e designa o auctor d'elles, na classificação que fez de diversos artistas e epochas, pela selecção de *peintre des tableaux de Setubal*.

A lista que nos dá d'estes 17 quadros é a seguinte, coisa que nenhum portuguez tinha feito antes d'elle.

1. S. Francisco recebendo as Chagas — 2. Annunciação de Nossa Senhora — 3. O nascimento de Christo — 4. A Circumcisão — 5. A adoração dos Reis — 6. A santa Veronica — 7. Jesus crucificado — 8. O Calvario — 9. A Assumpção de Nossa Senhora — 10. O santo Sepulchro — 11. A Resurreição — 12. Santas religiosas — 13. Santos martyres — 14. Santo Antonio — 15. A Ascensão. E mais dois quadrinhos representando a Prisão de Christo, e a Flagellação.

« On dit (conclue o conde Raczynski) que ces tableaux sont l'ouvrage de Gran-Vasco, mais il n'y a aucun document que le prouve, cependant on sait positivement que ces tableaux ont été donnés à ce couvent par les rois qui en furent les patrons, Dom João II et Dom Manuel. »

Hoje que o novo caminho de ferro do sul nos leva de Lisboa a Setubal em tão poucos minutos, devem ser mui agradaveis aos que prezam as nossas antiguidades, e amam as artes, estas e outras noticias dos monumentos e sitios que dão nome á novissima cidade, patria do nosso Bocage.

O CAMELO

SUA ACLIMAÇÃO NO BRASIL

Porque será que os dois brutos mais pacientes e mais uteis ao homem, os que lhe transportam as cargas mais pesadas, o burro e o camelo, foram escolhidos para typo da estupidez, e simile injurioso para chascos e improperios?

Pois não ha animaes ainda mais estolidos e casmurros?

Foi de certo a figura desairosa e tristonha d'estes dois prestantes animaes, que lhes acarretou este labéo.

Os mahometanos, porém, desaffrontam o burro e o camelo da injuria que nós lhes fazemos, porque tem muita contemplação com o burro, por haver sido a cavalgadura de que o filho de Deus se serviu quando andou por este mundo; e escolhem o camelo para ir levar todos os annos a Meca, sobre o seu lombo giboso, a biblia turca, o alcorão, com as mais offertas que ao templo de Mafoma faz o grão-senhor. Váe o camelo para esta romaria ricamente ajaezado, coberto de capellas de flor, e feita a jornada fica isento de trabalhar todo o resto da sua vida. Além d'isto, os turcos, por preceito religioso, tem uma especie de veneração pelo camelo, e crêem que é peccado mortal pôr-lhe grandes cargas, ou fazel-o trabalhar mais que um cavallo. Apesar d'este preceito, mr. Caillaud, que em 1820 acompanhou uma expedição commandada por Ismael-Pachá, na curiosa relação que publicou d'esta jornada, refere que os cameleiros, ou arrieiros dos camelos, lhes davam muitos maus tractos, a ponto que alguns ficaram pelo caminho mortos de cansaço e bordoada.

Ha duas especies de camelos; a dos que tem uma só giba ou corcova no lombo, e lhes chamam dormedarios, e a dos que tem duas gibas, e lhes chamam bactrianos. Ambas estas especies representa a nossa gravura.

Os povos orientaes devem ao camelo as suas communicações e transportes, porque sem este valente e laborioso animal, os desertos da Arabia, e os areaes da Africa, seriam totalmente impraticaveis.

O Creador da natureza deu-lhes uma estructura adequada ao solo e clima d'aquellas regiões, porque o piso da arêa solta fôra impossivel para animaes de casco e unha, por isso a pata do camello é coberta e revestida de uma pelle calosa e flexivel, que lhe facilita andar desembaraçado pelos areaes movediços, e tambem pelos trilhos escabrosos.



O camelo

O camelo arabe ou dromedario é quasi exclusivamente dos climas temperados da Asia, e o que empregam geralmente no Thibet, na Persia, na Tartaria, e n'uns territorios do imperio da Russia.

Nas campanhas militares dos afghans, persas, arabes, e dos turcos da Asia e do Egypto, os dromedarios tiveram uma parte importantissima. Eram elles os conductores não só das bagagens, viveres e munições, mas tambem da artilheria. Os persas tem sido, por assim dizer, mais de uma vez, devedores aos camelos das victorias alcançadas sobre os turcos; e tambem na batalha de Goul-Nabat, que os afghans ganharam aos persas em 1722, foram os camelos que serviram de carreta ás bocas de fogo. As peças iam montadas na sella dos dromedarios, movidas por um quicio; o artilheiro cavalgava no camelo, e quando queria fazer pontaria, obrigava-o a ajoelhar, e dava fogo á peça.

O camelo póde facilmente com uma carga de 400 a 500 kilogrammas (28 a 35 arrobas) e andar n'uma só jornada 150 a 200 kilometros (30 a 40 legoas).

Para receber a carga ajoelha obedientemente, e quando sente sobre si o peso que póde supportar, ergue-se contente e ufano de transportar tão avultada carga d'alli a 100 ou 200 legoas, ás vezes! sem necessidade de chicote ou aguilhão que o incite, como necessitam quasi todas as bestas de arriaria. Se esmorece no caminho, basta uma cantiga do arabe, seu guia, para o reanimar.

Tem ainda outro predicado, que é comer de tudo, e pouco. Um pão de cevada, um punhado de favas

ou tamaras, sustenta um camelo todo o dia. Não ha pasto que rejeite, seja feno, relva, cardos, ou estevas, tudo come e lhe sabe bem. Se não ha que comer, póde estar uma semana em jejum, que não morre. Como todos os ruminantes, tem quatro estomagos, e de mais a mais um reservatorio ou cisterna para depositar a agua de que necessita para o transito de tão aridos desertos, em que ella raramente apparece.

Não tem o camelo sómente prestimo para besta de carga e de cavallaria; mas para servir nos exercitos dos povos orientaes, e nos dos europeus quando a tem feito na Asia e na Africa; dá leite de que se fazem excellentes queijos; a carne serve de alimento como a de vacca; a pelle emprega-se em muitos usos, e sobretudo a sua lã serve para tecidos de grande preço. Os chales de cachemira, e os albornozes, já usados hoje pelas damas da Europa, depois que os francezes os manufacturam nas fabricas de Argel, são da finissima lã do camelo.

Animal de tanto prestimo, bem era que se tratasse de aclimal-o na Europa e na America. Em tempos remotos foi já transportado o camelo para o novo mundo, mas sem bom resultado. Buffon, com a sua natural perspicacia, disse que mandando vir estes animaes para a Europa com os arabes costumados a pensal-os e tratal-os, se haviam de naturalisar, porque na Hespanha havia muitos no tempo dos moiros. Em 1622, Fernando II mandou-os vir para Florença, e ahi procrearam a ponto que em 1789 havia uns cento e oito, todos nascidos em Italia. Actualmente todos os que ha pertencem ao estado, e vivem na granja de S. Rossore.

Hoje em ambas as Americas se fazem tentativas perseverantes para alli aclimar o camelo, o dromedario principalmente.

S. M. o imperador do Brasil, cujo desvelo pelo engrandecimento, prosperidade e civilisação do seu riquissimo imperio, não é excedido, nem talvez egualado por nenhum outro soberano reinante, escreveu ultimamente á sociedade de aclimação, em Paris, para que ella se encarregasse de lhe enviar um certo numero de dromedarios. A sociedade de aclimação, annuindo gostosamente a este honroso convite de S. M. I., encarregou a um dos seus mais activos e competentes socios, mr. Richard, esta incumbencia, para desempenho da qual elle se dirigiu logo a Boghar (Tartaria), onde ha as tribus mais ricas d'este gado, e comprou para o imperador do Brasil quinze camelos, dez machos e cinco fêmeas, que já embarcaram para o seu destino. De dois d'elles é a nossa estampa, que mandámos copiar de um jornal de Paris.

Em 1844, a mui emprehendedora e laboriosa casa commercial dos srs. Ferreiras Pintos Bastos mandou vir um casal de camelos, para S.to Amaro, que não chegou a procrear, e cremos que ambos morreram dentro de pouco tempo.

Não encerraremos esta noticia, sem transcrever o que resumidamente diz um dos nossos escriptores classicos, o padre Manuel Godinho, no seu itinerario da India por mar e terra em 1663:

« Os camelos são animaes accommodados para levar grande carga, e tolerar jornadas longas pelos areaes desertos do Egypto e Arabia, porque não perdem o tino, ainda que o rastro da estrada se revolva e confunda com os ventos, e soffrem a sêde por quatro e cinco dias (e ainda mais os de Africa, que são mais robustos). A sua carga justa, dizem que são 30 arrobas, e caminha com grande velocidade, por serem os passos largos, conforme os pés são altos. Especialmente os da especie que chamam dromades ou dromedarios, é tal a sua velocidade (como o mesmo nome grego indica, porque *dromos* quer dizer ligeireza) que vencem por dia 30 legoas. Porque se visse que o principal officio d'este animal em serviço do homem é levar cargas, lhe poz a natureza por signatura um ou dois gibos, ou corcovas nas costas, com que o peso o moleste menos, e decline de uma e outra parte sobre os pés e mãos que o hão de levar; e outro debaixo do peito, sobre o qual se deita ao tomar ou depor a carga; e tanto que sente em cima a com que póde, se levanta e não quer mais; para que se veja, que se o homem toma peso de obrigações sobre o que suas forças ou talentos alcançam, é mais nescio que um camelo. »

O padre Manuel Bernardes, alludindo áquelle passo da Escriptura, quando um moço opulento de Jerusalem perguntou a Christo: *Mestre, que obras boas farei n'esta vida para alcançar a eterna?* e Jesus lhe respondeu: *Vende toda a tua fazenda, e o que te derem por ella reparte com os pobres, e depois segue-me*. Achando o rapaz esta sentença mui severa, o Senhor lh'a explicou, acrescentando que era mais facil entrar um camelo pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no reino do ceo. Bernardes explica o simile d'esta maneira:

« Ao camelo comparou Christo um homem rico. Se inquirirmos onde está a similhança, respondem os auctores, que os bens temporaes são gibas que os ricos tem pegadas nas costas e nos peitos; nas costas como carga para o trabalho, nos peitos como presa para o amor; nas costas, porque debaixo dos bens gemem; nos peitos, porque a elles se incurvam. »

MODELOS CLASSICOS

O TRABALHO

« Ou seja de mãos ou do entendimento, nasce o homem para o trabalho, como a ave para o vôo.

Nasce para trabalhar o rei, e é maior trabalho o sceptro que o cajado, porque póde o rustico depor o arado, o soldado a espada, o escrivão a penna, só não póde tomar o somno sobre a ponta de um bastão agudo, aquelle olho sempre vigilante, em que figuravam os egypcios a obrigação dos reis.

Nasce para trabalhar o principe, o grande e o ministro, e ainda que lhe fingisse a fortuna o trabalho mais alegre, não póde desmentir-lhe a fadiga e desvelo com que devem, como atalaias sobre a campanha, estar de accordo para a cautela, assim como estão em maior altura para a maioria. Só a Pedro, que havia de ser principe da egreja, grande do ceo, e ministro do evangelho, perguntou Christo se dormia nas afflicções do Horto; não o perguntou ao evangelista, que o amava tanto, com ser condição do amor o não dormir muito; d'onde se deixa ver, que é mais desculpavel o descuido e descanço no amor que no ministerio.

Nasce para trabalhar o prelado ecclesiastico, secular ou religioso, porque havendo de ser piloto da nau da diocese ou da religião, que cruza ondas inquietas, com ceo turbado, ventos contrarios e noites escuras, necessario é não dormir, antes estar álerta e ver de longe as tempestades, por não arriscar, com um só descuido, a que se percam todos em naufragio miseravel, no mar do mundo, que se incha por soberba, escuma por lascivia, brada por indignação, e se move com qualquer vento que o desinquiete.

Nasce para o trabalho o general, o cabo, o soldado, porque em vida que é guerra, ha de ser morte qualquer descanço que do seu poder se fia.

Nasce, em fim, para trabalhar o nobre e o plebeu, plebéa ou nobremente; e em se furtando a natureza a esta pensão do peccado, logo os ocios a

entregam á maior servidão, que é a do vicio. Ainda Eva no paraiso não havia viciado a natureza, com a culpa da desobediencia a Deus, e por isso a não ligava ainda a pensão de trabalhar; comtudo, porque se poz a conversar com o demonio, fez incorrer a todo o mundo na escravidão da culpa, causa do trabalho do homem. »

FR. ANTONIO DAS CHAGAS

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 86)

III

Ficou já respondido o primeiro quesito, no capitulo antecedente, com documentos irrefragaveis, pelos quaes demonstrámos que a casa dos Bicos fôra edificada pelos annos de 1523, e não pelo grande Affonso de Albuquerque, como até agora se julgava, mas por seu filho e universal herdeiro, o auctor classico dos *Commentarios.*

Passemos agora ao segundo quesito, que é:

A casa dos Bicos completou-se, ou foi embargada a obra?

A tradição oral diz que a casa dos Bicos não chegára a concluir-se, sendo embargada a obra por ordem do governo, quando apenas tinha chegado ao primeiro pavimento, ficando nas lojas e sobrelojas como ainda agora se acha.

Nenhum fundamento encontrámos a esta opinião, apesar de presumirmos que este Albuquerque fôra homem muito bulhento e implicador, pelo que bem podia ser que tivesse suas questões com os senhorios circunvisinhos, quasi todos fidalgos de antiga linhagem, poderosos, e de grande valimento com o fraco rei D. João III que então reinava, e de quem o filho de Affonso de Albuquerque se mostra queixoso nos seus *Commentarios.*

Para averiguarmos este ponto, sabendo que tinha havido uma demanda de reivindicação d'esta casa dos Bicos, fomos em busca dos autos, e com effeito os achámos, e n'elles alguns documentos de muita curiosidade, por onde se prova que a casa foi ao cabo.

O mais antigo documento junto aos autos é uma escriptura de doação feita em Lisboa aos 26 dias do mez de outubro de 1649, por D. João Affonso de Albuquerque e sua mulher D. Violante de Tavora, a seu sobrinho Antonio de Albuquerque, commendador das commendas de Santo André do Ervedal e ilha de Porto Santo, na qual escriptura os outorgantes dizem:

« Que dotam e doam ao dito Antonio de Albuquerque seu sobrinho, toda sua fazenda, que possuem pela maneira seguinte, assi para que com ella possa melhor casar com pessoa limpa, que não tenha rassa de Judeo nem Mouro, e para que com isso possa o appellido de Albuquerque conservar-se e hir em augmento, por quanto de todo se vai extinguindo; e o dito Antonio de Albuquerque, seu sobrinho, he só o Albuquerque varão que ha neste reino descendente do grande Affonso de Albuquerque. »

Segue-se a relação de varios bens, e depois:

« E outro sim lhe fazem doação das suas casas da porta do Mar a que chamam dos *Bicos,* na Ribeira, assi e da maneira que as possuem, e que de presente rendem 224$000 réis de antemão, e as pagas 240$000 réis.

« E que tambem ha de ser obrigado o dito seu sobrinho e todos os successores deste morgado, a trazerem as armas dos Albuquerques sem nenhuma mistura, e que se appellidem de Albuquerque sem nenhum outro appellido. »

Esta doação foi feita 69 annos depois da morte do edificador, e o doador era seu neto. É verdade que elle trazia arrendada a casa dos Bicos, signal de que não a habitava; mas casa que n'aquelle tempo se arrendava por 464$000 réis, devia ser apalaçada e completa. E tanto mais que depois da peste de 1598, que n'aquelle bairro começou (como a febre amarella em 1723 e 1857), e n'elle fez grande mortandade, as rendas das casas desceram alli muito.

No auto de posse, por successão, que d'esta casa tomou, em 1745, Francisco Xavier de Mello Albuquerque Brito Freire, se lhe chama «*casa nobre,* com loja por baixo, onde se vendem bebidas.» O que tudo consta dos mesmos autos.

Pelo terremoto é que naturalmente a casa dos Bicos foi a terra, e ardeu, como quasi todos os grandes edificios circunvisinhos, nomeadamente a casa da Misericordia e a Conceição Velha.

E tanto isto é certo, que em 1775, vinte annos depois d'aquella horrivel catastrophe, achámos nos mesmos autos, que a casa dos Bicos fôra arrendada a um Antonio Affonso de Abreu por 400$000 réis, declarando o arrendamento que eram *armazens e sobrelojas,* tal como ella agora existe.

Temos ainda outro documento indicativo de que esta casa foi acabada, e feita para residencia de seu proprietario, porque lhe poz sobre a porta de entrada o brasão das suas armas. É a obra de Manuel Gomes Bezerra, intitulada: *Estrangeiros no Lima,* curioso investigador de genealogias e armarias, o qual tratando da genealogia e brasão dos Albuquerques, no t. 1, pag. 405, diz o seguinte: « Ha outros Albuquerques chamados de Cantanhede, que são os do grande Affonso de Albuquerque, cujas armas descreve Coelho (Gasco), *affirmando serem estas as que se achavam na casa dos Diamantes, á Porta do Mar de Lisboa, que foi do dito Affonso de Albuquerque.* »

As armas são as seguintes:

Escudo esquartelado. No primeiro quartel as quinas de Portugal com seu filete e contrabanda costumada. No segundo, em campo vermelho, cinco flores de liz de ouro em aspa. Timbre um castello com as portas de ouro, e sobre a do meio uma flor das armas.

Nos *Commentarios* diz Affonso de Albuquerque que os d'este appellido houveram de trazer as armas que D. Affonso Sanches mandára pôr no castello de Albuquerque, com o seguinte letreiro:

« Em nome de Deus seja tudo. Amen. Eu Dom Afonso Sanches, senhor deste castello D'alboquerque, comecei este lavor, feria quarta, aos quatro dias do mez de agosto da era de 1314, o qual seja para serviço de Deos e de Sancta Maria sua Madre, salvamento de minha alma, crescimento de minha honra e endereçamento de minha fasenda, para que as cousas que a Deos são feitas, todas adiante hão de ir, e as que sem elle são, todas hão de fenecer.

« *E porem prasa a Deus que haja boa gloria o mestre pedreiro que fez este castello.* »

De poder blasonar o seu escudo com o da casa real de França, muito se ufanava o bastardo de Affonso de Albuquerque, o filho da mourisca, porque (escreve elle nos citados *Commentarios*), Affonso Sanches, filho natural de el-rei D. Diniz, houve de sua mulher um filho que se chamou D. João Affonso de Albuquerque, que herdou sua casa e foi *grande senhor* em Castella, e o primeiro que tomou o appellido de Albuquerque. Edificou a torre da menagem da Codiceira, e n'ella poz as suas armas, misturando com as quinas de Portugal as flores de liz, que eram as armas de sua mulher, *que descendia da casa real* de França.

D'esta alliança se fez a seguinte copla heraldica:

Do limpo sangue dos godos,
Do filho del-rei Diniz
E de Theresa Martins,
Vem os Albuquerques todos,
Com quinas e flor de liz.

Tão antigo e contagioso é, que ainda os mais sáfios plebeus e democratas ambicionam e requestam as librés gazis com que se pavoneia a aristocracia!

O Napoleão da Asia portugueza levantou fortalezas em Ormuz, Goa, Malaca, Ceylão; no Egypto, na Ethiopia, na Persia, no Japão, nas Molucas, em Narsinga, em Sião, fez respeitar o poderio e commercio de Portugal. Seu filho fez uma casa em Lisboa e uma quinta em Azeitão. Á casa chamou dos *Diamantes*, e á quinta do *Paraiso*. Por estas denominações ostentosas se póde aferir o seu caracter, e a differença do pae ao filho. Verdade seja, que o pago que o rei dera ao pae, justifica o arbitrio que o filho tomou de seguir diverso trilho.

«O favor com que mais se accende o engenho,
Não o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça e da rudeza»

Disse Camões, ha trezentos annos, e ainda hoje está na mesma!

Voltando porém á nossa historia, é de crer que o filho de Affonso de Albuquerque habitasse e fallecesse na sua casa dos Bicos, porque regressando a Lisboa em 1522 com a armada que foi levar a infanta D. Beatriz a Saboia, nunca mais entrou no serviço militar. Deu-se ás obras da casa dos Bicos, e da famosa quinta do Paraiso, assim como da visinha egreja de S. Simão. Depois d'estas obras feitas, é que tratou naturalmente de escrever os *Commentarios* das façanhas de seu pae, porque a primeira edição tem a data de 1557, trinta e cinco annos depois do seu regresso a Portugal.

Fez segunda edição d'este livro, folio de 600 paginas, em 1576, dedicada tambem a el-rei D. Sebastião, o ingrato que tão mau pago deu a Camões, seu cantor.

Por este tempo tinha-se feito popular, e havia conseguido um pelouro na camara municipal de Lisboa, sendo depois nomeado seu presidente, o primeiro que houve, segundo diz o tombo antigo do archivo da mesma camara, que examinámos.

Quando o duque de Alva entrou em Lisboa (1580), Affonso de Albuquerque pediu a exoneração da presidencia do municipio, allegando que estava muito velho e achacado.

Isto consta do referido tombo.

Tinha então já os seus 80 annos, e falleceu pouco depois.

ANTIGUIDADES NACIONAES

Carta que Lourenço de Caceres, secretario do infante D. Luiz, escreveu a um amigo lettrado, andando na Golegã com um feito seu, estando lá a casa da Supplicação.

A seguinte carta inédita é do mestre e depois secretario do infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel, auctor de um tratado de moral, escripto para doutrinação de seu real discipulo, que vem a t. II das Provas da Hist. Geneal. da Casa Real. Damol-a como documento do estado em que andava a justiça n'aquelle tempo; e mostra de bom estilo de carta familiar, com excellentes maximas, e em linguagem vernacula.

«A Golegã me levou vinte dias, a cabello branco por dia; e lidando sempre, não tenho mais feito que saber ainda que não é aqui o meu feito. Tamanhas torceduras me dá quem quer fazer o que não deve, e póde fazer o que quer!

Não vos escrevi até agora por me parecer n'isso comvosco, e tambem comigo, que até para escrever me aborrecem as lettras; mas faço agora esta por não ir moço meu sem carta minha.

Cá ouvimos mais novas das que lá podeis saber, porque cada estrada é uma cisterna da côrte; não se dá lá voz que não soe cá dobrada; por isso vol-as não peço; tudo quanto se diz hei por velho. Já sou como o philosopho que dizia, que não era nada novo do que podia acontecer, e mais como quem comvosco praticou tudo isto, muito antes que se dissesse. Comtudo eu não quero ser tão certo como F. Praza a Deus que ainda o não seja em tudo, e dê talho e desvio ás coisas como elle soe dar no conselho dos homens. Mas os peccados são grandes e manifestos, e como diz um auctor, Deus, os nossos peccados secretos emenda-os, e os publicos castiga-os. David chama bemaventurados áquelles cujos peccados são encubertos, mas isto é para chaves e não para cartas. Serro o fio por não entrar em vidas alheias e em queixumes vazios; e mais a vós, que ainda que tenhaes uns suspiros de lettras, sois tão isento d'ellas por vossa natureza, como eu ácinte.

Peço a Deus me tire de demandas, me faça bom lavrador, e me deixe semear a terra minha com bois meus, para negociar com os campos, que nunca dão de si má resposta, e ir viver em casal longe da côrte, perto dos amigos, em conhecimento de muitos e conversação de poucos; casa farta e não sobeja, mulher contente, filhos sãos, a noite com somno, o dia sem contenda, lograr da vida, lembrar da morte, desejar boas coisas, receber as que vierem; finalmente viver os dias, não lembrar muito do passado, nem pendurar muito pelo que ha de vir.

Tudo isto terá quem quizer conhecer tempos, cortar esperanças, e pôr algum termo á cubiça, mas tira por todos estes o ámanhã. Se acabassemos de intender que ámanhã era tarde, começariamos de viver hoje, porém eu d'isto não tenho mais que o conhecimento, por mór pena de o não fazer. Beije v. m. por mim as mãos a F. que Deus lhe dê primeiro rendas suas que trabalhos alheios. Anno 1532.»

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio



O gato.

O genero gato *(felix)* de Linneo constitue, nas classificações actuaes, uma das familias da ordem dos mammiferos carniceiros.

Destinado pela natureza a viver de rapina, foi o gato provído de uma organisação accommodada a tal fim. As unhas, que se conservam recolhidas como n'um estojo, sem perigo de se embotarem, sáem, á vontade de seu dono, agudas e penetrantes para dilacerar a preza. A maior ou menor força de luz não lhe impede a visão, pela faculdade que tem de contrahir a pupilla até ás dimensões de uma simples fenda.

Quem estudar bem os habitos do gato domestico, poderá formar idéa d'este genero no estado selvagem. Das especies apenas indicaremos o gato bravo, um pouco maior que o domestico, e d'onde este procede; o leão, tigre, leopardo, panthera, etc.

Se quizessemos mencionar tudo que tem dito naturalistas e não naturalistas, sobre as qualidades do gato, encheriamos um volume. Para uns é animal intelligente, manso, agradecido. Para outros é estupido, interesseiro, ingrato, e até o halito é pestifero; não ama ninguem, só conhece a casa ou local onde está costumado a habitar.

Depois de tão encontradas opiniões, antes de emittir alguma, commemoraremos os bons e maus fados da raça felina.

No antigo Egypto chegaram os gatos a ser adorados. Os musulmanos tambem lhes dedicam grande estima, e não é raro encontrar em testamentos deixas a favor d'elles. Não falta santa mulher que, com toda a seriedade, conte aos filhos que o propheta de Deus, antes quiz cortar um pedaço do seu caftan, do que perturbar o somno do valido *bichano*.

Segundo affirma um viajante, existe perto de Babel Nasz, no Cairo, á porta da Victoria, um hospital em que são recolhidos os gatos doentes, ou vagabundos.

Mas já a sorte não lhes era tão propicia n'um paiz de christãos. Na edade media era costume em Paris, na noite de S. João, fazer uma fogueira, a que se dava o nome de *arvore de S. João,* e aonde se atava um cesto, ou coisa similhante, cheio de gatos vivos. Vinha el-rei com a corte pôr solemnemente fogo á arvore, com a qual, já se vê, ardiam tambem os pobres gatos. Antiquarios houve, que viram n'isto um resto de sacrificios gaulezes. Seja o que for; o que é certo, é que o ultimo rei que largou fogo á arvore de S. João foi Luiz XIV, até que o uso desappareceu de todo no tempo da revolução.

Outro facto digno de lembrança é o risco em que esteve a guarnição de Ormuz, de morrer á sêde por causa dos gatos!

Tendo-se levantado os mouros contra o dominio portuguez em 1521, atacaram a fortaleza por varias vezes. Não podendo tomal-a, resolveram abandonar a ilha, o que effectivamente fizeram retirando-se para Queixome, depois de pôrem fogo á cidade. Os portuguezes, que já tinham falta d'agua e de mantimentos, sairam logo da fortaleza, e, segundo um escriptor contemporaneo que narra este acontecimento, — « inda acharam muytas tamaras e agoa em cisternas, de que recolheo cada hum a que quis, mas daly a tres dias toda foi danada com os gatos, que

sendo as casas despejadas da gente nom achavam agoa, e hyam beber ás cisternas e cayam dentro com que morriam, e a agoa toda se danou, fedorenta, que se nom podia beber; com que a gente foy em muyto aperto, com que forçadamente Manuel de Sousa foy buscar agoa, que achou daly a quatorze legoas... »

Passâmos em silencio muitos outros factos, para tentarmos assentar alguma coisa a respeito das boas ou más qualidades das mencionadas alimarias.

É maxima corrente que os adagios resumem a sabedoria das nações. Será, pois, dos adagios que deduzamos algumas provas para esclarecer a questão.

Bem sabe o gato cujas barbas lambe: diz o rifão, querendo-nos mostrar que o gato sabe bem o caminho por onde ha de marchar para o seu interesse. Quem assim pratica, nem é estupido, inerte, nem estulto. A conclusão que d'aqui se tira é favoravel ao gato.

Andar como gato por brasas; tratar de evitar o perigo o mais depressa possivel. É proceder de prudente, e ainda por isso não merece censura.

Bem se lambe o gato depois de farto. Se d'este adagio nada concluimos a favor, tambem nada se póde argumentar em contrario. Crêmos que tanto racionaes, como irracionaes, folgam quando tem o estomago conchegado.

De noite todos os gatos são pardos. A culpa não é dos gatos, mas de quem olha para elles, que confunde brancos, pretos, pardos e maltezes, tudo em uma côr. Este proverbio foi — de certo que foi — formulado por algum litterato myope, em tempo que ainda se não usavam lunetas.

E que culpa tem o *bicho*, se fraudulento taberneiro, abusando da confiança dos seus freguezes, lhes *vende gato por lebre?*

Gato escaldado de agua fria tem medo. É o seu maior elogio, é a maior prova de bom siso: não despreza as lições da experiencia.

Dar ao gato o que ha de levar o rato. Podéra! Pois quereis, meu leitor, que os ratos não vos manchem as iguarias, não vos estraguem os vestidos, e julgaes um grande favor pagar este serviço ao pobre gato, que se contenta com um carapau, ou dez réis de bofe?

Fartar, gatos, que é dia de entrudo. Grande generosidade! Depois dos donos da casa terem recheado os estomagos de delicado perú, de succulento lombo de porco, e de todos os mais bons bocados, não deixariam o gato saborear algum osso menos escarnado?

Quando em casa não está o gato, estende-se o rato. Outra prova do prestimo do gato; pois só com a sua ausencia, é que os damninhos inimigos do queijo e presunto podem estender as suas excursões. É por isso que *de casa do gato não váe o rato farto*, e por conseguinte, *quando morrem gatos, banquetêam-se os ratos*, que adivinham que por esse facto ficam livres do seu mais encarniçado inimigo, de quem lhes era difficil livrarem-se, apesar dos esconderijos que procuram, porque *rato que não sabe mais que um buraco, depressa o toma o gato.*

Ainda mais: quantas vezes é calumniado o gato por causa de um menino travesso, ou de uma serva golosa? Quebra o menino uma terrina, deita uma compoteira no chão, estraga o doce; a criada apanha o seu bocado de presunto, ou a sua posta de peixe para mimosear o gallego que serve a casa; quem carrega com todas estas culpas? o gato. E não será isto *tirar a sardinha com a mão do gato?* Creio que sim; e é coisa tão notoria, que se póde dizer: *isto sabem-n'o cães e gatos.*

De tudo que expuzemos póde-se concluir, que o gato é prestavel, é intelligente, é sensato, e é prudente; e além d'isto é folgazão e destro.

Qual dos nossos leitores ou leitoras não se terá sorrido com certa complacencia, ao ver o *bicho* saltando petulantemente, rolando-se, arqueando-se, mordendo e esbofeteando um sapato que apanhou desgarrado? Não seria tão pittoresca lucta que deu origem a *fazer de alguem gato sapato?*

E a sua agilidade não é bem conhecida? Que volantim ou pelotiqueiro, por mais atrevido que seja, ousará deitar-se do telhado de quinto ou sexto andar á rua, para, depois de innumeraveis viravoltas aéreas, *cair em pé como os gatos?*

Em summa, de tantos adagios, uns nada provam contra o gato, os outros, todos, são-lhe favoraveis. O unico que poderia depôr contra o prestimo de taes animaes, o de *gato miador, nunca bom caçador*, considera-mol-o como excepção, que em nada invalida a regra geral.

A crença popular, que suppõe incurso na pena de sete annos de trabalhos o matador de um gato, seria — embora superstição — um eloquente protesto contra os maus tratos dados por vezes áquelles animaes, se não fosse attenuada por outra crença de pedreiros e carpinteiros, que julgam succederá desgraça a algum d'elles quando lhes apparece um gato todo preto, estando a trabalhar em construcção alta. A consequencia é o infeliz gato ser apedrejado e espancado sem misericordia, retirando-se derreado, quando não fica morto no logar onde a sua má sina o trouxe.

Mas, apesar de tão barbaro procedimento, e de tudo que tenham podido dizer os detractores, o gato ha de ser sempre o amigo e companheiro das familias, porque é prestavel; e, se o não fôra, como teria lembrado applicar a palavra *gato* a coisas tão diversas, mas todas de utilidade? Se não vejamos.

Em que estado de perfeição estaria o apparelho dos navios, se os moitões e cadernaes não tivessem gatos?

Até na economia domestica, que applicação se poderia dar a uma rica travéssa da India que se partiu, ou a outra qualquer peça de louça, se não se tivesse inventado o deitar-lhe gatos?

Em fim, que seria do alfaiate, a quem entregaes panno para uma casaca, se não tivesse a habilidade de poupar, para si, um bocado, a que, em prova de reconhecimento, dá o nome de gato?

Por derradeiro, leitor, ainda que não acheis a este apontoado outro merecimento, senão de vos ajudar a matar um bocado de tempo, servir-me-ha isso de recompensa, porque não sou ambicioso, e pouco me basta para estar *contente como gato com bofe.*

O. G.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 82)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

VI

COMEÇAM AS COMPLICAÇÕES

Passou o doutor uns quinze dias em casa do capitão-mór. Este curto periodo bastou para lhe avassallar inteiramente o coração.

Não via o bom do fidalgo as repugnancias da filha: presentia-as, porém, o jurisconsulto, sem as explicar, e isto mais que tudo lhe accendia a paixão. Se a morgada se lhe inclinasse de bom grado, esta facilidade achal-o-hia provavelmente tibio ou apathico.

A contrariedade, que não acertava em definir, exaltava-lhe interiormente uma cobiça adormecida.

Tal foi sempre o coração humano. É a eterna historia do pomo vedado, nada nova, mas sempre verdadeira.

A morgadinha não fazia entretanto a minima opposição. Nem queixar-se podia pois o doutor. E a quem? E de que? Ao fidalgo? Que lhe havia de dizer? Contar-lhe o diario das suas observações, das suas duvidas e receios? Riria naturalmeude, ria de certo. Entendia lá estas puerilidades! Nem elle mesmo as comprehendia. Despontava-lhe apenas o instincto d'ellas com um tormento secreto.

Só o abbade, que era fino, adivinhava alguma coisa. Mas fossem consultal-o! Não boquejava palavra. Estava bem alli, e não queria arriscar a sua commoda prebenda na residencia senhorial.

— « Mais dia menos dia, considerava elle, tudo isto vem a acabar na egreja, e depois lá se entenderão. »

Com este concludente raciocinio tapava a bocca aos escrupulos, e saudava a perpetuidade da sua aposentação na casa, á sombra dos futuros donos d'ella.

Sabía o padre fallar, e muito melhor calar-se.

Pensando na projectada alliança — e já não pensava n'outra coisa — animava-se o doutor, ou illudia-se, com dizer a si mesmo: — « Como estejamos unidos, tanto farei por agradar-lhe e merecer-lhe, que só se ella tivera um coração de fera me não retribuíra os extremos com que lhe quero. »

Em taes soliloquios socegava os intimos trances. E se, vendo-a, tornava a penar, scismando estas perspectivas, tornava a consolar-se.

Que outra coisa são as incertezas em amor senão alternativas de dolorosas conjecturas e fallazes esperanças? Esse ha de sempre ser o excruciante martyrio das almas que ardem por dentro.

Quem havia de suppor coração de fera em tão gentil e donairosa creatura? Quem suspeitar indole brava em tão angelico semblante? Quem não esperára abrandal-a, de rocha que fosse, com a immensidade de um affecto verdadeiro e profundo? O fogo até pedras derrete, quanto mais donzellas. E o moço jurisconsulto sabía como lhe queimava aquelle amor!

Ai! assim elle soubesse os *modos* de captivar a esquiva. D'isto, que vinha a ser o tudo, é que o pobre se não lembrava.

Na apparencia nada estava mudado na residencia de Val-de-mil. As turbações ferviam occultas, como as lavas subterraneas, que minam longamente, e quando rebentam produzem terremotos. O fidalgo caçava frequentemente com o abbade e o Alegre, cada vez mais adiantado na privança. O doutor fechava-se dias inteiros, passeava horas esquecidas, e fallava pouco, singularidade grande n'um noivo, que todavia ninguem lhe estranhava, reputando-o naturalmente taciturno. Ignez tinha perdido o riso; mas attribuiam-n'o á proximidade do novo estado, e á seriedade com que lhe meditava os deveres.

No fim dos quinze dias, o jurisconsulto despediu-se. Voltava a casa para tratar das necessarias disposições. O fidalgo nem tratára de averiguar que impressão lhe teria feito a filha. Parecia-lhe impossivel que não ficasse doido por ella. E não se enganava muito.

Aprazou-se o casamento para depois dos Reis, no anno seguinte. Era um intervallo de tres mezes apenas. Desejava o morgado completar umas obras na casa, que lhe levariam boas seis semanas. Mettia-se depois o advento do Natal, e Ignez não se queria receber sem as bençãos. Ponderadas estas diversas difficuldades, assentou-se definitivamente na epocha já designada. A dilação fez suspirar o doutor: ninguem lhe ouviu porém uma objecção. Como as faria em melindres de consciencia, como eram os das bençãos, que atrazavam um mez o casamento?

Consolou-se com ficar tambem ajustado o voltar para a festa, juntamente com seu pae, pois que os esponsaes haviam de celebrar-se em Murça, e os noivos não se separavam do morgado, pelo menos em quanto o sr. Diogo Montez não entrasse na magistratura, conforme se andava diligenciando.

No dia em que o pobre doutor, a sua mulinha e o seu grarda-sol abalaram de Val-de-mil, Ignez respirou, como se lhe tirassem os montes visinhos de cima do coração. Bem sabía ella que não occorrêra mudança na sua sorte. Tinha só a certeza de contar ainda tres mezes de liberdade. Quem ignora que eternidade fazem tres mezes aos dezoito annos? E depois as esperanças, aquellas indefinidas esperanças, que se lhe não tiravam do sentido? Parecia-lhe que reverdeciam.

Entrou a apertar o inverno, que em taes terras vem cedo e aspero. Já se não fallava no doutor, nem no casamento, senão rara vez, como coisa irrevogavelmente assentada, e só por iniciativa do fidalgo, a proposito das obras, que eram para dispor e alargar aposentos aos futuros consortes.

Uma noite de dezembro estavam na sala de jantar o fidalgo e a morgada. Seriam oito horas já, e ainda a ceia não vinha para a mesa. Esperava-se pelo abbade, que tinha ido á villa procurar cartas e saber noticias. Offerecêra-se elle mesmo, por terem alli chegado nos ultimos dias uns rumores de estremecer, posto dal-os por extravagantes e absurdos o sr. capitão-mór.

Açoitavam de vez em quando as vidraças as rajadas da chuva puxada do sul. Ignez chegava o rosto aos vidros embaciados, a ver se na escuridão divisava o padre, que já lhe dava cuidado. O fidalgo passeiava de um lado para outro, mais impaciente que meditativo.

— Ora vejam! — dizia olhando com mortificação para a mesa posta. — Desde ás duas horas! E nós aqui feitos seus criados! Tinha tempo e retempo de ir e vir duas vezes.

— Quem sabe se lhe aconteceu alguma coisa? — observou timidamente a morgada.

— O que lhe havia de acontecer? Aquillo pregou-se em casa do procurador de S. Bento, que em principiando a dar á lingua é um nunca acabar. E mais agora, com os alvoroços que por ahi andam! Tomára saber aonde váe o padre buscar tanto disparate!

— Mas dizem que são verdades!

— Que verdades! Póde-se lá crer! Ha gente séria que dê fé a similhantes vozes? O padre foi no garrano?

— Foi.

— É um animal seguro, e que sabe o caminho a palmos. Nada, não lhe póde ter acontecido nada. Esqueceu-se com a palestra. O verdadeiro é irmos para a mesa. Já é esperar de mais.

— E se o cavallo se lhe espantasse... Com a noite que está!...

— Agora! Pensas que um garranito desmonta o padre? Não é d'esses.

— Talvez haja cheia...

— Cheia! Não viste a Ribeira como ia baixa ainda? Manda pôr a ceia, manda. Venha quando quizer. Ha de me ouvir. Não se transtornam assim os costumes d'uma casa!

Era extraordinario não estar o sr. abbade á mesa para dar as graças; mas ordenava quem podia.

Poz-se com effeito a ceia, e ia assentar-se o fidalgo, sempre resmungando, quando se sentiu um tropear de cavallos no pateo.

— Ahi está o abbade, de certo — exclamou Ignez satisfeita com a opportuna chegada.

— Se é, não vem só — ponderou o fidalgo — Quem será? Seja quem for, estamos á mesa, que entre.

D'ahi a nada assomou á porta da sala de jantar o abbade, e com elle o ouvidor, largando os capotes encharcados.

— *Benedicite!* Que noite! — disse o abbade sacudindo-se.

— Cuidei que não vinha, padre! — foi-lhe arrumando o fidalgo em ar de sotaque, apesar da presença do ouvidor.

Depois, dirigindo-se a este com a urbanidade senhoril, que lhe era innata, continuou:

— Se foi para me dar o gosto da companhia do sr. doutor ouvidor, não está só desculpado, fico-lhe agradecido.

— Agradecido ficarei eu — respondeu o intruso com egual cortezia — se me perdoar visita tão fóra de horas. E a bem dizer não é visita: venho pedir-lhe agasalho por esta noite.

— Com isso contava já. Pois com um tempo d'estes havia de tornar para a villa!

— Nem torno. Amanhã cedo sigo jornada para Villa-real.

— Grandes novidades, sr. capitão-mór — acudiu o abbade — Não lhe dizia eu? V. s. não queria acreditar!

— Ahi temos já o abbade com as suas novidades — retorquiu o fidalgo. — Guarde-as para logo. Não vê que esfria a ceia? E hão de ter necessidade de aquecer-se. Ahi tem ao pé uma garrafa da colheita de 1804. Dê-me só novas d'ella por ora. Dizia meu pae, homem de bom conselho, Deus o tenha em gloria, que novidades não prestavam senão á sobremesa. Sendo más, já não cortam o appetite; sendo boas, ajudam a digestão. Está por isto, sr. doutor ouvidor?

O ouvidor acquiesceu inclinando-se. Sentaram-se todos á farta mesa, á qual nunca fazia differença um hospede, nem mais que fossem.

Apesar da caminhada, e da hora adiantada para o costume, o abbade não parecia em maré de festejar, como de ordinario, os cozinhados succulentos da tia Brigida; o ouvidor mostrava-se preoccupado; Ignez curiosa. Só o fidalgo se desforrava conscienciosamente do tempo perdido.

Em quanto durou a comida fallou-se pouco, e nada nas taes novidades. Sabiam todos como o dono da casa era imperioso e rigido observador dos seus programmas. Não estava ainda inventado o cartaz politico.

Para o fim, elle memo chamou a terreiro o ouvidor e o abbade, evidentemente desejosos de desabafarem.

— Váe a Villa-real com urgencia, pelo que vejo — observou ao primeiro.

— Com tanta urgencia — respondeu este — que recebi o recado quando me estava despedindo do abbade na villa, e tratei logo de me pôr a caminho.

— Foi o motivo da demora — ponderou aqui o padre, inserindo habilmente a sua justificação.

— O juiz de fóra de Villa-real, que é meu amigo de Coimbra, manda-me dizer que lhe vá fallar sem demora — continuou o ouvidor — Conheço-o. As coisas que me diz na carta, e o modo porque insta pela minha ida, indica-me tudo que muito mais tem para me dizer, que só pessoalmente me póde communicar.

— Escreveu-lhe?

— Escreveu, e mandou-me copia de outra carta de um condiscipulo nosso, que está em Lisboa.

— E então?

— Aqui tudo chega tarde e desfigurado.

— É o que eu digo.

— Mas d'esta vez — interrompeu o abbade — o que se tem contado não é nada ao pé do que se confirma.

O capitão-mór, abalada a incredulidade, voltou-se para o ouvidor em ar de interrogação.

— Tem razão o abbade — proseguiu o magistrado — Entraram com effeito os francezes em Lisboa.

— Isso já se sabia — atalhou o capitão-mór — Se não é mais! ... Os francezes! Que tem os francezes? Um bando de aventureiros, como o seu imperador, esse tal Apoleão, ou Napoleão, ou como quer que seja o nome herege que lhe puzeram... um soldado, que nem fidalgo é. Queira a corte, e verão por onde váe tudo isso!

— Nem tanto assim, sr. capitão-mór... Os exercitos de Napoleão tem vencido os melhores da Europa, e não são para tratar tanto de resto... desgraçadamente.

— Venceriam... porque não eram portuguezes — ponderou com um sorriso soberbo o fidalgo — Já vejo que é pelos estrangeiros, senhor doutor!

O capitão-mór raciocinava n'esta conclusão, como ainda hoje raciocinam os politicos ferozes, que reputam parcialidade adversa tudo o que não é cegueira apaixonada.

— Deus me defenda! — protestou energicamente o ouvidor, bom portuguez, mas um pouco mais illustrado — Deus me defenda! Sou amigo da minha terra, e, porque o sou, lamento que estes invasores sejam tão perigosos.

— Invasores! Quem falla de invasores? Esses francezes, se entraram, foi por ordem e consentimento do principe regente, nosso senhor. Sua alteza que o ordena, lá tem as suas razões. Se lhe faltarem ao respeito...

— Não faltam, porque o principe e a corte já estão muito longe.

— Que me diz!

— Embarcaram na armada para o Brasil.

— Não póde ser — exclamou o fidalgo, levantando-se impetuosamente.

— Quer negar o testimunho dos que o viram embarcar?

O capitão-mór, agitado, media o pavimento a largos passos. Ignez escutava com alvoroçada attenção.

O ouvidor continuou:

— E se fosse só isso!

— Pois mais ainda?

— O general Junot, que é o commandante do exercito francez, ficou administrando as provincias da Extremadura, Beira, e Traz-dos-montes.

— Traz-dos-montes! Esta provincia... a nossa provincia... governada por um estrangeiro!

— Os hespanhoes, que entraram, uns com elle, outros depois, estão já no Alemtejo e no Porto.

— Os hespanhoes tambem!... E o nosso principe fóra... É o dia de juizo.

— Querem mandar o exercito portuguez para França, e em Lisboa arriaram a bandeira nacional no castello de S. Jorge.

A esta ultima nova, o capitão-mór estacou de repente, e voltou-se para o ouvidor. Estava branco, branco, como a toalha da mesa.

— Tem certeza d'isso? — perguntou serenamente, mas com voz tal, que Ignez assustada lhe correria aos braços, se um gesto d'elle não a tornasse a assentar transida no seu logar.

O ouvidor só respondeu tirando do bolso a annunciada carta, portadora de tão agourentas noticias, e apresentando-lh'a.

— Não é preciso — retorquiu o fidalgo recusando lel-a. Creio. Estas coisas custam a crer! Fiz mal!

Era outro homem, o capitão-mór. Angustiava-lhe o rosto viril a expressão d'uma dor grande e nobre. Havia na grave simplicidade dos seus modos

e palavras um como reflexo de magestade affrontada.

Esqueciam, juro, desappareciam todas as allusões e prosápias do fidalgo semi-rustico. Vivia alli o espirito da patria.

A conversação esmoreceu em breve. O capitão-mór reflectia. Os mais estavam contristados. Recolheu-se d'alli a pouco o ouvidor, que tinha necessidade de madrugar.

Tanto que ficaram sós os de casa, mandou o fidalgo chamar o Rodrigues, e disse-lhe:

— As criadas da sr.ª morgada que preparem tudo o que lhe pertence. O que me toca fica á tua conta. Amanhã ás cinco horas quero os cavallos apparelhados. O Alegre, que se aprompte tambem. Vamos para Lisboa!

Ficou tudo assombrado, menos a morgadinha, que lá no fundo do coração tinha um secreto contentamento!

MENDES LEAL JUNIOR

SELVAGENS DA NOVA CALEDONIA

Apesar dos constantes esforços do christianismo com as suas missões, e da civilisação com as suas conquistas, ainda ha muitos povos que se alimentam da carne de seus similhantes, para o que os matam como nós matâmos as rezes no açougue!

São d'essa raça ferina as duas figuras, de homem e de mulher, que hoje vos apresenta a nossa estampa. Habitam a Nova Caledonia, possessão franceza na Oceania, que se compõe de um grupo de ilhas no grande oceano equinoccial, a leste da Australia.

O clima é excellente, a terra mui salubre. Não ha alli nenhuma molestia endemica, nem o sol molesta insupportavelmente os europeus como em muitas outras regiões transtropicaes O solo, fertilissimo, é comparavel ao do Brasil. Todos os legumes da Europa, a vinha, o milho, a batata, o figo, etc., produz admiravelmente. A cana de assucar, o inhame, a banana, nascem alli espontaneamente sem necessidade de cultura. Tem muitas madeiras de construcção, e ultimamente se descobriram grandes minas de carvão de pedra nos arredores de Porto-de-França, que dizem ser superior ao de New-Castle.



Selvagens da Nova Caledonia. — Cabana, pêga e aranha comestivel do paiz

Em tão abençoado territorio, só os habitantes são roins, selvagens, ferozes!

Pertencem á raça negra oceanica. Tem a pelle côr de chocolate, cabello encarapinhado e mui basto, cabeça grande; mas são altos, robustos e bem postos. Como todos os pretos, são indolentes, inimigos de todo o trabalho e exercicio, excepto o da guerra, em que se mostram temerarios, astutos e ladrões cadimos. São os mais incorrigiveis anthropóphagos d'aquellas paragens, porque preferem a carne humana a toda a especie de alimento ou iguaria. Tem muita intelligencia, grande sagacidade, e não ha pretos mais ladinos do que elles. As mulheres trabalham mais que os homens, tanto no campo como em casa, e por qualquer descuido levam muita pancada. Servem os maridos como escravas, mas com muito amor; apesar d'isso, dão-lhe má vida, e não poucas vezes as matam por castigo.

Os francezes, que alli tem uma fortaleza com sua guarnição, e já hoje muito commercio de exportação, vão conseguindo desbarbarisar os novos caledonios, e parece que não são tão difficeis de domesticar, como outros muitos habitantes das ilhas do oceano Pacifico, ha meio seculo occupadas pelos europeus, mas que ainda não conseguiram corrigil-os da barbarie natural, principalmente da anthropophagia.

Alguns indigenas moços, educados em Porto-de-França, mostram aptidão para o trabalho e para o estudo, o que dá esperanças de que a raça caledonia venha a civilisar-se. Os mercadores britannicos de Sydney, que introduziram na Caledonia o uso do

tabaco, servem-se já dos indigenas para marinheiros e pescadores, e das suas forças musculares para cortar o sandalo, pau valioso de que muito abunda aquella região.

A nossa estampa é copiada de uma viagem do capitão Conneau, á Nova Caledonia, em 1858, e comprehende, além das figuras de dois indigenas, homem e sua mulher, o desenho de uma especie de barretina que elles usam; da cabana em que habitam; de uma pêga que sempre tem em casa; e de uma especie de aranha chamada *nuki*, que elles chupam e comem, como nós comemos camarões. É entre aquelles selvagens um desenjoativo muito appetitoso?

Não é isto de admirar, porque o padre Kircher, na sua *China Illustrada*, conta que na corte do grão-Mogor, conhecêra um rapaz que era ophióphago (isto é, papa cobras); e que além d'isso comia quantos bichos havia. O padre, julgando a principio que era fabula, pediu a uns muchachos condiscipulos do rapaz, que lhe trouxessem, sem o elle saber, quantas cobras e lagartos podessem ajuntar, fechados n'uma cesta. Assim se fez. O rapaz, ou fosse por sympathia, ou porque lhe deu o faro, logo presentiu que alli vinham as suas iguarias deliciosas. Arremetteu (conta o padre em bom latim) á cesta, arrombou-a, e pegando pela cauda das serpentes e outros bichos que alli vinham (alguns mui venenosos), um por um os foi trincando e engolindo vivos como estavam, sem deitar nada fóra, com taes gestos de gana e bom sabor, como se um guloso cá da Europa estivesse comendo trouxas de ovos; e entretanto se ria do padre, que estava admirado e com enjôos de estomago.

Bem certo é que em gostos não ha disputações, como diz o ditado, e rimou o nosso bom poeta Sá de Miranda, n'esta quintilha:

Comes tubaras da terra,
Eu não as posso comer.
Não haja por isso guerra;
Nenhum de nósoutros erra:
Come o que te bem souber.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 95)

IV

Depois de termos mandado para a imprensa as ultimas provas do capitulo antecedente, recebemos do sr. João Pedro da Costa Bastos, peritissimo official diplomatico da Torre do Tombo, e nosso collega na redacção do Diccionario Portuguez, de Ramalho, a seguinte nota, que tira todas as duvidas, se por ventura restasse alguma, sobre se ter concluido a casa dos Bicos.

Depois do terremoto de 1755, mandou o marquez de Pombal fazer um tombo geral das propriedades da cidade Lisboa, para se regularem as novas edificações, e tambem as reedificações e aforamentos.

No tombo do bairro da Ribeira (Liv. 2.º fol. 9) está a medição das propriedades da praça da Ribeira, começada em 28 de fevereiro de 1756, sendo inspector da medição o desembargador João Ignacio Dantas Pereira, e engenheiros os capitães Gregorio Rebello Guerreiro Camacho, Francisco José de Mello e José Monteiro de Oliveira. Ahi se acha medida e descripta a casa dos Bicos pelo seguinte modo:

« Propriedade de Francisco Xavier de Mello, chamada dos Bicos, que tem de frente noventa e tres palmos e dois terços; e de fundo, athé á *rua do Albuquerque*, noventa e seis palmos, com loge, sobreloge e *dous andares*, com paredes commuas com as vesinhas. »

Aqui estão pois tiradas todas as duvidas. A casa ou palacio dos Bicos tinha dois andares, o andar nobre e outro por cima. Ainda mais se deduz, ser esta casa de tal ordem, que, apesar de haver alli tanta casaria afidalgada, esta, pelo seu edificador, deu nome á rua, para a qual suppomos que tinha a entrada principal, e as armas que daremos copiadas no seguinte numero.

No curioso « Mappa de Portugal » de João Baptista de Castro, edição de 1763, vem mencionada entre as ruas que havia na freguezia da Sé, antes do terremoto, a do Albuquerque. É a que hoje se chama do Almargem, e se prolonga com a das Canastras. Para esta rua do Almargem tem porta o armazem do sr. C. Lopes da Silva, que foi de certo a principal da casa dos Bicos, e ainda se lhe vêem as hombreiras lavradas no mesmo estilo das que deitam para a actual rua dos Bacalhoeiros.

A face revestida de bicos de cantaria, que deitava para a ribeira ou praia, conjecturámos ser as costas da casa, com sua serventia para o mar, o qual d'antes se espreguiçava alli pela terra dentro. E tanto assim parece, que as portas d'este lado são muito mais acanhadas que as da frontaria para a antiga rua do Albuquerque, hoje do Almargem.

Dando como resolvido o quesito sobre se a casa dos Bicos se havia ultimado ou não, passemos ao 3.º que é:

Teve ou não teve diamantes?

Já dissemos que a tradição dava como certo terem aquelles bicos seu diamante, falso dizem alguns, encravado em cada ponta. Não ha porém nenhum indicio de tal, segundo se póde verificar pela inspecção ocular. Que o edificador se jactasse de que os podia ou havia de pôr alli, não nos parece inverosimil, a conjecturarmos pelo seu caracter e riqueza. O mais certo, porém, é que tal nome se lhe désse, pela feição de ponta de diamante que tinham os bicos de pedra que revestiam aquella frente da casa para o mar. Pela mesma analogia se chama diamante a uma peça de pau, cuja ponta triangular fica entre os eixos da moenda das canas de assucar, nos engenhos do Brasil.

Entretanto temos um documento que poderia suscitar duvidas, se a coisa não fosse tão absurda. É uma carta do celebre e elegante auctor classico D. Francisco Manuel de Mello, escripta ao auctor, tambem classico, da *Vida de D. João de Castro*, Jacinto Freire de Andrade, da prisão do castello, em 28 de novembro de 1638. Dando-lhe parte de que ia ser solto, escreve o seguinte:

« Já tomei casas, e na Ribeira, peor que na praça [1], e junto aos *Diamantes*. Será porventura esta a pena que me dessem por meus delictos, velos e desejalos, á maneira d'aquella agua e d'aquellas maçãs de Tantalo. »

« Mas é muito para considerar, *que estas casas se chamam egualmente dos Bicos que dos Diamantes*. Tudo deve de ser uma mesma coisa, os diamantes e os bicos, para os que os tem e para os que os desejam. »

Á vista d'esta lamentação da cubiça mal affortunada, poderá alguem suppor que D. Francisco Manuel soffria realmente, como elle diz, o supplicio de Tantalo, vendo tanto diamante, e não os possuindo.

Faça cada qual as supposições que quizer, que nós fazemos conta que tudo isto se resolve n'uma das muitas satyras feitas ao bastardo de Affonso de Albuquerque.

Passemos ao 4.º quesito, que em parte fica respondido com as ponderações que acabâmos de fazer.

[1] Allude certamente ao proverbio: Quem faz casa na praça, uns dizem que é alta, outros que é baixa. Isto mostra que o sitio era dos mais fallados, como hoje, por exemplo, o Chiado.

N'este 4.º quesito, se pergunta — porque se chama a esta casa dos Diamantes, em escriptos quasi coevos da sua edificação, não os tendo ella tido, como se affirma agora?

O primeiro escripto que encontrámos, onde se falla n'esta casa, é o «Livro da armaria Universal» manuscripto da Bibliotheca publica de Lisboa. A fl. 207 estão blazonadas, com as côres proprias, as armas dos Albuquerques, e por baixo, em letra do seculo XVII: *Assim estão nas suas notaueis casas dos diamantes da Ribeira de Lisboa.*

Os *Estrangeiros no Lima* egualmente lhe chamam dos Diamantes, como já citámos. D. Francisco Manuel, na carta já mencionada, diz que se lhe chamava *egualmente* dos Bicos e dos Diamantes. A doação de 1649, que já transcrevemos, chama-lhe dos Bicos, e assim todos os impressos e manuscriptos posteriores a esta data. Fôra curioso vermos como a denominava o proprio Affonso de Albuquerque no seu testamento; mas d'elle não podémos alcançar mais que a verba tocante á trasladação dos ossos de seu pae, do convento da Graça de Lisboa para a egreja de Azeitão, a que n'outro capitulo havemos de dar cabida.

O certo é, que a denominação de casa dos Diamantes trocou-se pela dos Bicos, talvez depois da morte do edificador, em 1580. Alguem nos deu já a razão, e foi, que fallecendo Affonso de Albuquerque, os diamantes dos bicos da sua casa da Ribeira entraram em partilha, e cada um dos herdeiros levou o seu quinhão, ficando só as pontas ou bicos de pedra, parte dos quaes ainda hoje alli se conservam, e por estes foi desde então, e ainda hoje é conhecida a celebre casa, até que venha algum novo senhorio levantar o predio, e apagar de todo esta antigualha, cujas paredes foram levantadas com os soldos e moradias do grande conquistador e fundador do imperio oriental da nação portugueza no seculo XVI.

Ao menos valha-nos a certeza de que deixâmos aos nossos vindouros uma copia exacta d'esta casa monumental, nas paginas do *Archivo Pittoresco.*

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Continuando as observações que já temos feito, ácerca da regencia das preposições, na construcção grammatical da nossa lingua, notaremos hoje, que tendo alguns grammatistas escripto, que o verbo contentar apenas admittia depois de si a preposição *com*, sem darem outra razão mais que a de não haverem encontrado nos classicos outro régime, cumpre refutar similhante assersão, que provêm de ignorancia ou de leviandade.

Que pela maior parte se acha nos classicos o verbo contentar seguido da preposição *com*, é certo; e parece ser esta a que lhe convem e teve primordialmente. Mas como a preposição *de*, tem muita applicação, por euphonia, e faz as vezes de outras muitas, da lingua portugueza, nos melhores escriptores antigos e modernos, vemos usada, ora uma, ora outra, segundo melhor sôa na oração.

Por exemplo, Vieira diz no mesmo sermão (t. 11. n. 223):

«Contente-se cada um *de* crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu. No ar contente-se a andorinha *com* ser andorinha. No mar contente-se a rémora *com* ser rémora. Na terra contente-se a formiga *com* ser formiga.»

Vê-se que na primeira oração usou da preposição *de*, para evitar a dissonancia, a asperesa, e talvez o equivoco, se dissesse *com crescer*. D'aqui devem tirar exemplo os principiantes, para substituir ou transpor as diversas partes das orações, quando virem que do contrario se não póde alcançar a suavidade e harmonia genial da nossa lingua, pois para isso tem faculdade concedida pelas leis grammaticaes, e auctoridade dos bons escriptores. Ainda mais. João de Barros que, além de classico foi auctor da segunda grammatica que se imprimiu da lingua portugueza, frequentemente emprega a preposição *de* em vez de *com*, depois do verbo contentar; como por exemplo, no panegyrico da infanta D. Maria, pag. 18: «Não se contentava (a infanta) *de* lhe fazer tanta vantagem nos bens, etc.»

Tambem achámos este verbo regido com a preposição *em*, só n'um auctor, mas de bons quilates, que tal é, e será sempre, em quanto se fallar portuguez, D. Francisco Manuel de Mello. Se não foi erro de imprensa, póde servir de escudo. É nos *Apologos Dialogaes*, o primeiro, dos «relogios fallantes»:

«Nenhuma arvore vereis que se contente *em* ficar no estado em que a plantaram.»

Inclinâmo-nos a crer que foi erro de imprensa, porque tão primoroso escriptor, não repetiria a mesma palavra n'uma sentença tão curta.

Entretanto não quizemos occultar este exemplo, para se archivar, e nos servir, a seu tempo, no proseguimento do intricado estudo da regencia das preposições da nossa lingua, auxiliados pela grammatica inédita do joven professor da eschola normal de Lisboa, o sr. Julio Caldas, á qual já temos alludido.

O CAMELEÃO

Já descrevemos o burro e o camelo, animaes que servem para simile do homem estupido; agora vamos tratar do cameleão, que egualmente se toma por typo do adulador, do cortezão, do aulico; e actualmente dos politicos e jornalistas que mudam frequentemente de opinião e partido.

É certo que o cameleão muda continuamente de côr, o que deu origem ao proverbio, commum em todas as lingnas: «Variavel como o cameleão.» Todos repetem este proverbio, mas poucos tem conhecimento exacto das causas que determinam esta variação. Em poucas palavras o explicaremos, segundo as observações dos naturalistas e physicos modernos.

O cameleão é uma especie de lagarto, tendo a cabeça desproporcionadamente grande, a modo de peixe, com focinho comprido. É quadrupede, mas nos seus movimentos tão vagaroso, que mais se arrasta do que anda. Por isso fórma, na ordem dos reptis, uma especie á parte.

Tem cauda comprida, conica, nervosa e recurvada na ponta. A lingua é tão longa, que tem o comprimento do corpo do animal, e termina por um tuberculo viscoso, com o qual apanha os gafanhotos, moscas e outros insectos de que se alimenta, fazendo da lingua o mesmo que o elephante faz da tromba.

A pelle é granulosa, mosqueada, lisa, avelludada e fria ao tacto.

Habita em todas as regiões quentes, na Asia menor, na Syria, no Egypto, na Africa septentrional, e tambem no meio-dia da Hespanha.

Os auctores não são conformes na orthographia do nome do cameleão. Os gregos e latinos, e á imitação d'elles os nossos, escrevem *camaleão*, e assim anda nos diccionarios portuguezes, dizendo que se deriva de *pequeno leão*, pela analogia que tem este reptil, nos seus movimentos, com o rei dos animaes.

Todavia os modernos escrevem *cameleão*, dizendo que este nome se deve formar dos dois substantivos, *camelo e leão*, porque o cameleão se assimilha mui-

to ao camelo por ter o lombo corcovado, e a cauda conica. Esta orthographia é a que está hoje adoptada na sciencia.

A faculdade que tem o cameleão de mudar de côr, deu origem a muitas fabulas, e grande celebridade a similhante animal, cançando-se muitos sabios em explicar este phenomeno, desde Aristoteles na Grecia, até Brücke na Alemanha, o qual escreveu um livro inteiro a respeito do cameleão!

Eis em resumo o que diz este sabio naturalista.

« A propriedade que tem o cameleão de mudar a côr, depende de muitas circunstancias. Mas é hoje averiguado, que resulta da influencia da luz solar ou artificial, mais ou menos intensa; e tambem, até certo ponto, da temperatura e do estado hygrometrico do ar que cérca o animal. Influem tambem para isto as sensações que elle experimenta. »

Por esta simples indicação, feita em resultado de repetidas experiencias, para as quaes o auctor teve á sua disposição uma duzia de cameleões por muitos dias, se prova que este brutinho tem sido calumniado até hoje, attribuindo-se-lhe a mutação das suas côres a certa manha, similhante á dos aduladores, que tomam a côr e sabor dos que elles cortejam.

Dizia-se que o cameleão tomava a côr dos objectos a que se aproximava, ou que o dominavam. É falso, segundo as recentes observações da sciencia. Não muda senão por influencia invencivel da luz. Exposto ao sol, faz-se quasi preto; estando ás escuras fica pardo; e a meia luz reveste-se de tanta variedade de côres, que não ha mais bello matiz em toda a natureza.



O cameleão

É para notar, que isto mesmo que publica actualmente o sabio naturalista allemão, de européa fama, o tinha escripto já, no principio do seculo passado, um fradinho portuguez, fr. João Pacheco, da ordem dos agostinhos calçados. Vejam quão desconhecidos e ignorados andam os nossos bons auctores!

Brücke diz tambem que as paixões do animal actuam sobre a mutação da sua côr. É tambem o que affirma fr. João Pacheco n'estas poucas palavras:

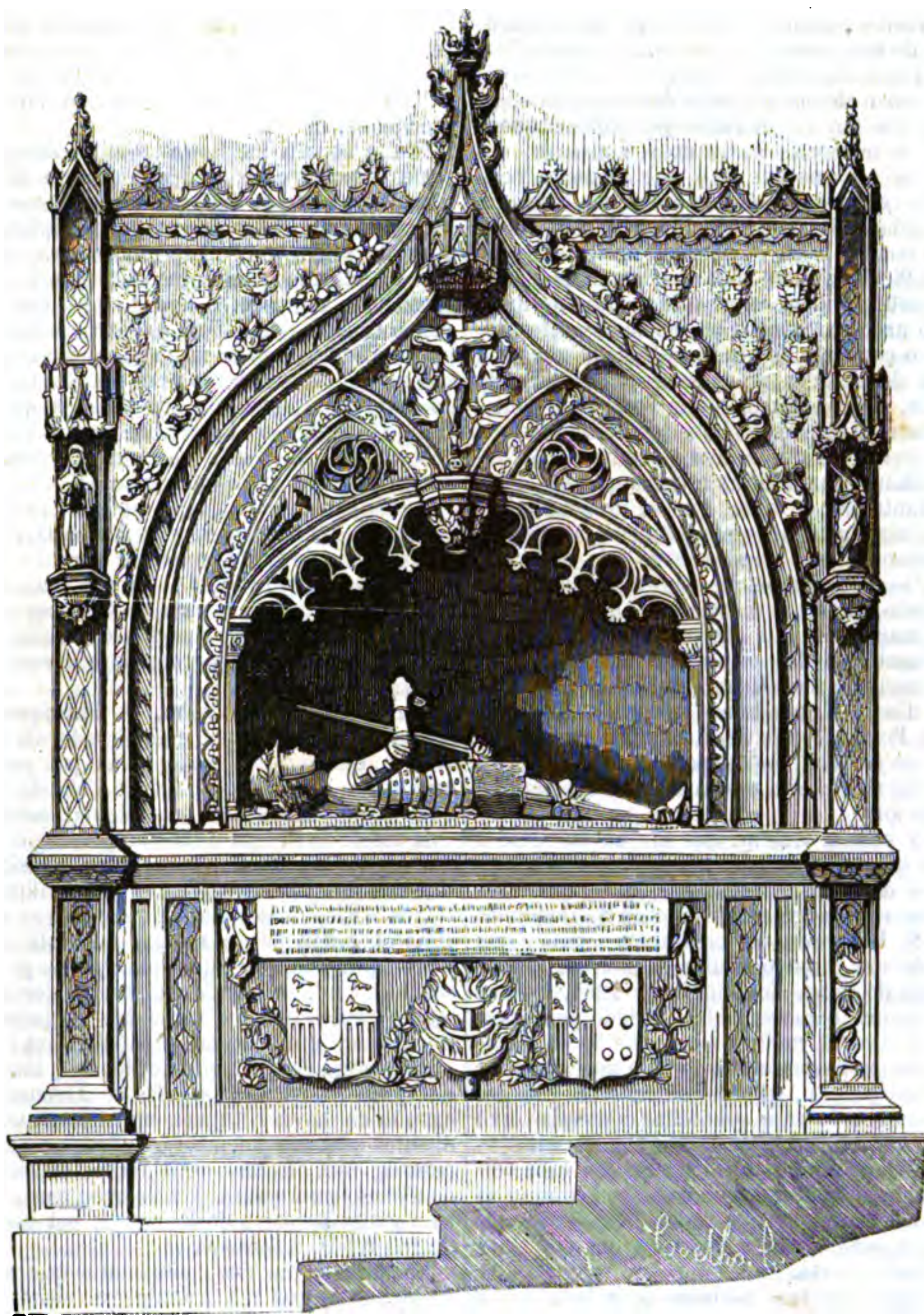
« Querem alguns que a diversidade das côres do cameleão seja effeito das paixões que o movem; e dizem que, estando alegre, se deixa ver de côr tirante a verde esmeralda, entresachada de listões pardos e negros: irado se faz escuro e livido: estando com medo se faz pallido, ou amarello desmaiado. »

Outro falso testimunho levantaram os antigos ao cameleão, e foi dizerem que se sustentava do ar. N'isto não se parecia elle com os politicos e cortezãos, que são todos de muito comer.

Já o nosso auctor tinha asseverado ser fabuloso dizer-se que o ar era o alimento do cameleão, e que com a boca aberta bebia os raios do sol. O que é certo, continúa o nosso frade, é que vive de insectos que apanha com a lingua, sempre cheia de humor viscoso, despedindo e recolhendo, com admiravel velocidade e destreza, este glutinoso instrumento da sua caça.

O cameleão que representa a nossa estampa, foi ultimamente desenhado do natural, em Montpellier, por mr. Charles Nove.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Tumulo de D. Duarte de Menezes — Desenho de Bordallo

D. DUARTE DE MENEZES

I

Se, como diz o ditado, pelo dedo se conhece o gigante, a sepultura que desenha a nossa estampa encerra apenas um dedo do mais esforçado dos conquistadores d'Africa, no seculo xv, capitaneados por el rei D. Affonso v de Portugal.

D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, primeiro capitão e governador de Alcacer Ceguer, no imperio de Marrocos, saindo de Ceuta com D. Affonso v a rebater os mouros, foi por elles feito em pedaços, na serra de Bonacofú, de tal maneira que não se achou mais que um dedo, que a condessa sua mulher e filhos depositaram n'esta rica sepultura, erecta no cruzeiro da egreja do convento de S. Francisco de Santarem, onde se conserva por em quanto, apesar de secularisado o templo, que está servindo de aquartelamento militar.

Antes de relatarmos as façanhas d'este grande capitão d'Africa, ouçamos o que diz, do seu mausoléo, o classico e severo chronista da religião seraphica, fr. Manuel da Esperança.

«N'esta populosa villa, cujas grandes excellencias descreverão outras pennas, na ponta de uma planicie, pouco distante dos muros, temos um grave convento, que mostrando sumptuosa magestade, não

sómente é capaz de maior numero que sessenta religiosos, como tem de ordinario, mas tambem precedendo a outros mui antigos, tem o terceiro logar em dignidade na nóssa santa provincia.

Aconteceu-lhe porém a desgraça, que não é singular n'elle, de não contar com certeza o anno determinado em que lhe démos principio. E não culpâmos agora só o descuido antigo de nossos antepassados, mas um terrivel incendio que abrasou quantos papeis e memorias havia no seu archivo, dos quaes não se reformaram mais que algumas escripturas, cuja copia se tirou dos livros das notas em que estavam lançadas, por carta d'el-rei D. Affonso IV, dada em Coimbra a 13 do mez de abril, anno de Christo 1338. E n'outro fogo que se accendeu no anno de 1600, tambem estas se houveram de queimar, como arderam muitos papeis mais modernos, se quando o convento acceitou a regular observancia não foram depositados no mosteiro das freiras de Santa Clara, onde achámos muita parte dos principaes documentos que agora havemos de allegar.

D'estas trevas em que estava a fundação do convento, resultaram as noticias erradas que se deram ao bispo Mantuano; a saber, que foi de templarios, e que estes em Portugal foram extinctos, antes que n'elle entrasse a nossa religião. Mas tudo isto é falso, porque os ditos templarios nem tiveram em esta villa convento, senão na egreja de Alcaçova, nem assistiram mais n'ella que até ao anno de 1159, no qual se passaram todos ao castello de Ceras, como se vê claramente pela «Monarchia Lusitana».

Demais d'isso, já nós temos advertido como entrámos em Portugal pelo anno de 1214; e elles foram extinctos em 1311 no tempo do nosso rei D. Diniz. Pelo que não foi seu este convento, mas nós lhe démos principio.

Buscando pois a origem, nos sáe ao encontro a concordata que fez el-rei D. Affonso III, e nós ainda havemos de referir, repartindo as egrejas e ermidas d'esta villa entre o convento de S. Domingos e este de S. Francisco, em ordem aos sermões que os frades de um e outro n'ellas haviam de prégar pelo decurso do anno. Foi feita no de 1260, e quem d'ella arguiu que o convento foi fundado pouco antes, melhor dissera muito antes, pois havia grangeado por tempo bastante tão grande acceitação no particular do pulpito, que os visinhos da villa levantaram em seu favor as sobreditas contendas, que já haviam cursado, e então se decidiram. Demais d'isto, já no anno de 1251 tinha o mesmo convento edificios e horta, quando no mez de setembro um frei Vasco, não declarou de que ordem, lhe fez doação de um olival, onde dizem a *Pedreira*, que entestava com a sobredita horta.

D'este anno para trás havemos de ir buscando o tempo da fundação, e ainda que não temos escriptura que nos guie, uma tradição constante de ser el-rei D. Sancho II seu principal fundador, nos faz passar pelo anno de 1246, no qual elle foi privado do governo. Mas não podémos chegar ao de 1240 em que as emparedadas ou beatas (que são freiras agora de S. Domingos) antes de nós tomarmos casa, começaram a florecer n'esta villa. Pelo que dando a tudo inteira satisfação, no de 1232 principiámos este convento real, até se offerecer outra certeza maior.»

No capitulo que se intitula: *Varões illustres sepultados n'esta casa, e alguns epithaphios notaveis*, diz o seguinte a respeito do nosso heroe:

«Descendo agora do côro para a egreja, na capella do appellido das Almas, se ajuntou uma multidão notavel de portuguezes illustres, que por todos os caminhos ennobreceram a patria. Aqui se vê a memoria do famoso D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Vianna, tronco dos condes de Tarouca, primeiro capitão de Alcaçar Ceguer, e raio que abrasava os exercitos de Africa. Aquelle que de dez annos já saía a suas escaramuças; que com quinhentos soldados sustentou o sobredito Alcaçar contra cem mil combatentes; que tendo muitos encontros sempre ficou vencedor, e que veiu a morrer com maior gloria na serra de Benacofú, por salvar a pessoa do seu rei D. Affonso V, que esteve arriscado n'uma invasão precipitada de mouros.

N'esta capella lhe levantaram tropheo; e não diremos sepulchro, porque não encerra dentro senão sómente um *dente* que sua mulher nas despedidas guardou. Consiste o principal do tropheo n'uma figura de pedra que o representa vivo, armado todo, deitado em uma çarça com ramos de bolotas, apunhando a espada, e coroado de louro. Não apparecem elogios, nem fallam as pedras mudas; que não podia cifrar-se, ainda em maior campo, o menor da sua gloria; mas fallarão para sempre as escripturas do reino que celebram o seu nome. A dita sua mulher, D. Isabel de Castro, se lançou aos seus pés debaixo de uma pedra, que sómente pelo brasão de seu sangue nos manifesta quem é.

Aqui o está acompanhando uma larga e illustre descendencia. Queremos dizer, seu filho D. João de Menezes, prior do Crato, conde de Tarouca, aio e mordomo mór do principe D. Affonso, que morreu em Santarem da quéda de um cavallo, por quem disse el-rei D. João II, justificando as mercês que lhe fazia: *Sirvo-me d'elle, porque me falla verdade, ainda que me desgoste.*

Seu neto, por este filho, D. Henrique de Menezes, capitão em Tanger, e governador da casa do civel em Lisboa; tão prudente na paz como valente na guerra. Seu bisneto D. João Tello de Menezes, o qual sendo embaixador em Roma, para impetrar com maior facilidade o insigne privilegio das almas, que logra esta capella, todos estes depositos de seus illustres antepassados allegou ao pontifice.»

Nos «Elogios dos varões e donas que illustraram a nação portugueza» se diz, que este tumulo não tinha epitaphio, mas que quando nos principios do seculo actual, os frades mandaram alargar e reformar a capella, se lhe escrevêra no painel anterior o seguinte, que a nossa estampa accusa:

«Memoria de D. Duarte de Menezes, terceiro conde de Vianna, tronco dos condes de Tarouca, primeiro capitão de Alcacer Ceguer em Africa, que com quinhentos soldados defendeu esta praça contra cem mil mouros, com os quaes teve muitos encontros, ficando n'elles sempre vencedor. Morreu com grande honra e gloria na serra de Bonacofú, por salvar a vida de seu rei D. Affonso V.»

Sendo este um dos monumentos que não deixam de visitar os que vão a Santarem, visitantes que de dia para dia crescem com a facilidade de transito pela via ferrea, julgâmos conveniente divulgar mais algumas particularidades da vida d'este heroe portuguez, a qual n'um volume de folio se conserva, manuscripta, na bibliotheca nacional de Lisboa. Fal-o-hemos no seguinte numero.

É muito difficultoso dar razões ao estomago, que não tem ouvidos. Desenganem-se pois todos os que tem subditos á sua conta, que se lhes não taparem a bocca, dando-lhes de comer, não lh'a poderão tapar impedindo murmurações. Governar e dar pão, são officios annexos e inseparaveis. Tanto que Christo deu pão ás turbas no deserto, logo o quizeram fazer rei.

PADRE MANUEL BERNARDES

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 98)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

VII

PRIMEIRAS LAGRIMAS

Encerrou-se o capitão-mór nos seus quartos, e poz-se a escrever para Villa-flor aos morgados de Royos.

Bem se ha de presumir o que elle mandaria dizer ao futuro genro e seu pae. A partida para Lisboa implicava forçosamente o addiamento da boda, e d'isso os prevenia. Os projectos de alliança subsistiam como d'antes, e mais do que nunca desejava realisal-os. As novas e incriveis occurrencias alteravam porém as tenções feitas, e os esponsaes teriam provavelmente de celebrar-se na corte, tanto que as circunstancias o permittissem. O fidalgo fallava d'estas modificações como inevitaveis consequencias d'uma resolução que não explicava.

Fez depois o seu testamento. Sem esta precaução ninguem n'essa epocha se atirava ás setenta e tantas legoas, que se dilatam d'aquellas comarcas até á capital.

Com menos cautas disposições se váe hoje á India, e tal se embarca para montar o Cabo d'Horn que não julga necessario precaver-se tanto. O vapor e a electricidade, conspirando contra as distancias, e pondo tudo ao pé da porta, fazem-nos sorrir d'esta excessiva circunspecção. Nossos avós estavam ainda muito longe d'esta geração andeja, e setenta legoas afiguravam-se-lhes um espaço incommensuravel, retalhado de aridos desertos e solidões profundas, povoado de trevas e mysterios, que um homem temente a Deus devia prudentemente advertir e acautelar.

Eu sou do meu seculo, e ando com elle, mas não rio d'aquellas previsões. Pois não é tudo instavel n'este mundo, e não está ahi repetidamente a morte a avisar-nos e persuadir-nos a incerteza de todos os nossos movimentos e projectos, de um para outro dia, de um para outro passo?

Ainda não luzia a manhã, mandou o fidalgo chamar o abbade, e fechou-se com elle.

— Padre — disse-lhe, em quanto este bocejava, e esfregava os olhos estremunhado — deixo-lhe a casa entregue, e este papel.

Era o testamento fechado e lacrado.

— Se nos acontecer alguma coisa, leve-o a Villaflor, e entregue-o ao doutor Montez. Elle lhe dirá o que ha de fazer. Estas cartas são tambem para lá, mas ha de mandal-as immediatamente. Toma bem sentido?

— Todo o sentido: póde v. s.ª descançar.

— Mande-me accender a banqueta da capella. Antes de partir, vamos lá fazer oração, eu e a sr.ª morgada.

— Vou já...

— Escute. D'aqui a meia hora basta. Tenho ainda que lhe dizer.

— Estou ás ordens de v. s.ª

— Sabe porque vou para Lisboa?

— Não sei, nem me compete averiguar.

— Pois é preciso que o saiba. Ajudou, tanto monta, a criar a sr.ª morgada, e como a seu mestre, e pessoa de conselho, quero fallar-lhé.

— Ouvirei.

— Ignez é uma menina, e aqui não ha quem a proteja.

— Não estamos nós todos! E proteger de que?

— Do que possa occorrer.

— Que melhor protecção póde ter uma donzella do que a de seu pae?

— Assim é. Mas se eu tiver de a deixar?

— V. s.ª! Porque?

— Porque! Não ouviu as noticias do ouvidor?

— A tormenta anda longe. A nossa provincia está em socego, Deus louvado; e não é de esperar...

— Quem sabe? Está... por ora. De um momento para o outro, póde transtornar-se tudo. E se eu não estiver cá, repito? Se ella tivesse ainda sua mãe... Mas não tem, e um homem... sobre tudo um homem da minha condição e no meu estado... tem outras obrigações tambem... É bom acautelar a tempo! Se os francezes entrassem por ahi dentro!... Sabe lá o que faz a soldadesca!... E d'aquella então!...

— Que ha de fazer, se estamos em paz?

— Em paz, abbade!... com a nossa bandeira insultada, o nosso principe por esses mares de Christo, a nossa terra enxovalhada, e sabe Deus o mais que virá! Quem chama paz a isto, e quem ha de querel-a? Sou pae, mas sou portuguez.

O padre curvou a cabeça; o fidalgo continuou:

— Tenho em Lisboa uma sobrinha, casada com um desembargador. É pessoa de meu sangue, e não tenho já outra tão chegada. Vou entregar minha filha nas suas mãos. Não póde ter melhor abrigo. Que lhe parece?

O abbade reflectiu longamente. Pensava elle que esta ida á corte, na disposição de espirito em que a sua perspicacia presentia a menina, podia ser fatal aos projectos do fidalgo, relativamente ao estabelecimento d'ella. Ponderava porém ao mesmo tempo que similhantes razões agradariam pouco ao pae, e difficilmente seriam por elle apreciadas. Preferiu, portanto, oppor objecções menos directas.

— Eu sei! — respondeu — Em Lisboa... em Lisboa justamente estão os francezes!

— Pensei n'isso. Mas n'uma cidade, n'uma capital como aquella, e n'uma casa recatada, debaixo dos olhos de uma senhora de estimação, está de certo mais guardada do que n'estas terras pequenas, e em poder de criadas.

— Sempre era outra cousa ao pé de v. s.ª!

— Não lhe disse já, homem, que bem podia ser que tivesse de a deixar aqui só...? Eu cá me entendo.

Via-se que o fidalgo reservava para si uma parte dos seus projectos — a mais essencial pelos modos.

— Deixal-a só — continuou estremecendo — só, e exposta aos azares que... ai! padre, que me resfria todo esta idéa! Que podia fazer... que havia de fazer com similhante cuidado e sobresalto? É caso decidido. Foi a primeira lembrança, e sempre ouvi dizer que é a melhor. Está tudo quieto, é verdade. Mas depois... lá para o diante... com a gente á sôlta, e aqui tão fóra de mão! Em o fio se embrulhando, quem ha de pôr cobro... Lembrou-me deixal-a n'um convento. Mas qual? Mas onde? E depois tenho ouvido...

— Calumnias — accudiu o padre, por espirito de corporação.

— Serão. E os conventos estarão livres tambem? Não ha exemplos...? Quem sabe? Tudo incertezas. N'uma corte sempre se tem outro respeito... A jornada ha de ser comprida... É longe... mas a final é o mais seguro. O marido de minha sobrinha, pelo seu officio, anda fóra d'estas contendas. Em nenhuma parte a deixo mais descansado.

— Sendo assim...

Cedia o padre como cede quem vê a inutilidade de contrariar a resolução de uma pessoa cuja tenacidade conhece.

— Fico livre depois — proseguiu o fidalgo — e será o que Deus quizer. De caminho observo o que ha, e talvez não seja tempo perdido. Torno por aqui

breve. Na minha ausencia, cuide-me d'isto. O rendeiro de Caldebois deve um anno. Teve boas colheitas e agora póde pagar: aperte com elle. Cá lhe deixo procuração para me tratar de tudo.

— Se v. s.ª volta...

— Volto, mas de passagem. Encarrego-o da administração por um pouco de tempo.

No lagar não falta nada, que me lembre. Se fôr necessario alguma coisa, dê as providencias: conhece os costumes. Depois me dará contas. O murzello e o castanho rodado ficam. Vigie-m'os bem. Repare nas ferragens. Passseie-m'os de vez em quando. Hão-de-me ser precisos. Tenha-me cautela com o Estrada, bem sabe o estouvado que é.

— N'esses pontos póde ir v. s.ª sem cuidado. Olharei por tudo como se fôra meu proprio. Não é a primeira vez...

— Isso espero. Lá ouço rumor por baixo. D'aqui a pouco estamos a caminho. Agora me lembra... Póde-nos dizer missa antes de abalarmos?

— Estava para lh'o offerecer.

— Bem. Preparo-me n'um credo. Aqui tem as cartas. Ahi ficam os mais papeis. N'aquella carteira está o dinheiro. Tome a chave. Até já.

Saíu o padre para ir tratar da missa. O fidalgo, ultimadas estas disposições, só cuidou em arranjar-se para a jornada.

Pensando bem no caso, as duvidas do abbade eram bem mais prudentes do que a resolução do capitão-mór. Mas quem havia de tiral-a da cabeça a homem tal?

Produzira-lhe a primeira impressão um terror cheio de apprehensões, todas relativas á filha estremecida. Desde então não viu mais nada.

Por um lado não eram absolutamente destituidos de fundamento os receios, que o faziam tomar a precaução de ir depositar Ignez em Lisboa; e a escolha de uma parente chegada era plausivel. Por outro lado, e este era o principal, a situação da residendencia, tão afastada de todo o movimento, e o amor e respeito dos visinhos melhor talvez acautelariam o perigo, que ia assim provocar.

Isto calcularia provavelmente um juizo mais esclarecido e menos obstinado. Mas eu já disse o que era o capitão-mór. Todo instincto. O instincto levava-o ás cegas.

E as tenções que occultava? Tambem essas provavelmente influiam.

A conferencia com o abbade foi, a bem dizer, um descargo de consciencia. Não podia passar sem este desabafo. Tinha elle scismado mais aquella noite do que em vinte annos da sua vida. Como não desafogaria?

A noticia da partida subita do fidalgo e da morgada fôra logo transmittida pelos familiares da casa á povoação. Era o maior alvoroço que, de muitos annos atrás, alli havia.

Quando a ermida se abriu, e a sineta deu signal de missa, já todo o povo estava á porta. Velhos, mulheres e crianças tinham madrugado, ainda mais do que o costume, para se despedirem dos amos de Val-de-mil.

Entrou tudo para ouvir missa tambem.

Não tardaram os fidalgos. O capitão-mór vinha grave e triste, a morgadinha, apesar de tudo, trazia os olhos pisados. Era uma consternação geral.

As separações inesperadas são sempre dolorosas. Toda a quebra de antigos e arreigados costumes é uma cruel violencia. Qual é a primeira ausencia que não deixa profundas saudades? Ai! custa o primeiro adeus aos sitios, aos homens e ás coisas da nossa infancia, custa devéras. Embora se diga que é por pouco tempo: penalisa como as grandes angustias. Quem sabe o futuro? O futuro a Deus pertence! Parece que se principia outra vida.

Assistiu o fidalgo ao santo sacrificio com recolhimento e devoção maiores que o ordinario, e não é dizer pouco em homem tão sinceramente christão. Desentranhava-se-lhe a alma em supplicas ardentes pela filha e pela patria. Por qual primeiro? Nem elle sabia.

Era bello ver alli contrito e humilde aquelle typo de força e orgulho!

Havia lagrimas em muitos olhos. Nenhum dos circunstantes daria a razão. Muitos allegariam presentimentos. De que? Fossem lá adivinhal-o...

O mesmo abbade, nada propenso a ternuras, pronunciou o: *Orate, fratres* com voz mal segura; e quando, acabada a missa, pediu as *Avè Marias* pela boa jornada dos fidalgos, e socego do reino, mastigou as palavras de modo que mal se lhe percebiam.

Poucas vezes se terá rezado com tão piedoso fervor como n'aquella occasião, e poucas solemnidades poderiam ser mais agradaveis a Deus do que esta missa matutina, ouvida por uma povoação rustica, n'aquella ermidinha desornada. Ia jural-o!

O capitão-mór e a morgada voltaram ainda a casa para tomar alguma refeição. Estava já tudo prompto.

Era a manhã cerrada de nevoa. Os cavallos escarvavam impacientes a terra. A matilha dos cães, presos á trella, e fechados na colmada, uivava lugubremente.

Á saída apinhava-se a gente no pateo. Ignez, póde dizer-se, foi levada ao collo das mulheres, que se desfaziam em exclamações chorosas. Os velhos do logar rodearam o fidalgo, e o mais ancião, quasi centenario, pediu-lhe licença para o abraçar em nome de todos.

Não sei eu de coração empedrenido, que podesse resistir ao pathetico ingenuo d'esta scena singelamente amoravel.

O capitão-mór apressou as despedidas por já não poder. Mettendo o pé no estribo, balbuciou com magoa mal reprimida:

— Eu volto, filhos, eu volto.

Tinha um nó na garganta: deu de esporas, para disfarçar a commoção.

Pouco depois, a cavalgada seguia a ladeira da encosta, e o lenço branco de Ignez acenava de longe á boa gente, que se não fartava de pedir a Deus pela sua linda menina de Val-de-mil.

Tinham todos bem razão para pedir, tinham!

O Alegre, tudo era voltar-se, e mirar, e remirar, como se não podéra apartar os olhos das suas serras, que nunca tão bem lhe tinham parecido.

Além d'ellas, era um mundo novo!

MENDES LEAL JUNIOR

O TEXUGO

É vulgar dizer-se de uma pessoa obesa, está gordo como um texugo. Mas poucos saberão que animal é este. Dil-o-hemos.

O texugo pretence ao grupo dos animaes carnivoros, e á familia dos plantigrados, isto é, que andam sobre a planta dos pés. É genero mui visinho do urso, com o qual Linneo reuniu o texugo.

Tem este animal o feitio de raposa, porém é mais baixo, por ter as pernas muito curtas. As unhas, principalmente as dos pés dianteiros, são muito compridas e rijas, o que lhe facilita abrir a terra, e penetrar por ella dentro, deitando para trás de si o entulho da escavação, que sempre faz tortuosa e obliqua, levando-a extremamente longe, por ser este o unico meio que tem de defesa, visto não poder escapar fugindo dos cães, que são os seus maiores ini-

migos. A pelle é coberta de cerdas brancas e pretas, tão asperas, que d'ellas se fazem escovas e pinceis.

Este animal é amicissimo de mel, pelo que anda sempre á cata das colmeias, e desenterra os ninhos das abelhas silvestres. Por isso Linneo lhe chamou ***ursus meles***, como quem diz, *urso meleiro*.

O mesmo naturalista descrevendo este quadrupede exprime-se n'estes termos:

«O texugo é animal preguiçoso, desconfiado, solitario; retira-se para os bosques e logares ermos, e faz casa subterranea. Foge de companhia e da luz, e passa tres quartas partes da sua vida a dormir. Quando sáe é para buscar de comer.»

Com tal vida, como não ha de o texugo ser gordo?

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

SUA ANTIGUIDADE, E COM QUE ACOMPANHAMENTO E FIGURAS SE TEM FEITO EM LISBOA, DESDE O TEMPO DEL-REI D. JOAO I

A festa do Corpo de Deus foi instituida para dar a Jesus Christo culto particular no Santissimo Sacramento, porque os dilatados officios, e cerimonias funebres de quinta feira maior, não dão logar para a celebridade d'este sacrosanto mysterio. Urbano IV foi o pontifice, que no anno de 1264 determinou, para esta eucharistica solemnidade, a primeira quinta



O texugo

feira depois da festa da Santissima Trindade. Diz certo historiador francez, que o bispo de Liege, na Alemanha baixa, já antes da assumpção de Urbano IV ao pontificado, havia instituido na sua diocese esta festa, e que depois o dito pontifice a instituíra com bulla particular, a qual por causa das guerras dos guelfos e gibelinos, que n'aquelle tempo perturbavam a egreja romana, não teve effeito; mas no concilio geral de Vienna, celebrado no anno de 1311, no pontificado de Clemente V, na presença dos reis de França, Inglaterra e Aragão, foi a dita bulla confirmada, e publicada em toda a egreja catholica.

No anno de 1316 o papa João XXII, para estender esta celebridade, acrescentou-lhe outavario, e mandou que em procissão se levasse publicamente o Divino Sacramento. Por ordem de Urbano VIII, o doutor angelico S. Thomaz, que então estava lendo theologia na cidade de Orviedo, compoz o officio que no dia d'esta festa se reza, mas primeiro que na egreja universal se rezasse, na egreja leodiense se rezava outro composto por um monge cisterciense, que ainda hoje se conserva no cartorio de Liege.

Foi esta a origem da procissão; agora vejamos como d'antes se fazia em Portugal.

As noticias impressas, mais antigas que nós conhecemos da procissão de *Corpus*, são: O regimento de Coimbra, de 1517, publicado por J. Pedro Ribeiro no t. 3.º das *Dissertações Chronologicas*, e a narrativa que o sr. A. Herculano fez no *Monge de Cister*, referida ao anno de 1484, reinado de D. João II. E posto que esse *auto* se passasse em Setubal, o douto historiador nos disse que se tinha servido do regimento da procissão de Lisboa, que achára no archivo da camara d'esta cidade, o qual condizia, pouco mais ou menos, com o de outras terras do reino.

Ahi podem os amadores das nossas antiguidades ver qual era o burlesco acompanhamento da procissão do Corpo de Deus no seculo XV.

Mas onde, mais por menor, se acha a noticia do ultimo acompanhamento d'esta procissão, é no *Novo regimento para o governo da mesa da bandeira de S. Jorge, fundada nas cartas, alvarás e lembranças do antigo regimento que se queimou pelo terremoto de* 1755, o qual se conserva no archivo da camara de Lis-

boa, e foi pelos seus habeis archivistas publicado em 1857.

Ahi se diz que tendo el-rei D. João I invocado S. Jorge na gloriosa e memoravel batalha de Aljubarrota, em opposição aos castelhanos que invocavam S. Thiago, o monarcha triumphante reedificára o castello de Lisboa, debaixo do patrocinio d'este invicto martyr e alferes da egreja catholica, nomeando-o por seu titular. Que toda sua vida trouxera este rei a insignia e divisa da ordem militar de S. Jorge, e a mandára esculpir nas suas armas; ordenando que o dito santo fosse na procissão do Corpo de Deus, a cavallo, sendo a primeira vez que isto se executou, no anno de 1387.

Quando D. João I creou a Casa dos Vinte-e-quatro do povo de Lisboa, se instituiu a bandeira ou estandarte de S. Jorge, composto dos officios que trabalhavam com ferro e fogo, que eram: Os barbeiros de guarnecer, vulgarmente chamados espadeiros, e os de barbear, que eram os cabeças da bandeira; tendo annexos os serralheiros, ferreiros, ferradores, batefolhas, bainheiros, coronheiros, selleiros, fusteiros, latoeiros de fundição, fundidores de cobre, latoeiros de martello, e os de folha branca, douradores, cuteleiros e frieiros.

Havia tambem outros officios enbandeirados, mas com invocação de diversos santos.

A cargo da bandeira de S. Jorge, porém, é que estava a principal figura da procissão do Corpo de Deus, que era o santo martyr e o seu pomposo estado.

Eis como no citado regimento se regula este encargo:

«Oito dias antes da procissão do Corpo de Deus da cidade, porão promptos cinco pretos armados com as insignias do santo, e com seus clarins, tambores e pifano, e os levarão ás cavalhariças de s. m., aonde farão tocar os tambores junto ao cavallo em que o santo houver de montar, e aos do seu estado. Na vespera do dito dia repetirão a mesma diligencia, em companhia dos mordomos da mesa espiritual, levando comsigo a sella e mais arreios do cavallo do santo, e o mais que preciso for para seu estado; e tudo entregarão na casa dos arreios aos officiaes, e a estes darão a propina do estilo.»

«Na vespera do dia da procissão mandarão deitar bando pelas ruas d'esta corte, pelos pretos, indo estes armados com as suas insignias, para que a todos conste da saída do santo, e depois os mandarão recolher ás reaes cavalhariças, para na madrugada do seguinte dia conduzirem o cavallo do santo e seu estado, á egreja onde for a sua habitação. Chegado que seja o estado do santo, porão prompto o Pagem e o Alferes, do que logo darão conta aos juizes e aos mordomos e secretario da mesa espiritual, para se continuar a saída em boa ordem. E finda a procissão, acompanharão o santo e o seu estado ao castello da sua invocação. E toda a despeza que se costuma fazer n'este dia, não excederão do preciso e necessario; e no caso de haver excesso será por sua conta.»

Depois da extincção da Casa dos Vinte-e-quatro, a camara municipal é que veste os pretos, e os gratifica para esta funcção, e da casa real vem os cavallos tanto para o santo, como para o seu estado.

D'antes, a faca em que montava S. Jorge, levava vida regalada, n'um estábulo que esteve por muitos annos ao pé de S. Domingos, nas casas do hospital que os da bandeira tinham para os aprendizes e operarios pobres. Havia a crença de que S. Jorge era advogado das crianças bravas, isto é, que por sua intercessão amançavam, por isso as mães extremosas faziam na roda do anno muitas offertas de palha e cevada para mantença do cavallinho do santo, com o que elle, e os que lhe tratavam do penso, engordavam que era um brinco! Bons tempos eram esses, em que até havia cevadeiras religiosas, tantas quantas são hoje as civis e militares.

Mas ainda em 1538, no reinado de D. João III, levava o seguinte prestito, que devêra compor um espectaculo famoso, tanto pela extravagancia das figuras, como pela riqueza que n'esta occasião ostentavam as diversas corporações mecanicas, em despique umas das outras. Não admira, pois, que as provincias se despovoassem para vir assistir a esta procissão.

1.º Os Besteiros.
2.º Os Almoinheiros com a Almoinha. [1]
3.º Os Pregueiros.
4.º Os Ganhadinheiros. [2]
5.º Os Albardeiros.
6.º Os Almocreves.
7.º Os Atafoneiros.
8.º Os Carniceiros com seu imperador e rei.
9.º Os Tecelões.
10.º Os Pelliqueiros com o gato paul. [3]
11.º Os Oleiros, Telheiros e Vidreiros.
12.º Dois Diabos.
13.º Os Merceeiros, Especieiros e Boticarios.
14.º O Gigante e o Anjo.
15.º Os Correeiros com os castellos. [4]
16.º Seis Diabos.
17.º Os Curtidores.
18.º Tres torres com os moiros.
19.º Os Sapateiros com o Drago.
20.º Dois Diabos e dois Proviços. [5]
21.º Os Cortadores.
22.º Os Tozadores.
23.º Dois Diabos.
24.º Os Alfaiates com a Torre e a Serpe.
25.º Os Carpinteiros da Ribeira e Calafates com a Nau e Galé.
26.º Dois Diabos.
27.º Os Cordoeiros.
28.º Os Esparteiros.
39.º Dois Diabos e a representação da dama e galantes. [6]
30.º Os Pescadores de Cata que farás.
31.º Os Pedreiros e Carpinteiros com o engenho.
32.º Dois Diabos e um Principe.
33.º Os Vinhateiros.
34.º Os Tanoeiros.
35.º Outra Torre.
36.º Os Armeiros com o Sagitario. [7]
37.º Os Cerieiros e Candeieiros.
38.º Os Pecheleiros.
39.º Os Ourives da prata e do ouro.
40.º Os Corretores.
41.º Os Tabelliães com tochas de prata.
42.º Os Mercadores e Corretores idem. [8]

A este tempo parece que já se tinham prohibido algumas danças e folias, porque não as vemos mencionadas n'esta especie de ordem do espectaculo; sabendo-se por outras relações antigas, que n'esta procissão ia a dança da retorta [9] em que entravam homens e mulheres mascarados, com acompanhamento de

[1] Almoinha era um carro que levavam os almoinheiros (hortelões) figurando uma horta.
[2] Trabalhadores do campo, a que hoje chamâmos ganhões.
[3] Provavelmente um gato de brejo, ou bravo. É tambem o que suppõe o sr. A. Herculano, a quem consultámos.
[4] Castellos chamavam a uma obra de talha que servia de remate á vara que levavam estes officiaes, talvez figurando um castello. O sr. Conego Negrão, grande sabedor das nossas antigualhas, nos assegurou que tambem os haviam de metal, e se acendiam. Póde ser que servissem de ceriaes para segurar as velas.
[5] Feiticeiros
[6] Namorados. Hoje dizemos galans.
[7] Era um homem vestido de côres, fitas, ouropeis e guizos, fazendo visagens e momices, com arco e frechas na mão. *(A. Herculano)*

[8] Vid. Annaes do Municipio de Lisboa.
[9] Certo bailado mourisco.

gaita de folle; a das espadas, com tamboril e pandeiros; a dos moleiros e moleiras, com violas; e outras mais, com suas folias e chacotas á mistura, que eram umas cantigas entoadas em côro, ao som de instrumentos pastoris.

Ainda no seculo XV levava esta procissão muitas danças, como vimos de um parecer do procurador da coroa, Manuel Lopes de Oliveira, datado de 10 de junho de 1688, sobre uma contestação que se levantou entre os officiaes da camara do Porto e o bispo d'aquella cidade, ducumento curioso, que daremos na secção de «antiguidades nacionaes.»

É tambem antiquissimo o uso de se armarem as janellas das ruas por onde passa a procissão, como se verá pelo bando, que vamos transcrever, com a orthographia em que o achámos, o que fazemos por excepção, pois não escrevemos para os eruditos.

«*Pregão que se ha de dar ho dia ou dias antes do dia do Corpo de Deus.*

Ouvide o mandado do Juiz e Regedores da Cidade: Que todolos Juizes e mordomos dos Officios da festa do Corpo de Deus se fação prestes com todo ho que a seus Officios pertencer. E que sejão na See com elles ás sete oras pera sairem com a percição. E que todolos officiaes de cada hũ Officio acompanhem sua bandeira e Officio. E se vão logo dia do Corpo de Deus comformar ha casa do Juiz de seu Officio para ordenarem o que são hobrigados de fazer. E da y se irem todos á See com ho dito seu Juiz. Sob pena de qual-quer Juiz ou mordomo que até ás ditas sete oras não for na See com todalas cousas que pertencem a seu Officio pagarem cada hũ quinhentos reis. E qualquer official que logo como fformar hũ não for catar ho Juiz de seu officio pera com elle se hirem ha See pagará cem reis. E os que não forem á percição acompanhar seu officio e bandeira pagarão duzentos reis. E os que sam obriguados a daar omẽs darmas e os não derem ou não forem taes como devem ser pagarão quinhentos reis. E todo official que não levar seu antremez na mão de panno ou bandeira ou de qualquer outra cousa que pareça cousa de festa pagará cem reis. E que todolos moradores da rua direita per honde a perciçam hadir tenham ha dita rua bem limpa e despejada. E tenham ramos e espadanas ás portas. E deitem ás janellas panos sob pena de dozentos reis qualquer que ho não fezer. E ametade das ditas penas serão para quem os acusar e a outra pera as obras da Camara da Cidade. E que todos aquelles que são obrigados de daar touros os deem bõos e de receber metidos e ençarrados na praça desta cidade a tempo devido sob pena de os Juizes dos ditos touros pagarem mil reis da cadéa para as obras da Camara E de ficarem obrigados a daar he emtregar ho tal touro cada vez que lhe for mandado pelo Juiz e Regedores da Cidade.»

Por isto se vê que havia toirada no dia da procissão.

El-rei D. João V, instituindo a patriarchal, em 1717, deu nova ordem á procissão de *Corpus Christi*, que no anno de 1719 se fez com pompa e sequito nunca visto, por fórma que deu assumpto a um volume em folio de 240 paginas, composto por um dos laboriosos irmãos Barbosas Machados.

D'elle tomámos as seguintes noticias, sobre o aspecto e ornamento da cidade n'esse dia, que melhor nos fará conhecer a decadencia dos tempos presentes, em que a tão celebrada procissão do Corpo de Deus não é nem uma sombra do que foi.

(Continúa)

Quem quer ganhar honra, não se ha de entregar ao descanço.

PADRE ANTONIO VIEIRA

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 102)

V

O quinto quesito formado pela tradição e memorias ácerca d'esta casa celebre, é saber:

Em que tempo residiu n'ella o grande Affonso de Albuquerque?

Já desfizemos o erro de alguns escriptores affirmarem que Affonso de Albuquerque morava na Casa dos Bicos, porque mostrámos, com documento authentico, que ella fôra edificada por seu filho natural, annos depois da morte de seu pae.

Agora cumpre averiguar se tal asserção se referia ao filho, por haver tomado o mesmo nome glorioso.

Dissemos n'um dos artigos antecedentes, que o filho de Affonso de Albuquerque, além da Casa dos Bicos fizera uma grande residencia e quinta em Azeitão que denominou do *Paraizo*, e hoje se chama da *Bacalhôa*. [1] Era natural que alli quizesse viver, porque até edificou, tambem á sua custa, uma egreja a S. Simão, para sua sepultura, e para a dos ossos de seu glorioso pae.

É certo porém que fez alli pouca persistencia, porque tendo feito as pazes com el-rei D. João III, este o nomeou vedor da sua fazenda — cargó em que foi tão diligente (diz Barbosa Machado) no obsequio do seu principe, como desinteressado no augmento proprio. Este emprego lhe deu o soberano por ver que era dotado de insigne prudencia, alcançada com a lição dos livros e contínua administração dos negocios do municipio, de que foi presidente, como já notámos.

Estes cargos o retinham necessariamente longe de Azeitão, onde quando voltou da Saboya tencionava acaso desterrar-se da corte.

Foi então que residiu na sua casa dos Bicos, ainda chamada dos Diamantes; não se retirando de Lisboa nem sequer durante a peste de 1569, quando já não era vedor da fazenda, por ter fallecido D. João III, mas sim presidente do senado. «N'esta grande calamidade, dizem as memorias do tempo, manifestou grande capacidade e providencia, applicando todos os meios para evitar os calamitosos damnos que em toda a cidade causava a peste, que com horrorosa voracidade tinha consumido a muitos milhares de homens, devendo-se á sua compassiva vigilancia o total exterminio de tão medonho flagello.»

O rei e a corte tinham fugido para Evora, e Affonso de Albuquerque contava quasi setenta annos. Vê-se que n'aquelles tempos não se corroiam e gastavam tão cedo, como hoje em dia, os homens publicos.

Se porém não póde em vida lograr-se de tão deliciosa residencia, como era a sua quinta de Azeitão, para lá foi dormir o somno eterno, conforme dispozera em seu testamento.

A verba em que Affonso de Albuquerque faz esta manda, foi-nos apontáda pelo sr. visconde de Jorumenha, o profundo biographo do nosso Camões, [2] e grande sabedor de antiguidades nacionaes.

Eis o teor da dita verba:

«Digo e declaro, que por minha propria vontade, sem meu pae o mandar em seu testamento, como d'elle se verá, determinei tomar para sepultura de seus ossos, minha e de minha mulher e filha, a capella maior de Nossa Senhora da Graça da ordem de Santo Agostinho, para o que tinha feito contracto com os padres do dito mosteiro, no qual lhes do-

[1] Vá-se notando que o bacalhau tem sempre andado por estas aguas turvas da successão de Affonso de Albuquerque!

[2] Está a sair dos prelos da imprensa nacional o 1.º vol. d'este estudo de muitos annos, e de infatigaveis diligencias do auctor.

tei certa fazenda com certas obrigações. E por os ditos padres não cumprirem comigo como eram obrigados, e pelo que em minha vida vi e entendi, que pois faltavam na vida, sendo presente, muito mais faltariam depois da morte; por a experiencia que disso alcancei, e por outros justos respeitos que me a isso levaram mando:

Que sendo caso, que dantes da minha morte não tenha mandado as ossadas de meu pae, mulher e filha á egreja de S. Simão, que mandei fazer, á minha custa, em Azeitão, que logo as façam mudar para a dita egreja, conforme a declaração do livro que d'isso tenho feito B.or de Matta. E porque trago demanda com os ditos padres sobre lhe largar a dita capella, declaro por descargo de minha consciencia, e para tirar duvidas, que a marinha de Alhos-Vedros, e os Moios da Golegã, com a quinta do Meloal que tenho no Lavradio, tudo juntamente me deixou minha tia D. Izabel de Albuquerque, unido e vinculado em morgado, com a obrigação de dar cada anno uma pipa de vinho aos padres de S. Francisco de Enxobregas. Portanto não podia dotar a tal fazenda, conforme a minha consciencia; e se ao tempo que o fiz fôra lembrado de tal obrigação, por nenhuma via o fizera. Portanto mando:

Que tanto que a minha alma se apartar d'esta miseravel carne, meu corpo se leve á dita egreja de S. Simão, onde será sepultado no logar e sepultura que deixo declarado no dito livro.

No dia do meu fallecimento, se poder ser antes do meu corpo se sepultar, ou ao outro dia, chamarão os padres todos do mosteiro de S. Francisco de Setubal, com os mais padres seculares de S. Pedro que se acharem, e dirão todos missa pela minha alma, e farão um officio de nove lições, cantado, e lhe darão de esmola o que parecer bem a meus testamenteiros, de que todos sejam contentes; e o mesmo se fará ao mez e ao anno, com a offerta que outro sim lhes parecer, sem vaidade nem vangloria, tudo para louvor e gloria de Deus. E o dito meu corpo será sepultado no habito de S. Francisco, e levado com a menos vaidade e vangloria que puder ser, porque em tudo quero muita humildade e nenhuma vangloria.

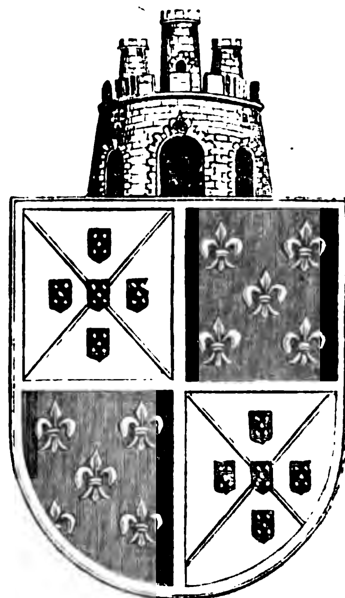
Porque sempre foi minha vontade acrescentar e augmentar o serviço do Senhor Deus, e honra de S. Simão, que tão esquecida estava, para effeito do qual mandei fazer a dita egreja, com muito gosto e contentamento, tanto quanto o Senhor Deus tenha de receber minha alma na sua gloria, pretendo tambem que n'ella se façam os officios divinos com muita veneração, os quaes o cura da dita egreja não póde fazer só; portanto quero e mando que na dita egreja haja para sempre, perpetuamente, dois capellães clerigos seculares de S. Pedro, virtuosos e de boas vidas, e cada um d'elles diga cada semana quatro missas resadas na dita egreja por alma de meu pae e mãi, e por minha e de minha mulher e filha, e de meus herdeiros, e amigos e inimigos, e almas desamparadas do purgatorio, com seus responsos sobre nossas sepulturas, que ficarão declaradas no dito livro B.or da Matta. »

A respeito da paragem dos ossos do grande Affonso de Albuquerque, á vista d'este testamento, temos que fallar com alguma detença, o que faremos no capitulo seguinte.

ARMAS DOS ALBUQUERQES, QUE ESTAVAM SOBRE A PORTA DA CASA DOS BICOS.

Já publicámos a pag. 96 a copla heraldica feita pelo bispo de Malaca, D. João Ribeiro Gajo, ao escudo dos Albuquerques. Agora poremos aqui tambem, para ufania dos que tem este appellido, a que fez João Rodrigues de Sá, celebre coplista genealogico.

As cinco flores de liz
Com quinas em quarteirão,
Os Albuquerques trarão,
Os que del-rei D. Diniz
Trazem sua geração.
E por tocar este estado,
Bem merece ser louvado
Sangue que é, com tal mistura,
Por tão honrada natura,
Digno de ser respeitado.



A IMPRENSA E A LINGUA MATERNA

Não é para aqui amplificar excellencias da lingua portugueza, assaz, e de sobra, o tenho feito ha annos, e o tinham feito antes de mim outros, melhores do que eu. É uma lingua bella; é uma lingua rica; é uma lingua para tudo; quem o desconhece? por tudo isto, e por que é nossa, e porque é, como todas, susceptivel de ainda maior lustre, devemos amal-a, servil-a, defendel-a de desacatos, restituil-a ao seu throno, alteando-lh'o, e redoirando-lh'o, e n'elle mantel-a senhoril, como as mais soberbas, em vez de se andar á esmola, pintalgada de farrapos estrangeiros, e caindo de debilidade. A imprensa livre, isto é, a imprensa depois da invasão dos barbaros, se tem feito á sociedade alguns beneficios, para a nossa vernaculidade, não se póde escurecer que tem sido, e está sendo, uma verdadeira machina infernal.

A. F. DE CASTILHO

O pão repartido entre muitos interesseiros, não contenta a todos.

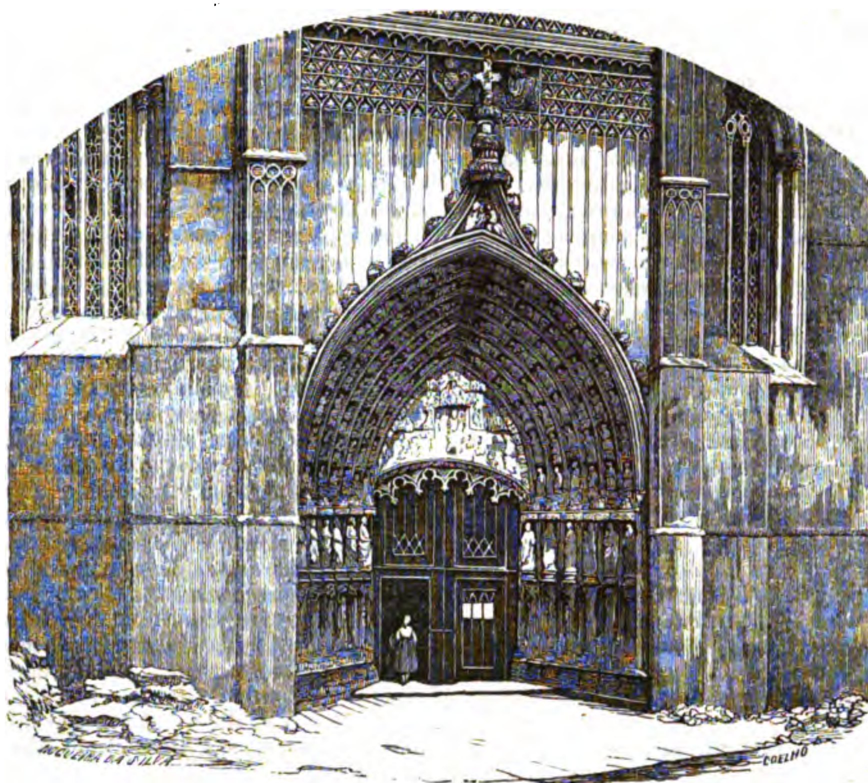
PADRE ANTONIO VIEIRA

Explicação do enigma do numero 12

A mãe, que cria seu filho, o é duas vezes

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.

CONVENTO DA BATALHA



Porta principal da egreja. — Desenho de Nogueira da Silva.

Para intender o pensamento do mosteiro de Santa Maria da Victoria, cumpre ter vivido com a revolução que poz no throno o Mestre d'Aviz; ter pelejado nos muros de Lisboa; ter vencido em Aljubarrota.

Não é este edificio obra de reis, ainda que por um rei me fosse encommendado seu desenho e edificação, mas nacional, mas popular, mas de gente portugueza, que disse: *nao seremos servos do estrangeiro*; e provou seu dito.

(Palavras do architecto Affonso Domingues).

A. HERCULANO — *A Abobada.*

Se a egreja da Batalha não fôra o nosso mais perfeito monumento da architectura gothica, e o padrão da mais ferida batalha que se deu para a independencia de Portugal, bastaria para o eternisar a penna de dois grandes historiadores, fr. Luiz de Sousa e Alexandre Herculano; assim como o lapis do celebre architecto inglez James Murphy.

Na «Historia de S. Domingos» de Sousa, e na «Abobada», lenda historica de Herculano, tem o convento da Batalha as mais sonoras tubas da sua fama.

Na «Planta e descripção do real convento da Batalha» escripta na lingua ingleza, com vinte e sete estampas magnificas, gravadas em aço, pelo architecto Murphy, tem este sumptuoso templo desenhadas todas as suas riquezas e primores artisticos.

Tambem na erudita «Memoria Historica» de D. fr. Francisco de S. Luiz (cardeal Saraiva), se corrigem muitos pontos até alli desfigurados ou duvidosos.

O conde Raczynski, no seu livro «Les arts en Portugal» trata com largueza d'este monumento, que elle, bom entendedor, considera *comme un des restes plus intéressans, et même les plus séduisans de la pure architecture gothique.*

Não obstante porém estes e outros escriptos e gravuras, que desde muito tempo se tem publicado, os jornaes litterarios de Portugal e do Brasil não cessam, com razão, de reproduzir por todos os modos as bellezas parciaes d'este grandioso monumento.

Hoje publíca o nosso uma gravurinha mimosa, aberta em madeira, da porta principal da egreja.

Sobre este portal se exprime fr. Luiz de Sousa, nos seguintes termos, que por serem d'elle se hão de ler sempre com delicia:

« O portal e frontispicio da entrada principal merecia só um livro pela qualidade da obra, se houveramos de particularisar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de lavores e variedade de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra, até ao remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque, cada palmo tem tanto que ver, de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho e embota a penna, para o declararmos e se entender com todas as suas partes. Só um espelho que se abre no alto, em meio do frontispicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado, em trancinhas de agulha ou lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela fórma circular e redonda, e pela representação e miudeza do feitio. Os vãos que na viola ficam abertos,

para dar logar ás vozes que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças como dissemos, debuxadas todas de côres finas e pinturas varias, de armas e divisas do reino, de tenções e emprezas del-rei. »

A nossa estampa não chega a este espelho ou oculo, de que tanto se namorou fr. Luiz de Sousa, porque só apresenta o desenho da porta principal; mas para outra vez o daremos em separado, que bem vale a pena.

Esta porta tem em volta 100 figuras de relêvo, que dão um tal aspecto de magestade ao frontispicio, que o já citado architecto britannico, J. Murphy, diz não haver na Europa outro nenhum, gothico, que se possa comparar ao da Batalha.

Para avivar a memoria dos leitores sobre a origem d'este convento dominicano, basta mencionarmos, que el-rei D. João I erigíra esta magnifica e sumptuosa fábrica, em cumprimento de uma promessa que fizera a Nossa Senhora da Victoria, no memoravel dia 14 de agosto de 1385, estando para dar a famosa batalha de Aljubarrota, em que alcançou do exercito castelhano o mais completo e assignalado triumpho. Dois annos depois, comprado o chão, e approvado o risco do architecto portuguez Affonso Domingues, dava-se comêço á grande obra.

PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

SUA ANTIGUIDADE, E COM QUE ACOMPANHAMENTO E FIGURAS SE TEM FEITO EM LISBOA, DESDE O TEMPO DEL-REI D. JOÃO I

(Vid. pag. 109)

Descreve Barbosa Machado primeiramente a magnificencia das armações que se fizeram no exterior da patriarchal e paços da Ribeira, assim como a sumptuosidade de porticos e columnatas que se levantaram no terreiro do Paço e na praça do Rocio; e depois, descrevendo as ruas do transito da procissão, diz:

« Não só os porticos do terreiro do Paço, o palacio real e a santa egreja patriarchal se ornaram; a mais passou a magnifica providencia do senado. Ordenou que se armassem as ruas e logares por onde estava determinado passar a procissão; e sendo muitas e compridas, todas egualmente mostraram, na maior grandeza, o seu obsequio para com Deus, e respeito ao seu principe.

« Correu a procissão a Tanoaria, Calcetaria, rua dos Ourives do ouro, Douradores, e dos Escudeiros, entrou pelos porticos do Rocio, rua das Arcas, Torneiros, Correaria, Ourives da prata, rua Nova dos Ferros, e ultimamente, depois do arco dos Pregos, entrou pelos porticos do Terreiro do Paço.

« Todas estas ruas se cobriram com toldos presos em mastros, que estavam ornados de ouro e seda; d'estes mesmos toldos pendiam vinte e tantas medalhas da grandeza de quatro palmos e meio de diametro, distribuidas pelas ruas e em logares differentes. Eram todas doiradas, e ornadas com tafetás carmezins, franjados de ouro, e presos em varias partes com galão do mesmo metal, tendo de uma parte o Sacramento entre resplandores, e no reverso as armas do eminentissimo patriarcha em umas, e as armas do senado em outras.

« Todas as ruas pediam larga descripção, pois cada uma parecia ter tomado por sua conta adquirir só, a gloria que todas juntas mereceram. Não se viam as janellas, porque se cobriam de preciosas cortinas e sanefas, franjadas de ouro e prata; e até as paredes, que entre ellas mediavam, estavam cobertas de lós, damascos, e télas differentes; chegando este adorno aos logares mais altos das moradas. A rua Nova, que fundada em cento e quarenta e nove columnas e pedestaes de marmore, serve com a sua grandeza de lustre famoso, e vaidade illustre á cidade de Lisboa, excedeu, no capricho e no conceito, a toda a admiração. Todas estas columnas se cobriam de sedas lavradas, lós preciosos, e télas brilhantes, guarnecidas de passamanes de oiro e galões de prata. As traves, que sobre as mesmas columnas sustentam ás faces exteriores das casas, se ornaram com largas sanefas e pannos bordados, similhantes, na riqueza e no engraçado, ao que se via em toda esta rua. Por baixo dos arcos que lhe formam as columnas, se cobriam as lojas e mais portas, com pannos de raz, tão deliciosos á vista, como dignos de attenção. Os ourives do oiro, que sempre fazem brio de servirem preciosamente o seu principe, agora zelando a sua gloria, e obsequio do Sacramento, não só paramentaram com a maior riqueza as janellas, lojas e as testadas das casas, mas tambem nas noites da vespera e dia da solemnidade, illustraram tudo com muitas luzes, que, fixas nas janellas, e trémulas com muitos candieiros de cristal, converteram industriosamente a noite em dia, parecendo toda a rua uma esphera de estrellas, e um globo de luzes. Até o frontispicio e paredes dos templos, por onde havia de passar a procissão, se armaram com preciosas alfaias, como o admirou a curiosidade nas egrejas de S. Nicoláo, de Corpus Christi, aos Torneiros, e da Magdalena. O mesmo ornato e magnificencia ostentava o palacio do eminentissimo cardeal Cunha, e D. Antonio Estevão da Costa, armeiro mór de S. M., thesoureiro do Hospital Real de todos os Santos, no Rocio, que não só cobriu as suas paredes com muitos reposteiros bordados, e cortinas de excellentes damascos, mas ainda levantou um soberbo arco, que servia de entrada á rua da Bitesga, para que em toda a parte se continuasse em adornos, mais finos obsequios da Magestade Sacramentada. »

N'este anno já de todo se haviam supprimido as figuras e danças; mas ainda nas provincias continuaram a ir na procissão de *Corpus*.

Custou muito a privar o povo d'estes espectaculos tanto do seu agrado e enlêvo, havendo repetidos conflictos entre a auctoridade ecclesiastica e as seculares, pendencias estas mui serias!

Na collecção de manuscriptos que possue o meu bom amigo e parente o sr. Julio Caldas, achei um mui curioso parecer, do procurador da coroa, no reinado de D. Pedro II, dado sobre uma queixa que fizeram os vereadores da camara do Porto, do bispo da mesma cidade, por este não consentir que na procissão do Corpo de Deus fossem, entre o cabido e o pallio, doze cidadãos com suas tochas; por não ter incensado os camaristas; por não consentir que as danças entrassem na egreja; e finalmente por não se querer servir do pallio da cidade. O teor d'este curioso parecer é o seguinte:

« As procissões, assim em quanto a fazerem-se, como quanto á ordem, fórma e precedencias que n'ellas se devem guardar, são todas da jurisdicção dos prelados ordinarios; se bem é verdade que não devem, nem podem, sem ouvir as partes a que tocar, privaI-as da antiga posse em que as acharem.

« Os supplicantes tem posto o negocio nas mãos de S. M.: póde o dito senhor, sem embargo da tal posse, ordenar o que for servido, e o que lhe parecer mais decente, e mais reverente em uma procissão d'este alto mysterio e sacramento, como é o do Corpo de Deus. O que supposto, venhamos a cada uma das queixas.

« Quanto á primeira: dizem os supplicantes, e o bispo não o nega, que de tempo immemorial vem doze homens nobres com doze tocheiras entre o cabido e o pallio, allumiando ao Santissimo Sacramento; e vem isto a ser obsequio e veneração que a cidade lhe faz, o que agora prohibe o bispo, dizendo que, conforme ao ceremonial, não dever ir pessoa alguma entre o cabido e o pallio, e que querendo levar as tochas, devem ir pelos lados do mesmo pallio.

« O que eu n'esta materia posso dizer é, que confessando-se a posse, se havia de seguir a restituição, se o negocio se pozesse em juizo contencioso, ou fosse por meio de recurso á coroa, ou por acção de força nova. Porém S. M. póde na materia resolver o que for servido, advertindo que já para a procissão de Coimbra se tomou a resolução que consta n'estes papeis. Mas tambem advertindo que o cabido era sómente o que se podia dar por queixoso, em razão da sua precedencia, o que não fez, e por ventura com boa razão, porque os ditos doze cidadãos não lhe precedem por suas pessoas, mas vão, em certo modo, como doze tocheiras vivas, levando em suas mãos doze tochas a allumiar com ellas, e com reverencia, o Corpo de Jesus Christo.

« Quanto á segunda queixa, na falta de incensar: o bispo reconhece que foi descuido; mas como seja materia grave, que pertence á honra dos officiaes da camara, se deve escrever a dito bispo, que não permitta mais similhante descuido, nem falte com as ceremonias honorificas que sempre se usaram.

« Quanto á terceira: se o bispo reconheceu que as danças se executavam com pouca reverencia dentro na egreja, isto é o que devia emendar. Porém não deve prohibir que entrem na egreja, e que n'ella descancem e cantem, honesta e decentemente, em presença do Santissimo Sacramento, de cujo triumpho é aquelle dia proprio, mais que todos os outros, e é de total festa e alegria da egreja catholica, em que não sómente os fieis em particular, mas o commum das cidades e povos christãos rendem a Deus adorações festivaes, pela incomparavel mercê de estar com elles sacramentado; e tem prejuizo grave em se lhes prohibir esta demonstração de seu rendimento.

« Quanto á quarta: se deve declarar ao bispo que na procissão ha de ir servindo o pallio da cidade, como n'ella e em todas as mais do reino se costumou, no que elle tambem mostra que não terá duvida. Lisboa 20 de junho de 1688. — *Manuel Lopes de Oliveira.* »

Este parecer tem a seguinte cota á margem: « S. M. se conformou, excepto no ponto de entrarem as danças na sé. »

TIRANTE EL BLANCO

(Noticia critica d'este rarissimo livro de cavallaria)

Tirante el Blanco chamou-se assim por seu pae, que era senhor da marca de Tirania, e por sua mãe Blanca, filha do duque de Bretanha.

No titulo de sua historia castelhana, impressa em Valhadolid, anno 1511, por Diogo de Gudiel, chama-se *El esforzado e invencible caballero Tirante el Blanco de Roca Salada, caballero de la Garrotera, el qual por su alta caballeria alcanzó á ser Principe y Cesar del Imperio de Grecia.* Anteriormente tinha sido impressa a mesma historia na lingua lemosina em Valença no anno de 1490, da qual ha um exemplar, o unico que se conhece, na bibliotheca da Sapiencia em Roma, onde a víra, e sobre a qual escrevêra uma noticia o padre agostiniano frei Isidro Hurtado, a qual copía o padre Mendes na sua *Typographia Hespanhola*, que tambem dá noticia de outra edição em lemosino, feita em Barcelona no anno de 1497, da qual era o exemplar da bibliotheca do Porto, de que tanto tem fallado os jornaes ultimamente.

Da edição castelhana traduziu-a para italiano Lelio Manfredi, e publicou-se por primeira vez em 1538, por segunda em 1566, Veneza, e por terceira em 1611 sem logar de impressão. Ximeno no appendix ao tomo 2.º da sua Bibliotheca de Escriptores Valencianos faz menção de uma traducção franceza, anterior á que fez e publicou, em 1740, o conde de Cailus, que não conhecendo as edições lemosinas, suppõe o original castelhano, suspeitando, comtudo, que o auctor seria valenciano, por um elogio de Valença, e tres prophecias relativas a esta cidade, que na obra vem inseridas.

As edições lemosinas são raras, e por tal modo rarissima a hespanhola, que nem N. Antonio, nem o seu continuador Bayer, nem Pellicer, tão diligentes bibliographos, conseguiram vêl-a. Tambem confessa não a ter visto Clemencin, o erudito commentador de D. Quixote.

Quem fôra o auctor da historia de *Tirante el Blanco*, e qual a lingua em que originalmente fôra escripta, são pontos controversos, e ainda por decidir entre os raros amadores d'este genero de litteratura, que Miguel de Cervantes *matou de morte natural para sempre*. Que João Martorell, cavalheiro valenciano, foi auctor do *Tirante* lemosino, e que o dedicou a D. Fernando de Portugal, filho do infante D. Affonso, primeiro duque de Bragança, não ha duvida. A obra começou-a no mez de janeiro de 1460, segundo diz na dedicatoria; na mesma acrescenta, que o original estava em inglez, e que a traduzíra para portuguez a rogos do principe, e depois ao valenciano, para que seus patricios a podessem gozar. No fim da historia ha uma nota, segundo a qual, tendo fallecido Martorell sem traduzir mais do que as tres primeiras partes, tinha traduzido a quarta e ultima Mosen João de Galbá a instancias da nobre senhora D. Isabel de Loriz, e que se acabára de imprimir no mez de novembro de 1490.

Se o livro de *Tirante* foi realmente inglez na sua origem, e veiu depois, pelos tramites indicados, a ser valenciano (lemosino), ou se foi invenção de Martorell para dar maior valor e estimação á sua historia, por este meio, que depois repetiram outros muitos auctores de livros de cavallaria, assumpto é impossivel de averiguar por ora. Tambem não se póde saber, se a traducção da quarta parte se fez com pouco ou muito intervallo das primeiras. Nem do *Tirante* inglez nem do portuguez restam outras noticias, mais que as precedentes. Como quer que seja, tendo consideração á similhança que existe entre o estilo e composição da quarta parte com as tres primeiras, verosimil é que todas fossem originariamente da mesma mão; e como a traducção de Galvá se fez, segundo parece, do portuguez, póde acreditar-se que o *Tirante* existiu completo n'esta lingua, e que d'ella se fez a traducção castelhana (ignora-se por quem) que por primeira e unica vez se publicou em Valhadolid em 1511. Pellicer, pelo facto de Martorell chamar *traducção* á sua obra, suppoz que o original havia de ser por força hespanhol, como se a traducção não podesse fazer-se de outra lingua!

Falla-se na historia de *Tirante* do uso da artilheria, das ilhas Canarias, da ordem da jarreteira: os trajos, armas, festas, costumes e usos que descreve, pertencem já ao seculo XV; a maneira porque falla dos genovezes é propria de um subdito da coroa de Aragão n'aquella epocha; e além de muitas outras

personagens fabulosas, como Artús, Lançarote, Flores e Branca-flor, faz menção tambem de *Urganda la desconocida,* o que nos persuade ser composta depois do Amadis de Gaula.

Do que fica dito, conjecturâmos verosimil que João Martorell fôra mui acceito e favorecido de D. Fernando de Portugal, e que, conhecendo a inclinação e gosto d'este principe ás historias de cavallaria, quiz mimoseal-o com a do *Tirante el Blanco,* talvez escripta em competencia com a de Amadis de Gaula, cujo original se guardava, com muito appreço, na casa de D. Fernando.

Martorell, na dedicatoria, falla da sua permanencia por algum tempo em Inglaterra, e das *adversidades* que tinha experimentado da *fortuna*, adversidades que poderam ser occasião do favor d'aquelle generoso principe. Em seu obsequio, agradecido, escrevéria a obra em portuguez, e depois quiz o proprio auctor traduzil-a em *lemosino*, para que d'ella gozassem seus patricios, como elle mesmo diz: «*perço que la nació don yo so natural, sen poxa alegrar*»; e não tendo concluido a versão, por sua morte a continuou, então, ou annos depois, Mosen Juan de Galvá. Explica-se assim, naturalmente, a predilecção que mostra o auctor do *Tirante* a Valença, suas relações de amizade com o principe D. Fernando, e o motivo de escrever e traduzir a historia.

De todos estes antecedentes se deduz, que assim como é duvidoso que existisse o livro de *Tirante* em inglez, assim tambem é seguro que existiu o portuguez, e que se escreveu n'esta lingua pelos annos de 1460; porém depois perdeu-se absolutamente, sem que haja memoria ou noticia da sua actual existencia. Exemplo que, junto aos de Amadis de Gaula e Palmeirim de Oliva, poderá dar peso á conjectura de que, feitas e publicadas as traducções castelhanas, a extensão e popularidade européa que esta lingua gozava no seculo XVI, fez que se esquecessem os textos portuguezes, e deu logar á sua perda, sem que de novo fossem dados á estampa.

A comparação exacta, minuciosa e detida das duas edições, lemosina e castelhana, prestariam provavelmente occasião para se fazerem muitas observações, e dar maior extensão a estas noticias litterarias do livro de *Tirante el Blanco,* do qual talvez hajamos de fazer um esboço do seu enredo, e da conta em que é tido pelos auctores que d'elle fallam.

Setubal 31 de maio.

G. P.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

....

Depois de um outono frio, ennevoado, ventoso e triste como o mais feio e triste inverno, appareceu o sol sem nuvens no dia 9 de dezembro. Mas o anno de 1854 sentia-se morrer. O sol d'esse dia não tinha calor; o azul do ceo era sem brilho, não cantavam as aves, não havia flores na terra nem folhas nas arvores; a natureza inteira parecia insensivel ou desfallecida. Dir-se-hia que annunciava ao anno a «*primavera da morte.*»

Um raio de sol, pallido e ameno, coado pelos cyprestes fronteiros ás janellas, penetrou na alcova do poeta moribundo. Durante um mez o seu estado seguíra todas as alterações da atmosphera. O calor do fogão, que estava acceso noite e dia, para graduar a temperatura do quarto, não modificava nem levemente as desagradaveis impressões que as variações do tempo lhe causavam. Os dias ventosos irritavam-n'o, os nevoeiros opprimiam-lhe o coração, o ruido da chuva trazia-lhe não sei que vagas memorias do passado, que o enchiam de tristeza e de saudade. Este estado, porém, era o menos duradouro. Quando o vento rugia açoutando furiosamente os vidros das janellas, era costume seu dizer em ar de graça: «Como elle zôa na carvalheira! Cá me dizem os meus nervos que váe tudo raso lá por fóra.»

Os accessos de melancolia vinham-lhe nos poucos momentos em que se via só, e abandonavam-n'o logo que alguem apparecia. E, coisa rara! no meio das maiores angustias nunca lhe falleceu o animo! O seu espirito foi sempre superior ao padecimento. A proposito de cada grito que este lhe arrancava, citava uma anecdota engraçada, fazia uma comparação historica, ou descrevia comicamente o seu estado.

Era realmente um talento e um homem unico!

Quando lhe perguntavam como estava, se a pergunta vinha de pessoa familiar, respondia: «Quasi como S. Lourenço; não me resta por queimar senão uma costella, que deve ser a que tenho de S. Gonçalo.» [1]

Todos os que o trataram se lembram da graça inimitavel com que elle *contava;* imaginem, pois, a grave physionomia do auctor de *Camões* e *D. Branca*, contrahindo-se de vez em quando por dores intensissimas, em quanto a bocca ri e descreve, com infinita viveza de engenho, o estado do corpo macerado pela cama e coberto de causticos! A facecia ora se suspendia de todo com alguma dor mais aguda, ora continuava misturada de gemidos e tregeitos, que tornavam mais comico o espirituoso doente, e lhe augmentavam a veia para novos chistes. Ouvindo-o, não podiam deixar de rir-se os que mais se compadeciam d'elle, e que mais sentiriam a sua perda, tida já por inevitavel! Mas como não sería assim, se era elle o primeiro que parecia esquecer-se que o fim da sua existencia estava proximo? Não posso crer, comtudo, que o poeta ignorasse o seu verdadeiro estado; fingiria, talvez, que o não sabia, para não esmorecer os que o rodeavam. O que é certo é que só uma vez, durante tão longa enfermidade, me fallou na morte, e isso mesmo rapida e incidentemente: «Se eu morrer, vejam o que tenho cá por dentro a roer-me.» Era a lesão que o matava. Entretanto preparou-se para tudo com uma grandeza e sublimidade de espirito dignas de seu altissimo engenho, e do seu nome glorioso. Acceitou e recebeu de um modo edificante os soccorros da religião e da egreja; orava a miudo e fervorosamente, com os olhos fitos n'uma bella imagem de Christo Crucificado, memoria da sua familia, que ainda conservava no pé da cruz uma coroa de flores sêccas, posta pelas mãos da adorada mãe do poeta.

Em fins de outubro ou principios de novembro pedira eu ao meu amigo o sr. doutor Francisco Martins Pulido, que, a pretexto de visitar Almeida Garrett, o examinasse attentamente para me dizer se com effeito devia perder-se a derradeira esperança. Isto não era porque eu tivesse a menor duvida ácerca do juizo que da doença formava o sr. doutor Barral, medico assistente; mas porque, não tendo com este relações algumas, receava fazer-lhe perguntas indiscretas. Preparei o doente para a visita de Pulido, dizendo-lhe que ia, não como facultativo, mas como amigo; e concordámos em que se consultaria tambem a sua opinião. Quando o distincto medico saíu da alcova, logo eu li no seu rosto a sentença, tornando inutil a precaução que elle tomou de me chamar para o vão da janella, a fim de não se dizer diante da filha do poeta a terrivel verdade.

A circumstancia de ser eu a unica pessoa que acom-

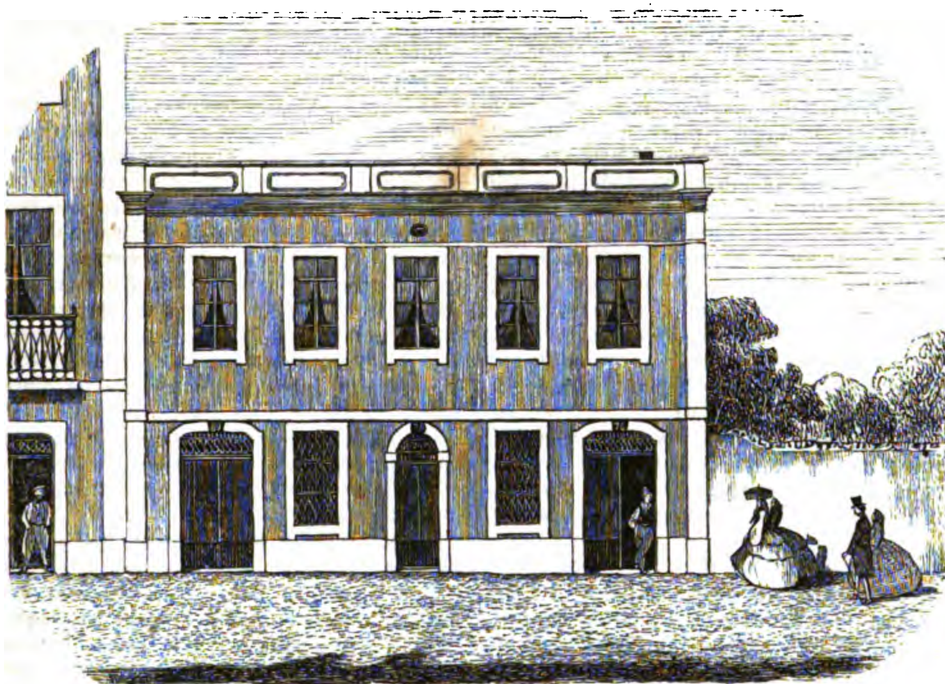
[1] A familia dos Almeidas, que se uniu a Garretts, pretende contar entre os seus ascendentes o famoso S. Gonçalo de Amarante. Isto vão tratado largamente no livro d'onde se extrahe o presente artigo.

panhava mais assiduamente o doente, dava-me serios cuidados; tomei por dedicação e reconhecimento aquelle encargo, assás doloroso para o meu coração, e sinceramente confesso que o teria resignado, se achasse em quem; mas não achei.

O meu estado de saude era tambem pouco lisonjeiro, e o meu amigo Pulido, prevendo que elle se tornaria peior (como succedeu), se eu presenciasse a morte de Garrett, me aconselhou a que evitasse um tal espectaculo. Mas nem o interesse da minha propria conservação, nem o desejo de declinar a responsabilidade que me cabia, por ter assumido a direcção e governo de uma casa, cujo dono estava expirando, tiveram força para me obrigar a sair d'alli. Consultei parentes e amigos intimos de Garrett, pedi que tomassem conta da casa, offerecendo-me para continuar á cabeceira do doente, que, pela amizade e confiança que commigo tinha, parecia comprazer-se com a minha companhia; fiz sentir a necessidade de se acautelarem certos objectos que andavam por mãos de criados; disse que estes não eram para mim isemptos de suspeita, que se achavam alta noite certas portas abertas, e que eu não podia ser ao mesmo tempo guarda do enfermo e dos ladrões. Tudo foi inutil. Suppliquei a varias senhoras, que pareciam tomar pelo moribundo alto interesse, que ao menos me arranjassem uma criada, a fim de ser despedida a insolente que havia em casa, e que não só deixava de fazer o serviço a tempo, mas insurgia-se quando por isso a censuravam; contei que, vindo eu um dia ás duas horas da tarde, achára o grande poeta quasi desfallecido, e perguntando-lhe se estava peior, me respondêra: *que não lhe tinham dado ainda nem um caldo desde o dia anterior;* que procurando a

LOGARES MEMORAVEIS

I



Casa onde falleceu o grande poeta portuguez Almeida Garrett — Rua de Santa Isabel, n.º 78.

criada, me disseram que tinha saído a negocios seus; e que, quando veiu, sendo chamada ao quarto de Garrett e interpellada por este, pretendêra justificar-se em tão descomposto berreiro, que elle me pedíra, *pelo amor de Deus*, que a pozesse fóra, dizendo-me depois que ella saíu: «Se a não põem na rua, mata-me.» Disse eu mais ás ditas senhoras, que d'aquelle dia em diante não tornára a afastar-me do doente, senão á uma e duas horas da noite, para voltar logo de manhã cedo; mas que havendo alguem, cuja amizade ou parentesco lhe dava mais direito a estes cuidados, houvessem de tomar alguma providencia que me alliviasse. Tudo foi em vão; ninguem queria o trabalho nem a responsabilidade. Parece incrivel! Uma das pessoas que por amor da herdeira de Garrett maior zelo devia ter pelos seus haveres, quando reclamei a sua presença, ou a de alguem de sua confiança, respondeu-me que não queria *rabos de palha!* Não commento as expressões; mas confesso que me indignaram profundamente.

Foi por isso que eu me decidi a não temer os taes *rabos de palha*. Não era justo que morresse desamparado um homem que tanto honrára o paiz e o seculo que o viram nascer; mas, força é dizel-o, por bem pouco deixou de repetir-se um facto horrivel. Eram outras, inteiramente outras as circunstancias; porém não faltava muito para que a morte de Garrett fosse egual á de Camões. Graças a Deus, que tal não succedeu. Similhante opprobrio basta que se veja uma vez em mil annos, para deixar uma eterna mancha na face da nação que o consentiu.

Declaro porém, antes de passar adiante, que não estou bem convencido ou não comprehendo bem o desapêgo e indifferença que parecia haver para o poeta, nas escusas dadas pelos que não deviam escusar-se; antes me parece que elle fôra sempre objecto de vivas affeições; mas, se me engano, é porque então a sua

gloria, lisonjeando certas vaidades, lhe acurvára corações menos accessiveis ao amor e á amizade. Como quer que fosse, não posso pôr de accôrdo as provas de interesse manifestadas por um lado, e o escrupulo exaggerado que mostraram de tomar a iniciativa n'uma casa que, mais do que eu, deviam zelar.

Era bem azado o momento, na verdade, para tão ridiculas preoccupações! Que temiam? Que vinham a ser os taes *rabos de palha?* Arreceavam-se de que os accusassem de algum furto? Diga-se a verdade, era a isto que alludiam os que se dispensaram de aturar o pobre moribundo, de quem se não esperava já nenhum agradecimento, porque todos sabiam que elle só d'alli sairia para o cemiterio. Mas de duas uma: ou não confiavam assaz na sua probidade, para que ella os collocasse acima de toda a suspeita, ou o egoismo era mais forte n'elles do que o affecto e consideração que deviam ao poeta. Escolham.

A par d'este procedimento, de pessoas que não devo nem posso nomear, folgo de registar outro bem diverso, tido por amigos sinceros de Garrett, dos que se comprazem na modestia, que se pejam de apparecer nos momentos da prosperidade, mas que nunca faltam nos dias da amargura. Para gloria das lettras e das artes, foram escriptores e artistas, isto é, os homens de coração, que mais vezes se me offereceram para ficar commigo á cabeceira do doente, ou ainda para maiores sacrificios. Não acceitei, porque não dependia isso da minha vontade, mas não posso deixar de mencionar aqui dois nomes, para satisfação das duas classes. Começarei pelo artista, que já morreu, e que cito de proposito para honrar a sua memoria, e a arte que elle professava. Era Epifanio Aniceto Gonçalves, homem de grande alma e grande talento, que um governo de tacanhos se divertiu a desconsiderar e humilhar nos seus ultimos annos de vida, sem que a bocca do actor illustre soltasse nunca a menor queixa.

O outro era o Sr. Rodrigo José de Lima Felner, escriptor tão modesto quanto erudito, por quem Garrett conservava antiga amizade do tempo em que o tivera por seu secretario no Conservatorio.

A unica pessoa, depois de mim, que não foi escusada pelo doente, era um amigo de pouco tempo, mas provado já por muitos incommodos, impertinencias e trabalhos que o poeta lhe tinha dado. Ao sr. Manoel José Gonçalves cabe uma grande parte na triste honra de acompanhar, em seus ultimos momentos, o grande poeta portuguez de quem escrevo a historia.

Foi na minha casa da travessa do Forno, n'aquella casa *Dantesca* tão amada do poeta, que os dois se tinham encontrado haveria pouco mais de anno e meio. Apresentei Gonçalves, e ainda hoje me lisonjeio de o ter feito, pelos muitos e bons serviços que este excellente amigo e espirituoso conversador prestou depois a Garrett. A sua companhia sempre festejada, foi vivamente reclamada por mim na occasião em que me vi mais só ao lado do enfermo; porém as suas occupações prendiam-lhe os dias, deixando-lhe apenas libertas as noites, e essas, não só por pedido meu, como por sua propria dedicação, as consagrou sempre ao doente.

Com este excellente amigo, e com o sr. D. Pedro do Rio, consultava eu, algumas vezes, ácerca das providencias que sería conveniente tomar quando chegasse o doloroso instante. Gonçalves, quando vinha á noite, abria discussão commigo, tomando por thema a primeira palavra que eu proferisse. Faziamos isto de proposito para entreter o doente, que se animava, tomava calor comnosco, e discutia tambem. Por momentos creio que todos tres nos esqueciamos de que no fim d'essa viva e alegre disputação haveria de menos um grande espirito.

Garrett não podia já deitar-se; estava sentado na cama, rodeado de almofadas e travesseiros, em que descançava o corpo, encostando-se ora para um ora para outro lado. Estava muito magro, e um pouco desmaiado, mas sem fazer grande differença da sua côr natural. Os olhos conservavam a limpidez e brilho que deviam ter aos vinte annos, no vigor da saude e da mocidade. Nunca se queixou de outro mal senão do que dizia ter no pulmão, coração, ou figado. Elle não sabía bem onde era a origem. Nunca teve uma dor de cabeça, e nos ultimos dias da sua vida exclamava amiudadas vezes: «Hei de morrer sem me doer esta cabeça! Nem uma leve impressão, uma dor instantanea, uma perturbação, nada!» Effectivamente nunca experimentou n'ella o mais pequeno incommodo. Sómente nos tres ou quatro ultimos dias que precederam o da sua morte, sentindo-se extremamente fraco, não podia ouvir o ruido das seges que passavam pela rua. Mandei, para amortecer esse ruido, deitar alli algumas cargas de areia, depois de ter para isso pedido a permissão á camara municipal, que a deu immediatamente, escrevendo-me o seu digno presidente uma carta cheia de sentimento.

O poeta havia-se confessado, a pedido seu, em uma das occasiões que se achou peior; mas tornando a sentir algum alivio, disse-me que se não considerava bem confessado, e que precisava fazel-o de novo, melhor e mais de vagar. Tornou porém logo a peiorar, e eu, temendo que de futuro se me imputassem as faltas que podessem occorrer, não por minha culpa, mas pela dos que depois seriam os primeiros a accusar-me, tomei a deliberação, de accordo com Gonçalves, de chamar um confessor; mas para não fazer sentir brutalmente ao enfermo, que já nada havia a esperar, lembrei-me de que elle tinha muita predilecção por um veneravel ecclesiastico, confessor das religiosas Salesias, e fui pedir a este, por intervenção do sr. D. Pedro Moscoso, que fosse, a titulo de visita, ver se Garrett queria confessar-se-lhe.

O excellente homem logo se metteu commigo na sege, e partimos. Á chegada a casa, escondi-me, e deixei entrar o padre. Este penetrou no quarto do doente, que o abraçou, e creio que logo adivinhou tudo, porque mandou sair no mesmo instante as duas santas irmãs de caridade, que eu tinha reclamado para o tratarem, e começou a sua confissão.

Devia ser um espectaculo admiravel e pathetico e ver aquelle bom velho provecto na idade, na virtude, e na fé, cobrindo com os seus cabellos, brancos de neve, e lavando com as suas lagrimas de admiração e de perdão, o arrependimento d'aquelle peccador illustre, tão accusado, tão culpado talvez, mas o mais calumniado homem d'esta terra! — O padre, o grande e verdadeiro padre da egreja de Jesus Christo, o padre que dando o exemplo da virtude perdoa, absolve, e abençôa os que se arrependem, o padre que acabava de confessar a João Baptista d'Almeida Garrett, saía, no fim de uma hora, suffocado, soluçando, com o rosto alagado de pranto, as mãos postas, e podendo dizer-me apenas de passagem, cheio de pasmo, de uncção religiosa, e de sagrado enthusiasmo: «Que grande homem! que alma! que exemplo admiravel!»

Eu e Gonçalves, que tambem tinha chegado, olhámos um para o outro. A ambos nos corriam as lagrimas em fio....

(Continúa)

GOMES DE AMORIM

SANTO ANTONIO DE LISBOA

Ainda não ha muitos annos, que em todas as tendas e tabernas de Lisboa, se via um nicho com a imagem d'este popularissimo santo, no topo ou remate da armação d'estas lojas. E no seu dia, todas estas casas de venda se transformavam em outras tantas egrejinhas, porque o nicho se espaldava de damasco vermelho, enfloravam-no, e era allumiado com muitas vélas.

Não tinham nossos passados por irreverencia, estar um santo, canonisado para se adorar nos altares, mettido entre cabeças d'alho, mólhos de cebola, presuntos e chouriços; por cima de pipas e cangirões, tendo por incenso a fumaça das frigideiras de peixe e dos assadores de castanha. A boa policia da cidade foi a pouco e pouco supprimindo essa nicharada, de que nossos filhos só terão conhecimento pela tradição.

O rapazío tambem povoava as ruas e portas de escadas, de thronos de Santo Antonio, fazendo um importuno peditorio aos viandantes para a cera do seu santo. Váe-se tambem extinguindo este uso, que de todo se deve extirpar, para que a infancia não se habitue a ser pedinte.

Toda a noite de Santo Antonio ardiam pelas ruas e praças da cidade innumeraveis fogueiras, que se alimentavam principalmente de barris e cabeças de alcatrão, a cujas chammas queimavam os namorados as sibyllinas alcachofras, e era tambem da praxe e folia d'esta noite, saltarem-se as fogueiras, para augmentar a galhofa dos espectadores com o chamusco dos que não as sabiam saltar com ligeireza.

Outra diversão muito do gosto publico, era a foguetada, as bombas, buscapés e mais fogo solto que estalava continuamente, sem deixar pregar olho aos que não tinham já que esperar do relento d'esta milagrosa noite.

Tudo isto, fogueiras e fogo de polvora, prohibiu a camara com receio de algum incendio ou desastre.

Hoje só resta em Lisboa, como reflexo da tão alegre e festiva noite de Santo Antonio, o arraial da praça da Figueira, onde a fruta nova apparece em palmitos e capellas, como virgem que está ainda, quasi toda, do dente do homem, que não do bico dos passaros.

Para a praça da Figueira se dirige durante a noite, e mais ainda de madrugada, grande parte da povoação, por ser esta a unica amostra que a civilisação lhe deixou das festas antigas; miniatura do grande panorama de fogueiras, danças, musicas e cantares, que por toda a cidade se cruzavam outr'ora.

Ainda este anno esteve a Praça cheia toda a noite, e o Rocio tambem, girando por alli muitos grupos de tocadores e trovadores populares, com grande sequito de ouvintes.

A popularidade de Santo Antonio, em Portugal, não lhe vem tanto de ser casamenteiro e deparador de coisas perdidas, como de ser portuguez. Nasceu em 1195, n'umas casas junto á sé de Lisboa, sitio onde está hoje a sua egreja. Aos 15 annos de idade tomou o habito dos conegos regrantes, em S. Vicente de Fóra, e d'ahi a dez annos passou-se para a ordem dos franciscanos, entrando no convento dos Olivaes, junto a Coimbra. Depois saíu de Portugal para a Africa em missão apostolica, mas um temporal o lançou nas costas de Italia, fallecendo em Padua a 13 de junho de 1231, tendo apenas 36 annos de idade. No seguinte foi logo canonisado pelo papa Gregorio IX, reinando em Portugal D. Sancho II.

Deixou muitos sermões, e um commentario da Biblia, em latim.

Sobre a era da fundação da sua egreja junto á sé, no sitio onde nascêra, publicou o douto antiquario, e estudioso academico, o sr. dr. Levy, uma excellente noticia, no relatorio que fez á camara municipal, de que foi vereador em 1856.

Alli se prova que no reinado de D. Affonso V já existia a egreja de Santo Antonio, porque voltando este monarcha da conquista de Tanger, de lá trouxera umas portas de bronze, de certa mesquita, que deu para este templo. D. João II, querendo que o santo portuguez tivesse casa mais sumptuosa, e não lh'a tendo podido fazer durante o seu inquieto reinado, dispoz em testamento (1495), que «no mesmo logar e sitio onde nascêra Santo Antonio, se construisse um templo, consignando para esse fim 1000 justos de ouro (600$000 rs. da nossa moeda actual).»

El-rei D. Manuel, seu successor, e encarregado da execução do testamento, não só cumpriu a vontade de D. João II, mas poz muito de seu cabedal para que a obra ficasse grandiosa. A cidade tambem concorreu para esta edificação, e por isso em casa mistica ao templo fez paço do conselho, e ahi esteve a camara municipal de Lisboa, depois senado, desde o tempo d'el-rei D. Manuel até D. José.

Faziam-se á real casa de Santo Antonio da Sé muitas esmolas, e no tempo de D. João III se calcularam n'um conto de rs. por anno. Antes do terremoto tinha de rendimento oito contos; e as alfaias e prata que n'essa calamidade consumiu o fogo, valiam trinta e seis contos de rs. Só a imagem do santo ficou salva, e ainda hoje se conserva no altar-mór.

O illustrado presidente da vereação passada, o sabio lente de chimica da eschola polytechnica, em vez de sustentar tanto menino do coro, como d'antes havia, com as sobras do custeamento d'este sanctuario (que ainda gasta annualmente 3:500$000 réis), instituiu uma eschola de instrucção primaria pelo methodo portuguez de Castilho, que nos dizem estar muito bem organisada e regida.

CONVENTO DE JESUS DE SETUBAL

(Vid. pag. 91)

III

Da já citada historia manuscripta d'este convento, extrahimos a seguinte noticia das obras que n'elle mandou fazer el-rei D. Sebastião, e a narrativa do conceito em que tinha as freiras, como singelamente conta a religiosa chronista soror Leonor de S. João.

«Na era de 1561, em cortes, renunciou a rainha D. Catharina (viuva de D. João III) o governo, que se deu ao infante e cardeal D. Henrique, seu parente e cunhado, o que obrou com muita satisfação dos povos e pobres, entrando no numero d'elles as religiosas d'este convento, recebendo mercês e esmolas eguaes ás dos reis seu pae e irmão. E na mesma era, o rei, menino de sete annos (D. Sebastião), assignou um alvará para não pagarem coima os bois e mais animaes d'este convento; e na era de 1566, por outro alvará deu liberdade para se ir buscar toda a lenha necessaria á sua coutada da Murta, mandando ao couteiro a désse. Por outro alvará concedeu que podessem mandar buscar toda a pedra para as obras, da que vem por lastro nas embarcações que portam n'este rio; e assim deu outros poderes para que das condemnações da taxa dessem a este convento certo numero de esmolas, obrigando por outro, aos officiaes da alfandega, cumpram o

que mandou sobre esta taxa. Confirmou e assignou os alvarás e provisões que atrás fica dito de seus antecessores; deu peças de valia e ornamentos para a egreja, vestuario ás religiosas e servos de fóra, pagando physicos, botica, e tudo o mais necessario, com a liberalidade de seus antepassados. E mais queria dar ao convento ordinarias cada anno, o que as freiras não acceitaram, para com mais perfeição guardarem a pobreza; ainda que para isso foram constrangidas dos prelados e confessores.

Mandou mais o dito rei, á sua custa, refazer a casa do ante-côro, que estava repartida em tres mui escuras, as quaes se fizeram n'uma, muito formosa, de duas naves, com quatro arcos de pedraria, pintado o tecto com santos da nossa ordem, a escada mui larga, de duas voltas, de taboleiro espaçoso feito de pedraria cercada de grades de ferro pintadas, e os maineis. O que mais illustra a obra é um Christo Crucificado do tamanho de um homem, de grande devoção, em uma capella e altar, com que fica tudo perfeito, e tres formosos arcos de pedraria que fazem volta ás portas do convento; feito tudo á custa del-rei, o qual desejando entrar no convento, o não fez, parecendo-lhe causar algum modo de inquietação ás religiosas.

Á egreja vinha muitas vezes, mandando pedir o abençoassem ao entrar da porta; e ao sair d'ella, olhando para a grade algumas vezes, sorria-se, outras limpava as lagrimas que com devoção chorava. Assim lhe acontecia quando recebia algum mimo, juntamente com pão molle, que costumava pedir, o punha nos olhos, e beijando-o, mandava-o guardar, dizendo que era só para elle o pão das suas freiras santas. E assim as nomeava sempre, não consentindo cair no chão uma bonina das que lhe mandavam, e á que lh'as levava festejava com palavras d'amor e agradecimento.

Achei mais escripto, que indo uma vez ao convento de Palmella, se não quiz sentar a jantar, até lhe não mostrarem janella d'onde visse este nosso; e levado a ella disse com grande alegria: « Já vi o meu convento de Jesus, vamos á mesa. » E assim se diz, que quem o queria agradar, fallava-lhe n'esta casa, e na fama da sua religião, do que recebia summo contentamento. Mas por justos juizos de Deus, permittiu carecesse este reino do gosto que tinha em possuil-o, e que fosse mais inclinado ás armas, e outros bons e catholicos costumes, que a procurar successão no reino. Todos seus intentos poz em conquistar os mouros, o que commetteu em vida da rainha sua avó, chegando ás fronteiras de Africa, aonde vendo sua pouca companhia e muitos dos inimigos, por conselho de soldados velhos se tornou a Portugal, voltando lá depois para nunca mais regressar. »

Tem este convento muitas reliquias de fama; porém a de mais estimação para as freiras, é o craneo de uma das cinco mil virgens, com que as presenteou o celebre duque de Alva, quando invadiu Portugal em 1580. Não sabemos se esta reliquia tem authentica, mas sim que o general castelhano era muito capaz de a forjar.

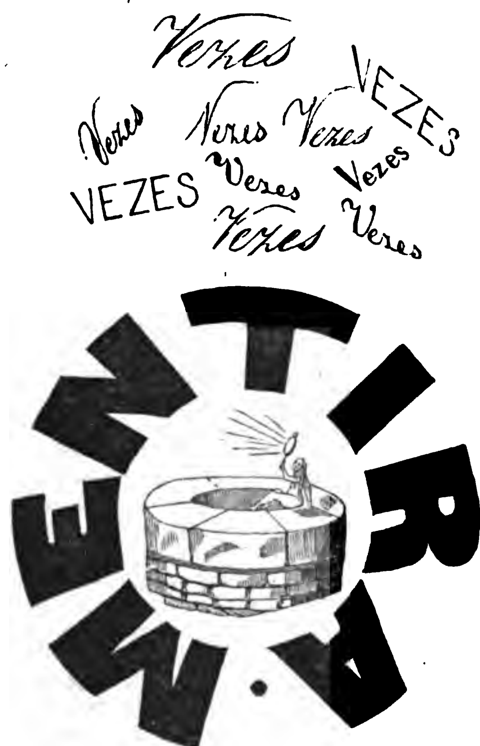
ANTIGUIDADES NACIONAES

Periodos memoraveis de uma representação da Casa dos Vinte-e-quatro, ao intruso rei Filippe IV, *em* **1628**, *contra os desperdicios do seu governo.*

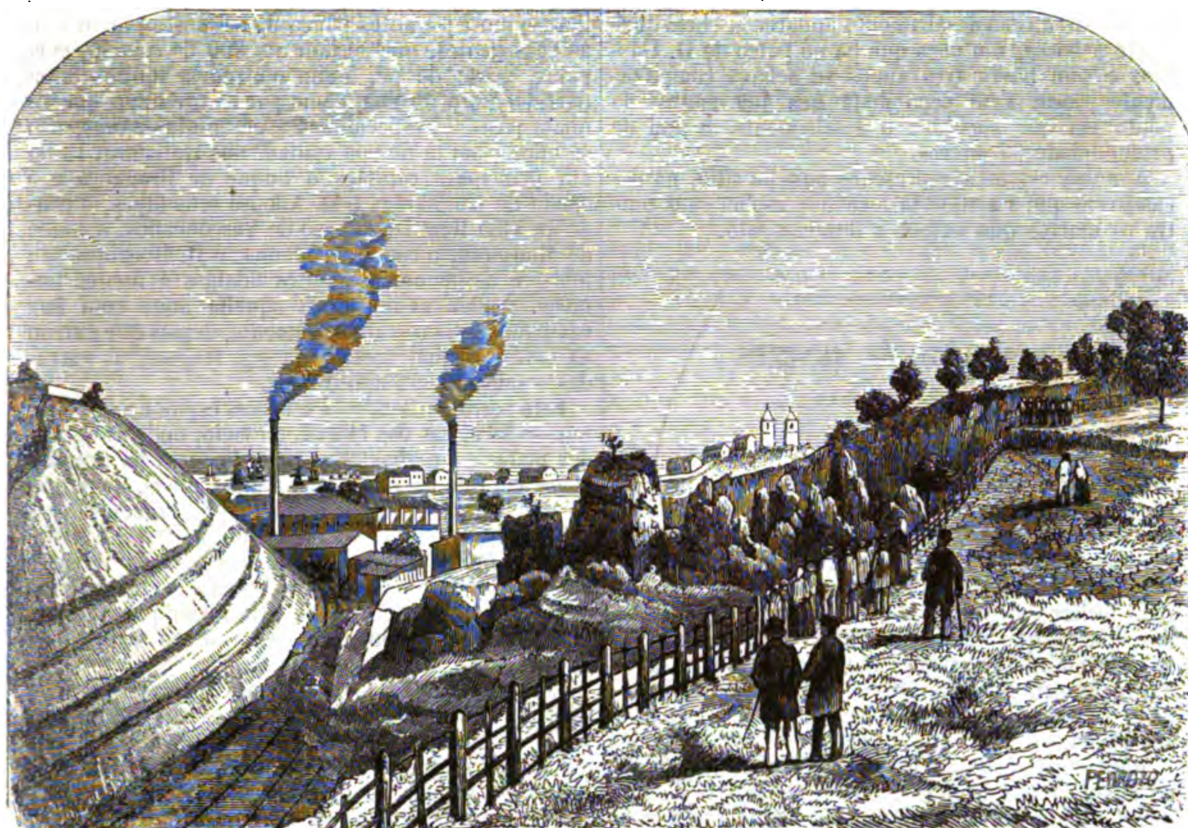
Vossa Magestade tem feito e faz algumas mercês, e estas continuadas, em notavel prejuizo d'esta coroa, por se lhe não declararem os segredos que n'ella ha, e por ausencia de cem legoas o não ver ao olho; e são, que cria e faz duques, como fez ao marquez de Villa Real, e faz marquezes sem quantidade, cria condes que são muitos, por quanto cada duque leva de assentamento cada anno setecentos mil réis, cada marquez trezentos e vinte e cinco mil réis, cada conde cem mil e tantos réis, e de maio passado a esta parte, á vista das necessidades presentes, tem feito dois; e com saber o numero de todos (de cincoenta annos até ao presente mais de vinte) se julgará o que levam cada anno, e se tira do patrimonio real. Não se aponta isto a V. M. para que se não façam similhantes titulares (como a nobreza do reino pediu nas cortes de Thomar, e nas ultimas d'esta cidade, que não se fizessem fidalgos de novo), que era atar as mãos á real magnificencia; mas que, creando-se, não tenham assentamento, senão que se appliquem ao soccorro da India, isto a exemplo dos corregimentos e casamentos antigos da casa real, que os tirou el-rei D. João III, por vêr que se ia consumindo sua fazenda e patrimonio real, servindo-lhe como de sumidoiro sem fundo.

Depois da perda da armada do reino e naus da India, deu V. M. ao conde de Villa-Franca, D. Rodrigo da Camara, fazenda que sobe a trezentos mil cruzados, sem andar com as armas ás costas em Africa, nem ter andado nem adquirido na India, nem nas partes do sul, novas terras para a coroa d'este reino; sendo assim que ao primeiro conde da Vidigueira, D. Vasco da Gama, por descobrir a India, não se lhe deu por el-rei D. Manuel mais que quatrocentos mil réis de juro; e ainda estes sujeitos á lei mental; que o condado comprou elle por seu dinheiro ao duque de Bragança, dando-lhe el-rei sómente o titulo.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Terceiro desabamento da rampa do córte de Xabregas — Desenho e gravura de Pedrozo.

Quando a paginas 300 e 301 do volume I do nosso jornal demos a estampa do desabamento das rampas do córte de Xabregas, na linha do caminho de ferro de léste, escreveu o nosso illustrado collaborador, o sr. Carlos José Caldeira, as seguintes linhas:

« A qualidade e disposição do terreno em que foi aberta a trincheira de Xabregas é tal, que ainda se receiam mais quédas, parecendo difficil conseguir-se a completa consolidação das rampas. É por isso esta parte da linha uma das que exige, e em que ha, maior cuidado e vigilancia. Na verdade muito tempo e dinheiro se tem consumido n'esta trincheira, que se poderia talvez ter poupado, se os engenheiros que primeiro a projectaram tivessem estudado melhor o terreno, e attendido ao enorme volume de 213:429 metros cubicos, que foi necessario remover; o que, junto aos 120:000 dos desabamentos, prefaz quasi 334:000 metros cubicos, que se tem até hoje extrahido do córte de Xabregas.

Parece que um tunel feito n'esta localidade seria obra não mais dispendiosa, e de certo muito mais solida. »

Não foi prophecia, mas previdencia de que não seria aquelle o unico desabamento, tendo havido já outro. A 16 do mez passado tombou novamente grande parte d'aquella enorme rampa sobre a via de communicação, entulhando-a, ficando em pé grandes e pequenos morros, e em torno d'elles grandes fendas, e tão desligada a terra que parecia não haver terreno firme, antes a cada passo um precipicio.

Os operarios, depois de terem desentulhado a via de communicação, não se atreviam a chegar ao pé dos morros que pareciam querer sotterral-os. A viação estava interrompida. Lembrou-se o emprego d'artilheria, ordenando-se que fossem duas bocas de fogo de calibre 6 áquelle ponto. O emprego d'este meio não era prudente, porque havendo para além dos morros algumas habitações, podia acontecer algum desastre. Reconheceu-se que o calibre 6 nada fazia, e para empregar calibre maior crescia o perigo. Fizeram-se comtudo, tomadas as devidas precauções, onze tiros com esphericaes[1] carregadas de polvora, os quaes produziram pouco resultado, tendo-se antes feito um tiro de aviso, para affastar a gente, assim como se deram outras providencias para evitar qualquer damno. Finalmente, vendo-se a pouca efficacia d'este meio, cessou o fogo. Só se empregou uma das bocas de fogo de calibre 6, assestada entre a via de communicação. O emprego de fornilhos e fogassas tambem não se podia fazer alli, por haver a difficuldade da aproximação aos morros, a fim de estabelecer os fornilhos ou fogassas.

Finalmente, apesar da artilheria não produzir effeito, os operarios, vendo que os tiros não tinham derrubado os morros, animaram-se, e n'essa tarde já trabalharam, com picaretas e enxadas, n'aquelles pontos onde até alli ninguem se atrevia a chegar, pelo aspecto ameaçador que apresentavam.

Inda não bastará isto para que se estude aquelle terreno, e se faça alli uma obra tal qual pede a segurança d'aquella via, acautelando-se d'este modo algum desastre, e prevenindo despendios taes como

[1] Projectil ôcco, de ferro, contendo uma determinada carga de polvora e balas de chumbo.

os que já tem causado a leviandade, não sabemos de quem?

Não será inutil para o estudo do solo, sobre o qual se ergue aquella rampa, saber-se que logo depois d'este ultimo desabamento appareceu cheio quasi até á bocca, um poço que ha no pateo de D. Gastão, e que havia tres annos se achava completamente sêcco. Este poço dista uns 400 metros do ponto em que succedeu o desabamento, e tem de profundidade 36 metros.

A nossa estampa representa aquelle sitio, na occasião em que a artilheria jogava as esphericaes contra os morros que formou o desabamento.

D. DUARTE DE MENEZES

(Vid. pag. 105)

II

Santarem, sendo uma das povoações do reino mais ricas em monumentos, parece que por isso mesmo tem merecido mais o odio de certa gente, que das tres potencias da alma, memoria, entendimento e vontade, só admitte a ultima, e com razão, porque para fechar os olhos e descarregar uma çamartellada, é mais que sufficiente. Estas palavras são do sr. Alexandre Herculano, n'um dos brados a favor dos monumentos, proferidos no « Panorama », quando a redacção d'aquelle excellente jornal estava a seu cargo.

Recordando-o hoje n'este, a proposito do tumulo do nosso grande capitão d'Africa, D. Duarte de Menezes, que no antecedente numero desenhámos, lembraremos aos poderes do estado, que este bello monumento funeral não está bem parado n'um quartel de tropa, e que cumpre tel-o resguardado, mas que se franqueie aos visitantes que hoje accorrem áquella villa pelo caminho de ferro de léste.

Para os que alli forem com o intento de admirar as antiguidades de Santarem, transcreveremos aqui as noticias que nos ficaram de D. Duarte de Menezes, cujo é o mausoléo que devem ir ver ao extincto convento de S. Francisco. Levem no bolso este e o antecedente num. do ARCHIVO PITTORESCO, que maior valor hão de dar áquelle monumento da edade media.

O que hoje lhe offerecemos foi escripto pelo chronista Gomes Eanes de Azurara, ao qual, estando em Africa, el-rei D. Affonso v escreveu de seu proprio punho, que *ordenasse e ajuntasse os grandes serviços que a elle e á sua coroa tinha feito o valoroso e excellente capitão D. Duarte de Menezes, para lhe escrever a sua chronica.*

Em desempenho d'esta real ordem, compoz Azurara um livro cheio de façanhas, que se conservou inedito até 1793, anno em que foi impresso pela academia real das sciencias de Lisboa n'um vol. de 385 pag. em fol.

Como o codice manuscripto que possue a bibliotheca nacional tem algumas variantes do impresso, d'esse codice fizemos os extractos que vamos dar. E seja primeiro o capitulo 150, que diz assim:

COMO EL-REI ENTROU EM TERRA DE MOUROS E O CONDE D. DUARTE FOI MORTO

Havendo el-rei D. Affonso v novas de como na serra de Benacofú jaziam muitos mouros ferozes em armas, como quem desejava resolver n'aquelles actos, a cujo fim principalmente partira de seus reinos, assim que foi avisado por aquelles mouros, assim ordenou logo a sua partida, e o primeiro dia foi alojar-se ácerca do castello d'Alminhacar, onde esteve o outro dia quasi todo, principalmente porque seus cavallos tomassem alguma força para o trabalho seguinte; e antes pouco do sol posto partiu com as suas gentes, que seriam até 800 de cavallo, com pouca gente de pé, assim porque já muitos eram partidos para o reino, como por os trabalhos que tinham passado, especialmente em muitas aguas, não se offereciam já de boa vontade aos trabalhos. Eram alli principaes capitães o duque de Bragança e o conde de Guimarães e D. Affonso seus filhos, o conde de Villa Real D. Affonso de Vasconcellos, o conde de Monsanto, o conde de Vianna, e D. Henrique seu filho, e assim outros muitos fidalgos e nobres homens. Andou assim el-rei aquella noite com sua companhia, assaz trabalhosamente, depois que entrou na serra, a qual posto toda seja fragosa, as entradas e saídas o são muito mais.

Esta serra de Benacofú tem dois espinhaços, e juntam-se as aguas das chuvas no meio, onde são grandes matas e brenhas. Em cima da serra ha grandes chãos em que ha valles com muitas aguas, e em que ha muita creação, e por isso ha n'ella grande povoação, e são os moradores d'ella mui audazes, e assim por sua multidão como por a aspereza da terra, e não menos por sua fortaleza, poucas vezes querem conhecer senhorio, e ainda pela maior parte nunca tem paz com os seus visinhos, e o seu trato quasi sempre é em Targa e em Belez.

Como foi manhã logo as gentes começaram a se espargir para correr a serra, cada um segundo a ventura o guiava. E os mouros, pela maior parte, como amam muito as mulheres e filhos, mettiam-n'os n'aquellas brenhas, cuja espessura era tal, que nenhum de cavallo sem grande risco podia entrar n'ellas; e parte d'elles ficavam de guarda n'aquelles sitios, e outros saíam a pelejar com os nossos, sequer pelos empachar que não houvessem tempo, nem logar, para tentar de querer entrar as matas, onde houve muitas pelejas, e feitos assaz assignados, tanto d'uma parte como da outra, até que em fim todo o damno foi dos mouros, de que morreram muitos. E especialmente pelejaram aquelle dia D. Affonso de Vasconcellos, em cuja companhia se ajuntou Gonçalo Vaz Coutinho, que era assaz de ardido cavalleiro, e foi aquelle senhor assaz trabalhando para salvar-se e áquelles que o seguiam, fazendo grande perda nos contrarios, não sem grande perigo, onde foi grandemente servido e ajudado de um seu pagem, que se chamava Pedro Lopes, homem certamente nobre e merecedor de muita honra, a qual tanto n'aquelle dia foi maior, quanto a idade era mênos para supportar os trabalhos. Não se mostrou aquelle menos digno de louvor, nos feitos que depois seguiu no reino e em estas partes, do que se mostrou em aquelle dia servindo seu senhor. D. Henrique, filho do conde de Vianna, assim como era homem de grande coração, assim pelejou em aquelle dia mui assignadamente; livrando Alvaro de Ataide da morte, matando por si mesmo um d'aquelles que o tinham quasi preso, ferindo outros muitos e aleijando-os; até que lhe quebraram um braço com uma pedra, tendo já aquelle Alvaro de Ataide outro por similhante maneira quebrado. Vasco Martins Chichorro, por sua parte, acertou mouros com quem combateu assaz, levando d'elles a victoria com muito espargimento de sangue d'aquelles infieis.

El-rei veiu pelo espigão da serra, que entrára por um d'aquelles espinhaços e saíu pelo outro, e ás vezes acudia a algumas partes mais por vontade de pelejar que por outra necessidade. E assim se foi indo até uma aldeia grande, que era como cabeça das outras, e alli esteve comendo e repousando um pedaço, mandando

a Lopo de Almeida que levasse comsigo o adail e aquella gente que lhe parecesse necessaria, com que levasse a cavalgada ao fundo da serra, onde esperasse até sua ida. E abalando el-rei assaz vagarosamente, foi assim até um outeiro, onde fez repouso, ao pé do qual estava uma grande mata. «Sr., disse um d'aquelles, envia-vos dizer o conde de Vianna, que se quizerdes ver uma formosa montaria, mandeis a gente de pé com besteiros e espingardeiros, que se mettam em aquella mata, e que lancem os mouros fóra que jazem dentro, e estes, os de cavallo, por de redor em arrimadas; e que havereis assaz de desenfadamento.» «Eu vejo bem, respondeu el-rei, que essa gente de pé vem toda cançada e trabalhada de andar, e perder somno duas noites ha. E a mata é espessa e fragosa, não quero que me matem um homem por quantos mouros jazem dentro.» E mandou então dizer áquelles besteiros, espingardeiros, e gente de pé, que se fossem caminho de Tetuão, porque alli entendia de ir dormir aquella noite, e elle esteve tanto espaço até lhe parecer que a gente de pé teria andado uma boa legoa. E então abalou, e após elle vinham alguns mouros.

Parece, disse el-rei, que estes mouros querem paz, porque vem assim passamente[1] sem mostrança de peleja. E por isso esteve á falla com elles, mandando-lhes fazer perguntas, se por ventura queriam ser seus, e que lhes faria aquelle favor que fazia aos outros que com elle ficaram; os quaes responderam que fallariam com os outros mouros seus visinhos, os quaes já eram no outeiro d'onde el-rei partíra, assim como outros muitos que se achavam por outras partes. Estando aquelle principe esperando pela resposta um grande espaço, até que viu que tardavam, abalou para outro outeiro que estava diante, levando o seu estandarte ante si, e subiu com os de cavallo a um outeiro muito alto e mui fragoso, cheio de muitas pedras e barrocas, onde o conde de Guimarães chegou a elle: Senhor, lhe disse, o conde de Villa Real fica na reguarda em grande perigo, porque é aquelle outeiro d'onde ora descestes, e os mouros que jazem na mata poderão saír a elle. Por mercê mandae-lhe besteiros e espingardeiros com que se possa recolher mais seguro. Os quaes foram buscados e não foi achado algum. Porém mandou el-rei dizer ao conde de Villa Real que viesse, o qual lhe mandou responder que não fizesse senão despejar-lhe o caminho, que elle com a graça de Deus o seguiria, com honra sua e damno de seus contrarios. E isto disseram que lhe mandou dizer duas vezes ou tres. Houve então aquelle conde o outeiro d'onde el-rei partíra. E ainda que o conde de Villa Real sempre fosse homem especial no officio das armas, n'este dia mereceu grande nome, porque além de se recolher á guiza de grande e nobre capitão e ardido cavalleiro, fez assaz de muito damno nos contrarios. E quanto el-rei mais estava n'aquelle outeiro, tanto os mouros mais recresciam.

Dizei, disseram elles, ao vosso rei, que não queremos com elle senão guerra; pondo as mãos nas barbas e nas cabeças, dizendo quasi com juramento que n'aquelle dia seriam vingadas a maior parte de suas injurias e damnos. Como elles viam bem como estavam os nossos, em som de desbarato; descendo el-rei d'aquelle outeiro para ir para o fundo, chegavam-se os mouros das ilhargas, e feriam mal os cavallos; e fez alli el-rei com os que com elle eram, que seriam até 400, tres voltas, porém pequenas. E por isso só de rosto matou um mouro, e se o logar fôra tal, muito quizera fazer por suas mãos. E porque o perigo cada vez era maior, ia-se a gente quanto mais podia, tanto que o conde D. Duarte bradava mui rijamente, que tivessem vergonha e não desamparassem seu rei e seu estandarte, mas elles não davam attenção. E vendo-se el-rei em trabalho com os mouros, foi aconselhado que mandasse chamar o conde de Vianna, o qual, dizem, dissera a Domingos da Silveira, com quem ia fallando: «Se as minhas profecias são verdadeiras, agora é a minha derradeira hora.» «Conde, lhe disse el-rei, ficae com estes mouros porque lhe conheceis as manhas, e acautelae esta gente.» «Eu não quizera, dizem que disse elle, que em tal tempo me dereis tal cuidado, principalmente porque não tenho aqui nenhum dos meus capões; estes que são presentes não fazem vosso mandado, menos farão o meu; porém pois que vós o haveis assim por vosso serviço, hei por muito bem empregado em mim mesmo qualquer coisa que me aconteça.» E então abalou el-rei, e o conde não foi enganado em seu dito, porque quasi todos partiram, onde lhe logo mataram o cavallo, e feriram a elle na trazeira, e elle a pé. Chegou-se a elle o conde de Monsanto e um escudeiro, que era filho de um criado de seu padre, que por lhe dar seu cavallo morreu alli, como bom, o qual havia nome de Nuno Martins de Villa-lobos. Trabalhou o conde de Monsanto por tornar seu cunhado a cavallo, e porque elle tinha as pernas curtas, estava armado, e apressado dos contrarios, não póde tão ligeiramente cavalgar como lhe cumpria; e tendo o pé esquerdo no estribo, cujo loro era mais comprido do que as suas pernas requeriam, quando quiz lançar o pé direito para a outra banda, tocou o cavallo nas ancas com a espora, o qual lançando pernadas, deu outra vez com elle no chão, onde deu grande pancada na cabeça, de que ficou assaz ferido, porém acordado. «Sr. irmão, disse elle ao conde de Monsanto, salvae vossa vida; e pois já na minha se não póde pôr remedio, ponha-m'o Deus na alma que me fez e creou, em cujas mãos me encommendo.»

E assim acabou aquelle nobre e tão honrado cavalleiro, cuja morte foi tão chorada, porém não tanto como devêra, e porque elle em toda sua vida dispendeu em servir Deus e seu rei, sendo mui verdadeiro, mui justo, mui temperado, temente a Deus, e tirou muitas almas do captiveiro; peço áquelles que lerem esta historia, que quando a este ponto chegarem, o ajudem a tirar d'alguma pena em que elle estiver. Eu piedosamente creio que cada um concorrerá com a sua oração, lembrando-se que, quem por outrem roga, por si roga.»

[1] De vagar.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio*, sem lhe darem a construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases, taes como casa *meio* feita, pessoa *meio* morta, porta *meio* aberta.

Uma casa póde estar meio feita e meia feita. Na primeira hypothese affirma-se que a casa esta *feita* até metade, por exemplo, da altura em que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo *meia* é rigorosamente adjectivo, e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente, e então dá-se sempre a terminação masculina.

Por exemplo, quando fr. Luiz de Sousa diz que o arcebispo (D. fr. Bartholomeu) levantava as mãos *meio* mortas, não quiz dizer que *meias* ou *metade* das mãos estavam mortas, mas que o amortecimen-

to d'ellas estava já em *meio*. Portanto não é indifferente empregar este vocabulo d'uma ou d'outra fórma, como se atrevem a dizer alguns grammaticos, e o consignam alguns diccionaristas na palavra adverbio.

A regra é esta: Os adjectivos tomados como adverbios são invariaveis, conservando sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Serm. 10. 163) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplo de ambas as hypotheses figuradas.

«Todas as nações do Oriente, de qualquer côr que sejam, fallam a lingua portugueza, mas cada uma a seu modo, como no Brasil os de Angola, e os da terra. E Xavier que fazia para que elles o entendessem? Arremedava as suas linguagens com os proprios accentos, nunca mais eloquente que quando nos tempos, nos casos, nos generos, imitava os seus barbarismos.»

«Nas terras e mares por onde o santo andou, tem a lingua portugueza avêsso e direito: o direito é como nós a fallâmos, e o avêsso como a fallam os naturaes. E Xavier para ser melhor entendido na doutrina que ensinava, não usava do direito da lingua, senão do avêsso. Aos canarins a canarina, aos malaios a malaia, aos japões a japôa.»

«Mas perguntára eu ao nuncio apostolico, ou padre mestre Francisco, onde aprendeu elle estas linguas, ou estas meias linguas? É certo que não em Paris, nem na sua universidade da Sorbona, nem em Roma, nem em Veneza, nem em Bolonha, nem em Lisboa. Mas tambem não ha duvida que só as pôde aprender no cenaculo de Jerusalem, onde o Espirito Santo desceu, não só em linguas de fogo, mas em linguas partidas. E porque eram, ou foram, ou haviam de ser aquellas linguas partidas? Eram linguas partidas, não só porque eram muitas linguas, senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. *Meias* linguas, porque eram *meio* européas e *meio* indianas; *meias* linguas, porque eram *meio* politicas e *meio* barbaras; *meias* linguas, porque eram *meio* portuguezas e *meio* de todas as outras nações, que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.»

MORCEGOS

Este hediondo animal serve tambem, como o camelo, o cameleão e o texugo, de que já fallâmos, para comparar com os homens que tem certas similhanças com elle.

Quando vemos uma pessoa tristonha, que não sáe senão de noite, dizemos que é morcego. E tal nome se dava aos soldados da extincta guarda real da policia, que foi substituida pela municipal, por andarem patrulhando de noite.

Suppozeram os antigos que os morcegos gigantes, ou vampiros, como lhes chamavam, saíam dos cadaveres que jaziam nos cemiterios, para vir sugar o sangue do coração dos vivos, e d'aqui se originou uma superstição como a das bruxas. Mais adiante diremos em que se estribava esta crença popular.

D'aqui resultou que os charlatães attribuiam grandes virtudes ao sangue do morcego, e até se acreditou que quem trazia uma cabeça d'este animalejo, secca, d'entro de uma bolsa ao pescoço, nunca tinha somno.

Felizmente todas estas abusões estão acabadas.

Passemos agora a descrever as cinco especies de morcegos, desenhados na nossa estampa, advertindo que ha muitas mais.

O morcego está entre os limites de muitas classes e ordens de animaes, porque vôa como as aves, e, similhante aos bimanos e aos quadrumanos, tem peitos e leite para crear os filhos. Uma larga membrana que lhe cobre os quatro membros, e os dedos, que são longos como virotes, lhe fórma as azas quando quer voar. Para este fim estende os dedos, que, bem como as varetas de um chapeo de sol, abrem a membrana, e agitando estas grandes azas, que são de uma pelle dura e quasi transparente, vai voando esta ave sem pennas, ao pairo de insectos, de borboletas crepusculares e nocturnas como elle, ou cáe sobre os fructos que arrebata. A especie desenhada no alto da nossa estampa (n. 1) faz n'elles grande estrago.

A esta especie se chama vulgarmente morcego gigante, pela sua corpulencia, grandes azas e focinho de cão. É a unica frugivora, e pertence aos archipelagos do oceano Indico, ás Molucas e ás ilhas de Sunda. Aquelles povos, e principalmente os chins, os comem como gallinha; e um auctor que temos á vista, diz que, apanhados na primavera, a carne do morcego gigante tem a côr e gosto da lebre. Os europeus não lhe mettem dente, por causa do fortum que este animal tem a uma especie de almiscar.

Buffon, dando credito a relações falsas, fez este animal voraz e carniceiro. Porém uma carta de mr. de la Nux, que passou mais de cinco annos na ilha de Bourbon, onde elles se acham em grande quantidade, lhe fez mudar de opinião. Os vampiros maiores e menores da Asia e Africa sómente comem fructos; e se os viajantes deram credito a que elles se lançavam sobre os homens, e assim o divulgaram, é porque, quando estes animaes cáem na terra, não podem retomar o vôo sem subirem a alguma coisa elevada, por exemplo, a uma arvore ou outro objecto, até mesmo a qualquer homem, se elle é o primeiro apoio que encontram para subir.

Esta especie de morcegos é, entre aquelles povos, boa para comer, e váe-se no seu paiz á caça d'elles, como no nosso á do phaisão e da perdiz. Quando pousam em uma arvore, penduram-se nos ramos pelos pés, com a cabeça para o chão, envolvidos nas suas azas. Como são em grande quantidade, offerecem n'esta postura uma vista singular, quando assim guarnecem a summidade dos ramos por toda a copa da arvore.

A respeito d'estes morcegos gigantes, ou vampiros, diz o nosso Brotero: «que elles tem na extremidade da lingua muitas papillas finissimas, duras e agudas, reviradas para traz, e quasi como ferrõesinhos, que parecem servir para chupar o mel das flores, e os succos lagrimosos das palmeiras, de que estes animaes são muito ávidos. Conforme alguns zoologos (continúa), podem tambem servir para se introduzirem subtilmente nos póros da pelle do homem e dos animaes, alargal-os pouco a pouco, quasi insensivelmente, até penetrar nas veias, e em fim estabelecer a sujeição do sangue ao chupamento da lingua. Foi, provavelmente, por esta razão que o dr. Gmelin attribuiu aos vampiros da Asia e Africa a mesma propriedade que o conde de Buffon e outros zoologistas attribuem sómente ao vampiro da America, isto é, a de chupar o sangue aos homens e animaes, estando elles dormindo e sem acordar; porém não se tem até agora verificado com observações exactas similhante propriedade, nem nos vampiros da Asia e Africa, nem nos da America; no pacó de Goa, que me parece ser na realidade o vampiro maior da Asia, não me consta, até agora, que se tenha observado tal propriedade.



1, Morcego gigante, ou vampiro — 2, Morcego ferradurado — 3, Morcego da Thebaida — 4, Morcego barbastello
5, Morcego orelhudo.

e se o vampiro da America é o morcego Andira, do Brasil, como julgam alguns zoologistas modernos, tambem não tenho noticia que n'elle, até agora, tal facto se tenha de modo algum reconhecido.

O morcego ferradurado (n. 2) tem o nariz guarnecido de uma borraina, em fórma de ferradura. O pello d'este morcego é cinzento escuro no lombo, e branco encardido no ventre, comprido e macio. Quando se péga ás paredes, mirra-se de tal maneira, fechado na membrana extensala, que á primeira vista parece uma chrysalida.

O morcego da Thebaida (n. 3), que o insigne naturalista Geoffroy Saint-Hilaire trouxe do Egypto, parece mesmo uma ratazana volante.

O morcego barbastello (n. 4) similha bem o focinho dé lebre, excepto em ter uma hedionda mascara.

O morcego orelhudo (n. 5), assim chamado por ter as orelhas quasi do tamanho do corpo, é mui commum na Europa; gira pelas cidades, entra nas casas, e come de tudo.

Em summa, o morcego, imperfeitamente quadrupede, carniceiro, insectivoro, frugivoro, ave sem bico e com tetas, quadrupede sem pés, voando rapida e subtilmente, causador innocente de temores supersticiosos, auxiliar util do homem, porque o livra de insectos nocivos, o morcego, collocado pela sua conformação nos limites de tantas ordens e classes zoologicas, não offerecerá problemas de utilidade ao classificador, até que um dia venha a ensinar ao mechanico a arte de subir aos ares, e prestar ao homem, que imitou para a navegação as barbatanas do peixe, as azas elasticas para voar?

SANTA CASILDA

(Lenda castelhana)

I

Era rei de Toledo o moiro Almenon, com quem o de Castella, D. Fernando o Magno, mantinha cordial amizade.

Este rei moiro tinha uma terna e formosissima filha, chamada Casilda.

Uma escrava castelhana contou á filha do rei moiro, que os nazarenos, os christãos, amavam o seu Deus, o seu rei, os seus paes, irmãos e esposas.

Tambem contou a escrava á filha do rei moiro, que os nazarenos nunca ficam orphãos de mãe, porque, quando perdem a que os alimentou em suas entranhas, fica-lhes outra, a quem dão o nome de Maria, e que é d'elles mãe eternal.

Annos sobre annos se passaram, e Casilda foi crescendo em corpo, em formosura e em virtude. Morreu-lhe a mãe, e logo invejou a felicidade dos orphãos nazarenos.

Nos limites do jardim que rodeava o palacio do rei moiro, havia escuras masmorras, onde gemiam, famintos e carregados de cadeias, muitos captivos christãos.

Succedeu que um dia, indo Casilda passear pelos jardins de seu pae, ouviu gemer os pobres captivos. A princeza moira desatou a chorar sem consolo, e regressou ao palacio com o coração oppresso de tristeza.

II

Á porta do palacio encontrou Cassilda o pae, e caindo a seus pés, lhe disse:

— Meu pae! Senhor meu pae! nas masmorras do jardim pranteia grande numero de captivos. Tira-lhes as cadeias, abre-lhes as portas da prisão, e deixa-os voltar á terra de nazarenos, onde choram, por elles, paes, irmãos, esposas e amadas.

O moiro abençoou a filha no fundo do coração, porque era bom, e amava Casilda como ás meninas dos seus olhos.

O pobre do moiro só tinha aquella filha!

E prezava sobre todos a Casilda, porque era filha sua, e, além d'isso, a imagem viva da querida esposa, cuja perda chorava havia um anno.

Porém o moiro, antes de ser pae, era musulmano, era rei, e julgava-se, portanto, obrigado a castigar a audacia da filha.

Porque, lastimar os captivos christãos e pedir a sua liberdade, era um crime que o Propheta mandava castigar com a morte.

Occultou, por isso, a indulgencia da sua alma, e disse a Casilda com semblante iracundo e voz ameaçadora:

— Afasta-te, falsa crente, afasta-te! A tua lingua será cortada, e teu corpo lançado ás chammas, que tamanha pena merece quem supplica pelos nazarenos!

E ia chamar os verdugos para lhe entregar a filha!

Casilda, porém, de novo caíu aos pés de seu pae, pedindo-lhe perdão em memoria de sua mãe, a rainha, cuja morte chorava Almenon, havia um anno!

O pobre do moiro sentiu os olhos inundados de lagrimas, apertou a filha contra o coração, e perdoou-lhe dizendo:

— Guarda-te, minha filha, de pedir outra vez pelos christãos, e tambem de os lastimar, porque então não haverá misericordia para ti; o santo Propheta bem claro escreveu: — « Exterminado será o crente que não extermine os infieis. »

III

Cantavam os passaros, era azul o ceo, era de oiro o sol, abriam-se as flores, e a aragem da manhã levava ao palacio do rei moiro o perfume dos jardins.

Casilda estava triste, e chegou á janella para distrahir-se de suas melancolias.

Os jardins pareceram-lhe n'aquella hora tão bellos, que não pôde resistir ao seu encanto, e desceu a passear a tristeza que a affligia, por entre as odoriferas ramadas.

Contam que o anjo da compaixão, em fórma de mariposa formosissima, lhe saíu ao encontro, e enfeitiçou-lhe o coração e os olhos.

A mariposa voava, voava, saltava de flor em flor, e Casilda ia após d'ella sem conseguir alcançal-a.

Mariposa e donzella encontraram uns grossos muros; esta penetrou por elles deixando alli immovel e namorada a mariposa.

Atrás d'aquelles grossos muros ouviu Casilda tristissimos lamentos, e então lembrou-se de que alli gemiam, famintos e carregados de cadeias, os pobres christãos, pelos quaes em Castella choravam paes, irmãos, esposas e amadas.

A caridade e a compaixão fortaleceram a sua alma, e illuminaram a sua intelligencia.

Casilda voltou ao palacio, e tomando viandas e oiro, dirigiu-se outra vez para as masmorras, seguindo a mariposa, que tornou a apparecer-lhe no transito.

O oiro era para comprar os carcereiros, as viandas para alimentar os captivos.

Oiro e viandas resguardava com a saia do vestido, quando, ao voltar uma rua de rosaes, encontrou seu pae, que tambem saíra para distrahir por alli as melancolias que o finavam.

— Que fazes aqui tão cedo, luz dos meus olhos? perguntou o moiro á filha.

A princeza córou como as rosas que a seu lado agitava a brisa da manhã, e a final respondeu:

— Vim para contemplar as flores, para ouvir trinar os passarinhos, ver o sol reflectir-se nas fontes, e respirar o ambiente perfumado dos seus jardins, meu pae.

— Que levas ahi no regaço do vestido?

Casilda chamou do mais recondito do seu coração pela Mãe immortal dos nazarenos, e respondeu então:

— Pae e senhor meu, levo rosas que apanhei n'estes rosaes.

Almenon, duvidando da sinceridade de sua filha, abriu-lhe o regaço do vestido, e uma chuva de rosas alastrou o chão!

IV

Pallida estava a donzella, pallida como as açucenas dos jardins do rei moiro, seu pae!

Conta a historia, que apenas ficava sangue nas veias de Casilda, porque, lançado a jorros, todos os dias tingia o fio de brancas perolas que brilhavam entre os labios da princeza.

Pallida estava a donzella, e o rei moiro se finava de pena vendo morrer a filha querida.

A sciencia dos medicos de Toledo não acertava em restituir a saude á princeza, e então Almenon chamou á sua corte os mais egregios e famosos de Sevilha e Cordova.

Porém se impotente havia sido a sciencia dos primeiros, impotente era tambem a sciencia dos segundos.

— O meu reino e os meus thesouros darei ao que salve a minha filha! exclamava o pobre moiro, vendo Casilda proxima a exhalar o ultimo suspiro.

Porém, ninguem acertava a ganhar o seu reino e os seus thesouros, porque o sangue continuava tin-

gindo, lançado aos jorros, o fio de brancas perolas que brilhavam entre os labios da princeza.

— « Fina-se a minha filha! (escreveu o rei de Toledo ao rei de Castella). Se em vossos reinos ha quem possa salvar-m'a, que venha, que venha á minha corte, que lhe darei... o meu reino e os meus thesouros... dar-lhe-hei até a minha filha. »

V

Pelos reinos de Castella e de Leão soavam pregões annunciando que o rei moiro de Toledo offerecia, ao que restituisse a saude a sua filha, o seu reino e os seus thesouros, e até a filha cuja salvação anciosamente desejava.

E contam que um medico vindo da Judéa se apresentára ao rei de Castella offerecendo-se a restituir a saude á princeza moira.

Era tal a sabedoria que refulgia nas palavras d'aquelle homem, e tal a fé que inspirava a bondade que resplandecia no seu rosto, que o rei de Castella não vacillou em dar-lhe cartas, assegurando a Almenon que lhe enviava com ellas o salvador da princeza Casilda.

Apenas o medico vindo da Judéa tocou a fronte da donzella, o sangue deixou de correr, e a côr da rosa começou a tingir as pallidas faces da enferma.

— Tomae o meu reino! exclamou Almenon, louco de alegria e chorando de agradecimento.

— O meu reino não é d'este mundo, respondeu o medico vindo da Judéa.

Tomae o meu maior thesouro! replicou o rei de Toledo designando ao medico sua filha.

O medico, fazendo um signal de acceitar, estendeu o braço para Castella, e disse:

— Ha alli umas aguas, purificadas, que hão de completar a salvação da virgem musulmana.

E no dia seguinte a princeza Casilda pisava a terra dos christãos, acompanhada sempre do medico vindo da Judéa.

VI

Casilda e o medico vindo da Judéa caminharam, caminharam, caminharam para terra dos nazarenos, e a final pararam na margem de um lago de azuladas aguas.

O medico tomou algumas gotas de agua no vazio da mão, e exclamou, derramando-as sobre a fronte da princeza:

— *Eu te baptiso em nome do Pae, do Filho, e do Espirito Santo!*

E a princeza sentiu ineffavel gozo, parecido ao que outr'ora lhe contára a escrava nazárena, que sentiam os bemaventurados no paraiso.

Os joelhos dobraram-se-lhe, e os olhos fitaram-se-lhe na abobada azul do céo; e ella ouviu dulcisonos *hosannas*, que a fizeram lançar a vista em torno de si.

O medico vindo da Judéa já não estava ao seu lado, porque rodeado de scintillantes resplandores se elevava para a abobada azul do ceo.

— Quem sois, senhor, quem sois? exclamou a princeza, attonita e deslumbrada.

— Sou teu esposo, sou o que deu a saude á filha de Jairo, que padecia a doença que tu padeceste, sou o que disse: « Qualquer que deixar a casa, ou irmãos, irmãs, pae, mãe, mulher, filhos, ou terras pelo meu nome, receberá cem por um, e possuirá a vida eterna. »

Na margem do lago de azuladas aguas, que hoje chamam de S. Vicente, e está em terras de Briviesca, ha uma pobre ermida onde viveu solitaria a filha do rei moiro de Toledo, que hoje chamam *Santa Casilda*.

D. ANTONIO DE TRUEBA

BAMBOCHATAS

(GENERO DE PINTURA BURLESCA)

Se o leitor quer saber d'onde vem este termo, queira ter a bondade de nos ouvir a seguinte historia.

No meado do seculo XVII vivia um pintor hollandez chamado *Van Laer*, a quem a natureza deu a mais disforme e extravagante figura. Tinha as pernas de um ganso, o tronco de um comprimento egual, proximamente, duas vezes ao da vossa palma da mão, uma cabeça enorme e enterrada até ao meio das espadoas, olhos de boi, uma bocca que se estenderia por todo o segmento maximo da cabeça, se as orelhas se não oppozessem a isso, e um nariz... (fallae-nos d'este nariz!) vós, leitor, não podereis nunca suppor que houvesse existido um nariz similhante, asseguro-vos, ainda mesmo que vos fosse permittido ver a temivel penca d'esse antigo ministro que, dizem, se divertia a fazer com ella eclipses do sol e da lua, tão perfeitamente, que deixava tudo ás escuras! Era, em fim, tão exquisito, que elle proprio não se podia ver sem se rir; mas, em compensação, o diabo do homem (concedei-me licença para lhe dar este nome em tom de homenagem ao seu bom humor, que de algum modo fazia esquecer as suas deformidades), o diabo do homem tinha graça devéras, e d'ella tirava um maravilhoso partido para divertir seus companheiros.

Muito moço ainda, *Van Laer* partiu para França, a fim de estudar, mais largamente que em Hollanda, os principios da sua arte, para a qual mostrava já admiraveis disposições. Mas, ou porque não achasse em Paris pintores de merito, ou por outra qualquer razão que pouco importa conhecer, o nosso homem demorou-se pouco na elegante capital, e tomou o caminho da Italia, onde então as artes brilhavam com todo o esplendor.

Segundo o auctor d'onde estamos colhendo os presentes apontamentos, eram n'estes tempos os pintores, esculptores e architectos das quatro partes do mundo, que frequentavam Roma, uns patuscos, mais perfeitos e admiraveis que todos os que nós por ahi vemos hoje. Fazei idéa! Se muito ardente era o seu amor pela gloria, não menos o nutriam pelo prazer. Todos passavam vida laboriosa e galhofeira; nenhum consultava a bilis para commentar os rigores da sorte: riam-se em commum de tudo que estava ao alcance de um epigramma; riam-se até de si proprios, quando não apparecia victima estranha.

Com taes disposições, e tal humor, é facil adivinhar como seria recebido o nosso homem. Mal o viram, logo uma gargalhada estrondosa e geral retiniu d'uma fronteira á outra do ex-imperio romano. Dizemos *geral*, porque toda a gente que pisava o solo italiano ria ás bandeiras despregadas, e o proprio *Van Laer*, com a enorme bocca, ria, pela sua parte, mais forte do que todos. Mas, oh! humana vaidade! todos accordaram em que *Van Laer* era o dissipador invencivel de todas as magoas, quer fossem de raiz superficial, ou de raiz profundada, mas ninguem pôde resignar-se a ver um nome de homem n'uma caricatura hollandeza. Levantaram-se questões mui acaloradas que, não obstante, foram de instantanea duração, porque os artistas se reuniram logo em supremo conselho para baptisarem convenientemente o nosso heroe. *Van Laer* annuiu tão prompta e festivamente á idéa, que elle mesmo presidiu á assemblea, e indicou o nome de *Bambocha*, que foi approvado por unanimidade.

Bambocha continuou a ser, pelo seu espirito e artisticas vocações, o mesmo *Van Laer*, e assim che-

gou até aos sessenta, sem ter conhecido o desgosto senão do nome, quando, repentinamente, se viu desapparecer sua alegria, alterar-se-lhe a saude, e empossar-se de sua alma uma profunda melancolia.

Ah! caros leitores, foi uma tragica aventura que, á maneira de uma especie de apoplexia fulminante, metamorphoseou subitamente o galhofeiro *Bambocha* n'um verdadeiro ermitão!

Coitadinho!

Um dia de quaresma, em que petiscava n'uma boa peça de carne com quatro pintores, seus amigos, o infeliz *Bambocha* foi bispado em flagrante por um ecclesiastico. Ora, este sacerdote era, desgraçadamente, um fanatico. Não satisfeito de os ter accusado, n'essa occasião, de pouco respeitadores dos mandamentos da egreja, voltou no outro dia, reprehendeu-os de novo, e ameaçou os pobres peccadores com as religiosas correcções da inquisição. Continuou assim todos os dias, e tão terriveis ameaças proferiu, que os cinco pintores resolveram escapar á sua colera inexoravel.

N'uma noite, pois, em que a imagem assustadora do infamado tribunal, chamado, sem duvida, por ironia, *santa inquisição,* lhes appareceu mais ameaçadora que n'unca, seus espiritos se perturbaram, foram-se ao padre, e afogaram-n'o!

Desgraçados! não contaram com os remorsos! O pobre *Van Laer* foi logo por elles atacado violentamente, de um modo inconcebivel. Debalde procurava afogar o seu crime nos prazeres. Em vão clamava pela alegria, outr'ora tão docil, tão obediente á sua voz: a alegria não vinha. Apenas lhe apparecia o



Van Laer *(Bambocha)*

spectro pallido e livido do ministro da religião que elle tinha assassinado. O desespêro roía-lhe as entranhas. Uma idéa subita lhe occorreu.

— Se fosse para a minha patria, disse elle com os seus botões.... se procurasse sob o tecto paterno.... sob esse tecto que me viu nascer, a tranquillidade da alma que me abandonou, e sem a qual ninguem póde viver feliz!....

Feita esta reflexão, póde dizer-se que não partiu, voou logo, sem mesmo se despedir dos seus amigos. Chega á Hollanda. Já seu coração bate mais livremente sob o ceo da patria.

— Que será, exclama elle, quando eu entrar na villa onde nasci, onde a minha infancia correu tão doce e tranquilla, afagada pelos mimos inexcediveis de minha terna mãe! Oh! então esquecerei tudo, e. protegido pelas recordações tão caras de minha infancia, renascerei, sem duvida, para uma nova existencia isenta de fel e amargura.

Eil-o de volta. Corre, vôa á casa de seu pae.... Santo Deus! o teimoso spectro esperava-o alli! A cabeça desnortêa-se-lhe: quer acabar com essa visão terrivel, que jurou envenenar todas as horas da sua vida. Quer, está dito, empunha a arma do suicidio e precipita-se n'um poço!

Pobre *Bambocha!* Que fim tão triste!

Não obstante tudo quanto o leitor possa ver de ridiculo n'estas comicas aventuras, *Bambocha*, cujas obras grotescas de tão pouca valia são aos olhos dos alcunhados *conhecedores,* foi um pintor habil e creador de um novo genero de pintura, a que os artistas italianos, para prepetuar o nome do seu singular camarada, deram o nome de *Bambocciate*. D'ahi em diante ficou-se dando esta denominação a todas as producções que se approximavam da extravagante maneira de pintar de *Van Laer*, e do italiano *Bambocciate* fizemos nós *Bambochatas*.

Ora aqui está como nos achâmos em possessão d'este termo.

N. S.

Explicação do enigma do numero antecedente

Muitas vezes uma grande mentira encerra uma pequena verdade.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.

QUADRO DAS ONZE MIL VIRGENS

Pertence tambem este baixo relêvo á sumptuosa basilica de Mafra, e á eschola artistica de que já por mais vezes temos fallado.

Fórma a luneta do lado do evangelho da capella dedicada ás «santas virgens da ordem serafica», e representa santa Ursula e as onze mil virgens suas companheiras.

Como esta santa foi tomada por padroeira das mestras de meninas, a cujas mãos vão parar muitos exemplares do nosso jornal, por offerta gratuita da benemerita sociedade portugueza do Rio de Janeiro denominada *Madrépora*, julgâmos que lhes será agradavel uma breve noticia, tanto da vida d'esta martyr da nossa religião, como do instituto das Ursulinas, que sob o seu patrocinio se creou, em differentes nações estrangeiras, e tambem em nosso reino.

Quando os pagãos saxonios tallaram a Inglaterra de mar a mar, muitos de seus antigos habitantes bretões vieram á Gallia, e se estabeleceram na Armonica, d'onde esta provincia ao depois se denominou Bretanha Menor. Outros se refugiaram em Netherlands, e tomaram estabelecimento junto do Rheno em um castello chamado Bitthemburgo, como provam, por antigos monumentos, os historiadores belgicos.

Estas santas martyres parece haverem deixado por aquelle tempo a Bretanha, e tido uma gloriosa morte em defesa da sua virgindade, pelo exercito dos hunos, que saqueavam, no seculo v, aquelles paizes, e levavam toda a terra a sangue e fogo. Todos convem que ellas foram oriundas da Bretanha, e que santa Ursula foi a directora, e como o chefe de todo este esquadrão sagrado. Alguns attestam que estão confundidas com santa Saula, Martha e companheiras, virgens e martyres de Colonia, que no dia 20 de outubro trazem varios martyrologios antigos, copiados por Usuardo. Outros affirmam que algumas eram casadas, e que o seu numero era incerto; egualmente diversificam n'outros pontos do seu martyrio. O que nós dizemos como mais provavel, é que eram muitas, e todas virgens.

Estas santas martyres tem sido honradas pelos fieis, ha muitos seculos, com devoção extraordinaria em toda a christandade. Santa Ursula, como mestra e directora de todas as mais, é tida como modelo e patrona dos que pretendem educar a mocidade em exercicio da religião, e praticas da virtude. E' patrona do memoravel collegio de Sorbona, e santa titular d'aquella egreja. Debaixo do seu nome se tem tambem erigido varias casas para a educação de meninas virtuosas. Para este importante fim se estabeleceram em Italia as Ursulinas pela B. Angela de Brescia, no anno de 1537.

A historia do instituto das Ursulinas em Portugal, é a seguinte.

A rainha D. Marianna d'Austria, mulher d'el-rei D. João v, tendo particular affeição áquelle instituto, pelos fructos que d'elle tinha visto colherem-se nos estados da Allemanha, quiz transportal-o para Portugal. O bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, pediu á rainha que fundasse este novo convento no recolhimento das Chagas de Christo, que na villa de Pereira, junto a Coimbra, se tinha instituido



As onze mil Virgens (baixo relêvo da basilica de Mafra) — Desenho de Bordalo — Gravura de Coelho

em 1748. Accedeu a rainha a este pedido. Mandou o bispo buscar a França os estatutos da ordem das Ursulinas, que n'aquelle reino, e no anno de 1611, tinham sido introduzidas. Com elles mandou dois padres da companhia de Jesus instruir as recolhidas para fazerem profissão solemne, o que se verificou a 25 de dezembro de 1753. As freiras tomaram habito preto, e as educandas azul, de lã. Feito isto instituiram-se as classes para o ensino, cada uma com

sua mestra, e por directora de todas, uma senhora D. Leocadia Vahia, filha de certa casa poderosa, mui prendada e de talento, que por vocação abraçára aquelle instituto.

A rainha D. Marianna deixou em seu testamento quarenta mil cruzados para esta fundação das Ursulinas, e mais todos os bens que o desembargador Antonio de Macedo Velho tinha posto á disposição d'aquella soberana, para este mesmo fim.

Por este tempo extinguiu o marquez de Pombal a companhia de Jesus, n'este reino, e tambem varios recolhimentos que os jesuitas tinham creado, ou dirigiam. As Ursulinas chegaram a estar comprehendidas na extincção; porém a madre superiora, D. Luiza Botelho, fidalga da casa de S. Miguel, e que tinha influencias no paço, veiu á côrte, teve uma longa audiencia do marquez, e conseguiu, não só salvar da proscripção o seu convento, mas que fosse dotado com os bens dos recolhimentos jesuiticos de Valle da Mó, Montemór Velho, Tavarede e Matamourisca. Com estes recursos se alargou muito o convento das Ursulinas de Pereira, a tal ponto, que tomaram para si toda a rua do Padrão, e para arredondar a cerca compraram a quinta do Canal, ficando assim um edificio espaçoso, e accommodado para muitas educandas, que n'algum tempo tem chegado a mais de cem.

Em 1778 foi a já citada D. Luiza Botelho, ou das Chagas, como depois se appellidou, com dezeseis religiosas fundar o convento das Ursulinas de Vianna, e em 1795 o de Braga.

Quando a Misericordia de Lisboa estabeleceu, em 1788, o collegio para educação de meninas orphãs, que hoje está no extincto convento de S. Pedro de Alcantara, veiu para sua regente D. Maria Barbara Amado da Cunha e Vasconcellos, com seis companheiras para mestras.

Decaíu o collegio das Ursulinas de Pereira a tal abatimento, principalmente depois que a villa começou a ser infestada de febres malignas, que chegou a ponto de não ter mais que tres educandas.

As religiosas, vendo que em logar tão insalubre não podia continuar a persistir o collegio, nem ellas observarem o seu instituto, que é a educação do sexo feminino, pediram ao governo, em 1848, as trasladasse para o convento das freiras de Santa Anna de Coimbra, onde actualmente se acha estabelecido, e mui frequentado o seu collegio.

No antigo collegio de Pereira ensinava-se ás educandas: ler, escrever, contar, francez, doutrina christã, principios de moral e de civilidade: fazer meia, rendas e luvas, coser, marcar, talhar vestidos, espigar, bordar de branco, de matiz, de seda e floco, de oiro, missanga, petit-point, crochet, tocar piano e cantar. Em Coimbra, não só se tem aperfeiçoado este ensino, mas acrescentou-se-lhe o de grammatica portugueza, franceza, e ingleza, geographia, historia, mythologia, bordar a pó de lã, escumilha, e fazer flores.

Ultimamente, segundo nos dizem, já alli ha mestra de italiano, e outra de desenho linear, com applicação ao vestuario e enfeites de mulher.

Diz o auctor da noticia que se publicou ha annos sobre o instituto das Ursulinas, que se póde considerar aquelle collegio como a universidade do sexo feminino em Portugal.

O maior desejo que tem, e devem ter, os paes, é serem taes seus filhos, que não só os egualem, mas os vençam e excedam a elles.

PADRE ANTONIO VIEIRA

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 116)

ULTIMOS MOMENTOS DO GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

Quando entrei no quarto do doente achei-o muito satisfeito. Disse-me que estava melhor, que se tinha confessado muito bem, e que isso parecia haver-lhe dado grande allivio. Perguntou-me pelo estado da minha saude, manifestando muito receio de que eu peiorasse por andar mal dormido; e depois de tambem se informar do estado de Gonçalves, que estava presente, disse-lhe apontando para mim: «Muito me tem aturado, coitado!» E logo depois fallando commigo: «Deus lh'o pague! eu creio que não poderei, mas se chego a levantar-me d'aqui!..» Quando Gonçalves saíu, pediu-me, segundo o costume, que lhe lesse alguma coisa. Peguei no *Passeio de sete mil legoas*, do sr. Francisco Maria Bordallo, que de proposito tinha levado, e li-o do principio ao fim. As viagens e as peças de theatro eram, nos ultimos annos da vida de Garrett, as suas leituras favoritas. O livro do sr. Bordallo agradou-lhe muito, e teve-o todo o dia distrahido. Não se fatigava de ouvir ler, mas a conversação, de que foi tão apaixonado, começava já a incommodal-o, cançando-o demasiado. Durante a leitura do *Passeio de sete mil legoas* não deixava comtudo de ir fazendo alguma observação, ou notando as coisas que mais o satisfaziam: «Faça os meus comprimentos ao Bordallo, diga-lhe que fez um bonito livro, mas que não andou muito avisado escrevendo-o em Lisboa. Ainda que assim fosse, não o devia dar a conhecer. A historia de uma viagem produz muito maior effeito, quando parece ao leitor ser escripta á vista dos logares que se descrevem; a illusão é mais completa. No entanto diga-lhe que gostei muito.» E era assim. Garrett não lisonjeava a mediocridade, mas onde descobria talento era o primeiro a querer que todos o vissem, a publical-o, a animal-o; bastantes arrancou dos limbos onde viviam ignorados, para depois receber d'elles o bom pago de o calumniarem e diffamarem... Isto não se entende porém com o auctor acima citado, que nunca deixou de respeitar e admirar o grande poeta.

Faltava ainda uma ceremonia religiosa, mas essa não tive eu animo de consentir que se fizesse sem prevenir o doente. Pedi pois ás duas santas irmãs da Caridade que o dispozessem, dizendo-lhe que elle não estava em grande perigo, mas que ellas não podiam continuar á cabeceira de um doente, que depois de se ter confessado não recebesse logo o Viatico. Custou muito a resolvel-as para esta piedosa mentira; mas as minhas instancias e as de Gonçalves, conseguiram que por fim se prestassem a ella.

Contar os rodeios, a diplomacia, o engenho que uma d'ellas empregou para chegar onde queria, é quasi impossivel, e tomaria longo espaço para escrever-se.

Que o poeta percebesse ou não a subtileza empregada para se conseguir o que queriamos, é certo que se mostrou um pouco admirado da quasi intimação. «Acham-me então muito peor, minhas irmãs?» — Não, senhor; mas isto nunca faz mal. «Certamente que não; antes faz bem.... Eu estou prompto.» As irmãs saíram bastante compungidas, e eu aproximei-me do leito, fingindo ignorar o que se tinha passado; mas elle disse-m'o logo. Perguntei-lhe se tinha alguma repugnancia, e se se atemorisava com o espectaculo imponente do acto; disse-lhe que este se podia evitar, ao menos por em quanto, porque não havia receio de que o mal se aggravasse. Respondeu-me, que estava disposto, mas que

quando lhe levassem o Santissimo Sacramento, pedia que não entrassem no seu quarto pessoas que lhe fossem desconhecidas.

Á noite veiu Gonçalves e D. Pedro do Rio. Com elles assentei que a ceremonia tivesse logar no dia seguinte, pela manhã. Assim se fez: ás oito horas estavamos todos tres na egreja de Santa Isabel. Pedimos ao reverendo prior que a ceremonia fosse feita sem ruido, e com a maior simplicidade possivel; mas a religião, assim como a politica, tem os seus actores. Foi preciso que o Gonçalves se precipitasse sobre o homem da campainha, arrancando-lh'a das mãos, com grande escandalo do respeitavel carola. Entendem os devotos d'aquelle ruidoso instrumento, que o acto religioso ficará incompleto, se em quanto o moribundo recebe a communhão lhe não martellarem cruelmente os ouvidos com o toque incessante da campainha!

O prestito entrou silenciosamente em casa de Garrett. O Gonçalves collocou-se á porta do quarto, e vedou a entrada aos estranhos. Eu, D. Pedro do Rio, e as irmãs da Caridade ajoelhámos aos pés do leito. Quando entrou o sacerdote, o poeta conservava a sua posição habitual, isto é: estava sentado na cama, rodeado de almofadas, e apertava entre as mãos um pequeno Crucifixo, mas tendo sempre os olhos fitos na bella imagem de Christo que fôra de sua mãe, e que lhe ficava fronteira.

Disse com grande devoção o acto de contrição, e quando se lhe administrava o Sacramento arrasaram-se-lhe os olhos d'agua; apertou vivamente, e repetidas vezes, contra o peito o Santo Christo que tinha nas mãos, e ficou por alguns instantes em profundo recolhimento.

Nenhuma das testimunhas d'esta scena grandiosa e solemne conservou os olhos enxutos; os menos affeitos ás lagrimas não poderam contel-as. Parece que se identificaram com a magestade do acto, e estou convencido que do fundo de todos aquelles corações, subiu aos ceos uma prece fervente pelo grande poeta que fechava a sua existencia com tamanho exemplo. A fé sincera e ardente com que elle se abraçava ao symbolo que regenerou a humanidade, illuminava-lhe os olhos de vivo fulgor, e dava-lhe á physionomia um aspecto sublime.

Apenas se retirou o prestito religioso, Garrett começou a conversar commigo e com o Gonçalves. «Sinto-me quasi bom agora; acho-me bem com Deus, e de certo estou melhor.» Alludia ao estado da sua alma, porque ácerca da doença do corpo já lhe não podiam restar duvidas. E d'ahi quem sabe? A alma devia com effeito, segundo a sua expressão, achar-se bem com Deus. A serenidade de animo que o acompanhou até ao supremo instante, e que nascia da sua confiança na Divina misericordia, mostrava claramente que a fé o havia de salvar, e que seus erros lhe foram perdoados ainda em vida. O seu grande espirito era quem o suspendia ainda fóra da sepultura.

Não teve um instante de fraqueza, visivel para mim; mas não sei se inteiramente o teriam deixado as illusões... Quem o póde dizer? O poeta é um ente tão diverso dos outros homens, e aquelle era tão differente dos outros poetas! Quem póde saber se a essa mesma alma, tão purificada pelo arrependimento, voltariam algumas vezes saudades do mundo, de que ia apartar-se, e se ella pediria a Deus um milagre? Nem pareça estranha ou deslocada esta idéa depois do que acima se escreveu. Ha no coração humano phenomenos que todos os dias se manifestam, ou se renovam sob fórmas diversas que escapam á observação mais accurada. Garrett deixava na terra uma filha, um idolo do seu coração, uma porção de si mesmo, mais amada por elle do que talvez merecesse uma creatura humana. No dia em que essa menina deixasse de viver, seu pae cairia infallivelmente ao pé do seu cadaver. Era um amor que a morte engrandecêra, porque a sepultura que devorou a mãe, fez accumular á filha o affecto que o poeta repartia com as duas.

Garrett vivia pois por ella e para ella. Todavia, nem uma só vez me disse uma palavra ácerca d'esta filhinha, tão cedo abandonada por elle! Porque? Era eu então a pessoa de sua maior confiança, estava constantemente ao pé do seu leito, e elle confiava-me até os proprios segredos do coração, quando d'isso não resultava prejuizo de terceiro. Poderá crer-se que a esperança da vida lhe sorrisse ainda? Sabe-o Deus. Muitas vezes o ouvi reclamar a presença de sua filha, e queixar-se de que ella não estivesse constantemente ao seu lado. Quem sabe se não foi uma suspeita de desamor da parte d'esta, suspeita sem duvida infundada, mas que actuou n'elle de modo que motivou a reserva pertinaz que a seu respeito guardou até á morte? Não me atrevo porém a affirmar que isto assim seja, porque não posso crer na ingratidão de quem era tão cegamente idolatrada. Era impossivel que uma filha deixasse de corresponder, e ser reconhecida, a tão estremecido amor de pae! Seria mais que ingratidão; seria uma dureza só propria de feras.

Não me parece que no coração humano possa caber tão feio sentimento, e note-se que não julgo bom este mau orgão da nossa especie.

....

No dia em que o poeta foi sacramentado, fazia um frio horroroso. Gonçalves saiu ás onze horas, e eu fiquei dormitando ao pé do fogão. Garrett quiz que o deixassem só, para ver se conseguia passar pelo somno. Ao meio dia chamou-me, dizendo-me que não podia adormecer, e que lhe contasse alguma coisa. Fallei-lhe de poesias; recitei-lhe fragmentos do seu *Camões*, que elle tanto gostava de ouvir, bocados da *Dona Branca*, e por fim o *Avè Cæsar*, do sr. Mendes Leal. Esta bella poesia era-lhe desconhecida, e foi tal a satisfação que lhe causou, que me obrigou a repetil-a segunda vez. Concordou commigo que eram os melhores versos de Mendes Leal, e fez muitos e merecidos elogios a este insigne poeta. Pediu depois á sua filhinha que fosse buscar as *Flores sem Fructo*. Veiu o livro, mandou que eu procurasse n'elle a poesia que tem por titulo: *As minhas azas*, e que lh'a lesse com muita pausa. «É uma composiçãosinha muito simples, mas que me parece não ser inteiramente despida de merecimento... Ora leia, *seu* poeta, e leia isso com consciencia.» Gonçalves já tinha vindo, e acabava de sentar-se ao pé de nós. «Ó sr. Gonçalves, veja se o illustre preopinante mantém a devida generosidade, ou se, por ser official do meu officio, come por ahi algum verso para me enterrar.» Começou-se a leitura.

Por serem versos de Garrett, e os ultimos que elle ouviu ler, parece-me que os leitores não desgostarão de os encontrar aqui.

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.
— Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu:
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Veiu a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
— Veiu a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua,
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra
Ia voar para ellas,
— Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estrellas...
Vi, entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De enfeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
— Tudo perdi n'essa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna, me caíram...
Nunca mais voei ao ceu. [1]

Estas admiraveis estrophes foram as derradeiras memorias que se desprenderam do seu coração, os ultimos alentos do poeta, que não podendo já empunhar a lyra, para dizer adeus ao mundo, mandava repetir por outro a canção que lhe fallava, com maior saudade, dos tempos da sua gloria.

Seria uma para as duas horas da noite quando eu e Gonçalves nos retirámos. Eu sentia-me mui fatigado de vigilias e cuidados; havia muitos dias que me não arredava do doente, e por isso assentei de tomar dez ou doze horas seguidas de liberdade, para me fortalecer. Dormi pois até ás dez da manhã, e acordando fiquei surprehendido de ver o sol, que andára invisivel bastante tempo. Mandei logo saber do estado do doente, e disseram ao meu criado que elle tinha passado muito mal o resto da noite, mas que se animára á vista da onda de luz que inundára o escriptorio, immediato ao seu quarto.

Era no dia 9 de dezembro de 1854, como se disse no começo d'esta narração.

Não sei que vago presentimento me assaltou quando me annunciaram aquella visita do sol ao quarto do moribundo. Apertou-se-me o coração, e a luz do mais bello astro que Deus creou pareceu-me horrivel! Faltou-me o animo para sair de casa, e deixei-me ficar na cama, prostrado, como se uma parte da minha vida estivesse perecendo. Eu morava ainda na rua dos Fanqueiros; apesar da distancia mandei repetidas vezes a Santa Isabel, e as noticias vinham cada vez peores. Para o fim da tarde mandou-se-me dizer que o poeta perguntava por mim a todos os momentos, que queria ver-me e fallar-me, e que se impacientava com a minha extraordinaria ausencia. Perguntou até se eu teria saído zangado com elle!... E eu soube isto tudo, e não corri para o seu lado! É dever meu accusar-me; assim como censuro os outros, não posso nem devo deixar em silencio as minhas faltas. Não corri para o seu lado, quando elle me chamava ancioso, esperando allivio da minha companhia, ou, quem sabe? para me dizer a sua ultima vontade! E eu não fui por uma inexplicavel e vilissima cobardia. Tive medo que a sua grande alma fugisse do corpo achando-me eu só com elle. Andava-me a cabeça á roda, batia-me o coração com tamanha violencia, que parecia espedaçar-me o peito, porque a consciencia dizia-me que o meu maior amigo, aquelle que eu amava como pae, estava expirando; e no entanto deixava-me estar, sem animo de ir para junto d'elle, a fim de recolher as suas ultimas palavras!... Que desgosto e que remorso eterno me ficaria, se com effeito a sua morte tivesse tido logar durante a minha ausencia! Sem pretender desculpar-me, creio ainda hoje que fui victima de uma crise nervosa, e que esta me impediu de sair de casa todo o dia. Eu explicava então a mim mesmo este incrivel procedimento, dizendo que estava á espera da hora em que costumava ir o Gonçalves, para me não achar só, como de costume, ao pé do moribundo.

Em fim saí. Eram cinco horas da tarde; ia de má vontade, e com tanta repugnancia, que fui fazendo escalas para mais me demorar. Encontrei no caminho os srs. Felner e Rebello da Silva, que vendome na rua áquella hora, julgaram que o poeta estava livre de perigo! Eu desenganei-os, explicandolhes que o doente em vez de estar melhor me parecia achar-se bem peior, e que eu andava a fazer horas para entrar ao mesmo tempo que o Gonçalves.

Com a aproximação da noite faltou-me todo o pretexto para maior ausencia, e entrei em casa de Garrett. Eram seis horas da tarde, o Gonçalves tinha chegado havia cinco minutos. A primeira pessoa que encontrei foi a Ex.ma filha do doente, a qual sem me dar tempo a comprimentos me disse «que seu pae estava muito mal, que todo o dia não cessára de perguntar por mim, irritando-se com tamanha ausencia, e muito inquieto e cuidadoso por não saber os motivos d'ella.» Aproximei-me do leito. O doente estava, como de costume, sentado; tinha vestido um roupão de lã fina, de ramagens, e um barrete de algodão branco na cabeça. O quarto recebia alguma claridade da luz que estava no escriptorio. O doente tinha os olhos fechados, mas não dormia. Aos pés da cama estavam as duas irmãs da Caridade, sentadas no chão; ao lado, o Gonçalves, n'uma grande poltrona toda coberta de lã e seda. Cheguei-me a este e fallei-lhe ao ouvido. O doente abriu os olhos, viu-me e conheceu-me logo. «Então ainda agora?!... Que lhe fizeram cá em casa?... Deixar-me assim... tanto tempo... quando mais falta me faz!...» Estendeu-me a mão, que eu apertei gaguejando não sei que miseraveis phrases para me desculpar, e perguntei-lhe como se achava. «Mal!... muito mal!... isto vae acabar... e mais depressa irá, se o senhor me torna a deixar por tanto tempo!» Pedi-lhe perdão, allegando que tinha mandado saber d'elle muito amiudo, durante o dia. «Mandou? Pois ninguem me disse nada!... Ó filha?...» — Esta aproximou-se. «Não me disseste que o sr. A. tinha cá mandado hoje!...» — Pois se o papá não o perguntou? — «Valha-te Deus, filha! vendo-me tão apoquentado!... Sente-se.» Sentei-me ao pé de Gonçalves. Garrett quiz continuar a fallar, mas fazia-o com muita difficuldade, interrompendo-se a cada palavra. Eu pedi-lhe que se calasse, e para o obrigar disse ao Gonçalves que passassemos para o escriptorio. Alli conversámos em voz mui baixa ácerca do estado do enfermo, que não podia ser mais assustador. Passados minutos voltei para o quarto, e sentei-me á cabeceira do leito. O doente abriu os olhos, pareceu fital-os no Crucifixo que fôra de sua mãe; correu depois a vista pelos angulos do quarto que se achavam mais envolvidos nas sombras, e pareceu admirado de não ver ninguem. Effectivamente todos tinham saído quando eu voltei para o seu lado. Depois d'este exame silencioso virou-se para mim; mediu-me com um longo olhar, e tornou a fechar os olhos. D'ahi a pouco abriu-os novamente; fitou-os nos meus, e chamou-me pelo meu nome. Sempre fitando-me, estendeu, lentamente, primeiro a mão es-

[1] *Flores sem Fructo*, 1845; pag. 184 e seguintes. Conservou-se na reproducção a pontuação que tem esta poesia no livro citado.

querda, que era a mais proxima em relação ao logar onde eu estava, depois as duas, como quem andava ás apalpadellas n'uma casa ás escuras, e perguntou-me «Aonde está V.?» Precipitei-me sobre as suas mãos apertando-lh'as nas minhas, e respondendo — aqui estou. Senti que tambem elle m'as apertava, e parecia querer reter-me. A pouca claridade que entrava no quarto não me permittia ver, distinctamente, se os seus olhos tinham ainda muito brilho, mas via bem que os conservava abertos. Passados instantes, tendo-me sempre as mãos presas, e parecendo olhar-me do mesmo modo, disse-me com indefinivel sentimento, mas com a voz clara e natural: «Eu já o não vejo!» E dizendo isto tornou a apertar-me levemente as mãos, largou-as, e fechou os olhos!...

Então atirei-me como louco pelo quarto fóra, gritando ao Gonçalves que acudisse. A este tempo o moribundo soltou tres pequenos gritos, sendo o primeiro maior e os outros a diminuir, e caiu para traz. O Gonçalves correu á cozinha, agarrou n'uma cafeteira cheia d'agua a ferver, e lançou ainda algumas gottas sobre os pulsos de Garrett. Era inutil. Ainda não se tinha passado um minuto quando entrou o sr. dr. Barral, e applicando-lhe o ouvido sobre o coração, declarou que tudo estava consummado!

Assim se extinguiu a luz que durante um quarto de seculo servira de farol a uma geração litteraria, e que deixou apoz de si tão luminoso rasto, que as gerações futuras se guiarão por elle ainda d'aqui a muitos seculos.



Floresta catinga no Brazil

Eram seis horas e vinte e cinco minutos da tarde de 9 de dezembro de 1854, quando a alma do grande poeta voou ao seio do seu Creador, deixando immortal na terra o nome do homem que a animára.

....

Caiu no chão a harmoniosa lyra,
Ouviu-se um ai sentido;
Era o adeus da alma que partira
Quando a lyra das mãos tinha caído,
E apenas uma para os ceos fugira,
Tinha a outra na terra adormecido.

(Continúa)

F. GOMES DE AMORIM

FLORESTA CATINGA NO BRASIL

Dois botanicos allemães, Endlicher e Martius, estão actualmente publicando, em Vienna e Leipsick, uma nova *Flora brasiliense*, d'onde é tirada a estampa de uma floresta catinga, da Bahia, que hoje apresentâmos.

Tem estas florestas uma vegetação peculiar, differente das florestas virgens. Os tupinambas lhe deram o nome de *caatinga* (clareira) d'onde os brasileiros, por corrupção, formaram a palavra catinga. E de feito, faltando-lhe as folhas em muitos mezes do anno, estas arvores deixam grandes clareiras através dos ramos. O viajante póde assim distinguir

as aves que pousam nos ramos; mas tambem apanha um sol abrasador, porque nenhuma sombra alli tempéra os ardores do estio. Os brasileiros tem ainda outras palavras para denominar esta vegetação, cujas fórmas se modificam muito: chamam-lhe tambem, carrasco, matto carrasquento, etc.

As florestas virgens, nas paragens em que o solo é mais sêcco, tem arvores mais baixas, e a vegetação é menos virente, similhante á das catingas, o que se vê, por exemplo, na estrada que váe do Rio de Janeiro a Santa Cruz.

Ha tambem catingas que todo o anno conservam as folhas e a verdura, se a humidade as fertilisa, como na provincia de Minas Geraes, nas margens do Rio Verde, e de outros que vão desaguar no rio de S. Francisco. Mas se lhe cáem as folhas por falta de chuva, estas arvores conservam os gomos por muitos annos sem rebentarem. Pelo contrario, se o orvalho é abundante, ou sobrevem chuva copiosa, as folhas despontam com maravilhosa rapidez.

Contam os viajantes, que muitas vezes lhes succedeu armarem a sua barraca, para passarem a noite, n'uma floresta catinga, cujas arvores estavam completamente nuas de folhagem, e ao amanhecer verem-nas todas revestidas de folhinhas tenras, exhalando um perfume suavissimo. Era como se uma varinha de condão tivesse acordado aquellas arvores sêccas, da sua forçada lethargia. Então as catingas tomam um aspecto formosissimo, tanto pela delicadeza das suas folhinhas, e modo por que rebentam da extremidade dos ramos, como pelo capricho da sua florescencia. Todavia são mais para ver quando não tem folhas, durante o estio. Os citados botanicos allemães comparam, n'este estado, as florestas catingas ás de faias, olmos, carvalhos, amieiros etc. Tem a mesma formação de ramos, a mesma espessura no tronco, a mesma altura e a mesma cortiça.

A floresta de catingas, que representa a nossa estampa, fica perto do rio de S. Francisco na provincia da Bahia. Está muito povoada de cactos, que dão á paizagem grande colorido e matiz. No Brasil os cactos chegam á altura de 8 a 10 metros.

O mais singular, porém, da estampa, é a arvore que se vê ao centro, porque parece sair de uma amphora. O já citado botanico allemão chama-lhe *cavanillesia tuberculata*, e a compara á *adansonia digitata* de Cabo Verde (boabab [1]). O bojo d'esta arvore é de madeira muito branda, o amago não é lenhoso, mas cheio de medulla espessa. Cresce com rapidez, e algumas duram muitos seculos.

Para outra vez trataremos com mais extensão das portentosas florestas do Brasil, descriptas pelos nossos antepassados, descobridores d'este formoso imperio.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 106)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

VIII

SEPARAÇÃO

— Filha, por força. Ha de ser... tem de ser.

— E eu a pensar que me não deixava! Nunca imaginei que fosse para nos separarmos!

— Estás onde convem que estejas. Eu vou aonde é preciso que vá. Receias algum mal?

— Ai! isso não. Mas esta ausencia, esta ausencia...

— É a primeira, por isso custa. Descança, que não ha de ser comprida, querendo Deus. Farei tambem por abbreviar-t'a. Dize-me o que precisas.

— Nada.

— Vê bem. Uma menina da tua condição, e em casa e terra alheia, tem obrigação de corresponder ao seu nome e á sua gente. Olha se te lembra alguma coisa.

— Nada, nada, meu pae. E se alguma coisa me faltasse, não tinha o affecto e o cuidado de minha prima D. Maria?

— Assim o creio. É uma boa parenta, não te parece?

— Para mim não póde ser melhor.

— Trata-te com desvelo? Mostra-te carinho?

— A mais não poder.

— Isso me socega. Olha, Ignez, na nossa familia não se costumam fazer recommendações. Lembra-te sempre de... Basta que te lembres de quem és: não será preciso mais. E agora, adeus, que vão sendo horas, e está ahi á porta o Alegre.

— Já?

— Pois não te disse que não póde deixar de ser!...

Passava-se esta scena em Lisboa, em casa da sobrinha do capitão-mór, ao fim da calçada do Salitre, casa excellente para os desejos do fidalgo, recentemente edificada, como todas as d'aquelle bairro, só começado a povoar depois do terremoto, afastada da concurrencia e maior bulicio da cidade, e um meio termo entre o campo e a corte.

A jornada fizera-se uma maravilha. Gastaram os viandantes quinze dias, o muito, contando dois de descanço em Coimbra. No caminho nenhum incidente digno de notar-se, salvo as noticias das marchas e desacatos dos francezes.

Estas relações, em grande parte verdadeiras, n'outra exaggeradas, sempre exornadas e commentadas pelo espirito popular, muita vez arripiaram de horror o fidalgo de Val-de-mil, e tel-o-hiam obrigado a retroceder, se não levára, como se lá diz, um fito feito, ou fôra homem de mudar tenções.

Chegando á capital, a sobrinha e seu marido tinham-n'o acolhido como geralmente se acolhe um parente rico, não só rico, mas com herdeiro unico.

A sobrinha, por nome D. Maria, como vimos, era uma senhora, que tinha tido vinte annos, e nunca havia de fazer quarenta. Os que se lembravam da sua meninice davam-lhe trinta e cinco; ella acceitava vinte e oito, e capitalisava o resto. No mais, uma educação muito superior ao commum de então, e uns restos de formosura bem aproveitados.

O desembargador, homem dos seus cincoenta, era um jurisconsulto mediocre em lettras, consummado em tretas palacianas, affavel de maneiras, reportado de palavras, criado em fim na eschola de José de Seabra, na epocha do seu segundo ministerio, e d'estes que sabem medrar com todos.

Ao tempo da chegada do tio capitão-mór, conservava-se elle n'uma prudente reserva, esperando os acontecimentos. Esta circunstancia foi particularmente agradavel ao morgado de Val-de-mil, por confirmar o acerto das suas resoluções. Nas coisas domesticas, e nas de fóra tambem, D. Maria era a inspiração e o conselho do grave magistrado. Mal passaria sem esta Egéria o Numa da casa da Supplicação. A camara conjugal era muita vez a floresta Aricia do cortezão doutorado. Como até então nunca se tinha dado mal, a influencia da consorte era illimitada.

Não me atreverei a dizer que havia entre os dois um affecto romantico. Em compensação dava-se uma grande conformidade de ambição e de interesses. O resultado era o mesmo.

Vivia o desembargador, como então se dizia, á lei da nobreza; sege á boléa, criados de libré, escu-

[1] Vid. pag. 55 do presente vol.

deiro, mesa apurada, e em toda a casa grande respeito e compostura. Não podia ser melhor nem mais lisonjeiro o exterior. Para dentro via pouco o sincero e credulo capitão-mór, nada experiente nas coisas e usos da corte.

As pessoas do trato e intimidade da familia eram tambem das mais qualificadas e sisudas. Estas diversas particularidades cada vez o contentavam mais.

Não foi difficil a D. Maria persuadir ao marido a conveniencia de receberem o deposito que se lhes confiava. Obsequiavam um homem importante na sua provincia, parente proximo, poderoso proprietario, e senhor de pingues bens além dos vinculos. A presença de uma herdeira abastada podia tambem ser util em mais de um caso.

O futuro em conjunctura tão tenebrosa e incerta, quem n'o podia prever? Dá tantas voltas o mundo!

Não tinha filhos o desembargador. A donzella era para a casa um attractivo, e em boas mãos não sería milagre tornar-se origem de novas prosperidades.

O fidalgo havia na verdade participado logo á sobrinha que a mão de Ignez estava promettida; mas a dama, como sagaz, tinha para si « que o casamento e a mortalha no ceo se talha », e concluia que, feitas bem as contas, os prós do encargo se avantajavam muito aos contras.

Se o tio lhe podesse ler no coração! Mas não podia: e estava satisfeito de todos, e ainda mais de si.

Demorou-se elle tres dias para ver a cidade, e certificar-se do que havia a respeito dos francezes.

Viu muito com effeito; perguntou, indagou, examinou muito. O resultado foi deliberar-se a partir quanto antes.

O jugo dos invasores ia-se de dia para dia tornando mais pesado, e as suas intenções mais claras. Começavam a armar-se tumultos nas ruas. O descontentamento fermentava no povo. O licenciamento e desarmamento das milicias dissipára as illusões dos que ainda esperavam a conservação de uma administração nacional. Os governadores do reino perdiam successivamente a influencia, e achavam-se quasi privados de acção.

Posto que o capitão-mór não fosse grande observador, os symptomas do sentimento publico eram tão unanimes, tão significativos, que só uma total cegueira os não differençaria.

Deu logo tambem nos olhos ao fidalgo a bandeira franceza arvorada no castello de S. Jorge; e posto não lhe ser novidade, cuidou arrebentar de paixão. Os francezes eram com effeito senhores — senhores de tudo, a bem dizer. Não tinha mais que fazer na corte.

Annunciou, portanto, aos seus parentes a resolução de voltar á provincia, resolução que occultára á filha para não a penalisar com escusada anticipação.

Foi esta despedida mais dolorosa, muito mais dolorosa, do que a de Val-de-mil. Alli era o costume, aqui a natureza.

Assistiu o leitor ás ultimas palavras da breve conferencia, que precedeu a separação. O fidalgo nunca se mostrára tão expansivo. Ignez nunca ousára fallar com tanta liberdade. Trasbordava o affecto até então contido pela severidade dos costumes. O pae era francamente pae. Na filha o amor vencia o respeito.

Ignez soluçava nos braços do fidalgo, como se d'elles se não podéra arrancar. Este, como homem a quem outros deveres chamavam, repelliu-a com doce violencia, e saiu do quarto, sem voz para o adeus.

Estavam nas antecamaras os donos da casa esperando-o.

— D. Maria — disse o capitão-mór com intimativa para a sobrinha, vencendo a commoção — sabe o que lhe deixo!...

— Uma irmã! — acudiu esta, versada e expedita em respostas opportunas.

Podia dizer « uma filha », que lhe não ficava mal. Mas a juvenilidade inveterada não lh'o consentia.

— Ha-de-nos tornar depressa — ponderou o desembargador, por dizer alguma coisa.

— Tórno.

— Quando?

— Quando não houver já francezes em Lisboa.

O magistrado olhou com inquietação para a porta, não ouvisse algum criado. Era a primeira vez que o fidalgo dava entenderes dos seus secretos intuitos.

Ao portão estava effectivamente o Alegre com os cavallos.

— Vamos lá, Antonio — exclamou o fidalgo, como para aturdir a propria dor — Não te dizia eu que nos não demoravamos?

— E a nossa menina? — retorquiu o serrano.

Bem sabía elle que estava destinado ficar a morgada; mas esperára até á ultima que o fidalgo lhe não podesse resistir, e a tornasse a levar.

— Olha — respondeu o capitão-mór.

E apontou para a janella onde Ignez se debulhava em lagrimas.

— Ah! sempre fica!

— Fica.

— O fidalgo ha de perdoar o meu atrevimento.

— Que queres?

— Queria pedir-lhe um favor.

— Dize, homem.

— Queria-lhe pedir que me désse licença de ir lá acima.

— Para que?

— É um favor muito grande, bem sei; mas diz-me cá o coração que a senhora morgada não o ha de levar a mal ao seu Antonio.

— Não a vês d'aqui?

— D'aqui... não posso fallar-lhe.

— Pois váe, mas avia-te que se faz tarde.

O Alegre deixou os animaes ao criado de rodas do desembargador, e, em quanto o capitão-mór, como um bom cavalleiro que se dispõe a jornadear largamente, examinava as silhas e a barbella, e verificava a disposição dos arreios, galgou os degraus da escada a quatro e quatro.

Percebeu-o Ignez e foi-lhe ao encontro, dando ordem para o fazerem entrar.

Tinha muito que recommendar e pedir á sua menina, o bom do Alegre. Levava na cabeça uma infinidade de coisas... que lhe recaíram no coração.

Chegando ao pé d'ella, com a sua eterna cara de riso orvalhada de lagrimas, póde apenas balbuciar:

— Senhora morgada... a senhora morgada quer alguma coisa lá para as nossas terras?

— Que te não esqueças... que se não esqueçam de mim — tornou-lhe a morgadinha desfazendo-se em choro.

Dilaceravam-lhe a alma os sentimentos tacitamente contidos n'aquella singelissima phrase: « as nossas terras. »

Parecia tambem que as pesadas colgaduras das salas do desembargador abafavam, e tiravam o ar ao caçador costumado a respirar na montanha.

Saiu como saíra o amo; saiu para não suffocar.

Partiram finalmente os dois. Ignez da janella seguiu-os com os olhos em quanto os póde avistar. Foi preciso ir D. Maria arrancal-a d'alli.

Mas era uma excellente consoladora a sr.ª D. Ma-

ria. Era para o conforto e lenitivo tão persuasiva, tão persuasiva... que n'essa mesma noite, ainda com os olhos vermelhos, a menina de Val-de-mil dava pela primeira vez entrada n'um sarau.

MENDES LEAL JUNIOR

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Por lapso de revisão saíu no antecedente numero trocado o adjectivo *meio,* na primeira linha, do segundo periodo, do artigo que tem o mesmo titulo que a este pozemos.

Deve-se pois corrigir d'este modo: uma casa póde estar *meia* feita ou *meio* feita.

Ainda que pela explicação que logo se segue a estas duas hypotheses, se reconheça a troca, estando alli empregado o adjectivo adverbialmente em vez de ser no sentido proprio, todavia cumpre que em taes escholios haja sempre a maior exacção, e que acudâmos immediatamente com a emenda ou explanação, segundo for mister.

Quem quer ganhar honra, não se ha de entregar ao descanço.

PADRE ANTONIO VIEIRA

ANTIGUIDADES NACIONAES

Respostas do procurador da corôa ao desembargo do paço sobre o memorial que o nuncio do papa deu a el-rei para se reformarem os trages das mulheres.

Depois que o sr. rei D. João II, com obsequio mais reverente que politico, cedeu, no anno de 1489, d'aquelle direito que havia n'este reino (e ha ainda em quasi todos os da Europa) de serem examinadas pelos ministros reaes as bullas e rescriptos apostolicos, se animam os curiaes de Roma, com suggestões e com erradas informações, a impetrar dos pontifices muitas com grave prejuizo do mesmo reino, as quaes, se passassem por aquelle exame, não se executariam, sem se faltar á santa obediencia que se deve á suprema tiara, porque, suspender na execução dos rescriptos de sua santidade, quando consta que não foi perfeitamente informado, e supplicar d'elle para elle, é acto da mais justificada obediencia, pela qual razão, e por ser este um dos direitos mais inseparaveis da Regalia, e precisamente necessario para o governo do reino, foi opinião dos homens doutos d'aquelle tempo, como é ainda dos de agora, que não podia aquelle principe ceder d'este direito.

Porém no caso presente, se o nuncio guardasse o que o pontifice lhe mandou, não era necessario que o direito estivesse em sua observancia, bastaria que elle não excedesse o mandato.

Foi sua santidade informado de que as mulheres d'este reino andavam deshonestamente vestidas, e que se tinha pouco respeito e veneração a Deus e a seus santos, nos templos sagrados; e ordenou ao nuncio que procurasse evitar aquelles actos, que teve por indecentes e escandalosos. Mas confessa o mesmo nuncio, que esperava o pontifice que o meio efficaz para se obviarem, sería dar sua magestade seu patrocinio a esta causa de Deus.

Se pois sua santidade quiz n'este negocio, ainda que espiritual, se entrasse com o patrocinio de sua magestade, como se animou o nuncio, sem este patrocinio, e ainda sem dar noticia ao dito senhor, a executar o que sem elle não quiz o papa que se executasse?

Pede tambem o nuncio a sua magestade que sobre esta materia, tão proveitosa, queira ouvir aos prelados, e outras pessoas que lhe parecer. Porém se elle já o tem posto em execução, já o escreveu aos prelados, e já alguns d'elles a deram á execução, como foi o bispo de Elvas, que acrescentou mais do que o nuncio pedia, de que póde servir o que estes prelados disserem?

A materia é muito grave, mas por isso mesmo, e pela novidade que inclue, não se deverá entrar na execução d'ella, sem se dar conta a sua magestade, e sem ser tratada e discutida pelos prelados, e pelas pessoas doutas, pias e zelosas do serviço de Deus, das muitas que ha n'este reino, melhor informados dos costumes da nação, e da gente d'ella, que os estrangeiros.

Parece-me pois, que sua magestade deve mandar escrever ao nuncio, que lhe estranha muito que, sendo a materia tão grave, e a novidade tão grande, e sobre tudo tendo elle ordem de sua santidade para lh'a communicar e impetrar seu patrocinio, entrasse, sem lhe dar noticia, na execução d'ella; e que logo suspenda, e faça suspender, em todos os procedimentos, e que o mesmo se escreva a todos os prelados, até aos mesmos que já começaram a executar. E que outrosim se escreva ao nuncio, que sua magestade está prompto para mandar communicar a materia com os prelados, e com pessoas pias e doutas, para, conforme ao que lhe aconselharem, dar todo o auxilio para se obviarem os peccados e escandalos, e não se faltar á veneração que se deve aos logares sagrados, e a ser religiosamente obedecido o pontifice em tudo aquillo que, bem informado, mandar nas materias espirituaes. Lisboa 11 de agosto de 1689. — *Manuel Lopes de Oliveira.*

Este parecer tem á margem a seguinte cota:

«Ordenou-se ao nuncio que suspendesse até se conferir a materia com pessoas pias e doutas. Elle respondeu que não escrevêra aos bispos com preceito e auctoridade apostolica, mas sómente por advertencia, conforme a mente do pontifice.

ENIGMA

1 ee

touva tudo

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Typo do provinciano analphabeto — Desenho original de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

O provinciano analphabeto é um ser que na vasta cadêa dos phenomenos animaes occupa um dos primeiros logares.

Recebendo á nascença, com heroica valentia, a primeira e impetuosa camada de ar que lhe entra nos polmões, bem como a estranha impressão da mudança de temperatura, que deve ser fresca de mais para quem sáe de uma especie de fôrno, nasce sem chorar, dando assim logo persuasivas mostras do que ha de vir a ser, nas proesas com que, mais tarde, humilha e ridiculisa o rachitismo e precauções hygienicas dos alfacinhas.

Em desforço, porém, das regalias aristocraticas, o nascimento do provinciano opera-se, como facto moral, tão obscuramente como o de um verme subterraneo, e, á excepção da sua familia e aldeolas comvisinhas, ninguem mais, até á consummação dos seculos, tem conhecimento do individuo, salvo se apparece na cidade, onde a sua presença desperta espontaneamente todas as curiosidades, attrahe todas as attenções, e o seu trato constitue as supremas delicias dos amadores do genero.

Respirando o ar livre dos campos; criado com bom leite; desmammado com a classica e desenjoativa boroa de milho; passando longos interregnos da alimentação e do repouso nocturno, com a pelle sobre o fresco chão de puida pedra; levando a miudo com a tranca da porta; bebendo da cristallina agua das fontes agrestes; costumado de pequenino a ajudar o laborioso pae, que segue á risca o rifão — « o melhor servidor do mestre é o proprio mestre » — nos arduos misteres praticos da lavoura; banhado pelos raios ardentes de um sol constante, o provinciano attinge o desenvolvimento colossal, as côres da camelia vermelha, a robustez e força muscular d'Hercules, e uma rigidez e impenetrabilidade de cutis á prova d'aço.

O provinciano analphabeto é um homem litteralmente patriarchal. Os habitos, costumes e conhecimentos de seus avós representam para elle o mesmo valor moral e utilitario que o Alcorão tem para os mouros, de quem é moralmente, á parte a crença religiosa, um retrato fidelissimo.

Além do alcance d'essas costumeiras e abusões, não vê nem quer ver uma pollegada.

Por isso não admira que o provinciano agricultor analphabeto seja o homem que menos sabe do seu officio.

Fallae-lhe no lavadouro de raizes de Crosskill, no cylindro de Pernollet, na locomovel de Garrett, em todos esses portentosos ensaios do engenho humano para melhorar a sorte do lavrador e das povoações,

alargar á agricultura a esphera dos recursos, apressar e desenvolver a somma dos resultados; fallae-lhe n'essa admiravel sciencia do amanho, que transforma o solo mais arido n'uma mina inesgotavel e permanente de fructos variados, n'essa deusa da abundancia, que com uma mão afasta o flagello da carestia, e com a outra derrama a riqueza e a felicidade pelas nações; fallae-lhe nas machinas e conhecimentos lá fóra triviaes e de absoluta necessidade, como a sonda de Palissy, a importancia da sondagem, os apparelhos de Guibal, o apurador de Champion, o laminador de Clayton, as charruas de Parquin, e vereis com que pretencioso e convicto desdem vos ouve esse fallar grego para elle; como depois, n'uma estirada dissertação, imagina eclipsar todos esses melhoramentos; como, finalmente, tomando o aspecto e tom irritado dos doutores do antigo synedrio judaico, vos taxa tudo de artificiosos meios de roubar-lhe a bolsa, e conclue com o dito sacramental — « meus paes não precisaram de nada d'isso para viver, toda a vida se arranjaram com o que acharam: nós havemos de viver tambem. »

Não está mais adiantado que o arabe cultivador do Egypto ou o selvagem da America.

A *pinta* é a sua mais rapida e proficua sondagem; desfazer entre os dedos um torrãosinho, a mais fecunda analyse e segura experiencia, o seu tira-duvidas, por excellencia; a enxada e o classico arado dos avós, o suprasummo dos instrumentos agricolas; as patas do boi, as suas mãos, o tempo e o sol, os unicos agentes complementares.

Não obstante, é pacifico, e nada lhe altera os habitos normaes, se qualquer circunstancia estranha aos seus olhos, ou á sua intelligencia lhe não toca pela porta. Mas se passa um aerostato por sobre os seus terrenos, ou bispa um engenheiro com instrumentos topographicos e traçando planos, então é que se torna mais temivel do que um hippopotamo ferido, ou leôa enraivecida.

Supersticioso como uma beata velha, tão leigo na construcção politica das sociedades civilisadas como um indigena dos sertões virgens da Africa; tendo, como os indios, a bossa da phantasia dos espiritos aereos; cioso da independencia como os pretos d'Angola, imagina logo que um genio diabolico lhe váe devastar as searas, comer os fructos, decepar as arvores, e empestar as terras; que um artificioso, um magico, um feiticeiro do governo traça meios engenhosos de mais larga e indefinidamente o roubarem, pela accumulação successiva de novos tributos, ou de lhe eliminarem a propriedade com uma rede de estradas e vias ferreas.

Então, coitado do aeronauta ou do engenheiro que se lhe expozer ao alcance! Não lhes valerão elucidações, nem lagrimas, mesmo porque não terão tempo para isso. Estão em tribunal de justiça á mourisca, em parlamento onde se não admittem explicações. Para estes inimigos inflexiveis, e dos mais manhosos que o espirito da libertinagem póde originar, não ha questões prévias, declarações, amnistias, nem protocolos possiveis!

O provinciano analphabeto não aprendeu a ler e contar, porque seus paes e avós passaram sem isso. Calcula de cabeça, no que tem certo orgulho; conta pelos dedos, arithmetica, em verdade, duplamente vantajosa, porque é, além de visivel, palpavel. Mofa, por isso, dos patricios que mandam os filhos á eschola; mas muda logo de opinião se a fortuna o assopra! N'este caso, adeus tradicões, adeus costumes, adeus habitos, adeus opinião politica de familia, e o que é mais, passa de extremo a extremo. Na variadissima e quasi illimitada serie dos misteres sociaes, já não vê para seus filhos senão um capello de doutor, uma cadeira de deputado, ou uma farda de barão, e, nos bons tempos dos frades, um habito franciscano, cuja eliminação do catalogo dos parásitas humanos lhe não pôde ainda passar da garganta para baixo!

O profundo desprezo, o odio hereditario que em demasia nutria contra as casacas, váe-se-lhe de rojo com a miseria, e eil-o a encommendar logo logo ao mais afamado e barateiro algibebe, ao Nunes, por exemplo, uma encadernação completa, sobre-casaca de panno inglez, colete, de veludo de lã côr de ginja com grandes ramos pretos, e calça de casimira dobrada, em quadradinhos, tudo obra de dura e meio moda, remettendo, ao mesmo tempo, a medida da sua cabeça para o melhor chapeleiro, que o correspondente substitue por um adelo, onde lhe compra o mais colossal dos quicos de quarenta annos d'edade, milagrosamente escapado á furia de muitos carnavaes.

Com este novo e elegante uniforme, que lhe fica a matar, grilhão ao pescoço, e annel de chapa no dedo indice, é que o provinciano abastado apparece em Lisboa, olhando a todos por cima do hombro, com um sorriso desdenhoso digno da muita roupa suja que ainda por ahi resta dos antigos fidalgos, e perguntando na Praça das Flores, onde fica por alli a memoria do Terreiro do Paço!

É este o typo ridiculo do provinciano analphabeto e enfatuado, que nós tentámos representar na figura que para desenfado desenhámos, e hoje divulga o *Archivo*.

Ao provinciano, que é o avesso d'estes taes brutamontes, melhor cabe o nome, menos criticado, de provincial.

NOGUEIRA DA SILVA

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 130)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

A Inglaterra, que póde dar lições ao mundo não só no modo por que premeia os serviços dos seus homens illustres em quanto vivos, como nas honras que lhes presta depois de mortos, conserva, armada e fundeada na bahia de Portsmouth, a nau *Victoria*, a bordo da qual o immortal Nelson pagou com a vida a gloria de Trafalgar. Se o governo de Portugal comprasse e conservasse, com a propria mobilia, a casa onde falleceu Garrett, os politicos chamariam desperdicio a esse acto de nacionalidade, que poderia custar uns vinte contos de réis. Entretanto, com que prazer as gerações futuras iriam alli, ao sanctuario, consagrado, pelo patriotismo e pelo tempo, ao talento d'um grande poeta, estudar os seus gostos, as suas fantasias, uma das suas feições mais caracteristicas, porque assim como certas aves se conhecem pela fórma dos seus ninhos, assim certos homens se podem avaliar pelo interior da casa onde vivem, e pelos objectos de que se rodeiam. Os economistas austeros dirão talvez, que os moveis se consumiriam dentro de cem annos, os estofos em menos de vinte, e que portanto seria perdido o dinheiro que por elles se désse. Mas a *Victoria*, armada para honrar a memoria de Nelson, vale, pelo menos, oitocentos contos de réis, e as aguas do canal da Mancha de certo a não respeitarão eternamente. A Inglaterra, porém, não regateia quando paga os serviços que se lhe fazem; por isso cada peça que o mar e o tempo forem despegando do navio celebre, será logo substituida, conservando-se-lhe religiosamente a fórma primitiva, a fim de que, passados muitos seculos, pareça ainda, animado pela alma do valente almirante, transmittir ás esquadras

do seu paiz aquellas palavras de sublime eloquencia: — *A Inglaterra confia que cada homem fará o seu dever.*

A casa e a mobilia de Garrett podiam ser conservadas como a nau *Victoria,* se nós, que pretendemos imitar tanta pieguice estrangeirada, procurassemos tambem imitar actos dignos do louvor de todos.

E cito o exemplo da Inglaterra e de Nelson, porque existem muitos pontos de contacto entre o poeta portuguez e o heroe de Aboukir e Trafalgar. Ambos engrandeceram o nome das nações que lhes deram o berço, um com a espada, outro com a penna. Mas o lado por onde elles mais se aproximam é o do coração, que ambos tiveram extraordinariamente inclinado ás mesmas paixões e... a eguaes fraquesas. O amor, ambição insaciavel das almas ternas, como lhe chamou outro poeta, foi o escolho da vida de ambos. Subjugados pela belleza, por essa fatal e sublime realeza dos sentidos a que ninguem resiste, ambos deixaram na sua vida sombras de que o biographo ousa apenas aproximar-se a medo, mas que as exigencias da historia illuminam ás vezes com uma luz tremenda!...

....

A casa onde falleceu o visconde de Almeida Garrett está situada no lado occidental da rua direita de Santa Isabel, e tem o numero 56.[1] Fica-lhe fronteiro o cemiterio dos inglezes, cujos altos cyprestes a assombram com sua funebre melancolia. Singular local para um homem como era Almeida Garrett! Alguem lh'o inculcou de certo. Elle não pertencia a essa raça de individuos que gostam de *philosophar* ao pé dos tumulos, não era de caracter melancolico, não evocava em seus cantos as nenias e os vampiros, e sobretudo não gostava de pensar na morte. Se o não levou alguem a escolher aquelle logar, que acaso mysterioso o conduziu então alli? Acaso?

> Acaso foi? — Mysterios ha na campa
> Que em tradições de seculos fundados
> Me travam de razão: crel-os não ouso,
> Mas desprezal-os... tambem não......

Sería por ventura a morte que o chamava? Fosse o que fosse; eu, que não tenho prejuizos, tomei zanga á casa desde o principio. Embalde o poeta me mostrava os excellentes e vistosos panoramas que se desfructam das cinco janellas da frente, e do muro do jardim; nada podia attenuar em mim a má impressão que me causava a visinhança do cemiterio. Garrett zombava e mettia á bulha muitas vezes a accusação que eu lhe fazia de mau gosto na escolha do sitio, e dizia-me entre muitas coisas que *de todos os visinhos nenhum é tão discreto como um inglez morto.*

A verdade é que elle se mudou para alli em 30 de outubro, e no fim de 39 dias estava morto! Este acontecimento não auctorisa prejuizos mais ou menos ridiculos, mas justifica-me a mim a immensa repugnancia que sempre tive á ultima habitação do poeta, pela proximidade do cemiterio. E justificou tambem

> Um presígio de incognita desgraça,
> Presentimento vago e mal distincto
> De não sabido mal,

que me assaltou desde que alli fui a primeira vez. Hoje mesmo, depois de tantos annos passados, parece-me sentir ainda a tristissima impressão que durante a doença do poeta me causava de noite a vista dos cyprestes! Era uma fraqueza, conheço-o, mas uma fraqueza invencivel. Nas noites de luar, que foram raras pela inconstancia do tempo, aproximava-me ás vezes de uma janella, e arrastado por essa inexplicavel influencia que exercem sobre as pessoas nervosas as coisas ou os individuos que nos desgostam, fitava por muito tempo aquellas mudas sentinellas da morte. A luz baça do luar do inverno dava-lhes um aspecto ainda mais sinistro; a sua figura colossal, engrandecida ainda pelas sombras da noite, projectando-se n'um ceo pardacento, e sombrio como ellas, parecia pesar sobre mim. Todavia eu não tinha força para me afastar. Porque?...

> Mysterios ha na campa!...

Durante esses momentos, que eram para mim de indefinivel incommodo, não sei que vagas superstições se apoderavam de mim e me tornavam outro tão differente do que sou realmente. Todas as memorias da minha infancia, todos os prejuizos da minha aldêa onde nasci, me assaltavam e dominavam. Algumas vezes, apesar do frio intensissimo, ia até ao jardim para ver se o ar livre e a vista de outros objectos mudavam o curso das minhas idéas. Mas alli achava-me quasi sempre peor. Cada arbusto revestia-se a meus olhos de estranhas fórmas; de cada massiço de verdura me parecia ver surgir um espectro; os ramos agitados pelo vento em direcções diversas, desenhando-se no chão á palida claridade da lua, formavam uma dança de sombras, que se me afiguravam almas errando sem descanço em torno dos sepulchros. Tudo isto é pueril, é ridiculo, mas o peor é que tendo eu a consciencia d'isso, não podia vencer similhante fraqueza, e fugia como uma criança que teme as *almas do outro mundo!*

A ultima vez que entrei no cemiterio dos inglezes foi na companhia de Garrett, que quiz mostrar-me o tumulo de Fielding, o creador do romance moderno. Era um domingo; o recinto mortuario estava cheio de gente, e o poeta, com a veia do costume, ia analysando os typos que encontravamos, com uma graça que faria rir os proprios mortos, se o ouvissem. Adiante de nós passeava gravemente um homem de extraordinaria estatura, amortalhado n'um casacão pardo, de proporções enormes, similhante a uma mortalha de burel. Da cara do gigante caíam pendentes sobre o peito, em desgrenhada confusão, immensas barbas grisalhas. Tinha os olhos profundamente encovados, a côr do rosto era terrena e pallida; a testa, o nariz e a bocca tinham dimensões grandiosas; a cabeça, de tamanho fabuloso, andava mal coberta por um chapeo de seda que não alcançava á região frontal. Os pés, as pernas, os braços, as mãos, e o tronco, tudo recordava a imagem pittoresca, e atrevidamente grande, do famoso Adamastor. Este prodigio passou por nós carregando o sobr'olho, e encarando feramente Almeida Garrett. O poeta resmungou algum tempo e por fim disse-me: « Vê aquelle bruto? Pois era — dizia-se — muito meu amigo, e fazia-me muita festa. Um dia encarregou o J. E. de me pedir um favor, que eu fiz, e d'ahi em diante nunca mais me tirou o chapeo. Isto admirou-me, e perguntei a J. E. se me sabia dizer a causa. J. E. foi interrogar o nosso homem, o qual respondeu que *tendo-o eu obrigado deixava de me comprimentar para não comprometter a sua independencia, porque não é nenhum sevandija!* »

Esta historia é authentica. Felner, Rebello da Silva, Gonçalves e outros, a ouviram contar muitas vezes do mesmo modo, e conhecem todos o homem que se fizera mal criado, *por honestidade de caracter.*

Tinhamos andado poucos passos quando o colosso tornou a passar por nós. « Veja que austeridade, me disse Garrett, e faça favores a estes independentes!... » Resmungou outra vez, e continuou de-

[1] Hoje 78.

pois: «O que v. não sabe é que este Catão menor é um romantico façanhudo. Morre por um cemiterio, e todo elle fede a defuncto e a elegia que tresanda! Ao cáir da lua vem o desalmado para aqui refocillar o seu romantismo, e empunhando uma canella de inglez, faz dar urros a todas as nenias e vampiros de dez legoas em redor.» A ridicula descripção que o poeta fazia do romantismo do gigante, fez com que muitas vezes, diante d'este, não podessem conter o riso todos os que o conheceram. Foi a vingança de Garrett; e a figura burlesca do *independente* prestava-se maravilhosamente á pittoresca descripção de que a sua grosseria o tornou victima.

Quando chegámos ao pé do tumulo de Fielding comecei eu a traduzir laboriosamente a inscripção, porém Garrett não me deixou concluir.

«Não leia isso, que é tudo mentira; a unica verdade que ahi está é o nome de Henrique Fielding, e ninguem o sabe, ou não se lembram d'elle. Pois foi um grande nome! Walter Scott châma a Fielding o *pae do romance inglez*, e la Harpe disse que o *Tom Jones* é o primeiro romance do mundo. Apesar de tudo, esta enorme tumba de pedra encerra um punhado de cinzas que foram consideradas em quanto as animava uma multidão de paixões revoltas!...—agora... quem sabe que ellas estão ahi? O que o epitaphio não diz é que Henrique Fielding viverá eternamente no *Tom Jones*, como Squire Western. O que tambem não diz esse estupido epitaphio, é que nem a Inglaterra, nem ninguem se lembrou da viuva e dos filhos d'este homem illustre, que morreram ignorados, depois talvez de terem vivido como mendigos entre poderosos homens de estado, que foram condiscipulos e se diziam amigos de seu pae!—Ah! mundo enganador!... e eu que tambem tive o meu Lyttleton em formato 32, que me nomeou juiz de paz!...» Dizendo isto, travou-me do braço bruscamente. «Parece-me que nós estamos aqui usurpando o direito do nosso romantico? Vamos ver as obras da minha casa nova, e fique advertido o meu amigo, de que tenho por visinho este illustre defuncto.»

Ainda não eram passados quatro mezes, depois que fizemos esta visita, e em frente do sepulchro onde jáz o auctor do *Tom Jones* passava o triste cortejo que acompanhava ao cemiterio dos Prazeres o cadaver do auctor do *Camões!*

....

No dia seguinte áquelle em que Garrett adoeceu, mandou-me chamar, e apenas me avistou exclamou:

«Quem me ha de valer agora áquellas obras da casa de Santa Isabel?

—Homem, trate de si, recobre-se, e depois cuidaremos da casa.

«Mas como me hei de eu curar aqui? O dr. quer que eu vá para Lisboa, e se isto tem de me ser fatal, quero morrer na minha casa nova.

—Qual morrer!... fume lá este cigarro, que não é do contrato... É verdade que v. tem sido um mimoso dos contratadores; fuma sempre bons charutos e melhores cigarros, mas estes tambem não são maus.

«Este bom é. Se quer charutos alli estão n'aquella caixa... não me desarranje esses papeis! bom!... ora agora arrume-os, ande! Mas a casa?...

—Deixe lá a casa, com a fortuna! V. preoccupa-se com ella a ponto de aggravar a doença.

«Não o diga brincando! Se não acho uma alma caritativa que se encarregue da mudança e dos ultimos arranjos...

—Então eu?

«V.?!!!

—A admiração offende-me.

«Pois não se offenda. Não pensei em v. porque sei que lhe falta o tempo e lhe sobeja a preguiça. Mas não me admira o offerecimento; admiro-me de que se não lembre d'outra coisa.

—O que?

«Que preciso de companhia que me não seque, e se v. tem tempo para me tratar das obras, apesar do grande desejo que tenho de as ver acabadas, prefiro que esteja commigo. Que tal acha a explicação?

—Agradeço-a sem lhe fazer um discurso.

«Mas a casa?

—A casa... é negocio muito serio.

«Gravissimo.

—Estamos salvos! Que estupido esquecimento o meu! Temos um homem excellente, magnifico, unico.

«Quem é o prodigio? Diga depressa! Descubra-me essa nata do genero humano.

—Quem ha de ser? o Gonçalves. Aquelle bom e paciente amigo, que sabe de tudo, que para tudo tem muito gosto, e que faz tudo quanto se lhe pede.

«Era bom, era; porém eu hei de atrever-me a pedir-lhe similhante coisa?

—Grande audacia! Se nunca teve outras maiores, não tem de que gabar-se. Ainda não conhece bem o Gonçalves; ha de agradecer-me as suas relações mais tarde. O prazer d'elle é ser util a alguem, e para o obrigar a v. fará milagres.

«Pois se elle não tem medo de que eu deixe de o comprimentar, como aquelle homem dos vampiros me fez a mim...

—Não tem; respondo em tudo por elle: até n'isso.

«Porém...

—Não me faça mais observações!... Que mais quer? *Eureka!* Achei, inventei-lhe o unico homem possivel nas nossas circunstancias, e v. não fica contentissimo?

«Estou ébrio d'alegria; doudo furioso de contentamento. E quando falla ao Gonçalves?

—Hoje á noite, e ámanhã aqui venho com elle.

Fizeram-se as conferencias, e dois dias depois recebia o Gonçalves a seguinte carta escripta pela propria mão do doente:

«Segunda feira 11 de setembro [1]—Meu amigo e senhor—Já que quer ter a bondade de me valer n'este fatal aperto em que me vejo, pondo alguma ordem n'esta minha mudança de casa, que tanto aggrava os meus padecimentos, faça a caridade completa, e inteire-se de todo o gravissimo negocio que estupidamente emprehendi sem forças nem cabeça para o desempenhar: tanto que, se me não acudisse providencialmente o seu obsequio, entregava-me á sorte, e deixava tudo. Eis aqui o estado da questão:

«Entremos pela dita casa de Santa Isabel, e pela sua porta principal.

«1.º O vestibulo precisa de dois banquinhos, ou duas cadeiras, que á vista designaremos. Segue-se uma porta na escada, que ha *seis mezes!* se anda fazendo, e como viu, não está feita. Esta porta com dois batentes precisa uma ferragem especial para a porta podêr girar. Ajustei a confeição e pintura da porta com o meu armador Gaspar, por 12$000 réis, tendo de levar em cima as iniciaes de meu nome, e o timbre de minhas armas (que eu forneço de fóra parte em metal dourado); a pintura de magno, dois oculos redondos no meio das portas (que eu tambem forneço).

«Não a apromptando já Gaspar (ou o seu carpinteiro) temos de a mandar fazer a outro, e Gaspar

[1] A sua correspondencia commigo e com Gonçalves, ácerca da casa, é assaz volumosa e interessantissima. Ella mostra não só as pequenas coisas que tanto o preoccupavam e servem para a historia da sua vida, mas tambem se póde tomar como modelo de estilo, e objecto de serio estudo litterario, para se apreciar o escriptor. Toda ella se publicará no livro de que estes apontamentos são parte.

que leve o que está principiado desde abril, e nunca acabado.

« O chão de pedra que fica entre a dita porta e a escada é pintado a branco, assim como o alisar, e precisam reparados.

« A escada pintada a magno precisa verniz, porque é a tempera, e o pintor roubou-me ao verniz.

« Faltam tres varões de metal para segurar o tapete da escada.

« O candieiro ou bico de gaz da escada não é do meu gosto. Quem o collocou foi o Imberton, agente da companhia, e foi com a condição de se mudar se não agradasse. O dito Imberton deve mandar dois ou tres para se escolher, collocar-se o escolhido, e fazer-se de modo que não offenda o estuque.

« O patim da escada até cima aonde chega a pintura, estuques, roda-pés, etc., tudo precisa reparo de pintor, verniz a escada, etc.

« 2.° Todas as portas do primeiro andar precisam reparo, e trabalho de carpinteiro e de pintor. Verniz nas portas e janellas dos tres quartos da frente; a saber; saleta, livraria e sala.

3.° Casa de jantar está prompta, menos portas, janellas, e duas boas mãos de verniz que precisa o sobrado da dita sala, e o do corredor principal que a ella conduz. Cadeiras precisam polidas.

« 4.° A saleta ou sala de espera leva quatro cadeiras de marroquim, que tambem precisam polidas. Tem obrigação o Gaspar de as polir. Leva mais duas bancas de jogo bonitas, de magno, como já tratámos. O tapete posto em termos (que não está), obrigação de Gaspar; e um transparente na janella, que escolheremos.

« 5.° Livraria. — Tapete posto em termos, como já dissemos. Relogio proprio, puxador de cordão, que diga com as cortinas, na campainha. As cortinas estão mal postas, como já observei; os transparentes brancos indignamente postos. Se Gaspar os não põe já em termos, e repara o mal feito, mudaremos de armador. Ficam n'este quarto os trastes seguintes:

« 1.° A banca grande de escrever, que precisa um oleado (que escolheremos).

« 2.° A cadeira *abbacial*, que precisa forrada de novo da mesma fazenda das cortinas.

« 3.° De um mocho dito dito.

« 4.° De uma banca subsidiaria, mesmo estilo sebastianista.

« 5.° Duas cadeiras genovezas, que só precisam limpas.

« Portas, alisares, guarda-pés e paredes, tudo precisa reparado de pintura.

« 6.° Meu quarto de cama.

« Tapete posto em termos, que não está (obrigação de Gaspar), papel chamado *perse*, escolhido egual a uma chita que ao mesmo tempo se deve comprar, tudo alegre. A chita é para coberta e armação (mui simples) da cama; e da mesma chita serão forradas duas cadeiras ou tres, que destinaremos para serviço do quarto da cama.

« A cama é *sebastianista*, e está a concertar em casa do meu amigo o visinho marceneiro. Tem um colxão de molas que está a concertar em casa do meu colxoeiro ao Calhariz.

« A janellinha da fresta está muito mal feita, e precisa alterada como disse, antes de se pôr o papel.

« A porta falsa que vae ao retrete tambem precisa arranjada antes de receber o papel, como já dissemos.

« Os cordões das duas campainhas á direita e esquerda da cama, de côr que diga com a chita da armação da cama.

« 7.° Sala. Tapete bem posto; portas reparadas, alisares, roda-pés, etc., etc., cortinas brancas bordadas, com um *manteau* de damasco encarnado nas janellas (eu forneço o damasco, que tenho); papel novo que escolheremos; puxadores (ou não sei como se chamam) encarnados, nas campainhas. Os trastes, que só á vista poderemos designar, e que ficam n'esta casa, tem de ser reparados e recobertos alguns, para dizerem com as cortinas.

« O interior do fogão da sala bronzeado do mesmo modo que está o exterior do fogão da livraria. Sobre a pedra do dito fogão um espelho dourado, cuja moldura deve dizer com as galerias das cortinas das janellas. A sala não leva passadeiras de hollanda sobre o tapete. Portas, alisares, e roda-pés, repassados de pintura. Transparentes brancos nas janellas da sala.

« Apontamentos geraes.

« 1.° — Tenho alguns espelhos que preciso trocar ou vender, os que não servem nas salas.

« 2.° — Um d'elles ha de ser collocado no primeiro patim ou no alto do primeiro lanço da escada, que é moda agora.

« 3.° — Ha varios trastes que não servem ou não cabem na casa, e que havemos de trocar ou vender.

« 4.° — Ha tres camas de ferro que preciso trocar por outras mais maneiras e simples.

« 5.° — Estou cançado de aturar desde o mez de fevereiro as mangações do sr. G. que tudo tem feito indignamente; e depois de quatro, seis e sete mezes de espera, e além d'isso é careiro, e rouba atrozmente.

« Mas ha um homem que eu conheço, que põe papel, e estofa, e faz todo o preciso de armador, e que se accommoda em preços, o qual se chama *Militão José Ferreira*, e agora poz loja na rua nova da Trindade n. 24.

« Dou ordem a este para que se apresente a v., se elle effectivamente se accommodar será bom aproveital-o. Mas prefiro qualquer que tenha a confiança de v.

Verdadeiro retrato de S. Francisco Xavier no estado em que se achou aos 12 de outubro de 1859



Segundo um desenho de Luiz Maria de Noronha e gravura de Naraná Biqueia Xette

« 6.º — Os cartões para as estantes da livraria estão a fazer (e a concertar alguns) no encadernador da rua larga de S. Roque, ao pé do segeiro.

« Concluo este longo e seccante cartapacio declarando que, apesar de minucioso e seccante, estou certo que lhe ha de faltar muita coisa, que só á vista e conversando se póde explicar. Egualmente desejo que saiba que de antemão approvo tudo o que resolver e determinar, e que todas as contas approvadas e rubricadas por v. serão promptamente satisfeitas.

« Se alguma coisa, qualquer que seja, convier porém pagar logo de contado, ou adiantar para quaesquer despezas, lhe peço encarecidamente que m'o faça immediatamente saber para se apromptar o dinheiro necessario. Receioso de que o não leve a bem, não mando já com esta algum dinheiro que possa ser preciso, na certeza de que não fará commigo ceremonia, que lhe não mereço, porque me confesso de v. amigo muito obrigado — *Almeida Garrett.*»

« P. S. Escrevo n'esta data ao armador Gaspar e ao tal sr. Militão, para os pôr de accordo. »

Com esta longa carta veiu outra para mim, de tamanho pouco menor, incitando-me a que afervorasse o zelo de Gonçalves e o ajudasse quando podesse, sem *esquecer comtudo o pobre enfermo, que se via quasi sempre só, no desterro da Junqueira.*

(Continúa)

F. GOMES DE AMORIM

EXPOSIÇÃO SOLEMNE
DO CORPO DE S. FRANCISCO XAVIER EM 1859

Mas quem de Xavier, lustre de Hespanha,
Não folga ao ler a historia portentosa;
Por quem tanta nação remota, estranha,
Da evangelica luz os raios goza?
Mil vezes mais que bellica façanha
Val do apostolo a empreza gloriosa.
Lusa terra além mar guarda teus ossos:
Propicio acolhe, ó santo, os cultos nossos!

VIALE — *Bosq. metrico da Hist. de Port.*

A pag. 249 do vol. II do nosso *Archivo*, démos uma optima gravura do famoso tumulo de S. Francisco Xavier, que está na egreja do Bom Jesus, antiga casa professa dos jesuitas em Goa, a Velha, para onde foi trasladado em 1655.

Está esta estampa acompanhada do epitome da vida do glorioso apostolo e defensor do Oriente, escripto pelo illustre callaborador, e desvelado protector d'este jornal o sr. Carlos José Caldeira, que lhe juntou a inscripção epitaphica nas linguas chineza e portugueza, que ainda ha poucos annos existia n'uma lapida, que os christãos chins haviam posto perpendicularmente sobre a primeira sepultura do Santo Xavier, na ilha de Sanchoão.

Á releição d'esse excellente e mui noticioso artigo, convidâmos agora os nossos leitores, para melhor intelligencia do que vamos referir-lhe tocante á solemne exposição, que ultimamente se fez, do corpo do santo que tanto concorreu para a civilisação do nosso imperio na Asia, em cujo territorio missionou, durante dez annos, percorrendo mais de trinta mil legoas, doutrinando e baptisando para cima de trezentas mil almas!

A grande devoção que não só as christandades da Asia, mas os proprios gentios conservam a S. Francisco Xavier, suggeriu ao douto litterato secretario do governo da India portugueza, o sr. J. H. da Cunha Rivara, de accordo com o zeloso governador d'aquelle estado, o sr. visconde de Torres Novas, a boa lembrança de fazer uma segunda exposição publica e solemne do corpo do santo, tal qual se tinha feito já em 1782, sendo capitão general da India D. Frederico Guilherme de Sousa.

Por curiosidade ou devoção, se abria muitas vezes, antes de 1775, o cofre ou caixão que encerra desde 1552 o corpo de S. Francisco Xavier. Mas vendo o governador da India, que n'aquelle anno de 1755 era o conde de Alva, resultarem de taes aberturas e revolvimentos damnos e extravios, porque sempre se tirava e dava alguma reliquia, sollicitou, e obteve, que sem licença expressa do governo da metropole fosse prohibido abrir-se o tumulo.

Em 1782, por instancia do padre Antonio Luiz dos Santos, reitor do collegio das Missões da ilha de Chorão, concedeu a rainha D. Maria I licença para se expor á devoção dos fieis o corpo do Santo Xavier, fazendo-se primeiro um auto de abertura e exame, na presença do governador e de todas as auctoridades civis e militares. O auto lavrado no primeiro de janeiro do referido anno 1782, diz em substancia o seguinte:

Que aberto o cofre em que está o corpo do santo, se achou vestido com os paramentos sacerdótaes: Que tem a cabeça inteira com bastantes cabellos no casco, os quaes sensivelmente se acham: Que tem o rosto, com todas as feições, carcomido, mas coberto de pelle, exceptuando a parte direita que tem uma pequena contusão: Que tem ambas as orelhas, e todos os dentes visiveis, e sómente lhe falta um: Que tem o braço esquerdo com a mão inteira coberta de pelle carcomida: Que lhe falta o braço direito, e se diz, por tradição, que fôra para Roma no tempo que existiam os padres da companhia de Jesus, e tinha o mais corpo, em que sómente lhe faltavam os intestinos, como o apalpou o bispo de Cochim, tocando com a mão o corpo por baixo das vestimentas: Que tem as pernas cobertas de pelle resequida: Que tinha os pés nús cobertos de pelle, divisando-se-lhe as vêas com as unhas nos dedos, e lhe falta sómente um dedo no pé direito, que lhe foi tirado por devoção de uma pessoa devota, e se acha em casa do intendente geral, como elle attestou. Ultimamente assentaram que o corpo e reliquias do mesmo santo se achavam em estado de se poderem decentemente mostrar ao publico, para excitar e augmentar a devoção dos povos.

Similhantemente se procedeu na abertura feita em 12 de outubro do anno 1859, cujo auto diz, em summa, o seguinte:

« E logo com as chaves que existiam na secretaria do governo geral, e no acto foram apresentadas, se abriu o cofre em que está o corpo do dito santo, e se achou vestido de vestimentas sacerdotaes; e procedendo os facultativos de que se compõe a junta de saude, o physico-mór, Eduardo de Freitas e Almeida, o cirurgião-mór José Antonio d'Oliveira, e o cirurgião de classe Antonio José da Gama, ao exame do mesmo corpo, acharam o craneo revestido pelo lado direito, do respectivo coiro ainda com cabellos, mas raros, e do lado esquerdo completamente descoberto. A face revestida toda de pelle resequida e escura, com uma abertura do lado direito communicando com o seio maxillar do mesmo lado, a qual parece corresponder ao logar da contusão a que se refere o auto feito em um de janeiro de 1782; dos dentes visiveis, só falta um dos incisivos inferiores; existem ambas as orelhas; falta o braço direito, e a mão esquerda acha-se inteira, inclusivé as unhas, do mesmo modo como está indicado no referido auto; as paredes abdominaes cobertas de pelle resequida, e algum tanto escura, e não contendo no ventre os intestinos; os pés cobertos de pelle, tambem resequida e escura, deixando perceber a saliencia dos tendões, faltando no pé direito o quarto e quinto dedos, existindo porém de

um d'estes alguns restos da pelle e phalanges em estado muito esponjoso. Em vista do que, se assentou que o corpo e reliquias do mesmo santo estavam em estado de se poder expôr á veneração publica, para excitar e augmentar a devoção dos povos.

Ambos estes autos officiaes vem transcriptos no «Resumo historico da maravilhosa vida, conversões e milagres de S. Francisco Xavier», publicado em Goa, o anno passado, pelo sr. Filippe Nery Xavier, para ser vendido aos fieis, concorrentes á exposição do corpo do santo, de que se tiraram 2,500 exemplares que logo se extrahiram, sendo necessario fazer segunda edição.

Sobre taes autos, e notas de que os acompanhou o auctor no «Resumo», temos que fazer algumas observações.

Diz-se no primeiro, constar *por tradição* ter ido o braço direito do santo para Roma. Não é por simples tradição, mas por documento impresso, que nos admira não ser conhecido em Goa!

A rainha D. Maria Sophia, mulher d'el-rei D. Pedro II, grande devota de S. Francisco Xavier, pediu ao padre Antonio Vieira lhe fizesse um sermão d'este santo. O facundo prégador regio fez-lhe, não um mas quinze, apesar de ter já os seus oitenta e tantos annos. N'elles está eloquentemente compendiada toda a vida do apostolo do Oriente; e um é todo consagrado ao côrte do braço do santo, a rogos do papa.

Eis como refere Antonio Vieira este successo, com todas as pias illusões d'aquelle tempo.

«Perseverou inteiro o corpo morto de S. Francisco Xavier, sessenta e tres annos, até que no de 1614, que foi para a sua inteireza o climaterico, se dividiu, e lhe foi cortado o braço direito.

Constando ao summo pontifice Paulo V, que o corpo do Padre Francisco Xavier se conservára inteiro, com isenções, da natureza e da morte, tão singulares, desejou ter comsigo uma reliquia do mesmo corpo, que assim chama a egreja ás partes principaes de que se compõe. E como os desejos da suprema auctoridade são os modos mais apertados de mandar, declarado este por S. S. á Companhia, elle foi o golpe que a obrigou a uma tão rigorosa separação.

O logar que se elegeu, foi uma capella interior para onde se trasladou o santo corpo a titulo de maior decencia. O tempo, o mais secreto da meia noite, sem noticia, dentro nem fóra, do que estava determinado, porque, sabendo-se, toda Goa e toda a India se poria em armas, para defender o braço que tantas vezes as tinha defendido. Os assistentes eram o visitador, o provincial, o preposito, e tres consultores da provincia: o executor um irmão leigo, por não parecer decente que as mãos sagradas, que offerecem a Deus o sacrificio incruento de seu Filho, se ensanguentassem no de Xavier. Postos assim de joelhos todos, levantou o executor o braço do santo, tão natural e flexivel como se fosse de um corpo vivo que estivesse dormindo, e indo para o cortar, eis que subitamente tremeu a terra, a capella, e todos os que n'ella estavam! Tornam segunda vez a intentar o golpe, e não só o pavimento, mas as paredes, com segundo tremor, pareciam que se queriam arruinar, desencaixando-se as pedras. Quem não desanimára com a repetição de tal prodigio! Insistindo, porém, terceira vez no mesmo intento, foi tanto maior o tremor e abalo, que o tecto, e todo o edificio d'aquella grande casa, caía sobre os que estavam na capella, com que todos attonitos saíram para fóra.

Feita por elles nova consulta, quando parece que se havia de resolver n'ella, que se rescrevesse a Roma, e se representassem os manifestos e prodigiosos indicios com que Deus mostrava que não era servido que o santo corpo se dividisse, mas perseverasse inteiro, para que a sua mesma inteireza fosse um perpetuo testimunho a todo o Oriente, da verdade da Fé que lhe prégára; o que se resolveu foi, que tomassem ao mesmo Santo por intercessor contra si, e lhe pedissem licença para a execução do que eram mandados. Entram outra vez todos na mesma capella, e postos de joelhos, fallou assim um dos prelados: Bemaventurado Santo, bem sabeis vós que vimos aqui não tanto por nossa vontade, quanto por obediencia de nosso padre geral. E pois em vida fostes tão obediente, dae-nos agora depois de morto licença para que possamos executar o que se nos ordena, mandando esta reliquia de vosso corpo, que a pede o Summo Pontifice. Disse, e em se ouvindo o nome do Summo Pontifice, do padre geral, e esta palavra obediencia, obedeceu o Santo, obedeceu a terra, obedeceram as paredes, obedeceu tudo, e o braço se deixou cortar, manando da ferida tanto sangue, que encheu um vaso de prata, e se banhou n'elle uma toalha, que para esse effeito ia prevenida, a qual depois de muitos annos levou o conde de Linhares, viso-rei da India, para apresentar a el-rei D. Filippe IV.»

Aqui damos o *fac-simile* das fitas ou medidas do comprimento do corpo do santo, e n'elle tocadas depois de bentas, que se davam por differentes esmolas, durante a exposição.

Umas eram de seda e de diversos preços, a saber: de 3 xerafins (480 rs. fortes): de 2 xerafins (320 rs.): de 1 xerafim (160 rs.): de 4 tangas (120 rs.): de 3 tangas (96 rs.): de 2 tangas e 30 rs. (80 rs.): de 2 tangas (64 rs.)

Outras de nastro, ou linho sarjadas, largas 2 tangas (64 rs.): estreitas 1 tanga e 30 rs.: as não sarjadas tambem a 1 tanga e 30 rs.

De algodão lisas a 1 tanga (32 rs.)

A que representa o *fac-simile* é das de seda lavrada, da primeira sorte.

(Continúa)

Aguila, en la velocidad. *Leon*, en la vigilancia. *Bezerro*, en la fatiga. *Hombre*, en el valor.	MEMORIA = S. F. X. = 1859. Tocada no seu corpo e benta. Nasceu - 1497. ✠ Morreu 1552.	*An gel*, in la pureza. *Ardente raio* del vivo esplendor. *Todo*, en la virtud. *Nada*, en la humildad.

TICIANO

Foi este celebre pintor italiano um dos homens que mais se gozaram da vida. A sua opulencia lhe proporcionou a satisfação de ter á sua mesa até os proprios cardeaes, e tratal-os com magnificencia. O seu bom caracter, o seu genio sempre affavel e jovial, faziam-n'o amar e procurar de toda a gente, tanto ou mais que pelo seu merito e talento artistico. A saude que teve sempre até á edade de 99 annos, lhe enflorou os dias da sua longa vida.

Era modesto, não dizia mal de nenhum pintor, e até elogiava os seus rivaes. Era mui jovial, escrevia e fallava perfeitamente. Ainda mais uma feição que

define o caracter de Ticiano, e que raras vezes se acha em elogio de artistas, é que a sua moralidade foi sempre irreprehensivel.

Eis como elle costumava trabalhar: depois de esboçar um quadro, voltava-o para a parede esquecendo-o por algum tempo; depois, quando estava menos preoccupado da sua idéa, examinava-o com olhos criticos, corrigia o que lhe desagradava, até que em fim o concluia.

Apenas este grande artista começou a trabalhar sob a direcção de Giorgione, pintou uma Judith, da maneira d'este mestre, pela qual toda a gente felicitou Giorgione, tendo-a por obra d'elle, e asseverando ser o melhor quadro da sua mão. Enraivecia-se Giorgione de ser obrigado a responder, que esta admiravel Judith era obra de seu discipulo, e temendo passar muitas vezes pelo mesmo desar, pediu a seu discipulo que procurasse outro mestre. Eis como o genio logo se revela.

Tendo depois Ticiano travado amizade com Ariosto, estes dois homens celebres empregaram os seus talentos em se honrarem mutuamente. Ticiano fez o retrato d'este famoso poeta, e Ariosto o elogio de Ticiano no seu poema de *Rolando*. E o que mais é, alcançou a ventura de ser estimado de Aretino, d'este satyrico e venal poeta, cuja mordacidade temiam até os reis, sollicitando a sua amizade. Aretino, compadecido da pobreza de Ticiano, foi quem pela imprensa divulgou o talento d'este pintor, apresentando-o ao imperador Carlos V, que tanto o patrocinou e enriqueceu. Quando Ticiano pintava, tinha muitas vezes por leitor um homem celebre na republica das letras. Aretino lia-lhe muitas vezes.

Diz-se que Ticiano costumava deixar aberta a porta do seu estudo, fingindo ter-se esquecido de a fechar, e que os discipulos, na sua ausencia, lhe copiavam os quadros. Elle, porém, longe de se escandalisar com similhante fraude, retocava estas copias furtivas, que se vendiam por bom preço.

Nota-se nas cartas de Ticiano, que fallando elle das suas pinturas, nunca as designa pelas suas palavras italianas: *quadro ou tavola;* mas por termos que indicam o grande conceito que fazia da pintura. Por exemplo, a um que lhe tinha encommendado a famosa téla de Venus e Adonis, escrevia: Acabei a *fabula* de Venus e Adonis; e a outro: Brevemente vos remetterei a *poesia* de Perseo e Andromaca, outro quadro famoso da mão d'este mestre. Oxalá que todos os pintores ligassem á sua arte a mesma grandeza e sublimidade.

O pontifice Paulo III, querendo testimunhar o affecto que tinha a este pintor, e honrar a arte, offereceu-lhe um bispado para seu filho Pomponio; mas o artista recusou esta offerta, dizendo que não devia por ambição e vangloria elevar seu filho á prelatura. O mesmo papa quiz dar a Ticiano o officio de sellador das bullas, que tinha consideraveis emolumentos, e tambem o desinteressado artista preferiu viver tranquillamente na sociedade de seus amigos.

Ticiano fez tres retratos de Carlos V, e este imperador dizia, que por tres vezes recebêra a immortalidade das mãos do seu pintor. Por isso lhe conferiu uma honra singular para aquelles tempos, que foi, ordenar-lhe que no grande quadro em que se representavam os homens illustres da casa d'Austria, se incluisse e retratasse a si proprio. Ticiano, não podendo desobedecer a esta honorifica determinação de Carlos V, deixou perpetuada a sua modestia, retratando-se no logar menos apparente do quadro.

O monarcha não se contentou só com esta distincção, porque o recompensou ainda mais, nomeando-o conde Palatino, e condecorando-o com a ordem de S. Thiago. Ha mais outro rasgo d'este imperador para com o artista, que bom é repetil-o e divulgal-o para lição dos monarchas endeusados e arrogantes. N'um dia em que Ticiano fazia o terceiro retrato de Carlos V, succedeu cair-lhe o pincel. O imperador levantou-se para lh'o apanhar. O artista ajoelhou commovido, exclamando: « Sr., eu não sou digno de tal honra. » Carlos V replicou: « Ticiano deve ser servido por Cesar. »

Ticiano nasceu em 1477, e casou-se na edade de 86 annos com uma menina que tinha apenas 15. Alguns querem que fosse muito antes; o certo é que elle pintou sua mulher na figura de Venus, e tambem a representou n'um quadro de Nossa Senhora com o Menino Jesus. Morreu em 1576, de peste, mas fez-se-lhe funeral, sendo aliás prohibido aos que morriam da fatal doença, para evitar os damnos e terror proprio de taes quadras. Tal era a consideração em que o tinham os seus concidadãos.

No colorido é que sobre tudo primou este pintor, e tanto que se julga inimitavel. Pintava superiormente mulheres e meninos, mas não tão bem os homens. Em retratos, porém, foi admiravel. Tratou todos os generos de pintura, e na de paizagem era naturalissimo.



Ticiano

Tambem gravou em madeira muitos desenhos dos seus primeiros quadros, quando ainda não tinha a reputação que depois adquiriu: e entre estas suas gravuras ha uma caricatura em que Ticiano, querendo zombar dos que copiavam mal o Laocoonte, famosa esculptura antiga que está em Roma, representou muitos macaquinhos a imitarem aquelle famoso grupo.

O celebre pintor portuguez do seculo XVI, Affonso Sanches Coelho, a quem Filippe II chamava nas suas cartas o *Ticiano portuguez*, copiou para o paço do Escurial o quadro das *Furias*, de Ticiano, com tanta similhança, que até os entendedores o reputavam por original.

O sr. conde de Penamacôr possue uma excellente copia do quadro d'este mestre, que está no Escurial, representando *Christo orando no Horto*.

O imperador Marco Antonio mandou que todos os homens trouxessem sobre si o signal da profissão que tinham; e quem o não trazia era condemnado a servir nas obras publicas. Que grande contingente para as nossas estradas!

Explicação do enigma do numero antecedente

Um estouvado faz tudo torto ou ás avessas.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



O general Palafox, heroico defensor de Saragoça em 1808 — Desenho de J. P. de Sousa — Gravura de Pedroso

O retrato que vêdes, leitor, inculca muito pouco, mas é o de um mancebo de vinte e tantos annos, que cercado em Saragoça pelas tropas aguerridas de Napoleão, manteve a cidade por muitos mezes contra as forças, pericia e valor dos marechaes Mortier, Lannes e Moncey.

A defesa de Sagunto contra o poder de Annibal, não é menos memoravel que a de Saragoça contra o de Napoleão. Eram hespanhoes, e guerreiros, os propugnadores de uma e outra cidades de Hespanha.

O nome de Palafox em Saragoça é mui popular entre nós, tanto pelo seu valor militar, como pelo drama que por tanto tempo se representou nos theatros da peninsula.

O retrato que d'elle apresentâmos hoje, foi gravado em Portugal, e espalhado com profusão durante a guerra peninsular. Reproduzindo-o agora pela gravura de madeira, acompanhal-o-hemos de uma succinta noticia da vida militar do grande capitão.

D. José Palafox y Melzi, nascido em 1780, entrou ainda muito moço para o corpo dos guardas do rei de Hespanha, onde havia muita nobreza.

Quando rebentou a revolução de 1808, contra os francezes, Palafox foi escolhido de entre os officiaes da guarda para segundo commandante, ás ordens do marquez de Castellar, ao qual foi confiada a guarda do principe da Paz depois da sua prisão em Aranguez. Acompanhou este principe a Bayonna, d'onde conseguiu escapar-se quando o novo monarcha devolveu a seu pae os direitos que elle lhe conferíra. Diz-se que Palafox fôra encarregado pelo joven rei de ir declarar guerra á França, mas que recebêra contra ordem quando já tinha partido. O certo é que depois que regressou, viveu afastado da côrte n'uma casa de campo que possuia junto a Saragoça.

Quando n'esta cidade se espalhou o boato de que Fernando VII, escapado milagrosamente das mãos de Napoleão, estava disfarçado na cidadella, a privança que D. José Palafox tinha com o joven monarcha, a sua popularidade, e o ser aragonez, deram serios cuidados a D. João Guilhermi, capitão geral do reino de Aragão, que lhe enviou ordem para sair da provincia. A arbitrariedade de similhante ordem, foi o comêço das hostilidades contra D. João Guilhermi,

e que pouco depois lhe trouxeram a sua demissão e prisão. O general Mori, italiano de nascimento, foi immediatamente substituil-o. Conhecendo a influencia popular de Palafox, escreveu-lhe para que voltasse a Saragoça. Voltou elle com effeito, trazendo por sequito quarenta camponezes armados, que tinham ido procural-o ao desterro. Apenas chegou á cidade pediu para ser admittido ao conselho, a fim de dar o seu voto sobre negocios importantes para a defesa do reino. O povo que o seguira em multidão, impaciente por conhecer o resultado do conselho, arrombou as portas da sala, bradando que Palafox devia ser nomeado capitão general. Retirou-se Palafox para que os magistrados deliberassem livremente; mas, como ninguem ousasse fallar, nem se atreviam a tomar similhante resolução, foram arrombadas as portas por segunda vez, ameaçado o conselho, e Palafox proclamado governador de Saragoça e de todo o reino de Aragão em 25 de maio de 1808.

A nomeação d'este official para tão importante e difficil posto, deve parecer digna de admiração se se considerar que tinha apenas 28 annos de idade, e mui limitados conhecimentos militares, pois passára toda a sua mocidade nas dissipações e festins de Madrid, onde a opulencia e jerarchia de sua familia lhe davam posição de figurar com esplendor. Juntavam-se a estas circumstancias o lastimoso estado do paiz. As provincias visinhas de Navarra e Catalunha estavam invadidas pelos francezes; a tropa regular que guarnecia Saragoça, chegava quando muito a 220 homens; finalmente, o cofre da provincia estava exhausto. Apesar d'esta deploravel situação, Palafox tratou logo da organisação militar da cidade. Chamou ao serviço todos os officiaes reformados, e armou, sob a antiga denominação de terços, muitos corpos, em parte compostos de estudantes da Universidade. Querendo inspirar cada vez mais aos habitantes o sentimento da independencia e defesa da cidade, collocando-os na alternativa de vencer ou morrer, declarou guerra aos francezes por uma proclamação patriotica e energica. Apenas foi publicada esta notavel proclamação, 8:000 francezes saídos de Pamplona, e commandados por Lefebvre-Desnouettes, vieram atacar Saragoça. O marquez de Lazan, irmão de D. José Palafox, saiu ao encontro dos francezes até Tudella. Resacharam-no, voltou á carga, e foi novamente derrotado. Mas com o auxilio e reforço de seu irmão, obrigou os francezes a retirarem-se.

Partiu logo D. José Palafox de Saragoça, a fim de juntar mais tropas, procurar recursos para um assedio, e prover á defesa do resto de Aragão, se a capital succumbisse. Juntaram-se-lhe cerca de 1:500 homens que haviam fugido de Madrid, e entrou com elles na cidade. Os francezes, que tinham recebido reforço de tropas e de artilheria, acamparam em volta de Saragoça, apoderando-se da montanha de Torrero, posição importante para a communicação com os arredores. Dirigiram principalmente as forças contra as portas del Carmen e del Portillo.

No fim do mez de julho, a cidade foi completamente assaltada. A 22 foi bombardeada, e a 4 de agosto entrada pela porta de Santa Engracia. D'ahi enviou o general francez a Palafox a ordem de capitular, pelo seguinte bilhete: «*Quartel general de Santa Engracia.* Capitulação.» A resposta immediata foi não menos laconica: «*Quartel general de Saragoça.* Guerra de morte.»

Em 5 de agosto, 3:000 homens de tropas regulares chegaram aos sitiados, sob o mando de D. Francisco Palafox, irmão do capitão general; e a 8 reuniu D. José um conselho de guerra, que adoptou as seguintes resoluções: 1.° que os bairros da cidade em que ainda se conservavam, fossem defendidos com a mesma firmeza; 2.° que se o inimigo vencesse, cumpria que o povo se retirasse pela ponte do Ebro, e que depois de destruida a ponte, se defendessem os arrebaldes até ao ultimo homem. Esta decisão do conselho de guerra foi acolhida com as mais vivas acclamações. Continuou portanto a peleja durante onze dias consecutivos. O povo enfurecido ganhava de dia para dia o terreno occupado pelas tropas aguerridas da França, até que estas apenas ficaram senhoras da oitava parte da cidade. Finalmente a 14 de agosto, sessenta e um dias depois do mais sanguinolento e apertado sitio, tiveram os francezes de abandonar inteiramente as suas posições, retirando-se para as planicies de Pamplona.

Esta momentanea retirada deu tempo a que o general Palafox reparasse as perdas, juntasse mais tropas, e levantasse novas fortificações. Mas a tregua foi breve. Os francezes voltaram de novo ás ordens do general Moncey e Mortier. A 23, Palafox foi batido em Tudella, e a 27 novamente cercada a cidade. Continha ella a esse tempo 30:000 homens de tropas regulares. Houve uma acção horrivel debaixo dos muros a 21 de dezembro, e a 22 o marechal Moncey, commandante do exercito sitiador, intimou D. José Palafox para se render. A esta intimação respondeu o governador por uma recusa formal, e o sitio continuou com varia fortuna de parte a parte. O bombardeamento renovou-se a 9 de janeiro, e a 27 deu-se o assalto. Os francezes postaram-se na brecha fronteira á porta de Santa Engracia. A defesa dos sitiados foi heroica e tenacissima, e as vantagens dos sitiantes compradas a preço de muito sangue. O bombardeamento durava já havia tres semanas: a epidemia causava tambem grande devastação na cidade. O marechal Lannes, que tinha succedido a Moncey no commando do exercito, enviou a Palafox um parlamentario offerecendo-lhe capitulação. Mas tambem esta proposta não foi acolhida, e a guerra então foi de parte a parte levada aos extremos da exasperação. É impossivel descrevermos o encarniçamento com que os sitiados, influidos pelo seu capitão general, combatiam até no interior das casas. Moços e velhos eram combatentes denodados, e as mulheres animando-os á peleja, corajosamente pensavam e soccorriam os feridos. A entrada de cada porta ou escada se disputava corpo a corpo; uma janella era para elles um posto importante, e cada official fazia ponto de honra em defender qualquer d'estas posições.

Entretanto a epidemia arrebatava diariamente boa parte da população; não havia hospitaes sufficientes, nem tão pouco remedios para os enfermos. Palafox, que havia já um mez não saia do subterraneo onde se tinha encerrado para evitar a contagião, foi tambem atacado. Vendo-se em perigo de vida, mandou dizer ao marechal Lannes que aceitava a capitulação que lhe tinha proposto em janeiro, pondo a clausula de que a guarnição fosse encorporada no exercito hespanhol. O marechal tomou como insulto similhante proposta feita por um troço de soldados moribundos, e recusou-a com desdem. Palafox, cada vez mais doente, não podendo absolutamente continuar a dirigir as operações, valeu-se da intervenção do general Saint-Marc, emigrado francez, e um dos que tinha concorrido intrepidamente para a defesa de Saragoça. Com effeito, a 21 de fevereiro, a heroica cidade capitulou. No mesmo dia, uns 12:000 homens fracos, lividos, moribundos, sairam do meio de cinzas e ruinas para o acampamento francez. Palafox, depois de convalescido, foi levado como prisioneiro a França, e mettido na torre de Vincennes, onde esteve até ao fim do captiveiro de Fernando VII. Obteve então ir juntar-se com o seu rei a Valençay, e por ordem d'elle, partiu para Madrid a 24 de de-

zembro de 1813 com as instrucções dadas ao duque de S. Carlos para a ractificação do tratado de 8 de dezembro, concluido em Valençay entre Fernando VII e Napoleão. Regressou depois a Valençay, e definitivamente a Madrid com a côrte. Ahi lhe foi confirmada a patente de capitão general do reino de Aragão, e conferidas varias condecorações.

Quando em 1820 se fez a revolução constitucional, Palafox tomou parte n'ella, e em 1823 assignou o protesto contra o poder absoluto de Fernando VII. Logo que o monarcha aboliu a constituição, Palafox retirou-se á vida privada, entregou-se á cultura de suas terras, e viveu sempre retirado, desgostoso e doente, até que, aggravando-se-lhe os seus padecimentos, falleceu com 63 annos de idade no de 1843.

Eis aqui, em summa, a biographia militar do celebre general Palafox, o invencivel defensor de Saragoça, nome popular entre nós, porque foi um dos heroes da guerra peninsular, tela de grandes façanhas de portuguezes e hespanhoes, contra as invasões e rapinas de Napoleão Bonaparte.

ANTIGUIDADES NACIONAES

Hoje que a ambição das grandes potencias aconselha e promove a annexação dos pequenos estados, e a fraude, chamada diplomacia, accumula notas e memorandos para expungir dos diccionarios politicos o dulcissimo vocabulo *nacionalidade*, os levianos propugnadores da *união iberica* tomaram alento, e consta que se não conservam unicamente na espectativa...

É pois opportuno o ensejo de irmos pondo á luz do sol da liberdade, que Deus nos dá e mantenha, os documentos inéditos que escaparam ao terremoto, para nos transmittirem a serie de vexames e extorsões que o nosso reino padeceu, durante os sessenta annos que esteve unido á coroa de Hespanha.

O que hoje publicâmos não só prova isso, mas tambem que os procuradores municipaes dos povos, representavam energicamente contra essas extorsões, examinando, ponto por ponto, em que se consumiam as rendas publicas.

É uma representação feita pela casa dos Vinte-e-Quatro (pelo officio dos tecelões principalmente) a elrei D. Filippe IV, quando este pediu á cidade de Lisboa um grande donativo para soccorro da India, que os hollandezes nos iam tomando a pouco e pouco.

Depois de lido este notavel papel, que nos digam, se já houve deputado em côrtes que tenha examinado o orçamento do estado, tão perspicazmente, como n'aquelle tempo fizeram os tecelões da casa dos Vinte-e-Quatro?

Não houve desperdicio, verba illegal ou superflua, que elles não apontassem para ser supprimida. Faz-se hoje isto?

Divulguemos pois este documento, até agora inédito, porque encerra muitas noticias para a fatal historia dos sessenta annos da filippina união iberica.

Apontamento das causas originaes que tem lançado a perder este reino, e posto a India no estado em que se vê. Apontam-se os meios que ha para se tirar dinheiro para o soccorro da India pedido por carta de S. M.

(Reinado do ultimo Filippe em Portugal. Anno 1628.)

1.ª — Devassar-se a India aos hollandezes foi a principal causa de todas, pelo contrato feito entre o sr. rei D. Filippe II, que occupava este reino por força, e elles, sem se dar conta a este reino, tribunaes e povo d'elle, sendo a conquista mais honrada e estimada que tem esta monarchia e todas as mais do mundo.

2.ª — As riquezas da India, e o muito oiro e marfim que nos levam todos os annos da Mina, e os roubos do Brasil, sem V. M. tratar de obviar este damno, tem feito tão poderosos os hollandezes, e outros confederados a elles no mar, como se vê, estando hoje, mui ricos, sendo d'antes miseraveis pobres.

3.ª — Que ha muitos annos que este reino, assim do tempo do sr. rei D. Filippe II, como n'este de V. M., se tem feito muitas lembranças, pelos visoreis e governadores passados, se acudisse á India, sem V. M. nem o dito senhor se lembrarem do soccorro d'ella.

4.ª — Que os direitos reaes estão esgotados por duas cabeças ou principios. O primeiro, por doações inofficiosas que de todo tem impossibilitado o reino, como corpo sem sangue. O segundo, por V. M. desamparar a India, e puxar pelos direitos reaes d'esta coroa e vassallos para soccorrer a Flandres, sendo assim que este reino não tem nenhuma combinação com aquelles estados, nem lhe deve o soccorro d'elles, por serem da coroa de Castella, senão com a India e mais conquistas tão estimadas dos reis passados, como se sabe, que jámais consentiram estrangeiros n'ellas, pelo grande proveito que d'isso lhes podia vir, e agora se experimenta.

5.ª — Entrando com a primeira cabeça ou principio, as doações inofficiosas. Bem exorbitante é a doação feita ao duque velho de Lerma, que faz espanto a quem a vê, dos consideraveis celleiros de Serpa e Moura, que importam quinze mil cruzados; por se dizer que fique livre e isenta, e não pague em nenhum tempo chancellaria, nem venha em confirmações geraes do reino; e pelo rendimento d'elles se isente outra tanta renda que as alfandegas de Sevilha pagam pela coroa de Castella. E estes se pagavam ao dito duque, e hoje se pagam a seu neto, que é estrangeiro, contra o jurado e promettido nas côrtes de Thomar e nas ultimas de Lisboa, que dizem expressamente, que se não darão proprios nem bens da coroa a estrangeiros, senão aos naturaes d'este reino; e assim a tal doação foi nulla e exorbitante; nem V. M. tem obrigação de estar por ella, como dirão todos os lentes das universidades e theologos; e como tal está julgado por sentença da relação d'esta cidade, citado e ouvido elle duque. Sendo assim que, depois de dada, estando a coroa de posse dos ditos celleiros, V. M. lh'os tornou a mandar entregar, sem se lembrar, a pessoa ou pessoas que n'isso intenderam, que havia sentença fundada nas ditas nullidades.

E trazemos á memoria de V. M. o encargo que por seu testamento deixou o sr. rei D. Filippe II, pae de V. M., á hora de sua morte, para que se tornassem a esta coroa de Portugal, e assim todos os outros bens que d'ella deu a estrangeiros, por quanto tinha entendido o desengano de seus confessores, pelos não poder dar. Para que os mande restituir por sua christandade, zelo e exemplo, se lhe declaram todas estas particularidades.

E assim mande V. M. que os rendimentos d'estes celleiros se encorporem na coroa d'onde se tiraram, e se appliquem para o soccorro presente da India, que é o melhor e mais acertado, por serem os taes celleiros compostos de pão, azeite e vinho, tirados das rendas e egrejas d'aquellas villas, de que se ajudavam os reis d'este reino, mandando-os vir pelo rio Guadiana abaixo, para as armadas da India e Costa; que é lastima o muito que hoje se gasta em dobro, e a peso de dinheiro, tendo esta coroa todos estes fructos de sua casa. Mande V. M. applicar todos os rendimentos que elle duque tem comido, d'estes celleiros, para o dito soccorro da India; e, antes da doação que d'elles se fez, todos os interesses que tirou e levou de cem quintaes de pimenta,

drogas e cravo, que mandava vir cada anno da India livres, sem pagar direitos.

6.ª — Que a doação que se fez a D. Leonor Pimentel, das sisas, direitos reaes e padroados de Alemquer, tambem é inofficiosa pelas clausulas que tem; e o peior é darem-se por ella as sisas da dita villa, contra os contratos feitos com os povos em tempo del-rei D. João III, por dizerem expressamente que hão de ser para a defensão do reino e da India; e que as não podessem dar os reis, rainhas, nem infantes, e V. M. não tem obrigação de estar por ellas, nem que as cumpram, senão mandar por descargo de sua consciencia, e da do sr. rei D. Filippe seu pae, que os quinze mil cruzados, que os taes direitos importam cada anno, se appliquem a esta necessidade da India, e que restitua ella D. Leonor todos os redditos que até agora tem levado das ditas rendas, mórmente sendo estrangeira.

7.ª — Que da mesma qualidade é a doação feita ao marquez de Alemquer, dos reguengos de Guimarães, que importam cada anno outros quinze mil cruzados, e os mande V. M. applicar á necessidade presente da India, e restitua os redditos que até ao presente tem levado dos ditos reguengos, e que ao mesmo marquez de Alemquer, ou marqueza de Laguna, mande V. M. larguem 1:000$000 réis que tem de juro, com os redditos que até agora levaram, e que se appliquem á mesma necessidade da India.

8.ª — Que ao conde de Ficalho mande V. M. se tirem as rendas e tenças que tem, que são muito maiores que as grandes e excessivas doações que se tem feito a sua mãe e a seu pae; padrões de juro e ajudas de custo em tão demasiada quantidade, que sobem a mais de oitenta mil cruzados. Que se appliquem tambem a este soccorro, as quaes tenças e mais mercês, com as commendas que tem, e pensões ecclesiasticas para seus filhos, se V. M. as passar por seus reaes olhos, julgará que todas excedem o custo ordinario, e que o ser elle presidente do conselho d'estado d'este reino, que assiste ao lado de V. M., não o faz natural d'elle, nem as muitas tenças dadas a seu pae e mãe, não lhe podem ficar por herança á maneira de morgado.

9.ª — Que a parte do páo do Brasil que V. M. deu por carta e doação a certa personagem, o anno passado, estando já o reino posto nas necessidades presentes, com perda de armadas e naus da India na costa de França; e mandar por geral desengano, como mandou, dizendo que não havia de tirar um só real da coroa de Castella para o soccorro da India, com se lhe pedir por emprestimo alguma coisa dos largos tres milhões de oiro que a dita coroa está devendo a este reino de dinheiro potavel (portavel). Mande V. M. que se largue o dito páo para este soccorro da India, porque o que mais aggrava n'esta tal mercê assim feita, são as circunstancias d'ella, por consentir que pessoas particulares o tragam, vendam e levem a quaesquer partes de Hespanha, se quizerem, porque se tem abatido o contrato em tanto, que com render e importar cada anno á coroa cem mil cruzados, não importa este anno nem a quarta parte, que tão notavel é a quebra e baixa que a tal doação dá e dará em quanto durar; sendo assim que ao tempo da tal doação estava este páo applicado aos logares de Africa, e por mais que da fazenda se replicou a esta doação, V. M. não deferiu, pelo que parece não se lhe communicou.

10.ª — Que a bulla da cruzada, que V. M. houve de S. Santidade para os logares de Africa, com haver n'este reino mosteiros pobres de religiosos, religiosas, conventos de convertidas, e outros logares pios, V. M. tem mandado applicar certa quantidade de rendimento d'ella para o collegio dos padres da companhia de Salamanca. Que mande se applique a este soccorro da India.

11.ª — Que posto toda a obra pia é meritoria a Deus, V. M. tem enriquecido o mosteiro do Escurial com drogas da India e assucar, em notabilissima quantidade, e por padrão perpetuo. Que se modifique o padrão e doação d'esta mercê, partindo-se agora a valia pelo meio, para ajuda das necessidades presentes.

12.ª — Que d'estas obras pias se tira outra, e é a do mosteiro que mandou fazer a senhora rainha, que está em gloria, pela fazenda que para elle se traz da India, livre, por mãos de estrangeiros, que fazem o que querem. Que mande V. M. que todos os direitos d'estas fazendas se appliquem a este soccorro, e tambem as mesmas fazendas.

13.ª — Que d'esta doação nasce outra, e é que n'este mesmo tempo, e das rendas d'esta coroa, tem V. M., pelo que se alcança, promettido duzentos mil cruzados ao duque de Aveiro, casando com uma irmã do duque de Mamequeda. Item n'este mesmo tempo tem V. M. feito capitão-mór das galés, com ordenado de tres mil cruzados, mandado lançar na folha com esta quantia; sendo assim, que não ha n'este reino mais que uma galé velha; e el-rei D. Sebastião com mil cruzados achava que satisfazia ao capitão-mór d'ellas, com ter á sua conta doze galés, e muitas vezes quinze, provendo com ellas os logares de Africa e costa do Algarve. Que mande V. M. (já que não ha galés n'este reino, e visto o miseravel estado em que está) se appliquem os ditos tres mil cruzados para o soccorro da India, e que não haja por ora capitão-mór das galés.

14.ª — Que este reino sustentou as galés muitos annos (tem actualmente tres) que estavam na costa de Andaluzia, que lhe fizeram de custo mais de cento e cincoenta mil cruzados, sendo tão necessarias, como se vê, na enseada d'esta cidade, para lançarem as naus da India pela barra fóra; e por mais clamores que deu o marquez de Alemquer, sendo visorei, escrevendo a V. M. as mandasse vir, pois eram d'esta coroa, e não estavam em nova conquista de Argel nem de outra similhante praça, não vieram, que foi occasião de arribarem aquelle anno as naus com D. Affonso de Noronha, do que se seguiu o Idalcão se mover para intender com Goa. Que veja V. M. os gastos que n'ellas se fizeram, sem a dita coroa d'ellas usar, e os mande restituir applicando-se a este soccorro.

15.ª — Que visto como os reinos se não conservam, nem podem conservar, sem commercio, e estar Portugal ao presente sem elle, pela guerra que lhe faz de terras a dentro D. Fernando de Toledo, que é maior que a dos inimigos hollandezes e inglezes das barras afóra, sendo tão notavel o seu damno, que estão as alfandegas sem fazendas, como desertas; o que pelo sentir e antever com sua prudencia el-rei D. Filippe I, com o muito que podia padecer o povo, e os direitos reaes faltarem, jámais permittiu que houvesse contrabandos nem represalias, nem o sr. rei D. Filippe II, pae de V. M. E é a rasão por que estão padecendo os mosteiros de religiosos, religiosas, confrarias, hospitaes e misericordias, aonde se lhes fazia o pagamento dos juros que compraram por seu dinheiro; e se vem alguma coisa que acaso escapasse dos inimigos, o leva D. Fernando de Toledo com o presidio do castello, faltando muitas vezes para os soccorrer com a esmola ordinaria de V. M. Que deve mandar lançar estas represalias e contrabandos, e que o dinheiro que ha d'elles se applique para este soccorro da India, que é de grande quantidade, pois é proprio d'esta coroa, e não da de Castella, pelas tomadias serem feitas das barras a dentro, como se já apontou em direito a V. M.

16.° — Que mande V. M. se continue com a reducção dos juros em que começou a intender o mordomo-mór D. Diogo da Silva, por ficar imperfeita ao tempo que V. M. o nomeou por um dos governadores passados; e a maior parte dos que reduziram de dezeseis o milhar a vinte foram das confrarias, hospitaes, misericordias, frades, freiras. Pelos livros da fazenda e chancellaria do reino se saberá os que faltam para a tal reducção; da qual diligencia se tirará grande dinheiro para o soccorro da India.

(Continua.)



O tigre

De um homem sanguinario ou que se enraivece ferozmente, costumâmos dizer que é um tigre, por ser esta fera a mais enfurecida contra o homem, a quem persegue e assalta de preferencia a todos os animaes.

Façamol-o, pois, conhecer aos nossos leitores, na estampa, porque só pintado se póde ver o tigre sem terror, e façamos d'elle breve descripção.

O tigre é uma fera mui veloz e carniceira. Tem cabeça de gato, garras de leão, olhos amarellos e scintillantes, cauda comprida, dentes agudissimos, e a pelle salpicada de varias côres. O tigre real, que é o que a nossa gravura desenha, tem o pello tirante a ruivo, retalhado de listões negros. Ha alguns do tamanho de cavallos.

Esta especie ferina é pouco numerosa, e parece desterrada para os climas mais abrasados da India oriental, Malabar, Sião, Bengala, etc.

Se a figura e os habitos são capazes de determinar, ou dar a conhecer o natural do individuo que se considera, o tigre não podia ser conformado de outra sorte do que é. Tudo n'elle denota baixeza e ferocidade; as pernas extremamente curtas para o comprimento do corpo, indicam logo que é um ente proprio para andar de rojo, astucioso, e sempre de emboscada; a cabeça é nua, os olhos fe-

rozes, a lingua sanguinea e sempre pela bocca fóra.

O seu unico instincto é uma raiva constante, um furor cego, que muitas vezes o leva a devorar os proprios filhos, e a despedaçar a mãe, quando os quer defender. Quando mata a presa, rasga-a, enterra-lhe as fauces nas entranhas, chupa-lhe o sangue com um prazer horrivel, e torna logo a despedaçar nova presa, se a encontra, sem esperar que a fome o incite. É crivel por desejo, e não por necessidade. A sua força é tão possante que arrasta um cavallo ou bufalo, sem que dê signal de afrouxar um ponto na carreira.

Os maiores tigres tem de 1 a 2 metros de comprimento, da ponta do focinho ao nascimento da cauda. Os musculos são de uma força e elasticidade singular, e os saltos tão rapidos quanto longos. A figura, como dissemos, é parecida com a do gato, e até os naturalistas tem posto sempre um e outro no mesmo genero.

Este animal sempre sequioso e sempre farto de sangue, parece devorado por uma sêde constante, e por isso nunca passa por agua sem beber.

Consegue-se amansar o leão; porém o tigre fica sempre o mesmo, nada ha que seja capaz de lhe domar o caracter. A força, a prisão, a violencia, são meios perdidos; as caricias e branduras não o dobram; não conhece amigo nem inimigo, tudo para elle é presa, tudo lhe serve para saciar, ou antes, para alimentar a sua raiva. Ruge como o leão, porém com voz rouca e interrompida: range os dentes, brama e atemorisa antes de dar a morte.

Do tigre nada se aproveita senão a pelle, muito procurada na Asia, e muito pouco estimada na Europa, onde se faz mais caso da do leopardo, a que os mercadores de pelles chamam de tigre, por ignorancia.

Ha outras castas de tigres mais pequenos, que se distinguem pelos nomes de panthera, onça e leopardo. De todos estes demos estampa, com a competente descripção, a pag. 133 do vol. II.

CONTOS DE COR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

I

Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito-Santo dêmos principio ao conto da resurreição da alma...

— Da alma?

— Pois não gostas do titulo d'este conto, ramalhete de açucenas e rosas, numen inspirador dos *contos de côr de rosa?*

— Não gosto; porque a alma é immortal, e onde não póde haver morte não póde haver resurreição.

— E n'isso fundas sómente os teus escrupulos?

— E n'isso justamente.

— Tranquillisa-te, pois, que o auctor dos *contos de côr de rosa*, tão rico de fé como pobre de oiro, não váe manchar a pureza d'estas paginas com uma heretica negação. Sei que a alma, sopro divino que vivifica a nossa debil natureza, eleva-se ao ceo, em virtude da sua immortalidade, quando a materia se fina; porém se a alma não morre para o ceo, morre para a terra, ausentando-se d'ella, e esta é a morte de que váe tratar-se. Estás já tranquilla, rosa de abril e maio?

— Estou em quanto ao titulo do teu conto; porém, agora, inquieta-me o receio de que te dês a metaphysicas...

— Repelle, repelle tambem esse receio, porque nunca me deslembrarei de que escrevo para que me entendam. Porém, vamos ao conto.

Em principios do presente seculo, o concelho de G*** um dos quinze que compõem as Encartações [1] do mui nobre e leal senhorio de Biscaya, tinha menos trinta casas de que na actualidade.

Conta-se alli que em tempo dos barbaros (tempo que tem lá na bocca do povo, significação quasi egual á que tem n'outras provincias da peninsula o tempo dos moiros) as altas montanhas que compõem a jurisdição de G*** não estavam separadas por valle algum. Porém um dia, de certo mui triste e nebuloso, rebentou da parte do sul um rio, exclamando: « Deixae-me passar que vou procurar o mar salgado. » E as montanhas abriram-lhe cortezmente a passagem, dizendo: « Passe, meu senhor, que n'esta terra não costumâmos pôr impedimento aos viajantes, embora lh'o prescreva o seu salvo conducto. »

O rio continuou passando, e as montanhas continuaram a dar-lhe passagem livre, em troca dos ricos dons que em frutas, legumes e flores, deposita agradecido a seus pés.

Em principios do presente seculo havia, como hoje, no fundo do valle que corta o concelho, uma egreja cercada de nogueiras e faias, uma ferraria e varios moinhos rio abaixo, e umas trinta ou quarenta casas agrupadas em torno da egreja, mas separadas umas das outras por hortas e vergeis povoados de cerejeiras, macieiras e peraes.

Os grupos de casas dispersas nas montanhas, constituiam a povoação mais numerosa do concelho. N'uma d'aquellas montanhas vêem-se agora umas trinta casas reunidas em torno de uma egreja; porém então era raro verem-se quatro juntas. Uma branquejava por entre a espessura de um castanhal, outra na de um carvalhal, outra na linde de uma sebe, outra no cume de um cerro, outra na margem da regueira que ia por um canal correndo a ver fugir o rio, como creança indomita que quer ver passar o viajante por mais que sua mãe lhe diga da janella: — « Olha que te vaes despedaçar! As tuas diabruras hão de tirar-me a vida! »

Naturalmente, cada propriedade tinha nas immediações uma herdade de dezeseis a vinte fangas de semeadura, com todo cuidado cercada de sebes, vallado ou muro.

A maior parte d'estas propriedades estavam habitadas por inquilinos, e as restantes por caseiros, ou por seus donos, o que alli é a mesma coisa.

Era do numero d'estas ultimas uma lindissima casa que se erguia, em platafórma, rodeada de sebes e bosques incultos, que se estendiam a distancia de meia legoa.

Descreveremos em breves linhas aquella propriedade, e certo haverá quem se lembre de a ter visto ao passar pelas Encartações.

A casa de Ipenza era branca e quadrilonga, alta pela fachada principal e baixa pela opposta. Compunha-se de tres andares: o baixo, ou terreo, em

[1] Conhecem-se desde tempos immemoriaes com o nome de *Encartações*, quinze concelhos situados na parte occidental do senhorio de Biscaya, do qual formam parte, e cuja povoação será de 15.000 almas. Estes concelhos são: Gueñes, Zalla, Gordejuela, os quatro do valle de Somorrostro, Sopuerta, Galdames, Arcentales, Trucios, Carranza, Valmazeda, Portugalete, e La Nestosa. As ultimas povoações tem o fôro de villas.

As Encartações foram, por assim dizer, o coração da antiga Cantabria; povoadas de nobilissimas casas solarengas, produziram em todas as epochas varões illustres, cuja memoria viverá eternamente. O terreno será de umas 20 legoas de circunferencia, é fertil na maior parte, e fragosissimo n'outras, se bem que entregue ao cuidadoso amanho de laboriosos habitantes. Falla-se alli o idioma vasconço; hoje, pela convivencia com os castelhanos, falla-se o d'estes ultimos, misturado com algumas vozes e ditos vasconços e montanhezes.

que estava a cavallariça [1], a *rocha* [2], e a adega [3]; o principal, que servia de commoda habitação aos moradores da propriedade, e o ultimo andar, que era um vasto celleiro com duas grandes janellas. Disse que a propriedade era branca, mas não fui completamente exacto, porque por uma das fachadas lateraes era verde, graças á hera que revestia a parede, e que o proprietario respeitava por tres razões; a primeira, porque abraçando-lhe a casa, signal era de que a estimava; a segunda, porque era velha, e tinha conhecido os seus antepassados; e a terceira, porque o gado da casa gostava muito d'aquella verdura, quando o mau tempo não lhe permittia ir pastar ao campo.

Na fachada principal da casa havia um pateo pelo qual se entrava para o primeiro andar, e em cujo balcão crescia, por entre as juncturas de pedra, uma verde ramada de cominhos que diziam « aqui estamos » quando os aromas da cozinha provocavam os menos gostronomos; e uma matta de arruda, que quando os proprietarios se queixavam de que ainda mammasse o vitello, apesar dos seus tres mezes, exclamava com toda a agrura: « deixem-n'o por minha conta, que eu lhe farei a bocca em fel. » Ao lado do pateo estava uma figueira, que no outono jogava as cristas com as gallinhas e o cão Navarro, que a rondava a todas as horas, crescendo-lhe agua na bocca. A outro lado do pateo abria-se a porta que dava entrada ás casas terreas. Mais além estava o forno, com um grande telheiro, debaixo do qual se guardava o carro, a lenha, o arado e mais instrumentos agricolas. Diante da casa havia um formoso campo de nogueiras, cerejeiras, e outras arvores de fructo.

Por ultimo, no meio d'este campo, estava um grande tanque, cuja utilidade se reconhecerá sabendo que n'elle se dava de beber ao gado; que se limpava duas vezes em cada anno, para adubar as herdades com a vasa que depositavam n'elle as aguas das chuvas; e que, em fim, n'uma larga pedra arenosa, que estava meio submersa n'elle, em sentido quasi horisontal, se afiavam as enxadas e outras ferramentas.

Ao que me disser agora que, apesar de ter viajado pelas Encartações, não viu esta propriedade de Ipenza, pedirei licença para retorquir-lhe, que é myope, ou nunca desceu do alto das montanhas.

Vamos porém ao conto.

EXPOSIÇÃO SOLEMNE

DO CORPO DE S. FRANCISCO XAVIER EM 1859

(Vid. pag. 142)

> A virtude de S. Francisco Xavier era mui alheia de todas aquelles biôcos e carrancas mascaradas, com que a santidade fingida se enfeita, e se faz mais medonha que veneravel. O seu trato todo era humano, benevolo, alegre, e aprazivel, não fugindo dos homens, nem estranhando suas fraquezas, porque mal póde curar as chagas quem se afasta d'ellas, nem os sãos hão mister o medico, senão os enfermos.
>
> VIEIRA — *Sermões. 10.*

Vejamos agora outra versão.

O padre Francisco de Sousa, preposito da casa professa de Goa, auctor do « Oriente conquistado a Jesus Christo pelos padres da Companhia de Jesus da provincia de Goa », publicado em 1710, dezeseis annos depois de impresso este sermão do padre Vieira, refere o caso com muito menos individuação, e nem sequer cita o pontifice que ordenára o córte, referindo-se unicamente á simples determinação do geral Aquaviva, acrescentando « que a parte inferior do braço se dividira em duas, indo uma para o collegio de Malaca e a outra para o de Cochim. E como o de Macau tambem quizesse a sua reliquia, se lhe mandou a omoplata, isto é, o osso do hombro. »

A citação d'este auctor é que se fez textualmente no « Boletim do governo de Goa », em um dos artigos que publicou aquelle semanario a respeito da exposição do corpo de S. Francisco Xavier, sem mencionar sequer o notavel sermão de Vieira.

Nós, comtudo, preferimos a versão do padre Vieira, porque a elle não se occultava nenhum documento ou segredo da Companhia, e sebretudo tratando-se de agradar á rainha, bemfeitora prodiga dos jesuitas.

O que porém advertimos novamente, para mostrar até que ponto chega o desconhecimento das antiguidades nacionaes, desde muito tempo, é que no auto já transcripto, de 1782, se diz que *por tradição* constava ter ido o braço direito do santo para Roma, quando havia taes documentos insuspeitos para citar.

Este braço está exposto n'um relicario, no *Gesu* de Roma, e com altar dedicado a S. Francisco Xavier, segundo diz o dr. Canoz, actual bispo da propaganda em Bombaim.

O corpo do santo achou-se revestido com todos os paramentos sacerdotaes, e sobre elles diz a nota a pag. 35 do citado « Resumo » o seguinte:

« Estas vestimentas foram dadas pela rainha D. Maria Sophia, segunda mulher d'el-rei D. Pedro II, porque tem bordadas na parte inferior da dianteira da casula as armas d'aquella rainha, mas para o completo da offerta relatada pelo P. Sousa (*Or. Conq.* Conq. IV D. I. 108) falta o barrete, porque o apostolo tem a cabeça descoberta. As mesmas vestimentas é provavel que fossem offerecidas na occasião em que o santo foi inaugurado, por el-rei D. Pedro II, em defensor do Oriente, por sua C. R. de 24 de março de 1699. Ellas estão perfeitamente bem conservadas, e parecem apenas feitas. A riqueza do bordado, a qualidade, regularidade e grandeza das perolas que ella contém com profusão, de per si testimunham a piedosa devoção, e a grandeza da mão real que as offereceu. A par do bordado da casula, manipulo, e estola, está tambem o delicadissimo franzido e pregado da alva, e talvez ao referido franzido se deva a tradição popular de que todas essas peças eram bordadas pelas mãos de infantas de Portugal; e com quanto el-rei tivesse do segundo matrimonio duas infantas (D. Theresa e D. Francisca) todavia não é presumivel que seja obra de suas mãos, porque em 1699 teriam apenas 6 a 7 annos de idade, porque o casamento teve logar em 1687, e antes d'ellas nasceram dois principes, um que falleceu menino, e outro que succedeu ao pae, além de tres infantes intermedios. A mesma alva parece, pelo seu estado, apenas vestida, e pela delicadeza da fazenda não pudemos distinguir se é de linho ou de algodão. »

« Ao lado direito do sagrado corpo existe um bastão, com castão de ouro do comprimento de pouco mais de duas pollegadas, cravejado de bastas esmeraldas. Não nos foi possivel contar o seu numero, nem saber o peso de ouro, por não estar inventariado, nem sequer havia noticia d'elle, como não havia tambem do grande medalhão de ouro, de que já atrás fallámos. O mesmo bastão nos parece que fôra tambem offerecido por el-rei D. Pedro II com o dito medalhão, quando tomou o apos-

[1] Na Biscaya chamam impropriamente á cavallariça — *adega*.

[2] Compartimento que separa as crias das mães. *Rocha* é denominação biscaynha exclusivamente.

[3] Dão-lhe o nome de *cubera*.

tolo por defensor do Oriente, como insignia d'aquelle titulo, porque os bastões eram n'aquella epocha o distinctivo de officiaes generaes; e não de certo o que entregou o vice-rei, com a patente e uma declaração de sua letra, porque o feitio e a riqueza do seu castão, e a escolha positiva de esmeraldas, symbolo de esperança, para seu ornato, deixa ver que e uma offerta allegorica da real mão, e não um simples bastão de general, que conforme a pragmatica, devia ser de castão esmaltado, e não cravejado de pedras, e o vice-rei que arrecadou a patente e a sua declaração, é de crer que tambem retirasse o seu bastão. Hoje o bastão não é distinctivo militar, e os que trocam os governadores geraes da mão da imagem do santo, que fica no altar, é o cerimonial effectivamente adoptado desde 1793, como fica dito. e para esse fim estão promptos dois bastões com castões cravejados de differntes pedras; com tudo alguns vice-reis por sua devoção mandaram fazer novos á sua custa para aquella troca, como o fez o vice-rei D. Manuel da Camara.»

Toda esta nota está inçada de anachronismos e ignorancias da verdadeira historia das riquissimas vestes de S. Francisco Xavier.

Pésa-nos ter que declarar isto, porque o auctor tem reputação de erudito. Mas a verdade obriga-nos a fazer estas correcções.

Aquellas preciosas vestes foram para Goa muito antes da data da carta regia que declarou o santo, *defensor do Oriente*, porque sendo esta de 1699, o padre Balthasar Duarte, na carta que escreveu á rainha doadora, em 1693, lhe louvava já a offerta n'estes termos.

« Mandou (Vossa Magestade) ao seu Xavier, por prenda de seu amor, riquissimas vestes sacerdotaes, com as quaes, ainda agora vivo depois de morto, se vestisse mais augustamente, como triumphador das leis da morte, por incorrupto. Vestes, digo, sacerdotaes, *brancas* como a confessor, *bordadas de vermelho* como a martyr do amor, e para que não faltasse n'ellas symbolos de fervor e affecto puro de V. M., resplandecentes com o fogo do *oiro*, e com a neve das *perolas*. »

Tambem na historia de Portugal está pouco seguro o auctor da nota, porque diz que em 1699 (data que suppõe á offerta dos paramentos) tinha a infanta D. Theresa 6 annos, e D. Francisca 7, quando a primeira tinha então 3, e a segunda era apenas nascida. E tudo isto para provar que estas meninas não podiam ter bordado as vestes do santo, como suppunha a tradição (lá na India?), quando lhe era mais facil abrir um compendio de historia, e com elle evidenciar que nenhuma d'essas infantas era nascida quando sua mãe offertara ao santo aquelles preciosos paramentos.

Diz-se no «Resumo», que falta o barrete que o santo tinha posto, sem se mencionar que foi feito d'elle. Mas egualmente se sabe qual foi o destino d'este barrete, porque nol-o refere o padre Balthasar Duarte na citada carta dirigida á rainha D. Maria Sophia, que se estampou á testa do vol. 8 de Vieira, que se intitula «Xavier dormindo e Xavier acordado». Foi o caso, que tendo fallecido poucos dias depois da nascença, o primogenito d'esta rainha e de seu marido el-rei D. Pedro II, temendo-se que faltasse successor á coroa, e a Hespanha voltasse a inquietar-nos com as suas pretenções, aconselhou á rainha o seu confessor, que era o jesuita Sebastião de Magalhães, tomasse ella por intercessor a S. Francisco Xavier, para ter filho varão. Assim o fez. E o certo é que teve tres a fio. Mas estando perigosa do parto do terceiro, lhe aconselharam mais, que mandasse vir de Goa o barrete do santo, e o pozesse na cabeça quando sentisse as dores. Assim se fez. Veiu o barrete, e a rainha não só teve o seu bom successo com o barrete do santo na cabeça, mas prometteu que se fosse filho varão, logo que elle se podesse pôr em pé, o vestiria com o habito de S. Francisco Xavier. Isto consta do sermão gratulatorio que prégou o padre Vieira por essa occasião, e tambem das memorias do tempo, que todas são de muita curiosidade, como sabem os que se dão a estes estudos.

Diz outra nota do « Resumo Historico »:

« Consta-nos que alguem lá na provincia suppõe que o corpo fôra embalsamado; contra esta supposição a historia é clara, e os factos testimunham o contrario. A historia diz que o cirurgião da nau St.ª Cruz, unica que estava no porto de Sanchão ao tempo da molestia e fallecimento do Santo Apostolo, era imperito para sangrar (!), que o corpo para ser sepultado fôra mettido em um caixão, *lançando-lhe por cima muita quantidade de cal virgem, para que se comesse a carne depressa, e podessem levar os ossos limpos á India* — que o caixão fôra conduzido á sepultura por dois *mulatos*, acompanhados unicamente do pobre Antonio da St.ª Fé, proselyto do Apostolo. Seriam estes por ventura que o embalsamariam, e em uma tal ilha deserta?! »

Este ponto está bem elucidado na « Vida de S. Francisco Xavier » escripta elegante e classicamente pelo padre João de Lucena. E Vieira tambem diz expressamente que o cadaver não fôra embalsamado, apesar de ser esse uso communissimo no Oriente.

Falta tambem um dedo do pé direito, que certa devota levou nos dentes, quando foi beijar o santo.

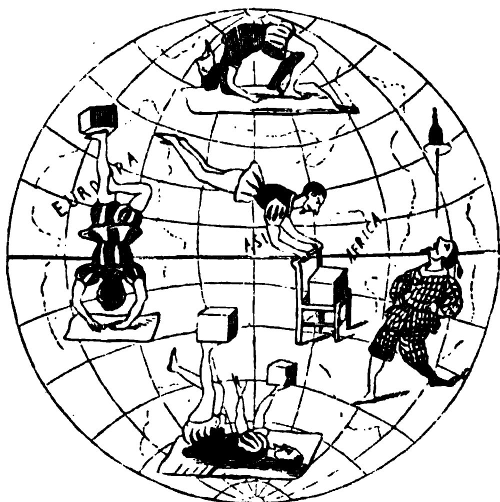
Tambem nos recorda ter lido algures como isto foi, anecdota galante que ainda havemos de procurar.

Foi por causa de similhantes extravios que se prohibiu a abertura do caixão, alias tinha-se ido já, aos bocados, todo o venerando corpo do santo.

Uma nota do « Resumo » a este respeito, diz apenas que ha no pé direito um dedo separado, mas preso por um fio de seda encarnada. Do que foi *abocado* pela devota, não falla.

Temos dito quanto basta para o leitor conhecer o estado em que se achou agora, o veneravel corpo do apostolo do Oriente. Passemos já a referir o que se passou durante a sua exposição.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



As saloias vendendo na praça da Figueira — Desenho original do Annunciação — Gravura de Pedrozo

Quando el-rei D. Affonso Henriques tomou a nossa Lisboa aos moiros, por não despovoar a cidade, deixou ficar quasi todos os habitantes que ao seu dominio se submetteram, na posse dos bens e casas que tinham, impondo-lhes um tributo a que chamaram *çalayo*.

D'esta mesma tolerancia, que a politica e o christianismo aconselhavam, usou o primeiro monarcha portuguez para com os moradores dos logares circunvisinhos da cidade.

Foi esta augmentando successivamente em população christã, que em si absorveu a raça moirisca, com muita mais facilidade do que nos campos, onde a moirama pura subsistiu por muito tempo.

É fama que a estes moiros dos arrabaldes de Lisboa se ficou dando o nome de *çaloyos*, derivado este nome, já corrompido, do que elles davam a uma resa que repetiam cinco vezes ao dia, chamada *çala*.

O certo é que este nome, aportuguezado em *saloio*. subsistiu depois de já povoados esses logares por christãos, e ainda hoje se dá a todos os moradores dos suburbios de Lisboa.

Para corroborar esta ethimologia, adduzem os antiquarios um tributo que antigamente se pagava do pão cozido no termo de Lisboa, conhecido e citado pela denominação de *çalayo*.

O saloio constitue um typo caracteristico, que se distingue de todas as mais raças de camponezes em Portugal, e já tem sido descripto por boas pennas, pintado por bons pinceis, e posto em scena no theatro por bons poetas.

Os saloios são os que abastecem de fructa e hortaliça a praça da Figueira, ou mercado publico, de Lisboa.

D'esse mercado é que o insigne professor de paizagem da academia de Bellas-artes, o sr. Th. J. da Annunciação, copiou as duas saloias que desenha a nossa gravura, com os rigorosos trajos que usam hoje. Ainda não ha muitos annos, usavam ellas sobre o lenço da cabeça, uma carapuça de panno de côr, em fórma de cartuxo de assucar, inclinada para a testa.

A estampa representa um dos angulos da praça da Figueira. Uma das saloias é vendedeira de fructa que trouxe da terra, em cesto vindimo e canastra. A outra vende creação, que está mettida em capoeira volante. Ao pé está um dos homens de ganhar (gallego) com o classico cabaz oblongo, ganhões que giram por aquella praça, perseguindo os compradores com o repetido estribilho de: *Quer algum moço?*

O desenho está mui gracioso e correcto. O quadrinho bem campido, e de rigorosa perspectiva. São estes os predicados de todas as pinturas do sr. Annunciação.

O ECLIPSE DE 18 DO CORRENTE MEZ

Os eclipses, os do sol principalmente, foram entre os antigos, e ainda hoje entre a gente ignorante, olhados com terror, e tomados como prognostico de terriveis calamidades.

Cicero refere que o eloquente Pericles, vendo os athenienses aterrados com um eclipse do sol, que repentinamente havia mudado o dia em noite, lhes explicára em um discurso publico a causa d'este phenomeno, o que elle tinha aprendido na eschola de Anaxagoras, o primeiro philosopho que explicou os eclipses, 500 annos antes da era christã; mas os interessados na ignorancia do povo (que são muitos em todos os tempos) desterraram-no de Athenas, por elle ter a criminosa curiosidade de querer saber o que se passava lá no ceo!

Os romanos ainda foram mais pacovios, porque durante os eclipses totaes accendiam grandes fachos e fogaréos, levantados para o ceo, julgando que assim tornavam a accender a luz solar apagada pelo eclipse! E logo que o sol tornava a luzir, festejavam-no com um grande fragor de trombetas, timbales e outros instrumentos de amotinar os ouvidos nas mãos da plebe rude. A esta motinada allude, por escarneo, o poeta Juvenal n'uma das suas satyras.

Não só a ignorancia, tambem a malicia tem representado o seu papel n'esta comedia que a antiguidade fez dos eclipses.

Os generaes romanos serviram-se muitas vezes dos eclipses para os seus intentos ambiciosos, para evitar batalhas, levantar sitios, atalhar a sublevação dos soldados, e outras que taes cavillações, referidas pelos historiadores e poetas latinos.

Em Portugal tambem houve, nos principios da monarchia, um eclipse total, que deveu causar grande pavor, porque serviu de epocha durante muito tempo, segundo se deprehende de varias inquirições tiradas depois do anno de 1220, nas quaes dizem as testimunhas, perguntadas sobre a sua idade, que tinham tantos annos *quando o dia foi noite*. Já se vê que foi para o nosso reino eclipse total, porém a ignorancia d'aquelles tempos não lhe chama eclipse, mas *dia-noite*, como se lê n'aquelles documentos.

Em todos os tempos a sciencia tem explicado este phenomeno como coisa mui natural, e de facil intuição, mas ainda não conseguiu dissipar a apprehensão infausta que o povo concebe dos eclipses. Ainda ha quem supponha que na occasião do escurecimento morre algum astro; outros julgam que o sol está brigando com a lua; alguns crêem que Deus lá do ceo nos faz uma advertencia tenebrosa de que quer castigar o mundo; mas nem por isso, os que isto crêem, emendam a sua vida!

É vergonhoso, que o homem dotado da faculdade de comprehender o machinismo celeste, e tendo tantas observações dos sabios para se inteirar da causa porque se obscurecem o sol, e a lua, se pareça com os brutos, n'estes terrores. Os animaes é que machinalmente se assustam com esta subita mudança da luz em trevas. Os rebanhos no campo fazem mó, apertando-se uns contra os outros em attitude de se defenderem do inimigo. As gallinhas recolhem-se logo ás suas capoeiras, e os passaros aos seus ninhos e abrigos, cessando repentinamente de cantar; e tem-se visto, durante os eclipses totaes, cairem os passarinhos atordoados sobre as arvores e contra os muros. As feras sáem dos seus covis, e muitas vezes os morcegos apparecem como de noite.

Em vista de tudo isto, cumpre que os jornaes e livros populares porfiem em explicar, clara e chãmente, este phenomeno celeste, para dissipar de todo os vãos preconceitos do vulgo. É o que vamos fazer.

A palavra *eclipse*, no sentido proprio, quer dizer obscurecimento do sol pela interposição da lua, e obscurecimento da lua pela interposição da terra.

Quando se colloca um corpo opaco defronte de um foco luminoso, produz uma sombra, cuja grandeza depende, tanto da distancia que separa o corpo opaco do foco luminoso, como da grandeza d'este mesmo foco. Se observarmos duas espheras desiguaes, sendo a maior luminosa, produzirá por detraz da mais pequena uma pyramide conica de sombra, cuja base será quasi um grande circulo da esphera. Supponhamos agora, que um segundo corpo, opaco, passa entre o foco luminoso e o primeiro corpo; uma sombra, analoga, veremos por detraz d'este segundo corpo; e se a sua grandeza, e a distancia do primeiro lh'o permittirem, esta sombra abrangerá a esphera menor de que acima fallámos. Haverá então eclipse total do foco luminoso para todos os pontos da esphera que estiverem na sombra do corpo que se interpoz entre ella e o foco de luz.

As tangentes exteriores dos corpos luminosos e dos corpos opacos determinam os limites da sombra, em quanto que as tangentes interiores são os limites da penumbra. Dos pontos da esphera que se acham na penumbra do corpo opaco situado entre ella e o foco luminoso, só se verá uma parte do foco; haverá então eclipse parcial para cada um d'esses pontos da esphera situados na penumbra.

As pessoas menos familiarisadas com os termos de geometria e de astronomia que tivemos de empregar n'esta explicação, podem recorrer a qualquer diccionario da nossa lingua, que lá os acharão definidos, porque se os quizeramos tornar accessiveis a todos os leitores, isso nos toldaria a clareza d'esta exposição.

Appliquemos agora a theoria exposta aos eclipses do sol e da lua.

Sendo o sol um foco luminoso maior que a terra, e situado a grande distancia do nosso globo, todo o corpo que passar pelo tronco da pyramide conica, tendo por bases os grandes circulos da terra e do sol, perpendiculares á linha dos centros d'estes globos, occultará, em todo ou em parte, o disco solar aos observadores que estiverem na passagem da sombra ou da penumbra, produzidas pelo corpo que se interpoz entre a terra e o sol.

A lua, corpo quasi espherico, é o unico que póde passar no tronco do cóne luminoso de que já fallámos. A sua distancia da terra, e o seu diametro apparente permittem-lhe eclipsar completamente o sol, em certas circunstancias. As variações porque estes dois elementos passam durante a sua marcha em volta da terra, permittem que o nosso satellite cause ora eclipses totaes, ora eclipses parciaes, e outras vezes eclipses annulares.

A sombra, e tambem a penumbra, que acompanham a lua no seu movimento, não podem cobrir toda a parte da terra allumiada pelo sol na occasião do eclipse. Por esta razão não póde haver nunca senão eclipses locaes; o que faz com que, havendo realmente mais eclipses de sol que da lua, se observam, n'um ponto determinado, mais eclipses da lua que do sol.

Diremos por ultimo, que o motivo de não ser a hora das differentes fases dos eclipses, a mesma para todos os logares onde este phenomeno se torna visivel, e porque á medida que a lua atravessa o cóne luminoso que está entre a terra e o sol, a sua sombra adianta-se sobre a superficie da terra, seguindo sempre a marcha do nosso satellite.

No eclipse d'esta semana aconteceu que:

Em Paris começou á 1 hora e 54 minutos e acabou ás 4, 8 minutos e 7 segundos.

Em Lisboa começou á 1 hora 6 minutos e 9 segundos, e acabou ás 3, 34 minutos e 9 segundos.

Nas ilhas Baleares, onde o eclipse era total, estava marcado o principio á 1 hora, 59 minutos e 39 segundos; fim ás 4, 19 minutos e 8 segundos.

Combinando o já referido movimento da sombra,

com os movimentos de translação e rotação da terra, se obtem as curvas que limitam os pontos da superficie terrestre d'onde se póde ver o eclipse.

Foi por esta facil combinação que se traçou a zona que o eclipse de 18 de julho havia de obscurecer desde a California até ás praias do mar Vermelho.

A sombra pura d'este eclipse percorreu a America do Norte, o Oceano Atlantico, o norte da Hespanha, o Mediterraneo, as ilhas de Formentera e de Iviça, Argel, e terminou no interior da Africa.

A ultima projecção da sombra foi em Nubia, nas margens do Mar Roxo, ás 4 horas da tarde. Uma hora depois, a penumbra tinha deixado completamente o nosso globo.

Os eclipses totaes do sol, não sómente são raros para um logar determinado, mas só se reprodûzem com grandes intervallos para a terra em geral.

A observação d'este phenomeno é de muita importancia, pois que, por meio d'ella se podem aperfeiçoar as taboas astronomicas, resolver a grande questão das protuberancias da lua, e parece que tambem a outra questão de não somenos importancia, qual é a da constituição physica do sol.

Por isso este eclipse de 1860 excitou mais que nenhum a attenção de todos os astronomos do mundo.

Para se combinarem as observações parciaes, se estabeleceram sete estações, desde o Pacifico até ao Nilo.

Como a zona obscura do eclipse total abrangia a Hespanha na extensão de 133 leguas, com a largura de 50, foi este reino o escolhido para a reunião capital dos astronomos, em diversas estações alli estabelecidas. Dois novos auxiliares tinham d'esta vez os astronomos — a electricidade e a photographia; além de muitos instrumentos de observação recentemente aperfeiçóados.

Perto de cincoenta mathematicos de todas as nações concorreram á Hespanha, cujo governo lhe fez a mais bizarra hospedagem, facultando-lhe a entrada livre de todos os instrumentos que os observadores julgassem indispensaveis para os seus estudos.

De Portugal foram para aquelle ponto dois lentes da faculdade de mathematica, e um dos adjuntos do observatorio meteorologico do Infante D. Luiz, na Eschola Polytechnica de Lisboa.

Ignorâmos se em Portugal se fizeram algumas observações scientificas; o que sabemos é que todos os que tinham vista, ou não estavam doentes de cama, vieram ás suas janellas, ou se espalharam pelas praças e imminencias para verem a occultação quasi total do astro do dia, que chegou a estar mettido no escuro até ao decimo digito [1] do seu diametro. Mas ninguem exclamou, misericordia! como de outras eras se conta.

Esperâmos que a photographia nos dê a vera effigie do sol eclipsado, para a communicarmos pela gravura aos nossos leitores.

CONTOS DE COR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 150)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

I

« Mañanita de San Juan,
cuando la gente madruga »

saíram de Ipenza Catalina e Santiago, e desceram ao valle cantando e saltando por entre os carvalhos para ir ouvir a missa das almas.

[1] O diametro do sol e da lua suppõe-se dividido, para os calculos astronomicos, em 12 partes eguaes, ás quaes se chama digitos.

Catalina era uma menina de doze annos, loira como tu eras, meu amor, quando tinhas a sua edade, e com uns olhos azues, que me rio eu dos teus quando n'elles penso.

Santiago era um rapaz de quinze annos, de rosto queimado, e olhos negros como o azeviche.

Catalina era a doce virgem do Septentrião, rica de pureza e bondade.

Santiago, o mancebo do Meio-dia, era energico, buliçoso e apaixonado.

Catalina não conhecia pae nem mãe. Quica, a senhora de Ipenza, isto é, a mãe de Santiago, ouviu, em certa manhã de inverno, para o lado do forno, uns vagidos como de creança recemnascida, e apressou-se em descobrir quem os dava. Dentro do forno estava uma menina recemnascida, mettida n'uma alcofa e envolta em farrapos.

Foi grande a admiração de Quica, á vista d'aquelle achado.

— Santo nome de Deus! exclamou a boa da aldeã tomando em seus braços a creancinha, e cobrindo-a de lagrimas e beijos. Santo nome de Deus! em que entranhas de fera te geraste!

E descobrindo que a creança tinha um papel atado com as faixas, apressou-se a lel-o.

O papel dizia:

« Esta creança não está baptisada. Sua angustiada mãe pede, pelo amor de Deus, aos moradores de Ipenza que amparem esta pobre creaturinha. Deixa-a n'este sitio para que não lhe façam damno os animaes, e para que não morra de frio; porque o forno que se aqueceu hontem, ainda hoje estará tépido; e porque, sobretudo, Quica, a senhora de Ipenza, é boa e caritativa. »

Quica, que antes de ler o papel começava a dirigir improperios contra as mães que abandonam o fructo de suas entranhas, não se atreveu, depois da leitura, a maldizer a mãe d'aquella innocente.

Voou a dar conta a seu marido, d'aquelle inesperado succedimento. Em instantes substituiu com bom vestido, que servíra a seu filho, os farrapos em que se envolvia a menina; e deu ordem para que fossem chamar uma ama, que vivia na propriedade immediata, para matar a fome ao anginho.

Ramon, que assim se chamava o senhorio de Ipenza, tinha tão bom coração como sua mulher.

— Que faremos d'este pobre anjo de Deus? — disse-lhe Quica, encarando-o com attenção tal, que todos haveriam dito que dava muito peso á sua resposta.

— Que havemos de fazer? — respondeu Ramon — Dar parte ás auctoridades para que tomem conta d'elle.

— Valha-me Deus — exclamou Quica entristecendo-se, aonde irá parar esta creancinha! Talvez ás mãos de alguma ama que a deixe morrer em quatro dias!

E beijando a menina, com os olhos arrasados em lagrimas, acrescentou:

— Como é formosa!... como és linda, prenda da minha alma!

— É linda, na verdade! — repetiu Ramon, contemplando tambem enternecido a recemnascida.

— Meu amigo, bem dizem que a fortuna foge de quem a procura. Eu, que sempre pedi ao Senhor uma filha, não a tive, e ás desalmadas, que as abandonam, dá-as o Todo-poderoso como seraphins do ceo.

— Mulher, nós devemos conformar-nos com a vontade de Deus.

— Porém, Ramon, não vês que joia é esta creança?...

— Sim, sim, é formosa. Deus a abençoe!

— E pensar eu que vaes, talvez, dar com alguma

ruim ama, que só terá carinho pelas mezadas da misericordia...

— Tens razão, mulher, esse pensamento retalha a alma!

Quica desesperava-se ao ver que seu marido não adivinhava, ou não queria adivinhar os seus desejos.

Ia-os formular em decisivos termos, quando o meirinho do concelho appareceu n'um alto para onde dava a propriedade de Ipenza, e gritou:

— Ramon, da parte do sr. alcaide aviso-vos de que no domingo, ao meio-dia, ha conselho.

— Está bem — respondeu Ramon — porém, faze-me o favor de aproximar-te, que tenho que dar-te uma incumbencia para o sr. alcaide.

— Ahi vou — disse o meirinho, seguindo para a propriedade.

— Que incumbencia lhe vaes dar? — perguntou Quica a seu marido, summamente inquieta e agitada.

— O que ha de ser — respondeu Ramon — é que leve a engeitada para a entregar á auctoridade competente.

— Filha da minha alma! — exclamou Quica desfazendo-se em lagrimas, estreitando a creancinha contra o peito, e enchendo-a de caricias.

Ramon comprehendeu então o que sua mulher queria; porém guardou silencio até que chegou o meirinho.

A anciedade de Quica era immensa.

— Chamei-te — disse Ramon ao meirinho — para que leves ao conhecimento do sr. alcaide, que esta manhã encontrámos no forno da casa esta pobre menina.

— É linda, — disse o meirinho reparando na innocentinha — É pena que não tenha mãe...

— Não a tinha esta manhã, mas tem-n'a já — replicou Ramon.

— E quem é sua mãe?

— A mãe de meu filho.

Quica soltou um grito de profunda alegria, e enlaçou o collo de seu marido com o braço que lhe deixava livre a menina.

— Dize, pois, ao sr. alcaide o que ha passado, e acrescenta que perfilhâmos esta menina.

— Cumprirei as tuas ordens, — respondeu o meirinho, e de novo tomou o caminho do valle.

— Estás já contente, mãe dos afflictos? — perguntou Ramon sorrindo a sua mulher.

— Estou, e muito. Deus te abençoe!... — respondeu Quica, desafogando o seu jubilo em abundantes lagrimas.

— Vamos, vamos, — disse Ramon com bondade e chiste, — és a mulher mais amiga de creanças que tem nascido. Devias ter casado com S. Vicente de Paulo, que levava as meninas até no bahú.

N'aquelle mesmo dia fez parte dos habitantes de Ipenza na qualidade de ama da exposta, a visinha que viera dar a esta de mammar, algumas horas antes.

Voltemos, porém, a Santiago e *Jariega*, que assim chamavam a Catalina; porque *Jariegos*[1] chamam nas Encartações aos filhos bastardos.

A obra de misericordia com que soccorremos ao pobre, é mais agradavel a Christo, do que recebel-o no Sacramento.

PADRE ANTONIO VIEIRA

[1] Em biscaynho, *Jaro* é matto; assim como o é em castelhano *matorral: jariegos* hão de ser, portanto, os filhos das ervas, ou filhos das brenhas.

A IBIS, AVE DO EGYPTO

Se abrirdes qualquer diccionario da nossa lingua, e procurardes a palavra *Ibis*, todos elles vos dirão, pouco mais ou menos: «Especie de cegonha que se nutre de serpentes, e as extermina, pelo que era adorada antigamente entre os egypcios.»

Pois sabei, leitor, que isto é uma patranha que nos envergonha, por andar ainda nos diccionarios portuguezes enganando o povo; porque nunca houve ibis nem cegonhas que comessem serpentes, posto haja cegonhas lexicographicas que comam similhantes araras.

A verdadeira historia natural da ibis, especie de cegonha do Egypto, é a que vamos referir, guiados pela averiguação dos naturalistas modernos.

A ibis sagrada, denominação que lhe davam os povos do antigo Egypto, pelo culto que prestavam a estas aves, tem sido objecto de tantas fabulas que, sem as ibis mumificadas, modernamente descobertas nas necrópoles do Egypto, haveria ainda grande incerteza ácerca dos verdadeiros caracteres naturaes d'esta ave.

Sabe-se hoje, por esses restos que nos conservou a devoção supersticiosa dos vassallos dos Pharaós, que a ibis é uma ave de arribação, da ordem das pern'altas, similhante á cegonha, de um genero pouco afastado dos maçaricos da Europa.

A ibis faz todos os annos longas emigrações, sem deixar nunca as regiões intertropicaes do antigo continente. Só frequenta as margens dos grandes rios, com especialidade os terrenos alagadiços, taes como os arrozaes, onde se acham em abundancia os vermes de que se alimenta. Em caso de necessidade, sustenta-se tambem de plantas aquaticas, mas isto só em ultimo recurso.

Conhecem-se duas especies: a ibis vermelha, de pennas escarlates, e a ibis verde, uma e outra comprehendidas na mesma veneração entre os antigos egypcios. São porém notaveis sob um aspecto essencial: a ibis sagrada é, como o cysne, a andorinha, e um diminuto numero de outras aves, monógama para toda a vida; as uniões entre estas aves são indissoluveis, e nenhum dos dois esposos sobrevive ao outro. A femea da ibis não põe mais de 2 ou 3 ovos, que choca em 25 ou 30 dias.

A carne das ibis em quanto novas é excellente; mas depois de velhas é dura e encorreada.

Ignora-se porque Moysés no Levitico 11.17 prohibiu aos hebreus comerem a carne da ibis.

Os naturalistas antigos, por muito tempo copiados pelos modernos, acreditaram a tradição de que o culto que no Egypto se dava a esta ave, provinha do beneficio que ella fazia aos habitantes d'aquelle paiz, destruindo as serpentes. Nunca a ibis comeu nem matou serpentes. O facto é tão facil de verificar, que parece impossivel fosse ignorado pelos que viviam com as ibis na mais intima familiaridade. Eis em que se estribava esta crença erronea.

Tinham os sacerdotes egypcios feito accreditar aos seus fieis, que todos os annos a ibis, logo que em bandos se afastava do Baixo-Egypto para fazer as suas emigrações annuaes, ia ao encontro de uma formidavel invasão de serpentes aladas, as quaes, sem a corajosa dedicação das ibis, infestariam o Egypto. Herodoto, a quem contaram esta fabula, quiz saber em que se fundava; para o que foi pessoalmente a Buto, cidade da Arabia, perto da qual lhe mostraram o desfiladeiro que servia de campo de batalha das ibis com as serpentes aladas.

Não teve elle o gosto de assistir ao combate, mas fizeram-lhe ver as immensas pilhas de esqueletos de reptis, que lhe disseram ser das serpentes aladas

mortas na ultima peleja com as ibis. Isto refere textualmente o historiador grego, a quem a critica chama *pae da mentira*.

Cicero, Pomponio Mela, e muitos outros auctores gregos e latinos, não fizeram mais que repetir esta narração de Herodoto. A opinião mais provavel é, que a chegada annual das ibis ao Baixo-Egypto coincidindo com a enchente do Nilo, origem da riqueza agricola do Egypto, fôra a causa do culto rendido á ibis sagrada.

A vida da ibis é mui longa, ainda que se não tenha exactamente conhecimento da sua duração. Os



Ibis, ave do Egypto

sacerdotes de Hermopolis alimentavam uma que asseveravam ser immortal; a agua em que esta ibis bebia, tinha-se por sagrada; os sacerdotes empregavam-n'a, com exclusão de qualquer outra, nas ceremonias religiosas.

Os habitantes musulmanos e christãos do Egypto moderno, não herdaram os preconceitos dos seus antepassados em favor da ibis sagrada; porque fazem a esta ave uma tal montaria, que é actualmente rara n'aquelle paiz, inclusivè nos arredores do Cairo, onde é tida como uma curiosidade.

A ibis não aninha nem se multiplica no Egypto, bem que appareça a alguma distancia das cidades; vae aninhar e chocar á Nubia, na Abyssinia e nos cantões que lhe offerecem maior segurança.

Não existe hoje a ibis em nenhum povo revestida, pela superstição, do caracter sagrado que lhe deram os sacerdotes do antigo Egypto, terra classica das mais estultas superstições.

Este artigo serve de rectificação ao que se publicou a respeito da ibis, sem a devida indagação, a pag. 84 do vol. I d'este jornal.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 111)

VI

Já que pela primeira vez se soube, pelas nossas indagações, que a tão fallada casa dos Bicos, fôra edificada para perpetuar a memoria e o appellido do grande conquistador da India portugueza, não proseguiremos sem dar conta da paragem das suas cinzas, até hoje esquecidas, não só da patria que elle tanto engrandeceu, mas dos seus proprios descendentes, e dos herdeiros de seus bens!

A estes corre mui mais apertada a obrigação de recolher essas preciosas cinzas, e dar-lhes mausoléo digno do «appellido» que elle lhes legou.

Cabe aqui bem applicarmos a sentença proloquial, de que «os que lhe tem comido a carne lhe roam os ossos»

Largo espaço váe já do capitulo passado a este de hoje, e todo elle temos consumido em buscas e averiguações da actual paragem dos ossos de Affonso de Albuquerque, tão sumidos e tão misturados já, talvez, como os de Camões!

Parece que o ter ido á India, não a mercadejar, mas a pelejar, foi sentença de opprobrio e extincção para as cinzas dos que lá consumiram a vida.

Longa fôra a lista dos heroes do Oriente a quem negámos sequer uma sepultura honrosa!

Passemos pois á historia dos ossos de Affonso de Albuquerque, que para isso temos documentos novos.

Vejamos primeiro o que diz a este respeito seu unico filho e herdeiro, nos *Commentarios* que escreveu das façanhas de seu glorioso pae.

«Tendo, diz elle, o grande Affonso d'Albuquerque feito seu testamento em que se mandava enterrar na capella de Nossa Senhora que tinha feito em Goa, vindo de conquistar o reino de Ormuz, deixando n'elle feita uma fortaleza, como atraz digo, fez um codicillo, que dizia assim: «Declaro que, fallecendo eu n'estas partes da India, que Nosso Senhor por sua misericordia não permitta, por alguns justos respeitos que me a isso moveram, e por descanço de minha alma, mando que depois de comesta a carne, os meus ossos sejam levados a Portugal, e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, onde jazem meus avós.»

No precioso inédito que está publicando a academia real das sciencias de Lisboa, confrontado o autographo com as copias que d'elle se acharam, pelo consciencioso academico Rodrigo Felner, vem sob a rubrica de «Lenda de Affonso de Albuquerque» o seguinte, a que podêmos prestar inteira fé, porque o auctor, Gaspar Corrêa, foi um dos secretarios particulares que Affonso de Albuquerque teve na India.

Referindo elle a indignação que em toda a India causára a nomeação de Lopo Soares, para render Affonso de Albuquerque antes de acabar o seu tempo, e tendo aquelle homem sido mandado preso para o reino pelo mesmo Affonso de Albuquerque, exprime-se, a respeito dos ossos do grande capitão, nos seguintes termos.

«Em Goa cada dia havia muitas brigas, e matavam e feriam os criados do governador Lopo Soares, porque praticando em coisas da India, elles fallavam mal de Affonso de Albuquerque, o que não podiam soffrer os homens da India, e sobre isso vinham ás brigas.

Tudo o governador sabia, do que havia grande paixão; e sabendo as venerações que as gentes da terra iam fazer á sepultura de Affonso de Albuquerque, a que punham flores e ervas cheirosas, e fallavam com elle como se estivesse vivo, e lhe faziam muitos queixumes; para fazer as gentes perder este crédito, assentou de lhe *desfazer sua sepultura*, dizendo que aquella capella era de abobada e forte, e estava sobre a porta da cidade, e que se os moiros com traição entrassem n'ella, seria causa de se tomar a cidade.

E porque os fidalgos sabiam a tenção do governador, que era destruir as coisas de Affonso de Albuquerque, sobre que elle não tomava seus pareceres, não lhe iam á mão. Então me disse a mim, Gaspar Corrêa, que eu era védor das obras da cidade, que derrubasse a capella, e que *a ossada de Affonso de Albuquerque a deitasse debaixo de uma arvore que ahi estava*, ou a fosse deitar na egreja. Eu lhe disse, que bulir com os seus ossos o mandasse fazer pelos clerigos, que o demais eu o faria; e que a capella se não podia derrubar porque era de abobada, e havia mister gastar muito dinheiro em armar-lhe dentro os simples de madeira para a desfechar do encerramento da abobada. Do que elle houve paixão.

Então me mandou que serrasse as traves da capella, e desfizesse o sobrado. O que fiz, e assim esteve a capella sem sobrado muito tempo; e me mandou que lhe derrubasse as boticas que estavam fóra da porta, dizendo que eram alli prejudiciaes se moiros entrassem na ilha, e fossem guerrear a cidade. O que assim fiz, que as derribei. E mandou que as boticas se fizessem além da ponte do ribeiro d'agua, que era d'ahi um tiro de bésta. A isto lhe não iam á mão os fidalgos, porque sabiam a má tenção que tinham ás coisas de Affonso de Albuquerque.»

Em Goa se conservaram os ossos de Affonso de Albuquerque, não obstante o rancor e brutalidade de Lopo Soares, até que de lá saíram para Lisboa, em 1565, como nos refere seu filho, nos seguintes termos:

«Coisa tão desejada de Affonso de Albuquerque, como era trazerem seus ossos a Portugal (como se vê por aquellas palavras do codicillo), descuido fôra de seu filho passarem-se cincoenta e um annos sem lhe cumprir sua vontade; mas como esta obrigação era de Pero Corrêa, e como testamenteiro era obrigado a fazel-o, fica elle desculpado, o qual Pero Corrêa por muitas vezes pediu a el-rei D. Manuel que lhe désse licença para os mandar trazer, a qual lhe não quiz nunca dar, dizendo, que em ter os ossos de Affonso de Albuquerque em Goa, tinha a India segura.

Morto Pero Corrêa, ficou esta obrigação a seu filho, como seu herdeiro, que trabalhou muito com el-rei D. João III por haver esta licença, que lhe sempre negou, pelos muitos requerimentos que teve dos moradores de Goa e de toda a India, que lh'a não désse; e depois de seu fallecimento, governando a rainha D. Catharina Nossa Senhora estes reinos por el-rei D. Sebastião seu neto, tornou outra vez a este seu requerimento, e passaram-se alguns annos sem o poder acabar, que lhe foi necessario haver uma bulla do papa, com grandes excommunhões aos moradores de Goa, que o não impedissem (parece que não era ainda a hora chegada).

Havida esta licença da rainha nossa senhora, porque já ahi não havia quem n'a impedisse, e indo D. Antão de Noronha á India por vice-rei, que poz força com sua auctoridade a mandal-os; chegaram ao porto de Lisboa a seis do mez de abril de 1566. E da nau em que vinham foram tirados e levados á casa da Misericordia, sendo Ruy Lourenço de Tavora provedor, acompanhados de muitos fidalgos, e alli estiveram alguns dias, coberta a tumba com um panno de veludo carmezim, com muitos clerigos que o acompanhavam, e diziam cada dia missa por sua alma, em quanto se dava ordem a se levarem á ca-

pella-mór de Nossa Senhora da Graça, que seu filho *dotou de grossa renda* para seu enterramento.

Estando tudo prestes, um domingo, dezenove dias do mez de maio, foram juntos na casa da Misericordia todos os senhores e fidalgos que havia na corte, para acompanharem estes ossos, e d'alli saíram em procissão, indo diante a bandeira da Misericordia com toda a irmandade; apoz ella os frades franciscos e agostinhos, e toda a clerezia da cidade, com tochas nas mãos, e no couce o cabido da sé de uma parte, e D. Affonso Henriques, deão del-rei com toda a capella da outra, e apoz elles a tumba, onde iam os ossos, que levavam os irmãos, coberta por cima com um panno grande de tela de oiro, e diante ia o provedor com sua vara na mão; e Affonso de Albuquerque seu filho de uma parte, vestido em um capuz de dó, com a cabeça descoberta, e da outra parte André de Albuquerque seu sobrinho, da mesma maneira, e detrás da tumba o duque de Aveiro, e seus filhos, e irmãos, e todos os mais senhores e fidalgos e prelados, que a este tempo estavam na corte. A gente do povo era tanta que não cabiam pelas ruas, e assim n'esta ordem foram caminhando em procissão, e por todas as egrejas por onde passavam se dobravam os sinos, e chegaram a Nossa Senhora da Graça, e na capella-mór estava um estrado alto de dois degraus, que quasi a tomava toda, cercado de todas quatro partes com muitas tochas, e alcatifado de muitas alcatifas, e alli puzeram a tumba, em que os ossos iam mettidos, forrada de téla de ouro, acompanhada de muitos criados seus, vestidos todos de dó. E sobre esta tumba estavam dependuradas tres bandeiras das côres e divisas dos tres reinos que o grande Affonso de Albuquerque ganhou aos moiros na India. Em riba d'estas bandeiras estava a bandeira real, que lhe el-rei D. Manuel entregou, muito rota e velha, a qual lhe foi entregue aos seis dias do mez de abril do anno de 1506. E havendo sessenta annos que d'aqui partíra, os ossos a tornaram a entregar no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da ordem de santo Agostinho, cheia de muitas vitorias que houve na India, debaixo d'aquelle signal da cruz, reinando el-rei D. Sebastião nosso senhor, e depois de estar tudo quieto, começou mestre fr. Sebastião Toscano sua pregação, da qual não dou razão n'estes *Commentarios*, assim por não fazer grande volume, como tambem por andar impressa. »

Vejamos agora o pouco caso que os frades da Graça fizeram de tão honrados ossos.

ANTIGUIDADES NACIONAES

(Vid. pag. 147)

Apontamento das causas originaes que tem lançado a perder este reino, e posto a India no estado em que se vê. Apontam-se os meios que ha para se tirar dinheiro para o soccorro da India pedido por carta de S. M.

(Reinado do ultimo Filippe em Portugal. Anno 1628.)

17.ª — Que mande V. M. prover os registos de Marçal da Costa, e livros da fazenda, para por elles se extinguirem as muitas tenças inofficiosas que são dadas a escote de 700 e 800 mil réis, por quanto V. M. não tem obrigação, conforme o direito, de as conservar ás pessoas que as tem, nem as mais doações feitas em notavel prejuizo da coróa, como por ellas se mostra, o que já fez um dos senhores reis Henriques de Castella, publicando leis e decretos contra similhantes doações que se fizeram em seu tempo, que ainda hoje, leis que por serem de tanto proveito á mesma coróa, conservam o nome de Henriquenhas, e por taes são celebradas em Hespanha; e nos livros da fazenda se achará doação, portaria ou alvará de duzentos mil cruzados, e outros de oitenta e cincoenta mil crusados. Que todos estes rendimentos se appliquem a este soccorro da India.

18.ª — Que mande V. M. se tirem clausulas de outras doações de se não pagar a chancelaria, e que se não passem as cartas dos officios das terras de alguns donatarios por suas chancelarias, senão pelas do reino, pelo notavel prejuiso e damno que com ellas se dá aos direitos reaes da dita chancelaria do reino.

19.ª — Que os rendimentos do consulado saem das costas d'este povo, e são offerecidos a mercadores para remirem sua vexação pelas perdas e damnos que receberam e recebem dos inimigos, por falta das armadas da costa e da India. Que se applique para este soccorro, que será uma grande ajuda, por importar (havendo commercio) em mais de 180 mil crusados cada anno. E o que mais lastíma é estar o povo tirando da bocca o rendimento d'este consulado, e não haver um só navio com que se guarde e defenda a costa. Por onde vem a concluir os homens de discurso e rasão, que assim Deus como V. M. tem de todo desamparado este reino, sendo dantes tão prospero e florente.

20.ª — Que mande V. M. para este soccorro da India extinguir os presidios das Indias, por se gastarem com elles, dos rendimentos d'ellas, passante de 50 mil crusados cada anno; e se os quer ter e conservar, que seja á custa da coroa de Castella, e não á custa do miseravel Portugal. Assim como V. M. faz com as duas companhias de Larache e Mamora, que sendo da conquista e repartição d'este reino, os sustenta e conserva á custa da dita coroa de Castella, quanto mais que notam e consideram todos os homens de guerra, que se vierem forças grandes e poderosas armadas de inimigos, mal lhe podem os taes presidios resistir; e assim é gasto grande, continuo, desnecessario e com perda; e o peor é, que nem a terça parte a elles consignada está hoje nos taes presidios, e estão levando, os poucos que assistem, os pagamentos por encheio, como se estivessem inteiros, que é um sumidoiro sem fundo, e ser V. M. enganado, e elles se fazerem ricos como se estiveram no Mexico; e o reino sem os ditos 50 mil crusados cada anno. Esta mesma rasão milita e cabe no castello d'esta cidade de Lisboa, ao qual se paga da imposição e aposentadoria aos generaes, como hoje é D. Fernando de Toledo, 6 mil crusados repartidos aos mezes, e o primeiro direito que ha é o seu. N'este particular ha duas coisas: ou V. M. se fia da lealdade portugueza, ou não. Se se fia é escusado o presidio, e mal gastado o que levam os poucos que estão a elle consignados, ainda mesmo em occasião que entre na enseada d'esta cidade (o que Deus não permitta) uma poderosa armada. Já se não aponta aqui como estão os taes presidios, que até os meninos podem subir por elles acima; nem o castello em si está tão inteirado como ao principio foi ordenado, e levam os grandes, que mandam por encheio, andando os soldados pedindo, como miseveis, esmola pela cidade, que é uma grande vergonha. E se estas razões encontram alguma regra de razão d'estado, se responde que estão ellas hoje taes, pelo que se vê e experimenta, que se não faz já caso d'ellas, porque o tempo tudo altera, muda e dispõe á sua vontade, como faz ás leis, aos costumes e trajos ordinarios. O que o reino gasta com este presidio póde servir para soccorro da India; e se o quer V. M. conservar, seja á custa da coroa de Castella, que é o verdadeiro presidio, e mais solido, seguro e encarecido pelos sabios antigos; e o dos corações dos homens, tendo V. M. estes penhorados e

vencidos com amor, não para que lhe faça novas mercês, tirando de seu patrimonio, pois o não tem, nem póde dar, senão que lhe não ponha cada dia novas imposições, que bem pesadas são as do sal, que já tem, e as da casa dos cincos e consulado, que os reis passados, como paes da patria, não quizeram pelo respeito de não dar oppressão ao povo, que o amor que perdomina os corações dos homens da parte do principe, é muito maior e mais forte que a gente de guerra dos presidios, por mais fortificados que estejam com torres, cubellos, baluartes e fossos.

(Continúa)

CORREGIO

Se este grande pintor italiano não se houvera sublimado tanto na sua arte, sendo o primeiro que soube pintar nos tectos as figuras em rigorosa perspectiva, e o que melhor intendeu a arte dos escorços, bastava-lhe a exclamação que fez, instinctivamente, ao ver um quadro de Raphael, para ficar lembrado, pois ficou proverbial, e ainda hoje é citada e applicada pelos escriptores de todas as nações, e sempre na lingua do seu auctor.

Diz-se o que Corregio, sentindo o ardor que transfunde o talento, e os ignorantes tem por vaidade, exclamava á vista da *Transfiguração* de Raphael: *Anch'io sono pittore!* (Tambem eu sou pintor!) Contestam-lhe alguns esmerilhadores pueris este dito, mas o certo é, que ficou sendo o moto do famoso pintor.

Antonio Allegri, appellidado o Corregio, da cidade d'este nome, no ducado de Modena, onde nasceu em 1494, foi um dos maiores pintores que houve depois do renascimento das artes.

Alguns biographos italianos, entre elles o padre Affo e Tiraboschi, se deram a minuciosas investigações sobre a vida de Corregio, sem poderem dissipar de todo as obscuridades em que se acha envolvida. A sua familia occupava um dos primeiros logares na terra natal; do que se póde conjecturar que a sua educação fôra esmerada. Não se sabe com certesa o nome do professor de quem recebeu os principios de desenho. A similhança que tem a sua primeira maneira, um tanto sêcca como era a de André Mantegna, tem feito suppor que elle seguira as lições d'este mestre, ou se formara pelas suas obras. Corregio foi, como Raphael, um homem de genio, e em si mesmo achou todos os recursos para crear uma eschola. Não tinha nenhum pintor, antes d'elle, conhecido a disposição do claro-escuro, nem a arte dos escorços. Desenho, composição, tinta, graça, expressão, todas estas partes da arte levou elle a um grau de perfeição tal, que poucos pintores haviam chegado a tanto.

Contava apenas vinte annos quando os franciscanos de Corregio o encarregaram de pintar o retabolo do altar-mór da sua egreja. Por este quadro, sua primeira obra notavel, pagaram-lhe cem ducados de oiro. Embora se diga que era uma somma consideravel para o tempo, isto prova, como judiciosamente notou Tiraboschi, que o seu talento já era então apreciado. Corregio veiu a Parma em 1519, onde pintou successivamente a cupula de S. João e a da cathedral. N'uma representou a *Ascensão de Christo*, e n'outra a *Assumpção da Virgem*, as duas melhores composições que elle executou. Consumido pelo genio, e por desgostos, morreu em 7 de março de 1534, tendo apenas quarenta annos. O que se diz da sua pobreza não tem verosimilhança, porque pertencia a uma familia abastada; seu pae, que lhe sobreviveu alguns annos, deixou uma grande herança. Quando Corregio se casou, recebeu de sua mulher um dote consideravel. Além d'isso era laborioso e mui economico. Censuravam-no os amigos de viajar a cavallo, podendo ter uma carruagem. Entretanto, dizem alguns historiadores, que, acabando de pintar a famosa cupula da cathedral de Parma, os conegos que lhe tinham encommendado a obra, lhe regatearam o preço que elle pedira, rebaixando-lh'o a final a duzentas libras tornezas, que de mais a mais, por desfeita e vilesa, lh'as pagaram em cobre. O pobre artista teve de ir carregado com esta somma até casa, que distava duas ou tres leguas d'aquella egreja. Com tal peso, por um sol ardente, e com a sensação que lhe causára o insulto e mesquinhez dos conegos, indo a transpirar copiosamente, bebeu agua de uma fonte, que no caminho se lhe deparou, com tanta avidez, que foi logo accommettido de um pleuriz, que em tres dias o levou á sepultura.



Corregio

Entre as obras primas de Corregio contam-se por mais celebres, a *Noite* e *S. Jeronymo*. As suas pinturas, feitas no mosteiro de S. Paulo de Parma, foram gravadas em 35 estampas, e publicadas com um texto explicativo em tres linguas, italiana, franceza, hespanhola, 1800, in fol.

Ha poucos museus notaveis que não possuam algumas telas d'este pintor.

O sr. conde de Sobral tem uma *Sagrada Familia*, de Corregio, e na excellente galeria do sr. conde da Atalaya, no palacio da Costa do Castello, ha tambem alguns originaes d'este mestre.

Na famosa galeria do conde da Ericeira, no seu palacio do largo da Annunciada, que ardeu pelo terremoto de 1755, entre os duzentos quadros de que ella se compunha, havia alguns originaes de Corregio.

O museu real de Paris possue tres: *O casamento mystico de Santa Catharina, Christo coroado de espinhos, Jupiter e Antiope.*

Tão injusto é condemnar o possivel, como assentir de leve ao que a razão faz repugnancia.

Explicação do enigma do numero antecedente

O mundo está cheio de pelotiqueiros

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



As musas inspirando a pintura — Desenho original de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Já, musas, perdoe, sois profanadas,
Já comvosco não se usa o que se usava;
Pois tratadas sois como profanas,
Sendo julgadas já por leis humanas!

FILINTO ELYSIO

Os pagãos tinham uma divindade que lhes servia de protectora, ou padrinha (como lhe chama o nosso Bluteau) para cada coisa de seu empenho. D'aqui resultou a immensidade de deuses que elles adoravam, e que formam o longo calendario da mythologia, a que nós chamâmos fabula, sendo aliàs uma historia mui verdadeira, posto que symbolica.

Para o protectorado das sciencias e artes foram destinadas as nove musas, com o seu presidente effectivo, Apollo, o deus da luz.

Todo aquelle que se dedicava a qualquer sciencia ou arte sem ter o favor da correspondente padrinha, morria moiro, isto é, sem nome, ignorado e obscuro, na sciencia ou arte que professava.

É o que ainda hoje acontece. Se a musa não inspira o poeta, o musico, o pintor, o artista em fim, vel-o-hemos morrer sem deixar o seu nome inscripto nos fastos da immortalidade, que tem cada nação á parte.

Se este oraculo se consultasse para todas as vocações, muitos talentos se houveram de assignalar, que por um impulso ou atrevimento cego do capricho, ficam no escuro da mediocridade ou da nullidade.

Ainda mal que para muitos d'esses, entre nós, é que luz o oiro; a esses se dão as cadeiras em vez das tripeças; as pastas em logar dos alforges; as varas em troca dos varaes para que nasceram; as pennas em vez de enxadas; os pinceis em logar das brochas; o lapis em vez do giz; o cinzel em vez do picão; o buril em logar da verruma; em summa, tudo trocado e baralhado como hoje se vê e se não acreditará no futuro.

As musas eram principalmente tomadas por padroeiras dos poetas, e por consequencia dos pintores, porque a pintura é

«A muda poesia que descreve
A natureza toda em quadro breve»

Tinha porém esta arte entre os gregos sua personificação especial, symbolisada n'uma esbelta mulher, de formoso semblante, pomposamente vestida de varias côres, coroada de loiros como a poesia; os cabellos soltos, mas annelados, significativo de engenhosos pensamentos, e as sobrancelhas arqueadas, que tambem denotam altas idéas. Penduravam-lhe ao peito uma mascara, emblema da imitação; punham-lhe na mão direita um pincel, e na esquerda uma taboa com figuras esboçadas.

Os romanos apenas a representavam com a palheta, os pinceis e o tento nas mãos. E n'algumas estatuas antigas do Lacio tem mais a imagem da pintura a bocca tapada com um listão, para denotar

que a arte, bem como o estudo, necessitam de silencio, e não podem dar trela aos ociosos.

Dadas estas noções aos que d'ellas necessitam, conhecerão esses facilmente agora, que o auctor do quadrinho que hoje damos gravado, composição engenhosa do nosso distincto desenhador o sr. Nogueira da Silva, nos mostra, n'um grupo artisticamente combinado, a pintura recebendo das musas da poesia e da musica, a imagem dos que ellas haviam inspirado sob este abençoado ceo de Portugal, para as perpetuar na tela.

Os genios, cortejo official de taes divindades, estão pendurando no templo da immortalidade os retratos já feitos. O primeiro que subiu a esta gloria posthuma foi Camões; segue-se-lhe Grão-Vasco, e depois Santos Pinto, fecundo compositor musical, que ha poucos annos a arte dos sons, entre nós, teve a desgraça de perder.

O pensamento, por engenhoso e patriotico, deve merecer da parte do publico portuguez os louvores que nós aqui damos ao laborioso artista, a quem estas paginas devem tantos desenhos festejados, e que actualmente se está esmerando na variada collecção de gravuras que hão de illustrar a edição de Nicolau Tolentino, que em breve contam dar á luz os editores do *Archivo Pittoresco*.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 138)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

A casa onde falleceu o visconde de Almeida Garrett nada tinha de notavel antes d'este doloroso successo. É uma construcção vulgar, de modesta e até pouco elegante apparencia, tendo interiormente accommodações que bastavam apenas para a limitada familia do poeta. O inquilino arrendára-a por muitos annos, ao tempo em que ella se andava ainda edificando. Vendo o destemperado risco por que a estavam fazendo, quiz acudir-lhe ainda com o remedio do seu apuradissimo gosto, mas pouco ou nada póde conseguir para melhoral-a. Lembra-me bem de o ouvir lastimar muitas vezes a falta de senso commum que preside em Lisboa á construcção das casas, e fui por vezes testimunha das luctas que elle teve de sustentar, para obter na que devia habitar alguns, ainda que pequenos, melhoramentos.

Não foi pois por culpa sua que deixou de fazer-se um bello edificio em vez do actual. Elle desenhava um monumento onde o luxo e o conforto, alliando-se mais tarde aos primores da architectura e da esculptura, tornariam dulcissima a existencia dos que alli vivessem: por este sonho da sua bella fantasia deram-lhe uma casa insignificante, indigna quasi de um poeta habituado a tornar immortal tudo quanto fosse tocado do seu genio! Mas ella será celebre apesar d'isso. Nem a sua fórma mediocre, nem a especie de esquecimento em que jaz pela affectada indifferença do nosso tempo, a poderão condemnar a perpetua obscuridade! Oh! não; engana-se quem pensar o contrario. Os contemporaneos nunca são bons juizes para julgar causas d'estas; mas a posteridade é justa, e quando ella chega com a sua grande luz sobre a memoria dos grandes homens, já se não agitam em torno d'elles as paixões que podiam esfriar a admiração, e fazer calar o enthusiasmo até nos corações mais generosos. A posteridade, prophetizo-o, affirmo-o, irá procurar a casa onde expirou o cantor de Camões, e oxalá que estas linhas singelas não pereçam antes, para lhe servir de guia.

....

A porta principal é ao centro da casa, e tem de cada um dos lados uma janella com grades de ferro, seguindo-se a cada janella um largo portão. O da esquerda deita para a cocheira, cavallariça e palheiro; e o da direita communica para os quartos inferiores, e para o jardim.

Na cocheira havia uma carruagem moderna, e uma traquitana. Poucos dias antes da mudança comprou o poeta dois machos, ainda novos, a que chamava monumentos de luxo capital, e que eram tratados como verdadeiros mimosos da fortuna. O sr. D. Pedro Moscoso, que tinha dado o seu voto para aquella compra, aliás excellente, presidiu aos arranjos de cocheira e cavallariça, e só depois de um severo exame feito em todos os objectos necessarios para o bom tratamento dos animaes, permittiu que estes tomassem posse da sua nova morada. O Gonçalves trabalhava como um negro na disposição da mobilia, brigando diariamente com os armadores, pintores, marceneiros, e com o encadernador que arranjava uns cartões para duas estantes.

Eu fingia cuidar do jardim, e do arranjo dos livros e papeis que deixei sempre desarranjados, até que o Gonçalves se resolveu um dia a soccorrer-me, arrumando-os commigo.

Pintou-se tudo, repararam-se todas as faltas apontadas na carta do poeta, poz-se em ordem a mobilia, e pouco faltava a fazer quando elle, cada vez mais doente, e instado pelo sr. Dr. Barral, se resolveu a vir para Lisboa.

Na vespera, eu e Gonçalves passámos todo o dia a pôr em ordem os papeis manuscriptos, as correspondencias e contas numerosissimas, e até os *roes* da despeza diaria de Garrett, que eram sem numero, e que elle tinha cuidadosamente arrecadados! Collocámos os livros nas estantes, e até limpámos o pó dos moveis!, tendo por unico auxiliar um criado meu, que tinha ido para nos fazer o jantar. A casa estava linda; póde dizer-se que o bom gosto, o conforto e a elegancia reinava por toda ella; até vendo-a de fóra nos parecia mais bonita! Garrett possuia n'um gráo elevadissimo o sentimento do bello; Gonçalves não é pêco, e eu, com taes mestres, ensoberbecia-me quasi de rivalisar com elles. Preparámos tudo com esmero, e dando os maiores cuidados ás mais pequenas bagatellas, para que tudo se harmonisasse, e nem um só objecto, por mais insignificante que fosse, ferisse com a sua desafinação o melindroso gosto do nosso elegante mestre. Foi uma porfia, uma lucta com a impertinencia de que elle era dotado, e ao mesmo tempo uma certa ambição de recebermos em premio de tantos esforços, um comprimento que testimunhasse a sua alegria. Andavamos contentissimos a correr os quartos, salas, escriptorio e cozinha. Desciamos e subiamos as escadas; iamos ao jardim, catavamos as plantas, arrancavamos a herva mais innocente que achavamos ao pé das flores por nos parecer damninha; entravamos e saiamos cem vezes n'uma casa, afagavamos os moveis, reviamo-nos por assim dizer em tudo que nos cercava; e creio que se os machos estivessem na cavallariça os teriamos limpado e talvez abraçado!

Parecia remoçarmo-nos com aquelles cuidados e alegrias, no meio de tantos objectos d'arte e gosto, vendo em tudo uma preferencia de elegantissimo conforto, e pensando na innocente satisfação do hospede, que tanto suspirava pela sua casa nova! A não ser a vista para mim sempre desagradavel dos cyprestes fronteiros, parece-me que era capaz de jurar em como aquella habitação estava assim preparada para dar saude, felicidade e longa vida ao nosso querido poeta. Mas as arvores sinistras pareciam ver com maus olhos aquelles preparativos, e rangiam de vez em quando de um modo que me

fazia fugir o riso e apertar-se-me o coração no peito!

É cruelmente verdadeiro o rifão que diz:

Ninho feito, ave morta.

O dia seguinte foi um dia de festa... Havia comtudo uma differença das festas verdadeiras.

Á hora do jantar tinham passado já as impressões da surpreza e satisfação que teve o poeta ao entrar em casa, e as dores da enfermidade permaneciam; por conseguinte, um ou outro gemido mal abafado levou a pouco e pouco a tristeza ao fundo de todos os corações. Veiu o silencio, que não é proprio das festas, e o banquete reduziu-se a pouco mais de gallinha e caldo, por causa das tentações que poderia ter o doente, se visse outra coisa. Triste festa, na verdade!

Quando eu saí com o Gonçalves, ás 11 horas da noite, fomos até á Patriarchal Queimada sem dizermos uma palavra um ao outro. Alli, separámo-nos, e então manifestámos ao mesmo tempo o nosso pensamento com estas palavras:

«Aquillo está perdido!»

E estava.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 155)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

III

Santiago e Catalina voltaram da missa das almas, ao nascer do sol, e duas horas depois ficaram exclusivos donos de Ipenza, porque os outros moradores desceram para a missa do dia, encarregando os rapazes de cuidar, Catalina da panella e das gallinhas, e Santiago das herdades, continuamente expostas ás invasões das salteadoras cabras, apesar das sebes e vallados.

Catalina desempenhava as suas funcções culinarias como mulhersinha arranjada; porém Santiago contentou-se com desempenhar as que lhe incumbiram delegando-as em Navarro, que foi posto de sentinella n'um alto que dominava as herdades; mas que, apenas se retirou o dono, enroscou-se para dormir á sombra da mais proxima parreira.

Santiago, cuja indole era opposta á de Navarro, Santiago, que não podia estar quieto, que, segundo affirma sua mãe, parecia ter azougue, entretinha-se no campo fronteiro ao casal em atirar pedras aos passarinhos que pousavam nas arvores.

De repente, soou um tamboril nas montanhas do outro lado do valle, em que assentava a ermida de S. João, e onde havia festa n'aquelle dia.

Santiago, ao ouvil-o, começou a dançar como louco, escolhendo por par, á falta d'outro, o tronco de uma cerejeira...

—Duvidas? Julgas que não ha quem leve tão longe a paixão pela dança?

Santiago imitava um homem que gozou no sitio de grande celebridade, e ia mais além; não lhe soffria o animo estar neutral, e portanto, assim que se dançou a primeira roda e ouviu o preludio da segunda, correu para debaixo da janella da cozinha, e principiou a gritar:

—Jariega! Jariega! desce que sôa o tamboril em S. João, e vamos dançar uma roda que fará tremer a terra!

Catalina assomou á janella, e disse:

—Não vês que a senhora nossa mãe ralhará commigo se não trato do jantar?

—Ó mulher, deixa a comida!

—Para a gente se divertir?

—Sim. E parece-te que não vale a pena? Por uma hora de divertimento, daria vinte annos de vida.

—Não darias se fosses rico!...

—Se fosse rico dar-me-hia pressa em divertir-me, porque muito ligeira que viesse a morte para impedil-o, chegaria tarde. Desce, Jariega, desce, que lá começa outra roda.

Catalina, que levava a docilidade até ao excesso, e particularmente com Santiago, tomou as possiveis precauções para que o gato não fizesse alguma das suas na cozinha, e desceu com effeito ao nogueiral.

Por comprazer ao que considerava seu irmão, foi dançar com elle; antes, porém, de terminar a roda, disse que estava cançada, e Santiago, apesar de que se via no melhor da festa, apressou-se em deixar o baile para que Catalina descançasse.

Pouco depois o tamboril tornou a soar.

A dança é antipathica ás almas delicadas e puras. Se David, que era grande poeta, dançou ante a arca santa, foi movido pelo sentimento que lhe inspirou os seus immortaes *psalmos*, e não pelo que lhe fez desejar Bethsabé; mas este ultimo sentimento é o que, com pequenas excepções, nos faz mover os pés desde que passaram os tempos biblicos. Nos tempos modernos, uma alma de poeta em corpo de dançarino seria phenomeno com que poderiamos enriquecer, exhibindo-o por dinheiro.

O tamboril tornou a tocar; e Catalina, que não queria dançar, porque a dança era antipathica á sua alma delicada e pura, tratou de distrahir a attenção de Santiago. A primeira coisa que lhe occorreu foi levantar a vista para uma cerejeira, e exclamar:

—Ai que formosas cerejas!

Santiago, que ia a dizer «vamos a outra roda», ficou silencioso, adivinhando uma coisa: que a donzella não queria dançar; e supponđo outra: que ella desejava cerejas.

—Queres, —perguntou a Catalina—que suba á arvore e t'as apanhe, ou que vergue o ramo para tu as colheres?

—Não, que te vás rasgar nos espinhos, —respondeu a rapariga.

—Importam-me pouco os espinhos!—disse Santiago, trepando á cerejeira, como se realmente as suas carnes fossem invulneraveis.

E adiantando-se para um ramo dos mais baixos, que estava, com effeito, carregado das mais formosas cerejas gordaes, que é como alli se chamam as melhores d'esta fruta, dobrou-o com o peso do corpo até pôl-o ao alcance das mãos de Catalina.

Esta colheu algumas cerejas, mais para não desairar a boa vontade de Santiago, do que porque tivesse desejo d'ellas.

Santiago desceu da cerejeira, de um salto, trazendo na bocca dois pares de formosissimas cerejas unidas pelos pés.

—Has de ver, —disse á donzella, —que lindos brincos te vou offerecer.

E em cada orelha pendurou um par de cerejas, operação em que Catalina consentiu, sorrindo de prazer e agradecimento.

—Agora, —acrescentou, —offereço-t'os de cerejas, porém verás que não succede assim quando eu for rico.

—Se não pozer outros até que o sejas...

—Hei de sêl-o quando for ás Indias [1], o que não tardará muito, porque meu tio, que lá está, prometteu mandar-me buscar quando tivesse quinze annos, e no dia de Santiago os completo.

Catalina abaixou tristemente a cabeça.

[1] Na Byscaia dão o nome de Indias á America; e *indianos* denominam os que alli tem residido.

— Porque te entristeces?
— Ora... porque dizes que vás para as Indias.
— Que louca! Como se fôra amanhã!
— E para que vás?
— Boa pergunta! Para me tornar rico e gozar uma vida... Não querias ser rica?
— Queria, devéras.
— E que fazias?
— Eu?
— Nunca desejas nada.
— Valha-me Deus! Então não desejo nada? Vê se desejo; desejo uma gaveta cheia de dinheiro para dar meia coroa a cada pobre que chegue á porta; desejo um jardim com muitas rosas, cravos e açucenas, para compor todas as manhãs dois ramos, e pôl-os, um no altar da Virgem da Soledade, e outro no meu quarto; desejo que façam outra casa em Ipenza, porque tenho medo de viver n'uma propriedade isolada; desejo estar perto da egreja, porque me alegram os sinos, e a tristeza deixa-nos rezando ante os altares; e desejo... que não te vás para as Indias. Vê tu como desejo tantas coisas!...

Zombava Santiago dos innocentes desejos da donzella, quando lhe gritaram de uma propriedade visinha, que um rebanho de cabras invadíra o sitio, cuja guarda delegára em Navarro. Correu a excitar o cão contra as discipulas, em prophecia, de Proudhon, e Catalina foi-se tambem a ver se o gato opinava na cozinha, como as cabras na granja, que a propriedade é um roubo.

Saía já a gente da missa, e tomava as entradas que conduziam ás herdades dispersas, como a de Ipenza, nas alturas.

O GAVIAL (CROCODILO DA INDIA)

«Lagrimas de crocodilo» chamavam os latinos ás que choravam, com fingimento e perfidia, os que as simulavam para mostrar dó e arrependimento do mal que faziam. E fundavam esta comparação na crença que n'aquelles tempos subsistia, de que o crocodilo, quando avistava a presa que havia de comer, lhe começavam a correr as lagrimas em fio; isto é, se lhe havia de crescer a agua na bocca, crescia-lhe nos olhos, quando via um bom manjar!

Esta expressão proloquial passou tambem para a nossa lingua, e se applica aos que parecem condoer-se dos maleficios ou damnos por elles mesmos causados. E o que se traduz pelo anexim, genuinamente portuguez: «fazer o mal e a caramunha.»

Que o crocodilo não chora, bem é de suppor, sem ser necessario recorrermos á historia natural moderna; mas como o simile ficou persistindo na nossa lingua, daremos hoje em estampa a figura do crocodilo da India, chamado lá gavial, com uma noticia da sua natureza e modo de viver.

O crocodilo é o mais poderoso e formidavel de todos os lagartos. Acha-se este monstro em ambos os continentes, habitando unicamente as regiões mais calidas e torridas da Asia, Africa e America. É de côr cinzenta, ou antes livida, malhada com muitas listas transversaes e ondeadas. Alguns ha que chegam a ter mais de vinte pés de comprimento. Não podem estar muitos minutos debaixo d'agua, sem vir acima respirar; mas quando vem á flor, não descobrem mais que a parte superior da cabeça e uma porção do corpo. N'este estado parecem um madeiro fluctuando á tona d'agua. Como os olhos lhe ficam livres, o crocodilo vê assim quanto se passa em ambas as praias, e mal descobre qualquer animal que vem beber, no mesmo instante mergulha, e por baixo d'agua o váe apanhar pelos pés, puxa-o para a altura do pégo, afoga-o, e devora-o immediatamente. Os proprios homens que se chegam aos rios sem cautela, não se livram das cachimanhas do devorador appetite d'estes formidaveis reptis, e estão egualmente expostos a ser presa d'elles. Para melhor disfarçar o artificio natural do crocodilo, concorre muito a côr da pelle, e a fórma alongada do corpo, porque, se dentro d'agua parece um tronco fluctuante, em terra sería considerado como um madeiro incrustado de immundicies e lodo.

Apesar de todos estes recursos e astucias, o crocodilo pela sua falta de agilidade, pois só tem movimento facil em linha recta, muitas vezes se vê privado da nutrição necessaria; e, para impedir a contracção dos intestinos vasios, dizem que é obrigado a engolir paus e pedras.

Os negros comem-lhe a carne; mas o cheiro a fortum de que é impregnada, a torna repugnante aos que ainda não estão costumados.

A femea do crocodilo põe cincoenta até sessenta ovos de cada vez, e váe depositar-os sobre as praias arenosas dos rios e das grandes lagoas. É de notar que estes ovos, contendo o embryão de um animal tão monstruoso pela sua grandeza, não são maiores que os de uma perúa. Depois de os ter depositado, e cobertos com areia, entrega-os ao calor do sol, que os choca, e tira a creação, que mal tem saído dos ovos, corre logo a metter-se n'agua, e por si mesma váe procurar o sustento. N'esta primeira edade, porém, a maior parte perde a vida, porque ou morrem devorados dos peixes, ou dos proprios crocodilos.

O gavial pertence á grande familia dos crocodilos, representada no Egypto pelo crocodilo propriamente dito, na America pelo jacaré, e na Asia pelo gavial. Este ultimo tem o comprimento ordinario de 5 a 6 metros, o que já é boa estatura para um lagarto!

O gavial distingue-se dos grandes reptis da ordem dos lagartos, pelo desmedido comprimento das longas queixadas, guarnecidas de incisivos agudos, que o tornam particularmente apto para agarrar e reter os peixes, seu habitual sustento; tambem é mais aquatico, e mais raramente deixa a agua para vir a terra, que o crocodilo e o jacaré. O macho, representado na estampa, é o unico que tem na extremidade das nasaes uma protuberancia volumosa que não tem a femea, protuberancia que os naturalistas ainda não poderam, até hoje, determinar para que funcções ella sirva.

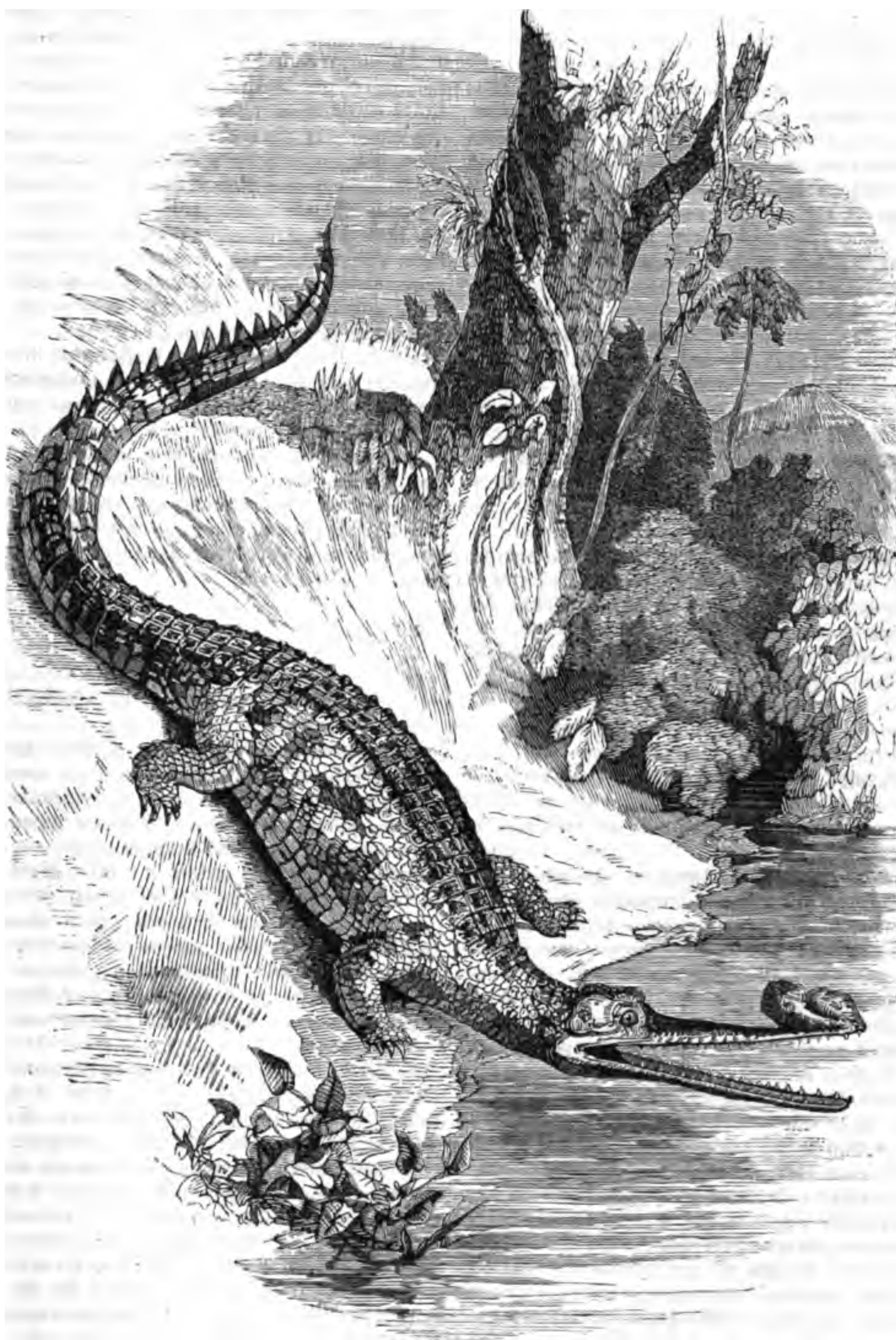
Tem-se feito acreditar ha poucos annos, que o gavial é inoffensivo para com o homem, e que vive exclusivamente de peixes. Isto é inexacto. Na verdade, prefere o gavial o peixe a qualquer outro alimento, mas quando este lhe falta, e a pesca o não satisfez, recorre á caça, absolutamente como o jacaré e o crocodilo. O meio empregado por todos estes grandes lagartos é exactamente o mesmo. Pela tarde, conservam-se escondidos proximo dos logares em que os homens costumam banhar-se, ou junto dos bebedoiros frequentados pelos animaes silvestres. Se conseguem abocar alguma peça de caça, ou creatura humana, não a engolem como tem repetido muitos viajantes; arrastam-n'a para o fundo da agua, e não a devoram sem que esteja morta. O seu instincto providente o leva a esconder a presa nos logares profundos do leito dos rios, e a occultal-a, rolando-lhe por cima grossas pedras.

É alli que vão procurar os sobejos quando não devoraram a presa d'uma só vez.

Os europeus estabelecidos na India, pelas margens do Ganges e de seus grandes confluentes, com toda a razão consideram o gavial como um terrivel inimigo, e por consequencia assim o tratam. Os meios ordinarios de caçar tem pouco resultado con-

tra os gaviaes: as proprias balas de ferro não lhes penetram a pelle; para os ferir, é preciso acertar-lhes n'um olho, o que nem sempre acontece, como bem se póde suppor.

Os inglezes, senhores da India, idearam recentemente um processo mais seguro, e que tem sua originalidade. Cravam uma estaca no leito do rio, em logar frequentado pelo gavial: prende-se a esta estaca um cabrito ou um cordeiro morto, cujo ventre encerra uma caixa cheia de polvora e metralha,



O gavial (crocodilo da India)

com um fio electrico preso no interior da caixa, e outro a uma pilha de Bunsen posta na praia. Assim que o gavial se deita á presa, communica-se a explosão á caixa por meio de uma descarga electrica. A cabeça do gavial rebenta em mil pedaços sem perigo do caçador.

Só se conhecem duas especies de gavial, o grande gavial do Ganges e de seus confluentes, e o pequeno gavial que habita as principaes ribeiras da grande ilha de Bornéo, no archipelago de Sonda.

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

I

OS DOMINGOS DE BEMFICA

As romarias foram, desde tempos immemoriaes, uma feição nacional do nosso povo, e algumas d'ellas tem sua origem tão poetica, motivam-se em gratidão piedosa, em epocha de alguma tribulação memoravel, que embora os tempos hajam sepultado muitas

d'ellas no esquecimento e desuso, a historia deve-lhes perpetuar a lenda, e não deixar que de todo se apaguem as noticias do viver e crer de nossos avós.

Algumas d'estas devoções populares estão historiadas nas chronicas monasticas, outras em escriptos avulsos; muitas, porém, nunca passaram da tradição oral, e bastantes tem já desapparecido com os sanctuarios e logares, que o correr dos seculos e os acontecimentos sociaes tem levado diante de si.

De muitos d'estes devotos passatempos de nossos avós iremos dando noticia, recolhendo as origens, anecdotas e tradições que andam dispersas, e como que sepultadas nos impressos e manuscriptos fosseis, hoje inteiramente fóra do alcance dos leitores por sua carestia ou raridade.

Quando valer a pena, acompanharemos a lenda, ou a narrativa, de alguma estampa que interesse á arte, á historia, ou ao conhecimento dos usos e costumes dos nossos antepassados.

A devoção e romaria dos domingos de Bemfica ou de Maio, ao convento onde se venera S. Domingos, advogado e protector dos que andam sobre as aguas do mar, foi das mais populares que houve nos arredores de Lisboa. Extinguiu-se com os frades; mas agora, pela compra do convento que ultimamente fez S. A. a Serenissima Infanta D. Isabel Maria de Bourbon, nos dizem se váe restabelecer a antiga romaria.

Começaremos pois a serie das « Devoções e lendas religiosas » antigas e modernas de Portugal, com a dos domingos de Bemfica, ou de Maio, porque nos fica ao pé da porta, da cidade, bem entendido.

Por boa estreia e melhor fortuna, temol-a referida pela mais bem aparada e elegante penna dos mestres antigos da nossa lingua, pela de Fr. Luiz de Sousa, que não ha desejar nem gostar mais.

Na « Historia de S. Domingos », t. II. pag. 153, depois de concluir a da fundação do convento de Bemfica, nos conta o bom frade a origem dos domingos de maio, por estes termos, tão suaves como familiares:

« Em casa moderna, como esta he, que passa pouco de duzentos annos, não póde haver grandes antigualhas: todavia, as que forem de tanta idade como ella, já merecem memoria e honra, por lhe cahirem em proporção. Diremos algumas das mais notaveis. Seja a primeira a veneravel figura do nosso Padre S. Domingos, veneravel, não pela riqueza da materia, nem primores da esculptura, mas por devoção de todo o grande povo de Lisboa, que pelo mez de maio despeja a cidade pelo vir buscar, e offerecer-lhe suas orações. E ainda que em materia de romarias tem muito poder o costume, ou a companhia, ou a imitação, não póde ser tanta a constancia em aturar esta, sem haver causa que a sustente: quero dizer, sem os que a continuão sentirem algum beneficio no que pretendem com ella.

He este santo um dos 17 que chamamos auxiliadores, e para todas as necessidades da vida grande valedor diante de Deus. Mas aqui particularmente he buscado dos que esperam por parentes ou amigos ausentes, e que andam sobre as aguas do mar; e dizem que começou a devoção no mesmo tempo que a imagem entrou no convento, referindo-a ao successo que diremos.

Partia para Alemanha certo mercador, quando os frades começavam a povoar a casa. Assentou el-rei D. João (I) com elle, que lhe fizesse lavrar n'aquellas partes, em fino alabastro, uma imagem do santo para a dar aos frades. Não foi descuidado o mercador: fez a imagem, e embarcou-se com ella. Na viagem levantou-se tormenta, e foi o perigo tal, que os que mandavam a via se deram por perdidos, tratando cada um dos remedios da alma, mais que do governo da embarcação. N'este estado foi instincto do ceo lembrar-se o mercador da peça que trazia. Cheio de animo e confiança, deu vista d'ella aos companheiros; exhortou-os a se encommendarem ao santo: esforçou-se a devoção com a necessidade: mostrou o Senhor que a intercessão do seu servo dava vida e salvação aos affligidos; porque n'um momento cessou a furia dos ventos, abrandou o mar, e correram com bonança até tomarem a barra de Lisboa, e entrarem no rio. Celebrou-se o successo como verdadeiro milagre, e tanto que sôou na cidade, como sua vida e substancia pende de navegações, obrigou o povo a estimar e buscar a imagem; e porque constou que valêra aos navegantes que a traziam em um domingo de maio, dura a romagem em taes dias. A figura é pequena, o sitio pouco atilado, e, pera menos policia, de barba e circilho dourado, pela qual he conhecida e nomeada no vulgo. Tem seu assento no altar do Rosario em um nicho dourado, que fica aos pés da Senhora.

He ponto de considerar, e digno de ficar em lembrança, que dando de ordinario similhantes concursos occasiões a brigas e descomposturas, não ha ver nunca n'este nenhuma. »

Chegou a tal ponto a concurrencia, que se julgou indispensavel a instituição de uma feira n'àquelle sitio para abastecimento dos romeiros; e a requerimento do prior e mais frades do convento de Bemfica, lh'a concedeu el-rei D. José por alvará de 2 de maio de 1751.

DOMESTICAÇÃO DOS ANIMAES

Todos sabem que entre os animaes ha um certo numero que tem acceitado o jugo do homem, e que vivem com elle domesticamente. Porém muita gente ignora que actualmente está mui reduzido este numero, que foi avultado n'outro tempo.

No anno passado publicou o infatigavel naturalista francez Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire um mappa dos animaes que actualmente estão domesticados. Consultando os mais antigos monumentos da civilisação, achou elle a data da associação do animal com o homem; e n'este mappa se lê a desairosa historia da nossa incuria nos tempos modernos.

Verificou este sabio, com pasmoso trabalho, que das 140 mil especies de animaes conhecidos, apenas temos domesticado 47!, isto é, 1 por 3 mil. E d'estas 47 especies quantas domesticaram os modernos? 13 unicamente, entre as quaes devemos notar que se contam muitos animaes que apenas servem para recreio, como, por exemplo, 3 especies de faisão, e o canario das ilhas. O perú é a melhor conquista culinaria da civilisação moderna, a qual, seja dito sem offensa, dá muita preferencia ao estomago.

Decompondo o curioso mappa de Saint-Hilaire, para ver qual é o paiz que tem dado maior numero de animaes, achámos que 29 são originarios da Asia, 7 da America, 6 da Europa, 5 da Africa. A Australia e Polinesia, paizes tão ricos de especies animaes, não estão mencionados no mappa; d'onde concluimos que para elle não deu até hoje nenhum contingente. Deprehende-se tambem d'este mappa-mundi dos animaes, que muitos d'elles não estão aclimados na Europa, o que diminue ainda mais o numero d'estes nossos servos.

A consequencia d'isto, diz o sabio naturalista ser facil de tirar, que é evidenciar este resultado a possibilidade de se augmentar consideravelmente o numero dos animaes domesticos. Quando uma só parte do mundo tem dado já á Europa mais de vinte

animaes domesticos, será bastante terem-se obtido 4 da Africa, ou dos estados da America, e nem um só da Australia, e dos archipelagos da Polinesia?

Á civilisação actual que tem subjugado as forças inanimadas, vencendo enormes obstaculos materiaes a que nunca se abalançaram nossos antepassados, cumpre domar tambem as forças vivas, espalhadas com tanta prodigalidade por toda a natureza, e que são, como aquell'outras, incapazes de resistir á intelligencia que as queira avassallar.

As gerações de brutos nascem, crescem e morrem ao lado das nossas; participam das nossas prosperidades, e das nossas calamidades. e tomam tanta parte nas nossas vicissitudes, que a historia de uma especie de animaes domesticos poderá, á falta de outros documentos, dar-nos os principaes traços da historia da civilisação humana. Estes seres tão intimamente alliados á sociabilidade das nações, fel-os a industria do homem seus amigos, seus defensores, seus trabalhadores; uns lhe dão o vestuario, outros o alimento, evitando-lhe assim as fadigas da caça, incerta e arriscada.

O prestimo que tem os animaes reduzidos ao estado domestico parece que devêra incitar o homem a estender a sua conquista sobre especies novas; mas vemos que depressa se fatigou ou contentou; porque tem derivado a sua actividade para outros objectos. Póde-se dizer que os animaes que hoje nos servem, são quasi os mesmos que já na antiguidade estavam domesticados; e todavia temos descoberto novos continentes, onde achámos especies que os antigos desconheceram. A America tem ministrado á sciencia muitas d'estas; a Australia offerece aos olhos espantados dos viajantes uma natureza viva, differente d'aquella que habitâmos, e comtudo só os naturalistas se tem avidamente apossado d'estas maravilhosas riquezas. Nem sequer se tem pensado que ha alli muitos animaes, cuja vida póde facilmente ser propriedade nossa; prover de sustento, de vestido e de forças, as nações onde ha desgraçadamente tanta fome, nudez e debilidade. Os recursos que d'estes animaes podéramos tirar, obtemol-os ainda hoje á maneira das sociedades primitivas: pelo acaso e perigos da caça!

Graças, porém, ao citado naturalista Geoffroy Saint-Hilaire, que preoccupado d'esta importante questão economica, lucta ha muitos annos para que na Europa se domestique e aclime o maior numero possivel de animaes. Reconhecendo que um só homem não bastava para tentativa tão dispendiosa, conseguiu, não sem muitos esforços, empenhar já n'esta sua empreza muitas vontades e capitaes. Conseguiu formar uma sociedade particular, a qual tem já feito successivas experiencias, e conseguido resultados ainda superiores aos que antevia o sabio fundador. De dia para dia cresce o numero dos socios, e com elles os meios de dilatar as experiencias e as conquistas. Em todos os paizes vão apparecendo homens de saber e de coração, que tomam a peito concorrer por todos os modos para uma obra que interessa á humanidade inteira. Consta que em Portugal tem esta sociedade um membro mui zeloso e intelligente, o sr. dr. J. V. Barbosa du Bocage, lente de zoologia da eschola polytechnica, o qual publicou este anno alguns artigos mui noticiosos sobre os animaes domesticos, no *Diario de Lisboa*.

Os olhos são espelhos da natureza, porque n'elles se retratam as imagens de quem se vê, a que chamâmos meninas. E chamam-se meninas e não meninos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, e não para os homens.

ANTIGUIDADES NACIONAES

(Vid. pag. 159)

Apontamento das causas originaes que tem lançado a perder este reino, e posto a India no estado em que se vê. Apontam-se os meios que ha para se tirar dinheiro para o soccorro da India pedido por carta de S. M.

(Reinado do ultimo Filippe em Portugal. Anno 1628.)

23.ª — Que mande V. M. que os beneficios das ilhas e terras do Brasil, com os habitos do mestrado de Christo, e que os titulos d'elles se passem pela chancelaria, e que os taes rendimentos se appliquem a este soccorro da India. E ha outro meio, tanto ou mais importante que todos os acima apontados para o tal soccorro, e é, que abra V. M. suas reaes mãos para com os homens que chamam do meio, que não são fidalgos, porque estes, estimados e levados do brio e amor natural portuguez, herdado dos antigos que descobriram e conquistaram os reinos, um filhamento, segundo os merecimentos de cada um, em uma folha de papel, que é a commenda de que V. M. lhe póde fazer mercê, os paga; e quando levantar os rigores, ou, para melhor dizer, as impossibilidades que guarda o conde mordomo-mór para tomar um por fidalgo, segundo seus merecimentos e serviços, que não são menos que querer que se toque o ceo com o dedo; mande V. M. que se passe aos mesmos homens do meio brasões d'armas pela mesa do paço, como se passavam no tempo dos outros reis, e que as cartas da cavallaria feitas a elles pelos capitães de Africa, se confirmem pela dita mesa. Todos os homens de entendimento, quando põem os olhos na miseria do tempo, exclamam a este proposito, e dizem, que com assistencia e presença dos reis passados n'esta cidade, sem terem inimigos nem tanta necessidade de homens como no presente tempo, se faziam todas estas mercês sem precederem tantos rigores; e hoje havendo tudo ao contrario, estando a pessoa real de V. M. cem leguas ausente, concluem que é coisa exorbitante; e com estes rigores tem caído os corações dos homens do meio aos pés, e dizem publicamente que não hão de ir servir das barras a fóra; d'onde vem a se passarem a Flandres muitos de experiencia nas guerras da India, que podiam lá fazer muito proveito, e mais em tal tempo. Alguns ha que para ganharem egrejas vão lá, e se lhe dão, examinando-se para a sufficiencia em Castella, sem se virem examinar ao reino, do que ha exemplos, e os mais d'elles, não em fim de muitos annos, senão ao cabo de tres e quatro, vem com uma carta da senhora Infanta tão encarecida sobre serviços de cada um, que são despachados como elles pedem, aos quaes serviços de cada um, assim feitos em Flandres, tem obrigação de acudir á coroa de Castella, e não a esta; assim como acode e premêa o italiano e alemão e mais estrangeiros que andam com as armas n'aquelles estados. Mal é este por que se tem dado grande naufragio ás coisas da India.

24.ª — D'este mal depende outro que notavelmente o aggrava; e são as muitas commendas que o povo vê se dão por morte dos paes aos filhos, sem irem primeiro servir a Africa tantos annos, conforme a dispensação da bulla de Leão Papa x, que com a tal obrigação e encargos a concedeu; e assim andam nos filhos, netos e descendentes como em morgado. Sobre o que (diz certo personagem pelo respeito que se sabe) póde ser que se arrependa á hora da morte quem foi causa d'isso, pois com ellas podiam ser providos outros tantos fidalgos por muitos serviços.

25.ª — Entrando com a segunda cabeça ou principios postos na 4.ª causa, que é estarem esgotados os direitos reaes d'esta coroa, e o reino a respeito d'elles estar sem sangue, assim pelo que

fica advertido das doações exorbitantes e inofficiosas, feitas aos naturaes e estrangeiros, como por se puxar por elle para a defensão dos estados de Flandres, com grande perda e naufragio dos da India e Brasil, que são proprios d'esta corôa, ganhados com o sangue de seus vassallos, e á custa de suas rendas; se faz lembrança a V. M. que com os rendimentos de cem mil quintaes de pimenta, e os padrões de juro que vão correndo, de meio milhão de oiro pertencentes a pessoas particulares que os compraram por seu dinheiro para o tal soccorro no tempo do sr. rei D. Filippe II, pae de V. M., se mandou desempenhar a coroa de Castella por divida em que estava aos genovezes de quantia de 700 para 800 mil cruzados, de que se passaram padrões a 8 mil réis o milheiro em 3 vidas, que tambem vão correndo na alfandega d'esta cidade. Pelos livros da fazenda e chancellaria se verá se é assim. Os armazens estão como corpos sem alma, com paredes levantadas, e telhados sómente, que é lastima entrar n'elles para o que n'algum tempo estiveram, que nos dos senhores reis passados estavam adornados, para a defensão d'estes reinos, com duas mil e quinhentas peças de artilheria, com immensidade de mosquetes, arcabuzes, muita polvora, infinita munição, que tudo mandou levar para Castella o sr. rei D. Filippe I. Pelos livros dos ditos armazens se verá e entenderá claramente ser isto verdade. Que d'esta valia e quantidade mande V. M. de quantos milhões de oiro lhe vêm cada anno de suas conquistas, quando não for todo por uma vez, dar parte agora para este soccorro da India, já que esta coroa está impossibilitada para elle, e se entregou com tanta facilidade e vontade á magestade do dito sr. D. Filippe I, sem cercos de cidade e castello, nem mortes em campos formados de exercito que n'elles mettessem, como é notorio.

26.ª — Que em remate d'estes apontamentos se faz lembrança a V. M. que lançadas boas contas, e orçadas juntamente, se achará que se tem tirado e vendido das rendas d'este reino, em estes proximos cincoenta annos, 400 e tantos milhões. Os reis passados davam como podiam, regulando-se pelo que tinham de patrimonio real, dando sem excesso; pelo que, visto as doações inofficiosas acima apontadas, e





Fac-simile do medalhão de oiro, mandado cunhar por el-rei D. Pedro II, quando tomou a S. Francisco Xavier por defensor do Oriente

o muito que se tem tirado a esta coroa para a de Castella, e para os estados de Flandres, sendo as primeiras mui fundadas em contratos feitos com os tres Estados que em cortes ordinarias se celebraram, por não quererem pelejar, e se submetterem ao direito que a este reino tinha Filippe I, e ficar elle obrigado e seus successores a lhe acudir com o patrimonio da coroa de Castella, como se sabe, tem V. M. de obrigação, como successor, pois se lhe passou, quando tomou posse d'elle, com o mesmo encargo. E pois tem tanto d'onde tirar, pelos meios apontados, não permitta que o povo tire de sua bocca e de seus filhos o que não tem; que assás ajuda a levar o peso da miseria presente com andar em alardos aos domingos com as armas ás costas, tirando de suas boccas a polvora, comprando mosquetes, arcabuzes e piques, e ataviando-se como convem, estando a terra tão cara como se vê. Sirva de exemplo o que fez el-rei de Inglaterra, estes annos passados, para ordenar a armada que mandou a Cadix e Sevilha. Se for necessario é poupar no serviço de sua mesa, como fez el-rei D. Sebastião tanto que intentou passar a Africa, que não chegava o custo dos pratos da sua a 20 cruzados cada dia.

Este é o parecer, resolução e resposta que o officio dos tecelões d'esta cidade e seu termo, com os eleitos e juizes do officio, dão á carta de S. M. satisfazendo a ella. Lisboa 3 de junho de 1628.

MEDALHÃO COMMEMORATIVO

Este medalhão foi copiado exactamente de uma gravura de madeira, feita em Nova Goa, e publicada no «Resumo historico da vida de S. Francisco Xavier», peculio de noticias, impressas e manuscriptas a respeito d'este insigne missionario, colligido com muita diligencia e erudição pelo sr. Filippe Nery Xavier, official maior da secretaria do governo d'aquelle estado.

Está este medalhão pendente do caixão que encerra o corpo do santo, pela parte de fóra e do lado dos pés.

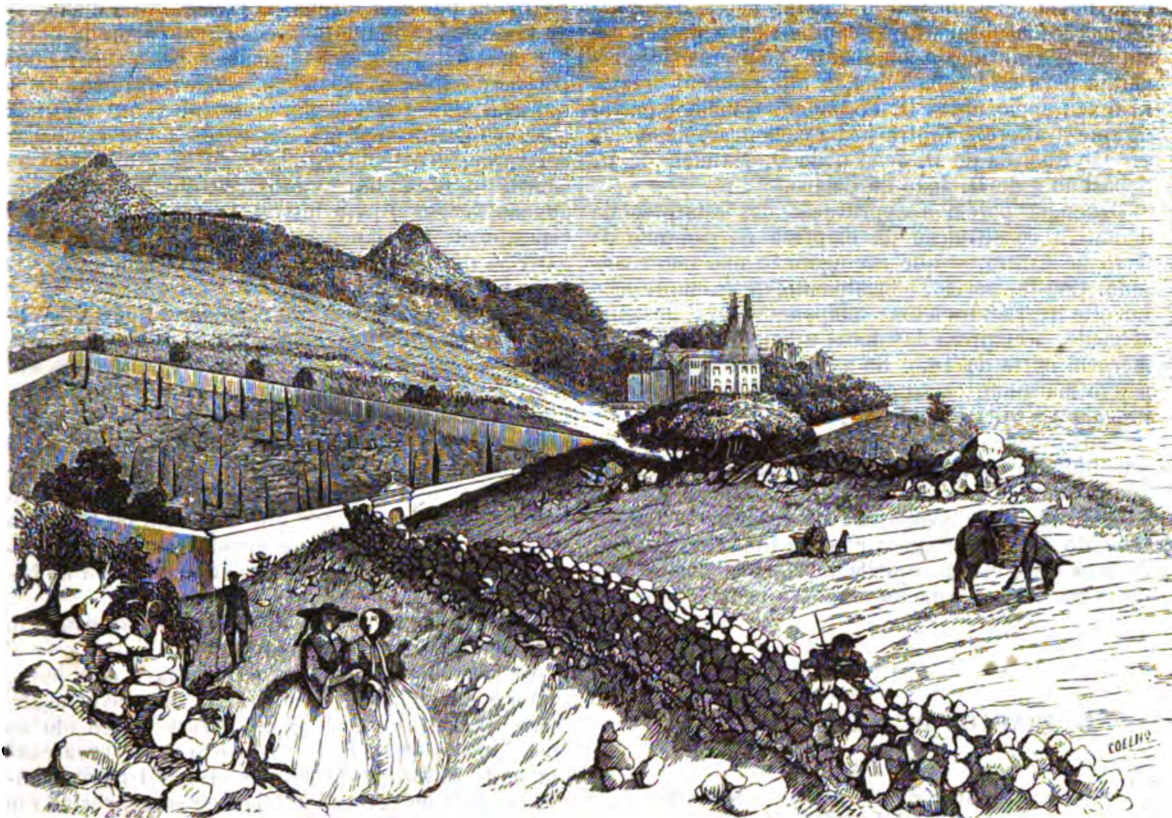
No anverso tem a effigie d'el-rei D. Pedro II, que o mandou cunhar; e em volta, na lingua latina: *Pedro rei de Portugal.*

No reverso tem o cunho das armas de Portugal, com a seguinte legenda, tambem em latim, a qual diz: *S. Francisco Xavier, apostolo das Indias, agora tomado por defensor do Oriente. Anno de* 1699.

É de oiro, e tem de peso 18 oitavas e 24 grãos. Valor em xerafins 199 ¹/₂: em réis 30$800.

Pelo desenho e estilo, parece ter sido cunhado na India. Ao menos em Portugal não consta que se cunhasse. O decreto de 24 de março de 1699, que inaugurou o santo em defensor do Oriente, não faz menção d'esta medalha, nem d'ella temos achado noticia.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio



Uma paizagem de Cintra — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Não ha carme de poeta nem tela de pintor que não tenha reproduzido, com inspiração e deleite, as bellezas naturaes da encantada Cintra, o promontorio da Lua, o jardim das Hespanhas, a moirisca pousada estiva dos reis agarenos de Lisboa.

Camões e Cintra — o poeta e a poesia, a natureza e a arte — quasi que são os dois unicos indicativos da existencia de Portugal para os estrangeiros que raro nos citam hoje, quando ha tres seculos nenhuma outra nação enchia tanto o mundo com o seu nome, entoado pelas cem tubas da fama, pregoeira dos descobrimentos, conquistas, commercio e navegação dos portuguezes.

Certo que são, Camões e Cintra, duas grandes dadivas do Creador a este bem prendado e mal fadado reino de Portugal; mas sobram-lhe, para citar e louvar, outros homens e outras paizagens, que só por elle estar n'este canto do mundo, lhe não chegam cá os rasgos da penna nem os toques do pincel estrangeiro.

Os proprios nacionaes adoecem d'esta enfermidade; tambem elles tem parecido estranhos a muitos homens celebres, a muitas bellezas naturaes, a muitos monumentos artisticos, a muitas grandezas de Portugal, que hão de eternisal-o na memoria dos homens, e fazer com que o não possam riscar do mappa das nações.

Não tem, comtudo, os modernos sido tão descuidosos como os antigos, porque na pintura, na gravura e na lithographia, hão sido nos ultimos annos reproduzidas muitas bellezas naturaes e monumentaes de Portugal.

O nosso jornal tem feito d'ellas o principal peculio das suas gravuras, e de Cintra tem já publicado algumas paizagens em ambos os volumes antecedentes.

A que hoje apresentâmos foi tirada do ponto de vista tomado do sul da serra, onde se está construindo a « villa Estephania. »

Esta nova povoação, que tanto realce póde dar á villa velha dos moiros, esta apenas planeada, e posto que se achem já alli construidos vinte e tantos predios, com seus accessorios, sómente uns dez estão promptos para habitar. Os estorvos que tem havido para a continuação do caminho de ferro de Lisboa a Cintra, cuja estação nos dizem será ás portas da « villa Estephania », tem feito com que as obras estejam paradas ha muito tempo.

O sr. Lucotte, emprehendedor bem conhecido, mas nem sempre bem succedido, comprou n'aquelle local perto de 130:000 metros de terreno, que é unicamente a área actual da projectada « villa Estephania »; poz-lhe umas tres mil arvores de sombra, e commetteu o plano e construcção das edificações a um mr. Colson, architecto francez, que esteve alguns annos em Lisboa a comer uma libra por dia, paga pelo thesoiro publico, não sabemos com que auctorisação! Ouvimos que as construcções, apesar da sua elegancia externa, accusam a impericia do architecto, sobre tudo em relação á escolha dos materiaes.

No plano da edificação da nova villa comprehende-se um *cassino* ou *club* para bailes e concertos; sala e amphitheatro para espectaculos scenicos. Mais uma grande hospedaria, e fonte publica n'uma lameda de arvores transportadas pelo novo systema, que pega nas de vinte ou trinta annos, e as leva para onde se quer.

O primitivo emprezario, não tendo cabedaes para continuar a edificação, formou uma companhia denominada « Estephaniense », a qual por meio de acções havia de ministrar o capital necessario para ultimação da obra. Varios capitalistas e outros cavalheiros dedicados a similhantes emprezas subscreveram para esta companhia, a que tambem prestára o seu apoio el-rei D. Fernando, o melhor patrono que a alterosa Cintra podia encontrar, depois de ser tão querida de D. João I, de D. Manuel, de D. Sebastião e de D. João de Castro.

Dependia porém a approvação dos estatutos da definitiva constituição da empreza do caminho de ferro de Cintra, o que até agora se não tem realisado. Consta, porém, officialmente, que o emprezario Lucotte trespassára a uma companhia belga, de gente abonada, a empreza das docas e bairro maritimo da margem norte do Tejo. Se assim é, teremos o novo bairro marginal, carril de ferro para Cintra, e continuada a « villa Estephania. »

A paizagem que hoje apresentâmos, copiou-a no seu album o nosso incançavel desenhador o sr. Nogueira da Silva, n'um passeio que ultimamente fez áquelle admiravel panorama de verdura e alcantis. O ponto de vista é novo; e sobre tudo está escolhido com arte, e com aquella melancolia poetica que tanto caracterisa o nosso talentoso collaborador.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 162)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

Entremos agora, como dizia o poeta na sua carta, pela dita casa de Santa Isabel, e pela sua porta principal.

No vestibulo nunca chegaram a collocar-se bancos ou cadeiras. A porta que diz para a escada tinha dois batentes, girava para ambos os lados, e nunca ficou á vontade de Garrett, apesar dos esforços reunidos de dois armadores, dois carpinteiros, do Gonçalves e meus! Esta porta tinha ao meio dois oculos, e por cima d'elles as iniciaes A. G. em metal dourado, e sobre ellas o timbre das armas do visconde com a sua divisa — *Semper fixa*.

Seguia-se a escada que tinha dois lanços, e na volta um candieiro de gaz. Este candieiro tambem não agradava ao caprichoso inquilino; collocaram-se por differentes vezes uns tres ou quatro, mas nenhum mereceu as honras de uma escolha definitiva. O agente da companhia manifestou n'essa occasião uma paciencia digna de altos louvores, mas não conseguiu satisfazer o exigente poeta.

O chão de pedra, entre a porta e a escada, bem como o alizar, eram pintados de branco. As paredes da escada estucadas, e a madeira das portas e corrimão pintadas a mogno. Os degraus eram pintados e envernisados imitando oleado; ao meio corria um tapete, que se estendia do vestibulo até á porta da sala de espera, apertado em cada degrau com braçadeiras de metal doirado.

No cimo da escada havia uma porta na frente e duas lateraes. Aquella dava entrada para a saleta, e estas para dois corredores. A saleta, ou sala de espera, é pequena e quadrilonga, tendo ao fundo uma janella para a rua, onde se havia posto um transparente pintado, e cortinas de cassa bordada. A sua mobilia eram quatro cadeiras de mogno com estofos de marroquim, e duas banquinhas de jogo. Era atapetada com tapete de lã, carmezim, verde e preto. Sobre o tapete duas passadeiras de hollanda crua postas em cruz. Paredes e tecto de estuque branco, uma porta á direita communica da saleta para a sala, e outra á esquerda para o escriptorio. Entremos por esta ultima. O escriptorio é uma casa de tamanho regular, quadrada, tendo além da porta por onde entrámos, duas janellas sobre a rua, e duas portas que lhe correspondem, sendo a primeira para um corredor que vae dar á cozinha, e a segunda para o quarto da cama. As paredes são estucadas em verde, e o tecto estucado de branco, tendo ao centro um florão entre arabescos, d'onde pendia um gancho de metal para lustre. As portas não tinham reposteiros; nas janellas cortinas verdes de lã com galerias de jacarandá, e transparentes brancos. O tapete irmão do da saleta.

Entre as duas portas (do corredor e quarto de cama) estava collocada a banca grande de escrever, bofete magnifico, de quatro pés, com travessas em cruz. Sobre esta banca, e ainda na rua do Salitre, foram revistas as *Folhas Cahidas*, e começado o romance não concluido, *Helena*. Tambem sobre ella se emendaram, para se imprimirem, os ultimos discursos parlamentares do grande poeta. Alli se tinham tomado os apontamentos que serviram de base, na tribuna, a esses derradeiros monumentos de eloquencia que arrebataram o auditorio que os ouviu na camara dos pares.

A antiga mesa de trabalho fôra transformada em outro movel antes da mudança.

Ao lado da banca de escrever estava a cadeira, que o poeta chamava *abbacial*. Era um movel gigantesco, magestoso e elegante. Havia pertencido ao Dom abbade de S. Bento, mas não conservava exactamente as fórmas primitivas. Garrett havia comprado parte do côro da egreja que se converteu em parlamento, e d'essa madeira, que era pau santo, tinha mandado fazer a maior parte da sua mobilia. Na mesma occasião parece que arrematou a cadeira abbacial, aproveitando-lhe os pés e braços, que formavam dois magnificos dragões, e mandado fazer umas costas novas do mesmo estilo. A cadeira não tinha menos de 1 m. 50 c. do chão ao ultimo ornamento do espaldar, e cabiam n'ella duas pessoas sentadas. Era estofada e forrada de damasco de seda carmezim, e considerada mais como objecto de luxo, que de utilidade.

Entre a banca e a parede estava um tamborete coberto de coiro lavrado em gomos, tendo cada gomo sua côr differente. Aos lados da mesa desciam dois cordões de campainha. Na parede fronteira estava collocado um fogão de ferro, e por cima um relogio pendurado. Ao fundo, em frente da porta de entrada, duas grandes estantes de pau santo cobriam a parede. Aos lados da porta ficavam outras duas de menores dimensões. Estas haviam sido feitas em casa, com restos d'aquella madeira, e sómente as columnas são de pau santo; as taboas e regoas, são de pinho, e o poeta conseguiu com uma infusão preparada por elle, dar-lhe a côr que imita a do jacarandá. Do meio corpo para baixo tem estas estantes uma especie de gavetas feitas de cartões forrados de papel de raiz, com ferragens de metal bronzeado, e n'ellas estavam todos os papeis e manuscriptos do nosso poeta.

As duas maiores, obra de mais apurada marcenaria, de estilo severo, em que, comtudo, se tratou mais da grandeza e commodidade que da verdadeira elegancia, foram mandadas fazer pelo fallecido duque de Palmella para offerecer a Garrett quando este escreveu aquella admiravel biographia da fallecida duqueza.

O velho duque, mais principe do que alguns reis, era admirador sincero do poeta e das suas obras. Tenho á vista algumas cartas nas quaes falla com

enthusiasmo do auctor de *D. Branca*. Tão differente era este de outro a quem um estrangeiro de distincção fazia um comprimento por ser compatriota de Garrett, respondendo de um modo tão indigno de si e da sua alta posição, que indignou a quantos o ouviram! E o que assim o deprimia devia-lhe não poucos serviços! Mas o duque de Palmella, que não era ingrato, nem pedante, escrevia amiudadas vezes ao grande poeta para que fosse jantar com elle ao Lumiar, e fez-lhe sempre muitos mimos. As duas estantes não foram paga da biographia da duqueza, mas sim uma lembrança do illustre diplomata ao poeta que lhe era tão querido.

Todas as quatro estantes estavam alfabeticamente numeradas. As duas ao pé das janellas A e B continham: litteratura, poesia, e miscellaneas. C e D, as duas ao pé das portas: direito, historia, e sciencias moraes. N'estas divisões arbitrarias, feitas por elle, comprehendiam-se, sob o titulo de miscellaneas, todas as outras especies bibliographicas não designadas.

A sua livraria não era grande, nem tão pouco notavel em livros muito valiosos. Uma primeira edição dos *Lusiadas* de Camões, um livro de orações que pertenceu á rainha D. Catharina, e mais duas ou tres obras das que hoje se consideram raras, compunham toda a sua riqueza. Tinha alguns auctores gregos e latinos em boas edições, varias collecções hespanholas, poucos poetas portuguezes e, em geral, livros que, sem ser tidos na conta de raros, são estimados sempre.

Garrett já não comprava livros; havia annos que eu lhe fornecia obras para as suas leituras favoritas (theatro e viagens) e lhe dava as noticias que podia obter sobre qualquer livro que se publicava. O ultimo livro que elle me pediu para ler, e que não pôde já concluir, por adoecer quando o estava lendo, foi um volume da collecção de *Voyages autour du Monde*, edição de folio, com gravuras, publicada por Alberto de Montémont. As viagens do capitão Cook, que vem n'este tomo, deleitavam-n'o muito, e dizia elle que lhe traziam á memoria a sua alegre e esperançosa mocidade, porque as tinha lido a primeira vez quando andava a estudar na universidade.

Voltemos ao escriptorio.

Completavam a mobilia d'esta casa duas cadeiras genovezas, pretas, uma banquinha ao pé da porta do corredor, e um *guarda-lume*, em frente do fogão, n'uma moldura de pau santo, pé de ferro, com um quadro bordado a lã, representando um calabrez com uma criança ao collo.

Entremos na alcova onde morreu o poeta. É um quarto que recebe quasi toda a luz do escriptorio, porque não tem janella. Uma pequena fresta que deita para o quintal da sr.ª condessa das Antas, e cujo tamanho foi limitado por esta senhora, com incrivel severidade, deixa entrar o ar livre com a mesma parcimonia com que entra a luz. Ao fundo do quarto, no recanto mais escuro, ha uma pequena porta para o retrete e corredor particular, que se tinha occultado com o papel com que se forraram as paredes do quarto. Este papel era lindo, mas brilhava pouco pelas más condições da casa onde fôra posto. Foi escolhido pelo Gonçalves e por mim, e remettido entre outros para Belem á approvação do poeta. Mas as suas resoluções em materias de gosto não se tomavam levemente. Parece que foram consultadas as banhistas mais acreditadas pela sua elegancia e descernimento na escolha e harmonia das côres; mas pelo periodo de uma carta que tenho á vista os votos foram todos concordes.

Diz a carta de Garrett:

«Decididamente e sem hesitar, o melhor e o que escolho é um dos dois que tem o mesmo desenho de festões de rosas, um de fundo verde, outro côr de canna, mas ambos identicos em tudo o mais. Mas entre os dois hesito, porém, porque minha filha vota pelo de fundo verde, e outras senhoras que aqui estão votam pelo fundo côr de canna. Eu voto por ambos; e deixo ao meu amigo o decidir *sur les lieux* e vendo o effeito que um e outro faz no quarto.»

Decidiu-se que ficasse o de fundo verde com festões de rosas, mas depois conhecemos que o de fundo côr de canna devia produzir melhor effeito, por ser o quarto pouco alegre.

O tecto era estucado de branco; o chão atapetado. A alcova é quasi quadrada. A cama do poeta, de estilo *sebastianista*, tinha a cabeceira encostada á parede da fresta, isto é: voltada para o nordeste. Não se lhe tinham posto, como elle dizia na sua carta, cortinas de chita, porque eu e o Gonçalves ousámos pronunciar-nos abertamente contra isso. Foi a primeira vez que o achámos em falta n'este capitulo, em que era tão meticuloso; e eu, seu aprendiz na materia, tive a audacia de lhe dizer que se visse na sua cama a coberta e a armação de chita, supporia que era o leito nupcial do seu cocheiro. Esta comparação trouxe-o ao bom caminho, e a cama recebeu uma modesta armação de cassa branca, e uma colcha bordada por coberta. De cada um dos lados da cabeceira havia uma banquinha de páo santo, e sobre ellas desciam dois grossos cordões de campainhas ornados com borlas verdes. Entrando no quarto, ao lado esquerdo, havia um contador com gavetas grandes para roupa. Sobre elle estavam duas caixas inglezas magnificas, uma com todos os objectos de uso necessario para homem; a outra contendo uma correspondencia volumosa [1]; flores seccas de diversas epochas, um retrato de Garrett feito em cobre, e varias reliquias de familia.

Depois d'este primeiro movel estava a porta para o retrete, já na outra parede; logo adiante, outro contador ainda melhor do que o primeiro, mais alto, e com mais ricos lavores. Este ficava aos pés da cama, e tinha por cima, presa á parede, a bella imagem de Christo, de que já fallei, que reunia á sua admiravel belleza, o ter pertencido á mãe do poeta. Aos lados do crucifixo estavam uma bacia, um jarro, uma palmatoria, uma estante de missal, e dois vasos pequenos, tudo de metal amarello (ou prata doirada?). Estes objectos, conservados por Garrett com grande veneração, haviam pertencido a seu tio o bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia; os dois pequenos vasos, já referidos, eram os mesmos que lhe serviam por occasião dos pontificaes.

Ao lado da cama estava uma grande poltrona coberta com estofo de lã, com fundo verde e grinaldas de rosas, imitando o papel de que estavam forradas as paredes.

N'este quarto, preparado com tanto empenho, n'aquella cama sebastianista restaurada com verdadeiro amor de artista, penou o grande poeta trinta e nove dias sem descanço! As paredes floridas, aquelle ar de campo que elle tanto amava, um certo perfume de mocidade que tanto o comprazia, e que elle affectava um pouco em tudo, não poderam prolongar uma existencia que seria sempre gloriosa para as lettras patrias. O seu destino foi inexoravel! Um homem que parecia, e pretendia, ser sempre moço, que no trajo, nos costumes e nos gostos pendia mais para o começo do que para o declinar da edade, morreu no meio de uma primavera pintada, entre falsa verdura e fingidas flores, fazendo, horas antes de morrer, projectos de trabalho, isto é, morreu cercado de todas as suas illusões de homem e de poeta! Morreu quasi como tinha vivido!

Entremos na sala.

[1] N'outra parte se dá noticia d'ella.

É uma casa quadrada com duas janellas sobre a rua, duas portas ao fundo, correspondendo ás janellas, das quaes uma diz para o corredor que váe á casa de jantar, e a outra para o quarto que devia pertencer á ex.ma filha do poeta. Outra porta, a meia parede, dava entrada da saleta para a sala. O tecto estucado de branco tinha ao centro um florão cercado de arabescos. O tapete era egual ao da saleta e escriptorio. Por causa d'elle, e por não ter ficado nunca posto em termos, escreveu Garrett algumas quatro cartas para que o Gonçalves ou eu fustigassemos o armador, e o obrigassemos a pôr o tapete como devia ser. Na ultima carta pedia pelo amor de Deus que o livrassem do indigno G.! O que e certo é que se não conseguiu nunca o que desejavamos, e que em alguns logares o estofo levantava-se muito em grossas rugas, e estava todo mal pregado.

O papel das paredes tinha fundo branco e ramos de oiro. As janellas estavam armadas com cortinas de cassa branca bordada, tendo entre a cortina e a janella um *manteau* de damasco encarnado que descia até á altura dos parapeitos. Transparentes brancos.

Em frente da porta de entrada ficava o fogão, que era para lenha; tinha a frente de marmore branco, e era bronzeado por dentro. Não chegou a collocar-se por cima d'elle um espelho de Veneza que para isso se estava arranjando.

Aos lados do fogão dois cordões de campainhas com borlas carmezins. Entre o fogão e a janella um sofá em estilo da *renaissance*, coberto de damasco carmezim. Diante do sofá uma banquinha do mesmo estilo, com embutidos. Entre o fogão e a porta do quarto tres cadeiras tambem da *renaissance*, e com o mesmo estofo carmezim; em frente d'ellas uma banca feita de uma só táboa oblonga, com muitos arabescos e embutidos, tendo por pé uma grossa columna torneada em espiral.

No vão das duas portas uma banquinha de fórma caprichosa, com dois pés, compostos cada um d'elles de duas columnas e uma regoa com duas garras em baixo. Por cima d'esta banca uma *étagère* presa na parede.

No vão das janellas outra banquinha de feitio quasi similhante á que lhe ficava fronteira, e tambem com sua *étagère* por cima.

Esquecia-me dizer que ambas estas banquinhas tinham embutidos de marfim, ou madre-perola, e que todos os moveis de Garrett eram de páu santo, excepto os da casa de jantar.

Á entrada da sala, uma cadeira de espaldar de cada lado, ambas de estilo *sebastianista*, e forradas de damasco carmezim com franjas de seda.

Entre a porta de entrada e a do corredor um pequeno bufete, e sobre elle uma caixa quadrilonga, coberta de espelho por fóra e na tampa. Em cima tinha pintadas no vidro as armas do visconde com as cores naturaes, e a divisa por baixo.

Dentro d'este elegante cofre achavam-se todos os seus diplomas, titulos honorificos, cartas dos soberanos que o honraram com alguma distincção, etc. O nosso poeta possuia em subido grau o amor d'essas pequenas bagatellas, com quanto affectasse por ellas uma grande indifferença. A carta que lhe dirigiu o sultão, com as insignias do Niekan Iftehar estava n'este cofre, guardado em um saquinho de setim branco.

Nos dois cantos do fundo da sala havia duas columnas torneadas em espiral, com uma jarra de porcelana em cima de cada uma. N'estas jarras estavam dois magnificos ramos de pennas, que o meu velho amigo Agostinho José d'Almeida me tinha mandado da America para eu dar ao poeta. As outras columnas que deviam corresponder a estas, foram retiradas a meu pedido e do Gonçalves, por se assimilharem muito a dois tocheiros de igreja.

Sobre a pedra do fogão brilhavam duas formosissimas serpentinas de jaspe e metal prateado.

Elegantes placas japonezas, para dois e tres lumes, serviam ás paredes de rico enfeite.

Garrett possuia muito poucas pinturas, e d'essas nenhum quadro tinha ainda collocado.

No meio da sala havia um *fauteuil*, estofado e coberto de lã de ramagens, a que o poeta dava o nome de *cadeira de occasião*, porque se destinava a rodar para todos os lados onde fosse necessaria.

(Continúa) F. GOMES DE AMORIM

RASPAIL

Ha nomes tão populares, não só no proprio como nos alheios paizes, que a ninguem é dado ignorar em que se estriba a fama que os pregôa.

O nome de Raspail é um d'estes.

Francez por nascimento, é hoje cidadão de todo o mundo, porque na maxima parte das linguas cultas se acha traduzida a obra que lhe grangeou nomeada entre os povos, o «Manual da Saude»; e porque em todas as nações ha sectarios do seu novo systema de tratamento das molestias, exposto no referido manual, e, n'outras obras menos vulgares, por se referirem ás altas questões da medicina e sciencias accessorias.

Em Raspail ha duas individualidades, e ambas tem concorrido para a sua celebridade — a politica e a scientifica. Trataremos unicamente d'esta, não só porque aquell'outra é defesa ao nosso jornal, mas porque como sabio e amigo da humanidade é que o vamos dar a conhecer aos leitores, pelo retrato que apresentâmos, e pela sua biographia, compilada das muitas que d'elle tem escripto amigos e inimigos.

Importa, porém, declararmos antes de tudo, que, estranhos á arte de curar, posto se diga que de medico e de louco todos temos um pouco, não tratâmos aqui de contestar ou defender o systema medicativo d'este celebre chimico.

A medicina, como a politica, tem tido muitos revolucionarios e poucos reformadores. Raspail é revolucionario ou reformador da medicina?

Não o decidirá, de certo, a inveja, a rivalidade dos contemporaneos.

Mas, ainda que o não decida, devemos todos respeitar o homem que com tanto talento, sciencia e paciencia, contribue para o «disederatum» de tantos seculos, a certeza medica.

Dissertando sobre este ponto, disse um auctor insuspeito, porque é lente de medicina allopatica, o dr. Thomaz de Carvalho, no discurso de abertura das aulas no anno lectivo de 1851:

«Não será, pois, nem o anatomismo nem o vitalismo, nem espiritualistas nem materialistas, que nos hão de definir o caracter da medicina actual; ha de ser o respeito por todos os elementos da sciencia, a conciliação de todas as verdades n'um ponto de vista mais comprehensivo, que as desenvolva, explique, concentre e determine. D'esta harmonia resultará a unidade, e será n'ella que havemos de encontrar o verdadeiro *criterium* da certeza medica.»

Deixemos pois o debate de tantos systemas de medicina, hoje em lucta viva, aos homens de sciencia; e façamos o resumo da vida e obras do auctor do «Manual da Saude».

Francisco Vicente Raspail nasceu em Carpentras (Vaucluse) a 29 de janeiro de 1794.

Foi o terceiro filho de uma familia pobre e realista, que ficou miseravel de todo com a revolução de 1792. Um ecclesiastico de grande saber e virtude, o padre Eysseric, o tomou á sua conta, ensinou-lhe os primeiros elementos, e o metteu depois no seminario de Avinhão. Taes progressos fez dentro em pouco tempo, que, quando tinha apenas 16 annos, foi encarregado de reger a cadeira de philosophia, e em 1812 era lente de theologia no mesmo seminario.

Aqui foi elle professor de quinze ou vinte bispos, arcebispos e cardeaes, entrando n'este numero o actual prelado de Paris, mgr. Sibour.

Obteve, a rogos dos seus superiores, dispensa das ordens para prégar, visto não ter a idade canonica, e no pulpito maravilhou os que o ouviram.

Chegou a adquirir tal fama, que o imperador Bonaparte, ouvindo fallar de um sermão notavel que Raspail prégára no anniversario da batalha de Austerlitz, pediu que lhe mandassem o manuscripto. Raspail, que tinha prégado de improviso, escreveu-o mesmo na mesa da sacristia onde recebeu a ordem do imperador. Este, depois de o ler, remetteu-o ao prefeito de Vaucluse com esta nota do seu punho.

« Proteja-se este rapaz, que ha de ir muito longe. »

A prophecia realisou-se!

Não querendo, porém, tomar ordens, saíu d'aquelle instituto, e contentou-se com o modesto logar de prefeito no collegio da sua cidade natal.

Durante a guerra civil, Raspail exhortou sempre os seus concidadãos para se reconciliarem e defenderem a patria ameaçada; e em quanto os patriotas eram obrigados a refugiar-se nas montanhas, Raspail com seus dois irmãos mais velhos affrontou sempre as iras do partido realista, até ao momento em que se restabeleceu a tranquillidade no meio-dia da França. Partiu então para Paris,



Raspail

aonde padeceu muitas necessidades, porque, conhecidas as suas opiniões republicanas, foi successivamente despedido dos collegios onde se ia offerecer como repetidor, vendo-se obrigado a dar lições particulares aos estudantes do bacharelado de lettras. Apesar de tão attribulada existencia, repartia elle o seu tempo cursando as aulas de direito, e tomando parte activa nos trabalhos das sociedades secretas da restauração. Concluindo o curso juridico, foi praticar no escriptorio de um advogado. Mas reconhecendo a falta de vocação que tinha para as tricas do fôro, deu-se inteiramente ao estudo das sciencias physicas, vivendo dos honorarios de explicador. N'este tempo casou-se com uma honesta costureira, muito feia, segundo dizem todos os biographos.

Finalmente em 1834 apresentou Raspail ao Instituto os seus primeiros trabalhos sobre a familia das gramineas, reduzindo a um terço as innumeraveis especies conhecidas, baseada esta sua classificação, não sobre os caracteres fugitivos do involucro, mas sobre os anatomicos e physiologicos. De 1824 a 1830 dedicou as suas numerosas investigações á botanica, á zoologia, á paleonthologia, á medicina legal, e sobre tudo á chimica e á anatomia microscopicas, publicando-as nos *Annaes das Sciencias Naturaes;* nas *Memorias do Museu;* nas *Memorias da Sociedade de Historia natural de Paris;* no *Repertorio geral de Anatomia;* e no *Boletim das Sciencias*, de *Férussac*, o qual boletim contém egualmente d'elle grande numero de notas originaes e analyses criticas. Em 1829 fundou, com o physico Saigey, os *Annaes das Sciencias de Observação*.

Em resultado de aturados e pacientes estudos, expulsou elle do dominio da sciencia uma multidão de materias organicas, mal estudadas, o que lhe suscitou a animosidade de muitos chimicos, e dos que lucram em multiplicar as especies na botanica; mas os sabios estrangeiros fizeram tanto caso dos seus descobrimentos, que um d'elles, não francez, mas italiano, dedicando-lhe uma obra, o denominou « creador da chimica organica. »

Pouco depois tentou Raspail introduzir no ensino publico as suas idéas democraticas, desencadeando-

se em diatribes contra as corporações scientificas, e contra a administração do estado, cuja reorganisação propunha. Foi então que os seus novos trabalhos scientificos foram recebidos por uns com silencio, por outros com detracção, e por muitos com insinuações malevolas.

(Continúa)

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 134)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

IX

AS DUAS PRIMAS

A filha do capitão-mór estava outra. Não a conhecêra seu pae, e menos os visinhos do solar, que d'ella se tinham despedido com tantas saudades.

As côres vivas haviam desapparecido, e com estas a tintura de rusticidade, e o perfume fragueiro, que lhe dava uns ares de familia com as rosas silvestres.

Tornára-se Ignez toda melindres e donaires, nos modos, nas fallas, no trajar, em tudo. Realçava-lhe um leve nacarado a pallidez alabastrina das faces. Quem a visse, reclinada entre brocados, mal poderia acreditar que esta creaturinha delicada, flexivel como o vime, amestrada na harmonia das attitudes e na graça ondulosa dos meneios, era a mesma que dois mezes antes galopava entre brenhas, á beira dos mais arremessados precipicios.

A narração de qualquer caso medianamente dramatico provocava-lhe umas exclamações de gentil sobresalto, que lhe iam a matar. No languido fulgor dos olhos adivinhava-se-lhe o reflexo de uma chamma interior. Em vez da petulancia innocente e dos alvoroços meio aldeãos, uma circunspecção reflexiva, que ás vezes se matizava de certa malicia senhoril.

Sob esta compostura, que a fazia tão differente, — ai! tão differente! — a intrepidez nativa era a mesma: affrontava só outros perigos, maiores, creio eu!

E como se effectuára tal mudança?

Incrivel é a celeridade com que as mulheres se transformam! Um homem póde viver annos no meio de uma sociedade sem lhe tomar a feição; a mulher emmolda-se n'ella com presteza maravilhosa. Tem-se visto individuos renitentes, que, favorecidos da fortuna, no fastigio da riqueza, e entre os esplendores nobiliarios, conservam inalteravel o typo chão e plebeu. A mulher aristocratisa-se logo, e confunde-se em breve com as mais afidalgadas e mimosas — salvo se já passou os quarenta, ou padece uma obésidade incuravel. Podem as acções desmentir o exterior e accusar a origem; mas, na apparencia, a metamorphose é tão completa como rapida. É uma faculdade especial, esta que ellas tem de se instaurarem damas, tanto do pé para a mão, que até mão e pé tem artes de transfigurar sem se saber como.

Estou que lhes vem com as galas a inspiração, se é que Deus, com fazel-as mais brandas de natural, não as preparou já para esta facil mutabilidade.

Na morgadinha, para a tornar senhora, das mais senhoras, era meio caminho a creação transmittida com as tradições de familia. Para o mais, deve-se dizer a verdade, estava em boa eschola!

O general Junot, em parte com idéas politicas, em parte tambem pela sabida tendencia do genio francez, tratára de promover por todos os modos uma nova e aprazivel convivencia. Era um expediente para attrahir, e para exercer propaganda, extremamente adaptado ao espirito da sua nação; era tambem um modo de mostrar fé na sua situação e de communical-a; era finalmente uma diversão aos muitos cuidados e inquietações que lhe enfadavam e entristeciam os officiaes.

No seu quartel, em casa do barão de Quintella, dera o exemplo, que pouco lhe custava; e se não foi mais feliz na tentativa, não se lhe póde attribuir a falta de diligencia.

A sombria desconfiança do geral da população via com maus olhos estes folguedos. Para o povo, que se não illude tão facilmente como se pensa, a patria estava de lucto. Nas familias principaes, o recato austero da velha e sã educação portugueza era um grande obstaculo aos intuitos do general governador, e o odio, que se acerava com os estimulos do patriotismo, um contra ainda maior.

O exemplo foi portanto pouco efficaz.

Entretanto, o amor da novidade seduziu alguns, e principalmente algumas. A mulher do desembargador foi d'estas.

A situação dubia do precatado jurisconsulto não podia prolongar-se indefinidamente. Cumpria, ou resignar as suas funcções, ou seguir a causa do novo governo. Sondou elle o terreno, e presentiu que não estava seguro; mas alongou os olhos a um lado, e viu um soberano que tinha por sceptro uma espada até então triumphante, alongou-os a outro lado, e viu um monarcha fugitivo.

Podia lá vacillar!

O desembargador tinha por principio inalteravel achar razão ao vencedor, fosse quem fosse. Se algum dia a fortuna, como inconstante, retirasse a este os favores, esperava elle mudar a tempo com ella.

Para que lhe servia a sua perspicacia e solercia?

Entrementes, sería grande simpleza esperdiçar tão azada occasião para auferir acrescentamentos, como é a de um poder que procura onde se firme. Mettendo-se em casa, não passaria certamente a desembargador do paço, e quem poderia saber a que mais!

Não se perdeu o molde a esta santa gente, que se conforma com todas as politicas, aprende o ritual de todos os cultos, sabe marear por todos os rumos, e passa a vida em adoração diante de todos os astros — dos astros que surgem, bem entendido. Cuido até que tem medrado prodigiosamente essa gente, e váe multiplicando que nem o esgalracho nos milharaes. Se é raça tão fecunda e prolifica!

E dizem que nos esterilisâmos! É ver como isto propaga... mesmo sem cultura!

Mas vamos ao caso. O grave jurisconsulto, instado da necessidade e convidado da esperança, saiu em fim da concha, como diz o vulgo. Como bom cortezão e palaciano seguiu a corrente. Começou a apparecer nas festas, nas que havia, e em poucos dias, com o poderoso auxilio da esposa ladina, tornou-se indispensavel n'ellas. Estava no caminho da fortuna!

D. Maria sabia um pouco de francez, prenda rara então, e ainda mais n'uma senhora. Esta circunstancia, e a sua incontestavel agudeza, fizeram com que, nas raras salas frequentadas, por vezes chegasse a rivalisar com algumas damas de superior jerarchia, então consideradas o melhor ornamento d'esta improvisa corte de soldados, que tantas innovações traziam aos costumes.

A morgadinha passou tambem da roda familiar, ou dos circulos intimos, como hoje se diz, áquellas reuniões, agitadas da ruidosa expansibilidade gauleza.

A primeira impressão foi de um surprehendimento quasi doloroso. Era tudo isto tão novo para ella, destoava tanto dos seus usos, surgia-lhe tão avêsso ás idéas em que se embalára, e ás coisas até então mais da sua intimidade, que nos primeiros dias inclinava-se a pôr em duvida se vivia ou sonhava.

Pintavam-se-lhe as estranhezas assustadas no movimento sobresaltado d'uma timidez assomadiça. Com-

parava-se com as outras donzellas, e tinha pejo de si. Olhava para aquelle esplendido bulicio, e tinha medo do que via. Hesitava entre um oppressivo receio, uma invencivel curiosidade, e um desejo indefinido. Queria sem saber o que, aspirava sem saber a que, tremia sem saber de que.

Por vezes, fugindo com a vista aos cristaes dos lustres, que a cegavam, e aos espelhos dourados, que tanto lhe apoucavam as maiores magnificencias da casa paterna, fechava os olhos para mentalmente rever do eirado de Val-de-mil o formoso raio da lua, que em noites de agosto coava por entre os soutos, e estampava no chão as ramadas tremulas dos castanheiros.

Vinham-lhe á lembrança todas as imagens conhecidas e amadas — a ermidinha branca, meio sumida entre lapas negras, na coroa penhascosa da serra, como um ninho de pomba acautelado das tempestades; a veia susurrante da ribeira; os pomares rescendentes; as encostas floridas; os cantos rudes dos aldeãos ao pôr do sol, e sobre tudo o desvelo, ao mesmo passo protector e respeitoso, de toda aquella gente simples e amoravel, para quem representava a senhora e a primeira, ella, que alli era a inutil e a ultima.

Parecia-lhe então respirar as emanações balsamicas da montanha, e com estas recordações da bucolica nativa entrava-lhe fundo no coração uma saudade temperada de orgulho — a salutar saudade, o orgulho providencial, que arranca ainda hoje á voragem d'estas Babylonias chamadas capitaes, o candido provinciano que não vem achacado da monomania politica.

A morgadinha, porém, era mulher e formosa. O mesmo viço agreste que então dava á sua belleza um caracter especial, lhe attrahiu admiradores. Soube-se-lhe a preeminente qualidade de herdeira e unica. Não lhe faltou o acolhimento, o louvor, até o applauso. Houve logo almas caridosas que se encarregaram de lhe explicar e demonstrar, como poderia tomar um logar invejado no meio d'aquellas triumphaes cohortes femininas, que a principio lhe pareciam inaccessiveis.

Que espirito feminil resistiria á irritante perspectiva do triumpho, no meio das rivalidades, e depois das humilhações?

Antes de ouvir o côro dos aduladores víra o sorriso das desdenhosas. Aquelle incentivo podéra talvez ser indifferente; a este estimulo, não.

Nunca mais fechou os olhos, portanto. Pelo contrario: cada dia os ía abrindo mais.

E quanto mais os abria, mais se apagava a saudade do lar, mais se alongavam as imagens dos annos serenos, e dos suaves affectos.

Uma noite, era a segunda d'estas festas, voltavam ambas de casa de não sei que titular, onde o general governador estivera em pessoa com todo o seu estado maior, e onde a mulher do desembargador fôra muito cortejada pelos officiaes francezes.

Antes de se despedirem, Ignez disse desembaraçadamente para D. Maria:

— Queria pedir-lhe um favor, minha prima.

— Diga, menina. Naturalmente ha de ser coisa possivel.

— Muito possivel.

— Vem a ser?...

— Vem a ser... que desejo aprender o francez.

D. Maria fitou-a. Percebeu em continente o que similhante pedido queria dizer, e mediu com susto a força de resolução, que havia na manifestação de tal desejo, da parte de uma menina recem-chegada do fundo da sua provincia.

Hoje em dia, o desejo e o pedido seriam coisas triviaes.

Então, no caso de Ignez, com a sua educação, com os sentimentos de seu pae, com o papel que os francezes estavam representando em Portugal, era uma verdadeira ousadia. Apesar de toda a sua timidez, apesar de todo o recato da criação austera, a donzellinha calculára a valia de similhante prenda na conjunctura em que se achava, e nenhuma consideração a tolhêra. Qual da corte o faria melhor?

A mulher do desembargador perguntou a si mesma, se, julgando encarregar-se de uma pupilla docil, commodo instrumento e auxiliar da sua fortuna, não teria inadvertidamente suscitado por suas mãos um antagonismo perigoso. A isso não se sujeitava ella.

Resolveu portanto precatar-se; e, para começar, tentou responder evasivamente á sollicitação inesperada da priminha.

— Quer aprender o francez! Pensou bem?

— Pensei que não podia ser coisa ruim... pois que a prima o falla.

Veja-se como o aguilhão do amor-proprio faz andar depressa, e como n'uma esphera de competimentos se dilatam as vontades!

A observação atilada e a prompta resposta vinham de uma menina, que pouco havia nem ousava levantar os olhos diante de seu pae!

É que então ignorava ainda. Feliz ignorancia!

Em Val-de-mil nunca ninguem lhe tinha dito: — « as mulheres tem um imperio! » Recentemente lh'o haviam descoberto. E ella julgava vêl-o, a inexperiente. Isso lhe dava todo este animo.

Depois, sua prima era bem outra coisa que seu pae. Entre damas sería facil a intelligencia das coisas do mundo. Haviam de entender-se. E entendiam-se com effeito. Pois não se vê como se entendiam?

D. Maria, sagaz e pratica, leu por dentro a morgada, e viu cada vez mais evidente a necessidade de lhe ter mão.

N'este intuito replicou:

— Ha muita coisa que uma senhora casada póde saber, e uma menina deve ignorar.

— Pois as linguas...

— Por que não?

— Então a prima aprendeu o francez... depois de casada?

A mulher do desembargador fez-se branca. A frecha satyrica da provinciana aprendiz acertára em cheio no alvo — muito mais em cheio do que esta mesma queria e pensava.

D. Maria, porém, avezada aos lances mais arduos, disfarçou, e proseguiu com uma doçura de mau agouro:

— Seu pae deixou-a entregue aos cuidados da minha experiencia. Sou eu, na ausencia d'elle, unica juiza de que á sua educação convem.

Ignez calou-se. A réplica da prima refazia-a criança, quando tão senhora principiava a sentir-se.

Dissimularam ambas com aquelle innato e prodigioso instincto, que faz da mulher o mais temeroso enigma da creação. Quem as visse, julgára-as de certo duas amigas intimas, quasi duas irmãs.

Não passou d'aqui o dialogo. Separaram-se com a usual cordialidade para se retirarem aos seus quartos. Parecia até maior o extremo de parte a parte.

Nenhuma d'ellas todavia se enganava, nem enganava a outra. Tinham-se mutuamente adivinhado.

N'aquella occurrencia, apparentemente insignificante, occultava-se uma peripecia altamente dramatica. Por baixo dos sorrisos affaveis ardia a aversão implacavel de duas vaidades femineas contrapostas — a paixão mais ferina da humanidade!

Cada uma d'ellas entrára na arêna com armas diversas; mas as vantagens neutralisavam-se. D. Maria tinha por si a auctoridade da posição, a multiplicidade das relações, o uso do mundo, e a facul-

dade de dirigir. Ignez tinha em seu favor a edade, o frescor da belleza, e a esperança do morgado, uma das suas principaes seducções. Se D. Maria era um apoio, Ignez era uma promessa. Se a primeira era um astro, a segunda era uma aurora. D. Maria com a tutela, e com superioridade das prendas, equilibrava a declinação dos encantos; Ignez remia a inferioridade da dependencia com o prospecto da juventude.

Para haver paz entre ambas, com a indole da primeira e as inclinações nascentes da segunda, era necessario conservar inalteravel este prumo, tão difficil de manter, que se tornava quasi impossivel.

Procurando adquirir o que lhe faltava para dar nos olhos, a morgadinha annunciára imprudentemente um proposito seu, que feria a um tempo os desvanecimentos e as ambições da boa da prima. Não podia, pois, haver já boa harmonia.

Sem embargo abraçaram-se com uma effusão de amabilidade, que parecia levar o coração. Na mulher do desembargador não admirava a perfeição em todas estas artes; era consummada n'ellas. Mas a donzellinha, no verdor dos annos, e com tão pouco trato da vida, quem a tinha instruido a tal ponto?

Indague-o o leitor nos exemplos analogos, que terá diariamente diante de si.

— Boas noites, menina, — disse D. Maria assucarando os modos e dobrando as caricias. — Não me quer mal pela negativa?

— Por que havia de querer mal, prima? É de certo para meu bem.

— Isso é. Conforma-se?

— Conformo.

— Custa-lhe, vê-se.

— Não custa. Aprenderei outras coisas... Preciso aprender muito.

— N'essas disposições a quero. Fallaremos... fallaremos ámanhã. É tarde... quasi duas horas. Boas noites!

E deu-lhe um beijo, que a morgada retribuiu com toda a candura de um perfeito carinho.

Um beijo aquillo! Pensam que era um beijo? Era uma declaração de guerra.

Rompiam-se as hostilidades!

MENDES LEAL JUNIOR

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Sendo o verbo a palavra por excellencia, e a parte mais importante da oração, é indispensavel que elle se empregue, rigorosamente, com as suas determinadas variações de modos, tempos, numeros, e pessoas, taes quaes prescrevem as regras da grammatica.

Quem faltar a esta observancia, não só commetterá solecismos indesculpaveis, mas causará ambiguidades e confusão no que disser ou escrever.

Um dos muitos solecismos que hoje em dia andam arreigados na lingua portugueza, é usarse, na falla, na escripta e na imprensa, da terceira pessoa singular do presente do indicativo nos verbos *trazer*, *dizer*, *fazer*, *traduzir*, *conduzir*, e seus compostos, para designar a segunda pessoa do imperativo.

Ponhamos alguns exemplos communissimos:

Traz-me d'alli os meus livros.
Diz a teu irmão que está despachado.
Faz bem aos pobres envergonhados.
Traduz este drama em boa linguagem.
Conduz esse menino á eschola.

Todas estas phrases são incorrectas, por conterem o solecismo de empregar o verbo no imperativo com a terminação ou desinencia que pertence ao indicativo.

Devem-se, pois, corregir os exemplos apontados d'este modo.

Traze-me d'alli os meus livros.
Dize a teu irmão que está despachado.
Faze bem aos pobres envergonhados.
Traduze este drama em boa linguagem.
Conduze esse menino á eschola.

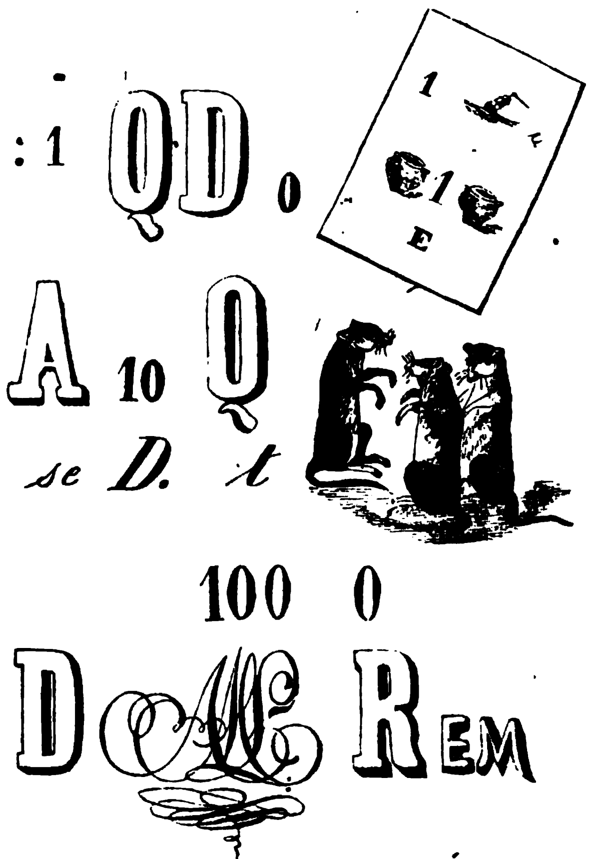
O não saber conjugar correctamente os verbos da propria lingua é um grande desaire; porém n'isto muitas vezes pecca-se, não por ignorancia, mas por desattenção. Pelos proverbios, que em regra são bom texto de analyse grammatical, e todos os sabem de cór, pouco mais ou menos, se podem tirar as duvidas que sobre estes pontos houver; e sería bom que os mestres, com a devida selecção, usassem dos adagios da lingua para tal fim.

Para corregir o solecismo que hoje apontâmos, temos os seguintes proverbios:

Faze bem, não cates a quem.
Faze mal, e espera outro tal.
Faze por ter, vir-te-hão ver.
Faze bem ao bom varão, que haverás galardão.
Faze pé atrás, que melhor saltarás.
Faze teu filho herdeiro, mas não o faças despenseiro.
Conduze-te pelos conselhos da prudencia.
Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens.

Como o estudo da grammatica nas escholas primarias, para não enfastiar, se deve fazer mais por exemplos que pelas regras, bom será que os mestres escolham para isso as orações quotidianas, a doutrina christã, e os proverbios da lingua.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio



Torre dos Clerigos no Porto — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Um dos brasões architectonicos da invicta cidade do Porto é sem duvida a torre da egreja dos Clerigos, não tanto pelas bellezas de construcção, como pela sua altura, que excede a 75 metros, o que lhe dá vantagem sobre os mais eminentes campanarios da Europa.

Da egreja a que esta bella e alterosa torre pertence, daremos hoje noticia, tal qual nol-a remetteu obsequiosamente o sr. A. M. Leorne, antigo auxiliar e collaborador do *Archivo Pittoresco*, cuja dedicação a prol dos melhoramentos e civilisação da nossa commum patria, é digna do honroso testimunho que aos seus esforços, modestos, sem publicidade nem ostentação, lhe prestâmos aqui.

A estampa que hoje damos, é unicamente da torre. A da egreja irá em outro numero. Apresentâmol-as separadas, para melhor se gozar o effeito de cada um d'estes monumentos, que todavia contam apenas um seculo.

Eis o que nos diz o sr. Leorne.

« A egreja dos Clerigos foi começada em 1732 por uma resolução tomada em 31 de março de 1731,

pelas tres confrarias reunidas de Nossa Senhora da Assumpção, S. Pedro ad Vincula, e S. Filippe Nery. Foi construida no alto da calçada da Natividade, hoje rua dos Clerigos, entre o adro das Oliveiras e muro do recolhimento do Anjo [1], sendo lançada a primeira pedra, com pomposa solemnidade, no dia 2 de julho d'aquelle anno.

O templo, sagrado em 12 de setembro de 1779 pelo rev. D. fr. João Rafael de Mendonça, bispo d'esta cidade, é dedicado a Nossa Senhora d'Assumpção, padroeira, e foi erigido á custa do clero, como consta da inscripção latina, em tarja de pedra, collocada na porta collateral qué fica ao norte:

Hoc Mirum Assumptae, Quod Virginis Ara Tuetur,
Larga Manus Cleri Surgere Fecit Opus.
Ampla Deae Sedes, Petroque Atque Aucta Philippo,
Quidni Trigemino Numine Digna Foret?

A egreja propriamente dita tem 150 palmos de comprido, e 82 de largura. É isenta de jurisdicção parochial, tem lausperenne perpetuo em todos os sabbados, e um côro de vinte e tantos sacerdotes, que hoje estão reduzidos a oito, escolhidos entre os de bom procedimento, e approvados em cantochão, e ceremonias ecclesiasticas.

Uma respeitavel corporação ou irmandade de clerigos, em que eram admittidos alguns seculares dos mais benemeritos da cidade, administrava n'outro tempo o fundo necessario para a conservação de toda esta obra, e para as despezas que se faziam com um bem provido hospital para clerigos pobres, que ainda existe.

Tem sido irmãos d'esta irmandade grandes e respeitaveis prelados, e entre estes o cardeal D. Thomaz d'Almeida, primeiro patriarcha de Lisboa, e D. fr. José Maria d'Affonseca e Evora, 75.º bispo d'esta cidade.

Na capella mór está collocado o corpo de Santo Innocencio, martyr; e sobre o alto da tribuna, que é toda de marmore, e importou em mais de 50 mil cruzados, a imagem da padroeira.

A torre, a muito fallada e celebre torre dos Clerigos, é a parte mais notavel do edificio. Passa pela mais alta do reino, e a mais bem lavrada e segura entre as principaes da Europa, sendo comparada, com preferencia, pelo padre Agostinho Rebello a pag. 96 da *Descripção do Porto,* á de Bristol, Ultrecht, Hamburgo, e a outros famosos campanarios. Foi principiada em 13 de dezembro de 1753. É toda de cantaria lavrada, e tem dez sinos, pesando todos 544 arrobas e 13 arrateis, que custaram 5:208$425 rs., como consta do respectivo «*livro de despezas*» da confraria. Do mesmo livro consta que o sino maior pesa 177 arrobas 11 arrateis, e que fôra fundido a 10 de janeiro de 1781, pelas dez horas da noite.

Esta elegante torre, que se avista do mar a 8 legoas de distancia, e que serve de balisa ás embarcações que demandam a barra, é uma das mais notaveis construcções da cidade do Porto, fazendo grandissimo effeito pela eminente posição em que está edificada, o que faz com que seja vista de qualquer ponto da cidade.

Tem de altura, desde a base até ao assento da bola, 342 palmos, ou 75,^{m}24. Uma escada de pedra, em caracol, com 240 degraus, conduz pelo interior até ao ultimo campanario.

A vista da cidade, gozada d'este ponto em dia claro, ou quando faça bom luar, é de surprehendente e magnifico effeito, vendo a nossos pés dilatar-se a mimosa e laboriosa cidade, ostentândo, ufana, os seus grandes edificios, templos, praças e ruas, taes como o hospital da Misericordia, Academia, Relação, quartel da Torre da Marca, Bolsa, egrejas da Lapa, Trindade, Santo Ildefonso, Sé, Serra do Pilar, etc. Mais ao longe vêem-se todos os seus abundantes e pittorescos arrabaldes, o rio Douro, e no horisonte, ao oeste, o Oceano, que completa este magestoso quadro.

Em dias da passagem dos paquetes inglezes suspendem-se dois balões nas pontas de duas vergas collocadas aos lados, no alto da torre, para indicar que o paquete está á vista. É ainda n'esta torre que está collocada a meridiana. Tanto a egreja como a torre foram obra do architecto italiano Nicolau Nasoni, cujo retrato se acha na secretaria da irmandade, gastando-se trinta e um annos na edificação de toda esta fabrica, como consta da seguinte inscripção latina, esculpida no alto da torre, do lado do mar:

Ad primusque ad ultimum
lapidem templi tan aeque
turris Nicolao Nasoni construxit
ab. an. 1732. Complevitan
1763.

É muito para censurar o desleixo e incuria que tem havido em não preservar esta torre com pára-raios, pois que pela grande altura e ponto elevado em que está assente, acha-se exposta e sujeita aos golpes da centelha electrica, como por vezes já aconteceu.

Esta circunstancia não passou despercebida ao architecto italiano, e a razão é; que não podendo empregar o pára-raios material, porque n'aquelle tempo ainda Benjamim Franklin, com quanto já existisse, o não tinha inventado, empregou os espirituaes, por que collocou na ultima varanda da torre, do lado do sul, uma imagem de Santa Barbara, advogada contra os raios, feita de pedra toscamente trabalhada, é verdade, e esculpiu em latim, na frente que fica virada ao mar, a «*oração de Nossa Senhora*» ou *Magnificat,* que ainda se lê perfeita e distinctamente. Honra seja feita á sua memoria. »

Quando publicarmos o desenho da frontaria da egreja, acrescentaremos mais algumas particularidades ácerca d'este monumento.

RASPAIL

(Vid. pag. 159)

Em 1830 foi Raspail um dos combatentes da revolução de julho, e ficou ferido de uma bala na invasão do quartel da rua de Babylonia. Apesar de se haver recusado a prestar juramento a Luiz Filippe, como condecorado de julho, e de ser um dos chefes do partido republicano, o rei poz á sua disposição altos cargos, inclusivè o logar de conservador geral das collecções do museu, expressamente creado para elle. Não se combinando a este respeito com o celebre Cuvier, o qual se oppunha á reforma radical, escreveu Raspail uma carta rejeitando todos os cargos publicos, e reuniu-se á commissão de redacção dos *Amigos do Povo.* Eleito presidente d'esta associação, collaborou activamente no seu jornal, assim como nos numerosos escriptos da propaganda revolucionaria, que esta sociedade espalhava. Começou então contra elle uma serie de processos que lhe augmentaram a popularidade, mas que lhe acarretaram, com poucos intervallos, seis a sete annos de prisão!

Era tal a paixão e vehemencia com que elle proprio orava nos tribunaes em sua defesa, e tal a violencia das suas convicções republicanas, que um dia ousou dizer em plena audiencia: « É necessario en-

[1] Adro e recolhimento já não existem. O primeiro foi substituido por casas, e no local do segundo acha-se estabelecido o mercado publico, denominado o «mercado, ou praça do Anjo.»

terrar vivo nas ruinas das Tulherias o cidadão que pede á pobre França quatorze milhões para comer e beber.» Referia-se á dotação do rei Luiz Filippe. O tribunal puniu immediatamente esta audacia com quinze mezes de prisão e duzentos francos de multa. Ainda mais: os periodicos ministeriaes pediram que, quando o transferissem de Santa Pelagia para a prisão de Versalhes, fosse algemado, e no meio de uma escolta de soldados das companhias disciplinares.

Em outubro de 1834 tomou a redacção em chefe do *Reformador*, jornal que, durante os quinze mezes que existiu, foi condemnado vinte vezes, e pagou cem mil francos de multas. N'este mesmo jornal escreveu Raspail muitos artigos scientificos, e uma serie de cartas sobre as prisões de Paris, que se reimprimiram á parte com o titulo de *Reforma Penitenciaria* (1839. 2 vol. in-8.).

Entre tantas labutações e dissabores, Raspail não sacrificava inteiramente ás agitações politicas os seus estudos favoritos. Trabalhador infatigavel, a sua vida privada era um modelo da antiga rigidez estoica, e da sobriedade pythagorica. Sobre este ponto nunca os seus inimigos tiveram de que o accusar. D'esta epocha tormentosa e córtada de privações, datam as obras magistraes que tanta nomeada lhe grangearam, todas ellas compostas quando estava mettido em ferros. Mencionaremos d'entre ellas as seguintes: *Açoites scientificos*, polemica sustentada com Geoffroi Saint-Hilaire e Cuvier (1830 in-8.) *Tentativa de chimica microscopica* (1831. in-8.) applicada á physiologia. *Curso elementar de agricultura e de economia rural*, para uso das escholas primarias (1831-32 in-8.) Foi traduzida em portuguez pelo dr. Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva (1843-44 in-8.). *Novo systema de chimica organica* (1833 in-8. com estampas), de que fez nova edição completamente refundida (1838. 3 vol. in-8. com atlas). Trata principalmente da manipulação, da chimica descriptiva, e da chimica geral ou analogica. *Novo systema de physiologia vegetal e botanica* (1837. 2 vol. in-8. com figuras e atlas), fundado sobre os methodos de observação, desenvolvidas no precedente tratado.

Os descobrimentos consignados n'estas obras resultam não tanto do emprego do microscopio, como da novidade com que o auctor encarou o assumpto. O seu methodo consiste em seguir os seres organisados desde o seu nascimento até á morte, para notar as transformações e funcções dos seus orgãos, fazendo todo esse rigoroso estudo, não só no tocante á organisação, mas tambem quanto ás suas relações physicas, chimicas e physiologicas.

Alguns annos depois, em 1840, quando já Raspail tinha renunciado a politica militante, foi elle assumpto de grande polemica nos jornaes, e das calumnias dos seus inimigos. Referimo-nos ao famoso processo do envenenamento commettido por mad. Lafarge. A pedido do advogado da ré, foi Raspail chamado para verificar a analyse feita pelo celebre Orfila, o qual, por meio do apparelho de Marsch, dizia ter achado arsenico nos intestinos do morto. Raspail sustentou que similhante facto nada provava, pois similhante substancia toxica se achava espalhada em todos os corpos, e offereceu-se para a descobrir até na madeira da poltrona em que se sentava o presidente do tribunal!

Esta asserção, que parecia unicamente feita para annullar o corpo de delicto, foi desenvolvida n'uma *Memoria para Consultar*, redigida a instancias do defensor da ré, e juntada ao processo.

Mais tarde foi Raspail levado pelas suas observações a asseverar que o maior numero das doenças provinha da invasão de insectos parasitas, internos ou externos, e da infecção produzida no corpo pela sua acção desorganisadora. Procurou elle então um agente capaz de atalhar a causa immediata do mal, e de neutralisar os seus effeitos. Para isto preferiu a camphora, já usada na medicina como calmante e antisceptico; vindo a final a converter esta substancia, aliás energica, n'uma especie de panacéa. Usado principalmente em fórma de cigarrilhas, o novo medicamento tornou-se moda; e o inventor, tomando-o por base de medicação hygienica e curativa ao mesmo tempo, desenvolveu este novo systema no seu *Medico das familias* (1843. in-12.), e principalmente no seu *Manual da Saude* (1846. in-18), especie de encyclopedia pratica de therapeutica, publicada todos os annos, de que se vende um consideravel numero de exemplares, e cujas receitas compostas principalmente de quantidades diversas de camphora em pó, em alcool, e em pomada; de aloes e de agua sedativa, se reduzem a uma medicina antiverminosa.

A obra mais notavel, porém, de Raspail é a *Historia natural da saude e da doença dos vegetaes, e dos animaes em geral, e do homem em particular;* com o formulario de um novo methodo de tratamento hygienico e curativo (1843. 3 vol. in-8. com estampas).

D'esta obra saiu ha pouco terceira edição de que logo fallaremos.

Em 1854 publicou o *Rendeiro Veterinario*, outro manual annuario, destinado ao tratamento dos animaes domesticos pelo mesmo systema.

Perseguido muitas vezes por exercer illegalmente a clinica, foi obrigado a renunciar esta profissão; mas desde logo se estabeleceram numerosos consultorios gratuitos, não só em França, mas por todo o mundo, sendo actualmente a medicina mais popular, e a que tem mais sectarios por ser benigna, economica, innocente, e em muitos casos efficaz.

A revolução de fevereiro de 1848 arrastou de novo o celebre chimico á scena politica. No dia 24 foi elle o primeiro que tomou posse dos paços do concelho, e muito antes da chegada dos membros do governo provisorio alli proclamou a republica. Depois, recusando todos os cargos publicos que lhe foram offerecidos, fundou um jornal quotidiano intitulado o *Amigo do Povo*, com esta epigraphe: *Dieu et patrie, liberté pleine et entière de la pensée, tolerance religieuse illimitée, suffrage universel.*

Não tardou muito que não accusasse o governo de indolencia e de reacção, e de accordo com o partido revolucionario tomou parte nas sedições de 17 de março e 16 de abril. Foi elle um dos promotores da manifestação de 15 de maio a favor da Polonia, e quem subiu á tribuna da assemblea constituinte para ler a petição redigida n'uma das sessões do club a que presidia. Preso n'esse mesmo dia, posto que não tivesse seguido Barbés e Blanqui aos paços do concelho, como falsamente lhe imputaram, foi encerrado no forte de Vincennes até março de 1849, em que o tribunal de Bourges o condemnou a cinco annos de prisão, que foi cumprir em Doullens. Quando estava em processo, foi eleito deputado á assemblea nacional pelo Sena, não podendo tomar assento na camara por estar pronunciado.

Quando se tratou de eleger o presidente da republica, Raspail foi um dos candidatos propostos pelos democratas, e a sua lista alcançou 36:285 votos. Quando acabou os cinco annos de prisão, em abril de 1854, retirou-se voluntariamente para a Belgica, indo residir em Stalle-sous-Uccle, les-Bruxelles, onde se acha ainda hoje, entregue com o mesmo affinco aos seus estudos scientificos.

Raspail, como quasi todos os homens celebres do nosso tempo, começou sua vida de escriptor pelo jornalismo. Sendo ainda prefeito e professor do col-

legio Estanislau, vieram convidal-o para collaborador da *Minerva*, jornal politico que tinha então grande voga, por defender as idéas democraticas. Raspail acceitou o convite com a condição de se publicarem os seus artigos com o pseudonymo de *Ermita da Provincia*, cautela que elle tomou para se não malquistar com os realistas do collegio onde professava. O responsavel dos artigos do *Ermita* era o redactor principal da *Minerva*, mr. de Jouy. Era este quem recebia as felicitações pelas excellentes paginas, exclusivamente redigidas por Francisco Vicente Raspail; mas cedendo a um nobre impulso de probidade litteraria, teve a imprudencia de revelar o nome do seu novo collaborador. Tal nova causou escandalo no collegio Estanislau; e n'esse mesmo dia o professor jornalista foi despedido sem ceremonia. Como era de crer, esta demissão fez estrepito, e grangeou-lhe as affeições do partido. Os generaes do imperio, os convencionaes, e todos os descontentes politicos o felicitaram, requestaram, e animaram, dizendo-lhe: Sê-de jornalista, que é a vossa verdadeira vocação!

Infelizmente os louvores não bastavam para sustentar o ex-professor do collegio Estanislau. Começaram então os venaes a querer especular com o seu talento. Um tal mr. de Férusac encommendou-lhe alguns artigos, pagando-lh'os generosamente. Raspail julgou ter descoberto uma das minas do Potosi, quando casualmente veiu a saber que o jornal para que elle collaborava era publicado sob a protecção directa do duque de Angoulème. Espantado de similhante perfidia, e temendo que os liberaes julgassem que tinha vendido a sua consciencia, correu a casa de mr. de Férusac, devolveu-lhe o dinheiro que havia recebido pelos artigos, e pediu-lhe todos os originaes que ainda se não tinham impresso.

Ficou sem ter recurso algum para viver, até que um dia, para elle de grande desesperação, porque tinha fome, e não sabia onde a houvesse de ir matar, entrou na sua agua-furtada, no sexto andar onde pobremente habitava, um sujeito mui bem vestido, tendo ao peito a roseta da legião de honra.

— Mr. Raspail? — perguntou elle cortezmente.

— Sou eu mesmo.

— O meu nome é Kersausie, lhe disse então o visitante. A minha familia está alliada com a da Tour-d'Auvergne. Sou capitão do quarto regimento dos hussares, e tenho alguns meios. Quereis ser meu amigo?

— Senhor!...

— Esta proposta parece-vos naturalmente ousada; mas espero que tenhaes a bondade de me ouvir — replicou o capitão, puxando por uma cadeira. Ha cinco annos que ando na guerra de Hespanha, uma guerra absurda, aonde o direito não está de certo da parte de Fernando VII, nem da parte da França. Regressando a Paris, eu e o meu quartel-mestre[1], fizemo-nos carbonarios. Desde então dediquei-me a sondar o caracter dos homens que se intitulam republicanos, e tenho reconhecido que muito poucos são movidos pelo duplo estimulo da convicção e da honra. São pela maior parte egoistas, enredadores e ambiciosos.

— Ainda mal! — exclamou Raspail, em cujo espirito estas palavras tinham feito ecco.

— Mas ha alguns honrados e sinceros. Vós sois d'esse numero, e eis porque venho estender-vos a mão. Dupont (de l'Eure) foi quem me deu a vossa morada.

A ligação d'estes dois homens teve esta origem tão singular como fortuita; e quanto mais se conheceram e communicaram, mais profunda e duravel se tornou a amizade entre ambos.

Eu serei o homem de acção, dizia Kersausie a Raspail; tu serás o reformador e o propheta. Em quanto a revolução não amadurece, estuda, faze-te celebre na sciencia. Os teus discursos e as tuas lições terão ainda mais peso.

Feito este pacto, os dois amigos communicavam-se mutuamente as suas impressões e projectos. Raspail, inflammado de ardente amor pelo estudo, necessitava de que esta paixão se podesse transfundir nas esperanças de um futuro glorioso; e isto nos explica bem, como entregue ás luctas revolucionarias, ás mais insensatas, o homem politico nunca absolveu inteiramente o homem scientifico.

Raspail não quiz seguir desde então nenhum curso publico. As primeiras noções que elle recebêra do padre Eysseric lhe abriram o caminho que o conduziu aos seus descobrimentos, realmente prodigiosos, em chimica, na botanica, e nas mais sciencias naturaes.

Kersausie em vão lhe abriu por muitas vezes a sua bolsa, porque Raspail, nem ao menos a titulo de emprestimo quiz acceitar as sommas necessarias para a compra dos instrumentos indispensaveis ás suas experiencias. — «Estes instrumentos, dizia elle, fabrical-os-hei eu mesmo: e pois que estou cultivando a sciencia, ella deve-me sustentar.»

E com effeito, não tardou que não conseguisse compor um microscopio, por processos de optica tão intelligentes, tão isentos de complicação, que as despezas da construcção não excederam a *tres francos* (480 rs.!). Deleuil, oculista de Paris, comprou-lhe o invento, e os sabios tiveram desde então, por modico preço, um instrumento que até alli custava muito caro. Deleuil enriqueceu com os microscopios de Raspail.

(Continúa)

UM BUFALO A LUCTAR COM TRES LEÕES

Esta estampa é tirada do curiosissimo livro das viagens na Africa austral, publicado pelo medico e missionario inglez, Daniel Livingston, cujo retrato e biographia já démos a pag. 73 do I vol. do nosso jornal.

Este viajante considera o leão por modo mui differente do commum, apesar de ter ficado aleijado do braço esquerdo, quando foi accommettido por uma d'estas feras em Curuman.

Eis o que elle diz:

«Quem encontra um leão de dia, o que acontece com muita frequencia aos que viajam por estas terras, se as preoccupações que tem adquirido o não induzem a esperar uma fera nobre e magestosa, verá simplesmente um animal similhante ao cão, porém o maior que tem visto. O leão participa muito dos signaes caracteristicos da raça canina. O seu aspecto pouco se parece com o que geralmente se pinta nos quadros; e os pintores poderiam estudar melhor este assumpto nos jardins zoologicos, em vez de se penetrarem das idéas de magestade, attribuida ao rei das florestas.

Quando succede encontrar-se um leão, este permanece com os olhos fitos no viajante um ou dois segundos, depois volta-se lentamente e dá uns dez ou doze passos retirando e olhando para trás, e d'ahi váe n'um ligeiro trote, concluindo por uma carreira tão rapida como a de um galgo.

Durante o dia póde dizer-se que não ha perigo algum de que o homem seja atacado pelo leão, quando se lhe não faz mal, como tambem durante a noi-

[1] Este quartel-mestre é hoje em dia conde de Persigny, senador do imperio, e embaixador de França em Londres. Foi sempre grande amigo do actual imperador dos francezes, e auxiliar de todas as trapaças politicas d'este nove Cesar. O conde de Persigny tambem já foi ministro de Napoleão no ministerio do reino, e é auctor de uma memoria muito seccante sobre a *Utilidade das pyramides do Egypto!*

te, quando a lua brilha em todo o seu esplendor. Pelo tempo dos seus amores correm grande risco os que lhe apparecem; e se acontece que um homem passe ao seu alcance, ambos, leão e leôa, se precipitam sobre elle, como uma cadella quando julga que lhe querem arrebatar os cachorros. Todavia isto não acontece muitas vezes, pois só tenho noticia de dois ou tres casos, n'um dos quaes certo homem, passando pelo sitio em que o leão estava, sentiu-se mordido antes de poder trepar a uma arvore, e outros se tem visto presos por uma perna da cavalgadura em que vão montados, quando estão desprecavidos.

É tão frequente a segurança que inspiram as noites de luar aos viajantes, que rara vez atavamos os bois; pelo contrario os deixavamos soltos ao pé dos carros; não acontecendo o mesmo nas noites escuras e chuvosas, em que é quasi certo, se anda algum leão nas proximidades, lançar-se a um boi. Quando se approxima, é sempre occultando-se, excepto quando está ferido; e ao menor signal que descobre de se lhe ter armado alguma cilada, basta para que se contenha, e deixe de dar o ultimo salto sobre a sua presa. Isto parece caracteristico da raça felina, por isso quando na India prendem uma cabra muito bem atada para se poder, por este meio, fazer de noite a pontaria ao tigre, cuja caça se deseja, se está n'uma planicie, é certo que será morta pela féra, d'uma assaltada, com tal rapidez, que é impossivel a pontaria. Para evitar isto, se faz um pequeno poço, em cujo centro se colloca uma estaca, á qual se prende a cabra, introduzindo-se-lhe no ouvido uma pedrinha que a faça estar berrando toda a noite, e então o tigre que suspeita o laço, em vez de saltar sobre a presa que se lhe offerece, dá continuas voltas em roda do poço, permittindo assim



Um bufalo a luctar com tres leões

que o caçador, que está de alcatéa, lhe faça pontaria certa.»

Fallando das luctas que o bufalo tem frequentemente com o leão, em que aquelle boi silvestre quasi sempre se sáe victorioso, estripando o leão com as agudas pontas, pretas como azeviche, de que hoje se fazem tantos objectos de pentearia e tôrno, conta Livingston, que tendo dois viajantes ferido com bacamarte a um bufalo, fugindo este animal para um sitio onde tres leões estavam dormindo a sésta, se lançaram a elle, por verem que lhe custava a andar, em consequencia de se ir esvaindo em sangue. Apesar de se ver n'este estado, o bufalo não succumbiu ao assalto dos tres leões, resistiu-lhes por muito tempo, até que os mesmos viajantes, que o haviam ferido, o salvaram das garras de tão formidaveis inimigos.

Esta scena, que elle reduziu ao quadro que exhibe a nossa gravura, vem referida no seguinte extracto que transcreve do diario de um dos ditos viajantes inglezes, Frank Vardon.

« Tenho aberto perante mim o diario das minhas observações feitas na Africa austral, e n'elle vejo a narração de uma lucta entre os leões e o bufalo, que é a seguinte: — 15 de setembro de 1846. Oswell e eu montámos a cavallo hoje de tarde no largo das ribeiras de Limpopo, quando avistámos um antilope; e havendo-me apeado para o seguir entre os juncaes, divisámos tres bufalos, os quaes, depois de nos seguirem por um pouco de tempo, pararam, fixando-me attentamente o que nos ficava mais proximo. Uma bala de grosso calibre que lhe disparámos, penetrou-lhe um dos costados, e então fugiram todos tres. Oswell e eu seguimol-os. Em quanto carregava a minha espingarda, e quando já estavamos a ponto de alcançar o que ia ferido, tres leões se precipitaram sobre o desgraçado animal, que mugia dolorosamente, evitando ao mesmo tempo o ataque dos seus inimigos; mas não podendo resistir-lhes, foi vencido, caindo no chão.

« Nós, que estavamos perfeitamente situados para ver o combate, distinguiamos os leões apoiados nos quartos trazeiros, despedaçando atrozmente com os dentes e garras o pobre bufalo: aproximando-nos na

distancia de uns vinte metros, ajoelhámos e disparámos sobre elles ao mesmo tempo. Caiu logo morto um leão sobre o bufalo, não tendo mais tempo que o de voltar-se para nós, e morder um arbusto que lhe ficava ao lado, expirando logo. O segundo tomou precipitadamente a fuga; o terceiro levantou a cabeça, olhou tranquillamente em redor por alguns instantes, e depois voltou á tarefa que tinha interrompido, de fazer em hastilhas a sua presa. Retirando-nos a curta distancia para carregar de novo, avançámos outra vez, e fizemos fogo. O leão rugiu apenas, porque a bala não havia feito mais que roçar-lhe, se bem que depois conseguimos matal-o com repetidos tiros. Não é mui frequente fazer tanto contra tres leões e um bufalo em menos de dez minutos; por isso foi tão interessante esta aventura, que nunca me esquecerá.»

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 163)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

IV

Do fundo do valle víra Ramon as cabras saltando na granja; e, antes de chegar a casa, tomou de uma sebe uma vara de aveleira, com intento de medir com ella as costas de Santiago pelo seu descuido.

— Onde está, onde está esse mau filho, que o hei de matar!... — perguntou a Catalina ao chegar a casa.

— Senhor meu pae, — respondeu a joven tremendo, — está na granja.

— Se estivesse alli, como se lhe ordenou, não teriam as cabras damnificado o milho.

— Se se afastou, foi que o chamei para me colher umas cerejas.

— Havias de ser Jariega, para serdes boa! — disse Ramon, e a mão levantada ia a descarregar-se na innocente Catalina; porém Quica interpoz-se, detendo o braço de seu marido, e exclamando:

— Ramon, pelo amor de Deus, não batas na criança, que pena tem de mais a pobresinha da minha alma em não conhecer pae nem mãe!...

— Pois o desaforado de teu filho, que os conhece, será quem pague as custas.

— Homem, não sejas teimoso, que todos fomos rapazes e descuidados. Além d'isso, devemos hoje passar o dia na paz e graça de Deus, já que tivemos uma boa noticia.

— O que tu quizeres, mulher, — respondeu Ramon, completamente abrandado. — Sempre ha de ser o que a vossemecês lhes dá na vontade. Vinha aqui a proposito o conto que contava o defuncto meu pae.

— E que conto era esse? — perguntou Quica, alegre por vêr seu marido tão prazenteiro como d'antes.

— Quando Christo andava pelo mundo curando enfermos, e resuscitando mortos, saiu-lhe ao encontro uma mulher, e disse, agarrando-lhe a capa e chorando como uma Magdalena:

— «Meu Senhor, faça-me o favor de vir resuscitar meu marido, que morreu esta manhã.»

— «Não me posso demorar, — respondeu o Senhor, — porque vou a toda a pressa fazer um milagre por ordem de meu Pae e Senhor, que é encontrar uma boa mãe de familias entre as mulheres affeiçoadas a toiros e novilhos; porém tudo se fará, se a mula não parar. O que eu posso agora fazer, é que se te antolha resuscitar teu marido, teu marido resuscitará.»

Effectivamente a mulher afigurou-se-lhe que o marido havia de resuscitar, e o marido resuscitou, que nem os mortos podem escapar aos desejos vehementes das mulheres.

Quica e Catalina riram muito do conto de Ramon, que o carinho encontra graça até em contos tão insipidos como o que elle contou, e como os que eu conto.

Catalina foi alegre, vendo que em fim havia serenado a borrasca, pôr a mesa no pateo, deliciosamente sombreado pela figueira. E no entretanto, perguntava lá para si: — Que boa noticia será essa de que fallou a senhora minha mãe?

Santiago e Navarro assomaram pelo nogueiral, ambos cabisbaixos e receiosos, porque a ambos lhes remordia a consciencia.

— Venha jantar, meu senhor, — disse Ramon a Santiago.

Navarro julgou que o dono fallava com elle, e rosnou como se quizesse dizer:

— Mau, mau... já nos chamam *senhor* sem o ser!...

E foi enroscar-se timidamente debaixo da mesa, á qual acabava de sentar-se Santiago com menos remorsos que o cão.

Ramon e Quica contavam com o bom effeito que produziria em seu filho a noticia que tinham recebido, e por isso trataram de descobril-a.

Esta noticia encerrava-se n'uma carta do Mexico, que Ramon tirou da algibeira, e principiava d'este modo:

«Meu querido irmão Ramon. — Se não estou em erro, o rapaz váe completar quinze annos, edade mui a proposito para se aclimar n'este paiz e para emprehender a carreira do commercio, que eu com tanta honra e proveito hei seguido. Manda-me, pois, meu sobrinho e afilhado Santiago no primeiro navio que sáia de Bilbáo, que por minha conta corre o fazer d'elle homem de proveito.»

Similhante carta enlouqueceu de alegria a Santiago, e entristeceu profundamente Catalina.

Chegou o dia 15 de agosto, grande dia para o concelho, porque em sua egreja parochial se celebrava a festa da Assumpção.

Apenas havia amanhecido, e já as branquicentas columnas de fumo, que saíam das lareiras, formavam sobre todo o valle uma diaphana e azulada nuvem, levemente agitada pelas vivificadoras auras cantabricas.

As branquicentas columnas de fumo, que saíam de todos os lares, eram como nuvens de incenso enviadas ao Senhor pela abundancia e felicidade que n'elles derramava; porém o lar de Ipenza parecia apagado ainda. Os seus moradores, todavia, haviam-se levantado antes que os passaros entoassem no arvoredo e nas sebes o canto da alvorada.

Santiago preparava-se para tomar o caminho de Bilbáo, porque tinha chegado a hora de embarcar-se para esse novo hemispherio aonde — oh patria minha! — a flor da tua juventude váe buscar um sepulchro tão triste, tão triste, meu Deus! que nem as lagrimas de mãe o santificam, nem as flores do valle nativo o adornam!

Ramon devia acompanhar seu filho até Bilbáo.

Quica, que até áquelle instante não tinha derramado uma lagrima, porque só víra seu filho no caminho da felicidade, como tantas outras illudidas mães, Quica chorava então sem conforto.

A pobre da Catalina tinha chorado tanto por espaço de mez e meio, que não ficaram lagrimas em seus olhos; não chorava, pois; sentia o abatimento e a tristeza que devem sentir os que se finam.

Os olhos de Santiago humedeciam-se ás vezes; porém não tardavam em brilhar de alegria.

— Ora vamos, parecem umas crianças choramigas, — exclamou Ramon, arrancando seu filho dos braços de Quica e Catalina. — Qualquer diria, — acrescentou, — que o caso era para chorar... Não me vês a mim? Pois eu tambem tenho o coração no seu logar...'

E tinha-o, effectivamente, Ramon, porque de seus olhos deslisavam-se lagrimas como avelãs.

Santiago e Ramon partiram.

Desconsoladas, Quica e Catalina seguiram-n'os com a vista até que transpozeram o proximo cerro.

Então a joven fez um esforço quasi sobrenatural para se aquietar, e disse:

— Senhora minha mãe, vou levar as ovelhas ao monte.

— Faze o quizeres, minha filha, — respondeu-lhe Quica abstractamente.

Catalina tinha por costume abrir, todas as manhãs, a porta a um rebanho de ovelhas, e encaminhal-o a um tiro da propriedade, onde as deixava sós; porém, n'aquelle dia, seguiu com ellas até ao cerro que haviam transposto Ramon e Santiago, d'aquelle cerro passou a outro, e d'este ao de mais além, sempre fitando a vista no caminho de Bilbáo, até que, rendida de fadiga e morta de tristeza, inclinou o formoso semblante, e em vez de se dirigir á propriedade de Ipenza, dirigiu-se á egreja do valle e ajoelhou perante o altar da Virgem da Soledade.

EXPOSIÇÃO SOLEMNE

DO CORPO DE S. FRANCISCO XAVIER

(Vid. pag. 151)

Antes de proseguirmos a narrativa do que se passou n'esta ultima exposição, cumpre-nos advertir que a admiração que mostrámos a pag. 143, de se não conhecer em Goa o volume dos sermões de Vieira, em que vem tantas particularidades da vida de S. Francisco Xavier, se referia ao que viamos escripto no auto de exame feito em 1782; pois que o auctor do «Resumo» tanta vez citado n'esta noticia da exposição, menciona esse volume no elenco das obras por elle consultadas para a publicação do citado «Resumo», e d'elle faz algumas transcripções. Não cita, porém, nem parece ter lido a importante carta dedicatoria dirigida á rainha D. Maria Sophia, pelo padre Balthasar Duarte, que resolve algumas duvidas, e corrige os erros que já notámos no «Resumo».

Depois de escripto o artigo a que nos estamos reportando, é que reparámos que o auctor do «Resumo», n'uma nota a pag. 123, diz que fôra induzido em erro, n'outra nota aos documentos, pelo epitome do padre Figueiredo, sobre o nascimento das infantas a quem a tradição attribuia o bordado das vestes sacerdotaes de S. Francisco Xavier. Mas ainda esta emenda ficou errada, porque, segundo o testimunho contemporaneo, do citado padre Balthasar Duarte, quando a rainha fez a offerta de taes vestimentas ao santo, ainda nenhuma das suas filhas era nascida!

Fazemos estas observações para que taes erros se corrijam, e não por menosprezar o livro do sr. Filippe Nery Xavier, que é na verdade mui noticioso, contém grande copia de documentos inéditos, e é o trabalho mais completo que até agora temos a respeito do que toca a um varão santo, que tanto glorificou e afamou a nação portugueza.

Dito isto, concluamos hoje a noticia que promettemos dar aos nossos leitores, de quanto occorreu de notavel n'esta exposição de 1859.

Já vimos pelos autos que transcrevemos, ter-se achado o corpo do santo em estado de se poder expôr a publico.

Para esta solemnidade destinou o governador o dia 3 de dezembro, em que a egreja festeja o santo, continuando o corpo a estar exposto á devoção dos fieis até ao fim do mez.

Chegado esse dia, era tal a anxiedade publica, que para a velha Goa tinham concorrido com antecipação povos de todas as castas indiaticas, que antes de se abrirem as portas do templo do Bom Jesus, coalhavam o terreiro e avenidas adjacentes. Observado o programma que o governador tinha decretado, se deu começo á exposição com missa pontifical e sermão, prégado pelo padre Miguel Filippe de Quadros. A egreja a principio estava aberta sómente até ás 3 horas, e os devotos iam a um e um beijar os pés descarnados do santo. Constando, porém, que muitos peregrinos tinham de se demorar em Goa dois e tres dias á espera de vez, resolveu-se que a egreja estivesse aberta até á noite. Conheceu-se tambem que era melhor prorogar a exposição, e assim se fez, dilatando-a até ao dia 8 de janeiro. Sem embargo d'esta prorogação, como redobrasse a concurrencia de povos mui distantes, foi necessario permittir que a egreja estivesse aberta uma parte da noite; e nos ultimos dias só depois da uma hora se conseguiu fechal-a, ficando ainda muita gente á porta. Finalmente no dia 8 encerrou-se a exposição com a mesma solemnidade com que se abrira, perante um concurso immenso de povo, o qual, segundo refere uma testimunha presente, assistiu áquelle acto com tal recolhimento, e com tanta saudade de ver encerrar-se outra vez, no seu cofre, a veneravel mumia do santo Xavier, como se descesse a campa sobre um parente, ou amigo de cada um.

Pelas notas que se tomaram excedeu a duzentas mil pessoas o total dos devotos e visitantes que concorreram a beijar os pés do santo durante os 37 dias que esteve em exposição; o que dá mais de cinco mil pessoas por dia.

Nunca em Goa se tinham visto tantas e várias nações reunidas. Indios, parses, mogoles, arabes, chins, judeus, protestantes; em fim, de todas as castas e crenças.

Entre o numero dos que fizeram esta peregrinação á velha Goa de Affonso de Albuquerque, entraram muitos enfermos e aleijados, que influidos pela fé na intercessão do santo se arrastaram aos seus pés, e muitos, contam as noticias vindas d'alli, cobraram saude ou melhoras. E parece que algumas d'estas curas fizeram tal sensação no povo, que a auctoridade ecclesiastica nomeou uma junta para tomar depoimentos e informações sobre a veracidade de taes factos.

Tambem houve muitas conversões e baptismos de gentios, o que tudo concorreu para afervorar a devoção do santo apostolo das Indias, e alegrar mais a festa da sua exposição.

As esmolas e oblatas que se recolheram durante a exposição, montaram a 23:000 xerafins, ou 4:255,000 réis da nossa moeda.

ANTIGUIDADES NACIONAES

CASAMENTO OBRIGADO

Mandava a Ordenação do reino, que qualquer pessoa a que fosse dado officio de julgar ou de escrever, não sendo casado, seria obrigado a se casar dentro de um anno, contado do dia que lhe fosse dado, sob pena de perder o officio. E os que houvessem de servir de provedores de comarca, não seriam providos sem serem casados.

Se enviuvavam, eram egualmente obrigados a se tornarem a casar dentro de um anno, salvo se tivessem já feito quarenta annos, porque em tal caso não eram obrigados a casar.

A mesma ordenação prohibia que se dessem officios publicos aos menores de vinte e cinco annos.

Sobre estes dois preceitos, sendo ouvido o procurador geral da coroa, deu elle o seguinte parecer, que tem graça, sobre ser mui liberal e sensato.

« Rigoroso preceito é o da ordenação l. 1. tit. 94, § 1, pelo qual são constrangidas as pessoas que tiverem officio de julgar ou de escrever, a se casar dentro de um anno. E ainda mais rigoroso, porque se depois de casados viuvarem, se lhes manda que tambem dentro de um anno tornem a casar, e aos desembargadores do paço é prohibido pelo § 16 do seu regimento dispensar n'esta lei, quanto aos officios de escrivães e juizes dos orfãos.

Esta é a parte que seguiu a lei lusitana na grande contenda que sempre houve, entre os politicos, na questão de serem para os officios da republica mais convenientes os casados que os solteiros. Porém quasi me vem á imaginação, se a nossa lei cuidaria que se acham mulheres na feira para casarem, cada vez que quizerem os solteiros ou viuvos, com todos aquelles requisitos que são necessarios no maior negocio dos homens, qual é o casamento.

O que na materia se póde affirmar, por notorio, é que a dita lei não está em sua observancia no reino. Parece-me, porém, que o está no Rio de Janeiro; mas ainda assim eu, supposto ella, entendo que o proprietario não perde por esta causa o seu officio sem haver sentença condemnatoria, porque assim se deve interpretar a lei, e já houve auctor que n'esta fórma a entendeu. Supposto, pois, que este proprietario não está privado, nem o póde ser senão por sentença; e supposto tambem, que não pede o supprimento, que facilmente se lhe devêra conceder por seu procedimento, e pela utilidade publica dos orfãos, não tenho por inconveniente que S. M. do seu proprio movimento lh'o mande, escrevendo ao governador que, sem embargo de não ser casado, e da lei em contrario, o deixe servir; porque não é menos, antes mais, decente a um principe fazer por bem de seus vassallos, e da justiça de sua republica, o que com requerimento da parte poderá fazer, maiormente em materia de orfãos, dos quaes é immediato protector.

Quanto ao outro officio, tem o proprietario um impedimento, que todos desejam, mas não é o que basta para o intento, e deve ser notificado, para que com effeito sirva no breve termo que parecer ao governador, e não satisfazendo, se lhe haja por vago, para S. M. o prover de propriedade, porque esta comminação e execução d'ella, é licita, e não se encontra com a justiça.

Finalmente, quanto ao officio de meirinho do mar, n'este mesmo masso váe uma petição de uma sobrinha do defuncto proprietario, que o pede, mas sem fundamento de justiça; e sem esta se offender, póde S. M. fazer provimento d'elle em quem for servido; e quanto a se vender, tem este arbitrio todos aquelles inconvenientes que sempre se experimentam das vendas dos officios, porque, como *quem compra tambem costuma vender*, segue-se que na venda da justiça recuperam, os que compram os officios, o preço que por elles deram. E segue-se tambem que o merecimento fica sem premio, ficando com elle a ambição e a cubiça. — Lisboa 20 de outubro de 1693. — *Manuel Lopes de Oliveira*.

Quem quer mais do que póde, destroe o seu poder e o seu querer.

ACHILLES COLLAS

Antigamente só aos nobres e poderosos se tirava o retrato, se modelavam bustos e cunhavam medalhas. Hoje tambem os humildes e pobres recebem essa homenagem dos seus concidadãos, com tanto que se hajam assignalado n'algum ramo do saber ou da industria humana.

A um d'estes, ao mechanico francez Achilles Collas, mandaram os seus compatriotas cunhar o medalhão que hoje reproduzimos, para ver se entre nós se faz outro tanto aos que o merecerem, principalmente nos progressos industriaes, para os quaes não temos incentivo nenhum, nem sequer os lucros que n'outros paizes se tiram.



Achilles Collas

Achilles Collas nasceu a 24 de fevereiro de 1795 e morreu em Paris a 3 de março de 1859. Foi o auctor da machina de reducção para se poderem popularisar as obras primas de estatuaria, e de outra para gravar medalhas. Tinha muito antes inventado differentes machinas de grande utilidade industrial, taes como, a de fixar as tintas para a gravura em talho doce, os punções para fazer botões eriçados, colchetes de cobre prateado, etc.

Toda a sua instrucção, e os progressos que fez em mechanica deveu a seus proprios esforços, sem frequencia de aulas, pois sendo simples aprendiz de um modesto fabricante de cadeias de relogio, nunca teve tempo para estudar methodicamente, applicando-se tão sómente a ler e fazer experiencias, nas horas que podia furtar ao descanso, depois do trabalho.

O seu nome está já inscripto no catalogo dos homens uteis d'este seculo, que aliás tantos inuteis váe produzindo.

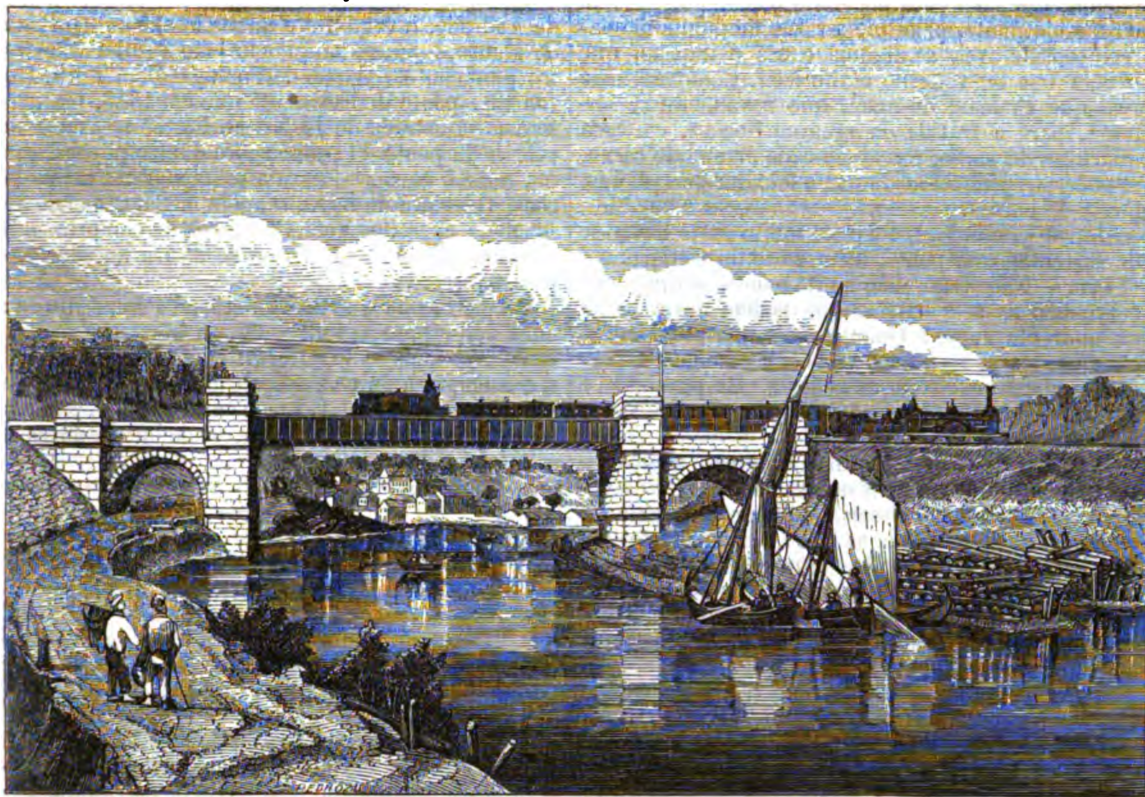
CHARADA

Investiga estas duas, e achas logo
Quem force imperioso o teu respeito.
Da mais alta poesia o sacro fogo,
Co'as outras duas, atearás no peito.
Reune as quatro, e, posto ser um jogo,
Ao todo foge, treme do conceito,
Que, se o vês sobre ti, perdido o norte,
No mesmo horror confundes vida e morte.

Explicação do enigma do numero antecedente

Para um que decifra um enigma, ha dez que se dão a tratos sem nada decifrarem.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Ponte de Sacavem — Desenho e gravura de Pedroso

Duas legoas ao oriente de Lisboa, nas margens de um rio que do Tojal vem desembocar no Tejo, fica o logar ou povoação de Sacavem, hoje mui pobre e mesquinha, apesar da visinhança do caminho de ferro de léste, que alli tem a ponte que a nossa gravura representa.

Sobre o braço de mar que o Tejo mette por esta terra dentro, tem havido já quatro pontes. A primeira edificada pelos romanos, a segunda por Bento de Moura, a terceira pela companhia da nova estrada de Lisboa ao Porto, a quarta pela companhia do caminho de ferro de léste.

A respeito da que houve no tempo dos romanos, apenas se sabe o que diz Francisco Dolanda no tratado *« da fabrica que fallece á cidade de Lisboa »*, que ainda se conserva manuscripto. O tratado foi escripto em 1571, e dirigido a el-rei D. Sebastião, e n'elle fallando das pontes que os romanos edificaram em Portugal diz: A primeira d'ellas foi sobre o rio de Sacavem, como vemos claros e manifestos o comêço e o fim, e esta deve Vossa Alteza mandar reedificar, porque é proveitosa muito, e tambem para passar por ella a corte, sem o rodeio de ir ao Tojal.

Os vestigios d'esta ponte ainda existiam ao tempo que escreveu Miguel Leitão de Andrade, em 1629, a sua *Miscellanea*, livro hoje mui raro, por isso transcreveremos d'elle a parte do Dialogo II, onde deplora não se ter levantado a caída ponte de Sacavem, e que se conserve uma pequena barca de passagem, a qual n'esse tempo dava de renda o duque de Bragança.

São interlocutores Galeaço e Devoto. Vão de passeio, e chegando perto do rio de Sacavem, proseguem o dialogo n'estes termos:

Gal. — Apertemos o passo que parece váe desamarrando esta barca de Sacavem.

Dev. — Ó da barca!

Gal. — Paciencia, que já havemos de esperar que torne.

Dev. — Esta é uma coisa em que eu a perco, haver de estar Lisboa como enfreada com esta barca, contra sua nobreza e commodidade de seus moradores e caminhantes, podendo tão facilmente haver aqui uma ponte de barcas como em Sevilha, a pouco custo ou sem algum.

Gal. — Alguma coisa deve haver n'isso de por meio, pois se não faz, sendo notoriamente tão necessaria e util.

Dev. — Nenhuma, que eu saiba, se não se for por se não prejudicar a renda que o duque de Bragança tem d'esta barca, que se lhe arrenda em trezentos mil réis cada anno, tendo-a visto muitos, que hoje são vivos, andar arrendada em dez ou doze mil, e pagar a tres réis cada pessoa a cavallo, e agora a vinte, pelo grande descuido dos da camara de Lisboa.

Gal. — Não parece dever ser a causa isso que dizeis do duque, que sendo um principe mui grandioso, não lhe devem de vir em consideração essas pouquidades, em respeito do bem commum e grandeza de Lisboa, á qual, se lh'o pedisse, largaria muito facilmente esta barca.

Dev. — Se isto não é, menos o deve ser o que dizem, que é por causa das naus a que n'este rio se dá querena, pois além de que já aqui se lhes não dá, senão da banda d'além, era facil abrir-se essa ponte, e passada a nau tornar-se a fechar, ou fazer-se onde as naus podessem dar querena para a banda do mar.

Nem menos o deve ser a passagem dos barcos que navegam o rio a cima, que podiam tirar os mastros e passar; quanto mais que os d'este rio são tão pequenos, que com elles poderiam passar por debaixo da mesma ponte, pelo que a razão do duque me parece consideravel, se alguma causa o impede, que podéra isso ter remedio muito facil. Com esse meio real que chamam de agua, que novamente se impoz [1], para a trazida da agua ao Rocio [2], em cada quartilho de vinho, e real em cada arratel de carne, se poderia satisfazer ao duque, e fabricar-se aqui uma ponte de barcas.

Gal. — Comtudo, me parece muito custo haver-se de sustentar essa ponte, além do feitio d'ella.

Dev. — Não sería senão muito pouco, porque, que coisas são as sete barcas, que podem durar trinta ou quarenta annos? Quanto mais que só as cavalgaduras, a tres réis, bastava bem a esse custo, porque tambem acudiriam os gados a esta passagem.

Gal. — Tambem haveria difficuldades e brigas sobre essa paga.

Dev. — Se na barca isso não acontece, menos sería na ponte, quanto mais que se poderia pôr na entrada uma porta, e cessaria esse inconveniente. E eu digo isto em caso que a cidade a não podesse sustentar de graça, o que fôra grande nobreza de Lisboa, a que primeiro houvera de acudir que a outras coisas menos necessarias e menos nobres. Pois vemos que quando Lisboa era nada, em comparação do que hoje é, tinha aqui ponte de pedra, segundo agora parece nos pedaços de peares que d'ella alli vêdes, d'esta banda e da outra.

Gal. — Isso sería ha muitos mil annos, em tempo que este rio sería mais estreito e menos fundo.

Dev. — A largura é a mesma, segundo mostram os vestigios dos peares que vêdes, que chega o rio a elles, e não passa; quanto a profundidade, ainda que seja mais, o que não sabemos, comtudo, bem se podéra refazer de pedra, que no fundo devem estar os alicerces ou bases dos peares, quanto mais que a arte de architectura, com dinheiro, muito alcança e póde, para se fazer de um só arco, pois dizem que é infinita esta arte.

Por onde digno era da grandeza de Lisboa haver aqui uma famosa ponte de pedra, ainda que se fintasse para isso todo o reino.

Gal. — Já nos contentáramos com ella de barcas.

Dev. — Porém aqui, não ha esses milhares de annos que cuidaes, havia essa ponte de pedra, porque no tempo que el-rei D. Affonso Henriques, primeiro de Portugal, cercou Lisboa e a tomou aos moiros, estando sobre ella, teve aviso como a vinham soccorrer os moiros da comarca de Alemquer. E sabendo haviam de passar por esta ponte de Sacavem, lhes mandou tomar o passo com gente de cavallo (que não podia ser muita), os quaes achando já os moiros, que quasi todos a tinham passado, tiveram com elles uma muito perigosa e desegual batalha, porque sendo muito poucos e os moiros muitos, já a não poderam escusar sem se perderem, e d'elles houveram uma muito signalada victoria n'este plano; onde disseram depois os moiros, verem uma mulher que os cegava, e os desbaratou, que foi a Virgem Nossa Senhora, a cuja honra, e por memoria d'esta victoria, se edificou aquella egreja que alli vêdes. A qual, n'estes annos (1576), reedificou Miguel de Moura, que foi um dos cinco governadores que el-rei Filippe, primeiro d'este reino, deixou n'elle, fundando aqui aquelle mosteiro tão religioso de Capuchinos. E a esta egreja chamaram então, egreja de Nossa Senhora dos Martyres, pelos cavalleiros que n'ella foram sepultados, que aqui, n'esta batalha pelejando, foram mortos; que n'aquelle tempo chamavam martyres a todos que, pelejando contra moiros, eram mortos.»

[1] Por alvará de 4 nov. 1560.
[2] Brevemente fallaremos do chafariz que havia n'esta praça, e foi demolido por aviso regio de 9 de março de 1786.

Esta ponte de barcas, desejada por Miguel Leitão de Andrade, inventou-a o infeliz mathematico Bento de Moura, e já existia quando João Baptista de Castro publicou o «Mappa de Portugal» em 1745. Durou esta ponte de barcas até que em 1840, fazendo-se a nova estrada de Lisboa ao Porto, se construiu uma bella ponte de pedra sobre quatro pégões, com um rodizio ao centro para a passagem das embarcações. O arco é de ferro, fundido nas officinas do arsenal do exercito. Tem 18 metros de comprimento, com uma curva de 2 metros de altura no centro, e pesa 95 arrobas.

Quando se fez a actual linha ferrea construiu-se a nova ponte para assentamento da linha.

Veiu já feita de Inglaterra. Quando o governo tirou a empreza ao concessionario Hislop, deixou elle esta ponte por assentar, sendo encarregado d'este trabalho o engenheiro Black, auctor de outras obras de arte feitas n'esta linha.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 174)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

X

DO QUE PÓDE UMA FOICE ROÇADOIRA

Os festejos do quartel general, e do theatro de S. Carlos, estavam em singular opposição com o doloroso descontentamento, que lavrava na capital, e se ia estendendo pelo reino.

Muitas causas contribuiam para este resultado, justificando a irritação successiva.

Tinham os francezes atravessado as provincias sem resistencia, e entrado em Lisboa com o titulo de amigos e alliados. O principe regente, retirando-se com a esquadra portugueza para o Brasil, esquivára-se ás consequencias da convenção de Fontainebleau, e provavelmente a scenas, como as que em Bayonna se preparavam para abrir, já tarde, os olhos ao infeliz Carlos IV de Hespanha, fazendo-lhe amargar com a perda da coroa e do dominio as insensatas condescendencias: todavia, as ordens, que deixára, partindo, ordens em tudo pacificas, haviam aberto as fronteiras, e franqueado o paiz aos generaes francezes, como a hospedes.

O proprio Junot, nas suas primeiras proclamações, assim se considerára e declarára.

Muitos homens illustrados, lamentando as fraquezas e os abusos inveterados do regimen absoluto, que já principiava a entrar na decrepidez, tinham chegado a esperar uma renovação salutar nas coisas da governação. D'estes mesmos, porém, a grande maioria amava sinceramente a sua terra. Logo que lhes chegou o desengano, não foram esses dos mais remissos na indignação.

O desengano veiu com effeito breve e terrivel. Não passaram dos primeiros dias as complacencias dos novos protectores. Duraram estas apenas em quanto o general em chefe não teve em tôrno de si, restauradas e refeitas, as suas divisões, extenuadas e dispersas n'uma longa e precipitada marcha, destroçadas e reduzidas á penuria pelas inclemencias da estação e asperezas do transito.

Tanto que Junot viu segura a sua posição, extremamente precaria no principio, tanto que se assenhoreou das fortalezas e dos arsenaes, que lhe não haviam custado um tiro, appareceu na linguagem e nos actos, não já auxiliar, senão dominante.

O hospede, deitando a mão ás chaves da casa, tornára-se conquistador!

Estão frias as paixões d'esse tempo. A geração actual póde medir os factos com serena imparcialidade.

A geração actual, como as vindouras, sem colera, mas sem cegueira, ha de affirmar que a furia do povo portuguez teve razão, e foi atrozmente provocada. A historia justiceira eternamente qualificará de cilada odiosa o tratamento indigno, então infligido a uma nação illudida para ser ludibriada.

As guardas da cidade entregaram-se a francezes; impoz-se ao commercio um emprestimo forçado de dois milhões de cruzados, pagos no prazo peremptorio de vinte dias; as armas reaes foram espedaçadas no frontal de todos os edificios publicos; finalmente, como já de passagem se mencionou, á bandeira nacional substituiu-se no castello e fortalezas a bandeira das tres côres, bandeira de certo gloriosa, mas para nós estranha — peior ainda, um sêllo de oppressão.

E, deve dizer-se, o povo, como brioso, sentiu ainda mais os ultrages á nacionalidade, do que os ataques á fazenda.

Com estes actos as desconfianças começaram a degenerar em rancor entranhavel.

A ceremonia do descendimento da bandeira no castello de S. Jorge, celebrada com apparato pelo general em chefe á frente de tres a quatro mil homens formados em batalha no Rocio, causou sobre tudo uma consternação profunda e um resentimento ameaçador. A angustia, que o bom do capitão-mór manifestára com esta noticia, era a expressão de um sentimento geral.

A paixão patriotica rompeu desde então em protestos instinctivos e espontaneos. O que esta paixão havia de ser viu-se logo pelos primeiros indicios d'ella.

Seja-me licito esboçar, de leve e a correr, alguns d'esses prenuncios. A historia e o romance andam frequentes vezes de braço dado; e romances conheço eu — os de gente de consciencia — bem mais historicos do que muita historia.

Quando as tropas francezas foram substituir os soldados dos escassos regimentos portuguezes, que davam a guarnição, um official inferior commandava a guarda do Arsenal. Vendo este aproximar a força estrangeira que o ia render, formou a guarda, carregou armas, e, destacando um pelotão, avançou sobre os recemchegados, apesar de muito mais numerosos.

Acompanhava a guarda franceza um sargento da policia, tambem francez de nascimento, e creatura do famoso conde de Novion, o organisador e commandante d'este corpo.

O conde estava já bandeado com os seus compatriotas para apagar a nota de emigrado.

O sargento servia de lingua.

Notando as disposições hostis da guarda portugueza, e antevendo algum conflicto, muito para temer no meio de uma população já manifestamente adversa, fez dar a voz de alto á força franceza, e adiantou-se, sósinho, para o commandante portuguez.

O portuguez pela sua parte esperou.

— Que faz? — bradou o lingua aproximando-se afflicto.

— O que faço? Guardo o posto que me entregaram.

— Contra quem?

— Seja contra quem for.

— Pois não vê que o vem render?

— Quem?

— Os francezes.

— Não me deram ordem para entregar a guarda a estrangeiros.

— Mas ordenou-o o commandante em chefe.

— Qual commandante em chefe?

— S. ex.ª, o sr. general Junot.

— Junot! Não conheço nenhum general com esse nome.

— Quer deitar-se a perder! É o general do exercito francez.

— O general do exercito francez não é meu general.

O official commandante da nova guarda observava inquieto. Começava a reunir-se gente.

O lingua continuou a instar:

— Recusa obedecer aos seus superiores? Veja bem!

— Vejo. Aos meus superiores não desobedeço.

— Pois s. ex.ª...

— S. ex.ª, o sr. marquez de Vagos quer dizer, não? Esse é o governador das armas, que eu saiba. Não o póde ignorar, porque veste uma farda portugueza. Á ordem do sr. general marquez de Vagos entrego a guarda sem difficuldade. Traz ordem d'elle para confiar o arsenal de Lisboa a gente de fóra?

O sargento da policia reconheceu que a porfia seria inutil, porque a resolução do portuguez era formal: foi-se por tanto a conferenciar com o official francez.

Entretanto crescêra o ajuntamento. De vez em quando saiam do meio da turba algumas d'essas vozes vagas, que provocam os longos susurros de ira ou de motejo, ordinarios precursores da tempestade nas multidões.

D'ahi a um instante a guarda franceza retirou.

Veiu com effeito uma ordem escripta do general das armas da corte para entregar a guarda. Só com esta ordem á vista consentiu o honrado portuguez em largar o posto.

Foi a ultima que assignou o velho marquez, e talvez o sacrificio lhe abbreviasse os annos, já então contados!

No tristissimo dia 13 de dezembro — o do descendimento da bandeira nacional — subiu a tal ponto o furor, que, pelos fins da tarde, chegou a levantar-se um serio tumulto no Terreiro do Paço, onde estava aquartelada uma parte da cavallaria franceza, nos barracões, alli então construidos para abrigo dos generos coloniaes, que não cabiam na alfandega.

Começára a pendencia por alguns chascos reciprocos, e em breve degenerára n'uma envestida cega contra a guarda principal, que foi rapidamente desarmada.

Todas as tropas francezas aquarteladas na cidade saíram em som de guerra: a multiplicidade das precauções provou a grandeza do receio.

Posto não ter centro, nem direcção, nem unidade, o povo desafogava n'estas manifestações destemidas. Tornar-se-hiam ellas n'uma revolução terrivel, se alguem quizesse congregar os impetos que ferviam dispersos.

Só faltou um cabeça.

N'aquelle mesmo dia pozera a cidade os olhos no marquez de Alorna, general moço e de creditos. Atreveram-se muitos a saudal-o com vivas na presença do proprio Junot e das suas forças em parada, em quanto um silencio lugubre acolhia as acclamações dos francezes ao seu imperador. Alguns patriotas mais insoffridos foram até ao extremo de bradar-lhe:

— Salve-nos, sr. marquez!

A sua legião, alojada em Almada, esteve a ponto de passar o Tejo. Os regimentos portuguezes, fechados nos seus quarteis, bramiam impacientes.

Ninguem concertára isto. Era um estremecimento geral, resultado das repetidas affrontas, e da aleivosia evidente. Um signal bastára então, e Deus sabe o que elle acenaria ao futuro.

O marquez de Alorna afigurava-se a todos uma

esperança. O instincto produzíra um dia de unanimidade.

Esse dia passou, e a esperança desvaneceu-se.

Conheceu entretanto Junot que eminente perigo corrêra, e tratou de attenual-o.

A estas occurrencias seguiu-se a dissolução dos elementos militares, e o desarmamento geral do reino. Estimára-as acaso, como prevenção, o novo governo. Então reputou-se desassombrado o general em chefe. Tinha o seu corpo de exercito bem collocado, abastecido e municiado; tinha nos seus flancos os hespanhoes de Taranco e de Solano. Julgou opportuna á occasião para descarregar o ultimo golpe.

Tirou em breve até a apparencia da auctoridade aos governadores do reino. Os mais consideraveis estabelecimentos e as secretarias foram entregues a francezes. Dois decretos remataram o desengano e a desesperação.

Um d'estes decretos declarava que a casa de Bragança cessára de reinar; o outro impunha ao paiz uma contribuição de guerra de dezoito a vinte mil contos! [1]

Ficára unicamente o povo. O povo, só e desarmado, rugiu como um leão colhido no laço.

Com taes provocações o odio tornou-se cada vez mais intenso. As suas provas eram frequentes. Amiudaram-se as rixas, muitas vezes mortaes para os francezes, apesar da vigilancia dos generaes e da promptidão e severidade das repressões. Os aggravos recebidos armavam a cada momento os braços.

Infinitos accommettimentos parciaes exordiaram e presagiaram a lucta da independencia. As insignias d'esta haviam desapparecido; mas o espirito nacional vivia.

Bastava!

Entre varias contendas sanguinolentas, occorrêra em Mafra, pelos fins de janeiro, um caso tão notavel como lastimoso.

Era ao caír da tarde. O dia estivera pesado e chuvoso. A densidão nublosa rompêra-se por fim, deixando ver o azul do ceo. Um raio de sol filtrava ainda por entre as nuvens encastelladas ao poente.

Um homem alto, robusto, e na força da edade, subia as ingremes ladeiras da estrada tortuosa, se estrada se podia chamar, que então, bem differentemente de hoje, ligava as duas villas da Ericeira e de Mafra.

Dos trajos e modos rusticos via-se que era do campo. Trazia ao hombro um feixe de lenha, e na mão uma roçadoira. Vinha evidentemente dos bastos pinhaes que, além de Mafra, se estendem pelas encostas na direcção do mar, e aspirava com visivel satisfação as emanações balsamicas e puras do Oceano. Notava-se-lhe aquella plenitude da vida, em que o homem forte parece dilatar-se depois de uma longa e rude fadiga.

Todas as povoações importantes na linha da costa, desde o cabo da Roca até S. Martinho, regorgitavam de francezes. A esquadra ingleza do bloqueio de Lisboa, indo por vezes fundear na bahia de Cascaes sob o commando do almirante Cotton, inspirava serios receios a Junot, e obrigava-o a estar continuamente de atalaya sobre o litoral.

Para este effeito, apenas reunira o exercito na capital, mandára logo escalonar nos pontos citados a segunda divisão, commandada pelo general Loison, que em Portugal deixou a alcunha tristemente popular de «Manêta.»

Mafra e Torres-Vedras eram naturalmente o centro d'estas forças, e os caminhos das immediações andavam coalhados de soldados d'ellas.

O homem não se admirou, pois, de vêr vir do lado de Mafra, coisa de um quarto de legoa da villa, dois d'estes intrusos. Eram ambos fusileiros do 58.º regimento de linha, e pareciam soffrivelmente alegres.

Não encarava o nosso camponio com muito bons olhos os hospedes insolentes; mas, como pacifico, ia fazendo a vista grossa, contentando-se com praguejal-os mentalmente.

Por desgraça de todos, um dos fusileiros reparou no feixe de lenha, e cubiçou-o para combater o frio do inverno, que n'aquellas alturas é ás vezes rigoroso: segundo o costume, deitou-lhe a mão sem mais ceremonia.

O homem era pacifico, mas não soffredor. Gostou pouco da graça, e, na impossibilidade de explicar-se por palavras, quiz por gestos fazer comprehender aos soldados que, sendo a lenha propriedade sua, e producto do seu trabalho, não duvidaria repartil-a, mas não estava disposto a cedel-a por inteiro.

Os soldados, ou por não comprehenderem a mimica um pouco primitiva do aldeão, ou por obstinação malevola, insistiram, ameaçando, e quizeram á força apoderar-se do disputado feixe, que o homem deitára ao chão para mais desembaraçadamente o defender.

Impaciente da teima iniqua, e falto já de expedientes suasorios, o matteiro recorreu á *ultima ratio* de um murro athletico, que estatelou na estrada, espirrando sangue, o mais emprehendedor dos dois.

O camarada do francez, vendo a acção, arrancou do terçado e investiu furioso ao camponio.

A roçadoira girou no ar, e estendeu agonisante o aggressor. O outro, levantando-se, quiz intervir, e teve n'um relance a mesma sorte.

N'isto sentiu-se tropel de ginetes. Era um piquete de caçadores a cavallo, que vinha da Ericeira, ao mando de um moço tenente.

Os caçadores, avistando a lucta, metteram a galope. Melhor montado, o tenente tomou-lhes a dianteira.

Quando o camponez quiz fugir, tinha já sobre si o cavalleiro.

Estava cego o homem. Em vez de render-se, esperou afoitamente o encontro. Pulando para o lado, furtou o corpo á espada e ao choque do cavallo, e com a roçadoira incansavel, sem calcular as consequencias, atirou um golpe tremendo ao official, que não pôde totalmente aparal-o, e caiu tambem banhado em sangue.

As boccas de dez pistollas foram instantaneamente apontadas ao resoluto matteiro. O matteiro não teve remedio senão ceder ao numero e ás armas dos cavallarias.

Vinte e quatro horas depois, o infeliz, que se chamava Jacintho Corrêa, summariamente julgado, sem ser ouvido, tinha sentença de fusilamento.

A heroica serenidade do portuguez assombrou os seus proprios verdugos. Em frente do pelotão, formado para o espingardear, arrancou o lenço com que lhe tinham vendado os olhos.

— Quero ver a morte — disse.

Depois, voltando-se para os espectadores d'esta

[1] A proclamação do general Junot, datada de Alcantara, de Hespanha, em 17 de novembro de 1807, dizia:

«Um exercito francez váe entrar no vosso territorio! Elle vem para vos tirar do dominio inglez, e faz marchas forçadas *para livrar a vossa bella cidade de Lisboa* da sorte de Copenhague. Mas será d'esta vez illudida a esperança do perfido governo inglez. Napoleão, que fitou os olhos na sorte do continente, viu que prêza o tyranno dos mares anticipadamente devorava em seu coração, e não soffrerá que ella cáia em seu poder. O vosso principe declarou guerra á Inglaterra: *nós, pois, fazemos causa commum.*»

O decreto de Napoleão, datado de Milão, em 23 de dezembro, do mesmo anno, posto que só publicado em fevereiro seguinte, dizia:

«Artigo 1.º — Uma contribuição extraordinaria de guerra, de cem milhões de francos (depois reduzida a quarenta, por impossibilidade de obter o pagamento) será imposta sobre o reino de Portugal, *para servir de resgate de todas as propriedades, debaixo de quaesquer denominações que possam ter, pertencentes a particulares.*»

É de um interesse historico evidente a acareação d'estes dois documentos, que reciprocamente se commentam. Como ha de a justiça da posteridade qualificar taes actos? Bom é que elles não esqueçam, para acautelar illusões.

triste scena, continuou sem a mais leve commoção na voz:

— Se todos fizessem como eu, já não havia um francez em Portugal! [1]

Por fim, encarando fito os soldados, que esperavam a voz de fogo, bradou-lhes com a mesma tranquillidade, apontando para o coração:

— Aqui... Matem-me, que matam um homem!

E caíu varado.

Foi um dia de lucto na villa. Depois d'esse dia, nos campos convisinhos, nenhum francez podia desmandar-se sem risco de encontrar mais Jacinthos Corrêas, que não esperavam tanto como o primeiro.

N'este ponto o leitor fará provavelmente a seguinte reflexão:

— A anecdota do matteiro fusilado, e da roçadoira patriotica, póde ser muito interessante; mas que tem ella com a menina de Val-de-mil?

O que tem? A seu tempo o veremos.

Ninguem póde antever o encadeamento mysterioso dos acontecimentos. Quando se verificar de que importancia foi para esta muito veridica historia o tragico successo, reconhecerão todos a incontestavel influencia, que uma roçadoira póde exercer nos destinos d'uma donzella.

MENDES LEAL JUNIOR



Uma paizagem de Angola

Foi copiada esta estampa da viagem do dr. Livingston ao interior da Africa, onde, fallando elle do bom acolhimento que recebeu das auctoridades portuguezas da provincia de Angola, desenha a tipoia, que lhe foi dada para saír a passeio, no momento em que os escravos pararam para descançar, debaixo de um enorme boabab (Vid. pag. 55).

Esta viagem está já traduzida em francez e hespanhol, e é tida como um escripto dos mais notaveis sobre a Africa central, porque são desconhecidos os muitos livros portuguezes que temos a respeito de muita parte d'Africa que o missionario inglez percorreu.

Citaremos algumas, para que os estranhos não supponham que o inglez foi o primeiro que fez tão penosas viagens.

« Ethiopia Oriental », de fr. João dos Santos. 1609. — « Relação e descripção de Guiné », pelo capitão André d'Almada, 1733. — « Memoria sobre as colonias de Portugal situadas na Costa d'Africa », pelo conde de Porto Santo, 1839. — « Descoberta e occupação de Guiné só pelos portuguezes, ou refutação das modernas pretenções da França áquella descoberta », por Cypriano José Rodrigues das Chagas, 1840. — « Chronica do descobrimento e conquista de Guiné, por mandado de D. Affonso V », de Gomes Eannes de Azurara, 1841. — « Memoria geographica e politica das possessões portuguezas na Africa occidental », por Joaquim Antonio de Carvalho e Menezes, 1834. — « Memoria sobre os felups, gentios da Guiné portugueza », por José Joaquim Lopes de Lima, 1836. — « Memoria sobre as colonias de Portugal, situadas na costa occidental d'Africa », dada á luz pelo visconde da Carreira, 1839. — « Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos dos portuguezes na costa d'Africa occidental », 1841. — « Descobrimento dos portuguezes na costa occidental d'Africa », na Revista Litteraria de 1841. — « Relação curiosa, e descripção geographica das terras de Moçambique, e Rios de Sena, e interesses que podem tirar das mesmas terras os que as povoarem e cultivarem, 1755. — « Ensaios Estatisticos » de Lopes de Lima, continuados por F. M. Bordalo, 1844-59. — « O Muata Cazembe », pelo major Gamitto, 1854. E outros muitos, de que não podêmos agora fazer

[1] Historico.

menção. Mas bastam estes para se conhecer que, antes de Livingston, tinham muitos escriptores nossos tratado d'esta e d'outras partes d'Africa, e que se fossem traduzidos em lingua mais conhecida, mereceriam de certo a attenção dos geographos e viajantes modernos.

RASPAIL

(Vid. pag. 178)

Como escriptor scientifico, Raspail principiou por uma memoria apresentada á academia das sciencias de Paris em 1824 «sobre a formação do embrião vegetal e a organisação da flor.» Alguem lhe disse que não tinha necessidade de procurar empenho para os academicos, que bastava só inscrever-se, pondo o seu nome. Não aconteceu assim. A memoria foi lida muitos mezes depois, e a academia apenas animou o joven auctor com palavras triviaes. Só o eminente naturalista Geoffroi Saint-Hilaire previu o alcance de um systema physiologico que hoje passou já ao estado de certeza. No fim da sessão Saint-Hilaire veiu felicitar Raspail e, batendo-lhe no hombro, proferiu estas memoraveis palavras:

— Animo! passastes-lhes já cincoenta annos adiante.

Referia-se aos academicos ramerraneiros, e que tem mais medo das innovações, que as crianças do papão.

Não obstante este mallogro da primeira tentativa, Raspail continuou a apresentar á academia memorias sobre memorias, mas com o unico fim de satisfazer aos programmas, porque nem sequer tratava de saber quaes eram os pareceres que sobre ellas se davam.

E, todavia, a principio, Raspail fazia tanto caso do voto da academia, que no prefacio do *Novo systema de physiologia vegetal* se exprime, a este respeito, por estas notaveis palavras:

«Será difficil hoje comprehender o respeito religioso que eu tinha pela academia das sciencias, n'aquelle tempo (1825). A critica jornalistica não tinha ainda penetrado com o seu facho n'aquelle sanctuario: escutava, mas não analysava. O jornalismo reconhecia a sua incompetencia scientifica; o vôo que depois tomou é quasi dos nossos dias. Pelo menos eu, que então não conhecia nenhum academico, comparava, no meu profundo acatamento, cada socio da academia, áquelles venerandos benedictinos de S. Mauro, que não se desvaneciam com a sciencia, e acolhiam com affabilidade paternal a quantos os procuravam. Não lhes suppunha outra ambição que a de estudar e ensinar; outra rivalidade, senão a que existia entre Ducange e Mabillon — a rivalidade da modestia.»

«Ainda me lembro de que tremia como varas verdes, no dia em que no pateo do instituto me atrevi a fallar a um academico. Era o fallecido Desfontaines, professor de botanica no museu. Fui pedir-lhe que me facilitasse a leitura de uma pequena memoria, n'uma das sessões semanaes da academia.»

—De que trata? me perguntou elle com severidade.

—De botanica, lhe respondi. Não ousei proferir a palavra physiologia, tanto receava eu não ter chegado a tão alto!

—De botanica? São plantas novas ou exoticas?

—Não, senhor, são orgãos novos e novas analogias.

A estas palavras Desfontaines voltou-me as costas, como se eu tivesse proferido uma injuria a que elle desdenhasse retorquir.

Poucos annos depois, a academia estava resolvida a conferir o premio Montyon ao *Novo systema de chimica organica*, que tinha já recebido a approvação de outras corporações scientificas, quando Guizot, então ministro da instrucção publica, se oppoz decididamente.

A opposição que este famoso publicista fazia ao celebre chimico era-lhe soprada pelo demonio da politica. Guizot tinha mandado offerecer a Raspail o auxilio do governo para a propagação da sua obra, se elle se retirasse da politica, e se entregasse unicamente á sciencia. Raspail era então redactor principal do *Reformador*, jornal violentamente hostil ao ministerio doutrinario. Mas elle recusou a proposta com indignação, continuando com mais vehemencia a verberar o ministro corruptor, e a sua politica. Tal foi a origem do rancor entre estes dois homens celebres da nossa epocha.

Guizot, temendo que a academia se visse forçada por maioria de votos a praticar aquelle acto de justiça, fez com que Raspail fosse preso, sob o pretexto de uma conspiração forjada pela sociedade organisada para pagar as multas impostas aos jornaes por abuso politico, da qual Raspail fazia parte.

Este meio torpe surtiu o effeito.

A academia, n'aquelle tempo, não ousava coroar um preso politico. O jury absolveu Raspail; mas o premio Montyon já estava dado a outrem.

O que porém Guizot não pôde evitar, foi que a chimica organica se traduzisse em allemão, inglez e italiano; nem que seja considerada como um dos grandes inventos do seculo XIX.

Se como homem de sciencia, Raspail goza da reputação que temos visto, ainda é mais respeitado o seu caracter moral, a sua austera probidade. Os seus proprios inimigos politicos, e os adversarios medicos, n'este ponto não tem ousado fazer-lhe brecha, como nos outros, em que, havemos de confessar, tem fraquezas deploraveis.

Os seus discipulos do seminario de Avinhão, elevados depois a altos cargos, conservaram sempre as mais gratas recordações do caracter e talento de Raspail. Um d'elles, mr. Vilain, hoje ministro dos negocios estrangeiros da Belgica, quando Raspail requereu licença para ir residir em Bruxellas, e o governo lh'a quiz recusar, declarou aos ministros, que na qualidade de membro do corpo legislativo o seu domicilio era inviolavel, pelo que Raspail seria seu hospede.

Alguns actos da sua vida privada nol-o darão ainda melhor a conhecer como homem de bem.

Quando sua mãe enviuvou, foi obrigada a vender a modesta casa de pasto que tinha seu marido José Raspail, para pagar aos credores. Restou-lhe uns cem escudos, que ella, sabendo da penuria de seu filho, lhe remetteu immediatamente pelo correio. Este, porém, devolveu-lh'os taes quaes, escrevendo-lhe:

«Ainda que eu estivesse a morrer de fome, não acceitaria um ceitil da vossa mão, sabendo que estaes tão pobre como eu.»

Foi sempre amantissimo de sua mãe; e muitas vezes repete, que o seu maior pesar é não ter podido ir a Carpentras quando ella falleceu, para ajoelhar aos pés do seu ataúde.

Por vezes se tem achado reduzido a extrema pobreza, sem comtudo se dobrar ás tentações e offertas dos que conhecem a valia do seu talento. Pelo contrario, quanto mais pobre estava, tanto mais evitava ter relações com pessoas abastadas. Estando por mestre em casa de uma familia poderosa, houve uma occasião em que suppoz o haviam tratado desattenciosamente; e esta suspeita foi bastante para que elle no mesmo instante saísse da casa, sem se despedir, nem tão pouco pedir os honorarios que tinha vencido.

Quando acabou o tempo de prisão a que fôra condemnado pelos artigos do *Reformador*, Raspail foi occultar a miseria a que se achava reduzido, n'uma pobre casinha de Montrouge, sob o nome de mr.

François. Ahi não quiz contrahir uma só divida, nem sequer fazer alguma anticipação, que facilmente obteria do livreiro que publicava as suas obras. N'este cubiculo esteve mettido quinze mezes sem saír de casa, redigindo o seu famoso *Tratado de Chimica Vegetal*, sustentando-se unicamente de batatas, e tomando no collo um filho que tinha ainda de peito, em quanto sua mulher fazia o trabalho de casa. E, comtudo, nunca perdeu a jovialidade habitual, nem o amor ao trabalho.

Amava sua mulher em extremo, e ella merecia-lh'o, porque foi para seu marido um anjo consolador em todos os seus trabalhos e prisões. Mad. Raspail, de humilde costureira tornou-se mulher do celebre chimico, quando elle, já áquelle tempo tão conhecido pelas suas obras, podia contrahir um matrimonio vantajoso, isto é, podia escolher esposa rica e formosa. Mad. Raspail, como já dissemos, era muito feia, porém tinha dotes mais raros que os da belleza, tinha os do coração. Era de animo varonil e de uma dedicação heroica. Em todas as prisões seguiu seu marido, e com receio que os seus inimigos o envenenassem, não consentiu nunca que outrem lhe preparasse a comida senão ella. Nos ultimos annos da sua atribulada existencia ninguem a conhecia, era um verdadeiro espectro. Morreu martyr, succumbindo a tantos trabalhos e privações.

Raspail teve cinco filhos d'este santo consorcio, quatro rapazes e uma menina. O mais velho tem 37 annos, chama-se Benjamin Raspail, é pintor de paizagem, e foi membro da assemblea legislativa. Este vive actualmente com seu pae e sua irmã em Bruxellas. É elle que faz os desenhos para as estampas das obras de seu pae. O segundo é medico, o terceiro architecto, e o ultimo estudante de direito.

O amor que teve a sua mulher eguala o que tem a seus filhos. O mais velho foi um dia corrido á pedra pelos moradores de Epinay, só pelo facto de ser filho do democrata Raspail. Das contusões que recebeu se lhe originou um tumor no joelho esquerdo, que aggravando-se, foi necessario fazer-lhe operação. Estava a esse tempo Raspail com sua familia na casinha de Montrouge. Soube-se que o homem conhecido na visinhança por mr. François, era o celebre chimico Raspail, porque uma noite muitas carruagens pararam á sua porta, e d'ellas se apearam Lisfranc, Blandin, Thierry, Breschest, Pinel, Grandchamp, Ricord, todos os principes da medicina e da cirurgia. Tinham combinado elles, de seu moto proprio, ir fazer uma junta ao filho de Raspail, querendo assim dar ao seu famoso emulo na sciencia, uma prova de homenagem ao talento e ao infortunio. A ferida era irremediavel, e todos votavam pela amputação. Raspail, a pedido de seu filho, foi quem lhe segurou na perna. Vendo o escalpelo retalhar as carnes, e sentindo o ranger da serra nos ossos do filho, o pae teve animo para supitar o grito da natureza, incitando o padecente, com palavras e gestos, a soffrer o corte; mas apenas se acabou, caíu redondamente no chão, e por mais de uma hora esteve sem recobrar os sentidos.

Tal é, em resumo, a vida publica e privada do homem que tem dado brado em ambos os mundos.

Além do *Manual da Saude*, traduzido em varias linguas, e que na portugueza tem já muitas edições, a obra mais notavel de Raspail é a *Historia Natural da Saude e da Doença*, 3 vol. in-8, com figuras de madeira intercaladas no texto, e vinte estampas gravadas em aço por seu filho Benjamin, de quem são tambem os desenhos.

Esta obra tem sido julgada diversamente pelas differentes escholas de medicina. Não temos voto na materia, por isso nos não atrevemos a optar por nenhum dos juizos proferidos por homens eminentes nas sciencias que ella contém; mas a simples leitura revela, ainda aos menos instruidos, que profunda intelligencia, alta philosophia, muita erudição historica, e grande saber de chimica e botanica, contribuiram para a feitura d'este livro.

Os seguintes periodos textualmente traduzidos do prologo da terceira edição, concluida este anno, darão ao leitor idéa cabal da importancia que o auctor liga a este novo ou renovado trabalho; e juntamente lhe darão noticia do seu modo de viver no desterro a que voluntariamente se condemnou.

« Ha muito tempo que a segunda edição d'esta obra está completamente exhaurida. Sabemos que a terceira é esperada com impaciencia, mas não nos tem sido possivel publical-a mais cedo, porque o nosso systema de medicação tem progredido tanto desde que publicámos aquell'outra até hoje, que não deviamos reproduzil-a sem as indispensaveis addições.

Uma verdadeira revolução nunca fica estacionaria; a sua marcha é progressiva, invasora, e destructiva do passado, que vae desabando sob seus passos. É por isso que entre a terceira e segunda edições ha já um abysmo talvez egual ao da primeira, e todo o passado da medicina hippocratica. As verdades conhecidas invocam outras verdades novas; explicam-n'as d'ante mão, e preparam-n'as anticipadamente. Sobrevem depois a experiencia que as confirma, e que balisa o caminho que nos guia ainda a outras verdades.

Esta obra de demolição e reformação tem-n'os levado dez annos de vida e de trabalho, sem que nenhuma especie de machinação, movida pelos nossos eternos inimigos, haja podido retardar-lhe a marcha, um instante sequer. Temol-a proseguido, tanto nas prisões mais soturnas, mais ermas, e mais doentias da nossa patria, como aos raios do sol do exilio; tanto atormentado pelos mais covardes e deshumanos rigores dos carcereiros, como no seio da paz e agasalho da hospitalidade, até que, sempre com a penna na mão direita, e o açoite na esquerda para corrigir os insolentes que nos injuriam, o exilio nos deu, em terra estranha, um asylo solitario, mas circumdado de sympathia e de flores. Tanto n'uma como n'outra fortuna, a nossa alma e o nosso espirito tem-se conservado sempre independentes da materia e do espaço, não se deixando succumbir ás desventuras, nem distrahir com o lisongeiro acolhimento que recebi n'este reino, tal que se não poderá citar segundo exemplo. E tanto, que se acaso algum dia soar a ultima hora do meu desterro, não poderei nunca lembrar-me da Belgica senão com sentimentos de gratidão.

Como disse, o systema d'esta nova medicina tem progredido por tal fórma nos ultimos dez annos, que a segunda edição da *Historia natural da saude e da doença* já se não póde considerar em mais que uma simples tentativa, ou como programma d'esta recente edição. Os principios fundamentaes d'este edificio conservam-se taes quaes, porém da-se-lhe mais luz; a cumieira e remate foram levantados sobre um risco mais vasto, e com amplificações que lhe dão ares de um edificio novo.

Os que tem seguido os nossos escriptos durante esta década, sem se deixarem intimidar pelas ameaças do obscurantismo que ha tres annos conspira contra o derramamento da luz; os que tem auxiliado fielmente a publicação da *Revista Elementar*, que nós redigiamos em Vincennes, tendo cem boccas de fogo por carcereiros, e a *Revista Complementar* que redigimos ha quatro annos na tenda do exilio, com as portas abertas, mas guardada, noite e dia, por uma hospitalidade que só pelo coração póde ser comprehendida; estes nossos leitores poderão dar testimunho de quantas demonstrações e applicações temos

sido obrigados a juntar á primeira edição, para a nivelarmos com a esphera, embora mais limitada, do nosso *Manual*.

Temos até agora conversado com os nossos amigos e assignantes; quanto aos detractores e importunos, que não sabendo em que hão de occupar o seu tempo, tratam de fazer perder o dos outros, a esses diremos que estamos publicando simultaneamente tres obras: a *Revista* e o *Manual* de cada anno; que temos os dias e horas distribuidos de maneira, que nem sequer um instante sisâmos á escripta e experiencias de que nos occupâmos para satisfazer a esta triplice redacção; que não esperdiçâmos nem um minuto a saber o que váe pelo mundo, nem um segundo tirâmos para recreio; que passâmos a vida como se estiveramos n'um sepulchro; que morremos para a ociosidade, e que só resuscitâmos dois dias por semana, não para receber visitas de conversação, mas os doentes que tragam attestado de que residem fóra da Belgica. Ás quintas e domingos, das duas ás cinco da tarde, ouvimos todos os doentes que nos procuram, e não fechâmos a porta sem ter aviado até o ultimo. Em nenhum outro dia recebemos, seja quem for.

Póde-se ser para muito com ordem e methodo; sem isto, por mais que o homem faça, não presta para nada.

Dos sete dias da semana consagrâmos dois ao exemplo e á pratica; não são de mais os cinco dias que restam para redigir e corrigir a lição e os preceitos.»

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

II

PROCISSÃO DO FERROLHO

Já advertimos, que por muitos votos religiosos e romarias populares, se podem determinar as epochas e os successos prosperos ou calamitosos da nossa terra.

O voto e procissão de que hoje fazemos memoria, como de coisa já extincta que é, marca a ultima peste geral, das que por tantas e tão repetidas vezes devastaram este reino.

Remonta aos fins do seculo XVI a origem da procissão da cidade, vulgarmente chamada do *ferrolho*, pelo motivo que adiante apontaremos.

Fallam superficialmente d'esta procissão, D. Antonio Caetano de Sousa, no *Agiologio Lusitano;* Carvalho, na *Chorographia Portugueza;* Agostinho de Santa Maria, no *Sanctuario Mariano;* João Baptista de Castro, no *Mappa de Portugal*. Mais por menor a conta o auctor anonymo, jesuita do collegio de S. Francisco Xavier d'esta capital, no volume manuscripto que se conserva na bibliotheca nacional de Lisboa. Porém, onde vem historiada compridamente, é n'um livro bem pouco conhecido, com o titulo de *Aguia da Penha,* publicado por fr. Carlos de Mello, prior do convento da Penha de França, em 1707, o qual diz —que na livraria d'aquelle convento foram achados, sem titulo e sem auctor, os dezenove capitulos que aqui vão bem e fielmente copiados, escriptos em letra antiga de mão, encadernados em pergaminho, com a mesma phrase e orthographia que ha cento e tantos annos se usava, porque na era de 1578 teve principio a imagem de Nossa Senhora da Penha de França, como consta do segundo capitulo; e pouco depois, como n'elle se vê, é que o religioso escreveu esta obra, como se infere de dizer que, quando a escreveu, ainda era vivo Antonio Simões, auctor da imagem.

D'este livro, pois, e do manuscripto da bibliotheca publica, resumiremos a lenda da procissão do ferrolho.

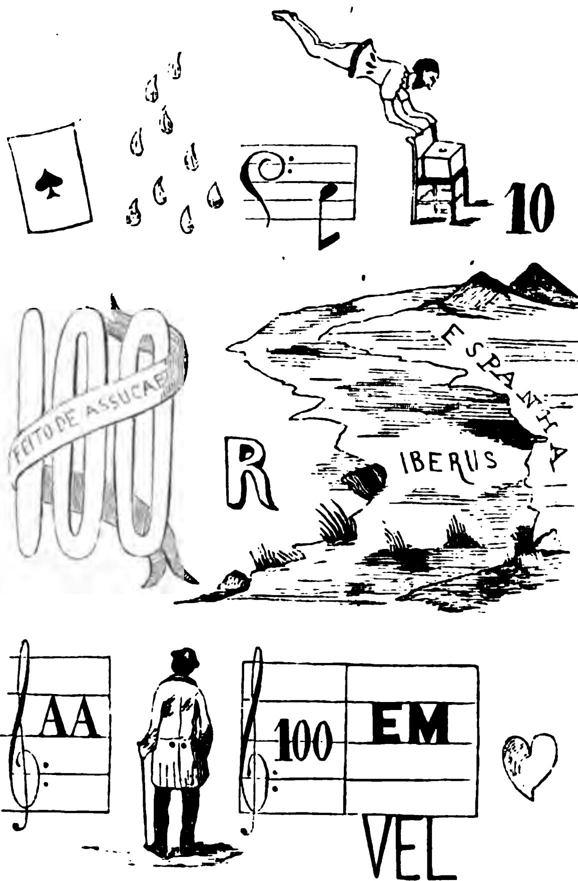
«Antonio Simões, official doirador, que ainda hoje vive (1615), natural e morador n'esta cidade de Lisboa, passou com el-rei D. Sebastião á Africa n'aquella desastrada jornada que a ella fez no anno de 1578. E vendo-se na batalha de Alcacer no grande perigo em que geralmente todos estavam, por escaparem poucos de mortos ou captivos, como é notorio, e cada um experimentou em sua casa, na de amigos, visinhos e parentes; prometteu a Nossa Senhora, que se o livrasse do apertado perigo em que se via, vindo á sua terra lhe havia de fazer nove imagens de invocações differentes. Acceitou-lhe a Senhora, parece, esta promessa, porque feita ella, sem saber o como, se viu livre do campo sem haver quem lh'o impedisse, e d'alli veiu em paz e em salvo a esta cidade.

Reconhecido elle da mercê que Deus lhe fizera por intercessão de sua Mãe Santissima, a quem se encommendára, começou logo a dar á execução seu voto (que os que se fazem a Deus e aos seus santos, quer elle se cumpram, e de necessidade se hão de pôr em effeito), e assim lhe fez sete imagens de differentes invocações.

Querendo fazer a oitava, reparou na invocação que lhe poria, e n'este cuidado e pensamento andou vacillando muito tempo, andando em todo elle perplexo, confuso, cuidadoso e mui desconsolado juntamente, por não poder acabar de resolver-se; dava-lhe grande pena o não lhe occorrer nova invocação para esta oitava imagem (que não lhe queria pôr nenhuma das communs e ordinarias). Andando, porém, assim n'esta consideração pia, houve por bem a Senhora da Penha de França de o tirar do grande cuidado e desconsolação em que o tinha posto.

(Continúa)

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Uma queimada no Brasil

Da *Flora Brasiliensis*, que actualmente estão publicando os naturalistas allemães de quem já fallámos a pag. 133, tirámos a vista da queimada de um campo no Brasil que a nossa estampa representa.

O Brasil fórma um como triangulo immenso, cuja superficie é calculada por alguns geographos em 380 a 400 mil legoas quadradas. Augusto de Saint-Hilaire, que detidamente estudou este bello paiz, foi quem mais insistiu e escreveu sobre a prodigiosa variedade da disposição dos seus terrenos, das condições climatologicas de tão vasto imperio, e por consequencia da differença das suas producções.

É com effeito diversissimo o aspecto e natureza das paizagens do Brasil. Na serie de montanhas pittorescas, como as da Serra do Mar, nas virentes collinas, como as que se admiram no Rio de Janeiro, nos mattos de talhar, nas florestas virgens, e nas vastas planicies a que os naturaes dão o nome de campos, como se poderá achar uma lei geral que se applique a todo o paiz? Nenhuma analogia ha entre o Rio Grande do Sul e a nova provincia do Rio Negro, cuja maior parte se compõe de uma vastissima floresta.

Os chamados campos dão excellentes pastagens. Quasi todas estas planicies, cuja extensão cança a vista, offerecem de espaço a espaço grupos de arvoredo, que dão abrigo e sombra ao gado. Durante os ardores do estio, no mez de janeiro por exemplo, o viajante é muitas vezes accommettido por nuvens de chammas e fumo, que se propagam com incrivel rapidez pela área dos campos.

Nem sempre estes incendios são casuaes; queimam-se as pastagens no Brasil como de proposito se lança fogo ás florestas; porque o fogo é um meio vantajoso que se emprega na agricultura brasileira, mas de que muitas vezes se abusa. As cinzas vegetaes, em certas provincias, são um adubio mais custoso do que se pensa.

Os campos por excellencia (e este nome dá-se no Brasil a mais de vinte regiões) são os que habitam a terrivel nação dos guaytacazes. Fertilisa-os o rio Parahiba. Estes indios tinham bem conhecido a natureza especial do solo que pisavam, porque na sua lingua chamaram a este paiz «Guaytomopi», que quer dizer «campos deliciosos». Estas planicies tão bem cultivadas em certas paragens, são intermeadas

de lagos de agua doce, de lagoas e paúes; por isso a vegetação alli é realmente admiravel.

No tempo d'el-rei D. João III foi Pedro de Goes da Silveira o primeiro que obteve concessão de terras para arrotear n'esta paragem; mas os colonos a principio tiveram que sustentar porfiosas guerras com os selvagens habitantes d'este solo fertilissimo. O seu nome conservou-se na denominação geral que o dá a conhecer aos estrangeiros, e se lhes chama «campos guaytacazes», um dos mais ricos paizes do Brasil; a sua florescente capital dista uns 240 kilometros do Rio de Janeiro. Nada falta n'este bello paiz, excepto mattas. Para fazer pastagens, ou estabelecer culturas, se queimou a matta que existia, mas que nunca foi abundante. É por isso que um viajante notavel escreveu em 1833: «aquelle que plantar um bosque nos Campos, haverá bem merecido da sua patria».

Tambem se fazem campos artificiaes no Brasil; por exemplo, em Minas Geraes e em Goyaz queimam-se as florestas, e em pouco tempo renascem selvas de menor altura, que se queimam novamente; das suas cinzas nascem fetos e arbustos, que em fim produzem uma graminea que serve de pastagem. Não recorrem os agricultores a nenhum instrumento aratorio; de enxada nem de charrua hão mister, basta-lhes o fogo para arrotear, e a cinza para estercar.

D'estes famosos campos guaytacazes escreveram muitos auctores portuguezes, nos tempos coloniaes, e alguns brasileiros depois da independencia do Brasil. Mas os (aliás mui sabios) naturalistas allemães, auctores da nova *Flora Brasiliensis*, apenas citam o francez Saint-Hilaire.

É fado este que já não esperâmos ver quebrado em nossos dias.

Para supprimos a teimosa omissão dos estranhos a nosso respeito, faremos aqui lembrança do que por alto diz, a respeito dos guaytacazes, o estudioso e classico fr. Agostinho de Santa Maria, que para a composição de uma obra já hoje não vulgar, o «Santuario Marianno» (10 tomos in-4), recolheu das auctoridades de todo o Brasil, no principio do seculo passado, muitas noticias de historia ecclesiastica, civil e natural, que se não acham n'outra parte. E poucos as procuram n'esta valiosa collecção, porque o titulo inculca ser apenas uma obra mystica.

Correm egual sorte muitos outros livros antigos, pela mesma razão do titulo e assumpto principal serem sacros. Felizmente, esta ignorancia bibliographica que padecem não só os escriptores estrangeiros, porém muitos dos nacionaes contemporaneos, não achará desculpa depois de publicado o admiravel *Diccionario* do nosso consocio academico F. Innocencio da Silva. Esta obra de porfiado e escrupuloso estudo váe já no quarto volume, e por elles se vê, que não é apenas um catalogo de livros, como quasi todos os seus similhantes, mas um diccionario analytico, onde com boa critica, e grande conhecimento da livraria portugueza, se dá conta do merito e conteúdo das obras que alli se vão consignando, por ordem alphabetica dos auctores.

Ouçamos, porém, o que diz o nosso fr. Agostinho de Santa Maria.

«Deixada a cidade de Cabo Frio, e fazendo caminho pela costa para o norte, espaço de trinta legoas, todo este districto chamâmos «campos guaytacazes», ainda que estes ficam quinze legoas distantes da capitania do Espirito Santo, para o sul, até ao cabo de S. Thomé.

Era esta uma grande porção de terra senhoreada de tres nações de indios, gente selvagem, os quaes convinham todos em genero, *gaytacomopi*, *gaytacagnaçú*, e *gaytacnjacóritó*, que andavam em continuas guerras, e se comiam uns aos outros, com mais vontade que as feras do matto quando se caçam, as mais fracas pelas mais fortes. Habitavam estas nações umas campinas mui dilatadas, chamadas do seu nome guaytacazes, que se deviam chamar campos elysios, na formosura, na grandeza, e na fertilidade.

A estes gentios afugentaram as armas portuguezas, e assim se retiraram para o sertão. D'estes campos para o mesmo sertão habitavam tambem outras castas de innumeraveis gentios, tapuyas, todos intrataveis. Porém, pela parte maritima, o gentio guaytacaz com os tamoyos da banda do sul, e da banda do norte com os toboyaras e tupinaquis, traziam guerra; d'estes se foram domesticando alguns, e os outros buscaram terras para viver, onde vivem como feras.

Todo este caminho que váe de Cabo Frio para o norte, por espaço de trinta legoas, como dissemos, é de mattas de excellentes madeiras, e de praias desertas, onde se separam rios muito caudalosos e profundos, que vão desaguar no Oceano. Por todo o decurso d'este largo caminho não falta divertimento para os que levam armas de fogo, porque acham, em certos mezes do anno, quantidade de porcos do matto, patos de lagôa, marrecas de diversas castas, jacús, que são aves mui vistosas, papagaios de varias especies e côres, e outras muitas caças de pelle e de penna, que servem aos passageiros de matalotagem. Porque sendo todo este caminho frequentado de gente, gados e boiadas que vão dos Guaytacazes para o Rio de Janeiro, em todo elle não ha estalagens, nem casas onde se possa comprar o necessario para o sustento; e assim a espingarda é a que ministra o que hão de comer.»

N'outra parte, fallando d'estes mesmos guaytacazes, diz:

«O capitão de Cabo Frio, Estevão Gomes, fez tambem pazes com os indios guaytacazes, gentio alli visinho, que nunca se tinha podido conquistar, ainda que para isso foi Miguel de Azevedo, sendo capitão do Espirito Santo, e outros do Rio de Janeiro, porque vivem em terras alagadiças, mais a modo de homens marinhos que terrestres; e quando se ha de chegar ás mãos com elles, mettem-se dentro das aguas, onde se não póde entrar nem a pé nem a cavallo. Mas por uma mortifera doença de bexigas que padeceram, se foram sujeitar ao capitão Estevão Gomes, dizendo queriam ser seus compadres e dos brancos, e commerciar com elles. D'esta sorte ficou aquella nova capitania de Cabo Frio pacifica, e foi isto pelos annos de 1615. Não é aquella povoação de poucos interesses, *mas os portuguezes só sabem conquistar e não povoar.*»

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 186)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XI

EM QUE SE DÁ CONTA DO QUE MAIS SE PASSOU ENTRE AS DUAS PRIMAS

Estavam ao fim do jantar na residencia do desembargador. Eram os convivas d'este, além das senhoras da casa, um alto magistrado, recentemente nomeado membro da junta provisoria da contribuição de guerra, o escrivão do senado, e um peralta, já entrado em annos, a quem unicamente se conhecia a occupação de escudeiro servente das damas, procurador officioso de miudezas, e commensal obrigado de todas as mesas elegantes.

A singularidade do officio pede uma descripção particular do personagem.

Era elle filho segundo d'uma casa titular, muito acceito em toda a parte pelo seu nascimento, e ain-

da mais pela sua obsequiosidade. Estava em dia com todas as partidas, andava corrente em todas as novidades, e era de todos os conciliabulos femininos. Posto que as mulheres sempre o saudassem com alvoroço, os homens viam-n'o sempre sem desconfiança. Sabia de cór as anecdotas do *Correio das Modas*, e das alterações publicas só lhe davam cuidado as dos figurinos.

Fôra nos seus tempos o heroe do minuete da côrte, conservava saudosas recordações dos passados triumphos choreographicos, e folgava de illustrar os novatos com os seus preciosos conselhos, juntando frequentemente á explicação o exemplo, para ostentar, na intimidade, o resto das graças que um rheumatismo obstinado ás vezes deixava indiscretamente no meio, privando-o de brilhar ainda em publico.

Com penar tal achaque, vestia no requinte. Casaca de lemiste verde, botões de metal branco, e gola mediana de veludo preto; collete de fustão branco, aberto ao meio para deixar vêr a camisa de finissima cambraia em pregas miudas; lenço branco e alto bem enrolado no pescoço; calções côr de laranja desmaiada, que era o ultimo tom, e sapatos de fivella.

A composição d'este todo, a que se chamava então «vestido de assembléa», custára ao fidalgo taful cogitações aturadas para saír no rigor da pragmatica e das innovações, coisas difficeis de conciliar. Ficára todavia pago dos seus desvelos com um comprimento a tempo da mulher do desembargador, que lhe conhecia o fraco.

O Adonis maduro fôra n'esse dia recebido na calçada do Salitre com superior agrado: era portador de um convite extremamente cubiçado.

O capitão de mar e guerra Magendie, commandante da marinha, nomeado por Junot, dava na manhã seguinte [1] um almoço ao general em chefe a bordo da nau *Vasco da Gama* [2].

[1] 12 de março de 1808. Historico.

[2] Por haver hoje uma nau do mesmo nome, ha poucos annos construida, não vão concluir os critiqueiros que se caiu aqui em anachronismo. Salvo seja! Assim como ha mais Marias na terra, houve tambem mais Vascos da Gama no mar. Era natural. Podia lá ter andado esquecido o glorioso cognomento que estava de continuo lembrando o nosso primeiro almirante! Nem faltavam n'aquelle tempo vasos de guerra para receber todas as denominações venerandas. Apesar da decadencia, as forças maritimas do reino eram ainda tão consideraveis, que tinham deixado no porto de Lisboa, em geral por falta de guarnição, os navios que no texto se mencionam, afóra as embarcações destacadas nas estações, depois de haver saído para o Rio a familia real com a esquadra, que era uma esquadra. Compunha-se esta de quatorze vélas, de primeira ordem para a epocha: oito naus, tres fragatas, tres brigues e uma charrua. Já lá vão essas memorias, com serem recentes. Talvez o leitor tenha curiosidade de avival-as. Vem, pois, a ponto mencionar as particularidades mais essenciaes e authenticas, isto é, os nomes dos navios, a força d'elles, e os seus commandantes. Quem sabe se d'aqui a pouco existirão sequer estes vestigios? Eram as naus a *Principe Real*, de 84 peças, commandante Francisco José do Canto Castro e Mascarenhas; a *Rainha de Portugal*, de 74, commandante Francisco Manuel Souto-mayor; a *Medusa*, de 74, commandante Henrique da Fonseca de Sousa Prego; a *D. Joao de Castro*, de 74, commandante D. Manoel João Locio; a *Affonso de Albuquerque*, de 74, commandante Ignacio da Costa Quintella; a *Principe do Brasil*, de 74, commandante Francisco de Borja Salema Garção; a *Conde D. Henrique*, de 74, commandante José Maria d'Almeida; a *Martim de Freitas*, de 74, commandante D. Manoel de Menezes. Eram as fragatas a *Minerva*, de 44 peças, commandante Rodrigo José Ferreira Lobo; a *Golfinho*, de 40, commandante Luiz da Cunha Moreira; a *Urania*, de 40, commandante D. João Manoel. Eram os brigues o *Voador*, de 22 peças, commandante Francisco Maximiano de Souza; o *Lebre*, de 22, commandante Daniel Thompson; o *Vingança*, de 20, commandante Diogo Nicolau Keating. Era finalmente a charrua *Thetis*, commandante Paulo José Miguel de Brito. Ia por cabo superior d'esta armada o almirante Manoel da Cunha Souto-mayor. Constava a sua força de 800 canhões, e seis a sete mil marinheiros. Dos commandantes dos navios, 10 eram capitães de mar e guerra, 4 capitães de fragata, e 1 primeiro tenente. Levantando os olhos d'esta resenha ponha-os o leitor n'uma coisa bem actual e bem significativa, o quadro legal da nossa marinha de guerra. Achará o seguinte com a data fresquissima de 11 do corrente agosto: «Artigo 1.º: A força de mar, para o anno economico de 1860 para 1861, será fixada em 2,577 praças, distribuidas por 1 fragata, como transporte; 4 corvetas, sendo 3 a vapor; 1 cuter; 2 cahiques; 2 palhabotes; 5 vapores; e 1 barca transporte.» Estenda-se depois a vista pelo mappa, e calculem-se as leguas da costa d'esta facha de terra á beira do Oceano, os contornos dos tres archipelagos que possuimos, e os portos que nos restam n'um e n'outro lado de Africa, na India, no golfo persico e na China. Aproxime-se tudo e reconhecer-se-ha porque chegámos a esta penuria vergonhosa, que, involvendo-nos n'um circulo fatal, nos empobrece cada vez mais. Se ao menos a comparação servisse de estimulo!

Annunciavam-se maravilhas d'este festejo. Sabia-se que se havia dado ordem para virem da barra, onde estavam ancoradas de guarda aos inglezes, as fragatas *Carlota* e *Beijamin*, o brigue *Gaivota*, e a escuna *Curiosa*, que, tendo-se feito de véla com a armada real, fôra obrigada a arribar, por não poder com o tempo grosso que fazia fóra, vindo a caír nas mãos dos francezes.

Estes vasos tinham sido reunidos para servirem como de cortejo á nau, e salvarem ás saudes, ficando apenas de observação entre torres a fragata *Graça Phenix*, com mais dois navios de alto bordo, artilhados, mas incapazes de navegar, e, fundeadas em Belem, tres charruas para fazerem transmittir qualquer aviso.

Queria assim o capitão Magendie fazer tambem uma especie de parada naval, para inculcar aos habitantes de Lisboa como teria modos de por sua parte se oppôr a qualquer tentativa séria dos inglezes. Por estes chamavam anciosamente os votos da cidade, como se via dos ajuntamentos que todas as tardes povoavam as eminencias d'onde se avistava a terra e o mar alto.

A presença da esquadra russa do almirante Siniavin, surta no Tejo, concorrendo para proteger os francezes, visto durar ainda a alliança dos dois imperadores, contribuiria tambem para o apparato e esplendor da solemnidade.

O almoço do commandante da marinha excitava pois, por varias maneiras, a curiosidade. Os officiaes russos que se dizia terem sido tambem convidados, e eram pouco conhecidos, tinham grande parte n'estes alvoroços.

Temêra D. Maria ficar esquecida, e recommendára particularmente a D. Jeronimo, o nosso fidalgo, que tivesse todo o cuidado em a lembrar no quartel general, onde estas coisas se tratavam, e onde elle tinha facil accesso. Tardava já á mulher do desembargador o suspirado convite, porque, não faltando projectos e prevenções de vestuarios, começava todavia a faltar o tempo para os preparos.

Póde, portanto, imaginar-se a entrada triumphal que faria o feliz enviado, noticiando o exito cabal da negociação!

D. Maria estava radiosa. Á sobremesa discorreu-se longamente, conjecturando e antegozando as magnificencias do dia immediato.

Depois do jantar, que era ainda ás horas portuguezas, isto é, cedo, os homens passaram ao escriptorio do desembargador.

Havia partida n'essa noite. Era preciso dar tempo ás senhoras para se vestirem.

Tanto incitava o contentamento a dona da casa, que uma hora depois apparecia já na sala. Não havia memoria de tamanha actividade nos enfeites, que eram complicados.

Tinha-a, porém, Ignez precedido, como quem menos carecia adereçar-se. Attentando bem, adivinhava-se na morgada certa curiosidade inquieta — um desejo mesclado de receio. Cumpria entretanto ser muito sagaz observador para o perceber, tão bem se recatava e precavia a donzella.

A roda dos intimos formou-se logo em tôrno de D. Maria, esperando a noite e reunião maior.

Apesar da inaudita celeridade com que se apromptára, estava ella realmente esplendida. Tinha dez annos menos. Como que se lhe derramava pelo semblante o jubilo interior. Nunca mostrára mais seducção nos modos, nem mais benignidade na voz.

Esta superabundancia de satisfação, que fazia instinctivamente lembrar a affabilidade felina, produzia em Ignez o effeito de uma sombra.

Quanto mais media a prima, mais se lhe escure-

cia o coração annuveando-lhe o rosto. Presentia o que quer que fosse.

O escrivão do senado, mythologo endurecido e árcade relapso, que por vezes infamára a prosa dos editaes e avisos com alguns epithalamios secretos e varias odes natalicias, chegou-se para o desembargador, com quem tinha confianças de antiga camaradagem, e disse-lhe ao ouvido:

— Mortal ditoso! a sr.ª D. Maria banha-se nas aguas da fonte de Juvencio, ou quer dar-nos uma amostra de Olympo tomando a figura de Hebe?

— O comprimento caía bem ao jantar... se tivesse em casa a ambrosía — tornou-lhe o desembargador, como versado nos dialectos do tempo, apesar das Cujacianas e das Ordenações.

— Ao jantar e sempre, digo eu. Na verdade parece que os annos...

— Pelo amor de Deus não falle em annos a proposito de minha mulher. Não lh'o perdoava.

— Com effeito, — accudiu d'alli machinalmente o membro da junta de contribuição, que só percebêra a ultima palavra, e pensava que lhe fôra dirigida — com effeito, não se póde perdoar um real a ninguem: é judicioso o que diz.

Mastigada a phrase em tom sentencioso, o eminente magistrado, avaro d'ellas, tornou a encerrar-se na magestade do silencio solemne, que perpetuamente o adornava e lhe grangeára nome.

Em geral dava pouca attenção. Era uma d'estas nullidades apparatosas, que vivem absortas na ponderação da sua importancia, e na contemplação dos proprios meritos. Estas felizes creaturas julgam sinceramente impossivel pensarem, sentirem, ou dizerem os circunstantes coisa alheia ás suas augustas pessoas.

O desembargador inclinou-se urbanamente diante da interrupção boçal, costumado como estava a acatar todos os ridiculos influentes, e a dar pleno assentimento a todos os despropositos condecorados. Depois, encolhendo imperceptivelmente os hombros, continuou para o escrivão semi-vate, atando o fio ao dialogo, intempestivamente cortado:

— Se eu quizesse comprommettel-o, denunciava-o agora.

— Denunciava os extremos da minha admiração. As nymphas não tem edade.

— As nymphas não; as mulheres sim.

— Mulher!

— Que quer? Sou marido: não posso tel-a n'outra conta. Se o apertasse, concordava commigo.

— Era preciso fechar os olhos.

— Concordava. Senão, repare. Ha pouco chamou-lhe deusa, agora nympha. Já lhe deu baixa. Com pouco mais...

— Bem se diz que o hymeneu...

— O hymeneu tem na mão um facho: é para vêr. Conheço bem minha mulher. Siga o meu conselho, se deseja conservar-se no seu valimento. Ponha-lhe aos pés a Castalia e o Pindo, querendo... bem que não é o forte d'ella... mas logo que a mythologia possa complicar-se com a chronologia, abstenha-se, meu amigo, abstenha-se: é prudente.

O sabor d'esta conversação travaria provavelmente ao paladar nacional, que então lhe não estava ainda affeito. N'elle, porém, se patenteava claramente como já por alli andavam os ares francezes, e como poucos dias haviam bastado para contaminar a austeridade antiga, fazendo respirar n'um ambiente novo os adeptos.

D. Maria dava uma attenção de complacencia aos galanteios innocentes e consuetudinarios do fidalgo. Posto não ouvir os dois, conhecêra com a subtil percepção feminina que fallavam d'ella.

Aproveitando a occasião para fazer do duplo colloquio uma palestra geral, disse-lhes:

— Aposto que não se atrevem a repetir em voz alta o que estavam ahi segredando.

— Por que não? — acudiu rindo o marido — Homens como nós, investidos em graves funcções, que hão de tratar senão coisas muito aborrecidas e muito tediosas para as damas?

— Nem sempre — tornou D. Maria com maliciosa provocação — Ha frequentes excepções. E era uma excepção agora.

O escrivão do senado acudiu desvanecido:

— Que v. s.ª (a excellencia ainda não era de uso commum) que v. s.ª tinha o attractivo das Graças e as prendas das Musas, sabía eu já. Vejo, porém, que lhe não bastam, e quer tambem o dom das Sibyllas.

— Faz-me entrar em tantas irmandades! — replicou a mulher do desembargador — Como hei de servir em todas? Mas, vamos: lisonjas não são respostas. Sabem que mais? Suspeito-os réos de algum epigramma acerbo... o sr. doutor desembargador principalmente.

— Eu! — atalhou este — Como se engana! Se sou réo, é só de uma apologia.

— Peior, muito peior. Não lhes dizia?

— Peior! Porque?

— Em primeiro logar não tenho grande fé nas apologias conjugaes.

— Obrigado!

— Em segundo logar, a apologia de um, quer dizer arguição de outro. Porque julgou preciso defender-me?

— Quem lhe diz que a apologia lhe dizia respeito?

— Os seus modos.

— Não é possivel occultar-lhe nada. Pois é verdade: defendia-a.

— Ah! então já sei quem foi o aggressor.

— Aggressor! — protestou o escrivão — Desculpe o meu amigo, mas não vejo sequer possibilidade de aggressão...

— N'um madrigal — atalhou o desembargador — vejo eu. Seja a senhora juiza...

— Tudo está no modo de entender as coisas — observou prudentemente o indiciado.

— Aggressões em madrigaes são muito possiveis, effectivamente. — accudiu a perspicaz matrona — Agora mesmo estava eu sendo victima d'isso.

— E era o sr. D. Jeronimo o sacrificador?

— Pois quem!

— Nunca tal accreditára!

— Nem eu posso perceber como! — ponderou o fidalgo, entrando na conversação, chamado pela referencia directa que lhe fizera D. Maria.

— Como? — retorquiu esta — Pois já se não lembra do que me dizia?

— Lembra. Que tinha? Dizia que, vendo-a entrar, estive tentado a applicar-lhe o que se conta do duque d'Alva na corte de Hespanha, quando as damas se occultaram por chegar el-rei.

— Ahi verá.

— E que se conta do duque d'Alva? — perguntou o desembargador.

— Como el-rei viesse distrahido, e sentisse o rumor sem perceber a causa, inquiriu de repente: «que é isto?» o duque, tomado de subito, tornou-lhe logo: «É Alva que diz ás Estrellas, que sáe o Sol, se escondam ellas.»

— Não ha mais conceituoso repente, na verdade — celebrou o escrivão, a quem davam sempre no frapo estes resaibos de gongorismo galante.

— Para a corte de Madrid, concedo — observou D. Maria.

— E por que não para v. s.ª? — ponderou D. Jeronimo?

— Porque me parece que não posso ser comparada a Filippe II, um rei, é verdade, mas em todo o

caso um homem, e um homem que não passava por muito amavel.

— No rei não se olha á pessoa, olha-se á magestade.

— E o mais?

— O mais!

— Porque havia de mandar tambem retirar as estrellas? Quer dizer com isso que faço fugir?...

— Que lembrança!

— Quer deixar-me n'um deserto?...

— De luz.

— Ainda que seja de luz. Julgava-o mais benevolo, D. Jeronimo.

Ignez escutava attentamente para aprender. O membro da junta de contribuição ouvia, mas não entendia. Nem precisava. Mal lhe chegava o tempo para se admirar.

Era o fidalgo veterano n'estes tiroteios, e, como se lá diz, ninguem o apanhava descalço no fogo cruzado dos galanteios insignificantes, quer ao divino, como se tinha usado recentemente, quer ao profano, como se começava a usar.

Acudiu, portanto, com presença de espirito ao reclamo travesso da dama.

— Não é para estranhar que exprimisse mal o meu assombro. Isso tem a admiração, que deixa os sentidos suspensos, e nem se atina com o que se quer dizer. E a sr.ª D. Maria está hoje realmente admiravel. Ninguem veste com mais primor em Lisboa. O que não será amanhã! Os nossos amigos francezes hão de reconhecer que nem só lá no seu Paris se sabe o que é elegancia e bom gosto.



Estava sentada, em estudada attitude...

Não andava o fidalgo muito longe das intenções da garrida matrona. Diligenciára ella com effeito mostrar-se digna das efficazes sollicitações do seu embaixador, e com improvisada inspiração se empenhára em avantajar-se mais que de ordinario.

Não peccavam, pois, absolutamente contra a razão os encarecimentos dos seus admiradores. Aquelles suffragios, bem que repetidos e quotidianos, aprazliam-lhe, como prognosticos de outros esperados e mais appetecidos. Para estes se predispunha, ensaiando o effeito das suas graças, rejuvenescidas por uma idéa, que ainda occulta, lhe sorria ao espirito, e se lhe revelava na desusada desenvoltura.

Era d'isto que tremia a morgadinha.

Favorecia á frescura outoniça da artificiosa dama a luz baça do declinar da tarde, que as altas colgaduras da sala tornavam em meia sombra. Sabia ella tambem aproveitar tudo para se fazer valer.

Estava sentada, em estudada attitude, n'uma especie de banco romano, de encosto alto de um lado e raso do outro, ornado de talha dourada, e os pés figurando garras, movel modernissimo e raro, com que a presenteára o secretario da legação franceza, dois annos antes, quando o proprio general Junot estivera por embaixador em Portugal. Vestia um corpete, dos que então se denominavam *mimosos*, de veludo côr de carmim, com mangas curtas; na cintura curtissima, distinctivo caracteristico das modas do tempo, uma fita larga côr de rosa; sáia de meia cauda, de tafetá branco e barra de garça enfeitada de requifes, a sáia cingida ao corpo de fórma que lhe desenhava as fórmas, como recommendava o preceito; ao pescoço uma

cruz de diamantes, pendente de um triplice fio de perolas; penteado em anneis irregulares, e no alto da cabeça um ramo de flores, ornato que estava em principio, e era por consequencia um primor de novidade; luvas de braço; finalmente, sapatos de setim de entrada abaixo, tambem côr de carmim.

É provavel que o retrato, escrupulosamente fiel, não excite hoje o enthusiasmo das minhas leitoras. É até natural que a crinoline ambiciosa proteste contra este cumulo de heresias. Mas era a moda, dou a minha palavra de romancista.

Ás cintas compridas e ás sáias tufadas, apesar de invasoras, concedo, sem hesitar, a palma da elegancia. Quanto a mim tem ellas direito de chamarem a este vestuario: extravagancia. Nada portanto lhes impugno; mas só lhes repito: era moda.

Pois não explica e absolve tudo esta palavra magica?

Imagine-se que a mais donairosa dama de agora appareceia ao pé d'uma casquilha d'aquella epocha. Por extravagancia teria essa tambem o que actualmente mais nos enleva, e se nos figura mais esbelto.

Não nos faz a nós mesmos rir o que pouco antes nos movia o appetite, e nos levava os olhos? Não é o invejado hontem ridiculo hoje, o modelo d'hoje caricatura amanhã? Instabilidades da moda. E se fosse só nos trajos!

Notára o desembargador o silencio, e a quasi tristeza de Ignez, e attribuíra tudo ao pouco caso que d'ella pareciam fazer. Posto que estas homenagens maduras não tivessem grande novidade e attractivo para a donzella, a sua falta não deixava, com effeito, de a mortificar como privação de uma coisa necessaria. Todavia, não era esse, como se viu, o principal motivo da sua inquietação, pois que apprehensões mais fortes a preoccupavam.

O jurisconsulto, porém, que nem remotamente presumia a causa verdadeira, julgando fazer officio de bom parente, aproveitou caridosamente a opportunidade para dizer a sua mulher:

— A proposito. E a nossa Ignezinha? É preciso tratar tambem dos seus preparos.

— Com tal directora — acrescentou logo o fidalgo — a sr.ª D. Ignez não terá quem lhe dispute gentileza.

A morgada fitou anciosamente a prima. Era chegada a crise.

— Que diz! — respondeu D. Maria ao marido — Ignez não póde ir.

— Não póde ir! Porque?

— Não está nada prevenido.

— E porque não me preveniu? — atalhou a donzella, sem poder reprimir o primeiro movimento de despeito.

— Porque primeiro está a sua saude — tornou a reservada antagonista com uma inflexão tão maviosa, que até o marido estremeceu.

— A minha saude! — exclamou attonita a morgada, que não esperava similhante saída.

— A sua saude, certamente. As meninas, é sabido, nunca julgam necessaria a prudencia... principalmente em se tratando de funcções... Mas a nós toca prevenir e acautelar... Vejam, vejam aquellas faces desbotadas... Digam-me se são estas as côres com que nos chegou.

— Está um pouco mais desmaiada, está — ponderou o desembargador, que não sabia as intenções da esposa, mas que tinha por systema abundar sempre nas suas idéas.

— Um pouco mais! Está outra. É preciso mudar de vida. Havia de expôl-a assim ao ar do mar, sem estar costumada. Que não diria seu pae!

A morgada não respondeu palavra. Conhecia perfeitamente que seria inutil. Estes cuidados eram o equivalente de uma sentença condemnatoria, via-o bem; mas a apparencia de razão estava do lado adverso.

D. Maria, contemplando-a, saboreava a um tempo dois prazeres, a esperança de brilhar, e a certeza de brilhar sem competidora tanto de temer.

E ainda não conto o terceiro prazer, o maior, que exultava no sorriso meigo vibrado á victima — o prazer da vingança satisfeita.

Ignez amargava a imprudente manifestação das suas pretenções.

Comprehendeu ella aquelle sorriso, e inclinou a cabeça com uma resignação... que promettia desfórra.

N'isto sentiu-se parar á porta uma carruagem.

Pouco depois, o escudeiro chegou-se respeitosamente ao pé de D. Maria, e disse-lhe em voz submissa, mas de modo que todos ouviram:

— S. ex.ª, o sr. Herman, pede licença para comprimentar os senhores.

Causou profunda sensação nos circunstantes este nome.

MENDES LEAL JUNIOR

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

II

PROCISSÃO DO FERROLHO

(Vid. pag. 192)

Havia n'esta cidade um religioso da companhia de Jesus, por nome padre Ignacio Martins [1], tido de todos, e reputado geralmente por santo, porque no seu modo de vida era um raro exemplo de virtudes, a cujo cargo estava o ensinar aos meninos e fieis christãos a doutrina catholica, no que era tão sollicito, que em nenhuma outra coisa mais trazia o cuidado, que n'esta obra meritoria para Deus; e assim como na vida foi reputado por santo, em sua morte muito mais, em tanto que, fallecendo na cidade de Coimbra, onde hoje está sepultado, foi acclamado por tal.

Era este padre mui particular devoto de Nossa Senhora da Penha de França, do reino de Castella, e comsigo trazia de ordinario imagens suas; como grande devoto da Santa Virgem, desejava que n'este reino e cidade houvesse casa de sua invocação; e assim tendo elle noticia, ou fosse por inspiração ou revelação divina, ou pela relação de pessoas que o tivessem alcançado do dito Antonio Simões (que elle lh'o não disse, como o affirma) tratou com elle sobre esta materia, e o exhortou com palavras a ella apropriadas, a que proseguisse tão excellente obra, e juntamente lhe persuadiu que a imagem que pretendia fazer, fosse da invocação da Penha de França, relatando-lhe, para o trazer e mover a seu intento, sua historia, e as muitas mercês que tinha feitas, e de continuo fazia á gente portugueza.

Foram bastantes as persuasões d'este padre, para que o dito Antonio Simões viesse n'aquillo que elle lhe dizia e pedia; e assim lhe prometteu, não só que faria a dita imagem da invocação da Penha de França, mas ainda de lhe fazer casa sua propria; e como o dito padre nenhuma outra coisa mais desejava, nem trazia no sentido, lhe agradeceu este bom proposito, e mostrou com historias e muitos exemplos, o quanto a Virgem Senhora Nossa sabia pagar com muita vantagem os serviços que seus devotos lhe faziam; e juntamente o applicou a que pozesse em effeito o que promettêra; no que resoluto o dito Antonio Simões, mandou fazer a oitava imagem com a invocação da Penha de França, a qual feita, por ainda não ter casa propria, a poz, como em deposito,

[1] É o auctor da celebre cartilha chamada do mestre Ignacio, que ainda hoje se reimprime!

na ermida de Nossa Senhora da Victoria, d'esta cidade, em companhia de outra de S. João Baptista, a que depois tambem fez casa propria, não se descuidando com isto de fazer a d'esta Senhora, como tinha promettido.

Feita a imagem com esta invocação da Penha de França, assim como antes deu cuidado ao dito Antonio Simões a invocação que havia de pôr á oitava imagem da Senhora, assim lh'o deu tambem o logar em que lhe havia de edificar a casa que lhe tinha promettida. Não o achava accommodado a seu intento, nem dentro na cidade, nem fóra d'ella, nos limites em que pretendia fazel-a; e andando assim pensativo e cuidadoso, succedeu que um Antonio Ferreira, doirador del-rei, o levou um dia a Valle de Cavallinhos, mostrar-lhe uma quinta sua, que alli tinha, para lh'a dar, contentando-se d'ella e do sitio. Não lhe contentou, e agradecendo a boa vontade ao dito Antonio Ferreira, se tornou Antonio Simões pelo valle acima até ao logar em que agora está edificada a dita casa, que então se chamava Cabeça de Alperche. Posto no alto d'elle, virando-se para uma e outra parte, sentia no coração uma certa alteração, e na alma uma inquietação divina, incitadora uma e outra coisa de que procurasse fazer n'elle a casa que pretendia.

Picado d'estes santos motivos, e informado de que aquelle sitio era de Affonso de Torres de Magalhães, se foi ter com elle, levando comsigo a dita imagem de S. João Baptista; tratou com elle do que pretendia, e pedindo-lhe em resolução que lh'o quizesse dar para fazer a dita casa, elle disse a Lopo Seitil, e Pero de Seixas, e outros homens que presentes estavam, que era o que lhes parecia d'aquella pretenção? E elles lhe responderam, que lhe désse o sitio para a dita casa, e que, se se não fizesse ou não se acabasse, que ahi lhe ficava a sua terra. E então lhe respondeu elle ao dito Antonio Simões, que se fosse muito embora, que elle e Balthasar de Faria, almotacel mór, e Balthasar de Sá, tinham determinado de fazer alli uma ermida á honra de Nossa Senhora, mas que se resolveria, e tornasse outro dia pela resposta.

Foi-se o dito Antonio Simões, e por ter occasião de tornar mais cedo, ou por inspiração divina, deixou a dita imagem de S. João Baptista em casa de Affonso de Torres, ou como em penhor e arrefens, de que dando-lhe elle aquelle sitio, a Senhora lh'o saberia bem gratificar. Succedeu, pois, que n'aquella mesma noite deu ao dito Affonso de Torres uma dor de colica mortal, de que era muito maltratado. Apertou-o infinito, e não havia remedio humano que aproveitasse; o que vendo D. Constança de Aguilar, sua mulher, recorreu ao divino, temendo o grande perigo em que seu marido estava, com muita afflicção e devoção se encommendou á Virgem da Penha de França, tomando-a por intercessora, para que seu unigenito Filho tivesse por bem de o livrar de tão grande mal, e do perigo em que estava, promettendo-lhe o logar de que se tratava para casa sua. Foi coisa maravilhosa, que feita a promessa, o dito Affonso de Torres se ergueu no mesmo instante são e salvo, como que se nunca tivera nada; e em amanhecendo o dia seguinte, mandou chamar o dito Antonio Simões, ao qual, chegando, lhe contou o caso, e com elle se foi escolher o sitio que lhe parecia mais accommodado para fazer a ermida, pedindo-lhe muito a não quizesse fazer senão defronte de suas casas, para sempre a ter diante de si, como em effeito se fez.

Este sitio parece que tinha a Senhora escolhido para a dita casa d'esta santa invocação; o que se alcança bem assim de ella só contentar ao dito Antonio Simões, e n'elle ter desejos ardentes de se fazer, como por o mesmo Affonso de Torres ter determinado de n'elle fazer casa a Nossa Senhora, como o declarou ao dito Antonio Simões, como pelo successo que lhe aconteceu; e tambem porque indo o padre Ignacio Martins por parte d'onde se via o sobredito sitio, disse para certos meninos com que ia fallando, como em prophecia (muitos tempos antes de n'elle se fazer a dita casa): «Vêdes vós aquelle monte? pois ainda se ha de fazer n'elle uma casa de Nossa Senhora»; como outrosim, porque o P. Monserrate, companheiro do dito P. Ignacio Martins, indo para a quinta que os padres tem em Valle de Cavallinhos, chegando ao logar onde agora está a primeira cruz, junto ás casas do dito Antonio Simões, disse a um homem velho, que com elle ia, que no dito monte se havia de fazer uma casa de Nossa Senhora muitos tempos antes que d'ella se tratasse.

Ajustados d'este modo, a 25 de março de 1597 se lançou a primeira pedra á fabrica da ermida, que modestamente se acabou em maio do anno seguinte, e para alli foi trasladada a imagem da Senhora da Penha, com solemne procissão, que agenciou a industriosa devoção de Antonio Simões.

Na casa nova começou a ser mais buscada e visitada a Senhora; até que em 1599, sobrevindo o mal da peste, que dentro em poucos annos, por duas vezes, dizimára horrivelmente os moradores de Lisboa, temerosos de que se repetisse egual calamidade, buscaram o patrocinio da Senhora da Penha de França primeiro os soldados que estavam de guarnição no castello de S. Jorge, os quaes, com suas companhias formadas, se foram offerecer a Nossa Senhora, sollicitando o seu valimento para que os defendesse do mal que já começava a picar na cidade, e a tinha mui sobresaltada.

A este tempo já tinham fugido os governadores do reino, por parte de Filippe IV. O presidente do senado da camara, que era D. Julianes da Costa, e os mais do governo da cidade, procuravam com remedios humanos atalhar o mal. Porém fiando mais na efficacia da intercessão da Senhora que dos antidotos que os medicos applicavam, resolveram invocar a piedade divina, tomando por medianeira a Senhora da Penha de França.

Juntos os vereadores em camara, com muita gente do povo, fizeram o voto constante do seguinte

Assento que se fez em Mesa de Vereação a 28 de janeiro de 1599, por causa da peste que assolou esta cidade de Lisboa

«Que a cidade faz voto a Nossa Senhora da Penha de França, de que lhe fará a sua capella com seu retabolo, e lhe dará um ornamento bem feito, como á cidade parecer; e que, tanto que ella for servida alcançar de seu bento Filho saude para esta cidade, lhe fará uma procissão, que sairá pela manhã muito cedo da nossa egreja e real casa de Santo Antonio, e na dita procissão se levará a sua imagem á dita casa, na qual irão o presidente, vereadores, e mais officiaes da mesa, e cidadãos que quizerem descalços, e todos levarão suas varas n'uma das mãos e cirios na outra, os quaes ficarão de esmola.

A mesa irá sem nada na cabeça, e na capella se porá uma divisa; e outrosim promette a cidade, que esta procissão se fará em cada um anno perpetuamente, no mesmo dia em que se fizer pela primeira vez; e no letreiro que se pozer na capella, se declarará tambem esta obrigação. E a ir a cidade descalça promette só por esta vez, porque os que vierem farão o que lhes parecer no ir descalços. E n'esta procissão irão, o presidente e mais officiaes da mesa, confessados para na missa que se disser tomarem o Santissimo Sacramento, e até ao cabo d'ella estarão descalços. O presidente, *Henrique da Silva — Francisco Cardoso — Luiz Mendes — Domingos Fernan-*

des — Antonio Dias — Gaspar Antunes — Gaspar de Sequeira. »

« E o povo é contente de assignar na promessa que a cidade tem promettido para Nossa Senhora da Penha de França, no que toca á capella mór, retabolo, e ornamento para se celebrarem os officios divinos, em o qual se poderá gastar *cinco ou seis mil cruzados sómente*, e mais não, com declaração, que no arco da capella mór se fará saber como o povo deu esta esmola. — *Thomé Antunes — Antonio Dias Fialho — Gaspar de Sequeira — Antonio Dias — Pedro Soares — Bento Soares — Francisco Pereira Ferreira — Lucas Soares — Pedro Mendes — João Dias — Adrião Martins — Domingos Fernandes — Alvaro Gomes — Antonio da Costa.*

A primeira procissão se fez a 5 de agosto de 1599, dia de Nossa Senhora das Neves, e no mesmo dia se farão as mais d'aqui em diante. O Presidente, *Francisco Cardoso — Luiz Mendes — Gregorio de Moraes — Gaspar Antunes — Gaspar de Sequeira.* »

Este voto teve confirmação regia, porque dependia da approvação do soberano poderem-se applicar os impostos municipaes para a edificação n'elle promettida. Escreveu a camara para Madrid, e de lá veiu a seguinte carta regia:

« Presidente amigo, vereadores, procuradores da cidade de Lisboa, e procuradores dos mesteres d'ella: Eu El-rei vos envio muito saudar. Recebi a vossa carta sobre o voto que fizestes a Nossa Senhora da Penha de França, cuja casa se vae fundando no contorno d'essa cidade, e pareceu-me muito bem tudo o que fizestes em serviço de Nossa Senhora, de que eu recebo particular contentamento, e hei por bem de o approvar, e dar a licença necessaria para os seis mil cruzados que no dito voto se hão de dispender, se tirarem por imposição do vinho e da carne, conforme ao que assentastes. Escripto em Madrid, á 9 de setembro de 1599.—Rei. »

Feito o voto em janeiro, quando já o contagio ia declinando, se tratou de lhe dar cumprimento, fazendo-se a procissão promettida no dia da Senhora das Neves, a 5 de agosto. Saiu a procissão da egreja de Santo Antonio da Sé, onde a camara tinha os seus paços, acompanhando-a muitas communidades de frades e a cleresia da cidade, todos descalços e resando a ladainha. O povo que concorreu á procissão foi innumeravel, não havendo caminho por onde se podesse romper (diz testimunha de vista), nem campo que não parecesse arraial; até pelas oliveiras e outras arvores, e pelos vallados subiu gente; e não obstante haver ainda muita peste, todos n'aquella occasião perderam o medo, fiados na Virgem, a quem se iam offerecer.

Houve missa e prégação, commungando os officiaes da camara, que para isso iam já confessados e em jejum.

Fez a camara o retabolo para a capella mór, como tinha promettido. Mas pelo grande concurso de gente que a esta nova egreja vinha, principalmente todos os sabbados, pareceu a Antonio Simões que seria conveniente fazer-se entrega d'ella a alguns religiosos. Resolveu elle primeiro dal-a aos frades de S. Domingos, e para fim tratou com o prior do convento de Lisboa; mas dando conta do seu pensamento ao padre Ruy Mendes, este lhe aconselhou que a désse aos frades da Graça. D'isto se fizeram as escripturas para conservação do direito de ambas as partes.

No poder dos frades agostinhos esteve a egreja primitiva vinte e cinco annos, até que no de 1625, tendo augmentado por tal modo a devoção do povo para com a Senhora da Penha, que não havia já logar nas paredes onde se podesse pendurar nem uma moleta de aleijado, todas occupadas com paineis que representavam as mercês que a Senhora fazia, assentaram de edificar egreja nova e ampla, onde o povo se não afogasse e abafasse dentro, *como acontecia na ermida.* Pozeram os frades mãos á obra, tomando a cidade á sua conta a capella mór, como tinha promettido, e a irmandade da Senhora da Penha muita parte do corpo da egreja, pulpito, portaes e grades, accudindo alguns devotos com suas esmolas para esta obra. Pondo-se mão a ella com estas ajudas, se levantou a nova egreja junto da ermida antiga, concluindo-se no referido anno de 1625, transferindo-se para ella a imagem da Senhora em solemne procissão, que acompanhou a camara da cidade, e percorreu toda Lisboa e arrebaldes, indo tambem o Santissimo Sacramento com muitos folgares e festas.

(Continúa)

MODELOS CLASSICOS

Não basta que o que houver de governar seja homem com alma; mas é necessario, que seja alma com homem. Se tiver alma e boa alma, não quererá fazer mal, mas se juntamente não tiver actividade e resolução, e talento de homem, não fará coisa boa. Deu-lhe Deus memoria, entendimento e vontade: a memoria, para que se lembre da sua obrigação: o entendimento, para que saiba o que ha de mandar: e a vontade para querer o que for melhor, e não homens de uma só potencia, (que por isso fazem impotencias) e faltando-lhe a memoria, e o entendimento, só tem má vontade. Quem julga com o entendimento, póde julgar bem, e póde julgar mal: quem julga com a vontade, nunca póde julgar bem. A razão é muito clara. Porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porém quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira, ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos.

ENIGMA



Explicação da charada do n. 23 — Catastrophe.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



D. Raphael Bluteau — Desenho de J. P. de Sousa — Gravura de Coelho

Paga hoje o nosso jornal uma divida da nação portugueza, á memoria do estrangeiro benemerito que lhe compoz o primeiro diccionario completo da sua lingua, publicando pela primeira vez a vera effigie de tão insigne varão.

O retrato de Bluteau, que devia estar patente em todas as academias, escholas e bibliothecas do reino, existia apenas na casa professa dos Caetanos, d'esta cidade, d'onde foi levado com outros mais, em 1834, para os claustros de S. Francisco, sob cujas abobadas lenteiras se empilharam as livrarias dos extinctos conventos.

Alli esteve, como sumido, até que em 1852, o fallecido bibliothecario-mór, José Barbosa Canaes, teve o bom e plausivel accordo de separar os quadros sacros dos profanos, fazendo dos que eram propriamente retratos um catalogo biographico, devidamente numerado, que publicou em 1854, n'um volume de folio, com o titulo de: ***Estudos biographicos, ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes á bibliotheca nacional de Lisboa.*** Obra que, salva a detestavel redacção, é de muito prestimo para a bibliographia e historia nacional, pelo que nos cumpre ser gratos á memoria do finado auctor.

Este retrato pertencia á collecção que tinham os clerigos regulares da Divina Providencia, no convento dos Caetanos de Lisboa, d'onde fôra preposito o padre D. Raphael Bluteau, desde 1715 até ao seu fallecimento. Representa-o na edade de 93 annos, quando já havia padecido um ataque de apoplexia que lhe deixou a bocca torta. É de meio corpo, sentado n'uma poltrona, com a penna na mão, posto a um bofete, escrevendo a sua ultima obra intitulada: *Oraculum utriusque Testamenti*, que se conserva inédita, em tres grandes volumes de folio maximo, na bibliotheca nacional de Lisboa, repartição dos manuscriptos a meu cargo.

O actual bibliothecario-mór, o nosso douto collega e collaborador Mendes Leal Junior, váe agora collocar este retrato no seu gabinete, a par de outros insignes escriptores portuguezes cujos retratos vieram tambem dos extinctos conventos.

Da longa vida d'este sabio theatino, poucas noticias nos ficaram, mas essas mesmas resumiremos aqui.

D. Raphael Bluteau nasceu em Londres a 4 de dezembro de 1640. Seu pae, João Bluteau de Bellombre, foi trinchante de Henriqueta Maria de França, mulher de Carlos I de Inglaterra.

Quando a rainha d'alli saiu em 1644, por causa das alterações que houve n'aquelle reino, e da perseguição feita aos catholicos, foi com ella para Paris o pae de Bluteau. Aqui deu elle comêço aos seus estudos entrando no collegio de Lafleche. Quando os acabou, foi vestir a roupeta de S. Caetano á casa de S. Miguel de Florença, onde professou em agosto de 1661. Cursou philosophia em Verona, theologia em Roma e Paris. N'esta ultima cidade se ordenou de presbytero. Em 1664 já era prégador de fama, e conhecido por sua applicação ás sciencias naturaes e mathematicas. Por esse tempo a mesma rainha de Ingláterra o nomeou prégador da sua real capella. Com recommendação d'esta princeza veiu

para Portugal, chegando a Lisboa em junho de 1668. N'esta capital exerceu o ministerio do pulpito com grande applauso, nomeando-o a inquisição seu qualificador em 7 de janeiro de 1676.

Por ser mui perito em fallar as linguas, e por sua natural eloquencia, o nomeou a corte de Portugal para ir com o dr. Duarte Ribeiro de Macedo negociar o casamento da princeza Isabel, então herdeira da coroa, com o principe de Saboya. Acompanhou elle o nosso ministro até Alicante; porém fallecendo Duarte Ribeiro n'esta cidade, seguiu Bluteau a viagem para Turim, onde abriu os preliminares da negociação com grande credito da sua capacidade politica. Sendo depois enviado para a conclusão deste negocio Francisco Pereira da Cunha, obteve o padre Bluteau licença para regressar ao reino. Demorando-se e prégando em Paris, foi eleito preposito da casa theatina de Sant'Anna, a Real, d'aquella cidade. Chegando a Lisboa, os padres da Divina Providencia o elegeram procurador geral.

Constando ao governo haver minas de prata na provincia de Traz-os-Montes, foi Bluteau por sua reconhecida sciencia mineralogica encarregado de as ir estudar e explorar. Succedeu, porém, que taes minas não havia, pelo que voltando a Lisboa, foi encarregado da organisação da fabrica da seda, por aquelle tempo decretada, escrevendo elle para esse effeito um tratadinho que mereceu grandes louvores, e serviu de base á nova industria. Intitulou-o modestamente: *Instrucção sobre a cultura das amoreiras e bichos da seda, dirigida á conservação e augmento das manufacturas de seda novamente estabelecidas em Portugal.*

Em 1715 recaíu n'elle a eleição de preposito dos regulares de S. Caetano de Lisboa, em cuja casa residiu até ao seu fallecimento, em 13 de fevereiro de 1734.

Bluteau pertenceu a todas as congregações litterarias do seu tempo. Foi um dos fundadores das «Conferencias eruditas», que os *scientes de Lisboa* instituiram na livraria do conde da Ericeira, no palacio do Cunhal das Bolas, em 1496. Quando se erigiu a academia real de historia portugueza, em 1720, foi elle um dos quarenta socios do numero.

Escreveu sobre muitos ramos das sciencias ecclesiasticas, naturaes e historicas; mas a sua obra monumental foi o Vocabulario da nossa lingua, o primeiro diccionario completo que tivemos, porque os de Jeronimo Cardoso e Agostinho Barbosa, com o thesouro de Bento Pereira, unicos que havia áquelle tempo, eram todos insufficientes por mui limitados.

Esta obra, constante de 10 volumes in-folio, é uma verdadeira encyclopedia para a sua epocha. Quarenta annos consumiu o laborioso padre na composição e impressão d'este diccionario, cujo titulo poremos aqui por extenso, pois dá perfeita idéa do conteúdo em tantos volumes.

«*Vocabulario Portuguez e Latino*, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichtyologico, indico, isagogico, laconico, lithurgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quiditativo, qualitativo, quantitativo, rhetorico, rustico, romano, symbolico, synonimico, syllabico, theologico, therapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico. — Auctorisado com exemplos dos melhores escriptores portuguezes e latinos.»

Nos prologos que para toda a especie de leitores escreveu, tanto no primeiro tomo do Vocabulario, como no Supplemento, conta elle ingenuamente a historia d'esta laboriosa composição, para a qual parece incrivel ter bastado a vida de um homem, e de mais a mais estrangeiro!

Admirado de tão longo e profundo trabalho, exclamou um escriptor nosso:

«Sessenta annos se empregaram quarenta homens doutos, que sempre se foram multiplicando para conservar completo este numero na academia franceza, e póde ser que cada letra do alphabeto tivesse mais estudiosos que quantos caracteres n'ella se contam, e apenas produziram dois volumes de um diccionario.

Raphael Bluteau, sósinho, em quarenta annos, compoz dez volumes de um vocabulario bilingue.

Alguns extractos dos prologos darão a conhecer aos portuguezes quanto devem á memoria de tão douto varão.

A historia, tão admiravel como interessante, da composição do «Vocabulario Portuguez», conta-a elle mui por menor, tanto nos prologos do «Vocabulario» como nos do «Supplemento». Por ser esta a parte mais importante da biographia litteraria de Bluteau, a compendiaremos aqui escrupulosamente.

Louvando os sabios que se não fecham com o seu saber, mas que por meio da typographia brotam em cachões as fontes da sabedoria, e com perennes affluencias apagam a sêde de saber, assim prosegue:

«Estas razões e exemplos me obrigaram a preferir livros a tudo o que o mundo estima; e para não ser inutil ao publico esta minha curiosidade, procurei reduzir a esta obra (o Vocabulario Portuguez) todos os livros que me vieram ás mãos, latinos, gregos, hebraicos, portuguezes, castelhanos, francezes, italianos etc. Para execução d'esta laboriosissima empreza, *quæ totum hominem desiderat*, fui precisado a tirar-me da prédica, e renunciar os emolumentos d'ella, que pela continuação de muitos annos importariam a estas horas muitos mil cruzados. Do todo este lucro cessante e damno emergente não fiz caso; não attendi ás advertencias dos amigos, que duvidosos da possibilidade do successo, me aconselharam que fizesse d'este parto um aborto. Não me desanimaram as contrariedades dos emulos, que com indiscretas criticas procuravam escurecer a obra antes de saída á luz. Como eu não levava outro fim que a gloria de Deus e a utilidade publica, todos os obstaculos me pareciam chimeras ou espantalhos de pusillanimes.

Resolvi-me a passar a França, para na metropole d'aquelle reino fazer mais exacta ou mais celebre a impressão do Vocabulario. Para ensaio da empreza, entreguei ao director da impressão real do Louvre alguns sermões meus, manuscriptos, prégados na corte de Portugal, que formavam o terceiro volume das minhas primicias evangelicas. Mas brevemente me desenganou a experiencia, porque da officina do impressor saíam as provas com tão grande numero de erratas, que não cabiam nas margens as emendas.

A esta falta de compositores praticos na lição de papeis portuguezes, se acrescentavam outras difficuldades, a saber, o custoso transporte da obra depois de impressa, perigos do mar, insulto de piratas ou inimigos, e outros muitos inconvenientes que deixo em silencio.

Com este desengano da impressão dos meus papeis em Paris, tratei de enfardelar e pôr-me a caminho para Portugal com esperança de melhor successo. Poucos mezes depois da minha chegada a esta corte, a politica das guerras da Europa metteu a coroa de Portugal na liça contra França. Valeu-se d'esta revolução a sagacidade dos meus émulos. Excogitaram razões para provar que o meu regresso a Portugal fôra mysterio. Para me fazerem suspeito,

fizeram-me estadista. Acharam-me talentos, para me acharem perfidias.

Cresceu com a suspeição a calumnia; e alguns dispendios no meu trato, ajudados da caridade alheia, foram reputados liberalidades de um monarcha, em premio da minha agencia. Forjou a impostura delictos, cuja execução era em si moralmente impossivel, mas facil e provavel para a credulidade dos nescios. No meio das tormentas de uma infelice innocencia, pouco faltou que não caisse em mim o raio exterminador da nação franceza; não me valia o ser Inglaterra a minha patria, e a lingua ingleza minha lingua materna. Parece a muitos que é incompativel coração portuguez com lingua franceza.

A este excesso chegou a emulação! Não achando na minha fidelidade peccados de obras, pegou-se ás palavras, e por não serem portuguezas as fez criminosas. N'esta materia não digo mais, porque não é este logar para apologeticos despiques. Mas é preciso que diga, que para me livrar de populares insultos, fui obrigado a buscar o real e religioso asylo de Alcobaça. El-rei D. Pedro II, meu suspirado senhor, foi servido honrar com sua soberana recommendação o meu retiro. Por ordem d'este senhor, o reverendissimo padre fr. Pedro de Lancastre, que então era geral, e como esmoler-mór assistia em Lisboa, e hoje é dignissimo bispo de Elvas, escreveu a estes padres que me dessem bom trato, quanto mais que Sua Magestade não tinha do meu procedimento queixa alguma. Para a seriedade e cortezania d'estes santos religiosos, não era necessario este estimulo. De sua ingenita bondade recebi singularissimos favores, e com singularissimo contentamento fui seu hospede mais de tres annos. N'este intervallo tive tempo para retocar toda a obra; retardou-se a impressão, mas com proveito, porque este genero de obras, quanto mais se dilata mais se augmenta e aperfeiçoa.

Não me canço em fazer-te a enumeração dos dias e horas que gastei na composição d'este Vocabulario; só digo que trabalhei n'esta obra mais de trinta annos. Duas vezes escrevi de minha letra os oito volumes que vão saindo á luz; e outras tantas vezes foram os ditos volumes trasladados e postos em limpo por diversos escreventes. N'estas poucas folhas offereço ao publico, para a intelligencia, propriedade e uso das palavras portuguezas e latinas, a substancia de mais de dois mil volumes.

Aos curiosos poupa esta obra o gasto de uma grande livraria; e ainda que tivesse cada particular todos os livros que revolvi, e auctores que consultei para o intento, todas estas noticias estariam espalhadas, sem ordem nem distincção, entre differentes assumptos e materias; quando pelo contrario n'esta obra, como n'um campo em que se faz alardo geral de um exercito, todas as palavras em fileiras ou filas estão, por sua ordem alphabetica, continuamente expostas á curiosidade dos leitores.

Parece que com estas razões tenho provado, que para servir a republica das letras, não poupei nem trabalho nem dinheiro; e o que mais é, do trabalho que tomei, e do dinheiro que gastei, não espero premio algum, porque como as boas letras se chamam e são, artes liberaes, tudo n'ellas (para amofinar mofinos) deve ser liberalidade, desinteresse e grandeza.

Tambem é de saber, que muitos portuguezes que pretendem reprovar-me por estranho, são menos portuguezes do que eu. Todo o portuguez que nasceu de quarenta annos a esta parte, tem menos annos de Portugal do que eu. No anno de 1668 cheguei a este reino, e desde aquelle tempo, raro foi o dia em que me não aproveitasse de alguma noticia da lingua portugueza. De todas ellas te faço n'esta obra, leitor portuguez, um presente: se não for do teu agrado, será porque não vem da mão de outro portuguez, que (a meu entender) és portuguez tão fino, que não havias de receber de um indio um bisalho de diamantes, nem de um gentio de Ceylão um fio de perolas, nem de um morador do Pegú um collar de rubis, porque tudo o que não sáe de mão portugueza, na tua estimação é nada.

Assim tivera eu achado auctores portuguezes em todas as artes liberaes e mechanicas para allegar com elles!

Por falta d'este subsidio corri as mais humildes officinas da republica; passei tardes inteiras em *atafonas*, entre *moegas* e *almanjarras*, enfarinhado na arte de moer; esperdiçador de decoros e aproveitador de farelos. Entrei em forjas de ferreiros e fundidores; examinei *bramadeiras* e *foganhas*; e tomei postilla de fundição entre *cadinhos* e *alcravizes*; metti-me em lagares de vinho, puz-me de *gorra* ao pé das uvas, e nos lagares de azeite, andei á roda ao meio de *varandas* e *entrosas*; cheguei-me a *frades* que não são religiosos nem apóstatas, e fui obrigado a carregar a memoria de *balordos e capachos*.

Do trabalho que tomei, em colher de todos os livros portuguezes que me vieram ás mãos, dicções e phrases, não faço menção; só digo que enchi d'ellas alguns dez volumes de quarto, e n'esta collecção gastei mais de seis annos. Não me arrependo do tempo que me levou esta curiosidade. Sem exemplos de auctores, cada dia se formariam duvidas sobre o significado e uso de muitas palavras d'este Vocabulario. »

No prologo do primeiro volume do Supplemento, fallando com leitor impaciente, diz:

« Trinta annos gastados na composição dos oito volumes do Vocabulario, com outros dez empregados na emenda, reforma e additamento d'elle, e em outros dois volumes de folha, são quarenta[1]. Não te pese ter esperado. Aqui se acha o que parecia perdido; aqui se faz menção do que escapou á penna; aqui se emenda o em que errou a impericia; aqui se auctorisam, com exemplos, expressões distituidas de abonador. Vocabulos vulgares, e outros inauditos ao vulgo; termos nobres, phrases elegantes, que jaziam no sepulchro do esquecimento, n'este segundo theatro sáem á luz, e as noticias que dão, são premios devidos á paciencia dos curiosos. »

Até ao tomo quarto foi o Vocabulario impresso no collegio dos jesuitas de Coimbra, á custa do auctor. Mas d'ahi em diante, talvez porque lhe escaceassem os meios, auxiliou o governo a impressão, como sabemos pelo testimunho de agradecimento que D. Raphael Bluteau dá a el-rei D. João V, a quem o dedicou.

É na epistola dedicatoria do primeiro tomo do Supplemento, que achámos esta declaração nos termos seguintes.

« De todas as coisas que me vieram á noticia faz o Vocabulario menção; e para credito de seu auctor foi acabado no reinado de um monarcha tão amante das lettras, que de seu moto proprio, e por sua ingenita munificencia, lhe deu para sair á luz preciosos alentos.

« Sim, senhor, se com *auxilios do real erario* não acudira Vossa Magestade, no meio da carreira parava a obra, e a suspensão era por agora uma especie de suffocação e morte para a lingua portugueza; lingua hoje viva, e tão viva, que com vantagem

[1] Dezeseis annos gastou André Joaquim Ramalho em leituras, extractos e verificações para a composição de um novo diccionario da lingua portugueza, a que se póde chamar classico; o qual deixou muito adiantado, e legou ao nosso douto historiador Alexandre Herculano.

Honrando a herança d'aquelle seu bom amigo, tem o sr. Herculano applicado muitas horas de trabalho para completar este excellente diccionario; dignando-se convidar-nos para a collaboração de tão importante obra, que em pouco tempo ficará prompta para a impressão.

á lingua latina, morta, cada dia com novas expressões se amplifica. »

Talvez concorresse para este auxilio a seguinte recommendação de uns censores do desembargo do paço:

« Empreza foi esta que recommendaram os outros principes nos seus reinos aos maiores homens d'elles; é digno da attenção de Vossa Magestade honrar o auctor, que nascendo em outro reino, veiu a cançar-se em Portugal, acabando esta obra, quando o vocabulario francez occupou a muitos doutos em muitos annos, assistidos das melhores livrarias e meios que facilitou o poder real para este fim. »

Não pensem, pois, os que nunca folhearam um livro antigo dos nossos, que só agora se imprimem á custa do estado as obras que dão honra e proveito á nação.

Os quatro ultimos tomos do Vocabulario, e os dois do Supplemento, forão impressos na officina do impressor da academia real. Os oito volumes do Vocabulario levaram nove annos a imprimir.

Os gabos que esta obra teve de nacionaes e estrangeiros foram immensos; e ainda hoje, apesar dos progressos da lingua, e de estar abbreviado nos dois tomos compilados por Moraes, tem grande prestimo, porque, como bem diz o erudito conde da Ericeira — os outros diccionarios servem só para buscar, este tambem para se ler, instruindo e deleitando.

Bluteau morreu na decrepita edade de 94 annos, na sua cella dos Caetanos de Lisboa, chorado por todos os homens doutos do seu tempo, com quem teve trato e amizade. Na academia real, de que era socio, lhe recitou o conde da Ericeira o elogio funebre.

Na bibliotheca nacional de Lisboa, além da obra que já citámos, ha tambem d'elle algumas poesias latinas, francezas e portuguezas, inéditas e autographas.

Em quanto se fallar a lingua portugueza, ha de ser venerada a memoria d'este seu primaz lexicographo.

DEVOÇÕES E LENDAS RELIGIOSAS

II

PROCISSÃO DO FERROLHO

(Vid. pag. 198)

O giro que fez esta procissão tem sua curiosidade, porque sobre ser muito longo, passou por alguns sitios que tão outros são hoje.

Eis como a descreve o manuscripto achado por fr. Carlos de Mello:

« Fez-se esta procissão em o dia 19 de fevereiro de 1625. Saíu da egreja velha ao meio dia, e tomou pela costa abaixo que está por detraz das capellas móres de ambas as egrejas, da parte do poente; foi sair ao chafariz de Arroios, caminhando por todo o campo de Santa Barbara até á egreja dos Anjos; d'ahi foi direita até ás portas da Mouraria, e voltou para o postigo da Palma, e passando a rua nova, assim chamada, se foi ao Rócio, entrou pela rua dos Escudeiros, atravessou-a toda, e assim a dos Douradores e ourives do Oiro, até ir dar na rua Nova que chamam dos Ferros; esta passou tambem, e veiu pela Padaria acima; entrando pela porta de Ferro passou pela Sé, e levando a rua direita que váe para S. Jorge, S. Martinho, Limoeiro e Santiago, foi sair pela porta do Sol, d'onde, dando volta, levou o caminho para S. Thomé e Santo André; d'alli, seguindo pela calçada acima, chegou ao postigo de Nossa Senhora da Graça, e d'ahi tomou o caminho direito por entre aquelles olivaes até á casa nova, onde a sacratissima imagem foi posta. »

Saiu esta procissão com oitenta e nove guiões (irmandades), e pelo caminho se lhe aggregaram quasi outros tantos. Saíu com cincoenta e sete cruzes, e durante o caminho se metteram n'ella mais sessenta e uma. Saíu levando noventa lanternas de prata, e recolheu com cento e vinte e quatro. Saíu com tres ternos de charamellas, e vieram festejar e acompanhar a Senhora mais quinze. »

Acompanharam-n'a os soldados do castello com tochas e o guião de Santa Barbara; assim como gente sem conto com cirios e muitas danças, chacotas, e outras folias que n'aquelles tempos faziam parte dos prestitos religiosos.

Em summa, foi rara a pessoa de qualidade, nacional e estrangeira, que não acompanhasse a Senhora da Penha para a sua nova casa; juntando a isto os repiques de todos os sinos da cidade, tantos que não havia quem se ouvisse.

Dizem as memorias d'aquelle tempo, que não obstante ser a nova egreja muito grande, além de formosa, não havia poder entrar n'ella aos sabbados, domingos e dias santos sem muito trabalho, sendo necessario esperar que uns saíssem para entrarem outros.

Com promessas e offertas, principalmente da gente do mar, se renovou primorosamente a egreja em 1754; mas no anno seguinte, sobrevindo o fatal terremoto, a derribou, fazendo-se então a que actualmente existe, com as esmolas dos devotos da Senhora. É quasi toda de tabique, e importou n'uns quinze mil cruzados.

Diremos agora porque se fazia esta procissão de noite, e lhe chamavam popularmente do *ferrolho*.

Como o voto foi feito no tempo de peste, e de verão, para evitar o sol se tomou aquelle arbitrio, o qual se continuou. Uns dizem que pelo caminho ser longo e as calmas grandes no mez de agosto, em que se fazia esta procissão. Outros que por ir a maior parte da gente descalça, bom era que se conservasse o costume de se fazer de noite, por causa dos envergonhados.

O chamar-lhe o vulgo procissão do ferrolho, era porque o rapazio, que em grande numero acompanhava esta romagem, ia correndo o ferrolho de quantas portas encontrava por tão longo transito, fazendo d'isto grande galhofa, visto que n'aquelle tempo quasi todas as portas se fechavam com ferrolho por fóra. E ainda temos a phrase proloquial de « tocar no ferrolho » por bater á porta.

A principio esta procissão saía de Santo Antonio da Sé á meia noite em ponto; mas depois era de madrugada, de sorte que chegasse á Penha a horas de se poder celebrar a missa promettida.

A camara dava de almoçar aos devotos mais conspicuos; e parece que dos roes das despezas d'este voto, que existem no archivo da camara, se deprehende que o almoço constava de succulentas fatias de presunto de Lamego, pão de Meleças, e bom vinho do Lavradio.

Como os camaristas ficavam para almoçar, a procissão desfazia-se na Penha, e o Santo Antonio vinha para a sua egreja dentro de uma canastra ás costas de um moço, bem abafado. Isto escandalisou um certo mestre dos meninos do côro (estes meninos é que levavam o andor do santo), de appellido Andrade, o qual se offereceu para trazer o santo para a sua egreja, de sege. E assim o cumpriu por muitos annos.

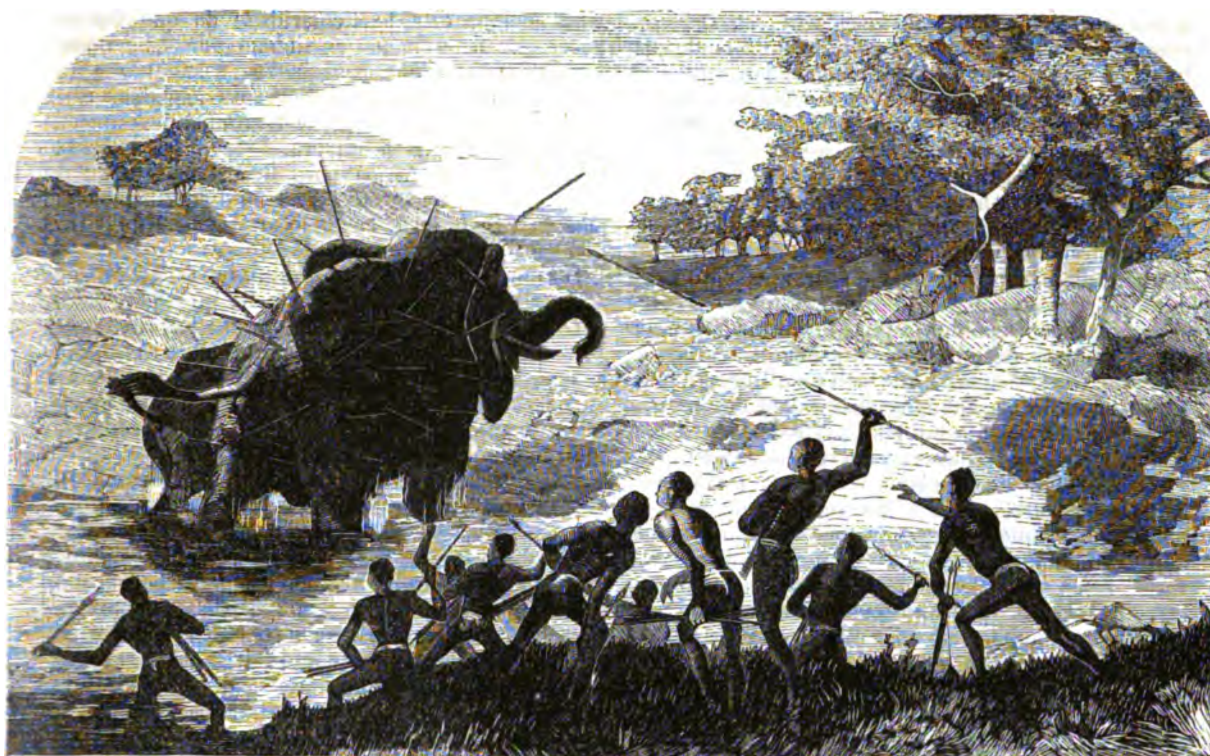
A ultima vez que se fez a procissão do ferrolho foi em 1832. Consta-nos que a irmandade da Senhora da Penha tentou restabelecel-a, mas a camara pediu ao cardeal patriarcha a commutação d'este voto por uma missa cantada na egreja da Pena, a que os vereadores assistem, commutação que lhe foi definitivamente concedida por provisão de 18 de julho de 1857.

UMA ELEPHANTA DEFENDENDO A CRIA

Sobre a historia natural e moral do elephante ha já tanta escripta, que junta dará muitos volumes. E isto não tanto por ser este o bruto de maior grandeza no corpo e na força, como porque tem um instincto que parece entendimento; memoria, habilidade e astucia como nenhum outro animal.

Não ha naturalista nem viajante que não conte alguma anecdota do elephante. Os nossos escriptores da Asia são copiosos em noticias e louvores d'este singular quadrupede; mas de todas as malicias e astucias que d'elle se referem, a que mais nos deu sempre no goto foi a seguinte, contada por Plutarcho, com tanta graça, que mal a poderemos recontar aos leitores.

Certo ricaço da Syria tinha por grandeza, nos seus jardins, um elephante mui amimado, como bem mereciam as prendas que possuia de macaquear os hospedes, e obedecer a todos os gestos e mandados de seu dono. O criado que o pensava, tinha por costume sisar-lhe metade da ração. Percebia o animal o furto, mas ia vivendo resignadamente como os nossos egressos e mais classes inactivas, esperando ensejo de revelar a seu dono este furto do mau servo. Chegou o momento. Certo dia em que o poderoso syriaco se demorou mais com alguns hospedes, a divertir-se com o seu comico elephante, deu a hora da ração. Mandou elle ao criado que lh'a trouxesse



Uma elephanta defendendo a cria

bem medida. Veiu o criado, e poz diante do bicho a ração inteira. O elephante exultou de contente, abanando as orelhas com mais desdem que uma hespanhola feiticeira meneando o seu leque. Parecia estar dizendo lá comsigo: *Apanhei-te, ladrão!*

Foi-se á ração; dividiu-a ao meio com a tromba, comendo só a metade que o criado lhe costumava dar. O ladrão enfiou ao ver a manha com que o elephante o denunciava; o dono percebendo logo a delação, obrigou o criado a confessar o furto da meia ração, e dando-lhe o merecido castigo, d'alli por diante vigiou cuidadosamente o penso do seu estimado elephante.

Do amor que as elephantas, ou aliás, como ás femeas do elephante chamam os nossos classicos, contam egualmente os escriptores antigos casos maravilhosos. Dizem que de grandes distancias levam todos os dias os filhos a lavarem-se nos rios, e que quando presentem caçadores tratam de esconder as crias por tal modo, que muitas vezes, mettendo-as em covas d'onde depois as não podem tirar, entaipam-nas com arvores e pedras, preferindo que morram alli a vêl-as esquartejadas pelos caçadores.

Um exemplo recente d'estes extremos do amor materno, temos no successo que representa a nossa estampa.

E referido pelo dr. Livingston na sua viagem ao interior da Africa meridional, obra a que já por vezes nos temos reportado.

Eis como elle conta o caso.

«Querendo eu examinar nas margens do Zambese algumas rochas arenosas laminadas, deixei a minha comitiva, e a duas milhas, se tanto, avistei uma elephanta com sua cria. Estava-se esta espojando no chão, em quanto a mãe se abanava com as enormes orelhas. Deitando-lhe o meu oculo, divisei que alguns dos meus se aproximavam para atacar os pobres animaes, que tão descuidados estavam. Sekuebu (o lingua do dr. Livingston) veiu avisar-me de que todos os da nossa comitiva tinham abalado n'aquelle momento, dizendo: «Nosso pae senhor verá hoje que casta de homens traz comsigo.»

Então me encaminhei para um ponto mais elevado, a fim de presenciar o seu modo de caçar o elephante.

A pacifica alimaria, ignorante do perigo que ia correr, estava então dando de mammar ao filho, que teria uns dois annos. Farta já a cria, encaminhou-

se com a mãe para um charco, onde se enlodaram completamente. Retoiçavam-se na agua mãe e filha; esta abanando as orelhas e agitando a tromba; a mãe, lambendo-se de contente, correspondia-lhe com o movimento da cauda e das orelhas. Os caçadores começaram a assobiar, uns com tubos, outros mettendo os dedos na bocca, ao passo que os mais d'elles chamavam a attenção da elephanta dizendo-lhe em som de cantiga: « Ó chefe, chefe, vamos matar-te. » « Ó chefe, chefe, outros muitos morrerão depois de ti. » « Os deuses disseram isto, etc. »

Ambos os pobres animaes arrebitaram as orelhas, ao sentirem a algazarra dos pretos, e saíram da agua. A cria fugiu espavorida para a extremidade do valle, porém vindo os caçadores por aquelle lado, correu outra vez para ao pé da mãe, que a cobriu com o corpo, e abraçando-a com a tromba, para melhor a proteger, deu o flanco aos caçadores, retirando-se, e andando sempre obliquamente, manifestando por todos os modos a anxiedade de defender o filho, e a gana de vingar-se dos seus perseguidores. Estes, cantando e assobiando, seguiam-na a distancia de cem metros, a traz e aos lados, para assim a obrigarem a passar um ribeiro que ficava perto. O tempo que os dois animaes inverteram em descer e subir as margens, foi sufficiente para que os caçadores se postassem a uns vinte metros de altura sobre a ribeira, e d'alli começassem a disparar os piques ou dardos que traziam. A este primeiro arremesso viu-se logo que a elephanta estava ferida, pelo sangue que derramava pelo costado, e porque só então começou a tratar mais da sua salvação que da cria. Tinha eu expedido Sekuebu com ordem de que m'a salvassem; e posto que elle partisse logo, como n'aquelle paiz nem moços nem velhos correm depressa, quando elle chegou já a cria se tinha refugiado no ribeiro, e alli a haviam matado. A mãe, não vendo o filho, afrouxou o passo, voltou-se dando um bramido de raiva, e investiu com os aggressores. Estes debandaram logo, descrevendo em sua carreira angulos rectos e obtusos. A elephanta, como ia correndo para elles em linha recta, em breve se achou no meio de todos, mas em grande distancia. Comtudo sempre roçou com a tromba a um que levava um panno aos hombros, coisa mui perigosa n'estes casos. Tres ou quatro vezes os carregou a elephanta, mas em vão, porque os pretos guardavam sempre a distancia de uns cem metros. Cada vez que o pobre animal passava algum riacho, detinha-se a olhar para os seus inimigos, e ahi recebia novas feridas, de modo que á força de lançadas e de perder muito sangue succumbiu; mas heroicamente, dando a ultima carga, que já não pôde proseguir, porque começou a cambalear, caindo logo de joelhos sem vida.

Não presenciei toda a caçada, porque me chamou a attenção o sol e a lua que appareciam sem nuvens; mas separei a minha vista com penoso sentimento d'aquelle espectaculo destruidor do mais nobre animal que tanto se podéra aproveitar em Africa; sem que mitigasse a minha pena a lembrança de que me ficava pertencendo o marfim, que é a causa principal por que se matam estes quadrupedes. Senti muito a morte d'esta elephanta, principalmente da cria, de mais a mais não estando nós faltos de viveres. Confesso que não padeci tanto no dia em que derramei o meu proprio sangue, entre as garras de um leão no valle de Mabotsa [1].

Para criminar certos actos é preciso não ter parte n'elles. Talvez que eu me suppozesse mais humano, ao ver matar por meus companheiros aquelles dois elephantes, se não houvera tambem sido réo de egual delicto n'outra occasião.

[1] Referimos este caso a pag. 17 do 2.º vol. d'este jornal.

A cria era macho, e teria dois annos, como já disse. Media de altura até á cernelha 2,m 65. A mãe tinha 3m de altura; e cada orelha 1,m 36 de largo. Pelas orelhas se conhecem os elephantes africanos, que as tem maiores que os indios, quasi dois terços. Vi um indigena cobrir-se todo com uma orelha de elephante para se resguardar da chuva.

Desejando eu saber se o elephante africano póde ser domesticado, consegui o que anciava pela amabilidade do meu amigo o almirante Smyth, podendo agora offerecer aos leitores exactas informações a este respeito.

Nas duas medalhas que apresento (vão a pag. 208) copiadas do « Catalogo descriptivo de um gabinete de medalhas de bronze dos romanos e do imperio », se distingue mui bem o tamanho da orelha do genuino elephante africano. Cuvier diz que Aristoteles sabia melhor esta particularidade do que Buffon. Vê-se que os romanos os tinham por mais doceis que os asiaticos, que os ensinavam a bailar, e a andar na corda bamba etc. Uma das medalhas é de Faustino Senior, a outra de Septimio Severo, cunhadas em 197 da nossa era. Estes elephantes foram levados de Africa para Roma. Na cidade do Cabo ainda se não tratou de domestical-os, nem tão pouco na Inglaterra, havendo apenas no Museu Britannico um só, muito novo.

Do muito que os nossos escriptores da Asia dizem a respeito dos elephantes d'aquella região, tirámos, por mui aprazivel, o que, de um que possuia, conta João Ribeiro, no seu livro intitulado: *Fatalidade historica da ilha de Ceylão.*

Depois de enumerar os serviços que fizeram os elephantes no cerco d'aquella ilha, que lhe pozeram os hollandezes, diz:

« Já que fallámos em elephantes, não é razão que os deixemos em silencio; ao menos diremos alguma coisa.

E porque muitos escrevem d'elles, nós sómente o faremos de um que tinhamos em nosso poder, com filhos e netos. Este era o mais formoso animal que se póde considerar, e só nos servia em alguma necessidade urgente, por quanto havia outros que occupavam o serviço ordinario, e só nos valiamos d'elle para caçar os bravos do matto. A este chamavam Ortelá, que tambem supportou o notavel sitio de Colombo, conduzindo-nos palmeiras de noite e de dia nos sete mezes que durou, para reparar as ruinas das continuas baterias; e de quinze que tinhamos, a elle só não comeram, comendo-se os demais. O rei de Candia o mandou apanhar aos hollandezes, que o tinham no Betal, e se lhe pedissem por elle grandes cabedaes, todos os dera, por ser tal propriedade que cada anno dava a sua magestade mais de cincoenta mil patacas! E porque alguns terão este dito por fabuloso, sem passarmos adiante, será razão explicarmos de que maneira.

Estes animaes andam no matto em bandos, e sempre n'elles ha um de maior corpo e respeito que os outros, ao qual chamam guarda-bando. Estes bandos destroem as novidades, do que recebem os naturaes muita perda; assim, tanto que sentiam bando, logo vinham avisar a paragem onde elle andava. O capitão geral, como tinha este aviso, expedia o Ortelá, sómente com dois cornacás [1] e algumas aliás, que são as femeas; e chegados áquella paragem as punham na aldêa que lhes ficava mais visinha. Informando-se os cornacás da parte em que estava o bando, se iam para lá, levando comsigo o Ortelá, que, como o guarda-bando o sentia, se vinha chegando mui arrogante, ficando os mais parados. A este tempo um dos cornacás estava mettido debaixo do Ortelá, o qual com um descuido se ia chegando para

[1] Assim chamam ao indio que pensa e guia os elephantes.

o bravo, e, ajuntando-se ambos, Ortelá lhe lançava a tromba sobre o pescoço, subjugando-o de modo que nem com a muita furia que o bravo tinha, se podia desembaraçar, por ser o nosso mui grande e de muitas forças. O cornacá que estava debaixo, tinha um laço que mettia em uma das mãos ao bravo, e o enleava á do mesmo Ortelá, ficando ambos presos. O outro cornacá que estava á mira, logo acudia com outro laço, e o lançava no pé do bravo, e fazendo a mesma diligencia, ficavam ambos presos, com que se achava o bravo como um borrego. Logo em continente traziam duas d'aquellas aliás, e no lado opposto prendiam o bravo com uma d'ellas pelo pescoço, e tirando o Ortelá, lhe punham outra do outro lado. D'aquelle modo o traziam para a cidade. Muitas vezes em dois ou tres dias chegavam com a presa; e n'esta conformidade tomava tantos, que todos os annos se vendiam para o Grão-Mogor entre vinte e trinta.

O preço d'estes animaes é mil pardaus (300$000 rs.) cada codo, que é da ponta do dedo maior até ao cotovelo; e o maior elephante tem nove codos da ponta da mão á espadoa. Sem embargo que este preço seja geral, comtudo paga-se de mais a perfeição, a postura, e signaes do animal, nem mais nem menos que os cavallos; com o que, o menos que vale um elephante de Ceylão são oito mil pardaus (2:400$000 rs.), e alguns se venderam por doze e quinze mil (4:500$000 rs.).

Em Goa servem os elephantes na ribeira das naus para a conducção das madeiras, e andam n'este serviço dez ou doze de varias partes. Quando para este ministerio mandavam algum de Ceylão, o levavam para a ribeira, onde todos os outros, quando este entrava, lhe faziam uma reverencia com muita submissão, sem que alguma hora o tivessem visto, e passando por entre elles, por pequeno que fosse, não fazia commemoração das cortezias dos outros. Parece que de algum modo, por instincto, se conhecem, pois o respeitavam, reconhecendo n'elle superioridade. Os moradores de Goa, nas vezes que para alli foram elephantes de Ceylão, observaram o que digo.

Por não ser molesto deixo de dizer muitas particularidades d'elles; basta saber-se, que os elephantes que vem do matto, em oito dias ficam tão domesticos, que não só não tornam a fugir, mas ainda fazem o que lhe dizem sem algum ensino. O principal beneficio para os amansar, é aquelles primeiros tres dias e noites não os deixar dormir um instante, e se o querem fazer, os divertem com pancadas; depois das quaes, com boas palavras que lhes dizem os vão animando, e no prazo que temos dito estão domados.

Algum auctor escreveu que estes animaes não se deitavam senão quando queriam morrer. Em parte se enganou, porque todas as noites dormem deitados, e os que servem para carga a tomam deitados, que de outra sorte, por sua altura, ninguem lh'a poderia pôr; sómente quando fazem alguma jornada e na marcha se deitam, não é para se tornarem a levantar, porque alli morrem, o que succede indo cansados.»

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-se e agita-a a sua mulher)

(Vid. pag. 182)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

V

Muitos annos ha que Santiago se ausentou de Ipenza.

Fôra elle recebido no Mexico com grandes mostras de carinho. Seu tio era um dos negociantes mais ricos d'aquella cidade. Tocava já nos cincoenta annos, e não tinha casado nem pensava casar-se.

Durante o primeiro anno, Santiago foi modelo de applicação e siso, pelo que seu tio lhe tomou entranhavel affecto, concentrou no sobrinho todo o caudal de amizade que guardam sem saber que façam, d'elle, os que chegaram aos cincoenta annos sem familia e sem amigos do coração; porém no anno seguinte começou a tontear com muito sentimento do tio. Os amores illicitos, o jogo, os espectaculos selvagens, o luxo exaggerado, os banquetes, todas as coisas, em fim, que constituem a felicidade das almas vulgares, tinham para elle um encanto a que nem sempre podia resistir. A caridade, as letras e as artes, o amor puro, a formosura da natureza, as expansões tranquillas e ingenuas da amizade, o amor-perfeito ou o jasmim que nos envia dentro de uma carta nossa mãe ou a nossa irmã, a recordação constante do nosso lar, a continua anxiedade de regressar á terra natal, todas as coisas, em fim, que são a gloria das almas delicadas, careciam de enlevo para Santiago.

Um dia chamou-o o tio ao escriptorio, e disse-lhe:

— Santiago, com pesar vejo que te apartas do bom caminho, do caminho que segui para alcançar a estima de todos, e o milhão de peças que possuo hoje. Consomes-te por gozar do mundo, e vaes por caminho inteiramente opposto ao fim a que desejas chegar. Se trabalhares sem descanso, dia virá em que sejas possuidor das riquezas de teu tio, e poderás satisfazer essa ambição de gozos materiaes que te fina; porém, se não trabalhares nem te afastares da vida que emprehendeste, nunca realisarás o teu sonho, porque não poderás dispor de riquezas proprias nem herdarás as de teu tio. Medita bem no que te disse, e escolhe o que mais te convenha.

Santiago meditou, com effeito, nas palavras de seu tio, e a final decidiu-se a trabalhar para ser rico, primeiro, e depois dar-se á vida que constituia o seu eterno sonho.

O tio, que lhe queria muito, costumava dizer quando se tratava de Santiago:

— Esse rapaz comporta-se bem, graças ao sermão que lhe préguei assim que principiou a desmandar-se. Estou resolvido a deixar-lhe o meu capital assim que fechar os olhos, porque na verdade o merece; porém, tremo ao pensar que váe fazer algum desproposito quando estiver rico; quererá desforrar-se n'um anno da fome de prazeres que está soffrendo ha dez, e estoirará, de certo. Os senhores verão, se viverem, se os meus receios são ou não fundados.

O dia d'esta prova chegou mais depressa do que se afigurára ao bom do negociante. O tio de Santiago morreu ao completarem-se os dez annos da chegada do sobrinho ao Mexico.

Santiago encontrou-se, pois, aos vinte e cinco annos senhor de um milhão de cruzados, e de vinte e cinco milhões de desejos materiaes.

Recordou-se, naturalmente, o que certa manhã de S. João dissera a Catalina no nogueiral de Ipenza:

— Se fosse rico, dar-me-hia pressa em divertir-me, porque mui ligeira que viesse a morte para impedil-o, chegaria tarde.

— Já que fallaste de Catalina, dize-me: que foi feito, em todo esse tempo, da pobre menina, e de Ramon e Quica?

Catalina era uma das raparigas mais lindas que passeavam nas Encartações, tanto que, apesar de ser *jariega,* de estar sempre mui triste, e de saberem todos que desfolhava malmequeres ao romper de alva, saía-lhe cada dia um noivo.

Ramon e Quica estavam já bem velhos, e consumidos pelos continuos desgostos que lhes davam as

chegadas do vapor da America sem trazer carta do rapaz.

Santiago rara vez escrevia. Deve, comtudo, dizer-se que elle, no meio de suas más qualidades, tinha algumas boas, e entre ellas seria a primeira lembrar-se da sua patria, posto que não escrevesse a seus parentes.

— Quero voltar ao meu paiz, — dizia Santiago, — porque meus paes são já velhos e desejam ver-me; porque a pobre Jariega é boa rapariga, ainda que as suas cartas mostram que está tão choramigadora como sempre, e porque o meu paiz é bom para passar uma temporada; porém grande loucura faria se antes não visse e gozasse quanto ha que ver e gozar n'este novo mundo, que só tenho visto por um oculo.

Disse isto Santiago, ou, antes, o sr. Santiago, porque realmente me envergonho de nomear com tamanha sem ceremonia um homem que possue tanto dinheiro; disse isto, e no dia seguinte lançou-se n'um caminho licencioso.

Na America central e na do Sul, o sr. Santiago fez grande figura.

Carruagens ás duzias, cavallos aos centos, criados ás grosas, e o mais que se deve calar; cada semana as commoções de um desafio; cada dia o enjoativo de um par de horas de jogo, e de vez em quando uma quéda nas apostas em que rebentava o cavallo em cinco minutos.

Nada faltava á vida de um libertino. Foi isto que deu, por espaço de meio anno, ao sr. Santiago immensa celebridade na America hespanhola.

Fôra impossivel continuar assim.

O sr. Santiago conheceu que os prazeres iam-n'o desgostando. Gastavam-lhe o corpo, e, o que ainda é mais, trituravam-lhe o coração.

Passou aos Estados-Unidos; mas não póde, ou não soube conter-se. Alli, durante outro meio anno, continuou a mesma vida.

Quando o lobo se fartou de carne, metteu-se frade; assim o sr. Santiago, aborrecendo, com effeito, aquelles prazeres pelos quaes tanto suspirava, pensou no seu paiz, em seus paes, e até na pobre Jariega, e resolveu-se a embarcar para a mãe patria.

Mañanita de San Juan
cuando la gente madruga,

recebe o nosso homem uma carta com a triste noticia de que os seus paes tinham morrido com saudade de não tornar a ver o filho, cuja ausencia choravam havia mais de dez annos.

O sr. Santiago não recebeu com indifferença aquella noticia; ficou, porém, admirado de que não lhe causasse o pesar que n'outros tempos lhe haveria causado. Era porque a sua alma tinha-se consumido nos prazeres, estava morta para a terra, já que não o podia estar para o ceo.

E Santiago disse então:

— Se n'esta terra, rica de juventude e civilisação, não encontro já prazer algum, quaes posso esperar da minha patria, velha decrepita, que como os velhos tornaram á ignorancia e á impotencia da meninice? Além d'isso, meus paes morreram, e se alli for capaz de sentir alguma coisa, será o desgosto de não encontral-os já ao pé do lar onde os deixei. Não, não quero voltar ao meu paiz! Percorrerei todo o mundo, e talvez com as minhas riquezas encontre ainda prazeres; mas não tornarão a dar-me a sua sombra as nogueiras e cerejeiras de Ipenza.

As devassidões, o jogo, o luxo, os amores venaes, os prazeres de todo o genero, causavam-lhe profundo tedio. Fez, todavia, um supremo esforço para novamente submergir-se n'elles, porque os havia desejado muito para deixal-os tão facilmente; mas succedia-lhe o mesmo que ao doente com fastio, que obstinando-se em comer, exacerba a rebeldia do estomago.

E não era já a morte da alma, a morte do coração, a morte do sentimento, o unico mal que sentia Santiago; trazia o rosto abatido, o cabello principiava-lhe a encanecer, os membros entorpeciam-se-lhe, o peito respirava-lhe difficuldade.

Consultou os medicos mais famosos do novo continente, e todos opinaram que para o restabelecimento da sua saude convinham muito os ares patrios; mas Santiago oppoz tenaz resistencia em seguir o conselho dos medicos.

— Sou — dizia elle — o ente mais desgraçado da terra! Passo a metade da vida trabalhando sem descanso e cheio de privações para enriquecer-me; enriqueço, a final, e vejo que as minhas riquezas são inuteis; sou, portanto, mais desgraçado que o ultimo dos tres milhões de escravos que gemem n'esta terra da liberdade, porque só conservo viva a intelligencia para contemplar o vasio do sentimento! Oh meu Deus! daria todas as minhas riquezas para sentir um estremecimento no coração, ou uma lagrima nos olhos.

— Não te parece, luz dos meus, que, com effeito, Santiago era bem desgraçado?

— Se o era!

Que Deus, se assim lhe approuver, accumule de enfermidades o nosso corpo e de tribulações a nossa alma;

Que nos condemne a chegar á decrepitude ganhando com o suor da fronte o sustento quotidiano;

E que nos negue a dita de ver em torno do nosso leito funerario, filhos que nos chorem e reverenceiem;

Mas que nos conserve sempre a louçania e a juventude da alma!

Cada vez mais se lamentava Santiago de ter perdido esta juventude e louçania da alma, que a ti e a mim nos faz ditosos.

Á tisica moral succedia já a corporal. Os medicos declararam-lhe terminantemente que a sua unica esperança de salvação estava no regresso á terra natal, e Santiago consentiu por fim em perseguir esta esperança, antes por indifferença, do que por amor á vida.

(Continúa)



Medalhas romanas accusadas a pag. 206

CHARADA

Fui entre mattas nascida — 2
Para entre mattas crescer — 2
E quiz, anciando outra vida,
Santamente florescer.

Explicação dos enigmas dos numeros 24 e 25

N.º 24 — As lagrimas do histrião descem do cerebro, e as do homem sensivel sobem do coração

N.º 25 — Deus abate os grandes e eleva os pequenos

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



O agiota — Composição e desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Vamos esboçar a physiologia de um individuo que os espiritos verdadeiramente rectos não podem encarar nunca a sangue frio, e que já em vida pertence ao dominio legitimo do inferno.

Fallâmos do agiota.

Qual será, porém, o modo e o estilo por que havemos de tratar tão repugnante aborto moral, e, quasi sempre, physico tambem, da creação divina?

Pelo ridiculo?

Não é facil; porque este mesmo, com ser assaz destemido, empallidece e recúa ao dar de frente com um homem que, ultrapassando a ferocidade do tigre, vive a devorar exclusivamente o seu similhante, comprazendo-se em lhe saborear as lagrimas do infortunio, com o mais inconcebivel socego de alma e coração.

Apertados pelas contracções febrís da indignação que o monstro instantaneamente accende nos que não tem, como elle, os sentimentos corruptos pelo sopro da desmoralisação e do demonio, os labios não podem sustentar por muito tempo o riso, infinitamente fraco para luctar com os estimulos dos corações animados pelo impulso da santa virtude da humanidade.

Pelo desprezo?

Tão pouco.

Quem viu impassivel a peste ceifando dia e noite centenares de vidas nas povoações em que vive? Quem póde supportar tranquillo o olhar scintillante e fulminador do soberbo e feroz leão?

O proprio Julio Gerard, embora se fie na sua admiravel destreza de atirador, na audacia da sua coragem, e zombe do perigo, sente evaporar-se, n'um só instante, todo o gelo de que o frio da noite lhe revestiu o corpo, ao calor ardente da febre que o assalta quando o rei supremo dos desertos africanos lhe apparece.

Nem por um nem por outro. Só molhando a penna em fel, porque a luz e as côres alegres não dão o relêvo de taes aberrações, que unicamente se pintam com os lugubres reflexos das noites tenebrosas, onde então avultam, ao lado das rapinantes que devoram os ninhos das aves innocentes.

Se ha um individuo, ao nivel de cuja vida distinctamente appareçam em negro, mas em alto relevo, os vicios radicaes da construcção social e da desmoralisação dos estados, é o agiota.

Tolerado pelo cynismo das actuaes gerações, fatalmente considerado como uma necessidade, a ponto de ser protegido pelas leis; não carecendo, portanto, de ir, como o salteador, buscar a segurança individual no labyrintho das florestas e cordilheiras, o agiota nasce espontaneo, descoberto, e annunciando-se no coração das proprias cidades!

Abandonado, porém, de Deus, que lhe imprimiu logo na fronte o sêllo da reprovação, o demonio, em quanto não póde lançal-o nas chammas, aproveitando-o para instrumento de malignidade n'este mundo, condemnou-o a viver da miseria e das lagrimas d'aquelles que, pela sua resignação e martyrio, lhe não pertencem, e hão de entrar no gozo da gloria celeste.

Ignora-se qual seja a sociedade onde haja um individuo que menos possa dizer — «vivo do meu trabalho» — nem sequer — «vivo do meu dinheiro» — porque, não sendo dado á inercia mover-se, nem, em boa moral, chamar-se propriedade ao roubo, ainda quando legalisado e offerecido pela propria victima, o agiota não trabalha, nem tem dinheiro seu.

Á similhança da nojenta e ardilosa aranha, que espreita vigilante o momento em que a presa lhe cáe na têa que urdíra em volta do aranhol, o monstro espera no seu antro, de braços cruzados, que o desafortunado proletario, impellido pela necessidade, lhe vá offerecer o sangue por alguns reaes, e depois responde aos que lhe lançam em rosto a usura e a covardia, que o não chamou nem obrigou.

É exactamente a resposta que o tigre daria, se fallasse, a quem lhe exprobrasse a ferocidade com que devora as victimas que lhe chegam ao alcance.

Vasio de faculdades intellectuaes e de aptidão dynamica, tendo uma alma litteralmente arithmetica, um coração de ferro, e sendo covarde de mais para affrontar as correcções da justiça, o agiota reconheceu que só estava habilitado para um commercio tolerado, cujo interesse lhe fosse bater á porta.

E, comtudo, não vendo a desprezivel humildade, e o profundo odioso de taes condições e trafico, é mais orgulhoso que o imperador da Russia; e baldados seriam todos os esforços para o convencer de que não ha no mundo ninguem mais rasteiro nem escravo do que elle.

O agiota abre a sua carreira com algumas moedas, apenas, e, muitas vezes, com alguns tostões. Não o dirieis, e menos concebeis como tão insignificante quantia possa dar origem ao milhão? Pois vós mesmos rasgareis o segredo do apparente milagre.

Supponde que pretendeis ser agiota, e que todo o vosso cabedal se reduz a seis tostões. Não vos assusteis com a insignificancia da quantia. Mettei-a na algibeira, saí, ide para os pateos da Boa-Hora, e attentae vigilante.

Alli desce a escada um individuo mal trajado, com ares de quem precisa de dinheiro com urgencia. Mettei depressa a mão na algibeira, fazei tenir o vosso dinheiro, virae-lhe as costas sem mudardes de logar, e esperae.

D'ahi a dois minutos tendel-o a tocar-vos no hombro e a pedir-vos, desfazendo-se em mil cortezias, o grande favor de lhe emprestar doze vintens, para mandar fazer um requerimento inesperado e momentoso. Não receeis da franqueza. Estaes á bocca da mina que procuraes. Fazei uma d'essas caretas que exprimem indifferença e enfado; ponde os olhos no chão; fingi que meditaes; depois, abotoando as algibeiras onde já mostrastes haver dinheiro, e como querendo retirar-vos, perguntae-lhe, sem apparencias de interesse, quanto vale o juro, quando paga, e que seguranças dá.

O pobre homem, a quem o tempo parece voar, e cuja causa póde perigar por um minuto perdido, entrega-vos um documento importante do seu processo, e deixa o resto ao vosso arbitrio. Lêde, attento e vagaroso, o penhor, sem vos importar com a impaciencia e agonia do padecente. Estas minucias são os apparatos e ceremonial do officio. Depois de vos certificardes bem da authenticidade da coisa, exigilhe o dobro de juro e a condição de vos pagar no dia immediato. Podeis ter a certeza de que não vos ragateará o preço do emprestimo. Dito e feito; passadas vinte e quatro horas, tereis na vossa algibeira mil e oitenta réis, isto é, mais quatro centos e oitenta, que vos caíram nas mãos, sem fadiga do corpo, nem lucubrações do espirito.

Não conteis o negocio, porque podeis achar alguem que vol-o taxe de immoral, e isso desanimar-vos. Calae-vos. No dia seguinte comei dos seis tostões, ou, melhor, se facil vos for, do jantar d'algum amigo, e guardae a importancia total para novos emprestimos. Seguindo sempre esta prática, podeis contar que no fim de um mez possuís, já livre, um capitalinho com que podeis estabelecer-vos no Terreiro do Paço, praça do commercio... para os agiotas. Não lhe olheis para a grandeza. Supponhâmos que conseguistes juntar doze mil réis. Não é isto difficil, se fostes diariamente tão feliz como no primeiro ensaio. Tendes com que comprar dois recibos do mesmo valor, que, muitas vezes, cobraes no outro dia, se foram, caso frequente e de facil explicação, rebatidos para acudir a algum apuro, similhante, em urgencia, ao do homem da Boa-Hora, que tão *boa* na verdade correu para vós, e continuará a correr em o novo posto.

Ora, não concebeis agora como, apenas com alguns tostões, podeis desenvolver e elevar a vossa industria rapinante á altura colossal? Bem vêdes que não fomos exagerados. Muitos outros variadissimos modos ha de principiar, mas vendo-vos mui pouco contente já do que vos fizemos representar, deixâmol-os em branco. Tranquilisae-vos, que foi hypothese!

Quando o agiota possue já um capital de certo alcance e está propagado, mette-se em casa, e espera socegado as suas victimas. É n'este grau, na sua classe correspondente ao posto de major, que a nossa admiravel gravura, desempenhada pelo distincto gravador o sr. Pedroso, o representa.

Logo á primeira vista se distingue no quadro o personagem que nos occupa. Não se póde confundir. Até o individuo que lhe desconhecesse a apparencia, os modos e a simplificada ferramenta, apontaria immediatamente para aquelle que, embrulhado n'um comprido casacão, de alta cabelleira encarapinhada, rareada suissa, nariz de cavalete e oculos azues dobrados, talvez para lhe encobrir algum defeito dos olhos, que em geral são tão vesgos como os da alma, está sentado em vasta cadeira de braços, analysando, com todo o vagar e attenção, uns recibos dos ordenados d'aquelle pobre empregado publico, de casaca e collete branco, que pelos dedos tenta resolver o modo difficil por que ha de fazer chegar, não obstante ser celibatario, até nova habitação, os escassos tostões que o agiota lhe offerece, ainda assim como por favor!

Ao lado do primeiro padecente vê-se outro, empregado publico tambem, desgraçado chefe de familia, a quem o triste aspecto e dor da miseria domestica e dos trabalhos, mais do que os annos, ainda não muitos, encaneceu e rareou os cabellos. Com a esperança já crestada pelo sopro de um permanente infortunio, o infeliz parece alheio a tudo que alli o rodeia, e pensar sómente na sorte dos filhos, que d'elle não herdarão mais do que um nome honrado, n'este mundo de tão poucas garantias.

Proximo da porta, uma velha, viuva, não vendo por onde haja com que desempenhar aquelle cordão, malfadado fructo de tantas economias e seu ultimo recurso, consulta, comsigo mesma, se mais acertado será antes vendel-o que empenhal-o.

Quando as logradas victimas saírem a porta do agiota, este tem ganho em meia hora o salario de alguns mezes de trabalho alheio, que cada uma d'ellas perdeu em dez minutos!

Os philosophos que negáram a immortalidade da alma, não conheceram o agiota, cuja existencia basta para incisivamente a demonstrar. Com effeito, repugna a todâ a concepção que podemos fazer da justiça, o acreditarmos, ou suppormos sequer, que um homem que passa a vida inteira sem privações e cercado de oiro, trabalhado com as lagrimas e agonias da desgraça, acabe de todo sem ter o castigo que suas crueis acções legitimamente reclamam!

O agiota é um ser de cujo peito trasbordam os instinctos malignos, e onde, nem mesmo em germe, existe um só bom sentimento. Os ingratos tem na vida frequentes horas de doloroso arrependimento. O assassino vacilla algumas vezes em commetter o crime, treme sempre quando empunha o ferro, quasi

que fecha os olhos quando despede o golpe, e rara é a noite em que o somno não lhe seja perturbado pelas visões horriveis do remorso. Aos traidores sobe-lhes ás faces o rubor da vergonha e da humilhação quando se vêem descobertos. Uns e outros acabam contritos na hora do passamento. Mas o agiota atravessa a vida escandalosa sem nunca sentir a responsabilidade enorme que pésa sobre elle, e morre não se lembrando senão de si, com o espirito mortificado, apenas, pela saudade material da vida e do seu ouro.

Assim como é mau homem, mau cidadão, mau amigo, mau negociante, o agiota é, quando casado, o mais perigoso chefe de familia, e immoral exemplo de educador. Perigoso chefe de familia porque, crescendo-lhe as necessidades, e tratando de accumular fortuna, multiplica e afia, então, as unhas da sua usura. Immoral exemplo de educador, porque escarnecendo da pobreza, que olha com profundo desprezo, definindo o infortunio pela maior das vergonhas, e tendo horror á humildade, educa os filhos segundo os seus inqualificaveis e monstruosos sentimentos.

E não obstante, caso verdadeiramente assombroso! o agiota é, quando chega a millionario, na actual organisação dos estados, o pharol que salva os navegantes politicos dos escolhos da administração publica; a unica alma que aviventa ainda a intelligencia exhaurida dos financeiros; a moleta predilecta da coxa sagacidade dos ministerios; o calmante heroico das crises mais apuradas; o providente maná que alimenta o genio da governação no deserto para onde foi tomar ares, e dar eterno repouso ao pensamento já fatigado das lucubrações, suspirando pelo ponto... final.

Mas esta categoria, a mais voraz de todas as especies agioticas, ainda não avultou entre nós, o que fôra para admirar, se não vivessemos n'um paiz onde a confiança politica, arteria capital da economia das nações, é uma planta estranha que, ha um seculo, se nega á aclimação, por mais que de mez em mez se experimentem novos estrumes e varie a hora da rega!

Abundam, porém, lá fóra; principiam a nascer por cá; e de uns e outros temos sido profundamente sangrados.

Quando o agiota está no caso de assumir aquellas gigantes proporções, toma o nome, já com perfumes aristocraticos, de banqueiro, e sáe do seu obscuro escriptorio para entrar no grande theatro tragicomico das sortes politicas, onde, com o tacto agudo dos instinctos naturaes, desempenha, impune, o papel arriscado de primeiro tyranno.

Então este vermesinho intestinal da sociedade attinge o seu maximo desenvolvimento, e multiplica as nunca saciadas mandibulas pelo numero dos cidadãos.

As modificações apparentes que se operam no trato do banqueiro, contrastando calculadamente com a franqueza selvagem do agiota particular, são dignas da analyse do philosopho, porque n'ellas está explicada a tristissima historia moral da humanidade.

O banqueiro não entra no grande mundo do commercio politico, sem se embuçar na capa da hypocrisia; sem revestir a sua natureza, que conserva intacta, de côres fragrantes e attractivas; sem disfarçar as mortaes exhalações do seu veneno com falsos aromas de protecção social; porque, vendo ao seu alcance uma ordem de negocio que tem uma coroa na cabeça, a bolça dos povos nas pontas das bayonetas, o tino dos proprios recursos perdidos, e a opinião publica por principal esteio, conhece logo até que altura póde elevar o seu throno de oiro, e nobilitar o nome odioso, se jogar bem com as fecundas conveniencias, tão prodigas para quem possue o cubiçado bezerro, e conseguir pôr na vanguarda das suas operações essa innocente quanto mallograda opinião publica.

Como a imprensa é o telegrapho electrico dos factos genuinos ou alterados; como ha jornaes que se vendem e outros que transcrevem; como os povos não cultivam a sciencia de adivinhar o trabalho intimo das acções; como fascinados pelas galas seductoras de que a cabeça dos sugadores apparece revestida, não reparam na lança afiada que os monstros trazem na cauda; como se assimilham, pelos effeitos, a esses heroes que, profundamente absorvidos na meditação de grandes emprezas, entraram no outro mundo sem presentirem a foice da morte a cortar-lhes as raizes da vida; como o homem que lhes solta as mãos para lhes prender os pés, que lhes offerece um vintem para lhes tirar um milhão, que lhes dá hoje o braço para ámanhã os desconhecer e salpicar de lodo com as rodas da carruagem de visconde, lhes escapa completamente, o problema resolve-se no tempo, apenas, que uma folha politica leva a compor e estampar, isto é, em vinte e quatro horas.

Um dia apparece n'um jornal mais lido da capital a seguinte noticia:

« *Rasgo de humanidade.* — O sr. F. lendo na nossa folha de hontem a triste narração do estado economico em que se achava o moribundo asylo de... correu immediatamente a casa do dignissimo thesoureiro d'aquelle pio estabelecimento, e ahi deixou a valiosa quantia de um conto de réis. Esta acção illustra-o tanto mais, quanto foi espontanea; pelo que o honrado e caridoso capitalista bem merece dos homens e de Deus a gratidão e as bençãos. »

Esta salva estrondosa produz o ecco desejado.

No dia immediato, todos os jornaes correspondem, sem ninguem reparar que a noticia só tem de verdade o titulo, porque aquelle conto de réis é apenas uma fracção do sangue que o mascarado vampiro sugou pelo *rasgo* que fez, effectivamente, no braço direito da humanidade proletaria; sem notarem que é a joia d'entrada para esse grande commercio politico, que mais tarde lhe ha de render milhões de juro, abrir-lhe a porta das camaras, e pôr-lhe na cabeça uma coroa de barão!

Divino Christo! quem diria que a innocente e valiosa caridade que vós prégastes, e com tão milagrosa mão praticastes, confortando o espirito, matando a fome, e curando os padecimentos da humanidade pobre e enferma, havia de servir um dia de mascara á hypocrisia!

O banqueiro principia para a critica, e para a opinião publica, como se tivesse nascido então. O reptil que bebia o sangue das ovelhas morreu, e sobre a sua cova debalde as victimas tentarão denuncial-o, porque a voz da desgraça não tem ecco no mundo.

Agora é um d'esses raros caridosos capitalistas que, não sendo avaros, repartem os seus lucros com a pobreza e orphandade. E ámanhã?... Será um digno e conveniente representante dos melhoramentos materiaes do paiz; depois a salvação suprema das finanças; no outro dia um visconde com grandeza; e por fim... sempre um agiota!

Leitores: não nos devemos calar sem vos communicar as conclusões que fizemos quando estudámos este usurario. Se não pertenceis á classe haveis de concordar comnosco.

Eil-as aqui:

É mais lisongeiro e nobre acabar pobre por ter sido caridoso, do que rico por ser agiota. As lagrimas do infeliz são as perolas com que Deus orna e enriquece as galas do ceo; a satisfação do agiota é o tição com que o diabo ateia as chammas do inferno.

NOGUEIRA DA SILVA

SUPERSTIÇÕES E ABUSÕES POPULARES

Apesar dos constantes esforços dos ministros do Evangelho, e dos pasmosos descobrimentos da physica e da chimica, por onde se explicam tantos phenomenos que d'antes pareciam realmente coisas sobrenaturaes, está ainda o mundo tão inficionado de abusões e superstições, que, o combatel-as e escarnecel-as, é encargo impreterivel dos jornaes escriptos para o povo, e sobretudo para a mocidade que frequenta as primeiras escholas, qual é este nosso, pela crescente extracção que lhe está dando a patriotica e civilisadora sociedade *Madrépora* do Rio de Janeiro.

A principal abusão, a mais arreigada no povo, entre nós, e tambem em muitas outras nações mais adiantadas, como havemos de mostrar, é a de acreditar em especificos de curandeiros, e crer nas embusteiras que deitam cartas, tiram quebrantos, mau olhado, feitiços e outras que taes sandices que a ignorancia e a malicia inventaram, para roubar astuciosamente os credulos e parvos.

Para extirpar taes abusões impoz a antiga ordenação do reino até pena capital aos que usassem d'ellas. É curiosa, sobre ser a mais completa que conhecemos, a enumeração de todas as superstições e abusões com que se especulava n'aquelles tempos. Vem no liv. v. tit. III intitulado: *Dos feiticeiros*.

«Estabelecemos que toda pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que de logar sagrado ou não sagrado tomar pedra de ara ou corporaes, ou parte de cada uma d'estas coisas, ou qualquer outra sagrada, para fazer com ella alguma feiticeria, morra morte natural.

E qualquer pessoa que em circulo ou fóra d'elle, ou em encruzilhadas invocar espiritos diabolicos, ou der a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer coisa para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a ella, morra por isso morte natural. Porém em estes dois casos primeiro que se faça execução nol-o façam saber, para vermos a qualidade da pessoa, e modo em que taes coisas se fizeram, e sobre isso mandarmos o que se deve fazer.

Outrosim não seja alguma pessoa tão ousada que, para adivinhar, lance sortes nem varas para achar thesouro, nem veja em agua, cristal, espelho, espada, ou em outra qualquer coisa luzente, nem em espádoa de carneiro, nem faça para adivinhar figuras ou imagens algumas de metal, nem de qualquer outra coisa, nem trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto ou de qualquer alimaria, nem traga comsigo dente nem baraço de enforcado, nem membro de homem morto, nem faça com cada uma das ditas coisas nem com outra (posto que aqui não seja nomeada) especie alguma de feiticeria, ou para adivinhar, ou para fazer damno a alguma pessoa ou fazenda; nem faça coisa por que uma pessoa queira bem ou mal a outra, nem para ligar homem nem mulher para não poderem juntar-se. E qualquer que as ditas coisas ou cada uma d'ellas fizer, seja publicammente açoitado, com baraço e pregão, pela villa ou logar onde tal crime acontecer; e mais seja degradado para sempre para o Brasil.

E por quanto entre a gente rustica se usam muitas abusões, como é passarem doentes por silvão [1], machieiro [2] ou lameira virgem, e assim usam benzer com espada que matou homem, ou que passe o Douro e Minho tres vezes; outros cortam folhas em figueira baforeira, outros cortam cobro [3] em lumiar de porta; outros tem cabeças de saudadores [4] encastoados em oiro, em prata ou em outras coisas; outros apregoam os demoninhados; outros levam as imagens de santos junto da agua, e alli fingem que os querem lançar n'ella, e tomam fiadores que se até certo tempo o dito santo lhes não der agua ou outra coisa que pedem, lançarão a dita imagem na agua; outros revolvem penedos e os lançam na agua para haver chuva; outros lançam joeira; outros dão a comer bolo para saberem parte de algum furto; outros tem mandragora [1] em suas casas, com tenção que por ellas haverão graça com senhores, ou ganho em coisas que tratarem; outros passam agua por cabeça de cão, para conseguir algum proveito.

[1] Silva macha.
[2] Sobreiro novo.
[3] Lombo de porco.
[4] Veronicas.

E porque taes abusões não devemos consentir, defendemos que pessoa alguma não faça as ditas coisas, nem cada uma d'ellas; e qualquer que a fizer, se for peão, seja publicamente açoitado, com baraço e pregão pela villa, e mais pague dois mil réis para quem o accusar. E se for escudeiro e d'ahi para cima, seja degradado para Africa por dois annos; e sendo mulher da mesma qualidade, seja degradada tres annos para Castro Marim, e mais pague quatro mil réis para quem a accusar.

E estas mesmas penas haverá qualquer pessoa que disser alguma coisa do que está para vir, dando a entender que lhe foi revelado por Deus, ou por algum santo, ou em visão, sonho ou por qualquer outra maneira.»

Parece-nos que o melhor meio de afugentar similhantes crendeirices, é contar alguns casos em que se mostre bem ao vivo o engano e velhacaria que ha em todas ellas.

Os que hoje vamos referir reunem as duas especies mais communs, curandeiros e feiticeiros. E para que se veja que taes praticas só podiam vir de selvagens, resumiremos os que observou no Brasil o chronista dos padres da Companhia n'aquella nossa antiga provincia, Simão de Vasconcellos, que de mais a mais é auctor classico, pelo que de uma via fazemos dois mandados — historia curiosa e em boa linguagem.

«Os carijós são insignes feiticeiros, e tão admiraveis em seus feitiços, que se d'elles tivessem noticia os auctores que compozeram de feiticerias, sem duvida multiplicariam com estas os seus volumes.

Tres generos ha entre elles de feiticerias: o primeiro (commum tambem a todas as nações do Brasil) é a arte que chamam de «chupar» na fórma seguinte: O que se preza de feiticeiro, para haver de ganhar sua vida e adquirir nome e fama entre os seus, finge que tem virtude de chupar com os beiços, e receber em si, d'esta maneira, todo o mal que um corpo tem. Quando o enfermo se queixa de qualquer doença que seja, chega o feiticeiro, e pergunta-lhe, que parte lhe doe ou tem lesa? Mostrada esta, começa elle a chupar, e a fazer seus esgares, porque leva já debaixo da lingua uma espinha, osso, ou bicho muito feio, que finge tirar do centro do corpo do enfermo, mostrando-o com espanto e grandes visagens, dizendo: *Olhae, como havia de repousar, nem ainda viver, um corpo humano com tal espinha, tal osso, ou tal bicho, que lhe estava roendo as entranhas?*

Se o doente era sómente de imaginação, fica melhorado; mas se era doença devéras, com ella fica como d'antes; mas fica o feiticeiro melhorado com o que lhe dão por sua arte. A este genero de feiticerias chamam *angaiba*.

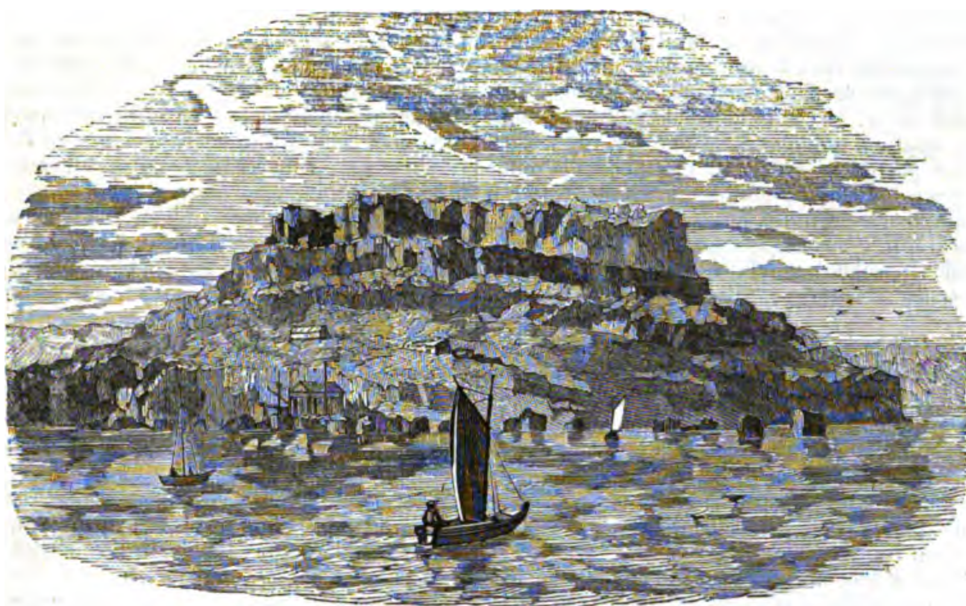
O segundo genero, mais detestavel, é dos que matam com feitiços, e é da maneira seguinte. Direi primeiro o modo commum e mais ordinario de seu enfeitiçar, e logo direi casos particulares. Tem tra-

[1] Planta que dá certo fructo narcotico do que usavam os embusteiros, como ainda hoje usam da coca as mulheres crendeiras.

to visivel com o demonio (é a crença erronea d'aquelles selvagens, de que tambem cá participam os que crêem em bruxas) esta casta de feiticeiros, e apparece-lhes este em fórma de um negrinho ethiope, e quando querem fazer feitiços a alguma pessoa, communicam seus intentos com o negrinho; e concordando nos effeitos que pretendem, buscam coisas que tenham alguma similhança e proporção com elles, das quaes houvesse usado d'alguma maneira o que ha de ser enfeitiçado: como, se querem fazer-lhe febre, quenturas, tosses e outros effeitos similhantes, buscam carvões em que haja tocado: se querem atravessal-o com picadas e pontada do corpo, buscam espinhas, ossos e outras coisas agudas em que haja tambem tocado: se querem cegal-o dos olhos, buscam alguma coisa que tenha similhança d'olhos, e assim nas demais.

Concertada, pois, entre elles a casta de mal que desejam fazer, e buscado o instrumento similhante, na fórma dita, faz o negrinho diabolico, em um momento, debaixo da terra, tantas como forminhas de assucar, ou como garrafas de bojo largo, collo e bocca estreita, quantos são, mais ou menos, os instrumentos dos males e doenças que desejam fazer n'aquelles logares, onde dorme ou assiste o que ha de padecer. E são estas forminhas ou garrafas tão duras e bem feitas, como se o foram ao tôrno, e cozidas ao fogo. E logo preparados assim estes vasos debaixo da terra, toma o negrinho infernal na mão aquelles instrumentos, carvões, espinhas, ossos, trapos e outras coisas similhantes, e entrega-as nas mãos do feiticeiro, e indo com elle ás covas, faz que os metta repartidamente n'ellas, e logo em um momento as fecha, concertando o chão de tal maneira, como se tal alli se não fizera. E o mesmo é entrarem as taes coisas no bojo das covas, forminhas ou garrafas, que começar a pessoa enfeitiçada a padecer o mal ou os males pretendidos.

Os casos particulares mostram os effeitos e declaram os maleficios. (Continúa)



Castle-Reef, na costa do Labrador

OS CORTES REAES E A TERRA DO LABRADOR

Com este mesmo titulo traz o penultimo numero do *Magasin Pittoresque* um artigo acompanhando a estampa que hoje reproduzimos, para lembrar aos presentes, que este castello inglez está levantado nas costas d'aquella peninsula da America septentrional, que descobriu o ousado portuguez Gaspar Corte Real, o primeiro homem que se afoitava, talvez, a fazer uma viagem á roda do mundo.

Posto que o redactor francez preste a devida homenagem a este e outros intrepidos navegantes portuguezes, que tantos descobrimentos fizeram, a quem a civilisação deve tantas conquistas, e o christianismo muitos milhões de almas, commette apesar d'isso grandes erros e omissões, de sorte que só d'elle tomámos o que diz respeito ao estado actual da terra do Labrador.

Sobre a viagem dos Cortes Reaes, publicou o «Panorama» a pag. 10 do vol. III 1839, um artigo onde se corrigem alguns erros que andavam postos em pés de verdade, mas ainda assim é insufficiente.

Posteriormente (em 1854) inseriu o erudito escriptor hespanhol D. Ramon de la Sagra, uma nota a este respeito, não nos lembra em que jornal de Madrid, dizendo que o visconde de Santarem lhe communicára que estava concluindo um longo trabalho para provar a prioridade das viagens dos portuguezes ao polo arctico, e principalmente o descobrimento da terra do Labrador por Gaspar Corte Real. Que tinha colligido muitas cartas antigas onde toda a nomenclatura hydrographica era portugueza. Que os nomes impostos por Corte Real a diversas costas, golphos, estreitos e mares até 72 gráos de latitude boreal, na sua primeira viagem em 1500, acham-se ainda na carta de Abrahão Ortelio, muitos d'elles. Depois é que os inglezes os foram fraudulentamente trocando pelos seus!

Ultimamente o sr. visconde de Sá da Bandeira, grande sabedor das nossas coisas de além mar, mandou para o «Almanack de Lembranças» do sr. Alexandre de Castilho, em 1857, a seguinte nota:

«Na livraria do convento dos Cartuxos da cidade de Evora em Portugal, existe um magnifico Atlas Geographico, composto de um grande numero de cartas. Este Atlas é manuscripto, e foi feito, segundo diz o seu titulo, por Fernão Vaz Dourado, cosmographo portuguez em Goa, em 1572. Lê-se no mesmo Atlas, que pertencêra ao arcebispo de Evora D. Theodosio de Bragança, e que este fizera

d'elle presente á dita cartuxa. Consta que o mesmo Atlas havia pertencido ao cardeal rei D. Henrique. As cartas são illuminadas, e todas as descobertas marcadas com os nomes dados pelos descobridores. Os estabelecimentos portuguezes e castelhanos são respectivamente marcados com as bandeiras illuminadas de Portugal e de Castella. O paiz ao sul da bocca do rio S. Lourenço, na America septentrional, vem notado *Terra dos Cortes Reaes*.

A terra do Labrador vê-se traçada até perto de 70 gráos, e os cabos indicados com nomes castelhanos e portuguezes, sendo portuguez o nome do cabo mais septentrional, a saber o cabo Branco. No logar occupado pela costa septentrional da Australia, ou Nova Hollanda, vê-se desenhada uma muito extensa costa, com um grande numero de promontorios todos nomeados. Sobre esta costa vê-se o pavilhão de Castella, e abaixo d'ella lê-se o seguinte:

«Esta costá foi descoberta por Fernão de Magalhães, natural portuguez, por ordem do imperador Carlos, no anno de 1500.»

Como o nosso amigo, e infatigavel investigador das coisas patrias, o sr. Innocencio, no tom. II do seu *Diccionario Bibliographico*, declara não ter examinado o *mappa do mundo* que se acha na torre do Tombo, para ver se é este mesmo de Fernão Vaz, escrevemos ao sr. visconde de Sá da Bandeira, para sabermos qual é o que elle menciona ter visto. Porque s. ex.ª partiu para Cintra, não podémos obter ainda a resposta. Como, porém, temos de voltar a este assumpto no seguinte numero, para então reservâmos o que tivermos apurado.

Fallando do estado actual d'aquella peninsula, que hoje pertence á Inglaterra, diz o redactor do «Magasin»:

Ha mais de trinta e seis annos que a commissão da Sociedade Geographica escreveu na testada do seu precioso Boletim: Olhae para essa vastissima terra do Labrador, situada nas mesmas latitudes da Gram-Bretanha, mas cujo interior está ermo e despovoado. Será, porventura, grande o dispendio de mandar um viajante europeu á Terra-Nova, d'onde facilmente passará ao estabelecimento dos irmãos Moravios em Naïn?

Desde que a benemerita sociedade manifestou este desejo, tem-se feito muitas viagens ao norte da America, mas, ainda mal!, bem pouco se tratou de seguir o conselho d'aquelles sabios geographos.

E, todavia, a nossa mente se transvia em conjecturas, considerando que esta longa peninsula comprehendida entre 50 e 60 gráos de latitude norte, e entre 59 e 80 de longitude oriental, não tem menos de 24:000 legoas quadradas de superficie!

A terra do Labrador, separada do Canadá e da Terra-Nova pelo estreito de Belle-Ile, não é sáfara de productos de utilidade, mas o seu aspecto causa mais admiração que prazer. Todo este paiz, cuja concessão de direito reclamava o intrepido Corte Real, se compõe de altas montanhas e valles pedregosos. Ao menos é esta a apparencia que se lhe descobre do litoral. O clima é frigidissimo, e o inverno só acaba no mez de julho. O Mistissimy e Kumpi são os seus principaes rios. Mas estas correntes só servem para transportar a pesca e a caça, visto que o terreno rejeita toda a especie de cultura, por em qnanto. Produz, comtudo, pinheiros de grande altura, e o descobridor devéra-lhe antes chamar terra do Lenhador que do Labrador.

A povoação indica d'esta peninsula é de côr fula, e compõe-se de chippouans, e para o norte de esquimaes, formando umas 15:000 almas. Os irmãos Moravios fundaram na terra de Labrador tres congregações religiosas — Naïn, Okkak e Hoffenthal. Estas e as cabanas dos pescadores inglezes e americanos que alli fazem a pesca do bacalhau e do salmão, são os unicos estabelecimentos europeus que alli se conhecem.

Quem quizer ter mais amplas noticias d'esta ainda tão desconhecida terra, não obstante estar descoberta ha mais de tres seculos, póde recorrer ao seguinte opusculo: *Description nautique de la côte du Labrador, par Mauduit-Duplessis. Paris.* 1853.

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 207)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

VI

A primavera cobria as Encartações com rico manto verde semeado de flores.

Era tudo gala e alegria. Na vegetação e nas aves; nos campos e nos lares. Tu bem o sabes, meu amor.

Era tudo alegria, menos em Ipenza; alli havia só tristeza e solidão. A vida e jubilo que a actividade e o prazenteiro caracter do defuncto Ramon derramavam constantemente no casal de Ipenza, tinham desapparecido. Muito fizera a pobre da Jariega lançando n'elle, á mercê de Deus, a semente que principiava a brotar com tanto viço!

Meio anno havia que tinham voado ao seio do Senhor os proprietarios de Ipenza, Quica primeiro, e Ramon um mez depois, deixando a Catalina um bom dote e o usofructo da casa e fazenda, em quanto seu natural herdeiro não o reclamasse. Desde então a vida de Catalina se passava na tristeza e nas lagrimas, que só por instantes conseguiam deter a sua fé christã, e o carinho da boa mulher que a tinha alimentado a seus peitos, e a quem chamára para Ipenza com o fim de servir-lhe no retiro de mãe e companheira.

Santiago não vinha, mas nem sequer respondia ás ternas e tristes cartas em que a pobre rapariga lhe pintava as perpetuas saudades, a sua solidão, e a da casa paterna.

Era um domingo. O ceo amanheceu azul e formoso como os doces olhos da orphã de Ipenza, e o sol appareceu nos altos picos do Oriente mais dourado e vivificador que nunca. Os sinos da egreja parochial apregoavam, repicando á missa, a felicidade e a alegria que reinavam no valle.

Catalina, vestida de lucto, não tão negro e tão triste como o que trazia no coração, desceu á egreja a accender as lampadas, e collocar uma coroa de perpetuas na sepultura d'aquelles a quem dera o doce nome de paes.

Rezou chegada ao pé d'aquella sepultura, e terminada a missa tornou a tomar o caminho de Ipenza.

Quasi repentinamente appareceu na costa uma tenue neblina.

Esta humida neblina foi avançando, e ao chegar Catalina a Ipenza, cobria já todas as Encartações, desde os cumes de Soba até aos de Oquendo, e desde o conico pico volcanico de Sorantes até ao de Colisa.

O sol occultou-se completamente, e á manhã esplendida do sul succedeu a tarde nebulosa do septentrião. Todavia, o coração de Catalina estava alegre, e pulsava como se uma fagueira esperança o agitasse.

A noite avançou cada vez mais chuvosa e escura, e as moradoras de Ipenza, depois da reza, iam a deitar-se, quando Navarro, que dormia no forno, saltou rosnando, e principiou a ladrar atravessando

o nogueiral em direcção da estrada que descia para o valle.

Catalina suppoz que o que tirava o cão Navarro da sua casinha, ou antes do seu forno, seria alguma partida de contrabandistas, e chegou a uma janella que dava sobre a entrada.

Na estrada ouvia-se o tropel de cavallos, tropel que cada vez se aproximava mais, e Navarro deixára de ladrar.

— Não são contrabandistas, que os contrabandistas d'aqui não confiam, a pernas alheias, nem as suas pessoas nem os seus fardos.

Os cavalleiros aproximavam-se da propriedade.

— Abre, Jariega! — disse uma voz cansada, que nem Catalina nem a ama conheceram, mas que resoou profundamente no coração da primeira.

Os desconhecidos estavam já á porta.

— Quem são os senhores? — perguntou a ama deitando a candeia fóra da janella.

— Abra, ama ou Satanaz! — disse a mesma voz no peior tom do mundo.

A luz da candeia offereceu aos olhos attonitos de Catalina e da ama este quadro:

Um arrieiro que conduzia pelo cabresto quatro muares carregadas de bahus e malas, e um velho (tal parecia, pelo menos) montado n'outra muar, ao lado da qual dava saltos de alegria o Navarro, querendo acariciar o cavalleiro.

Catalina e a ama, a quem havia assaltado a lisonjeira suspeita de que fosse Santiago o que tão familiar e imperiosamente lhes dirigira a palavra, posto que a voz lhes era desconhecida, perderam toda a esperança vendo o que cavalgava na muar dianteira; aquelle homem em nada se parecia com Santiago, ainda pensando que os annos deviam tel-o desfigurado. O cabello principiava-lhe a branquear, os olhos tinham-se-lhe encovado; amarello e emmagrecido o rosto, descarnadas as mãos, e as espadoas encurvadas. Santiago, que só contava vinte e seis annos, e que ao partir de Ipenza era o rival mais temido e agil dos rapazes do districto; Santiago, que já aos quinze annos era por sua galhardia e formosura o enlevo das raparigas do concelho, Santiago não podia trocar-se em onze annos por aquelle homem velho e valetudinario.

— Quem são os senhores? — perguntou Catalina, morta de medo e desanimo. — E o desconhecido exclamou cada vez mais irritado:

— Abre, Jariega, com um milhão de demonios, antes que metta a porta dentro! Era este o recebimento que me promettias, dando-me a noticia da morte de meus paes?

— É elle!... é elle!... — gritaram as duas mulheres, e lançaram-se para a porta do pateo.

No entretanto, Santiago desmontava-se ajudado pelo arrieiro.

Navarro aproximou-se d'elle para lhe fazer mais caricias, porém o dono repelliu-o brutalmente.

Santiago murmurava com desesperação:

— Morta!... morta para sempre a minha alma!... Nada... completa indifferença, enfado, cansaço da vida ao desembarcar em Biscaya... ao entrar no valle onde nasci... ao chamar á porta de meus paes... ao ouvir a voz da companheira da minha meninice!...

Catalina, seguida da ama, precipitou-se ao caminho, e ia lançar-se aos braços de Santiago; porém este, longe de os abrir, contentou-se com murmurar friamente:

— Ó Jariega, pensava que não vinham esta noite.

Esta indifferença feriu no coração a pobre de Catalina, e este nome recordou á delicada orphã, que era miseravel exposta que devia á caridade a vida, o pão que a alimentava, e o tecto que a protegia. O *tu* que ia pronunciar; o *tu*, dulcissimo pronome do amor e da amizade, como lhe chama o cantor dos *Martyres*, o *tu* suspendeu-se nos immaculados labios da virgem de Ipenza, que o mudou pelo ceremonioso *senhor*, e acompanhou de outro pronome, mais ceremonioso ainda, o nome de Santiago, que tão nobre lhe havia parecido sempre sem anteposição alguma.

— Como está, senhor D. Santiago? — perguntou ao indiatico a donzella com o coração despedaçado.

— *Senhor!* Nunca has de deixar de ser nescia! *Dom!* Nunca se ha de ver livre esta... sincera patria minha de suas estultas preoccupações, de suas ridiculas intumescencias nobiliarias!... Bem hajam os paizes onde todo o mundo descende democraticamente de Adão!... murmurou o indiatico com enfado e desapêgo.

Era tão profunda a dor que sentia Catalina ao encontrar Santiago n'aquelle lamentavel estado, e ao ver-se tratada d'aquelle modo pelo amado companheiro da infancia, a quem o coração chamára e esperára durante onze mortaes annos; era tão aguda a dor que revelava o virginal rosto de Catalina, que Santiago não pôde deixar de arrepender-se da sua indifferença e dureza, e dirigir algumas palavras benevolas á joven, que se commoveu então de alegria.

— Vens doente, Santiago? — perguntou-lhe Catalina com infinita ternura.

— Sim, porque tenho alma e corpo enfermos.

— Que sentes, irmão da minha alma?

— Não sinto nada; e é esse o maior de meus infortunios.

Catalina não comprehendeu o sentido d'estas palavras.

— Tens frio?

— Tenho gelado o coração.

— Vem, vem para ao pé do lar, onde te aquecerás em quanto preparâmos a tua ceia.

Santiago ainda conservava a esperança de convencer-se de que a sua alma estava debilitada e não morta; ainda esperava que o seu coração pulsasse, ao menos desfallecidamente, ao aproximar-se do lar que tanta felicidade devia recordar-lhe. Em breve se lhe desvaneceram todas as esperanças.

Santiago entrou na cozinha; aproximou-se do lar, sentou-se na poltrona onde se sentava seu pae, no banco onde se sentavam elle e Catalina, e até no tamborete onde se sentava sua mãe; porém nada; o seu coração continuava paralysado, frio, indifferente a tudo.

Então o mais profundo abatimento se apoderou de Santiago, sem que toda a sollicitude e toda a ternura de Catalina e da ama bastassem para o arrancar d'esse estado por um instante.

Catalina, que se lembrava muito bem quaes eram os manjares que n'outro tempo mais aprazíam a Santiago, improvisou uma appetitosa ceia, que esperava fosse do agrado de seu irmão.

— Vamos, — disse-lhe, — verás que alegremente ceiaremos juntos, tu, a ama e eu. Olha, para que nos recorde esta ceia as de outro tempo, ceiaremos na mesma mesa onde ceiavamos então, e collocal-a-hemos aqui, ao pé do fogo, onde a collocava nossa mãe, que Deus haja, para que não nos separassemos do amor do lume, que é como se dissera do amor da casa... Vamos, já está posta a mesa... Agora, vou de um salto buscar um cangirão de vinho, que o temos muito bom da nossa herdade... Estou certa de que todas estas coisas, por serem de casa, te são um paraiso.

Dizendo e fazendo, Catalina poz com mil primores a mesa, ajudada pela ama; e com effeito, desceu de um salto á adega e subiu de outro, com um cangirão de espumante vinho.

Catalina sentia, ao fazer tudo isto, a santa alegria que sente a terna mãe, quando prepara, em toda a manhã, um manjar delicado, que julga ha de encher de satisfação o filho estremecido de suas entranhas; e quando Santiago, que se havia sentado á mesa, esperando ainda que o estomago não repelliria os manjares e o vinho da casa paterna, quando Santiago retirou dos labios, com repugnancia, a vianda e o copo que a joven lhe servira, Catalina sentiu uma angustia similhante á que sentiria aquella mãe quando o filho dissesse que não gostava, ou que não appetecia o manjar que com tanta sollicitude lhe havia preparado.

Catalina comprehendeu, a final, mais pelo instincto do carinho, do que pelas palavras de Santiago, o mal de que este padecia. Uma alma grosseira e vulgar só teria adivinhado que Santiago perdêra o estomago; porém a alma delicada de Catalina adivinhou que Santiago perdêra o estomago e o coração.

— Catalina, onde morreram nossos paes? — perguntou Santiago.

— No quarto da sala, — respondeu chorando Catalina.

— Pois dispõe que para alli vá, porque alli desejo morrer.

— Irmão queridissimo! . . . — exclamou a joven, sem poder completar a phrase, porque a afogavam os soluços.

— Deixa-te de lamentos inuteis, — disse o indiatico, tornando a perder a paciencia; — deixa-te de choros, e dispõe-me o quarto onde falleceram meus paes.

Catalina obedeceu-lhe desfeita em lagrimas.

Santiago subiu, pouco depois, ao quarto onde tinham expirado seus paes, com os olhos seccos e o coração inerte.

— A ultima esperança desvanecida! . . . — exclamou, e deixou-se cair como morto no leito.

(Continúa)

ANTIGUIDADES NACIONAES

Os officios que d'antes andavam embandeirados, tinham privilegios odiosos, e quasi todos elles redundavam em prejuizo dos consumidores; mas pouco a pouco se lhe iam cerceando, e caindo em desuso.

Em 1688 fizeram os ouvires da prata, ao governo, os dois pedidos que abaixo se mencionam, qual d'elles mais odioso e sordidamente avaro. Mas houve da parte del-rei o bom senso de lh'os indeferir, á vista do seguinte parecer do procurador geral da coroa, que por conter excellente doutrina o apresentâmos aqui como exemplar.

«Dois capitulos querem os supplicantes para o seu compromisso, e d'elles pedem confirmação a S. M. O primeiro é que não seja admittido a aprender officio de ourives da prata, quem tiver defeito no sangue; o segundo, que cada um dos mestres não possa ter mais de dois aprendizes. E começando por este segundo, é sem duvida que se lhes não deve conceder tal confirmação, porque o que convem á republica é que n'ella haja, quanto maior podér ser, quantidade dos artifices, a fim que por este modo estejam os homens occupados, e não vadios, como porque havendo muitos officiaes se farão as obras com mais brevidade, com mais perfeição, e com preço mais accommodado; e é confiança pedir-se ao principe um capitulo prejudicial á republica, e que tem sua especie de monopolio, para que entre poucos esteja abarcada a manufactura, e aos quaes seja preciso dar-se quanto quizerem por qualquer obra. Quanto ao primeiro, é digno de se considerar com muita prudencia o que n'elle se pede, por quanto a faculdade de ensinar e aprender é de direito natural, e a ninguem se deve prohibir, e a razão que n'elle se aponta por fundamento da prohibição, se fôra bastante, é egual em todo o genero das artes mechanicas, porque apenas ha alguma cujos artifices não façam obras para o culto divino.»

Á margem d'este parecer está a seguinte cota:

«O desembargo do paço escusou a petição dos ourives.»

MAD. DESBORDES-VALMORE

O excellente jornal illustrado de Paris, o *Magasin Pittoresque*, cujo typo adoptámos para este nosso, publicou este anno, no seu almanack, como tributo de homenagem ao sexo feminino, o busto da sua collaboradora, mad. Marcellina Desbordes-Valmore, que tantos romancinhos, poesias e hymnos, pela maior parte destinados para a mocidade escholar, escreveu n'aquelle jornal.



Busto de mad. Desbordes-Valmore

Esta dama, filha de um doirador de Paris, foi a principio cantora da opera comica, mas não se quadrando a vida theatral com a honestidade do seu caracter, deixou a arte do canto para se dedicar á poesia e ao romance, no que mostrou tanto engenho, que viveu sempre da sua penna, até que falleceu em agosto do anno passado, na avançada edade de 72 annos.

Das muitas poesias que dedicou á infancia, e que se decoravam nas escholas e casas de asylo, foi tida como profundamente inspirada pela ternura e pela caridade, a seguinte invocação ao Altissimo a favor dos orphãos desvalidos.

Achámol-a só comparavel aos hymnos, tão amoraveis como poeticos, de sr. A. F. de Castilho, escriptos para as escholas do seu novo methodo.

Cher petit oreiller, doux et chaud sous ma tête,
Plein de plume choisie, et blanc, et fait pour moi!
Quand on a peur du loup, du vent, de la tempête,
Cher petit oreiller, que je dors bien sur toi!

Beaucoup, beaucoup d'enfants, pauvres et nus, sans mère,
Sans maison, n'ont jamais d'oreiller pour dormir;
Ils ont toujours sommeil. O destinée amère!
Maman, douce maman, cela me fait gémir.

PRIÈRE.

Dieu des enfants, le cœur d'une petite fille,
Plein de prière (écoute!) est ici sous mes mains;
On me parle toujours d'orphelins sans famille:
Dans l'avenir, mon Dieu! ne fais plus d'orphelins!

Laisse descendre au soir un ange qui pardonne,
Pour répondre à des voix que l'on entend gémir;
Mets, sous l'enfant perdu que la mère abandonne,
Un petit oreiller qui le fera dormir!

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



A missa do Gallo no mar gelado.

VIAGENS AO MAR GLACIAL

I

As viagens são os romances dos philosophos — disse, com sentenciosa concisão, o maior sabio da Gram-Bretanha.

Poderosos auxiliares da sciencia tem sido sempre os viajantes; e nem o mundo fôra bem conhecido, sem o depoimento d'estas testimunhas de vista. Por isso as relações de viagens são sempre de aprazivel e instructiva leitura, porque saciam a natural curiosidade do homem; e é dever de gratidão divulgar e bemquistar entre o povo, os nomes dos que se arriscam por mares perigosos e climas insalubres, para nos darem a conhecer as paragens do nosso globo ainda não descobertas, ou não bem estudadas.

Somos descendentes dos mais ousados navegantes e descobridores que tem tido o mundo; por isso nos corre ainda mais apertada a obrigação de propagar a fama dos que seguem as pisadas de nossos avós.

Ainda mal, porém, que quasi nenhum dos modernos viajantes faz lembrança dos portuguezes que os precederam nos trabalhos, e na sorte fatal que muitos d'elles tem tido.

Lendo ha pouco a relação, recentemente publicada, da viagem do capitão Clintock aos confins boreaes da America, com o intento, por tantas vezes mallogrado, de descobrir alguns restos da expedição de sir John Franklin, que perecêra no gelo d'aquelles mares, notámos que em tão minuciosa relação nem sequer se mencionam os portuguezes que, antes de Franklin e de todos os mais, fomos os primeiros que tentámos romper os gelos polares, para achar o estreito que communica o oceano Atlantico com o Pacifico, sendo o nosso infeliz argonauta Fernão de Magalhães quem poz o nome por que é conhecido este mar!

Ainda mais. Se os inglezes ha tres seculos porfiam n'esta tentativa, nós os portuguezes, só n'um seculo, o XVI, enviámos quatro expedições áquellas perigosas paragens, chegando até 72 graus de latitude boreal. A primeira foi a de Gaspar Corte-Real em 1500; a segunda, d'este mesmo, no anno seguinte; a terceira de um irmão d'este viajante em procura d'elle, ficando lá ambos perdidos; e a quarta por mandado d'el-rei D. Manuel em busca d'estes dois Cortes-Reaes, com instrucções para explorarem aquellas costas, até ás mais elevadas latitudes. E isto, segundo o auctorisado testimunho do fallecido visconde de Santarem, não é tão desconhecido ao mundo, como se deprehende do silencio dos viajantes estrangeiros, porque está consignado n'uma obra italiana contemporanea, que se publicou em 1507, onde o representante da republica de Veneza em Lisboa affirma ter visto os esquimaes, ou esquimaus, que o referido Gaspar Corte-Real trouxera para apresentar a el-rei D. Manuel.

O visconde de Santarem trabalhou muito para reivindicar esta prioridade dos viajantes portuguezes,

colligindo todas as cartas antigas, nas quaes achou a nomenclatura hydrographica portugueza, que os inglezes depois foram substituindo sorrateiramente pela sua. Esta obra contava elle publicar á parte; mas julgâmos que a deixou inedita entre os apontamentos e documentos para a continuação da sua *Cosmographia* e *Cartographia*, de que imprimiu tres tomos. Fôra bom que se tratasse de ver se elle a deixou em termos de se dar á luz.

Sobre a nota do sr. visconde de Sá da Bandeira, a respeito do atlas de Fernão Vaz Dourado, que transcrevemos no antecedente numero, teve s. ex.ª a benignidade de nos declarar, em carta que acabâmos de receber, o seguinte:

«...... não me lembra haver jámais contribuido com artigo algum para os almanaks d'aquelle auctor (o sr. Castilho Alexandre).

Quanto ao atlas de Vaz Dourado, dei d'elle uma breve noticia, que foi publicada na *Folhinha da Terceira*, para o anno de 1832, onde se nota que o dito atlas fôra feito em Goa, no anno de 1570.[1]

Foi em 1826 que na Cartuxa vi o atlas; e a noticia redigida quando n'aquella ilha nos achavamos bloqueados: foi escripta sem que á vista tivesse documento algum; e por isso póde n'ella haver erros de memoria.

Assim, quem quizer fazer algum trabalho proveitoso sobre o mesmo atlas, deverá pessoalmente proceder aos exames necessarios»

....

Para este numero já os não podemos fazer, mas contâmos no seguinte dizer alguma coisa a este respeito.

Tornando agora aos descobrimentos modernos de que estavamos tratando, e antes de ir adiante, cumpre saber-se que temos á vista seis relações de viagens ao polo arctico, principalmente das que alli se enviáram para saber o que fôra feito da do desventurado Franklin, e nem palavra, em nenhuma d'ellas, a respeito das tentativas dos portuguezes, nem das denominações que alli deixámos!

Embora. Façamos o nosso dever, dando noticia do que tem passado, n'aquellas inhospitas regiões, os intrepidos exploradores inglezes e russos.

Por nos ficar mais á mão, e ter uma boa gravura, fallaremos hoje da viagem do almirante Wrangel ao mar Glacial.

As viagens do barão de Wrangel, almirante russo, ás costas do mar Glacial, são tidas pelas mais curiosas de todas quantas se tem publicado desde a entrada d'este seculo.

Começa elle por transportar o leitor a regiões quasi inhabitaveis, raras vezes visitadas por viajantes europeus, onde vivem, luctando com a fome, e com o mais atroz clima do mundo, povos de quem poucas vezes se falla. Depois refere tudo quanto alli observou com o cunho da verdade e authenticidade que a sua commissão lhe imprime.

Official distincto da marinha sueca, Wrangel, hoje ao serviço da Russia na patente de almirante, foi encarregado pelo imperador Nicolau de rectificar a geographia das costas do mar Glacial, e levantar uma carta exacta, desde o estreito de Waigatz até ao de Behring, obra que elle concluiu em tres annos.

Custa a acreditar, lendo-se o relatorio dos perigos e trabalhos que passou a expedição commandada por este almirante, como haja homens capazes de supportar similhantes fadigas. Não menos custa a crer como haja povos que se obstinem a viver em tal clima.

Uma das mais interessantes narrativas d'esta viagem, é a em que elle conta, com todos os visos de sinceridade, o que lhe succedeu durante a sua residencia em Nijne-Kolymsk, cidade que fica a uns 130 kilometros ao norte do circulo polar.

[1] Provém o nosso engano, do sr. Alexandre de Castilho a haver transcripto no Almanak, sem citar a fonte.

Esta cidade tem o seu ostrog, que é uma especie de forte, de estacada e taipa, sem artilheria, tendo hasteada a bandeira russa, que iça nos dias de gala. É este ostorg a residencia do governador, official subalterno, cossaco, o qual tem ás suas ordens uma dezena de cossacos sibericos, muito mal fardados e sordidos.

Esta guarnição serve unicamente para a Russia mostrar que tem auctoridade constituida entre os ostiaks, e prestar-lhe esta pobre gente, curtida pelo rigososo clima da Siberia, e fallando russo, auxilio n'alguma commissão do governo enviada áquellas paragens, como, por exemplo, esta do almirante Wrangel.

Posto que a população de Nijne-Kolymsk não seja numerosa, tem a sua aristocracia. E onde é que a não ha? São estes magnates que o governador convida nos dias de recepção no ostrog.

O almirante Wrangel conta, que sendo convidado para um sarau dado por certo aristocrata de Nijne-Kolymsk, chegada a hora do chá, serviu-se a todos em grandes chavanas, oleo de phoca morno, e uns bolinhos de sebo de rangifero [1], que o almirante teve de tomar heroicamente, para não escandalisar o dono da casa, se casa se póde chamar áquella em que se dão taes vomitorios ás visitas. Estes e outros similhantes usos d'aquella gente são lidos com muito gosto no original, que nos dizem estão contados com muita graça gelada á russiana.

O almirante amplia mais ou menos o que outros viajantes do oceano Polar tem referido, desde que se repetem as tentativas para rectificar as noções, ainda incompletas, d'aquella parte do mundo.

O que porém elle affirma com segurança, é que se póde viajar agradavelmente sobre o mar Glacial por 35 a 40 graus centigrados abaixo de zero! O rigor de similhante frio supporta-se muito bem, trazendo tres vestuarios de pelles. Isto tem, comtudo, o inconveniente de obrigar os indigenas a andar constantemente com os braços estendidos, impossibilitando-lhes a posição natural. O almirante Wrangel ao principio não percebia porque os ostiaks, mesmo quando andavam com os fatos de verão, traziam os braços estendidos; só depois é que lhe disseram ser habito contrahido durante o inverno, que alli é quasi todo o anno.

Nota com encarecimento, este viajante, o silencio que reina em todas as regiões polares, o que não deixa de inspirar um certo encanto melancolico. Porém, este socego nem sempre se desfructa, porque quando o vento se levanta, tolda-se o ar com turbilhões de neve reduzida a pó impalpavel, phenomeno que a lingua siberica exprime por uma onomatopéa. Chamam a estes turbilhões, formados pelo vento, «tchoundras». Muitas vezes o viageiro se transvia cégo pela poeira gelada dos «tchoundras», e succumbiria se não fôra o admiravel instincto dos cães da Siberia, sobre os quaes falla o almirante com muito louvor. Posto que os rangiferos, ou veados, habitem em numerosos rebanhos as regiões polares, os naturaes do paiz não tem sabido domestical-os, para os jungirem aos trenós, como fazem os lapões. O unico animal domestico dos ostiaks é o cão; d'elles formam cinco a seis parelhas para puxarem as «nartas», nome dos trenós sibericos. Durante os maiores frios do inverno, é necessario trazer os cães muito bem calçados com botas de pelle, sem o que os pés d'aquelles animaes regelam a ponto de não poderem dar passo. Todavia, este calçado não os impede de caminharem 18 a 20 kilometros por hora.

[1] Especie de veado do norte.

O mais notavel predicado do cão da Siberia é a sua obediencia, não já aos donos, mas a um dos seus companheiros, que não váe jungido, mas caminhando sôlto adiante do ternó para o guiar.

O almirante Wrangel refere na sua viagem um caso que merece ser commemorado.

Caminhava elle na sua narta pelo mar Glacial, quando os cães deram na pista de um lobo, e deitaram a correr com tal velocidade, que tombando o trenó, e rebentando os tirantes, em poucos minutos os cães desappareceram no horisonte.

Wrangel confessa, que n'aquelle momento suppoz não voltaria mais para bordo da sua nau almirante, fundeada na bahia de Cronstadt. Perdido no meio dos turbilhões de neve, longe da sua comitiva, via pouca probabilidade de salvação, quando passado quasi uma hora, voltou o cão-mór, ou guia, com as parelhas. As fauces ensanguentadas dos cães provavam que tinham alcançado e devorado o lobo, causa da sua fuga. O guia d'estes obedientes animaes, acabado que foi o banquete que lhes deparou o lobo, teve o instinctivo de os trazer, não para a comitiva de ostiacks que acompanhavam o almirante, mas directamente a elle, pára retomarem o trenó a que iam atrelados. Foi este mesmo fiel animal que depois de recomposto o trenó o dirigiu para a comitiva, cuja paragem ignorava o almirante.

Durante esta viagem sobre as ondas solidificadas do oceano Polar, foi que o almirante fez alto no dia de Natal para celebrar a festa do nascimento de Christo, conforme o rito grego. Este acto religioso é o que a nossa estampa representa.

É edificante vêr o fervor religioso d'estes intrepidos navegantes; prostrados de joelhos, forrados de pelles até aos olhos, com as mãos erguidas, entoando canticos de alegria pela natividade do Salvador da humanidade, longe da patria e da familia, sobre as aguas do mar geladas, supportando um frio cuja intensidade se não podia medir, porque o mercurio de todos os thermometros se havia congelado!

O almirante Wrangel durante os tres annos da sua viagem pelas costas do mar Glacial perdeu poucos homens da tripulação; apenas uma vez esteve elle com toda a sua comitiva a ponto de morrer á fome, victima da sua commiseração para com uma pobre tribu de ostiacks. Tendo repartido os seus viveres com estes infelizes, que acaso encontrou a expirarem por falta de alimento, chegou ao extremo de tambem lhe faltarem os mantimentos; e se felizmente não chegasse a um ostrog, aonde achou alguns comestiveis, teriam todos perecido á fome.

Acontece todos os annos morrerem muitas familias ostiacks, cujo sustento depende exclusivamente das eventualidades da caça e da pesca, que muitas vezes lhe falham. A pesca não tanto, porque o peixe sêcco dura de um anno para o outro, e é esta a principal alimentação dos sibericos do norte, e dos seus cães. Mas a caça muitas vezes não lhes apparece. O rangifero, na Siberia, viaja continuamente, mas não tem itinerario certo. Os ostiacks embuscam-se durante o estio á espera da passsagem dos bandos d'estes veados pelos rios. Dentro de canoas os esperam, e se conseguem caçal-os tem provimento para todo o anno; mas se, pelo contrario, os rangiferos atravessam os rios da Siberia em pontos que os caçadores não tem previsto, ficam sem carne para todo o anno.

Com quanto o almirante Wrangel não seja naturalista, e a exploração da historia natural da Sibebia não fosse comprehendida na sua commissão, contém a sua viagem excellentes estudos sobre as florestas de arvores resinosas, cuja altura decresce á medida que se aproxima do polo, e ao norte do circo polar se reduzem a moitas de laricios, até que de todo desapparece a vegetação.

O pinheiro laricio, n'estas latitudes, não é a elegante arvore pyramidal que povoa as abas das montanhas nos paizes temperados, é uma arvoreta de tronco torcido, que poucas vezes excede a altura de um metro, e que, sem estes caracteres botanicos, não sería reconhecida. Dos vegetaes uteis ao homem, só se encontra na Siberia, para o lado do norte, o morangueiro. O almirante e a sua gente saltaram de alegria, quando n'um dia encontraram de improviso, n'uma encosta voltada ao meio-dia, uma virente alfombra de morangueiros, cujos fructos estavam perfeitamente maduros. Era no estio, cuja duração na Siberia não chega a dois mezes.

Em todo o curso da sua narrativa, o almirante russo communica ao leitor as suas mais intimas impressões, sem occultar a desanimação que por tantas vezes o accommetteu, mas de que elle triumphou heroicamente.

Poz Deus no paraiso a Adão, e deu-lhe para seu regalo o fruto de quantas arvores tinha aquelle mar de plantas, aquelle ceo de flores, bosque de suavidades e corte das frescuras. Vedou-lhe, porém, com pena de morte o fruto da arvore da sciencia do bem e do mal.

Sem embargo d'isto, em Deus virando as costas, como cá dizemos, foi Eva conversar com o demonio; e como de tal conversação se não tira outro fruto, lançou Eva mão ao pomo vedado, provou com Adão, e peccaram ambos. FR. ANTONIO DAS CHAGAS

SUPERSTIÇÕES E ABUSÕES POPULARES

(Vid. pag. 212)

«Entre em primeiro logar um caso succedido em uma aldeia nossa, por nome Maruiri, em S. Paulo, no anno de 1624, em presença de muitos religiosos nossos, do capitão da dita aldeia, que era portuguez, e de muitos indios que intervieram, e foi assim. Teve noticias o dito capitão, por via de um feiticeiro maior que sabia os feitiços dos outros, que toda a aldeia estava minada d'elles; descobrindo-lhe os malfeitores e os logares ou as casas dos indios, e tambem as casas dos padres, até do proprio superior. Deu conta do negocio o capitão ao padre superior, e chamado o feiticeiro-mór, ratificou tudo o que dissera, e declarou todos os feitiços e circunstancias d'elles, distinctamente, como se elle mesmo os fizera. Vieram logo a juizo os malfeitores accusados, que eram tres, complices das maldades, e todos elles carijós, trazidos pelo padre João de Almeida na missão em que andava. E postos a perguntas, não poderam negar a verdade; antes reconhecendo a superior sciencia do feiticeiro-mór, que os descobríra, pediram perdão, e prometteram desfazer os feitiços. Assim o fizeram, porque logo em presença de todos foram mostrar e abrir as covas que tinham feito na sala, sacristia e cozinha dos padres; e particularmente em certo logar onde o superior costumava passear, que todas estavam cheias, umas de cascas de aipim, e outras raizes que costumam comer os padres; outras de certas conchinhas similhantes a olhos, que chamam *etans;* outras de ossos de aves, e outras de coisas similhantes. As conchinhas, configurando capellas d'olhos, confessaram os ditos feiticeiros haverem mettido alli para fazerem cegar o padre Sebastião Gomes, como com effeito cegára, e cego estava havia quatro ou cinco annos. Perguntados a que fim cegaram o padre, responderam, que para que nun-

ca dissesse missa, porque assim o queria o diabo. E perguntados se tinha remedio, responderam que não, porque estavam já gastas as conchinhas, por haver tempo que estavam na terra. A graça foi, que descobrindo-se outra cova, eis que vê o padre superior, que estava presente, que tiravam de dentro uma orelha da mascara que elle tinha feito em certa festa, e os aparos de uma taboinha que tinha cepilhado havia um mez! Aqui se lhes mudou o rosto de côres, signal, entre elles, que eram feitiços para lhe fazer mal; mas como estavam frescos, ainda tiveram remedio estes e os demais, lançados todos na corrente da agua de um rio, que é o meio com que ficam frustrados.

Não se aquietou com isto o prudente superior, e como sabía mui bem ser costume dos ditos feiticeiros, fazerem similhantes feitiços debaixo das camas dos que querem enfeitiçar, esconjurou-os, se tinham feito no seu cubiculo feitiços ou não? Ao que elles contestemente responderam que não; porque, querendo entrar pela janella para o dito fim, o seu negrinho lhes dissera que não podia entrar dentro com elles, porque era logar onde os padres faziam oração; e como sem ajuda do dito negrinho nada obravam, foram fazer os ditos feitiços no logar onde achára a sua orelha. E fallaram verdade; porque, cavando-se no cubiculo altura dobrada da dos outros feitiços, nada se achou. Parece que ficou a prohibição a este diabo negrinho d'outro caso similhante mais antigo, que aconteceu no reino da Sicilia, na cidade de Palermo, aonde certa feiticeira afamada n'aquella terra, tentou entrar pelas janellas dos cubiculos da casa professa, que alli tem os padres da companhia, acompanhada do demonio, que em figura de um carneiro a levava ás costas; porém, ao entrar da dita janella, ficou parado o carneiro diabolico; e perguntado da feiticeira pela causa, respondeu que aquelle coxo (que assim chamava a Santo Ignacio) lhe prohibia a entrada; e foi causa esta da conversão da dita feiticeira, que de tão grande peccadora se fez publica prégadora, n'aquella cidade, das virtudes do patriarcha Santo Ignacio.

Outros casos vi com meus olhos, e experimentei com minha presença. Na cidade do Rio de Janeiro fui confessar por diversas vezes a uma mulher nobre, a quem uma india sua, carijó de nação, tinha enfeitiçado na fórma sobredita, e os effeitos eram estes: Que sentia dentro do estomago abrazar-se em fogo, e atravessarem-lhe as entranhas como com espinhas; e tudo isto affirmava que tinha em si, e como tal não podia comer, nem dormir, nem socegar. Ia por horas definhando e acabando a vida. Prendeu-se a carijó, e depois de algum tempo confessou o delicto, e pretendeu dar o costumado remedio, de mostrar e desfazer as coisas. Cavou-se a terra debaixo da cama da senhora, e todo o espaço da dita cama se achou minado das covas sobreditas. Abertas ellas, se acharam dentro repartidamente os ditos carvões, ossos, espinhas, assim e da maneira que a pobre senhora os padecia em suas entranhas. Tiradas estas sevandijas das covas, ficou alliviada, como se da mesma maneira lh'as tirassem então das entranhas, e sem dor nem inchação alguma. Mas como as obras do diabo não podem ser perfeitas, assim o não foi esta, por ser sua; porque, tornando eu a visitar a pobre doente no dia seguinte, achei que estava gritando com as mesmas dores, e com a mesma inchação como de principio. E a causa foi, porque tinha dito o diabo á feiticeira, que, desfeitas os covas em terra sôlta, esta se havia de lançar em agua que corresse; e como esta advertencia faltou, no mesmo dia á tarde, em que se abriram as covas, lançando a terra em certas tinas, para no dia seguinte se levarem em carros ao rio, de noite nas proprias tinas tornou o diabo a formar as covas com todos os petrechos sobreditos, e por conseguinte tornou a pobre mulher a luctar com as mesmas ancias da morte. Imputou a feiticeira o successo á negligencia dos que intervieram. Mas quando quiz dar novo remedio, acabou a senhora com a vida, e a feiticeira não viveu depois d'isto muitas horas; que este pago costuma dar o diabo a quem o serve.

Na mesma cidade corri com a confissão, em doença similhante, de um homem cidadão, a quem outra india carijó tinha na mesma fórma enfeitiçado e consumido com seccuras, fogos e pontadas de todo o corpo sem socegar. Presa a carijó, confessou o delicto, mostrou os feitiços na mesma fórma sobredita, declarando os effeitos de cada um d'elles; os carvões para fazerem fogos e seccuras; certas pontas de frecha para fazerem pontadas; certos pedaços de cortiça para fazerem seccuras, etc. E tudo isto eram coisas que o pobre do enfermo tinha manuseado. Porém foi tarde a applicação do remedio, e acabou a vida. Além d'este modo, que é o mais ordinario, lhes ensina outro o diabo a estes seus amigos. Mette-lhes muitas vezes na mão um sapo ou cobra, ou outro bicho similhante e asqueroso. Este toma o feiticeiro, e ata-o ao pé de qualquer arvore; e assim como o bicho, por falta de mantimento necessario, váe desfallecendo, perdendo as forças e morrendo, assim tambem aquella pessoa, por quem se applica o feitiço, se váe seccando e consumindo com excessivas dores até acabar a vida.

UM BANQUETE NO IMPERIO DO PRESTE JOÃO

É honrada e patriotica a ufania que temos, de vêr confirmadas pelos navegadores e missionarios estrangeiros do presente seculo, as chronicas dos nossos descobridores e frades do seculo XVI.

Embora os não citem, vê-se que até os copiam, alguns.

Lendo ha pouco as viagens do inglez Mansfield Parkyns ao interior da Abyssinia ou Ethiopia alta, verificámos quão exactos e minuciosos foram os auctores portuguezes que escreveram, primeiro que ninguem, d'aquelle imperio do tão celebrado Preste João.

Tres obras, e todas classicas, temos nós a respeito da Abyssinia especialmente.

A primeira do Padre Francisco Alvares: *Verdadeira informação das terras do Preste João*, folio gothico, publicado em 1540, e que mereceu ser traduzida em allemão, francez, italiano e hespanhol, com repetidas impressões, que todas metteu já no thesouro que nos está cumulando no seu *Diccionario Bibliographico*, Innocencio Francisco da Silva. E livro rarissimo, e que já vale 5 libras.

A segunda é de D. João Bermudes, patriarcha da Ethiopia: *Relação da embaixada... do imperador da Ethiopia, chamado vulgarmente Preste João, ao christianissimo rei de Portugal D. João* III *etc.* 1552. É das obras mais raras e menos conhecidas que temos em portuguez.

A ultima é do chronista da companhia de Jesus, Balthasar Telles: *Historia geral da Ethiopia a Alta, ou Preste João.* 1660. É tambem livro raro, e custa já 3 libras.

De todas estas obras havemos dar alguns extractos para se confrontarem com o que diz o moderno viajante Mansfield Parkyns, que viveu tres annos entre os abexins.

Ouçamos primeiro como elle descreve o banquete a que assistiu, e representa a nossa estampa.

As mesas em que os abyssinios comem são de madei-

ra, mui toscas. Quando ha banquete, juncam o chão de hervas, e sobre ellas põem mesas de varias classes e tamanhos, tendo cuidado de pôr sempre a mais alta perto d'onde costuma sentar-se o dono da casa. Estas mesas, porém, são mui baixas, isto é, d'altura conveniente para uma pessoa sentada no chão chegar a ellas, visto que no paiz não se conhecem cadeiras nem bancos.

Posta a mesa, servem os criados o pão, em grandes cestas que trazem á cabeça; e se o pão é cosido em casa, põem o de inferior qualidade por cima, e o melhor por baixo, ou então cada qualidade em sua cesta. Em todo o caso, o melhor pão se põe na mesa de sorte que fique mais á vista. Succede muitas vezes, por haver muita concurrencia, ser necessario ir-se pedir pão emprestado aos visinhos; n'este caso, antes de ir por elle, o comprador examina cuidadosamente as cestas em que o trazem. Em regra, serve-se primeiro o pão branco, depois o de cevada, e por ultimo o de mistura *(tef)*.

Á esquerda de cada pessoa se põe uma pilha de oito ou dez dos taes pães, quando a reunião é numerosa; porém, em casa do rei tem cada pessoa vinte ou trinta. Esta disposição é porque as pessoas mais nobres são as que se sentam primeiro, e comem do melhor pão, as que se lhe seguem em categoria servem-se depois, e comem do pão de segunda qualidade; e assim successivamente, até deixarem o peor para os criados e amigos pobres. Estes pães é que servem de guardanapos, pois a elles



Um banquete no imperio do Preste João

limpam os convivas os dedos e os beiços, quando os mancham com o molho ou o sangue da carne crua. Comtudo, isto não enoja nem tira o appetite aos que tem de o comer depois.

Estando presentes todos os convidados, se começa a dar assento ás pessoas mais auctorisadas, collocando-as segundo a sua classe. Quasi sempre ha muitos comprimentos e recusas de parte a parte; mas acabadas estas ceremonias, sentam-se todos muito calados. Logo depois entram as cozinheiras com os guisados, recebendo cada uma seu pedaço de pão ensopado no molho do prato que se tem servido. As iguarias põem-se na mesa, segundo a sua qualidade; e logo o trinchante *(assalafy)* toma um pedaço de pão de cada conviva, ensopa-o no môlho e offerece-lh'o. Tambem se dá aos convidados a carne partida com a mão em bocados regulares; e n'isto tambem ha grandes attenções, dando-se a fevera a uns, e a pelle e os ossos a outros.

Uma das singulares maneiras dos abexins obsequiarem os convidados, é fazerem do pão, ensopado no môlho, umas bolas que mettem na boca do que lhe fica ao lado. De sorte que se qualquer estrangeiro, ou pessoa de distincção, tem a desgraça de ser convidado para algum banquete de ceremonia, estão-lhe sempre a metter na bocca aquellas provas de estima, ou mordaças nojentissimas, e tanto a fio, que mal tem engulido uma d'aquellas bolas, e já outra lhe está a entrar pela bocca dentro!

É de notar que taes bolas custam muito a supportar na bocca a quem não está costumado, porque vão cheias de pimenta; e se o padecente sentir empollarem-se-lhe os beiços ou o ceo da bocca, não póde pedir agua, por ser entre os abexins grande incivilidade beberem agua antes de acabar de comer.

A nossa estampa mostra um dos convidados a metterem-lhe uma das taes bolas na bocca, e o seu visinho já com outra feita, á espera de vez para lh'a embutir.

Em quanto se come o primeiro prato, ordinariamente de carneiro, é que se mata a vacca, e cada criado vem servil-a assim quasi palpitante, trazendo nas mãos os pedaços já divididos. Os melhores levam-se ás mesas de mais categoria, onde se acha sentado o dono da casa e os convidados de maior consideração.

Em geral, cada posta de carne crua é para cinco ou seis pessoas, entre as quaes ha sempre muitos

comprimentos sobre quem ha de ser o primeiro a servir-se, até que, findas as ceremonias, o que foi preferido péga na posta, segurá-a por uma parte, e seu visinho pela outra, tira do alfange e corta com a mão esquerda um pedaço mais tenro, servindo-se os mais do mesmo modo. Depois deitam sobre o pão um môlho de pimentões a que chamam *dilik*, e n'elle vão temperando a carne, cortando-a com os dentes aos bocados, até a devorarem de todo.

Acabada a comida, entram os criados com um jarro de cerveja, ás vezes tamanho que um homem não póde com elle. A bocca d'este jarro vem tapada com um panno muito bem atado, para não lhe cair dentro algum corpo estranho. Um dos criados serve de escanção [1], e dando um golpe no panno, váe deitando a cerveja nos chavelhos que servem de copos aos convidados. O jarro tem uma cavidade para aparar as gotas que vão caindo quando se enchem os copos, e estes escorralhos pertencem ao criado que anda dando aviamento aos convidados. Para isto entende-se com o escanção, a fim de lhe ficar um copo de cinco ou seis que enche.

O primeiro chavelho é tambem para o criado que os traz e distribue, e só depois d'este beber é que se enche para o dono da casa, e para todos os que estão á mesa. Mas ainda assim o criado, antes de servir esta bebida, deita uma gotta na palma da mão, e bebe, saboreando-a, para mostrar que não está envenenada. Apesar d'estas precauções, o rei actual, Dejatch Oubi, nunca bebe sem deitar um pouco de cerveja no chão, revolvendo o copo para deitar fóra o veneno que houvesse nas bordas. Alguns mais medrosos bebem só dois terços, e dão o resto ao criado, que o deita abaixo de um sorvo. Mas não põe o copo á bocca, lavanta-o sobre a cabeça e entorna-o lá de cima, com toda a limpeza.

Esta operação tem seu risco, porque se o criado não é destro n'este modo de escorropichar, póde engasgar-se e até afogar-se, ou pelo menos ennodoar o fato. Os que querem manifestar preferencia a algum criado, deitam-lhe um pouco de cerveja na mão, que elle leva logo á bocca por vaidade; porém se o rei lh'a deitar, o criado ou qualquer outra pessoa não se atreverá a beber, sem da mão a passar para o copo

O rei Oubi quasi nunca falla á mesa, e por acenos é que dá ordens aos criados. Os officiaes da sua casa, e até seus proprios filhos, estão em pé encostados á parede, em signal de temor e respeito a sua real magestade, que não permitte se sentem na sua presença. Quando tem convidados, Oubi é que faz signal com o dedo aos criados, para lhes indicar as pessoas a quem hão de servir pão, carne, vinho, etc.

EXTRACTOS DE UM LIVRO INÉDITO

(Vid. pag. 151)

CASA ONDE FALLECEU O GRANDE POETA PORTUGUEZ ALMEIDA GARRETT

O quarto immediato á sala destinava-se para a ex.^{ma} filha do poeta; mas não se tinha mobilado ainda. Continha apenas um espelho de vestir e varias cadeiras. O chão estava nú, as paredes eram estucadas de branco, bem como o tecto. D'este quarto passava-se á casa de jantar.

Esta é quadrilonga; tem duas janellas que deitam para o jardim, duas portas, correspondendo ás janellas, uma das quaes diz para o quarto e a outra para o corredor principal. Além d'estas ha ainda outra porta que dá passagem para a copa.

O chão da casa de jantar, bem como o do corredor, era pintado em arabescos, fingindo oleado, e envernizado. As paredes estucadas, com fundo côr de ervilha, e listas de alto a baixo de uma côr mais aberta. O tecto de estuque branco, e um florão ao centro no meio de uma elegante cercadura de flores. As janellas estavam armadas, com muita simplicidade, de cortinas de caça branca, apanhadas aos lados com grossos cordões da mesma côr.

Ao meio da sala havia uma banca de jantar, elastica, feita de um pé só com quatro garras. Fechada, accommodava dez a doze pessoas, e aberta cincoenta.

Duas cantoneiras hamburguezas, com armarios em baixo e pedras de marmore por cima, serviam de aparadores. Uma duzia de cadeiras com assentos estofados, cobertos de marroquim encarnado, completavam a mobilia que era toda de mogno. Algumas pinturas a oleo ornavam as paredes, mas não estavam alli collocadas definitivamente, porque nem todas eram apropriadas para o logar. Esperava-se, quando para lá foram, que o doente melhorasse para dizer onde as queria.

A copa fica entre a casa de jantar e a cozinha. É uma casita insignificante com quatro portas, uma em cada parede; a que dá para a sala de jantar fica fronteira á da cozinha, e em frente da que váe do corredor está a que dá serventia a toda a casa para a banda do jardim.

Na copa estavam, provisoriamente, os seguintes objectos:

Uma banca ingleza, facil para se transportar de uns para outros quartos; quatro cadeiras, sendo duas de coiro de Moscovia, estampado em côres, e duas de mogno; uma talha feita de quatro pedaços de marmore de Italia, de côr cinzenta, com duas torneiras do metal a que se dá o nome de *cobre de Macau*. Na tampa, tambem de marmore, havia uma argola do mesmo metal. Dentro da talha havia uma excellente pedra de filtrar que tornava a agua deliciosa.

O derradeiro movel, digno de menção, que estava ainda na copa, era uma guarda-roupa de pau santo com embutidos. Durante a doença do poeta os seus criados roubaram-lhe d'alli todo o fato, menos um par de calças!

Nenhuma providencia se tomou para punir os culpados, apesar das minhas reclamações quando achei a guarda-roupa devastada. Eu não podia vigiar os criados, apesar de os suspeitar pouco fieis; o doente não me deixava afastar do seu lado quando estava acordado, e dormia raras vezes e poucos minutos. A responsabilidade d'este furto deveria recair sobre aquelles que, devendo e podendo tomar a iniciativa em casa do poeta moribundo, se escusavam obstinadamente a isso, por puro egoismo, e para não se incommodarem. Este roubo seria sem duvida de pouco valor; mas quem poderá affirmar que outros de maior importancia se não commetteram, ficando todavia ignorados? Quantas vezes o ruido da porta da rua (a que váe ter á rampa do jardim), que se abria cautelosamente alta noite, chamou a minha attenção e deu fundamento ás minhas desconfianças! Tanto se repetiu esse facto, que tomei a deliberação de visitar todas as noites aquella porta, pela volta das onze horas; e apesar das minhas mais severas ordens rara foi a vez que não achei o trinco em falso, para se poder entrar ou saír sem ser presentido! Os refinados velhacos que serviam a casa perceberam muito cedo que o dono d'ella estava condemnado, que a filha era ainda muito moça para tomar sobre si os encargos da familia, e que eu não era assaz competente para os punir dos abusos que praticassem. O mais que eu pude conseguir com a minha vigilancia e severidade, foi adquirir para mim o seu odio. Ninguem me agradeceu o zelo, ninguem o soube, talvez, e se ouso ago-

[1] O que deitava o vinho e a agua nas mesas antigas.

ra fallar n'elle não é para que m'o louvem; é para protestar, mais uma vez, contra a indifferença dos que deviam coadjuvar-me, e que o não fizeram, apesar das minhas instancias.

Quando eu disse nas *Notas* de um livro [1], que o visconde de Almeida Garrett se víra quasi abandonado em seus ultimos momentos, prometti, que em outro logar e occasião, daria mais ampla publicidade a esse facto, sem medo de ser desmentido. Faço-o agora, não para aggravar as circunstancias dos que em sua consciencia se julguem culpados de similhante falta, nem para tirar maior vangloria dos serviços que tive a ventura de prestar ao illustre poeta moribundo; ratifico a verdade da historia. Os que forem feridos por ella não accusem o historiador, que só mentindo poderia lisonjeal-os.

Quando affirmei que o doente não tinha quem lhe levasse uma chavana de caldo, não exaggerei nada. Já fica dito mais atrás o motivo porque me decidi a não desamparar a sua cabeceira, e acrescentarei aqui «que antes de eu ter pedido a assistencia das irmãs da caridade, me via obrigado a ir á cozinha muitas vezes ao dia, e nem assim se conseguia sempre ter a gallinha ao lume». Passavam-se ás vezes oito e dez horas sem que o misero enfermo tivesse o caldo que não cessava de pedir, mas em vão, á desalmada criada que o servia! Era necessaria a minha vinda para impedir que esta desaforadissima mulher saísse sem dar parte, ou tratasse das suas coisas, do seu jantar e do dos outros criados, em logar de tratar do amo, que se finava á mingoa!

Tem razão as pessoas a quem isto pareça incrivel. Eu tambem duvidaria se não fôra um dos personagens da historia que estou contando.

Custa a crer que o visconde de Almeida Garrett, par do Reino, ministro de estado honorario, carregado de gram-cruzes, e de titulos academicos, com uma reputação litteraria difficil de egualar e impossivel de exceder, produzindo livros cujas edições se esgotavam rapidamente, servindo empregos que lhe davam meios para uma abastada subsistencia, custa a crer, que este homem tão justamente celebre tivesse momentos de tamanho desamparo, que, não duvido affirmal-o, soffreria a fome com a doença, se não fosse o amigo obscuro que traça estas linhas!

É comtudo verdade.

Pela descripção que tenho feito da sua habitação, vê-se que lhe não faltava o luxo, o conforto, e até uma certa grandeza no seu modo de viver. Por occasião da sua morte encontraram-se-lhe trezentos ou quatrocentos mil réis em dinheiro. Creio que lhe não faltariam amigos capazes de velar ao seu lado; parentes extremosos, que além do natural affecto se honravam com a celebridade do seu nome; uma filha idolatrada, na idade de treze para quatorze annos, na edade em que o coração começa a abrir-se aos maiores e mais generosos sentimentos, em que se principia a saber amar e reconhecer os cuidados dos que primeiro nos amaram: com estes elementos, com outros ainda que podiam reunir-se-lhes e onde o amor e a vaidade teriam tambem o seu papel, como foi que o visconde de Almeida Garrett me expirou nos braços, depois de me ter tido, *quasi sempre só*, por companhia em seus ultimos dias?...

Foram diversas as circunstancias que contribuiram para similhante abandono. Vou tentar referil-as, todas, para justificação dos amigos ausentes, dos que eram capazes de prestar serviços por amizade, por humanidade, e por ostentação, visto que de todos havia entre as relações do poeta.

Garrett vivia só; a sua ex.ma filha havia entrado para o convento das Salesias, a fim de completar alli a sua educação. A familia do poeta, ou antes a familia que o acompanhava, compunha-se pois unicamente dos seus criados e de uma criada. Entre estes, infelizmente não havia nenhum dos zelosos e hoje raros servidores que envelhecem no meio das familias, e adquirem pelo tempo, pela fidelidade provada, pelo affecto e apêgo á casa onde vivem, o direito de ser tratados como parentes, e que durante a sua longa carreira serviram de criados, de confidentes, de conselheiros, e ás vezes de censores, mas que são sempre amigos, e se julgam felizes com a felicidade dos amos. Faltava-lhe uma mulher ou um homem d'esta tempera, que lhe conhecesse os gostos, os habitos, as fraquezas, e lhe enchesse, de algum modo, o grande vazio que existe em torno do homem que sente profundamente, quando lhe falta o affecto de uma estremosa mãe, ou o amor da esposa.

Os seus criados, recrutados ao acaso, pouco tempo lhe duravam. O amo era meticuloso e impertinente com o serviço, e muitas vezes as fórmas elegantes e litterarias de que elle vestia a reprehensão não podiam modificar a violencia d'esta. O mais rude lapuz, no fim de oito dias de casa, era um inimigo. E não se julgue que isto fosse devido unicamente ao caracter de Garrett: era unicamente o acaso que o servia sempre mal.

Já se vê, pois, que elle nada tinha a esperar por este lado. Vejâmos pelos outros.

A familia Garrett é ainda numerosa, e foi sempre muito unida. Mas desgraçadamente só o poeta vivia em Lisboa. Os seus mais proximos parentes [1] residem no Porto, e não acreditavam que a doença fosse mortal. Eu preveni-os, comtudo, a tempo, auctorisando-me com as positivas declarações dos medicos; mas nem estes são infalliveis, nem sería talvez conveniente a vinda repentina, sem chamamento do moribundo, de qualquer pessoa da familia de seu ex.mo irmão. Se o doente conhecia bem o seu estado e não chamava ninguem, devia respeitar-se o motivo que para isso tinha; se julgava a morte ainda longe, poderia atemorisal-o qualquer apparição inesperada dos seus parentes.

A morte do poeta deixava uma menina orfã, herdeira do seu nome e dos seus escriptos. Se não por amor do pae, ao menos por zelo dos interesses da filha, deviam os parentes d'esta, que os tinha, e muito chegados, instalar-se em casa d'elle. Tinham para isso direitos incontestaveis, e os seus serviços seriam bem acceitos pelo doente, que os não pediu talvez pelo despeito de lh'os não terem offerecido... Recusaram-se, ainda mesmo instados por mim.

Resta-me fallar dos amigos. Creio que elles não faltavam a Garrett, e que alguns fariam quantos sacrificios se lhes exigissem para allivio do poeta; mas quasi nenhum d'elles podia suppôr que o immortal cantor de Camões expirava tão desacompanhado.

Os que o não ignoravam, offereceram-se, mas não foram acceitos. Ou por ceremonia, ou porque realmente o poeta entendesse que eu lhe bastava, tendo sempre a postos as irmãs da caridade, é certo que não queria mais ninguem ao pé de si. Gonçalves era uma excepção que eu tinha quasi imposto.

Das pessoas que iam pessoalmente informar-se do estado do doente, a maior parte não passava da porta da rua. As que entravam, raras vezes penetravam até ao quarto da cama, e nos ultimos dias pediu-me o poeta que não deixasse entrar ninguem. A presença até dos mais familiares parecia incommodal-o.

Por tudo isto se póde vêr que o facto de ser eu só que me achei constantemente á sua cabeceira, foi devido ao acaso que lá me levou, e depois á propria vontade do enfermo.

[1] *Cantos Matutinos*, pag. 347.

[1] O ex.mo sr. Alexandre José da Silva de Almeida Garrett e seus filhos, irmão e sobrinhos do visconde.

Porém a honra que elle me fez em escolher-me para o acompanhar, não proviria tambem da falta de se offerecerem antes de mim outros que tivessem maiores direitos? E seria rejeitada a companhia do parente ou parenta que apparecesse? Não seria a dor do esquecimento ingrato em que ao principio se viu, quem decidiria a sua escolha a meu favor?.........

....

....

....

A copa seguia-se a cozinha, onde se tinha aberto um alçapão, e posto uma escada para os quartos inferiores.

A cozinha é espaçosa; tem duas janellas para o pateo, uma porta para a copa, e outra para o corredor particular do quarto de cama. Em frente da porta principal, que é a da copa, fica a chaminé, que tem todas as proporções para se montar uma grande bateria, ou dois fogões de mediana grandeza. Os vãos da parede que havia na cozinha estavam tomados por guarda-loiças volantes.

O pavimento superior da casa tem varios quartos, onde habitava então a filha do poeta, e a criada; e onde estava ainda alguma mobilia, e muitos objectos que esperavam collocação. Quando Garrett vinha a Lisboa, antes de adoecer, costumava dormir em um dos quartos superiores, que são verdadeiros fornos no verão, com o pretexto de poupar o andar nobre que se estava preparando.

Um d'estes quartos destinava-se para mim, quando se désse começo aos trabalhos da *Historia Contemporanea de Portugal*, que principiava pela *Historia da Emigração*. Bello plano, principiado havia muitos annos, já com muitos capitulos que só careciam de coordenação e ultima revisão, e que desappareceram não sei como![1]

Debatemos muita vez o titulo que devia ter esta obra; e nos penultimos mezes da vida de Garrett, em Belem, o combinámos, e dispozémos toda a distribuição que devia haver no trabalho. O grande poeta associára-me ao seu pensamento e aos seus projectos; fez-me entrar no fundo da sua empreza com o modesto capital do meu auxilio. Eu devia fazer as buscas dos documentos, intercalar estes no texto, pôr por ordem as materias, seguindo o plano geral adoptado, escrever as notas que me foram indicadas, e receber um terço do producto. Garrett escrevia a *Historia*, reunindo-lhe a parte do meu trabalho, e egualaria o estilo. A fórma escolhida era a de um livro que lhe merecia a maior e mais sincera admiração que se póde prestar a uma obra humana: era a *Histoire de la Restauration*, de mr. de Lamartine. Digno modêlo e digno imitador, se chegasse a realisar-se o seu bello projecto!

Quatro dias de cada semana seriam de trabalho effectivo; o quinto destinava-se a pôr em ordem o que estivesse feito, rever e egualar o estilo; ao sabbado coordenar os materiaes para segunda-feira, discutir e assentar as divisões de cada periodo historico, e *cavaco* de descanço.

Dividia-se a obra em seis ou oito volumes. Quando se começasse a escrever o segundo, entraria o primeiro no prelo.

Eu teria um quarto em casa de Garrett, onde comeria e dormiria, se me conviesse; nenhum de nós teria a menor dependencia do outro, podendo cada um entrar ou saír ás horas que lhe parecesse. Trabalhariamos juntos ou separados, com tanto que na sexta-feira pela manhã nos reuniriamos infallivelmente até sabbado á noite.

Taes eram as bases sobre que assentava aquelle magnifico projecto, que tão gloriosos resultados devia produzir para as letras, e para a historia politica do paiz! Eu ensoberbecia-me de poder pôr a minha humilde pessoa ao serviço do homem illustre, que pretendia associar-me aos seus trabalhos. A honra de cooperar para tamanho monumento parece que me dava realmente mais valor, porque me não intimidavam as difficuldades. A perspectiva do trabalho fazia-me pular de alegria. Eu tinha vinte e sete annos, saúde, horror ao ocio, fé, esperança no futuro, confiança no mestre que me guiava; sentia-me com audacia de collaborar na sua obra: eu seria a força, e elle a intelligencia: eu acarretaria os materiaes para para cima dos andaimes, e elle levantaria o edificio.

No meio d'estes sonhos magnificos, quando eu andava mais enthusiasmado á procura de documentos e livros que nos podessem servir de auxilio, recebo a noticia da doença. Corro a sua casa, acompanhado de um medico, e este prophetisea-me que a carreira gloriosa do immortal poeta ia concluir-se em breve! ....

(Continúa) F. G. DE AMORIM

[1] Em outra parte d'este livro se diz mais alguma coisa a este respeito.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

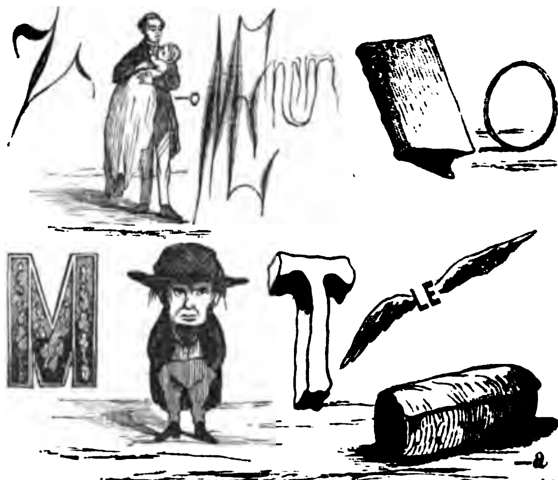
Ao nosso assignante que nos pergunta — se é correcto o uso de alguns escriptores contemporaneos supprimirem a preposição *por* antes do relativo *que*, respondemos:

Que embora a grammatica geral não auctorise tal suppressão, está auctorisada pelos nossos melhores classicos, e faz parte dos lusitanismos que dão energica brevidade á nossa lingua, desatravancando-a de certas particulas que outros idiomas não podem omittir sem obscuridade. Podemol-o nós fazer sem faltar á clareza, como por exemplo, no caso da duvida que propõe o nosso assignante, dizer Fernão Mendes Pinto; c. 62: «Tambem contaram a maneira *que* se perdêra o junco.» Se dissesse *por que*, ou *pela qual*, conforme as regras da grammatica, não ficava por isso a oração mais clara, ficava pelo contrario mais longa e menos energica.

D'estas e muitas outras peculiaridades tem a nossa lingua, cuja indole se não póde conhecer pelas grammaticas, mas unicamente pela attenta leitura dos nossos classicos.

Por esta occasião declarâmos aos nossos assignantes, que de boamente resolveremos qualquer duvida de similhante especie que nos propozerem, e nós soubermos desatar.

ENIGMA



Explicação da charada do n. 26 — Varatojo

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Vista das caldeiras do Valle das Furnas na ilha de S. Miguel — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

É séstro nosso conhecermos mais coisas peregrinas que domesticas. Vencemos com menos repugnancia o dispendio e incommodos de grandes jornadas em territorio estrangeiro, do que penas menores de mais breves excursões a que nos convidam monumentos da natureza ou da arte na terra patria. São mais os nossos *turistas*, que se aventuram a sulcar o Oceano para ver a cathedral de S. Paulo, ou a Torre de Londres, que os que se mettem na estrada Coimbrã e passam duas horas no mosteiro da Batalha: são mais os que viram e exaltaram as thermas de Spá, de Bade, e de Wisbade, que os que se demoraram nas Caldas da Rainha, ou gozaram do espectaculo verdadeiramente maravilhoso das caldeiras do pittoresco e amenissimo valle das Furnas, na florescente ilha de S. Miguel, a quatro dias de viagem do continente n'uma carreira regular de bons vapores!

É para ver se despertámos a curiosidade dos amadores das grandes scenas da natureza, que reproduzimos hoje em gravura, a vista da parte do valle açoriano que encerra as afamadas aguas mineraes.

Agora algumas palavras ácerca da sua historia, e justo fundamento de celebridade.

O valle das Furnas está situado na parte oriental e interior da ilha de S. Miguel, coisa de uma legoa distante da povoação e porto da Ribeira-quente na costa do sul, e nove legoas ao nordeste da cidade de Ponta-delgada, capital da ilha. Cerca-o uma cadêa de montanhas n'um circuito de tres legoas, só cortada por uma estreita garganta, que dá escoante ás aguas que, abundantemente, nascem no valle e vão perder-se no mar da costa do sul.

Até principios do seculo XVI não havia no valle mais que bosques de basto arvoredo, e boas madeiras que se extinguiram, cortadas sem discrição, e consumidas na reedificação de villa Franca do Campo, destruida pela subversão de 1522. Só muitos annos depois é que acudiram áquella destruição, com sementeiras e replantações, que tem concorrido a embellezar muitos dos pontos do valle, mas que ainda assim estão longe de attingir o que fôra para desejar no interesse artistico da paizagem, e no economico dos proprios habitantes.

Em 1577 é que se abriram communicações ordinarias das povoações exteriores para o interior das Furnas. As tres veredas que desde então facilitaram essa communicação, chamaram gado áquellas pastagens. As primeiras choças que alli houve foram as que, para seu abrigo, levantaram os pastores. Foi por estes tempos que João de Torres fundou ao pé das caldeiras uma pequena fabrica de pedra-hume. Chegou a fabricar uns 580 quintaes; mas abandonou a empreza por lhe não dar lucro.

Só em 1613 é que o donatario da ilha, conde da Ribeira-grande, D. Manuel da Camara, segundo do nome, mandou construir alli uma pequena casa, onde, nos mezes de verão, ia desenfadar-se. Cêrca d'ella levantou uma ermidinha dedicada a Nossa Senhora da Consolação, e contigua outra casinha, para onde foi morar um devoto seu domestico, que servia de sacristão, e accendia diariamente a lampada da ermida. A uns eremitas, que de Lisboa para alli foram em 1614, deu o conde um quarto da sua casa, e no anno seguinte lhes permittiu construirem umas casas de taipa e grutas contiguas á ermida. Isto, e um conventinho, que depois chegaram a fundar, foi destruido pela espantosa erupção que no mesmo valle occorreu em 1630, e que o deixou por muito tempo deserto.

Os jesuitas que alli possuiam terrenos foram os primeiros que depois tomaram a iniciativa no seu arroteamento e plantação. Estabeleceram lá residencia e uma ermidinha ou oratorio de Nossa Senhora da Alegria. Pessoas abastadas seguiram o exemplo dos padres, e das povoações circunvisinhas attrahiram para o sitio moradores.

A população do valle cresceu no começo vagarosamente: em 1706 apenas constava de 74 habitantes: hoje tem cêrca de 1500 almas. A sua primeira producção agricola foi mel e cera: agora dá cereaes, legumes, etc. As orlas dos terrenos alagadiços abundam em inhames, que constituem parte importante do alimento da povoação, e são de excellente qualidade, sobretudo os regados pelas aguas thermaes.

Até 1630, pertenceram os habitantes das Furnas á freguezia da Ponta-garça: d'ahi, até 1706, á da Maia: de 1707 a 1760, á Lomba da Maia: depois d'esta epocha, que foi a da expulsão dos jesuitas, se instituiu curato na ermida da Alegria, que fôra d'elles.

Pelos annos de 1745 tinha o padre Cosme de Pimentel levantado em logar mais central do mesmo valle outra ermida, da invocação de Santa Anna. Pelas damnificações que o tempo fizera na ermida da Alegria, passaram o curato para a de Santa Anna, que em 1792, á custa de esmolas e donativos, converteram em mais espaçosa egreja, que é a actual, e assenta no mesmo logar em que estivera o conventinho dos eremitas. Ainda na rocha por detraz d'ella se vêem algumas das grutas a que elles se recolhiam. A ermida da Alegria inda existia em ruinas em 1811, anno em que foi interdicta pelo bispo de Angra, D. José Pegado. Agora não ha d'ella nem vestigios.

O valle das Furnas tem n'este seculo progredido consideravelmente. A affluencia de nacionaes e estrangeiros que alli vão na estação calmosa, a seducção de tantas sombras amenas, o doce murmurio de tantas fontes e ribeiras, a suave temperatura e efficacia de tantos banhos, a variedade de tantos passeios, o encanto de tantas vistas que se descobrem das suas eminencias, tem sido parte para alguns dos melhoramentos materiaes, que o logar accusa. As estradas no interior do valle, e as que a elle conduzem tem-se melhorado: já este anno se póde ir em carruagem por uma estrada ordinaria de Ponta-Delgada ao cimo do valle.

É digna de ser lida a descripção que d'este logar fez o bem conhecido poeta açoriano José Augusto Cabral de Mello, no seguinte soneto.

«Entre elevados, mas formosos montes,
Que a natureza com primor formára,
Jubiloso o mortal um plano encara,
D'arvores fertil, com perennes fontes.

«Além, onde recusam os Ethontes
Levar o numen, que o universo aclara,
Entre fumo e fragor recua e pára,
Cuidando a estancia ser dos negros Brontes.

«Oh! da immensa Vontade, immenso arcano!
D'estes horrores, fausta lympha corre,
Que frustra á Parca dira o ferreo damno.

«Mas oh! se a vida a lympha lhe soccorre,
N'um verde, ameno bosque, o triste humano,
A par das Graças, de desejos morre!»

O assento principal da povoação das Furnas é, proximamente, no meio do valle: n'uma das extremidades ficam as caldeiras, admiraveis respiradouros volcanicos, que a nossa gravura representa; e na outra uma grande lagoa, cujas regatas são tambem um recreio para os visitantes.

Nas caldeiras, as fontes surgem por todos os lados. Aqui saltam limpidas; acolá lodosas; estas correm frias e mansamente, deixando na sua passagem sedimento, que denuncia os sáes e gazes de que estão impregnadas; aquellas transformam-se em vapor e em nuvens de fumo que cobrem a atmosphera. Além das nascentes mais consideraveis de aguas quentes, por quasi toda a parte, e mesmo pelas margens da ribeira, borbulham pequenos olhos das mesmas aguas. Ha orificios em que a agua não chega liquida á superficie do terreno, mas sim em vapores aquosos, e de enxofre sublimado que cristallisa pelas bordas. N'um d'elles ouve-se o som das aguas que se debatem violentamente nas cavidades subterraneas; n'outros os vapores surgem sibilantes, e repuxam com força para a atmosphera. As maiores emissões de vapores são acompanhadas de som rouco e magestoso, que parte de grande profundidade no interior da terra. É impraticavel inclinar a cabeça sobre taes aberturas, porque a columna de vapor quentissimo que exhalam escalda cruelmente. A temperatura das aguas quentes e do terreno adjacente, a pequena profundidade, é sensivelmente de 91° centigr. Ao lado d'ellas apparecem nascentes d'aguas gazosas, na temperatura constante de 17°. N'uma d'esta classe, chamada *azeda*, predominam o carbonato e o hydro-chlorato de soda. Nas da primeira, de elevada temperatura, ora predominam o sub-carbonato e o hydro-chlorato de soda, ora o acido carbonico livre e o carbonato de soda.

As virtudes medicinaes das aguas mineraes do valle das Furnas foram, desde o principio d'aquella povoação, conhecidas e apregoadas; mas até 1792 não havia casas de banhos, e as pessoas que iam usar d'elles construiam, proximas das nascentes, choças de ramos, e enterravam no solo grandes caixas de madeira, á guisa de banheiras. D'aquelle anno datam as casas de banhos, propriamente ditas, que se tem edificado, algumas das quaes apparecem no quadro que a nossa gravura representa.

As aguas das Furnas foram analysadas chimicamente em 1785, por Ignacio Tamagnini; e em 1791, por Gurlay. Os professores Graham, Dunn e Turner, tambem as estudaram. Em 1825 examinou-as Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, e depois o dr. Bullar, etc.

Nas Furnas ha já bellas habitações dos mais abastados proprietarios da ilha; e, ha alguns annos, um hospital para os doentes pobres que lá vão a uso de banhos.

JOSÉ DE TORRES

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher)

(Vid. pag. 214)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

VII

Ao alvorecer do dia seguinte, uma nevoa mui espessa toldava as cumiadas do occidente; porém do oriente appareceu o sol, e torrentes de luz se derramaram pelos montes e desfizeram a nevoa. Dia mais formoso nunca brilhára nas Encartações; só podia egualar-se ao em que seus valentes filhos anniquilaram as legiões romanas, cuja perda havia de chorar Augusto «solta a barba e o cabello, dando cabeçadas contra as portas», como diz o bom do Suetonio.

Comtudo, Santiago nem sequer chegára á janella, para ver um diamante em cada folha ou flor, onde a aurora tivesse depositado uma lagrima.

Foram correndo todos os dias da semana, formosos todos elles, menos para Catalina, até que chegou o domingo.

Os sinos da egreja parochial do valle tocavam á missa das almas.

— Santiago! — disse affectuosamente Catalina ao indiatico; se a minha voz não conseguiu arrancar-te d'esta clausura onde te finas, que o consiga a voz de Deus. Ouves os sinos, meu irmão? É a voz do Senhor que nos chama a orar e chorar sobre a sepultura de nossos paes.

Catalina, orações sem lagrimas não podem chegar a Deus, e dos meus olhos já não brotam lagrimas. Deixa que se extinga aqui o debil sôpro de vida que me resta!...

— Não, por Deus, meu irmão! Sabes quaes foram as ultimas palavras que pronunciou tua mãe, cuja amizade te era conhecida, tua mãe, que se finou quando n'ella morreu a esperança de tornar a verte? «Catalina, minha filha, se tornares a ver o filho das minhas entranhas, dize-lhe que o ultimo desejo de sua mãe é que viva e morra amando a Deus, como viveram e morreram seus paes!»

Ouvindo estas palavras, Santiago levantou-se da cadeira em que estava prostrado, e exclamou:

— Minha irmã! cumpra-se a vontade de minha mãe e a de Deus!

Catalina juntou as mãos, e ergueu ao ceo, em acção de graças, os seus purissimos olhos inundados de pranto.

Instantes depois, tomava Santiago a estrada que descia ao valle, e chegou ao campo da egreja quando soava o segundo toque da missa.

Grande numero de habitantes do concelho estavam reunidos no adro da egreja, e todos se aproximaram a saudar o indiatico, lamentando o triste estado em que tornavam a ver aquelle rapaz, ao qual tão vigoroso e feliz conheceram havia onze annos.

Nem a gratidão, nem a alegria, nem a curiosidade fez, n'aquelle instante, abandonar ao coração de Santiago a regelada indifferença, que chegára a ser n'elle o estado normal. Aquelles rostos que annunciavam almas sempre tranquillas e juvenis, nada diziam ao moço velho de Ipenza!

Santiago penetrou na egreja, no momento em que soava o terceiro toque, e o parocho, que derramára na sua fronte a agua santa do baptismo, vinha celebrar o santo sacrificio da missa.

Atravessando o sagrado cruzeiro, e dirigindo alternativamente a vista para o sacerdote e para a lousa que cobria o sepulchro de seus paes, os olhos de Santiago brilharam de alegria. Acabava de convencer-se de que seu coração não estava ainda completamente morto para o sentimento!

Dobrou o joelho sobre a sepultura de sua mãe, e principiou a orar sentindo um prazer inexplicavel.

— Minha mãe! — murmurou Santiago — tu que na terra foste para commigo benevola e carinhosa, olha do ceo a minha desventura, e pede ao Omnipotente que me cubra com o manto da sua misericordia, ainda que seja indigno d'isso. Pede-Lhe, minha abençoada mãe, que me dê olhos para chorar, e coração para sentir!...

Ao pronunciar estas palavras, Santiago não pôde conter um grito de alegria: batia-lhe o coração, e saltava-lhe dos olhos uma lagrima. A alma começava a resuscitar. Á voz do Senhor, o inerte coração de Lazaro começava a animar-se.

Santiago apoiou a fronte na lousa sepulchral, e grossas lagrimas lhe rebentavam dos olhos.

Terminada a missa, saiu do templo com o coração satisfeito; a gratidão e a curiosidade substituiram a indifferença, e demoraram-n'o para saudar as pessoas que encontrava na passagem, e observar as alterações que o correr do tempo operára n'aquelles homens, aos quaes, na occasião de expatriarse, deixára meninos; e n'aquelles anciãos que deixára moços.

Para voltar a Ipenza, tinha que subir comprida ladeira, que descêra com muito custo. Não se acovardou. «Sentar-me-hei, disse, quando me sinta cansado.» Com grande alvoroço, porém, encontrou-se em breve tempo no nogueiral de Ipenza, sem ter sentido fadiga, apesar da sua extrema debilidade. É porque as lagrimas de ternura dão o mesmo vigor á alma lacerada, que o orvalho ás plantas.

Catalina, que esperava a sua volta na janella, com o coração cheio de angustiosa incerteza, saiu-lhe ao encontro.

As faces de Santiago, d'antes pallidas como a cera, estavam então rosadas, como se o sangue affluisse de repente para lhes dar calor e vida.

— Catalina! — exclamou Santiago balbuciando de prazer — chorei e senti! Não está ainda morta a minha alma!...

Catalina soltou um grito de intima alegria, e precipitou-se nos braços que lhe abria seu irmão.

N'aquelle dia sentou-se o indiatico á mesa sem a invencivel repugnancia que sentíra havia muito, e achou não de todo desagradaveis as viandas, o vinho e as frutas do paiz, que até então Catalina não conseguíra fazer-lhe provar.

O dia seguinte amanheceu tambem formosissimo. Porém a tristeza e o silencio da noite pareciam ter de novo trazido a Santiago a indifferença e o abatimento que a ingenua Catalina esperava curar.

Debalde se esforçava a joven por fazel-o abandonar a habitação em que tornára a encerrar-se. Vendo que eram inuteis reflexões e supplicas, Catalina retirou-se chorando do quarto de Santiago; porém, este ao vêr aquellas lagrimas, sentiu-se dominado pela compaixão, e decidiu-se a enxugal-as, accedendo ao desejo da que tanto se interessava na sua felicidade.

— Catalina! — disse elle a sua irmã — não chores, que muito se tem chorado por mim n'este mundo. Que desejas, então?

— Que deixes o encerro em que vives e que te mata, que sáias a gozar o sol de Deus que te ha de dar animo e alento — respondeu Catalina chorando ainda, mas de alegria.

Santiago saiu, com effeito.

D'entre as cerejeiras e nogueiraes se exhalava um suavissimo perfume.

Santiago esteve largo espaço enlevado na contemplação d'aquellas arvores, retemperando a alma só

com a lembrança da ventura que á sombra d'ellas gozára n'outro tempo.

Passado o nogueiral, n'uma fresca planicie, sombreada por gigantes castanheiros, estava a fonte que abastecia de agua os moradores de Ipenza.

Santiago parou ao lado d'aquella fonte; engolfado em suas recordações, applicou os labios com deleite á telha que servia de conductor ao perenne manancial, colheu na mão uma gotta de agua, e com ella refrescou o rosto. Até esteve tentado a divertir-se, como n'outro tempo, com o arroio que serpenteava pelo vallesinho abaixo.

Seguiu, porém, o caminho, e parou n'uma clareira, da qual se divisava uma casa e as herdades que a cercavam.

Ouvindo nas immediações umas alegres vozes, parou e escutou attentamente. Quatro criancinhas divertiam-se alli ao pé, e altercavam sobre os seus brinquedos.

Santiago ouviu-os com gosto, porém não com o encanto com que os ouvirias tu, alma da minha alma, porque o teu coração juvenil, crente e puro, folga com as puerilidades.

Santiago deu um assobio, e os meninos, levados pela curiosidade, correram á clareira. Quando se viram em frente de um cavalheiro, pararam enleiados.

— Rapazes, — disse um d'elles em voz baixa a seus companheiros — é o indiatico de Ipenza que, segundo conta meu pae, não tem alma, porque lhe morreu.

— Ah!...

— Vinde para ao pé de mim, — interrompeu Santiago em tom benevolo aos meninos, que, com effeito, se aproximaram d'elle — Filhos de quem sois, e o que fazeis?

Os meninos responderam balbuciantes. Todos tinham gazeado. Allegando uns que os paes lhes não podiam comprar os livros necessarios; e outros lamentando a pobreza de seus vestidos, com os quaes não queriam mandal-os á aula por indecentes.

— Está bom, — acudiu Santiago — dizei a vossas mães que vão esta tarde á Ipenza.

Santiago, com o coração cada vez mais livre e a respiração mais facil, continuou o seu passeio em direitura á casa que se descobria da clareira, e saltando com trabalho um vallado metteu-se pelas herdades que a precediam.

Os da casa estavam preparando a boroa. Vendo o indiatico, os homens descobriram-se, e todos o comprimentaram affectuosamente.

Santiago notou que estavam tristes, e perguntou-lhes a razão.

— Penhoraram a nossa junta de bois, — respondeu Ignacio, o chefe da familia, que era ancião bom e honrado — e ficámos perdidos, porque com ella nos arranjavamos menos mal, e agora teremos que servir-nos dos braços, com o que não podemos.

— E não se reconciliarão com o senhorio?

— Não, sr. Santiago.

— Mas não ha nenhuma junta á venda?

— O sr. alcaide tem uma: o que falta é o dinheiro.

— Pois comprae-a ao sr. alcaide, que vol-a offereço. Ide compral-a.

E Santiago apertou a mão do velho, deixando n'ella oito peças de oiro como oito soes.

Contar as lagrimas de alegria que derramou aquella honrada familia, e as benções do ceo que ella liberalisou ao indiatico, é mais difficil que contar as estrellas do ceo.

Era já meio dia. Santiago regressou a Ipenza, porque... tinha vontade de comer! e, sobretudo, queria que alguem participasse da alegria que lhe trasbordava do coração.

Quando chegou ao nogueiral viu o cão Navarro, descançando á sombra; chamou-o e acariciou-o.

Santiago comeu e bebeu com grande appetite; porém Catalina não pôde comer de alegria.

Ao cair da tarde chegaram a Ipenza, acompanhados de suas mães, os meninos com os quaes Santiago fallára de manhã.

— Olá, rapazes! — disse este ás crianças. — É necessario que de ámanhã por diante vão á eschola todos os dias; e cuidado com os gazeios, que eu tenho quem me avise de tudo.

Os meninos murmuram entre si, e Santiago continuou:

— Todos os domingos, depois da missa do dia, aqui estarei sentado com um cesto de fruta a um lado, e um sacco de dinheiro a outro. Cada premio da aula, que vós ou os vossos companheiros me apresentardes, fará jus a outro premio que lhes darei, e o mais premiado de todos levará, além d'isso, o cesto da fruta. Para visitar os ricos como eu, é preciso vestirem-se de gala, e vestir-se-hão, porque vossas mães se encarregarão de fazer-vos o fato. Para que a algibeira não desdiga do fato, é preciso que esteja forrada de cobre, e eu vou dar-vos com que a forreis.

Fallando assim, Santiago deu uma peça de oiro a cada uma das mulheres, e um punhado de moedas de cobre a cada um dos meninos.

As mulheres choravam de alegria, e as crianças saltavam de contentamento.

Apenas terminára esta pathetica scena, Santiago ouviu um homem cantar na estrada que desembocava em o nogueiral. Era o velho Ignacio, que subia já com a sua junta, e ia pol-a ás ordens de quem lh'a mandára comprar.

— Olá, Ignacio, parece-me que estamos de bom animo! — disse-lhe o indiatico, ao vel-o apparecer.

— Não diga nada, sr. Santiago, que não sei o que váe em mim. Se houvesse ahi um tamboril, dançaria uma roda, apesar dos meus annos. Aqui tem a junta que, para que a visse, passsei por este caminho. Bois mais valentes não os ha nas Encartações.

— Certo que a junta é boa.

— Disponha d'ella, sr. Santiago, e de mim, e de minha mulher e filhos, e de todos, que lhe daremos as nossas cabeças, porque o sr. Santiago é nosso pae e protector.

— Muito agradecido, Ignacio; porém não ha motivo para tanto. Vá-se com Deus, que a noite chegou e os caminhos são maus.

— É verdade. Fique na paz do Senhor, e muitos recados a Catalina, que vale mais oiro do que pesa. Ai que par que fariam os dois... Perdoe-me, sr. Santiago, se disse alguma das minhas, porque hoje, que estou tão satisfeito com este meu, não sei fallar senão de pares!

O bom do ancião, a quem a excessiva alegria arrancava do seu serio, continuou o caminho a cantar.

N'aquella noite succedeu a Santiago o que não lhe succedia havia muitos annos; levou toda a noite n'um somno, e sonhou que todos os habitantes do valle juravam e tornavam a jurar que, se elle quizesse, dar-lhe-hiam as suas cabeças.

(Conclue)

O CÃO DA TERRA NOVA

«Quem tem medo compra um cão.» N'este nosso proverbio está feita a apologia do cão domestico.

Pela vigilancia, intrepidez e fidelidade d'este animal, tem o homem assaz mantida a segurança pessoal, e a da sua propriedade. Fóra das cidades, os

cães, mal comparado, são a guarda municipal, e os cabos de segurança das povoações.

E, comtudo, a raça canina tem um grande vicio de origem.

O cão e o lobo, o amigo e o inimigo do homem, são da mesma familia, e parentes mui chegados.

Quem tal dirá?

Um vil e feroz, o outro magnanimo e pacifico; um devorando a preza, o outro depondo-a intacta aos pés do caçador; em fim, os dois animaes de que os proverbios fizeram duas electricidades hostis, os classificadores zoologicos fazem dois parentes!

Buffon, que tão finamente escreveu a historia natural e moral do cão, fez tambem o antithetico parallelo d'elle com o lobo.

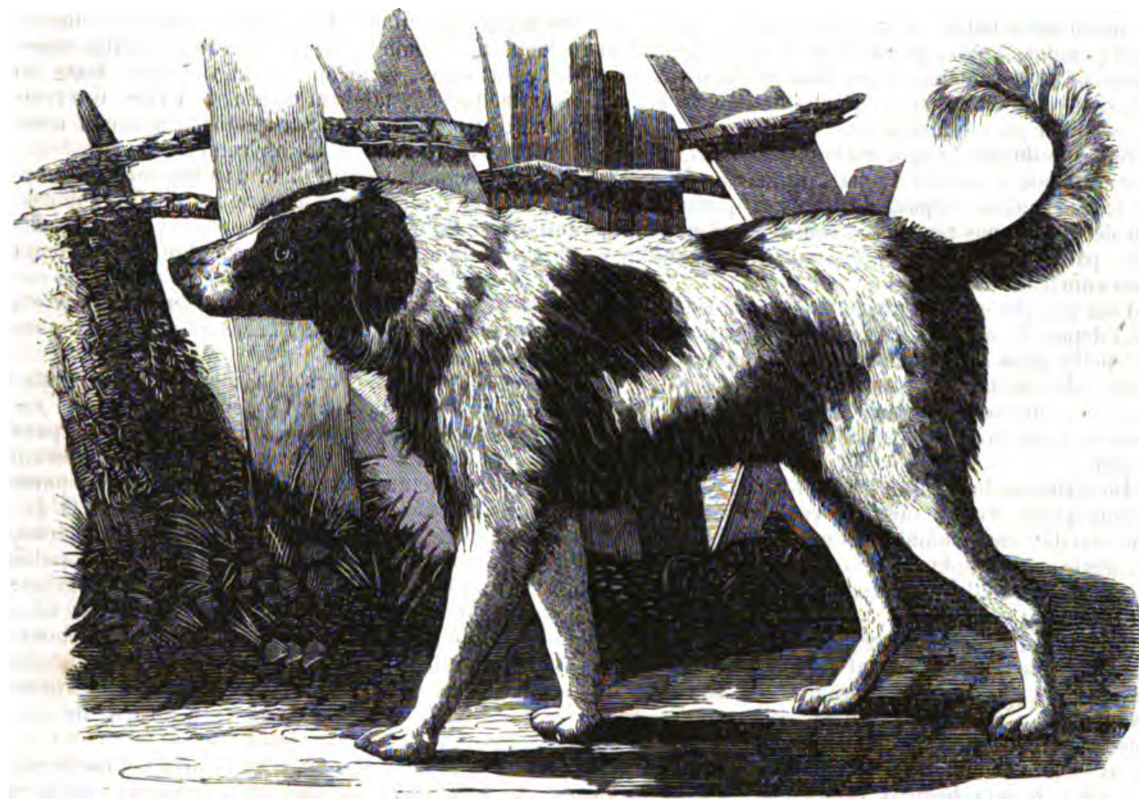
E não só tem o cão o labéo de ser primo co-irmão do lobo, mas conta entre os seus parentes pobres a raposa, manhosa ladra dos animaes domesticos; o chacal, ladrão cadimo dos mattos, e a hyena, asquerosa fosseira dos cadaveres sepultados.

Todos estes bichos são da familia dos carniceiros, e da tribu ou grupo dos digitigrados, isto é, dos que assentam a planta do pé no chão quando andam. Tem 42 dentes, 5 dedos nos pés de diante, e 4 nos detrás, e as unhas em fórma de garras. Só variam no pello, mas, como é sabido, o habito não faz o monge.

A grande questão, porém, ainda indecisa, é esta:

O cão é um lobo civilisado? O lobo é o javali do cão?

Qualquer que seja o voto dos naturalistas, deve-se confessar, por fazer justiça aos cães, que se elles, desgraçadamente, são parentes do salteador dos campos, não descendem de certo do mesmo pae.



Cão da Terra Nova

O instincto da sociabilidade não se adquire nem se extingue. Cuvier provou que o cão primitivo, o cão selvagem, deveu possuir em alto grão a qualidade de ser o nosso mais util amigo. O chacal é domesticavel, sensivel ás caricias; a maior parte dos animaes se podem tornar obedientes ao homem, porém o cão é um verdadeiro *factotum*, tem prestimo para tudo.

Quando se compara o lobo ao cão, é evidente que este ultimo, nas suas infinitas variedades, é um animal facticio. Mastins, dogos, sabujos, que são as tres grandes raças caninas, possuem multiplicadas fórmas, pellos e aptidões. Estas fórmas, pellos e aptidões são adequadas aos climas e aos misteres especiaes para que se destinam.

Citaremos entre os mastins, o cão de guarda, o rafeiro, o cão lobal, e o dinamarquez: os dois primeiros criados para funcções determinadas; os outros dois dotados do instincto da domesticidade e do luxo. Entre os dogos, o cão de fila, de cabeça grande, olhar estupido, bocca rasgada; depois o raposeiro, o rateiro, e outras variedades de gôsos. Entre os sabujos, o cão de agua excede a todos em intelligencia e affeição a seus donos; é entre elles que ha bons jogadores de dominó: os cães de cego, e outros de que ha infinitas historias da fidelidade e amor a seus donos.

Devem-se tambem citar entre os sabujos, os galgos, os perdigueiros, os cães de parar, e todos os de caça, cujos nomes são innumeraveis. E deixando de mencionar muitos cãesinhos de luxo ou fraldeiros, mencionaremos só o cão da Terra-Nova, amphibio utilissimo ao homem, e que o salva mais por vocação que por sympathia.

É este o que representa a nossa estampa.

Nativo de uma ilha descoberta pelos nossos argonautas, o cão da Terra Nova é o mais philanthropico de todos os animaes, e muitos d'elles trazem a colleira coberta de medalhas de salvação, como os seus afins, os cenobitas do monte de S. Bernardo, por-

que tem salvado muita gente enterrada nos gelos, ou caída nas ondas do mar.

Bem resgatados estão os trabalhos e vidas que nos custaram o descobrimento da Terra Nova, com darem a conhecer ao mundo um animal cuja vocação é salvar os naufragantes, pela sua astucia, possança e intrepidez.

VIAGENS AO MAR GLACIAL ARCTICO

(Vid. pag. 217)

II

A pag. 49 do vol. I d'este jornal, deu o nosso illustrado collaborador F. M. Bordalo, ampla noticia das viagens de sir John Franklin ao polo arctico, e da catastrophe da sua ultima expedição. Ahi estão compendiadas todas as tormentosas navegações do nauta inglez, com aquelle brio e condoimento de quem já passára por eguaes trances, quaes os que das suas viagens nos tem referido o distincto official de marinha portugueza.

No cabo do seu artigo, escripto em 1857, noticia o sr. Bordalo a partida de mais um navio, por conta de lady Franklin, esposa do infeliz viajante, com o fim de insistir nas pesquizas, tantas vezes mallogradas, para obter a certeza da morte de Franklin e seus camaradas.

Esta expedição foi confiada ao capitão Clintock, o qual depois de uma perigosissima viagem de dois annos pelos gelos do norte, no mar e na terra, conseguiu, finalmente, realisar a audaciosa empreza de revelar á anxiedade publica de todas as nações civilisadas, o tragico fim d'aquelle desventurado descobridor.

Do extenso diario que de toda a sua viagem publicou, já no presente anno, o capitão Clintock, vamos nós dar um resumido extracto, que sirva de complemento á biographia de Francklin, a qual os nossos leitores poderão de novo consultar, recorrendo á pag. 49 do citado vol. I.

Haviam já decorrido sete annos de baldados esforços, para se descobrir qual fôra a sorte de Franklin e seus companheiros, quando em setembro de 1854 chegou a Inglaterra o dr. Rae, annunciando que na primavera d'aquelle mesmo anno haviam dito os esquimaes da Boothia Felix, que uma partida de uns quarenta homens brancos tinha apparecido na costa occidental da ilha do rei Guilherme, dirigindo-se para a emboccadura do rio de Back, e que n'aquelle ponto tinham morrido de fome.

Pelo que depois se descobriu, parece que isto acontecêra na primavera de 1850, á vista das espingardas, relogios, candeias, e, sobre tudo, dos talheres com as armas e firmas dos officiaes do *Erebo* e do *Terror*, objectos que se compraram aos esquimaes, e foram trazidos para o museu da marinha de Londres.

O governo inglez tinha decretado que durante a primavera de 1855, uma expedição de lanchas percorresse o rio de Back, o que se effectuou. Porém, ainda que os vestigios, então descobertos nas margens d'aquelle rio, desde a sua emboccadura até ás primeiras catadupas, confirmassem que alguns individuos pertencentes á tripulação de Franklin haviam tocado n'aquelle ponto do continente, não se colheu nenhuma noticia, quer fosse documento, utensilio, ou informação verbal dos esquimaes.

A viuva Franklin, apesar de mais esta baldada tentativa, requereu ao governo, apoiada pelos amigos de seu marido, que se fizesse por mar nova expedição. Não obteve resposta senão em abril de 1857, e foi, que o governo, tendo a dolorosa convicção de que nem sequer uma vida já podia salvar d'aquelles viajantes, não se decidia a arriscar outras n'uma empreza de tantos perigos.

Não se desanimou lady Franklin (e pareceu adivinhar!) com esta repulsa, e desde logo tratou de organisar, á sua custa, outra expedição. Com as achegas de alguns amigos, conseguiu juntar a somma necessaria para as despezas, e a 18 de abril, oito dias logo depois da recusa do governo, foi offerecer o commando da expedição a M. Clintock, capitão da marinha real, que tinha já feito parte das tres antecedentes explorações ao polo arctico.

Acceitou elle o encargo, e tendo obtido licença do almirantado, poz lady Franklin á sua disposição um hiate de helice, do porte de 178 toneladas, denominado *Fox*, comprado expressamente para aquella viagem.

Tratou Clintock de compor a sua guarnição de gente experimentada. Dos 24 maritimos que elle escolheu, 17 tinham já servido nas antecedentes expedições arcticas. Nomeou segundo commandante ao tenente Hobson, tambem da marinha real, e terceiro official a Allen Young, capitão da marinha mercante. Ao dr. Walker foram commettidas as funcções de medico e naturalista da exploração, encarregando-se tambem dos apparelhos photographicos. Jorge Brands, engenheiro, tomou a direcção da machina de vapor; e, finalmente, o celebre interprete da lingua esquimal, Petersen, de Copenhague, bem conhecido por haver acompanhado o capitão Penny e o dr. Kane nas suas viagens, associou-se tambem a esta arriscada empreza.

Alem dos seis officiaes que nomeámos, a tripulação do *Fox* constava de 19 homens, que devia ser reforçada com os esquimaes da Groenlandia, para tratarem dos cães que puxam os trenós. Metteram mantimento para vinte e oito mezes, a maior parte conservas e cerveja da primeira qualidade. O governo inglez contribuiu tambem para a expedição, mandando que se dessem ao capitão Clintock todas as armas, machinas e polvora para romper os gelos; instrumentos astronomicos e hydrographicos; uma escolhida bibliotheca, e duzentas arrobas de *pemmican*, que é uma substancia mui nutritiva, inventada pelos caçadores canadienses, para as suas excursões no deserto. É composta de gordura e carne de vacca, secca e passada por uma prensa.

No dia 30 de junho foi lady Franklin a bordo entregar ao capitão Clintock uma bandeira, bordada pelas suas mãos, e despedir-se dos argonautas. No primeiro de julho de 1857 fez-se de vela o *Fox* para os mares polares.

Com todos os contratempos de taes viagens, chegou o *Fox* ao mar de Baffin, já quasi todo gelado, em 19 de agosto, onde teve que invernar 242 dias, esperando ensejo para fazer as suas expedições, ora por mar ora por terra.

Quando lhe pareceu opportuno, Clintock, depois de muitas investigações, dividiu a sua tripulação em dois destacamentos. Um commandado por elle, e o outro pelo tenente Hobson.

Deixando o seu vapor fundeado no porto de Kennedy, Clintock partiu para o polo magnetico.

Constava a caravana que o acompanhava de 12 homens, 17 cães e 5 trenós. Acamparam em diversas paragens, por causa dos gelos e do vento. Não obstante descer muitas vezes o thermometro a 35 gráos, o sol deslumbrava, e o reflexo que fazia sobre o gelo era insupportavel, de sorte que, apesar dos oculos verdes que os viajantes levavam, padeceram inflammação d'olhos; gretaram-lhe os beiços e as orelhas; as mãos cobriram-se-lhes de chagas; em summa, ficaram todos desfigurados.

Chegados ao estreito de Bellot, encontraram uma tribu de esquimaes, que andavam á caça do boi marinho; tinham construido nos gelos do mar as suas cabanas. Estes lhe deram informações da expedição de Franklin. Um d'elles confessou que os naturaes da ilha do rei Guilherme tinham visto os navios; que um d'elles tinha ido a pique, e o outro fôra arrojado pelo gêlo até á ribeira, onde se devia encontrar ainda, posto que inteiramente destroçado. D'este segundo navio provinha a maior parte da madeira que possuia a tribu; finalmente, disse que os indigenas tinham encontrado a bordo o cadaver de um homem de grande estátura e dentes compridos. Acrescentava que a perda dos navios succedêra nos fins do anno (agosto ou setembro), e que então os brancos tinham partido em uma ou duas lanchas na direcção do grande rio, em cujas margens foram encontrados os seus esqueletos no inverno seguinte.

Continuaram os exploradores a sua marcha até ao polo magnetico, onde o capitão Clintock fez algumas observações, de que resultou ficar quasi cego, durante dois dias. Proseguindo para o sul, encontraram um acampamento de selvagens, que teria uma dezena de choças. Era de noite, que durante ella caminhavam, para evitar os casos de cegueira, motivados pelo fulgor de gelo. Constava o acampamento de trinta ou quarenta esquimaes da ilha do rei Guilherme. Não os atemorisou o apparecimento dos viajantes, com os quaes logo trataram de trocar varios objectos que possuiam.

Clintock comprou-lhes seis colheres e garfos de prata, com as armas e firma de sir John Franklin, do capitão Crozier, e de outros officiaes, dando-lhes seis agulhas por cada peça.

Comprou-lhes tambem por outras ninherias alguns botões de uniforme da marinha ingleza, e os arcos e frechas que os selvagens tinham feito da madeira dos navios.

Com estas permutações se mostraram os esquimaes muitos obsequiosos, pacificos e alegres, porém não podiam resistir á tentação de furtar, e de vender tudo quanto possuiam.

Depois de muito instados pelo interprete, disseram finalmente estes homens, que d'alli a cinco jornadas, atravez da ilha do rei Guilherme, era o sitio onde estavam os restos do navio encalhado, já poucos, porque os seus compatriotas haviam levado d'elle tudo quanto podiam transportar. Disseram mais ter-se encontrado alguns livros, mas que a intemperie os havia destruido. Nenhum dos d'aquella tribu tinha ido no ultimo inverno ao sitio onde encalhára o navio; porém, uma velha e um rapaz, que se foram chamar, tinham alli estado no antecedente (1857-58). Petersen, o interprete, fez cautelosamente varias perguntas á velha, a qual disse, que alguns homens brancos tinham succumbido caminhando para o grão rio, sendo enterrados uns e outros não; que ella não os tinha encontrado na marcha, mas vira os cadaveres no inverno seguinte. Não poderam os viajantes obter informação a respeito do numero dos naufragados, nem do tempo decorrido desde a sua morte.

Tal foi o resultado d'esta inquirição, tanto mais difficil quanto os esquimaes, além da obscuridade da sua linguagem, são mais propensos a perguntar que a responder.

Com estas noticias partiu Clintock para a costa meridional da ilha do rei Guilherme. Caminhando elle pelo gêlo, avistou n'uma praia alguns fragmentos de panno. Aproximando-se, viu que eram restos do fato de um esqueleto humano, de todo esbranquiçado, ainda inteiro, excepto alguns ossos menores, separados ou roidos pelos animaes. Estava estendido de bruços.

Desembaraçado o terreno cuidadosamente, recolheram tudo o que acharam pertencente áquelle infeliz. Um pequeno livro que alli encontraram deu, a principio, algumas esperanças; porém, estava de todo gelado, de sorte que não se podia abrir sem se desfazer. Em resultado, o esqueleto parecia ser de um rapaz de estatura mais que mediana, e robusto; o trajo mostrava ser de criado; tinha a escova e pente comsigo, pelo que se inferiu não o haverem descoberto os esquimaes; do contrario não estariam alli aquelles objectos. Continuaram os exploradores seu caminho, não encontrando mais que algumas choças abandonadas, por ser aquelle o tempo em que os indigenas partem para a pesca do salmão e caça dos rangiferos. Porém, a doze milhas do cabo Herschell, descobriu Clintock uma pyramide,[1] recentemente construida, dentro da qual achou uma nota, com data de seis dias antes, em que Hobson lhe annunciava ter explorado toda a costa nordeste da ilha do rei Guilherme, sem achar vestigio algum dos navios que, segundo diziam os esquimaes, haviam encalhado alli; pelo que julgava não dever ir mais adiante. Porém, que n'uma pyramide do cabo Victoria (limite de Ross) tinha achado um escripto, que era, com effeito, o objecto das suas investigações, e o fim dos trabalhos da expedição.

Era uma das folhas impressas em seis linguas, que se imprimem para depois se escrever n'ellas a situação dos navios. Deitam-se ao mar, dentro de uma garrafa, a fim de que, arrastadas pelas correntes, cheguem a qualquer paiz, e sejam remettidas ao almirantado inglez. Eis o conteúdo n'esta folha:

«28 de maio de 1847. — *Os navios de S. M., Erebo e Terror, invernaram no gêlo aos* 70° 15' *de latitude N., e* 98° *de longitude O.*»

«*Passaram o inverno de* 1846-1847 *na ilha Beechey aos* 74° 43' 28'' *de latitude N.*; *e* 91° 39' 15'' *de longitude O., depois de haverem subido o canal Wellington até* 77 *gráos de latitude; e regressado pela costa occidental da ilha Cornwallis.*»

«*Sir John Franklin, commandante da expedição. Tudo bem.*»

«*O destacamento, composto de dois officiaes e seis homens, desembarcou dos navios segunda feira* 24 *de maio de* 1847. — *Guilherme Gore, tenente — Chas F. des Vœux, segundo tenente.*»

Em volta da margem d'esta folha lia-se mais o seguinte:

«25 de abril de 1848. — *Os navios de S. M., Terror e Erebo, foram abandonados a* 22 *de abril, a* 5 *legoas N. N. O. d'este ponto, tendo estado cercados (pelos gelos) desde* 12 *de setembro de* 1846. *Os officiaes e as tripulações, que chegam a* 105 *pessoas, debaixo do commando do capitão Crozier, tomaram terra aqui entre os* 69° 37' 42'' *de latitude N.* e 98° 41' *de longitude O.*»

«*Sir John Franklin morreu a* 11 *de Junho de* 1847, *e a perda total que tem tido a expedição, até hoje, é de* 9 *officiaes e* 15 *praças.*

F. R. M. Crozier, capitão, commandante por antiguidade. — *James Fitzjames, capitão do navio de S. M. o Erebo.*

Partem á manhã de 26 *para o rio de Back, abundante em pesca.*

Esta nota marginal era escripta pelo capitão Fitzjames, á excepção do postdata, que se refere á partida no dia seguinte para o rio de Back, que era do capitão Crozier.

[1] Antigamente costumavam os descobridores deixar, em diversas paragens, a noticia do que tinham passado, mettida em latas; depois entenderam que ficavam mais seguras dentro de uns marcos ou pyramides, que para esse fim levantam.

Observou, porém, Clintock um erro manifesto na epocha em que Franklin invernára na ilha de Beechey, que fôra evidentemente em 1845-46, posto que no mez de maio de 1847 os navios estavam detidos no estreito Victoria pelos gelos do segundo inverno que para elles acabava. Reconheceu tambem que até á primavera de 1847 o exito da expedição era tão satisfactorio como se desejava, porque das ultimas noticias de Franklin, com data de julho de 1845 na bahia Melville, se deduz que nos dois ou tres mezes que precederam a sua entrada na estancia de inverno, o *Erebo* e o *Terror* tinham effectuado a exploração do canal de Wellington e o da Rainha (que só se tornou a verificar em 1853 pela *Assistance* e o *Pionnier* debaixo do commando de sir Edward Belcher) e descoberto mais um estreito ainda ignorado dos europeus, entre a ilha Bathurst e a ilha Cornwallis, juntando por este meio aos mappas polares muitas centenas de milhas de ribeiras até então desconhecidas.

Outras noticias dava Hobson na sua nota, taes como que havia encontrado em volta do dito monumento levantado pelo capitão Ross, algum fato e outros objectos, como se os desventurados que acabavam de abandonar os navios, convencidos de que unicamente se tratava já de salvar a vida por meio de uma tentativa desesperada, se houvessem desfeito de tudo quanto lhes não era absolutamente indispensavel.

Influido por tão inesperadas noticias, Clintock continuou a sua marcha, posto lhe escaceassem os viveres, pelo que teve de mandar matar tres cães, aproveitando para o fogo a madeira do trenó que elles puxavam; continuando a pé pelo gelo compacto que se estendia ao longo da praia.

Eis como o audaz capitão inglez refere as suas ultimas explorações no litoral contiguo ás costas da ilha do rei Guilherme:

«A 29 de maio chegámos á extremidade sudueste da ilha. Mais além d'este pontal, a que dei o nome do bravo capitão Crozier, se eleva a costa em linha recta para o nordeste até ao cabo Felix. Nenhuma gruta de esquimaes haviamos encontrado desde o cabo Herschell. Os circulos de pedras cobertas de musgo que ás vezes viamos, eram indicio de acampamentos de longa data. Nenhum rasto de casa descobrimos. Ao longe appareciam em extremo agitados os gelos do mar, que em grandes moles, como rochas, estavam confusamente empilhadas.

Na madrugada seguinte chegámos a uma extensa bahia, na qual fomos encontrar um novo testimunho da fatal sorte nos nossos desgraçados companheiros: era um grande batel que descobrira e examinára Hobson alguns dias antes (segundo me annunciava em uma nota), mas sem haver encontrado n'elle documento algum.

Grande quantidade de fato que vimos disperso n'aquella embarcação nos alvoroçou a principio; porem em nenhuma peça achámos a marca ou distinctivo das pessoas a quem tinha pertencido. Desembaraçámos e limpámos da neve este barco, e não encontrámos nenhum objecto dos que procuravamos. Tinha o batel uns 8 metros e 70 centimetros de comprimento, e 2 metros e 31 centimetros de largura, e fôra evidentemente construido com o fim de subir o rio de Back. Todos os pormenores de seus aprestos, que eram completos, denunciavam o cuidado com que fôra construido. Calculei que teria de peso total perto de 370 kilogrammas, porém estava montado n'um trenó de extraordinaria resistencia, e de peso não inferior a 290 kilogrammas; o que tudo junto dava a somma de 660 kilogrammas. Era necessario pois a força de 8 homens vigorosos para o arrastar. Algumas palavras, por desgraça truncadas, que appareciam escriptas no costado, já sumidas, indicavam que este batel tinha sido construido em Wolwich, no mez de abril de 184...

A cem passos, proximamente, do lado de terra, achámos um tronco de abeto de 4 metros de comprimento e 34 centimetros de diametro: ainda que despojado da cortiça pela acção do gelo, estava todavia mui solido, e supponho que fôra alli arrojado pelo mar vinte ou trinta annos antes.

Sobresaltados ficámos, depois, á vista de dois esqueletos humanos ainda meio vestidos, que distinguimos um á prôa e outro á pôpa do batel. O primeiro era de um official ainda moço, talvez, mas de tal sorte mutilado, que nos foi impossivel, a Hobson e a mim, julgar se a morte o haveria colhido n'aquelle ponto, ou se fôra para alli arrastado pelos animaes carnivoros, os lobos de certo. Perto d'elle estavam umas botas de agua, e umas pólainas forradas, de cujo bordado de matiz guardo amostra. Conservava porém a cinta de seda escarlate.

Envolto em pelles, e mais bem conservado, estava o outro esqueleto, que mostrava ser de homem de mais edade, e de constituição robusta: achámos-lhe ao lado cinco relogios, e encostadas á borda do batel duas espingardas de dois canos, cada um dos quaes tinha sua bala, e ambas estavam escorvadas e engatilhadas.

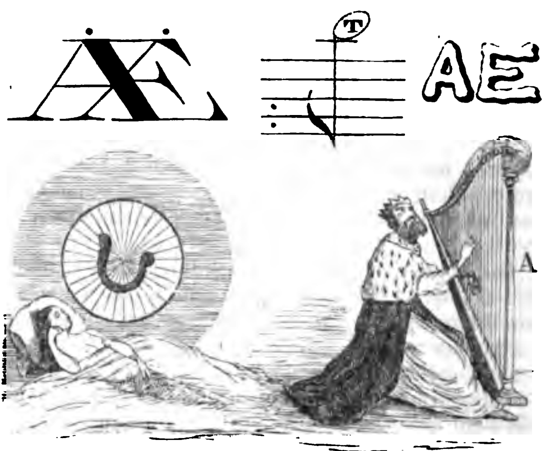
Com que interesse e minuciosidade não examinámos nós estes restos mortaes! esperando descobrir nos fragmentos do vestuario alguma carteira, ou escripto, que nos désse a conhecer quem eram aquelles desventurados; porém apenas encontrámos cinco ou seis livros, a saber: biblias, livros de resa, e um exemplar do «Vigario de Wakefield». Na primeira pagina de um d'estes livros intitulado «Melodias Christãs» se lia a dedicatoria da pessoa que o havia offerecido a G. G. (Greham Gore, talvez). Uma das biblias, além de muitas notas marginaes, tinha varios logares sublinhados.

Misturados com abundante sortimento de roupa branca, appareciam varios objectos de toda a especie, como botas de caça, esponjas, pentes, cintas, talheres, chumbo, balas, cartuxos, pregos, agulhas, linhas, serras, limas, etc. etc.

Não podia deixar de admirar-nos esta accumulação de objectos pela maior parte inuteis n'uma retirada, porque o seu peso devia exhaurir as forças dos homens que puxassem pelo trenó.

(Continúa)

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente

Vae, meu livro, a Roma, não te levo a mal. — *Ovidio.*

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Vista da cidade de Adem — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Flora

Deve-se o desenho d'esta, outr'ora, opulenta cidade maritima da Arabia, a Gaspar Corrêa, amanuense do grande Affonso de Albuquerque, e auctor das *Lendas da India*.

Escriptas ha hoje tres seculos, só agora se deram á estampa, por diligencia da academia real das sciencias, e a expensas do thesouro publico.

E todavia, para que se veja a incuria dos nossos antepassados — « Gaspar Corrêa, pisando as terras do oriente, quinze annos antes de Fernão Lopes de Castanheda, e começando primeiro que elle a lançar os alicerces da sua historia, conquistou para si os foros de decano dos historiadores dos feitos da India; e porque viu a maior parte dos successos que relata, e mesmo os que não viu, relata por miudo, guiando-se, não por tradições remotas e incertas, mas por informações fidedignas, tem um valor immenso para o estudo do periodo que abrangem as suas lendas. »

Assim o diz o erudito academico Rodrigo Felner, a quem a academia confiou, mui avisadamente, a direcção e annotação d'esta obra, de que já estão impressos tres volumes de suas 500 paginas de 4.° maximo cada um.

Merece attenta lição, por mui curiosa e bem trabalhada, a « noticia preliminar » com que o sr. Felner abriu o primeiro tomo. Ahi nos conta elle como em 1790 determinára a academia que se comprasse a « Historia da India » de Gaspar Corrêa, sem que todavia haja memoria ou registo por onde se saiba se era alguma copia ou o original.

O que o sr. Felner achou entre os papeis da academia, foi uma copia, assaz imperfeita, da maior parte do primeiro dos quatro volumes das *Lendas*.

Os tomos 2, 3 e 4, originaes, existiam na Torre do Tombo, sendo alli archivados na epocha da suppressão das ordens religiosas. Mais tarde, constando ao zeloso e mui intelligente official maior d'aquelle nacional archivo, achar-se n'uma loja de confeiteiro á Ribeira Velha, o primeiro volume das *Lendas*, indo examinal-o, reconheceu ser um apographo, isto é, uma copia tirada do autographo, e de letra pouco mais moderna que a do tempo em que escreveu Gaspar Corrêa, pelo que logo comprou este codice para a Torre do Tombo, pela quantia de 28$000 réis.

D'esta copia, de outra que existia na bibliotheca real da Ajuda, e da que já dissemos haver na academia das sciencias, é que o sr. Felner se serviu para a impressão do primeiro volume, com o insano trabalho de as conferir e concertar, notando á margem as variantes que entre ellas achou.

Este accuramento, e as notas que o estudioso academico promette dar no fim da obra, imprimem um caracter verdadeiramente academico a esta preciosa edição.

Sobre a biographia do auctor das *Lendas*, tambem o sr. Felner fez aturadas investigações, apurando, que em 1512 Gaspar Corrêa partíra para a India, na edade de dezeseis annos, com Jorge de Mello Pereira, capitão de uma armada de oito naus. Do serviço d'este Jorge de Mello passou para o de Affonso de Albuquerque, até este fallecer, voltando

ao reino pelos annos de 1526, feito moço da camara d'el-rei D. João III, e provído na escrevaninha da fortaleza de Sofala. Em 1527 foi nomeado cavalleiro da casa do mesmo rei, e escrivão dos armazens de Cochim, mercês de que ha registo dos livros da Torre do Tombo. Voltando para a India, presume-se que fallecêra em Goa, pouco depois de 1561. Por sua morte, comprou, n'aquella cidade, D. Miguel da Gama, filho do segundo conde da Vidigueira, os quatro tomos das *Lendas*, e foi este de certo quem os trouxe para Portugal.

Da primeira parte do II tomo d'este precioso inédito, que traz o desenho lithographado da cidade de Adem, é que foi reduzida a gravura que hoje apresentâmos, como antiguidade digna de ser conhecida.

Tambem a acompanharemos da descripção que d'ella nos faz o desenhador e historiador Gaspar Corrêa, assim como do assalto que deu Affonso de Albuquerque a esta cidade para a tomar á escala vista, o que não pôde conseguir, incendiando, porém, a armada que guardava o porto.

A segunda vez que el-rei D. Manuel enviou para a India Affonso de Albuquerque, em 1506, capitaneando uma esquadra de quinze velas, foi com destino de bloquear o estreito do mar Roxo, para tolher a navegação das naus de Meca, vindas da India com especiaria.

Esta commissão só a pôde desempenhar em 1513, logo depois da famosa conquista de Malaca.

Junto ao estreito, na costa da Arabia, fica a cidade de Adem, inexpugnavel por natureza e arte. Como o rei d'esta provincia não quizesse fazer pazes com o rei de Portugal, Affonso de Albuquerque lhe deu um assalto formidavel.

Para se confrontar o nosso tão conhecido João de Barros, com o ainda tão ignorado Gaspar Corrêa, poremos primeiro a breve descripção que na segunda decada da sua *Asia* fez João de Barros, e depois o que escreveu Gaspar na *Lenda* de Affonso de Albuquerque. O leitor attento notará que este é muito mais copioso e melhor observador.

Diz Barros:

«A cidade, do sitio e parecer de fóra, é coisa mui formosa, porque além da parte que jaz ao longo da ribeira ter bons muros, torres, e muitos edificios, e casarias altas de sobrados e eirados, toda aquella chapa de serra que jaz na vista do mar té o seu cume, é uma pintura d'ella, obra da natureza e o mais da industria dos homens; porque, como esta serra é pedra viva, váe toda em picos tão crespos e dobrados, que tem similhança de fortaleza, e sobre elles edificaram muitos castelletes e torres, e de uns aos outros, onde ha quebrada, lançaram muro, como defensão d'ella. Em si não tem mais agua que algumas cisternas, e a nadivel [1] de que bebe fica-lhe na outra face d'aquelle muro, que dissemos ser serventia da terra firme. Por carreto lhes é trabalhosa de trazer, que sobem da povoação té o alto dos castellos da serra, e depois tornam a descer ao pé d'ella a um chafariz onde a recolhem. Esta cidade, posto que antigamente foi mui rica e celebre, com a nossa entrada na India se fez mais, que os principaes mercadores que viviam em Calecut, Cananor, e por toda aquella costa da India, e assim de dentro do mar Roxo, na cidade Judá, se passaram alli. A causa foi porque, antes que navegassemos aquelles mares, eram navegados pelos moiros sem temor de lh'os alguem impedir; e partiam do porto de Judá, com as mercadorias do Cairo, e d'aquelle estreito, nos mezes da navegação, em que cursam os ponentes, se lançavam pelas portas do estreito, fóra do caminho da India, sem terem necessidade de tomar a cidade de Adem; e quando tornavam da India, por o mesmo modo passavam por esta cidade e entravam as portas do estreito com os ventos léstes. Porém, tanto que por nossas armadas lhes foi impedida esta liberal navegação, como quem navegava a temor, faziam este caminho a pedaços, tomavam o porto de Adem, quando queriam entrar na India, e sabiam primeiro de nossas armadas, e segundo a nova assim faziam seu caminho, e muitas vezes não passavam, mas faziam commutação e commercio com as coisas que alli achavam da India.»

[1] Nativa.

Leâmos agora Gaspar Corrêa. Conta elle como Affonso de Albuquerque, a quem chama sempre respeitosamente o Governador, compozera a armada e gente que havia de ir para o estreito, em que foram (diz) vinte e quatro velas, naus grossas, e um navio, e uma galé, e uma galeota, e um bergantim, e uma caravella latina. Nomeia aqui todos os commandantes, e continúa. E d'esta sorte, muitos fidalgos e cavalleiros, gente mui lustrosa, que fez em toda a armada 1700 homens portuguezes com a gente do mar, e 600 malabares, em que havia muitos christãos a soldo, vindos de Cananor, e 400 canarins de Goa, uns e outros apercebidos de suas armas.»

Segue-se immediatamente a descripção da cidade, e o narratorio do assalto, d'este modo:

«Sendo o governador prestes, recolhida a gente, e a armada toda fóra da barra, deu a todos os capitães regimento do que haviam de fazer, e partiu da barra a 28 de janeiro do anno de 1513. Fez seu caminho á ilha de Çacotorá, e tomou no porto do Çoco, onde primeiro estivera nossa fortaleza, e ahi achou gente de paz, que vinha vender coisas de comer, a que o governador defendeu que lhe não fizessem mal nem força. Alli fez sua aguada, e teve prática com os capitães, dizendo que elle ia determinado commetter a cidade de Adem, a ver se a podia entrar e destruir, em que achariam riqueza com que toda a armada se carregasse de ricas fazendas, porque n'ella faziam escala todas as naus que iam e vinham do estreito, e que a cidade era tão possante de muita gente, e ella tão forte, que por temor não achariam no rei nenhum modo de concerto; que, portanto, lhe parecia bem que chegando, logo desembarcassem e commettessem a cidade, que com a ajuda de Nosso Senhor a entrariam e tomariam. A isto houve outros pareceres differentes, dizendo que era bem primeiro haverem falla com o rei da cidade, e que podia ser que achassem algum bom concerto, com que se escusasse de pelejar. Contra o que foi o governador, dizendo que tal não esperassem, porque nada haviam de achar senão guerra; que, portanto, outra coisa não havia a fazer senão, chegando, logo desembarcar e fazer a obra.

E com este proposito partiu, costeando a costa da Arabia Feliz, com que se poz a balravento de Adem. Então arribou á outra costa da Arabia em que está Adem, e foram á vista da cidade amanhecendo, que saído o sol, era formosa coisa de ver, porque está assentada ao longo da praia do mar, que faz como bahia aparcellada, onde não podem chegar os bateis senão com meia maré; e na frontaria tem um formoso muro com muitos cubellos redondos; da mão direita váe o muro entestar em uma piçarra de penedia talhada a pique, e da outra banda váe entestar em outra penedia, onde tem um morro que fica em ilhéo com prêamar, porque maré vasia fica todo em sêcco. Para além d'este morro váe um estreito onde se mettem as naus a carregar, que estão amparadas do ponente e levante, que n'aquella costa ventam com muita força, e fazem mal ás naus que estão de fóra. Ao pé d'este morro ha um baluarte roqueiro, que tirava muita artilheria ao longo da praia que guarda o porto. D'este baluarte sobe um muro em voltas até ao cimo do morro, onde

está um castello que tira artilheria para todas as partes.

A cidade por dentro é chã, com formosa casaria de muitos sobrados e janellas, e por cima terrados. Ao longo do muro, por dentro, corre uma rua por todo elle, ficando as casas afastadas do muro. N'este muro tem a cidade duas portas grandes, muito lavradas, ambas juntas, sobre as quaes estavam as casas do regedor da cidade, chamado Miramergem [1], casas de grandes lavores. No meio da cidade ha uma grande mesquita, que se vê do mar, com um mui alto alcorão [2]. A cidade será de comprido, ao longo da praia, tanto como um tiro de camelo [3], e de largura como metade, assentada ao sopé de uma serra de pedra talhada, que faz muitos picos, sobre que tem nove castellos, em que fazem almenaras de fogos para a banda do mar no tempo da monção dos navegantes, para que de noite não passem o porto por não o verem.

Estes castellos fazem defensão á cidade, em que estão capitães e gente, porque da outra banda é terra chã, com o que outros visinhos, tendo guerra com a cidade, de cima d'esta serra lhe podiam deitar tantas galgas de pedra que a destruiriam, porque está muito ao sopé da serra. Vem d'esta serra um caminho para a cidade, cortado na pedra, em cima do qual tem tres castellos sobre tres portas que ha no caminho, que se fecham de noite, que por outra nenhuma parte se póde entrar na cidade, senão por este caminho. Entre o morro do mar e a cidade é o varadoiro das naus, que mettem pelo esteiro. A cidade será de dez mil visinhos. Tem rei por si, sem obrigação de outro; é mui rico, do grande trato da cidade, e a maior substancia de mercadoria são mantimentos que aqui acodem, por causa das muitas gentes tratantes [4] que sempre estão na cidade a buscar e trazer mercadorias. A maior carregação dos mantimentos lhe vem pelo mar, em gelvas, que são barcas pequenas, e os trazem da costa da Arabia Feliz, que é a terra do Abexim, dos logares de Barbora e Zeyla, que lhe vem da terra dentro, onde ha a melhor manteiga, azeite de arvores, e gado vivo, que tudo trazem a vender a Adem, pelo que é mui abondada de todas as coisas; sómente não tem agua, que lh'a trazem em odres e camelos de dentro da terra; pelo que cada um tem em suas casas tanques de naus e grandes jarras, em que recolhe cada um a que ha mister, que tem muita em abastança, porque não custa muito o carreto. E porque a gente pobre não tem em que recolher muita agua, e se viesse guerra, que da serra não houvessem agua, haveria grande mal no povo miudo, para resguardo d'isto, tem a cidade uma casa apartada fóra, mui forte, argamassada como cisterna, que tem grande quantidade de agua, que abundará o povo um anno. Esta agua está sempre guardada, e se mette n'esta casa de esmolas que os moiros fazem quando morrem, e ainda sendo vivos; tambem se paga das penas da justiça dos malfeitores. D'esta casa para dentro da cidade váe um cano por debaixo da terra, cortado na pedra, por onde vem a agua quando querem vasar a casa para lavar.

Fiz d'isto lembrança, porque me pareceu grande primor do regimento da cidade, da qual, sendo vista nossa armada tamanha, houveram grande espanto, e todos os homens principaes se ajuntaram com o regedor, porque o rei não estava na cidade, que era ido a Zebid, que é d'ahi perto, onde estava por capitão um seu cunhado.»

Aqui refere miudamente Gaspar Corrêa quantas intimações e diligencias fizera o Albuquerque para que este regedor da cidade de Adem prestasse vassallagem a el-rei de Portugal. Escusava-se o arabe, dizendo, que na ausencia do seu principe não podia tomar simílhante deliberação; mas Affonso de Albuquerque, suppondo que o rei estava occulto na cidade para se negar a esta vassallagem, mandou dizer terminantemente ao moiro «que todo-los reis e senhores da India obedeciam a el-rei de Portugal, com boa paz que lhes fazia, e senão com crua guerra que lhes fazia a fogo e sangue. Que portanto folgaria que elle fosse homem de razão, e quizesse com elle assentar boa paz, dando obediencia a el-rei de Portugal, que por isso lhe viria muito bem e proveito á sua cidade, porque el-rei de Portugal era senhor de todo o mar, e por elle não navegavam senão os que eram seus amigos. A nada se moveu o capitão Miramirzan, declarando a final «que em quanto vivesse o seu rei, não havia de tomar outro senhor senão o que tinha. E mandou logo disparar muitos tiros dos muros e baluartes da cidade sobre a armada de Affonso de Albuquerque, fazendo-lhe algum damno. Pelo que este ordenou aos seus capitães, que ante manhã, ouvindo uma trombeta, viessem em seus bateis á nau d'elle, trazendo escadas, vaivens, picões e alavancas para dar o assalto.

Recolhidos os capitães a seus navios, a gente gastou toda a noite com fazer cedulas e testamentos, e concertar suas armas e almas para o perigo da morte que temiam, e tambem porque o dia era para isso, que era quinta feira de endoenças.

Ao outro dia, sexta feira de endoenças ante manhã, o governador mandou tanger a trombeta, a que logo vieram os capitães em seus bateis, com sua gente armada. E porque o governador tinha já dito a cada capitão com quem se havia de ajuntar, assim juntos, um padre, de cima da borda da nau, lhes fez a confissão geral e absolvição; com que foram a terra e desembarcaram na praia muito á sua vontade, porque era preamar, e da cidade não saiu ninguem a lhes tolher a desembarcação, antes os moiros se occuparam a tapar as portas com paredes por dentro, fazendo-se fortes dentro nos muros, e atravessando as ruas com tranqueiras, que muito haviam medo que os nossos entrassem na cidade.

Garcia de Sousa, cubiçoso de ganhar honra, se fallou com João Pereira, o mulato criado da infante, de que já fiz menção atraz, e lhe muito rogou que lhe levasse seu guião, e trabalhasse por ser o primeiro que se pozesse em cima do muro. O que o mulato assim cumpriu, que inda o governador não era desembarcado, quando elle já estava subido ante as ameias no muro, bradando: Victoria! Victoria! Portugal! Portugal! O que sendo dito ao governador, disse: «Bento seja o ventre que tal filho pariu!»

Desembarcou toda a gente, e D. Garcia tomou á mão esquerda com seiscentos homens do seu esquadrão, com quatro escadas, e foi a uma porta que achou entupida por dentro com parede, e arvorou as escadas, por onde a gente começou a subir com sómente adargas e espadas, porque não podiam levar as lanças. Outro tanto fez o governador com outra tanta gente, em que Garcia de Sousa se apressou com sua escada, que foi o dianteiro, e Simão de Andrade, Lopo Vaz de Sampaio, D. João de Lima, Ayres da Silva, e outros fidalgos; e Jorge da Silveira em outra escada, e Fernão Gomes de Lemos, e Diogo Fernandes de Beja, com outros fidalgos; e em outra escada Pero d'Albuquerque, João Gomes Cheiradinheiro, D. João d'Eça, Alvaro de Castro, Antão Nogueira, Paio Corrêa, Jeronymo de Sousa, Pero Corrêa, Joanne d'Athaide, Diogo Soares de Mello; outra escada de Diniz Fernandes de Mello com Tristão de Miranda, Pero da Fonseca, Antonio

[1] Miramirzan escrevem João de Barros e Castanheda.
[2] Torre d'onde os ministros do alcorão chamam o povo a resar.
[3] Peça de artilheria de pouco alcance.
[4] Gente de trato commercial, a que d'antes se chamava tratantes, como aos homens de negocio chamâmos hoje negociantes.

Raposo, João de Figueiró, Diogo Mendes de Horta, e outros cavalleiros; e ante estes esquadrões Manuel Fidalgo e Ruy Gonçalves, com trezentos homens da ordenança. Henrique Homem, filho de João Homem, o nomeado em Portugal, que servia por cabo de esquadra na ordenança, tomou cem homens da ordenança, com seus piques, e com muito trabalho subiu pela piçarra em que entestava o muro da mão esquerda, e subiu em cima, que descobriu toda a cidade, onde não achou por onde descer para dentro, nem ir ter ao muro, porque a penedia era cortada a pique, e se deixou estar, o que fazia assombramento aos moiros. E estava olhando se os do muro se melhoravam, porque foi grande má fortuna as escadas ficarem curtas, que com muito trabalho um homem subia entre as ameias, e os que subiam, davam mão aos outros, no que havia muito vagar, mas o commettimento dos nossos era tão fervente, que sem embargo do trabalho e perigo não tinham soffrimento, commettendo todos para subir e entrar, cubiçosos de ganhar honra, como o mulato que primeiro que todos levantou no muro o guião de Garcia de Sousa. Com o qual trabalho, entrando os nossos, ás cutiladas e estocadas, os fizeram descer abaixo.

O segundo guião que subiu ao muro foi o de Jorge da Silveira, que elle levantou com suas mãos, e depois se levantaram cinco guiões sem gente, que não podia subir, e os que entravam corriam pelo muro, e se punham em um cubello em que estavam já Garcia de Sousa, Jorge da Silveira, Simão de Andrade, Lopo Vaz de Sampaio, Ayres da Silva, D. João de Lima, e com elles até setenta homens, onde já tinham lanças, e de nada se aproveitavam, antes recebiam muito mal, porque o cubello era aberto, devasso de dentro, e defronte d'elle e do muro a terra era tão alta como elle, que departia a rua que corria ao longo do muro, onde acudiu o Miramergem com muitos moiros, que com frechas e pedras cobriam os nossos, e os muito feriam e encravavam, a que os nossos não tinham mais que o amparo de suas adargas, que todos não tinham, e se amparavam com as costas, aguardando que a gente subisse para descerem a baixo e dar na cidade. Mas as frechas eram tantas, e tão de perto, que quando algum homem apparecia com a cabeça entre as ameias lhe pregavam frechas no rosto e olhos, com que alguns caíram das escadas, que como assim estavam carregadas da muita gente armada, foram rendendo até que quebravam e caíam uns em cima de outros, e se feriram. E os que podiam, corriam a subir por outras escadas, com que todas foram quebradas em pouco espaço. E porque a escada derradeira que quebrou, foi a de D. Garcia, os alabardeiros da guarda do governador, com as pontas das alabardas ajudavam a sustentar a escada, e quando esta quebrou, muitos homens ficaram espetados nas alabardas, de que morreram ou se feriram.

O que assim sendo, pelo querer de Nosso Senhor, D. Garcia e o governador acudiram ao pé do cubello para o abrir com picões, e acháram uma bombardeira que logo abriram, por onde entrava um homem, porque logo entrou Pero de Albuquerque, D. João d'Eça, e o padre Mergulhão com uma cruz posta em uma haste, e entraram até vinte homens, que correram e subiram pela escada ao muro. O que foi grande erro, que não deveram subir até não estar dentro muita gente, porque já estavam abrindo no muro outra bombardeira; mas os moiros, vendo os nossos que subiam ao muro, acudiram sobre a rua, deitando grandes pedras com que a entupiram, e com muita palha accêsa e lenha, que ninguem póde mais entrar. O que do muro era dito ao governador que estava com grande dor do mal que via, e Jorge da Silveira lhe bradou dizendo: «Senhor, soccorre-nos, senão todos aqui morremos.» O governador respondeu: «E eu tambem morrerei, porque vos não posso soccorrer.» Que logo os marinheiros lh'as deram acima em pontas de piques atados uns nos outros, que os do cubello tomaram, e voltaram de redor das ameias, por onde se deitavam abaixo, e com tanta pressa que muitos caiam, e D. Garcia bradou a Garcia de Sousa que descessem todos. Elle respondeu: «Não sou homem que hei de fugir á morte por cordas». Então se saiu pelo muro, e assim Jorge da Silveira, e D. João de Lima, Lopo Vaz de Sampaio, João Pereira, Ayres da Silva, Diniz Fernandes de Mello, e outros, que seriam até trinta homens, já muitos feridos; e correram o muro, e desceram pela escada abaixo á rua, e foram buscar a bombardeira, porque já eram saídos os que entraram. O que vendo os moiros, acudiram abaixo á rua, onde os nossos se metteram com elles ás cutiladas e lançadas, e os fidalgos na dianteira, onde Garcia de Sousa não podia pelejar com a lança, por não poder largar a adarga, que era como rodela feita como as adargas dos malvares, e a trazia encravada no braço com as frechas que a atravessavam, onde alli foi morto de um zaguncho de arremêsso; onde uns pelejavam e outros buscavam salvação pela bombardeira por onde saíram. Mas o bom capitão Jorge da Silveira, vendo cair Garcia de Sousa, acudiu sobre elle para o salvar ás lançadas com muitos moiros. Inda que muito ferido, estimou mais a honra que a vida, caindo de uma pedrada que lhe deram, e foi morto, e todos feridos os que saíram pela bombardeira. Ficaram dentro mortos os ditos bons capitães, com quarenta homens mortos na rua, e em cima no cubello e muro, onde os moiros subiram, pozeram os guiões que tomaram e as cabeças dos mortos nas pontas das lanças, atirando muitas frechadas e pedradas; e d'ahi começaram a atirar com muita artilheria, mórmente um tiro ao longo do muro.

O governador mandou a D. Garcia, que com sua gente fizesse caminho para as portas da cidade, mas indo, o governador mandou sua bandeira que o fez tornar a recolher. O governador com grande pressa fazia recolher a gente aos bateis, do que os homens agastados se queixaram, porque assim os apressava, pois da cidade não saia ninguem que lhes fizesse mal. Elle respondia: «Quero que vejam os moiros que vos faço embarcar e recolher por força, e não que imos fugindo». Com o que fez recolher toda a gente nos bateis, e tambem os corpos dos mortos, que antes quiz sepultal-os no mar que os moiros n'elles fazerem gazua [1].

O Miramergem mandou despir as armas aos mortos, e assim conheceu os capitães pela riqueza das armas. Levados os corpos acima, e defronte do cubello onde pelejaram, mandou enterrar Jorge da Silveira e Garcia de Sousa, ambos juntos e sobre elles mandou fazer sepulturas de pedra, como de moiros honrados, com degraus, e ás cabeceiras pedras altas com letras cortadas que contavam o feito. E seus guiões todos, que foram cinco que ficaram dentro, os pozeram em páos sobre as sepulturas; e todos os outros mortos enterrados junto com elles, com cada cova uma pedra á cabeceira, e letras que diziam *frangue*, que quer dizer *christão*. Isto foi visto depois por alguns portuguezes, quando lá foi Heitor da Silveira, como adiante direi.»

Gloria singular é a de Portugal, que nem no reino, nem em toda a monarchia, domina um só palmo de terra que não fosse conquistada a infieis.

[1] Retalhar, fazer em postas.

CEIFADOR MECHANICO DE BURGESS E KEY

Por muito tempo esteve a agricultura privada dos grandes beneficios que a mechanica presta á industria, no invento ou aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho, talvez porque lh'os não podia pagar. Mas logo que alguns lavradores ricos chegaram a conhecer bem os seus verdadeiros interesses, e se fez mais sensivel a falta de braços, a grande cultura prosperou com a multiplicidade de machinas e dos instrumentos aratorios de que hoje usa.

Entre nós tem ido vagarosamente este progresso: comtudo, os nossos agricultores vão acceitando os novos inventos com reconhecida e confessada vantagem.

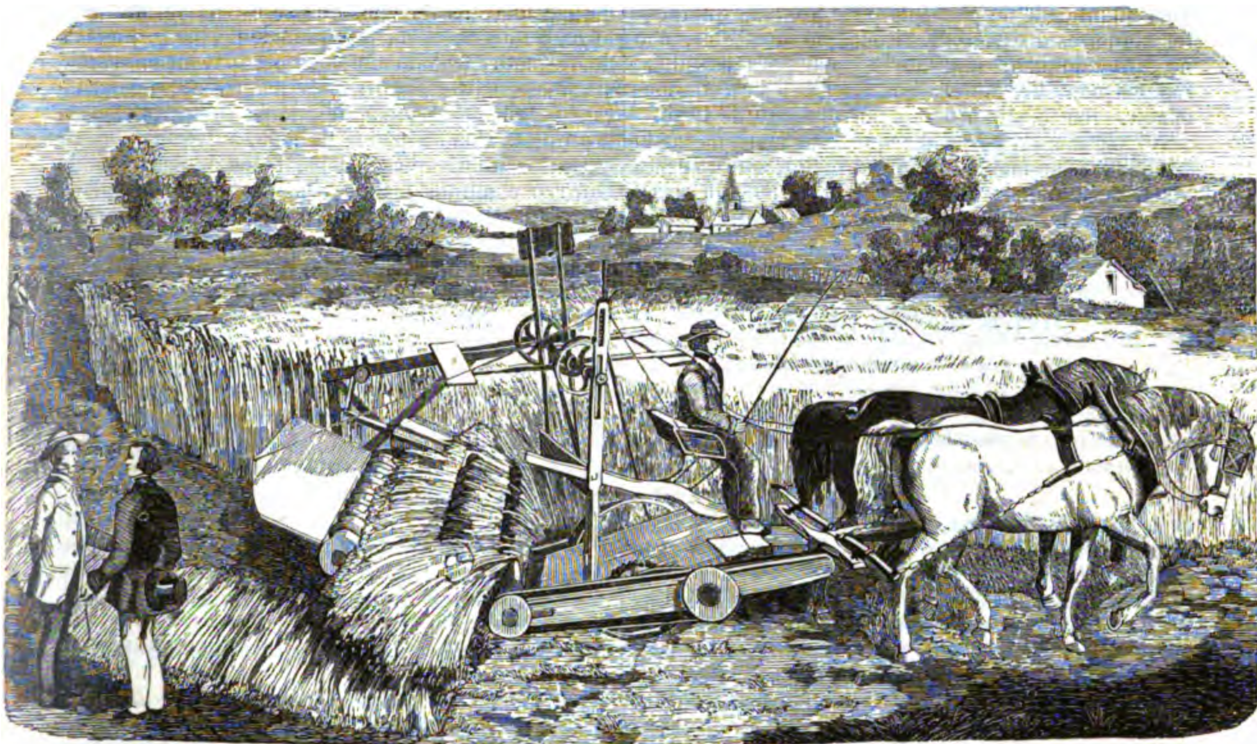
O ceifador mechanico, para um paiz como o nosso, onde o sol ardente do estio causa tantas febres aos segadores, e cada vez é maior a carestia dos trabalhadores, devia ser mais ambicionado, acceito, e adoptado geralmente. Mas parece que não.

Á exposição universal de Paris, de 1855, concorreram 16 machinas de ceifar, 7 das quaes, apenas, foram submettidas ás provas publicas.

O sr. J. de A. Corvo, professor de engenheria rural, que na qualidade de delegado do governo portuguez assistiu ás provas, e fez parte do jury, comprou para o Instituto Agricola de Lisboa o ceifador de Mac-Cormick, por ser mais simples, de menor força de tracção, e trabalhar perfeitamente.

O primeiro lavrador que mandou vir de França esta machina, para a sua leziria do Ribatejo, foi o sr. Gerardo Braamcamp. E do resultado que d'ella tirou, deu conhecimento ao publico n'uma carta publicada na *Revista Agronomica* de junho de 1857.

Ahi diz o sr. Braamcamp, que o ceifador de Mac-Cormick é para trabalhar com cavallos, porém que na falta d'elles, capazes e robustos para este serviço, servem os bois, e d'elles se consegue com toda a velocidade o andamento e acção da machina. Para isto basta dois homens, o que váe guiando o gado, e um empaveador que tire do taboleiro o trigo que váe caindo ceifado, e o disponha no restolho em pavêas.



Ceifador mechanico de Burgess e Key

O sr. Braamcamp acrescenta que o trigo ceifado por esta machina ficára tão bem cortado como se o fôra por mão de homem. E que o termo medio do trigo ceifado, diariamente, correspondêra a 66 alqueires de grão, isto é, ao trabalho de 36 a 40 foices.

O sr. dr. José Vaz Monteiro, tambem lavrador do Ribatejo, deu eguaes informações ao publico, ainda com maiores louvores, do ceifador de Mac-Cormick, no *Diario do Governo* 175 de 1857.

São estas as lembranças que temos a respeito d'este ceifador mechanico; e tambem sabemos que se fazem nas fabricas de Lisboa.

Na recente exposição industrial de Paris appareceu este ceifador muito aperfeiçoado pelos engenheiros Burgess e Key, e d'este é que damos o desenho, tirado do novo *Journal des Connaissances Utiles*.

Consta-nos que o sr. Bachelay já os tem feito.

Aos nossos agricultores illustrados cumpre examinar esta nova machina, porque além dos lucros que lhes provém da melhoria dos instrumentos aratorios, vemos sobretudo n'elles uma questão de hygiene, isto é, de humanidade, porque o tempo das ceifas arruina e mata muita gente do campo.

Posto que este ceifador seja a primitiva machina de Mac-Cormich, os fabricantes inglezes Burgess e Key a simplificaram de modo que apenas necessita de um só homem para trabalhar. O aperfeiçoamento consiste n'um cylindro, que váe gradualmente depondo no chão o trigo, já ceifado, que a machina lança no taboleiro. Este trabalho, que na machina de Mac-Cormick era feito por um engavelador, na de Burgess e Key dispensa-se.

Tão importante pareceu ella ao jury francez, da ultima exposição industrial, que só por poupar dois braços, conferiu unanimemente aos fabricantes inglezes, além do premio pecuniario de mil francos, o

premio honorifico de uma medalha de oiro, destinada ás machinas estrangeiras.

Nas experiencias feitas perante o jury, esta machina ceifou mais de sessenta ares (1236 braças quadradas) n'uma hora, sobre uma zona da largura de 1m, 70.

O sr. dr. Rodrigo de Moraes Soares, director da repartição de agricultura, no ministerio das obras publicas, fundador do *Archivo Rural* [1], excellente jornal de agricultura, que se publica bimensalmente n'esta capital, dignou-se informar-nos de que em Portugal ha já mais de trinta ceifadores mechanicos de Burgess e Key.

Do trabalho d'esta machina, feito no anno passado, na lavoira dos srs. Borges de Sousa, dá o sr. Moraes Soares, como testimunha presencial, ampla noticia a pag. 337 do vol. II do seu *Archivo Rural*. Ahi se diz que esta machina ceifa por dia, regularmente, cinco hectares (10:303 braças quadradas), isto é, uma quantidade de pão, que póde produzir quinhentos alqueires de trigo. É tirada por dois bois, não necessitando mais que um homem para os guiar. Calcula o sr. dr. Moraes Soares, que esta ceifa mechanica vem a sair a 6 réis por alqueire de trigo.

No mesmo artigo se diz que esta machina custa 240$000 réis; mas n'um jornal inglez, que temos á vista, se annuncia ella por 40 lb. (180$000 réis), na fabrica de Londres, 23 Newgate-Street.

CONTOS DE CÔR DE ROSA

(Conta-os o auctor a sua mulher

(Vid. pag. 227)

A RESURREIÇÃO DA ALMA

VIII e ultimo

A alma de Santiago resuscitava cem vezes mais formosa do que quando se finára. N'este milagre não cabia pequena parte a Catalina.

Havia dois mezes que o indiatico percorria diariamente o valle, semeando beneficios e colhendo benções. Cada benção augmentava-lhe um grão á belleza da alma, e outro grão á belleza do corpo. D'este modo, corpo e alma de Santiago trasbordavam saude e formosura, e outro tanto succedia ao corpo e alma de Catalina.

Uma tarde de verão estavam Catalina e Santiago sentados á sombra, debaixo da mesma cerejeira onde havia mais de onze annos o vimos dançar uma roda. Santiago, que de manhã dera o habitual passeio pelas herdades circunvisinhas, contava a Catalina a felicidade interior que notára em casa de vinte familias pobres.

— Catalina! — disse elle de subito, fitando os seus vivos olhos nos olhos ternissimos da donzella — sabes que vou casar-me?

Catalina tornou-se de repente pallida como um cadaver, e teve que apoiar-se ao tronco da arvore para não cair. Ao contrario, estranha alegria brilhou no rosto de Santiago, quando observou o effeito que tinham produzido as suas palavras.

— Com quem, meu irmão? — perguntou Catalina com voz tremula.

— Com os pobres, — respondeu immediatamente Santiago.

A vida pareceu voltar ao alterado semblante de Catalina, que apertou a mão de Santiago com immenso carinho.

— Sim, vou casar com os pobres, — continuou Santiago — proporcionando-lhes pão e trabalho, porque sou rico. De que serve a riqueza senão para acudir aos necessitados? Verás que amor e que felicidade vãe reinar n'este consorcio. Não dizias tu, n'outro tempo, que não desejavas habitar no ermo, antes querias viver acompanhada, ao pé da egreja, e ter um jardim? Vão-se cumprir os teus desejos.

— De que modo, Santiago?

— Permitte-me, diplomaticamente, a reserva n'estes assumptos; só posso dizer-te que no futuro, Ipenza apparecerá nos diccionarios geographicos e estatisticos, pelo menos, com 31 fogos, uma egreja parochial e um lindo jardim.

Quinze dias depois d'esta conversação entre Catalina e Santiago, occorria em Ipenza, ou antes no concelho de G., uma grande novidade; comprára o indiatico todos os terrenos que se estendiam até meia legoa de distancia da propriedade de Ipenza, e mais de trezentos trabalhadores se occupavam em cortar arvores e matto, em arrancar penhas e nivelar barrancos, em deixar, em fim, todos os terrenos plainos e lisos como a palma da mão.

Outros quinze dias depois, todos os pedreiros de Guriezo e muitos mais se occupavam em cercar de muro aquella herdade, que fôra já dividida em trinta quinhões iguaes, e cada um com entrada por largo portal que os operarios deixavam no muro.

Uns por curiosidade, outros por interesse particular, todos os habitantes do valle perguntavam ao indiatico se tratava de cultivar por sua conta aquellas terras, ou se, pelo contrario, pensava em arrendal-as; porém Santiago fugia á resposta, pretextando que ainda não resolvêra nada a esse respeito.

Apenas terminada aquella obra, deu principio a outra não menos custosa, e que devia excitar a attenção publica; o indiatico mandára vir um architecto e disse-lhe:

— Quero transformar em lindo jardim a horta contigua á minha casa.

— Não ha inconveniente, — respondeu o architecto.

— Quero, além d'isso, construir uma egreja entre o nogueiral de Ipenza.

— Tambem não haverá inconveniente, — disse o architecto para Santiago, e juntou para si: Estará louco este homem?

— Quero, finalmente, construir aos lados da egreja e da minha propriedade trinta casas compostas de espaçosa cavallariça, commoda vivenda no andar principal, com sotão ventilado e largo.

— Porém, sr. Santiago, — replicou o architecto desconfiando da encommenda, — sabe o senhor...?

— Sei que tenho muito dinheiro para gastar, e ainda ha de restar-me bastante. Faça-me o orçamento da despeza, e quanto antes melhor, que desejo concluir estas obras e emprehender outras mais agradaveis para mim e para mais alguem.

— Vou já tratar das obras como deseja.

Alguns mezes depois o jardim, a egreja e as trinta casas estavam feitas. Então, um dia de manhã cedo, desceu o indiatico ao valle, e conferenciou a sós com o tabellião deixando-lhe uns apontamentos. Decorreram, porém, semanas e mezes, e o novo logar, até já com sua elegante egreja, permanecia quasi deserto, porque só estava habitada a propriedade do seu mysterioso fundador.

A curiosidade publica era immensa; os commentarios sobre o designio do indiatico variavam desde os mais racionaes até aos mais absurdos.

Chegou o dia 15 de agosto, justamente anniversario da saída de Santiago para o Mexico, e justamente

[1] O *Archivo Rural* é redigido pelos srs. R. de Moraes Soares, J. I. Ferreira Lapa, S. Bernardo Lima, J. Maria Teixeira, Betamio de Almeida, todos quatro lentes do instituto agricola de Lisboa; I. Emilio Baptista, lente da eschola polytechnica.

Escriptorio, rua dos Dourадores, 208. Assignatura de anno 3.600 rs., avulso 160. Sãe duas vezes por mez.

dia em que se celebrava a festa da Virgem protectora do valle.

O indiatico, que assistia a todas as romarias, desceu tambem á egreja da Senhora da Assumpção, como quasi todos os habitantes das herdades visinhas.

O extenso nogueiral que cercava a egreja estava animadissimo. Por toda a parte gente dançando, ou merendando nos tapetes de flores campestres. Era quadro para ver-se, e digno de reproduzir-se na téla.

O indiatico dançou; e Catalina tambem dançou. Nas fraternaes romarias vasconças dançam pobres e ricos, pequenos e grandes, sem distincções nem precedencias. Todos folgam.

— Já dançámos, — disse Santiago a Catalina — agora é justo que merendemos.

E em seguida mandou preparar lauta merenda.

— Senhor, — exclamou Catalina — onde váe parar com toda essa magnificencia?!...

— Vou parar... ou antes, váe parar tudo isto ao estomago dos pobres que não tem para merendar esta tarde.

Santiago percorreu em seguida a romaria convidando a merendar com elle e sua familia, vinte e tantos ou trinta pobres moradores das casas dispersas nos altos de Ipenza.

A merenda foi animadissima.

— Muito bem, — disse o indiatico quando se concluiu — chegou a hora de irmos caminho de casa, porque Ipenza está distante, váe anoitecendo, e nem a minha familia nem eu somos valentes.

— Sr. Santiago, — disse o velho Ignacio, que tambem era do numero dos convidados — vamos todos acompanhal-o.

— Vamos todos! — exclamaram os convivas.

— Não se incommodem...

— Incommodar-nos! Cumprimos um dever. E não é o senhor o pae de nós todos!

O numeroso bando de romeiros tomou as costas de Ipenza.

Ao chegar lá, os pobres visinhos pararam a contemplar as novas casas e a egreja.

— Já que vieram até aqui, — disse-lhes o indiatico — vou mostrar-lhes em que gastei metade da riqueza que trouxe da America. Começaremos pela egreja.

O indiatico, seguido de Catalina e da ama, foi mostrando a egreja e as casas, uma por uma, aos attonitos aldeãos que as encontravam admiraveis.

Terminada esta visita, disse Santiago:

— Agora subam por um instante á nossa casa para beber uma gota do vinho especial que a Catalina guarda para estas occasiões.

— Pois sim, — disse Ignacio — bebel-a-hemos á sua saude, sr. Santiago, á de Catalina, á da ama, e á saude de todos, em fim, que o sr. é nosso pae e protector.

Todos tomaram logar na sala da antiga propriedade. Catalina desceu á adega e subiu com dois grandes cangirões de vinho que poz, com os necessarios copos, na grande mesa que havia no meio da sala, indo sentar-se em seguida, como louca, ao lado de Santiago.

O vinho começou a correr offerecido pela ama, decana da reunião, e auctora d'uma improvisada e appetitosa fritada. A alegria reinava em todos os rostos e em todos os corações.

Depois, o indiatico abriu uma arca e tirou d'ella trinta folhas de papel e um mólho de chaves.

— Ignacio! — disse em seguida, collocando sobre um dos papeis uma das chaves — aqui tendes a chave da vossa casa, e o titulo que vos considera proprietario d'ella e da herdade.

E successivamente foi dizendo analogas palavras e entregando iguaes objectos aos vinte e nove restantes.

Pódes suppor, virtuoso numen dos *contos de cór de rosa*, o sobresalto e alegria que vieram coroar a festa.

— É possivel que succedesse tudo quanto me contaste?

— É possivel. Creio, quando leio e quando escrevo, que tudo o possivel é certo; porém a certeza dos maus contos não está só na possibilidade. Não invento, copio do natural. Se a memoria me não falha... Mas desçamos ás Encartações; não quererás subir a Ipenza; seguiremos, pois, a estrada de Valmaseda, e dirijamos a vista para o noroeste. Alli, na falda de uma montanha, verás a linda aldeia de Talledo, e saberás que se fundou do mesmo modo que Ipenza.

Dizem que a alegria mata. Não mata; porque, se matasse, teriam morrido os aldeãos que Santiago reuniu em sua casa no dia da Assumpção. Nunca a alegria subiu mais alto do que então.

Catalina chorava, como todos, de prazer.

— Tambem tenho para ti uma chave, — disse-lhe Santiago em voz baixa.

Qual? — Perguntou-lhe Catalina no mesmo tom.

E Santiago murmurou-lhe ao ouvido com suave ternura:

— A do meu coração...

Catalina, a Jariega, a pobresinha, criada e educada por caridade, podia ter abrigado lisonjeiras esperanças de affecto; porém das esperanças áquella realidade havia immensa distancia. Certo que Santiago devia-lhe a salvação; porém quem tem a alma de Catalina não sabe o que lhe devem.

Catalina não achou uma palavra para expressar o que n'aquelle instante sentia; vozes da terra não podem expressar sentimentos do ceo. Apertou a mão de Santiago, pensou em Deus, desatou a chorar, e... nada mais.

Então Santiago, erguendo a voz, disse:

— Meus amigos, a 8 do mez que vem, festa tambem da Virgem Santissima, vos esperâmos aqui a todos, porque n'aquelle dia o sr. cura abençoará a egreja de Ipenza, e guardará no hyssope algumas gotas de agua benta para tambem abençoar a união de Catalina e Santiago.

— Abençoados sejam! abençoados sejam! — exclamaram os trinta novos proprietarios.

E foram-n'o; porque Deus abençoa os que gastam o seu dinheiro em obras santas, e quem sabe se tambem os que contam contos moraes.?

UM BANQUETE NO IMPERIO DO PRESTE JOÃO

(Vid. pag. 220)

Promettemos dar alguns extractos dos nossos auctores do seculo XVI, a respeito dos usos e costumes dos vassallos do Preste João, para se confrontarem com o que, a respeito d'elles, conta o moderno viajante inglez d'onde copiámos a estampa e noticia de um lauto banquete d'aquelles alarves, a pag. 221.

Desempenhando-nos da promessa, transcreveremos hoje, em primeiro logar, o que diz Balthasar Telles dos comes e bebes dos abexins, porque elle explica bem o que são os pãesinhos que aquelles semiselvagens põem na mesa ás duzias, e lhes servem de prato para alguns guizados. Chama-lhes ápas, palavra que não vem nos nossos diccionarios, apesar de trazerem tantas da lingua bunda.

Além de mui descriptivo, este trecho do padre da Companhia, é desenfastiado, não obstante se referir a comidas tão enjoativas.

Tem ainda outro merito, que é ser de um excellente classico da nossa lingua, aos quaes preferiremos sempre que tivermos de fazer alguma citação ou extracto, para que nas escolas se vá a mocidade familiarisando com a boa linguagem que todos devem adquirir e presar. Ouçamos o que diz o padre na já citada *Historia da Ethiopia*.

« Os abexins assentam-se ordinariamente no chão, os senhores sobre alcatifas, e os mais sobre esteiras, e d'aqui vem que tambem as suas mesas são rasteiras, e todas redondas, e sobre ellas não ha toalhas e muito menos guardanapos, lipam-se ás ápas, que são um modo de pão que fazem de varias farinhas, de trigo, milho, e grãos; d'estas ápas se enche a mesa, e sobre ellas, sem outros pratos, se põem as iguarias se é, como costumam, carne crua ou assada; porém se vem algum môlho de gallinha ou carneiro, ou as suas papas ordinarias, em que molham as ápas, é tudo isto em tigellas de barro preto, as quaes vem cobertas com umas escambiás, que são umas como carapuças de palha fina, e esta é a ordinaria baixella até nas mesas do imperador; e o que em Sicilia se via por novidade na mesa do rei Agatocles, o qual se prezava de comer em barro, aqui se vê cada dia na mesa d'estes imperadores. Aquelle, tendo muito oiro, em memoria do pae que fôra oleiro, comia em barro; mas estes, com se prezarem de ser cada um d'elles um sol na nobreza, folgam com o oiro, mas comem no barro.

A carne de vacca, que comem crua, chamam-lhe berindó, e é a iguaria que mais estimam. Lançam-lhe muito sal e muita pimenta, que a tem; e os mais graves se podem haver o fel da que se mata, tem n'elle um grande acipipe, e para se aproveitarem bem de tão preciosa, e para elles saborosa mostarda, dão muitos golpes na posta que tem diante de si, e sobre ella espremem bem este assucar em ponto, e depois de bem embebido então a comem; e tem o sabor tão afeito este fel, que, como se fosse mel, affirmam lhe dá grande sabor; mas eu lhes deixo a elles não menos os gabos que a usança d'este seu prezado regalo. Ainda na mesma vacca inventam outra mais estranha iguaria, que fazem do mais fino do interior das tripas, temperadas com seu sal e pimenta. E fica sendo para elles a melhor mostarda, e a mais desenfastiada salsa, a que chamam mantú, porém só principes e grandes senhores e reis usam d'este manjar real, que demanda muita pimenta, que nem todos tem; e eu tambem lhes escusára o mimo, posto que me sobejasse a pimenta.

Com estes seus manjares serem tão simples, e pouco industriosos, não é pequeno o trabalho que lhes causa para os apparelhar, porque como não tem moinhos, tudo moem á mão, e é officio tão proprio de mulheres, que até os escravos, por mais baixos que sejam, por nenhum preço tomarão esta occupação, como entre nós não admittem, nem os mais vis escravos, o fiarem n'uma roca. Moe uma mulher cada dia quanto baste para quarenta ou cincoenta ápas, as quaes se hão de fazer cada dia, porque no segundo já não prestam; e assim é uma canseira, e demanda muita fabrica de escravos e de lenha, assim o moer da farinha para as ápas que comem, como para a cerveja que bebem.

Esta lhes serve de vinho, e eis como Balthasar Telles diz que os abexins a fabricam:

« Tambem o seu vinho não é dos mais delicados Chios e preciosos Falernos de Italia, porque consta de cinco ou seis partes de agua, lançada em uma jarra, e uma parte de mel, com um punhado de cevada torrada que a faz ferver; e depois lhe lançam uns pedacinhos de certo pau, a que chamam sardó, o qual a qualifica de tal maneira, que em cinco ou seis dias modifica a doçura do mel, e ainda que não tem o gosto do nosso vinho, lhe leva a vantagem de ser mais sadio. Não bebem em quanto comem, senão depois de levantada a mesa, como muitos dos antigos usavam, que depois de retiradas as mesas entravam os copos, e isso fazem os abexins com tanta liberalidade e demasia, que é materia de espanto ver onde lhes cabe tanto; e d'aqui vem, que ainda que este modo de vinho de si é brandissimo, comtudo, em razão da muita quantidade, vem a ter os mesmos effeitos que o melhor da Europa, no particular de toldar a cabeça, soltar a lingua, e de enfraquecer os pés. »

Agora escutemos o que, ao mesmo respeito, diz o padre Francisco Alvares, no seu rarissimo livro do *Preste João*.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

PERGUNTA

Podemo-nos auctorisar com os seguintes exemplos de Vieira?

« Fallo comvosco, ó almas ditosas, que depois de *teres* offendido a Deus, vos tendes reconciliado com elle. » — *Serm.* t. 14. n. 420.

« Os homens, se *deres* por elles a vida, ainda que sejam reis e monarchas, assim como elles vol-a não deram, assim vol-a não podem restituir. » — *Idem.* t. 4. n. 521.

RESPOSTA

Não, porque os maus exemplos não se devem seguir.

Verificámos que até nas primeiras edições dos *Sermões* de Vieira vem estes e outros solecismos na conjugação dos verbos, talvez por descuido do revedor, mas contra as regras impreteriveis da grammatica não ha classico nenhum que possa prevalecer. E dissemos regras *impreteriveis*, porque algumas se podem preterir pelas concessões da syntaxe figurada, ou pelos idiotismos da lingua.

A regra, na conjugação dos verbos em grifo sobre que somos interrogados, é, *terdes*, na segunda pessoa plural do infinito pessoal, e não, *teres*, que designa a mesma pessoa no singular. E, por identica razão, *derdes*, e não *deres*.

Este solecismo está mui arreigado, principalmente na conversação e nos periodicos. E por tal modo anda o ouvido costumado a elle, que da falla passa imperceptivelmente para a escripta.

Ainda ha pouco, n'uma aula publica de primeiras letras, ouvimos nós estarem os alumnos aprendendo em côro o acto de contrição, dizendo todos nas barbas do mestre: « Peza-me, Senhor, de vos ter offendido por *seres* vós quem sois, etc. ».

Se já n'aquella edade tinham offendido a Deus, a grammatica era offendida no proprio acto de contrição!

Mas este peccado dos pobres rapazitos era original, e o mestre é que lhes devia ministrar o baptismo da correcção, se, por ventura, elle sabe a lei que deve professar.

Importa, pois, que se extirpem estes erros, não só da escripta, mas da conversação tambem; e nas escholas primarias, sobre tudo, nas rezas e doutrina christã, em que se commettem erros vergonhosos.

Sendo uma das riquezas da nossa lingua, que outra nenhuma tem, poderem-se conjugar os infinitos dos verbos, por pessoas e numeros, devemos primar em não os viciarmos.

Explicação do enigma do numero antecedente

A existencia é o sonho da vida

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Fr. Francisco de Monte Alverne — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

O Brasil tem este facundo e austero prégador franciscáno na conta de seu Lacordaire. Alli foi sempre applaudido e festejado como o primeiro orador sacro, depois do disserto e mavioso fr. Francisco de S. Carlos e do eloquente e arrebatado fr. Francisco de Sampaio, ambos confrades de Monte Alverne.

Todos são concordes em depôr que elle tinha todos os dons da arte de orar, individualidade propria, gesto e acção adequada a cada pensamento, voz cheia e harmoniosa, e que, em fim, no pulpito subjugava o auditorio como nenhum outro. É por isso, tal era o ascendente que exercia na mocidade brasileira do seu tempo, mórmente de 1827 até ao anno de 1836 em que cegou, que uma phalange dos mais esperançosos estudantes o acompanhava ás egrejas onde elle ia prégar, rodeando-o e festejando-o depois na sacristia, e d'alli o acompanhava até ao convento.

Todos estes mancebos, que tão luzido cortejo lhe faziam n'essa epocha, tem hoje meio seculo de edade, e são as illustrações contemporaneas do imperio fluminense. São d'esse numero o doutor Gonçalves de Magalhães, poeta e diplomata; o conselheiro Felix Martins, lente de medicina; o senador Borges Monteiro; o distincto medico José Bento da Rosa; o professor de pintura e litterato Porto Alegre, e outros muitos assaz conhecidos na republica das sciencias e das lettras, e tambem na governação do grande imperio.

Para os que não tivemos a ventura de ouvir o eloquente franciscano, não é facil confirmar tão vantajosa opinião da sua facundia, pela simples leitura dos sermões colligidos e publicados por elle mesmo, em quatro volumes, com o titulo de: ***Obras oratorias do padre mestre fr. Francisco de Monte Alverne.*** Rio de Janeiro, 1853.

Todavia, este conceito é tão geral entre os seus conterraneos, que fallando elle das glorias litterarias do Brasil, se exprime por estes termos, no prologo da citada collecção dos seus sermões:

« O paiz tem altamente declarado que eu fui uma d'estas glorias de que elle ainda hoje se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816, como prégador regio, oito annos depois que n'ella entraram S. Carlos e S. Paio, monsenhor Netto, e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de luctar com esses gigantes da oratoria, que tantos loiros tinham ganhado, e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivaes.

« O paiz sabe quaes foram meus successos n'este combate desegual: elle apreciou meus esforços, e designou o logar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos. Pertence á posteridade sanccionar este juizo. Arrastado pela energia do meu caracter, desejando cingir todas as corôas, abandonei-me com egual ardor á eloquencia, á philosophia, e á theologia, cujas cadeiras professei, algumas vezes si-

multaneamente, nos principaes conventos da minha ordem, e no seminario de S. José d'esta corte. O resultado de tantas fadigas foi a extenuação do meu cerebro, e a perda irreparavel da minha vista!

« No fim de 1836 terminaram todos os meus exercicios litterarios; e eu achava-me impossibilitado para emprehender o mais insignificante trabalho. Não é dado a algum homem avaliar as agonias do meu coração n'esta horrivel peripécia da minha vida. Deus chegou aos meus labios a taça da tribulação; suas fezes talvez não estejam ainda esgotadas... A vontade do Senhor seja feita... »

Este trecho revela que o bom do frade não deixava a sua fama por mãos alheias, e que a exaltação dos applausos o tinham feito rasgar o véo da modestia, com que, ás vezes bem diaphanamente, se compõem os auctores para saír a público.

Observando-lhe um insigne medico, seu discipulo, que achára muito orgulhoso o prologo dos seus sermões, Monte Alverne respondeu ingenuamente: « Eu não fiz mais que historiar o meu passado. »

Fr. Francisco de Monte Alverne nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1790. Aos dezeseis tomou o habito da ordem de S. Francisco, na qual exerceu o magisterio como lente de philosophia, e depois leitor de prima em theologia dogmatica. Foi tambem professor d'estas mesmas disciplinas e de rhetorica, no seminario episcopal do Rio. Nomeado prégador regio por el-rei D. João VI, que muito gostava de o ouvir, desempenhou, desde então, as funcções de examinador da mesa da consciencia.

Em 1836, um ataque de gota serena o privou da vista, caindo a principio em tão profunda melancolia, que só dezoito annos depois, a pedido do actual imperador, seu mui afeiçoado amigo, é que veiu prégar á capella do paço o sermão de S. Pedro de Alcantara. A nova geração que o ouviu (diz um escriptor do imperio) ficou suspensa de admiração, e foi tal o seu effeito que produziu, que se julgaram infelizes todos aquelles que não assistiram á prégação.

Os jornaes do dia consignaram este successo como a aurora do renascimento da prédica brasileira. Foi este o seu ultimo sermão.

Visitado por muitas vezes na sua cella, d'onde nunca saia, pelo imperador, e pelos homens mais notaveis do imperio, viveu ainda alguns annos entregue ao estudo dos seus livros, escrevendo por sua mão, a lapis, os sermões que lhe encommendavam, e que depois mandava ler para corrigir, até que falleceu tranquillamente no convento de S. Domingos, junto a Nitheroy, no dia 9 de dezembro de 1858.

O corpo foi conduzido n'uma galeota do arsenal da marinha ao cáes Pharoux, onde se achavam todas as pessoas que o deviam acompanhar ao jazigo, que eram as mais qualificadas da corte. O enterro foi-lhe mandado fazer pelo imperador com pompa egual á que se prescreve para os officiaes móres da casa imperial. O camarista de semana e o ajudante de campo do imperador vieram ao cáes Pharoux receber o corpo do velho franciscano, e acompanhal-o ao convento de Santo Antonio, onde se lhe deu jazigo na capella do claustro, junto áquella em que repousam os dois principaes imperiaes.

O provincial da ordem mandou embalsamar o cadaver do seu predecessor pelo processo de Ganal, e tirar-lhe o retrato para a serie dos provinciaes.

Como estava, havia muito, retirado do mundo, ninguem suppunha que ao funeral de um pobre frade concorresse tanta gente de todas as jerarchias. Foi, porém, dos mais solemnes. O conego Pinheiro, por parte do instituto historico, de que o fallecido era socio honorario, lhe recitou sobre a campa a oração funebre, e tambem o seu discipulo Porto Alegre, por parte dos que haviam sido alumnos de tal mestre, proferiu um saudoso discurso. Ambos estes discursos se imprimiram na *Revista do Instituto*; e juntamente um elogio feito pelo dr. Macedo; assim como um estudo sobre a oratoria de Monte Alverne, obra do dr. Magalhães, o auctor dos *Factos do Espirito Humano*, estudo que foi lido em sessão publica do instituto em 1859.

Da austeridade do seu caracter, ou antes, do seu genio fogoso, se contam muitos casos. Um dos mais fallados foi, que tendo o imperador D. Pedro I promettido o bispado de S. Paulo ao eloquente padre mestre Francisco de S. Paio, indo elle proprio ao convento dizel-o ao frade, nomeou depois outro bispo por empenho da marqueza de Santos, que podia tudo n'aquelle tempo. Indo depois o imperador ao convento, no dia de S. Francisco, como era costume, Sampaio saiu da sua cella a receber o monarcha, sem dar mostras de resentimento. Monte Alverne, vendo isto, chegou-se ao padre e disse-lhe em voz alta: « Onde vães? Lembra-te que és Sampaio, o grande Sampaio, e não desças do capitolio ás gemonias dos criminosos. Volta, Sampaio, volta para a companhia dos teus livros, que foram os que te ajudaram a ser grande. » E ambos voltaram para a cella sem fallar ao imperador.

Estando já cego, tentou reformar o convento; e para esse fim mandou vir de S. Paulo um fr. Santo Aleixo, padre de virtude, intelligencia e acção. Na vespera das novas eleições, os frades pregaram na porta da cella de Monte Alverne, uma lista, em que todas as dignidades do convento eram dadas a leigos, vindo entre elles o nome do reverendo cego. No dia da eleição, compareceu no capitulo o padre mestre Monte Alverne. Antes de começar o acto, tira elle da manga a lista-pasquim, e manda-a ler em voz alta. Depois, dando um murro na mesa, exclamou: « Isto e verdade, uma grande verdade. Estou e vivo entre leigos. Ah! meu Deus, querem acabar com o ultimo frade! » E retirou-se para nunca mais voltar a capitulo.

Apesar d'estes impetos, que tão mal betavam com a humildade do habito que vestia, no trato intimo era mui lhano, jovial, bom amigo, e de instructiva conversação.

As particularidades da vida d'este famoso prégador brasileiro, foram-nos referidas pelo seu discipulo e intimo amigo, o sr. Porto Alegre.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 194)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XII

ABOLETAMENTO CORTEZÃO

Francisco Antonio Herman era o braço direito de Junot. Acompanhára este funccionario o exercito com o encargo, previdentemente decretado pelo proprio Napoleão, de coadjuvar o general em tudo o que dissesse respeito á organisação e administração civil do reino.

Assim se manifestava a alta benevolencia e incomparavel sollicitude, com que a politica franceza, invadindo o paiz sob o pretexto amigavel de alliança e protecção, anticipadamente se propozera regel-o por sua conta, e exploral-o em seu proveito!

Tinha Herman os titulos de presidente do real erario, ministro das finanças e do interior; e com elles exercia tão elevadas funcções, que bem se justificava o alvoroço, quasi sobresalto, produzido na pequena roda do desembargador pelo annuncio da sua inesperada visita.

O dono da casa ergueu-se; o escrivão do senado enfiou; D. Maria consultou attonita D. Jeronimo, o seu oraculo; a mesma Ignezinha, pouco antes abatida, fitou na porta uns olhos, que a vivacidade curiosa subitamente resuscitára.

Porque? Vão lá sabel-o! Instinctos. Presentimentos.

Tinha o magistrado relações officiaes com o chefe administrativo da nova governança, como era inevitavel; encontrára-o tambem algumas vezes nas reuniões que ambos frequentavam; mas pela primeira vez o procurava aquelle em sua casa.

Era uma honra ou um perigo? Corriam taes os tempos, que de mais auctorisavam a duvida.

Provou o desembargador, n'um dissimulado suspiro, a sua occulta acquiescencia a este modo de pensar.

D'ahi a pouco entrou Herman. Era um homem de estatura meã, habil e astuto, de ordinario affavel, terrivel na cólera, insinuante quando queria; um d'aquelles filhos da revolução, que a propria audacia fizera aptos para tudo.

Herman foi direito a D. Maria e beijou-lhe a mão com afidalgàda galanteria, affectadamente resuscitada do ultimo *talon rouge*.

— Admira-a de certo a minha visita... um pouco intempestiva pelo que vejo — disse o ministro, sentando-se ao pé da dona da casa, e correndo com os olhos os poucos circunstantes.

D. Maria acudiu com a sua costumada presença de espirito e pratica do mundo:

— Intempestiva, porque? Estamos poucos para ter a honra de receber a v. ex.ª? Tanto melhor. Mais será o prazer de cada um.

— Amabilissima, na verdade. Mandarei dizer para França que as agudezas parisienses estão refugiadas em Lisboa.

— E certamente... Vieram na bagagem do exercito.

— Cada vez a melhor. Rendo as armas já, minha senhora... Em luctas d'estas não podéra eu sustentar o campo com tão discreta... digo com tão invencivel antagonista... Sr. D. Jeronimo, dizem lá no quartel-general que tem v. s.ª todo o ar de um dos nossos marquezes...

— Favores!

— Do tempo em que ainda havia marquezes... Não maravilha... Em tal eschola!...

— E disse que cedia o campo!...

— Cedo... á necessidade. Esta visita, desculpem-me v. s.ªs, não é a bem dizer uma visita. Venho tratar um negocio, e quasi não tenho tempo de tomar o sabor a tão aprazivel conversação.

O desembargador, como todos os homens de dois rostos, andava sempre inquieto, e inquietou-se ainda mais com este preambulo. O escrivão do senado reforçou a pallidez com uma tintura esverdeada.

Era o costume do meio vate na presença dos seus superiores. Lá tinha as suas razões!

— Um negocio! — ponderou D. Maria.

— Uma sollicitação, direi melhor — tornou Herman, cujos modos obsequiosos muita vez disfarçavam intimações imperiosas.

— Uma sollicitação de v. ex.ª é para nós uma ordem — acudiu o magistrado.

— A sollicitação... o desejo... é do general — proseguiu o ministro.

— Ah!

— Um official de quem faz muito caso foi gravemente ferido em Mafra...

— Por um rustico?

— Um energúmeno, fanatisado não se sabe por quem... Havemos de pôr tudo a limpo e enfrear de uma vez estes arrojos... O criminoso está já castigado, e quaesquer outros que se atrevam...

— Ouvimos o caso. Gente rude. Nem sabe o que faz.

— Ensina-se. O official, como dizia, pertence a uma familia illustre. A politica do imperador, nosso augusto amo, é attrahir a si os representantes da nobreza velha. Quer sua magestade unir todas as forças intelligentes e todos os nomes respeitados... Accusam-nos de destruir, e nós estamos edificando... Quem edifica nenhum material despreza.

— Para edificar bem.

— Para edificar com segurança.

— É precaução prudente.

— Importa congregar todos os elementos. Cada qual póde ser util por seu modo.

— Inegavelmente.

— Do passado tomámos tudo o que nos póde auxiliar. São adversarios que ficam de menos, e agentes que se multiplicam. Fundâmos uma ordem nova: para que seja duradoura convem fazer entrar n'ella as cóisas que podem alliar á influencia das tradições a actividade juvenil...

— As coisas e os homens.

— E os homens, justamente. O official ferido é um d'estes homens, comprehenderam-me v. s.ªs como logo esperei. Sua magestade recommendou-o em pessoa ao general governador. Seria de certo um grande desgosto para este, que um moço tão bem visto na corte imperial... Seu pae foi emigrado, mas voltando a França logo que providentes disposições lhe abriram as portas da patria, seguiu francamente o novo regimen... Sería para o general, dizia eu, um dissabor profundo que, tal moço, em tal situação, acabasse obscuramente n'um assalto de estrada.

— Está ainda em perigo?

— Não: está livre de perigo. Mas, para evitar até a possibilidade de outra occurrencia similhante, quer tel-o ao pé de si, e deseja que venha para Lisboa convalescer.

— Em que podêmos concorrer para a satisfação do desejo de s. ex.ª?

— Em tudo. Chegámos ao ponto essencial. O ferido carece ainda de grandes desvelos e muita tranquillidade. No quartel general é continuo o bulicio...

— Sería mal escolhido, de certo — observou rindo D. Jeronimo.

— Ahi verá — continuou Herman. — Pensou pois o general governador que uma casa recatada, pacifica, dirigida por uma dama discreta e amavel, onde o nosso doente podesse achar semblantes amigos, e carinhos de familia...

— Lhe convinha mais que nenhum outro alojamento — concluiu D. Maria com modo prazenteiro e de bom agouro, em quanto o desembargador e o seu antigo condiscipulo com este desfecho imprevisto respiravam das suas preoccupações.

— Isso é — redarguiu o ministro. — V. s.ªs que dizem?

— Que nos honra a preferencia — atalhou D. Maria.

— E que procuraremos corresponder á confiança — accrescentou o magistrado.

— Estimo achar tão favoraveis disposições. Tinham-me dito que os magistrados portuguezes... alguns pelo menos... não sei quaes... estavam na posse de certos privilegios, que os eximiam de aboletamentos e outros encargos...

— Existem com effeito esses privilegios...

— Quer dizer: existiram.

— Existiam; mas não para mim... e menos n'este caso — observou a tempo o desembargador — O protegido de sua magestade o imperador, o recommendado de s. ex.ª o general, não é n'esta casa um aboletado; é um hospede, é um amigo. Como tal o considerâmos... e o trataremos.

— Sou grato a tão extremada cortezia, e não deixarei de contar no quartel-general como foi acolhida a minha embaixada.

— Bastava o embaixador.

— O modo duplica o obsequio.

— Estou já morta por mostrar ao estimavel enfermo — proseguiu D. Maria no primeiro alvoroço — que em Portugal nem todos acolhem as pessoas da sua condição... como o rustico de Mafra.

— D'isso ficará elle brevemente certo.

— Quando o poderemos ver?

— Já, se v. s.as permittem.

— Já?

— Espera na minha carruagem o resultado da negociação.

— E tem-n'o feito esperar tanto!

— É uma barbaridade, não?

— É. Só lh'a perdôo em m'o apresentando.

— Então será immediatamente — disse Herman levantando-se. — A esta barbaridade chamo eu egoismo.

— Não o absolve a amabilidade.

— Ha de absolver-me o interessado... vendo tão justificada a demora.

— Vou mandal-o prevenir.

— Desejo prevenil-o e apresental-o eu mesmo.

O ministro saíu. D. Maria estava imprudentemente radiosa. A escolha expressa da sua casa para residencia e conforto de um official recommendado pelo imperador, presagiava-lhe risonhas esperanças, e era um attestado da sua superioridade no proprio conceito dos estrangeiros... e senhores.

O marido, menos temerario nos designios, meditava n'este intervallo. Via as coisas por outro aspecto, e estava resolvendo no seu espirito ir fazer uma visita ao ex-secretario d'estado Salter de Mendonça, homem pouco affeiçoado aos invasores, na qual visita contava habilmente introduzir uma philippica vehemente contra os tyrannos francezes, que lhe devassavam a casa, sem respeito aos foros da magistratura.

O digno funccionario sabía converter em sacrificios patrioticos as proprias finezas aos inimigos, e fazer acceitar por actos meritorios todas as complacencias.

Parece que este systema em todos os tempos auspiciou os homens d'aquella tempera. Hoje em dia os progressos da civilisação vão-n'os tornando predilectos da fortuna.

O escrivão do senado, cada vez mais expansivo, communicava a D. Jeronimo a sua admiração pelo ministro, em quanto este ia buscar o official á carruagem, que tão sem ceremonia chamára sua, posto ter sido poucos dias antes da casa real.

No meio d'estes diversos cuidados ninguem se lembrava já da morgadinha.

Fôra toda em francez a conversação. Ignez, portanto, não percebêra uma palavra, deplorando cada vez mais a sua ignorancia.

Observando a saída de Herman, pensára ella que este se retirava definitivamente. Qual não seria pois a sua admiração vendo-o tornar, logo depois, acompanhado de um esbelto mancebo na flor da edade, de porte marcial, de brilhante uniforme, e, para remate de seducção, ferido como um paladino, e descórado como os predestinados do fatalismo poetico!

— Aos bons officios de v. s.as — disse Herman a D. Maria e ao desembargador, apresentando o moço official — á sua sollicitude e amizade confio o sr. visconde Léon de Beaucigny, um valente official, um amigo de nós todos: não podia ficar em melhores mãos.

— Fica ao menos onde ha cordial vontade.

— Agora vou descançado. A convalescença ha de ser rapida.

— Não me louve v. ex.a antes de tempo.

— Porque?

— Porque receio começar logo por commetter uma infracção grave nos meus desvelos de dona de casa.

— Como assim!

— Tenho um convite para ámanhã...

— A bordo da nau? Em que póde o convite prejudicar a hospitalidade?

— Não váe o sr. visconde?

— De modo nenhum. Prohibição formal. O visconde por ora é propriedade da cirurgia.

— Já vê. Terei de o deixar só...

— O visconde não é uma donzella.

— Ou de recusar uma honra, a que na verdade, confesso, dava o maior apreço.

— Isso em nenhum caso. Que diria o capitão Magendie, se o privasse de um dos mais bellos ornamentos da sua festa? Não m'o perdoava.

O visconde não dissera ainda palavra. Estava fraco ainda, e visivelmente o abalo da carruagem incommodára-o em extremo.

Não era elle todavia homem que deixasse de aproveitar a opportunidade que lhe offerecia a conversação para tomar n'ella a parte directa, que a sua situação n'aquella casa estava indispensavelmente pedindo, sob pena de parecer idiota ou grosseiro, defeitos de que estava bem longe.

— Peço desculpa, minha sr.a — disse — preciso sobre tudo descanço. Se presumisse que era causa aqui do menor transtorno, supplicaria immediatamente ao general que me destinasse outro quartel... fosse onde fosse... posto que deseje conservar a vida para os dias de batalha, e de certo em nenhuma parte a restaurasse melhor. Occuparei n'esta casa o menor logar possivel, e não sendo assim...

— Será — acudiu promptamente D. Maria, vendo o esforço com que o mancebo fallava, e a bem dizer se sustinha.

Estava ella encantada com estas excellentes maneiras, em boa verdade não muito vulgares no geral dos officiaes que se tinham aboletado ou hospedado nas melhores casas, e, satisfeita do encargo, continuou, requintando a amabilidade:

— Será como deseja o sr. visconde, e para lhe provar que em nada nos constrange, tomarei a liberdade de lhe dizer... que o seu quarto está prompto.

— Já? — ponderou Herman.

— Estamos sempre prevenidos — tornou D. Maria, com o legitimo orgulho de dona de casa providente.

— É exercer a hospitalidade ao modo antigo. Será com effeito prudente, visconde, — continuou o ministro para o official. — Eu não posso tambem demorar-me: esperam-me a esta hora no largo do Quintella.

Herman retirou-se quasi immediatamente. O visconde apressou os agradecimentos e recolheu-se como tanto precisava.

A morgadinha, calada no seu canto e esquecida de todos, seguiu-o avidamente com olhos como attrahida de uma força incontrastavel.

Era aquella, em fim, a manifestação visivel do seu typo imaginario. Tinha este todos os predicados dos heroes aventurosos, bizarria natural, formosura, a elegancia e a audacia viril, que a passageira prostração mais realçava do que encobria... e com tudo isto, o interesse que inspira a piedade.

O festejo perdido do dia seguinte, as revindictas da prima, os seus desejos e mortificações, até as memorias do solar, tudo desappareceu no mesmo instante aos olhos da pobre Ignez, enleiada e absorta!

MENDES LEAL JUNIOR

O CALDEIREIRO

São quasi tão varios como as linguas os usos e costumes das nações. E d'aqui vem o simile do nosso proverbio « cada terra com seu uso, e cada roca com seu fuso. »

Se não fôra isto, o mundo vivo sería tão desmatizado como a charneca, e tão monótono como a cigarra.

Os pintores de costumes, tanto os de pincel como os de penna, tem assaz explorado a mina dos typos populares. Os nossos, acaso por ficarem a um canto do mundo, são os menos conhecidos. Pois não temos poucos bem exoticos!

Um d'elles, e antiquissimo, é o caldeireiro ambulante, que, sem deitar pregão, se annuncia aos freguezes por um repique de martello n'um varão de ferro que traz ao hombro. Este som toma o povo como annuncio de mau tempo, pois crê que a apparição de um caldeireiro é signal de chuva. Logo veremos em que se póde fundar este prognostico de lunario perpetuo.

De todos os officios, só tres, que nós saibamos, se costumaram entre nós exercer por casas particulares. O rachador, o amolador, o caldeireiro.

Fallemos de cada um d'elles.

O rachador divagava pelas ruas com o machado e o maço ás costas, levando nas mãos as cunhas de ferro, com as quaes batia em som de castanholas, para dar signal, de que ia passando, aos que necessitavam do seu officio. Este já não é dos nossos tempos, porque generalisando-se o uso do carvão, e ao mesmo tempo vendendo as tendas a lenha em achas, escusou-se o rachador, que se recolheu ás estancias e carvoarias. Ainda n'uma estatistica dos officios e misteres que havia na cidade de Lisboa em 1552, inédita, se mencionam 25 *fendedores de lenha*, que andavam pelas ruas.



O caldeireiro (typo nacional) — Desenho original de Nogueira da Silva

Hoje vão já desapparecendo as achas que as tendas costumavam ter á porta, muito á mão de semear... bordoada, porque não poucas sovas se davam d'antes com ellas, e tão affeiçoadas pareciam para este effeito, que se tornou proloquial dizer para despique « isto só com uma acha de lenha! » Vieram as *bolas* de cisco expulsar as achas das fornalhas, e o *coke* do carvão de pedra váe-as substituindo já rapidamente. Tudo passa e se muda n'este mundo vario.

O amolador, com o seu rebolo ás costas, gira, não calado como o caldeireiro, mas lançando o pregão de « amola facas e tesoiras. » Este officio ambulante é o que parece ter ainda largo futuro, porque o uso de *cortar* não acabará nunca.

O caldeireiro, talvez o mais antigo de todos tres, ainda subsiste, mas não já como era d'antes.

O homem não vive sem comer; o comer faz-se ao lume (entre gente não selvagem), e ao lume põe-se a panella, que outr'ora se chamava caldeira.

Os ricos-homens, isto é, os fidalgos poderosos das Hespanhas, e os dos primeiros seculos da nossa monarchia, traziam por insignia nas suas bandeiras uma caldeira, para denotar que davam sustento aos vassallos com quem eram obrigados a servir o rei, nas guerras continuas d'aquelle tempo. Eram por isto chamados senhores de *pendão e caldeira*, porque assim como pela bandeira ou pendão tinham poder de alistar os seus vassallos, pela caldeira lhes davam a segurança de que os haviam de alimentar. E era isto uma especie de contrato bilateral feito entre o rei que dava as terras, e os ricos-homens que lhe punham para alli os soldados para elle conquistar mais, e não deixar parente pobre a nenhum dos seus cabos de guerra. Cifrava-se n'este pacto a lei do recrutamento n'aquelles tempos. E não cuidem que se fazia sem formalidade, que era a seguinte:

Sentavam-se, em publico e raso, de um lado o rei, na Hespanha, e do outro o machucho que ia ser feito rico-homem. Mas não era para ser rico sem trabalhar, como os fidalgotes de hoje. Traziam os vassallos uma caldeira cheia de vinho, com tres sopas dentro. Mettia o rei a mão na caldeira, tirava uma sopa, e dizia: Tomae, conde. Váe o conde comia a sopa. Depois mettia tambem este a mão na caldeira, tirava outra sopa e dizia: Tomae, rei. O rei tambem sopeteava. Não conta a historia se lhe bebiam o vinho em cima, para não ficarem embuchados, mas cremos que sim. A terceira sopa guardava-se para reliquia.

Aqui está a origem dos senhores de pendão e caldeira, muitos dos quaes eram tambem senhores de baraço e cutello, nada menos! Advertimos que ha tambem outras origens mais certas, porém esta quadra-nos agora para mostrar que tambem houve caldeireiros fidalgos e ricos.

Voltando-nos agora para o pobre caldeireiro que desenha a nossa estampa, vemos que traz por pendão, ás costas, uma broca, instrumento com que anda a furar a vida. Não já como d'antes, a estanhar caldeiras e caçoilas, a remendar tachos e caçarolas de cobre, porque a folha e o zinco invadiram as cozinhas, que até estes nos vão levando os cobres pela barra fóra!

D'antes é que o officio de caldeireiro era de truz. Tinha arruamento seu, chamado a caldeiraria, e havia-os para o cobre e para o arame. Tambem este váe desapparecendo, e se estamos por arames, os caldeireiros não dizem isso de nós, d'elles sim!

Mas se não ha já loiça de cobre, que fazem por ahi os caldeireiros ambulantes com o seu martellinho a prognosticar chuva?

Tem agora outro officio. Deitam gatos.

Desde o pires até ao alguidar, a broca do caldeireiro abre furo para metter as unhas do gato metallico, e fazer de uns poucos de cacos uma peça inteira, e á prova da queda mais desastrada.

Hoje, sem metter prego nem estopa, como d'antes fazia para trabalhar em cobre ou arame, o caldeireiro ambulante subsiste, ainda que parcamente, e dentro em pouco, com a transformação do officio, mudará de nome e se chamará gateiro.

VIAGENS AO MAR GLACIAL ARCTICO

(Vid. pag. 232)

III

«De mantimentos encontrámos sómente 18 kilogrammas de chocolate, porém este alimento não basta para nutrição do homem no clima polar; nem sequer uma fibra de carne, ou uma migalha de biscoito achámos. Tambem nenhum indicio de que no barco houvesse provisão de combustivel, mas em caso de absoluta necessidade, a guarnição podia queimar alguns remos, ou o tronco do abeto que, segundo dissemos, estava a cem passos d'alli.

Na pôpa descobrimos 25 talheres de prata, oito dos quaes tinham o escudo de Sir John Franklin. Os outros, segundo se reconhecia pelas firmas, pertenciam cinco aos officiaes do *Erebo* e tres aos do *Terror*. Sem duvida que no momento da partida, com o fim de conservar a prata do estado maior, a tinham distribuido entre a guarnição para seu uso pessoal. Fazemos esta conjectura por não termos encontrado nenhum dos talheres de ferro de que ordinariamente se servem os nossos marinheiros.

Como se explica porém que n'uma embarcação capaz de conter vinte a trinta homens hajam ficado só dois? Nenhum esqueleto mais appareceu nas proximidades. Nenhuma cova em que os sepultassem; e tambem se deve considerar, que sendo os navios abandonados no mez de abril, a tarefa de abrir covas na terra, toda gelada n'aquella estação, fôra quasi impossivel ás forças extenuadas dos infelizes naufragos.

Como se explicará, sobre tudo, a circunstancia de estar a prôa do barco voltada para o nordeste, como se seguisse a direcção retrogada, isto é, a mesma que nós levavamos então? Desde o ponto em que estava o trenó até aos navios apenas havia a distancia de 65 milhas, ao passo que até á ilha de Montreal, havia 150.

Outra addição marginal denotava que o documento depositado na pyramide que marca o limite de Ross (cabo Victoria), fôra conduzido a outro ponto distante 7 milhas ao N, onde o havia deixado primeiramente o fallecido tenente Gore. Do que se deduz que este official tinha morrido no intervallo dos onze mezes decorridos desde a sua exploração. Os navios abastecidos unicamente para tres annos, saíram de Inglaterra no mez de maio de 1845, e a costa N. O. da ilha do rei Guilherme carece inteiramente de caça e pesca, razão por que nunca a visitam os esquimaes.

Que triste espectaculo não devêra ser o da tripulação d'aquelle navio, durante o terceiro inverno, encerrados pelo gêlo, sem meio de salvação, depois de terem conseguido internar-se até 30 legoas distante da costa continental, por montes de gêlo de algumas milhas de extensão, unico obstaculo que separava então os estreitos descobertos por Parry, do litoral americano, banhado por um mar navegavel todos os verões!»

Seguindo para o cabo Victoria, onde Hobson annunciára ter visto alguns objectos junto ao monumento de Ross, Clintock examinou todos os despojos que alli estavam amontoados, mas nem nas algibeiras nem pelas marcas das roupas pôde achar indicio de seus donos. Apenas os cantis tinham os numeros dos soldados da marinha a que pertenciam. Com o fato estavam misturados muitos objectos de usos differentes, desde os instrumentos de physica até aos utensilios de cozinha, e uma caixa de medicamentos com vinte e quatro vidros intactos.

Tal é, em resumo, o longo diario da navegação de Clintock, que teve a fortuna e a gloria de conseguir o que se havia baldado por tantas vezes, em tantas expedições, e com tanto dispendio do erario inglez e do bolso de muitos particulares.

Concluida assim a sua arriscada commissão, Clintock preparou o seu navio, para regressar a Inglaterra, e a 20 de setembro de 1859, dois annos justos depois da sua partida para o norte da America, estava em Portsmouth, dirigindo-se logo para Londres com as reliquias que elle colligiu da infausta expedição de Franklin, as quaes obtiveram um honroso logar no museu da marinha, e toda a sua tripulação a medalha arctica, expressamente cunhada pelo governo britannico para condecorar os maritimos que se aventuram a tal navegação.

Além de ter alcançado este desiderando, diz-se que o capitão Clintock fez um grande achado geographico. Antes d'esta sua viagem era problematica a existencia do estreito que ha entre a ilha do principe de Galles e a da Victoria; mas agora julga-se fóra de dúvida, depois do reconhecimento de toda a costa meridional da primeira d'estas ilhas, desde a entrada de Peel até á bahia Ommeney, feita pelo segundo commandante do *Fox*, o tenente Allen Young, que deu a este canal o nome de Clintock.

Á cêrca da existencia da passagem navegavel, ha tanto tempo buscada, ao norte do continente ame-

ricano, exprime-se o capitão Clintock n'estes positivos termos:

«Virá tempo em que algum navegante ousado, aproveitando-se das noticias que nos deixou Franklin, primeiramente, e depois d'elle Rae, Collinson, e agora Clintock, possa fazer passar o seu navio do mar de Baffin ao estreito de Behring.

«Como quer que seja, a verdadeira passagem do N. O. da America é já conhecida, e a Franklin pertence a gloria de tão importante descobrimento.»

Temos razões, ou antes factos, para duvidar de tantos descobrimentos.

Em quanto nos lembrar que Hudson, em 1710, se deu por descobridor do estreito a que poz o seu nome, quando o portuguez João Freire, em 1456, nota na sua carta, ainda inédita, as explorações por elle feitas nas costas orientaes da America do norte até 72° de latitude boreal, isto é, nos altos parellos da bahia de Baffin, não jurâmos nunca nas palavras d'estes usurpadores dos trabalhos alheios.

Agora que sabemos onde succumbiu este ousado navegante, digamos alguma coisa dos seus dois collegas, os almirantes sir Edward Parry e sir John Ross, que não só acompanharam Franklin n'algumas das suas expedições, mas contribuiram muito para que se descobrisse e averiguasse o seu destino.

Parry, mui perito nas sciencias mathematicas, tinha já corrigido algumas cartas maritimas, quando partiu para o mar Glacial, a fim de proteger o snavios balieiros, penetrando em 1811 até 76 gráos de latitude norte. Desde esta primeira viagem ás terras arcticas, estabeleceu elle as regras para determinar a altura do polo pela observação das estrellas fixas.

De volta a Inglaterra, foi encarregado de acompanhar, a bordo do *Alexander*, o capitão João Ross (1818). Desde então dedicou-se exclusivamente á sciencia, effectuou, no espaço de dez annos, quatro expedições aos mares polares, cujos resultados foram importantissimos. Em 1819 chegou até 110 gráos de longitude O., tentativa audaciosa, que foi recompensada com o premio de mil libras pelo governo. A segunda viagem (1821-1823), a mais fertil em descobrimentos, e para a qual lhe foi necessario muita energia e arte para conservar á tripulação a saude e o animo, foi effectuada com os navios *Hecla* e *Fury*; teve em resultado a determinação da ilhota Melville, entre a bahia de Hudson e o estreito do Principe Regente. A terceira (1825) apenas durou um anno, sendo empregado em percorrer o espaço septentrional entre o cabo do Gelo e Mackenzie. Durante a expedição que fez por terra, que foi a ultima (1826), penetrou muito além dos lagos arcticos, até 84 gráos de latitude norte.

Por estes serviços, foi Eduardo Parry nomeado cavalleiro vitalicio em 1829, conferindo-lhe depois o almirantado o logar de engenheiro hydrographo, e ultimamente, o de director do serviço dos barcos de vapor. De 1829 a 1832 foi delegado, pela companhia agricola da Australia, a Port-Stephens, para ali dirigir os trabalhos de irrigação e cultura. Elevado em 1852 ao posto de vice-almirante, foi no anno seguinte nomeado sub-director do hospital de marinha em Greenwich.

Ha, d'este viajante, o relatorio de todos os seus descobrimentos, que tem por titulo: *Quatro expedições ao polo norte*. Londres 1853. 5 vol. in-8.

Eduardo Parry falleceu na Allemanha, em 1855.

Ross associou-se á expedição de Parry em 1818, com o fim de irem ambos explorar a bahia de Baffin, e descobrir uma passagem navegavel atravez dos mares polares. Os resultados d'esta viagem foram consignados por elle, n'um extenso relatorio que imprimiu em Londres no anno de 1819.

Recusando o governo fazer a despeza de nova tentativa nos termos propostos por este official, elle e seu amigo Booth equiparam á sua custa o vapor *Victoria*, que largando do Tamisa em maio de 1829, só regressou a Londres em outubro de 1833. Quatro invernos consecutivos passou Ross no meio dos gelos, padecendo tormentos e perigos horrorosos. N'esta segunda viagem descobriu elle que o chamado estreito do Principe Regente era fechado; e que o pontal nordeste da America termina em uma peninsula annexa ao continente pelo isthmo que elle denominou Boothia, em honra do seu amigo Booth, a 70 gráos de latitude.

Esta laboriosa expedição lhe grangeou muita fama e muitas honras. Recebeu condecorações da França, da Russia, da Suecia, da Prussia, da Belgica; medalhas de oiro das sociedades geographicas de Londres, Paris, Vienna, Copenhague; uma espada de honra, e o direito de cidade em muitas da Gram-Bretanha.

Quando começaram os receios de que Franklin se tivesse perdido nos gelos polares, Ross foi dos primeiros que se dispoz a ir procural-o, emprehendendo esta perigosa viagem aos 63 annos de edade, e em navio fretado á sua custa. Voltando sem ter conseguido noticia alguma, offereceu o soldo e pensões que recebia do estado para se fazerem novas investigações. O governo recompensou esta dedicação de Ross, nomeando-o vice-almirante em 1851. Pouco depois foi reformado, e falleceu em 1856, tendo perto de 80 annos.

Das suas viagens ao polo temos todas as relações, sendo a ultima de 1855, com o titulo de: *Sir J. Franklin*.

MARINHA DO TEJO

I

Começâmos hoje a publicar a serie dos barcos de transporte que navegam no Tejo, desde o catraio até á fragata, desenhados do natural, com toda a exacção, pelo sr. Pedroso, e por elle mesmo gravados.

É mui variada, no casco e no apparelho, esta serie de embarcações, a que chamaremos «marinha do Tejo», se é que lhe não deviamos antes chamar marinha pequena, já que não temos marinha grande...

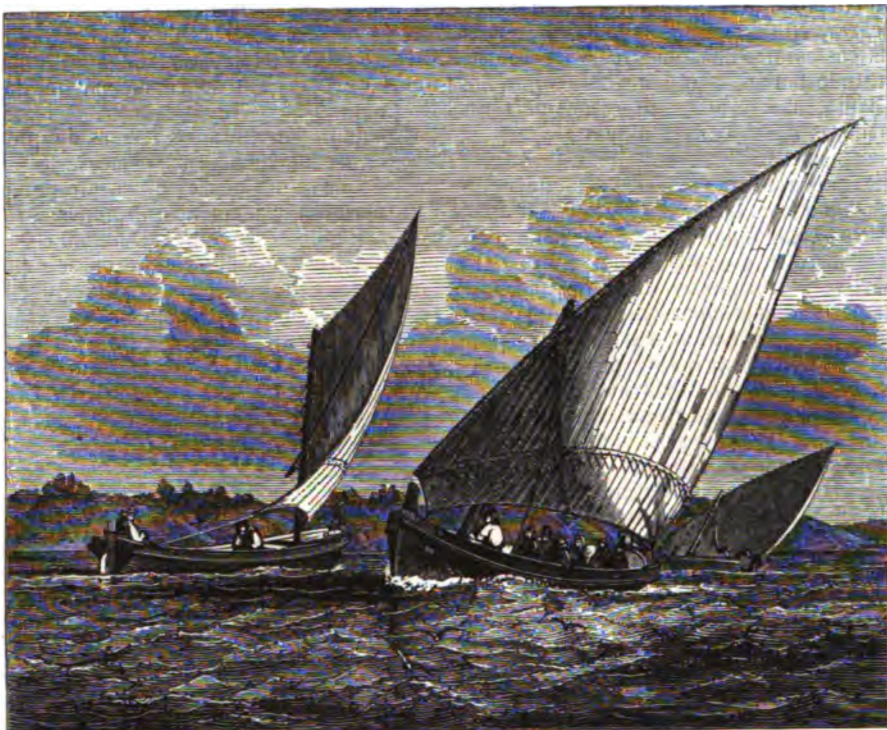
Não affiançâmos, porém, que a nomenclatura de taes embarcações sáia rigorosa, porque, se o lapis do nosso artista conseguiu reproduzir a fórma e velame de todos estes barquinhos do Tejo, outro tanto não podêmos nós conseguir quanto á denominação e origem de alguns d'elles.

Começando pelos catraios, que são os mais pequenos, e d'onde nós chamâmos geralmente catraeiros aos barqueiros, vemos que esta denominação não é muito antiga, porque não vem similhante vocabulo nos nossos bons auctores maritimos, sendo tão copiosa a lingua portugueza em termos nauticos. O alvará do tempo do marquez de Pombal (1765), que abaixo transcreveremos, diz que os *catraios* se tinham introduzido por aquelle tempo, e em tal quantidade, que por serem mui pequenos, e governados por gente ignorante, succediam muitas desgraças e avarias no Tejo, pelo que foram mandados queimar por ordem do marquez de Pombal, determinando-se qual havia de ser a lotação dos botes que, em logar dos catraios, se podiam construir.

Eis o que dizia o alvará:

«Eu el-rei faço saber aos que este alvará virem, que sendo-me presentes em consulta do senado da camara os graves inconvenientes, que resultam do uso das pequenas embarcações chamadas botes, ou

catraios, que de tempos a esta parte se tem introduzido para os transportes que se fazem no Tejo; tendo causado por uma parte frequentes perigos ás vidas das pessoas que n'ellas se transportam; não só pela pouca segurança das mesmas embarcações, mas tambem pela ignorancia das pessoas que as governam. E pela outra parte destinando-se como mais proprias para as clandestinas conducções, e descaminhos das fazendas de contrabandos. Para cessarem de uma vez os referidos inconvenientes, sou servido prohibir, da publicação d'este em diante, o uso das referidas embarcações pequenas, permittindo sómente o d'aquellas que são necessarias para o serviço dos navios: e mando, que todas as que ficam exceptuadas, em transgressão do disposto n'este alvará, sejam logo aprehendidas, e queimadas por ordem do senado da camara da cidade de Lisboa nas praias a ellas adjacentes: e que os proprietarios das mesmas embarcações incorram, além da pena do perdimento d'ellas, na de seis mil réis applicados para as despezas do mesmo senado, e na de prisão por espaço de vinte dias pela primeira vez; aggravando-se-lhes em dobro, tresdobro, e mais á proporção das relacías, as referidas penas nos casos de reincidencia. Sou servido outro sim determinar, que as embarcações, que se occuparem nos transportes que se fazem de



Catraio e bote cacilheiro

Lisboa para Belem, e mais portos da sua visinhança, sejam construidas na conformidade das fôrmas e medidas, que vão declaradas no papel que baixa com este, assignado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e dominios ultramarinos. »

As medidas a que se refere este alvará são as seguintes:

« Devem as mais pequenas embarcações d'estes transportes ter de bocca, ao menos, 7 pés. De comprimento de roda a roda, ao menos 28 pés. A pôpa será larga como de falua. O rodo da fôrma será bem redondo á proporção da bocca para poder aguentar.

« E não poderá trazer qualquer d'estas embarcações mais que uma vela e um mulètim. »

Em cumprimento d'este alvará, o senado publicou um edital, para que todos os botes ou catraios, incursos na queima ordenada pelo alvará, se juntassem na praia de Santos, sobre graves penas. Ahi se lhes lançou fogo a todos, o qual durou por muitos dias.

Os botes que de novo se construiram, segundo as medidas indicadas, ficaram-se chamando *catraios*, tem uma só vela, e dois remos. Vêde-o na estampa, que lá vem elle pela proa de um bote *cacilheiro*, do qual para o seguinte artigo se dará noticia.

Com a obsequiosa coadjuvação da capitania do porto, e da repartição do imposto municipal denominado « tragamalho », esperâmos poder esboçar uma historia curiosa de tantas embarcaçõesinhas, quasi todas mui veleiras e airosas.

CHARADA

Proezas faço qual guerreiro ardente,
Auxilio á Providencia dá meu zelo;
Como a luz dos progressos vou na frente, } 1
Como Deus, em prodigios me revelo.

Prendado com taes dons, sonho a victoria,
Cavalgo o meu corcel, que fere a terra, } 2
Marcho á conquista pela mão da gloria,
E os feros esquadrões conduzo á guerra.

Cidades e vergeis, e longas plagas
Abraça o meu poder doce e temido; } 2
Mas, chego ao mar, sossobro-lhe nas vagas,
E apenas o toquei fiquei perdido.

Surjo d'elle, porém; d'entre os horrores,
Mais ousado e soberbo aos ceos aponto,
Desprézo impávido os seus vãos furores
As procellas provoco, e o raio affronto.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



A cidade de Niza ou Niça.

Menina e moça me levaram de casa
de meus pães para longes terras.

SAUDADES DE BERNARDIM RIBEIRO

Esta linda cidade dos estados sardos passou, este anno, para o dominio da França, pelo tratado de 24 de março. E por decreto imperial de 27 de junho foi elevada á categoria de capital do novo departamento dos Alpes-Maritimos.

Isto sabem-no todos pela leitura dos periodicos; mas o que muitos ignoram é que Niza foi a *longe terra* para onde, *menina e moça* (16 annos) *levaram de casa de seus paes* a esbelta e formosa infanta D. Beatriz, filha do poderosissimo rei D. Manuel, e segundo a tradição immemorial, requestada do mavioso poeta Bernardim Ribeiro, o apaixonado cantor das *Saudades*.

Com quanto a historia escripta seja muda a respeito d'esta paixão do poeta, pela graciosa infantinha D. Beatriz, a tradição nunca foi interrompida, e sobre ella se fundou o *Auto de Gil Vicente*, drama com que Almeida Garrett abriu a epocha do renascimento do nosso theatro.

O profundo sabedor de antiguidades nacionaes, o sr. Alexandre Herculano, inclina-se a crer que a tradição tem fundamento, e para dar peso ás suas conjecturas, já elle exhibiu o extracto de um codice do seculo XVI, existente na bibliotheca del-rei, escripto naturalmente por algum dos que foram na armada que levou a infanta a Saboya, o qual completa a noticia que nos deixou Garcia de Resende, do embarque da princeza, até sair a barra de Lisboa sómente.

Eis como esse tal, depois de referir que el-rei D. Manuel, para conduzir a noiva sua filha a Saboya, ordenára uma mui boa armada de naus, galeões, caravelas e galés, com muitos fidalgos honrados, e mui luzidos de muitos collares e chaparias, conta o desembarque da infanta no porto de Villafranca de Niza:

«E um domingo e á segunda feira, dia de Nossa Senhora das Neves do anno de 1521, fizeram mostra muitos fidalgos; e a infante, duqueza de Saboya, embarcou esse dia, que eram 5 de agosto, na nau Santa Catharina do Monte Synai, nau de 700 toneis, muito formosa, e dentro, todas as camaras da infante pintadas de oiro, e forradas de bordos. El-rei e a rainha a acompanharam ate dentro da nau, e a infante D. Isabel, sua irmã, ficou aquella noite com ella, e dormiu. Ao outro dia foi lá el-rei e a rainha, e deram sarau, e trouxeram comsigo a infante D. Isabel, despedindo-se todos da infante D. Beatriz, que não foram poucas as lagrimas dos despedimentos. Ao outro dia, que era quarta feira, partiu do porto de Lisboa com esta frota, a saber: a nau Santa Catharina, capitaina, e o conde de Villa Nova por guarda da infante, e capitão mór da frota. O arcebispo de Lisboa na nau Victoria Nova, de 700 toneis. E 11 naus outras de 400, 200 e 150 toneis. E 3 galeões de 150 toneis. E 12 caravellas veleiras. E 4 galés e 2 bargantins. E 200 homens, com muita artilheria, armas, e instrumentos de folgar. Assim

correram o mar; e a um domingo, dia de S. Miguel de setembro do anno de 521 chegaram a Villafranca de Niça, porto do duque de Saboya, á uma hora depois do meio dia. E assim das naus como da villa se fez grão festa de artilheria. E o duque mandou pedir á infante que não dormisse na nau; e ella se escusou de sair por aquella noite; e vendo o duque sua escusa, foi lá em pessoa com alguns gentishomens, e lhe pediu que em toda a maneira saísse. Ella o fez por conselho do conde, contra sua vontade e de todos; e saiu com tochas, onde achou doze facas guarnecidas, para si e para as damas, e alguns chibaos [1] para os fidalgos, porque d'alli a Niça, onde era a povoação, pelo rio acima, era meia legoa; e ahi foram ter. E a duqueza de Namuns *(Nemours)* irmã do duque e mãe del-rei de França, que ahi estava, saiu fóra ao terreiro das casas, onde o duque pousava, a recebel-a, e ahi se fizeram grande ceremonia e cortezia. E d'alli foi com a infante para dentro, e assim a rainha por hospeda, aquella noite.

«Ao outro dia pela manhã foram ouvir missa a um mosteiro de S. Domingos, pegado com as casas; e um cardeal, que ahi era, disse missa e os benzeu.»

O retrato que o auctor faz do noivo, Carlos III de Saboya, é curioso. Eil-o:

«O duque é homem pequeno de corpo, e alvo; de rosto comprido, e feio de todo. Tem um hombro mais alto que o outro, e é um pouco azumbado [2], e as pernas delgadas, e muito prudente. A este casamento eram vindos um cardeal e tres bispos, e um marquez, e tres condes, e logo se tornaram. Em Niça estiveram 8 dias, nos quaes alguns justaram, e o duque deu banquete aos portuguezes; e a cabo dos 8 dias partiu com a infante para Piemonte, e á partida a infante se achou só em uma faca, com dois moços de estribeira; e como ia de cá costumada de andar de outra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer senão tornar-se ás lagrimas, porque a mór parte dos portuguezes eram já embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir a quizeram acompanhar, não o consentiram, que assim lhes era ordenado do duque. E ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes pozeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem ávante. As damas iam em chibaos de aluguer, com varas nas mãos, sem nenhuma companhia de homem, caíndo a cada passo por seguir a infante, pranteando e chorando sua orphandade, e a pouca honra e gasalhado que dos saboyanos recebiam; e dizendo d'elle (duque) muitas pragas, e a pouca honra e gasalhado com que as tratava.

«A armada partiu de Villafranca para Portugal, e vindo da costa de Granada, adoeceu o arcebispo de Lisboa, e se deixou ficar em Gibraltar, onde falleceu; e toda a frota chegou a Lisboa a salvamento a 5 de dezembro de 1521.»

Por boa inducção se attribuem estes maus modos do duque de Saboya, para com os cavalleiros portuguezes, a desconfiar o homem que entre elles fosse Bernardim Ribeiro, que era moço fidalgo, commendador da ordem de Christo, e capitão-mór das armadas da India. O sr. de Vallaison, confidente e embaixador do duque em Lisboa, para tratar d'este casamento, naturalmente lhe tinha mandado dizer que havia por cá moiro na costa, visto que a paixão de Bernardim Ribeiro não era muito encoberta, segundo dá a entender Manuel de Faria e Sousa.

O certo é que este casamento foi muito do desagrado dos portuguezes; e tanto que Damião de Goes na «Chronica del-rei D. Manuel» diz: «No tempo em que se fez este casamento da infanta D. Beatriz com D. Carlos duque de Saboya, e ainda n'este presente (1567, 46 annos depois do consorcio da infanta) ha ahi muitas pessoas que dizem que o duque, nem em geração, nem em estado, tinha calidades para que lhe houvesse el-rei D. Emmanuel de dar sua filha por sua mulher, posto que fosse segunda.»

Foi para tapar a bocca ao mundo, que este chronista, que era grande genealogico, abriu um capitulo especial na chronica del-rei D. Manuel para estender a genealogia da casa de Saboya, mostrando que era mui digna de se entroncar com a de Portugal por sua nobreza antiga.

Não convencem as razões de Damião de Goes, porque D. Manuel, que era n'aquella epocha o mais poderoso rei do mundo, podia casar sua filha com o maior rei da Europa, que todos elles desejavam a sua alliança; e tanto que a mais velha de suas filhas casou com o imperador Carlos V.

Porque foi pois casar D. Beatriz, ainda tão moça, pois tinha pouco mais de 16 annos, com um duque, embora reinante, de um estado mesquinho, e homem repugnante, segundo nos diz o codice que acima apontámos, sendo D. Beatriz ***a mais formosa princeza que se podia dizer***, como affirma o citado auctor coevo?

Não será mais procedente suppor-se que a infanta correspondia ao amor do poeta, e que o rei, para atalhar o crescimento da paixão, se apressára a casal-a com o saboyano?

Que a gentil princeza casára contra sua vontade, dizem-no as lagrimas que vertêra desembarcando em Niza, vendo o marido que lhe tinham destinado; os dissabores que passou por haver aconselhado ao duque seu esposo a alliança com o imperador Carlos V contra Francisco I de França; e ter morrido muito moça, com 34 annos (no de 1538), na mesma cidade de Niza, onde desembarcára, e jaz sepultada, segundo nos dizem, porque não encontrâmos memoria d'isso.

Dêmos agora uma breve noticia d'esta cidade, representada na estampa que tem reproduzido todos os jornaes pittorescos da França, festejando a sua annexação ao imperio.

A Nizza italiana, Nice dos francezes, Niza ou Niça em portuguez, foi desde tempos immemoriaes um condado da casa de Saboya, soberana do Piemonte. Foi tomada em 1744 pelos exercitos alliados de França e Hespanha, mas pouco depois restituida ao rei da Sardenha. Bonaparte conquistou-a em 1792, mas a França restituiu-a ao Piemonte pelo tratado de Vienna depois da paz geral. Ultimamente Victor Manuel a cedeu á França, em consequencia dos ajustes da paz de Villafranca, cujas consequencias ainda se não sabe até onde irão...

Niza tem uns 120 kilometros de comprimento, e 90 de largura. Está recostada aos Alpes nas costas do Mediterraneo, cujas brisas a refrescam. A temperatura, até nos mezes de inverno, é deliciosa, por isso alli concorrem muito os estrangeiros que padecem do peito, como á nossa ilha da Madeira; principalmente os russos e os inglezes, que avultam mais em Niza que os italianos e francezes. Chamam-lhe a Italia em miniatura, não só pela doçura do seu clima, mas porque possue todas as maravilhas da vegetação, em flores e fructos. Tem um excellente porto de mar, Villafranca, em cuja bahia ha sempre muitas embarcações estrangeiras.

Se deve muito á natureza, Niza deve pouco á arte. Conserva ainda as ruinas de um castello da edade media, cujas muralhas resistiram á rapacidade de Barbarróxa. Edificios notaveis tem apenas a cathedral, o palacio do governo, a bibliotheca publica, e o arco de triumpho levantado em honra de Victor Amadeo III.

[1] Chimbéos, sendeiros, rocins mancos.
[2] Corcovado.

Reside n'esta cidade, com grande estado, a viuva do imperador Nicolau, e mãe do actual autocrata da Russia, a qual padece ha vinte annos um tremor nervoso, e tem melhorado n'este clima. Affonso Karr, o celebre folhetinista francez, tambem alli habita ha tempo, feito jardineiro e hortelão, sem comtudo haver abandonado a penna pelo sacho. Tem restaurado a horticultura e a jardinagem, que achou atrazadissimas em Niza, expondo á venda os productos das suas terras, n'um armazem a cuja porta poz este exotico letreiro: ***Alphonse Karr, jardinier.***

Em Niza nasceu o heroe do dia, o dictador Garibaldi, cuja dissidencia com o rei da Sardenha provém d'este lhe ter entregado a patria ao dominio francez.

A casa em que n'esta cidade costumava residir Garibaldi, foi comprada, ha pouco tempo, pelo conde Vigier, marido da celebre cantora italiana Cruvelli, pela avultada quantia de 30:000$000 rs.

Felizes os senhorios que tem taes inquilinos!

Por ultimo notaremos aqui uma circunstancia que nunca vimos ponderada. O cognome de Manuel que tem o actual fautor da independencia da Italia, o rei da Sardenha, provém-lhe do casamento da infanta D. Beatriz filha del-rei D. Manuel, com o duque Carlos de Saboya, avô de Victor Manuel.

Percorrendo nós a serie dos duques de Saboya, e reis do Piemonte, só depois de tal consorcio é que lhes encontrâmos este cognome.

Foi para perpetuar o parentesco glorioso que a casa de Saboya havia contrahido com o famoso monarcha portuguez, que elles adoptaram este cognome.

Victor Manuel, hoje imperante de quasi toda a Italia, é neto do antigo senhor da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, da Arabia, da Persia, da India e da America, D. Manuel rei de Portugal.

Nenhuma sciencia ha melhor, que aquella pela qual o homem se conhece a si proprio. Que te aproveitam as coisas que escreveste, lêste ou entendeste, se te não leres e entenderes a ti mesmo?

O FURÃO E O TOURÃO

O coelho, com ser um animalsinho mui timido, domesticavel, e saboroso para guizados, faz grandissimo damno ás sementeiras, porque é um roedor voraz; e tambem nocivo ás raizes, porque habita e faz criação em tocas subterraneas. Dizem que cada anno abre uma nova.

Como é animal mui fecundo, se não se lhe désse caça, inçaria os campos de sorte que nenhuma sementeira iria ávante.

Por isso a industria do homem buscou dois animaes que penetrassem nas tocas do coelho, para assim exterminar tão damninho roedor.

Estes dois animaes são o furão e o tourão.

Pertencem ambos á ordem dos mammiferos carniceiros, e ao tronco dos vermiformes, juntamente com a fuinha, a marta, a doninha, o arminho etc.

O tourão, que entre nós tem o nome vulgar de sacarrabo, denomina-se tambem foeta, ou doninha fétida.

O tourão tem o corpo mui flexivel e alongado, coberto de pello cinzento, amarellado peló ventre; a cabeça achatada, com focinho agudo, olhos pardos, orelhas pequenas e redondas; a cauda curta, negra e felpuda; tendo por baixo dois folliculos ou glandulas que segregam um humor oleoso mui fétido, que verte quando o animal se irrita, tornando-se então insupportavel o mau cheiro. É singular que o gato de algalia tem as mesmas glandulas, mas segregam um humor mui cheiroso que serve para perfumarias.

O tourão nasce nas regiões temperadas; nas do norte e nas do meio-dia são raros estes animaes. Vivem em logares pedregosos, posto que tambem se encontrem na margem das lagoas. No verão habita pelos troncos carcomidos das arvores, nas tocas dos coelhos que afugentou ou comeu, e tambem pelas lapas dos rochedos. Quando chega o inverno, o tourão vem para o povoado, e mette-se clandestinamente nas granjas e nos palheiros. Todo o anno dorme este animal de dia, e só de noite é que sáe para buscar o sustento. Corre com muita ligeireza, e trepa ás arvores para se livrar dos cães; mas se elles o assaltam de subito, com as garras se defende corajosamente.

Mais ardiloso que a fuinha, o tourão trepa aos mais altos muros para ir assaltar as capoeiras, coelheiras e pombaes. Tambem não perdoa aos ninhos das perdizes, das cotovias, das codornizes e outras aves. Gosta, porém, mais de sangue e de miolos que da carne. É mui guloso de mel, pelo que de inverno faz grande estrago nas colmêas.

Apesar de tudo isto, o tourão tem, como dissemos, o prestimo de destruir um grande numero de especies nocivas á agricultura, mórmente os mammiferos roedores. O meio mais simples de diminuir a praga dos coelhos nas terras onde elles multiplicam muito, é estabelecer ahi uma familia de tourões, porque em pouco tempo se lhe acabará a casta.

É o unico prestimo que tem este fedegoso animal. A pelle tem pouco valor, porque é difficil tirar-lhe completamente o mau cheiro; e a carne é tal que nem os cães lhe pegam. Ha differentes meios de o caçar tambem, para livrar d'elles os celleiros e a criação.

O furão differe muito pouco do tourão; é talvez uma variedade degenerada. Tem egualmente o corpo alongado, porém mais comprido, porque mede os seus 30 a 40 centimetros. O pello é loiro ou melado, o focinho agudo, com dentes tuberculosos assaz desenvolvidos, principalmente no queixo superior. Os olhos são vermelhos.

Ha furões mesclados de ruivo, branco e preto, e tambem completamente brancos. Estes tem os olhos encarnados, e são por consequencia albinos. Por isso o furão passa rapidamente ao albinismo, e até, segundo a observação de alguns naturalistas, acha-se mais vezes n'este estado que no seu natural, a ponto que Linneo e Cuvier lhe dão por caracteristico pello branco amelado e olhos rosados. Tem, como o tourão, pernas curtas, cinco dedos em cada pé, com unhas afiadas.

Será o furão originario do tourão ou doninha fétida? De Blainville julga que sim, á vista da identidade dos esqueletos d'estes dois animaes. Comtudo, esta opinião está ainda longe de ser admittida.

Suppõe-se que o furão é oriundo da Africa; todavia, ainda se não encontrou no estado de selvagem em nenhuma região d'esta parte do mundo. Julga-se que fôra introduzido e domesticado na Europa pelos fins da republica romana. Strabão refere que se mandaram buscar furões á Lybia para extinguir os coelhos que infestavam a Hespanha. N'esta provincia se naturalisaram; em França, porém, não os ha senão domesticos, ou engaiolados para commercio. O furão, por instincto, penetra nas tocas dos coelhos e os mata para lhes sugar o sangue. Todos sabem que os caçadores se aproveitam d'este instincto sanguinario para a caça dos coelhos, que os furões fazem sair das tocas por onde elles se internam profundamente. Muitas vezes o furão, depois de sangrar o coelho, adormece, de sorte que o caçador não vê sair ne-

nhum d'elles, por mais que espere. Fazem então um fumeiro á bocca da toca, mas o furão rompe-a por outro lado e foge. A fim de evitar este inconveniente, costumam açaimal-os, para que não mordam os coelhos, e só os façam saltar para fóra, e venham cair na rede que armam á bocca da toca. O furão serve tambem para desninhar os passaros, porque entra facilmente pelas cavernas das arvores e buracos dos muros.

Costumam criar os furões em pipas destampadas, mettendo-lhes palha ou estopa no fundo. Sustentam-se de pão, sêmeas, leite, ovos, e sobre tudo de sopas de enguia, a que se lançam como gato a bofe. De tempos a tempos dá-se-lhes carne. É tal a gana que o furão tem aos coelhos, que até quando lh'os apresentam mortos, se lança a elles, e lhes ferra o dente.

Quando está preso, o furão passa a maior parte do tempo a dormir; comtudo o somno não lhe diminue a voracidade; assim que acorda busca o comer. A femea tem tres partos por anno, de cinco a dez filhos de cada ventre. Os criadores vem vendel-os á praça da Figueira para os caçadores, a doze vintens e tres tostões. Para o mesmo fim se tem querido domesticar a fuinha, porém difficilmente se consegue.

Temos em portuguez um ditado que diz: «Não cava de coração senão o dono do furão.»

O HABITO É QUE FAZ O MONGE

I

N'uma casa de campo nos arrabaldes de Paris, e na sala de visitas, estão sentados um velho, um mancebo e uma donzella, todos em volta de um velador junto do fogão, onde crepita vivissimo lume.

A scena domestica, em que estes tres actores vão representar, passa-se n'uma noite de inverno.

O velho toma vagarosamente a sua pitada de tabaco para aproveitar o tempo de reflectir; o mancebo parece estar esperando com anxiedade uma resposta que já lhe tarda; a donzella tem a cabeça inclinada sobre um bastidor, parecendo accelerar o trabalho, mas vê-se que é para encobrir o rubor que de subito lhe assomou ás faces. Finalmente Evaristo, assim se chama o velho, decide-se a fallar, tomando um d'estes ares equivocos ou diplomaticos, que não excluem nem auctorisam, completamente, a esperança.

— Meu caro Frederico, disse elle ao mancebo, aprecio a franqueza da vossa declaração; hei de corresponder, como deveis esperar, com egual franqueza. Julgaes de certo que eu não tenho a pretenção de tomar, para mim só, a honra da vossa assiduidade, ha um anno, n'esta casa.

A estas ultimas palavras de seu pae, um leve sorriso de amor proprio acudiu aos labios da donzella.

— Então annuis ao meu pedido! — exclama o mancebo com um movimento de alegria prematura.

— Perdão... não foi isso que eu disse... vamos mais devagar. Que hajaes tomado calor, e sido tão eloquente em pedirdes a mão de minha filha, não o estranho; Adelaide é assaz formosa para justificar o vosso arrebatamento; mas, se o enthusiasmo vos fica bem, creio que me váe melhor a mim reflectir pausada e tranquillamente.

A physionomia de Frederico annuviou-se repentinamente.

— Sois um brioso e leal mancebo; tenho estudado o vosso caracter; reconheço com satisfação que tendes as qualidades que eu ambicionaria no meu genro; mas os bons sentimentos não bastam para constituir um bom dono de casa. Sem pretender grandes riquezas, entendo, e creio ter acertado, que uma fortuna modesta é a primeira e a mais essencial condição da ventura domestica. Infelizmente não tendes patrimonio nem emprego, porque a profissão que abraçastes...

— Sei o que quereis dizer, interrompe-o Frederico com tristeza. Não tenhaes o incommodo de concluir. Felicitava-me de ter por arbitro da minha sorte um homem de juizo; mas os preconceitos estão mui arraigados e generalisados para que deixem de influir no juizo dos homens superiores; e sería loucura da minha parte procurar vencel-os; resignar-me-hei a ser victima d'elles.

— Não entendestes o sentido da minha objecção. Não tenho a vaidade de me julgar absolutamente superior aos preconceitos; todavia, affirmo-vos que n'este caso estou desprendido de influencias d'essa natureza.

— Não vos esqueceu tambem de me estranhardes que sendo pobre, abraçasse a profissão de litterato, replicou Frederico com acrimonia.

— É verdade.

— E isto porque ha seculos se considera a litteratura inseparavel da pobreza!

— Eis onde vós erraes. Não, meu bom amigo, nunca acreditei o absurdo de que as aguas-furtadas fossem feitas de proposito para os poetas, nem os hospitaes creados para os auctores dramaticos. Se ha ainda pessoas preoccupadas d'esta idéa é só por má fé ou pertinacia. Em todo o caso, não pertenço a esse numero; confesso até, que sem aspirar ambiciosamente a grandes escriptores, acceitaria para marido de minha filha um simples jornalista, cuja posição satisfizesse a minha sollicitude paternal.

— Então, disse o mancebo olhando para Evaristo, muito admirado, não comprehendo o alcance da vossa objecção.

— Eu me explico. Creio, Frederico, que vos não falta instrucção nem talento...

— Senhor...

— Nada de falsa modestia; não vos lisonjeio; digo-vos o que sinto. O vosso talento é assaz para vos grangear reputação. Sois sensato; escreveis discretamente; tendes um estilo gracioso; haveis de agradar ás pessoas de gosto; não sois frio nem egoista; sabeis fallar a linguagem do coração, e é com a linguagem do coração que se commovem, seduzem e electrizam as turbas.

— Então julgaes que triumpharei das platéas?

— Parece-me que sim. Mas é mister fazer-vos conhecido do publico; eis o que é difficil; impossivel talvez para vós!

— E porque, senhor Evaristo?

— Porque entre vós que sois capaz de fazer uma boa comedia, e o publico que a ha de julgar, estão os medianeiros, cuja approvação e sympathia é indispensavel conquistar primeiramente.

— Alludis aos directores dos theatros?

— De certo, visto que fazeis peças; se escrevesseis livros, fallar-vos-hia dos editores, o que todavia não alterava as premissas do meu raciocinio.

— Mas, se tenho talento, obterei necessariamente a sympathia dos directores.

— Sim, quando fordes conhecido, quando tiverdes grangeado nome.

— É lei commum; os auctores mais illustres a ella se tem submettido; em litteratura não se apparece no mundo, senão com um nome já conhecido.

— Mas é necessario adquiril-o, e para isso é mister duas coisas que auxiliem o talento: genio intrigante, que não tendes, e o acaso, que vos póde favorecer como a qualquer. — Mas contar com o acaso, tem o risco de esperal-o muito tempo. Ora.

se eu desejo a felicidade de minha filha, não é para quando o seu coração, mortificado pela impaciencia, não possa já gozal-a; as flores só tem viço e perfume na primavera; no outono são uma illusão... Mas reparo que Adelaide se está enfadando de me ouvir. Aposto que as minhas objecções lhe não parecem demonstradas rigorosamente?

— O que sinto, meu pae, é o desgosto que estaes causando ao pobre Frederico, e confesso-vos sinceramente que d'esse desgosto participo eu tambem.

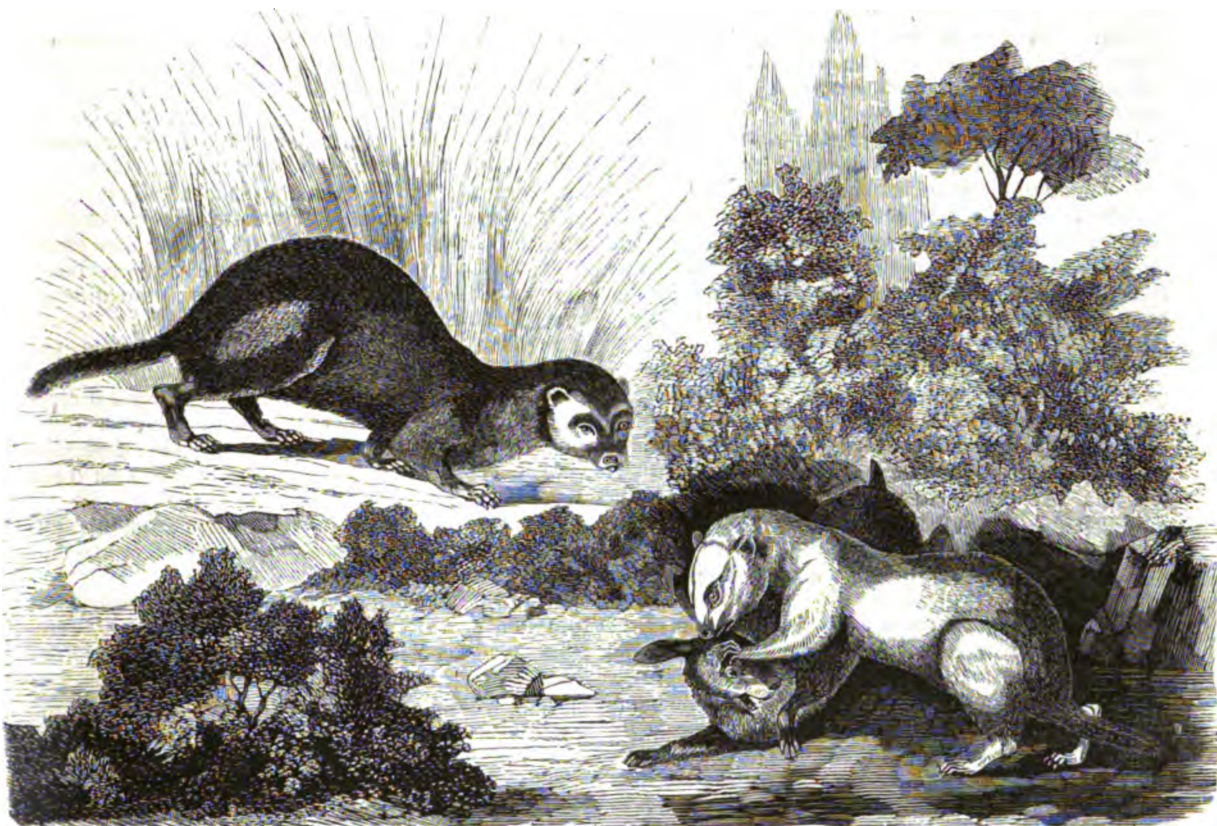
— Oh! meus queridos filhos, replica Evaristo apertando a mão a sua filha, não quero affligir-vos, Deus me defenda! So desejo a felicidade de ambos. Acreditae-me que se eu fôra mais rico, poupar-vos-hia estas objecções; mas, a fortuna que não posso dar á minha Adelaide, desejo que seu marido a possua, ou que esteja em circunstancias de a adquirir. E previno-vos de que esta minha resolução é inalteravel.

— Mas como não acreditaes na minha aptidão... recusaes-me desapiedadamente?

— Tal não disse, Frederico.

— Então, meu pae, consente?...

— Tambem não disse tanto, minha filha. Ouçam-me, que vou dar-vos a minha resposta definitiva. Adelaide, tu tens apenas 19 annos, e como até aos 20 annos ainda se não passa por velha, creio que podes esperar até lá sem risco de perderes casamento. Quanto a vós, Frederico, não é impossivel que sejaes favorecido por um dos acasos em que vos fallei ainda agora; trabalhae, pois, com animo, triumphae, e d'aqui a um anno consinto que me renoveis o pedido que esta noite me fizestes.



O furão e o tourão

Com um anno de espera, para obter a mão de Adelaide, e a condição, unica, de fazer uma peça que fosse applaudida, retirou-se Frederico muito esperançado e ufano.

II

Tres mezes depois d'esta conversação, Frederico enrolava com amor verdadeiramente paternal, o nitido manuscripto que o seu copista lhe tinha mandado. Depois dirigiu-se a passo accelerado, e radiante de esperanças, caminho do theatro a que destinára o fructo precioso das suas vigilias.

Apesar d'esta confiança, mui natural em auctor de um trabalho consciencioso, não foi sem abalo que Frederico se chegou ao porteiro, e lhe rogou tivesse *a extrema bondade* de o annunciar ao director.

Não previra elle a impossibilidade material que tem um bom director de dar audiencia aos milhares de *talentos incognitos* que vagam pelas ruas de Paris, de manhã até á noite, com a cabeça tão cheia de vaidade, como a carteira vasia de obras que se leiam.

Grande foi o desgosto de Frederico quando voltou o porteiro, e lhe disse que o director estava muito occupado, e não podia recebel-o. Maior foi, sobre tudo, o pesar de ter estudado em vão um magnifico exordio, a que elle prophetisava um triumpho decisivo.

Cedeu tristemente ao convite que se lhe fizera de deixar o seu manuscripto, e retirou-se para casa, com o coração opprimido, e o espirito abatido.

Passados quinze dias, foi-lhe devolvido o manuscripto, intacto, acompanhado da seguinte carta:

« Senhor. Achei que a obra que tivestes a bondade de me confiar contém ditos mui chistosos, scenas bem delineadas, enredo bem conduzido, os caracteres desenhados com engenho; mas infelizmente, o assumpto não me parece corresponder ao merito da execução, e com quanto muito deseje ser-vos agradavel... »

Frederico não quiz concluir a leitura de tal carta. Amarrotou-a com violencia, e deitou-a no lume. Em vista d'este primeiro revez, fechou-se um mez no seu quarto, desesperado, e consumindo-se em lamentações. Depois, quando lhe passou a colera, começou a fazer estas sensatas reflexões: que o voto de qualquer director não é sentença sem appellação; e que, por um theatro se lhe fechar, não deixavam de ficar alguns vinte que não recusariam abrir-lhe a porta.

Poz-se a caminho, e fez nova entrega do seu manuscripto, o qual lhe voltou, como da primeira vez, perfeitamente intacto.

A carta que o acompanhava, era assim concebida:

« Senhor. Remettò a peça que vos dignastes confiar-me, a qual julgo tão interessante como original: infelizmente a execução não me parece corresponder á originalidade do argumento; os caracteres são incompletos, o enredo frouxo, e as scenas sem nexo provam uma grande inexperiencia de theatro; em summa, não julgo que a vossa peça, como se acha, esteja no caso de se representar. É pois com vivo pesar etc. »

D'esta vez Frederico encolerisou-se, mas não desanimou; a contradicção das duas cartas, e o aceio do seu manuscripto, provaram-lhe evidentemente que não havia sido lida por nenhum dos directores. Por consequencia julgou-se auctorisado a guardar a sua obra para melhor occasião; mas ao mesmo tempo ficou convencido de que só o acaso lhe poderia dar bom exito, como bem lhe havia prognosticado Evaristo.

Ora, como as probabilidades do acaso estão na razão do numero de tentativas, tomou Frederico a inabalavel resolução de não descançar senão depois de todas ellas frustradas. A sua peça, dez vezes recambiada, transformada, como novo Protheo, ora em comedia, ora em opera-comica e farça, voltou-lhe outras tantas vezes, acompanhada de recusas cortezes, desculpas delicadas, e sempre sem ter padecido a menor alteração em quanto á pureza virginal das suas folhas.

Frederico já perguntava a si proprio se o acaso não era uma chimera. Tinha sido repellido por todos os directores, excepto um; e este, tendo provido o seu theatro por uma escriptura com o auctor mais fecundo e de maior celebridade da epocha, só podia ser considerado como unica taboa de salvação. Todavia Frederico apresentou-se em casa d'elle para descargo de sua consciencia. Admirou-se de o não perturbar a presença d'este ultimo juiz; conduziram-n'o á sua ante-sala, e pediram-lhe que esperasse alguns instantes.

Este começo pareceu a Frederico de bom auspicio.

— Chegará agora o meu acaso? — exclamou elle respirando mais satisfeito, com o coração algum tanto reanimado por um raio de esperança.

Abriu-se a porta; o director saiu do seu gabinete, acompanhando um sujeito a quem dizia:

— Silvestre póde estar completamente descançado, a sua peça não estará meia hora no meu escriptorio; ámanhã o copista tirará os papeis e já terei feito a distribuição. Recommendae ao nosso caro amigo que se póde demorar nos banhos todo o tempo necessario, e cuidar na sua saude, tão preciosa para o nosso theatro; que lhe não dê cuidado os ensaios, nem as difficuldades que podem sobrevir na commissão de censura, nem do titulo definitivo da peça, visto não estar satisfeito com o que provisoriamente adoptou; antes de eu ser director, fui seu collaborador; póde fiar-se em mim para tudo mais.

Ainda continuaram, mas os dois interlocutores seguiram pelo corredor fóra, e Frederico não ouviu mais nada.

— Que feliz mortal é êste Silvestre! murmurou o nosso joven auctor olhando com tristeza para o rolo que tinha na mão; o director nem ao menos se dá ao trabalho de lhe ler as peças; tem anticipadamente a certeza de que são obras primas. É verdade que tambem não lê as minhas; o destino é que é differente: a peça de Silvestre irá á scena brevemente, estribada nos reclamos; e a minha será sepultada ignominiosamente no fundo de uma gaveta... E isto sem julgamento!... É uma injustiça atroz!

Frederico, olhando para o interior do gabinete, sentia duplicar-se-lhe o despeito, vendo sobre a secretária do director o manuscripto ainda enrolado e atado:

— Eis alli, proseguiu elle exasperando-se, eis alli a obra prima tão enthusiasticamente recebida! Mas, se eu a houvesse trazido, eu pobre desconhecido! não acharia elle phrase assaz humilhante para m'a rejeitar, ao passo que a minha peça posta em logar d'ella seria, graças á prevenção, lida com enthusiasmo pelo director, aprendida com zelo pelos actores, recebida com applauso do publico, que talvez ratificasse a confiança dos actores e director... Oh! se eu quizesse agora desenganar-me de que uma substituição era possivel!... É porque não?... estou só... ninguem me vê... não tenho nada a receiar... No dia em que se tornasse necessaria uma explicação, seria o director que por uma inadvertencia se enganára... Quanto á peça de Silvestre, será representada um pouco depois... nada de hesitar: para uma situação extrema, meios extremos.

Frederico entrou resolutamente no gabinete, poz a sua peça sobre a secretária, e pegou na de Silvestre. Depois voltou á ante-sala onde esperou o director, a quem apresentou a peça de Silvestre como sua. Depois de uma breve audiencia de simples civilidade, retirou-se, deixando um bilhete com o seu nome e morada.

Que indignação e que prazer, simultaneamente, experimentára elle, por se haver introduzido a occultas no gabinete!

O nosso director, enganado pela troca das peças, juntou á de Silvestre o bilhete de Frederico, arremessando-a com desdem para uma gaveta, verdadeira valla commum da joven litteratura. Depois desenrolou a peça de Frederico, para sem perda de um minuto, saciar a avidez de a ler!

— Que magnifico estilo, e que veia comica! exclamava elle depois da leitura de cada scena, de cada pagina; que situações tão novas, e de tão seguro effeito!... E como o enredo se desenvolve, se complica, e se desenlaça naturalmente! Será possivel imaginar um dialogo mais animado, peripecias mais dramaticas e graciosas?... Ah! mas que me escreve este amigo Silvestre!... o titulo improprio!... e eu digo que é completo, mais que completo, tambem é satyrico, e que figurará maravilhosamente no cartaz. É uma obra magistral; são duzentos mil francos para o theatro... Vamos! actividade; é mister que a representação se effectue em tres semanas.

Tres semanas depois, um pomposo reclamo, em todos os jornaes, convidava o publico parisiense á primeira representação de uma nova e magistral composição do fecundo auctor dramatico M. Silvestre.

No mesmo dia, um moço do theatro, trazendo a verdadeira peça de Silvestre, apresentava-se em casa de Frederico com uma carta, a qual dizia, que a vulgaridade do argumento e a incorrecção da linguagem tornavam impossivel a acceitação da sua peça.

III

Chamado inopinadamente a Paris, por um negocio importante, Silvestre chegou quando o povo affluia ao

theatro. Como houvesse lido o reclamo, de que já fallámos, animou-se a assistir occultamente á primeira representação de uma obra sua. Para isto lhe tinha a administração facultado a chave de um camarote.

Em quanto Silvestre abria a porta do camarote, viu um mancebo muito inquieto, andar pelo corredor pedindo a todos os porteiros um logar desoccupado, sem que o podesse obter.

— Isto é indigno, exclamava elle, vejo sentarem-se muito á sua vontade as pessoas que trazem bilhetes de graça, e eu que comprei o meu, fico á porta da superior, atrás de cinco ou seis pessoas que estão no mesmo caso! Isto não póde ser; quero ver e ouvir á minha vontade, que tenho direito a isso. Quem me ceder um logar, ainda que seja de terceira classe, e dos mais pequenos, dar-lhe-hei cincoenta francos se quizer.

Silvestre, vendo um espectador tão enthusiasmado, quiz gozar os seus applausos, ou ouvir as observações que elle fizesse.

E, dirigindo-se a elle, offereceu-lhe com empenho um logar no seu camarote, que o desconhecido acceitou com empenho não somenos.

Este individuo era Frederico. Apenas ambos os espectadores haviam feito os seus comprimentos, quando o panno se levantou; tornaram-se logo silenciosos e attentos; a mesma anxiedade se notava no seu olhar fito na scena. Este accordo de physionomias não durou muito.

A surpreza e enleio revelaram-se na de Silvestre; abria muito os olhos; escutava com todos os sentidos; e batia na testa como para se recordar.

Qual era o enredo? Onde se passava a acção? Eram as situações que havia traçado, as scenas que tinha escripto? Do que os actores declamavam não reconhecia sequer uma phrase. Presentia em tudo isto um mysterio, cuja explicação desejava obter a todo o custo. A explicação ia procural-a á caixa do theatro, quando ao levantar-se, o deteve a vista do seu visinho, no qual notou, duplicadamente surprehendido, os indicios da mais viva agitação.

Estava Frederico muito inclinado para diante, e com a cabeça estendida fóra do camarote; empallidecia e córava vinte vezes por minuto; ora ouvia attentamente, reprimindo a respiração como se receiasse perturbar a attenção do publico, ou perder uma palavra sequer das que o actor dizia; ora lançava os olhos pela platéa superior, camarotes e galerias; o rosto ora se mostrava sereno, ora inquieto, segundo o que se applaudia ou se ouvia em silencio. Finalmente, quando um actor se enganou, levantou-se indignado, deixando-se depois caír sentado, dizendo:

— Ah! malvado! assassinas-me, deitas-me tudo a perder!

— Que vos aconteceu? lhe perguntou Silvestre, não podendo já conter a sua admiração.

— O que me aconteceu! respondeu Frederico; estou sendo martyrisado; ha alli um galan que não sabe uma palavra do papel, e que vae comprometter o exito da peça... Bonito! agora é a ingenua que representa com uma frieza brutal!... E o pae que não entra!.., a situação perde-se!... o publico está inquieto... Agora... decidiu-se a final... foi bem!

A admiração de Silvestre tinha chegado ao seu auge.

— Pareceis tomar um vivo interesse pelo destino d'esta peça?

— Daria dez annos de vida pelo bom exito d'ella.

— Permitti-me que ache o sacrificio um tanto exaggerado.

— Ah! senhor, que são dez annos em troca da felicidade e da gloria?

Silvestre olhou Frederico com admiração indizivel.

Todavia, refletindo, comprehendeu que poderia por aqui devassar o mysterio que tanto desejava descortinar. Apertou com Frederico, visto que o seu estado febril o predispunha para confidencias, o qual lhe fez, sem muita difficuldade, a narração singela e circunstanciada do seu ardil.

Apenas concluiu a historia, estrondosos applausos retumbaram, e taes que parecia vir abaixo a sala. Era a situação final do primeiro acto que provocava este enthusiasmo.

A alegria e a dor extremas produzem os mesmos effeitos; sentiu-se Frederico desfallecer, e, quando os applausos recresceram, caíu sem sentidos nos braços de Silvestre.

Este chamou um porteiro.

— Venha soccorro depressa, disse elle; basta um pouco d'agua fria; este desfallecimento é resultado de um abalo passageiro que não tem perigo nenhum. E depois de deixar Frederico entregue ao porteiro, saiu.

Entretanto começou o segundo acto; a peça estava *salva*, como se diz em phrase de bastidor; era uma serie não interrompida de palmas e bravos; o desenlace transportou o auditorio, que rompeu em vozes unanimes chamando o auctor.

Frederico, curado da indisposição, voltára ao camarote, aonde assistia, sósinho, ao triumpho da sua peça; tinha recuperado completamente as forças; mas quando viu levantar-se o panno, e que o actor avançava resolutamente para proclamar o nome do auctor, roubando-lhe a sua mais bella coroa, sentiu-se sem animo para affrontar esta prova, e levantou-se para saír. Mas era tarde; acabava de ouvir um nome... e, para cumulo de surpreza e alegria, esse nome pronunciado por uma voz retumbante, esse nome que o publico transportado victoriava com salvas de applausos, era o seu!

N'este momento, abre-se a porta do camarote; Silvestre toma Frederico pelo braço, e sem lhe dar tempo para o reconhecer, leva-o á caixa do theatro, aonde por segunda vez esteve quasi desmaiado, entre os abraços do director e de todos os artistas que haviam entrado na peça.

A conclusão d'esta historia facilmente se adivinha. Evaristo não teve duvida em conceder a mão de Adelaide a Frederico, que é hoje cavalleiro da legião de honra, auctor da moda, e terá brevemente uma cadeira na academia.

E digam então que o habito não faz o monge!

UM BANQUETE NO IMPERIO DO PRESTE JOÃO

(Vid. pag. 239)

Antes de darmos o extracto promettido, cumpre rectificar uma asserção feita no segundo periodo do artigo passado, a qual por descuido de revisão saiu menos verdadeira. Diz-se ahi, que os nossos diccionarios não trazem a palavra apas. Trazem-na todos, desde Bluteau para cá. O que haviamos escripto era, que não vinha *bem definida*, o que se omittiu na impressão. E asseverámos não vir bem definida, porque os diccionarios dizem: *Apa: bolo de farinha de arroz*. Repetem o que leram em Bluteau. Ora na Ethiopia, pelo menos no tempo a que nos temos referido, não se cultivava o arroz. E o moderno viajante inglez, que deu motivo ás confrontações que temos feito com os nacionaes, enumerando todos os grãos de que os abyssinios ou abexins fazem pão, não falla do arroz. Fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental* diz explicitamente:

«Todas estas terras (as do Preste João, onde es-

teve onze annos por missionario) são mui abundantes e fartas de trigo, cevada, milho, e de *tafo e guça*, sementes que não conhecemos, mas de que elles fazem pão.»

Conferido isto com a explicação do que eram ápas, e de que farinhas se faziam, dada por Balthasar Telles, já transcripta, e tambem com a descripção de Parkyns que traduzimos a pag. 220, se vê que é errada a definição dada pelos nossos diccionarios, de que *ápa é bolo, ou pão de farinha de arroz.*

Feita esta indispensavel rectificação, passemos já a dar o extracto do precioso livro do padre Francisco Alvares, a respeito das comidas da gente d'aquella parte da Ethiopia.

Conta elle, que chegára com o embaixador D. Rodrigo de Lima, cujo capellão era, ao reino de Angote, no imperio do Preste João, e que o rei d'aquelle paiz, chamado Angotoraz, os convidára a jantar.

Foram n'um sabbado ficar a casa do tal Angotoraz, para no domingo, depois da missa, lá jantarem.

Eis como elle conta a entrada do embaixador em casa d'este reizête:

«Achámol-o em seu estrado com sua mulher, e pouca gente com elle. Não tivemos detença na entrada, sómente como em casa de qualquer homem. O apparato, rosto e gasalhado, tudo redundava em beber. Tinha ácerca de si quatro jarras grandes de vinho de mel mui bom, e cada jarra uma copa de vidro cristallino. Começámos a beber, e sua mulher e outras duas que com ella estavam nos ajudaram bem. Não nos quizeram deixar até se não acabarem as jarras, e tal é seu costume. E cada jarra levava bem seis ou sete canadas.»

«Ao outro dia, no fim da missa, nos convidou que fossemos jantar com elle, o qual jantar aceitámos; porém mandou o embaixador levar o nosso jantar assim como estava, que eram gordas gallinhas assadas, e gorda vacca cozida, com boas couves, e isto mandou o embaixador levar porque as comidas d'elles não são como as nossas.

Foi o jantar d'esta maneira: em casa grande e terrea, e diante do catre onde estava sentado o Angotoraz, estavam muitas esteiras estendidas. Abaixou-se elle do catre e assentou-se nas esteiras, e sobre ellas pozeram pelles de carneiros pretos, e sobre estas, duas bandejas de limpar trigo, a que elles chamam gunetas, as quaes eram formosas, grandes e muito largas; não tem de borda mais de dois dedos; a maior d'estas tinha dezeseis palmos de roda, e a outra quatorze palmos: estas são as mesas dos grandes senhores. Todos nos assentámos de redor com o Angotoraz. Veiu a agua e lavámo-nos, e não veiu toalha para limpar as mãos, nem menos para pôr pão sobre ella, senão nas mesmas gunetas. Veiu o pão de diversas maneiras, a saber: de trigo, cevada, milho, grãos e de tafo. Antes que começassemos de comer, mandou o Angotoraz pôr ante si bolos d'aquelle pão somenos, e sobre cada bolo uma posta de carne crua, e tambem assim a mandava dar aos pobres que estavam fóra da porta. N'isto fizemos a benção a nosso uso, de que o Angotoraz amostrou muito contentamento, e vieram as iguarias, e foram estas: tres salsas ou potagens, que bem se podia dizer salsa de Palmella, com um dente d'alho e outro não sei de que. N'estas potagens entrava lixo de vacca, e o fel, que n'esta terra hão por muito estimado manjar, e o não comiam senão grandes pessoas. Estas salsas vinham em salseirinhas pretas bem feitas; deitavam n'estas salsas o mais somenos pão esmigalhado, e manteiga com elle. D'estas potagens não quizemos nós comer, e mandou o embaixador vir o nosso comer, que tinhamos muito bem feito, porque não podiamos comer suas viandas nem elles das nossas. O vinho era a rôdo. A mulher do Angotoraz comia junto de nós com uma cortina em meio, com similhante mesa ás nossas. Comia das suas viandas, e lhe davam das nossas. Não sei se as comia, porque era entre nós e ella a cortina; a beber bem nos ajudava! Sobre todas as iguarias veiu um peito de vacca crua, e nós não o provámos. Comeu o Angotoraz d'elle como quem come massapães ou outras boas iguarias sobremesa. E assim démos fim ao jantar e graças a Deus, e nos fomos para nossa pousada.»

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS ESCUSADOS

Do numero dos gallicismos, escusados são, o substantivo *detalhe*, o verbo *detalhar*, o adverbio *detalhadamente*, e a locução adverbial *em detalhe*.

Com offensa da pureza da nossa lingua, e affronta da sua indole, opulencia e propriedade, andam estes gallicismos desaforadamente usurpando o logar dos vocabulos nacionaes, que os temos até em duplicado para cada uma d'aquellas idéas. Vejamos:

Detalhe. Temos relação, narrativa, enumeração, individuação, particularidade, minudencia, accessorio, accidente, etc.

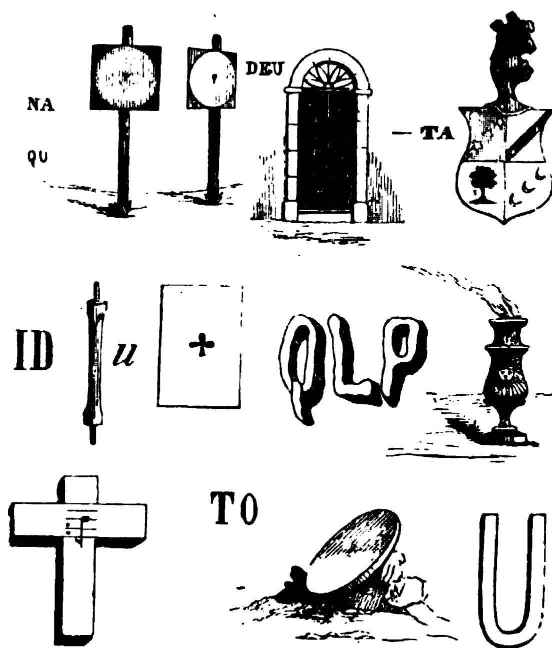
Em vez de dizermos afrancezadamente: os *detalhes* da acção, do successo, da pintura, etc., digamos portuguezmente: os pormenores, as particularidades, os accessorios, os accidentes, etc.

Detalhar. Temos para este unico verbo francez muitos nossos, taes como: especificar, particularisar, circunstanciar, individuar, referir por menor, miudar, etc.

Detalhadamente. Para este adverbio temos: miudamente, por partes, circunstanciadamente, por menor, por extenso, etc.

Em detalhe. Em vez d'esta locução adverbial, temos as mesmas que servem para o adverbio, e tambem: ponto por ponto, peça por peça, por miudo, a retalho, em lotes, em logar de: vender *em detalhe*, como, á franceza, se costuma nos annuncios.

ENIGMA



Explicação da Charada do n.º 31 — Promontorio

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



O capitão-mór de Murça (morgado de Val-de-mil) — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 242)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XIII

EM QUE UM HOMEM SINCERO CONFESSA A SUA FRAQUEZA

Sorria abril, doirado de luz, e esmaltado de flores.

Das alturas fragosas, que se empinam á direita do Tua, entre Mirandella e Bragança, desciam tres individuos, levando á mão as cavalgaduras, por entre um carrascal pendurado nos despenhadeiros.

Era ao pôr do sol. Deixando as ramadas rasteiras, por entre as quaes se avistava de quando em quando o rio serpeando ao longe, enfiaram cautelosamente os tres pelas estreitas ladeiras, ingremes e nuas, que se debruçam do nascente, direitos ao logar de Quintella.

A tristeza sòlemne da hora accommodava-se admiravelmente ao aspecto desolado d'aquellas asperas gargantas, onde os passos deixavam eccos lugubres.

A coisa de meia encosta, a aragem vespertina, subindo do valle, levou aos ouvidos dos atrazados caminheiros o som grave e prolongado dos sinos da egreja abbacial de Santa Maria de Lampaças tocando a trindades. Como ouvissem o piedoso signal pararam todos tres, descobriram-se com um movimento unanime, e, depois de breve oração, persignaram-se devotamente.

Terminada por este modo a saudação angelica, o viandante, que ia na frente e parecia o principal, voltou-se, dizendo para os companheiros, enfileirados atraz um a um:

— Louvado e adorado seja para sempre Nosso Senhor Jesu Christo!

— E sua mãe Maria Santissima: amen — responderam em côro os dois.

Bons christãos eram elles, não havia que duvidar.

No acto de volver, alongando os olhos ao caminho percorrido, notou o primeiro que a vereda principiava a alargar.

— Anda aqui, Antonio — disse para o ultimo — Já pódes passar... Repara n'essa barroca á direita, homem!... Isso... Cuidado não roces a mula do doutor, que é arisca, e se principia aos pinotes...

— Aqui estou já a porto e salvamento, fidalgo.

— Bom. É ainda longe o povoado?

— Meia legoa, nem tanto.

— Para o murselo eram dez minutos.

— N'uma chã, que dúvida! Aqui mais é apalpar que andar. Os animaes não conhecem o caminho, e a noite vem a galope n'estas covas e barrancos.

— Assim mesmo. Não sabes que pé tem o murselo?

— Pé e olho... e costume ainda em cima... verdade é. Estou que para elle não ha carril apertado, nem quebrada que lhe ponha medo... E com ser tão alfarío no terreiro, no monte sabe tentear a trilha, que nem o mais atinado couteiro a emprazar a caça nas brenhas do matto... Mas a outra...

— Que outra?

— A companheira...

— A mula? É segura, vamos.

— Segura, será; para pressas não é de certo.

— Nem ella, nem o cavalleiro — acudiu o primeiro interlocutor sorrindo.

Estas observações, evidentemente relativas ao outro viandante, eram feitas em voz baixa, para que este não ouvisse.

— Tambem não ha pressas — continuou o ultimo que fallára — Com vagar hemos de ir, e é de razão alliviar os animaes por estes seixos e algares. De Frechas aqui trazem já boa jornada, e ámanhã cedo temos de puxar até Grandaes. Sabes porque te chamei?

— Para ir adiante?

— Justo. Em Veigas não nos esperam, e é bom prevenir.

— Lá por isso... Quando cá vim, disseram-me que a toda a hora e em toda a occasião...

— Sei, mas não faz mal ires andando... A ladeira váe direita ao valle?

— Direitinha. Em chegando a Quintella, toma-se á mão direita: é d'ahi a um credo.

O homem que dava estas indicações como pratico, obedecendo á ordem recebida, tratou de passar á frente, tocando adiante de si uma garrana serril, que parecia familiar com todas aquellas escabrosidades e precipicios.

Servia a garrana a um tempo de bagageira e transporte. Pendiam-lhe a um e outro lado do albardão os enormes bolsos tufados do alforge, em que evidentemente se accommodava lio de roupa ou fardel de provisões, precaução nada inutil. De um dos bolsões saía o cano de uma escopeta, atada com guita ao rabicho, para maior cautela.

— Essa trota bem por ahi abaixo — disse o primeiro interlocutor, alludindo á andadura desempenada da egoa.

— É como se andasse por sua casa, fidalgo — respondeu o segundo, tirando o chapeo quando lhe passava ao lado, e parando a poucos passos para responder.

— Toma cuidado, Antonio, não se te dispare a espingarda com o balanço.

— Agora! Não tem perigo: váe descarregada.

— Descarregada, homem dos meus peccados! Não era melhor leval-a comtigo mais á mão?

— Para que, fidalgo? Não me deu ordem de caçar.

— Quem te falla em caça? N'estas solidões... em sitios mal conhecidos... sempre é bom acautelar.

— Eu já os conheço.

— E se fosses atacado?

Similhante possibilidade não tinha, pelos modos, entrado nos calculos e previsões do segundo interlocutor, pessoa inferior e simples, via-se.

— Por quem? — ponderou elle atonito.

— Por quem! — tornou o outro — Por gente mal intencionada, supponho.

— Gente!

— Pois que! Indo assim desprevenido...

— E se levasse a arma carregada?

— Defendias-te.

— Eu!... eu atirar a uma alma christã!... Ai! fidalgo, isso não.

— Não! Porque?

— Porque tenho medo.

— Medo, tu!

— Tenho. A primeira é que estou certo que o matava... quem quer que fosse... Depois... Nada... todo eu me arripio!... Atirar a gente, não.

— E se alguem atirasse contra ti?

— Ora, quem ha de querer mal cá a um pobre homem!... E que atirassem!... Bem sabe o fidalgo que me não creei para essas coisas... Tinha lá alma de metter a arma á cara!... Bonda ver um homem diante de mim para pegar a tremer, e... Se nunca experimentei!... Cada qual é como Deus o fez... Um javardo, ou um lobo, sim... são animaes damninhos...

— Que tambem matam.

— Qual matam! Contos de velhas.

— Homens ha mais damninhos ainda.

— Dizem que ha — tornou candidamente o rustico — mas nunca os vi... nem os sei conhecer.

— E se os visses?

— Como os havia de ver?

— Na tua frente.

— Na minha frente, Jesus Maria!

Não podia atinar aquella intelligencia rude e primitiva com a secreta idéa, que seu amo (amo era, com certeza) obstinadamente proseguia.

— Na tua frente, sim — continuou este — na tua frente... como inimigo?

— Não faço mal a ninguem. Porque hei de ter inimigos?

— E se fossem inimigos da tua terra?

— A minha terra tem inimigos!

— Os francezes...

— Os francezes!

— Tambem será gente christã?

— Na Foz d'Arouce contaram-me que elles tem por costume... Nosso Senhor me perdoe!... metter os cavallos nas egrejas... No Espinhal um homem, que vinha de Coimbra, jurou que os viu em Abrantes fazer das pias mangedouras... Na Sobreira andava tudo cheio com as noticias de roubos e desacatos... sem contar as mortes e maus tratamentos... Na estrada, é verdade, fallam todos pela mesma bocca... e o que elles fazem, se fazem tudo aquillo, não é de christãos... Mas eu lá em Lisboa... uma cidade em que a gente se perde, Deus me defenda!... em Lisboa vi-os muitas vezes entrar a ouvir missa... e ajoelharem-se, e benzerem-se como qualquer de nós... Se não fossem christãos...

— Christãos! christãos!... Sabes o que dizes?... — atalhou o amo impaciente — São inimigos... querem-nos escravos.

Entre o amo e o servo, apesar da divergencia apparente, não havia grande differença de opiniões. O amo equivocava a religião com a patria; o servo equivocava a patria com a religião: ambos confundiam, cada qual a seu modo. Guiava o instincto os juizos simplices de um e outro. O amo zelava com

o amor da terra a propriedade. Até certo ponto no caso do jumento da fabula, que não temia a carga por estar já carregado, suppria o servo o sentimento cioso da possessão com o affecto e respeito das coisas santas, que lhe tinham protegido a mocidade, e promettiam abrigar-lhe a velhice.

— São estrangeiros que vem aqui fazer de senhores — continuou o primeiro impetuosamente — As terras que amanhâmos são para elles... Por isso expulsaram os nossos reis naturaes, e pizaram aos pés os signaes da nossa gloria. Quem os encontrar, e não os tratar como se trata o salteador que nos entra em casa para nos pôr o trabuco aos peitos, não merece o nome de portuguez... nem de homem!

Grande cumpria que fosse a paixão, que assim desafogava em tal situação e logar.

Grande era, com effeito; tão grande que tudo esquecia, e, como todas as coisas grandes, tudo fazia esquecer.

— O fidalgo tem razão — tornou o servo, já pelos modos avezado a estas exaltações — Como lá diz o reverendo abbade... que, salvo o respeito, sabe mais a dormir do que muita gente acordada... quem é de fóra que nos faz em casa? Mas isso toca aos que vão á guerra, e conhecem as artes de se haverem n'ella!... Eu não sirvo para isso, dizem-n'o todos... Sou... sou um medroso!

O terceiro viandante, que ainda não dissera palavra, tinha aproveitado a parada dos dois para se adiantar. Ouvindo aquella singular confissão, quebrou a taciturnidade, que lhe parecia usual, sorrindo com benevola ironia.

— Es medroso, homem? — insistiu o primeiro interlocutor — É porque te não lembra que és soldado.

— Eu soldado!

— És. Pois não estás nas companhias da ordenança?

— Ah! isso é outra coisa.

Geralmente, a milicia rural não considerava verdadeiros soldados, senão os de linha: o homem ia de accôrdo com a opinião recebida.

— Não é outra coisa, não. Quando os estrangeiros estão em nossa terra, e contra nossa vontade, todo o povo é exercito, e quem tem uma arma é soldado.

— Mas, fidalgo, cada qual no seu officio. O meu é andar na serra e no mato, e não atirar a homens... E de mais... não está na minha mão...

— Não está na tua mão o que?

— O medo... Pergunte-o a quem quizer.

— Mas se eu te mandasse?

— Isso então era outro caso — observou ingenuamente o rustico.

— Bem, bem!... Mas... ainda agora reparo... Olha, Antonio, olha onde váe já a garrana...

— É o que tem estas conversas, fidalgo... E a noite em cima de nós!... Eh! Castanha! ich! Castanha... Como ella se leva, a maldita... Espera que eu já t'o digo.

E desatou por alli abaixo, como se não trouxera uma caminhada de legoas, e como se o piso fôra alcatifado.

— Não corras, homem — gritou-lhe de longe o amo — não corras, que te podes despenhar. Já agora, deixa-a ir... Devagar, devagar, que a egoa não foge.

Mas o agil servo não ouvia, ou não escutava, e, apesar do achaque de medroso, que de tão boa feição allegára, seguia de investida pela arremessada rampa, torcida á beira de precipicios que desmaiariam os mais intrepidos.

Alcançando a garrana, colheu-a pela arreata, e, moderando-lhe os descomedimentos, continuou com boa diligencia o caminho sumindo-se entre as sombra do crepusculo.

Ficando atrás com o companheiro, o viandante mais auctorisado voltou-se para este com ar satisfeito, e perguntou-lhe:

— Que lhe parece?

— Parece-me — acudiu o outro — que não faltarão homens.

— Descontando os medrosos?

— Não: contando sobre tudo os medrosos... como este.

— Diz bem. Chegue-se mais para cá, doutor... Conversêmos... Reparae... vamos com cuidado agora, que nos falta o nosso guia... Se bem que no trilho não ha que errar, toda a cautela é pouca, por causa do escuro... Visto que nada nos apressa, o verdadeiro é ir sondando o terreno.

— Por minha causa, não. Tambem nas serras me creei... costumar-me-hei de novo.

— Verdade, verdade... está já outro.

— Outro me hei de fazer de todo, verá.

— Pois olhe... confesso... quando fui a Villa-flor tinha poucas esperanças.

— Por que?

— Estava que não levantaria cabeça dos seus livros.

— Para olhar para a desgraça de minha patria? Julgou mal... Mas tinha razão para me julgar assim... via-me por fóra. Não é occasião agora de estudar, mas de combater... Já o tinha dito a mim mesmo, antes de recebermos em Rovos a honra da sua visita.

— Raro é na provincia o que não sente e pensa do mesmo modo...

— Se é o natural!

— Por isso me vê tão contente!... Contente, como póde estar quem...

— Acabe, que não é vergonha... Quem tem longe de si uma filha... que é um anjo!

— Adiante. Estes bons sentimentos e vontades são muito... mas não são tudo.

— Pois que falta?

— Falta a muitos..., o que falta ao doutor.

— O que?

— A alguns o vigor, a outros a destreza, a outros a pratica... E, creia, é preciso e muito preciso para a lucta que, mais dia menos dia, não tarda por ahi... e que ha de ser séria.

— A resolução suppre muita coisa.

— Suppre, não o nego; mas o exercicio não é para desprezar.

— Nossos avós exercitavam-se com o inimigo á vista.

E nós não havemos-de ficar-lhes atrás, espero; mas será prudente ir aproveitando o tempo.

— Quando chegará o dia?

— Deseja-o?

— Quanto antes.

— Cada vez a melhor, doutor. É caso de parabens.

— Parabens pela mudança? Pois é pouco de estranhar. A bandeira da minha patria está aos pés de estrangeiros... e... a felicidade da minha vida depende da sua expulsão.

— Fólgo de ouvil-o... Deus me perdoe, mas fólgo. Toda essa influencia não é só amor da patria... é tambem um pouco... amor por Ignez... não é isto?

— A um e outro... Não sei qual mais... Se um bastava, imagine o que poderão os dois.

— Devia preferir a tudo o primeiro... não posso .. Estimo que Ignez tenha parte na sua deliberação, e n'esse alvoroço de bom agouro... E ella ha de agradecel-o.

— Quem sabe se a invasão não foi para mim uma providencia!

— Por que?

— Nem eu sei... Umas apprehensões minhas.
— A respeito de Ignez?
— Não, sr. capitão-mór, a meu respeito. A respeito da sr.ª D. Ignez nunca me atrevi a pensar... senão como se pensa em Deus.
— Ah! já entendo, cuida que lucrará, aos olhos d'ella, com a vida nova em que vamos entrar? Francamente, tambem eu penso o mesmo. Que quer? Foi criada commigo! Consente-me... um conselho? Desfaça-se da mulinha. É cavalgadura de clerigos e procuradores... Para campanha...
— Era a minha tenção. Em Bragança ha de apparecer um bom cavallo, e se houver tempo, não faltarão lá veteranos que me ensinem o exercicio das armas.
— Não estou eu aqui, doutor? Afianço-lhe que não se ha de dar mal com as lições.
— Só receio abusar.
— Abusar de que? Remoça-me. É como se tivesse um filho. E não é meu filho, a final?
É tempo agora de interromper os viandantes, que precisam attentar cada vez mais na descida.
Não dei ainda explicações ao leitor para não injuriar a sua intelligencia. Nos tres da jornada reconheceu já, de certo, o morgado de Val-de-mil, o seu couteiro Antonio Alegre, e o doutor Diogo Montez, da casa de Royos.
O Alegre, o escudeiro andante, apparece aqui ornado de uma prenda que ainda se lhe não sabía — aquelles medos invenciveis. Quem poderá conhecer um homem de uma vez?
O doutor, como quem está tambem metamorphoseado, ou em principio de metamorphose, falta-lhe, pelo menos, o indispensavel appendice do guarda-sol vermelho. Que individuo levou ainda a vida do principio ao fim... sem modificações?
Finalmente, surge-nos o morgado, quando menos se esperava, correndo montes e valles com estes companheiros á sirga.
Sobra direito ao leitor para inquirir: — Por que?
A tal respeito, só posso dizer, por ora, que havia um bom par de dias levavam todos esta vida de peregrinos.
Chegando de Lisboa, fechára-se o capitão-mór com o abbade, e passára com elle metade da noite, recebendo cartas, e dando ordens. Dois dias depois, mettêra em si boa parte do dinheiro das rendas, fizera sellar o murzelo bem refeito, mandára apromptar o Alegre com a garrana, e dera a andar de terra para terra, em procura dos homens mais influentes da provincia, indo de uns a outros, sem parar, sem descançar, como se estivera nos seus vinte annos.
Era de tal ordem a diligencia e empenho, que não se podia dispensar de ir a Villa-flor. A natureza das suas relações com os morgados de Royos, e a perspectiva do projectado enlace, constituiam, aos seus olhos, um dever indeclinavel, sem contar a influencia d'aquella casa e dos seus adherentes na respectiva comarca.
Afóra as suas pequenas vaidades e prevenções, fôra sempre homem de bom senso o morgado, como já se terá visto. Não lhe cabendo no bestunto senão uma idéa de cada vez, esta idéa deitava raizes até dar fructo. Ora s. s.ª, caso raro, trouxera da capital uma nova idéa!
Os fins d'aquellas correrias, suspeita-os indubitavelmente o leitor; o resultado da visita ao futuro genro, viu-o já no dialogo antecedente.
Quizera o doutor acompanhar em tudo, d'alli por diante, o capitão-mór. Por isso os encontrâmos juntos, e em vesperas de occurrencias, que provavelmente hão de ministrar maiores esclarecimentos.
O colloquio abbreviára o caminho. Era, porém, noite fechada, e bem fechada, quando os dois entraram na planicie.
D'alli a pouco deram com as primeiras casas, guardas avançadas da povoação de Quintella. Como avistasse logo adiante o campanario de Santa Maria, similhante a um soldado de sentinella á porta do templo, seguindo as instrucções do Alegre, tomaram á direita, e continuaram velozmente cavalgando.
A coisa de um tiro de fusil d'além do pequeno logar de Veigas, esperava-os no caminho o couteiro, acompanhado de um sujeito desconhecido.

MENDES LEAL JUNIOR

ORIGEM DA LOTERIA DA MISERICORDIA

A santa casa da misericordia, creada em 1498 pela piedosa rainha D. Leonor, viuva del-rei D. João II, para valer aos pobres, visitar os enfermos, confortar os padecentes, e abrigar os engeitados, tem servido, em varias epochas, de capa a muitas especulações bem alheias de tão veneravel instituto.
Uma das principaes tem sido a loteria, ainda hoje chamada da Misericordia, apesar das applicações, abusivas e escandalosas, dadas a parte do producto d'esta odiosa mina, contra cuja exploração tantos clamores baldados havemos levantado ha tempos a esta parte.
Mas quem foi o introductor da loteria em Portugal?
Sería algum provedor dos que tomavam dinheiro a juros, e não o pagavam ao cofre da pobreza; o qual, pelo achar vasio, se lembrou de enchel-o com mealhas tambem de pobres, que são estes os principaes jogadores da loteria?
Sería, acaso, o duque de Lafões, fundador da academia das sciencias, quem nos trouxe das suas viagens este abutre para a nossa terra, visto que foi esta a primeira corporação que, sem ser pobre, participou dos proventos da loteria na sua instituição?
Teria parte na lembrança o aliás benemerito instituidor da Casa-Pia, á vista do officio que abaixo transcreveremos, para com esse recurso perenne acudir aos encargos do estabelecimento, verdadeiramente pio e civilisador, levado por elle a um grau de perfeição quasi incrivel para aquelles tempos?
Fiquem sem resposta definitiva todas estas interrogações, até que outrem, mais feliz que nós, a possa dar, pois não conseguimos averiguar esta origem, por mais diligencias que fizemos.
Para auxiliar futuras investigações, e dar a nossos leitores noticia do estabelecimento da loteria da Misericordia entre nós, faremos a breve resenha que se váe ler, já que a historia completa da loteria fôra extensa para as columnas de tão pequeno jornal.
Nas collecções da legislação e diplomas officiaes não vem o decreto da instituição da loteria da Misericordia. Apenas na *Gazeta de Lisboa* de 9 de dezembro de 1783 se diz, na parte não official:
« Sua Magestade foi servida, a requerimento do provedor e irmãos da Misericordia, e debaixo da administração dos mesmos, permittir o estabelecimento de uma loteria annual de 360:000 cruzados, cujos lucros, formados de 12 por cento, que se tirarão dos premios, serão repartidos em tres partes, das quaes uma será applicada para o Hospital Real, outra para os Expostos, e outra para a Academia das Sciencias. »
O plano publicado no immediato supplemento da *Gazeta*, foi o seguinte: capital 144:000$000, divididos em 22:500 bilhetes, a 6$400 réis cada um, sendo o premio grande de 12:000$000 réis.
O que nos faz suppor que a loteria foi ideada pelo

duque de Lafões, é vermos que a academia, não só teve logo na primeira roda um quinhão egual ao da Misericordia, sob cujo nome se havia sollicitado, mas tambem sabermos que esta corporação se reunira para o ir agradecer ao ministro do reino, que então era o visconde de Villa Nova da Cerveira, successor do marquez de Pombal, e intimo do duque. E que este fôra o promotor, senão auctor, mais ainda nos induz a crer a deputação que a mesma academia lhe enviou a casa, para lhe dar as graças pelo beneficio recebido, recitando por essa occasião o marquez de Penalva, socio honorario da academia, um *sublime soneto* gratulatorio, peça que não chegou á posteridade, o que muito nos peza, porque talvez a chave d'este soneto nos abrisse o segredo que encerra o nome do instituidor da loteria em Portugal.

Accresce mais, que não tendo a academia, a principio, dotação nem rendimento proprio, todas as despezas, inclusivé o aluguer da casa das sessões, pesavam sobre o duque. Já se vê que elle era o principal interessado em a dotar. E foi por muito tempo o terço da loteria da Misericordia quem sustentou a academia, até que havendo-se creado as loterias reaes para a defesa do reino, em 1799, estas afrouxaram aquell'outra; pelo que o principe regente lhe estabeleceu a dotação annual de 4:800$000 rs. do cofre do subsidio litterario.

O intendente Manique, não tendo meios para sustentar os encargos da Casa Pia do Castello, pediu tambem uma parte da loteria, ou antes, uma loteria especial, como se verá pelo já citado officio que abaixo extractaremos. Não lhe foi concedida a loteria que elle sollicitava, mas sim uma parte na da Misericordia, augmentando-se-lhe o capital.

Tambem se não acha este decreto na collecção das



Falúa

leis; mas na *Gazeta* de 5 de março de 1793, e tambem na parte não official, se lê o seguinte:

«Sua Magestade tomando em consideração que a Casa Pia estabelecida no castello de S. Jorge d'esta cidade, e outros muitos objectos pios, publicos e necessarios, que ella comprehende, debaixo da direcção e inspecção do doutor Diogo Ignacio de Pina Manique, do seu conselho, desembargador do paço, e intendente geral da policia da corte e reino, se faz digna pela sua importancia e utilidade geral, da sua real attenção: houve por bem, por decreto de 26 de fevereiro de 1793, dirigido á mesa da Misericordia, ordenar que n'aquelle anno, e d'alli por diante, se augmentassem 216 contos na loteria, applicado para a Casa Pia o lucro dos 12 por cento d'esta somma addicionada.»

O capital da loteria ficou sendo, por este decreto, de um milhão e oitenta mil cruzados (432 contos) dividido em 45 mil bilhetes a 9:600 réis cada um; e o premio grande de cem mil cruzados.

Leamos agora o officio (inédito) a que mais acima nos referimos, pelo qual conjecturâmos que o intendente Manique tivera parte na invenção da loteria, posto que, a principio, a rejeitasse, por lhe não ser concedida como elle desejava.

N'um extenso officio, em que o intendente e fundador da Casa Pia dá conta do numero de orphãos que tem a sustentar, das obras que tem a concluir, e dos mais encargos que, n'aquelle tempo, pesavam sobre o estabelecimento, se lêem os periodos que vamos transcrever, por se referirem especialmente á historia da loteria.

(Continúa)

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 247)

BOTE DE CATRAIAR E BOTE CACILHEIRO

II

Já dissemos, e se viu na gravura antecedente, que o bote de catraiar, ou catraio, como d'antes lhe chamavam, é a mais pequena embarcação de vela de quantas navegam no Tejo, apesar de os haver com capacidade para 15 passageiros, todos debaixo de

toldo. Muitos d'estes botes, principalmente os do cáes do Sodré, além da vela triangular de espicha, armam uma bojarrona á proa, e uma mezena a ré; com este panno ficam muito airosos e veleiros. Quando não tem vento armam dois, quatro, e ás vezes seis remos.

Já se vê, pois, que hoje não ha botes tão pequenos e perigosos como aquelles, que por este motivo, mandou queimar o marquez de Pombal.

Os catraeiros são por lei, tambem pombalina, obrigados a fazer exame perante o capitão do porto, sem o que a camara lhe não concede a licença necessaria para catraiar.

O bote cacilheiro, é o gigante dos catraios; rijo de borda, aguentando muito mar, e com alterosa vela triangular, não de espicha, mas içada ao tope do mastro, e engatada na proa, impina-se arrogantemente para ré. Enfunada com a grande corda de vento que apanha d'alto abaixo, arroja o bote n'um ápice de Lisboa a Cacilhas, que é o seu porto. Antes da instituição da companhia dos vapores do Tejo, em 1838, os botes cacilheiros faziam carreiras alternadas com as faluas; hoje ha muito poucos, e nas horas desencontradas das viagens dos vapores da companhia é que fazem algumas carreiras.

Actualmente ha uns 300 botes matriculados em Lisboa.

FALÚA

A falúa tem duas velas, tambem triangulares ou latinas, mui altas, tendo a de ré duas escotas. É embarcação valentissima, e d'antes tinham quasi exclusivamente as falúas a carreira de Lisboa a Cacilhas, tomando os passageiros no cáes das Columnas da praça do Commercio. Com a instituição da companhia dos vapores, foram as falúas desapparecendo d'este cáes, umas compradas pela propria companhia, para se desfazer d'ellas, e outras porque tomaram diverso destino, empregando-se no transporte de generos em differentes portos do Ribatejo.

Para Aldêa-Gallega, Moita, Alcochete, e Barreiro, ainda ha carreiras de falúa. As que estão matriculadas são apenas umas 20.

A falúa, além das duas velas, tem quatro remos, de que pouco se serve, por ser embarcação pesada: algumas vezes armam os remos para ajudar a vela, quando o vento não é de feição.

CARACTER DE D. JOÃO VI

Não ha muito que uma grande illustração contemporanea, gloria das letras portuguezas, e condecoração de Portugal, n'algumas breves linhas, de estilo insinuante e espirituoso, em lingua que não é a sua, mas que de boamente o perfilhára, pintou, como mestre que é em todos os lavores da escripta, e de modo que merece registar-se, o caracter de D. João VI.

Ouçamol-o:

«... Ce bon Jean VI... était, peut-être, le plus brave homme de son royaume. Quoiqu'il fût très-laid, nos vieux libéraux, avec quelques grains de sens commun, en auraient fait l'un des plus beaux types de roi constitutionnel qui fût jamais. Philosophe et théologien à sa manière, les questions tant soit peu creusés et mystiques du droit divin et de la souveraineté populaire, ne semblent lui avoir donné beaucoup de souci. Il n'était pas même en très-bonne odeur de sainteté auprés des véritables amis du trône e de l'autel. On l'accusait de pencher du côté des francs-maçons, ce qui peut faire honneur à sa bonté, mais pas du tout à son intelligence. Il aimait ses sujets qui le payaient de retour... Jean VI... avait toute cette finesse proverbiale des campagnards de la banlieue de Lisbonne où il était né... quelques bonnes âmes voulaient, à toute force, qu'il tâtât un peu de la tyrannie; mais ce n'était pas un mêts de son goût... » [1]

Agora, uma anecdota que confirma o que acaba de ler-se.

Na primeira invasão dos francezes em Portugal, logo no começo de 1808 decretou Junot a dissolução do nosso exercito, com parte do qual organisou um corpo de oito mil homens que mandou para França, onde apenas chegaram tres mil, após innumeras deserções por toda a Hespanha. Foi este corpo o que depois Napoleão I chamou legião *Lusitana*, que pela sua disciplina e valor se cobriu de gloria em Wágram e Smolensko, continuando ao serviço da França até á restauração.

Quando este corpo saíu de Portugal, entre os mais distinctos dos seus officiaes; entre os marquezes de Alorna, de Ponte de Lima, e de Valença; entre Gomes Freire, Pamplona, Candido José Xavier, e o conde de Sabugal; contava-se o coronel, marquez de Loulé, 1.º d'este titulo, 8.º conde de Val-de-Reis, 23.º senhor d'Azambuja, 11.º da Povoa e Meadas, e 13.º do morgado da Quarteira. Todos elles foram julgados traidores á patria e como taes condemnados; mas com o correr dos tempos e quéda do imperio francez, as justificações e os perdões rehabilitaram muitos.

O modo como o marquez de Loulé conseguiu o perdão de D. João VI, e mais do que isso, a sua illimitada confiança, é digno de saber-se.

As culpas do seu imperialismo pelos serviços que prestára a Bonaparte na legião *Lusitana*, tinha-as o fidalgo portuguez remido até certo ponto pela adhesão á legitimidade monarchica, acompanhando Luiz XVIII para Gand.

Depois d'esta sua publica e inequivoca manifestação, pareceu-lhe que a podia aproveitar como passaporte para a côrte do Rio de Janeiro, onde se foi entregar á discrição e clemencia do soberano.

Com o caracter de official francez partiu, com effeito, de França. Chegando ao Rio em 27 de julho 1817, entregou no mesmo dia, na legação franceza, todos os papeis de que lhe fôra preciso até alli servir-se, para conseguir seus fins sem maiores obstaculos. Alojou-se n'uma hospedaria da rua de santo Antonio.

No dia 29 procurou o primeiro ministro d'estado.

— Rogo a v. ex.ª (lhe disse o marquez) queira ter a bondade de pôr na presença de sua magestade, que se acha n'esta corte Agostinho Domingos José de Mendonça, acompanhado tão sómente de seus crimes, e da firme e invariavel resolução de morrer aos pés do seu rei.

Dito isto retirou-se á sua residencia.

O ministro partiu no mesmo momento a dar parte ao rei.

No dia 30, ás onze horas da manhã, entrava no quarto do marquez o ministro da policia. Determiva D. João VI recolhel-o na fortaleza de Santa Cruz. Marquez, e ministro, ambos se pozeram immediatamente a caminho. Ás tres horas da manhã do dia 31 entravam na fortaleza.

— As minhas circunstancias são taes (disse o preso ao ministro) que preciso entrar no numero dos presos a quem a caridade costuma soccorrer. Desejava que isto chegasse ao conhecimento de quem competisse.

Ao retirar-se teve o ministro a generosidade de deixar a sua bolça sobre a pequena mala do marquez. O

[1] *Mousinho da Silveira, Lettre à un ami, par A. Herculano.* Lisbonne, Imprimerie de Castro & Irmão, 1856, pag. 6.

governador da fortaleza a quem Agostinho de Mendonça ficou entregue, era tambem polido e humano. Adoçava-lhe muitas vezes o martyrio das suas considerações; procurava fazer-lhe acreditar que o seu processo teria exito favoravel, e que a incerteza da sua sorte não duraria muito tempo.

As circunstancias apuradas do marquez fizeram impressão no animo do rei, que determinou soccorrel-o, e da casa real começou a ser provido de toda a casta de auxilios, desde o dia 3 de agosto.

No dia 11 começou a inquirição. O marquez, bem longe de pretender defender-se, ou mostrar desejo de justificar-se, confessou todas as circunstancias que podiam servir á accusação. Assim concorreu a simplificar muito, em numero e em materia, as perguntas que se seguiram.

Dentro de quinze dias tudo estava por este lado concluido, mas D. João VI confirmou novamente a sentença condemnatoria proferida em Lisboa!

Era conhecida a sorte que esperava o preso, que nem por isso se arrependia dos passos que acabava de dar.

Os parentes de Agostinho de Mendonça, os grandes do reino, os amigos, os proprios inimigos, lançaram-se aos pés do monarcha, pedindo que ao menos lhe commutasse a pena ultima. Alguns houve tão generosos que captivavam, a similhante graça, o valor dos seus relevantes serviços.

A firmeza de D. João parecia mostrar que a sorte de Agostinho de Mendonça estava irrevogavelmente fixada, e elle abandonado ao seu destino.

A esperança da sua salvação perdia-se de dia para dia. Passára o dia da acclamação sem que o rei fallasse no marquez. Dois dias depois alguns grandes do reino lhe entregaram em occasião opportuna uma memoria sobre o objecto: guardou-a, mas advertiu-os com o gesto que não consentia que lhe fallassem no preso.

O marquez esperava a todas as horas o supplicio, até que no dia 20 de março 1818 lhe entrou na prisão frei Custodio, familiar do rei.

Na vespera á noite quando o frade entrava no quarto do monarcha:

— Sabei frei Custodio (lhe disse o rei) que tenho destinado perdoar ao marquez de Loulé.

O religioso inclinou-se, beijou a mão ao rei e pediu-lhe licença para ser portador de tão grata nova. D. João approvou, e pareceu estimar esta resolução do padre.

— Sim, váe (continuou): dize ao marquez de Loulé que nos dias de hoje e ámanhã recorda a egreja as grandes finezas que Jesus Christo praticou com os homens. Porque eu o devo imitar, está o marquez de Loulé perdoado da pena ultima.

Tal foi a inesperada noticia com que frei Custodio veiu tranquillisar o official arrependido.

Dentro em poucas horas chegava á fortaleza um correio com a ordem de soltura, e licença para recolher á corte do Rio de Janeiro. N'elle obteve toda a cidade por menagem. Na mesma hospedaria da rua de Santo Antonio tornou a alojar-se, e foi comprimentado pela corte, e por muitas outras pessoas de distincção.

Tres dias depois entrava no seu quarto um homem desconhecido, portador de um bilhete e de um sacco de damasco com dinheiro, retirando-se sem esperar resposta.

O bilhete dizia:

« Quatro contos de réis para o marquez de Loulé diminuir o numero de seus males. »

Loulé conheceu a letra soberana, e respeitou-a ainda mais do que estimou o soccorro que uma grande alma lhe liberalisava.

No espaço de cinco semanas teve occasião de ver o rei e a familia real. Certificára-se que D. João o vira algumas vezes, deixando-lhe sempre a persuasão de que o não olhava com indignação nem desprezo.

Uma tarde encontrou a princeza real. Maria Leopoldina, archiduqueza d'Austria, esposa do principe real, depois rei D. Pedro IV, voltava do seu passeio ordinario. A princeza parou e dirigiu-lhe a palavra.

— Vós é que sois o marquez de Loulé? (lhe disse ella).

— Desfructei algum dia essa grandeza (respondeu-lhe o marquez). Hoje, minha senhora, não sou mais que um desgraçado.

— Marquez, não convenho n'isso. Meu pae, el-rei do reino unido não é vosso inimigo.

— Creio, minha senhora, que o meu rei não é inimigo de pessoa alguma, mas tambem acredito que já o não posso ter por amigo verdadeiro.

Leopoldina, para o tirar do embaraço em que o via, aproximou-se mais, deu-lhe a mão a beijar e proseguiu, deixando-o entregue a oppostas considerações. Quatro dias esteve Loulé sem sair do quarto, preoccupado com mil conjecturas e outros tantos projectos, que facilmente se desvaneciam quando se lembrava da qualidade da pessoa a quem tinha offendido.

Ás onze horas da noite do quarto dia, appareceu-lhe o seu amigo marquez de Bellas. Abraçaram-se com as lagrimas nos olhos.

A princeza real visitára na tarde d'aquelle dia el-rei, e fizera recair a conversação no seu encontro com Loulé.

— Não quero offender o coração de meu bom pae, (disse Leopoldina, com a maior delicadeza) pedindo-lhe favores para o marquez de Loulé, porque ninguem diga, que a uma princeza se deve a conclusão de uma obra, tão generosamente principiada por um rei.

— Já teria acabado esta questão se eu fôra Agostinho de Mendonça (disse o marquez de Bellas, aproveitando-se do ensejo).

— Como? (perguntou o rei).

— Lançando-me aos pés de vossa magestade, onde teria achado o meu descanço.

— E porque não tem o marquez de Loulé dado esse passo? Espera que eu o procure? (retorquiu o monarcha).

O de Bellas beijou logo a mão ao rei, e saiu immediatamente ao encontro do de Loulé. Dois dias depois devia o rei vir á corte: era boa occasião para aproveitar o que se lhe ouvira n'aquella tarde.

Depois d'esta entrevista nocturna separaram-se os dois marquezes. O de Bellas saiu. Loulé ficou como louco. Parecia-lhe que acabava de entrar, e existia em mundo diverso!

No dia proprio, a duas legoas e meia da corte, foi com effeito esperar o rei. Chegado o momento de D. João passar, e com a anticipação que lhe pareceu conveniente, Loulé ajoelhou no meio da estrada. D. João mandou parar alli o palanquim, e dirigiu-lhe a palavra mui brandamente.

— Que quer o marquez?

— Lembrar a vossa magestade que minha desolada familia não tem parte nos meus crimes; e depois morrer aos pés do meu augusto soberano.

— A muito se expoz o marquez vindo a esta corte sem nenhuns auxilios (lhe tornou o rei).

— As virtudes de vossa magestade é que me animaram a dar um passo tão arriscado.

— Estaes convencido de que devo perdoar-vos?

— Não, senhor, que os meus crimes impedem-me essa ventura.

— É o primeiro (disse então o rei voltando-se para o seu sequito) que fiando-se no meu coração veiu en-

tregar-se nas minhas mãos! — Vossos crimes (continuou, olhando para o marquez) ficam aqui sepultados. Nunca mais me lembrarei d'elles. Tudo vos dou, mesmo a minha amizade, para vos confirmar que não vos enganastes com o coração do vosso rei. Vinde para a corte, na qual já não ha logar vedado ao marquez de Loulé.

....

O que acaba de ler-se é o que conta na *Relação* que escreveu em 29 de agosto 1818, o proprio marquez perdoado. [1]

Seriam estas scenas occasionaes, naturalmente succedidas, ou preparadas para produzir effeito publico? A intervenção de Luiz XVIII podia, como se diz, ser tambem parte para que o fidalgo portuguez alcançasse o perdão e a amizade do rei, mas não nos parece que D. João se prestasse a representar d'estas comedias.

Nunca pessoa alguma dera tantas mostras de gratidão por beneficios recebidos, como o marquez de Loulé deu depois d'isto ao seu rei. Consagrava-lhe toda a sua existencia. A sua companhia tornára-se indispensavel a D. João, pelos desvelos e carinhos que recebia d'elle. Ninguem senão o marquez tinha o condão de suavisar-lhe as penas.

Poucos annos depois da corte voltar a Portugal, foi Loulé victima da sua dedicação ao rei, e da sua constancia politica. Nomeado estribeiro-mór durante o regimen parlamentar, permaneceu, depois das mudanças de 1823, fiel aos principios liberaes. Os inimigos d'esta politica; que o não podiam fazer seu instrumento junto do rei, e que o suppunham obstaculo para dominarem e se insinuarem no animo real, conspiraram contra elle.

Na noite do primeiro de março 1824, caíu victima de um punhal assassino dentro do mesmo real paço de Salvaterra!

Não era difficil descobrir o criminoso, se a lei fosse egual para todos. Apontavam-n'o com o dedo, e os jornaes do tempo não o encobriam. A devassa tirava-se porém com tal lentidão, que ainda não tinha concluido quando rebentou a embuscada de 30 d'abril, capitaneada pelo infante D. Miguel, que prendeu seu pae no paço da Bemposta, e por alguns dias aterrou a capital com perseguições sem numero.

Vencido o infante, se o partido reaccionario não predominou abertamente, porque o caracter do rei lh'o impedia, teve comtudo artes para lhe abrandar os resentimentos, e alcançar amnistias.

Proseguindo de novo, e concluindo a final a devassa começada pelo crime de Salvaterra, uma commissão extraordinaria presidida pelo conselheiro Antonio Gomes Ribeiro foi encarregada de proferir a sentença final. Inda hoje se podia esperar por ella, se a amnistia publicada em 24 de junho 1825, sobre os implicados nos ultimos acontecimentos politicos, não comprehendesse perdão a uns, e commutação em simples desterro a outros, dos implicados n'aquelle aleivosissimo homicidio!

JOSÉ DE TORRES

[1] Vid. a *Collecção Chronologica* de subsidios para a historia politica e administrativa de Portugal, que consta de muitos volumes, colligidos por Gabriel Francisco Ribeiro, que foi escrivão da mesa grande da alfandega do Porto, collecção que está hoje em poder de Manuel Antonio Figueira, da mesma cidade.

ANDRÉ MARIA CONSTANTE DUMÉRIL

Os jornaes pittorescos devem sempre dar honroso logar aos retratos dos homens notaveis nossos contemporaneos, para que o povo conheça, ao menos em effigie, a quem deve os beneficios que recebe, pelas artes, letras, sciencias e outros meios de civilisação.

A este encargo iremos acudindo com os poucos recursos artisticos que ha entre nós.

Damos hoje para a galeria já começada n'estas paginas, o retrato do insigne naturalista francez André Maria Constante Duméril, fallecido a 14 de agosto proximo passado, com 86 annos de edade.

O ter Duméril substituido Cuvier na cadeira de historia natural da eschola do Pantheon, e Lacépède na de erpetologia e ichthyologia do museu de Paris, bastava para lhe perpetuar o nome nos annaes scientificos, se elle não tivesse escripto tantos livros sobre quasi todas as sciencias accessorias da medicina, em cuja faculdade foi doutorado aos 24 annos.

D'esta edade disputou a Dupuytren, em concurso publico, a direcção dos trabalhos anatomicos da faculdade de Paris, que lhe foi conferida. Em 1810 passou a reger a cadeira de anatomia na mesma faculdade; em 1812 a de physiologia, e em 1830 a de pathologia interna.



Retrato de Duméril

Exerceu muitos outros cargos scientificos, que sempre desempenhou zelosamente até á avançada edade em que falleceu. Era socio da academia das sciencias de Paris, assim como de muitas outras corporações litterarias da Europa; e collaborador de diversas revistas de sciencias naturaes.

CHARADA

No meio dos tormentos mais atrozes
Dei placidos sorrisos ao martyrio,
E a timidez, dos circos no delirio,
Esforcei contra as feras e os algozes. } 1

Quando tal fiz nas folhas do Evangelho,
Fundamento da força precedente,
Dos extremos do Oriente aos do Occidente
Novo mundo surgiu do mundo velho. } 1

Entre minhas irmãs logrei com isto
Perpétua conservar a primazia:
Como aos Cesares dei a sob'rania,
O imperio dou ao successor de Christo. } 3

O meu todo, porém, entre a grandeza,
O bulicio e o fulgor, não é seguro,
E é mais uma esperança do futuro
Do que um dote da nossa natureza.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Embaixada del-rei D. Manuel ao Preste João das Indias — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Não é para aqui agora, inquirir d'onde veiu a Portugal a fabula da existencia de um grande imperio na India, governado por um principe christão, neto da rainha Sabbá. Está por escrever esta singular historia, apesar do muito que a tal respeito discorrem todos os historiadores das nossas conquistas e descobrimentos. Póde ser que ainda façamos essa tentativa.

O que muitos d'elles dizem, é que o empenho que tivera D. João II de saber se com effeito existia o Preste João, fôra origem de descobrirmos a India. Tão certo é que de insignificantes principios nascem grandes successos!

De todos os auctores nacionaes e estranhos que sobre esta viagem escreveram, preferimos o padre Francisco Alvares, de cujo rarissimo livro copiámos a estampa que hoje publicâmos.

Era, este padre, capellão del-rei D. Manuel, e foi por elle escolhido para acompanhar a embaixada que el-rei mandou ao Preste João, em troca da que este lhe enviou pelo armenio Matheus, que regressou á Ethiopia n'esta mesma frota, a qual largou do porto de Lisboa a 7 de abril de 1515.

O embaixador eleito para tão fallada missão foi o chronista-mór do reino, Duarte Galvão, já afamado por outras embaixadas do mesmo soberano a Roma, Allemanha e França. Mas fallecendo este no mar Roxo, foi em Goa nomeado para o substituir D. Rodrigo de Lima, indo sempre o capellão Francisco Alvares. Chegaram no fim d'aquelle mez a Maçuá, ilha do mar Roxo, e d'alli partiram para Arquico onde estava o Preste, que os recebeu magnificamente.

Nas terras do Preste João andou Francisco Alvares seis annos, convertendo e doutrinando aquella gente, que posto fosse christã parte d'ella, estava inçada de superstições e praticas de diversos ritos.

Resolvendo o Preste mandar uma embaixada de agradecimento ao rei de Portugal, e d'aqui a Roma, dar obediencia ao papa, escolheu para esta enviatura um monge abexim, chamado Zagazá, que o padre Francisco Alvares tinha baptisado. Com elle chegou ao reino em 24 de julho de 1527, reinando já D. João III. Acompanhou tambem o embaixador da Ethiopia a Roma, e regressando a Lisboa, n'esta cidade publicou, em folio gothico, a *Verdadeira informaçam das terras do Preste Joam, segundo viu e escreveu, etc.*

Antes, porém, de darmos o summario d'este livro, é indispensavel, para melhor o entender, referirmos as circunstancias que precederam a embaixada, coisa que o auctor não fez.

Para este effeito escolhemos escriptor coevo, e de credito. E este Gaspar Corrêa, o Tacito dos nossos chronistas da India, pela verdade e desassombro com que falla dos homens e das coisas, nas suas *Lendas,*

em grande parte ainda inéditas, como já tivemos occasião de mencionar n'outro numero.

Recapitularemos o que elle diz a este respeito, porque além de ser mui extenso é confuso, é às vezes difficil de entender.

Reinando el-rei D. João, o segundo d'este nome, no anno de 1428 veiu a Portugal o rei de Benim, cafre de nação, e se fez christão com muitos dos seus. D'estes tomou D. João II muita informação da India e das coisas d'ella, que desejava saber com certeza. Soube que era rei d'ella o Preste João, e que era christão e senhor de grande riqueza.

Estas informações fizeram *tamanha impressão no coração a el-rei, que tomou entranhavel vontade de mandar saber e descobrir a India;* pelo que, pondo em effeito seu desejo, logo no dito anno, *em seu segredo,* enviou dois moços de estribeira seus, que muitas terras sabiam, e tinham andado por muitas partes, pelo que sabiam muitas linguas, aos quaes encommendou que fosse cada um por onde Deus lhe désse vontade, e trabalhassem por saberem da India e passassem lá, e soubessem do Preste João que coisa era, e de tudo lhe trouxessem informação. E se o houvesse, trabalhassem pelo ver e fallar com elle, visitando-o da sua parte, dando-lhe conta do grande desejo que tinha de o conhecer e conversar, e com elle ter amizade para todo o bom serviço de Nosso Senhor, promettendo-lhe por seu trabalho grossas mercês; e que em quanto n'este serviço andassem, teria cuidado da mantença de suas mulheres e filhos; dando-lhes alvarás de lembrança das mercês que lhes promettia tornando vivos, ou a seus filhos e mulheres, se elles no dito serviço morressem. E a cada um mandou dar uma pasta de latão com medalhas, e n'ellas tres letreiros talhados em todas as linguas, que diziam: *El-Rey Dom João de Portugal, irmão dos Reys Christãos,* para que as mostrassem ao Preste João, e a quem lhes bem parecesse.

Conta depois Gaspar Corrêa, que um d'estes moços da estrebaria era canarim, chamado Gonçalo de Pavia, que fallava castelhano; e o outro Pero da Covilhã, por ser natural d'aquella terra; a cada um dos quaes dera el-rei algumas *pedrinhas* de preço, que vendessem para seu gasto.

Segue dizendo que ambos tomaram o caminho de Veneza, e nas galés de peregrinos, em trajos desconhecidos, passaram á Turquia, e foram á Alexandria, com uns mercadores, em cuja companhia se metteram, servindo-os por soldada, e nas suas cafilas passaram a Meca, onde se aconselharam ambos e se apartaram.

Gonçalo de Pavia fez caminho para a India, foi ter a Calecut, correu toda a costa até Cambaia, em companhia de um judeu mercador, com o qual se tornou a Ormuz, onde falleceu. Sentiu o judeu muito a morte de Gonçalo, e lhe prometteu que trabalharia para vir a Portugal dar conta a el-rei das coisas que elle queria saber, e por testimunho de verdade lhe traria a chapa. Com o engodo das alviçaras que o rei de certo lhe daria, cumpriu o hebreu a sua palavra, mas quando chegou a Portugal tinha fallecido D. João II, e eram já partidas as naus para o descobrimento da India.

Pero da Covilhã, saindo de Meca, tomou o caminho do Egypto pela beira-mar, e correndo muitas terras, foi ter ás do Preste, e dirigindo-se para onde elle estava, lhe fallou e deu o recado de el-rei de Portugal. O Preste houve d'isto grande contentamento, e leu a chapa que era em caldeu, sua lingua, dando-lhe muito credito, porque elle e seus antepassados tinham informação, d'ouvida, dos grandes reis que havia na christandade, e ás vezes mandava visitar Jerusalem, e o papa em Roma; pelo que sempre tivera muitos desejos de saber d'elles e os conversar. Por isso fez grandes mercês a Pero da Covilhã, e lhe deu terras e senhorios como conde, com muitos vassallos e rendas, que elle não queria acceitar, para vir logo dar conta do seu recado a D. João II. Mas o Preste pediu-lhe que ficasse por não morrer no caminho ou se perder; que elle mandaria um criado seu a Roma, e de lá a Portugal, e que entretanto viria outro seu companheiro, e não vindo, então faria o que cumprisse. Ainda porfiou Pero da Covilhã, mas o Preste não consentiu que elle partisse, e lá se ficou, sendo ainda vivo ao tempo que alli chegou o embaixador D. Rodrigo de Lima, em 1520.

Cumpriu o Preste João a sua palavra, porque no anno 1512, estando em Goa o famoso governador da India Affonso de Albuquerque, lhe veiu aviso do xeque de Chaul, dizendo que tinha alli chegado um mercador que dizia ser mandado pelo Preste João da Ethiopia, com recado a elle governador; que não sabia se era assim, e que o tinha preso por lhe dizerem outros mercadores que era mau homem. Affonso de Albuquerque, com tal nova, como era grandioso em suas coisas, e de pequenas as queria sempre fazer grandes, mostrou bem o seu alvoroço, mandando logo agradecimentos ao xeque, e a Diogo Fernandes de Beja que fosse n'uma galé fallar ao tal mercador, e se achasse que era como dizia, o trouxesse com muita honra. Chegando a Chaul, Diogo Fernandes perguntou ao preso quem o mandava e que recado trazia. Respondeu elle que vinha ao governador da India mandado pelo Preste João, que o levasse a Goa e elle diria ao governador seu recado: que se fosse falso como diziam os que o tinham prendido, o governador lhe daria o castigo que quizesse. Então Diogo Fernandes o recolheu, e fez com que o xeque restituisse quanto lhe tinha tomado, levando-o a Goa, em cuja barra Affonso de Albuquerque o mandou entrar com a galé embandeirada e salvas de artilheria, indo ao cáes o capitão com muitos fidalgos a receber este embaixador, levando-o ás casas do Sabayo onde o governador estava aposentado, o qual o recebeu com muitas honras, e o hospedou nas mesmas casas.

Era homem branco, de boa presença, e dos seus cincoenta annos. Trazia duas mulheres de bom parecer, e oito criados.

Diogo Fernandes deu conta ao governador de que soubera pelo embaixador, que a rainha Helena, mãe do Preste João, por informações que tomára dos mercadores que passavam pelo Egypto, que é conjunto ás terras do Preste, e pelos do Cairo tambem, que havia muitos reis christãos, e que alguns iam á santa casa de Jerusalem, pelo que deu muito credito ao que lhe contára Pero da Covilhã, alli mandado por D. João II. Esta rainha, desejosa ou curiosa de saber tudo com verdade, fallára áquelle homem, que era mercador, seu natural, e de sua confiança, para que fosse á India verificar o que lhe diziam. Deu-lhe uma terra, perto do mar, em que deixasse toda a sua familia, e lhe poz nome de Matheus; dando-lhe, fechada e pregada, uma bocetinha de prata, e dentro outra de oiro, onde ia um pedacinho do lenho da vera cruz, recommendando-lhe que, se se visse em poder de inimigos, que lh'a quizessem tirar, antes a deitasse no fogo ou no mar, e morresse pela defender, e que a não entregasse senão ao rei de Portugal, com a carta que levava. Deu-lhe para isto a rainha muito oiro, e mais uma carta para o governador del-rei de Portugal na India lhe dar embarcação que o transportasse ao reino.

Este tal Matheus era moiro, mas fez-se christão a rogo da rainha, para esta viagem, em recompensa da qual lhe prometteu fazel-o grande senhor, quan-

do voltasse com a resposta. Foi baptisado n'um mosteiro chamado Bysão, onde deixou a familia.

Eis aqui a succinta biographia do embaixador da Ethiopia.

Affonso de Albuquerque, recebendo a carta da rainha Helena, ficou muito ufano, e jubilando por no seu tempo vir mensagem tão desejada dos reis de Portugal, qual era a do Preste João, *coisa tão nomeada pelo mundo, e nunca até então sabida*. Por isso visitava muitas vezes o embaixador, e fallava longamente com elle, achando-o sempre em verdade. Desejoso de saber que era o presente que levava, o embaixador lhe mostrou a bocetinha, dizendo que aquillo lhe dera a rainha para apresentar a el-rei de Portugal, mas não sabia o que era. Pareceu a Affonso de Albuquerque, que uma coisa que mandava tão grande rei a outro rei, não podia deixar de ser alguma pedra preciosa de grande valor, ou por ventura o santo lenho da vera cruz, que haveria da casa de Jerusalem. *E isto lhe caiu tanto no coração, que em si o affirmou*, por algumas palavras que tirou do embaixador. Ao qual embarcou em uma nau em que ia Bernaldim Freire, dando-lhe a camara do leme, em que bem cabia com suas mulheres e criados. Os moiros de Cananor tiveram muito pesar de ver que ia a Portugal embaixador do Preste João; murmurando dos portuguezes, dizendo que eram homens de pouco saber, que os enganava um moiro com falso nome de christão, que se fazia embaixador do Preste João, coisa falsa, porque o Preste estava mettido nas suas terras, e não sabia o que era gente no mundo.

Com isto, os officiaes da nau iam suppondo que levavam um embaixador fingido; e no mar alto o metteram em ferros, deram-lhe muito bofetão, e até lhe depennaram as barbas, como refere Gaspar Corrêa, dizendo-lhe que era truão, falso, espia do turco, e que Affonso de Albuquerque o não soubera conhecer.

Chegando a Lisboa, isto affirmaram a el-rei D. Manuel; mas este, vendo a carta do Preste e a boceta com o santo lenho, ouvindo os aggravos do embaixador, deu ordem para que se prendessem os capitães, mas elles, muito a tempo, fugiram para Castella. Mandou o soberano que lhes confiscassem os bens para dar ao embaixador, mas este não os quiz acceitar, dizendo que os capitães lhe não tinham feito mal nem deshonra; e que só queria que el-rei o estimasse como cumpria o seu estado.

Com a resposta a esta embaixada do Preste, é que foi Duarte Galvão para a Ethiopia, levando em troco da boceta do santo lenho o seguinte presente, que importou em muitos mil cruzados.

Eis o rol que d'elle nos dá Gaspar Corrêa:

Uma cama para a sua pessoa, com paramentos de pannos de Flandres de fina verdura, para paramentar a camara, de seda e oiro, e sobreceo do mesmo teor, com corrediças de tafetá azul e amarello; cobertor de damasco da mesma côr, entretalhado de velludo preto atorcelado de oiro; dois colchões de Hollanda e seus lençoes, colcha branca de muitos lavores, travesseiro e almofadas de lavores de oiro, tudo riquissimo.

Mais uma cadeira guarnecida de brocado raso, e cravação de prata, com dois coxins do mesmo teor. Um estoque guarnecido de oiro de esmalte, seis almofadas de camilha de setins avelludados de um lado, e do outro raso de varias côres. Uma mesa de estado, de peças marchetadas em Flandres, com um panno de fina verdura de oiro e seda, tambem feito em Flandres, o qual cobria a mesa toda. Tres esquipações de toalhas de mesa, guardanapos e toalhas de mãos. Fruteiros e tudo mais para o serviço da mesa era de oiro.

Dois vestidos inteiros, quanto é necessario para vestir um homem da camisa até á capa; um d'elles de panno fino forrado de seda e oiro, o outro de panno de brocado e seda, com rica opa e forros de marta. Uma rica espada e cintas para a trazer; um arnez branco doirado por partes, com seu elmo e grande penacho de argentaria de oiro, e umas couraças postas em brocado rico, e as laminas doiradas com guarnição de oiro de esmalte. Uma sáia de malha com as franjas de oiro, um capacete rico, forradas as bordas de chapa de oiro anilado.

Uma sella de brida de velludo carmezim com suas retrancas e franjas, tudo atorcelado com fio de oiro. Duas rodellas de Flandres doiradas com embraçamentos de brocado, e vinte lanças de ferros doirados.

Um pontifical de missa, de brocado raso, frontal, capa, vestimentas, e toda a prata necessaria para serviço do altar, custodia, tudo doirado, até a campainha e caixa dos corporaes. Dois livros de rezar, um illuminado com ricas brochas de esmalte, e o outro chão. Um retabulo de portas, da grandeza do altar, com o crucifixo e a saudação de Nossa Senhora. Quatro pannos de armar, de Flandres, de seda e oiro, representando a historia do nascimento de Nossa Senhora e a *Salvè Regina*.

Todo este presente ia muito enfardelado, e entregue ao embaixador Duarte Galvão, que levava seu escrivão e vinte homens de serviço, mui sabidos em todas as artes de armas, e musicos de tangeres e fallas, assim como todos os officiaes mechanicos.

Antes de referirmos o que se passou na Abyssinia, depois da chegada e estada do nosso embaixador, bom é que o leitor saiba que terra era aquella, dos seus usos e costumes, o que tudo resume o nosso Francisco Alvares, capellão da embaixada, nas seguintes —

Perguntas que o sr. D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga Primaz fez a Francisco Alvares capellão de el-rei nosso senhor, d'algumas coisas particulares da terra do Preste João, além das que o dito Francisco Alvares tem escripto em seu livro.

«O qual Francisco Alvares foi ao dito Preste em companhia de D. Rodrigo de Lima, que ia por embaixador ao dito Preste, pelo fallecimento de Duarte Galvão, embaixador que el-rei D. Manuel, que santa gloria haja, mandava lá: os quaes chegaram ao porto de Macua, ilha no mar Roxo, junto do logar de Arquico, terra do Preste, aos 27 dias de abril de 1520. Andaram seis annos na dita terra e senhorios do Preste, e tornaram a embarcar no dito porto de Macua, junto de Arquico, no anno de 1526, em abril, aos 28 d'elle. O qual Francisco Alvares veiu a esta cidade de Braga a se confirmar em o beneficio que lhe el-rei nosso senhor deu. Esteve n'ella alguns dias, onde chegou aos 30 de julho do anno de 1529.

Disse que commummente não come toda a gente senão sómente uma vez no dia, e esta é á noite; e jejuam na quaresma religiosos e clerigos estreitamente, de maneira que muitos na semana não comem mais de tres vezes, terça, quinta, sabbado. Não bebem vinho de uvas nem de mel, bebem outras beberagens que se fazem de outros legumes.

Na quaresma não comem carne, nem leite, nem ovos, nem manteiga, ainda que estejam para morrer; comem legumes e algumas poucas frutas que ahi ha. E todas as quartas feiras e sextas do anno jejuam todos os homens e mulheres, grandes e pequenos; isto se não entende do Natal até á Purificação de Nossa Senhora, nem da Paschoa da resurreição até á Trindade que não ha jejum. Frades, clerigos e homens fidalgos e nobres jejuam toda a semana, tirando sabbado e domingo.

Disse que nenhuns homens morriam por justiça; que a muitos açoitavam, a alguns tiravam os olhos, e a outros cortavam mão e pé, segundo a qualidade

do crime; porém, que elle víra queimar um homem porque fôra achado em dois furtos na egreja.

Que o papa ou patriarcha da terra do Preste João se chama abuna, que quer dizer padre, e não ha ahi outro nenhum em todos os reinos e senhorios do Preste, que dê ordens senão aquelle.

O Preste João se chama Acegue, que quer dizer imperador; e se chama Neguz, que quer dizer rei.

Não ha maneira de physica, sómente põem fogo; em alguma doença põem ventosas sem fogo, e para dor de cabeça sangram na testa com uma faca posta na veia. E dão-lhe com um pau em cima para que tire sangue; porém tomam algumas hervas em beberagem para sararem.

Em toda a terra não ha logar que passe de mil e seiscentos visinhos, e d'estes poucos: e nenhum logar cercado, nem castello; aldeias sem conto, as casas communmente, ou as demais, são redondas e todas terreas, cobertas de terrados ou de palha, curraes de redor.

Dormem o geral em coiros de bois, outros em leitos de correias dos mesmos coiros; nenhuma maneira de mesa. Comem em umas gamellas chans como bandejas, de mui grande largura, sem toalhas nem guardanapos. Tem bacios de barro muito preto como azeviche, e pucaros do mesmo barro, por que bebem agua e vinho. Muitos comem carne crua, e outros assada nas brazas, e outros sobre a lenha, e sobre bosta de bois onde não ha lenha. Ha muita cera e velas e candêas d'ella, não fazem candêas de sebo, não ha alli azeite senão um a que chamam hena, e é de umas hervas que parecem pampillos, não sabe a nada, e é formoso como oiro; não ha alli pescado senão muito pouco de rios, do mar nenhum.

Não ha mosteiros senão de Santo Antão, e não de nenhuma outra ordem como dizem alguns frades que de lá vem. Fidalgos e religiosos, conegos e clerigos andam vestidos a de mais da outra gente, nus da cintura para cima, e uma pelle de carneiro pelo hombro, atada do pé á mão.

E os mais dos mosteiros são postos em montes altos ou grandes funduras; tem grandes rendas e jurisdicções. Em muitos mosteiros não comem carne todo o anno, e pescado mui poucas vezes, pelo não haver na terra. O rezar d'estes mosteiros são salmos e prosas, assim se faz nas egrejas de conegos. Toda a egreja tem duas cortinas, uma áquem do altar com campainhas, e d'esta cortina para dentro não entram senão sacerdotes, e outra cortina no meio da egreja. E na egreja não entra senão pessoa de ordens. E muitos fidalgos e pessoas honradas se ordenam por entrarem na egreja. E á porta de todas as egrejas e mosteiros vão dizer as epistolas e evangelhos, e os dizem acceleradamente, e ahi dão communhão ao povo.

Os sacerdotes consagram no altar, e não mostram o sacramento. Quando vem a commungar, o clerigo que diz a missa toma a particula pequena, que de cima parte, e as outras duas partes grandes deixa para commungar o povo. Toda a gente que vem á egreja ha de commungar cada dia, ou não vir á egreja. E acabada a communhão lhes dão uma pouca de agua benta, com que lavam a bocca.

Nenhuma pessoa se assenta na egreja, nem entram calçados, nem escarram, nem cospem, nem deixam entrar nenhum cão, nem outra alimaria na egreja; e confessam-se em pé, e assim recebem a absolvição. E nas egrejas, os conegos assim rezam como nas dos frades. Os frades não casam, os conegos e clerigos sim. E quando vivem juntamente os conegos em circuito, comem em suas casas, e os frades em communidade: e os maioraes d'estas egrejas se chamam licacanates, e as mulheres dos conegos tem casas fóra do circuito, onde elles vão estar com ellas; e o filho do conego fica conego, e do clerigo não, senão se depois se quer fazer. Não se paga dizimo a nenhuma egreja, vivem das grandes propriedades que as egrejas e mosteiros tem. Demandas dos clerigos tratam-se perante a justiça secular. A vestimenta é feita como camisa, e a estola furada pelo meio e mettida pela cabeça; não ha ahi manipulo nem amicto nem cinta; clerigos e frades todos trazem as cabeças rapadas e as barbas não. Os frades dizem a missa com o capello na cabeça, e os clerigos com a cabeça descoberta. Em nenhuma egreja não se diz mais de uma missa, e não se diz missa de esmola nem por mortos; quando se fina alguma pessoa, vem os clerigos com cruz e agua benta e incenso, e rezam-lhe certas orações, e levam-no a enterrar muito depressa. Ao outro dia levam offertas. Os adros todos são cerrados que nenhuma coisa entra com elles.

O Preste João não tem logar determinado para estar, anda sempre no campo com tendas, e sempre terá no seu arraial cinco e seis tendas, entre boas e communaes, e somenos gente de cavallo, e de mulas haverá sempre na côrte de cincoenta mil (?) para cima.

A cozinha do Preste João está um bom tiro de bésta atraz do seu aposentamento, e trazem de comer d'esta maneira: tudo o que ha de comer vem em escudelas e panellas de barro, muito prompto em gamellas de pau; sobre os pagens que as trazem vem um pallio de seda que os cobre, de maneira que vem reverenciadas estas iguarias.

Ha muitos reguengos do Preste, em que se colhe grande somma de pão, o qual se dá a pessoas honradas e pobres, e mosteiros e egrejas pobres, sem o Preste João se aproveitar nada do proveito das rendas d'estes reguengos, sómente esmolas.

«Em toda a terra ha muito pão, trigo e cevada; em outras terras ha mais milho que trigo, nem cevada; em estas, e onde algum tanto fallece trigo e cevada, ha muito tafo e aguça, sementes a nós não conhecidas, grãos, favas, feijões, chicharos, e de todos os legumes; e em outras terras de toda a semente e legumes em grande fartura e abastança. Nascem muitas aguas, mas não ha nenhuma fonte feita de pedra. E no logar de Aquajumo, onde foram as rainhas Sabá e Candacia, ha ahi muitos poços e tanques lavrados de boa cantaria.

No logar de Aquajumo ha imagens muito bem lavradas, e figuras de leões, e cães, e bois, e de outras antigualhas feitas de pedras. E n'este logar se fez christã a rainha Candacia, por conselho de um seu eunucho, que S. Filippe baptisou por instincto do Espirito Santo.

Em toda esta terra não ha ahi ponte de pedra nem de pau; em nenhuma parte dos reinos e senhorios do Preste João não ha judeus; ha infindas canas de assucar, e não o sabem fazer; ha na terra uvas, pecegos, que são maduros no mez de fevereiro, e acabam em abril; muitas laranjas, e limões, e cidras, e pouca hortaliça, porque a não plantam. Alimarias, a saber: leões, onças, tigres, lobos, veados, antas, vaccas bravas, rapozas, lobos cervaes, porcos montezes, porcos espinhos, gatos d'algalia, corças, gazellas, elephantes, e outras alimarias a nós não conhecidas é a terra cheia, salvo duas que nunca lá viu, a saber, ursos nem coelhos.

Aves, perdizes de tres feições como as nossas, outras gallinhas, que chamâmos de Guiné lá se chamam zegras; codornizes, pombas, rolas, falcões, gaviões, aguias reaes, tordos, pardaes, andorinhas, rouxinoes, cotovias, patas bravas, adens, marrecas, e outras ribeirinhas, garças, grous, emas, e todas as outras aves que no mundo podem ser, e a nós não conhecidas, todas ha n'esta terra, salvo pêgas e cucos,

que nunca viu nem ouviu dizer havel-os ahi. Ha alli tantos bugios que no reino de Barnagais, em um concelho que se chama Ceroel, no tempo dos pães maduros os correm até lhes fazerem passar uma serra. Em um passo, de dia, os guardam, porque elles de noite não andam, e dão certo pão a dois homens que os guardam, até o pão ser colhido, que os tornam a soltar ou deixam de os guardar.

Ha alli muito mangericão pelos mattos, e não ha arvore das nossas senão acipreste, ameixieiros e salgueiros pelas ribeiras; não ha melões, pepinos nem rábãos.

Na terra não ha moeda de oiro nem de prata, e as compras fazem-se em trocas de umas coisas por outras, principalmente sal, que corre em toda a terra por moeda.

Ha linho mas não de febra, nem se faz panno d'elle. Ha muito algodão e pannos d'elle; ha muito panno de côr; ha alli uma terra muito fria em que vestem burel. As egrejas de lá são bem edificadas, mas as paredes não são bem obradas, e não armam nada sobre ellas; mas sobre esteios altos que vão do chão até acima.

Na terra ha oiro e prata, cobre, estanho, e não o sabem tirar das minas.

Ha muitos gafos n'esta terra, e não vivem apartados da gente, vivem todos juntos; ha ahi muitas pessoas que por sua devoção os lavam, e curam suas chagas com suas mãos.

Ha muita quantidade de mel em toda a terra, e as colmêas não estão em colmeal, estão dentro nas casas onde vivem os lavradores, encostadas á parede



Açor — Gavião — Francelho — Aguia grisalha de França — Milhafre da Africa

da parte de dentro, por onde tem serventia para fóra; e assim de dentro cercam a casa; mas nem por isso deixam de morar na casa, porque as abelhas servem para fóra, e ha ahi grande numero d'estas colmêas, e principalmente nos mosteiros; assim ha ahi muitas abelhas pelos bosques e pelos montes, e os homens põem cortiços pelas arvores, que enchem-se d'abelhas, e trazem-n'os para casa.

Porquanto se não assenta nenhuma pessoa nas egrejas, á porta d'ellas, da parte de fóra, dentro no circuito, estão sempre grande numero de cajados de travessa, com taboa ou moleta de aleijado, e cada um toma seu cajado, e se encosta sobre elle em quanto estão aos officios na egreja. Nas egrejas ha muitas imagens pintadas pelas paredes, imagens de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dos apostolos e patriarchas, prophetas e anjos, e em todas as egrejas S. Jorge. Não tem imagens de vulto. Muitos livros nas egrejas escriptos todos em pergaminho, porque não ha alli papel, e a escriptura em lingua tigia, que é a da primeira terra em que se começou.

Na terra não costumam escrever uns aos outros, nem os officiaes da justiça escrevem nada; toda a justiça que se faz, e o que se manda é por mensageiros e palavra. Sómente o escrivão da fazenda do Preste João viu escrever ao entregar e receber.

Na terra haveria muitas frutas e muitas sementeiras, se os grandes não tratassem mal o povo, que lhe tomam o que tem, e elles não querem mais aproveitar do que hão mister e lhes é necessario.

Em nenhuma parte ha carnicerias senão em córte, e nenhuma pessoa do povo póde matar vacca (posto que sua seja) sem licença do senhor da terra. Diz o povo pouca verdade, ainda que dê juramento, se não juram pela cabeça del-rei. Temem muito a excommunhão, e se lhes mandam que façam alguma coisa que seja em seu prejuizo, fazem-n'a com medo da excommunhão. O juramento se dá n'esta manei-

ra: vão-se á porta da egreja com dois clerigos, e tem ahi incenso e brazas, e o que ha de jurar põe as mãos na porta da egreja, e um dos clerigos diz ao do juramento que diga verdade, e que se jurar falso, assim como o leão traga a preza no bosque, assim seja a sua alma tragada do diabo; e assim como o trigo é quebrado entre as pedras, assim os seus ossos sejam moidos dos diabos. E o que jura, a cada uma coisa responde *Amen*. E assim como o fogo queima a lenha, assim a tua alma seja queimada no fogo do inferno e feita pó, e dize *Amen*: e isto se tu verdade nos disseres, dize *Amen*. E se tu verdade disseres, a tua vida seja com honra alongada, e a tua alma em paraiso com os bemaventurados, dize *Amen*. E isto acabado dá seu testimunho.

Diz que as festas moveis, Paschoa, Ascensão, Espirito Santo, se celebram nos proprios dias que nós as celebrâmos. Nascimento de Christo, Circumcisão, Epiphania, e outras festas de santos tambem concertam comnosco, e outras não.

O anno e mezes se começam a 29 de agosto em que é a degollação de S. João Baptista, e é o anno de 12 mezes, e o mez de 30 dias. E cumprido o anno sobejam cinco dias, a que chamam pagomen, quer dizer, comprimento do anno. E o anno bissexto sobejam 6 dias, e assim ficam comnosco.

Diz que toda a semana santa andam vestidos de preto ou azul, e não fallam um com o outro por dó, dizendo que Judas por beijo de paz trahiu a seu Senhor.

Posto que nas egrejas haja imagens pintadas em todas as paredes, e assim cruzes, em nenhuma está crucifixo pintado, nem no ha ahi de vulto, porque dizem que não são merecedores de ver Christo crucificado. E todos os clerigos, frades e senhores trazem cruzes nas mãos, assim a pé como a cavallo; e os leigos do povo e gente mais baixa trazem pequenas cruzes ao pescoço. Todo o clerigo ou frade traz um corninho de cobre com agua benta; e os hospedes onde chegam lhe pedem agua e benção, e elles lh'a dão. Antes que comam lançam gotas d'agua no comer, e assim nas vasilhas de beber.

Suas armas são azagaias, espadas poucas, sáias de malha poucas, compridas e estreitas: dizem os nossos portuguezes que não são de boa malha.

Ha alli muitos arcos e frechas, não tem pennas como as nossas; capacetes e cascos ha muito poucos, e os que ha são depois que conversam com os portuguezes. Ha muitas adagas e fortes, não ha nenhuma bombarda, senão dois berços que nós levámos. Espingardas, á nossa partida, havia na corte 24, que compravam aos turcos que vem alli tratar. Mandava o Preste dar por ellas quanto lhe pediam, e mandava ensinar homens a atirar.

Ha trombetas e não boas, ha muitos atabales de cobre que vem do Cairo, e outros de pau que tem couro de ambas as partes. Ha pandeiros como os nossos, e bacias grandes com que tangem. Ha flautas, e uns instrumentos de cordas quadradas, como harpas, a que elles chamam: David moçanquo, quer dizer: harpa de David. Estes tangem ao Preste e não bem.

Ha alli terras muito chãs em algumas partes, e em outras montanhosas, e comtudo são terras fructiferas. Não ha nenhumas serras nevadas, e comtudo grandes geadas, especialmente nas terras chãs. Em todas as terras ha grandes criações de gados.

Diz que não viu o rio Nilo, e chegou duas jornadas d'elle; e as jornadas que andavam eram pequenas, a saber, 4 e 5 legoas pouco mais ou menos. Porém alguns da sua companhia chegaram ao nascimento d'elle, e dizem que nasce no reino de Goyame, e o seu nascimento é em grandes lagoas, e logo em nascendo são ilhas, e d'ahi começa seu curso e váe para o Egypto.

'O tempo que o Nilo no Egypto enche é (segundo dizem) de 25 dias de setembro por diante, e em todo outubro, e a razão d'isto é porque o inverno de Ethiopia começa do meiado de junho, até meiado de setembro, e pelas muitas chuvas que ha n'elle, sem nunca se mudar este inverno, enche o Nilo no Egypto n'este tempo.

É costume geral no Preste João, não passar nenhum homem a cavallo por diante da egreja, mas antes que cheguem a ella se apeiam, e assim passam, e as encavalhaduras levam pelos freios, e depois de passarem cavalgam.

Quando caminha o Preste João e toda a gente, o altar e a pedra d'ara em que se diz missa vãe tudo em collos de clerigos como leito; e vão clerigos com cada altar, oito revezando-se a quatro e quatro, e diante d'elles váe com thuribulo um clerigo, e mais adiante um zagonay com campainha tangendo, e toda a gente se afasta do caminho, e os de cavallo se apeiam e fazem reverencia á pedra d'ara ou altar.

Vinho de uvas não ha alli mais de duas casas em que se faça publico, a saber, em casa do Preste João e em casa do patriarcha Abuna Marcos, e se algum outro se faz é escondido. E o vinho com que se diz missa em todas as egrejas e mosteiros se faz d'esta maneira: Tomam passas de uvas que tem guardadas nas sacristias, e deitam-n'as dez dias em môlho, ellas incham, e deixam-nas enxugar e pizam-nas em um panno, e com aquelle vinho que sáe dizem missa.

Os cavallos naturaes da terra do Preste João são muitos, e não bons, porque são como bestas gallegas, os que vem d'Arabia são muito bons, como mouriscos, e os do Egypto muito melhores, grandes, muito largos e formosos; e muitos senhores criam cavallos das egoas que tem do Egypto em suas estrebarias, em esta maneira, a saber: como nascem não mammam mais de tres dias da mãe, e as mães cavalgam-n'as logo, e os filhos poldrinhos prendem um pouco afastados das mães; tem-lhes muitas vaccas de leite e dão-lh'o a beber. »

AS AVES DE RAPINA

Os naturalistas, classificando as aves em seis ordens, deram o primeiro logar ás de rapina ou rapinantes, que assim chamâmos a todas as que são carnivoras, ou se alimentam de carne, que seguram a preza com as garras de um pé, e a devoram sustidas no outro.

Tem estas aves por caracteristico da sua rapacidade o bico recurvado e as unhas ganchosas. A aguia é a soberana d'estas ladras sanguinarias. Por isso os romanos, quando sairam do seu Lacio a conquistar e roubar os estados alheios, tomaram a aguia por insignia das suas bandeiras. Quando o christianismo triumphou do paganismo, o imperio largou a aguia para arvorar a cruz. Logo que Bonaparte se fez Cesar, alou outra vez a aguia nos pendões da França. Sumiu-se depois por algum tempo, e actualmente lá está outra vez de azas estendidas. Em a aguia abrindo o bico, temos conquista ou rapina certa. Assim o diz a historia natural.

D'esta numerosa ordem, pois, das aves de rapina, tiraram os homens as que mais proprias lhes pareceram para as ensinarem a caçar as outras; e foi esta a origem da falcoaria, sob cuja denominação a venatoria (arte da caça) comprehendeu o falcão, o açor, o gavião, o milhafre e outros mais.

Algumas d'estas aves de rapina se domesticaram para a caça de altaneria, no tempo em que não havia

polvora, e por luxo e gosto se conservou depois por muito tempo. Hoje é coisa quasi obsoleta.

Havia d'antes no paço um falcoeiro-mór que entendia na falcoaria real, repartição em que se gastava muito dinheiro. Além de regimentos especiaes, a ord. do reino l. 5. t. 88 «prohibe que pessoa alguma, de qualquer qualidade que seja, cace ou mate perdizes com açor, gavião, armadilha ou a corricão [1], na coutada nova da cidade de Lisboa, que começa na estrada que vae para Bemfica, d'ahi a S. Marcos, e de lá a Oeiras até ao mar.»

Nas falcoarias reaes havia muitos açores e gaviões, além de outras rapinantes.

Diogo Fernandes Ferreira, pagem de D. Antonio, prior do Crato, publicou, sendo já velho, uma curiosa *Arte da caça da Altaneria*, em 1616, repartida em seis partes: 1.ª — da criação dos gaviões e sua caça; 2.ª — dos açores e sua caça; 3.ª — dos falcões e das armadilhas; 4.ª — da passagem e peregrinação da sua caça; 5.ª — das suas doenças e mesinhas; 6.ª — aves. Com uma advertencia dos vocabulos d'esta arte e da significação d'elles.

Ahi diz, fallando de Portugal:

«Os nossos reis e principes foram mui grandes caçadores, e sempre se usou geralmente pelos nobres d'este reino, e tanto que até os religiosos e conegos tinham açores, e a gente vulgar gaviões, dos quaes entravam cada anno n'este reino mais de trezentos, e não faltava, a quem os vendia, compradores, nem aos senhores homens expertos que os soubessem servir. Durou este passatempo tão justo até ao tempo del-rei D. Sebastião, no qual acabaram todos os senhores a esta caça afficiçoados e os homens praticos n'ella, e a altaneria juntamente com elles.»

E n'outra parte:

«As aves de rapina são aquellas que se mantem de aves vivas que ellas, voando, caçam para sua comida. As estimadas dos grandes senhores são falcões, açores, gaviões, esmerilhões e ogeas. Estas são as mais limpas e nobres, e d'ellas usam os principes em sua caça. A natureza as fez differentes de todas as mais aves; em os dedos das mãos da banda debaixo lhes creou uns nós nervosos, como verrugas, da côr dos mesmos dedos, e a cada um d'elles os deu conforme o seu tamanho, o que fez para que assim tivessem força para sustentar aquellas prezas que aferrassem, e se lhes não fossem. Estas de tal maneira tem aferradas as ralés que tomam, que é necessario engenho e muita força para lhes tirar a preza.»

Do açor, do gavião, do francelho, da aguia grisalha de França, e do milhafre, de Africa, trataremos hoje, porque são esses os que estão desenhados na gravura que apresentâmos.

O açor é a maior de todas as aves de rapina, á excepção da aguia. O macho tem 48 centimetros de comprimento, e a femea 60. Tem os pés amarellos, com tres dedos anteriores e um posterior; as pernas, propriamente taes, são emplumadas até á articulação; o bico negro, curto e mui revolto: a lingua bifendida, os olhos amarellos e as sobrancelhas brancas. A plumagem da parte superior do corpo é escura, e a da parte inferior branca, tendo algumas ondulações ou listas atravessadas de côr parda. As remiges, ou pennas das azas, são escuras, com pintas brancas pela parte interior.

As rectrizes, ou pennas da cauda, são pardas, tem pela banda de dentro algumas pintinhas brancas, e terminam todas n'uma orla egualmente branca.

Ao açor femea chamam os caçadores prima, e ao macho terçó, naturalmente por ter menos um terço de comprimento que a femea; o que é geral em todas as aves de rapina.

[1] Com os cães de correr, perdigueiros.

Ha açores em toda a região comprehendida entre a Suecia, a Persia e o norte d'Africa; por isso deram o nome ás ilhas que temos no oceano Atlantico. É ave sombria, inquieta, cruel e sanguinaria. Tem um piar rouco, estridente e sinistro. A sua ralé (as aves que lhe servem de pasto) consiste principalmente em perdizes, gallinhas, pombos, rolas etc.

Esta ave, depois do falcão, era algum dia a mais estimada em Portugal, Hespanha e outros paizes da Europa, para a caça de altaneria, e custava caro.

Aos açores creados por seus paes nos bosques, chamam os caçadores, sáfaros, e aos criados nos seus ninhos pelo homem, ninhegos.

Servem os açores para caçar perdizes, garças, grous, patos e pombos bravos, cysnes, e as mais aves da sua ralé. Nós temos um proverbio que diz: «Em janeiro nem galgo lebreiro, nem açor perdigueiro.»

O gavião é pouco maior do que o pombo. Tem 33 centimetros de comprimento, e 65 de envergadura (de aza a aza). As femeas são maiores. A plumagem é côr de castanha com malhas negras. Tambem os ha brancos, mas são muito raros.

Tem a cauda larga e formosa, as azas grandes e mui rijas, as unhas longas e negras, o bico de papagaio, os olhos claros e mui vivos.

Ha gaviões em toda Europa; mas no estio desapparecem completamente. Na primavera e no outono é que sáem dos seus escondrijos. A carne do gavião em quanto novo é boa para comer. A sua ralé pouco differe da do açor.

O citado auctor da classica *Arte da caça de altaneria* tem um capitulo especial a respeito do gavião, no qual conta com graça o que passára com um fidalgo citreiro do seu tempo, por estas palavras:

«O marquez de Ferreira D. Francisco Manuel, grande caçador de gavião, que sempre d'elles tinha muitos, assim ninhegos como sáfaros, mandava pôr estes em uma alcândora [1] que na sala tinha, sem caparões [2] na cabeça; e este senhor, com uma perna de gallinha na mão os convidava; e se algum dos sáfaros mostrava boa condição, lhe dava de comer na alcândora em que estava; e assim algum bem acondicionado amansava, que os mui bravos acabava [3] todos. E sendo eu moço lhe ouvi dizer algumas vezes: Ferreira, não se ha o homem de cançar muito com o que custa pouco. Porque eu, ás vezes, lh'os levava tomados com armadilhas. Os que lhe escapavam procedia com elles treinando-os [4] a miude, e costumava dizer, que nenhuma coisa mais os amansava que treinal-os. Cada um caçador tem sua opinião; nos gaviões póde-se soffrer este modo, que custam pouco, mas nos açores estrangeiros não, que custam muito, e morrem depressa sendo assim tratados.»

Temos um rifão que diz: «Do gavião maneiro se faz o sáfaro, e do sáfaro o maneiro, segundo a tempera do citreiro». [5]

O francelho é uma especie de gavião. Tem de comprimento 40 centimetros, e de envergadura 80. A plumagem é cinzenta; o iris amarello, e o bico pardo. A femea tem alguma differença na côr: a cabeça é ruiva, assim como a cauda com umas dez listas pretas.

São da sua ralé os arganazes, perdizes, pombos e muitas outras aves. O francelho é animoso na caça, mórmente as femeas; é facil de ensinar, e por isso fez sempre parte da volateria.

[1] Era o poleiro onde prendiam as aves de caçar.
[2] Caparão era a carapuça com que tapavam os olhos ás aves de caçar, para estarem quietas.
[3] Matava.
[4] Treinar vem a ser dar-lhes a comer das aves da sua ralé, para os costumar a caçar aquella especie.
[5] Citreiro se chamava ao criador e domesticador das aves de caçar, cuja arte se denomina citraria ou de volateria.

Esta ave é mui commum em todo o norte da Europa, d'onde emigra para o meio-dia logo que principia a gear, regressando na primavera. É de todas as aves de rapina a que se aproxima mais do povoado, chegando a entrar nas habitações em busca da preza. Vêem-se muitas vezes andar revoando pelo pé dos pombaes e capoeiras. Temos um adagio que diz: «Nunca bom gavião de francelho que vem á mão.»

A aguia grisalha de França é vulgarissima n'aquelle paiz, onde lhe chamam *João Branco*, por ter alvissimas as pennas do ventre, as debaixo das azas e da cauda. Esta ave parece formar a mediania entre a aguia e o tartaranhão. Tem de comprimento 55 centimetros, e de envergadura 1 metro e 65 centimetros. A plumagem é cinzenta, pela parte superior, com pintas ruivas. Tem os olhos amarellos, as pernas azuladas e cobertas de escamas.

Não voa tão alto como a aguia real, e ferra a preza mais em terra que no ar. A sua ralé consiste de preferencia em gallinhas, por isso frequenta muito os casaes e granjas; mas tambem caça as perdizes, codornizes e outras aves menores; na falta d'ellas, deita-se aos coelhos, ratos do monte, cobras, lagartos, etc.

O milhafre da Africa, a que os francezes chamam *blac*, tem 35 centimetros de comprimento. A plumagem do dorso é cinzenta, por baixo branquissima, e as pontas das azas negras. A cauda é bifurcada, o bico e as unhas pretas, os olhos vermelhos e os pés amarellados. A sua ralé é de insectos. Tem muito animo e ferocidade, da qual se temem até os corvos, os milhanos e outros menores que elle.

Para outra vez fallaremos do falcão.

ORIGEM DA LOTERIA DA MISERICORDIA

(Vid. pag. 260)

Eis o que allega o intendente Manique para se conceder uma loteria á Casa Pia.

«Lembrei-me de pedir uma loteria, obrigado não só d'isto, mas tambem para me remir d'essa despeza, e poder assistir áquelles importantes objectos da Casa Pia, que tenho referido a v. ex.ª, a qual me foi offerecida no principio do estabelecimento da mesma casa, vindo á minha, enviado por seu pae e de ordem de Sua Magestade, D. Diogo de Noronha, hoje embaixador em Hespanha, com a copia do decreto em que Sua Magestade mandava fazer uma loteria, que eu não quiz acceitar por temer que não houvesse extracção aos bilhetes, nem querer comprometter-me e expor-me; e então é que foi dada a mesma loteria á Misericordia de Lisboa, que é a que tem hoje, e faz todos os numeros.

«Faz-se outra no Porto, que Sua Magestade facilitou á Misericordia d'aquella cidade e ás Convertidas do Rego; em uma e outra se disputa no povo a preferencia dos bilhetes, e ha as desordens que a v. ex.ª são presentes, chegando a tanto a paixão do mesmo povo, que ha presentemente uma grande extracção de avultadas sommas de dinheiro de contado de Portugal para Inglaterra, Hollanda e Hislandia, para se tirarem bilhetes nas suas loterias, não esquecendo acceites de estrangeiros para melhor convidarem os vassallos de Sua Magestade a espalhar em Lisboa e no Porto o plano das mesmas loterias que passo ás mãos de v. ex.ª, a qual extracção talvez se evite de algum modo, havendo a loteria que suppliquei.

«Agora queira v. ex.ª representar a Sua Magestade, se os corpos pios são para conservar nos cofres extagnados avultadas sommas, e para aggregarem a si propriedades territoriaes além d'aquellas da sua fundação, e para soffrer com indifferença verem perecer os vassallos de Sua Magestade por não terem os soccorros que a Casa Pia lhes subministra, sem esta ter outros fundos mais do que a economia com que satisfaço os objectos de limpeza e calçadas a que está adistricta a contribuição.

«Devo prevenir a v. ex.ª que Sua Alteza por sua alta clemencia e piedade, foi sensivel em assentir á concessão da mesma loteria, que assim m'o declarou o ministro e secretario de estado dos negocios do reino, e agora me dizem que pára o decreto no gabinete do mesmo senhor, e que ha quem suscite se não verifique esta graça, tomando por fundamento, para olvidal-a e confundil-a, dizer que é applicada á casa da opera que estão fazendo os contratadores do tabaco.

«É bem certo que eu prestei o meu consentimento para a factura da mesma casa, obrigando o rendimento que podesse ter ao arrendamento d'ella com o das casas que ao pé se edificam para o pagamento, com mais dois mil cruzados annuaes, que principiariam a correr do anno successivo áquelle em que a sobredita casa principiasse a ter exercicio, ficando a propiedade da dita casa e das que ao pé se edificam, á Casa Pia, sendo as primeiras razões que me obrigaram a condescender, não haver em Lisboa um theatro decente, pois os dois que ha são como v. ex.ª não ignora, não só pela construcção d'elles, mas pelas más entradas e serventias, e por estarem expostos os espectadores aos acontecimentos do azar, como ultimamente succedeu no theatro de Saragoça, aonde pereceram mais de seiscentas pessoas, por causa do incendio que houve no mesmo theatro, e tem acontecido em outros da Europa.

«V. ex.ª não ignora que todas as côrtes da Europa, principiando pela de Roma e acabando na da insignificante republica de Luca, tem seus theatros, e a maior parte d'ellas, não se contentando só com um, tem tres e quatro, o que não só faz parte do ornamento e sobrescripto das grandes cidades, mas auxiliam a policia, e esta se serve d'elles muitas vezes, segundo as circunstancias, ou para metter em ridiculo alguns dos costumes arreigados no povo, ou para promover as acções heroicas, e instruir o mesmo povo na cega obediencia a seus principes, sendo estes os fructos, além dos mais que deixo á ponderação de v. ex.ª, que a policia póde tirar dos referidos theatros.

«Tambem desejo que v. ex.ª medite, se depois que um ministro de estado, que é a voz do principe, ter declarado estar feita esta graça, e se divulgar na côrte, é decente ficar sem effeito.

«Desculpe-me v. ex.ª o incommodo que vou dar-lhe, mas a tortura em que estou é que me obriga a fazer-lhe esta supplica de representar ao Principe Nosso Senhor todo o referido, para vir a saber o que ha na sua verdadeira luz.

«Lisboa, 25 de janeiro de 1793. — Ill.mo e ex.mo sr. Martinho de Mello e Castro — O intendente geral da policia, *Diogo Ignacio de Pina Manique.*»

Para bem se entender hoje este curioso documento, é necessario que lhe façamos algumas annotações.

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



O chanfaneiro (typo gallego) — Desenho original de Nogueira da Silva

Isto é chanfana, e sei quanto ella custa.
Deu-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

NICOLAU TOLENTINO

A poesia dramatica escolheu sempre para figuras de comedia certos typos conhecidos, que por exoticos e risiveis provocassem a hilaridade publica. Os jornaes illustrados de gravuras fazem outro tanto. O lapis de Gavarni, Monier, Pauquet, Loubon, Daubigny e outros em França, e o de Nogueira da Silva em Portugal, tem esmaltado com desenhos typicos e caricatos, as melhores paginas de litteratura amena dos escriptores notaveis de ambas estas nações. Os que dentro em pouco tempo se hão de admirar na edição completa de Nicolau Tolentino, que se acha já nos prelos da officina d'este jornal, darão testimunho de que ao talento e estudo do nosso artista, se deve a creação d'este genero de pintura risonha entre nós.

O typo que nos elle desenha na figura que estamos vendo, é bem conhecido para podermos verificar a naturalidade com que está copiado, e a arte com que foi posto em acção. É um gallegaço sem tirar nem pôr.

O gallego subministra muitos typos ao theatro e á gravura. E porque? Porque depois do burro, mal comparado, é o ente mais serviçal e para tudo que se conhece no mundo. Se este animal tivesse, como teve o jumento, um biographo tão amoroso e eloquente como foi Buffon, não seria de certo o alvo de tantos motejos, e o seu prestimo e sobriedade teriam o merecido louvor dos economistas politicos.

As vocações e officios tambem tem nacionalidades. Só o gallego é annexionista, centralista, unitario — topa a tudo para não perder um *chavo*.

A Galliza é um reino abençoado de Deus, pela fertilidade do solo e da população. A incuria do governo faz com que os moços d'algumas terras d'aquella provincia de Hespanha, não achando trabalho na sua patria, o vão procurar na alheia. Denota isto que são laboriosos. D'aqui provém a grande emigração de gallegos para Lisboa, e o seu emprego em trabalhos braçaes desde tempos remotos, principalmente nas capatazias de aguadeiros.

N'este mister e no de taberneiro é que o gallego é mais conhecido hoje. Industrioso e especulador, o gallego rodeiou os chafarizes de tabernas, tascas e bodegas, para que os rebanhos patricios não fossem pastar ás vendas nacionaes, evitando assim que os duros fossem a molle e molle ficando em Portugal, com detrimento do bispado de Tuy.

Conhecedor da obrigação e genio de poupar que tem seus patricios, o taberneiro gallego inventou um prato para os dias de barba, barato, mas que pelo cheiro fizesse crescer a agua na bocca aos que a trazem sempre ás costas. Foi a chanfana. Da fressura ou

deventre do boi saiu este guisado, subdividido em dobrada, iscas de figado e não sabemos que mais.

Com boa mão para temperar, o chanfaneiro pizando

Cabeças de alho com vinagre e loiro,

mette pelos narizes o appetite com um

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que, por causa justa,
Tem um sabor que nem o demo o atura!

Que assim descreveu o nosso Tolentino a chanfana, declarando no terceto, posto por epigraphe, que fôra criado com ella. Não era elle gallego, mas como sempre os poetas viveram em apuros, fazendo das tripas coração, não admira que o Tolentino recorresse á fressura, iguaria de pobres.

Pede tambem a verdade da historia d'este prato, dizermos, que elle não só aguça o appetite do gallego; tambem muitos dos nossos concidadãos se pellam por dobrada, iscas de figado e similhante chanfana de taberna. Tambem ha concurrencia nacional a este mercado, e naturalmente freguezes certos, e de casaca.

Mas a nossa estampa representa o chanfaneiro em dia de jejum, porque, pelos modos, está partindo peixe espada para frigir. É verdade. Nos dias em que se não mata rez no Campo de Sant'Anna, a Ribeira é que dá as victimas immoladas para fartar os Hercules da peninsula iberica. O peixe é tambem do dominio directo da taberna, e da alçada do cozinheiro de tasca. As mais somenos não passam de chicharro, sardinha e peixe espada; as de nome chegam até ao robalo. Tambem ha bodegas que não passam de feijão e bacalhau, que são os dois principaes generos alimenticios do gallego frugal. Com 35 réis fica jantado!

Alguns avarentos, cuja mesquinhez e sordicia mal se podem definir, para mais tirarem á bocca e metter na burra, que é a sua alma, vida e coração, passaram com este jantar annos e annos, até que, já feitos capitalistas de meia tigela, começaram a pôr panella ao lume. Diz-se que esta é a historia primitiva de muitos ricaços que ainda vivem, ou dos ascendentes de que hoje arrotam postas de pescada, desinfectados já do cheiro do bacalhau, do feijão e da chanfana.

O taberneiro que figura a nossa estampa, pela arrogancia e aceio com que está dando sentenças de mão na ilharga, deve ser o Matta da gallegagem. Tambem ha Mattas de taberna, e Isidros de tasca. Este deve ser afamado entre a freguezia das mesas redondas de feijão com couve. Está gordo como um texugo; tem cachaço de frade, é pansudo como um conselheiro, e alambasado como um chanfaneiro classico. O gato é que anda na espinha, apesar de lhe estar lambendo os pés, e roçando-se por elle, como um candidato pelos eleitores em vespera de eleições. Parece que o taberneiro tambem frege as guelras em vez de as dar ao gato!

Ao fundo da taberna estão dois aguadeiros a jantar, já desdentados, e naturalmente freguezes da primitiva, isto é, da abertura da casa, epocha em que o taberneiro, hoje tão anafado, estava talvez tão magro e alquebrado como elles.

Mulheres houve insignes na poesia, que tinham o sobrenome de Moscas; uma em Thebas, outra em Esparta, outra em Thespias. Pythagoras tambem teve uma filha chamada Mosca. Em Athenas houve outra mui conhecida pela mesma alcunha.

PADRE MANUEL BERNARDES

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 257)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XIV

DISPOSIÇÕES MYSTERIOSAS

O sujeito, tanto que avistou os dois, adiantou-se a encontral-os.

— O sr. capitão-mór de Murça, e o sr. morgado de Royos — disse, eram esperados com alvoroço: bem vindos sejam!

O doutor e o capitão-mór apearam-se, correspondendo a esta saudação herdada da hospitalidade antiga.

— Em Veigas estamos, já vejo — tornou o fidalgo de Val-de-mil, com a urbanidade nobremente conceituosa que lhe era instincto.

— A dois passos — retorquiu o primeiro. — Dês que recebemos a carta...

— Prevenção necessaria! — atalhou o capitão-mór em modo de explicação — Não tinha tratado ainda com tão honrada casa!

— E teve confiança n'ella? Todos lhe somos agradecidos. Dês que recebemos a carta, dizia eu, ficaram-nos dois desejos...

— Dois!

— A qual mais vivo. O primeiro ver chegar esta occasião...

— O segundo?

— Cumprir em tudo as suas ordens.

— Rogativas.

— Ordens.

— E em tudo?

— Em tudo.

— Boa palavra!... Não por mim, por... Logo diremos — accrescentou lançando os olhos em redor, com ares de quem teme commetter uma imprudencia.

— N'esta terra póde-se fallar livremente — observou o cortez hospedeiro.

— Como em toda a provincia — disse o doutor entrando na conversação.

— Não importa — continuou o capitão-mór. — Pouco prudente sería por estradas e caminhos... Dizem que as paredes tem ouvidos!... Oh! da gente das nossas terras não ha que duvidar, sei. Mas quem nos diz que alguem de fóra...

— E que tinha? — replicou o individuo, mancebo ainda, que primeiro os saudára. — Que nos hão de reprehender? Atrevam-se!...

— Não importa, não importa. Mais vale dizer bem fiz eu... Para melhor nos hemos de guardar. E depois... espera-nos a casa, não?

— Com as portas abertas — atalhou o outro.

Os dois morgados entregaram o murselo e a mulinha ao Alegre, e seguiram o hospedeiro.

A dois passos, com effeito, bifurcava-se o caminho, bracejando para uma larga e espaçosa avenida, que orlava um fundo arroyo murmurando entre relvas, e guarneciam duas fieiras de choupos perfilados como gigantes em alas.

Na extremidade d'esta avenida erguia-se a casa a que se dirigiam os caminheiros, uma nobre casa, a julgar pelo vulto dilatado entre as arvores, e de veneranda origem, attestava-o a torre antiga a que se encostava a habitação nova, como o infante nos joelhos dos avós.

A hospitalidade de Veigas correspondia em tudo á bizarra cortezia de que já o leitor viu um indicio nos primeiros comprimentos.

Pertencia esta propriedade á familia Mariz, de respeitavel nomeada na comarca. A familia constava de tres irmãos. O segundo, capitão de artilheria, achava-

se no Porto. O terceiro era justamente o que estava recebendo o capitão-mór. Quanto ao morgado, residia ordinariamente n'outra quinta ao pé de Grandaes, a coisa de uma legoa de Bragança, e tres, pouco mais ou menos, de Veigas.

Veigas, portanto, podia-se considerar uma estação intermediaria.

Não conhecia pessoalmente o capitão-mór os Marizes; mas eram-lhe notorios os creditos de que universalmente gozavam. Escrevêra ao mais velho, confiando n'estes creditos e na sua propria reputação.

Fôra a carta um pouco vaga e cautelosa; mas o morgado Mariz interpretára as meias palavras como bom entendedor. Não satisfeito com dar a resposta que se podia desejar, encarregára seu irmão mais novo de ir ao encontro do fidalgo de Val-de-mil.

Podia haver mais esperançoso acolhimento?

A ceia lauta parecia estar já esperando os convivas, que bem careciam de restaurar-se. O capitão-mór, sobre tudo, nada indifferente, como sabemos, a estes regalos succulentos, honrou com um appetite de Gargantua a copiosa mesa de Veigas. Os cuidados e saudades eram grandes; mas não poderam resistir ao perfume substancial, que exhalavam um quarto de vitella, saído do forno, e uma travéssa de morcellas, vindas de Arouca, e tiradas da certã.

A verdade manda Deus que se diga. Na primeira meia hora o estomago do capitão-mór fez-lhe esquecer o coração.

O taciturno doutor, na sua qualidade de namorado consciencioso, ausente da prenda adorada, devia, bem o sei, ruminar... uma elegia quando muito. Não é o manjar dos mais nutrientes; mas em rigor pertence ao officio. Ter os olhos em alvo e as lagrimas nos olhos, em vez de mascar prosaicamente, como o vulgo dos mortaes, é preceito elementarissimo do ritual — quem o ignora? O amor, dizem-n'o os mestres da arte, para ser um amor capaz, ha de em toda a occasião mostrar-se ao publico profano como coisa immaterial, etherea, impalpavel, ainda que em particular estoure de indigestão.

Indubitavel é tudo isto. Mas eu sou historiador fiel, e não posso occultar — deploravel realidade! — não posso occultar que o doutor... fazia a segunda ao futuro sogro, violando todas as tradições, com um desembaraço e expedição, que me faz cair as faces de pura vergonha!

Que hei de dizer á leitora para dissimular, ou sequer desculpar similhante enormidade? Que o pobre legista era moço, a jornada longa, o ar da serra vivo? Conheço perfeitamente a futilidade da apologia. Por isso me vê tão confuso... que nem a intento.

O stricto dever de um homem que ama devéras é finar-se de inanição, ou renovar na sua pessoa o milagre popular de S. Benedicto; e o sr. Diogo Montez, da casa de Royos, n'aquella noite fatal, transgrediu todas as conveniencias digerindo como um bernardo, sem contar que!... já agora direi tudo... sem contar que, para remate de horror e heresia, depois de bem attestado, enfiou-se na cama, e dormiu de um somno, sem o minimo colloquio com as estrellas.

A humanidade é fragil!

Difficil será agora persuadir que o meu doutor, este doutor irreverente, este heterodoxo doutor, estava cada vez mais apaixonado, apaixonado como se não póde dizer, pela gentil menina de Val-de-mil.

Todavia era assim. Era assim, apesar da vitella de Veigas e das morcellas de Arouca. Parece impossivel, monstruoso, blasphemo, paradoxal? Pois o tempo o mostrará.

Á ceia não se proferira uma palavra relativa aos projectos que levavam alli o capitão-mór: naturalmente a presença dos criados motivava esta reserva.

Terminado, porém, que foi o repasto, o dono da casa, ou antes o delegado do dono da casa, despedindo-se dos hospedes, que precisavam descanço, disse para os dois:

— Partimos ao amanhecer: hemos de estar cedo em Grandaes.

O capitão-mór ouviu o annuncio com certa alegria. Porque? Que esperaria elle n'aquelle sitio preconisado? A correspondencia de ss. s.as tinha o fio d'estas jornadas, em que tudo apparecia prevenido.

Mal amanhecia ainda, partiram effectivamente.

A recepção em Grandaes foi uma sequencia da de Veigas. O morgado Mariz tratou o fidalgo de Val-de-mil como se fôra amizade antiga. Muitos dos seus conhecimentos eram communs. Sobre isto versou a primeira conversação.

Dos conhecidos passaram aos parentes. Ao cabo de uma hora de palestra, descobriram que eram primos, não sei em que grão: o morgado Mariz era genealogista quasi tão profundo como o proprio hospede.

Não ha invenção como a genealogia. Com pequeno esforço provará ao mais incredulo que o mundo está povoado de primos.

Ha quem diga que é a sciencia da aristocracia? Eu estou, pelo contrario, que é a base da democracia. Deixem-n'a ir até Adão, e verão como, certificando a identidade de familia, acaba as razões de preeminencia.

Como nem mesmo de genealogias se póde fallar eternamente, e como, além d'isso, o fidalgo de Val-de-mil trazia outro fito, a pratica incerta, em que os dois, digamos, sondavam o terreno, tomou em breve um caminho mais conforme ao natural pensamento de ambos.

— De Bragança — disse o capitão-mór, empregando uma allusão certamente entendida — de Bragança ha boas noticias?

— As melhores — respondeu com um sorriso de satisfação o dono da casa.

— Iremos lá, hoje mesmo?

— Pelo contrario.

— Pelo contrario, diz! — tornou o hospede sobresaltado — Pois não me afiança que as noticias...

— São excellentes, assevero-o.

— Então!

— Nem por isso iremos a Bragança.

— Porque?

— Porque Bragança virá aqui.

— Ah!

— Entende-me?

— Perfeitamente. Mas...

— Que é? Não conclue?

— Talvez seja ousadia da minha parte.

— Não importa, diga. Bom é explicarmo-nos.

— Não receia que signifique duvidas esse recato? Presumo que é para maior recato.

— Talvez... não sei... Mas que seja? O principal está vencido.

— O principal ainda não. Alguma coisa, porém, é já. E... e communicou-lhe...?

— O que? Não podia communicar-lhe... senão conjecturas.

— Acertadas, aposto.

— Provavelmente, mas conjecturas. Julguei que me não cabia fazel-o.

— O empenho é commum, creio.

— É, de certo. Mas a cada um o que lhe toca. N'este caso não me tocava senão servir de introductor. Deixei-lhe só entrever... o que eu entrevia. Era indispensavel.

— Era dever de lealdade.

— Assim o pensei.

— E que respondeu?

— Nada... e muito. Vem.

— Muito é, com effeito — murmurou o capitão-mór reflectindo. — Mas será tudo?

— Dirá... e ouvirá — retorquiu o dono da casa, como quem plenamente confia em si. — Não é uma boa africa transportar-lhe assim Bragança para Grandaes? — accrescentou em tom de discreto gracejo.

— Das maiores — acudiu do mesmo modo o capitão-mór. — E ninguem conheço que tão bem fizesse o milagre. Por isso o sollicitei.

— Milagre, não.

— Difficuldade, pelo menos.

— Isso sim; sobre tudo considerando... as asperezas do caminho...

— E a valia do transporte!

Não foi mais longe o dialogo. Se curiosos escutassem, mal lograriam decifrar o enigma dos interlocutores, que se exprimiam por allegorias.

Das dez para as onze horas chegou um militar superior, que parecia esperado. Era homem de grande edade e maior porte, o aspecto nobre, a estatura notavelmente elevada, o gesto imperioso como de pessoa costumada ao mando.

O morgado foi receber á porta, com grandes signaes de respeito, este novo personagem.

Até ao jantar, os dois viajantes e o militar percorreram a quinta e a residencia, acompanhados e festejados dos donos da casa, como se foram apenas amigos que viessem espairecer-se á habitação campestre de outro amigo. Salva a deferencia que todos manifestavam ao militar, deferencia justificavel por muitas razões, pela graduação, pela nobreza ou pelos annos, o mais escrupuloso observador não distinguiria n'esta reunião, evidentemente preparada, o menor indicio de premeditação suspeita.

Os de Mariz passeiavam as visitas com a liberdade e desenfado de proprietarios, unicamente empenhados em lhes fazerem admirar sem misericordia a collecção de bellezas da sua possessão. Observava tudo o militar, como entendido, e, correspondendo ás sollicitudes respeitosas com aquella affabilidade senhoril, que inculca uma posição superior, fitava, de vez em quando, olhos furtivos e perscrutadores no capitão-mór, como se vira n'elle um homem singular.

Era este o unico symptoma de estranheza, symptoma a bem dizer invisivel, certamente inappreciavel. Como que havia entre todos tacito accôrdo para desempenharem exterioridades já anteriormente convencionadas.

Por volta de meia tarde, isto é, ao levantar da mesa, em quanto a familia miuda se banqueteava tambem no tinello, hora propicia aos segredos dos amos, o militar, o capitão-mór, os dois de Mariz e o doutor dirigiram-se naturalmente, sem affectação, ao mirante, que ermava n'um alto, no meio da quinta, e alli se encerraram, ficando de fóra o Mariz mais novo, para atalayar a casa em roda.

O velho militar sentou-se n'um banco de pedra, alongado em volta das paredes, unico assento que havia na casa. O morgado Mariz e o doutor retiraram-se para o vão de uma janella, como se quizessem deixar ao fidalgo de Val-de-mil a honra de conferenciar com o personagem.

O capitão-mór ficou em pé, direito e grave, na presença do general...

Fugiu-me ao cabo o fio do mysterio. Era, effectivamente uma das primeiras patentes, o velho militar, que viera de Bragança. Estamos, nem mais nem menos, com Manuel Jorge Gomes de Sepulveda, commendador da ordem de Christo, alcaide-mór de Trancoso, tenente general dos reaes exercitos, e governador das armas da provincia de Traz-os-montes, posto pelo principe regente, e esquecido no seu governo, provavelmente em consequencia da posição geographica da provincia.

Agora já o leitor percebe as allusões, e póde encher quaesquer lacunas, sem necessidade de mais explicações.

— Queira v. s.ª fallar — disse o general ao capitão-mór, encarando-o d'esta vez directamente.

O bom do fidalgo de Val-de-mil, pouco feito ás sobrancerias d'aquelle tom em que a mesma polidez estava dizendo auctoridade, e sem trato frequente com pessoas de tão elevada jerarchia, na primeira entrada balbuciou seu tanto.

Em breve, porém, lhe alevantaram o animo a consciencia de um generoso designio, e até certo ponto a rememoração mental da sua stirpe e nobiliario!

MENDES LEAL JUNIOR

A HYENA

É vergonhoso que muitas pessoas, aliás cultas, repitam como coisa corrente em historia natural, as fabulas ridiculas e absurdas que o vulgo crê de certos animaes, e que, ainda mal, andam escriptas até em livros de ensino.

Hoje, que toda a pessoa, ainda mediamente instruida, deve ter algumas noções de introducção á historia natural, não é permittido ignorar que a zoologia moderna tem desterrado todas essas patranhas, com que os naturalistas antigos, por falta de observação, se fizeram interpretes dos erros e crenças do vulgacho.

A hyena entra na conta dos animaes a que se tem attribuido propriedades fabulosas, cuja origem fôra curioso saber-se.

Certo é que hoje o estudo cabal da zoologia tem patenteado que muitas das qualidades attribuidas a certos animaes, boas e más, com que os poetas e os novelleiros embalaram o povo, carecem de fundamento.

A hyena, por exemplo, descripta com tanta exacção por Aristoteles, foi, apesar d'isso, tida na antiguidade por animal singularissimo, em vista das absurdas propriedades que lhe attribuiam, absurdos de que o proprio Plinio foi interprete.

Acreditavam os antigos que a hyena mudava de sexo todos os annos, sendo um anno macha e outro anno femea, alternadamente. Santo Isidoro affirmou que a hyena era hermaphrodita, e que fazia geração por si só. Diziam que a sua sombra fazia calar os cães; que todo o animal que a via por terceira vez ficava de bocca aberta a olhar para ella. Que a onça lhe tinha tanto medo, que até depois de morta, estando as pelles de ambas juntas, caia o cabello á da onça, o que litteralmente queria dizer que esta tinha tanto medo da hyena que se pellava. Acreditavam mais que sabia imitar a voz humana, para chamar pelos seus nomes as pessoas que queria attrahir a sitios escusos, para a seu salvo as devorar. O coração e o figado d'esta fera tambem tinham grandes virtudes para as artes magicas.

Nenhuma d'estas historias da carochinha necessita de refutação. O que admira é que houvesse gente que as acreditasse e escrevesse.

Hoje está averiguado que a hyena quasi nunca accommette o homem, ainda quando sejam muitas, e o homem esteja sósinho. É, porém, mui perigosa e voracissima quando tem fome. Como o seu melhor manjar é carne morta, não se decide a fazer prezas vivas, senão quando já não tem vegetaes ou raizes de que se alimente. É então que se lança ao homem, bem como a qualquer animal que lhe apparece. Mas

isto é raro até nos paizes onde as ha em grande numero.

A hyena é uma especie de lobo, e do tamanho d'elle, porém mais socada, e algumas, as do Oriente, mais curtas. Tem só quatro dedos nas patas; as orelhas são longas e direitas; os olhos dispostos como os do cão, e com excessivo brilho na escuridade. O pello é pardo, e de mistura alguns loiros e pretos, com ondas transversaes mais escuras.

A hyena, com ser um animal vigoroso, é covarde; e por isso não dá caça nem aos animaes menores e mais fracos do que ella. Prefere os corpos mortos, que váe desenterrar para comer. No Oriente, onde os cemiterios estão fóra das povoações, e são em geral abertos, é que as hyenas vão pastar; e d'aqui provém o asco e horror que produz este animal, que é além d'isto mui fétido.

Os naturalistas distinguem duas especies, que são



A hyena

a hyena raiada, e a hyena mosqueada. A raiada, que é mais commum, habita em grande numero na Persia, Arabia, Syria, Egypto, Nubia, Abyssinia, e em todas as provincias da Africa septentrional, d'antes comprehendida sob a denominação de Berberia. A hyena mosqueada vive na extremidade austral do continente africano, nos arredores do cabo da Boa-Esperança.

Pelo que temos dito se vê, que da hyena não póde o homem tirar nenhum proveito. Comtudo, n'algumas cidades do Oriente fazem ellas o mesmo serviço que entre nós fazem os varredores das ruas. Assim que anoitece, recolhem-se todos a casa, e fecham as portas para deixarem entrar os bandos de hyenas, que fazem uma limpeza em todos os ossos e immundicies de que as ruas estão cheias, sendo coadjuvadas n'este serviço municipal por nuvens de abutres. Sem estes animaes, as cidades de uma parte do Oriente seriam inhabitaveis, pela infecção pestilencial das materias putridas que se despejam das casas, as quaes devoram todas as noites as hyenas, e de madrugada os abutres.

Todavia, a hyena criada de pequena com sopa, arroz, e outras substancias vegetaes, faz-se tão mansa e familiar como o cão. Ainda que o seu instincto natural não seja para caçar, ha já quem as tenha

ensinado para este mister, mostrando ellas muita actividade e intelligencia.

Em summa, está averiguado que o motivo por que a hyena deixa de ser comprehendida entre os animaes domesticos dos orientaes, é o seu mau cheiro, tal que não póde ser tolerada dentro em casa.

Nos paizes do levante, onde a civilisação começa a derramar os seus beneficios, vão desapparecendo as hyenas. Na Algeria já as não ha nas terras bem cultivadas, nem nas cidades limpas, porque não acham alli de comer.

Á vista d'isto não nos deve admirar a docilidade de algumas hyenas, que os domadores de feras costumam trazer nas suas jaulas para mostrar, e que nós já temos visto em Lisboa.

Finalmente, a hyena, apesar da sua má reputação, com ser muito voraz, não é feroz, na rigorosa accepção d'esta palavra.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos [1])

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

A colera do rei já não tinha limites. Haviam-lhe contrariado as affeições, violentado a vontade, obrigando-o a separar-se de Antonio de Souza de Macedo, e do conde de Castel-melhor. Só passados dias tornou a chamar para junto de si o primeiro: se ganhasse força moral chamaria tambem o segundo, que lhe era ainda mais util e necessario.

A reapparição de Antonio de Souza no paço exacerbou a rainha e o seu partido, que insistia pela expulsão e castigo do secretario. O rei dissimulava. Não conhecia o perigo da conjuração que se formava contra elle, e pensava que podia com actos violentos conter em respeito os descontentes. D'aqui as prisões que ordenára contra os condes da Torre, e de Villa-flor, contra D. João da Silva, Francisco Corrêa, Pedro Fernandes Monteiro, e alguns outros: d'aqui a attitude que o partido da rainha e do infante tomou para subjugar o rei, e haver a si as rédeas da governação.

No dia seguinte a nobreza unia-se ao principe para tomarem posição de resistencia e ameaça.

Quando na manhã de 5 de outubro (1667) o reitor do noviciado ia dar conta ao infante da benevolencia com que a rainha recebêra as desculpas e o arrependimento da sua ida ao paço a chamado do rei, sem accôrdo com ella, encontrou as coisas em tal estado, que voltou em continente a participar ao padre de Villes outras muito mais notaveis novidades, para que as fosse logo communicar á rainha. O principe preparava-se para ir n'essa mesma manhã ao paço, com toda a nobreza, a melhor parte do conselho, os mais notaveis tribunaes, o juiz do povo, e os vinte e quatro chefes dos mesteres. Queriam fallar ao rei, e dispol-o pelas suas considerações e supplicas a dar a ordem necessaria e conveniente a todas as coisas. Recommendava-se á rainha que estivesse prestes, e esperasse que fosse tempo de apparecer. Na cama recebeu ella esta noticia, e levantou-se logo. Esperava-a o marquez de Marialva, para lhe dizer da parte do rei, que não o apertasse muito quanto á satisfação que desejava pelo secretario de estado, porque em pouco tempo proveria a isso. O marquez acrescentou, rindo:

— « El-rei pede um pouco de tempo; V. M. póde comprazer, porque o tempo não será dilatado, e este negocio cedo acabará d'outro modo. »

A rainha, que desconfiava d'elle, não manifestou que o entendia. Marialva continuou:

— « Pois o padre confessor não disse alguma coisa a V. M.? »

— « Não (respondeu ella), mas eil-o que chega. »

E correu a ouvir a missa, finda a qual entrou no toucador.

Pouco depois, pelas onze horas chegou o principe ao paço, acompanhado da fidalguia da corte e da cidade. No meio das honras e dos respeitos de toda a guarda, subiu aos aposentos do rei, que se encheram com os que o acompanhavam. Uma duzia dos mais qualificados parou á porta da camara, apparentemente em signal de respeito, mas de facto para a guardarem e serem senhores d'ella. Todos os do conselho que estavam no paço entraram com o principe na camara, onde o duque de Cadaval, os marquezes de Marialva, de Sande, e de Gouvêa, já estavam. Começava o rei a vestir-se, e não tinha mais que os calções. O infante fallou-lhe com muita modestia e submissão, ligeiramente sobre coisas que lhe tocavam em particular, e com mais vehemencia ácerca das que eram do governo, e da rainha. Ao ouvir o nome de Antonio de Souza de Macedo, o rei perdeu a paciencia e rebentou em gritos, tão grandes que se ouviam na praça e em todo o paço. A ninguem compadecia: nem os valentões, nem os outros criados appareceram. Todos se tinham confundido com a gente do principe, assim como os soldados com o povo, que corria de todos os lados. O proprio Ruy de Moura, o conde de Val-de-reis e o arcebispo de Braga tinham-se retirado. Em roda de si não via D. Affonso senão quem lhe parecia contrario, mas nem por isso descontinuava no seu arrebatamento. O marquez de Gouvêa foi victima de suas injurias; e quando ia voltar-se para o principe, pediu a sua espada. O irmão ajoelhou, e lhe apresentou a sua, meio desembainhada.

— « Se é para a voltar contra mim que V. M. quer a espada, aqui está a minha mais perto, e eu aos pés de V. M. »

Quando as coisas iam n'estes termos, D. Verissimo de Alemcastro correu a chamar a rainha, e depois o conde de Santa-Cruz, e D. João de Souza, gritando que se iam degollar na camara do rei; que acudisse ella, fosse qual fosse o estado em que estivesse. Á terceira mensagem, estando-se a pentear, partiu como estava, no meio dos applausos dos seus parciaes.

— « Que vindes fazer aqui, quando não sois chamada? » (lhe perguntou bruscamente mal a viu entrar, o marido, que estava em calções estendido sobre a cama).

— « É verdade, senhor, (respondeu ella com doçura) não fui chamada, mas ouvindo toda esta bulha, a minha affeição por V. M., o meu dever e a inquietação em que estava, me obrigaram a vir aqui correr a mesma fortuna que V. M., e participar de tudo que possa succeder. Permanecerei ao pé de V. M., e não o abandonarei sem que isto tenha terminado. »

— « Não foi isso que vos trouxe (replicou Affonso VI): viestes ver o principe! »

D. Pedro sorriu-se d'esta inconveniencia. A rainha respondeu-lhe com doçuras e amabilidades, em quanto o rei continuava a clamar contra o irmão, e algumas vezes contra ella, retorcendo os braços, e atormentando-se como se tivesse contorsões. Perguntava pelos seus valentões; gritava que todo o mundo o tinha abandonado; que o povo, a nobreza, o infante e sua propria mulher eram contra elle; que infante e rainha o tinham surprehendido traiçoeiramente na cama e em calções; que queria conservar o secretario d'estado, que o conservaria, que

[1] Vid. pag. 373 e 378 do II vol. d'este semanario. Item, *Archivo Universal*, II vol. pag. 371 e 385 — *Illustração Luso-Brasileira*, vol. III, pag. 294 e 318.

o chamassem que o queria ver, se é que na passagem o não queriam matar. O duque de Cadaval offereceu-se para o ir buscar, promettendo que o traria são e salvo. Pouco depois appareceu o secretario, mais morto que vivo, e se deitou todo ao comprido com a face em terra aos pés da rainha, pedindo perdão.

— «É mui tarde» (respondeu ella friamente, sem olhar para elle).

O rei recebeu-o com alegria.

— «Quero conservar-vos (dizia elle em grita): nunca vos abandonarei!»

O secretario sem o escutar, gritava:

— «V. M. quer que me matem! El-rei quer matar-me! Deixem-me ir embora!»

Annunciando-se a este tempo o juiz do povo, D. Affonso desfez-se em injurias contra elle, e lhe mandou dizer que se retirasse, que não queria nem vel-o nem ouvil-o.

Para acabar com esta bulha, ou interrompel-a ao menos, propoz-se que fossem todos ouvir missa. Assim se fez. Finda ella, o rei e o infante conduziram a rainha ao seu aposento, e o principe mandou buscar o jantar, declarando que não sairia do paço em quanto o rei não entrasse na razão, ao menos pelo que tocava ao secretario d'estado.

O conde de Val-de-reis, Lourenço de Souza, e Pedro de Almeida, sabendo que as coisas iam no paço com mais moderação que a que tinham supposto, voltaram, e com elles todo o resto do seu partido, á excepção de Ruy de Moura Telles, que fingindo-se doente, ou estando-o realmente, ficou oito dias em casa.

Pelas tres horas da tarde começou a turba a impacientar-se e exaltar-se. O juiz do povo veiu participar ao rei e ao principe, que já não a podia dominar. O alarma não era fingido. Á camara do rei chegavam gritos que pediam a cabeça do secretario d'estado. N'esta extremidade o conde de Val-de-reis e os outros do mesmo partido aproximaram-se do rei. Os amigos do infante puzeram-se mais ao largo, para os deixar fallar. Ao cabo d'este pequeno conselho, que não durou muito, Lourenço de Souza e Pedro de Almeida asseveraram á gente do principe, que alli estava, que o secretario se retiraria á noite sem falta. Lourenço de Souza saíu da camara, e proferiu bem alto, que tudo estava accommodado, e que o rei perdoava tudo. O conde de Villa-verde e outros fidalgos offenderam-se do *perdão*, levaram mãos ás espadas, e, ameaçando-o, maltrataram-n'o com palavras. Aquelles a quem tinham promettido que o secretario se retiraria, disseram ao principe que tudo estava accommodado, e que apparecesse á janella com o rei. Ao mesmo tempo o marquez de Gouvêa, de Marialva, e de Sande, foram buscar a rainha, e mal ella appareceu entre os dois irmãos, e se proclamou que tudo se tinha composto, a multidão, que desde quinze dias não sonhava senão vinganças, e um momento antes parecia furiosa, soltou de todos os lados gritos de alegria, repetindo por muito tempo:

— «Viva a rainha! Viva el-rei! Viva o infante.»

Depois que a familia real se retirou da janella, dispersaram todos, e cada um voltou ao seu trabalho. O infante que todo o dia estivera senhor do paço, da pessoa do rei seu irmão, e de todas as coisas, fez o mesmo. Depois de conduzir a rainha ao seu aposento, e de se despedir do rei; quando se dispunha a sair com toda a nobreza que o tinha acompanhado, sendo o rei o primeiro a ausentar-se, é que a rainha pôde interrogal-o.

— «Que accommodação é esta, que se diz feita?» lhe perguntou ella.

— «Nada sei (respondeu o cunhado): foram os meus, que me disseram que tudo estava composto, e que apparecesse á janella; fiei-me n'elles.»

Separaram-se, mas o principe voltou outra vez, após breve demora, acompanhado do duque de Cadaval, e do marquez de Marialva, a contar á rainha tudo o que se tinha passado, e livral-a de inquietações. Prometteu voltar no dia seguinte, e todos os dias, ao paço, porque era preciso que o rei fosse o que era justo e necessario por bem do reino. Depois de grandes protestações de respeito pelo rei, e de dependencia e fidelidade por ella, retirou-se definitivamente.

Quando se soube na cidade a situação em que o principe se achára no paço, esperou-se que elle o limparia de todo, antes de sair; que regularia o governo, e acabaria a obra d'uma vez. A muitos parecia ser melhor assim, que dividir e fazer a obra por partes. Se o negocio caminhava vagarosamente, cada parte custaria tanto esforço como o todo, e não faria menos bulha, sem fallar das mudanças e divisões que o tempo podia causar.

Um estrangeiro, a quem contaram o resultado do movimento d'este dia, que só produzíra a separação do secretario d'estado, disse que não era precisa tanta bulha e tanto apparato para isso; que bastava apresentar ao rei outro secretario com seis pistolas e outros tantos punhaes ou facas á cinta ou nas algibeiras, e dizer-lhe que este era duas vezes mais valente que Antonio de Macedo, porque o rei o preferiria a Macedo sem hesitar!

Todo o conselho e toda a nobreza ficaram admirados do que a rainha praticára e dissera n'esta occasião. O duque de Cadaval repetia que não só tinha admirado o seu porte e graça quando entrára na camara do rei, mas o seu sangue frio em tão grande tumulto, mostrando-se livre e sem temor, como se estivesse na sua camara entre as damas.

No dia 6 soube-se que o secretario de estado e Manuel Antunes se tinham retirado na noite precedente. A gente do principe assegurava que o resto do partido do rei, e toda a escoria do paço seguiriam aquelles dois, e indo uns após outros. O infante e a nobreza exultavam, com terem pelo triumpho obtido na vespera mostrado a todos, e ao proprio rei, a sua moderação e a malicia do conde e de seus partidarios, que tinham persuadido a D. Affonso que o principe queria apoderar-se da sua pessoa e da coroa. O rei parecia nem pensar n'isso. Esteve n'este dia tão intratavel, e de tão mau humor como no antecedente. Bramava contra o secretario de estado, contra Simão de Vasconcellos, e contra Manuel Antunes.

— «São uns cobardes, (dizia) que me abandonaram. Desejava apanhal-os para os castigar e matar.»

Mandou pedir entretanto á rainha que mandasse vir o secretario. Chamou o marquez de Marialva, e ordenou-lhe que fosse procurar aquelles tres, e os trouxesse á sua presença. Communicou o successo a todos os conventos, para o caso em que algum dos profugos lá se fosse acolher; e a todos os governadores de praças na fronteira e no reino, para os mandarem procurar e remetter-lh'os.

Continuando todo o dia n'estes arrebatamentos, entendeu o principe não dever voltar ao paço: julgou melhor deixar passar e amortecer aquelle grande fogo.

No mesmo dia Salvador Corrêa fez constar a D. Pedro que, se quizesse, se retiraria; e, se queria que ficasse, se entregaria todo a seu serviço. D. Pedro respondeu, que se fosse, e não faltasse a isto. Aos do partido contrario, que não estavam ligados á corte por nenhum emprego, não escrupulisava fallar assim.

Á noite foi o rei ver a rainha.

— «Sois a causa de tudo o que se passou» lhe disse elle.

— «Pois fui eu que chamei o infante ao paço?»

— «Não digo isso (lhe tornou o rei), bem sei que não, mas se a rainha tivesse querido perdoar ao secretario, como eu lhe pedi, nada d'isso succedia.»

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

TRAJO DOS DRUSOS

Foram estes malvados habitantes do Libano, na Syria, que ha pouco assassinaram perto de 18:000 christãos, e incendiaram 325 villas e aldeias!

Para castigar tão crueis assassinos, e salvar a vida dos christãos maronitas que, em numero de 75:000, fugiram para as montanhas, onde andam errantes, sem pão nem abrigo, tiveram as nações da Europa que mandar uma expedição áquella provincia da Turquia, havendo conseguido que o sultão castigasse com a pena ultima, alguns centares dos fautores e perpetradores de tão espantosa carnificina.

O rancor que os drusos tem aos maronitas provém da seguinte remotissima origem.

Em 433, da nossa era, morreu, em cheiro de santidade, um eremita do monte Libano, chamado Maron, de que falla S. João Chrysostomo. Os seus discipulos fundaram n'aquellas paragens muitos mosteiros, sendo o principal Apameo, nas margens do Oronte. Os christãos syriacos foram habitar para junto d'elles, abraçando depois a heresia dos monothelitas, que consistia em affirmarem, que não obstante haver duas naturezas em Jesus Christo, não havia n'elle mais que uma unica acção e uma unica vontade. Favorecidos pelo imperador Heraclio, os monothelitas fizeram muitos proselytos, mas depois foram expulsos do imperio por Anastacio II, retirando-se todos com os seus sectarios para as montanhas do Libano. No tempo dos cruzados, em 1282, abjuraram esta heresia nas mãos do arcebispo de Tyro, e mandaram os seus legados ao concilio geral de Latrão, celebrado pelo papa Innocencio II. Combateram com bravura nas cruzadas, e ficaram desde então sendo protegidos pela França.

Formam uma população de 150,000 almas, e occupam um territorio de 150 legoas quadradas. Os seus limites, porém, são arbitrarios: prolongam-se pelas faldas do Libano, em valles e planicies que o cercam, alargando-se á medida que necessitam de fundar novas povoações. Já hoje, diz Lamartine na sua *Viagem ao Oriente*, cobrem o espaço comprehendido entre Latakié e S. João de Acre de um lado, e do outro Damasco e Beyrouth. Occupam os valles mais centraes, e as cordilheiras mais elevadas do tronco principal do monte Libano, desde os arredores de Beyrouth até Tripoli de Cesaréa. As encostas d'estas montanhas para a parte do mar são regadas por numerosos rios, e cascatas perennes. Os maronitas cultivam trigo, cevada, vinho, azeite e sobre tudo seda. Estas montanhas são quasi inaccessiveis, mas a infatigavel actividade d'este povo tem conseguido fertilisar a rocha, tem feito do Libano um jardim coberto de amoreiras, figueiras, oliveiras, e muitos cereaes.»



Trajo dos drusos

Lamartine elogia muito as virtudes patriarchaes e a laboriosidade d'esta pequena nação. Tambem falla d'elles o nosso fr. Pantaleão de Aveiro no seu *Itinerario da Terra Santa*. Os maronitas professam a religião catholica; comtudo os padres tem liberdade de casar, e dizem missa em lingua syriaca.

Os drusos vieram do Egypto no seculo XVII, expulsos de lá por outra tribu de mahometanos. Reconhecem por seu deus o kalifa Kakem-Blumer-Allah, que ensanguentou o Egypto com barbaridades inauditas. Estabeleceram-se na Syria governados pelo califa Dorse, d'onde lhes provém o nome. Os maronitas acolheram-n'os fraternalmente, sem prever que deixavam entrar o lobo no aprisco. Começaram logo as hostilidades, sendo elles o terror do Libano. Só desde 1825 a 1840 é que o emir Bechir os conteve em paz. Porém, sendo desterrado, recomeçaram os odios seculares, que os pachás e caimacans em vez de atalhar excitavam.

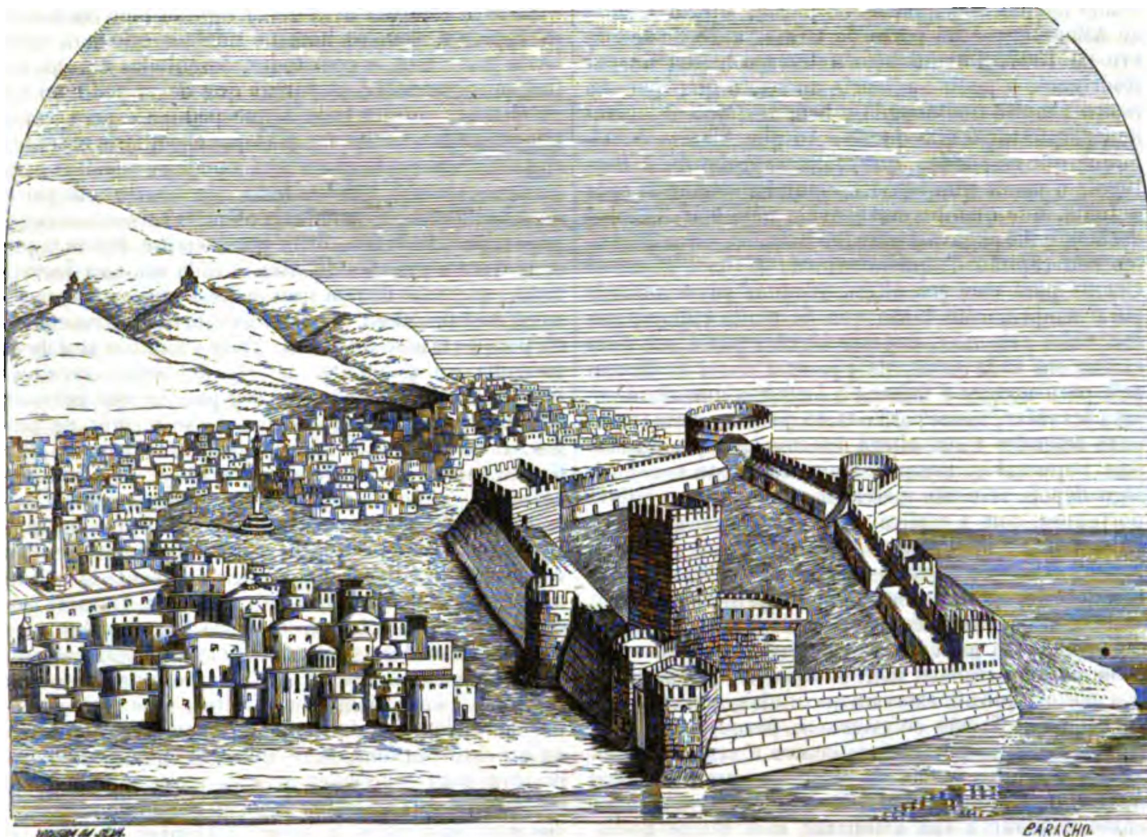
Tal é a origem da horrivel matança que ultimamente houve na Syria, maior ainda se não fôra a energia de Abd-el-Kader.

Veremos qual é o resultado da expedição das potencias européas. Oxalá que ellas consigam exterminar as hordas de taes malfeitores, que renovaram n'este seculo as atrocidades do feroz Atila, e do sanguinario Gengis Kan!

CHARADA

N'um deserto me encontraes — 1
Girando continuamente — 1
Ajuntae-nos diligente,
E n'outro deserto estaes.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Vista da cidade de Ormuz

« Se o mundo fosse um ovo, Ormuz seria a gemma. »

DICTADO ARABE

Foi por causa da conquista d'este famoso reino da Persia, que o grande Affonso de Albuquerque *ficou mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor del-rei.*

Nove annos, de cuidados, de pelejas e trabalhos, gastou elle n'esta conquista, porque desde o primeiro accommettimento em 1507 ate ao ajuste das pazes em 1515, nunca levantou o pensamento, e poucas vezes a mão, d'esta arduissima empreza.

Para dar a Portugal o senhorio dos mares da India, se apoderou elle dos dois estreitos do mar Roxo e do mar Persico, que eram a entrada e a saída das naus mahometanas que n'aquellas paragens commerciavam.

Ormuz, tão nomeada por todo o mundo, como o mais celebre emporio e escala d'elle »[1], onde concorriam todas as mercadorias orientaes e occidentaes, situada na garganta do mar da Persia, foi o ponto escolhido por Affonso de Albuquerque para levantar feitoria e fortaleza onde tremulasse a bandeira portugueza.

Ouçamos a descripção que d'esta ilha faz um dos que tomaram parte na sua conquista. Falla Gaspar Corrêa, que se avantaja sempre a Barros, Couto e Castanheda.

« A ilha de Ormuz é feita em tres pontas, e terá em roda quinze legoas. É toda pedra viva escalvada, sem nenhum arvoredo, sómente arvores de espinhos sem folhas, e a terra em si é salgada, e por algumas partes corre agua que se torna em sal mui forte, mais que o sal de marinhas. Tem esta ilha ao redor muitos rios e portos, onde correm todas as mercadorias do mundo; mas porque o mar tem baixos e pouca agua ao longo dos portos, e lá não podem chegar naus para carregar, vem todas portar a Ormuz, onde trocam umas mercadorias por outras; com o qual trato tão grande se fez esta cidade de Ormuz, que commummente, entre as gentes, a India é annel, e a pedra é Ormuz.

E de tão grande trato, que a alfandega rendia cada anno a el-rei passante de quinhentos mil xerafins, e tão nobre, e abundada de todos os mantimentos, que dez mil homens podem comer do que se cozinha na praça. Eu vi com meus olhos, ao tempo que fizemos a fortaleza, que foi no anno de 507, ruas que de cada parte tinham mais de vinte boticas[1], em que se fazia malcozinhado, e pelas portas havia tachos e bacias largas em que estava arroz cozido e carneiros inteiros assados, e feitas outras invenções de comeres, tudo tão limpo e perfeito que mais não podia ser, e em tanta abundancia, que já digo, podiam comer dez mil homens. Vi rua em que estavam os mercadores que tinham aljofar a vender, apartadas as sortes, deitado sobre pannos vermelhos, que valia mais de cem mil cruzados; e outras grandezas vi na cidade de que muito podia escrever, porque o vi, o que deixo de fazer porque meu intento não é senão tratar dos feitos dos portuguezes.

Em toda a ilha de Ormuz não ha nenhuma agua para beber, e toda trazem da terra firme, e trazem tanta, que por todas as ruas da cidade ha casas que ás portas vendem agua em muitos pucaros e talhinhas como na ribeira de Lisboa. E tantas grande-

[1] Barros. Dec. 2, l. 2, cap. 4.

[1] Lojas de venda.

zas tinha a cidade de Ormuz, que com muita razão se chamava pedra de anuel.»

Digamos agora como ella foi tomada.

Com uma armada de seis naus e uma fusta, levando apenas 460 homens de peleja, surgiu Affonso de Albuquerque no porto de Ormuz a 28 de setembro de 1507. Enviou logo a terra o lingua Gaspar Rodrigues, a pedir audiencia ao rei, o qual por um moiro «muito auctorisado e bem vestido» lhe mandou perguntar o que queria. Ao que Affonso de Albuquerque respondeu, que era vassallo del-rei de Portugal, o maior que havia no mundo, senhor de toda a India, que quantos navegavam pelo mar lhe obedeciam, e lhe pagavam páreas e tributos, e que elle como seu capitão d'aquella armada vinha a el-rei de Ormuz para com sua alteza assentar paz e amizade para sempre, com tanto que da muita riqueza que lhe vinha pelo mar, pagasse alguma parte que fosse razão, em cada anno, de páreas a el-rei de Portugal, para manter a feitoria e fortaleza que alli desejava levantar, assim para o trato do commercio, como para defender a sua alteza dos inimigos que buscassem inquietal-o. Foi-se o moiro com este recado, e logo depois veiu um mercador armenio, que fallava portuguez, com a réplica, de que ser o rei de Ormuz tributario ao de Portugal, era coisa para se cuidar muitos dias, que passados elles viria a resposta. Voltou dias depois o armenio a pedir novo adiamento.

Affonso de Albuquerque desconfiou logo que tantas delongas eram para dar tempo aos de terra se aperceberem para resistir, mórmente vendo que nas naus dos moiros, que alli estavam ancoradas, se trabalhava surdamente. E não se enganou, porque um dia de manhã cedo romperam fogo contra a armada portugueza, e muitos barcos de remos surdiram a lançar nuvens de frechas. Affonso de Albuquerque mandou então disparar a sua artilheria, com o que desbaratou e incendiou toda a frota do rei de Ormuz, e depois começou a esbombardear a cidade, e desembarcando parte da gente de guerra, poz fogo ás casas que se estendiam ao longo da praia. Vendo tal destroço, o rei mandou então o armenio pedir paz. Acceitou-a Affonso de Albuquerque embarcando-se com toda a sua gente, despedindo antes o armenio para que fosse dizer ao rei — mandasse logo mil xerafins que el-rei seu senhor havia gastado n'aquella armada; e désse obediencia a el-rei de Portugal pondo a bandeira portugueza sobre seu palacio, e que então fallariam no mais que havia de ser.

Não tardou o armenio com o dinheiro, *em saquinhos*, dizendo que a cidade era del-rei de Portugal, e o soberano de Ormuz seu vassallo para lhe pagar quanto quizesse; e a bandeira que a mandasse, que seria posta por sua mão onde o capitão-mór da armada ordenasse.

Affonso de Albuquerque, acceitando o dinheiro e a palavra de obediencia, mandou, pelo dito mensageiro, dizer a el-rei de Ormuz que se fizesse prestes, com toda a gente da cidade e seus regedores, para receber a bandeira de el-rei de Portugal, que era o signal de vassallagem, e que a visse o povo todo para d'isto ser sabedor.

Ao outro dia mandou Affonso de Albuquerque cortar uma bandeira de damasco branco e carmesim, e n'ella recortadas as quinas, com escudo e corôa de tafetá azul e amarello, tendo uma braça quadrada, e cordões azues e brancos, posta n'um pique com ferro estanhado. Esta levou Jorge Barreto no batel da capitania, com acompanhamento de muitos fidalgos *e pessoas honradas*, todos vestidos de gala, tangendo as trombetas, salvando as naus na sua passagem para terra, onde estavam os magnates do reino a cavallo, e muito povo que acompanhou a bandeira pela rua principal da cidade, até ao paço, e ahi o rei, á porta da sala, a recebeu e lèvou ao terrado, onde a poz por sua mão, o que visto das naus, lhe deram uma salva de artilheria, e todo o povo da terra soltou muitas acclamações.

Logo n'esse dia á tarde, o capitão-mór convocou os capitães, com os homens fidalgos que nas naus havia para isso, e com todos, assentados em conselho, praticou sobre as páreas que devia pedir ao rei de Ormuz, porque tudo o que pedisse estava certo que com elle assentaria; mas que elle queria assentar coisa tão arrezoada que nunca a podesse engeitar nem quebrar; com o qual tributo elle tiraria sua carta de vassallagem, e assentaria as mais coisas que cumprisse, para tudo ficar firme para sempre. Sobre o que se moveram grandes debates, e cada um mui desvairado, que uns diziam que pedisse muito porque ficasse mal duvidoso, e outros diziam que pedisse pouco porque ficasse mal feito. Tudo o capitão-mór bem entendia e dissimulava; no que debatendo-se, muito, o capitão-mór disse que seu parecer era assentar isto em pouca coisa, porque fosse melhor de pagar, e que não parecesse rasgar, e o assento que fizesse seria com resguardo que el-rei ou o seu governador da India houvesse por bem pedir-lhe outras coisas que valessem o dobro. Pelo que lhe parecia que era justo que pagasse quinze mil xerafins cada anno de páreas, em dinheiro de contado, e que as mercadorias del-rei, que o feitor alli tratasse em compra e venda, fossem livres de todos os direitos: que as mercadorias de portuguezes, se alli viessem tratar, fossem livres de direito á entrada, e as que tirassem á saída pagassem direitos. Que estes direitos em cada um anno podiam valer mais de outros quinze mil xerafins, e os que dessem em dinheiro bastava para alli suster uma fortaleza com capitão, officiaes, e quatrocentos homens pagos de seus soldos e mantimentos, a saber: trezentos na terra, e cento em armada do mar. O que por todos ouvido, não confiaram que se havia de assentar como pintava o capitão-mór, pelo que disseram que lhes parecia bem. Do que o capitão mandou a João Estão que fizesse auto, em que todos assignaram.

Com isto assim assentado, presentes todos, disse a Francisco de Tavora que lhe pedia por mercê fosse a terra fazer este assento com el-rei, com os apontamentos que lhe daria; o que Francisco de Tavora acceitou com boa vontade, porque sabia que ninguem folgava com o bem do capitão-mór tanto como elle. E disse ao capitão-mór, que por serviço del-rei faria mui inteiramente o que lhe mandasse. Então o capitão-mór lhe deu os apontamentos, com que se foi a terra no seu batel com o feitor, e Gaspar Rodrigues, o lingua, onde chegando a terra, e dito a el-rei que vinha um capitão, el-rei o mandou receber, e veiu á porta Raez Nordim, que o levou ante el-rei, que lhe fez muita honra, e o fez assentar junto de Coge Atar e Raez Nordim, e o seu guazil-mór, e todos os do conselho; onde Francisco de Tavora disse a el-rei que lhe trazia recado do capitão-mór, que o daria que todos o ouvissem. Disse el-rei que folgava muito que fallasse o que lhe era mandado. Então Francisco de Tavora disse: «Coge Atar, e tu Raez Nordim, porque sois cabeças e regedores d'este reino, e sois tão sisudos e bons homens, o que fizerdes tudo será bem feito, e firme para sempre. E porque el-rei Ceifadim, que presente está, tem obediencia a el-rei de Portugal, senhor dos mares e das Indias, por assim ser seu vassallo, elle lhe ha de ajudar a guardar e defender esta cidade e todos seus portos, de quem lhe quizer fazer mal, como verdadeiro amigo; e para esta guarda melhor poder fazer, n'esta cidade terá uma fortaleza com gente e armada no mar, com que sejam francos quantos mercadores vierem para esta cidade com suas naus. A qual fortaleza, com ca-

pitão e gente que n'ella estará, e com a armada no mar, tudo será pago com quinze mil xerafins cada anno. E não quer que mais pagues de páreas em cada um anno; do que farás carta a el-rei de Portugal; e que as mercadorias que o feitor del-rei aqui comprar e vender, serão livres de direitos; e que as fazendas dos portuguezes serão livres de direitos á entrada sómente. E esta liberdade folgasse de lhe dar, porque todos quantos viessem a Ormuz, todos o haviam de servir, e morrer por seu serviço, como por el-rei seu senhor. E isto te manda notificar que o faças, se fores muito contente, e por tua vontade, e que sobre isto tomes muito bom conselho com os teus, e se fores contente d'isto, lhe faças carta, por ti assignada, com os teus regedores e do teu conselho, com obrigação de tudo cumprires, tu, e os que de ti descenderem. Aqui n'este papel está tudo escripto, e assignado pelo capitão-mór, que assim tudo cumprirá como te diz; o que tudo te fica. E tambem alli ficava o escrivão para fazer a carta do capitão-mór, se elle fizesse a sùa, porque já João Estão levava as minutas de como havia de fazer as cartas, que lh'as dera o capitão-mór. » Como que Francisco de Tavora se despediu, e se tornou, e Coge Atar lhe disse que tudo se faria assim como queria o capitão-mór, que fazia toda boa razão.

Ficou el-rei com os seus mui contentes, vendo o pouco que o capitão-mór pedia, porque tudo aquillo, e muito mais, se gastaria trazendo alli armada; com que havidos muitos conselhos, concordaram que tudo assim fosse assentado, e logo as cartas foram feitas antes que se passasse mais nada. Então se fez a carta del-rei em uma folha de pasta de oiro, enrolada como perganinho, e n'ella riscadas as letras em lingua persia, que era a natural da terra, em que o rei assignou, e os regedores, e quatro principaes do reino: e a carta do capitão-mór foi feita em papel branco da Persia, grosso, muito branco, escripto com letras dorradas, uma em portuguez e outra em persio.[1] O que tudo foi feito até o outro dia ao meio dia, ao que João Estão veiu da terra, e deu conta ao capitão-mór de tudo o que era feito, e que el-rei ficava esperando que fossem pelas cartas, ou se não que as mandaria trazer.

Affonso de Albuquerque mandou a terra quatro capitães para receberem as cartas da mão del-rei, e que o vissem assignar, e lhe perguntassem se o fazia de sua vontade. O rei assignou com os regedores, e juraram todos no seu moçafo[2] de que o cumpririam para sempre. Antes de os despedir, deu o rei a cada um dos capitães uma peça de brocado da Persia e seis pannos de seda ricos.

Assentadas as pazes, tratou logo Albuquerque de dar começo á fortaleza; e d'aqui datam os seus maiores desgostos, as dissidencias, prisões e execuções que houve na sua armada; e depois as queixas que o malquistaram com el-rei D. Manuel.

Como todos estavam cançados de tanto batalhar, e a obra da fortaleza tinha seus riscos e muita demora, elles, que queriam ir para Goa ou voltar ao reino, oppunham-se de palavra e por via de requerimentos a que fizesse tal fortaleza, allegando que o reconhecimento da vassallagem e o pagamento das páreas era assaz para se retirarem contentes. Mas Affonso de Albuquerque, como era mui cioso da sua auctoridade e obstinado nos seus propositos, não só desattendeu os requerimentos que lhe foram feitos, mas, de palavras pesadas com que a alguns dos seus capitães respondia, passou a fazer-lhes violencias, a ponto de lançar a mão ás barbas de João de Nova, que as trazia compridas, arrancando-lhe alguns cabellos, que deitou no chão quando o largou. « João de Nova, diz Gaspar Corrêa, apanhou os cabellos, e os atou no lenço, e com muitas lagrimas lhe disse: Isto que vós me fazeis, Tristão da Cunha m'o pagará; e vos prometto que no publico do conselho del-rei me queixe d'elle, e me pague esta injuria que me fizestes em me arrancardes minhas barbas. Affonso de Albuquerque lhe disse: Tudo o que vos julgarem pagarei; nem inda que vos arrancára essas que vos ficam, nem por isso temêra que me haviam de cortar a cabeça. »

E sem mais consultas, chamou João de Flandres, bombardeiro, que era bom mestre d'obras, e lhe assignou por onde abrisse os alicerces da torre de menagem. E a 6 de outubro de 1507 se abriu o alicerce; e Affonso de Albuquerque em pessoa, tomou nas mãos a primeira pedra e a assentou na esquina da entrada da torre, dizendo: Em nome de Jesu Christo e de sua santa madre, Nossa Senhora da Victoria, que nos sempre dê contra os inimigos da fé do seu bento filho. O que repetiram todos os capitães e fidalgos, tangendo as trombetas. E assim foi posto o nome á fortaleza.

Durante a obra continuaram as desavenças, a ponto de fugirem alguns portuguezes para os moiros, e sobre a entrega d'elles houve tal repugnancia da parte do regedor da cidade, que se quebraram as pazes; até que Affonso de Albuquerque, abalando-lhe algumas naus sem sua licença, teve de se retirar de Ormuz.

Alli voltou, porém, em 1515, quando o rei de novo acclamado lhe mandou a Goa pedir que queria renovar as pazes.

Tinham os barbaros desfeito grande parte da obra, pelo que houve o Albuquerque de a refazer e ampliar. Eis o que a este respeito diz Gaspar Corrêa:

E logo ordenou metter-se no trabalho do fazimento da fortaleza. Repartiu os bateis, que cada dia fossem cinco carregar de pedra e descarregal-a na praia; e gente da terra, que era bem paga pelo feitor, arrancava a pedra, no que davam muito aviamento. E ordenou dois navios que andassem ao carreto da pedra de gesso, a qual coziam em fornos como cal, e era pisada e feita em pó. Assentada a pedra na parede em secco, o pó, em bacias feito em polme, deitavam por entre as pedras, que logo em continente seccava, ficando tão forte que se cortava com picões.

Repartiu mestres pedreiros a medir os alicerces que logo se começaram a abrir, de que o governador fez concerto com os capitães e gente da ordenança, que abrissem os alicerces, e de noite vigiassem a quartos, e não fizessem outro nenhum trabalho. No que seus capitães se ordenaram e repartiram ao trabalho, que lhes vinha de cinco em cinco dias. E porque muitos alicerces haviam de ser dentro n'agua, eram feitos com um barro pisado, peneirado e cozido, o qual posto na obra, a agua do mar não o desfazia, mas ficava como propria pedra.

Tendo todas estas pertenças juntas em grande quantidade, e o primeiro lanço do alicerce aberto, aos tres dias de maio, dia de Santa Cruz, o governador tomou a enxada nas mãos, e D. Garcia, e os capitães, acabando o padre de cantar a oração da invocação de Santa Cruz, o primeiro foi o governador que começou a cavar, e os outros capitães com elle. Cavaram um pouco, e então entraram os trabalhadores que abriram todo o lanço. E querendo assentar pedra, que foi aos seis dias do mez, depois de os padres rezarem orações, e deitarem bençãos e agua benta, o governador, Affonso de Albuquerque, deitou um panno sobre os hombros, em que lhe puze-

[1] Ambas estas cartas mandou Affonso de Albuquerque, mettidas em caixas de prata, a el-rei D. Manuel, as quaes devem estar na torre do Tombo (a não haver descuido em deixar perder uma antiguidade como esta digna de muita memoria). Isto dizia em 1557 o filho do grande Affonso de Albuquerque nos *Commentarios*, part. I. pag. 88.

[2] Alcorão.

ram uma pedra que levou abaixo ao alicerce, e com suas mãos assentou onde os mestres lhe disseram, debaixo da qual elle metteu com sua mão cinco portuguezes de oiro [1]. E logo D. Garcia, e os outros capitães, cada um trouxe pedras ás costas, que assentaram onde lhe mandavam. Então o governador repartiu os capitães com suas gentes, e com os malabares e canarís, em doze quadrilhas, que cada dia trabalhassem duas, para que caísse um dia de trabalho de cinco em cinco dias, que seriam trezentos homens portuguezes, malabares e canarís, que seu trabalho era trazerem á obra o barro e gesso, e os malabares e canarís acarretar a pedra. E porque nos alicerces se gastava muita pedra, mandou que os mestres nos bateis, com as bragas das galés, dessem um caminho de pedra de dia, e os contramestres com os marinheiros e grumetes, dessem outro caminho de noite, com que nunca houve falta de pedra. E o dia que os capitães não trabalhavam estavam presentes na obra, com seus pagens com lanças e adagas.

E a primeira obra que se levantou foram dois cubellos na travéssa da praia, entre os quaes ficou a porta assim na praia, com seu alçapão, e em cima torre de guarita para defensão da porta; e um d'estes cubellos ficou fundado dentro no mar, em que de baixamar a grã pressa se abriu o alicerce; e foi oitavado e largo, sobradado. Onde logo se armou altar, e foi feita egreja da invocação de Nossa Senhora da Conceição, que assim o mandára el-rei D. Manuel, *e para isso mandára um sino que tomou da Conceição de Lisboa, que tinha derredor os doze apostolos doirados, que este foi o primeiro sino que se poz na Conceição de Lisboa.*

D'este cubello correu um panno de muro ao longo da praia, todo fundado dentro no mar, de que o alicerce e a parede até sobre agua era feito de barro, e d'ahi para cima feito com gesso, e o muro de doze pés de largo. Os capitães disseram ao governador que eram fracos, que deviam de ser mais grossos. Elle respondeu: «Estes assim como vêdes, se os guardarem com verdade e sem tyrannia, são tão fortes que sobejam; mas se n'estas terras se não guardar verdade e humanidade, a soberba nos derrubará quantos muros tivermos, por mais fortes que sejam. Portugal é muito pobre, e os pobres cubiçosos se converterão em tyrannos. As coisas da India fazem grandes fumos: hei medo que pelo tempo em diante o nome que agora temos de guerreiros se torne em tyrannos cubiçosos.» [2]

No cabo d'este muro para a ponta se fez outro cubello forte; e atravessando a ponta se fez uma torre quadrada, debaixo da qual ficou um postigo para serviço da ponta, de que logo fizeram adro para a gente que morria, que enterrado na areia em só dois dias se comia um corpo, que era coisa de espanto. E d'esta torre do postigo correu o muro até ao mar, em que se fez um cubello redondo ao pé, e em cima oitavado, com grossos tiros, que corriam ao longo da praia da outra banda da cidade, e d'este cubello fez volta ao muro para dentro da cidade, em que a fortaleza fazia quadra, e no meio se fez outra torre quadrada para aposento do alcaide-mór, e no cabo d'este muro uma torre oitavada, mui forte, porque ficava no amago da cidade; e se fez tão alta, que do sobrado descobria toda a cidade. D'esta torre corria um muro direito a entestar no cubello da porta, e no meio d'este muro, que ficava fronteiro ás casas del-rei, foi feito outro cubello forte. O governador corria com o abrir dos alicerces, e os encher de pedra e barro até sobre terra, em que n'estes alicerces da banda da terra se achavam alicerces velhos, que davam tanto trabalho aos desfazer como se foram de pedra viva, porque eram feitos de barro. Como se fazia toda a obra á roda, o trabalho da gente era mui grande, e tanto que as bombardeiras eram cerradas logo n'ellas se assentava a artilheria que cumpria, de que tinha cargo o condestavel da fortaleza, que o governador fez com trinta bombardeiros. E porque o governador sempre andava na obra, a gente trabalhava com muita vontade, d'alli mandava trazer almoços e merendas, com muito pão de trigo bom, que os moiros faziam como bolos, e uvas e figos, mangas e tamaras maduras, e isto em abundancia para todos os que trabalhavam. Ao que el-rei tambem fazia grande ajuda com grandes cestos de frutas, que o governador com seu olho repartia por todos.

E porque assim o trabalho era grande, e grandes as calmas, adoecia a gente, e morria muita. Mórmente os malabares, que por sua natureza se lavavam muitas vezes, e porque Ormuz não tinha agua, adoeciam de sarna de que morriam, e os portuguezes de febres; sobre o que foi dito ao governador que os physicos não visitavam os doentes como era razão, e lhe pediam dinheiro. E porque elles tinham ordenado del-rei para graciosamente curar os doentes, o governador os mandou chamar todos, e lhes perguntou porque razão lhe morria tanta gente; e elles lhe deram muitas razões, a que o governador lhes respondeu: «Vós levaes ordenados de physicos, e não sabeis conhecer a doença dos homens que servem el-rei nosso senhor? E pois assim é, eu vos quero ensinar de que doença morrem.» Mandou-lhes carregar ás costas grandes pedras, e que as levassem acima do muro, onde os fez trabalhar todo o dia até á noite. Então lhes disse: «Os que escreveram os livros das medicinas, por que vós aprendestes a levar dinheiro, não souberam da doença do trabalho; e pois vol-o hoje ensinei, d'aqui em diante curae a gente d'esta doença, e dae-lhe do vosso dinheiro, que ganhaes folgando. E isto vos encommendo como amigos, porque vos não queria ver mettidos a banco n'aquellas galés.» Com o qual assombramento nunca mais pediram dinheiro aos doentes.

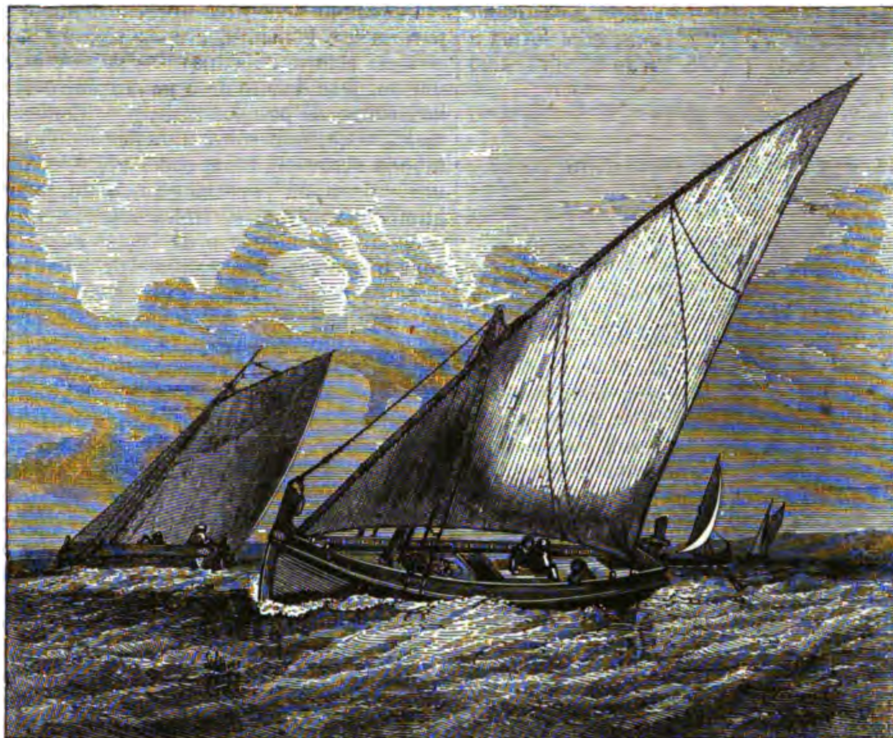
Durando o trabalho da obra, o governador mandou no bazar da cidade fazer uma picota sobre um mastro com muitos degraus derredor, e no mastro postas argolas e ganchos para enforcar, e um cepo, preso por cadeia, para cortar n'elle mãos e cabeças. O que sendo acabado, o governador, de noite, com poucos homens o foi ver, e chegando a ella poz os joelhos no primeiro degrau, e com o barrete na mão, disse: «Deus te salve para sempre, e accrescente em verdade, vara da real justiça del-rei nosso senhor, por Deus querida e amada para punição dos maus, conservação e guarda dos bons que pouco podem!» E se tornou á fortaleza, e mandou dizer a el-rei que os malfeitores mandasse castigar n'aquella picota que estava no bazar, para que todos vissem e houvessem medo. Com o que el-rei muito folgou, e assim o mandou fazer.

Como a fortaleza foi cerrada toda em roda, altura de dois homens, mandou o governador trabalhar na torre de menagem, que ficou logo junto da porta da fortaleza, e foi alevantada em outro sobrado mui alto, que ficava o terrado de cima por cima das casas del-rei; e em cima mandou fazer uma casinha para a polvora, e em cima se fez campanario, em que se poz o sino que já disse. Então fez capitão da fortaleza a Pero de Albuquerque, e Jorge da Silva alcaide-mór, e Manuel da Costa feitor, e fez almoxarife do armazem João de Bryones, e alcaide do mar Diogo Espinel, que trazia doze peães canarís com lanças, e a que deu grande aviso na via das coisas da cidade, no que o meirinho tinha muito cuidado.

[1] Moeda cunhada por el-rei D. Manoel, que n'este tempo valia 4000 rs.
[2] Foram palavras propheticas!

Quando vinham as terradas [1] com agua da terra firme, que trazem em tanques, e na praia a descarregam em jarras pequenas, os moiros, em a trazendo para terra, com a mão lhe deitavam dentro agua do mar para as acabar de encher, com que a agua ficava salôbra e causava mal á gente. A estes, como n'isto eram achados, lhe pregavam uma mão na picota, onde estavam até noite; com o que já não faziam tal engano ao povo.

O governador, quando começou a fortaleza, mandou dizer a el-rei de Ormuz que mandasse a seus correctores, que lhe vendessem umas drogas, e pimenta, e mercadorias que trouxera para vender. Do que el-rei mandou recado ao guazil, o qual logo repartiu as fazendas pelos mercadores principaes da cidade, as quaes D. Garcia tinha nas suas casas, e disse ao guazil que a elle trouxessem o pagamento, o que elle assim fez. A fazenda toda valia até vinte mil xerafins; mas D. Garcia a carregou em taes preços que fez n'ellas mais de oitenta mil pardáos, que lhe o governador deixou na mão em pagamento de seus vencimentos; com que lhe pediu licença para se ir á India, a fazer coisas que lhe cumpriam, chegando as naus do reino. O governador entendeu que sería para fazer alguns empregos, e lhe deu licença que se fosse na nau Belem que estava a quatro bombas, na qual D. Garcia mandou embarcar os homens muito doentes, e assim tambem todos os reis de Ormuz cegos [1]; isto a rogo del-rei de Ormuz, para que a cidade estivesse mais pacifica, e elle fóra de seus requerimentos. Aos quaes, para cada um, el-rei deu despeza para cada anno, que entregaria ao feitor de Ormuz, para que o mandasse a Goa. O que tudo o governador metteu em muito bom regimento, com que todos foram em Goa repairados até que morreram. E tambem com elle



Bote d'agua acima

mandou embarcar Miguel Ferreira, a que deu um bacio e gomil de oiro que levasse a el-rei de Portugal, e lhe fosse dar conta do que passára na Persia. Mas elle, chegando a Goa, se desaveu com D. Garcia, pelo que este lhe tomou as peças, e não quiz as levasse a el-rei.

(Continúa)

[1] Barcos de vela e remo, mui ligeiros.

[1] Depois aclararemos este ponto.

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 261)

BOTE D'AGUA ACIMA

III

Todos os barcos que navegam no Tejo pagam um imposto á camara municipal de Lisboa, chamado do *Tragamalho*, imposição antiquissima, e tanto que se lhe perdeu já a etymologia, sem que os esmerilhadores de antigualhas tenham até agora podido atinar com a derivação d'este nome.

A camara, em consulta de 28 de junho de 1852, propoz ao governo um formulario do que deviam pagar todas as embarcações que navegassem no rio de Lisboa, ou viessem a seus portos, o qual foi approvado pela regia resolução de 17 de setembro do mesmo anno.

Eil-o aqui, como parte integrante da historia d'esta marinha do Tejo.

De cada viagem que fazem a esta cidade os barcos de Villa-Nova, pagam 200 rs.

De cada viagem que fazem os barcos de Abrantes, Punhete, Tancos, Barquinha, Chamusca, Azambuja, Azinhaga, Santarem, Escaropim, Salvaterra, Porto de Muge, Virtudes, Samora, e Benavente, 150 rs.

De cada viagem que fazem os barcos de Povos, Villa-Franca, Alhandra, Alverca, Póvoa, Sacavem, e Friellas, 100 rs.

Os barcos de Abrantes, Punhete, Tancos, Barquinha, Chamusca e Azinhaga, pagam além de 150 rs. acima referidos, mais, de uma avença muito antiga, a que chamam «cabo de anno», pelas viagens que fazem aos portos do termo até Paço d'Arcos, 1:000 réis.

Todas as embarcações dos portos acima declara-

dos, que fazem viagens de verão, que vem a ser: conduzir palha ou fruta para esta cidade, o qual verão principia desde o dia de S. Pedro até á feira de Villa-Franca; não pagam n'este tempo por viagens, mas sim por avença, que vem ser:

Cada barco, 4:000 rs.

Cada bateira ou lancha, 3:000 rs.

Cada batel, 2:000 rs.

Os barcos do Samouco, Alcochete, Aldea-Gallega, Moita, Lavradio, Alhos-Vedros, Barreiro, Aldea de Pae Pires, Seixal, Cacilhas, Porto Brandão, Trafaria, Coina, Cascaes, e Paço d'Arcos, pagam por ajuste.

As falúas, pagam 1:400 rs. por anno.

As falúas que ándam nas carreiras para Cacilhas, 2:000 rs.

Os barcos de Moios, 1:200 rs.

As fragatas, 1:000 rs.

Os botes, a 960 e 800 rs., conforme a sua grandeza.

Os barcos chamados *d'agua a cima*, cuja fórma a nossa estampa representa, pertencem ao terceiro ramo d'esta tabella.

DOIS RETRATOS HISTORICOS

(LENDA HESPANHOLA)

> «Eu fui, senhor, disse Francisco de Borja grande peccador na mocidade, e dei muito mau exemplo ao mundo.»
>
> FR. PRUDENCIO SANDOVAL

I

Distante poucas horas de Placencia, nome que em latim significa gozar, e se deriva da formosura d'aquellas paragens queridas da natureza, se elevava, dominando virente campina e florido jardim, pelos annos de Christo 1557, um soberbo mosteiro de monges de S. Jeronimo.

Era uma d'essas manhãs em que a côr diaphana do ceo deixa vêr novos horisontes á limitada vista dos mortaes, em quanto a elasticidade do ar, perfumado e tibio, lhes faz ouvir melhor os augustos rumorejos da solidão; manhãs tranquillas como o placido arroio, em que o dia de hontem se vê claro atravez das ondas da existencia, e se penetra com a memoria no lodoso fundo do passado; manhãs em que choram os anciãos, não sabemos se de tristeza, porque se lembram da primavera da vida, se de jubilo e amor de Deus, vendo que vivem em mundo tão formoso; manhãs em que mais amam os peitos namorados, e mais crêem as almas fieis ao Altissimo; em que choram insensivelmente os tristes e não amados, e se encontram mais sós os orphãos e peregrinos; manhãs em que o coração do homem se distanceia ao mesmo tempo do ceo e da terra, e que trazem á alma, vivas e melancolicas, as recordações dos entes queridos que a morte lhe arrebatou.

Tal foi aquella manhã, passada ha já tres seculos.

Pela volta das onze horas brilhava o sol tão alegremente na fachada do mosteiro; cantavam as avesinhas com tão doce tranquillidade; parecia, em fim, tão feliz todo o ser, que ninguem teria passado por aquelles logares sem invejar a pacifica existencia dos frades Jeronimos, e sentir um vago desejo de abandonar para sempre as coisas do mundo, tão agitadas e revoltas n'aquella epocha.

Taes deviam ser os pensamentos de dois personagens que, perto de uma janella ao sul do edificio, havia meia hora que não proferiam uma palavra sequer: tão engolphados estavam na contemplação d'aquella amena campina.

Nenhum dos dois personagens usava o habito da ordem, apesar de se encontrarem n'uma cella do mosteiro. Um d'elles vestia a loba negra talar que é commum aos nossos sacerdotes; e o outro trajava de preto, sem esporas, armas, ou outro qualquer signal que podesse dar a conhecer a sua condição no mundo.

O ecclesiastico tinha quarenta e seis annos, mas apparentava muitos mais. Não lhe moldeis a cabeça pelo grosseiro typo dos freires ou guerreiros que nos legou aquella geração; era uma cabeça formosa, trabalhada por uma existencia mudavel e desgraçada, brunida pela dor, illuminada pela reflexão e pelo estudo; uma cabeça meio grisalha e meio calva, sulcada de profundas rugas e cruzada por grandes traços proeminentes, symbolo da força e magnanimidade, os quaes podiam passar, aos olhos de quem conhecesse a vida d'aquelle homem, pelas bridas com que uma energica vontade continha violentas paixões.

O secular mostrava ter cincoenta e seis annos; parecia um homem decrepito sem ser ancião. A sua elevada estatura inclinava-se já para a terra, não só um por leve defeito de organisação, mas abatida por largos dias de pesados trabalhos. Conhecia-se, á primeira vista, que sobre aquelles hombros pesára um mundo material, assim como sobre a fronte do outro um mundo de pensamentos. Este homem, de tão humilde apparencia, tinha o olhar ferino e altivo, peculiar das aguias e de certas raças identificadas com o poderio pelo costume de o exercer. A barba grisalha occultava-lhe a bocca sem dentes, sumida por este motivo, e pela rara configuração das mandibulas; a cabeça despovoada, parecia dobrar-se a um afrouxamento não commum para aquelle seculo, que ainda conservava a tradição do typo hespanhol. Este homem era estrangeiro.

Dissemos que os dois personagens haviam deixado correr meia hora de silencio e de meditação na janella do convento.

Havia muito que o das vestes negras seguia com a vista uma aguia que percorrêra todo o horisonte, que domináva todas as alturas, e invadíra mais de uma vez as regiões do ar a que apenas alcançava a vista do homem. Quando a rainha das aves passou, em fim, o ultimo cume e desapparecêra n'outro horisonte, o que a estivera observando deu um suspiro, como quem termina penosa tarefa, e disse ao companheiro:

— Acredito, irmão Francisco, que morrerei brevemente.

— Senhor... — murmurou o outro, não sem estremecer.

— Não ha outro Senhor, senão o do ceo e da terra — interrompeu o da barba grisalha. Chamae-me irmão. Ai, — continuou sem dar tempo á replica do ecclesiastico, — que pequeno me vi no dia em que deixei o mundo dos homens! Lembras-te de 1542?

— Lembro-me, — respondeu o padre Francisco.

— Estavamos em Monção e marchavamos em soccorro de Perpinhão... Ha quinze annos! Tu e eu, vestidos de ferro, cheios de mocidade e energia, sonhavamos com a gloria da terra... O meu nome atroava o universo; a minha fama dominava todas as eminencias como o vôo d'essa aguia que vimos desapparecer no sul... porém nunca subiu até ao ceo tão alto como ella.

— Oh Carlos! quão grande sois n'este momento aos olhos da Eterna Sabedoria!

Carlos sorriu melancolicamente.

— Ninguem no mundo saberá nunca os motivos da minha reclusão. Mentirá a historia mais uma vez, e eu tornarei a ser pó como aquella que me deixou para sempre... Lembras-te de Isabel?

Francisco empallideceu ao ouvir este nome.

No entretanto, Carlos murmurava já outro no fun-

do do coração, como retumba alterado no silencio do coração, como retumba alterado no silencio de uma gruta o ecco das queixas lançadas do valle...

— Era sexta-feira santa — proseguiu Carlos como se fallára só. Saíra victorioso da Italia, e acabava de perder Argel. Passava por uma rua de cyprestes do mosteiro da Melhorada. Creio que Deus me appareceu n'aquelle dia como a S. Paulo, dizendo-me: *Carole! qui me persequeris?* Jejuei até á noite, e chorei... Quando tornei ao meu alojamento, ainda sentia a mão de Deus no meu coração, que desde aquella epocha bate tranquillo. Formára a resolução de retirar-me a um convento.

N'este instante deram doze horas nos cinco relogios que haviam na cella; as pendulas soaram a um tempo com pasmosa regularidade.

Apesar d'isso, Carlos olhou para os mostradores com um gesto de desgosto.

— Nunca, — disse elle, os porei de perfeito accôrdo! Assim vão as coisas dos homens. Sentemo-nos, Francisco, e dize-me qual é o fim da tua visita. Fallemos de ti. D'onde vens?

— De Roma.

— Que te disse o santo padre?

— Tornei a recusar o capello, porém alcancei de sua santidade quanto desejava em favor da companhia. Se Deus ajudar os nossos herdeiros, teremos obtido o que vós inutilmente intentastes.

— O que foi?

— Pôr de accôrdo duas coisas: o ceo com a terra! Loyola será canonisado.

— E tu tambem, Francisco.

— Eu, não... *Fui, senhor, grande peccador na mocidade, e dei muito mau exemplo ao mundo com a minha vida* [1]; e se venho de tão longe para vos fallar, é porque necessito que me perdoeis a fim de tranquillisar a minha consciencia.

E o padre ajoelhou-se humildemente aos pés do cavalleiro.

Este levantou-o, recebeu-o nos braços e disse-lhe com doçura:

— Falla, Francisco; no claustro perdôa-se tudo, porque tudo se comprehende. Assim me perdôe Deus erros meus, que nem eu sei comprehender.

E o nome que resoava no seu coração chegou a estremecer-lhe os labios, que todavia não o pronunciaram.

Francisco fallou do modo que váe ler-se.

II

— Sabeis, senhor, a historia da minha desacertada mocidade. Primogenito de uma das mais principaes casas de Hespanha, e neto, como vós, de Fernando v o catholico: criado na corte ao lado de vossa augusta irmã Catharina, como seu pagem de honra; favorecido pela sorte, vencedor nos combates; bem olhado das damas; o meu orgulho augmentou com os annos e a tal ponto, que quando apenas tinha uso de razão, na edade de dezeseis annos... insensato! tinha-me esquecido de Deus.

A vida da terra offerecia-se-me tão agradavel e tentadora, que reduzi a ella as vistas do meu espirito; mas em breve cheguei á vaidade e amargura dos prazeres mundanos, e achei-me sem ceo nem terra, perdido no pelago de meus desenganos, joven e robusto como o primeiro homem, porém mais desgraçado que elle, porque perdêra dois paraisos, o terreal e o eterno, sem que me ficassem para consolo o trabalho, a ignorancia, a curiosidade, ou uma companheira do coração. A minha tristeza não tinha limites. A minha alma pedia-me alimento, e eu não tinha alimento que dar-lhe.

O ocio, o aborrecimento, e a duvida, corroeram-me as fibras do coração, que me ficou solitario e orphão no meio do peito como uma ilha deserta no meio do Oceano.

Nascido o amor e a caridade, sem fim a que consagrar a minha ternura, não bastante desgraçado para conhecer que só em Deus podia encontrar o descanço e o alimento do meu espirito, procurava em vão pela terra alguma coisa digna do meu amor, do meu respeito, da minha fé, da minha religião... Perdoae-me, Cesar... tudo isto encontrei em vossa esposa!

Carlos enrugou a fronte ao ouvir estas palavras.

O jesuita baixou o rosto e beijou a mão do cavalleiro.

— Continuae, padre — disse Carlos com a voz alterada.

— Que penosa confissão... e como a necessitava a minha consciencia! Porém, tranquillisae-vos, senhor... A imperatriz ouve-nos do ceo.

Carlos v suspirou; passou a mão pela fronte, e depois levou-a aos labios como para apagar uma pergunta. Porém, a final, aquelle caracter impetuoso não podendo conter-se por mais tempo, soltou estas palavras entrecortadas e terriveis:

— Que sabeis de minha irmã Margarida?

Francisco de Borja, que assim era o nome do jesuita, olhou fitamente o imperador sem conseguir abater-lhe as palpebras.

— Senhor, — exclamou em seguida — pergunta-o vossa magestade ao confessor ou ao homem?

— Duque, não te formalises! — murmurou o imperador sorrindo-se e deixando ver a bocca desdentada. — Conta-me, conta-me tudo, que me parece curioso. Tiveste paixão por minha esposa! Ora essa!... Prendemos um rei de França e um pontifice de Roma! A captura de um jesuita não seria, pois, difficil... E que me dizes de D. Philippe, que é o nosso augusto successor? Saberás que sou seu vassallo e lhe dirijo memoriaes... É um homem completo... que não quer a seu pae Carlos v, imperador dos dois mundos! Oh!... o meu Philippe será grande rei... principalmente para vós. Não me atreveria a tanto! Eis que bate a uma hora... Vou dar corda aos relogios.

Disse, levantou-se, e deixando attonito o padre Francisco.

Indubitavelmente, o imperador havia sentido o ferrão dos zelos.

Assim o comprehendeu o jesuita, que para reduzir de novo á seriedade aquella aguia ferida, atacou a sua vaidade pela mansidão de que fazia tão ostensiva vangloria.

— Irmão Carlos, — murmurou tristemente, — vim em cata do vosso indulto. Pensae que sois christão.

O imperador guardou silencio; acertou os relogios com muito cuidado, e tornou a sentar-se, grave e magestoso, como se estivesse perante a *dieta*.

— Falla, irmão Francisco, — disse.

(Continúa)

[1] Palavras textuaes da vida de S. Francisco de Borja.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

No dia 7 tornou o principe ao paço com a nobreza, que ainda continuou a ser senhor d'elle. O rei pareceu a principio admirado e turbado; mas o irmão não fez mais que comprimental-o, e pedir-lhe novas da sua saude, indo depois á rainha. Seguiu-o o rei, mas D. Pedro retirou-se dos aposentos da cunhada pouco depois que D. Affonso entrou n'elles.

O primogenito de D. João IV estava n'esta occasião de má catadura, e mostrou-se zangado com a rainha.

O infante parecia desgostoso e pensativo, como quem tinha no espirito coisa que o preoccupava. Pedindo-lhe os soldados de quatro regimentos de infanteria, que estavam na capital, uma gratificação, mandou dar quinhentos mil réis a cada regimento, com o que o rei se despeitou muito, mostrando grande resentimento. Fallando n'isto a alguns conselheiros, d'entre estes o marquez de Sande o apaziguou, desculpando o principe com o pedido e importunação dos soldados, mandando ao mesmo tempo dizer ao infante, que não lhe parecia a proposito fazer liberalidades taes, nem ir ao paço com grande sequito, sem necessidade. O mesmo conselho deram outros, e D. Pedro o seguiu.

D. Affonso e a rainha tiveram n'este dia larga conferencia. Fallando de muitas coisas, entre outras disse o rei:

— «Vejo muita gente empenhada em governar, mas em quanto viver só eu governarei, que não é bastante que qualquer o pretenda. Querem-me dar por secretario d'estado Pedro Vieira, ou Pedro Fernandes Monteiro, não acceitarei nem um nem outro.»

Continuando, pediu á rainha que não apresentasse no primeiro conselho a sua queixa contra Antonio de Sousa, porque a apresentaria em qualquer outro tempo. Dizia que essa queixa servíra de pretexto aos maus designios do infante, que se dera por ditoso em cobrir-se com o nome da soberana, para insultar seu irmão e seu rei, como fizera.

— «Não posso impedir (replicou a rainha) que o principe lance mão do que quizer para lhe servir de pretexto.»

— «Bem sei (disse o rei), mas cuidava que tinheis sabido com anticipação, quanto D. Pedro devia fazer, visto que lá apparecestes.»

— «Se lá fui, (tornou ella) foi porque D. Verissimo de Alemcastro, sumilher da cortina de V. M. me veiu dar grandes alarmas, e pedir da parte de toda a nobreza do reino, que acudisse. D. João de Sousa, e todas as damas com lagrimas nos olhos, pediam o mesmo. Uma boa intenção como esta não merecia quanto o rei me disse em tal occasião.»

— «Fiz e disse muitas coisas pouco a proposito n'essa occasião, e contra o respeito que vos devia; mas deveis desculpar-me. Estava fóra de mim: não sabía o que fazia: peço-vos d'isso perdão.»

— «V. M. (continuou a rainha) deve lembrar-se que eu estava tão longe de concorrer para o designio do principe, que pela manhã permittíra e promettêra ao marquez de Marialva, differir a queixa que começára contra Antonio de Sousa.»

— «Se alguem (atalhou D. Affonso), fosse quem fosse, afóra a rainha e o infante, ousasse tanto, que se atrevesse a dizer a menor palavra contra Antonio de Sousa, ou Manuel Antunes, eu acharia pretexto para o attrahir á minha camara, e o mataria pelas minhas proprias mãos.»

Grande era o resentimento, grande a animosidade que o rei continuava a mostrar contra o principe, de quem dizia toda a casta de mal. Instou ainda com a rainha para que perdoasse ao secretario. A resposta foi, como das outras vezes, em termos geraes.

— «V. M. é senhor de fazer o que quizer!» (era sempre a conclusão da rainha).

— «Castello-melhor pede-me (continuou Affonso, mudando de assumpto) que vos veja, que passe a noite frequentemente em vossa companhia, e que trate bem o principe. Hei de responder-lhe, perguntando-lhe porque se intromette n'isto.»

A despeito da defesa que a rainha fez do marquez de Sande, o rei continuou a dizer mal d'elle.

No sabbado, 8, soube o padre de Villes, por bom canal, e communicou-o a Saint-Romain, que na noite de 5 para 6, o rei quizera sair de Lisboa e retirar-se para Entre-Douro-e-Minho, provincia governada pelo conde do Prado, dizendo que se envergonhava de apparecer, depois do que lhe tinham feito. Tudo o que Lourenço de Sousa e outras pessoas de qualidade, lhe disseram para o dissuadir, não fizera n'elle a menor impressão, e continuaria obstinado, se um dos seus valentões lhe não dissesse ao ouvido uma palavra que ninguem percebeu. Depois d'isto não fallou mais em retirar-se.

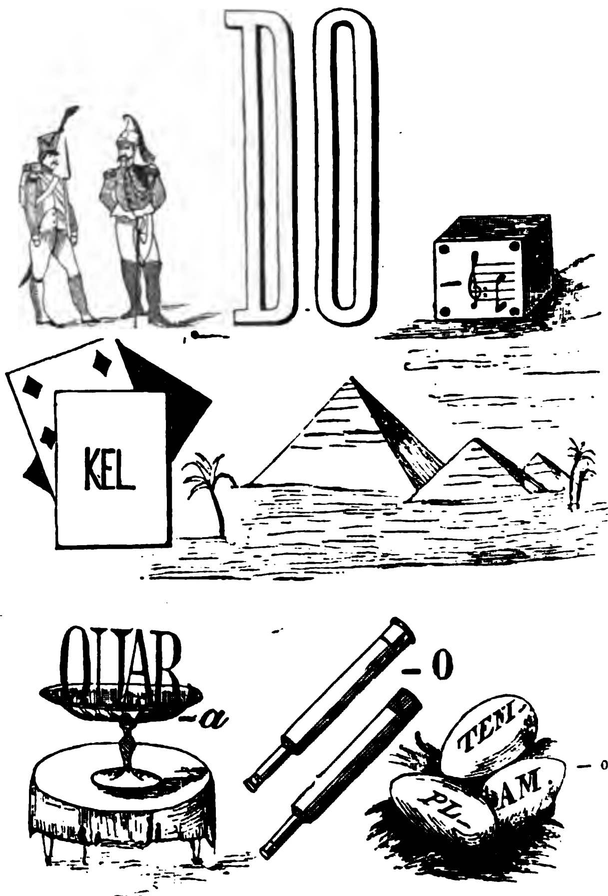
No domingo, 9, foi D. Pedro ao paço, acompanhado simplesmente dos seus criados, e ouviu missa com o rei. Depois do jantar um e outro saíram a passeio fóra da cidade, mas cada um por seu lado.

Ruy de Moura Telles, que ainda não saia de casa, disse em confidencia a um de seus amigos, que o rei, quando lhe pedia conselho, lhe chamava fraco, se elle não ia com a sua opinião, acreditando mais na canalha dos valentões que lhe enchiam a camara, que nos conselheiros de estado.

Á noite, quando Salvador Corrêa se retirava, atacaram-lhe a liteira em que ia com Ruy Fernandes d'Almada. Metteram-lhe muito medo, mas fizeram-lhes pouco mal. O negocio era só com Salvador Corrêa. Advertiram-n'o de que não devia desprezar as ordens do infante, depois de lh'as ter pedido, e se lhe ter submettido. Entendeu-o bem e retirou-se logo, com sua permissão, a uma pequena casa, que construíra dentro do recinto dos jesuitas a S. Roque.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

ENIGMA



Explicação dos enigmas dos numeros 32 e 34

N.º 32 — Na qual vos deu por armas e deixou
As que elle para si na cruz tomou.
N.º 34 — Vim, vi, e venci.

Das charadas dos n.os 33 e 35 — N.º 33. Felicidade — N.º 35, Ermo.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Fonte dos Amores — Desenho de Christino — Gravura de Pedroso

Debaixo d'altos cedros enlaçados,
Que em vão de penetrar o sol porfia,
Rebentando de tosca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados;

Puros cristaes se escoam apressados
Por leito de grosseira cantaria.
Vasto lago os recebe; e na sombria
Lympha tremem os cedros debuxados.

Não se ouve das manadas o balido,
Mal sôa alli a frauta dos pastores,
E mui pouco dos rafeiros o latido.

Da malfadada Ignez só os clamores
Se imprimem n'alma sem ferir o ouvido.
Eis a copia da Fonte dos Amores.[1]

Não tem a historia de Portugal successo mais sabido nem cantado que a tragica morte de D. Ignez de Castro.

Desde que o nosso primeiro épico referiu nos *Lusiadas*, e em versos inimitaveis, como

O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceu da misera e mesquinha,
Que depois de morta foi rainha;

ainda nenhum dos poetas que lhe succederam, e se lhe avantajaram n'outros carmens, o egualou sequer na simplicidade e tristura com que elle poetizou este episodio, o mais sensivel do seu poema.

Garrett, que tanto se namorava d'este assumpto, nunca ousou tental-o sequer, e muitas vezes nos disse: «Não ha outro modo de tratar estes amores».

[1] Este soneto, que tanto ao vivo pinta a fonte dos Amores, foi-nos recitado pelo nosso collega conservador da bibliotheca nacional, Barbosa Marreca, que o tem de cór dos seus tempos da universidade, não se recordando já do nome do auctor. É inédito?

O —

Estavas linda Ignez posta em socego,
N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito:

e depois, —

Aos montes ensinando e ás hervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas;

são toques que nenhum outro pincel póde dar assim.

Dos versos que sobre esta pavorosa tragedia metteu no seu poema denominado *Camões*, se desculpava Garrett com os vinte e cinco annos que tinha então. Achâmos, comtudo, alguns d'elles dignos de serem recordados perante a nossa estampa da fonte dos Amores. São estes:

Affonso[1], que nos campos de Tarifa
As hostes granadis prostrou tremendas
Com pequeno poder; viçosos loiros,
De tamanha e tão prospera victoria,
Caso triste murchou, crueza barbara,
Que á bellissima Ignez deu morte injusta.
O proprio amor, cuja ferina sêde
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
Inda ás soidosas margens do Mondego,
Junto á fonte, que lagrimas formaram,
Verte sobre elle desusado pranto.
As nações do universo que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Tamesis frio ao Pado ardente
Os lamentos de Ignez repete a lyra.

Brandas nymphas do placido Mondego,
. . . .
Vós ao vate os segredos recontastes,
Os mysterios de amor, e o pranto, as queixas,
Da malfadada Castro. A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os sons gemem tão meigos,
Mas tão cortados de uma dor tão viva,
Que é um partir-se o coração de ouvil-os!

[1] El-rei D. Affonso IV.

Mas não foi Camões, de certo, quem baptisou com o nome de *Amores*, a fonte da quinta das Lagrimas, pertencente ao paço onde residia Ignez de Castro ao tempo que foi assassinada.

N'um codice manuscripto da bibliotheca nacional, que tem por titulo: *Coimbra Gloriosa*, dando-se noticia da primeira fundação do convento de Santa Clara n'um oiteiro ao sul de Coimbra, pela rainha Santa Isabel, lemos o seguinte:

«No meio do claustro antigo estava um tanque em que desaguavam muitas fontes por differentes figuras, e a maior era a que saia pela bocca de uma serpente enroscada ao braço de uma nympha, cuja agua vinha encanada de duas nascentes que existiam na quinta do Pombal, que foi doada no anno de 1326 á rainha Santa Isabel pelos conegos regulares de Santa Cruz, sendo prior Francisco Pires, e em remuneração d'esta graça lhe fez a dita rainha mercê de varias propriedades que tinha em Leiria.

Junto do convento mandou a santa rainha fundar um palacio, á porta do qual foi trespassada com espadas ou adagas, a 7 de janeiro de 1355, a innocente D. Ignez de Castro.»

É pouco mais ou menos o que diz fr. Manuel da Esperança na *Historia Seraphica*, descrevendo o antigo convento de Santa Clara, no seguinte periodo:

«Vinha de fóra a agua para o convento por um cano que se chamou *dos amores*, pela razão de uma fonte d'este nome, onde tem principio. Consta isto de um mandado das justiças de Coimbra, as quaes, no mez de outubro de 1360, mandaram publicamente — *que ninguem tratasse mal o cano da agua que vae da fonte dos Amores para o mosteiro de Santa Clara, sob pena de jazer trinta dias na cadêa.*

E assim ficará (accrescenta o escrupuloso frade) mais desvalida essa fabula do vulgo, que nos quer persuadir que pela sua levada, que não é muito grande, remettia o infante D. Pedro a D. Ignez de Castro os seus escriptos de amores, e que por esta razão tem o dito appellido.»

Antonio Coelho Gasco, no seu livrinho das *Antiguidades de Coimbra*, diz simplesmente o seguinte, a respeito do sitio onde D. Ignez foi morta:

«Cuja tragicomedia foi onde hoje (1710) se vê umas ruinas de uns paços junto a Santa Clara d'esta cidade, que chamam o *Culgo*, e quasi deitados por terra, em lembrança de sua infelicidade, em que está uma aldeia de gente pobre.»

O sr. visconde de Jorumenha, no primeiro volume das *Obras de Luiz de Camões* [1], que está publicando, cita entre os inéditos com que refez agora a biographia do nosso poeta, uns commentarios dos *Lusiadas*, autographos, que existem na real bibliotheca do paço das Necessidades, escriptos pelo padre D. Marcos de S. Lourenço, conego de Santa Cruz de Coimbra, o qual, commentando a oitava 135 do canto II, diz o seguinte:

«Junto de Coimbra, para onde está o mosteiro de Santa Clara, está uma fonte que antigamente era livre e do povo; hoje é particular e captiva, junto da qual tratava o principe D. Pedro seus amores com a sua querida Ignez; pela qual causa a fonte veiu a chamar-se dos *Amores*; e ainda aquelle logar se chama o *cano dos amores*.»

«As filhas do Mondego, diz Camões, longo tempo fizeram memoria d'esta morte de D. Ignez, o que se entende nas *cantigas* que logo sáem e se compõem quando algum caso notavel acontece, como quando mataram D. Alvaro de Luna em Castella.»

«Estas cantigas e romances duram mais na bocca das moças de cantaro e lavandeiras, principalmente onde a gente é alegre e prazenteira como a de Coimbra onde esta historia aconteceu.»

N'um mui noticioso opusculo, publicado em 1831 pelo sr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, actualmente reitor do lyceu nacional de Angra do Heroismo, que tem por titulo: *Bellezas de Coimbra*, acharão os curiosos quanto podem desejar sobre a fonte dos Amores, tão melancolica e amorosamente gabada pelo auctor.

Convento e palacio levaram ha muito as cheias do Mondego; mas a agua que ainda jorra a fonte dos Amores é de certo a da antiga nascente da quinta do Pombal.

A estampa que hoje apresentâmos foi reduzida de um quadro a oleo pintado pelo sr. Christino, professor substituto da academia de bellas-artes de Lisboa, para S. M. el-rei D. Fernando.

Não tem a fonte que a recommende senão a tradição de haverem alli suspirado os seus amores clandestinos, D. Pedro I e D. Ignez de Castro, tão poetica e apaixonadamente metrificados pelo sr. A. F. de Castilho, na sua *Primavera*.

É a pag. 206 da segunda edição, e no mavioso episodio de Galatéa, que o grande poeta do nosso tempo, tendo apenas vinte e dois annos, e cursando a universidade, abrangeu n'este formosissimo idyllio os temores que tanto tempo saltearam a malfadada Ignez.

Vogando Mondego acima para a Lapa dos Esteios, com os outros poetas festeiros de maio, ao ver que elles affrouxavam de remo, enlevados nos encantos metricos do episodio que lhes ia recitando, suspendeu a narrativa quando passava junto da quinta das Lagrimas, exclamando:

Amigos, vós paraes como esquecidos?
Deixaes que o lenho na corrente desça?
Ah! voltae ao trabalho, e por castigo
Não ouvireis do alegre canto o resto.

Novo me inspira agora esse murmurio,
Com que a fonte das Lagrimas se lança
Da serpeada varzea ao rio aberto.

Junto á fresca matriz d'este ribeiro,
Onde gozou, em seculo remoto,
O mais ditoso par d'amor os mimos,
Meu estro agora placido voltêa
Por entre cedros e os feraes cyprestes;
E ora ao lago pacifico se arroja,
Ora da fonte nos penedos pousa.
Comvosco não existe o vosso amigo;
Gira fóra d'aqui no sitio umbroso,
Lá conversa com a musa, aprende e canta
Gratas historias de passados tempos.

Uma noite de maio, Ignez formosa,
Ao pallido clarão da argentea lua,
Com seu Pedro fiel aqui vagava.
Lindo qual dos amores o mais lindo,
Um terno filhinho que a fallar começa,
Co'a pequenina mão á mãe seguro,
A passos desegua es a acompanhava.
No dextro braço do gentil consorte
O alvo braço despido entrelaçando,
Languidamente a bella se apoiava.
Traja da côr da neve; ornam-lhe as tranças
Rubidas rosas que reveste o musgo:
Sob um véo raro e solto arfam dois peitos
Que estreme, que matiza e que perfuma,
A flor que é d'entre mil só digna d'elles,
O amor-perfeito em fresco ramalhete.

Segue-se a este quadro da mão de tal mestre, o dialogo dos dois esposos, que a estreiteza do jornal nos tolhe transcrevermos.

[1] *Obras de Luiz de Camões*, precedidas de um ensaio biographico, no qual se relatam alguns factos *não conhecidos* da sua vida. Lisboa. Imprensa Nacional. 1860. T. I de 516 paginas.

Esta obra, em que o sr. visconde trabalhou durante vinte e cinco annos, para apurar quanto a respeito de Camões se podia saber, tanto no reino como fóra d'elle, é digna de uma recompensa nacional. A tenacidade e escrupulo das investigações, estudos, confrontações, critica e erudição que o auctor revela n'este seu memoravel trabalho, bem se póde comparar ao que, tão pacientemente, punham nas suas edições os benedictinos de S. Mauro.

O governo prestou o devido auxilio a esta publicação, nitidamente estampada na imprensa nacional, e o publico não deixará de exhaurir em breve esta primeira edição.

É humilde a fonte, e modesto o tanque onde se ella derrama. [1] Frondejam-n'a, porém, alterosos e tristes cedros; [2] e por monumento ou memoria do successo que tanto afamou esta fonte, tem, apenas, no sitio que a estampa designa, uma lapida de marmore mandada pôr pelo general Trant, no tempo da guerra peninsular, com a seguinte oitava de Camões:

As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura,
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

DOIS RETRATOS HISTORICOS

(LENDA HESPANHOLA)

(Conclusão. Vid. pag. 286)

III

— No dia em que vos casastes com a infanta de Portugal, estava eu alli... na cathedral de Sevilha... não sei se vos recordaes. Chamastes, senhor, *as tres graças* áquella senhora, á princeza mais formosa que tem visto o mundo... que muito que eu a encontrasse digna da adoração que recusava a Deus e a suas creaturas? A sua belleza, a sua virtude, a sua grandeza, e a idéa, sobre tudo, de que nunca seria meu um de seus olhares, deram corpo ao desejo indeterminado que me perseguia a alma na soledade da existencia. Em amal-a empreguei toda a minha força, toda a minha fe, toda a minha vida! A impossibilidade, o respeito, os zelos, o silencio... tudo exacerbou a minha paixão. Já tinham rumo os meus dias, alimento as minhas horas; não estava ermo o mundo, porque se encontrava n'elle a imperatriz. Vêl-a, seguil-a ao longe, ouvir o accento da sua voz, era a minha cruz e o meu paraiso. Ao principiar a amal-a, tinha-a já perdido para sempre... porque amava o irrealisavel. Oh noites perduraveis de insomnia. e de angustia! Estava como o esculptor da fabula, namorado de uma pedra. Essa pedra era o impossivel! Tal foi e devia ser o fructo da minha dissipação e do meu tormento. Perdão, senhor... porém soffri muito!

O imperador estava immovel, sombrio, não de zelos, senão de remorsos. Aquelle amor desesperado de que fallava S. Francisco; aquella lucta de uma temeraria vontade, com o desconhecido, com o vedado, com o pomo fatal de Eva, recordava-lhe um sinistro episodio da sua vida, talvez o mais importante para o seu coração!

— Falla, Francisco, falla... balbuciou. Dize-me que foste debil... que o demonio te fez escravo... que... Não... não o digas. Apesar de tudo, eu amei sempre minha esposa.

— Podeis continuar a amal-a, replicou o santo com ineffavel melancolia. A imperatriz não conheceu nunca o culto cego de que era objecto. Alcancei a sua amizade e a vossa; vós accrescentastes ao meu titulo de duque de Gandia o de marquez de Lombay; a imperatriz fez-me seu escudeiro-mór. Desde então via-a a todas as horas, e estive sempre ao seu lado; habituei-me a não ter esperança, e adorei-a como os indios adoram o sol. Porém, nem este descanço me permittiu a justa ira dos ceos. A imperatriz poz decidido empenho em que eu me casasse com uma de suas damas, com D. Leonor, que já habita no santo asylo dos martyres. Obedeci e casei-me. Desde então, a minha alma foi um inferno. Minha esposa era digna, por suas virtudes e formosura, de que a tornasse feliz; e quando isto não podesse conseguir, resolvi não fazel-a desgraçada. Fugi a ambas.

— Ah!... — disse Carlos V, apertando os labios a ponto de os morder. Digo-te que serás canonisado!

— Lancei-me á guerra, — proseguiu Borja — demandando as fadigas da batalha, a morte ou o esquecimento. Inutil esforço! combati Barbarroxa comvosco em Africa; entrei em França ao vosso lado: enchi a minha vida de obrigações: fui vice-rei de Catalunha, mestre de Santiago. Decorreu o tempo... todo perdido para a minha salvação! Cada vez que tornava a vel-a, encontràva-me mais miseravel! A ausencia, longe de minoral-a, exasperava a minha paixão. A morte respeitou-me no meio dos combates... e o meu rebelde coração ainda não havia tentado invocar o eterno Pae dos homens sem ventura! Ainda não me occorrêra appellar para o supremo Deus! Breve chegou a dôr em auxilio da minha fé vacillante! Apontou o anno de 1539.

O imperador tornou-se carrancudo ouvindo esta data.

— Achava-me em Toledo, — proseguiu Borja. — Era o primeiro de maio, dia de S. Philippe e Santiago; era quinta feira. Dia tão lindo como este. O mesmo sol... o mesmo ceo...

O jesuita chorava. Guardou silencio um instante, e depois exclamou:

— Passae, vapores terreaes, que vindes escurecer o oriente de meus eternos dias!

Carlos V acariciava as barbas com visivel impaciencia; porque bem conhecia que ia commover-se.

S. Francisco, desprendido já de sua commoção, tomou de novo o fio da narrativa com voz mais lenta e apagada.

— N'aquella manhã tinha eu acompanhado á missa a imperatriz, e á volta, depois de havel-a deixado de visita em casa de D. Diogo Furtado de Mendonça, passava pela margem do Tejo. De repente chegou aos meus ouvidos o estrondo do sino grande da cathedral... Não sei porque estremeci... Ao cabo de um instante o meu terror teve já uma causa. O sino tangia o dobre dos agonisantes! Aquelle sino... o sino grande da cathedral de Toledo, só podia annunciar a vossa morte ou a de vossa esposa! O dia annuviou-se aos meus olhos; deu-me frio, e caí sobre a terra como uma arvore ferida pelo raio. Quando tornei a mim, corri a casa de Furtado de Mendonça .. Não estava alli ninguem! Os vestigios da multidão me arrastaram a casa do conde de Fuensalida, onde soube que Isabel de Portugal, imperatriz de Allemanha e rainha de Hespanha, acabava de deixar a terra ao dar á luz um menino morto!

Para o que está ausente de Deus, para o que está só na terra, para o que não pensa na outra vida, a morte, Cesar, é uma desesperação similhante á do inferno. Então a dor é colera, é covardia, é condemnação! O crente que perde um penhor querido, padece como Adão arrojado do paraiso; o impio que está na mesma situação, padece como Lucifer arrojado do ceo. Eu padecia sem esperança! E nem este aviso de Deus foi sufficiente para despertar do seu lethargo o meu insensivel peito! Ainda não estava cheio o calix da minha amargura!

Escutae. Eu que havia cegamente amado a impera-

[1] Já Sá de Miranda lhe chamou: *Rica de la natura e pobre d'arte.*

[2] Se dermos credito ao padre Antonio de Carvalho, na sua *Corographia Portugueza*, estes cedros não deram sombra a D. Ignez de Castro, porque no t. I a pag. 318 diz elle, fallando do paço dos Villasboas em Villar de Frades: «Tem esta quinta (a do dito paço) logo á entrada do portal o maior cedro que no reino vi, *onde estas arvores são modernas.*» Escrevia elle isto em 1700.

O dr. Brotero, em 1813, fallando do cedro, ainda diz: «Nós podiamos multiplicar esta bella arvore, com vantagem, no nosso clima: ella gosta das collinas e sitios pedregosos, e cresce mais no inverno que no verão.»

Todavia, segundo refere o sr. Corte Real. no tronco de um cedro annoso, que assombreava a fonte dos Amores entalharam este prosaico verso: *Eu dei sombra a Ignez formosa.*

triz; que tinha desejado beijar a fimbria do seu manto; que passára annos inteiros saboreando um *adeus* que me dirigíra indifferentemente; que guardava sobre o meu coração uma perola caida do seu toucado, depois de armal-a de pontas de aço para que me lacerasse a carne e me dissesse *aqui estou!*; eu que bebia a agua dos rios que haviam copiado a sua imagem, e que guardava em vasos de oiro o ar que ella respirára; eu, em fim, que daria o resto dos meus dias por passar uma hora a seus pés, como diante de uma santa... eu, senhor, fui o encarregado de trasladar a Granada os adorados restos da sua formosura, o seu corpo sem egual, aquella urna preciosa em que tinha vivido a sua alma!

Já é minha! dizia para mim durante aquella viagem... Váe aqui, commigo, confiada á minha guarda, á minha vontade. Eu mando andar e fazer alto. Posso passar a noite reclinado sobre o seu ataúde, posso declarar-lhe o amor que lhe consagro... Não tinha ciumes de vós... senhor, não tornarieis a vel-a... era minha tão sómente... minha e do sepulchro!

Assim passei doze dias! Durante elles, o frio d'aquelle cadaver transmittiu-se ao meu coração; os cabellos caíram-me ou tornaram-se completamente brancos; quando cheguei a Granada era velho!

IV

Chegou tambem para mim o momento da eterna separação; diante de um escrivão e de testimunhas fiz entrega do inestimavel thesouro, e para isso foi necessario abrir o ataúde de chumbo que o encerrava.

— E ainda estava formosa? perguntou Carlos v, com um tom de voz que n'aquelle instante era um sacrilegio.

— Oh! vaidade humana! — replicou o santo com accento sepulchral. — Que quadro se me offerece aos olhos!... Formosa! formosa!... Tinha-o sido, senhor... Porém, quando a deixou a alma, a fealdade assenhoreou-se-lhe do corpo, como de nenhum outro. Nunca fôra a morte mais cruel, mais devastadora, mais repugnante! A putrefacção d'aquelle cadaver foi tão rapida, tão intensa, tão espantosa, que não deixou nem um vestigio, nem uma linha, nem um perfil da passada formosura! Ai, senhor! Que lição tão eloquente me dava o ceo!

Horas inteiras permaneci a contemplar tão horrivel realidade.

Aquella mulher, a mais formosa de quantas hão existido, a que nunca pôde ser retratada sem mingua de seus encantos; as vossas *tres graças*, senhor, eram um todo informe, incomprehensivel, corrupto! Triste illusão! Como podia residir tanta fealdade onde existíra tanta belleza? Não a teria amado de certo assim. Onde estavam os seus annos de poder, de formosura, de paixão? Onde estavam as suas horas de mundana soberbia?

Haviam desapparecido para sempre, levando as minhas terreaes illusões.

Todos os que me acompanhavam fugiram ante o horrivel espectaculo do cadaver de vossa esposa.

Obrigado a jurar que n'aquelle féretro existia a imperatriz, não me atrevi a fazel-o! Só disse que era o mesmo corpo que se me confiára.

Afastaram-se todos, como disse; porém eu « pelo particular amor e reverencia que sempre tive á imperatriz, não podia desviar os meus olhos d'ella, tão formosa pouco antes, e tão estimada no mundo ». [1]

Fiquei alli só, e fiz proposito de renunciar ao mundo para pensar na minha alma; porque ao ver diante de mim a maior belleza e o mais alto poder convertidos em tão desprezivel pó, não pude deixar de

[1] Historico.

erguer a vista para o eterno reino de Deus, onde é perpetua a formosura da alma.

A morte de minha esposa e a do grande poeta *Garcilasso* [1], deixaram-me livre e só na terra... Fiz-me sacerdote, e aqui me tendes, alliviado das falsas grandezas com que appareci no mundo, humilhado perante vós, e esperando o perdão do muito que vos hei offendido com o pensamento.

Carlos v enxugou as lagrimas com o revez da mão, e levantou S. Francisco de Borja, dizendo-lhe com a effusão mais verdadeira que experimentara em toda a vida:

— *É este o meu cabo da Boa-Esperança!* [2] Francisco, tu fortaleceste a minha resolução... Volta com frequencia!... Agora deixa-me. Perdôo-te... Resa por mim!

Disse; e em quanto o santo se retirava silenciosamente, apoiou elle a cabeça nas mãos e os cotovellos na janella... Viu o jesuita montar na sua muar e partir... Contemplou de novo a eterna juventude da natureza... Ouviu ao longe — mui distante — o rumor do mundo, da gloria, da politica, dos acampamentos... Viu-se para logo velho e achacado, compromettido na historia a morrer obscuramente n'aquelle retiro, e chorou com angustia murmurando muita vez este nome:

— *Margarida! Margarida!*

N'este momento soavam duas horas.

EPILOGO

Duas vezes tornou Francisco de Borja a visitar o monge de Yuste. [3]

N'uma d'ellas, commissionou-o Carlos v para que désse o pezame á corte de Portugal pelo fallecimento do rei [4]; e no dizer de um chronista, entregou-lhe as *Memorias da sua vida* para que as emendasse; porque o imperador, como Julio Cesar, occupava-se em escrever a historia de suas campanhas.

Da outra vez fallou-lhe e deu-lhe encargos sobre os seus dois filhos illegitimos, Margarida, que residia em Ondenarda, e João, que vivia em Ratisbona.

Este bastardo chamou-se depois D. João de Austria.

A ultima vez que o illustre jesuita voltou a Yuste, encontrou-se com a morte do imperador, que o levou ás duas horas da madrugada de 21 de setembro de 1558. É famosa a oração funebre que S. Francisco de Borja pronunciou por occasião das suas solemnes exequias.

Borja sobreviveu quatorze annos ao imperador, e depois de ser geral dos jesuitas, de cuja companhia se tem por segundo fundador, e havendo recusado differentes vezes o capello que lhe offereciam os papas, morreu em Roma aos 30 de setembro de 1572.

Resta-nos desmentir uma noticia e registar outra.

É falso que Carlos v fizesse o seu enterro em vida, como asseguram alguns escriptores.

A casa que edificou e onde viveu este augusto monge, contigua ao convento de Yuste, vendeu-se ha mais de vinte annos a D. Fernando Borja y Tarrius, pela somma de 1.500 reales (sessenta e tantos mil réis!).

[1] Garcilasso de la Vega, poeta hespanhol, a quem denominavam de *Petrarca de Hespanha*, nasceu no anno de 1503 em Toledo; descendia de uma familia nobre. Serviu, como capitão, nas tropas de Carlos v. Foi amigo e competidor de Boscan, imitador de Petrarca e de Virgilio. Morreu em 1536.

[2] Historico.

[3] Devemos, em homenagem á verdade, notar que alguns chronistas ha que negam o facto de Carlos v, imperador de Allemanha e rei de Hespanha (nascido em 1500 e morto em 1558), ter sido monge, ou vivido entre monges. Querem estes chronistas, que Carlos v se retirasse, effectivamente, para um palacio contiguo ao mosteiro de Yuste (ou S. Justo), onde viveu afastado da politica *militante*, por premeditação caprichosa, talvez, e por enfermidade, mas com certa grandeza, e dando os conselhos que sobre a administração dos negocios publicos lhes sollicitavam seus filhos, nos quaes abdicara em 1555.

[4] D. João III, o *Piedoso*, fallecido em Lisboa, aos 11 de junho de 1557.

CONDUCTOR DE AGUA EM CALCUTTÁ

A pag. 61 do volume I d'este semanario démos já a estampa e descripção da cidade de Calcuttá, capital do imperio inglez na India. Hoje daremos a gravura de uma excellente photographia de Mallitte, representando um conductor de agua n'aquella cidade.

Chamam lá na India a estes seus aguadeiros *bihechty*, vocabulo persa que os inglezes tem abbreviado em *beasty*, tomando a parte pelo todo.

Os habitantes da India, assim como todos os povos que habitualmente se alimentam de vegetaes, e usam pouco de bebidas espirituosas, escrupulisam muito em beber agua que não seja purissima.

Os indios costumam transportar a agua do Ganges em cantaros; mas o que representa a nossa gravura leva-a em odres, o que indica pertencer á raça musulmana. Para tirar a agua, que vendem muito



Conductor de agua em Calcutá

barata, são estes infelizes ás vezes obrigados a descer a poços mui profundos, e de grande escadaria.

O aguadeiro que professe a religião de Brahma ou de Mahomet não se atreve a offerecer agua aos indos de casta, que lh'a engeitariam com horror. O padre Dubois, [1] mui veridico nas suas asserções, nos dá a este respeito algumas explicações que tem aqui seu logar:

«A agua, diz elle, é quasi a unica bebida dos brahmanes. Para que ella seja pura, e não macule a quem a bebe, é indispensavel que seja tirada e levada por pessoa da sua casta; beber agua tirada por mãos estranhas seria um peccado consideravel, cuja purificação só se obtem á custa de longas e dispendiosas ceremonias. N'algumas terras o brahmane e o sùdra vão buscar agua á mesma fonte; mas se por acaso a bilha de um toca na do outro, o brahmane quebra immediatamente a sua, se é de barro, e se é de cobre tem de a arear muito bem. Nas provincias dominadas por principes indianos, os brahmanes prohibem que as outras castas se aproximem dos seus poços; mas nas que são governadas por mahometanos, e nos principaes estabelecimentos europeus, não é raro ver o brahmane, o sudra, e até o paria, tirarem agua do mesmo deposito; comtudo, presenciei em certa occasião um grande motim, occasionado pelo inaudito atrevimento de uma mulher paria ter enchido o seu cantaro no poço commum.»

Tem elles ainda outro costume. Em quanto as bi-

[1] *Mœurs et institutions des peuples de l'Inde.*

lhas são novas e estão no oleiro, toda a gente, inclusivè os parias, lhes podem tocar; mas logo que estão cheias de agua só lhes podem pegar as pessoas de casta para quem são destinadas. Os brahmanes levam o seu escrupulo a tanto, que não permittem aos estrangeiros a entrada nas suas cozinhas, cuja porta está sempre cuidadosamente fechada, com receio de que algum profano lhe dê mau olhado ao pote, que, se acaso é visto por algum d'estes, é logo feito em cacos. Para evitar a continua renovação dos potes e bilhas, é que elles usam para a conducção da agua de cantaros de cobre, ou então dos odres, como representa a nossa estampa.

Quem conhecer, por pouco que seja, a theogonia indiana, comprehenderá facilmente esta singular superstição. A agua, entre elles, não só passa por ser uma emanação divina, mas consideram-n'a como a propria divindade. A *sandia*, ou oração da manhã, que todo o brahmane deve resar devotamente, é concebida n'estes termos:

« Agua do mar, dos rios, dos tanques, dos poços, e de qualquer outra parte, sêde propicia aos meus rogos, e aos meus votos! Assim como o viajante abrasado pelo calor acha refrigerio á sombra de uma arvore, possa eu tambem achar em vós o allivio dos meus males, e o perdão de meus peccados. Agua! vossos olhos são os do sacrificio e do combate, tendes um gosto delicioso, tendes para nós entranhas de mãe; sois o nosso refrigerio, o maior regalo do nosso paladar etc. etc. »

Que bella oração para fazer decorar a um bebedo!

Os nossos historiadores da India fallam com muita individuação dos costumes, ritos, e separação das castas entre esta gente. Sobretudo é digno de ler-se o que a este respeito escreve, como testimunha de vista, Diogo do Couto, principalmente nos l. 1 2 e 4 da Dec. v.

Voltando agora ao nosso aguadeiro com o seu boisinho, diremos que a este animal chamam *ladou-byl*, que quer dizer boi de carga, o qual faz as vezes do burro na Europa. Os bois no Indostão são mui pequenos, e quasi todos brancos; conduzem-n'os por meio de uma corda que do pescoço lhe passam em a roda das ventas. Carregam-n'os muito, e tratam-n'os mal, apesar de ser para elles quasi sagrado. A agua na India é objecto de grande dispendio nas casas opulentas; além dos bois, vasos e criados para a irem buscar a grandes distancias, ha outros em casa especialmente encarregados de a refrescarem, e tambem de a nevarem, quasi pelo mesmo processo empregado na Europa, e com que elles gelam o vinho e outras bebidas.

Até aqui o citado auctor francez. Agora diremos, que este mesmo antojo houve entre os judeus e os samaritanos. Lêmos na sagrada Escriptura, que vindo Jesus Christo de Galiléa á cidade Sichar, onde chegára mui fatigado, se foi sentar ao pé do poço que alli mandára abrir Jacob. Ao mesmo tempo veiu tirar agua d'elle uma mulher samaritana, a quem o Senhor pediu que o deixasse matar a sede. Porém ella muito admirada lhe respondeu: Como sendo vós judeu me pedis de beber a mim sendo samaritana? Não sabeis o mal que se dão os samaritanos com os judeus?

A razão d'esta antipathia era, segundo diz S. João Chrysostomo, porque os samaritanos, sendo assyrios, e vindo para a Samaria, corte que fôra dos reis de Israel, de tal sorte confundiam a religião, que ao uso da sua patria adoravam os idolos, e segundo o da terra em que viviam adoravam a Deus verdadeiro; por isso os judeus não communicavam com elles, tendo-os por gentios, e como taes lhes era prohibido acceitar d'elles genero algum de comida ou bebida, para se não mancharem. Christo, porém, que viera ao mundo para ensinar os homens a amarem-se uns aos outros, quiz com o seu exemplo acabar similhante superstição.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

Na segunda feira 10, nomeou em fim o rei Antonio de Cavide para servir o cargo de secretario de estado, não tendo querido fazer até alli nenhum despacho, dizendo sempre que não despacharia nada, em quanto Macedo não voltasse. De muitas partes advertiam o infante a que se acautelasse; para que, deixando correr as coisas sem precipital-as, se não achasse insensivelmente mais fraco, e exposto a perigo no paço. O principe respondia, que breve estaria d'alli longe o resto da caballa de Castel-melhor.

N'uma das entrevistas que o rei tivera com a rainha, dissera-lhe, que bem podia mandar prender o principe no paço, mandal-o processar no mesmo instante e dar-lhe a morte.

— « E que sería depois? » dizia elle.

Da mesma fórma fallava a outros. Mas isto, pelo seu caracter, não passava de bravata, e pura vaidade.

O abbade Bani declarava que os amigos de Castel-melhor já se compadeciam d'elle. Jactava-se que fôra elle abbade, e o representante de França Saint-Romain, os que haviam dado o ultimo golpe em Castel-melhor, levando-o a acceitar a mediação da rainha, e a entregar-se a ella. A verdade, porém, era que o conde só o fizera quando tinha perdido toda a esperança de salvar-se, e com a condição já apontada, de que se não trataria da sua separação. Bani era contrario abertamente ao conde. Na opinião que d'elle formava, no que a respeito d'elle aconselhava, em tudo, em fim, podiam ver os seus intimos a disposição do seu espirito. N'aquelle mesmo dia dizia a Saint-Romain, e a Verjus:

— « Quando o conde reconheceu e confessou que lhe não restava outro meio de salvar-se, senão o da rainha, não podia resolver-se a fazer a sua magestade as concessões necessarias para a persuadir de que, se o conservasse, elle procederia tão bem a seu respeito de futuro, quanto usára mal no passado. Via-se claramente que não era essa a sua intenção, e que não cumpriria os offerecimentos feitos por intermedio do abbade Saint-Romain. Um dia, em que o apertei para que fizesse por si mesmo esses offerecimentos ao mesmo abbade, respondeu-me que eu tinha razão; que era preciso *persuadir e enganar o mediador!* E não estava melhor disposto a favor da França, que da rainha de Portugal. Castelhano de inclinação, alliando-se com a França, só procurou com isto levar os hespanhoes a subscreverem á paz e independencia de Portugal. A rainha faria bem, por seu interesse, e pelo da França e de Portugal, se impedisse o restabelecimento do conde, perdendo de todo quem é tão singular ministro. »

Por intermedio do seu confessor, communicou o principe á rainha que podia depositar confiança em Pedro de Almeida, que era bem intencionado, e trabalhava por dispor o rei ao bem. Pelo mesmo meio, na terça feira, 11, lhe transmittiu que Lourenço de Sousa propunha que se tornasse a chamar Henrique Henriques, para dirigir o espirito do rei, no sentido que se desejasse. Lourenço de Sousa offerecia-se tambem para trabalhar, por si mesmo, a que o rei

admittisse o infante no conselho, e fizesse quanto se julgasse a proposito a bem do estado. Se não o podesse conseguir, daria d'isso parte, e de todas as resoluções que o rei tomasse: se d'este offerecimento nada agradasse, retirava-se da corte.

A rainha julgou, e bem, que estas propostas eram puro divertimento e artificio de Castel-melhor, a quem todos aquelles sujeitos serviam constantemente. Os factos e a experiencia mostravam, que todos offereciam retirar-se, mas que nenhum se retirava. Todos promettiam desde muito dispor o rei a varias coisas, e entretanto o rei nada mudára, permanecia o mesmo, e cada dia se fortificava mais nas velhas impressões de desconfiança e aversão, que lhe tinham feito conceber por ella e pelo infante; não dando passo nem dizendo palavra, que não tendesse ao restabelecimento do secretario de estado e do escrivão da puridade. Pedro de Almeida, como antes d'elle fizera Henrique Henriques, promettêra levar o rei a restabelecer Pedro Vieira no cargo de secretario, que lhe pertencia; mas o rei perseguia-a incessantemente, para consentir na volta de Antonio de Sousa, no que agora parecia mais empenhado e decidido que nunca. De tudo isto concluia ella, que taes individuos, a quem serviam fielmente era ao conde, divertindo-se com o principe.

Houve quem suppozesse que D. Pedro levava por sua parte o irmão a persistir no desejo de chamar o secretario de estado, para, sob o nome da rainha, ainda mais amado e auctorisado que o seu, ter nova occasião, melhor aproveitada que a da quarta feira 5 de outubro, para abbreviar e concluir a revolução palaciana. Conhecido, porém, como era, o espirito dos que tinham a parte principal na direcção do principe, via-se que só podiam ser levados a isso por uma situação extrema, que tornasse necessarias resoluções tão fortes, e em que tantas coisas proximas e remotas havia a considerar e temer. Todo o mundo sabia e via a intenção de D. Pedro, e os compromissos cada dia maiores que contrahia, de reunir os Tres-Estados, para n'elles se estabelecer outro governo, e pedir contas da passada administração das finanças. O rei não o queria fazer por si, como o reino desejava, segundo o voto da rainha e do conselho de estado.

Pretendia-se que os Tres-Estados tinham direito de dar e tirar a coroa. Ainda que o amor e estima que professavam á rainha fossem extremosos, e que até alli tivessem podido salvar o rei, havia comtudo motivo em D. Affonso para temer a reunião dos Tres-Estados. Era voz geral que no rei havia desarranjo mental, que o incapacitava de governar por si. Sobre tudo isto, tornava-se notavel e merecia especial attenção até ao proprio Saint-Romain, que da parte do infante nada se poupasse para fazer crer que seu irmão era tambem incapaz de ter filhos, e que a rainha não era ainda sua mulher. O conde da Torre protestava, incessantemente, que em todo este negocio não tinha nenhuma pretenção particular; e que o infante olhava principalmente ao bem do estado e da rainha, de quem sempre dependeria. Nada se podia accrescentar ao cuidado que o conde tomava em o mostrar e persuadir. Mas isto não impedia que se pensasse, que o mesmo conde tinha boa vontade de pôr nas mãos do infante, a quem governava, a principal auctoridade, e mesmo a coroa, se visse para isso occasião e disposição nas cortes. O interesse, porém, e a reputação da rainha discordavam d'isso. Sendo por ella os principaes do conselho e da nobreza, aquelle plano não parecia de exito facil. O marquez de Saude sustentava esta opinião: dizia, que não só conselho e nobreza, mas todo o reino seguiria a vontade e inclinação da soberana.

O infante, pela sua parte, temia, se o governo se estabelecesse sob a auctoridade da rainha, não havendo já quem a separasse do rei, que se travasse amizade entre ambos, e houvessem filhos. Era difficil de prever o que estes differentes receios podiam produzir.

D. João da Silva, que tanto se tinha distinguido na guerra; que tinha muita capacidade para os negocios, e era amigo de Schomberg e de todos os francezes, communicou no mesmo dia a Verjus, que o marquez de Marialva fazia quanto podia para obter o logar de Castel-melhor, onde seria mui pernicioso. Sabia-se, entanto de boa parte, que o não conseguiria. O marquez de Gouvêa declarava-se menos, pretendendo o mesmo, e podia mais facilmente alcançal-o. Não seria dilapidador como Marialva. De todos, porém, o que seria mais auxiliado pela gente que cercava o rei, e podia alcançar o logar com menos custo, se o quizesse, sendo até o melhor para o estado e para a rainha, era o duque de Cadaval, que além do seu nascimento, tinha espirito distincto, coragem e desinteresse. Mas este, temeroso do mau humor e arrebatamentos do rei, estava mui longe de cubiçar aquelle encargo.

Na quarta feira, 12, o conde de Villa-verde, homem de coragem, de espirito, e affeiçoado á França, juntamente com D. João da Silva, procurou Saint-Romain. Simão de Vasconcellos retirára-se da corte. Pretendia-se que os outros do partido do rei fizessem outro tanto; mas aquelles dois fidalgos eram de parecer que melhor fôra ter expulsado todos os que se desejava expellir d'um só golpe, quando o principe estivera no paço, regulando assim e segurando melhor o governo. Bem tinham feito n'essa occasião para lh'o persuadirem.

Os agentes francezes andavam vigilantes. Saint-Romain e Verjus visitaram no mesmo dia o duque de Cadaval, de cuja bocca ouviram coisas cordatas ácerca dos negocios internos e externos de Portugal. Opinava que cumpria guardar fielmente o tratado com a França, ou entregarem-se á discrição dos castelhanos. Os dois francezes excitavam-n'o a que tomasse parte no governo. Escutava-os prazenteiro, parecendo mostrar que isso lhe não andava mui arredado do coração, e que não perderia occasião que apparecesse.

— « Os portuguezes (dizia elle) soffrem tudo pacientemente a seus reis, com tanto que estes governem por si; mas nunca poderam tolerar a auctoridade e o governo nas mãos de validos. O conde de Mira (accrescentava o duque), que fôra grande e habil ministro, punha principalmente todo o cuidado em dissimular o seu valimento; e nunca ouvia ninguem que não houvesse primeiro fallado ao rei e á rainha. Ao contrario d'isto Castel-melhor entortava os negocios de quantos d'esse modo procediam, e nada procurava tanto como ostentar toda a sua omnipotencia, não consentindo que se concluisse negocio grande ou pequeno, que não fosse por seu intermedio. »

Na tarde d'este dia visitou D. Affonso VI a rainha sua mulher. Não se lhe ouviu senão fallar do merito do escrivão da puridade, e dos seus grandes serviços.

— « Devo-lhe a coroa e a vida (dizia): hei de sempre lembrar-me d'isto, e nunca terei em nenhuma outra pessoa a confiança completa que n'elle tive. »

O partido francez via tudo, sabia tudo, espionava tudo. As coisas mais insignificantes, os incidentes de menor alcance, as circunstancias mais leves, tudo averiguava como negocios de estado. Foi com egual afan que outro francez, mr. Thoinard, descobrira duas coisas galantes: uma, que o rei a maior parte das noites se entretinha a fazer dançar e prégar o secretario d'estado, vestido de sobrepelliz e de bar

rete quadrado na cabeça, e que uma noite em que lhe pareceu prégára e dançára mal, o fizera punir pelos criados com palmadas na região sagrada! Outra, que na quinta feira, dia immediato ao 5 d'outubro, perguntára D. Affonso a um dos criados, que bem sabia não presenciára a scena da vespera com o irmão, se tinha assistido a ella. Depois do criado lhe responder que não, continuou o rei com ar jactancioso:

— «Veiu aqui Pedro, eu o fiz trapo, e se não me pedíra perdão de joelhos eu o havia de matar!»

Na quinta feira, 13, Ruy de Moura Telles começou a apparecer no paço, e foi ao do principe, a quem protestou muitos respeitos, e desejo de o servir. No mesmo dia se soube que os habitantes de Alemquer e de Villa-Nova da Rainha tinham retomado o uso dos seus pastos communs que Castel-melhor lhes usurpára, derrubando e abrindo as vallas e diques com que elle os tinha fechado, mais a outra usurpação que fizera em dominios das rainhas, aos quaes aquellas duas villas pertenciam effectivamente.

Na sexta feira, 14, tornou D. Affonso a fallar á rainha no regresso do secretario de estado, rogando ao padre de Villes que a dispuzesse a isso.

— «Sois seu confessor (lhe dizia o rei): deve por isso acreditar-vos. Consegui isto d'ella. Dizei-lhe *de não dar este desgosto a le roi!*»

Esta phrase do rei, meio portugueza, meio franceza, é historica.

Foi n'este mesmo dia que o principe mandou dizer a Lourenço de Souza que se retirasse, e a Castel-melhor, por intermedio do guardião do convento de Torres-Vedras, que fosse para mais longe, e se fixasse na sua casa do Pombal.

(Continúa)

JOSÉ DE TORRES



Soldado da cavallaria da guarda municipal de Lisboa

Deve-se ao primeiro e incansavel intendente geral da policia da corte e reino, o desembargador Diogo Ignacio de Pina Manique, a creação de um corpo militar para manter a segurança publica na cidade de Lisboa, serviço que d'antes era feito pelas rondas civis e pela guarnição da capital.

Segundo o plano dado por este digno magistrado, é que em 1801 se instituiu a «guarda real da policia», composta de 8 companhias de infanteria e 4 de cavallaria; tendo estes de soldo 120, e aquell'outros 130 réis diarios, além de uma gratificação de 4$800 réis por cada matador ou ladrão que prendessem.

Em 1805 augmentou-lhe mais duas companhias de infanteria.

O uniforme que se lhe designou foi o mesmo do exercito, com a differença de oito casas de galão amarello no peito da farda. O armamento tambem egualava o do exercito, tendo de mais uma pistola á cinta.

Havendo este corpo desamparado a capital em 24 de julho de 1833, para se ir reunir ao exercito de operações capitaneado pelo sr. D. Miguel, foi substituido, em 1834, pela creação da actual «guarda municipal de Lisboa», composta de 6 companhias de infanteria e 3 de cavallaria, tendo de soldo cada soldado de cavallo 400, e os de pé 240 réis.

A nossa estampa, gravada por um principiante, e que publicâmos para animação do cavalheiro que nol-a offereceu, representa um soldado de cavallaria d'esta guarda, em grande uniforme.

A guarda real da policia custava á cidade a quantia de 35:824$000 réis, saídos de uma imposição lançada especialmente para este fim. Augmentou-se-lhe depois a força, e por consequencia subiu esta somma.

A guarda municipal, creada em 1836, custava á camara 74:718$400 réis.

Actualmente tem mais duas companhias, e custa annualmente 151:300$000 réis.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Recepção de S. M. el-rei na cidade de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

A pag. 65 d'este volume felicitámos já a patria de Bocage pela sua elevação á categoria de cidade, quando desenhámos e descrevemos o seu notavel monumento de architectura manuelina, o convento de Jesus de Setubal.

Hoje voltâmos a esta florescente povoação, para dar a nossos leitores duas vistas dos imprevisados monumentos que os habitantes d'aquella cidade levantaram, no caes e na praça dos paços da camara, para festejarem a visita que S. M. el-rei se dignou fazer-lhes no dia 2 do corrente, no regresso á capital da viagem que fez na provincia do Alemtejo.

Ao natural amor que os portuguezes sempre tivemos aos nossos reis, os cidadãos de Setubal juntavam agora os testimunhos da sua gratidão, por ter sido D. Pedro v o que lhe conferíra a categoria que de direito pertencia áquella terra desde muitos annos.

E foi assim que tanto a camara municipal, como as principaes pessoas e auctoridades da cidade, se desvelaram em preparar ao augusto visitante, uma recepção digna da memoria que d'ella fazemos n'estas paginas.

Para dar as boas vindas e hospedar ao seu monarcha, galeou a nova cidade todas as pompas de que se atavia o respeito, o alvoroço e a alegria.

Ao longo da extensa praia que banha o Sado, se prolongava uma alterosa aléa de postes coroados de tropheos bicolores, encadêados de festões de loiro e murta, tremolando nos topes a bandeira nacional, muitas flammulas e galhardetes de matizadas côres. Ao centro, para o caes, se erguia um airoso pavilhão de oito columnas da ordem corinthia, forrado de seda escarlate e branca, todo atapetado e embandeirado. Era este pavilhão destinado para a camara municipal fazer a entrega das chaves a S. M. e dirigir-lhe a allocução de estilo.

Á entrada da praça do Sapal, que é a dos paços do concelho, se levantou um arco triumphal de dezesete metros de altura, tendo no fecho para a parte do mar as armas de Portugal, e para a de terra as de Setubal.

Em volta d'esta praça egual embandeiramento ao da praia, e ao centro um kiosko para coreto da philarmonica «Momentanea». Todas as janellas estavam armadas com cortinas de damasco encarnado, e colchas da mesma tela. As ruas principaes areadas, e muitas das janellas tambem armadas.

Os paços do concelho estavam egualmente adornados com elegancia, e na sala grande, armada de purpura, posta a mesa para servir-se a refeição que a camara offerecia a S. M.

O palacete de D. Francisca de Amorim e Silva foi destinado para a pousada del-rei e da sua comitiva. Mobilou-se e adereçou-se com elegancia e riqueza.

No dia 2 do corrente chegou el-rei com seu augusto irmão o infante D. João, na galeota real, ao

caes de Setubal, onde o esperavam a camara municipal e as demais auctoridades locaes, assim como o governador civil de Lisboa. Recebido debaixo do pallio, conforme o estilo antigo (que deve ser abolido como foi o beijamão) se dirigiu o prestito ao pavilhão já descripto, onde o presidente da camara entregou a S. M. as chaves da cidade, e lhe dirigiu uma breve allocução gratulatoria. D'aqui se encaminhou, seguido de innumeravel concurso de povo, entre acclamações repetidas e sob torrentes de flores que choviam das janellas, para a egreja de S. João onde se cantou o *Te Deum laudamus*. D'alli saiu com o mesmo cortejo para os paços do concelho, onde S. M. e A. se dignaram acceitar a collação que a camara lhe offereceu, sendo convidados para a mesa real as auctoridades locaes, e algumas pessoas notaveis da cidade. Ao todo trinta e seis talheres.

Depois da comida saíram a cavallo para a pousada que se lhes destinára, assim como as pessoas do seu sequito, indo os vereadores da camara municipal, as auctoridades, e muitas pessoas notaveis da cidade nas suas carruagens.

Passados poucos momentos de descanço, saiu el-rei a visitar alguns estabelecimentos e edificios notaveis de Setubal. Do aceio e boa organisação do hospital da misericordia se mostrou muito satisfeito. No lyceu municipal se demorou a inquirir sobre o methodo dos estudos e frequencia dos alumnos. É ainda novo este instituto, mas acredita muito o zelo da municipalidade em propagar a instrucção da juventude setubalense.

Onde, porém, mais se deteve foi na contemplação e exame do convento edificado pelo seu poderoso avô, el-rei D. Manuel, riscado pelo mesmo architecto que levantou o mosteiro de Belem. Fazia 260 annos que o rei bellico, o malaventurado D. Sebastião, tinha estado, pela ultima vez, na grade d'aquelle convento, recebendo das madres o mimo de *um pão mole*, com que ellas o costumavam presentear quando lá ia visital-as.

Havia o reverendo capellão das religiosas, e generoso conservador d'aquelle monumento, o padre Francisco José Ferro Estrafaz, mandado ornar o templo, á sua custa, para receber dignamente o augusto chefe do estado. Toda a egreja estava ricamente armada; no altar-mór, da parte do evangelho, se levantou o throno com o genuflexorio para S. M. fazer oração. O espaldar e docel eram de veludo escarlate bordado de lhama, sendo o fundo do docel formado de uma preciosa alcatifa antiga, bordada de matiz. Aos lados das cadeiras do throno estavam dois formosissimos anjos, um dos quaes offerecia a el-rei uma coroa, e o outro um sceptro. No topo do espaldar estavam debuxadas as armas del-rei D. Manuel, o fundador do convento.

Depois da oração, desceram S. M. e A. do throno, para ir ver o templo, e os primorosos quadros attribuidos a Grão Vasco, cuja lista publicámos já a pag. 92 d'este mesmo volume.

D'alli foram os augustos visitantes ver o interior do convento, sendo recebidos, á portaria, pela communidade. Ajoelhando todas as religiosas para beijar a mão a S. M., não o consentiu el-rei, dizendo christãmente, que alli, na clausura das virgens do Senhor, era simplesmente Pedro.

Como estivessem todas as freiras com os véos caídos sobre o rosto, segundo manda a sua regra, para que as não vejam olhos mundanos, S. M. perguntou affavelmente á abbadessa se as não affligia estar muito tempo com o rosto coberto, e se era permittido levantarem os véos. Respondeu a prelada que o podiam fazer na presença e com ordem de S. M.; e desejando el-rei gozar d'esta regalia, todas as religiosas levantaram os véos, e assim se conservaram durante todo o tempo da real visita, que principiou pelo côro, onde estavam já, na capella do Santissimo, duas almofadas para os augustos principes fazerem adoração ao Sacramento.

Passaram ao dormitorio, enfermaria, quadras e sacristia; depois desceram ao claustro, cuja architectura gothica tem muito que admirar. Por ultimo entraram no refeitorio, em cuja mesa as freiras tinham uma mimosa refeição para S. M. e A.

Todo o ornato e aceio d'este famoso templo correu por conta do benemerito capellão das freiras, o reverendo padre Estafraz, que, como já notámos, tem sido o officioso conservador d'este bello monumento de architectura, que devêra ter merecido a attenção dos poderes publicos. A este respeitavel ecclesiastico se deve não estar hoje o convento quasi inhabitavel, porque, tendo-lhe o terremoto de 1858 causado grandes estragos, gastou alguns contos de réis, seus, para os reparar. A este amigo, zelador, e reparador dos monumentos nacionaes, deve o chefe do estado dar um testimunho publico de remuneração, para exemplo e incitamento dos que tiverem taes brios e amor das glorias patrias.

Ás 5 horas voltaram S. M. e A. á sua pousada, onde acharam o serenissimo infante D. Luiz, que, regressando de Angola, fôra alli abraçar seus irmãos. Seguiu-se o jantar, para o qual S. M. convidou, além das pessoas que o tinham já sido para o almoço, o reverendo vigario geral, o douto antiquario J. da Gama Xaro, cuja noticiosa conversação muito deveu ter aprazido a S. M. que tanto preza os homens de letras.

Á noite houve recepção no paço; e toda a cidade se illuminou vistosamente.

A illuminação da praia, a da praça do Sapal, e paços do concelho, derramavam torrentes de vivissima luz e alegria sobre os milhares de espectadores, que de toda a cidade e dos arredores tinham vindo assistir a tão festiva recepção do monarcha.

Excitavam ainda mais a alegria publica, os sons instrumentaes das philarmonicas «Momentanea e Permanente», que durante a illuminação, e alternadamente, estiveram tocando nos seus elegantes coretos. Concluiu-se o festejo com um brilhante fogo de artificio.

No dia 3, pela manhã, regressou el-rei para Lisboa, no caminho de ferro do sul, deixando uma avultada esmola aos recolhimentos pobres e ás familias mais necessitadas de Setubal.

O nosso distincto desenhador, o sr. Nogueira da Silva, que assistiu a todas estas festas, tirou, a olho, as duas vistas que hoje apresentâmos. A primeira é da praia onde se levantou o pavilhão real; a segunda é da praça dos paços do concelho.

A machina photographica não as tiraria com mais fidelidade.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 274)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XV

DE COMO O SR. CAPITÃO-MÓR SE FEZ DIPLOMATICO E SE DEITOU A POLITICO

Depois de algumas hesitações e reticencias, o honrado fidalgo de Val-de-mil entrou francamente no assumpto.

— V. ex.ª permitte-me que lhe diga tudo? — ponderou.

— Aqui, tudo — redarguiu o veterano.

— Presumo que adivinhou parte.

— Talvez. Pelo menos as informações que me deu

e meu amigo Mariz fizeram-me entender que melhor seria encontrarmo-nos por estes suburbios, do que recebel-o em Bragança... bem que seja sempre honra para mim tratar com homens de tal nome e caracter.

O capitão-mór inclinou-se ao comprimento.

— Estou que em Bragança não soariam mal de todo as minhas palavras.

— Tambem creio. Para a maior parte de certo. Mas... Diga-me, conhece o Camões?

— O Camões! A que proposito...

— Saberá. Conhece?

— Tenho ouvido fallar n'esse nome. Filho de boa gente era... bom soldado tambem, dizem...

— E um grande poeta, accrescente.

— Poeta!

— Não desdenhe. Os poetas deixam ás vezes maximas de grande proveito.

— E deixou esse alguma?

— Muitas.

— Applicaveis ao caso?

— Milagrosamente ajustadas. Quer saber o que diz o nosso Camões... nosso lhe chamo, porque nunca houve homem mais da sua terra!... quer saber?

— Se quero! Basta isso para me afiar a curiosidade.

— Diz... não me lembra em que strophe...

.... Tambem nos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

O capitão-mór ficou alguns instantes pensativo.

— E verdade — retorquiu — Houve... e ha... algumas vezes. Ainda mal! E, com effeito, necessidade prevenir, e não entrar em nenhuma coisa de leve... principalmente n'estas.

— Estimo ouvir-lhe isso: é de pessoa ajuizada e circumspecta.

— Para que servem os annos? Percebo a razão d'estas precauções, que... digo com lisura... já me iam parecendo demasiadas, mas tambem me acautelo... Percebo a maxima... sentença, direi... do tal Camões, que era homem de experiencia e de tino, vejo.

— Apesar de poeta?

— Apesar de poeta — repetiu candidamente o capitão-mór, sem reparar no sorriso ironico do jurisconsulto — Mas percebo tambem outra cousa...

— Que cousa?

— Que v. ex.ª é já... Como hei de dizer?

— Diga sem rodeios; é o melhor.

— Sem rodeios... percebo que é meu cumplice.

— Por que? — tornou aqui a interromper o general, incitando evidentemente as confidencias com a feição prazenteira que dava ao dialogo.

— Porque protege com a sua prudencia os nossos projectos. Não é entrar n'elles?

— Bem concluido, por minha vida! Doutor, não o faria melhor. e consta-me já que é um novo Bartholo.

— Pelo que me toca — respondeu este modestamente. — illudiram v. ex.ª, ou exaggera a sua cortezia. Pelo que respeita ao sr. capitão-mór, sou da mesma opinião: não o faria melhor... ninguem!

— Vejam, — proseguiu Sepulveda — vejam que sagacidade dá o enthusiasmo de um grande e nobre sentimento!

Podia o applauso ter um lado pouco lisongeiro. Não atinaria com elle o fidalgo, em quem a preconisada perspicacia não era um vicio chronico. Percebeu-o porém o doutor, como versado nas distincções, e julgando-se humilhado na pessoa do futuro sogro, accudiu-lhe a proposito, ponderando:

— Aqui não é para admirar!

— Nem eu quero tal dizer — atalhou promptamente o veterano, sufficientemente complicado de cortezão — Nenhuma agudeza é para admirar em quem tem de casa o exemplo das melhores prendas. Maravilha, comtudo, que um genio sincero, mais propenso á franqueza do que aos artificios... como eu sei que é o senhor capitão-mór... assim de repente, de inspiração, a bem dizer, adivinhe todas as subtilezas, como um consummado diplomatico.

O doutor curvou a cabeça, admirando a destreza e acceitando a lição.

Ufano e confuso ao mesmo tempo, o fidalgo de Val-de-mil, replicou em tom de ardente convencimento:

— Uma só coisa adivinhei!... Adivinhei que v. ex.ª é um coração generoso, um verdadeiro portuguez, um fiel servidor dos nossos reis, um leal amigo da sua patria.

— Servidor dos meus reis, amigo da minha patria sou, não se engana.

— N'isso confiei, quando puz os olhos em Bragança. Já nos conhecemos bastante, penso.

— Agora conhecemos.

— Vamos pois direitos ao alvo.

— Sei que não costuma erral-o.

— Estive em Lisboa, general. Fui alli por... Pouco importa... estive. O que lá vi encheu-me de horror e cobriu-me de vergonha. Não tive, desde então, socego nem descanço. Não se me tirava da cabeça um fito... e mal posso já dizer se era da cabeça ou do coração. Só, que podia eu? Corri á provincia. Por toda a parte as disposições são as mesmas. A indignação não póde ser mais geral... e a resolução tambem. Tenho consultado, indagado, concertado... Está tudo prestes. Só nos falta o chefe, porque a empreza é grave... um homem de experiencia e auctoridade. Eu e os meus amigos...

— Todos nós — interrompeu o morgado Mariz, como para dar maior peso á proposta eminente.

— Todos, assim é — continuou o capitão-mór — todos pensámos...

— Que podia ser eu o chefe? — acudiu Sepulveda.

— Justamente.

— Honra-me a escolha. Digo-lhe mais, enche-me de jubilo; mas...

— Mas? — atalharam anciosamente os circunstantes, rodeando o veterano.

— Mas recuso — respondeu elle com firmeza.

— V. ex.ª recusa!

— Recuso.

— Sabe o que o reino padece? Sabe em que desesperação estão os povos? Sabe que vileza e que desar é para esta nação...

— Sei tudo. Fiz mais; previ-o.

— E recusa salvar a nossa terra?

— Entendamo-nos: recuso deital-a a perder de todo.

— Que nos falta? — observou Mariz, amigo do general, que por isso contava com elle, e esperava pouco tal negativa. — Temos vontade, temos homens...

— E não faltará dinheiro — acudiu nobremente o fidalgo de Val-de-mil — Pela minha parte, empenharei quanto tenho, se for preciso. Concorda, doutor?

— Não offereci eu já tambem o meu patrimonio?

— Ha muitos no mesmo caso. Antes sacrificar tudo á patria, do que entregal-o aos estrangeiros. O que meus avós me deixaram receberam-n'o dos seus soberanos. Cumpro o meu dever. É uma restituição. Com homens e dinheiro, ouvi sempre dizer que se fazia a guerra. Julga ainda v. ex.ª que não será bastante?

— Julgo. Perguntam-me o que falta? Falta o melhor, a occasião.

— Pois hemos de tolerar...
— Não. Quém diz isso?
— O que nos cumpre então fazer?
— Esperar.
— Que o inimigo se faça de todo senhor?
— Senhor é já, e isso o ha de enfraquecer. Não terão de esperar muito, asseguro-lhes.
— Quem sabe se temos esperado de mais! — murmurou o capitão-mór, fogoso apesar da edade.
— Sou um veterano de 1762, não o ignoram. Na eschola do conde de Lippe aprendia-se. Tiveram já fé em mim, não?
— E temos ainda, ponderou apressadamente Mariz.
— Tiveram seguramente, porque, se não tivessem, não viriam propor-me aqui uma revolução...
— Uma restauração — ponderou o doutor como causidico.
— É o mesmo — tornou o general sorrindo — Não sobra o tempo para argumentar palavras... Como dizia, tiveram fé. Ouçam-me então. Falla-lhes a mesma experiencia a que recorriam. Se fizermos uma revolução ou uma restauração... um grande transtorno e alteração de coisas em fim... entraremos em campanha.
— Naturalmente — acudiu o capitão-mór desejoso de provar a sua competencia no officio — Já o antevi e preveni.
— Bem — continuou o general fitando o interruptor — E que forças temos?
— Da provincia, só na gente da ordenança, mais de mil espingardas... e podem chegar ao dobro em pouco tempo... Verifiquei tudo com os meus olhos!... Homens doze mil... quinze mil... quantos se quizerem...
— Para sacrificar inutilmente! — ponderou com severidade o general.
Depois de breve pausa, e de meditação não interrompida, Sepulveda continuou:
— Sabe v. s.ª o que os francezes tem em frente das suas mil espingardas e dos seus doze mil homens, a bem dizer desarmados? Tem sete mil hespanhoes no Porto, cinco mil no Alemtejo, quatro mil á mão nos arredores de Lisboa... ao todo dezeseis mil. Tem mais dez mil dos seus na capital, e dezoito ou vinte mil em boas posições militares, bem escolhidas e acauteladas. Tem as praças de Elvas, Almeida, Abrantes, Santarem, Extremoz, Peniche e Faro. Tem os fortes de Lippe, Santa Luzia e Ericeira, as torres e o castello de Palmella. Tem consideraveis forças concentradas em Setubal, em Aldêa Gallega, e em Thomar. Tem finalmente as suas divisões organisadas, providas e refeitas, a cavallaria remontada, e não pouca artilheria. Parece-lhe possivel, sr. capitão-mór, conseguir alguma coisa contra um exercito de mais de cincoenta mil homens, postado em locaes acertadamente estudados, prompto a mover-se á primeira voz, com as suas communicações cobertas, bem defendido do lado do mar, que é para elle o maior perigo, e já agora animado e bem disposto por esta conquista sem trabalho?
— Conquista!
— Pois que?
— Mas o resto do reino?
— O resto do reino como se ha de mover, se está mettido n'uma rede de bayonetas?
— Não estamos nós!
— Justamente. Para que havemos de então chamar os oppressores? Ahi tem o motivo da minha recusa. Viu em Lisboa a bandeira franceza no logar das sagradas quinas, não é verdade, sr. capitão-mór?
— Disse-o já... vi. E n'esse dia quizera ter cegado!
— Em Bragança e por todas estas comarcas as quinas estão ainda onde devem estar. Quer que vamos pôr em seu logar as aguias?
— Oh! isso...
— Pois isso fariamos, se chamassemos para aqui a attenção... que felizmente não dá por nós.
O capitão-mór, o morgado Mariz e o doutor inclinaram as frontes carregadas de reflexões.
— Supponham-se agora no meu caso — continuou o veterano, erguendo-se com vivacidade e fallando com vehemencia — Imaginem a seu cargo uma provincia que os acontecimentos deixaram fóra do turbilhão. Que fariam da auctoridade confiada ás suas mãos pelo principe legitimo, e em suas mãos desamparada pelos intrusos? Iriam entregal-a a inimigos! Que fariam da terra? Chamariam sobre ella as calamidades! Que fariam dos povos? Envolvel-os-hiam nas tribulações de que os tem preservado a Providencia! Não, tal não fariam por certo. Não o farei eu pois tambem. Estou velho e cançado. Era tempo de me repousar... alguns annos ao menos... em quanto não chega a minha hora. N'esta edade o que se ha de já esperar? Sabem porque me conservo aqui, e tão cheio de responsabilidades? É porque os tempos correm melindrosos para o senhorio de que me fizeram depositario. É porque sob a minha guarda o deposito fica intacto, digo-o com segurança.
— E nós jurâmol-o! — accrescentou Mariz commovido.
— Já vêem pois, que não posso... que não devo arriscar tal deposito... sem probabilidade, sem possibilidade sequer de resultado.
O capitão-mór escutava attentamente, tanto mais abalado das palavras de Sepulveda, quanto o seu bom senso natural previra em parte as objecções d'aquella razão esclarecida. Luctava-lhe porém ainda lá dentro a indignação, que o fizera emprehender aquelle arrojo, a lembrança do enthusiasmo que em toda a parte encontrára, e a inflexivel obstinação que nenhuma difficuldade podia domar.
Sob o influxo d'estas oppostas cogitações ponderou ao veterano:
— Assim é na verdade. Mas... por outro lado... continuando as coisas d'este modo mais dia menos dia terá a nossa provincia a mesma sorte das outras. Quando nos pozerem tambem as bayonetas aos peitos, qual será a esperança do povo, não tendo um ponto livre para começar? Mais custará ainda, muito mais. Verdade é que os hespanhoes estão no Porto; mas os hespanhoes são a bem dizer nossos irmãos, e não hão de...
— Os hespanhoes são nossos irmãos... com tanto que lhes entreguemos os bens que adquirimos e o patrimonio que grangeámos. Irmãos um tanto á feição de morgados. Com esta condição reconhecem de boa mente a irmandade.
— Pois não ficará nada aos segundos?
— Ha de ficar... um convento, ou a cruz de Malta: é o costume. Não se illudam pois. Os hespanhoes aqui ainda se consideram mais em sua casa do que os francezes, e por causa d'elles, sobre tudo, nos cumpre evitar todo o rumor, que lhe conhecem melhor os cantos. Pensa que a visinhança e a consanguinidade nol-os farão favoraveis? Mal conhece o coração humano. Quem mais o ameaça do que o parente, que lhe disputa a herança? Quem mais o avexa do que o morador que parte com a sua testada? Em quanto os hespanhoes acreditarem que vem entrar na posse dos vinculos, como lhes persuadiram, são em Portugal os mais obedientes servos de Junot.
— Teremos então de dobrar a cabeça ao jugo... a dois jugos... o de França e o de Castella?
— Tal não acontecerá.
— Mas d'onde nos ha de vir o remedio?

— D'uma força com que não conta... e faz mal!... da ambição dos proprios invasores.

— Como?

— Se as minhas informações me não enganam, para a banda de Aranjuez vão-se turvando os ares. Póde acontecer que os hespanhoes, em vez de repartirem a preza, se achem por sua vez preados. No dia em que abrirem os olhos, deixar-se-hão de acquisições fóra, pensando no perigo interno. N'esse dia se farão nossos auxiliares os que eram nossos inimigos. Então os acharemos devéras irmãos. Entendem agora? Perdendo as tropas hespanholas, Junot perde um terço das forças, e fica-lhe desguarnecido o Norte... Não será essa a opportunidade?

— E chegada a occasião — perguntou o capitão-mór — duvidará v. ex.ª acclamar e restabelecer um governo da nossa gente?

— Aqui não ha que restabelecer, bem o vêem. Chegada a occasião acclamarei em voz alta, de modo que todos ouçam distinctamente, sua alteza real o principe regente, que foi, que é, que ha de ser aqui o unico soberano. Basta-lhe esta segurança? — concluiu para o capitão-mór.

— Basta.

— E promette esperar?

— Custa... mas prometto. Só não prometto uma coisa.

— Qual?

— Parar nas diligencias.

— Nem é preciso. Prudencia porém...

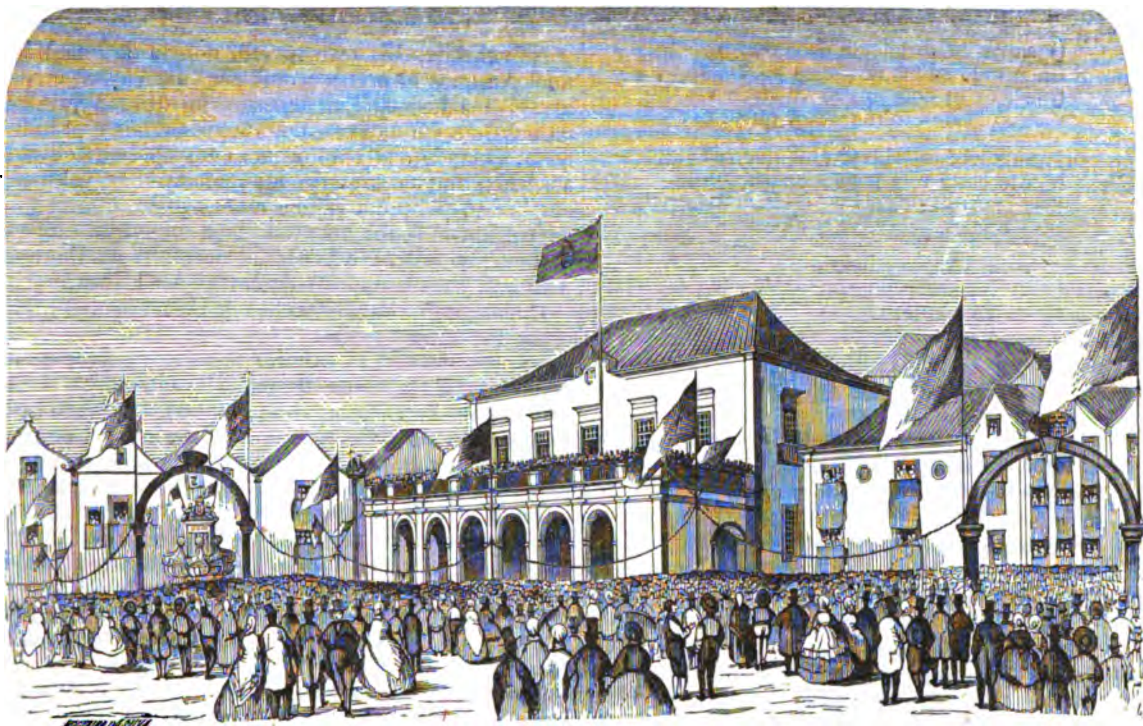
— Não nos ensina v. ex.ª com o seu grande entendimento e altos exemplos?

— Não deixará de haver lucta...

— E renhida, conto com isso.

— Importa portanto preparar forças.

— Aproveitaremos o intervallo... São mais alguns dias, paciencia!... Lá diz o dictado: «mais vale tarde que nunca!»



Paços do concelho de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

— E «com tempo e com arte se váe a toda a parte.» Bom será não esquecer estes evangelhos da experiencia.

— Estou na edade em que nada se esquece — tornou o fidalgo de Val-de-mil — e hoje aprendi muito!

Com aquellas palavras terminou a conferencia.

N'este comenos era o Alegre apertado de perguntas pelos servos de Grandaes.

Todas as inquirições vinham dar a esta conclusão:

— Que andava o sr. capitão-mór fazendo n'aquellas correrias, que já por toda a parte constavam?

— Assim Deus salve a minha alma — respondia o couteiro com a sua costumada singeleza — como o fidalgo traz coisa na cabeça. Ha mais de vinte dias que não parâmos.

— Que traz é certo. Mas o que? Não se sabe.

— Quem diz que não sabe! O fidalgo não tem segredos. Sei eu.

— Sim!

— Diga.

— O que é?

— Vamos a ver...

Um diluvio de interrogações e um apertão em roda do Alegre.

— Cá pelas minhas contas... o fidalgo anda arranjando uma batida aos lobos.

— Para onde? Para onde? — perguntavam anciosamente uns poucos ao mesmo tempo.

— Ou para a serra da Oura, ou para a banda de Besteiros... Ha de ser coisa fallada!

MENDES LEAL JUNIOR

Onde ha vergonha e honra, não se póde affirmar senão o que se vê com os olhos, ou se ouve de dignos de fé. D. FR. AMADOR ARRAES

MEDITAÇÃO

HOMEM, CRÊ!

Et l'espoir...... rêvant sur un tombeau,
Appuyé sur la Foi, m'ouvre un monde plus beau.

LAMARTINE

Do cetáceo gigante dos mares
Ao peixinho doirado e tingido;
Do leão do deserto africano
Até ao verme infusorio escondido;

Da aguia altiva que impune olha o sol
Ao cantor emplumado da selva;
Do metal precioso ao pó vil,
Do carvalho potente até á relva:

E fructos, e flores,
Os astros, os ceos,
A gloria, os amores;
Tudo ha feito Deus
Para um ente só
Que creou do pó!..

———

Quem és tu, habitante da terra
Onde tudo se curva a teus pés?
Quem és tu que ao ceo volves a vista
Com saudade e ternura?... quem és?

Porque triste meditas? Que queres?
Não te basta esta pompa assombrosa,
Esta luz, estas sombras, estas aguas,
Oiro e joias, saber, uma esposa?

E sempre enleiado
No seu cogitar,
Este ente, creado
P'ra tudo gozar,
Por força da sorte
Padece até a morte!...

———

E morreu!... apagou-se-lhe a chamma
Que animava seu corpo ora frio!
Não se move nem falla!... que foi?
Da existencia quebrou-se-lhe o fio!

Desce á terra o cadaver inerte:
Nunca mais volta á vida passada!
Se interrogo o sepulchro, responde—
Solidão e silencio—mais nada!

E assim morreria,
De todo, a feitura
De Deus, que sabia
Não ter cá ventura
P'ra tão nobre peito
Á morte sujeito!?

———

Oh! não; que os desejos perennes na vida,
E a vaga saudade que agita a nossa alma;
Oh! não; que a poesia sublime e divina,
Terrores descridos, receios acalma.

Oh! não; que a faisca do lume celeste
Que inspira os artistas, que gera o amar;
Oh! não; que esse fogo que o martyr exhala
P'ra Deus, sua origem, terá que voltar.

———

Ergue, pois, esse rosto formoso,
Predilecto de Deus, teu Senhor;
Deixa o riso poisar-te nos labios,
E despreza infortunios e dor.

Olha o globo offuscante dos dias,
Olha o facho das noites serenas,
Olha o ceo recamado de estrellas.
Olha os montes, e as várzeas amenas.

Olha o mar, lago immenso de anil,
Que soluça na praia arenosa,
E que ruge espumante e tremendo
Se o revolve a borrasca horrorosa.

Olha as flores que enleiam os sentidos,
Olha as fontes de puro cristal,
Olha o raio que fende, que abraza
O madeiro, o rochedo, o animal.

Isso tudo, e prodigios innumeros,
Tudo é obra *d'Aquelle* que te ama,
E que, finda a missão que te coube,
A gozar paz eterna te chama.

———

Ergue, pois, essa fronte orgulhosa,
Que és o filho de forte Senhor;
E tem *fé*, que outra patria te aguarda;
Cobra *esp'rança* da morte na dor.

L. DA COSTA PEREIRA.

———

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

No sabbado, 15, teve o rei a noticia de que Manuel Antunes fôra encontrado em Villa Viçosa, e regressava a Lisboa. Em pessoa o foi dizer á rainha na occasião em que ella jantava, como boa e grande nova. Quando d'alli voltou aos seus aposentos disse aos seus, que o secretario de estado tambem voltaria em breve, porque a rainha o consentia.

O principe soube logo tudo isto, e expediu immediatamente ordens e gente ao encontro de Manuel Antunes, para o impedir de entrar em Lisboa.

O marquez de Sande recebeu de Castel-melhor uma carta que rezava assim:

«Senhor meu. Uns caseiros meus se resolveram a negarem-me o que me devem, alevantando-se para este effeito. Pareceu-me ir aquietal-os, chegando até Pombal. Sirva-se v. s.ª, para me fazer mercê, de representar á rainha nossa senhora esta minha razão, para que S. M. seja servida havel-o assi por bem; e, quando S. M. o não queira, com a mesma facilidade com que fui tornarei, deixando perder tudo. Espero que v. s.ª me faça esta diligencia com aquelle affecto e amor que lhe mereço. Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Capuchos de Torres a 15 d'outubro 1667. A. c. captivo de v. s.ª — *Conde de Castel-melhor.*»

A seguinte carta do padre de Villes serviu de resposta a tal pretenção, e ao marquez de Sande.

«Monsieur. Sur ce que v. e. a fait voir a la reine de la lettre que vous a ecrite mr. le comte de Castel-melhor, pour faire approuver a s. m. son eloignement du lieu ou il était, à celui de Pombal, ou il est presentement; s. m. m'a commandé de vous dire qu'elle ne voit pas pourquoi il demande cela, et qu'il lui semble qu'il n'a pas besoin de sa permission ni de son approbation pour s'eloigner autant qu'il voudra, et aller vaquer à ses affaires domestiques. C'est precisement, et mot à mot ce que s. m. a voulu que je repondisse de sa part a v. e., de qui je suis et serai toute ma vie, etc. 19 octobre 1667. *De Villes.*»

No domingo, 16, não houve occurrencia notavel. Antes d'amanhecer partiu Castel-melhor para Pombal, sem esperar resposta do marquez de Sande, nem a permissão que á rainha pedira.

Na segunda feira, 17, um despacho de Francisco de Mello, ácerca da composição de Portugal com a Hollanda, fez reunir o conselho. Nem o rei nem a rainha assistiram, e nenhuma resolução se tomou n'elle, porque o marquez de Sande tambem não comparecêra. Havia dias que não ia ao paço por causa da má cara que o rei lhe mostrára. Era ainda um

golpe de Castel-melhor, que se persuadira que fôra o marquez que com finura e malicia fizera chegar ao conhecimento da rainha o decreto, que foi causa de se expulsar outra vez o secretario d'estado.

Affonso VI mostrava grande desprazer de o obrigarem a applicar-se aos negocios publicos. Queixando-se a D. Pedro d'Almeida, dizendo que aquillo não podia durar, porque o mataria, observou-lhe este:

— « E porque não descança V. M. encarregando a alguem o dar as audiencias, receber as petições e papeis para lh'os apresentar depois? »

— « Desejo isso, (respondeu o rei) e ponho os olhos no conde de S. João, que é bravo e resoluto, e impedirá os outros de fallarem. »

— « Mas, senhor, o conde de S. João é sem duvida bravo e tem merito, mas este merito é mais para a guerra e para a campanha, que para os negocios e para o gabinete: é joven e sem a menor experiencia de papeis, e outras cousas que taes: faria mesmo falta na fronteira onde serve bem. »

O rei pareceu attender estas razões, mas sem deixar de mostrar grande inclinação a chamar o mesmo conde. Fallou tambem no marquez de Gouvêa, escolha que D. Pedro d'Almeida louvou, de modo que o rei pareceu fixar-se n'ella.

O mesmo D. Pedro d'Almeida, mostrando-se obsequioso com o marquez, communicou-lhe no dia 18, o que se passára n'esta conferencia, para que pensasse n'isso, e aproveitasse a occasião.

— « E a pobreza e desordem em que se vê o estado? (observava o de Gouvêa) e a difficuldade de fazer coisa boa? e a certeza de concitar invejas? e o odio publico na desconfiança? e o temor em que está todo o reino de um governo do modo e fórma do precedente? Seria muito mais vantajoso para o rei e para todo o mundo que S. M. se désse a algum trabalho, e olhasse por si mesmo para os negocios. Se porém el-rei se não resolver a isso, fecharei olhos a tudo e farei a regia vontade, logo que o principe e a rainha tambem consintam. »

Informado de tudo pelo mesmo Almeida, fez o infante communicar ao confessor da rainha os seus sentimentos a tal respeito. Desejava saber quaes eram os da rainha, e que obrassem d'accôrdo.

A saude do confessor não lhe permittia sair. Assim, na quarta feira, 19, dirigiu á soberana uma carta em francez cuja traducção é a seguinte:

« Quando hontem á noite voltei do paço, o meu hospede me communicou, por ordem expressa do principe, uma novidade para a levar esta manhã com a maior diligencia ao conhecimento de V. M., porque se não surprehenda, quando o marquez de Gouvêa lhe for fallar, como irá hoje, antes ou depois do meio dia. Eis o caso. Estando o meu companheiro em casa de mr. de la Coste [1] com o conde da Torre, e Pedro Fernandes Monteiro, entre todos foi exposto que havia noticia certa, por intermedio de Pedro d'Almeida, pequeno valido do rei, e tambem por um criado do paço chamado Monteiro, que o mesmo rei resolvêra e queria absolutamente fazer escrivão da puridade, e pôr no logar do conde de Castel-melhor, ou o marquez de Gouvêa, ou o conde de S. João. Primeiro déra esse gosto e essa esperança ao marquez, mas depois pelas boas recommendações de Castel-melhor, ha muito tempo, como é sabido, reconciliado com o conde de S. João, inclina-se e quer, tanto quanto póde, ao segundo, porque, diz, o primeiro é molle, e um pouco estupido, e o segundo, bravo e generoso, não deixará fallar o mundo. Entretanto o marquez de Gouvêa ignora a inclinação do rei ao conde de S. João, e porque se fia nas primeiras palavras que o rei lhe disse, crê que brevemente deve ir occupar aquelle logar, e por isso deve procurar hoje S. M. e depois o principe.

« A opinião do principe, conforme o parecer unanime dos tres, que ácerca d'isso consultou, é:

« 1.º Que isto é um artificio manifesto do conde de Castel-melhor, para conservar o logar, pondo-o nas mãos d'um d'aquelles dois homens, com os quaes deve infallivelmente estar d'accôrdo.

« 2.º Que ainda que elle principe deve esperar tudo do conde de S. João, porque é seu camarista, e amigo intimo do conde da Torre, entretanto não o devia preferir a qualquer outro, porque um e outro seriam instrumentos do conde de Castel-melhor que os quer introduzir, e lançaria por terra todos os bons designios que havia para a reforma do governo, e sua entrega á rainha e ao principe, que seriam, como já foram, mais ou menos mas sempre dependentes de quem com plenos poderes succedesse ao conde de Castel-melhor.

« 3.º Que é preciso, quanto ser possa, impedir a execução d'este designio como mui prejudicial ao bem publico, e aos interesses communs e particulares da rainha e do principe.

« Aqui está o seu primeiro pensamento.

« Depois d'isto deseja o principe que a rainha, estando ao facto do que se premedita, prepare resposta para quando o marquez de Gouvêa lhe for fallar; e lhe faça saber a resposta que S. M. quer que S. A. dê ao mesmo marquez.

« Prometti ao meu hospede, que esta manhã communicaria a S. M. quanto elle me dizia da parte de S. A., mas que não me parecia dever S. M. dictar ao principe o que elle devia responder, porque, além do mais, já elle está determinado a dizer ao marquez que não soffrerá nunca, que nenhuma pessoa, que não seja a rainha, governe immediatamente com o rei; e se SS. MM. lhe quizerem dar alguma parte no governo, elle se contentará sempre com a que lhe quizerem dar, contentando-se mesmo de não ter nenhuma se assim o julgarem, com tanto que os povos tenham a consolação de se verem governados pelos seus legitimos senhores, e não por outros, que não supportarão mais.

« Quanto á resposta que S. M. deve dar ao marquez, disse eu, que ella dependia totalmente da prudencia de S. M., que em tudo o que faz sempre falla e obra como um anjo: que S. M., segundo eu pensava, não podia nem devia suppor firme a resolução do rei, declarada pelo marquez de Gouvêa, e dizer abertamente e com a liberdade com que o principe o podia fazer, que não approvava tal maneira de governo, porque parecêra que o fazia para o haver a si, contra todas as intenções do rei, que assaz se tem declarado segundo as inspirações do conde de Castel-melhor; mas que S. M., sem se declarar d'outro modo, podia dizer ao marquez:

« 1.º Que se tal logar devesse ser provido n'alguma pessoa, nenhuma mais que a d'elle considerava digna de o occupar, já pela estima que professava pela sua probidade e bom proceder, já pela confiança que tinha, que elle se não haveria com ella como o conde de Castel-melhor.

« 2.º Que tendo o conde, antes da sua partida, dito a todo o mundo e escripto depois, que era conveniente acabar com o cargo de escrivão da puridade, pedindo a S. M. que sollicitasse isto junto ao rei, ella julgava agora coisa mui perigosa e mui odiosa para elle marquez de Gouvêa querer acceital-o, e governar immediatamente, como o conde de Castel-melhor fizera.

« 3.º Que ainda que por si nunca pretendesse governar, como falsamente o conde de Castel-melhor fizera persuadir ao rei, nem ainda pretendia senão o que el-rei lhe quizesse dar; entretanto, não po-

[1] O principe: pseudonimo usado entre os do seu partido.

dendo ignorar que não só o conselho, mas tambem a nobreza e o povo, queriam que ella ajudasse o rei a governar com o seu conselho, não sabía elle como se receberia no publico o que o marquez lhe communicava, e se o principe, para quem se olhava para o mesmo fim, ficaria contente, e não haveria novas bulhas.

« 4.º Que se o rei, pelos bons conselhos que ella acreditava lhe dariam, quizesse dar-se ao incommodo de governar por si mesmo, e de se servir dos seus conselheiros e d'ella, nada pouparia para o alliviar, e quereria servir-se d'elle marquez de Gouvêa mais immediatamente, e com mais confiança que de nenhum outro, para lhe dar todo o apoio de que elle necessitasse além do do rei.

« S. M., que em todas as coisas vê mais claramente e mais ao longe, que todos aquelles de quem podéra tomar conselho, verá o que se deve fazer, melhor que um ignorante como eu lhe podéra suggerir com todo o meu zêlo.

« Esquecia-me dizer que mui bem se notou hontem á noite, na conferencia em casa do principe, que se se fosse obrigado escolher um dos dois propostos, sería melhor o marquez de Gouvêa que o conde de S. João, porque além do conhecimento intimo e particular que tem de toda a intelligencia e união feita entre mr. Martin [1] e mr. de la Coste, e a gente de um e d'outro, lhes daria n'este cargo muitas vantagens, que o outro não póde dar.

« Crê-se, porém, que nem um nem outro podem alcançar o fim, e dizem estar bem resolvidos a lh'o impedirem, apressando por isso a convocação dos Tres-Estados. A rainha, entretanto, me fará, se for do seu agrado, saber o que é de vontade de S. M. que eu responda ao principe, tanto ácerca da resposta que dará ao marquez de Gouvêa, como do que deseja que o principe diga e faça, pela sua parte, ao mesmo marquez.

« Pareceu-me bom que o meu companheiro, que expressamente envio a S. M., já que não posso ir eu proprio, por causa do uso de remedios em que estou, na passagem levasse esta carta a mr. de Verjus, para que, a respeito d'ella, elle escrevesse a S. M. a sua opinião. Pois vejo o principe inteiramente resolvido a não consentir que, depois do conde de Castel-melhor, outra pessoa, que não seja a rainha, occupe aquelle cargo, a qual depois, segundo elle diz, lhe dará a pequena parte que quizer; é minha opinião que agora se lhe deve deixar representar livremente o primeiro papel. Já fui dizendo que, como por muitas razões a rainha não podia fallar ao marquez de Gouvêa com tanta força e liberdade como elle principe podia e devia fazer por causa dos proprios interesses d'ella, a elle tocava, sem por isso dar a entender nenhum motivo de intelligencia, já que o marquez assim o queria, dissuadil-o de acceitar este cargo: e, como eu ponderei que se elle o recusasse ficaria logar ao conde de S. João para o acceitar, responderam-me, que lh'o impediriam melhor que ao marquez de Gouvêa; que ainda assim valia muito mais, para todos os interesses da rainha, que o conde, que, por mais que digam, seria não só mais util, mas mais agradavel ao principe e á sua gente, do que o outro.

« Tambem envio a S. M. copia da carta que escrevo ao marquez de Sande, sobre a residencia no Pombal, a fim de que, se S. M. a approvar, mr. de Verjus, a quem a mandei esta manhã, a expessa.

« Peço mil perdões a S. M. por lhe escrever uma carta tão grande e tão mal digerida, esperando da sua bondade me desculpe, pelo meu zêlo e estado em que sabe que estou hoje. — Outubro 19 — 1667. »

[1] A rainha: pseudonimo usado entre os do seu partido.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS ESCUSADOS

Um assignante d'este jornal, que diz prezar-se de fazer toda a diligencia por escrever o portuguez sem mancha de gallicismos escusados, nos manifesta o desejo de que quando apontarmos esses taes gallicismos escusados, e portanto reprehensiveis, tomemos tambem o trabalho de transcrever o exemplo do auctor classico, onde venha o vocabulo ou phrase equivalente, para inspirar maior confiança aos principiantes.

Ora isto mesmo é que nós temos feito, sempre, n'estes breves estudos da lingua materna. E apenas o artigo a pag. 256 do num. 32, em que tratámos do substantivo *detalhe* e seus derivados, como gallicismos escusados, não trouxe exemplos, porque foi necessario fazer-lhe um córte quando se compaginou, para poder entrar a estampa com que fecha esse numero.

Mas hoje deferindo ao requerimento do nosso estudioso assignante, poremos aqui os exemplos que então se omittiram.

No citado numero apontámos todos os equivalentes que temos em portuguez, para escusarmos os gallicismos *detalhe, detalhar, detalhado, detalhadamente, em detalhe* etc.; e os exemplos que ora nos occorre são os seguintes:

Assim o refere, com todos os seus *pormenores* (gal. *detalhes*) o *Vitas Patrum*. — *Padre Manuel Bernardes.*

Quem mais *por menor* (gal. *detalhadamente*) quizer saber o caso, leia a chronica da nossa ordem. — *Fr. Luiz de Sousa.*

Não posso encarecer a v. s. quanto estimei a relação *por menor* (gal. *detalhada*) do exercito. — *Padre Antonio Vieira.*

Esperam-se as *particularidades* (gal. *os detalhes*) da batalha no correio seguinte. — *O mesmo classico.*

Se houvermos de escrever *por menor* (gal. *em detalhe*) as particularidades (do que tem Portugal) era processo largo. — *Jorge Cardoso.*

Parece-nos que todas estas citações são sufficientes, para sentenciarmos que taes gallicismos são escusados, porque temos palavras equivalentes, mais proprias e communs, para nos exprimirmos em bom portuguez.

Na linguagem militar é que legitimamente se admittiu o *detalhe* e *detalhar*, pelas razões já dadas por D. Francisco de S. Luiz.

CHARADA

Co'as minhas primeiras duas,
D'onde uma crença é formada,
Contra a fé, a cruz e a espada,
Vibro o alfange e as meias luas.

Depois com as duas segundas
Cruz e fé adoro e exalto,
E abençôo do mais alto
As miserias mais profundas.

Com as quatro um todo abraço,
Vulgar hoje, outr'ora ingente,
Que foi christão pela mente,
Que foi pagão pelo braço.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Estatua de Geoffroy Saint-Hilaire

Ha nomes, nos fastos da sciencia e nos annaes da humanidade, que todos devemos conhecer e transmittir, com amor e acatamento, a nossos filhos.

Um d'estes é o do sabio e virtuoso naturalista francez Geoffroy Saint-Hilaire, o creador da zoologia moderna.

Verdadeiro typo do homem sabio, resplandeciam e admiravam-se n'elle tanto os dotes da sciencia como os da moral. Reunia todas as virtudes das differentes edades do homem: a simplicidade e alegria da infancia; a confiança, a generosidade e dedicação da juventude; a perseverança, o amor do trabalho e do proximo da edade madura. E na velhice conservou tudo quanto recebêra da natureza, quanto havia adquirido pela força da vontade, a que elle juntava, por coroa da realeza do seu genio, a dignidade affectuosa do saber, a benevolencia que anima e attrahe, a serenidade religiosa que concilia o respeito; deixando ao mundo, com os livros de sciencia que publicou, um dos mais perfeitos e honrados typos do homem sabio d'este seculo.

Estevão Geoffroy Saint-Hilaire nasceu a 15 de abril de 1772, na cidade d'Étampes. Seu pae era jurisconsulto e homem de boas letras, mui estimado por Malleherbes. Sua avó conservára até á extrema velhice grande actividade de espirito, e constante applicação

á leitura. Foi ella quem excitou o talento de seu neto, lendo-lhe e contando-lhe muitas lendas e narrativas que vivificaram a sensibilidade, a imaginação, e o amor natural do bem e do bello que na edade viril tanto afamaram este sabio naturalista.

Muitas vezes lhe fallava ella de tres Geoffroys, seus parentes, que no seculo XVII tinham sido socios da academia das sciencias. Um dia que a avó repetiu isto a seu neto com mais intimativa de satisfação, exclamou Geoffroy: Tambem eu quero ganhar celebridade como elles! Mas que hei de fazer?

— Quereres com vontade firme, lhe respondeu a boa da velha. Tens o mesmo appellido que elles; faze o que elles fizeram.

— Pois bem, minha avó, ajudae-me vós.

Então esta insigne mulher deu ao neto um livro, d'onde quasi todos os grandes espiritos dos dois ultimos seculos tinham haurido uma parte da sua força moral, as *Vidas dos homens Illustres*, de Plutarco. Estas excellentes paginas, que ensinam a amar a virtude, a sciencia e a gloria, inflammaram logo o engenho d'este rapazito. Tinha apenas 11 annos!

Dentro em pouco tempo se conheceu que era necessario applical-o a estudos superiores. Entrado no collegio de Navarra, ahi passou a adolescencia, seguindo depois o curso de direito, e ultimamente o de medicina.

Como, porém, a sua vocação irresistivel fosse para as sciencias naturaes, entrou como porcionista para o collegio do cardeal Lemoine, e ahi travou intima amizade com o regente, que era o modesto e affavel mancebo que acabava de crear a cristallographia, o padre Haüy.

Ao mesmo tempo frequentava elle o jardim das Plantas e o collegio de França. Um dia Daubenton, lente de mineralogia d'esta ultima eschola, e mestre do nosso Brotero, tendo-lhe feito, no fim da aula, algumas perguntas, admirado da muita sciencia que o estudante revelára, exclamou:

— Vós sabeis mais do que eu!

— Sou apenas o ecco de M. Haüy, respondeu modestamente Geoffroy Saint-Hilaire.

A famosa revolução franceza, os terrores da Europa colligada, e as discordias civis, dispersaram por algum tempo estes pacificos ajuntamentos de professores e de estudantes.

No mez de agosto de 1792 foi preso o padre Haüy com outros sacerdotes, por não querer prestar juramento. Apenas Geoffroy o soube, voou a casa de Daubenton, e successivamente á dos outros socios da academia das sciencias, supplicando-lhes com vivas exhortações, que por espirito de corporação, e a bem da propria dignidade, houvessem de intervir no caso, e alcançar ordem de soltura para o seu collega, o que facilmente conseguiu. Sobreveiu, porém, um obstaculo imprevisto; Haüy tinha levado para a cadêa a collecção dos seus mineraes, e porque estava tranquillamente á pôl-os em ordem, não quiz saír sem acabar a tarefa! Ficou para o dia seguinte. Todos sabem o que havia a receiar da demora de vinte e quatro horas, n'aquelles dias de terror.

Cuvier contou isto maravilhosamente na sessão solemne da Academia, em que pronunciou o elogio do padre Haüy. O auditorio rompeu unanime em applausos; e um dos espectadores, cortando por entre a multidão, foi lançar-se nos braços de Geoffroy Saint-Hilaire, exclamando: « Meu amigo! alma, coração, genio, tudo vós possuis! » Este homem era o general Foy.

Não fôra só esta a prova de dedicação dada por Geoffroy aos seus amigos, n'aquelle tempo. Outros professores dos collegios de Navarra e do Cardeal tinham sido presos na egreja de S. Firmino. Geoffroy, obtendo o diploma e as insignias de um inspector das prisões, foi-lhes fallar a 2 de setembro, por entre os tumultos d'este infausto dia, avisando-os de que se queriam escapar á morte certa, o acompanhassem immediatamente. Recusaram elles, com o pretexto de que, descoberto o disfarce depois da sua fuga, ficaria em maior risco a sorte dos outros presos. Achando razoavel a objecção, esperou Geoffroy que anoitecesse, deitou uma escada ao muro da prisão, e por ella conseguiu salvar doze padres que lhe eram desconhecidos. Quando estava ajudando a descer o ultimo, ouviu um tiro, e uma bala lhe perfurou a manga da casaca. Foi com a mesma temeridade, e sem receio da morte, que elle depois salvou a vida de Lacépède, a de Daubenton, e refugiou em sua casa o arcebispo de Paris, durante a revolução de julho de 1830.

Recommendado ao veneravel professor Daubenton, por Haüy, n'estes termos, « Amae, ajudae, adoptae o meu joven libertador », Geoffroy obteve em 1793 o humilde logar de guarda e demonstrador do gabinete zoologico do jardim das Plantas. Mas n'esse mesmo anno, tendo um decreto da Convenção dado ao jardim o titulo de museu, e elevado a doze o numero das cadeiras que até alli eram só tres, Daubenton propoz Geoffroy para uma das de zoologia.

Esta sciencia estava então em principio, ou, para melhor dizer, era uma sciencia nova. Geoffroy, que tinha apenas vinte e um annos, hesitou em acceitar a cadeira. Mas Daubenton, que previa a vastidão d'aquelle genio, animou-o com vigorosas exhortações: « Tenho sobre vós a auctoridade de pae, lhe disse, tomo eu a responsabilidade da nomeação. Ainda ninguem ensinou zoologia em Paris; está por nascer. Tentae vós esta empreza, e fazei com que d'aqui a vinte annos se possa dizer: *a zoologia é uma sciencia franceza.* »

Dito isto, o joven professor foi alojado por este digno mestre n'uma casinha do museu, cercada de verdura, onde elle passou toda a sua vida, onde morreu, e onde vivem ainda hoje sua viuva e os seus filhos.

Quando Geoffroy abriu o curso, a 6 de maio de 1794, seu pae foi um dos ouvintes, e quem tomou as notas com que o filho redigiu depois as quarenta lições que deu ao prelo.

Um dia chegaram ao jardim das Plantas tres jaulas de feras, enviadas pela policia, com ordem de as elle pagar a seus donos. O museu não era rico, e só uma das jaulas custava tres contos de réis. Geoffroy não ousou tomar tal responsabilidade; mas excedendo as suas attribuições, acceitou as feras, deu aos proprietarios d'ellas o logar de guardas, e pouco tempo depois obteve os meios necessarios para realisar a compra. Tal é a origem da *ménagerie* do *Museum* de Paris.

Alguns annos depois recebeu elle de um amigo velho da sua familia, o agronomo Tessier, refugiado em Normandia, uma carta de protecção para um rapaz, então desconhecido, chamado Jorge Cuvier, mestre do filho de mr. d'Héricq. Para apoiar a sua recommendação, Tessier enviava com a carta algumas memorias feitas pelo seu recommendado. Geoffroy leu os manuscriptos, e reconhecendo n'elles o talento do auctor, escreveu immediatamente a Jorge Cuvier o seguinte: « Vinde, vinde tomar o logar de Linneo, do legislador da historia natural. » Cuvier poz-se logo a caminho, e Geoffroy recebeu-o como irmão.

Os dois mancebos, differentes na aptidão, mas eguaes no genio, começaram a trabalhar em commum com muito ardor; trabalho que lhe era recompensado pelos resultados imprevistos, prodigiosos, que só se podem esperar na origem ou renascimento das sciencias. Cada avanço nos seus estudos apertava mais os laços da amizade que os tinha ligado.

Um d'elles disse: «Não almoçaremos nunca sem ter feito algum descobrimento.» E assim foi por muito tempo.

Apesar d'isto, algumas pessoas julgaram prudente advertir a Geoffroy que desconfiasse de Cuvier, como de um rival temivel. Em vão. Cuvier, no auge da sua celebridade, e proximo á morte, prestou solemne testimunho ao bom coração de Geoffroy, n'estas palavras, lidas á academia por Flourens: «Tentaram fazer-lhe acreditar que me não devia proteger, porque em breve teria eu só a gloria dos nossos trabalhos communs; mas este excellente homem me confessou francamente, que tal conselho o infelicitaria para sempre, e que não haveria força humana que o obrigasse a separar-se de mim.».

Fôra longo mencionar todos os trabalhos d'este famoso naturalista, tanto na França como no Egypto, onde esteve quatro annos, e deu provas da energia do seu caracter, durante as guerras de Napoleão, sobre tudo quando recusou entregar aos inglezes vencedores as riquezas scientificas da commissão que lhe fôra incumbida. «Não, replicou elle ao commissario inglez, não, não obedecemos; preferimos queimar por nossas mãos estas preciosidades! Buscaes a celebridade, pois bem! a historia vos recordará. Tereis queimado tambem uma bibliotheca em Alexandria.»

São bem sabidos todos os titulos que recommendam Geoffroy Saint-Hilaire á posteridade. Ninguem ignora que foi o auctor da *philosophia anatomica*, e que, á custa de longas e perseverantes experiencias sobre as analogias que existem na organisação de uma infinidade de seres, dissimilhantes na apparencia, proclamou elle a unidade de composição como lei primaria e capital de todo o reino animal. Fez ver que no meio das variações innumeraveis das disposições accessorias, ha no essencial o mesmo plano fundamental no corpo de uma ave, de reptil ou de peixe, que no corpo do cavallo ou do homem; que para a constituição do homem, e de todos estes animaes, a natureza usa dos mesmos materiaes similares; e que, em fim, a unidade na concepção creadora se liga sempre á variedade dos pormenores de execução.

Por principal adversario d'esta doutrina, teve elle o seu amigo Cuvier. Quando Geoffroy publicou os *Principes philosophiques de l'unité de composition*, Cuvier annunciou uma obra intitulada: *De la variété de composition dans les animaux*. E por muito tempo ambos estes grandes naturalistas participaram da admiração e voto de todos os amigos da sciencia, não só da França, mas da Europa inteira, durante esta memoravel lucta. Conta-se que um dos maiores genios da Allemanha, Goëthe, que apesar de poeta era tambem sabio, se enthusiasmára com a these de Saint-Hilaire. Encontrando um amigo, em julho de 1830, lhe perguntou com vivacidade: «Sabeis quaes são as ultimas noticias da França? Que vos parece este grande acontecimento? O volcão rebentou, é tudo chammas! É com effeito, lhe respondeu o amigo, uma revolução espantosa; vão expulsar a familia real. Não é isso, exclamou Goëthe, trata-se de outro throno e de outra politica. Fallo da sessão da academia das sciencias de Paris; foi ahi que rebentou a verdadeira revolução, a revolução do espirito humano.»

Regressando do Egypto, Geoffroy Saint-Hilaire recusou um logar de prefeito que o primeiro consul lhe offereceu. Não quiz nunca, por nenhum preço, desertar do campo da sciencia.

Em 1807 foi eleito socio da academia e depois nomeado professor de zoologia da faculdade de sciencias, quando voltou a França da sua viagem a Hespanha e Portugal, por ordem do governo, a fim de enriquecer as collecções do museu.

D'aqui por diante, toda a sua vida foi consagrada ás sciencias naturaes. Os seus mais perseverantes esforços tiveram por alvo o systema da unidade na organisação dos seres, que antes d'elle apenas tinha sido entrevisto por Buffon, Vicq d'Azyr e Camper.

De Allemanha e de Inglaterra vinham muitos sabios a Paris ver o illustre chefe da nova eschola. Os estudantes das mais remotas universidades sollicitavam a honra de lhe serem apresentados. Recebia-os elle com affabilidade, dando-lhes todas as explicações que desejavam, respondendo a todas as suas objecções, e tomando n'estas discussões o calor da sua mocidade.

Aos 68 annos tinha já a vista mui gasta; mas n'um dia de julho de 1840, pegando n'um livro para ler, notou que não via as letras; ferira-o a maior desgraça que póde acontecer a um naturalista, estava cego! Á cegueira seguiu-se a paralysia. N'este deploravel estado ainda era aprazivel ouvil-o. Dictava cartas admiraveis e cheias de piedosa resignação. A um dos seus amigos escreveu elle por este tempo: «Conversemos no occaso da vida como ambos o faziamos na aurora. A edade retem-nos o corpo enfermo em casa, mas o coração não conhece prisões. Deus quiz dar-me esta doença para moderar os excessos da minha mais viva satisfação... Sejamos gratos aos beneficios da Providencia.»

O dia 19 de julho de 1844 foi o ultimo da sua vida. Morreu tranquillamente. Tinha 72 annos. Pouco antes havia dito á sua filha, abraçando-a a soluçar: «Vamos separar-nos, mas tornar-nos-hemos a ver.»

Em quanto jazeu no leito da dor, diz o grande chimico Dumas, todas as suas palavras respiravam benevolencia e satisfação interna. Procurava com as mãos os seus amigos e quantos o rodeavam, para lhes agradecer e os abençoar. A sua alma, tranquilla e risonha, enfraquecia-se com suavidade, recolhendo-se n'uma consciencia immaculada.

Cegou como Galileo, pondera Edgard Quinet, mas nem por instantes o desamparou a sua natural serenidade. Sorria ainda ás maravilhas do ceo e da terra, que elle comprehendia, descobrira e via com os olhos da alma. Conhece-se n'esta paz de espirito incrivel, o homem que tem a consciencia das leis e do plano occulto do Creador. Saint-Hilaire fôra iniciado nos segredos da Providencia, e d'este espectaculo lhe provinha a quietação do justo. É esta a santidade da intelligencia.

O seu funeral testimunhou o respeito universal que elle tinha inspirado. Perto do cemiterio do Père-Lachaise, os empregados do jardim das Plantas o desceram do coche, e levaram á mão até á sepultura. Ahi, de pé, o veneravel Lakanal, octogenario, um dos ultimos sobreviventes da Convenção, recordou que cincoenta annos antes, sob proposta sua feita áquella assembléa, Geoffroy Saint-Hilaire fôra nomeado professor do museu de historia natural; Duméril, em nome da academia das sciencias; Chevreul no do museu; Dumas, por parte da faculdade das sciencias, onde Geoffroy tinha professado; Pariset, pela da academia das sciencias; Serres, em nome da amizade; e Edgard Quinet, representante da mocidade reconhecida, proferiram notaveis discursos que foram piedosamente recolhidos pela familia do finado.

Uma rua proxima ao jardim das Plantas recebeu pouco depois o nome de Geoffroy Saint-Hilaire.

A 22 de março de 1852, M. Flourens, secretario perpétuo da academia, recitou em sessão publica o elogio d'este illustre sabio. Numerosos applausos saudaram todos os periodos em que se commemoravam as qualidades moraes e as virtudes domesticas de Geoffroy. O seguinte foi um d'elles.

«Saint-Hilaire não vagava dos seus trabalhos senão

para as affeições domesticas. Ninguem as gozava melhor nem se entregava a ellas com maior expansão. Desde os mais ternos annos conhecêra no filho querido o alto espirito a quem poderia confiar a gloria do seu nome, e o deposito das suas doutrinas. [1] Vêde, dizia elle em certo dia a um amigo, vêde se não sou feliz. Eis os thesouros de meu filho. Dizendo isto abriu um armario onde o mancebo tinha religiosamente colligido tudo quanto se havia publicado a respeito das obras de seu pae. »

A cidade de Étampes, sua patria, deu logo a uma das suas praças o nome do homem que tinha derramado sobre ella parte da sua gloria, e sido seu representante na camara dos cem dias. Consagrou tambem o dia do seu nascimento em uma inscripção de marmore negro sobre a porta da casa paterna. Resolveu além d'isso levantar-lhe um monumento. O insigne estatuario David d'Angers havia-se proposto fazer-lhe uma estatua de bronze. A morte porém arrebatou-o antes d'elle ter concluido a obra. Mas um dos seus melhores discipulos, tambem natural de Étampes, Elias Robert, offereceu-se para lhe esculpir uma estatua de marmore. Acolhida a proposta, e feita a estatua, depois de exposta durante o mez de agosto de 1857 em Paris, diante d'uma das portas do Louvre, em frente do Instituto, foi inaugurada em Étampes a 11 de outubro seguinte. Um numeroso concurso de sabios, professores, parentes e amigos, assistiu a esta solemnidade, onde se proferiram novos elogios, primeiro pelo prefeito do departamento e pelo *maire* da cidade; e depois por Duméril, Serres, Milne Edward, Miguel Levy, e Joward, antigo collega de Geoffroy Saint-Hilaire na expedição do Egypto.

Tinham já decorrido treze annos depois da morte do egregio naturalista; a acção do tempo havia attenuado a intensidade da pena, mas parecia que o respeito e a admiração a tinham engrandecido. Todos os discursos exprimiam os mesmos sentimentos, e tinham a mesma elevação dos de 11 de outubro de 1844.

[1] Isidoro Geoffroy Saint-Hilaire, successor de seu pae na cadeira do museu de Paris.

O MANGOTE

Esta ave é tambem uma d'aquellas a quem o vulgo, pela desconhecer, attribue configuração de homem e de bruto ao mesmo tempo.

N'um diccionario francez-portuguez se lê esta ridiculissima definição: «*Pingoin* (mangote) especie de ave aquatica do Oriente; é do feitio de homem, de passaro e de peixe: tem dois pés, e não tem pernas.»

E todavia, quasi ao mesmo tempo que este lexicographo definia, tão monstruosa como parvoamente, o mangote, escrevia o nosso douto Brotero o seguinte:

«O mangote, a que alguns ornithologistas francezes chamam *pingoin* ordinario do norte, por habitar os mares frios e até os gelados do hemispherio do norte, é mui similhante na sua conformação aos denominados *pingoins* do sul pelos inglezes, e *manchots* pelos francezes; mas elle tem mais pennas verdadeiras nas azas do que os mangotes: é um tanto menor do que os patos domesticos; tem a parte superior do corpo negra, o peito e o ventre brancos, quatro regos no bico, e d'este até ao olho uma linha branca.»

Na exacta descripção que vamos fazer d'este singular palmipede, se achará a razão por que alguns indoutos, e entre elles o já citado diccionarista, lhe suppozeram figura humana.

O mangote, ou cotete, como tambem lhe chamam, é antes semiave do que uma ave completa. Pertence aos climas do mar Pacifico, e quanto mais os navegantes se adiantam para o polo, maior quantidade encontram d'estas aves. Tem o mangote pouca differença da torda mergulheira do norte, com a qual muito tempo o confundiram; porém distingue-se, especialmente, pelo vestido, porque esta não tem pennas, mas umas plumulas oblongas espessas, duras e lustrosas, e tão juntas umas ás outras, como as escamas dos peixes. Esta especie de coiraça, e a camada de gordura que a envolve, lhes é absolutamente necessaria para resistir ao frio, visto que esta ave vive continuamente dentro de agua, e confinada especialmente nas zonas frias e temperadas.

Em terra é o andar do mangote pesado e lento; para caminhar e suster-se nos pés, que são mui curtos, e lhe ficam mesmo na extremidade do corpo, assaz volumoso, tem de se erguer em linha perpendicular; e n'esta postura, visto de longe, parece, diz certo viajante, um rapazito com avental branco.

Foi certamente d'esta graciosa comparação do viajante, que o nosso diccionarista tirou a definição que já copiámos. O mangote não tem azas, mas unicamente uns côtos, estendidos, em fórma de barbatanas, por uma membrana, e á vista parecem cobertos de escamas. D'este modo o mangote é uma ave sem azas e sem pennas.

A singular conformação d'esta ave é que tem suscitado as opiniões e estudo de varios naturalistas. Conhecem-se duas especies: o mangote preguiçoso, e o mangote implume.

Fóra d'agua é o mangote tropego e desestrado, mas nadando é airoso e veloz, porque tem todos os orgãos aptos para a natação; os pés são grandes, e completamente palmares, isto é, com a membrana que reune os dedos estendida até á raiz das unhas. Quasi nunca sáe da agua; seu verdadeiro elemento, porque, habitando as latitudes geladas, onde nem sequer no estio ha vegetação, tem que sustentar-se de molluscos, e dos peixinhos que formigam pelas costas do mar; só vem a terra para dormir, estando horas inteiras em pé apoiado no uropigio, e completamente immovel. A femea não faz ninho, a sua postura é no antro das rochas, e choca unicamente um ovo de grande volume. Os mangotes são mui sociaveis entre si; as femeas estão no choco ao lado umas das outras.

Certo viajante inglez, n'uma viagem ás regiões polares, diz que os marinheiros do seu navio apanharam nas costas da Groenlandia mais de cem mil ovos de mangote. Esta somma é provavelmente exaggerada; mas o certo é que os ovos de mangote são excellentes, mui nutritivos, e por muitas vezes tem salvado as tripulações dos navios, retidos pelo gelo, de morrerem á fome por não haverem outro alimento n'aquellas paragens. A carne d'esta ave não é má para comer; todavia só em ultimo caso, e quando já não tem ovos, é que os marinheiros lançam mão d'ella.

De vez em quando apparecem d'estas aves nas costas de Inglaterra e de Hollanda, e algumas vezes na de França, o que é indicio infallivel de inverno rigoroso.

CONQUISTA DE ORMUZ

(Vid. pag. 281)

Se o globo do mundo se houvesse de reduzir a um annel, a pedra d'elle seria Ormuz.

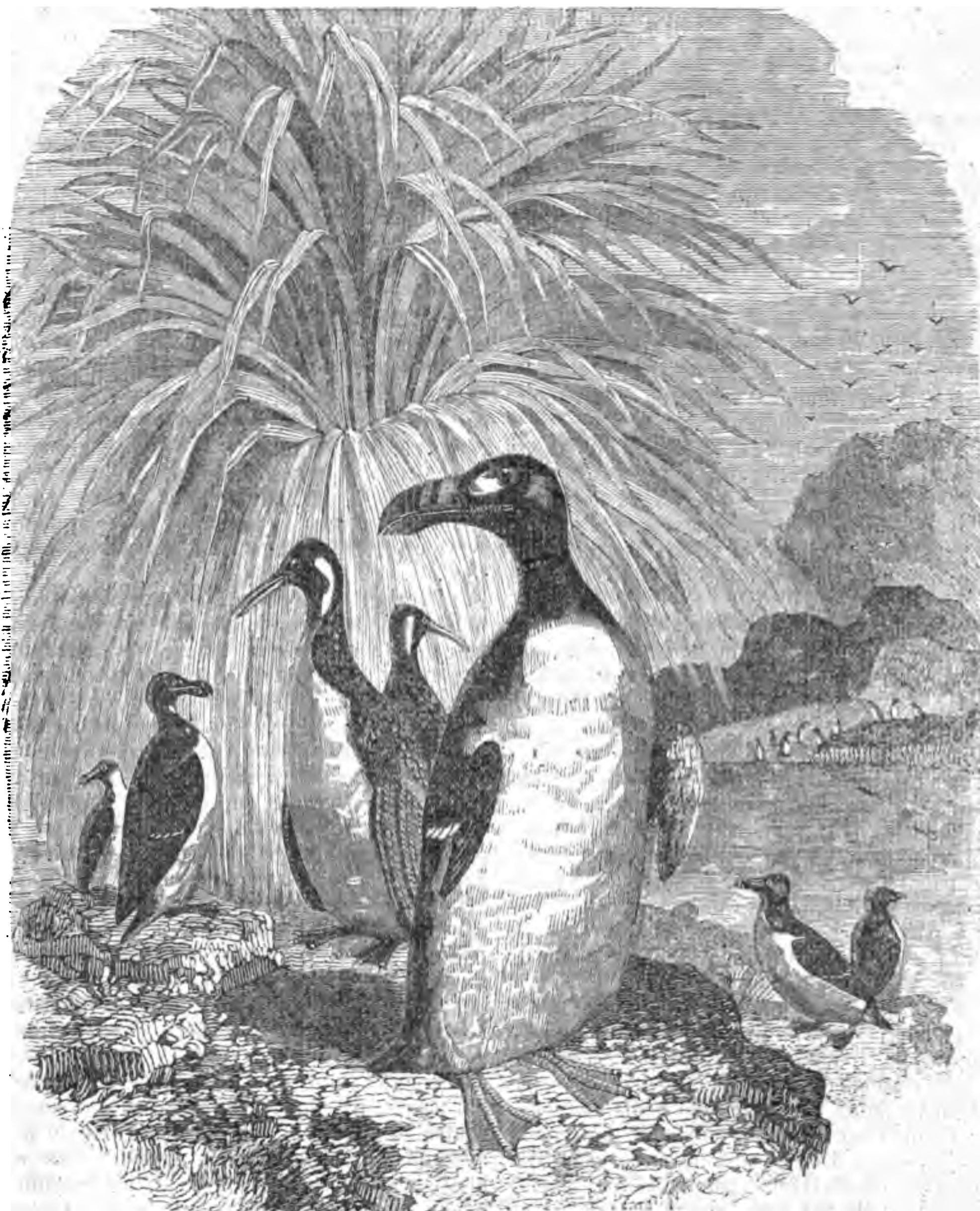
PADRE VIEIRA

Antes de pormos termo á narrativa dos trabalhos que passou Affonso de Albuquerque na conquista de Ormuz, e sobre tudo na obra da fortaleza cujo desenho publicámos no antecedente numero, digamos

que reis cegos eram os que elle achou n'aquella ilha, e mandou para Goa, com muito resguardo e bom tratamento.

Todos os historiadores da India fallam de uns treze reis cegos que Affonso de Albuquerque achou em Ormuz, quando tomou este reino, os quaes remetteu para Goa, como já se disse. O proprio Gaspar Corrêa, que os viu, não é mais explicito a similhante respeito; apenas Diogo do Couto na decada v diz com individuação o seguinte:

«E primeiro que passemos d'aqui, será bem que soltemos a duvida dos treze reis cegos que João de Barros diz que Affonso de Albuquerque mandou para Goa, dos quaes se não falla no catalogo que trouxemos de todos os reis de Ormuz, nem houve em algum tempo cegar-se rei algum, para outro lhe tomar o reino depois de ser já rei. E inquirindo nos isto bem, achámos que nenhum dos cegos foi rei, mas foram irmãos e primos coirmãos, filhos de Magcud, Xabadim, Xargol e Xanés, d'aquelles quatro



O mangote

irmãos, filhos de Torunxa, que todos reinaram uns após outros; porque costumavam aquelles reis, tanto que succediam, cegarem aos irmãos, primos e parentes que podiam ter pretenção ao reino; e cegavam-n'os com uma pasta de metal tirada do fogo, ardendo e passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagava a vista, ficando-lhes os bogalhos claros e inteiros, o que faziam para se não recearem d'elles; e tantos reis cegos não podiam succeder em tão pouco tempo, achando-os elle todos vivos.»

«E nós achámos homens em Goa que se lembravam ainda de dois d'estes cegos, de que alguns governadores se descuidaram tanto, que chegaram a pedir esmola; e affirmava-nos um cidadão antigo, nobre e fidalgo, que vira um d'elles no terreiro da Misericordia de Goa, debaixo de uma arvore, que antigamente alli estava, que, como outro Belisario, pedia esmola, dizendo: *Dae esmola a este a quem cegaram para lhe tomarem o reino.*»

Aclarado este ponto, prosigamos:

«Affonso de Albuquerque, depois de ter posto a fortaleza em auge de se poder defender, a mandou artilhar. Para isto obrigou os de Ormuz a darem-lhe toda a que tinham enterrada e escondida, a saber:

cento e quarenta peças, sendo trinta camelos e as mais esperas, falcões e berços grandes.

Tendo pór esta occasião chegado do reino Nicolau Ferreira, que, da parte do rei de Ormuz, viera com uma embaixada á el-rei D. Manuel, Affonso de Albuquerque passava as noites praticando com elle sobre as coisas do reino, e perguntando-lhe que dizia el-rei d'elle Affonso de Albuquerque, Nicolau Ferreira lhe disse que el-rei fallava do seu governador com tanto gosto e tantos louvores, que dizia ser de razão o mandal-o ir para o reino, e dar-lhe descanço em um condado, e estar sempre com elle para lhe dar conselho nas coisas da India. Affonso de Albuquerque entristeceu-se muito com a noticia, dizendo: — Não ha honra em Portugal que seja egual á governança da India. Póde em Portugal haver descanço de trabalho do corpo; mas o meu corpo que dias póde viver para gostar de descanço? E que mór póde haver para mim que acabar meus dias, que já serão mui poucos, n'estes trabalhos que são os que me avivam os espiritos?

Com estas desconfianças entrou em tal melancolia que não queria fallar mais que a Pedro de Alpoim e aos de sua casa. Caíu doente de cama, pediu confissão e commungou. N'esse mesmo dia mandou vir á casa em que jazia todos os capitães, e lhes disse: «Senhores e nobres fidalgos: eu estou n'este ponto que vêdes, e tenho cumprido com a minha consciencia quanto a Nosso Senhor aprouve. Agora me fica sómente a obrigação que todos temos a el-rei nosso senhor, e de uma hora para a outra me póde faltar esta falla, pelo que convem, em quanto a Deus apraz que a tenha com vossas mercês, aqui ordenar o que me parecer que é serviço de Deus e del-rei nosso senhor.»

Em seguida dispoz quem lhe havia de succéder na governança, e tudo mais que lhe pareceu conducente para segurança de Ormuz, e provimento da fortaleza, da qual fez capitão a seu sobrinho Pero de Albuquerque.

«Isto, diz Gaspar Corrêa, fallava Affonso de Albuquerque com muitas lagrimas, que a todos dava grande paixão; promettendo-lhe que obedeceriam tudo o que elle mandasse para serviço de Deus e del-Rei.»

Depois repartiu os 15 mil xerafins annuaes de páreas que pagava o rei de Ormuz, applicando parte para os ordenados dos officiaes publicos por elle nomeados, e parte para os 400 homens da guarnição da fortaleza, e mantimento da armada que havia de ficar em Ormuz até se acabar a obra.

Como d'esta distribuição apenas sobejassem 3:000 xerafins, os capitães moveram pratica sobre dever o rei de Ormuz pagar mais páreas; ao que Affonso de Albuquerque respondeu, que essas assentára el-rei D. Manuel com Ceifadim, pelo que não podia fazer outra coisa, e ainda que podesse o não faria, porque valiam mais de outros 15:000 xerafins as fazendas dos portuguezes que não haviam de pagar direitos; accrescentando: «Após de nós virão outros que ganharão muito dinheiro n'esta terra, onde nós tanto trabalhámos. Dou muitos louvores a Nosso Senhor por sua grande misericordia e tanta mercê como nos tem feito; porque o fazimento d'esta fortaleza tem custado passante de 200:000 xerafins, e os pagamentos e mercês das gentes outros tantos; e 50:000 que mandei para comerem os pobres que vierem do reino; e 100:000 que D. Garcia leva para a carga, e 50:000 que aqui deixo para resguardo do que cumprir; a demasia que tenho será d'ella o que for de mim. Tudo Deus nos deu por sua misericordia com a mão del-rei de Ormuz, que praza a Deus lhe não seja mal agradecido com lhe querer tirar outros mais; porque cubiçou Lucifer ser tão bom como Deus, por isso caíu nas profundezas.»

Ordenadas assim as coisas de Ormuz, e sendo já o muro da fortaleza todo em roda das amêas, faltando sómente erguer as torres, e, por dentro, fazer os aposentos da gente, na entrada de novembro de 1515, por lhe dizerem que no mar se acharia melhor, se embarcou Affonso de Albuquerque pela sésta, sem ninguem o ver, mandando dizer ao rei de Ormuz lhe perdoasse não se ir despedir d'elle, porque a doença o apertava tanto, que não podéra fazer senão metter-se no mar; mas onde quer que estivesse faria todo o seu serviço; e que alli lhe deixava o capitão Pero de Albuquerque, seu sobrinho, para fazer tudo o que lhe elle mandasse. O rei houve muita paixão de lhe dizerem que Affonso de Albuquerque ia assim doente, e logo lhe mandou muitos agradecimentos, e participar que se tal soubera, o teria ido ver antes de embarcar; e com este recado um barco carregado de frutas sêccas e conservas, e mais outro de refrescos para a gente da sua náu. E no mar se foram todos despedir do grande capitão, o qual com palavras de amor derramou muitas lagrimas. E dizendo-lhe o secretario que não tomasse paixão, que era mal para a sua doença, respondeu: «Eu não posso reter as lagrimas n'este despedimento, que me parece é para sempre.»

Os fidalgos que com elle vinham embarcados, para o distrahirem da melancolia, lhe diziam que seus serviços eram taes, que se el-rei o mandasse ir para o reino, havia de ser para o fazer grande senhor, com titulo de grande honra, em que descançasse dos grandes trabalhos em sua velhice. Ao que respondeu com estas memoráveis palavras, que nos conservou textualmente o seu secretario Gaspar Corrêa:

«Portugal é pequeno, e esses titulos de honras todos tem donos; e ainda que todos estivessem vagos, não ha coisa em Portugal de honra que valha a metade da grandezá da governança da India. E meus serviços, se são taes como dizeis, não tinham mais direita mercê que me deixar acabar estes meus poucos dias assim servindo, e que em meus dias não visse na India outro melhor que eu. Nunca vereis governador da India que em Portugal valha a metade da terça parte do preço que tem na India; e portanto vossas mercês verão o pago que me Portugal dará. E apostarei que se é chegado governador á India, o acharemos já com as mãos mettidas na governança, sem aguardar por mim que lhe désse minha residencia; *porque Portugal não faz governador novo senão para desfazer o velho*. E posto que el-rei o mande com grandes resguardos, o cabo da Boa Esperança tem tal condão, que ao governador que o passa para cá, lhe faz os sentidos tão grandes, que nunca mais lhe lembra se Portugal nasceu no mundo. Eu bem sei que hei de achar contra mim muitos, porque em Portugal *nunca fiz offerendas a nenhum santo*, senão a el-rei nosso senhor, e a sua mulher e seus filhos, porque as primicias da India a elles as mandei; e fiz meu fundamento n'isto, esperando verdadeira salvação, sem querer de ninguem nenhuma ajuda; no que bem sei que errei contra mim, e não a obrigação de meu regimento, porque n'elle el-rei me mandava que primeiro désse aos seus, o que assim fazendo me não ficava para os recommendados dos regentes de Portugal, que acoimarão meus peccados ante el-rei como quizerem, e el-rei ouvirá suas orações mais que minhas offertadas obras, com tantos sacrificios por vossas mercês manifestados.»

Que bem pintado quadro da corte d'aquella epocha, e dos cortezãos de todos os tempos!

Navegando para Goa, encontrou Affonso de Albuquerque na costa de Melinde uma nau de moiros que lhe deu noticia de haver chegado um governador a Goa

com muitas vélas. Com esta nova se dobrou a doença de Affonso de Albuquerque, e logo começou a tratar de sua alma, fazendo as disposições que constam dos seus *Commentarios*, e outras a que nem o filho nem o governo deram execução.

Já lidando com a morte, todo o seu desejo era chegar á barra de Goa, que elle conquistára, e a que chamava sua terra da promissão.

Fez-lhe Deus a vontade, porque a ella chegou aos 27 de dezembro,[1] mas já tão sem vida, que quando a nau deitou ferro levantou-se da cama, chegou á porta da camara, viu a casa de Nossa Senhora, levantou as mãos ao ceo, e logo voltou para a camara, resando o *miserere* e dando o ultimo suspiro.

Os que elle mandára presos a Portugal, pelo terem desamparado na guerra de Ormuz, esses vinham providos nos principaes cargos. El-rei D. Manuel matou Affonso de Albuquerque. Esta é a sentença da historia.

Em 1623, no tempo dos Filippes de Castella, em que perdemos a maior parte das nossas conquistas, nos expulsaram os persas de Ormuz, auxiliados pelos inglezes.

Hoje a cidade de Ormuz é terra insignificante, posto que os inglezes lá tenham uma feitoria, e ainda se vejam de pé alguns pannos dos muros da celebre fortaleza edificada por Affonso de Albuquerque, á custa de tanto sangue e tantos xerafins.!

O espolio do Portugal velho tem enriquecido muito villão ruim!

[1] Segundo Gaspar Corrêa. João de Barros diz que foi a 16.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

Já vimos o que dizia a exposição que o confessor da rainha enviou aberta a Verjus, para que a lesse, e sobre o seu objecto communicasse á soberana a sua opinião. Veremos agora qual ella foi, n'outra carta, que, trasladada, diz assim:

«Para bem dizer os meus sentimentos, ácerca de negocio tão importante como este é, e de que o padre de Villes escreve, fôra necessario não o fazer com tanta precipitação e tão pelo ar, como eu o faço, e ter um pouco mais de tempo para pensar n'elle.

«Entretanto, parece-me que S. M. se deve contentar com responder ao marquez de Gouvêa em termos geraes, mas obsequiosos e benevolos, de modo que as difficuldades que lhe fizer ver da execução ou exito do seu designio só pareçam partir de amizade.

«Parece-me que S. M. devia:

«1.º Testimunhar-lhe, que se o logar de que se trata deve ser occupado por alguem, ninguem mais que ella desejaria que elle o tivesse. Que o achava o melhor e mais adequado servidor, não só pelo que tocava ao estado, mas a ella em particular. Que sabía que elle era desinteressado e homem de bem: que com ella se portaria como era dever seu, podendo depositar n'elle toda a confiança.

«2.º Assegurar-lhe, por este fundamento, que se as coisas parassem alli, e ella visse que se podia conseguir metter alguem n'aquelle logar, sem grandes inconvenientes, ella não só consentiria de bom grado que elle o occupasse, mas tambem o ajudaria a isso com todo o seu poder.

«3.º Dizer-lhe, que considere, se no meio da aversão geral que o governo do conde de Castel-melhor creou a este cargo; depois dos pedidos feitos para o supprimir, esperanças que o proprio Castel-melhor fizera conceber d'isso; em tempo em que o temor da auctoridade d'aquelle logar atemorisa tudo, e faz pedir cortes; poderia elle sustentar a inveja publica e vencer as contrariedades e opposições que encontraria em toda a parte, e mesmo do lado dos seus melhores amigos, no meio das necessidades do estado, e dos negocios arduos que urgem.

«4.º Fazer-lhe conhecer, que pelo animo e temor em que todos estão por este cargo, podiam sobrevir grandes inconvenientes ao estado, de o proverem tão de pressa, assim como a elle de ser o provido.

«No entanto, parece-me que em tudo isto não deve a rainha fallar como coisa sua, nem do desejo que todos mostram de que ella tenha parte no governo, porque qualquer que seja a sua reserva n'este objecto, será sempre difficil que o marquez de Gouvêa não supponha que ella o quer dissuadir de acceitar este cargo, com as vistas e esperança de obter para si mesma esse poder, e ter no governo a parte principal; o que seria mau, e não faltará quem o denuncie ao rei, se ella disser a menor coisa a tal respeito.

«Parece-me que S. M. deve guardar-se muito de fallar no principe, seja a que proposito for; e se o marquez de Gouvêa disser a S. M. que fallará ao infante, ella não deve mostrar que sabe coisa alguma dos sentimentos d'elle: convem deixal-o operar pela sua parte: fallando-se n'elle não se faria mais que enfraquecer o que diria, porque pareceria de accôrdo.

«Creio que S. M. deve restringir-se aos termos geraes, como mais acima escrevo, mais ainda pela irresolução em que se diz que o rei está na escolha ou do marquez de Gouvêa ou do conde de S. João: se elle preferisse o ultimo, era melhor que o marquez de Gouvêa recebesse o golpe do lado do mesmo rei, e immediatamente d'elle, sem que a rainha tivesse parecido contraria ao marquez, nem deixado entrever o seu designio, e as esperanças de ella mesma governar.

«Julgo, em fim, que S. M. deve pedir ao principe:

«1.º Que a resposta e opposição que elle fará, seja mais forte e mais declarada que a da rainha, tanto porque isso lhe convem mais, por toda a casta de razões, como porque poderá servir ao mesmo tempo de excluir o conde de S. João por meio mui suave, dando ao rei alguma suspeita, que será facil fazer-lhe conceber de proposito, que a contrariedade de S. A. ao marquez de Gouvêa vem, em parte, da esperança que tem pelo conde de S. João.

«2.º Que não falle, ou falle pouco e de leve da rainha, e que n'esta entrevista se não apoie no desejo que elle e os outros tem que S. M. auxilie o rei no governo, porque isto só serve a arredar ainda mais a rainha, augmentando as suspeitas e desconfiança do rei.

«3.º Que diga claramente que se reconheceu e experimentou por tal fórma o inconveniente da excessiva auctoridade d'este cargo, e que todo o mundo está de tal modo obstinado a não se expor mais aos males que elle causou ao estado e a muitos particulares, que se não póde consentir que elle vá parar ás mãos de quem quer que seja, nem que o façam reviver em favor de ninguem, porque é preciso que o rei governe, já que tal é o seu officio e dever; que os tribunaes façam o que lhes pertence, como em tempo do rei fallecido; e quanto ao resto das funcções d'aquelle cargo, se dividam por muitos conselheiros de estado, conforme o talento e capacidade de cada um, como se começára, e todos desejam.

«Aguardo as ordens de S. M. para entregar ao marquez de Sande o bilhete do padre de Villes. Sendo a carta que este escreve a S. M. excellente, não

toco senão nos pontos em que sou de differente parecer, approvando muito todo o resto.

«Muitas reflexões ha a fazer n'esta conjunctura, mas poderão fazer-se mais de espaço, porque não respeitam ao que se póde responder ao marquez de Gouvêa, que agora é o que mais urge. Escrevi tudo isto com o meu hospede[1]: o que acabo de dizer é tanto d'elle como meu.

«Disseram-nos que havia certo decreto contra Henrique Henriques, ou melhor, para o chamar, com pena de morte, sob pretexto de o obrigar a dar conta dos depositos: do rei é que este decreto partiu.

«Peço a S. M. a restituição d'esta carta, como das outras vezes, e supplico-lhe haja por bem enviar-m'a quando isso for possivel.

«Em 19 de outubro — *Verjus.*»

Effectivamente a rainha recebeu o marquez de Gouvêa. Como se passou a entrevista, ella mesma o conta ao padre de Villes no seguinte bilhete do mesmo dia 19 de outubro, escripto originalmente, como a precedente correspondencia, em francez:

«Acabo de fallar ao marquez de Gouvêa, nos termos em que o julgastes a proposito, isto é, representando-lhe as difficuldades que via no que elle me propunha, o perigo para elle e para a tranquillidade do estado, e o mau effeito que isto produziria no reino, que só desejava ser governado pelos seus reis, e que via, que depois de ter tirado o obstaculo da pessoa do conde, nascia outro. Depois d'isto assegurei-lhe muito, que se tivesse de haver alguem n'aquelle logar, não só approvaria, mas desejaria que fosse elle antes que outra pessoa, pela estima e confiança que n'elle tinha e pela crença em que estava de que não procederia commigo como o conde; que o meu descanço e o meu interesse seria que elle tivesse este cargo, porque acreditava que, governando elle o rei e reino, me faria querer de um e outro; mas que antes de emprehender uma coisa d'esta importancia, convinha ver se era possivel e salutar ao estado, e que, se assim fosse, eu mesma o ajudaria a lá chegar.

«Acerca d'isto, respondeu-me que sabia e conhecia bem os inconvenientes d'este negocio: quanto ao cargo, não tomaria o titulo, mas acceital-o-hia para evitar que n'elle entrasse o conde de S. João: que dissera, depois de todas as razões contrarias, que se sacrificaria por S. M. e pela paz d'este reino, caso eu o approvasse, não querendo fazer coisa alguma sem minha approvação: que não exerceria este emprego como o conde, nem manejaria dinheiro, nem entraria nos tribunaes, mas só receberia os requerimentos, daria as audiencias e alliviaria S. M. das coisas de menor importancia em que o rei não póde cuidar, pelo mau humor com que está.

«Respondi-lhe sempre da mesma maneira, e parece-me que era quanto podia fazer n'esta conferencia para mim tão delicada. O principe, que está n'outro caso, póde fallar com mais vehemencia que eu, e dizer decididamente o que achar conveniente, para cortar por uma vez este negocio tão perigoso para todos. Se elle podesse chamal-o á proposta, ha muito tempo feita, de dividir por muitos as funcções d'este cargo, do modo que vós sabeis que se propoz já, seria isso melhor para elle, para mim e para o estado.

«Direis d'isto o que julgardes conveniente ao vosso hospede, para que dê resposta ao principe, a quem hoje disse que lh'a mandaria.

«Remetto-vos a carta de Verjus, para que d'ella tomeis o que julgardes necessario para essa resposta.

«Dou-vos as boas tardes, e desejo que os remedios vos façam bem.

«Envio-vos Velhaire, para que por elle mandeis a Verjus a sua e a minha carta, ou lhe digaes que venha ter commigo depois do jantar, porque, melhor que o faço n'esta carta, lhe contarei a conversação que tive.»

Os documentos accumulam-se, provando que entre a rainha e o cunhado havia estreitas combinações para levantarem o partido commum a cima de todos os outros.

Impaciente por saber a opinião da rainha, ácerca da proposta do marquez de Gouvêa, o principe tinha ido vel-a de manhã.

— «Que quereis que pela minha parte responda ao marquez? (lhe perguntou o principe).

— «Não ha agora tempo (tornou a rainha) para dizermos tudo o que o objecto pede. Pelo meu confessor sereis d'isso informado.»

D. Pedro contentou-se com esta resposta, recommendou-lhe um fidalgo da sua casa para o logar de vêdor, suppondo que o queria tirar a D. João de Souza, e retirou-se.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

[1] O abbade de Saint-Romain.

EXEMPLOS CLASSICOS

Á parte da cabeça a que nós chamâmos *fontes*, chamam os latinos *tempos;* porque por alli começam a alvejar as cãs, signaes dos tempos ou annos que passaram pelo homem.

Succedendo, pois, que o negocio que eu consulto não soffre espera de tempo, nem eu tenho edade que me ensine o que devo obrar, então na cabeça do ancião acharei eu, como proprios, os tempos que a elle o tem já ensinado.

Por não observar esta regra, perdeu Roboão o reino de Israel, querendo seguir antes o voto dos moços, seus contemporaneos, que o dos anciãos experimentados. PADRE MANUEL BERNARDES.

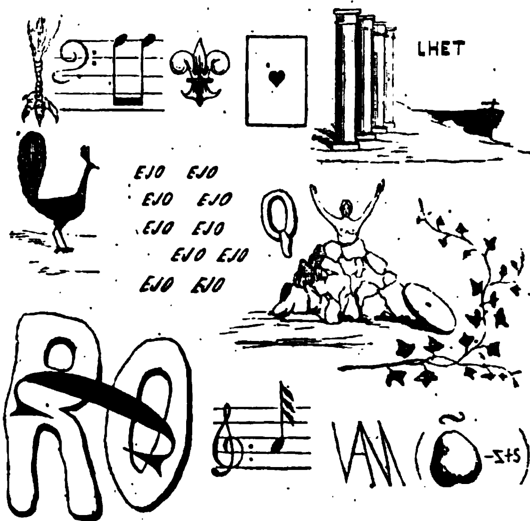
*

O melancolico sonha coisas tristes e tragicas, o sanguineo sonha felicidades e festas, o colerico sonha guerras e batalhas, o flegmatico creio que não sonha, porque não vive.

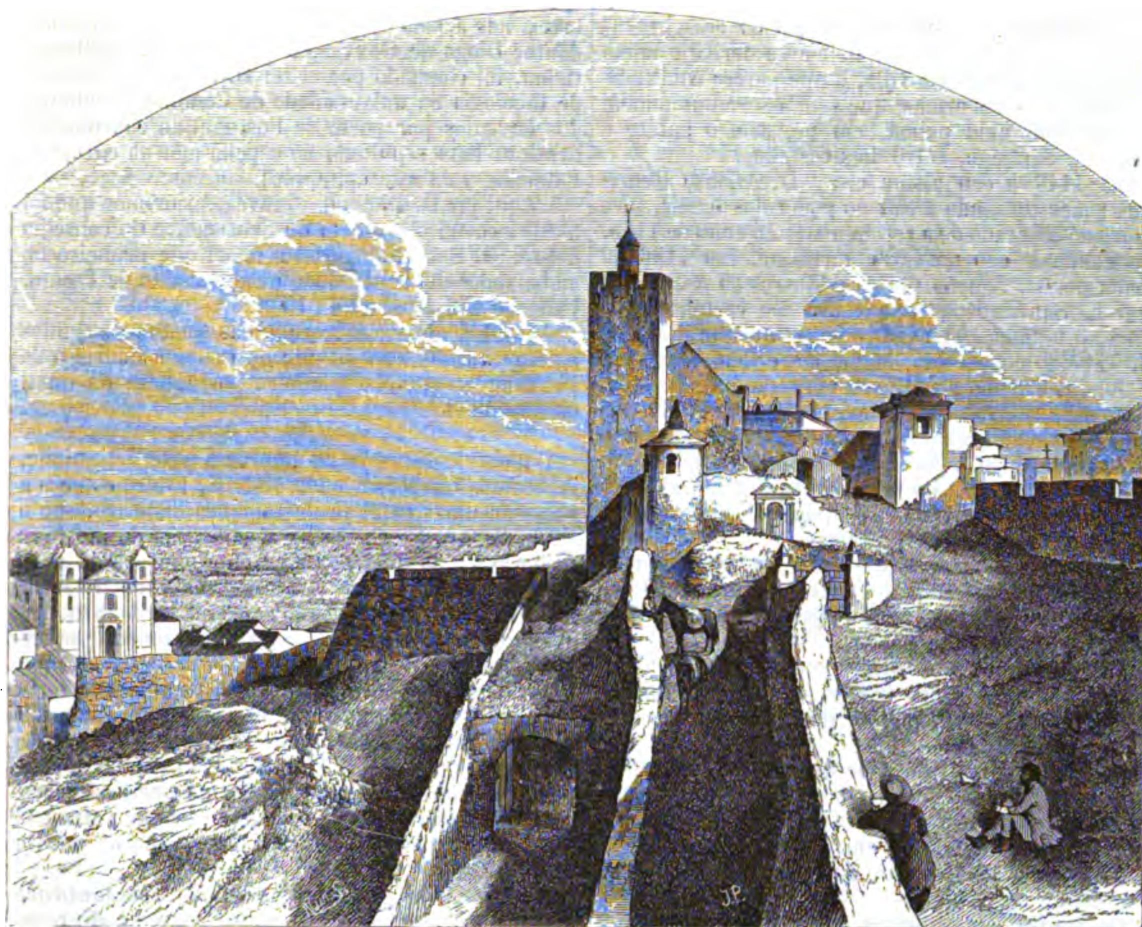
*

No paraiso havia uma só arvore vedada, no mundo ha infinitas. Tudo o que veda a lei natural, a divina e as humanas; tudo o que prohibe a razão e condemna a experiencia, são arvores e frutas vedadas. PADRE ANTONIO VIEIRA

ENIGMA



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.



Castello de Palmella — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

Faça-se uma lei de monumentos, já que se fazem leis para tudo. Que os procuradores da nação lhe salvem os seus titulos de nobreza. Haja no seio da representação nacional um portuguez que levante um brado energico a favor do passado: a sua voz achará ecco em todos os angulos do reino; porque em todos elles ha homens sisudos e peitos generosos. Diga a lei aos arrazadores que os monumentos são propriedade publica, e não d'esta ou d'aquella cidade, villa ou aldeia, já que a razão lh'o diz debalde. Tenha, em fim, essa lei a sancção do castigo, já que em um seculo corrupto as palavras, *vergonha e gloria* vão, como a palavra *mau*, passando para o glossario dos archaismos.

A. HERCULANO.

Ha já vinte annos que se deu, na imprensa, tão eloquente brado a favor dos monumentos nacionaes. E até hoje ainda nenhum deputado, nenhum ministro, nenhum homem publico, lhe correspondeu tomando a iniciativa d'esta lei, cada vez mais urgente, porque de dia para dia, por falta de reparo ou de resguardo, se vão desmoronando os poucos monumentos, que possuimos da arte e da gloria nacional; e outros estão em risco de serem demolidos por compra, ou transformados parvoamente sob pretexto de utilidade publica!

No reinado de João v, em que ainda se prezavam os monumentos e se edificaram muitos, foi promulgado um alvará incumbindo a conservação d'elles, e a arrecadação de todos os objectos de arte e antiguidades, ao bibliothecario mór da bibliotheca publica da corte. Quando o sr. dr. José Feliciano de Castilho exerceu pela primeira vez este cargo, suscitou a observancia do dito alvará, porém foi em vão. O actual bibliothecario mór, o nosso collega José da Silva Mendes Leal Junior, no excellente relatorio que fez o anno passado, de todo o serviço, possessão, e necessidades d'esta bibliotheca, egualmente ponderou a urgencia de se providenciar que não sejam destruidas, nem desbaratadas, as antiguidades patrias. Até agora tudo tem sido baldado. Nem sequer este trabalho, tão noticioso, tão util para os estudiosos, foi publicado no *Diario*.

Quererá Deus que nem sempre dure esta obstinada surdez dos governantes, e com tal esperança porfiemos em bradar pelas providencias que ponham termo ao escandalo, á vergonha, á infamia, de deixar que se vá desfazendo e soterrando esse pouco que ainda temos, da gloriosa herança que nos deixaram nossos antepassados.

O famoso castello de Palmella, conquistado aos invasores da nossa terra pela espada de D. Affonso Henriques, e o convento prioral da ordem de Santiago, obra do fundador da Batalha, estão ao desamparo, e se lhe não acodem a tempo caírá tudo aquillo em ruinas, d'onde os nossos vindoiros só possam tirar alguma lage para nos apedrejarem na sepultura!

O desenho d'este monumento, que hoje publicâmos, foi tirado ha poucos dias pelo nosso collaborador artistico o sr. Nogueira da Silva. Quem nos assegura que d'aqui a alguns annos se não reconheça já o original por esta copia?

Depositemol-a pois no nosso ARCHIVO, com o resumo da sua historia de vinte seculos!

É Palmella uma das antiquissimas villas de Portugal a que se não sabe origem certa. Julga-se que os celtas foram os seus primeiros povoadores, muito antes da vinda de Christo. Diz-se que a ampliou e ennobreceu o pretor romano de Hespanha, Aulo Cornelio Palma, no segundo seculo da era christã. Querem alguns que d'este Palma se derive o nome de Palmella que tem a villa, o que parece confirmar o escudo das suas armas, que vem a ser: um homem empunhando uma palma, em pé, com o habito e vieira de Santiago, entre dois castellos.

Em 1147 a conquistou el-rei D. Affonso Henriques; mas tornando a cair no poder dos infieis, teve o mesmo soberano de a reconquistar no anno de 1165, mandando-a logo povoar e fortificar. Em 1186 foi doada por D. Sancho I aos cavalleiros da ordem militar de Santiago da Espada. No seu castello mourisco se fundou, em 1443, o convento que havia de ser cabeça e mestrado da mesma ordem, reinando D. João I, e sendo mestre seu filho o infante D. João.

Proseguiram as obras do convento até 1482, em que de todo se acabaram, sendo mestre da ordem o principe D. João, filho del-rei D. Affonso V.

O prior-mór, D. Jorge de Mello, fez tambem alli grandes obras em 1608, nas quaes dispendeu muitos mil cruzados da sua fazenda.

Tem o castello, alteroso e quasi inaccessivel, uma praça mesmo defronte do convento, mui espaçosa com quatro cisternas, uma d'ellas, memoravel, dendentro da torre de menagem.

Na sua primitiva instituição deviam residir n'este convento vinte e cinco freires, e um prior-mór. A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, accrescentou-lhe mais dois.

A ordem era donataria de quarenta e sete villas, nas quaes tinha 50 commendas rendosas, mórmente as de Setubal, Alcacer do Sal, Mertola, Ferreira, Ourique, Santiago de Cacem, e Algarve; mas as rendas especiaes do convento de Palmella importavam n'uns doze mil cruzados.

Os freires e cavalleiros d'esta ordem usavam a principio de uma espada pendente de cordões vermelhos. Diz a lenda que na batalha de Clavigio, ganhada aos moiros por el-rei D. Ramiro de Leão em 824, fôra visto o apostolo Santiago montado n'um cavallo branco com a espada em punho, fazendo horrivel estrago nos infieis. Em memoria d'este auxilio sobrenatural, e para lembrança da obrigação que os cavalleiros da ordem contrahiam de pelejar contra os inimigos da fé, e pugnar pela independencia da patria, estatuiu aquelle rei que trouxessem por insignia uma espada, tendo de uma parte da empunhadeira meia lua e uma estrella, e da outra o sol; dando alguns como razão de trazerem os cavalleiros de Santiago a sua espada entre o sol e a lua, mostrarem elles que professavam aquella ordem de cavallaria em defesa da lei de Christo, verdadeiro sol, contra Mafoma, cuja crença é symbolisada no astro das trevas, a lua.

Depois simplificou-se esta insignia, reduzindo-se a uma cruz roxa em fórma de espada, com o punho em coração, e as extremidades das guardas em flor de liz, pendente de um collar de tres cadeias de oiro; insignia ou habito que os cavalleiros tinham obrigação de trazer sempre, não só sobre o manto branco da ordem, nos actos publicos, mas até nos fatos caseiros.

Depois da extincção das ordens religiosas, ficou este monumento entregue ao descuido da auctoridade publica. Acha-se ao presente, como dissemos, desamparado da vigilancia que deviam merecer ao governo do estado os monumentos da arte e do valor de nossos avós. Entristece e envergonha-nos, ver um monumento tão amiudo visitado pelos estrangeiros em tal abandono, conhecendo-se que ha alli estragos feitos pela brutalidade e ignorancia, o que se evitava se estivesse a cargo de um guarda zelozo e intelligente.

Jazem n'aquelles claustros muitos homens notaveis nas armas e nas lettras; entre elles o celebre doutor Diogo de Gouvêa, o qual de Paris, onde estudou, foi chamado por el-rei D. João III para lente de theologia da universidade de Coimbra, sendo um dos enviados por parte de Portugal ao concilio tridentino. Está sepultado na capella-mór da egreja de Palmella, com este epitaphio:

« Aqui jaz D. Diogo de Gouvêa, prior-mór que foi d'este convento e ordem de Santiago, e do conselho del-rei D. Sebastião nosso senhor, que primeiro foi embaixador del-rei D. João III no concilio de Trento. Falleceu a 2 de abril de 1576. »

A tantas memorias e reliquias veneraveis juntemos a consideração de que no castello mourisco de Palmella tremúla a bandeira portugueza ha quasi oito seculos!

*

Depois de estar já na imprensa este artiguinho, recebemos um jornal onde o sr. H. Freire começa a publicar uma tentativa de romance historico, sob o titulo de « A prophecia ou a edificação do mosteiro de Jesus » ; ao qual poz uma nota que nos dá noticia do estado em que achou o tumulo de D. Jorge de Lencastre, filho natural de el-rei D. João II, um dos mestres de Santiago que mais engrandeceu aquelle convento.

Diz o sr. Freire que achára o tumulo aberto, e exposto a quem quer tirar os ossos que ainda alli restam: que elle possue um dente de D. Jorge, e que muitas pessoas de Palmella tem ossinhos e dentes do mesmo mestre, que guardam respeitosamente. E conclue pedindo que o governo mande transportar para S. Vicente a ossada d'este filho de um rei de Portugal.

Tambem subscrevemos esta petição, com tanto que abranja a trasladação, para logar sagrado, de todos os ossos dos nossos homens illustres, que não estiverem em jazigo recatado.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(*Fragmentos*)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

Na tarde d'este mesmo dia chegava ás mãos do principe um bilhete, em latim, pelo qual o confessor da rainha lhe dava a conhecer os sentimentos de sua ama. Era substancialmente o que continha a carta da rainha para de Villes, que acabâmos de ler.

Transcrevemos aqui fielmente esse documento, que nos parece só agora se publíca. Diz assim:

« Accepi hora tantum secunda post meridiem responsum Dominæ Abbatisæ, quæ locuta est marchioni de Govea secundum illud quod dixeram V. R. nimirum illi. 1.° repræsentando gravissima incommoda, quæ succedent, et pro bono et pace publica, et pro illo ipso marchione, si acceptet illud munus sibi oblatum quod infallibiliter odium omnium in illum concitabit, sicut concitaverat in antecessorum suum; deinde asserendo illi quod si ita conveniret, ut ipse acceptaret hoc munus, mallet illum quam omnem alium, quandoquidem ita placeret regi, sed videret etiam atque etiam utrum id expediret, et pro se ipso, et pro pace publica, quod ipsa, regina nempe, non tam facile existimabat. Ad quod marchio respondit se ista omnia incommoda prævidisse

et repræsentasse regi, et cum rex his non obstantibus vellet ita fieri se ipsum sacrificasse ejus voluntati cum ea restrictiones quod ipse acceptando hoc munus titulum quidem ejus refugeret, sed munia et partes exerceret, non tamen tanta potestate et independentia quanta utebatur comes de Castelmelhor et alia hujusmodi temperamenta adhibiturum ut invidiam declinaret; denique se acceptare voluisse illud munus ne veniret in manus comitis de S. Juan.: regina iterum respondit, videret quibus se odiis exponeret, et cui periculo totum regnum. Nihil dixit de serenissimo principe ne daret occasionem suspicandi de intelligencia mutua inter illos quem admodum rogat ne serenissimus princeps loquendo cum marchione de Govea, mentionem ullam faciat de sua majestate propter eamdem causam.

«Sed videtur suæ magestati quod serenissimus princeps, qui est in alia longe majori libertate et agendi et loquendi quam ipsa, longe fortius exponat quæ sibi videbantur meliora, et præcise ac formaliter dicat se non posse pati post tot passamala, quod istud munus scribæ *a puridade ab ullo exerceatur ullo modo; quod regnum, et omnes boni velint regi à suis regibus.* Quod si rex egeat aliquo auxilio in regimine, illud sumat unde debet, et unde si prædecessores sumpserunt, partiendo illud munus, sicut ante propositum fuerat, inter quatuor consiliarios. Denique quod etiamsi ipso marchio de Govea præsumatur longe melius gesturus istud munus quam comes de Castel-melhor non sibi videri é republica, et bono regni istud perpetuam præsertim postquam ipse comes confessus fuerit ante discessum suum illudesse extinguendum propter nimiam potentiam unius viri in tanto munere.»

Custava a crer que os condes de S. João e Castelmelhor estivéssem reconciliados, e quando o estivessem, que o ultimo quizesse pôr no seu logar de escrivão da puridade o outro, ou o marquez de Gouvêa. Tudo isto só podia olhar-se como artificio de Castel-melhor, um como pomo de discordia, lançado na corte para embrulhar tudo e todos. E podia mesmo suspeitar-se que D. Pedro de Almeida não servia com fidelidade senão Castel-melhor.

Na quinta feira 20 de outubro communicava o confessor da rainha ao enviado francez e a Verjus o que se passára entre o principe e o marquez. Conhecendo já a resposta da rainha, e vendo que o marquez estava dissuadido de acceitar o cargo que lhe propunham, disse-lhe o principe simplesmente, que estimaria muito vel-o bem collocado, mas que a rainha tinha notado bem os inconvenientes d'esta commissão; e que, oppondo-lhe S. M. estas difficuldades, fazia o marquez bem em não pensar mais n'isso. O confessor clamava que, sendo o principe quem convidára a rainha a dissuadir brandamente o marquez, afiançando que, depois, elle pela sua parte se opporia com mais energia; via-se que a rainha fallára com mais força que o principe ousára pedir-lhe, e que elle, pelo contrario, lisongeára o marquez, descarregando tacitamente sobre a rainha todo o desgosto e desprazer que o marquez podesse ter por não ser despachado, o que não era a primeira vantagem que d'este modo o principe tinha tomado sobre sua cunhada.

O reitor do collegio dos jesuitas, ao contrario de de Villes, desculpava o principe pela sua boa intenção, e pela necessidade que havia de poupar o marquez, e distinguia, que se não podia isso chamar falta de palavra, quando, depois de se concertarem no que havia a fazer em certo encontro, as circunstancias, ou novas vistas, obrigavam a mudar de proceder, com tanto que sempre tendesse ao mesmo fim.

N'este dia, de manhã, procurou o marquez de Gouvêa a rainha, para instar com ella, da parte do rei, a consentir no retorno do secretario de estado, como coisa que ella já tinha promettido.

— «Na quarta feira 5, de tarde (respondeu a rainha), communicou-me el-rei, pelo marquez de Marialva, que tinha perdoado tudo, e a todos, pedindo-me que, pela minha parte, perdoasse ao secretario de estado. Respondi que lhe perdoava, mas não se fallou de não obter alguma satisfação, ou de consentir que voltasse para o paço, e para o seu cargo.»

A isto accrescentou a rainha, com força e vivacidade, inconvenientes e desgraças que se seguiriam por tal regresso, a ponto do proprio marquez convir, que ella não devia consentir n'isso, e que era preciso que o rei abandonasse tal idéa. As blandicias que n'esta occasião a rainha usou com o marquez, foram extremas: nenhum outro desejava á frente dos negocios, lhe dizia ella: dentro de pouco tempo, e quando a aversão que Castel-melhor excitára contra o poder do primeiro ministro, estivesse mais amortecida, ella mesma o ajudaria de boa vontade á occupar esse cargo. O marquez retirou-se contentissimo, e foi advertir o principe d'esta nova mensagem, mandada por D. Affonso á rainha, o que determinou D. Pedro a mandar dizer á mulher de Antonio de Sousa de Macedo, que, se seu marido fosse tão ousado que regressasse, o mandaria fazer em postas ou queimar vivo; — communicando ao mesmo tempo á rainha que se não inquietasse, e procedesse com o rei a tal respeito como julgasse melhor, porque depois de ter feito expulsar aquelle homem, o impediria facilmente de voltar. Era o que ella desejava para evitar ver ainda acobertado com o seu nome, outro dia, cujas consequencias podiam agora não ser tão felizes como a quarta feira 5 de outubro.

No mesmo dia 20 foi o rei dizer á rainha, mui tomado de riso, que tinham morto Manuel Antunes, mas que elle mataria Diogo Luiz, que tinha ido a Villa Viçosa para o trazer. Observou-lhe ella que a coisa podia ter succedido sem haver culpa da parte de Diogo.

— «Não importa (replicou o rei): elle tinha-me promettido pela sua vida que traria Manuel Antunes.»

Constou depois que Antunes não fôra morto: sabendo que havia em campo gente da parte do principe, voltára a Evora, d'onde o general de cavallaria, que só recebêra a ordem do principe depois da saida de Antunes de Villa-Viçosa, o deixa d'esta vez salvar-se em Hespanha ou n'outra parte.

Celebrou-se outro conselho ácerca da paz entre Portugal e Hollanda. Não tendo querido o marquez de Sande comparecer n'elle, mandou-se-lhe pedir, da parte do rei, o seu parecer, que elle deu por escripto.

Depois de grande discurso, para mostrar qual era o intuito dos hollandezes a respeito de todas as conquistas de Portugal, quer no Oriente quer no Occidente, disse que, pela disposição em que estavam os negocios d'este reino, a compensação do dinheiro devido, com Cochim e Cananor, parecia a proposito e mesmo necessaria; mas que a somma proposta pela Hollanda não era sufficiente. Era preciso que os Estados dessem pelas duas praças toda a somma que se lhes devia, e que dizendo este ponto respeito á religião, devia o rei consultar a tal respeito os casuistas e o santo officio. Accrescentava que era mui a proposito enviar dinheiro a Francisco de Mello, ou ao menos ordem de o prometter aos que elle julgasse que pelo seu credito podiam facilitar e conseguir esta accommodação; — que Francisco de Mello devia considerar muito o que se passava em Flandres, e a disposição dos Estados a respeito da Fran-

ça; e não parar, se visse que elles se dispunham a romper com ella, para a impedir de conquistar os Paizes-Baixos catholicos; e que não tendo os reis de França e de Inglaterra comprehendido Portugal nos seus tratados de paz, como deviam fazer, convinha ter isto em lembrança, para lh'o exprobrar na primeira occasião. Concluía que, no entanto, era necessario pôr as praças do Brasil, e particularmente uma das ilhas, em estado de defesa e resistencia.

Não se duvidava que a substancia d'este voto fosse por todos approvada; mas duvidava-se que se pozesse em execução coisa alguma, ao menos no tocante ao Brasil. Alguns julgavam importante que o rei demorasse a negociação com os Estados quanto fosse possivel, para dar aos partidos da corte tempo de regularem o governo.

O marquez de Sande fazia n'isto mal ao rei de França, confundindo-o com a Inglaterra. Por parte d'aquelle, se dizia que Portugal só tinha motivo de queixa contra os inglezes. Luiz XIV fizera, em separado, o seu tratado com os inglezes, e não entrára no d'estes com os Estados da Hollanda, para ter direito e auctoridade a fazer comprehender n'elle Portugal. Allegavam mais os francezes que, depois da paz, os seus embaixadores nada esqueceram para trazer a Hollanda a um accôrdo. Um d'elles fôra expressamente a Amsterdam conferenciar com os da companhia, que punham as maiores difficuldades, e sem estes cuidados e intervenção do monarcha francez, teriam os Estados mandado uma esquadra atacar o Brasil. Assim se explicava uma carta de 19 de agosto ultimo, escripta de Hollanda por mr. Courtin, ao abbade de Saint-Romain, em Lisboa; carta, cujo conteúdo fôra communicado ao marquez de Sande, e a todos os do conselho, antes que recebessem as cartas de Francisco de Mello.

O voto de Sande chegára ao conhecimento do enviado de França, por via de Verjus, a quem o marquez o mostrára confidencialmente. Saint-Romain promettia, logo que podesse tocar no assumpto, fazer áquelle conselheiro consultar as queixas que o caso pedia.

O espirito do rei infirmava, de mais em mais, e precipitava os acontecimentos. Não quizera assistir a nenhum dos conselhos celebrados por causa dos negocios de Hollanda, e cada dia se tornava menos razoavel.

A rainha, desde o dia 20, aproveitava todas as occasiões que se lhe deparavam, para lhe representar toda a gravidade da situação.

— «V. M. (lhe dizia ella) afasta todo o mundo da sua pessoa e dos seus interesses. O exercito relaxa-se á falta de paga. Tudo marcha de confusão em confusão. Se V. M. não se apressa em dar ordem ao governo, ou caímos com todo o reino em poder dos castelhanos, ou somos perdidos e abandonados pela nação, para se salvar a si e ao reino d'este perigo.»

Entretanto Affonso VI não a queria ouvir nem attender.

— «Que venham em boa hora os hespanhoes! (respondia elle). Que morra tudo, que eu tambem quero morrer *em corpo e alma!* Bem sinto que vou adoecer; vou morrer e ser condemnado ás penas eternas; mas antes de morrer, chamarei o conselho, e lhe encarregarei a sua consciencia da minha morte e da minha condemnação, se elle não fizer regressar Manuel Antunes e o secretario.»

Pelos grandes e conselheiros de estado ainda tinha menos consideração que pela esposa. A alguns respondia no mesmo sentido; que tinha muito cuidado no reino, que o que era preciso era mandar buscar Manuel Antunes. Contra outros, contra a maior parte, tomava-se de paixão, e sem os escutar, cobria-os de injurias.

Depois do dia 20, não se passára dia algum que não espancasse muitos dos criados e maltratasse de palavras, por coisa nenhuma, algum dos grandes do reino e do conselho, mesmo dos amigos de Castelmelhor. O conde de Val-de-Reis pedíra licença para se retirar, e não tornára mais ao paço; o marquez de Gouvêa deixou de ir alli muitos dias; os outros aproximavam-se pouco, e fallavam-lhe o menos que podiam. A magoa e inquietação do marquez de Sande levára-o mais longe que qualquer outro. Retirára-se a uma quinta fóra de Lisboa. Alguns diziam, que esperava que não podessem passar sem elle, e o mandassem chamar. Mas o rei era incapaz de fazer a menor reflexão a tal respeito; e a maior parte do conselho de estado tinha a Sande mais inveja que amizade, vendo-o com melhores olhos retirado, que no conselho. Só a rainha podia ter para com elle alguma attenção: se isso lhe esquecesse, lá estava Saint-Romain, que por certo lh'o advertiria.

Era impossivel encarecer até onde chegava o desarranjo do espirito do rei, e o desejo ardente que todos tinham que se provesse ao bem do estado. A opinião geral era esta e clara. As demasias de Affonso VI tinham-lhe creado inimigos; a perversão ou fraqueza do seu espirito foram partes para que augmentasse muito o numero dos descontentes; os meios calculados pelo partido commum ao infante e á rainha, tinham feito o resto, generalisado e radicado no paiz opinião manifestamente hostil ao governo do rei.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

MORTANDADE DOS CHRISTÃOS NA SYRIA

Démos já em uma gravurinha as physionomias e trajos dos malvados turcos e drusos, que em junho passado fizeram a mais feroz matança nos inermes christãos da Syria, mórmente na cidade de Damasco, pondo fogo a todas as habitações, depois de as haverem despojado.

Hoje facilitaremos aos nossos assignantes a leitura de duas cartas, escriptas por pessoa residente n'aquella misera cidade, e que presenceou as repetidas scenas de morte e devastação, que por muitos dias enluctaram a cidade de Damasco.

A primeira carta foi escripta antes de rebentar a explosão da ferocidade musulmana contra os christãos, comprimida desde muito tempo, mas quando já havia symptomas de agitação entre os drusos; a segunda é datada poucos dias depois da espantosa carnificina.

O estado actual da Syria vem n'ellas descripto com muita fidelidade; podem bem servir de cartas de guia para se avaliarem as operações do exercito anglo-francez, que alli desembarcou para punir taes barbaros.

I

DAMASCO 1 DE JUNHO DE 1860

Tanto para corresponder ao convite de vos dar noticia do paiz em que estou estabelecido ha annos, como para vos fazer conhecer e aos meu compatricios, o perigo que nos ameaça o despertar do fanatismo musulmano, vos escrevo esta carta.

Estamos litteralmente sobre um volcão, para usar da phrase de um dos nossos homens de estado. A explosão está proxima, a julgar-se pela arrogancia dos musulmanos, e pelas continuas provocações feitas aos christãos e judeus.

São estes os symptomas mais assustadores para quem, como eu, conhece a indole traiçoeira e vingativa dos habitantes de Damasco. Não me refiro só

ás classes infimas, que constituem aqui, como em toda a parte, a maioria d'esta grande cidade; refiro-me tambem ás classes elevadas e relativamente mais instruidas: ambas tem odio implacavel ao nome christão, e esperam anciosamente ensejo ou pretexto para se vingarem dos que elles consideram seus naturaes inimigos. Será mister accrescentar, que este fanatismo atroz é mantido e instigado pelos ulemas e thalebs?

Sei que temos aqui e em Beyrouth uma guarnição turca de alguma importancia; mas poderemos contar com estes defensores na occasião do perigo, ou voltar-se-hão elles logo para os inimigos? A opinião de Kurchid-Pachá augmenta as probabilidades d'este meu receio.

Pela cidade de Damasco podeis julgar toda a Syria.

Damasco é incontestavelmente uma das maiores, das mais ricas, e das mais industriosas cidades da Asia; assenta ao meio de uma fertil planicie; todos os annos recebe pelas caravanas de Bagdad os productos da Persia, e pelas de Meca os productos da Arabia; não tem menos de 180:000 habitantes. A rua principal contém duas ordens de lojas e armazens, em que brilham todas as preciosidades da Asia e das Indias; as casas são simples pelo exterior como todas as casas do Oriente; mas, apenas se entra, fica-se deslumbrado do luxo que as adorna. Pisam-se marmores, e tudo que nos rodeia é de oiro; de todos os lados jorros de agua refrescam a atmosphera, vivificando os jardins floridos. A fortaleza, a mesquita, e as suas torres, contribuem muito para a belleza da cidade. Á primeira vista, julguei que esta prosperidade, e o continuo commercio dos europeus houvessem predisposto os habitantes ao agrado e aos sentimentos de humanidade. Nada d'isso acontece; a populaça de Damasco é hoje tão intolerante e barbara como no tempo dos primeiros califas.

Oxalá que me engane, e tenha ainda de confessar a minha leviandade.



Horrivel mortandade de christãos na cidade de Damasco

Beyrouth está distante vinte legoas de Damasco. É uma das principaes escalas do Levante; tem toda a energia de uma grande cidade; numerosas embarcações de todas as bandeiras povoam o seu ancoradoiro; um moto continuo de cahiques, galeras e canoas estabelecem communicação permanente com todas as embarcações e o porto; todavia a população de Beyrouth é pouco consideravel; tem apenas 20:000 almas.

Comprimida pelo Libano, que se ergue por traz d'ella, e pelo deserto, cuja areia vermelha e scintillante ameaça invadil-a, abriga-a uma floresta de pinheiros que plantou o celebre émir Fack-ed-Diu.

Não vos posso fallar de Damasco e de Beyrouth, sem vos fallar tambem da Syria, magnifica região, que se prolonga na extensão de 150 legoas entre o deserto do Egypto, e o monte Tauro, que a separa da Anatolia. É atravessada de uma á outra extremidade pelo Libano, grande cordilheira de montes calcareos e precipitados, ligada ao norte pelo Amano, ramificação do Tauro, que se divide em duas series de montes parallelos; o do oeste ladeia o Mediterraneo, e conserva o nome de Libano; em quanto o outro tem o de Anti-Libano; e para o sul remonta os seus ultimos pincaros até á Arabia Petrea e confins do Egypto. O cume do Libano tem 3,200 metros acima do nivel do mar. O Libano, como em geral todas as montanhas, reune, pela desegual temperatura das diversas eminencias, uma parte de todos os climas, produzindo por consequencia a mais variada vegetação. Isto fez dizer a um poeta arabe:

«Tem o Libano o inverno á cabeça, a primavera ás costas, e o outono no seio, dormindo-lhe o estio aos pés.»

«Se a arte coadjuvasse a natureza, escrevia, em 1784, Volney, o auctor das *Ruinas de Palmyra*, poder-se-hia reunir no ambito de alguns centenares de legoas quadradas, as riquezas vegetaes das regiões mais afastadas umas das outras.»

Quanto aos famosos cedros, tantas vezes mencionados na Biblia, tem quasi completamente desapparecido; restam apenas alguns dos veneraveis contemporaneos de Salomão, que tem abrigado á sua sombra tantas gerações e tantos povos.

Sendo a Syria uma verdadeira terra de promissão, não admira que os israelitas, egypcios, persas, gregos, romanos, arabes, cruzados e turcos a tenham successivamente invadido; sendo tambem um dos principaes campos de batalha da ambição humana. A dominação turca, que se conserva de pé entre tantas ruinas, está vacillando agora pela base.

É no Libano que vivia nos seculos XI, XII e XIII a tribu, tão infaustamente celebre, dos *haschischins*, de quem os auctores contemporaneos derivam os *assassinos*. Estes dois nomes apropriam-se muito ao assumpto do « Velho da montanha. » Se fosse com o haschisch que o « Velho da montanha » os inebriava, causando-lhes um delirio que elles tinham pela suprema voluptuosidade, não lhes armaria tambem o braço, designando-lhes a victima destinada aos seus golpes, quer esta victima fosse um pobre fellah, quer se chamasse califa de Bagdad, califa do Cairo, Conrado, marquez de Montferrat? Que tempo aquelle, em que taes homens podiam dominar pelo homicidio e pelo terror, e em que os proprios principes cruzados os presenteavam para se livrarem dos seus punhaes! S. Luiz rei de França foi o unico que os não temeu, constrangendo Aladino a enviar-lhe uma embaixada, e ainda assim o «Velho da montanha» tratou de egual para egual com o rei christianissimo! Bibard, soldão do Egypto, devia finalmente pôr termo a esta vergonha, exterminando a seita; mas, infelizmente, se os *haschischins* já não existem, receio bem que ainda haja no Libano mais de um *assassino*.

Hoje a Syria é habitada por grande numero de pequenas povoações, que vivem quasi independentes da auctoridade do sultão, governando-se por leis proprias. Os mais importantes são os beduinos, no deserto; e no Libano os maronitas e os drusos.

Não vos direi nada dos beduinos, que me parece não tomarem parte nos acontecimentos que se preparam; mas, em compensação, vos referirei algumas particularidades ácerca dos maronitas e drusos. Especialmente os maronitas é que estão em maior perigo, e os laços que os ligam á França devem tornar estes pormenores de maior interesse.

Os maronitas, estabelecidos no Libano muito antes dos drusos, tomaram o nome de um santo anachoreta chamado Maron, que falleceu em 433, de quem Theodoro, S. Cyro e S. João Chrysostomo fazem menção. Os seus discipulos fundaram varios mosteiros, sendo o principal Apaméo, nas ferteis margens do Oronte. Grande numero de christãos syriacos se refugiaram em volta d'estes mosteiros, e alli se aldeiaram. Parece, segundo os escriptores ecclesiasticos, que no seculo XVII abraçaram a heresia dos monothelitas, os quaes acreditavam que Jesus Christo, juntando em si as naturezas divina e humana, só tinha uma e unica vontade. Alternativamente protegidos por Heraclio e perseguidos por Anastacio, os monothelitas tiveram destinos mui diversos. Os maronitas, genuinos, em numero de 40:000, renegaram no anno de 1187 esta heresia nas mãos de Aymerico, patriarcha de Antiochia e juntaram-se aos cruzados contra os sarracenos. Depois mandaram delegados ao concilio geral de Latrão, renovando a sua submissão á egreja romana. E d'este memoravel tempo das cruzadas que datam os laços de amizade e dedicação dos maronitas á França; d'então para cá sempre tem sido considerada como sua protectora, e nunca reclamaram em vão os seus bons officios. Todos os grandes reis, S. Luiz, Carlos VII, Francisco I, Henrique IV, Luiz XIV, etc., lhes deram as mais relevantes provas da sua generosa sollicitude, e tem sempre, nos seus tratados com a Porta, estipulado garantias para elles.

Volney, que viveu com os maronitas, gaba a simplicidade dos seus costumes. Mr. de Lamartine, que os visitou, cincoenta annos depois, em 1833, fez uma eloquente descripção das suas virtudes e hospitalidade.

A sua população, que se eleva a 140:000 almas, está disseminada por um territorio de 150 legoas quadradas.

« Cobrem, diz Mr. de Lamartine, as suas numerosas habitações o espaço comprehendido entre Latakiè e S. João de Acre de um lado, Damasco e Beyrouth do outro. Occupam os valles mais centraes e as montanhas mais elevadas do grupo principal do monte Libano, desde os arredores de Beyrouth até Tripoli e Syria. Os declives d'estas montanhas que descem para o mar são ferteis, regados por numerosos rios e cascatas inesgotaveis; fazem alli colheita de seda, azeite, trigo e cevada; as eminencias são quasi inaccessiveis, o rochedo escarpado penetra pelos lados d'estas montanhas, mas a infatigavel actividade d'este povo, que não podia achar abrigo seguro pela sua religião senão nos precipicios, tornou o rochedo fertil; elevou de grau em grau, até ás ultimas summidades, até ás neves eternas, paredes revestidas de pedra tosca; sobre esta lançam um pouco de terra vegetal que as aguas arrebatam com as enxurradas; até moem a pedra para tornar o seu pó fecundo misturando-a com a terra; em fim, fizeram do Libano um verdadeiro jardim coberto de amoreiras, oliveiras, e cereaes. O viajante não póde deixar de se admirar quando, depois de haver trepado dias inteiros as paredes perpendiculares das montanhas, que não são mais que um cúmulo de rochedos, acha de repente nos arrombamentos de um elevado desfiladeiro, ou sobre a cumiada de uma pyramide de montanhas, uma bella aldeia de pedras brancas, habitada de numerosa e rica população, com um castello mourisco ao meio, um longinquo mosteiro, uma torrente que espuma aos pés da aldeia, e em volta um horisonte de vegetação e de verdura, onde os pinheiros, castanheiros e amoreiras cobrem a vinha ou os campos de milho e trigo. São algumas d'estas aldeias suspensas umas sobre as outras quasi perpendicularmente; podem atirar-se pedras de uma aldeia para a outra, póde ouvir-se a simples voz, e todavia o declive da montanha exige tantas sinuosidades e rodeios para traçar a vereda, que é necessario uma hora ou duas para passar de um logar para o outro.

A feudalidade existe entre os maronitas, mas temperada pela mais pura theocracia, tem resistido ao tempo. Cada aldeia tem por chefe um scheik, o qual depende do émir que governa o districto.

Reconhecem a supremacia espiritual do papa, conformando-se em tudo aos modos e ritos da egreja grega. São casados os padres, sem que o sejam os bispos nem os frades. Tem por chefe do clero o patriarcha de Antiochia eleito pelos bispos e confirmado pelo papa.

Quanto aos drusos, não são concordes os auctores na sua origem. O mui antigo historiador de Thou diz que descendem dos francezes que acompanharam Godofredo de Bolhão á conquista da Terra Santa; accrescentando, que quando os musulmanos tomaram aos christãos Jerusalem e a Palestina, se refugiaram elles nas montanhas, onde a pouco e pouco esqueceram os dogmas do christianismo, e abraçaram a nova religião que lhes fôra ensinada por um falso propheta chamado Ismail. Querem outros que o nome lhes venha do conde de Dreux, cujos antepassados haviam seguido o estandarte da Syria. Todavia estas versões são desmentidas pela sciencia e philosophia moderna.

A religião e os costumes dos drusos não são menos incognitos que a sua origem; sabe-se apenas que participavam das opiniões de Zoroastro, da crença

da metempsycose indiana, e dos dogmas judeus e christãos. Diz mr. de Lamartine que os drusos não são nem arabes, nem turcos, nem musulmanos, nem christãos.

Todavia o sabio orientalista Sacy descobrindo uns manuscriptos arabes, pôde em parte penetrar as trevas que envolviam a historia d'este povo. Sabe-se agora que reconheciam por Deus o califa fatimista Aakem Biamrillah, o qual ensanguentou o Egypto com suas cruezas, e pereceu de morte violenta no anno 411 da hegira. Por sua morte, os sectarios d'elle, para fugirem á perseguição, retiraram-se para a Syria, guiados por um companheiro do califa Tahammed ben Ismail el Dorzi que lhes deu o nome. Occuparam parte das abas do Libano. Não só os maronitas se não oppozeram á persistencia d'estes estrangeiros, senão que lhes prestaram em muitas occasiões o seu apoio, o que não obstou a que os drusos reputassem aquelles visinhos por seus inimigos, suscitando continuas guerras, nas quaes os drusos, mais aguerridos e barbaros, muitas vezes levaram vantagem.

Entretanto, apesar da sua arreigada antipathia, ambos os povos comprehenderam que unicamente a reciproca união os podia conservar na posse do territorio. Por vezes se mallograram os esforços dos turcos contra esta alliança de interesses, até que em 1588, Ibrahim, pachá do Cairo, projectando crear um estado independente, accommetteu os maronitas e os drusos nos seus retiros, e lhes impoz um tributo que por alguns annos pagaram.

A um caracter vingativo e indomito juntam os drusos o embuste e a dissimulação. É entre elles punida a menor injuria com uma punhada, e não reconhecem outra lei senão a pena de talião.

Taes são os perigosos visinhos dos maronitas. Ha tempos parece que a Porta procura excitar uns contra os outros, despertando-lhes as antigas pendencias religiosas. Falla-se já, ainda que vagamente, do assassinio de alguns maronitas no monte. É muito para temer que seja este o principio do incendio, e que a explosão do fanatismo, rebentando n'um ponto, lavre logo por todo o paiz.

Aqui em Damasco já se desconfia dos malvados. Hontem, na rua, notei que me olhavam sinistramente, e esta manhã, um turco a quem eu tive occasião de prestar alguns serviços, veiu visitar-me, e aconselhou-me a que fosse para Beyrouth, porque estava mais seguro do que em Damasco. Vou seguir o conselho, e assim que aviar os meus negocios ausento-me d'aqui. Ao menos, em Beyrouth, poderemos refugiar-nos a bordo dos navios alli fundeados, e a Europa não nos deixará degollar. É, pois, de Beyrouth, provavelmente, que será datada a minha seguinte carta.

(Continúa)

ORIGEM DA LOTERIA DA MISERICORDIA

(Vid. pag. 272)

Por insinuação do marquez de Pombal, instituiu-se em 1771, n'esta capital, uma *sociedade para a subsistencia dos theatros da corte*, formada pelos homens de negocio da praça de Lisboa, da qual eram directores e caixas, Anselmo José da Cruz Sobral, Alberto Mayer, Theotonio Gomes de Carvalho, e Joaquim José Estulano de Faria. Com as instrucções para o regimen dos theatros, foi ella approvada por alvará de 17 de julho do mesmo anno, referendado pelo marquez.

Esta sociedade é quem dava por empreza o theatro do Salitre e rua dos Condes, unicos que então havia para representação das operas italianas e dramas nacionaes, porque o do Bairro-Alto, no pateo do Patriarcha, a S. Roque, era então para espectaculos menos artisticos.

Uns vinte annos durou a associação, mas poucos beneficios fez á arte dramatica, intuito com que a promovêra o marquez de Pombal, cujo ministerio não chegou a durar seis annos depois d'ella creada.

Da tempera do ousado estadista era quem abriu entre nós a scena em que ainda hoje assistimos á opera.

O desembargador Manique, que, na qualidade de intendente geral da policia, tinha a seu cargo a inspecção geral dos theatros, envergonhando-se da mesquinhez dos que existiam, conseguiu, em 1792, que os negociantes e capitalistas Joaquim Pedro Quintella, Jacintho Fernandes Bandeira, Polycarpo José Machado, e Anselmo José da Cruz Sobral, emprehendessem a edificação de um theatro digno da capital do reino. Foi esta a origem do theatro de S. Carlos, que estes negociantes mandaram construir á sua custa, fazendo doação da propriedade d'elle á Casa-Pia, por obsequio ao mesmo intendente, fundador e director de tão util estabelecimento. Esta doação, porém, tinha a clausula de se verificar depois de reembolsados os socios da somma que dispendessem.

Ignoravamos que a Casa-Pia tivesse tambem contribuido para a edificação do theatro de S. Carlos, porque, apesar de haver tanta escripta a respeito d'este notavel monumento, nunca tal se mencionou. Só agora o ficámos sabendo pela declaração do proprio intendente, no officio inédito que publicámos a pag. 272.

Dada esta explicação para melhor intelligencia do citado officio, continuemos a historia da loteria.

Alcançando o intendente que participasse tambem a Casa-Pia do beneficio que fôra concedido á Misericordia, se ficaram alternando entre estes dois estabelecimentos as loterias annuaes, fazendo cada uma d'estas administrações, separadamente, a venda dos bilhetes e a extracção dos numeros.

Em quanto Manique governou a Casa-Pia, foi a loteria rigorosamente fiscalisada; mas depois as mancommunações, os roubos e extravios, foram inauditos! Cremos que outro tanto aconteceu na casa da Misericordia; mas, a respeito d'essa, ainda por ora não encontrámos documento tão insuspeito como o que hoje apresentâmos tocante á Casa-Pia.

A tal ponto havia chegado a dilapidação do producto da loteria, que em 1833 escrevia o administrador da Casa-pia ao ministro do reino o seguinte:

«Nunca me aproveitei do alheio, nem consinto, nem consentirei jámais que outrem o faça, em objectos que estiverem debaixo da minha fiscalisação. Pelo que, e de modo que possa chamar a benefica attenção de v. ex.ª para a minha conta de 25 de janeiro do anno proximo passado, torno a dizer, que os fundos destinados pela augusta piedade para a sustentação da desvalida orphandade asylada na real Casa-Pia, se vão progressivamente dilapidando, pelos extravios e sua pessima administração. Conta de sacco e arbitraria, eis a maneira por que se governa este interessante estabelecimento, e uma prova d'esta asserção (entre muitos e mui escandalosos factos) offereço á consideração de v. ex.ª no seguinte:

O producto das loterias, que devêra ser destinado para a sustentação e educação dos desgraçados orphãos, e para o pagamento dos enganados credores, se converte vergonhosamente a favor de certos interessados do dito estabelecimento. Em 1830, se dispenderam 3:378$000 réis em gratificações; em 1831 4:729$200 réis; e em 1832 5:660$400 réis; fazendo o total 13:267$600 réis, como mais explicado se mostra na nota junta, extrahida das contas dadas

pelo administrador. Cumpria-me, pois, evitar taes excessos; tirar ao administrador a arbitraria faculdade que se arrogou de dispor do dinheiro do cofre; obstar á falta de zelo com que se faz a compra dos generos; remediar o abuso de se dar pão alvo aos alumnos, quando deve ser de toda a farinha; fazer o fornecimento do pão por arrematação, e não por um ajuste particular, e perpetuamente com a mesma pessoa, etc.

Obstando porém o regio aviso de 19 de septembro ultimo, pelo qual S. M. me ordenou que não altere em coisa alguma o estado em que se acha a Casa-Pia, e a falta de deliberação da indicada conta de 25 de setembro, lanço mão do unico recurso que me resta, e é o d'esta nova representação para desencargo da minha consciencia, para que em tempo algum se possa dizer que eu consenti em taes excessos e prevaricações; convindo por isso que v. ex.ª queira fazer-me a honra de levar o exposto ao soberano conhecimento de S. M. — Lisboa 8 de fevereiro de 1833. — Illmo e Exmo Sr. *Conde de Bastos.*

(Continúa)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Para completar o que já por duas vezes temos ponderado ácerca do substantivo *pormenores*, e da fórmula adverbial *por menor*, que fazem as vezes de *detalhes* e *em detalhe*, adoptados pelos indigentes da lingua portugueza, importa corrigir um erro que anda introduzido até nos nossos diccionarios, e talvez por isso o repetem os jornaes, inclusivè o proprio «Diario Official».

Consiste o erro em escreverem *promenores*, em logar de *pormenores*, segundo exige a formação d'esta palavra, que se compõe da preposição *por* e do adjectivo *menor*, com o significado que já amplamente comprovámos n'outro artigo.

A ultima edição do diccionario de Moraes traz este substantivo com o asterisco de vocabulo *novo*, sem apontar auctoridade, porque não a podia achar para similhante corruptela.

Ahi se diz tambem (e outros diccionaristas o tem repetido) que este termo é adoptado do hespanhol, sem reparar, quem tal escreveu, que é formado de duas palavras bem portuguezas, e usado por auctores taes como os que transcrevemos no numero passado.

Se se referem ao modo de orthographar esta palavra, tambem erram, porque o erudito e puritano philologo hespanhol, o sr. D. Rafael Baralt, em todos os exemplos classicos que cita no seu diccionario, para expungir o gallicismo *detalhe*, escreve sempre pormenores e não *promenores*.

Por ultimo advertimos aos principiantes, que o substantivo *pormenores* se escreve ligado, e não se usa no singular; designando-se este pela fórmula adverbial *por menor*, que se deve escrever sempre separada, como ordinariamente se escrevem taes locuções, v. gr: *por alto*, *por demais*, *por maior*, etc.

LAMPADA DE BRONZE COM FIGURAS DE RELEVO

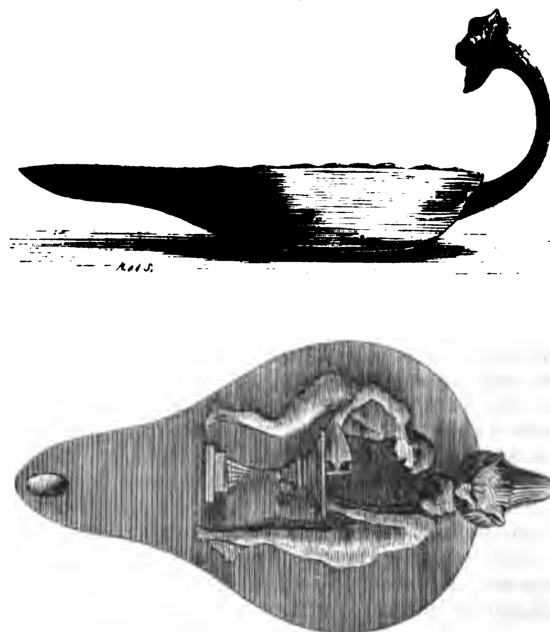
achada em Cetóbriga defronte de Setubal

Ao obsequio do sr. beneficiado Xaro, douto antiquario de Setubal, devemos o desenho da rara e mui artistica lampada romana que hoje publicâmos.

A elle, principalmente, se devem as antiguidades romanas tiradas das excavações da antiga Cetóbriga, hoje Troia, defronte de Setubal, mandadas fazer pela «Sociedade Archeologica», de que foi instituidor.

Esta sociedade não continuou a sua tarefa por falta de recursos; mas o sr. Xaro, inspirado pelo amor da sciencia em que é tão perito, tem feito alguns esforços individuaes para desentranhar d'aquelle vasto areal as reliquias alli soterradas ha tantos seculos. A sua diligencia tem sido bem recompensada com alguns achados de grande valor archeologico, muitos dos quaes iremos reproduzindo pela gravura, com o texto escripto por tão douta penna.

Bem devia o governo auxiliar a «Sociedade Archeologica» para que na proxima primavera podesse continuar as excavações.



Eis o que nos escreve o sr. Xaro a respeito da lampada que representa a nossa gravura:

Na vasta collecção de antigualhas descobertas em *Herculanum*, entre centenares de lampadas de varias materias e feitios, acho apenas um fragmento de barro, similhante nos ornatos a esta de bronze: já se vê que não é commum o typo da nossa lampada. Os academicos de *Herculanum* dizem que era lampada *votiva*, consagrada ás nymphas: póde ser; mas supponho que os moveu a esta qualificação, o relevo da parte superior da lampada, que figura duas nymphas, uma das quaes tem as mãos mettidas e como que apoiadas no fundo de uma pia, em quanto a outra despeja da parte opposta um jarro de agua.

Se os academicos não tiveram mais que este debil fundamento, para qualificarem a lampada de *votiva*, andaram de leve, porque os antigos ornavam o disco superior das lampadas do uso domestico, não só com festões, coroas e meandros, mas tambem com figuras mythologicas, ou allegoricas.

Poderia agora dizer alguma coisa sobre o culto que os antigos davam a estas divindades mimosas; mas esta materia é tão conhecida dos que tem alguma lição, que seria por demais quanto escrevesse a este respeito.

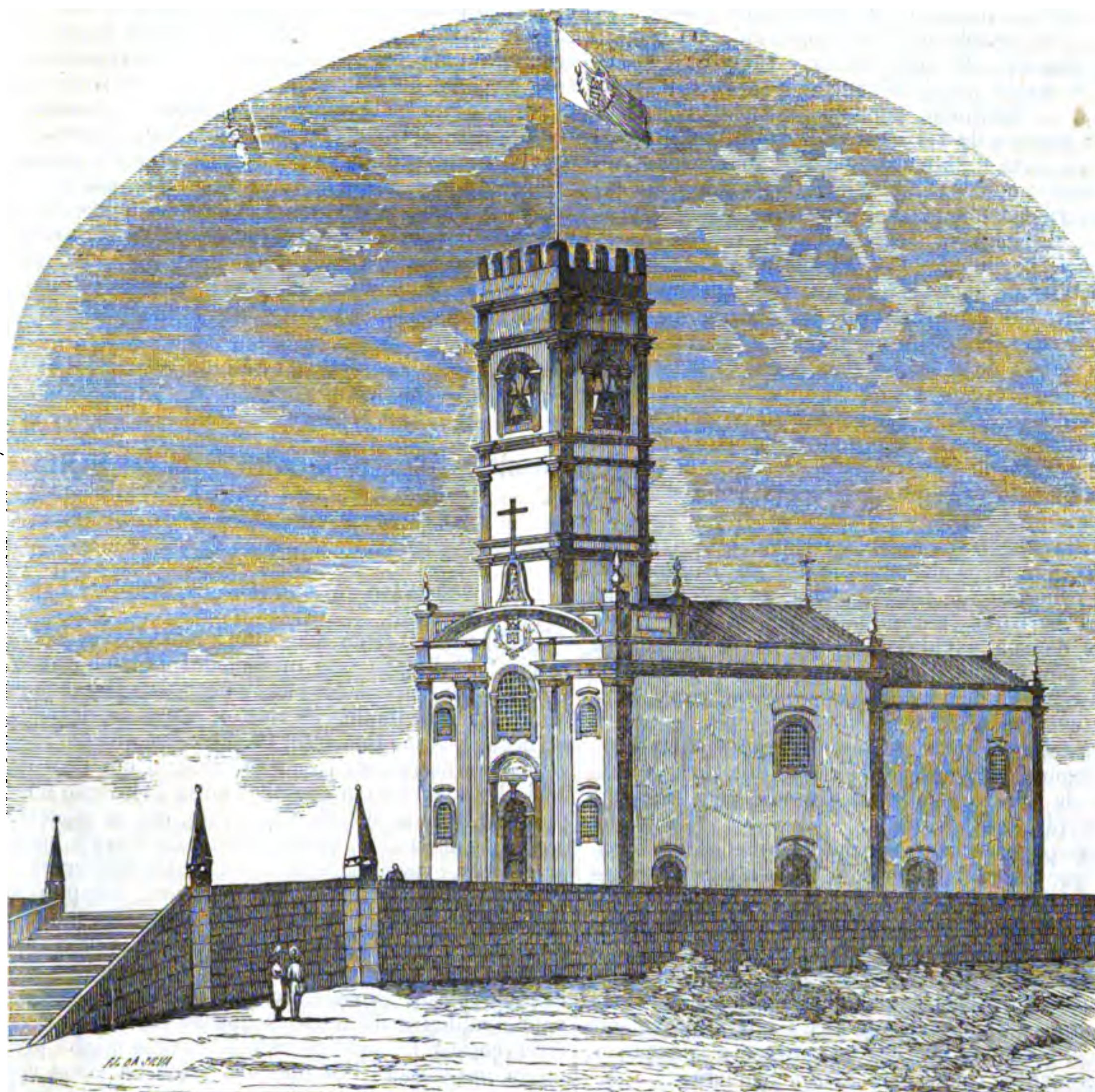
G. X.

Explicação dos enigmas dos numeros 36 e 39

N.º 36 — Soldados! Do alto d'aquellas pyramides
quarenta seculos vos contemplam.
N.º 39 — Pelas lizas columnas lhe trepavam
Desejos que como hera se enrolavam. — *Camões.*

Da charada do n.º 38 — Alipio.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Egreja nova da casa dos Paes de Mangualde, segundo o desenho de M. X. Mercier — Gravura de Coelho

Em distancia de 1½ kilometro, pouco mais ou menos, ao N. E. da villa de Mangualde de Azurára da Beira, districto de Viseu, e sobre o cume de um elevado e escarpado monte, crivado de rochedos, e fazendo face á mesma villa, se acha, como coroando-o, edificado o elegante e magnifico templo novo, dedicado a Nossa Senhora do Castello, erigido pelo zelo e devoção da illustre casa dos Paes de Mangualde; á qual pertence actualmente a perpetua administração d'elle, e d'onde saiu todo o supprimento de despezas e serviços para aquella obra, porque a respectiva confraria carecia dos meios para tão dispendiosa construcção.

Em Janeiro de 1819 se deu principio a este grande edificio. Suspendendo-se os trabalhos nos dois seguintes annos, foi depois continuado com o mais decidido empenho, e inteiramente á custa da referida illustre casa, até que em 1837 se ultimou o templo com dispendio de mais de 60:000 cruzados.

É todo de cantaria, e a sua architectura, simples mas elegante, tem merecido os louvores dos entendedores, e é tido como um dos notaveis do reino, e o superior da provincia. A abobada de todo este templo é guarnecida de bellos ornatos de estuque. Além do altar-mór, aonde está a imagem da Virgem, tem mais dois aos lados do arco, um dedicado a Santa Anna, outro a S. José, e n'elles se vêem dois optimos paineis a oleo, obra do sr. Antonio José Pereira, insigne artista de Vizeu. Tem o interior do templo, não comprehendendo sacristia e outros accessorios, 24,2 metros de comprimento, sendo 9,8 metros da capella mór, e 14,4 metros da igreja, e de largura 5,8 metros na capella mór e 7,9 metros na igreja: a altura da torre, desde o pavimento, é de 38 metros. Do alto d'esta torre, aonde se sóbe por uma bella escada em espiral, e aonde em dias festivos tremúla uma bandeira propria, se descobrem serras, montes, planicies e povoações a uma distancia immensa: é um rico, encantador e admiravel panorama, que se não póde descrever.

Em redor do templo ha um adro espaçoso, guarnecido de parapeito com assentos de espaço a espaço; d'alli desce-se por uma bonita escada de dois lanços em frente do templo, para um plano assás grande e arborisado, ficando a um lado da escada uma porção de terreno com rochedos, e por entre

elles plantadas videiras e oliveiras, e do outro lado uma hospedaria para accommodação dos romeiros. A alguns passos ao nascente d'este plano, existe uma cisterna d'agua nativa, ao fundo da qual se desce por uma escada mui bem construida em espiral de 36 degraus. É muito fresca e saborosa aquella agua, e nunca sécca. D'aquelle plano é cortada a descida da montanha por uma espaçosa escadaria de 163 degráos de 1,1 metros de largo, em declive, tendo no córte 0,22 metros de alto, de espaço a espaço interrompidos por pequenos terreirinhos, e n'estes, interpoladamente, uma capellinha, sendo ao todo quatro, dedicadas a Nossa Senhora, sob os titulos de Conceição, Encarnação, Visitação, e Assumpção, com bellissimas imagens romanas. Toda a escadaria de um e outro lado é guarnecida de arvores, que suavisam o cansaço da subida, e fazem encantadora vista, ficando ao fundo do monte planos e ferteis campos, e prados sempre cobertos de verdura. A solemnidade festiva d'este templo é no dia 8 de setembro, dia da Natividade, sendo tão grande o concurso e affluencia de devotos de longinquas povoações, que excede o ajuntamento ao do grande mercado mensal d'aquella villa.

Consta por tradição antiquissima, que o antigo templo, que foi já demolido, e que era edificado no plano arborisado já referido, fôra, na occupação das nações barbaras, mesquita de moiros, convertida depois da sua expulsão em templo do verdadeiro culto, por motivo da apparição de uma imagem de Nossa Senhora n'aquelles sitios: é certo, porém, que ainda existem, por detraz do novo templo, ruinas de um castello, cujos materiaes e fórma testimunham mui remota antiguidade; e crê-se que d'ahi veiu o titulo de Nossa Senhora do Castello, com que hoje se venera alli a Virgem.

Estão presentemente concluidas aquellas obras, para o que muito concorreram as avultadissimas esmolas, legadas para esse fim, pelo commendador de Malta, Miguel Paes, e seu irmão, conego da Sé de Coimbra, José Paes, ambos fallecidos em 1837. A condessa d'Anadia, D. Maria Joanna, offereceu na occasião da trasladação da milagrosa imagem do templo antigo para o novo, um rico e inteiro paramento branco, bordado a oiro e seda, para serviço do templo, e dois mantos riquissimos para a Senhora.

É tradicional ter alli sido castellão um moiro chamado Zurar, d'onde viera ao concelho o nome de Azurar ou Azurara, repetido no foral del-rei D. Diniz, e reforma do mesmo por el-rei D. Manuel, em 1514, e que, para expulsão d'aquelle moiro, muito concorreram os habitantes de Linhares, por conselho de outro moiro convertido á verdadeira fé, que depois foi alcaide d'aquella villa. Julga-se ser esse o motivo por que a camara e habitantes da cidade de Viseu, indo todos os annos áquella ermida na segunda oitava da pascoa da Resurreição, por occasião do cumprimento de um voto, curvavam e agitavam seu estandarte no alto do monte, para a parte da dita villa de Linhares, como em grata recordação dos valiosos serviços de seus moradores. Ha menos de 40 annos que se tem deixado de fazer esta solemnidade, sendo a camara e povo de Viseu desobrigados d'aquelle voto.

A villa de Mangualde tem perto de 500 fogos, e está dividida em dois bairros, a parte mais antiga ao poente, e a outra ao nascente. Está edificada em um plano; é bem situada, saudavel, agradavel e vistosa; tem bons terreiros ou largos, em que se faz o melhor mercado mensal da provincia. Tem boas casas, bons chafarizes, e bonito templo da Misericordia, onde se vêem preciosos quadros de pintura romana. Tem uma bella casa de camara municipal, sendo tão vasto edificio que accommoda, além da sala das sessões da camara, o tribunal de justiça, administração do concelho, aulas de ambos os sexos, etc. O mais notavel n'esta villa é o sumptuoso e magnifico palacio dos Paes, hoje do conde d'Anadia. É, sem duvida, um dos melhores edificios do reino, reunindo uma grande quinta muito aformoseada, com pomares de deliciosas frutas, bonitos jardins e quatro estufas onde vegetam o ananaz, a bananeira, e outras arvores e plantas tropicaes. Pegado á quinta, segue-se uma extensa matta arruada, aonde se encontram diversos objectos de recreio, muita caça, e se admiram arvores seculares. Finalmente é uma vivenda deliciosa, aonde se encontra tudo quanto seja necessario á vida, tanto para recreio como para utilidade, e o gozo de tantas delicias faz despertar idéas de um paraiso. Tal é a amenidade d'aquelles logares.

MIGUEL XAVIER MERCIER D'ALMEIDA.

MORTANDADE DOS CHRISTÃOS NA SYRIA

(Vid. pag. 316)

II

DAMASCO 20 DE JULHO DE 1860

Infelizmente, estão mais que realisados os meus receios! O Libano está incendiado! Deïr-el-Kamar e Zahlé, hontem cidades ricas e poderosas, estão hoje reduzidas a montanhas de ruinas; rouba-se, degolla-se, devasta-se em Damasco! Os christãos, que por felicidade encontraram, como eu, refugio em casa de Abd-el-Kader, ou em qualquer outra habitação hospitaleira, temem, a todo o momento, que os algozes, sequiosos de sangue, violem o derradeiro asylo, para accrescentar mais victimas á lista assaz numerosa.

Agora que me posso julgar seguro, comparo a minha situação á d'estes ultimos, e por isso me não demoro em vos declarar que ainda vivo. Chegará a minha carta a tempo que a França, protectora das causas justas e grandes, possa vir auxiliar-nos, salvando milhares de infelizes que só esperam a sua intervenção? Por que me não levei pela minha primeira inspiração? Por que não estou eu agora em Beyrouth, sob a protecção da esquadra franceza? Deus ordenou o contrario: seja feita a sua vontade!

Passados alguns dias, as novas do Libano não nos deixaram duvida nenhuma ácerca do destino dos christãos da Syria. Haviam os drusos principiado a mortandade e o saque das aldeias da montanha. Os maronitas, crentes na protecção das auctoridades turcas, tantas vezes promettida, apenas fizeram fraca resistencia, refugiando-se nas cidades: mas estas foram successivamente tomadas e incendiadas. Em Deïr-el-Kamar, o proprio governador, para evitar a effusão de sangue, pedira aos christãos depozessem as armas, entregando-os inermes aos seus inimigos! Em Zahlé foi a traição que abriu as portas aos drusos; apresentaram-se elles com capa de peregrinos, cruz alçada, e entoando as orações dos christãos, e assim foram recebidos como irmãos fugitivos! Não tardou que os homens fossem degollados e as mulheres padecessem horriveis tratos, sendo vendidas como escravas. Os que poderam fugir, chegaram a Damasco sem dinheiro nem recursos; acamparam nas ruas ou nos bazares, mendigando o sustento, e offerecendo aos olhos de todos o lastimoso espectaculo da mais profunda miseria.

Sabedor de taes acontecimentos, resolvi apressar a minha partida para Beyrouth. Parti de manhã, com tres negociantes, meus amigos, tão aterrados como eu. Já era tarde! Estavamos apenas a uma legoa de

Damasco, quando nos saíu ao encontro um magote de drusos, cujas vestes ensanguentadas nos revelaram as suas intenções. Retrocedemos logo a toda a brida, fugindo ao perigo, mas o perigo de todos os lados nos cercou. Assim que chegámos ás primeiras casas de Damasco, rompia o fogo e principiava a matança!

Dirigi-me logo para casa, cujas paredes fortissimas, se não servissem para me defender, prestariam ao menos para vender caro a minha vida. Os meus companheiros seguiram-me, sem recebermos sequer uma beliscadura. Por toda a parte viamos os christãos fugirem aos seus ferozes inimigos. Lançam-se as victimas das janellas a baixo, espetando-se nas lanças da soldadesca; os tiros cruzam-se, e o incendio allumia com os seus pavorosos reflexos estas scenas de devastação e morte.

Terei eu animo de vos narrar os episodios sanguinarios que presenciámos durante o caminho pelas ruas entulhadas de cadáveres? Aqui uma criança a quem um assassino esmigalha a cabeça contra a parede; alli a mãe procurando defender sua filha, sobre cujo cadaver a matam; mais adiante um desgraçado que busca escapar ás chammas, e a quem os soldados, deverei dizel-o?... repellem com a ponta das lanças!

Em summa, tivemos de passar por cima de rumas de cadaveres palpitantes; transpozemos a distancia que nos separava de minha casa, mas alli nova dor nos opprimiu: a casa estava reduzida a cinzas.

D'esta vez falleceu-nos o animo, e íamos entregar-nos aos golpes dos assassinos, de quem pouco antes haviamos escapado, quando uma hoste que marcha em ordem de combate fez alto á bocca da rua; julgámos reconhecer o uniforme dos nossos zuavos. Louvado seja Deus! eram elles, commandados pelo nosso antigo adversario, e hoje salvador, Abd-el-Kader. Atraz do emir e dos seus soldados se apertava grande turba de christãos, a quem elles protegiam do furor dos drusos e dos musulmanos, escoltando-os até ao palacio de Abd-el-Kader.

Juntámo-nos a elles, e com a alegria de nos vermos salvos se misturou a magoa das perdas que deploravamos. Ahi referia cada qual o trance por que tinha passado, avivando-nos ainda mais a dor. O agente dos Estados-Unidos foi perigosamente ferido; o consul de Hollanda morto e feito em pedaços; todos os consulados, excepto o de Inglaterra, que pertence a um musulmano, foram roubados, depois incendiados, as bandeiras rasgadas e arrastadas pelas ruas; todos os archivos destruidos.

Já nos suppunhamos em salvo, quando nos vem accommetter um inimigo com que não contavamos: fallo-vos da fome. Imaginae dez a doze mil pessoas amontoadas no pateo, nos jardins e nas salas do palacio do emir; a precipitação da fuga não lhes deu tempo de acarretarem as provisões necessarias para tanta gente; falta pão, fato e tudo; accrescentae a isto os continuos ais do grande numero de feridos, e tereis feito idéa d'este doloroso quadro.

Todavia, ainda não acabou a mortandade. Furiosos por verem que lhes fugia a principal presa, sitiam o palacio, e ameaçam assassinar o proprio Abd-el-Kader. Mas o emir não se atemorisa, e manterá até ao fim a defesa que nos promette. Envia correios sobre correios aos pachás, pedindo-lhes tropas para proteger os hospedes; os pachás não respondem. Embora; elle proprio nos protegerá com o auxilio dos seus argelinos, e cumprirá a sua tarefa. Nos cinco dias que durou a mortandade, esteve elle constantemente na brecha, sempre álerta, e distribuindo a todos os soccorros de que dispõe, e quando lhe faltava o pão, dava ao menos palavras de esperança. Por isso merece a nossa eterna gratidão e o reconhecimento de todo o mundo catholico. Podemos exclamar: Abaixo de Deus, foi elle quem nos salvou!

Hoje parece afastar-se o perigo, e a esperança começa a reanimar-nos. Sabemos que bom numero dos nossos amigos encontraram asylo nos musulmanos que não participavam da raiva de seus irmãos; mas, em desforra, os christãos que se refugiaram em Damasco depois da carnificina do Libano, quasi todos tem sido degollados! Tres mil mulheres foram alli roubadas ou vendidas como escravas, pelo preço irrisorio de 25 piastras (1185 réis) cada uma. Quanto aos nossos bens, ás nossas mercadorias e riquezas, tudo desappareceu, tudo nos foi roubado. Aos fanaticos drusos juntaram-se os beduinos salteadores do deserto, e cumpre dizel-o?... mas não; assegura-se que o sultão jurára punir os culpados, por mais elevada que seja a sua categoria; diz-se mais, que a França, indignada, nos envia o auxilio dos seus invenciveis soldados. Não accusemos intempestivamente; se a França nos auxiliar, estamos certos de alcançar protecção, justiça e vingança!

*

Agora que os leitores estão informados, por estas cartas, do estado presente das cidades de Damasco e Beyrouth, onde correram, ha pouco, rios de sangue christão, bem lhes fica saberem tambem o que, de ambas ellas, escreveu o nosso classico fr. Pantaleão de Aveiro, quando lá esteve em 1563, na sua viagem a Jerusalem, para que vejam como os tempos estão mudados.

Diz elle:

Segundo a opinião de muitos, a cidade de Damasco foi principiada por um homem chamado do mesmo nome, filho de Eliezer, procurador e mordomo do patriarcha Abrahão, como lemos no livro do Genesis. E com ser tão antiga, e muitas partes da Sagrada Escriptura tratarem da sua nobreza, e de como foi cidade real e cabeça de toda a Syria, até ao tempo do nosso Redemptor, e ainda depois, como diz o evangelista S. Lucas, no livro dos Actos Apostolicos, contando como o apostolo S. Paulo, a quem então chamavam Paulo, ia de Jerusalem a Damasco com cartas dos summos pontifices, para prender os christãos que n'ella achasse; sempre esteve em seu ser e nobreza, posto que em algumas historias lemos que foi combatida, mas nunca arruinada. Porém, ainda lhe está guardado seu trabalho, porque, de necessidade se ha de executar n'ella o que lhe tem prophetisado Isaias, dizendo: *Damasco deixará de ser cidade, e será como um monte de pedras que cáem sobre outras.* [1]

Tratando do seu estado presente (1563), digo que é a mais nobre e populosa cidade que tenho visto, posta em sertão. A gente, communmente, é bem criada e acondicionada, e amorosa para os estrangeiros. Aconteceu-nos que, andando-a vendo, uns moços moiros nos disseram villanias e maus ensinos, como cá tambem muitas vezes fazem quando passam religiosos; o que ouvindo um turco, correu a elles, e deu-lhes muita bofetada; e acudindo os paes aos choros dos filhos, e sabendo o que se passára, de novo os tornaram a castigar, e com estas coisas andavamos pela cidade tão seguros, como se foramos naturaes da terra.

Roguei eu a um judeu de Tavira que nos quizesse acompanhar, mostrando-nos o que havia para se poder ver, o que elle fez de muito boa vontade, os dias que na cidade estivemos.

São seus tratos de muito grandes e riquissimas mercadorias, que alli vem ter em cafila, assim da India oriental, pela via de Baçorá, como de outras partes. Affirmaram-me haver dentro da cidade cinco

[1] Verificar-se-ha agora a prophecia?

ou seis mil teares, de todo o modo e invenções de sedas, mui ricos brocados, toda a sorte de telas de oiro e prata. Entrámos em alguns teares, e vi uma espantosa curiosidade, porque toda a madeira era pintada, doirada, os liços, pentes e cordas de seda de côres, e os pesos feitos de vidro de diversas côres e inventos, e o vão de dentro cheio de areia.

Fazem-se tambem na cidade muitas maneiras de chamalotes, e as mais ricas alcatifas de todo Levante; e ha n'ella muitas lojas de hollanda e pannos de algodão. D'estas coisas nos mostraram algumas ruas e tendas tão ricas, que se podia julgar não haver mais que ver no mundo.

Tem uma cutelaria, aonde fazem a ferramenta e facas damasquinas, tão nomeadas em todo o Oriente; toda a sorte de traçados e alfanges, com milhares de invenções de cabos de prata, e outras curiosidades. Tem uma ourivesaria muito grande, á qual entram por uma só porta, nem tem outra entrada ou saída; aonde, de contínuo, trabalham quinhentos homens, com seus moços e obreiros, onde vimos a maior riqueza que se podia ver. Achámos alli alguns judeus portuguezes, que haviam aprendido em Lisboa, os quaes nos andaram mostrando, com muita familiaridade, quantas peças, assim de oiro como de pedraria, que havia na ourivesaria.

Tem a cidade, entre muitas e mui curiosas mesquitas, a maior e mais principal edificada no mesmo logar aonde antigamente, no tempo dos reis de Israel, e em tempo de Rasin, Benadab, Azael, reis da Syria, esteve o templo do idolo Remon, a qual mesquita é de tanta grandeza e magestade no exterior, que causa admiração. O pateo e adro de fóra todo é coberto de oiro e esmaltes, e da mesma maneira as paredes até ao chão.

Entre muitos hospitaes que tem a cidade, um d'elles é de gatos. Tem outro, que o grão turco Solimão mandou fazer pela alma do seu filho mais velho, o qual elle mandou matar, por suspeitas que tinha que se lhe queria levantar. Este hospital, na sua grandeza, riqueza e curiosidade, não duvido ser um dos mais nobres edificios do mundo. Diante, no meio de um espaçoso campo, tem uma grande fonte, muito alta, toda cosida de oiro, com muitos canos de prata. Os aposentos todos são grandes, espaçosos, forrados mui ricamente, com muitas curiosidades e brincos, cada um d'elles, por si, de meia laranja, e cobertos por cima de chumbo, com suas grimpas doiradas. Os varões das casas principaes são de prata, muito altos, com suas bolas e meias luas, tambem de prata. No qual hospital se dá de comer tres dias, abundantemente, a todo o christão, moiro ou gentio que alli se quizer hospedar, indo em caminho de uma parte para a outra, aonde lhe dão pão e carne, em abundancia, e muitas maneiras de arroz de diversas côres; e curam todo o enfermo que alli se quer curar; e com tudo isto, fazem muitas esmolas a quem, por necessidade, as váe buscar, porque para tudo tem grossa renda.

Vivem na cidade muitos christãos de cada uma das nações orientaes, e cada uma d'ellas tem seu bispo, e os maronitas tem arcebispo. Consentem-lhes ter publicamente suas egrejas, as quaes são muitas, sem haver quem lhes dê molestia.

Tem esta cidade dois castellos mui grandes e fortes; em um d'elles, junto á porta por onde entrámos, vi estar as armas de França mui bem lavradas. Da fartura e abundancia de todas as coisas, não se póde dizer a minima parte do que é, porque atravessámos ruas, aonde, de uma e outra parte, estavam as casas cheias de dornas de coisas de leite, natas, manteigas, e toda a maneira de queijos. Alli achei um moiro que tratava n'aquella mercancia, o qual, sem eu fallar com elle, me perguntou se eu era portuguez, e ainda que lh'o quiz negar, não me deu credito, antes me festejou muito, e que levasse de sua casa quanto quizesse; dizendo que queria muito aos portuguezes, porque toda a sua vida tratára com elles em Ceuta, e os achára bons amigos e de verdade. As praças da cidade, com ser em março, estavam cheias de toda a fruta; o rotulo das uvas, que são quatro arrateis, por um mandim, que são doze réis. Tem um certo modo de podar as vinhas, de maneira que acode a novidade trez vezes no anno, e assim o mais do tempo tem uvas frescas.

Ordinariamente ha na cidade muitas farças e jogos, para recreação da gente; e usam muito de monos e bugios para voltearem, e me quizeram affirmar que alguns eram demonios; e na verdade, eu vi um tão feio, que, sem m'o dizerem, se me afigurou sel-o, e tive para mim que o era, porque o vi arremetter para meu companheiro, e se não fôra o que o trazia preso, que acudiu logo, o tratára mal.

Beyrouth é uma cidade antiquissima, e como escreve o glorioso doutor S. Jeronymo á virgem Estoquia, no epitaphio de sua mãe Santa Paula romana, foi colonia dos romanos, por ser cidade mais principal entre as que n'aquelle tempo havia n'aquellas partes da Phenicia; é cidade maritima, situada no ultimo do monte Libano, para o poente. Moram n'ella muitos mercadores latinos, assim italianos como francezes, cujo principal trato são sedas, pela muita abundancia d'ellas que ha n'aquellas partes. Os moradores são moiros, entre os quaes moram christãos dos naturaes da terra. Está toda situada ao longo do mar, e tão propinqua a elle, que lhe bate nos muros. Tem mais mercado que todo o outro logar maritimo da Palestina, em especial salmonetes, dos quaes vi tirar tanta abundancia como se foram sardinhas. Temos dentro da cidade um mosteiro da nossa ordem, da familia de Jerusalem, no qual fomos recebidos dos frades com muita alegria e estranha curiosidade, e com ella nos tiveram todo o tempo que alli nos conveiu estar.

N'esta cidade tem os maronitas, sujeitos ao patriarcha do monte Libano, outra egreja do mesmo tamanho, em comprimento e largura, na qual se ajuntam, aos domingos e festas, e nos mais dias que, entre si, tem obrigação de ouvir missa.

De redor da cidade, tudo é frescura e grandes campos cheios de musas, a que, por outro nome, chamam *pomum paradisi* (pomo do paraiso); que vem a ser um fructo em cachos, de quinze a vinte pomos, á maneira de figos, de mui suave doçura.

Os moiros d'esta cidade tem tanto acatamento e reverencia aos nossos frades, como lh'a tem no mais devoto povo de Hespanha; e tanto que, como adoecem, logo mandam buscar os frades que os benzam, e para o mesmo effeito lhes trazem muitas vezes os meninos ao convento. Em suas enfermidades não querem beber senão de um poço que temos no mosteiro, e affirmam alguns, com grandes juramentos a seu modo, terem visto a algumas horas da noite coisas miraculosas sobre o convento, do que sómente Deus sabe a verdade, ao qual seja gloria e louvor, porque eu escrevo fielmente o que, estando alli, me affirmaram pessoas dignas de fé; e muitas coisas deixo de escrever, não sómente ouvidas, mas vistas com meus olhos, por evitar juizos de calumniadores incredulos.

Costuma o inverno frio esforçar as fontes e accrescentar os rios: mas se cresce em rigor, ata e endurece as aguas, suspende as correntes dos rios, e até o mar salgado congela.

FR. LUIZ DE SOUZA.

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 283)

Com o nome de aveiros, e não de saveiros, são estes barcos denominados na mesa do imposto chamada do Tragamalho.

Talvez seja corrupção do primitivo nome que tinham quantos barcos vem ao Tejo da cidade de Aveiro, que são muitos.

A savara tambem mostra ter a mesma procedencia, mas estes tem quilha, e vão fóra da barra ajudar as moletas na pescaria.

O alijo traz na sua denominação o destino que tem, que é alijar, descarregar os barcos que não podem atracar. Ha tambem alijos de véla.

Todas estas tres embarcações foram escrupulosamente copiadas dos originaes, pelo nosso eximio gravador o sr. Pedroso, que é tambem um peritissimo pintor de navios.



Saveiro — Alijo — Savara

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Vid. pag. 278)

No dia 25 o principe enviou secretamente o duque de Cadaval a representar á rainha o perigo em que o reino caía se lhe não dessem ordem. Supplicava-lhe, que se ella conhecesse outro melhor remedio, que a convocação dos Tres-Estados, o dissesse; e se não havia outro, que se fizessem as diligencias necessarias para os reunir. Assegurava o infante, e assegurava o duque, por si e por toda a nobreza, que a sua intenção era fazer que os Estados declarassem a rainha regente, já que o rei não queria nem podia governar por si; declaração que elle duque lhe vinha fazer formalmente.

— « Confesso com muita dor (lhe respondeu D. Maria Francisca) que ha pouca esperança de que o rei seja levado por si mesmo a fazer o que é necessario para salvação do estado: só a proposta para a convocação das cortes póde advertil-o e resolvel-o á isso. No caso de ella não produzir effeito, não me opponho então á convocação, que será uma necessidade absoluta; e ainda que nunca pensei nem penso em governar, desconfiando da minha pouca experiencia, de boa vontade me sacrificarei ao serviço e bem do estado, se julgarem que posso contribuir para elle. Em qualquer logar que esteja, nada farei nunca sem ouvir o principe, o conselho e o duque, de quem faço particular estima. Estou mui obrigada ao principe, ao duque e a toda a nobreza, e rogo a todos que se lembrem sempre do que devem ao seu rei. »

— « A nossa intenção (continuou o duque) era apresentar a el-rei uma supplica para que consultasse todos os tribunaes ácerca das desordens presentes, porque todos, seguramente, appellariam e pediriam a convocação dos Tres-Estados. Sobre este fundamento se reuniriam, mesmo contra vontade do rei, no caso d'elle não preferir regular por si o governo, como ao reino convem. »

Por um certo respeito e sympathia, que a rainha tinha sabido conquistar, é que lhe não declaravam abertamente que a intenção da revolução era depor o rei. Nobreza e povo votavam pela separação d'ambos, e casamento d'ella com o infante. Fallava-se d'isso publicamente, e o infante desejava-o por certo. Se o rei não mudasse de proceder e de genio, e não curasse do bem publico, nada mais facil do que tratar-se d'aquelles pontos nos Tres-Estados. A opinião geral era ser facil descasal-o, sem necessidade de intervenção da auctoridade do papa. Pouca apparencia havia de que o rei mudasse, ou que consentisse na convocação das cortes, ou no estabelecimento de outro governo, em quanto Castel-melhor e Henrique Henriques fossem senhores de seu espirito, como mostravam ser ainda em tudo quanto occorria.

Diogo Luiz voltára de procurar Manuel Antunes, sem o ter podido encontrar. Não lhe deu D. Affonso a morte como promettêra: contentou-se com despedil-o no mesmo instante, entre mil injurias e outras tantas ameaças, para que fosse procural-o de novo. Diogo Luiz obedeceu apparentemente, mas antes de partir foi receber as ordens do principe, como todos faziam.

O infante achou-se incommodado e com alguma febre, na tarde do dia 26. Toda a corte o procurou, mesmo alguns da confiança de Castel-melhor, que não tinham isso por costume. O enviado francez Saint-Romain, que, depois que começára o conflicto palaciano, deixára de o ver, para apparentar que entre elle e o partido que tinha á sua frente o principe (e a rainha) não havia intelligencia, foi na manhã seguinte (27) fazer tambem corte a D. Pedro, que já encontrou melhor e o quiz ver. Protestava o enviado que não aspirava á honra de fallar-lhe, pois só vinha saber da sua saude; mas o infante o distinguiu com este favor particular, recebendo-o n'um gabinete, e dizendo-lhe que o obsequiaria muito se o fosse ver a miudo, e lhe désse a sua opinião sobre todas as coisas. Tanto elle como todos de sua casa trataram Saint-Romain com a maior distincção possivel.

N'este mesmo dia, o senado da camara de Lisboa, o juiz do povo e os vinte e quatro dos mesteres, foram em deputação ao rei, com demonstrações e instancias para a convocação dos Tres-Estados. Não lhes fallou D. Affonso, que estava n'esse dia de remedio, porém mandou-lhes que entregassem a representação a quem fazia de secretario de estado.

Todos os outros tribunaes deviam, incessantemente, apresentar eguaes representações e instancias. Descobria-se agora nos principaes actores d'este grande drama politico a resolução de apressar o seu desfecho. No proprio interesse do reino, similhante estado de coisas não podia continuar. Cumpria que terminasse quanto antes. Temia-se, comtudo, que Affonso VI, em logar de se accommodar ás circunstancias e regular por si mesmo o governo, arredando de si os valentões, e o resto da escoria que constituia a sua sociedade privada, se oppozesse com violencia á convocação das cortes; e com isto provocasse, antes que ellas se reunissem, outra tormenta da mesma natureza e mais perigosa do que a que passára 22 dias antes, em 5 do mesmo mez de outubro; levando as cortes, quando estivessem reunidas, a ir muito mais longe que a principio se desejára.

Castel-melhor e Henrique Henriques, que tinham suas pessoas a salvo, sabiam que nada podia ser mais fatal ás suas fortunas, que a reunião das cortes ou o estabelecimento de outro governo que tomasse contas á sua administração. Era por isso que preferiam levar as coisas á ultima extremidade. A rainha expunha, de continuo, ao marido, todos estes inconvenientes; mas D. Affonso nem conhecia o estado em que estava, nem acreditava no que ella lhe dizia, pela prevenção que lhe tinham incutido.

Havia quem propunha ao padre de Villes, que a rainha, que não tinha ceitil, convocasse os agentes francezes Gravier e Saint-Romain, para lhes pedir dez ou doze mil escudos, e poder com elles captivar os que mais proximos andavam do marido. O confessor recusou-se a dar-lhe similhante conselho, e teve para tanto duas razões: uma, porque isso a poria de certo modo dependente; outra, por lhe constar que algumas propostas, que amigos ou amigas da rainha tinham feito na corte, com o intuito de alliciação, não tinham obtido resposta, pelo que não devia a rainha expor-se a fazer coisa que podia não ser bem recebida.

A colonia dos conselheiros estrangeiros, que vigiavam os interesses da França e da rainha; os Gravier, Saint-Romain, Bani, de Villes, etc., estavam em risco de perderem a companhia de um dos seus mais uteis collaboradores. Verjus queria ausentar-se, porque não tinha meios de subsistencia em Portugal, e o governo do seu paiz lhe não dava soccorro algum. Tel-o-hia já feito, se os ultimos acontecimentos o não surprehendessem, e se não visse que, decentemente, não podia deixar a rainha no meio de tamanhas complicações. Parecia, porém, conservar aquella resolução, que executaria mal as cortes se reunissem. Tinha desejos de entrar no serviço do rei de França; e segundo a propria opinião de Saint-Romain, se este viesse a deixar a corte de Lisboa, nenhum serviria o seu logar mais utilmente. Julgava-o egualmente apto para os outros paizes estrangeiros: conhecia-os todos, por ter estado n'elles, entendia o inglez, e fallava mui bem o italiano e o allemão; mas o enviado francez, em Lisboa, recommendava-o ao seu governo, e encarecia a falta que elle faria em Lisboa. Com ella padeceria muito o serviço da rainha de Portugal e o rei de França, ficando Saint-Romain privado de um grande soccorro, não podendo saber directamente as coisas secretas e importantes, como a experiencia futura mostraria.

Verjus nada recebia para permanecer n'esta corte. O governo francez não podia obrigal-o a ficar, para se servir d'elle, mesmo porque em Lisboa não havia beneficio consideravel que um estrangeiro podesse esperar.

Poderoso auxiliar de Saint-Romain, como por mais de uma vez se tem visto, esta separação de Verjus preoccupava muito o enviado, que, por isso, insistia com o seu governo para que acudisse a tamanho prejuizo.

Desde o dia 24 que o senado, juiz do povo e mesteres, procuravam obter solução á sua representação para convocação das cortes. Quotidianamente iam ao paço, ou empregavam outras diligencias para obter resposta do rei. Affonso VI persuadia-se que podia illudir este pedido; e desejava-o apaixonadamente. De dia para dia demorava a resposta tanto quanto lhe era possivel. Chegou, porém, um termo, em que cobrou temor á murmuração do povo, e prestou attenção ao voto do conselho de estado, redigido pelo marquez de Sande, e approvado e assignado por todos.

No dia 12 de novembro ouviu, em fim, os representantes da cidade.

Respondeu-lhes em termos mui genericos: desejava conceder a pedida convocação das cortes, mas julgava ser coisa de tão grave consequencia, que merecia pensada ainda um pouco, e ouvido o conselho.

Observaram-lhe que já tivera tempo para isso, e que o perigo pedia remedio urgente.

Tornou D. Affonso, que daria ordem para a convocação, mas que era preciso que o deixassem fazer as coisas, e o não apressassem d'aquelle modo.

Esta resposta foi, com razão, tomada como artificio ou divertimento pelos representantes municipaes. Regressando ao senado, todos, a uma voz, votaram não pagar nenhum imposto, até que o rei convocasse cortes; e, com esta declaração, enviaram logo deputados á junta dos Tres-Estados.

(Continúa) JOSÉ DE TORRES

ORIGEM DA LOTERIA DA MISERICORDIA

(Vid. pag. 272)

Vimos já como o theatro de S. Carlos foi edificado para favorecer a Casa-Pia antes da loteria; saiba-se agora que, muito antes, os theatros de Lisboa

pagavam um imposto ao hospital. Hoje tira-se da loteria da misericordia para sustentar o theatro!

A memoria mais antiga que temos a este respeito, achâmol-a na «Chronica da Companhia de Jesus», escripta pelo padre Balthasar Telles, em 1642.

Ahi, contando por menor como era que o padre mestre Ignacio (o da Cartilha) andava pelas ruas de Lisboa, com os meninos das escholas, e outros que elle convocava, ensinando-lhes a doutrina nos logares publicos, para que d'este ensino participassem os que paravam e se juntavam para ouvil-o, vem a fallar do que lhe succedeu com os comediantes, e como tomou a si pagar a quantia que d'elles recebia o hospital dos pobres.

Ouçamol-o, que tem sua graça no contar e pensar.

«Com este luzido esquadrão de meninos innocentes, apregoava o mestre Ignacio guerra contra os vicios, conquistando o inferno, e vencendo o diabo. Com esta sua soldadesca fazia entradas venturosas, umas vezes contra as comedias, das quaes foi grande perseguidor, por causa das liberdades com que n'aquelles tempos se faziam estas tão ociosas representações, o que, presentindo os comediantes, usaram da traça de se acolheram a sagrado, fazendo concerto e avença com o provedor do hospital, *que lhe dariam por cada comedia um tanto para esmola do hospital*, (que o diabo tambem se veste com capa de piedade), para que lhes dessem franca licença, sem deferir aos embargos que lhes punha o padre mestre Ignacio.

Bem viu elle a guerra que com este interesse lhe faziam os seus adversarios, mas não desmaiou com tal invenção; procurou logo contaminal-a, informou-se de quanto podia vir a render aquella promessa, e constando-lhe que seria até cem mil réis, não lhe pareceu por tão pouco preço perder tão grande victoria; offereceu ao provedor os cem mil réis, fiado n'aquelle Senhor cujas partes defendia, que elle n'aquelle anno os haveria de esmola, e que para os annos seguintes Deus proveria. Voltando a casa com esta confiança, escaçamente tinha entrado a portaria, quando um homem desconhecido lhe entregou cem mil réis que certa pessoa lh'os mandava por devoção, para elle os empregar em serviço de Deus, como fez, dando-os para o hospital, ficando d'esta maneira os pobres providos, e os comediantes escusados.»

Como noticia curiosa da varia fortuna que entre nós tem tido a arte dramatica, transcreveremos da mesma chronica o seguinte trecho:

«Já disse atraz da grande guerra que sempre em Lisboa moveu contra os comediantes, os quaes n'aquelle tempo com representações indecentes profanavam a honestidade portugueza. Haviam elles um dia de sair a primeira vez com uma dança mui lasciva, bem conhecida entre deshonestos, inventada, conforme nos ensinam graves auctores, dentro do inferno, e ensinada pelo proprio demonio, que até com bailes engana os homens. Tinham os comediantes lançado bando, e convocados todos os ociosos da cidade (que d'estes ha infinitos em Lisboa) para lhe irem assistir áquella sua diabolica dança. Teve noticia d'isto o padre mestre Ignacio, mandou logo tocar caixa, fez conduzir sua infanteria, e posta toda em ordem, fez marchar para o logar da comedia (que então era em um beco junto da rua das Arcas), chega a vanguarda á porta, que logo se lhe rendeu sem resistencia: começa dentro a soar a campainha da santa doutrina, e apparece logo seu estandarte real.

Tinha aquelle dia concorrido infinita gente, e pela causa que tenho dito occuparam o pateo todo, os bancos das varandas á roda, e os camarotes aonde costumavam assistir os mais auctorisados ouvintes. Tinham os comediantes chegado ao passo em que no fim da comedia haviam de representar o entremez da dança. Ao principio houve grande reboliço no auditorio, quando ouviram a campainha, e maior ainda, quando após ella vêem entrar a bandeira da doutrina, arvorada entre muitos meninos que vinham cantando, e rompendo caminho por entre o grande apertão do povo; ao reboliço da gente se seguiu maior admiração, quando souberam, e quando viram, que vinha na retaguarda o padre mestre Ignacio; coisa que nada menos esperavam em tal tempo, e em tal logar; e suspensos com a novidade do caso, uns se espantavam, outros o estranhavam; o padre sem perder ponto, mettido no pateo, pondo-se sobre um banco, saltou vencedor no mesmo logar aonde os infernaes dançantes começavam seu diabolico entremez, como se fosse um valente conquistador, que entre as lanças dos defensores saltava venturoso na fortaleza inimiga.

Tanto que o padre mestre Ignacio appareceu no alto d'aquelle theatro, e se virou para o povo, se seguiu logo um admiravel silencio e repentina suspensão em todo aquelle grande auditorio; até os mesmos comediantes, discipulos de Satanaz, ficaram totalmente parados á vista de tão novo espectaculo, largando-lhe o campo como vencidos, e subitamente assombrados das vozes que lhe ouviam, começando «pelo signal da santa cruz etc.» Vendo-se aqui, em realidade, o que os antigos fingiram do seu fabuloso Orpheu, do qual contavam, que quando entrou no inferno, tanto que por aquellas tartareas cavernas retumbou a melodia do seu suave canto, pararam como encantados todos os habitadores d'aquelles carceres infernaes; as mesmas tres furias se amansaram, o mesmo cerbéro trifauce deixou de ladrar, embebido todo com ouvir cantar.

Rematou-se o fim da doutrina reprehendendo o padre, com um espirito de Elias, aquella profana e deshonesta acção da infernal dança; e concluiu, pedindo em altas vozes a Deus misericordia; e finalmente se saiu victorioso, deixando vencido o inferno, confundidos os comediantes, e compungidos os ouvintes, que tornaram da comedia contritos, entrando n'ella distrahidos; achando a salvação no logar da perdição, e confessando todos que mais tiveram que ver em um só padre mestre Ignacio prégando, que em muitos comediantes representando.»

(Continúa)

THOMAZ THOPHAM

A nação ingleza faz grande caso dos homens cuja força physica é extraordinaria. Tem, de muitos d'elles, retratos e bustos reproduzidos pela gravura com estupendas biographias.

Um dos que tem gozado estas honras britannicas é Thomaz Thopham, cujo busto publicâmos. Foi primeiramente carpinteiro, officio de seu pae; depois taberneiro, mas por sua força e vocação deu-se aos exercicios athleticos, que lhe grangearam uma celebridade mui lucrativa.

Conta-se que levantava no meio da praça tres pipas cheias de agua, pesando 50 arrobas. Para elle era um brinco enrolar uma bandeja de estanho, transformando-a n'uma bengala. Levantava do chão, com os dentes, uma mesa de seis pés de comprimento, tendo na extremidade opposta cem arrateis de peso. Punha uma barra de ferro em ar de canga, e ía-a curvando para diante até se tocarem as duas extremidades. Quebrava uma corda de duas pollegadas de diametro como se fosse um fio de retroz. Pegava n'um cavallo e atirava com elle para fóra do circo.

Em certa occasião, encontrando uma sentinella a dormir dentro da guarita, foi pol-a em cima do muro do cemiterio, sem que o soldado acordasse; o que prova que pegou na guarita com tanta facilidade como se levasse a gaiola de um passarinho. D'outra vez, estando a uma janella baixa, metteu para dentro de casa meio boi que um homem, que ía passando, levava ás costas.

Com toda esta força, Thomaz Thopham era homem mui pacifico, e apesar dè ser inglez não consta que désse nem um sôco em toda a sua vida.

Ainda que rico, e mui festejado dos seus patricios, matou-se aos quarenta annos de edade.

Se nós fossemos tão curiosos como os estrangeiros, tiveramos tambem a nossa galeria de Samsões. Tem havido desde remotas eras portuguezes de extraordinaria força corporal, mórmente na provincia de Traz-os-Montes. Ainda ha quem conhecesse o celebre capitão-mór de Faro, cuja espingarda caçadeira se conserva, como coisa rara, no museu da Academia das Sciencias. Este homem fazia parar um coche puxado a quatro, lançando a mão a uma das rodas. Pegava n'um burro com dois saccos de trigo, como quem péga n'um perú, e partia com os dedos qualquer peça de prata ou de oiro que se lhe apresentasse.

De Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador, genro de Egas Moniz, se refere, que ainda na edade de 95 annos os golpes da sua espada penetravam os arnezes mais reforçados.

João de Barros conta que D. Lourenço de Almeida contendendo com um moiro membrudo e forte, lhe déra tal cutilada no alto da cabeça, que o abriu até aos peitos.

O padre Bento Pereira testimunha que víra em Evora, assistindo a uma corrida de toiros, um fidalgo d'aquella cidade atravessar a praça, e como o toiro o investisse, puxára da espada decepando-lhe a cabeça com o primeiro golpe.

Miguel Leitão de Andrade conta que conhecêra um tal D. Jeronymo de Ayança, o qual quebrava com as mãos uma ferradura por mais grossa que fosse.

A este proposito nos lembra ter lido algures, que no tempo do marquez de Pombal, indo certo marchante ferrar o cavallo, fôra successivamente partindo ao meio, como se fossem bolachas, as ferraduras que o mestre lhe ía dando a escolher. O ferrador não se mostrava admirado, pelo que, a final, o marchante consentiu que lhe ferrasse o cavallo. Indo porém a pagar a despeza, ou antes o estrago que tinha feito, o ferrador lhe foi partindo, e rejeitando a um e um, os cruzados novos, como elle lhe tinha feito ás ferraduras. Agradou-lhe o despique, e ficaram amigos. Diz-se que o marquez os quizera conhecer.

Conta-se uma africa similhante do marechal de Saxe.

Se fossemos a contar as façanhas de eguaes brutamontes, que vem nos livros de anecdotas e historias admiraveis, teriamos com que encher muitas paginas.

Todavia, merecem especial menção os que traz, como mais averiguados, Debay na *Histoire naturelle de l'homme et de la femme*, onde, tratando da força muscular, examina á luz da sciencia e dos factos, d'onde provém a alguns homens a força herculea. Diz elle que este dom da organisação animal não depende sómente do volume das fibras musculares, mas de muitas outras circunstancias; taes como da solidez da estructura ossea que serve de ponto de apoio da boa conformação dos musculos, da rijeza do ligamento tendinoso, e da perfeita harmonia dos movimentos de contracção; e bem assim do impulso cerebral que os põe em acção.

Quer elle que a energia encephalica exerça uma influencia positiva no poder muscular, porque é, por assim dizer, a mola occulta que a desenvolve e mantem. Para comprovar este principio, nota Debay, com razão, que não é raro ver homens mui pequenos e magros de uma força espantosa, a qual não se poderia explicar senão pelo impulso nervoso; e outros de grande estatura, robustos e espadaúdos sem nenhum vigor muscular. D'onde elle conclue, que da energia encephalica, da conformação ossea e muscular resulta a força physica por excellencia, o vigor levado ao mais subido grau.

Entre os exemplos de homens forçosos cita elle os seguintes:

Polydamante de Thessalia, que, como Hercules, desqueixava leões; e que perante Dario quebrou alguns troncos de arvore como quem quebra uma canna.

Salvio, de quem Plinio refere que uma vez trepára a escada do circo de Roma, levando ás costas 200 arrateis, 200 nas mãos, e outros 200 nos pés.



Thomaz Thopham

Athanato, outro athleta do mesmo tempo, percorria a arena carregado com o peso de 1:000 arrateis, 500 nos pés e 500 nas mãos.

Milão de Crotona, apenas pela contracção dos musculos e entumecimento das vêas, rebentava uma corda que lhe atavam em volta da cabeça.

Luiz de Boufflers, que vivia em Paris pelos annos 1534, tinha tal força nos dedos, que quebrava uma vara ou varão de ferro qualquer. Só com o pollegar e o indicador segurava uma pella, de fórma que ninguem conseguia tirar-lh'a.

O major Barsabas tinha tal força nos braços, que pegava n'uma peça de artilheria, e a disparava como se fosse uma espingarda. Um dia levou debaixo do capote, para sua casa, uma bigorna que pesava 16 arrobas. Uma irmã d'elle tambem tinha muita força, e contam-se d'esta madre Dorothea muitas valentias.

Augusto II, rei de Polonia, aguentava um homem na palma da mão.

Ico, athleta de Tarento, arrancava as pontas a um boi, com a mesma facilidade com que qualquer póde arrancar as azas a uma mosca.

Em Lisboa temos visto muitos d'estes alcides nos circos e praças de toiros. O celebre luctador Charles, chamado o Hercules francez, achou aqui um alentejano que luctou com elle, e o deitou ao chão.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.



Cidade natal de Jesus Christo

A Redempção do genero humano foi annunciada ao mundo com palavras de paz, entoadas pelo coro dos anjos no Presepio de Belem.

« Gloria a Deus no ceo, e paz aos homens na terra » — disseram elles proclamando o nascimento do Messias.

Estas palavras celestiaes tem sido o thema predilecto de poetas, prosadores e oradores de toda a christandade. Os publicistas o tem por vezes applicado com vario intento, e, ainda mal, este pregão de paz tem servido para moto de guerra!

Saudando, com o fervor religioso que influe no animo de todo o homem catholico o dia natalicio do nosso Salvador, restringir-nos-hemos a dar noticia da cidade da Palestina em que Jesus nasceu, e do seu estado actual, segundo representa a nossa gravura, tirada da uma photographia recente.

Tres escriptores notaveis, Volney, Chateaubriand, e Lamartine foram á Palestina, e nos descreveram todos os logares santos onde se passaram os augustos mysterios da Redempção.

Confrontando-os nós com o que da mesma Terra Santa publicou um franciscano portuguez, fr. Pantaleão d'Aveiro, achámos ser este mais explicito e demorado nas suas descripções, embora não podesse hombrear, no estilo e poesia, com aquell'outros viajantes. Todavia, um critico severo reconhece que a sua linguagem é pura, o estilo animado, agradavel, e algumas vezes elegante. Por estes predicados o incluiu a academia no catalogo dos nossos auctores classicos.

Tudo quanto escreve é de observação ocular, e refere-se ao anno de 1563.

Ouçamos como elle descreve a cidade de Belem, e o Presepio onde nasceu o Menino Deus:

« Belem, cidade santa e patria do propheta David, onde teve por bem nascer o Salvador do mundo, ao presente é uma pequena povoação que tem pouco mais de duzentos visinhos (familias) segundo me affirmaram alguns d'elles a quem o perguntei, ainda que menos parecem por estarem as casas meias subterraneas.

São tantos os casaes dos christãos como os de moiros, gente pobre e miseravel, em especial os moiros. Os christãos todos, no espiritual, são sujeitos ao patriarcha dos gregos; além das muitas superstições que os gregos tem entre si, em toda a parte aonde não obedecem á egreja romana, tem os que vivem n'esta terra outras muitas peiores, tomadas dos moiros, entre os quaes nascem, e com quem se criam e conversam toda a sua vida. Nem entre uns e outros, no vestido e trajo, ha outra differença que trazerem os moiros uma pequena faixa na cabeça, e os christãos listrada, os que a trazem, posto que a gente pobre, pela maior parte, não traz mais que um pedaço de sombreiro velho a modo de capacete; e digo velho, por me não lembrar que o visse a algum novo. As mulheres todas andam de uma maneira, ao uso da terra.

Nos comeres e enterramentos, no prantear os mortos, solemnisar bodas, são todos mui conformes, não sómente em Belem, mas em todas as partes onde vivem de mistura; nem é de maravilhar, porque os christãos que são naturaes da terra e seguem o rito grego, todos indifferentemente são canalha; e o que parece melhor, sem escrupulo se deve ter por peor, salvo em condições, pois vêmos em animaes brutos de uma mesma natureza, uns serem mais domesticos que outros.

Aqui, em Belem, os christãos tem melhor o necessario para a vida que os moiros; porque se dão á lavoira, semeam muito trigo, tem muitas e boas vi-

nhas; e commummente os moiros servem os christãos em lh'as concertar e guardar no tempo: e lhes lavram as terras, e lhes guardam o gado, e fazem todo o outro serviço. Mas nem por isso nos vestidos andam uns melhorados dos outros.

As vinhas junto a Belem, e toda aquella comarca, são mui fructiferas, e a maior parte assyrias, de que fazem muito bom vinho, com licença do governador da terra, posto que em toda a Palestina se não vende atavernado, nem menos em publico. Eu medi com minha mão, junto a Belem, um cacho que passava de covado; mas muito maior devia ser o que os espias, por quem o santo Moysés mandou descobrir a terra de Promissão, levaram para lhe mostrar, pois para o levar foi necessario dois homens. Tambem ha de redor de Belem muitos olivaes e figueiras.

Apartado das casas de Belem, tiro de pedra de bom braço, está o pateo ou adro de Nossa Senhora, do nosso mosteiro (S. Francisco), o qual de todas as partes está cercado de alto muro: da parte do sul tem grandes edificios, aonde em tempo de christãos morava o bispo de Belem, e junto a elles uma egreja mui formosa, que agora está quasi toda arruinada, ainda que tem em pé seis mui formosas columnas, que mostram bem qual era toda a outra obra.

O templo de dentro é uma obra espantosa, nem me parece haver outro tal no mundo, fóra do templo de Salomão antigo; é intitulado do nome da Virgem Nossa Senhora, [1] e está á conta da nação grega. Entrando á mão direita está o baptisterio, tão rico e sumptuoso como convem á mais rica obra do templo, o qual é de cinco naves, sustentadas sobre quatro fieiras de mui grossas e formosas columnas de jaspe, mui altas; cada fieira de dez columnas, e em cada columna pintado um apostolo, propheta ou patriarcha; e como ellas são quarenta por todas, deram a cada uma o que melhor lhe estava, posto que a antiguidade tem tirado muito lustre a toda a obra. Na nave do meio, dos capiteis das columnas até ao tecto váe parede mui alta, armada sobre grossissimas vigas de cedro do Libano, lavradas as pedras de mui rico mosaico, com historias da mesma obra de mosaico, assim do velho como do novo Testamento, e as quatro egrejas patriarchaes da christandade, a uma parte Antiochia e Constantinopla, e a outra Alexandria e Jerusalem.

Sobre a porta principal está, do mesmo mosaico, a vara de Jesué, em figuras muito grandes, obra por certo que parece miraculosa. O coberto de cima é de grossissimas vigas de cedro do Libano, lavradas de curiosas invenções de lavores cobertos de oiro e azul, e o telhado todo lustrado de chumbo.

As paredes d'este templo, de uma e outra parte, foram ornadas todas de jaspes verdes e vermelhos, e de outras mui ricas pedras postas por sua ordem, e entre ellas guarnições de madreperola, para mais ornato; mas a maior parte de tudo isto tem os turcos levado para as suas mesquitas.

O solio ou chão d'esta egreja é todo de pedras tão finas, que quando estão limpas enganam, com seu resplendor, aos que novamente entram, porque vêem nas mesmas pedras as pinturas das paredes, como acontece nos espelhos cristallinos.

Tem esta sumptuosa egreja tres tribunas ou capellas, a saber, a principal no meio, e suas collateraes, todas tres de abobada cobertas de rico mosaico, e as paredes ornadas das mesmas pedras finas que o corpo da egreja. A capella-mór tem de comprido noventa e dois pés. Á mão esquerda, junto a uma tribuna collateral, vem as costas da capella do santo Presepio, que tem alli duas portas de bronze feitas a modo de curiosa gelosia, para que dentro da egreja grande de que vou tratando, os christãos da terra, turcos e moiros, possam visitar e ver o Presepio sem devassarem o mosteiro dos frades entrando por dentro. Os portaes das portas de bronze são de porfido e jaspe, com columnas e lavores; e cada porta tem cinco degraus das mesmas pedras finas da parte de dentro do Presepio, por cuja causa é aquella egreja frequentada de todo o genero de nações, assim de christãos como de turcos, que de toda a parte a visitam com muita devoção.

Ao Presepio se desce por uma mui ingreme e escura escada de vinte e tantos degraus de pedra, que váe dar á capella feita da mesma rocha viva subterranea sem claridade alguma, salvo que no meio da escada arde de continuo uma lampada de que participa a capella, a qual é feita sem compasso ou arte, mas quasi como a formou a natureza, e sustenta-se com ter no meio um grosso pilar feito de pedra e cal. Alli estão differentes altares, um arrimado á rocha, e debaixo d'elle uma grande cova onde foram mettidos a maior parte dos meninos que Herodes mandou degollar; outro onde está sepultado Santo Eusebio, discipulo e companheiro de S. Jeronymo; e mais adiante o da sepultura d'este santo doutor, assim como a estancia ou estudo onde este santo padre tinha a sua santa livraria, e traduziu a Sagrada Escriptura.

Todas estas estancias estão debaixo do chão como furnas marinas, e sómente esta participa da luz do dia, ainda que pouco.

Andando seis ou sete passos para o poente da capella dos Innocentes, chega-se á porta do santo Presepio, a qual aberta vêmos defronte o logar, milhares de vezes santissimo, onde teve por bem nascer o Verbo Divino, com cuja vista toda a alma que alli chega começa a sentir a suavidade do logar sagrado e bemdito. Alli parece que de continuo se vêem visões de anjos com olhos corporaes, e se sentem suas melodias e canticos angelicos. Alli se vos representa que vêdes, claramente, Deus humanado e nascido, estar em o Presepio posto e reclinado, os pastores e magos adorando, a Virgem gloriosa e o santo José seu esposo, aquelles tão altos mysterios contemplando. É de tanta magestade e devoção a capella do santo Presepio, que sem duvida para mim tenho, não haver christão no mundo, por muito mau e pessimo que seja, que entrando alli com alguma consideração da santidade d'aquelle logar, não se arrependa e tenha dor intima e contrição de seus peccados.

Tem esta capella 30 pés em comprido e 14 de largo; o chão é coberto de taboas mui compridas e largas de marmore fino, as quaes, como depois de serradas e polidas foram postas por sua ordem, com suas vêas umas juntas com as outras, mostram aguas e lavores com muitas curiosidades. A abobada é de rico mosaico, e as paredes, do pavimento até ao tecto, são cobertas das mesmas taboas postas em duas fileiras, tão lindamente lavradas umas e outras, que vós vêdes n'ella como n'um espelho cristallino, e tão unidas, que para se enxergarem as juncturas convem ter muito boa vista. Todos estes marmores, assim serrados, tem da sua natureza muitas imagens, rochedos e arvoredos, algum tanto o azul sobre o branco a modo de procelanas, coisa certo tão estranha que causa admiração.

Não tem este santo logar claridade alguma, salvo a de muitas lampadas que n'elle de continuo ardem, á conta de varios principes e reis christãos que as offertaram. Por particular amizade e importunos rogos, os frades que moram na Terra Santa permittem aos armenios terem alli duas, por serem nossos amigos e devotos.

[1] Foi edificado no anno de 326, pela mãe do imperador Constantino, como logo se verá.

Na cabeceira e principal logar d'esta capella está um altar, defronte da porta, mettido na parede com um arco mui rico de porfido. A mesa é uma taboa de alabastro de 6 palmos em comprido e pouco mais de 3 de largo, a qual fica em vão. Debaixo d'ella está tudo ornado de jaspes serpentinos, assim no solio como de redor das paredes, e no meio d'ellas uma rica e mui resplandecente pedra branca, lavrada á maneira de estrella, com quatorze clarissimos raios, e dentro d'ella um porfido redondo, e concavo dois dedos, cujo vão tem sómente um palmo: aquelle é o logar sacratissimo aonde o bom Jesus esteve quando saiu das purissimas e virginaes entranhas da Virgem Maria.

O logar do santo Presepio, ou para melhor dizer, o que se chama agora Presepio, é de 5 palmos de comprido e 3 de largo, feito a modo de uma mangedoura de animaes. A parede junto a elle não está coberta nem ornada com coisa alguma, mas sómente rocha viva como estava no tempo que o Redemptor do mundo nasceu.

Em um dos marmores d'este santo Presepio, da parte de dentro, está a imagem de S. Jeronymo, com barba comprida e carapuça grande na cabeça, como costumavam trazer os caloiros e monges d'aquellas partes e de toda a Grecia.

Está o santo Presepio todo coberto com uma cortina e corrediça que alli trouxe da India a devota mulher portugueza Mecia Pimenta.»

Fallemos agora do estado presente de Belem.

Fica esta antiga cidade da Galiléa a dez metros de Jerusalem, outr'ora capital da Palestina.

O nome de Belem, Betheleem ou Ephrata, foi-lhe posto por Abrahão, e significa «casa de pão ou celeiro,» naturalmente pela sua fertilidade comparada com outros terrenos da Judéa. A povoação está assentada sobre um oiteiro, que fica do lado oriental de um profundo valle que se prolonga de nascente a poente. O seu principal edificio é a egreja e convento que Santa Helena, mãe do imperador Constantino, mandou edificar em 326 no sitio do Presepio onde Christo nasceu, dedicando-a a Nossa Senhora. Está cercada de muralhas e ameias, pelo que de longe parece uma fortaleza, como bem mostra a nossa estampa. Tomada pelos musulmanos com toda a Syria em 430, foi depois reconquistada pelos cruzados em 1099. Saladino, soldão do Egypto, a arrebatou aos christãos em 1187, passando em 1517 para o dominio da Turquia, onde se conserva, concedendo o imperador aos christãos terem nos Logares Santos alguns religiosos para o serviço divino, mediante um tributo que lhe pagam.

Ultimamente nomeou a corte de Roma patriarcha de Jerusalem a monsenhor Valerga, o qual publicou um extenso relatorio da sua visita pastoral ás egrejas da Palestina e da Galiléa, d'onde traduzimos o que elle diz sobre o estado actual da patria de Jesus Christo.

«A população de Belem é de 3:995 almas, a saber: 2:000 latinos, 1:520 gregos, 360 musulmanos, e 115 armenios scismaticos. Para todos estes habitantes gozarem dos privilegios que lhes são concedidos, vivem em boa harmonia, e fazem alliança com os arabes, principalmente com a tribu dos bethulios, e dos abugochs, que nunca deixam de os ajudar e soccorrer.

Em Belem se acha o principal núcleo da população catholica da Palestina. Devo dizer que os negocios religiosos vão alli mui bem, devido isto ao zelo de um missionario indigena, que foi estudar e ordenar-se a Roma. O cura actual, homem capaz e serviçal, offereceu-se para me coadjuvar nas reformas de que necessita esta missão. Brevemente estabelecerei as irmãs de S. José para abrirem uma eschola de meninas. Com estes conto dar principio á regeneração d'este paiz. É mui urgente esta fundação, porque os protestantes conseguiram ultimamente, depois de longos esforços, fundar aqui um estabelecimento de ensino. Todos sabem que estes ministros do puro evangelho raro chegam a fazer algum proselyto sincero; porém como em toda a parte ha descontentes e almas venaes, sendo elles ricos, facilmente acham adeptos. Deploro com toda a minha alma, que este novo elemento de divisão dos fieis venha estorvar a união de que tanto carece a egreja catholica. Ha aqui tambem um estabelecimento de S. Vicente de Paulo. Esta modesta filial de Jerusalem não é numerosa, porém não deixa de prestar bom serviço aos pobres, enfermos e velhos, tratando-os e visitando-os em suas casas. O anno passado recolheram as irmãs da caridade, e distribuiram pelos pobres, uns mil francos. Exulto de ver as caritativas conferencias de S. Vicente de Paulo, espalhadas hoje por todo o mundo catholico, estabelecidas tambem ao pé do Calvario e do Santo Sepulchro.

Por occasião do jubileu, e para nos conformarmos com as intenções do Santo Padre, excitámos a caridade dos catholicos da Terra Santa a bem da propagação da fé; já temos recolhido 1720 piastras turcas. É pouco; mas é um começo de estabelecer regularmente esta obra pia no meu patriarchado. Já o teria feito pelas festas do Natal passado, se o governo ottomano não tivesse exigido, n'estes ultimos tempos, um tributo extraordinario a todos os seus vassallos.

Não devo, porém, occultar que esta subscripção é difficil de alcançar-se na Palestina, onde os nossos fieis estão mais costumados a receber que a dar.»

PRESEPIOS

Referem os expositores da Sagrada Escriptura que, chegando á cidade de Belem S. José e a Virgem sua esposa, para se darem a rol, segundo fôra ordenado por um edicto do imperador Augusto, com intento de fazer a estatistica geral de todo o imperio romano; depois de se inscreverem no registo publico da referida cidade de Belem, foram os dois consortes procurar pousada, correndo mais de cincoenta casas sem que em nenhuma achassem commodo, nem tão pouco na estalagem destinada para os peregrinos.

Como anoitecesse, tiveram de se abrigar, fóra da cidade, n'uma gruta ou caverna onde se recolhia gado, logares estes a que se dava o nome de presepio ou curral. Ahi estava uma mangedoira com alguma palha, onde a Virgem Maria, sobrevindo-lhe, inopinadamente, a hora do parto, reclinou e agasalhou seu bemdito Filho.

Escreveram alguns que esta mangedoira era de pedra, e outros que era de tijolo; mas o padre João Baptista de Castro testimunha que é de madeira, porque elle a *vira e beijára muito á sua vontade*, no anno de 1735, quando foi a Roma, para onde a transportaram no tempo das cruzadas. Foi posta na famosa capella Xistina da basilica de Santa Maria Maior, onde todos os annos se expõe á veneração dos fieis na noite de Natal.

É tambem mui questionado entre os auctores ecclesiasticos, se no presepio, e na occasião do nascimento de Christo, estavam, com effeito, um boi e uma mulinha, entre os quaes costumam os pintores collocar o menino Jesus recemnascido. A opinião mais provavel, porém, é que tal circunstancia é fabulosa, e citada primeiramente n'um poema intitulado *De Passione Domini*, attribuido a Lactancio, d'onde, naturalmente, tomaram motivo os pintores

e esculptores para assim figurarem os seus quadros e imagens; sendo certo que nenhum dos santos padres interpréta o texto dos dois prophetas Isaias e Habacuc, que fallam em sentido allegorico e não litteral, entendendo-se pelos dois animaes a que estes prophetas se referem, os dois povos, judaico e gentilico, que o Messias vinha regenerar. Entretanto, o boisinho e a mulinha são ainda hoje figuras indispensaveis n'um Presepio, e as que mais recreiam a vista das pessoas devotas e das crianças.

Fr. Luiz de Sousa diz que o uso dos Presepios em Portugal começára na egreja das freiras do Salvador, de Lisboa, fundado em 1391. Ponhamos as suas proprias palavras:

«Por tradição antiga, se conta e está recebido entre estas madres, que a primeira representação que se fez na cidade do glorioso nascimento do Filho de Deus, no seu Presepio de Belem, foi e teve origem n'esta casa, dando occasião a isso uma devota visão de uma madre, a qual fez logo pintar o que n'ella vira, e no primeiro dia de Natal seguinte, mandou levantar no meio da egreja um edificio arremedado, da porta, da cova e portal de Belem, com figuras que representavam o que alli obrou a misericordia divina, acompanhadas da sua pintura.

Fez isto devoção na terra, e continuou a fabrica do Presepio n'esta egreja pelos annos adiante, continuando sempre o painel da visão n'elle, e dizem, que a esta conta, começou a devoção com que a confraria dos clerigos pobres vem todos os annos, pelas oitavas do Natal, cantar uma missa n'esta egreja; e d'aqui se começaram a fazer, n'outras egrejas, os Presepios que hoje se fazem em quasi todas.»

Os mais nomeados de que nos lembrâmos, e ainda existem em Lisboa, são o dos Jeronymos de Belem, e de Santo Antonio dos Capuchos, hoje Asylo de Mendicidade.

MISSA DO GALLO

Foi o papa Thelesphoro, no seculo II, quem ordenou que se dissessem tres missas pelo Natal, não todas seguidas como hoje, mas a primeira á meia noite, hora em que nasceu o menino Deus; a segunda ao romper da aurora, e a terceira ás tres horas da tarde.

De cantar o gallo á meia noite, deu o povo o nome d'esta vigilantissima ave á missa dita a taes horas. D'antes havia grande folia nas egrejas durante a missa do gallo, e ainda nos fins do seculo passado, as reprehende o eloquente oratoriano Manuel Bernardes, n'estes termos:

«Emende-se o celebrarmos as noites de Natal nas egrejas (como eu vi em uma), com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola e risadas descompostas. E advirta-se, que nenhuma d'estas coisas descanta bem com a letra dos anjos, pois nenhuma dá gloria a Deus nas alturas, nem paz aos homens na terra.»

Hoje apenas se conserva a gaita de folle, simulada no orgão.

ANNO DO NASCIMENTO

Não se sabe ao certo em que anno da creação do mundo nasceu Christo. Tem-se escripto muito a este respeito, e em vão se cançaram antigamente muitos ecclesiasticos, e nomeadamente o auctor da *Chronologia Universal*, para conciliar o computo dos setenta interpretes da Biblia com a traducção da Vulgata. E livro cançadissimo o tal, cheio de muitas taboas e combinações, que nos fazem admirar a paciencia do auctor, e nos mettem em confusões inextricaveis.

A egreja latina usou do computo dos Setenta, os quaes dizem que o nascimento de Christo fôra no anno 5199 da creação do mundo. A Vulgata assigna o anno de 3963, computação esta que differe nada menos de 1236 annos da dos Setenta. Todavia o concilio tridentino mandou usar da era da Vulgata como mais authentica.

Apesar d'isto, os computistas modernos convem em que desde a creação do mundo até ao nascimento de Christo decorreram 4000 annos. Bossuet, no *Discurso sobre a historia Universal*, diz que esta epocha é a melhor de todas.

Quando pois nas folhinhas se designa o anno da creação do mundo em relação á era vulgar do nascimento de Christo, com a expressão *segundo a melhor chronologia*, allude-se a esta discordancia dos chronologistas, porque ha umas 140 variantes!

Quanto ao dia e mez, é tradição antiquissima da egreja, que o natal de Christo fôra a 25 de dezembro, e por isso durante muito tempo começou o anno civil n'este dia, chamando-se-lhe *anno do nascimento;* porém n'algumas nações principiava a 25 de março, e lhe chamavam *anno da encarnação*, como por exemplo em Inglaterra, que até 1752 usou d'este computo.

Hoje todas as nações começam o anno no principio de janeiro.

AZULEJO DO SECULO XVI, COPIADO DA EGREJA DE JESUS DE SETUBAL

Muitas das nossas egrejas antigas são forradas, interiormente, de azulejos até ao meio, e n'algumas havia capellas todas azulejadas. Representam, quasi sempre, os successos mais notaveis da Sagrada Escriptura, a vida de Christo, da Virgem Maria, dos santos e varões religiosos, milagres, parabolas, etc.

Na viagem artistica, feita pelo conde de Raczynski em Portugal, nos annos de 1843 e 44, se acha larga menção dos azulejos notaveis por sua pintura, que o conde viu em diversas egrejas, claustros e palacios antigos.

Sobre a origem d'este ladrilho vidrado, e a epocha da sua introducção em Portugal, escreveu o sr. visconde de Jorumenha uma extensa nota que vem a pag. 434 até 497 da citada viagem, intitulada *Les arts en Portugal*.

D'esta nota, escripta com toda a averiguação, e com a ampla noticia das antiguidades nacionaes que tem o sr. visconde, traduzimos a parte que serve para elucidar os nossos leitores, a respeito da gravura que lhes apresentâmos.

«Os azulejos que hoje conhecemos, reduzem-se a duas especies: os de relevo, com flores, arabescos, e figuras; e os lisos, ainda de uso commum. Um documento do seculo XV nos dá a certeza de que esta especie de ornatos era já n'aquelle tempo muito usada entre nós. Ahi se diz: *os dois altares de fóra com o altar mór, cobertos de azorecho.*

Pertencem provavelmente a este mesmo tempo os medalhões que se vêem na egreja da Madre de Deus, extra-muros de Lisboa, fundada pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II. Talvez se possa attribuir a esta mesma epocha uma obra que, pela sua boa execução, parece pertencer ao reinado seguinte; fallo de alguns azulejos que me lembro ter visto na egreja parochial de Aldeia-gallega da Merceana, nos quaes parece reconhecer-se o retrato de D. João II. Presumo ser com effeito o retrato d'este rei, e que esta egreja fôra fundada por elle, porque o portico estava coroado com um pelicano, que era a sua divisa.

Entretanto, não é boa prova, porque el-rei D. Manuel conservou algumas vezes o pelicano nos edificios já começados, ou ordenados pelo seu predecessor.

Conservam-se muitos azulejos lisos dos seculos XVI e XVII; mas existem tambem de relevo no convento da Pena em Cintra, e no palacio da mesma villa. Os dos fogões d'este palacio representam uma estampa feita por Duarte de Armas, pintor d'el-rei D. Manuel. Ha tambem alguns, antiquissimos, na egreja parochial da villa de Alcochete, e n'uma gruta ou fonte na quinta de Penha Verde em Cintra. Se a memoria me não falha, porque o li ha muito tempo, não sei aonde, creio que havia no convento da Trindade em Lisboa, alguns muito bons, representando a tomada de Arzila. Na entrada de uma casa construida no sitio do convento se vêem alguns azulejos de data mais recente. O claustro do convento de Penha Longa, em Cintra, é tambem ladrilhado de azulejos, bem como as construcções chamadas do Nuncio. As obras do convento fizeram-se por ordem d'el-rei D. Manuel e de seus filhos o infante D. Luiz



Azulejo do seculo XVI, copiado da egreja de Jesus de Setubal — Desenho de Nogueira da Silva

e o cardeal rei; mas não me recordo se os ladrilhos são do mesmo tempo.

Junto á sepultura de Camões, no convento das freiras de Sant'Anna, havia um tropheu pintado em azulejos. Tinha-o mandado pôr o poeta Miguel Leitão de Andrade, que vivia ainda nos fins do seculo XVI. Em casa do senhor de Pancas, a Arroios, ha um azulejo representando a batalha de Ameixial, ganha por D. Sancho Manuel seu avô, no seu tempo da acclamação de D. João IV. Vêem-se tambem azulejos na sala grande do palacio do conde de Almada, ao Rocio, aonde se reuniram os conjurados para a acclamação de 1640, representando os principaes feitos d'esta revolução. O proprietario, um dos conjurados, fez executar esta obra em commemoração de tão extraordinario acontecimento. Nas paredes da egreja de Santo André de Alfama conservam-se azulejos que parecem mui antigos. O recolhimento dos orphãos, á Mouraria, dizem que tem alguns mui curiosos. A quinta dos marquezes de Fronteira, em Bemfica, é ornada d'elles com profusão no jardim.

Antes do terremoto de 1755, no antigo edificio do jogo da pella, existiam azulejos antigos, que indicavam as regras d'este jogo, e representavam os jogadores em differentes posições.

O diccionario das sciencias e das artes diz-nos que o interior d'este edificio era todo azulejado, e nos dá as dimensões d'elle. Ao cimo da rua do Telhal, antes de chegar ao campo de Sant'Anna, ha uma quinta que tem um muro semi-circular rodeando um tanque de alto a baixo revestido de azulejos. Não os examinei recentemente, e ignoro de que tempo sejam; creio, porém, que os assumptos são tirados da fabula. Os que adornam a egreja da Madre

de Deus parecem interessantissimos. Acham-se tambem alguns no convento das religiosas dos Cardaes de Jesus (rua Formosa). São a obra de um artista flamengo que n'elles poz o seu nome. Os da escadaria do hospital de S. José, do convento de Jesus e muitos outros, representam, ordinariamente, assumptos da Biblia, ou vida de santos da ordem a que o convento ou egreja pertence. Vêem-se azulejos em quasi todos os edificios do seculo passado. Ha alguns que se referem aos costumes da epocha, outros representam combates de toiros, danças, caçadas de javalís, etc.

Havia tambem o costume de pôr no fundo das escadas, junto ás portas de entrada, figuras modeladas em argila cozida no forno, representando alabardeiros, figuras grutescas e animaes.

Existe na camara municipal uma collecção preciosa de regimentos de todos os officios. Não só esta collecção é interessante para o estudo das artes d'este paiz, como para fazer conhecer o bom senso e o espirito de equidade que reinava entre nossos avós, e bem assim o cuidado que tinham em tudo quanto dizia respeito ao povo. Por estes regimentos, ou leis especiaes, se regiam os gremios de artes e officios.

Promulgados em differentes epochas, foram depois revistos e compilados todos estes regimentos pelo sabio jurisconsulto e chronista, Duarte Nunes de Leão.

Nenhum d'elles tem a data da promulgação; mas como foram colligidos por Duarte Nunes, todos são anteriores a 1669, era em que os publicou.

N'esta collecção se acha o regimento dos oleiros, o qual examinei, esperando achar n'elle alguma noticia a respeito dos azulejos. Começa este, como todos os outros, pela eleição dos juizes, a que se procedia no primeiro dia de cada anno. Eram estes juizes principalmente encarregados do exame dos productos do seu officio; eram obrigados a fiscalisar as obras, de modo que o publico não fosse enganado; para o que havia certas multas contra as fraudes; deviam, além d'isso, examinar as obras antes de serem postas á venda, e visitar frequentemente as lojas de officio. N'estes mesmos regimentos se acham prescriptos os deveres de cada official dos differentes ramos do officio de loiceiro, oleiro e telheiro, assim como as dimensões e qualidade dos tijolos e azulejos, sendo todos obrigados a conformar-se com os padrões conservados no municipio. Em nenhum d'estes regimentos achâmos coisa que sirva para a historia dos azulejos; apenas no começo do livro vem uma petição dos estucadores de Lisboa, onde dizem que, antigamente, os pedreiros que estucavam e azulejavam; que aprendiam este officio separadamente, em quanto que os pedreiros não se occupavam de estucar nem de ladrilhar; e que, por isso, era injusto examinal-os em alvenaria, quando elles não exerciam este officio. Á vista d'esta petição, póde affirmar-se que o uso dos azulejos era já vulgar n'aquelle tempo. »

Da fundação e valor artistico do convento de Jesus de Setubal, já por vezes temos fallado n'este jornal, e a pag. 65 do corrente volume publicámos uma gravura da fachada.

Hoje, para amostra dos azulejos de que a egreja é forrada em volta, damos o desenho dos que formam o quadro que fica á mão esquerda, logo á entrada.

O quadro é, como bem se vê, allegorico, e póde ter diversas interpretações. A mais obvia é que uma victima do amor profano, inspirado ou cantado pelo poeta que alli jaz caído, e atterrado á vista do dragão infernal, váe arrastada para o fogo eterno, pelos tres inimigos d'alma, mundo, diabo e carne, figurados nas tres cadeias que sáem das boccas do cão trifauce, guarda-barreira do averno ou inferno da fabula.

No plano superior vê-se a rainha dos anjos, a mãe dos homens, intercedendo pela peccadora, e alcançando de seu bemdito Filho que a livre do poder do demonio.

As inscripções que se lêem n'este painel confirmam esta nossa interpretação. Todavia, quem sabe se isto é mais que uma parabola, ou uma allegoria moral como as de Alciato? Póde ser algum caso memorado e perpetuado n'esta pintura symbolica.

Seja o que for, Deus livre a todos de similhantes cadeias.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(Fragmentos)

PRELIMINARES PARA A ANNULLAÇÃO DO REI

(Conclusão. Vid. pag. 278)

Na segunda feira 14 de novembro foram o infante e todos os conselheiros de estado convocados para o paço. Toda a nobreza acompanhou o principe; após elles ía grande quantidade de povo. Como no dia 5 d'outubro, n'esta occasião Affonso VI era quem menos governava no paço. Antes de entrarem em conselho praticou o rei em particular com os conselheiros ácerca da materia que lhes ía propor. Apenas um subscreveu á sua opinião. Todos os outros lhe declararam abertamente, que elle não podia, sem perder-se, recusar a convocação das cortes.

Com um discurso, preparado e estudado para o fim, abriu o rei o conselho. Declarava convir na convocação dos Tres-Estados, mas sem aternal-a. Todos os conselheiros murmuravam d'este ardil. Olhavam uns para os outros, mas nenhum se resolvia a fallar, até que o marquez de Marialva tirou um papel da algibeira. Era um requerimento do povo sobre aquelle objecto. Dispunha-se o rei a deitar-lhe a mão, provavelmente para o guardar em eterno esquecimento, mas o marquez póde acudir-lhe a tempo, passando a supplica ao secretario d'estado para que a lêsse.

D. Affonso não soube disfarçar a colera em que ardia.

— « Isto é uma grande velhacaria! » disse elle voltando-se para a rainha.

O povo pedia dia prefixo e certo para a abertura das cortes.

Mal se acabou a leitura, D. Diogo de Souza, apresentado no bispado de Leiria, e mettido de pouco no conselho mais o conde de Val-de-Reis, por influencia de Castel-melhor, sem dar ao rei tempo para fallar, tomou a palavra, e foi de voto que se fixasse e declarasse o dia da abertura. Seguiram-no todos, e o marquez de Sande mais calorosamente que nenhum. O rei consentiu. Accordou-se no dia um de janeiro proximo seguinte, e o secretario lavrou o decreto.

Não tardou que Marialva pagasse o seu atrevimento. Chamado logo depois do conselho pelo rei, ouviu-lhe exprobrações amargas, porque tendo-lhe D. Affonso fallado em particular, antes da sessão, sobre o objecto que n'ella se ía tratar, nada lhe dissera do requerimento que trazia na algibeira.

Só tinham passado tres dias, quando na quarta feira houve nova convocação dos conselheiros d'estado! Propunha-lhes Affonso VI que mudassem para o ultimo de fevereiro o dia de abertura das cortes, para que tivesse tempo de ir, como era seu costume, passar alguns dias em Salvaterra.

Todos se oppozeram com decisão, e o marquez de Sande, a pedido dos seus collegas, redigiu um me-

morandum para se mostrar ao rei, cuja conclusão era, que se elle não queria manter o que se decretára no conselho precedente, e fazer quanto o mesmo marquez já lhe aconselhára por escripto, todos lhe supplicavam permittisse que se retirassem a suas casas. D. Affonso pareceu render-se. Nova convocação para assistirem á noite á expedição das cartas convocatorias. De tarde nova irresolução do rei, novas coleras contra todos os conselheiros d'estado; e principalmente contra o marquez de Sande! Entretanto Antonio de Cavide escreveu á noite as cartas e se encarregou de as fazer assignar. Se este objecto, que tanta lucta suscitára, parecia ficar resolvido desde que o rei assignára as convocatorias, não deixava de continuar certo rumor de alguma mudança consideravel antes mesmo da abertura dos Estados.

O infante reconhecêra as proprias forças. Com o fundamento, que parecia averiguado, de seu irmão não poder ter filhos, nem governar o estado, esperava poder ir para o logar d'elle, tomando-lhe a coroa e a mulher. Trabalhava para o conseguir, julgando que seria mais facil obter das cortes approvação de mudança já consummada, do que leval-a a fazerem-na por si. O enviado francez Saint-Romain n'um despacho para a sua corte não encobre a situação em que via as coisas. São d'elle estas palavras ácerca da intelligencia intima dos dois cunhados: — « Bem vejo que entre a rainha e o infante se passam coisas que eu não sei. A materia parece tão boa e tão bem disposta, que se não duvida, que tudo quanto o infante faz venha a ter bom exito, por alguns dos meios de que elle se serve. Ha entretanto uns melhores que outros, e mais convenientes para a reputação e segurança da rainha. Não estou despeitado, porque me não consultam da sua parte, sobre uma coisa tão delicada como essa é: basta-me ouvir que quasi todo o reino, e todo o conselho de estado, estão persuadidos que é bem e vantagem de Portugal, e de seus alliados, que a auctoridade e governo sáiam das mãos do rei, para as do infante (mesmo a realeza, com a rainha), e que a coisa não falhará se a emprehenderem. »

Em similhante alternativa, o que mais preoccupava Saint-Romain eram as eventualidades que podiam comprometter a observancia do tratado de liga e alliança recentemente celebrado com a França. Do infante não tinha a tal respeito senão protestos: preparava-se para obter maiores seguranças por intermedio da rainha, não julgando a proposito communicar directamente com elle ou com a gente da Corte-real.

Todos descobriam que D. Pedro estava apaixonado e ambicioso. Testimunhava grande inclinação para a guerra. Propunha-se fazer uma bella campanha no anno futuro, e bem podia isto ser, porque os hespanhoes estavam mui enfraquecidos, na nossa fronteira. Assim o communicára a Saint-Romain, por intermedio dos confidentes da rainha. Esperava que Luiz XIV não recusasse ajudal-o n'este começo, e pedia ao enviado que escrevesse ao seu governo, para o dispor a isso. Assegurava que o dinheiro de França e o de Portugal applicaveis á guerra, nunca mais seriam distrahidos. Havia poucos dias que o marquez de Sande fizera a Saint-Romain o mesmo pedido da parte de todo o conselho. Dizia que o rei christianissimo conhecia as necessidades e estado dos negocios de Portugal, bem como a importancia, para os interesses da França, da sua diversão nas fronteiras de Hespanha, pelo que não devia difficultar-nos o subsidio grande, que todo o mundo nos suppunha ser n'este anno devido, já que não o tinhamos feito com Hespanha, nem elle enviado tropas á Italia, ou á Catalunha.

A opinião do representante de França era que Portugal carecia de dinheiro, que o que se lhe désse seria bem empregado, e produziria por toda a parte boas resultas, sendo uma tal graça para produzir grande effeito e esplendor se fosse annunciada durando a reunião das cortes, porque captivaria o principe e todo o reino. Accrescentava que já o principe e a maior parte dos portuguezes pareciam ter a respeito da França opinião differente da que tinham alguns tempos antes. Um soccorro dado a tempo podia acabar de os prender, e fortifical-os na alliança franceza contra as tentações da paz com Castella, que era o desejo e a paixão do maior numero, particularmente do povo.

Por este tempo constára em Lisboa, talvez por informação do nosso embaixador, que o rei de França acceitára para mediadores entre elle e o de Hespanha, o papa, e os principes do imperio. A cidade de Liége era a escolhida para as conferencias, sem que em tudo isto se fizesse menção de Portugal. Ferreira, pelas suas ultimas cartas, que eram do mez d'outubro, suscitava grande desconfiança das intenções e procedimento da França n'este negocio da paz. Em tal conjunctura, similhantes noticias eram perigosas, e penalisavam o partido francez em Portugal. Saint-Romain fazia quanto podia para impedir que fizessem impressão, e aguardava da sua corte noticias que o auctorisassem a dissipar completamente todas aquellas suspeitas. Fallára á rainha em nome dos interesses da França, e na grave conjunctura em que estava Portugal, para obter do principe promessa por escripto de conservar e executar o tratado de liga e alliança franceza. Ella que via bem onde paravam os seus interesses, e desejava mostrar ao rei christianissimo a sua consideração, prometteu alcançal-a.

No dia 20, Dalmerás com uma esquadra vinda de França ancorou na bahia de Cascaes. Trazia despachos para Saint-Romain; e lh'os enviou logo pelo major da armada. No dia seguinte veiu elle proprio a Lisboa, n'uma chalupa, para ver se podia passar sem entrar no Tejo. O mau tempo porém obrigou no dia 22 todos os seus capitães a acolherem-se ao rio: se não fosse esse motivo teria cedido a outros, quaes eram, as instancias da rainha e do proprio infante, que pediam, que se demorasse no Tejo algum tempo, em quanto se não dissipassem as nuvens que se agglomeravam, e escureciam o horisonte tormentoso da politica lisbonense.

Quando a esquadra franceza estava a entrar no rio, e ia ancorar em frente de Lisboa, tomava a revolução preparada na Corte-real novo aspecto, dando um passo decisivo para a sua consummação.

A rainha, esposa de D. Affonso VI, abandona o marido e seus paços, refugiando-se no convento da Esperança.

A catastrophe precipita-se!

A lucta entra em campo aberto!

O partido de D. Pedro conta com grandes forças!

Affonso VI váe jogar, e perder com os ultimos arrebatamentos, a mulher e a coroa! JOSÉ DE TORRES

O PRINCIPE DE ERIN

(Lenda biscaynha)

I

Grande numero de guerreiros, com a aljava a tiracollo, occupam o vestibulo do palacio de Témora, residencia dos reis de Erin, [1] e os trovadores cantam, ao som das harpas de oiro, as façanhas que glorifi-

[1] Irlanda.

caram na guerra e na caça o valoroso Morna, soberano das verdes ilhas cercadas por ondas azues.

Deixam de ouvir-se as harpas dos trovadores, os guerreiros formam duas alas, as portas do palacio abrem-se, e d'ellas sáe o ancião Morna entre seus dois filhos Lémor e Armin.

O povo, que se aproxima a contemplar o seu rei, acclama-o com infinito amor, porque Morna é o *amado de todos*, segundo a significação do seu nome, no harmonioso idioma das verdes ilhas.

Encanecidos tem o rei cabello e barba, porém a neve de setenta invernos não conseguira enfraquecer aquelles membros de athleta, desenvolvidos no trabalho e na sobriedade.

Tambem o povo tem affectuosas acclamações para os principes que acompanham o ancião, porque Lémor e Armin são formosos de corpo e alma.

Lémor tem a tez alva como a neve que coroa os cumes do Carmora, o cabello doirado como os raios do sol, e os olhos azues como a flor do lirio.

Afastam-se, afastam-se de Témora seguidos dos guerreiros e abençoados das mulheres, dos velhos e moços, que os seguem com a vista e com a alma até que se perdem na espessura de Lena.

Não vão á guerra, não, que as mulheres não choram ao vel-os partir.

O javali de asperas cerdas e alongadas presas é o inimigo com quem vão combater nos bosques de Lena.

Eil-os que se dispersam no emmaranhado do bosque, assim que os mastins, que os seguem de perto, annunciam a presença do monstro das selvas.

O rei váe por um lado, Lémor e Armin por outro.

A buzina dos monteadores e exploradores tambem annuncia a apparição do javali. E este corre, corre, corre despedaçando com os formidaveis colmilhos quantos cães ousam aproximar-se-lhe, e repellindo com a cerdosa pelle quantas frechas lhe disparam.

Lémor separou-se de seu irmão, como antes se havia separado de seu pae, e ha uma hora que os caçadores se afadigam, percorrendo o espesso bosque, sem poder alcançar a fera.

A buzina annuncia a Lémor que o javali se dirige para onde elle está, e o formoso caçador prepara o arco.

Agita-se o matto já perto, a espantosa cabeça do monstro apparece, e a frecha de Lémor corta os ares sibilando.

Um doloroso gemido resôa no bosque. Lémor avança para acabar com a fera, porém a fera não está no sitio para onde o principe fizera a pontaria, e o gemido repete-se a alguns passos mais adiante.

Lémor continúa a avançar, e apartando o matto d'onde saíra o lamento, um grito de dor lhe sáe do peito, porque seu pae, o rei das verdes ilhas, *o amado de todos*, e de ninguem tanto como de Lémor, jaz alli moribundo, atravessado o nobre peito pelo dardo partido do arco de Lémor. Este pede auxilio para seu pae, invoca o céo para o moribundo ancião, procura-lhe devolver a vida, que se exhala por instantes. Ao ver que é impossivel, chora, e sente na alma a desesperação.

II

Regressam ao palacio de Témora os principes das verdes ilhas, e os guerreiros que foram com elles ás selvas de Lena; mas os trovadores, que saíram ao seu encontro quando os viram assomar nos longinquos oiteiros, não pulsam as harpas de oiro, nem glorificam os caçadores com adulativos cantares.

Silenciosos e tristes, chegam caçadores e bardos, e ao saber a causa do seu silencio e da sua tristeza, as mulheres, os anciãos e as crianças abalam o espaço com os seus lamentos. Morna, o amado de todos, regressa exanime e conduzido por seus guerreiros em um leito de ramos funebres; Lémor e Armin parecem estar proximos a morrer de dor.

Os anciãos, chefes das tribus de Erin, congregam-se no dia seguinte em Témora, e depois de conferenciar largo tempo, vão perante Lémor, herdeiro da soberania das verdes ilhas.

— Principe! — lhe disse o mais velho dos chefes — ainda que as nossas leis condemnam á morte o parricida, tu não deves morrer, por estar provado, que se a tua frecha feriu teu pai, não foi acto da propria vontade: não deve, porém, cingir uma coroa, nem viver entre nós, quem está manchado com o sangue de seu pai e de seu rei. A coroa de Morna se ajustará na fronte immaculada de Armin. Amanhã, ao romper d'alva, esperar-te-ha no porto uma galera apparelhada, e provida de quanto necessites para o teu sustento. Afasta-te n'ella para sempre das nossas ilhas, e que o ceo te ampare onde quer que os ventos te levem!

Lémor acata a decisão dos chefes, e entrega-se á mercê dos ventos e das ondas, tendo por companhia a sua dor, e a esperança no ceo que bem lhe sabe a innocencia, e dois leaes servidores que querem participar da sua desdita.

A galera, falta de experimentado piloto, vaga dias e dias, e anda mezes pelas solidões do Oceano, joguete das irritadas ondas e dos ventos desencadeados.

A sêde devora já Lémor e seus servos, que só tem para levar aos labios a agua salgada do mar; quando a ultima esperança de descobrir um continente, qualquer que elle fosse, os abandonava já, avistam ao longe, por entre o nevoeiro, uma abençoada terra, coberta de verdes montes, e para ahi dirigem a sua galera.

Aquella terra é a habitada pelos cantabros [1], pela raça de gigantes, aos quaes tres seculos ha não póde subjugar todo o poder de Roma, a senhora do mundo.

Aproxima-se a galera á costa, Hermaso é mais formoso ainda que as ilhas de Erin; e é este o continente que o principe e seus famulos saudam cheios de jubilo.

Os desterrados saltam da galera e prorompem em gritos de alegria, porque, á sombra de verdes e seculares castanheiros, brota caudalosa fonte, clara como as cristallisações das grutas do Drumanar.

A agua apaga o ardor que os devora. Acode-lhes a tranquillidade á alma, e o somno aos olhos. Reclinam-se em ribanceira coberta de flores, e ficam-se profundamente adormecidos.

(Continúa)

CHARADA

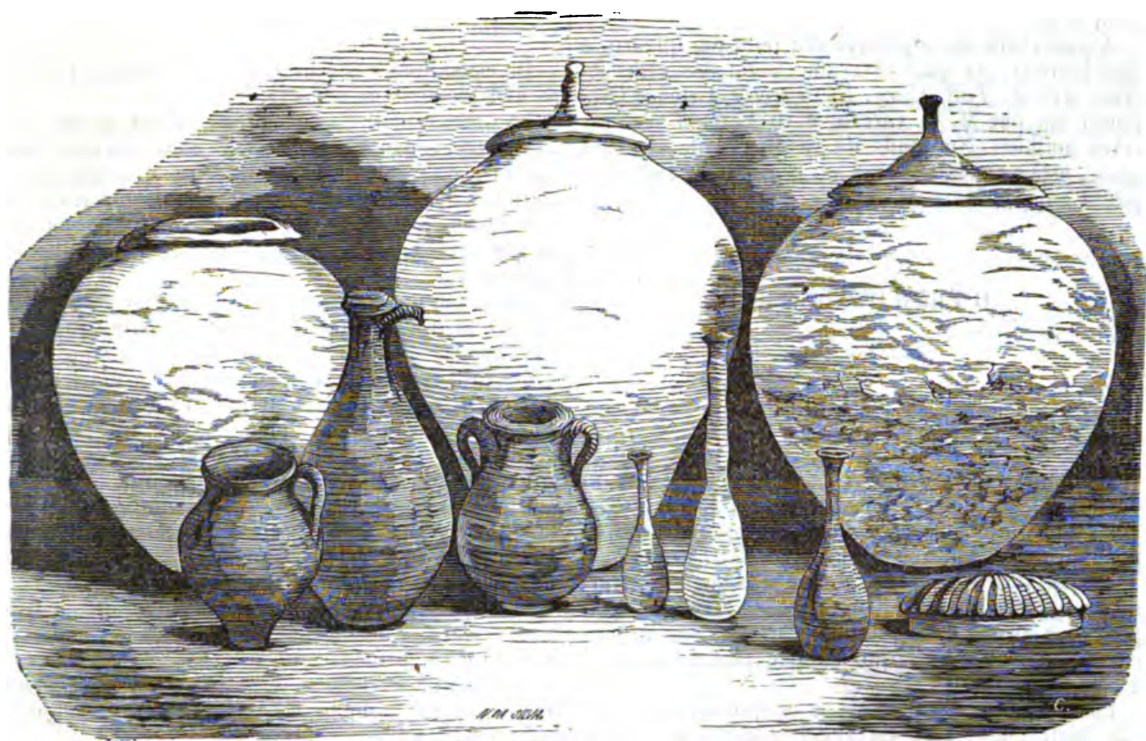
Rainha sou, e tida por suprema
No mais amavel reino do universo; } 2
Depois de receber a c'roa em verso,
O mesmo Deus me deu melhor diadema.

Ora a minha soberba altiva ameaça,
Ora a minha brandura é meigo enlevo, } 2
Ora a devastação commigo levo,
Ora namoro os olhos a quem passa.

Meu todo aspira a divinaes imperios;
E, sem que ao mundo e aos homens nada peça,
Espheras sobre espheras atravessa,
Para ser um composto de mysterios.

[1] Povo da Hespanha tarraconeza, entre os Pyreneos e o Oceano; habitou Navarra, Byscaia, Alava e Guipuzcoa actuaes.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Urnas cinerarias, e lacrymatorios de vidro e de barro, achados nas excavações de Troia, defronte de Setubal

A pag. 88 do corrente volume publicámos já o desenho de uma urna cineraria de vidro, achada no sitio de Troia, a antiga Cetóbriga, defronte de Setubal, que possue o douto antiquario sr. G. Xaro. A elle devemos tambem o obsequio de nos deixar copiar todos os vasos romanos de que se compõe a nossa gravura de hoje.

A respeito das urnas cinerarias, podem os leitores rever o que o mesmo sabio escreveu, por essa occasião, na citada pagina. Sobre os lacrymatorios, eis o que elle nos communica:

« Estas pequenas redomas de vidro, ou de barro, são ainda hoje conhecidas na archeologia com o nome de *lacrymatorios;* mas sobre o uso a que foram destinadas, são diversos os pareceres. Direi a este respeito, em poucas palavras, o que está mais ao nivel do estado actual da sciencia. Exaggera quem qualifica de lacrymatorios a todos os vasos de fórma alongada que se acham nas urnas cinerarias, os quaes muitas vezes serviam para conter balsamos, unguentos e perfumes; mas não exaggera menos, quem nega a existencia dos vasos proprios para receberem lagrimas, existencia provada por testimunhos positivos, e por locuções consagradas nas inscripções sepulchraes, como as seguintes: *lacrymis ponere — tumulum lacrymis plenum dare — cum lacrymis et opobalsamo hoc sepulchro condidit.* Como poderemos explicar estes versos de uma bellissima inscripção, que traz Maffei, junto dos quaes se via, na pedra sepulchral, um agulheiro proprio para receber liquido?

Et quicumque tuis humor labetur ocellis,
Protinus inde meos defluat in cineres.

Como explicar o que a este mesmo proposito lemos em *Reinesio?*

Injice si pietas usquam est, suspiria, et imple mecum, hospes, lacrymis marmoris hoc vacuum.

Agora dirão os leitores: então n'este caso, isto é, no caso de morte, por amor, ou por força, sempre se chorava? Não, senhores, fazia-se então o mesmo que se faz hoje: uns choravam devéras, outros fingiam que choravam: mas o *lacrymatorio* sempre symbolisava as lagrimas, que muitas vezes nem humedeciam os olhos, como entre nós ha *lucto,* que sempre symbolisa a dor, que muitas vezes se não sente. Os mysterios da dor antiga são como os da dor moderna. »

Como appendice a estas considerações, vamos trasladar o que a respeito da achada da sepultura de Cicero escreveu em 1563 o nosso classico fr. Pantaleão de Aveiro, que parece fallar como téstimunha presente, da urna das cinzas do famoso orador romano, e do vaso das lagrimas dos seus amigos.

Narrando o bom do frade a sua passagem pela ilha de Zante, diz:

« Tem a cidade de Zante um mosteiro de frades de S. Francisco da observancia, dedicado á Virgem Nossa Senhora: alli nos disseram que, havia mais de quinze annos, abrindo-se um alicerce para fazerem um pedaço de cerca do mosteiro, foi achada a sepultura de Marco Tullio Cicero, dentro da qual acharam dois vasos de vidro muito massiço, um dos quaes era de um palmo de comprido, de feição espherica de oito faces; e estava cheio de cinza do seu corpo, que depois da sua morte foi queimado, como era costume entre os antigos. A outra vasilha era algum tanto mais pequena, feita a modo de frasquinho, na qual haviam estado as lagrimas dos amigos que n'aquelle tempo costumavam juntar-se, e lançar

suas lagrimas em um vaso, o qual se enterrava tambem com o vaso das cinzas.

Tinham estes vasos seus letreiros; o da cinza tinha estas palavras: *urna cinerum* (vaso das cinzas); o das lagrimas: *urnula lachrymarum amicorum* (vaso das lagrimas dos amigos), o qual parece tivera algum licor.

A cobertura da sepultura era feita em quadro, e mal lavrada, na qual estavam entalhadas estas letras: *Avè M. Tull. Cicer. Et tu tertia Antonia* (Repousa em paz M. T. Cicero, e tu Antonia sua terceira mulher). No fundo da vasilha, onde estava a cinza, estão escriptas estas letras: *Avè M. Tul.* (Repousa em paz Marco Tullio). »

O PRINCIPE DE ERIN

(Lenda biscaynha)

(Conclusão. Vid. pag. 335)

III

Onde váe o *echeco jauna* [1] de Mendia, que abandonando o amanho de seus campos, desce ás desertas praias de Mundaca, seguido dos que o acompanhavam no trabalho? Onde váe o *echeco jauna?*

Viu das alturas um fragil baixel vagando sem governo, e batendo de encontro ás rochas. Como é compassivo e exerce a hospitalidade, corre, voa ao soccorro dos naufragos, que suppõe luctando com a morte na praia.

Pára ao descer á planicie, e os que corriam após elle imitam-n'o. Tres estrangeiros dormem ao sopé da fonte, á sombra dos castanheiros; e o *echeco jauna* e seus companheiros alli ficam a velar-lhes o somno.

Os filhos das verdes ilhas despertam, e perguntam ao *echeco jauna* de quem é a terra para onde o vento e as ondas impelliram a sua galera.

E ao saber que é a terra dos invictos cantabros, ergueu os olhos ao ceo para dar graças a Deus que os trouxera á patria dos primeiros heroes do universo.

Debaixo do tecto de Mendia encontram hospitaleiro asylo os desterrados de Erin; mas em breve corre a noticia nas montanhas euskaras que mora n'ellas um filho de reis, e o ancião Lekobide, o caudilho dos eskaldunacs, [2] descendente d'aquell'outro glorioso caudilho, do mesmo nome, que humilhou o orgulho dos Cesares, e celebrou os contos populares vasconços, envia mensageiros ao principe de Erin para lhe offerecer o seu lar no valle de Padura.

Lémor contempla a felicidade suprema da terra ao chegar á morada do caudilho vasconço.

Uma aureola de gloria circumda a fronte senil de Lekobide, e outra de castidade e formosura a fronte juvenil de Luz, a filha do chefe dos eskaldunacs.

Mezes ha que Lémor se assenta no escabello do lar de Lekobide. Mezes ha que pugna por abandonar o valle de Padura, porque, bom cavalleiro e bom christão, envergonha-se de viver no ocio, em quanto os filhos de Agar calcam a santa cruz além do Ebro. Mezes ha que deseja ir offerecer o seu braço a Fernão Gonzalez, o valoroso conde de Castella; porém sempre o detem os rogos de Luz e de Lekobide, e mais que tudo uma força mysteriosa que reside em seu coração.

Distrahem-n'o os exercicios guerreiros e a caça. Quando elle, afastando-se de Padura, se encaminha para as altas montanhas que dominam o valle com o sentido de perseguir o javali ou o gamo, Luz assoma á janella entristecendo-se tanto mais quanto se alonga o estrangeiro, e o estrangeiro volta-se no caminho procurando com a vista a janella onde apparecêra Luz.

[1] Senhor ou proprietario.

[2] Outros escrevem *escualdunak* (*escu*, mão; *alde*, direita; *dunac*, os que tem) nome que os povos biscaynhos ou vasconços se dão. Ao seu dialecto chamam elles *euskaria*, que o sabio Humboldt considerou como a lingua mais notavel de quantas conheceu.

IV

Os eskaldunacs são livres, livres como as brisas e as aves de suas montanhas.

Não tem senhor a quem prestar vassallagem, nem outras leis senão as escriptas na consciencia de seus anciãos, que julgam o delinquente e annullam as contendas á sombra da mais antiga arvore do valle.

Fóra das jerarchias da virtude, da intelligencia e da ancianidade, só ha uma jerarchia na terra dos eskaldunacs.

Os eskaldunacs elegem um caudilho que esteja sempre disposto a conduzil-os ao combate, quando o estrangeiro invada a sua livre terra, e esse glorioso titulo fôra concedido a Lekobide, havia mais de dez lustros, attendendo á sua virtude, á sua intelligencia, ao seu valor e glorioso nome.

Um dia, congregados os patricios euskaros debaixo do santo carvalho de Guernica, lembrou um d'elles que Lekobide era mui ancião, e portanto impossibilitado para guiar as legiões das montanhas no dia em que o estrangeiro invadisse a patria. Então um patricio centenario fallou d'este modo á assembléa:

— « Ha quinze annos que Leyalá, o cão mais valente e leal das nossas montanhas, vigiava dia e noite á porta do seu dono.

— « Leyalá é velho — disse um dia o *echeco jauna*, — e desde aquelle dia, novo guarda occupou o logar em que Leyalá encanecêra.

« A raposa, afugentada havia quinze annos por Leyalá que a farejava ao longe, veiu n'aquella noite, sem que o cão novo a sentisse, e comeu as gallinhas do *echeco jauna*.

« E Leyalá, que deixára cabisbaixo e triste a casa em que dormíra quinze annos á porta da herdade, para que um estranho lhe occupasse o posto, appareceu morto na manhã seguinte, ainda que o *echeco jauna* lhe mandára preparar mais branda e abrigada cama do que a outra em que descançára quinze annos. »

Assim fallou o patricio centenario, e ninguem mais se lembrou de que Lekobide era ancião.

Tambem Lekobide se não lembra de tal, porque a juventude da alma não o deixa pensar na ancianidade do braço.

Porém, eis que de subito um surdo rumor, e uma agitação desusada havia muitos annos, se estende pelos valles e montanhas euskaras, e numerosos exploradores, com a indignação da alma no rosto, chegam á porta de Lekobide exclamando:

— *Quidaria!* [1] um exercito formidavel rebenta pelas cordilheiras de Ordunha, e ai dos eskaldunacs se o *irrinzi* [2] não se ouve em breve nas nossas montanhas!

— Raio de Deus! — grita Lekobide incendido em ira. — Sôem as cinco bozinas nos cinco montes euskaros, que não chegarão á arvore Malato os que em som de guerra ousam pisar nossos livres solares. Dae-me a cota e a lança que me acompanhavam no combate ha setenta annos!

Lekobide veste a fina e temperada cota, e o corpo dobra-se-lhe ao peso da armadura.

Lekobide empunha a lança, e o braço nega-se-lhe a sustental-a!

Então o glorioso caudilho lembra-se da sua ancianidade, treme, e fica abatido e desesperado.

[1] Caudilho.

[2] Grito de guerra.

No entretanto o alarma propaga-se por montanhas e valles euskaros, e já muitos guerreiros vasconços descem a Padura, pedindo ao seu glorioso caudilho que os guie ao combate.

Um raio de esperança illumina subito a veneravel fronte de Lekobide.

— Principe de Erin! — exclama o ancião dirigindo-se ao filho de Morna, — toma a cota e a lança, e occupa o meu logar á frente das legiões eskaldunacs.

— Senhor, — respondeu Lémor, — pelejarei contra os inimigos da terra que tão generosa hospitalidade me deu, porém confundido entre os teus guerreiros. Procura chefe mais digno que eu de conduzir os teus guerreiros ao combate.

Todos os eskaldunacs que desceram ao valle de Padura unem seus rogos ao de Lekobide; porém o sisudo principe de Erin insiste em marchar á peleja confundido com os mais humildes lidadores.

— Serás em quanto viveres o caudilho dos eskaldunacs, que eu estou já velho! — disse Lekobide com universal assentimento. — Lémor continua todavia a recusar o glorioso titulo que lhe offerecem.

— Filho de rei és, e mereces mandar vassallos, — exclamam os anciãos de vinte valles reunidos já no de Padura. — A livre terra euskara te dá seu senhorio, se tiveres por bem ordenar e guiar suas legiões.

O principe das verdes ilhas recusa tambem o senhorio dos eskaldunacs.

E novos exploradores chegam, exhaustos de fadiga, a annunciar que o exercito inimigo passou a arvore Malato, e desce como embravecido arrasando quanto se oppõe á sua passagem.

— Oh principe de Erin! — exclama Lekobide, — se por minhas veias corresse sangue de reis, dizer-te-hia: guia as legiões eskaldunacs, expulsa d'este solo o estrangeiro, e ao voltar do combate sentar-te-has no meu lar, e dar-te-hei o nome de filho.

Lémor volve a Luz um olhar cheio de amor e esperança, e como se no rosto formoso da donzella houvesse lido a resposta por que anciava sua alma, exclamou, ajustando a cota e empunhando a lança de Lekobide:

— Ancião! que Deus me deixe sentar em teu lar e ouvir de teus labios o nome de filho!

V

Nos cinco montes mais altos da terra livre resoam as bozinas, e o *irrinzi* responde áquelle bellicoso signal em todos os valles e montanhas.

Todo o varão assás forte para lançar um dardo, ou brandir uma espada, ou uma lança, ou uma archa, abandona apressadamente o seu lar, encaminha-se para o valle de Padura, cujas planicies e assomadas podem, apenas, conter os milhares de milhares de escaldunacs que vão acudindo ao chamamento da patria.

É mui penetrante a voz da patria!

E não é fóra de razão o chamamento, porque os inimigos são muitos, e já se aproximam do valle de Padura, como desafiando o caudilho dos eskaldunacs que sabem tem alli a sua morada.

O exercito que invade as montanhas euskaras não se compõe d'aquellas esforçadas legiões castelhanas e leonezas, que tantas vezes plantaram a cruz de Christo nas tendas musulmanas, nem o guiam reis de Leão ou condes de Castella. Compõe-se de miseraveis aventureiros que infamam o nome christão, desde o Ebro ao Tejo, e commanda-o Ordonho o Mau, o vil usurpador da coroa de Sancho o Gordo, que, expulso do throno leonez, quer afogar o seu despeito em o nobre sangue dos eskaldunacs, e levantar nas montanhas euskaras novo throno em que sentar-se.

O exercito vasconço, guiado por Juan-Zuria, como os eskaldunacs denominavam o principe de Erin, sáe ao encontro do estrangeiro, que apparece já nas montanhas que dominam o valle de Padura.

Travada está a peleja, e o seu espantoso fragor atroa as d'antes pacificas montanhas euskaras.

Espessas nuvens de dardos obscurecem o sol. Enormes rocas, arrancadas pelo herculeo braço dos eskaldunacs, rolam sobre as hostes de Ordonho, desordenando-as, espantando-as, e esmagando-as. A archa, a lança e a espada dos patricios vasconços, juncam de cabeças estrangeiras, e inundam de sangue os penhascos de Padura.

Porém a desesperação de Ordonho, que é immensa, faz supremos esforços para reanimar o valor dos aventureiros, e conserva indecisa a victoria.

— Morra — exclamou Ordonho, — o caudilho dos eskaldunacs, e o triumpho será meu!

E vôa ao encontro de Juan-Zuria, que ao mesmo tempo peleja, e dirige o seu exercito na mais porfiada lucta.

O filho dos reis de Erin, que tivera egual pensamento em relação ao ambicioso chefe dos invasores, sáe ao encontro d'este, e cerra com elle descommunal batalha.

A lança de Lekobide, manejada com força de Titão pelo principe de Erin, traspassa o peito de Ordonho, que expira dando um rugido de desesperação, que retumba nas montanhas de Padura como o do leão ferido.

É espantosa a desordem nas já rareadas legiões estrangeiras, que fogem e fogem espavoridas por onde desceram, marcando a sua passagem com sangue e fogo.

Os eskaldunacs seguem-n'as ou perseguem-n'as até ás cordilheiras de Ordunha, e alli, cançados já da mortandade, e vendo livre e feliz como nunca a sua patria, voltam a descançar, e a celebrar seu glorioso triumpho á sombra da arvore Malato.

VI

Cêrca de nove seculos passaram já desde que os eskaldunacs, guiados pelo desterrado de Erin, fizeram estremecer de gozo a patria nos campos de Padura.

Se quizerdes visitar aquelles campos, não procureis no mappa o nome de Padura, visto que lhe mudaram até o nome pelo de Arrigorriaga, que no rico e veneravel idioma euskaro, equivale a *pedras vermelhas*. As rocas de que estão eriçados os montes da antiga Padura conservaram por muito tempo a côr do sangue que derramaram n'ellas as hostes de Ordonho o Mau; e eis porque a antiga Padura trocou este nome pelo de Arrigorriaga.

Dirigi-vos á egreja parochial do valle de Arrigorriaga, e ahi, junto á pia da agua benta, vereis um sepulchro de pedra. Perguntae aos simples aldeãos quem jaz n'aquelle sepulchro, e responder-vos-hão, pulsando-lhe n'alma a lembrança das glorias da patria, que alli jaz um rei chamado Ordonho, que intentou roubar as liberdades do povo vasconço, e foi morto por Juan-Zuria, o primeiro senhor de Biscaya.

Examinae depois os empoeirados archivos do templo, e se sabeis a immutavel e perpetua lingua dos eskaldunacs, uns carcomidos e amarellados pergaminhos vos dirão, que n'aquelle mesmo templo receberam o sacramento do matrimonio a filha de Lekobide e o filho de um rei de Erin.

Quem se chama Maria, ha de imitar as virtudes e pureza da primeira Maria, que é a Mãe Santissima.

PADRE ANTONIO VIEIRA

O LIBANO E OS CEDROS

A recente mortandade que os drusos do monte Libano fizeram nos inermes christãos que alli habitam, ha tantos seculos, tem feito com que todos os jornaes pittorescos hajam reproduzido, pela gravura, este celebre monte e os logares adjacentes, onde tão horriveis scenas se passaram.

Já démos a estampa da cidade de Damasco; hoje apresentâmos a do Libano, acompanhando-a de uma rapida noticia d'esta notavel montanha, de que tanto falla a Sagrada Escriptura, sobre tudo pela celebridade dos seus annosos cedros.

Duas grandes cordilheiras formam o Libano. A primeira, voltada para o mar Morto, prolonga-se na extensão de 30 a 35 legoas, começando ao norte de Accar, do outro lado de Tripoli, e acabando no rio Casmyek, perto de Tyro. A segunda, com o nome de Anti-Libano, segue na direcção parallela á primeira, corre toda a Syria, e finda na Palestina. Os dois cumes mais notaveis d'esta duplicada cordilheira de montanhas são o Sanir e o Hermon; tendo o primeiro 2000 metros de altura, e o segundo 3200 acima do nivel do mar.

Os arabes chamam ao Hermon *Djebel-es-Scheik*, que quer dizer *Montanha do Velho*, porque está sempre coberto de neve, á similhança da velhice que embranquece a cabeça do homem. Em hebraico, Libano significa tambem alvura, como interpreta S. Jeronimo, na versão da biblia Vulgata.

Nove rios principaes nascem do Libano: o Magoras dos antigos (hoje Nahr-Beyrouth); o Sidon; o Bostreno (Nahr-el-Oualy); o Leontes (Nahr-el-Casmyek); o Xantho (Nahr-Quaducha); o Adonis (Nahr-Ibrahim); o Lyco (Nahr-el-Kelb); o Abana e o Pharphar, formando o Nahr-Barady, ou grande rio de Damasco; e o Jordão (Nahr-Ordon) que á nascença se engrossa com as fontes de Jor e Dan, saindo uma e outra do Anti-Libano, junto ao Hermon.

Tem o Libano grande variedade de temperaturas e de producções, segundo a altura dos montes ou profundeza dos valles. Na região mais elevada, sempre coberta de gêlo, e toldada de nuvens, é esteril; na segunda tem pouco terreno productivo; mas crescem alli bem o cedro, o pinheiro e o carvalho: na ultima ha quasi todas as plantas da Europa; é o clima temperado. Nas planicies que ficam entre o mar e a montanha, sería mui pouco sensivel a differença das estações, se não fossem as chuvas e trovoadas; apesar de que, nos dias tempestuosos, o sol illumina, mais de uma vez, os campos subitamente reverdecidos. Ahi o thermometro quasi nunca desce a mais de dez gráos abaixo de zéro.

Se o solo não patenteia todas as suas riquezas, é por falta de braços para a cultura. Todavia, ha no Libano muitos pomares de laranja, muitos canaviaes de assucar, bananeiras, e outras producções mimosas; assim como nasce bem o trigo, o milho e todos os grãos, mais pela feracidade do terreno, que pelo trabalho do homem. O arabe não deseja o que lhe custa a obter; contenta-se com o indispensavel, e prefere o ocio a todas as riquezas. A sua poetica imaginação representa-lhe o Libano como um colosso que tem o inverno á cabeça, a primavera aos hombros, depondo-lhe a natureza aos pés, o calor do estio e os fructos do outono.

E todavia, nas paragens que habitam os christãos, o Libano, com ser uma vasta montanha erguida sobre alcantis e rochas escarpadas, umas pendendo para os abysmos, outras rompendo as nuvens, todo serpeado de rios e precipicios, parece um jardim floreando. Um viajante que ha pouco o visitou exprime-se n'estes termos:

«Ha no Libano muitas chãs ou plainos todos povoados. Olha-se para uma encosta, e vê-se uma facha branca; é a casaria de uma villa, assombrada de arvores. Além se descortina uma especie de mancha sombria sobre a rocha alvissima; é um convento. Aquelle muro, sobre o qual galgam virentes ramadas, é de um jardim. Acolá está uma lameda; é de amoreiras. Alli está um despenhadeiro todo coberto de verdura; é uma grande vinha. Aquelle arvoredo sombrio que povoa est'outro monte, é um olival. Além está uma nesga de terra sustida por pedra ensossa; é um campo de trigo. Aquelles regos profundos e espumantes são canaes. Aquella estacada que ao longe cerca boa porção de terreno, é um prado artificial. E tudo isto, salpicado de casaes, logarejos e aldeias, é obra de um povo laborioso, paciente, unido, n'uma palavra, christão, que é dizer tudo.»

As tribus que formam a população do Libano não tem governo propriamente nacional, porque estão subordinadas á Turquia, cujas leis e ordens observam. Desde a desastrosa guerra de 1840, a Inglaterra fez com que o governo do Libano, até então unico, fosse dividido entre dois caimacans ou logartenentes, um por parte dos drusos, outro pela dos maronitas; porém ambos sujeitos ao poder ottomano, em tudo o concernente á administração. Tres patriarchas tem até hoje séde no Libano, a saber: o patriarcha dos maronitas, o dos armenios catholicos e o dos syrianos. O patriarcha dos gregos habitava tambem no monte, mas em 1840 foi transportado para Damasco. A este patriarchado andam juntos os tres titulos de Antiochia, Alexandria e Jerusalem. Doze bispos estão debaixo da sua jurisdicção, posto que não tenha mais de uns cincoenta mil fieis dispersos por muitas provincias. Contam-se no Libano dezesete mosteiros d'este rito, tres dos quaes são de religiosas da ordem de S. Basilio. Ha tambem agora um patriarcha da Syria, nomeado pelo papa; e os padres da companhia de Jesus tem alli, ha annos, diversas missões, sustentadas pela sociedade da propagação da fé, estando a missão principal em Beyrouth, onde tem uma eschola de arabe e francez, que é frequentada pela mocidade maronita, grega, armenia, syriaca e latina. D'estas missões se tem tirado muito fructo, conseguindo estes padres e outros religiosos que alli missionam, attenuar o antigo rancor que os musulmanos sempre tiveram aos christãos, e que, ultimamente, se manifestou de novo, quando os drusos se enfureceram contra os pobres maronitas.

Agora que já temos bastante noticia do estado actual do Libano, vamos ouvir o que, sobre elle, nos diz um auctor nosso do seculo XVI, quando foi em peregrinação á Palestina. De proposito opporemos sempre ás narrações dos estranhos as que temos em portuguez, bem vezes mais fieis.

Diz o nosso classico:

«Como estavamos de espaço na cidade de Tripoli, tão nomeada em toda a Syria, ou Suria, como lhe chama o vulgo, vendo cada dia suas particularidades, por não termos outra coisa em que gastar o tempo, esperando o em que haviamos de partir, ouvindo eu muitas vezes fallar nos cedros do monte Libano, e de sua estranheza e antiguidade, cresceram-me os desejos de os ver.

Offereceu-se logo para ir commigo um mancebo dos mais nobres, que era novo na terra, e não tinha ainda lá ido, como costumam sempre, no verão, ir os mercadores venezianos, porque a jornada póde ser até cinco legoas, não mui grandes, ainda que o caminho, depois que se começa a subir, é tão aspero e ingreme, que se não póde ir a cavallo, senão a pe por elle.

Aquella tarde mandou o mancebo veneziano bus-

car as cavalgaduras, para irmos ao outro dia em amanhecendo, e preparar o necessario para o caminho; e tanto que rompeu a alva do dia, nos partimos, levando comnosco um almocreve christão, e um moiro muito familiar e amigo dos venezianos, e muito mais do vinho, que elles sempre lhe davam, porque os servia mui fielmente em quanto lhe mandavam, e tinham com elle muito passatempo, nem lhe chamavam outro nome senão villão, nem elle a outro acudia de melhor vontade.

Teriamos andado boa parte do caminho, quando chegámos a uma grande ribeira de agua muito clara e muito fria, que descia do alto do monte Libano, toda, de uma e outra parte, coberta de grandes platanos, e n'aquelle logar haviamos de começar a subir. Disse eu aos companheiros, que seria bom almoçarmos, pois o logar a isso nos convidava, e mais a calma começava já a picar, porque n'aquellas partes o sol é mui quente; o que elles disseram que lhes parecia mui bem.

Acabada a nossa refeição, começámos a subir pelo monte acima, por um caminho estreitissimo e mui ingreme, de uma abertura tão funda que nos causava medo, pela qual corria a ribeira; e com irmos em sardenhos [1] de sella, costumados a andar por penedos, como cabras, desde que começámos a subir, não nos foi mais possivel ir n'elles, antes em alguns passos nos ajudavamos das mãos como dos pés. Com duas horas de sol, chegámos a um pequeno plaino mettido entre aquellas asperas montanhas, aonde vimos muitas casas grandes, unidas umas com as outras; e como fomos sentidos, começaram logo a repicar os sinos como em dia de festa. Como eu não estava avisado de tal coisa, nem sabia haver alli sinos, por ter entendido não os haver em terra de turcos e moiros, e havia tanto tempo que não ouvia



O monte Libano

tanger sinos, fiquei como fóra de mim, e foi tanta a minha alegria que me moveu a lançar lagrimas. Sairam logo a me receber uns velhos mui veneraveis, que alli vivem como eremitões, e lançados todos a meus pés pedindo-me a benção, como é seu costume, fiz eu da mesma maneira que lhes vi fazer, e abraçando-me todos, me levaram á egreja.

Depois de fazermos oração, me levaram a casa do patriarcha, que está junto da egreja; e vieram logo duas velhas, irmãs do patriarcha, e me tomaram a benção, lançando-se aos meus pés, por ser este o costume d'aquelles christãos, quando lá váe algum religioso da egreja romana, á qual os maronitas tem obediencia e grande devoção. Deram-nos logo conta de que o patriarcha, com passar de cem annos, era ido a Jerusalem ter lá a semana santa, escusando de que, com sua ausencia, não seriamos agasalhados como era razão.

Ao dia seguinte, em saindo o sol, subimos ao mais alto de todo o monte, n'aquella parte, que é meia legoa adiante da egreja, caminho mui aspero e ingreme, por causa de irmos ver os cedros postos no seu cume, por ser este o principal intento com que fiz esta jornada.

Depois que de todo subimos ao mais alto, démos em um plano todo coberto de neve, aonde nos saiu desavergonhadamente ao encontro um urso, a um tiro de malhão [2] d'onde estavamos; mas vendo que iamos muitos, porque nos acompanhavam uns mancebos maronitas para nos ensinarem o caminho, desistiu de nos accommetter, mettendo-se entre a neve, dando-se pouco dos nossos brados e gritos.

Chegámos aonde estão os cedros, os quaes vendo fiquei attonito, porque sua altura e grossura parece mostrar sua perpetuidade, e sem duvida são antiquissimos, e se tem n'aquellas partes serem do tempo de Salomão, o que podéra provar, posto que toda a pessoa entendida e lida sabe serem arvores incorruptiveis, e que duram muita quantidade de annos. Trata-se entre os maronitas e as outras nações

[1] Especie de mulos.
[2] Bola de jogar.

d'aquellas partes, que com aquelles cedros serem poucos, não se podem contar com certeza, porque uns contam uma quantidade, outros outra; o que querem attribuir a milagre, como homens sem experiencia, mas na verdade não é, e procede o erro de estarem tão juntos uns dos outros que se tocam com os ramos; porém se a cada pé d'elles pondes uma pedra ou outro signal, facilmente se sabe quantos são.

Seu fructo são umas pinhas pequenas; tem dentro uns pinhões, fructo como os das nossas pinhas bravas. As folhas são como umas espinhas pequenas e molles; seus ramos estendem-se muito, e cada um d'elles é de maneira que lhe podem fazer em cima uma cama muito grande e larga.

Os cedros do Libano ficam n'uma altura de 1980 metros acima do nivel do mar, e o cume do monte que os abriga mede 2640.

Muitas vezes as nuvens sobem a elles, ennovelando-se á porfia, até os envolverem n'um como véo branquissimo. A meia encosta, mesmo por baixo dos cedros, torrentes de agua cristallina se precipitam da rocha em numerosas catadupas.

Na quinta da senhora infanta D. Isabel Maria, em Bemfica, ha dois cedros do Libano, um dos quaes tem 30 metros de altura. Diz-se ser o mais alto que se conhece em Portugal.

RESTAURAÇÃO DE 1640

Estão ainda inéditos muitos documentos officiaes, por onde se prova que o povo de Lisboa, muito antes que a nobreza pensasse em tal, promovia a independencia de Portugal, patenteando ás nações da Europa os vexames e extorsões do governo hespanhol.

Um dos mais preciosos é o seguinte, mórmente porque, não havendo orçamento nem contas publicas, o juiz do povo da cidade de Lisboa conseguiu fazer uma conta mui particularisada da receita e despeza do reino, confrontada com a de Castella para que se visse que nós estavamos muito mais carregados de tributos que a Hespanha.

E agora opportuno ir pondo á luz todos os documentos que mostrem os vexames que a Hespanha nos fez durante a fatal dominação dos 60 annos!

Rendimento dos direitos reaes, tributos e imposições dos reinos de Portugal, e conferencia com os de Castella, para V. Magestade mandar ver na sua presença.

«Valem os direitos reaes de Portugal, um anno por outro, 240:000$000 réis, a saber: 160:000$000 réis dos direitos das quinze alfandegas dos portos de mar, que se pagam de todo o pescado e fazendas de quaesquer generos, por entrada de dez um. Que nos almoxarifados de Castella, que respondem ás ditas alfandegas, se paga a 5 por cento, e nos de uma e outra Galliza a menos, e no de Cadix sem alvacala; e no Porto Real nada, e só no de Sevilha a 7 e meio por cento, que, respectivamente, é a metade menos do que se paga n'estes reinos.

E aqui é de advertir, que na villa de Cezimbra pagam os pescadores das almadravas das sardinhas e de qualquer pescado 89 por cento, por esta maneira: 10 ao dizimo devido a Deus, que a ordem de Santiago leva por seu commendadór o duque de Aveiro; 45 a V. M.; 3 á fábrica da fortaleza de Setubal, 1 á Atalaya; 10 á dita ordem por saída, 20 de dizima e sisa por entrada em Lisboa, onde se váe vender, e a cestaria. Dos onze por cento escassos que sómente lhes ficam, pagam as redes, barcos, fábrica de pescaria, e de suas pessoas, que mantem miserabilissimamente.

Que em Lagos e outros portos do reino do Algarve, além do dizimo devido a Deus, se pagam 40 por cento a V. M., em Villa-Nova 10, ao conde donatario 20, e isto além do tributo da sisa por venda e saída.

46:000$000 réis de quarto, sexto, oitavo, fôro ou pensão, que respectivamente se paga das terras reguengas. Que em Castella responde ao pecho que os homens lhanos pagam das herdades, segundo a possibilidade de cada um, como fôro das terras que possuem, que são proprias do patrimonio real.

6:000$000 réis das almadravas do atum do reino do Algarve, a S. M. 7 por cento, que em Castella faz o duque de Medina donatario por conta propria.

28:000$000 réis das minas de estanho e de ferro, direitos e dizima da chancellaria, ancoragens, casa da moeda, fisco e camara real, que em Castella ha, e as que pertencem ao almirante se chamam almirantasgo.

São estes reinos de Portugal tão limitados, que não chegam a 80 legoas de comprido, nem 40 de largo; e em muitas partes tem menos de 12. E a respeito dos de Castella são quasi um ponto, e havendo começado no titulo de um condado, no qual succederam os reis, tem hoje 1 baronia, 1 viscondado, 38 condados, 6 marquezados e 6 ducados, que é um dos grandes tributos que a fazenda real tem, em razão dos assentamentos que d'ella se lhes pagam em cada um anno, do que a de Castella (onde não ha os taes assentamentos) está livre. É este o primeiro e mais intoleravel tributo que os povos tem, de que tambem os de Castella n'esta parte estão livres.

O solar dos reinos é montes incultos, cereaes esteriles, e os valles que o não são, o ficam sendo se lhes falta a monção de abril e maio, que é a porta onde n'elles entra a fome, que tem librado seu remedio no trigo de França, Allemanha, Castella, Berberia, Sicilia, a troco do qual sáem d'estes reinos 800:000 cruzados, ou quasi, um anno por outro, que é tributo natural e rigorosissimo, contra estes povos, do qual estão livres os de Castella, e como não ha nos reinos lavrador que lavre em terra propria, por quasi toda ser respectivamente das egrejas, reguengos da coroa, ou foreira a diversos senhorios, e os foros e pensões d'ella, e imposições e tributos immoderados; e sobre elles haja cada anno um e mais pedidos e fintas, não se remedeia por meio d'elles a necessidade presente, que não seja logo principio de outra maior que resulta das terras ficarem por lavrar, por falta de lavradores, ou de serem mal cultivadas, pela de cabedal, porque o certo é que as terras, communmente, respondem segundo o trabalho que n'ellas se mette; e assim das grandes pensões, tributos e fintas procede outro genero de tributo, que é o terceiro e mais pernicioso, porque, como sem semente (que é a que se tira por elles) se não póde colher fructo dos campos, e menos das alfandegas e casas em que se pagam os direitos reaes, tanto mais dinheiro váe para fóra dos reinos, ficando elles sem a substancia e forças necessarias á sua conservação.

E d'este genero de tributo estão livres os povos de Castella, porque inda que pela mesma causa fiquem muitas terras por lavrar, como os castelhanos, depois que os reinos entraram na casa de Austria e Borgonha, deixando as terras e trato, se passaram á vida livre da guerra de Flandres e Italia, isto se converte em seu proprio beneficio; razão por que a soffrem e inutilmente sustentam.

Além dos ditos direitos, pensões e tributos, ha n'estes reinos mais 31, dos quaes os doze ultimos não vão estimados, e os dezenove valem, um anno por outro, 890:438$330 réis, a saber: 398:236$330 réis, que valem as sizas dos reinos, que são bens proprios dos povos, e desde os 12 dias do mez de

maio do anno de 1387, em tempo do sr. rei D. João I, por titulo precario, temporal e revogavel, que de direito não é sufficiente para por elle se adquirir dominio, entraram na coróa real os 169:236$330 réis, e 560 arrobas e 5 arrateis de cera nos 32 almoxarifados dos reinos, que se pagam por cabeção; nos quaes entram o do termo de Lisboa, e o do pescado do rio Tejo; 90:000$000 réis na alfandega de Lisboa, onde se pagam por entrada; 86:000$000 réis nas casas reaes, ramos e mesas d'ellas da mesma cidade, em que entram para os chapins da rainha [1] 30:000$000 réis, em que se estimam os da casa da India, e 14:000$000 réis na alfandega e tabola da villa de Setubal, ramos e mesas d'ella, onde tambem se pagam por entrada.

É quasi no mesmo tempo entraram no de Castella, e a respeito das coisas de comer e beber se chamam pelo mesmo nome de sisa, e a respeito das rendas das mercadorias e fazendas se chamam pelo de alcavala, que se pagam por vintena, de vinte um, e a este respeito, depois da morte dos srs. reis catholicos, D. Fernando, e D. Isabel, governando o arcebispo de toledo D. fr. Francisco Ximenes, as encabeçou nos povos, no que depois, no tempo do sr. rei D. Filippe, o prudente, houve alteração, e com elle ainda de presente se paga aos alcavaleiros e arrendatarios por vintena; e das partidas grandes por trintena, ou segundo com elles se concertam as partes; e logares ha em que se paga a 1 e 2 por cento sómente.

20 contos que além da dizima velha que entra nos direitos reaes, vale a dizima nova do pescado fresco, que no reino entra em mão dos pescadores naturaes, que, segundo a fórma do contrato celebrado com o dito senhor rei D. João I em 8 de janeiro de 1420, pertence a armada da costa, que succedeu á das galeotas, e aos donatarios em cujo poder quasi toda se acha, o que em Castella não ha.

21 contos que valem as terças dos bens dos concelhos que, como declara a ord. liv. 2. t. 28 § 2.º, não são dos reis, são dos povos que as deram e ordenaram para as obras das fortalezas e muros, nas quaes se não dispendem, e d'ellas se serve V. M. por emprestimo, por estarem livres de consignações.

75 contos que vale o tributo dos tres por cento que em 6 de julho do anno de 1591 concederam os homens de negocio para a armada da guarda da costa, de que muita parte se dispende em ordenados, que por não ser fazenda de V. M. estão livres de consignações, que em Castella não ha.

13 contos que vale o estanque das saboarias, que quasi todas se acham em poder de donatarios, o que em Castella chamam almonas.

40 contos que valem as alfandegas de portos seccos e vedados, que são dos povos, porque estando tirados pela capitulação 21 dos fóros dos reinos, e por provisão do senhor rei D. Filippe, o prudente, passada em 13 de agosto de 1550, injustamente se tornaram a pôr por provisão do dito senhor de 12 de março de 1593, faltando aos povos com 15 contos de réis de juro por essa causa, promettidos pela mesma provisão.

[1] Tributo que se pagava para o calçado das pessoas reaes, desde o principio da monarchia. Até ao tempo de D. Affonso III, os monges de Alcobaça eram obrigados a dar annualmente a el-rei *umas botas, uns borzeguins e uns sapatos*, em reconhecimento do padroado real.

Parece que depois só se pagava ás rainhas este tributo para os seus chapins. A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, applicava para obras pias o tributo annual de 160:000 rs. que lhe pagavam os moradores da costa do Malabar. Quando S. Francisco Xavier andou missionando na India, pediu á mesma rainha que lhe largasse para estipendio dos cathequisantes que o ajudavam, e acodiam onde elle não podia, os 4:000 fanões (moeda asiatica de 25 rs.) que alli se pagavam para os seus chapins.

Com quanto se tome a palavra chapim para designar todo o calçado de mulher nobre, os verdadeiros chapins tinham quatro e cinco solas de cortiça ou pinho, para fazer realçar a estatura. Eram como os pantufos, todos pespontados e bordados.

5 contos que valem os direitos dos portos molhados por terra, que se arrecadam nas ditas alfandegas de portos seccos.

30 contos que vale ou valia o tributo de 220 réis por moio de sal, que para os do norte poz o senhor rei D. Filippe II no primeiro de abril do anno de 1601.

98 contos que ao dito respeito vale o segundo e immoderado tributo dos 18 reales, que são 720 réis por moio de sal que para os do norte poz V. M. em janeiro do anno de 1631, os quaes se cobram injustamente pela coroa de Castella e junta do almirantasgo, tirando-os á coroa d'estes reinos, que por sua fazenda não estão obrigados á de Castella, nem a outra alguma, como V. M. o declarou no papel em que por D. Luiz de Haro mandou propor o alistamento militar do reino de Valença, nas cortes que celebrou em Monçon a 9 de março de 1626.

6 contos que vale o estanque de solimão e cartas de jogar que fez o senhor rei D. Filippe II, que todo se acha em poder de donatarios.

16 contos que vale o primeiro real d'agua da cidade de Lisboa, do qual se vendeu parte para o serviço que se fez ao dito senhor no anno de 1619 quando veiu a estes reinos, e parte para a companhia do commercio da India, e o restante para o soccorro de Pernambuco, que em Castella não ha.

32 contos que vale o segundo real d'agua da dita cidade de Lisboa e reinos, concedido para o soccorro da India por tempo de 6 annos, que começaram o primeiro de janeiro de 630, e os ditos reaes d'agua na cidade de Lisboa são, 3 réis de cada canada de vinho, e 2 réis de cada arratel de carne, não entrando n'elles a imposição e sisa, com a qual se vem a pagar de cada canada de vinho 7 réis, e de cada arratel de carne, pelo preço commum, 4 réis e meio; em o tempo presente 6 réis, que em Castella não ha.

370 mil réis vale o estanque de cortiça por saída, e sisa por entrada, dos quaes 70 mil réis se pagam na mesa da imposição velha do vinho, e os 300 mil réis ao conde de Villa Nova, que em Castella não ha.

2 contos duzentos e sessenta e seis mil réis que valem as hervagens do Campo de Ourique e Perdigôa.

24 contos quinhentos e sessenta e seis mil réis que vale a imposição velha dos vinhos, pela razão da aposentadoria de Lisboa, Evora, Santarem, que em Castella não ha, senão no logar em que V. M. reside, e a de Borba e Villa Viçosa que leva o duque de Bragança.

10 contos que vale a portagem do que se passa de um logar para outro, devida á razão de calçadas, caminhos, barcos e pontes, em que se não dispendem, e assim é indevidamente levada.

8 contos que valem as terças dos arcebispados de Braga e Evora, e bispados de Miranda e Elvas, que o papa Alexandre X concedeu aos reis de Castella dos logares que tomassem aos moiros, confirmadas pelo papa Gregorio VII em 17 de fevereiro do anno de 1073, que por titulo de dote pertence aos reis de Portugal pela defensão dos reinos, mas quasi todos se acham em poder de donatarios.

60 contos que valem as 290 commendas novas da ordem da cavallaria de Nosso Senhor Jesus Christo, que são as da concessão dos 20 mil cruzados do papa Alexandre X, que era a renda das egrejas livres e a mais preciosa do estado ecclesiastico, que por uma vez se lhe tirou para sempre, e isto além das rendas das commendas velhas da mesma ordem, e das de S. Bento de Aviz e Sant'Iago, que por todas são 565, e rendem um anno por outro 292: 224$373 réis, que são 480$560 cruzados e 373 réis, que é o dote da guerra convertido no de damas.

(Continúa)

DIA DE ANNO BOM

Assim se denomina o primeiro dia ou entrada de cada anno, porque este escolheram os homens, pelo menos desde o tempo dos romanos, para se comprimentarem mutuamente, testimunhando o desejo de que o anno lhes corra prospero até ao fim.

O padre Vieira prégando um sermão intitulado «de bons annos» no primeiro de janeiro de 1641, a el-rei D. João IV, faz estas ponderações:

«Em um mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficultoso empenho!

E na minha opinião cresce ainda mais esta difficuldade, porque isto de dar bons annos, entendo-o de differente maneira do que commummente se pratica no mundo.

Os bons annos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura.

A quantos se desejaram n'esta vida, a quantos se deram os bons annos, que os não lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, propria e rigorosamente fallando, que não dá os bons annos quem só os deseja, senão quem os faz seguros.»

BOAS FESTAS

A estes comprimentos e bons desejos se chama «dar as boas festas».

Tão antigo é este uso, que Ovidio, nos *Fastos* romanos, faz a Jano esta pergunta:

E d'onde vem que nas calendas tuas
Nos damos mutuamente as boas festas?
E este ir e vir de comprimentos faustos? [1]

E Jano responde, que n'este dia se cumprem quantos votos se fazem aos deuses.

Dos romanos, pois, com muitos outros usos, tomámos o de dar as boas festas, com a differença que as começâmos a contar de Natal, por ser este o periodo inaugural da Redempção christã.

D'antes era de rigorosa etiqueta ir pèssoalmente dar as boas festas, com a prevenção de um bilhete de visita para deixar ás pessoas que se não encontravam em casa. Váe em decadencia este bom estilo, de certo pelo incommodo que dá n'uma cidade tão vasta. Ha porém um meio usado na Belgica e em parte da França, que nós devemos adoptar. Como se não tem por cortez mandar os bilhetes pelo correio, adoptou-se n'aquellas duas nações remettel-os a algum estabelecimento de beneficencia, com um donativo que exceda os portes do correio, e esse estabelecimento se encarrega de os enviar ao seu destino.

Principalmente para quem tem muitas visitas a pagar, este arbitrio é excellente.

Apontamol-o para ver se vinga, o que de certo acontecerá se se generalisar o novo uso dos bilhetes de visita com o retrato photographico do visitante.

CONSOADA

Como a vespera de Natal é dia de jejum, costumava-se d'antes reservar a ultima refeição, a que se dá o nome de *consoada*, para depois da meia noite, a fim de se poder já comer carne, e tudo o mais que contribue para uma boa ceia. A isto se chamou *fazer a meia noite*, regalo impreterivel de nossos avós, que sempre foram muito amigos de bona xira, gallicismo que elles adoptaram por ser phrase que lhes deu no goto...

D'aqui nasceu o uso de dar para a consoada, ou por consoada, certos presentes de aves, iguarias, doces, vinhos, etc. Os pobres a pediam aos abastados, os criados aos amos; e tanto se arreigou o costume, que veiu a considerar-se como um foro ou pensão annual.

Muitos meios e pretextos se tem inventado para pedir a consoada. D'antes, e cremos que ainda hoje, nas provincias, se juntavam bandos de camponezes, e turbas de rapazes com musicas, entoando lôas ao Divino, á porta das pessoas de quem esperavam alguma retribuição. Em Lisboa, ainda não ha muitos annos, isto mesmo faziam as musicas regimentaes, indo tocar á porta das pessoas ricas.

Actualmente, os distribuidores dos jornaes levam a todos os assignantes suas trovas, impressas em papel de côr, com o mesmo intento com que d'antes se cantavam as lôas do natal.

Em dia de tanto regozijo para a christandade, justo é que se alegrem e contentem os pobres.

A origem da palavra é esta; mas o uso de presentear tomámol-o dos romanos. Ovidio nos mesmos *Fastos* interroga tambem a Jano sobre este costume dizendo:

Que significa
Este presentearmo-nos com tamaras,
Encarquilhados figos, e cheiroso
Candido mel em barrilinhos alvos?
— São presagios, me responde,
Quer-se que, d'esta sorte auspiciado
Corra saboroso e doce o anno inteiro. [1]

Vê-se que é esta a genealogia das nossas brôas.

ENIGMA



NAM



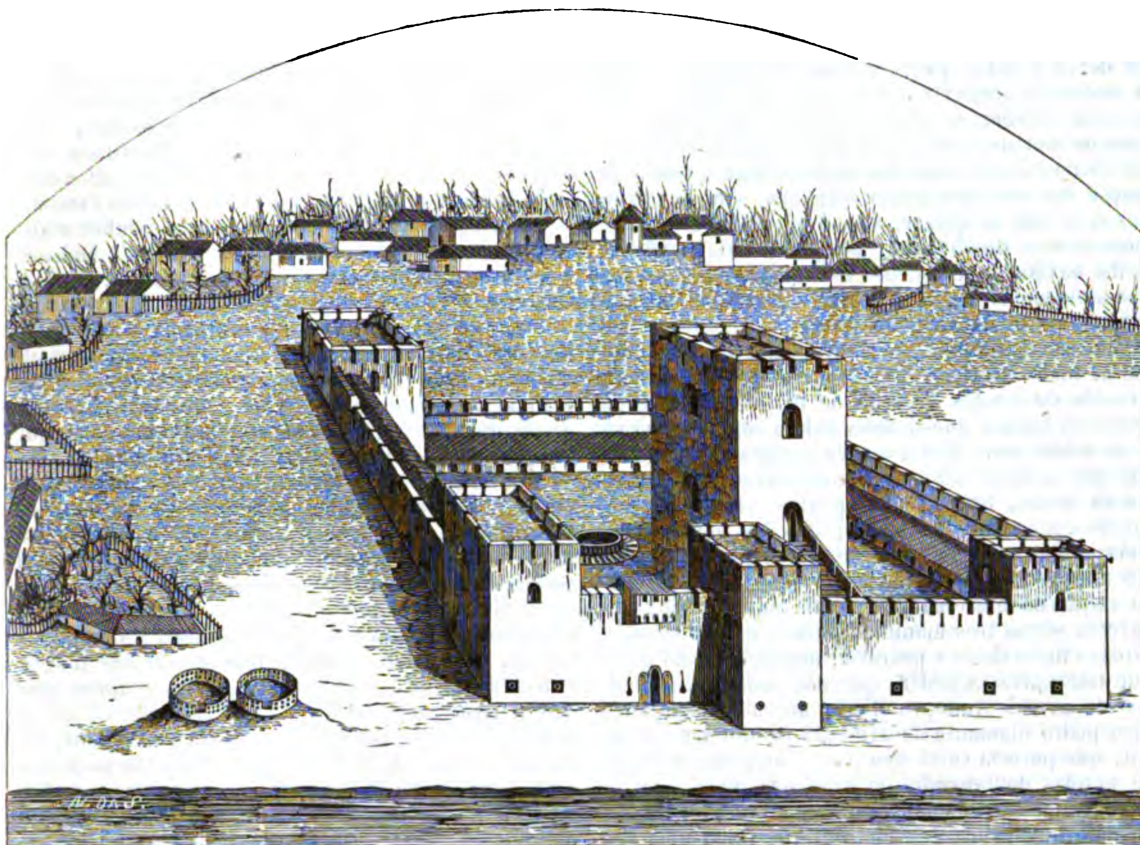
ME



[1] Traducção que está imprimindo o sr. A. F. de Castilho.

[1] Mesma traducção.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.



Fortaleza de Calecut feita por Affonso de Albuquerque em 1512 — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Aqui se enxerga, lá do mar undoso,
Um monte alto que corre largamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual, pequena quantidade,
Se estende sua falda estreita que combate
Do mar a natural ferocidade.
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio, rica e bella:
Samorim se intitula o senhor d'ella.

CAMÕES CANT. VII.

Em Calecut, cidade do Malabar, e outr'ora a mais rica de toda a costa, terminou Vasco da Gama a derrota do descobrimento da India. Dois cantos dedicou o seu Homero e nosso Camões a referir quanto alli passou o argonauta portuguez, sem que podesse assentar pazes com o samorim, valendo-se o Gama de toda a sua sagacidade para se livrar da prisão e das ciladas que lhe armou o traiçoeiro soberano malaio.

Ás diligencias da academia real das sciencias devemos o saber hoje, mais por menor, o que se passou entre Vasco da Gama e o samorim de Calecut, pela publicação do precioso manuscripto de Gaspar Correia, as *Lendas da India*. Junto a ellas vem lithographado o desenho da fortaleza de Calecut, que hoje damos reduzido, e gravado em madeira. D'ellas resumimos tambem a narrativa da audiencia que o samorim deu a Vasco da Gama, depois de muitas delongas e subterfugios. É trecho mui curioso.

«Finalmente, mandou el-rei de Calecut dizer ao capitão-mór, Vasco da Gama, que estava em seus paços aguardando por elle. O capitão-mór foi no seu batel, e um mouro, corretor do rei, com grandes almadias o levou a terra com todo o fato. Foi primeiro á feitoria, onde vestiu um sáio bastardo, comprido até os pés, de setim aleonado, forrado de brocado raso, e por baixo outro sáio curto de setim azul, borzeguins brancos, barrete de orelhas de veludo azul com uma penna branca debaixo de uma rica medalha, collar de hombros de esmalte, e cinto rico com um rico punhal. Com elle ia um pagem, vestido de setim roxo; e adiante os homens, em fio um ante o outro, com os presentes; primeiro o bacio que um d'elles levava tomado com uma toalha, encostado aos peitos; outro com o gomil; e logo o bacio com as facas e barretes; depois o espelho aberto, que era de portas, muito rico, todo doirado; e d'ahi as peças de seda, levando a de escarlate aberta a ponta da mostra; e adiante de tudo, a cadeira sobre a cabeça do corretor. Á frente iam as trombetas tangendo, e o feitor com uma cana na mão, e o barrete fóra, como levavam todos os do presente.

El-rei estava em uma varanda, d'onde viu tudo na ordem que vinha, com mui grande prazer de ver coisas tão ricas. O feitor entrou adiante, apresentando cada coisa a el-rei, e na cadeira poz uma almofada, e outra aos pés, dizendo que o embaixador lhe pedia por mercê se assentasse, para n'ella assentado lhe dar a sua embaixada; el-rei, pelo grande prazer com que estava, assentou-se na cadeira. Antes de

chegar aos paços, havia uma larga rua por onde foi Vasco da Gama; mas a gente era tanta, que os nossos não podiam andar, posto que iam muitos naires, fazendo-a afastar, e de envolta grande somma de moiros com espadas e adargas, ao modo dos naires.

O capitão-mór ia muito repousado e devagar, e se deixava estar quedo até que afastavam a gente. E antes de chegar aos paços, por mandado del-rei, o veiu receber o catual da casa del-rei, que é o guarda-mór de seus paços, que se algum entrar onde estiver el-rei, sem sua licença, logo á porta dos paços lhe mandará cortar a cabeça, sem o perguntar a el-rei, se quizer. Com este catual ficaram os nossos mais desabafados, porque mandava afastar, e lhe haviam muito medo. A cada peça que o feitor lhe apresentava, el-rei estava olhando, e por isso faziam muita detença. Chegando o capitão-mór, foi levado por muitos pateos e varandas até á casa dianteira, onde el-rei estava, que era em uma camara armada de pannos de seda de muitas côres, e um sobreceo branco que tomava toda a camara, lavrado e de subtil obra. El-rei estava assentado na cadeira em que o feitor fez que se assentasse. Era homem muito preto, nu, só com pannos brancos, vestido do embigo até ao joelho; um dos pannos fazia uma ponta comprida, em que estavam enfiados muitos anneis de oiro com grossos rubins; tinha no braço esquerdo uma manilha acima do cotovelo, que parecia serem tres manilhas juntas; a do meio mais grossa, todas de rica pedraria, mórmente a do meio, que tinha grossas pedras que não podiam deixar de ser de grande valia, e d'esta do meio pendurada uma pedra diamante da grossura de um dedo pollegar, que parecia coisa sem preço; ao pescoço um fio de perolas do tamanho de avelãs pequenas, fio de duas voltas até o embigo, e acima tinha uma cadeia de oiro roliça delgada, em que tinha uma joia da feição de coração, cercada de perolas mais grossas, e toda cheia de rubins, e no meio uma pedra verde, esmeralda da grandeza de uma fava grossa, que, segundo mostrava, era de grande preço, e, segundo a informação que depois houve, esta joia e a que estava nas manilhas do braço, e outra perola que o rei tinha pendurada nos cabellos, eram todas do thesouro antigo dos reis de Calecut. Tinha el-rei os cabellos compridos, pretos, todos apanhados e atados sobre a cabeça, com um nó dado n'elles: de redor do nó tinha um fio de perolas, como as do pescoço, e na ponta do fio uma perola pendente da feição de perilha, mais grossa que todas, que parecia coisa rica: as orelhas furadas de grandes buracos com muitas orelheiras de oiro de grãos redondos.

Junto del-rei estava um moço, seu pagem, com um panno de seda de redor de si; tinha uma adarga vermelha guarnecida de oiro e pedraria pela borda e no meio, largura de um palmo, e o embraçamento por dentro de oiro; e uma espada nua, curta de um covado, romba da ponta, a empunhadura de oiro e pedraria com perolas pendentes. E da outra parte estava outro pagem que tinha uma copa de oiro de bordas largas, em que el-rei cuspia. Nas costas da cadeira estava o seu bramane-mór, que lhe dava, de quando em quando, uma folha verde muito dobrada, com outras coisas dentro, que el-rei comia e cuspia na copa. A qual folha é do tamanho da folha da larangeira, que sempre el-rei come, e depois que a muito mastiga, a deita na copa, e toma outra de novo, porque sómente gosta do sumo d'esta folha, que leva mistura de sal, cal virgem, e outra coisa a que chamam areca, cortada miuda, que é do tamanho de uma castanha. Assim tudo mastigado, faz a bocca e dentes muito vermelhos, e é coisa de que se servem todo o dia, por onde quer que andam, e faz muito bom bafo.

Tendo já o feitor feito apresentação a el-rei de todas as coisas, que elle estava olhando mui de vagar, chegou o nosso embaixador fazendo a el-rei grandes cortezias, e este abaixando a cabeça e o corpo um pouco, estendeu a mão e braço direito, e com as pontas dos dedos tocou a mão direita do capitão-mór Vasco da Gama, e o mandou assentar no estrado em que estava, mas elle se não assentou, e lhe fallou pela lingua que fallava, João Martins com o corretor, e o corretor com o bramane que estava com el-rei, e tambem ahi estava o vedor da fazenda, e o guazil. E o capitão-mór lhe disse: « Senhor muito grande, sobre todos os senhores e reis da India és poderoso, e todos estão debaixo de teus pés. O grande rei de Portugal, meu senhor, ouvindo tuas grandezas, que se fallam por todo o mundo, houve grande vontade de te conhecer, e comtigo fazer amizade como proprio irmão, e com toda boa paz e amor mandar suas naus com muitas mercadorias a tratar e comprar as tuas, sobre todas pimenta e drogas, que não ha em Portugal; e com este desejo mandou cincoenta naus com seu capitão-mór, e a mim para vir em terra com seu recado, e o presente de amor e amizade que te apresentei, porque com tormenta me perdi da outra companhia. Deus me quiz trazer aqui onde estou, porque eu creio verdadeiramente, que tu és o rei e senhor que vinhamos buscar, pois aqui achámos a pimenta e drogas que nosso rei mandava buscar, e que tu, senhor, folgaste de nos dar, e muita esperança tenho em Deus, que antes que d'aqui parta, aqui virá ter outra armada, ou algumas outras naus, porque sem duvida a ti, senhor, vinhamos buscar. E te digo, senhor, que tão poderoso é el-rei de Portugal, meu senhor, que depois que lhe eu tornar com tua resposta, e com esta carga que me dás, mandará aqui tantas naus e mercadorias, que levarão quantas fazendas houver n'esta cidade; e para certeza da verdade, esta carta é del-rei meu senhor, assignada de sua mão e sello, e n'ella verás suas boas e verdadeiras palavras que te diz. » E beijou a carta, e a poz nos olhos, e sobre a cabeça, e a deu a el-rei com o joelho no chão, a qual el-rei tomou, e chegou aos peitos com ambas as mãos, mostrando signal de amor. Abriu-a, esteve olhando, e deu-a ao vedor da fazenda, dizendo que a mandasse trasladar. E disse ao capitão-mór que se fosse a descançar, que elle veria a carta, e responderia, e que pedisse ao vedor da fazenda toda quanta fazenda quizesse carregar, que lh'a daria, e tudo quanto houvesse mister para as naus. E que toda a sua gente mandasse á cidade folgar e comprar o que quizesse, pois ninguem lhe faria nenhum mal; e disse ao guazil que assim o mandasse apregoar. Com que o despediu, dizendo que outro dia fallaria mais devagar, porque já era tarde.

Saiu com Vasco da Gama, com o vedor da fazenda, guazil e catual, que o trouxeram á feitoria com suas trombetas tangendo diante, onde se despediram com suas cortezias. O capitão-mór dormiu na feitoria com seu grande contentamento, e ao outro dia mandou as trombetas á nau, e uma carta em que lhe escreveu tudo que passára com el-rei. E o vedor da fazenda ao outro dia veiu ao capitão-mór, e lhe trouxe vinte peças de panno branco muito fino, com chapas d'oiro, a que elles chamavam beirames, e outros vinte pannos brancos grandes, finos em extremo, a que chamavam sinabafos, e dez pannos de seda de côres, e quatro pães de beijoim grandes, quanto um homem podia trazer, e uma panella de procelana grande, como grandes gamelas, e outras seis procelanas côvas, que cada uma levaria dez canadas d'agua, dizendo que el-rei lhe

mandava aquellas coisas para elle, e quando se partisse lhe daria o que havia de levar para el-rei. Do que o capitão-mór lhe mandou seus grandes agradecimentos; mandando tudo para a nau, e trazer para terra uma peça de setim escarlate, dez ramaes de coral grandes, vinte barretes vermelhos, muitas facas, uma peça de grã, e uma caixa de coral de perna, o melhor que havia; fez presentes que mandou pelo corretor ao vedor da fazenda, ao guazil, e catual, a cada um dez covados de setim, seis barretes, dez bainhas de facas, e tres ramaes de coraes, e de coral de perna meio quintal, com que elles houveram muito prazer, e lhe mandaram grandes agradecimentos; mas o guazil tinha paixão, porque sabia que o capitão-mór tinha dado ao vedor da fazenda mais que a elle.»

Depois d'isto seguiram-se as traições e prisão de Vasco da Gama, que referem todos os nossos historiadores da India, até que elle conseguiu regressar a bordo, e partir com a sua armada para o reino.

Estava reservado a Affonso de Albuquerque, pela sua alta politica, conseguir, sem estrondo de armas, assentar pazes com este potentado do Malabar, e levantar fortaleza no seu imperio. Eis como isto se effectuou, segundo conta o mesmo Gaspar Correia, a quem, todavia, não podêmos seguir textualmente pela sua diffusão.

Estando Affonso de Albuquerque em Goa, no anno de 1512, chegou um mensageiro do samorim, rei de Calecut, dando-lhe parte de que estava com muito desejo de fazer assento de paz, e lhe dar fortaleza em qualquer parte que elle quizesse, pondo-lhe na praia toda a madeira e pedra, e se quizesse fazer navios, tambem lhe daria avondança de madeira. De tudo isto lhe mandava suas olas [1] assignadas por elle e seus regedores. Respondeu-lhe Affonso de Albuquerque que el-rei de Portugal era contente de acceitar sua amizade, posto que d'elle, nem de seu reino não tinha nenhuma necessidade, porque o de Cochim lhe dava toda quanta pimenta queria, e as drogas tinha de Malaca; e que sómente o tomava por amigo, por ser visinho de seus amigos, os reis de Cochim e de Cananor, e para este concerto mandava D. Garcia, seu sobrinho, com os apontamentos do que havia de fazer.

Um d'elles era que mandasse trazer muita pedra á praia, defronte do recife, fazer muita cal, e que queria muita madeira, que os mestres iriam cortar ao matto para construir duas galés, e que tudo isto mandaria pagar quanto valesse.

Dias depois da partida de D. Garcia, se embarcou Affonso de Albuquerque em uma galé nova que elle fizera em Cochim, e se foi a Calecut, onde houve muito prazer, por se achar já tudo assentado como elle queria. Á noite foi a terra, secretamente, com D. Garcia, Francisco Nogueira e o mestre, e departiu o logar em que se havia de fazer a fortaleza, torres e a porta, o que tudo foi feito como se vê na estampa. Tinha por quadra oito covados, e com as casinhas por dentro que se fizeram para a gente, ficaram quarenta covados de vão; a torre de menagem no meio, no sotão e primeiro sobrado os mantimentos, e dentro um poço de agua muito boa. A artilheria, de cima da torre, descobria toda a cidade.

Affonso de Albuquerque esteve sempre a bordo, perto da terra, vendo a obra, a que se deu tal aviamento, que em treze dias estava cerrada toda a fortaleza em roda, na altura de dois homens, e a torre de menagem no primeiro sobrado, e nas bombardeiras mui formosa artilheria, assim como na torre da guarda da porta, que tambem estava posta no primeiro sobrado.

[1] Folhas seccas de palmeira, onde os asiaticos escrevem, depois de lhes darem certo preparo.

Nomeou Affonso de Albuquerque capitão da fortaleza a Francisco Nogueira, que não havia de vencer o ordenado senão depois do muro estar no andar das ameias; feitor a Gonçalo Mendes; almoxarife, escrivães e todos os outros officiaes necessarios, que não haviam de vencer seus ordenados senão depois de aposentados dentro na fortaleza: pelo que todos davam muito aviamento e pressa á obra. E poz nome de Conceição á fortaleza, porque em vespera de Nossa Senhora da Conceição, sete dias de dezembro, D. Garcia pozera a primeira pedra no alicerce, com orações e bençãos do padre fr. Domingos de Souza.

El-rei de Calecut tinha mandado recado a Affonso de Albuquerque para que se vissem, que d'isso haveria mui grande prazer; mas Affonso de Albuquerque respondeu que tambem elle o desejava muito, mas que não podia ser senão depois da fortaleza acabada, porque el-rei de Portugal assim lh'o defendia; que logo que acabada fosse, folgaria de ver tamanho rei e senhor como elle era, e tamanho seu amigo.

E assim o cumpriu, porque, quando os nossos se achavam já aposentados na fortaleza, d'ella saiu Affonso de Albuquerque para terra com toda a gente armada, indo adiante sua guarda, e muitos fidalgos. Deixando-os á porta, entrou a fallar a el-rei de Calecut acompanhado sómente de Pedro de Alpoim, Manuel de Lacerda, Gonçalo de Almeida, Manuel de Castro, e Alexandre de Athaide, lingua. Á cautela levava Affonso de Albuquerque uma saia de malha secreta debaixo da camisa, e na cinta um cris [1] de ouro e pedraria, que valia vinte mil cruzados. El-rei de Calecut, logo que viu Affonso de Albuquerque, levantou-se do seu estrado e lhe veiu tomar a mão direita entre as suas, e a apertou nos peitos, que era a maior honra que lhe podia fazer, e o mandou sentar na borda do estrado, fallando-lhe palavras de muito amor. Albuquerque com grandes comprimentos lhe offereceu todos os serviços n'um largo discurso. Então o rei lhe deu um collar de pedraria que valia dez mil cruzados, e ricos pannos brancos de seu vestir, e outros para o capitão da fortaleza, e para os que estavam presentes.

Os trabalhos que os nossos passaram em Calecut, para sustentar esta fortaleza, até se verem forçados a arrazal-a, merece outro capitulo, para que ande sempre viva na memoria de todos a lembrança das acções heroicas dos nossos antepassados na conquista da India.

EMBAIXADA PORTUGUEZA AO JAPÃO

Desde 1542, que um furioso temporal arrojou do porto de Chinchen ao archipelago japonez o fraco junco em que Francisco Zeimoto, Antonio Peixoto e Antonio da Motta faziam veniaga na costa aparcellada do celestial imperio, até ao anno de 1641 (um seculo exactamente), traficaram os portuguezes no Japão, e lançaram entre os seus habitantes a semente do christianismo: mas desde então até hoje (até ao dia 12 de julho de 1860) nenhum portuguez se atreveu a penetrar no imperio, aonde tinha certo o martyrio, por meio de grandes tormentos.

Dois seculos passaram, dia a dia, sem que os japonezes tivessem communicação com povo algum da Europa que não fosse o hollandez; e essa raça de negociantes, sem preconceitos de nenhum genero, passava por todas as humilhações para fruir os lucros do seu trafico exclusivo; porém, chegou o dia em que as grandes potencias occidentaes resolveram ser tempo de acabar aquelle sequestro de uma parte da especie humana aos regalos da civilisação, á fraternidade com os outros povos, e os tratados

[1] Arma columbrina de que usam os malaios.

de paz e commercio com o imperio do Japão succederam-se uns aos outros, n'estes ultimos annos.

Portugal, a primeira nação cujos navegadores devassaram aquelles mares, não devia ser a ultima a entabolar agora novas negociações com o governo japonez; e de feito, o nosso governo accordou, milagrosamente, com a idéa n'esse ponto, e mandou preparar em Macau a embaixada cuja historia vamos contornar ligeiramente, em vista de documentos officiaes, e de cartas particulares de pessoas em quem confiâmos.

Como não temos em Macau um vapor de guerra (que deviamos ter), foi obrigado o embaixador portuguez, o conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, a embarcar no vapor mercante *Fei-má*, com destino a Hong-Kong, e d'alli transportar-se a Shanghae em outro vapor, o *Sangtze*, para cujo porto mandára a corveta de guerra *D. João* I, em que, a final, devia apparecer no Japão.

A 6 de junho de 1860 se effeituou a saída de Macau, acompanhando ao ministro plenipotenciario de S. M. F. na China e Japão, o segundo tenente da armada, Gregorio José Ribeiro, como secretario da legação; João Rodrigues Gonçalves, interprete da lingua sinica; e o alferes, ajudante de ordens, Antonio Caetano, como addido.

No dia 30 de junho velejou a *D. João* de Shanghae para o archipelago japonez, sob o commando do capitão de fragata, Feliciano Antonio Marques Pereira, levando a seu bordo o pessoal da embaixada; e apesar da falta de boas cartas d'aquelles mares, a corveta passou, felizmente, do mar da China para o oceano Pacifico, pelo estreito de Colnet, e fundeou na abra de Yedo, capital do imperio, a 12 de julho á tarde.

Os praguentos vaticinavam que ficaria mallograda a missão, fundando-se em que havia grande agitação politica no imperio, e em que o governo japonez se negára a tratar com a Belgica e com a Suissa, apesar do apoio de nações poderosas; porém o nome portuguez ainda resoava alli, como echo de antigas glorias, e o delegado do nosso soberano não encontrou obstaculos para levar a cabo a sua espinhosa missão.

No mesmo dia 12 vieram a bordo dois officiaes japonezes, á costumada formalidade do registo, e por elles escreveu o nosso embaixador ao ministro dos negocios estrangeiros do imperio, ou coisa que o valha, participando-lhe a sua chegada, e o fim que alli o conduzíra.

No dia 13 foi comprimentado o conselheiro Guimarães da parte do ministro inglez no Japão, o seu velho amigo, mr. Alcock, e convidado a alojar-se n'aquella legação, cujo convite acceitou, desembarcando immediatamente ao som da artilheria da *D. João*. Pouco tempo depois de se achar em terra, foi comprimentado por varias auctoridades japonezas, em nome do seu governo, as quaes lhe fizeram saber que estava preparada uma casa para receber o enviado de Portugal. O ministro, porém, preferiu continuar a residir em casa de mr. Alcock.

No seguinte dia (14) officiou de novo o plenipotenciario portuguez, pedindo uma conferencia para tratar do objecto da sua missão, ao que teve resposta satisfactoria, dentro do praso de vinte e quatro horas. Tambem o veiu comprimentar, no mesmo dia, o governador da cidade, trazendo um delicado presente de doces e frutas para o seu illustre hospede.

A 17 verificou-se a primeira conferencia entre o conselheiro Guimarães e tres plenipotenciarios nomeados pelo governo japonez, os srs. *Midzogoetsi Sanoekino Kami, Sakai Okino Kami*, e *Matsdaira Dzirobé*, e ahi se decidiu tomar por base do novo tratado o que ultimamente concluíra lord Elgin, por parte da Inglaterra, e não o feito com a Hollanda, como os japonezes queriam.

A 19 foi o nosso embaixador visitar os ministros do imperio, em grande etiqueta. Abria o cortejo um piquete de officiaes japonezes, commandado por um vice-governador; seguia-se logo o palanquim de s. exc., levando aos lados a bandeira e jak nacionaes, e duas umbellas vermelhas, signal de distincção das altas cathegorias do imperio; depois os palanquins do pessoal da legação, e os officiaes da corveta portugueza, fechando o sequito outro piquete de officiaes japonezes.

Durante o transito até ao palacio (mais de quatro milhas) innumero povo se apinhava nas ruas a contemplar os nossos.

A sala da audiencia estava preparada com cadeiras para todo o acompanhamento, e diante de cada uma d'ellas havia uma mesinha, aonde se serviam refrescos, á moda do paiz. Alli se apresentaram as credenciaes autographas, e foi resolvido, depois de breve mas acalorada discussão, que desde o primeiro d'outubro seguinte ficassem abertos aos navios portuguezes, os portos que já o estavam para as embarcações dos paizes que tinham feito tratados de paz, amizade e commercio com o Japão.

Depois, em outra sessão com os plenipotenciarios japonezes, conseguiu o ministro portuguez que as fazendas de linho pagassem só 5 por cento de direito de importação, em vez de 20, como se achava estipulado no tratado com a Inglaterra; de sorte que a nossa ficou sendo a nação mais favorecida no Japão.

Na tarde do dia 3 de agosto assignou-se o tratado, com todas as formalidades, e durante todo esse dia esteve embandeirada a corveta *D. João*, arvorando o estandarte japonez no tópe de prôa.

Não se tendo ainda resolvido n'aquella corte a grave questão do ceremonial para a recepção dos embaixadores na sala do throno, não pôde ser entregue em mão propria a carta del-rei D. Pedro V para o monarcha japonez; e foi conduzida no dia 4, dentro de um estojo de prata de fino trabalho, ao palacio do ministro em que se effectuára a audiencia do dia 19. A carta ía escoltada por uma guarda de cincoenta marinheiros portuguezes, por sobre cujas cabeças ondeavam o estandarte real e a bandeira nacional; porém o calor era tão intenso, que seis praças da guarda caíram fulminadas pelo sol! O bom povo de Yedo, que fazia alas para ver passar o sequito, offerecia da melhor vontade agua e fruta aos marinheiros que ardiam em calor.

O maior silencio e respeito cercava então o estandarte real de Portugal na capital d'aquelle imperio, aonde 220 annos antes haviam sido martyrisados tantos portuguezes, e os seus conterraneos expulsos *para sempre* do territorio do Japão!

Agora duas palavras ácerca da cidade de Yedo, e aspecto geral do imperio.

A formosa capital do Japão é situada em uma bahia na costa oriental da ilha de Niphon, a maior d'aquelle archipelago; encontra-se alli um soberbo e vastissimo palacio do imperador, a monumental ponte denominada *Niphon-bas*, d'onde se contam as distancias para todas as estradas da ilha; porém não encerra grande copia de edificios notaveis, provavelmente, como suppoz Malte-Brum, por causa da frequencia de tremores de terra que traz sempre assustados os seus habitantes.

« O Japão é um bello paiz, fertil e lindo como nenhum outro! » exclama, em carta particular, um amigo nosso que fez parte da legação, n'esta viajem; e accrescenta: « É um grande jardim, por qualquer parte que se observe; as mulheres são formo-

sas, recordam o typo hespanhol; mas tanto ellas, como os homens, andam quasi nus, e nos seus costumes lembram a infancia do mundo! »

Tendo concluido a sua missão em Yedo, o ministro portuguez quiz ir estabelecer os consulados em Kanagawa e Nangasaki, antes de recolher ao seu governo de Macau. Com esse fito partiu immediatamente por terra para o primeiro d'aquelles portos, e embarcando no vapor inglez *Sidney*, atravessou o mar interior, e chegou ao segundo no dia 13 de agosto. Como não apparecesse alli a corveta *D. João*, que não pôde tomar aquelle porto em consequencia do temporal que apanhára á saída do mar Amarello, embarcou s. exc. em uma escuna mercante para Shanghae, aonde chegou no dia 31. D'ahi regressou a Macau, com todo o pessoal da legação, tendo prestado um relevante serviço ao seu paiz, pelo qual nos não consta que obtivesse a menor remuneração.

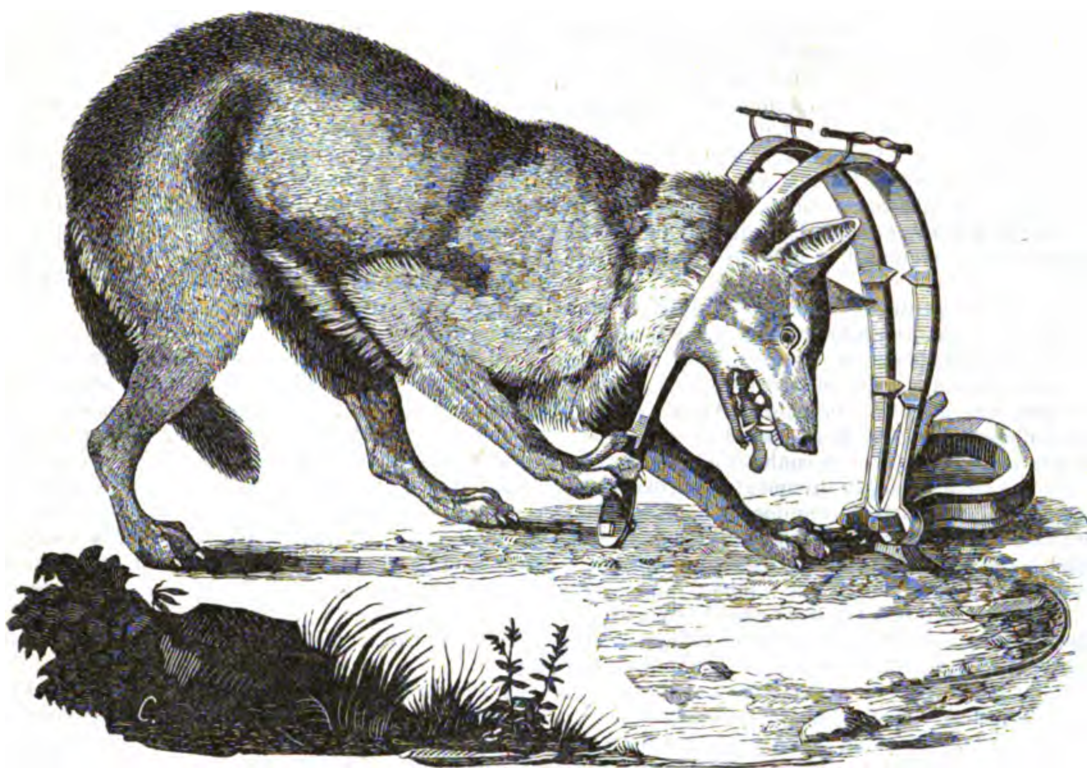
O secretario Gregorio José Ribeiro, intelligente official da nossa Armada, escreveu um relatorio que foi impresso em Macau, d'onde colhemos muitas das noticias que acabâmos de apresentar ao leitor.

O tratado acha-se impresso no « Diario de Lisboa » de 24 de dezembro de 1860.

F. M. Bordalo.

O LOBO

Ha muitos animaes de que ouvimos fallar desde a infancia, que nos servem para comparações, que andam nos adagios, e todavia nunca os vimos; uns, por serem ferozes, outros, de partes remotas. Os



O Lobo

nossos museus de historia natural são poucos e pobres; exposição de feras em Portugal é coisa rara, porque algum estrangeiro que as traz cá, por industria, não passa de Lisboa e Porto. Só pintadas as podêmos ver; e hoje a gravura de madeira presta um grande auxilio ás noções zoologicas que todo o homem deve ter. Para este fim, havemos dado já alguns desenhos dos animaes a que mais frequentemente nos referimos, tanto para comparação, como para argumento de fabulas, apologos e adagios.

Trataremos hoje do lobo, a respeito do qual temos uns trinta proverbios. Os mais citados são estes:

Fallae no lobo, ver-lhe-heis a pelle. Bem folga o lobo com o coice da ovelha. Do contado come o lobo. Nunca o lobo mata outro. Quando o lobo mata outro, ha fome no souto. Fartura de lobo tres dias dura. O mal que faz o lobo, apraz ao corvo. Lobo que preza toma, inda que se vá, não cerra a bocca. O lobo muda a pelle, mas não o vezo. O lobo perde os dentes, mas não o costume. Cão que mata lobos, lobos o matam. Onde o lobo acha um cordeiro, busca outro. Quando um lobo váe furtar, longe de casa váe ceiar. Asno de muitos, lobos o comem. Primeiro de maio corre o lobo e o veado.

Como esta é a fera mais commum que ha na Europa, e cá em Portugal, por isso a tomâmos tanto para comparações, e em todas as posturas municipaes ha premios para os que os matam.

Na Ordenação do Reino ha a seguinte disposição:

« E porque os lobos fazem grandes damnos aos gados, havemos por bem que o homem que matar lobo velho haja por cada um tres mil réis, e por lobo pequeno quinhentos réis. E o que emprazar [1] cachorros, e os mostrar, haja quatrocentos réis; do qual premio se pagará a metade á custa da nossa fazenda, e a outra á custa do povo em cujo termo forem mortos.

E o matador mostrará a cabeça e pelle do tal lo-

[1] Emprazar na linguagem da caça, é cercar o covil do animal com os cães e monteiros para que não fuja.

bo ao juiz do logar, o qual mandará fazer d'isso assento, e passará mandado para o almoxarife pagar logo a dita quantia á tal pessoa. E não estando o almoxarife presente no logar, passará mandado para o recebedor das sizas, aos quaes mandâmos que sendo-lhes mostrado o mandado do juiz, sem outro nosso, nem de official de nossa fazenda, pague o dito dinheiro.

E ao almoxarife ou recebedor, ficará a pelle do lobo, e terá cuidado de recadar do procurador, ou thesoureiro do dito logar, a metade da quantia que por elle pagou. E o juiz mandará ao thesoureiro, que faça o dito pagamento ao almoxarife. E não tendo o thesoureiro dinheiro do concelho, o juiz fará lançar finta aos moradores d'elle, da qual não será escusa pessôa alguma, posto que tenha privilegio de não pagar fintas, e haver-se-ha respeito á fazenda que cada um tiver. »

Ainda não está de todo extirpada a antiga crença popular, de que havia homens que de noite se transformavam em lobos por bruxaria, e andavam uivando e espojando-se pelas ruas, em quanto alguma alma bemfazeja lhe não quebrava o fado. Veja-se adiante o que a este respeito diz Buffon.

Quando tratámos do cão, notámos já a similhança que elle tem com o lobo. Vid. pag. 228.

Comtudo ha poucos animaes que sejam tão oppostos. Se tem as mesmas fórmas, são differentissimos na indole, e especies tão distinctas, que não só não podem contrahir alliança, mas ha entre o cão e o lobo uma antipathia invencivel, e isto basta para os distinguir.

E não é um sentimento facticio, inspirado pela educação ou pela necessidade; é a propria voz da natureza, e tão poderosa que os cães pequenos assim que aventam lobo, começam logo a tremer. Basta que lhes dê o cheiro, para deitarem a fugir, e encolhidos se enroscarem aos pés do dono.

O mastim, porém, que já conhece as suas forças, indigna-se e corre prompto ao combate, que não acaba nunca senão pela morte de um dos contendores. Mas se o cão é vencido, o lobo devóra-o; se o lobo succumbe, o cão nem sequer ousa tocar-lhe logo que o vê morto. Isto bem mostra que o lobo é inimigo natural do cão: este não faz mais que defender-se. E tambem o lobo é differente do cão nos habitos e sentimentos. O lobo ama a solidão, e debalde se tem procurado familiarisal-o, foge para o matto logo que póde, e nunca se consegue mudar-lhe o caracter feroz: não foi nascido como o cão para amigo do homem, e protector dos rebanhos, mas para devorar o homem e o gado, quando póde.

Por mais força que tenha, por mais astucia que empregue, o lobo vê-se muitas vezes constrangido a morrer de fome; com ella se lança a tudo, até aos corpos apodrecidos. O lobo esfaimado procura então as povoações, onde faz muitas victimas; se lhe falta alimento, damna-se, o que o torna ainda mais temivel. Comtudo póde passar alguns dias sem comer, com tanto que não lhe falte agua, porque então a séde produz-lhe a raiva, enfermidade terribilissima, que se communica aos homens, e que se desenvolve de uma maneira horrorosa.

Os lobos vivem solitarios, como já dissemos; entre tanto algumas vezes colligam-se; porém não é a amizade que os reune, mas sim a necessidade de forças para ir accommetter algum rebanho ou animal mais forte e maior do que elles. Acabada porém a expedição, cada um se retira ao seu covil.

O lobo possue o sentido do olfacto em supremo gráu; dizem que lhe dá o cheiro da carne que mais gosta a uma legoa de distancia!

A loba pare cinco, seis, e ás vezes oito, até nove cachorros. No meio de uma cova ou escondrijo, é que ella assenta a sua habitação; depois de haver arrancado com os dentes todos os espinhos, cobre o chão com uma grande quantidade de musgo, e sobre esta cama é que depõe os filhos. Nascem com os olhos fechados como os cães; a mãe dá-lhes de mamar por algumas semanas, mas dentro de pouco tempo os ensina a comer carne, que lhes prepara, mastigando-a primeiro. Depois váe-lhe trazendo ratinhos montezes, lebres novas, perdizes e gallinhas vivas. Os cachorros começam por brincar com estes animaes, e acabam por matal-os; a loba então os depenna, esquarteja, e dá seu quinhão a cada um. No fim de mez e meio, ou dois mezes, os lobinhos deixam o covil, mas seguem a mãe por muitos mezes mais. Quando os atacam, defende-os ella com todo o animo, e até com furor.

O lobo vive quinze até vinte annos; na velhice embranquece-lhe o pello, e os dentes se lhe fazem rombos. É dotado de grande força, principalmente nas partes anteriores do corpo, nos musculos do pescoço e do queixo, de sorte que na bocca segura um carneiro sem o deixar tocar no chão, indo a correr com mais velocidade do que os pastores; por isso só os cães o podem alcançar, e fazer-lhe largar a preza. Defende-se com valor, se é obrigado a contender, mas prefere a fuga, se lhe é possivel, ou quando se não julga superior ao adversario. Se a fome o não obriga, e presente que póde correr algum perigo, não accommette nunca. Finalmente o lobo é feroz e covarde, ao inverso do cão que é meigo e valoroso; gosta mais da carne viva que da morta, e principalmente da carne humana; e talvez, diz Buffon, não comesse outra, se se julgasse mais forte que o homem.

« Tem-se visto, continúa o mesmo naturalista, ranchos de lobos seguirem os exercitos, e chegarem em grande numero ao campo da batalha, onde os mortos foram sepultados, desenterral-os, e devoral-os com appetite insaciavel; e assim costumados á carne humana, lançarem-se depois sobre os homens, atacarem o pastor com preferencia ao rebanho, devorar as mulheres, arrebatar crianças, etc. A estes lobos assim habituados deu-se o nome de lobishomens, isto é, lobos que andam de noite em busca de homens para os devorar, e não são feiticeiros transformados em lobos, como as velhas contavam algum dia. »

A côr do pello dos lobos muda segundo os differentes climas, e ás vezes variam até no mesmo paiz. Além dos lobos ordinarios acham-se em França, e na Allemanha, alguns que tem o cabello mais espesso, e tirante a amarello.

Quando chegam a multiplicar excessivamente em um paiz, e se tornam perigosissimos por causa da raiva, ou appetite da carne humana, então é preciso armar e convocar toda a provincia para lhes fazer montaria, e dar cabo, se não de todos, ao menos da maior parte d'elles. Os inglezes empregam n'esta caçada uma actividade tão constante, que tem conseguido exterminal-os inteiramente da sua ilha, de sorte que hoje só restam alguns nos antros da Escocia. Dava-se uma recompensa a todo aquelle que apresentasse uma cabeça de lobo, morto por elle, como entre nós se usa.

Nas nossas provincias ainda ha annos em que os lobos apparecem em tanto numero, que é mister fazer-lhes montaria. Não só a tiro, tambem a laço se apanha o lobo. A armadilha que a nossa estampa representa é segura e mui simples.

Ha, de Lafontaine, uma fabula mui citada e decorada, a do lobo e a ovelha. Bocage fez sobre o mesmo thema um apologo admiravel, por onde se vê quanto a lingua portugueza é azada para o estilo apologal.

Porque se não dá esta e similhantes fabulas nas escholas para exercicio de recitação metrica?

Ponhamol-a pois aqui á vista da figura do lobo, para esse effeito.

FABULA DO LOBO E DA OVELHA

Uma ovelha, em tempo antigo,
Estreita união travou
Co'um lobo: não sei que santo
Este milagre operou!

Esqueceu-se do rebanho,
Do guardador se esqueceu,
E em companhia do amigo
Pelos mattos se metteu.

Alli a que d'antes era
Qual mansa pomba sem fel,
Pelo exemplo estimulada,
Aprendeu a ser cruel.

Apenas lhe parecia
Ter feito já digestão,
Eis prompta, a comadre ovelha,
Para a sanguinea funcção.

Se, vendo as prêas, não tinha
O valor de arremetter,
Ao menos, depois de mortas,
N'ellas entrava a roer.

Contemplando o fero mestre,
No pervertido animal,
Os progressos que fazia
A sua eschola brutal;

De prazer e de vaidade
Lhe pulava o coração,
E tinha á sua educanda
Cada vez mais affeição.

Mas um dia em que esfaimado
Saíu com ella a caçar,
Nem rasto do que buscava
Póde ao menos encontrar.

Montes, valles, bosques, tudo
Farejou, subiu, correu;
Em fim, só farto de vento,
Na cova se recolheu.

Coseu-se á terra esfalfado,
E depois que repousou,
Para a debil companheira
Os crueis olhos lançou.

Que! (disse o mau lá comsigo)
Não ha soffrimento egual!
Hei de curtir esta angustia,
E morrer por ser leal?

A natureza me instiga,
E devo dar-lhe attenção:
Está primeiro que tudo
A propria conservação.

Tu, virtude, és attributo
Dos homens, dos racionaes;
Não me pertences: eu sigo
Meu instincto e nada mais.

N'isto veloz como um raio,
Co'a pobre ovelha investiu,
E logo, dentes e garras,
Nas entranhas lhe sumiu.

Com trémula voz pergunta
Ao desleal a infeliz:
Porque me tiras a vida,
Ingrato, que mal te fiz?

Que lei o rigor te ordena
A que eu motivo não dei?
E elle sôfrego responde:
Tenho fome, a fome é lei.

D'esta arte cevando a furia,
Não cessou de lacerar,
E, antevendo alguma urgencia,
Os ossos nús foi guardar.

Vêde, mortaes, n'este exemplo,
Exemplo cheio de horror!
O que produz a alliança
De um perverso, de um traidor.

Se os maus tiverdes por socios,
Eu fico que os imiteis,
E que lobos d'esta casta
Ou cedo ou tarde encontreis.

REIS MAGOS

Muitos auctores ecclesiasticos duvidam que os Magos, que vieram adorar o Menino Deus, fossem reis. Seriam illustres na sciencia, mas não na dignidade.

Tambem não ha certeza de como se chamavam. Os nomes que vulgarmente se lhes attribuem de Gaspar, Melchior e Balthasar, são muito modernos. Antes do seculo XII não se acha em auctor algum, o nome proprio dos Magos.

PADRE J. B DE CASTRO.

RESTAURAÇÃO DE 1640

(Vid. pag. 342)

40 contos que vale o procedido da bulla da Santa Cruzada, da qual além do residuo dos quatro réis de cada bulla que se tiram para a impressão, indevidamente leva o collegio dos padres da companhia de Salamanca, um conto de réis em cada um anno, e o mosteiro de S. Jeronymo de Belem 500$000 réis.

O tributo que chamam do salayo, que é, de cada amassadura que cozem as padeiras, um pão, que pagam a alguns donatarios; e o dos lombellos, que é de cada porco que se mata um lombello, e de cada vacca um ubre, que tambem se paga a alguns donatarios.

A repartição da pimenta que n'este reino se faz por preço mais subido do que se vende, e pelos mais damnos que comsigo traz, responde ao estanque que d'ella ha em Castella.

Aos alcaides-móres das fortalezas do sertão, já quasi arruinadas e escusadas, além dos assentamentos que alguns tem da fazenda de S. M., paga cada fogo do termo em cada um anno 36 réis, em algumas terras mais, e em outras menos, que indevidamente se levam na idade presente por não haver já vigias, nem necessidade que a ellas obrigue, que quasi responde ao que em Castella chamam moeda foreira que pagam os homens lhanos, em reconhecimento do supremo dominio, que são de 7 em 7 annos 16 maravedis, e no reino de Leão 12 maravedis.

Em algumas villas, como na de Setubal, Arruda, Cascaes e outras ha estanque dos fornos de cozer pão.

E em algumas cidades e villas, como na de Elvas, Aldêa-Gallega, Azambuja e outras, ha estanque das estalagens, estrebarias, palha e cevada d'ellas.

Ás camaras das cidades e villas paga cada fógo do termo um alqueire de trigo, alguns mais e outros menos, e outros nada, de que leva a terça a obra das fortalezas e muro, que responde ao que em Castella chamam martinega, que é de cada pessoa que não for isenta 12 maravedis em cada um anno, pagos em dia de S. Martinho.

Ha nos reinos as posturas da almotaçaria, coimas, e achados que pertencem ás camaras, das quaes se aparta a terça parte para a dita obra das fortalezas

e muros, o que em Castella não ha por tão pernicioso modo.

De todas as coisas de comer que entram na cidade de Lisboa se dá a terça parte para se vender pela avaliação da alfandega, no vêr do peso, e sem despacho da camara se não podem vender os mantimentos e outras fazendas, o que é de grande oppressão ás partes.

Além dos ditos tributos ha as cargas, concelhos e caminhos, calçadas, fontes, pontes, levadas de presos, gasalhados de grandes ministros e soldados, e outras que n'este reino são muito grandes e ordinarias.

As medidas do trigo, centeio, cevada, vinho, azeite e mais coisas, são menores que as de Castella e que de todos os reinos de Hespanha, e menores que as velhas que se usavam 10 por cento respectivamente, que é um genero de tributo mal entendido, e imposto nos pobres compradores a favor dos ricos vendedores.

De promixo poz V. M. sem consentimento dos tres estados dos reinos, o tributo das meias annatas, que a respeito dos filhamentos da casa real, segundo o regimento d'ella e fóros dos reinos cap. 23, se hão de continuar nos officios da justiça, fazenda, e guerra. V. M., tanto pelas leis da justiça quanto pelas de piedade, o deve mandar limitar, e tambem por ser de qualidade que dentro em tres annos esgotará o reino de todo o dinheiro, e o deixará sem substancia alguma, e aos vassallos em estado que não possam n'elles viver.

Poz V. M. outrosim, sem consentimento dos tres estados dos reinos, o tributo no repiso do bagaço da azeitona, o qual pela limitação d'elles e de seus olivaes, que são alternativos e não cadanneiros, e a azeitona ser tão magra, que tem pouco mais que pelle e osso, não será de rendimento; e pelo contrario de grande prejuizo, pela entrada que por elle se dá a V. M. na fazenda dos vassallos, porque como o tempo envelhece até o mesmo direito, lhe enfraquecerá o de seus olivaes, de maneira que junto com o real poder o venham a perder em parte ou em todo. E já por esta razão são avaliados pela sua peor fazenda (e com justa razão) porque ao justo respeito em que V. M. não tem direito algum, chama no regimento da fazenda sua, e lhe impõe penas de commisso, dinheiro e prisão pela primeira vez, e pela segunda em dobro, e pela terceira noveado, e por causa dos muitos privilegiados, por ficarem todas as cargas e serviços concelhios, pessoaes e mixtos, de que os isenta, carregando sobre os pobres; pelo que, e como V. M. manda que arrendando-se não se arrematará por menos de tres canadas por moedura, livre de custos, no caso que a d'estes reinos as dêem, as fica V. M. levando sem metter cabedal algum, e assim as não póde por moral theologia levar, e fica este meio menos justificado, e quanto baste justificado para d'elle se não poder usar.

E finalmente, sáem um anno por outro d'estes reinos 5:000 homens de mar e guerra, que vão servir a V. M. nos logares de Africa e conquistas de Guiné, India e Brasil, e dos de guerra tornam poucos, e esses com os que servem nas armadas da Costa, Flandres e outras partes; e no governo economico e politico dos reinos vão todos á corte de Madrid requerer, onde com as grandes incommodidades das distancias de suas casas, uns deixam as fazendas, e muitos as vidas, o que é um genero de tributo desesperado e affrontoso, o qual mais sentem os reinos sujeitos, de que os de Castella estão livres.

Por esta maneira ha n'estes pobres e limitados reinos onze tributos mais que nos grandes e ricos de Castella, que sendo cabeça dos mais reinos, gozam da presença e assistencia de V. M. (que é a maior felicidade dos reinos), dos proes da corte, provisões dos melhores postos, praças, officios e gages d'elles, a respeito de toda a monarchia, com o que se compensam os serviços, antigos e modernos, dos milhões que de proximo estão reduzidos ao monopolio e ao estanque do sal.

(O juiz do povo, Francisco Velho, com os demais da Casa dos 24 que servem no anno de 1632, *assignaram este papel para ir a S. M. a Madrid, em* 6 *de agosto do dito anno).*

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Enoja, por mui repetido e escusado, o gallicismo *ter logar (avoir lieu)*, de que hoje se está usando na escripta e na conversação, quando nós temos tantos verbos para empregar com variedade, em vez d'essas duas palavras, que de mais a mais, em bom portuguez, se usam n'outra accepção.

Temos por exemplo: *realisar, effectuar ou effeituar, occorrer, succeder, acontecer, haver, celebrar,* etc., com os quaes, segundo pedir o caso que houvermos de referir, escreveremos com pureza e propriedade.

Pega-se em qualquer jornal, e é infallivel encontrar-se logo: *teve logar* esta noite um grande incendio; *teve logar* outra batalha; *teve logar* a representação; *teve logar* uma desordem; *teve logar* a sessão; *teve logar* o consorcio, o baile, o enterro, etc., etc.

Nos documentos officiaes do «Diario» a mesma lenga-lenga. Despachos que *tiveram logar* no mez de tal; *teve logar* a sessão real; *terá logar* o cortejo no paço; *terá logar* o concurso; *terá logar* a arrematação; *teve logar* a audiencia, etc., etc. De sorte que parecemos uma terra de logarejos, onde se não dá passo, nem pratica acto, sem *ter logar* á vista!

Pois não é melhor dizer portuguezmente: Despachos que *houve*, que se *expediram*, que se *proferiram*, que se *verificaram*, que se *effectuaram*, que se *realisaram*, ou que se *fizeram* no mez de tal? Ha de *proceder-se* á arrematação, ou simplesmente *ha de* arrematar-se? *Houve* um incendio; *deu-se* uma batalha; *realisou-se* o consorcio; e se não está já annunciado ou esperado, *desposou-se, casou-se, celebrou-se* o matrimonio; *succedeu, aconteceu*, ou *houve* um desastre; não se *effectuou*, ou não se *realisou* a arrematação, o concurso, a estreia, a experiencia?

E não só como gallicismo escusado devemos rejeitar a locução *ter logar*, n'estas e similhantes phrases, mas tambem porque *ter logar* na nossa lingua significa *ter espaço, cabimento, opportunidade;* vir ou cair *a proposito*. Dêmos alguns exemplos.

«Não *tem logar* a pretenção do supplicante» Esta formula de despacho quer dizer que não tem cabimento, admissão, fundamento, procedencia, o que se allega ou requer. E tambem, que não tem vez, vagatura etc.

«O marquez fallou a el-rei logo que *teve logar* (occasião, opportunidade). — *Vieira.*

«E quando *teve logar* deu conta de tudo ao visorei. — *J. de Barros.*

Agora *tem logar* referirmos o que no tomo segundo apenas acenámos. — *J. Cardoso.*

Julgava *ter logar* reservado no ceo o estulto e soberbo imperador. — *Fr. Christovão de Lisboa.*

Teve logar o remoque do prégador, embora em tal solemnidade (isto é, foi bem cabido, veiu a proposito). — *D. Francisco Manuel.*

Á vista de taes exemplos, quem não dirá que a locução afrancezada *ter logar*, por *acontecer, effectuar-se* etc., repugna á indole, clareza, e propriedade da lingua portugueza?

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Judith, acto III, scena V — Desenho original de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

JUDITH

TRAGEDIA ITALIANA, POSTA EM PORTUGUEZ POR MENDES LEAL JUNIOR, E ACTUALMENTE REPRESENTADA NO THEATRO DE D. MARIA II

> Judith rendeu a Holophernes com os pés, querendo mostrar Deus, que para vencer muitos milhares de homens a cavallo, basta uma mulher, e essa a pé.
>
> PADRE VIEIRA: Serm. VII. 96.

Ha um livro da Biblia dedicado exclusivamente á historia de Judith, viuva de Manassés, da tribu de Simeão, a qual sendo protegida do verdadeiro Deus, a quem sempre servira fiel, soube, heroicamente, livrar a cidade de Bethulia, sua patria, da tyranna oppressão de Holophernes, general do exercito de Nabucodonosor, rei da Assyria.

E foi assim:

Pelos annos de 600 antes da vinda de Christo, o feroz Nabucodonosor talou e conquistou toda a Judéa, arrasando os muros de Jerusalem, pondo fogo ao templo de Salomão, e levando captivos para Babylonia todos os judeus.

Por este tempo, Holophernes, o seu maior general, sitiou a cidade de Bethulia, onde residia Judith, viuva de rara belleza, moça, rica, e mui temente a Deus. Resistiram os bethulienses por muito tempo; mas Holophernes, para os render, mandou cortar as aguas de que a cidade se provia, de sorte que morrendo já muita gente á sêde, os do governo resolveram entregar-se a partido.

Sabendo d'isto a viuva Judith, foi-se a casa de Osias, governador da cidade, e n'uma junta que a seu rogo se convocou, lhes fez uma eloquente exhortação para que se não rendessem, antes d'ella voltar do mosquiteiro ou tenda de Holophernes, onde o ia obsecrar para que levantasse o cerco.

Entre o espanto e a duvida, concederam os magnates a dilação que tão heroicamente lhes propunha Judith.

«E logo ella despe o cilicio de que andava toda coberta; enxuga os olhos das lagrimas com que orava ao ceo; manda vir cheiros, joias, galas, espelho; veste, compõe, enriquece, esmalta, os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços, e até os pés, não de todo cobertos (que assim o nota a Escriptura); e feita Judith um thesouro de cubiça, um pasmo de formosura, e mil laços do appetite, sáe confiadamente pelas portas da cidade, com sua criada atraz (*cum suâ ancilla*, diz o texto), salta o fosso, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo, e váe direita á propria tenda de Holophernes.»

Encantado de tal formosura, e principalmente enlevado na riqueza e mimo com que ia calçada (*sandalia ejus rapuerunt oculos ejus*, diz o texto sagrado), offereceu-lhe logo a mão de esposo, mandando aprestar um banquete, onde a apresentou a todos os seus cabos de guerra. N'este banquete se embriagou a ponto de vir em braços para a sua camara, e ahi, quando o viu bem pegado no somno, lhe cortou Judith a cabeça, com a espada d'elle proprio.

Com este trophéu regressou logo a Bethulia, relatando ao povo o acontecido, que sendo já sabido do exercito inimigo, levantou este, precipitadamente, o sitio.

Judith, depois de dar graças a Deus, retirou-se outra vez a chorar no lar domestico a sua viuvez.

Tal é a maravilhosa façanha que tem dado assumpto a muitos quadros, poemas e tragedias.

Quando ha dois annos veiu a Lisboa a famosa, a unica tragica do nosso tempo, Adelaide Ristori, uma das tragedias por ella representadas que mais agradou, foi a *Judith*, de Giacometti.

Trasladada e melhorada em portuguez pelo egregio poeta lyrico e dramatico, Mendes Leal Junior, foi a execução d'esta peça confiada á nossa primeira actriz, Emilia das Neves, e ao insigne actor J. J. Tasso.

Ha muitos annos que o theatro nacional não via em scena tão perfeito espectaculo. Poema, representação, scenario, tudo tem arrebatado os applausos do publico, em quinze enchentes successivas.

A imprensa tem analysado e louvado, a flux, a execução da *Judith*. Nós, confessâmol-o sem rebuço, não somos de tão facil contento. Não admittimos tragedia senão em verso, nem que a representem actores que não sejam de alto cothurno. Nem Emilia, tão insigne actriz, nem Tasso, artista de tanto merito, tem a valentia e correcção que exige a tragedia.

Como tentativa, foi bem auspiciada, e bem galardoada tambem.

Mas será assisado desviar tão bons actores da sua ingenita vocação, dos seus naturaes recursos? Cremos que não. A voz máscula da Ristori que lhes responda. Adextrem os actores ainda em folha, para a tragedia; não inutilisem para o drama, para a comedia, os experimentados.

Em testimunho, porém, do louvor que merece um espectaculo tão esplendido, louvor de que participam, o poeta, os actores, o scenographo, o ensaiador, o mui perito actor Rosa, pela verdade historica, pela arte com que a peça está posta em scena, e tambem o commissario regio, damos aqui em gravura, pela primeira vez entre nós, a scena em que os dois principaes actores, Emilia (*Judith*) e Tasso (*Holophernes*) se acham a sós, e n'um lance em que a arte de representar é resvaladía.

O texto que se segue, e devemos ao obsequio do nosso affectuoso collaborador, Mendes Leal, melhor aclarará a situação.

SCENA V DO ACTO III

HOLOPHERNES E JUDITH

HOLOPHERNES.—Vês como te amo? Imperava esta mulher em meu coração. Agora imperas tu... n'ella e em mim.

JUDITH.—Imperio fugitivo!

HOLOPHERNES.—Immortal, se quizeres.—Assenta-te e ouve (*assentam-se nos recostos*). Sou filho dos chaldeus—um povo de gigantes e de numes—o primeiro que devassou os segredos do firmamento, medindo as espheras. Liam meus avós nas constellações do ceo os destinos do mundo. Tem cada homem a sua estrella: raiou a minha quando me appareceste. Para mim brilhas, e apagar-te-has comigo. Percorro o mundo como um planeta assombroso; serás tu a claridade precursora. No dia solemne has de annunciar-me aos povos. Cingindo-me a coroa do universo, has de acclamar-me rei da terra... e senhor dos ceos!

JUDITH.—Que proferes?

HOLOPHERNES.—Escuta mais. Vou desenrolar a teus olhos a immensa tela dos meus designios.—Voltarei a Babylonia, levando n'esta mão a terra subjugada. Para a dar de presente ao rei Nabuco? Insensato quem o pensa! Em quanto elle, encerrado no paraiso que Semiramis cingiu de muralhas eternas, consome os dias no ocio das devassidões, faço eu rodar, entre lagos de sangue e sobre cómoros de cadaveres, o carro das suas conquistas. Saiu-lhe da mente, é verdade, o grande pensamento da escravidão universal. Mas quem o fecundou senão o meu vasto espirito? Mas quem o executará senão o meu braço possánte? Inscrevi-o primeiro nas minhas bandeiras; gravei-o depois na fronte dos povos. Esse pensamento, a principio um embryão, enformou-o, avultou-o, desenvolveu-o a minha espada: hoje váe deixando por toda a terra um sulco e um echo!—Não nasci para servir a outrem de pedestal. Mal fez Nabuco em me confiar o raio e as azas. São as azas para voar, é o raio para fulminar. Vôo e fulmino. Quando me saciar de batalhas, onde hei de reclinar esta fronte inflammada? No throno de Nabuco. Servir-me-ha de encosto o solio; resplandecer-me-hão na cabeça as coroas da terra e do ceo n'um só diadema. Para que são tantas religiões, e cultos, e deuses, e altares? tantos sacerdotes, astutos e crueis, temerosos a quem reina? Uma só ara haverá, o meu throno; e Holophernes avassallará o mundo, unico soberano!... unico pontifice!... e unico Deus! (*Judith, sem poder occultar o horror que lhe inspiram estas palavras sacrilegas, ergue-se e afasta-se*). Que fazes? Foges!

JUDITH.—Ouço-te... e tremo!

HOLOPHERNES.—Assentar-te-has a meu lado, no empyreo que hei de levantar-te. Os innumeraveis portentos, creados até hoje pelo genio assyrio, são nada comparados ao que intento. Semiramis esculpiu montanhas; arremessou bosques e fontes sobre eirados; sagrou por templo a Baal uma cidade de oiro. Farei mais por teu respeito. Debaixo dos pés acharás razos os harens. Serás a unica esposa de Holophernes. Então as nossas almas, ébrias de amor, engolphar-se-hão no espaço; teremos, então, acima de nós um pavilhão de estrellas, em torno de nós uma nuvem de incensos!

JUDITH.—(*á parte, absorta nas suas reflexões*)

Silva, silva, serpente: não achas uma Eva que tentes; acharás um pé que te esmague!

Holophernes. — *(acercando-se)* Não me dás palavra, Judith? Mais benigna me será acaso a tua mão... *(quer tomar-lhe a mão)*.

Judith. — *(com solemne pudor)* Detem-te!

Holophernes. — Fuzila-te a ira nos olhos! Amo-te, e fallo-te como se fôras minha esposa....

Judith. — Não o sou ainda. Vim aqui, enviada por Deus, para te guiar á iniqua Syão. Nada mais te prometti.

Holophernes. — Que dizes, mulher! — Não careço de auxilios. Se a isso unicamente vieste, insultas-me. Para me abrir todos os caminhos basta a minha espada; para me alumiar todos os passos bastam os raios que ella scintilla. Com o ferro destruo, com o ferro avanço. Julguei-te uma celeste visão — a estrella que me chamava... Sinto-o agora... só o amor para ti me attrahia... um amor ardente e desesperado, repara. Ainda que fosses realmente o meu destino, luctaria: estou costumado a combater e a domar os destinos. Quero o teu amor, nada mais. Se o recusas, que importa? Conquisto-o. Sobra-me poder para te arrancar do coração uma imagem divina... e substituir-me a ella. Se o Nume de teus paes quer por tuas mãos abrir-me as portas da santa Syão, é porque treme da minha lança. Escolhe entre dois deuses, Judith!

Judith. — Só elle é Deus.

Holophernes. — Torna-te pois a Bethulia: lá te acharei. Se és a minha sina... ou o meu astro... atravessarei as nuvens para te desengastar do ceo; e de lá te reconduzirei á terra nas ondas dos meus cabellos. — Pensas que me apavoram as montanhas? a mim! Não queria decepar os reptis com a espada que derriba gigantes... Deleitava-me em ver acabar os teus, como os animalculos que a vaga desdenhosa depõe no areal... Mas tu duvidaste. Amanhã o meu corcel galgará essas penhas!

Judith. — Amanhã!

Holophernes. — Não escapará um só na cidade. Serão arrancadas as crianças ao ventre materno, e, como em Samaria, arremessadas do alto das muralhas!

Judith. — Oh! não... Aqui fico... *(intencionalmente)*. Acabarei o que está começado... juro.

Holophernes. — Não me basta, disse-o. Ardo em sêde... e esta sêde só podem apagar-m'a os teus labios.

Judith. — Terás o osculo de Judith, descança... Has de tel-o... amanhã!

Holophernes. — Dia de ventura é este! Dás-me a tua mão?

Judith. — Eil-a.

Holophernes. — Oh! divina ébriedade! És tu, Judith, és tu devéras o meu destino.

Judith. — Sou... vel-o-has!

O CANTO DE DHEBORA

(ABRAHAMIA — ACTO II)

D'Assur o monarcha findava a agonia
Nos restos fumantes do imperio e do lar;
E Dhebora o canto no monte rugia
Ás tribus dispersas por terra a escutar.

O Deus dos valentes, com elles pugnando,
Sangrentas reliquias salvou de Jacob;
O fogo incendendo-se, o mar trasbordando,
As hostes fugazes tornaram em pó.

Minha alma, revôa entre os bravos, caidos,
Quaes messes ceifadas, nos campos hebreus;
E os gladios pragueja, por oiro vendidos,
Que inertes ficaram, rebeldes a Deus.

Tu só, abrazada na chamma divina,
Tu só, entre todas, bemdita, ó Jahél,
Mil elmos fendeste co'a mão feminina,
Mais forte que os fortes do triste Israel.

Com animo impávido o prego cravaste
Na fronte coberta do fusco albornoz,
Lançando o martello, correste e bradaste,
Qual foge nos valles a corça veloz.

Incensem-te, enflórem-te o braço guerreiro
As filhas d'Engaddi, os heroes de Judah:
A tenda, banhada no sangue estrangeiro,
De louro e de róble depois se ornará.

Assim se dispartam no dia cruento
Os carros que gemem com longo fragor;
Assim se dissolvam, poeira ante o vento,
Os povos contrarios á lei do Senhor!

A PROPHECIA

(JUDITH — ACTO II)

Quando o rei de Moáb, Eglon, forjava
Grilhões sangrentos a Israel afflicto,
De Benjamin na tribu o cóllo alçava
Jehu, braço valente, animo invicto:
Este, offertando ao rei um grão presente,
No proprio throno o assalta ousadamente.

Debaixo d'amplo manto, recatado
Leva o punhal pendente na couraça;
Ajoelhando ante o solio, sobre o estrado,
Com fero impulso o peito lhe traspassa;
Depois rompe os portaes, galga a campina,
Qual raio vôa, e os arraiaes fulmina!

Vendo o seu chefe exanime na terra,
Fogem tremendo as hostes consternadas;
E nossos paes, colossos em tal guerra,
Tingem no sangue as triumphaes espadas.
Tal o esforço de um só com mão possante
Prostrou no solo o moabita errante!

A VISÃO DE ISAIAS

(ELIACIM — ACTO III)

Jerusalem jaz em pranto!
A rainha das cidades
Geme as suas impiedades
Toda trémula de espanto.
Ai! com razão se lamenta,
Que perto a ameaça a tormenta,
Qual se rompêra — no tom
Que as grandes iras intíma —
Sobre os valles de Solima
A torrente do Cedron!

Choram as turbas inquietas
Pelos campos espalhadas;
Choram as virgens, prostradas
Sobre a campa dos prophetas.
Que horrivel scena contemplo!
O povo, expulso do templo,
Pela porta d'Ephraim
Sáe captivo além dos montes...
São meus olhos duas fontes
Que vão correndo sem fim!

Na solidão do abandono
Correi, lagrimas ardentes,
Sobre esta cinza das gentes,
Sobre este pó, que foi throno!...
Mas que vejo!... A triste aurora
A Israel não surge agora.
Inda é cedo. — Uma cordeira
Subjuga, atterra um leão.
Assim a fera estrangeira
Róla sangrenta no chão!

EMILIA

Oh! se te amo, theatro! oh! se te devo amor!
Quanto sou foi teu dom, meu bello salvador,
Theatro, capitolio, eschola, asylo, mundo!

Estes aureos versos poz o principe dos poetas lyricos de Portugal, A. F. de Castilho, na bocca da princeza da scena portugueza, Emilia das Neves, escrevendo-lhe a biographia, ainda não completa, na «Revista Contemporanea.»

N'elles está recopilada a vida, o triumpho, a fama, a posteridade d'este peregrino talento dramatico, sem par nos fastos do theatro nacional.

Desde a apaixonada *Beatriz* do *Auto de Gil Vicente*, até á castissima *Judith* da Biblia, no longo estadio de vinte e dois annos, que de palmas e coroas lhe não tem conferido a admiração publica, pela verdadeira expressiva de tantos affectos, quanto hão sido os papeis a que a versatibilidade do seu talento tem dado vida, realce e nome!

Requer a arte dramatica, na mulher principalmente, tantos dotes, que raro se logra vêl-os em conjuncto. Como se para ella a fadasse, deu a natureza a Emilia das Neves a maior parte d'esses dons. Esbelta e gentil figura, gesto senhoril, olhos eloquentes e perspicazes, voz sonora e fagueira, physionomia cheia de graça, posto que não mui versatil, tudo isto subjugou logo a espectação publica desde o seu apparecimento em scena, e lhe rompeu caminho direito ao fastigio a que dentro em pouco subiu.



Emilia das Neves e Souza

Se os dons da segunda natureza, a arte, tivessem esmaltado aquelles com que a primeira a enriqueceu, Deus sabe até onde ascenderia a nossa graciosa actriz. Ao seu genio, estudo, sagacidade e amor da gloria, deve ella o muito que vale, n'uma terra sem eschola dramatica, sem instructores, sem modelos, sem repertorio, sem theatro propriamente nacional.

Para a *Judith* teve ella na Ristori um compendio classico da representação tragica. E vê-se que o não estudou sem aproveitamento. Deu já a primeira lição: podêmos-lhe perguntar á sua consciencia se ainda tem folego para tanto? A tragedia é como a epopéa, na mediania annulla-se.

Quem no drama e na comedia campeia sem rival, para que ha de agora, já na linha do poente, tomar uma travessia tão cortada de precipicios, sem os alentos da primavera?

Outra será a linguagem da lisonja maligna ou nescia, diversa a da cortezia mendaz ou insidiosa — a nossa, dictada pela convicção, é esta.

TASSO

Quem dirá que esta physionomia tão serena, grave e sympathica, é a do actor que na estampa da primeira pagina vimos transformada no aspecto repugnante e temeroso de Holophernes? A tez adusta, os olhos revoltos, fuzilando irados a cada trovão da voz rebombante, a cada rasgo da lamina ingente; o cabello em roscas viperinas, e, perfazendo o medonho dá catadura, ébrio e lascivo, a raivar como um cerdo dos montados de Epicuro!

Vêde como a arte sabe metamorphosear o homem.

e o theatro illudir o espectador. Sem mascara tão visivel, quantos papeis não representam os homens na scena da vida, e no grande palco do mundo?

Este Holophernes ficticio, que tão bem simula os vicios d'aquelle monstro biblico, na sociedade é um Tito, isento de paixões ruins, brioso, bem conceituado, ameno e cavalheiro no trato, o primeiro galante, ou galan como hoje se diz, do theatro normal.

Vocação irresistivel o impelliu para a arte dramatica, quando cursava a academia de marinha, para se aventurar a mares e ventos, não menos arriscados que os do oceano theatral, onde as singraduras se contam pelos naufragios, nas costas scenicas de Portugal principalmente.

Mas o actor Joaquim José Tasso tem tido o Santelmo quasi sempre propicio. Até naus da India tem levado a porto e salvamento, como, por exemplo, esta frota da *Judith*, em que elle, vergando ao peso do oiro, é Gama e Adamastor. Gama no commettimento e exito, Adamastor no horrendo e pavoroso.

Ha vinte annos que o publico de Lisboa o festeja no seu primeiro theatro, e no caracter mais difficil,



Joaquim José Tasso

porque todos temos representado o papel que lhe tocou a elle variar até ao infinito. No drama e na comedia, Tasso entra sempre apaixonado, quer queira quer não, ha de amar.

Se o nosso actor não tivesse outros dotes para carear as sympathias do espectador, bastava-lhe este condão de galan effectivo para lh'as conquistar.

Já a perola dos actuaes escriptores amenos e joviaes, Julio Cesar Machado, tracejou firme, com penna tão buliçosa qual é a d'elle, o retrato do galan theatral, escrevendo alegremente a biographia de J. J. Tasso:

«Ao galan (diz elle) incumbem sempre as heroicidades dramaticas.

Se ha um incendio, é elle quem salva a dama, e o pae da dama, e a familia da dama!

Se a desgraça vem pousar no lar domestico em que a namorada passa os seus dias, e a miseria se aproxima, o galan, ainda que não tenha onde cair morto, trata logo de arranjar fortuna; d'alli a nada volta rico, casa com a menina, e paga aos credores do pae.

Se os cavallos que conduzem a carruagem em que váe a «joven» tomam o freio nos dentes, e ameaçam ruina total á menina e á traquitana, quem é que atira comsigo á frente da parelha, e faz o milagre de lhe suspender o curso?

O galan; por força, o galan.

Nos primeiros dois actos da peça, dizem todos mal d'elle, para o seu triumpho ser mais completo na scena da reconciliação paterna, que é o «*rondó*» das comedias: um considera-o pobre, outro altivo, algum descobre nodoa no seu nascimento, este afiança que é jogador, e aquelle que roubou já alguma coisa accusa-o a elle de ladrão!

Todos os elementos que possam concorrer para a destruição de uma creatura se conspiram contra este homem; e todavia, é tão grande o seu valor, tão bem encaminhados os seus instinctos, que váe tratando de restabelecer o seu credito, e tanto faz que se justifica de um instante para o outro, com a maior precisão, a maior clareza; confundindo a calumnia, perdoando ao calumniador, e exultando no regaço da victoria!»

Aqui está o Tasso desenhado em scena.

Tal tem sido o seu fadario de vinte annos, sem que haja ainda exhaurido o carcaz do travêsso filho de Venus, d'onde tira as settas para se transformar em amoroso de todas as regiões, de todas as idades e condições; com supplicas e lagrimas no drama; com requebros e suspiros na comedia nobre; com chistes e ardis na comedia popular; e algumas vezes, como agora na *Judith*, os farpões com que fere e mata a paixão brutal.

Se, como é sentença commum, os principios são tudo, e o ser das coisas d'elles costumam depender, Tasso confirmou a sentença, estreando-se em 1841 no papel de galanteador na *Abbadia de Viterbo*, com tão bons auspicios e geral applauso, que desde então até hoje tem imperado sem rival, sem par, e o que mais é, sem deixar successor á coroa, que já lhe váe inclinando a fronte, por mui carregada de joias com que a tem cravejado em tão longo reinado de primeiro galan.

Ó terra de namorados, patria de Bernardim Ribeiro, tu que outr'ora contavas tantos, que d'elles se formou uma ala do exercito capitaneado pelo mestre de Aviz, na famosa batalha de Aljubarrota, já não tens, sequer, um namorado fingido, um namorado de comedia, um galan theatral, que succeda ao que hoje vive e reina?

Portugal, velho és; mas decrepito, caduco, moribundo, defuncto, hão de chamar-te, se já em ti não ha coração para amar, se já se te apagou aquelle fogo que abrazou os doze de Inglaterra!

Pobres somos, pobres fomos sempre de bons actores, e mais ainda de galans para o drama e para a comedia nobre. A tanta penuria, porém, nunca chegámos. Amorosos de entremez, de farça, tivemol-os bons, e ainda temos. É que o theatro, entre nós, foi sempre muito plebeu, com poucas excepções. Data de poucos annos a sua restauração; e ainda assim, não estão de todo extirpados os vicios de origem.

A estimação que hoje fazemos dos artistas dramaticos devêra já ter attrahido para o theatro muitas vocações, de um e outro sexo, que d'antes eram repellidas pelo desfavor da sociedade, e pela má companhia a que se iam associar. Infelizmente, não tem acontecido isso, nem já se deve esperar sem a instituição de uma eschola e curso dramatico, d'onde a mocidade sáia com os seus titulos para exercer esta profissão. Quem tiver talento e vocação, mais realce lhes dará com taes habilitações.

Oxalá que este arbitrio se tome quanto antes, porque d'elle depende o futuro do theatro portuguez, que o presente é bem desconsolador.

D. JOÃO II E A CONSPIRAÇÃO DA NOBREZA

LUCTA DA PREROGATIVA REAL

CAPITULO X

O DUQUE DE BRAGANÇA NA PRISÃO. ULTIMOS MOMENTOS

(Fragmento inedito)

Apenas entrou no aposento com el-rei, e ouviu da sua bocca a ordem de aguardar preso o exame das culpas que lhe imputavam, o duque de Bragança devia ler, no rosto do filho de Affonso v, o destino que o esperava.

A colera do monarcha tinha sido tão paciente, e o golpe subito era vibrado com tanto vigor, que o poderoso fidalgo, rasgado repentinamente o véo que lhe encobria a verdade, não podia enganar-se por mais tempo.

Se D. João II appellava, assim descoberto, para a violencia, é porque se julgára o mais forte; e o duello travado, desde a sua coroação, com os donatarios, só havia de terminar pela ruina do duque, ou pela quéda do rei.

Tomado de sobresalto, antes de amadurecidos os planos de resistencia, D. Fernando conheceu que nem a altivez, nem a submissão tardia o podiam salvar. Se o orgulho o não desamparou de todo, logo alli, valeu-lhe, de certo, para, sossobrado no rapido naufragio, não desmentir os brios de cavalleiro, e a fortaleza de espirito, de que era dotado. Em ferros, e tendo alçada sobre a cabeça a espada de um principe, que não perdoava, oppoz ao odio a serenidade, e á vingança hypocrita a firmeza inspirada pela humildade e resignação, proprias de um christão.

Sabendo que as portas do carcere, para um homem como elle, não tornariam a abrir-se senão sobre o cadafalso, despiu-se das soberbas e ambições, que tantas inimizades lhe tinham grangeado, e voltando para o ceo os olhos e o coração, preparou-se para encarar a morte com tranquillidade, na incerteza de ella o chamar de um dia para o outro.

Em quanto os ultimos fios do trama se enredavam, e as instancias do rei constrangiam os juizes a acompanhal-o na insoffrida impaciencia, o duque de Bragança passára doze dias, desde o da sua prisão, no meio dos cavalleiros e criados, postos pelo soberano para o guardarem. O camareiro-mór, Ayres da Silva, e Antão de Faria, que, n'este reinado, representou papel analogo, em parte, ao de um dos famulos validos de Luiz XI, foram os dois a quem D. João commettêra o odioso officio de não perderem de vista o neto do conde de Barcellos, e é provavel que ambos continuassem a corresponder á sua confiança, não se apartando, senão por leves momentos, do lado do desditoso duque. [1]

Assim rodeado de inimigos, que espiavam até o menor de seus movimentos, e que, por entre affectadas provas de cortezia, não occultavam, antes deixavam transluzir o jubilo com que viam prostrado aquelle que, dias antes, receiavam; D. Fernando II, superior á fortuna nas palavras e acções, redarguia com inteireza ás palavras vagas e ás consolações dos confidentes do principe, e desarmava mesmo alguns dos antigos odios, mostrando-se mais compadecido, que magoado, dos que a essa hora machinavam a sua perda.

Entre tantos interesses e opiniões oppostas, melhor do que ninguem, mediu o alcance do rasgo a que el-rei se abalançára. A resposta dada a Ayres da Silva attesta que, sentindo sobre si a mão de ferro de um soberano inaccessivel á clemencia, não se illudia com loucas phantasias. «Um homem como eu, disse elle, não se prende para o soltar!»

Entretanto, se a reflexão por vezes o vinha confirmar na apprehensão de que o processo, com tanto ruido accelerado, concluisse por um desenlace tragico, parece tambem que outras vezes a esperança, sempre a ultima a fugir dos que padecem, o confortava com a idéa, de que uma prisão perpetua poderia satisfazer as iras, ou os temores do monarcha.

Quaesquer que fossem os seus pensamentos a este respeito, é obvio para nós, que desde o primeiro dia percebêra, como affeito ao trato dos negocios, que o

[1] O duque foi preso, como dissemos, por D. João II, em pessoa, ao sair do despacho, e encerrado n'uma casa que servia de guarda-roupa nos paços do conde de Olivença, onde el-rei morava, em Evora. *Vid.* Resende. *Vida e feitos del-rei D. Joao* II Cap. 43.— *Provas da historia genealogica*. Tomo III, pag. 777. D. Agostinho Manuel. *Vida y acciones del-rei D. Juan* II. Libro III, pag. 112 e 113 edição de Madrid, 1639. Marquez de Allegrete. *De rebus gestis Joannis* II, pag. 117 e seguintes. Ullyssipone 1539. Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Joao* II. Ineditos da academia real das sciencias de Lisboa. Tomo II, cap. 140.

A prisão do duque verificou-se n'uma sexta-feira 29 de maio de 1483.

filho de D. Duarte se não atrevêra a luctar corpo a corpo com a nobreza para desistir depois de leve encontro, e quasi lhe lançar aos pés o manto real. Advertido, embora tarde para o remedio, da imprudencia com que se expozera, lembrou-se de quem descendia, e seguro na adversidade, não quiz dar de si o espectaculo de implorar em vão a misericordia do vencedor.

As horas, que tão lentas e pesadas se contam para os que suspiram em ferros, as vivas saudades do que ia perder, e a pavorosa visão do patibulo, que o ameaçava, não lhe acurvaram o animo, nem o demoveram do proposito de não disputar os dias que lhe restavam, descendo a advogar a sua causa perante um tribunal composto de juizes, que não eram seus pares, e que, sendo subditos, timidos, ou cubiçosos, já de antemão previa, que necessariamente subscreveriam ao que lhes insinuasse o rei.

Para elle, senhor dos segredos do caracter e da corte de D. João II, era claro que a sua sentença fôra lavrada e confirmada na hora em que o soberano, conscio do seu poder, ousára tratal-o como trataria o mais obscuro cavalleiro. As formalidades ordenadas tinham por fim dar alguma côr de justiça ao acto politico; mas D. Fernando, recusando defender-se, e allegando apenas a incompetencia do tribunal, provou que estava plenamente convencido, de que a decisão só pendia da vontade do principe.

Este, da sua parte, se por um lado via aproximar com satisfação a hora de lavar no sangue do duque as offensas de tantos annos, e talvez o resentimento não aplacado da catastrophe de Alfarrobeira, pelo outro não estava de certo inteiramente despreoccupado de cuidados e receios. Se o presente assegurava a execução dos seus designios, proporcionando-lhe este lance facil para ferir na cabeça os orgulhosos vassallos, sentenciando e justiçando o cunhado de sua esposa, parente de reis, e quasi rei elle mesmo pela pompa e grandeza do estado, não podia escapar á sua penetração, embora cega pelas paixões, que, passado o primeiro assombro do raio, devia temer que das cinzas do duque de Bragança se levantassem vingadores, e que, ajudada a guerra civil pelas armas estrangeiras, o monarcha em breve não tivesse de se arrepender do audacioso feito.

Apesar d'isto, e das lagrimas que na intimidade do paço haviam de tentar suspender-lhe os passos, não cedeu. Cerrados os ouvidos e o coração á piedade, replicando ás supplicas com palavras brandas e evasivas, calculadas para entreterem os credulos com fugitivos clarões de esperança, conciliador e affavel nos modos, mas implacavel e rigoroso nas obras, apressou os termos do processo, negou ao accusado os meios efficazes de defesa, encurtou os prasos e as fórmulas, e rematou este drama de triste memoria para o seu nome, por se assentar, sendo accusador, na cadeira de juiz, não se encobrindo de opprimir com a presença do rei a consciencia de magistrados seus complices, ao que parece, no assassinio juridico, resolvido para firmar por um grande exemplo o imperio e a auctoridade monarchica.

O que n'estes dias de cruel anxiedade para todos, e até para o que se reputava senhor da vida, ou da morte do duque, podia salvar a D. Fernando, era a reluctancia decidida dos fidalgos, e uma severa demonstração em seu favor por parte dos reis catholicos.

D. João, tão subtil como o rei de Aragão na arte de dissimular, entreteve-o, como notámos, com promessas e meias confidencias até se assegurar da obediencia do reino; e a nobreza, pasmada e attonita, em vez de acudir ás terras e castellos para se oppor á ousada manifestação do poder absoluto, perdeu a occasião de salvar o seu chefe, dictando ao throno asperas condições.

Quebrantada, e cheia de espanto, lançou-se aos pés do inimigo, supplicou de joelhos em logar de combater de pé, vestiu-se de seda, e não de aço, e de todas estas tristes genuflexões só colheu o deploravel desengano, de que o herdeiro de Affonso V, zombando da humildade aconselhada pelo medo, tirava d'ella ainda maior animo para adiantar o ultimo passo!

Muito habil para não aproveitar a boa sorte que se lhe offerecia, D. João, achando o caminho livre, apressou-se, e feriu o duque, bem convencido de que decapitava para sempre com elle o partido que encruzava os braços, vendo rasgados os seus fóros, e ultrajados na pessoa do seu chefe os privilegios que sustentára com ameaças e clamores nas horas de arrogancia.

O calculo do rei foi o que a politica violenta e sanguinaria do seu tempo aconselhava então aos principes. Vivo o duque, embora despojado de honras e bens, embora sepultado em uma prisão perpétua, os descontentes sempre haviam de volver para elle a vista; e o desejo de lhe restituir a liberdade serviria de pretexto e de nucleo a novas conspirações. Morto como rebelde, se a dor podia fazer arrancar a espada ou o punhal a alguns, mais temerarios, a certeza de que em presença do monarcha seriam todos eguaes no castigo, devia desalentar o maior numero, embaraçando que a nobreza tornasse a unir os membros dispersos a fim de luctar contra elle, estimulada por um só pensamento e uma só vontade

Uma noticia, escripta pelo confessor que lhe assistiu até aos ultimos instantes, sobreviveu para nos desenhar, posto que em traços rapidos, ou confusos, a physionomia do duque, a do rei, e a de alguns dos actores que tomaram parte no tragico desfecho das rivalidades e malquerenças de tantos annos.

No «Breve Tratado», composto pelo padre Paulo, sobre a morte de Fernando II, e enviado por elle á duqueza, sua esposa, encontram-se allusões indirectas e toques que, não dizendo toda a verdade, nem metade d'ella em muitos casos, deixam adivinhar, comtudo, que o religioso, lembrado de mais das ciladas da corte, quiz apagar do papel tudo o que podesse soar, como offensa, contra os poderosos.

Para acudir ao penitente, do qual pouco se apartaria talvez nos tempos prosperos, foi necessario que D. João II, accedendo aos desejos do duque, o compellisse a visital-o na prisão, e a confortal-o com os auxilios espirituaes; e assim mesmo (elle proprio o confessa), aos avisos e admoestações do principe oppoz varias desculpas e rodeios, procurando furtar-se ao magoado trance de agonizar, na força da vida e robusto de saude, aquelle que dias antes era o primeiro do reino, e com um volver de olhos confundia os que o atropellavam.

— «Senhor, disse o confessor a el-rei, eu sou pouco para o que me encarregaes, e se ha de haver tormento, ou execução, ainda mais incapaz. Provéra a Deus achar-me hoje d'aqui cem legoas!»

Desprezando as suas vozes, o monarcha respondeu-lhe, que o duque o pedia, e que se dispozesse para o ir acompanhar.

Estas palavras eram ordens, e o padre não julgou prudente inflammar contra si a colera de um soberano, que se erguia assim terrivel e armado contra o mais poderoso vassallo da corôa.

O confessor tinha chegado a Evora doze dias depois da prisão de D. Fernando, e sabendo que a duqueza partira tambem de Villa-Viçosa para soccorrer o marido com os prantos e lastimas de tão grande infortunio, como criado d'aquella casa e amigo sincero, vencendo a timidez, fôra logo consolar a princeza,

que para muitos era já quasi como se estivesse viuva, ou como se pesasse sobre ella o lucto do patibulo, e a nodoa de ser mulher de um justiçado.

Ao sair d'esta vista em que por vezes lhe desfalleceu o coração, e na qual, desejando mostrar-se animoso, unira as suas lagrimas ás de D. Isabel, é que o recado del-rei o colhêra, e que, não lhe valendo evasivas, teve de acceitar a afflictiva missão que as ordens do neto do infante D. Pedro lhe incumbiam. [1]

O padre Paulo encontrou o duque de Bragança no meio de guardas, vestido e recostado na cama, mas sem ferros, nem algemas. Desde que elle fôra preso, e apesar da constancia que ostentou até expirar, não é de crer, que tantos dissabores e vicissitudes passassem pela sua alma sem a abalar. Proximo do calvario, e conhecendo a amargura do calix que ia beber até ás fezes, o proprio Christo, e era Deus, tremeu da morte: o que sería do fidalgo mais orgulhoso e adulado, o qual subíra coberto de applausos todos os degraus das grandezas humanas, quando comsigo mesmo contemplasse a altura de que tinha sido precipitado?

A tempera do seu caracter era tão rija, todavia, e tanto poder exercia sobre todas as suas acções, que as magoas, os receios, as agonias, e as incertezas d'estes dias, seguramente os mais longos e crueis de toda a sua existencia, nunca transpiraram para fóra do seu peito, apesar de trespassado por tantos golpes a um tempo.

O padre Paulo apenas poz n'elle os olhos considerando tudo o que n'este instante havia de padecer, suffocou-se, e não se atreveu a soltar a menor phrase diante d'aquella dor, viril e nobre no soffrimento. Calado, assentou-se como pasmado na borda do leito, e esperou que o preso o interrogasse.

O que podia eu fallar, accrescenta elle, quando a memoria e o coração me apontavam para o novo Job, e me advertiam, de que tambem os amigos do justo, contristados, sete dias se conservaram junto d'elle, porque não sabiam o que podessem dizer para o consolar?

O duque foi quem se recuperou primeiro da momentanea turvação.

Compadecido da fraqueza do padre, levantou-se, e sereno de rosto e de voz, tocando-lhe por amizade com a mão no hombro, acordou-o do espasmo, exclamando: «Que é isto, padre? Agora careço de quem me allivie, e não de quem me entristeça. Não está o tempo para paixões, mas para me ajudardes a revestir de esforço e de conformidade.»

Mudando depois repentinamente, como succede aos que pelejam com uma idéa, que distrahida volve sempre, e logo, a apoderar-se do espirito, ajuntou: «Que vos parece tudo isto?»

«Pena de peccado e fructos do mundo,» acudiu o religioso, ao qual a fortaleza do penitente restituíra o valor. Proseguindo depois com mais socego e pausa principiou a exaltar as mortificações, com que Deus castiga os que determina premiar com a bemaventurança.

O duque, altivo e severo de mais, quando descarregava sobre os povos a vara do poder, cria sinceramente nas verdades que a religião ensina; ferido pela desgraça, refugiou-se no seio da viva e ardente fé da sua epocha.

(Continúa) L. A. Rebello da Silva.

[1] Vide—*Breve Tratado que escreveu o padre Paulo sobre a morte do duque de Bragança.*—Tomo III das Provas da Historia Genealogica pag. 775—791. Cingimo-nos principalmente ao texto d'esta noticia, que respira ingenuidade, e cujas côres nos parecem mais verdadeiras e naturaes apesar das voluntarias omissões e das transparentes reticencias do religioso, do que os periodos elegantes de outros escriptores. O padre Paulo viu e sentiu o que narra, e pôde ler na alma do duque ainda os mais secretos sentimentos d'esse terrivel trance, em que a vida, suspensa sobre a eternidade, pende apenas de um signal.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

GALLICISMOS INTOLERÁVEIS

Confeccionar, ou antes confeiçoar, em bom portuguez, é fazer confeições, que são as preparações medicinaes que se manipulam nas boticas; e, por analogia, certas misturas, adubos etc. com que se temperam ou **destemperam** os vinhos.

Que fazem os remendões da nossa lingua, empregam este nosso verbo na accepção do *confectionner* francez, e dizem:

Nomeou-se uma commissão para *confeccionar* os estatutos. Estou *confeccionando* um drama. O ministro foi encarregado de *confeccionar* o projecto, o regulamento, a lei. Já está *confeccionado* o programma.

E o caso é, que talvez por sestro da origem da palavra, quasi sempre de taes laboratorios sáem cataplasmas, e nunca obra sem confeição!

É escusado indicar, por mui triviaes, os verbos proprios e expressivos que, para engeitarmos similhantes barbarismos, tem a nossa linguagem. Basta esta advertencia para precaver os principiantes, e se corrigirem os menos instruidos.

Tambem os gallicistas tratam *de resto* a nossa lingua traduzindo as locuções *au reste* e *de reste* ao pé da letra, como se ellas podessem substituir as muitas conjuncções adversativas e modos adverbiaes que temos, para exprimr a significação d'aquellas clausulaes francezas.

É commum lêrmos nos escriptos modernos: Fulano é ignorante e enfatuado; *de resto* excellente pessoa. A peça está mal traduzida; mas *de resto* sempre agradou. Os actores representam mal; *de resto* foram chamados fóra. *De resto* a minha opinião triumphou.

Todo este phraseado é espurio e barbaro.

A genuina traducção é esta:

Fulano é ignorante enfatuado, *porém* bom homem. A peça está mal traduzida; *apesar d'isso*, ou *não obstante*, agradou. Os actores representaram mal; *comtudo*, ou *ainda assim*, foram chamados e applaudidos. *Todavia* a minha opinião prevaleceu.

Além da vernaculidade, não ha muito mais clareza e concisão n'estas phrases do que n'aquellas outras?

Exemplos classicos não faltam, mas bastam estes:

«Não é facil conhecer quaes são os aduladores, e quaes os amigos devéras; *todavia* se conhecem uns dos outros nas adversidades. — *D. Fr. Amador Arraes.*»

«Orae e esmolae; *quanto ao mais* fica á conta de Deus. — *Fr. Christovão de Lisboa.*

Note-se que vamos apontando os gallicismos *intoleraveis*, por serem, não só contrarios á indole, senão tambem á grammatica da nossa lingua; que os *toleraveis*, os admissiveis no vocabulario nacional, esses não engeitâmos, e d'elles havemos de fazer catalogo, para que se distingam dos que a opinião dos doutos reprova.

Bernardes, defendendo os foros da nossa lingua, já no seu tempo dizia:

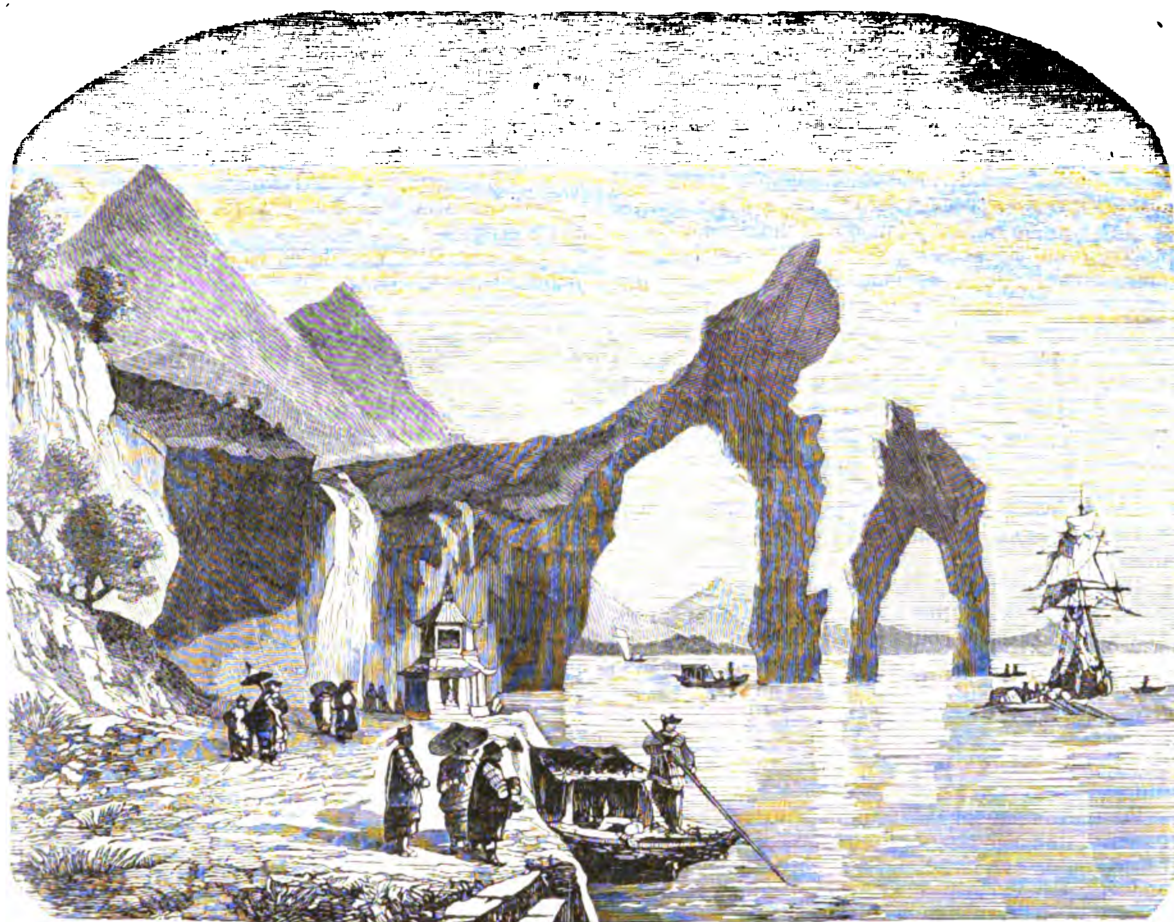
O vicio da curiosidade e affeição a coisas novas passa tambem aos trajos, aos edificios, aos comeres, aos estilos, ás leis, e até ás mesmas palavras. Pelo que não faltam novelleiros que querem emendar, ou illustrar o idioma commum, introduzindo-lhe palavras exoticas, e termos que lhes parecem mais elegantes, sendo, na verdade, mais ridiculos.

Isto escrevia o grande mestre da nossa lingua, váe para dois seculos. Que não dirja elle se resuscitasse agora?

Explicaçao do enigma do numero 43
Entre irmãos não mettas as mãos
Da charada do n. 42 — Rosario

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.

CHINA



Arcada da rocha sobre o Tai-Hoo

O maior successo occorrido no anno de 1860 foi, sem dúvida, a tomada de Pekin, a capital do famoso potentado da Asia, do unico imperio *celeste* que se conhece no mundo, cuja vastidão mede seiscentas legoas de norte a sul, e trezentas de oriente a occidente, povoado de trezentos milhões de habitantes!

Realisará a entrada dos exercitos alliados de França e Inglaterra na capital da China, o rompimento do inviolavel segredo com que o grande imperio se occultou sempre á civilisação européa? Oxalá.

Pelo menos firmou-se já o tratado pelo qual o imperador, que se denomina filho do sol, admitte na sua corte os embaixadores das potencias occidentaes, e permitte o livre exercicio da religião christã, assim como o trafico do commercio europeu.

Fomos nós, portuguezes, dos primeiros que penetrámos n'aquelle imperio, e no proprio palacio do imperador tivemos mestres de mathematica, uma longa serie de bispos em Pekin, e grande numero de egrejas em varias cidades do imperio.

Todos os nossos historiadores da Asia fallam, com particularidade, da embaixada que el-rei D. Manuel mandou á China em 1516. João de Barros nos conta como e porque se mallogrou esta primeira tentativa.

Diz elle, que chegando o imperador á cidade de Cantão, onde tinha aportado o nosso embaixador, quiz logo saber ao que Thomé Pires ía, e mandou-lhe que entregasse as cartas que levava para elle, e depois lhe responderia.

Eram tres as cartas: uma del-rei D. Manuel, o qual escrevia ao modo que usava escrever aos reis gentios d'aquellas partes, guardando preeminencia aquelle principe pela grandeza de seu imperio, e policia d'elle. Outra era de Fernão Peres de Andrade, e esta escreveu elle tambem conforme a instrucção que levava del-rei D. Manuel, sobre a ida d'aquelle embaixador, a qual elle mandou trasladar em lingua dos chins, para logo achar quem a lesse. Cuja substancia os trasladadores mudaram quasi toda, por imitarem o modo que se tem de fallar ao seu principe, sem Fernão Peres o saber, dizendo n'ella, que elle capitão-mór do rei de frangues (nome por que nos nomeam aquelles orientaes), chegára áquella cidade de Cantão um embaixador, o qual ia a elle filho de Deus e senhor do Mundo, pedindo o seu sêllo para o rei dos frangues, porque queria ser seu vassallo, e levar mercadorias boas e ricas para o seu reino. Este sêllo, que aquelle imperador dá a todos os reis e principes que se fazem seus vassallos, é a sua divisa, e com elle se assignam em todas as cartas e escripturas, por demonstração de serem seus subditos. A terceira carta, que mais levava Thomé Pires, era dos governadores de Çantão; e como no tempo que a deram estavam muito contentes de nós,

porque foi ante que tomassem escandalo do que se fez em quanto Simão d'Andrade esteve na ilha, ia quasi conforme á de Fernão Peres, que os linguas trasladaram. E dizia esta carta, que pediamos casa na cidade de Cantão, para ter alli feitoria, e mais que eramos gente má de contentar, e muito fumosa em coisas de honra, e que se dizia termos tomado Malaca ao rei d'ella. Vistas estas cartas no conselho do imperador, quão differentes eram, foram chamados os linguas, e perguntados, cada um por si, como dizia a carta que elles trasladaram, coisa tão differente do que dizia a do rei dos frangues. Responderam, que elles não viram a carta do rei dos frangues, porque o seu embaixador que alli vinha, lhes dissera que ia cerrada, e não se podia abrir, porque se havia assim de dar na mão do filho de Deus e senhor do Mundo. Que a outra que elles trasladaram, posto que ella dizia outras palavras, fôra a sua trasladação como aquellas com que se falla á pessoa do filho de Deus, e não como os frangues fallavam; e quanto á dos regedores de Cantão, não sabiam como a elles escreveram. Finalmente, com a differença d'estas cartas, e más informações, foi assentado entre aquelles do conselho do imperador, que aquella embaixada era falsa, e que Thomé Pires ia a espiar a terra.

Como depois se compoz esta dissidencia, é bem sabido de todos os conhecedores da nossa historia ultramarina.

Dispersos pelas paginas dos antecedentes volumes d'este jornal, ha muitos artigos a respeito da China, escriptos pelo nosso collaborador e amigo, o sr. Carlos José Caldeira, que alli esteve nos annos de 1848 a 1850. D'entre elles recordaremos ao leitor os que tem por titulo: *O christianismo na China. Sua introducção depois da descoberta da India, por Vasco da Gama, etc.*, de pag. 386 em diante, do 2.º volume.

Para acompanhar as estampas tocantes áquelle imperio, que a photographia ingleza e franceza agora nos ha de exhibir, iremos dando algumas noticias que nos parecerem mais interessantes, mórmente as do tempo das missões portuguezas n'aquelle imperio, de que nem sequer achâmos menção, no muito que já tem escripto a imprensa estrangeira, depois da tomada de Pekin.

D. JOÃO II E A CONSPIRAÇÃO DA NOBREZA

LUCTA DA PREROGATIVA REAL

CAPITULO X

O DUQUE DE BRAGANÇA NA PRISÃO. ULTIMOS MOMENTOS

(Fragmento inedito. Vid. pag. 358)

O duque, em todo o seu colloquio espiritual com o confessor, fallou-lhe sempre como homem certo de si, resignado com o infortunio, e despreoccupado das vaidades do seculo.

Entre outras coisas citadas pelo religioso, e que, na realidade, concordam com o retrato que nos dá, disse-lhe D. Fernando, talvez para o metter mais no seio da sua intimidade: «Muitas graças devo a Deus e a el-rei, meu senhor, por me quererem salvar, que de outro modo vejo que não seria possivel. Nunca verdadeiramente conheci bem a Deus nem a el-rei, nem a outro maior do que eu, senão desde que estou aqui; mas, assim que se me abriram estas portas, logo me conheci a mim mesmo, o que antes não acontecia.»

Depois d'estas palavras, que, segundo parece, traduziam fielmente o mais completo desengano de todas as illusões, o neto do conde de Barcellos ajoelhou para começar a primeira confissão, exclamando: «Certamente que muitas vezes me rogou a consciencia isto mesmo; porém, a familiaridade que tinha comvosco não me deixou!»

Apenas principiava, veiu logo, porém, inquietal-o o ruido dos guardas, que subiam do pavimento de baixo, pela escada, com o intento de vigiarem o que os dois faziam. A crueldade e descortezia feriram no coração o penitente, e escandalisaram o religioso, que, nas suas queixas, não só accusa cavalleiros, mas até pessoas ecclesiasticas, as quaes, accrescenta elle, zombando da contrição do duque, exclamavam: «Oh! que confissão! Agora estará revelando a Paulo suas embaixadas, e o que ha de ir dizer a uns e a outros!

Apesar de tão enlevado na contemplação da eternidade, D. Fernando não podia despir de todo a alma dos cuidados que por todos os lados a assaltavam.

Quando Paulo tornou de manhã, no outro dia, chamou-o, e disse-lhe: «Ide a el-rei, da minha parte, e assegurae-lhe que, se fosse Deus, não deveria mandar-lhe nenhum recado, porque, sem elle, conheceria bem a verdade; mas, porque é homem, lhe envio isto por vós, que mais convem que por outrem: dizei-lhe que teria em grande mercê a sua alteza certificar-me sua tenção, se é de eu morrer; e assim, ajuntae mais, que lhe peço por mercê que não entre em seu coração, nem creia que soube parte, nem aconselhei a instrucção que o marquez, meu irmão, mandou a Castella.»

O padre não declinou a missão, e procurando o monarcha, rompeu o silencio com mais valor do que na vespera, dizendo: «Perdôe Deus a el-rei, vosso pae, que assim creou estes senhores de Portugal tanto em suas vontades, e lhes deu tanto favor, que agora lhes faz damno. Não sei por que juizo vos veiu serdes tão desviado e dissimilhante de sua nação e condição, que é necessario que muitos quebrem pelo meio.»

D. João II, escutando-o sem enfado, e relevando-lhe a liberdade da recriminação, sómente replicou: «El-rei, meu senhor, que santa gloria haja, deixou-me em muito trabalho e perigo.» Depois, respondendo ao recado de D. Fernando, ajuntou: «Dizei ao duque, quanto á primeira proposição (que era declarar se elle havia de morrer), que isto não está na minha mão, mas na da justiça, e seus merecimentos; porém, que lhe affirmo que hei de ficar áquem, e nunca além do que o seu feito pedir. Quanto á instrucção que foi a Castella, que eu me maravilho muito bastar o animo e a cabeça do marquez para tal coisa, sem seu conselho e prazer; mas que ácerca d'isso busque todos os remedios que possam aproveitar-lhe, e salval-o.»

Paulo, que o ouvia ancioso, interrompendo o principe n'este ponto, acudiu: «Senhor, peço-vos por Deus e por mercê, que vos praza dar uma audiencia secreta ao duque.»

El-rei prometteu-a, e o confessor, esperançado com a boa nova, veiu referir tudo a D. Fernando, que aguardava, impaciente, a sua volta.

«A mim me parece, concluiu o padre depois de narrar o que passára, que elle falla de vós tão despejadamente, que muito confio em Deus que as coisas cheguem a ter bom fim.

Mais costumado a sondar segredos de monarchas, e a não se contentar com phrases ambiguas, ou dissimuladas, o duque redarguiu-lhe melancolico: «Parece-vos, padre, que é boa resposta a de vos dizer que ficará áquem e não além da justiça? Reparae que se póde entender de muitos modos: pela variedade da morte, pelo perdão, ou por muitas outras coisas. O que mais me maravilha é dizer-vos que

me daria audiencia. Em fim, ponho tudo nas mãos de Deus, e a elle me encommendo. » [1]

O confessor, mais facil de illudir, insistiu de novo que tinha fé em que tudo se havia de compor, e que o processo intentado não correria com a brevidade que se receava; o preso, menos facil, repellia as suas consolações com brandura, asseverando, como prudente, que elle conhecia el-rei, e que por isso não esperava que se dobrasse a nenhuma supplica.

« Mas se agora, ajuntou, permittisse Deus que elle quizesse o que não ha muitos dias tanto desejaria, que era casar o sr. D. Jorge, seu filho, com minha filha, e engrandecel-o com o seu e o meu, e mandar vir meus filhos de Castella, e creal-os á sua mão, e a mim metter-me em uma fortaleza, como lhe aprouvesse, com a senhora duqueza, d'onde eu podesse pagar o que devo, e satisfazer as almas de meus antecessores e a minha, para acabar meus dias, que já não podem ser muitos, em paz; creio que isto seria mais serviço de Deus, e aproveitaria melhor á tranquillidade dos seus reinos, do que matar-me, porque, com a minha morte, não ficará em socego. »

Paulo, admirado do arrependimento que respiravam estas confidencias, atalhou-o, observando, que no maior aperto dos perigos e enfermidades, era natural fazerem-se estes bons propositos, porém que, salvo o lance, a fraqueza humana tornava a ser senhora de si, e tudo volvia ao antigo caminho.

« Não! respondeu D. Fernando. Se Deus me der dias de vida e liberdade para executar o que digo, da sua parte vos ordeno que me esbofeteeis as faces, se faltar. »

N'esta conversação, e em outras, a cada momento cortadas pela magoa de tantas perplexidades, se entretinham os dois, em quanto, a pequena distancia, a essa mesma hora, instados pelo soberano, os juizes afiavam o cutello do algoz, ultima e fatal resposta da razão de estado, ás incertezas e agonias de uma alma atribulada.

Sentindo que as trevas da tristeza cada vez lhe opprimiam mais o coração, desejou o duque distrahir-se com a leitura de algum livro piedoso. O padre Paulo abriu as chronicas de Santo Isidoro, em um trecho, aonde o escriptor encarece a riqueza da terra e o esforço dos homens, ornando o quadro com vivas côres. D. Fernando não quiz continuar, e exclamou: « Basta! Não mais, por Deus! Não quero ouvir fallar de poder e nobreza, nem de abundancias d'este mundo, que bem conhecido e provado tenho o pouco ou nada que valem. »

Trouxe-lhe então o religioso a obra do padre D. Lourenço Justiniano de Veneza [2], a qual trata da vida monastica, e leu-lhe, por ella, algumas paginas sobre as variedades e enganos da vida, e sobre a subita quéda dos que, fazendo-se adorar como deuses, precipitados pelo braço divino, serviram de ludibrio e de escarneo até aos proprios lisonjeiros.

A propriedade do escripto deu nos olhos ao preso, vendo em si mesmo a prova d'elle; e por isso as lagrimas, reprimidas, rebentaram-lhe dos olhos, e desafogando com suspiros, exclamou: « Certamente por mim foi tudo isto escripto! » E recordando muitas das acções passadas, ajuntou: « Não sei d'onde veiu a el-rei, meu senhor, tomar tal odio e má vontade contra mim, porque, quem taes serviços, e tão grandes fez a seu pae em todas as occasiões e logares, assim em Africa, como na entrada de Castella, endividando-me, e gastando toda a minha terra por levar grande pompa, como o mundo sabe, parece-me que não devia receber tal galardão. »

O padre, com motivo, ponderou-lhe, que fôra isso mesmo, talvez, o que o trouxera ao estado em que se achava, porque os excessos dos poderosos sobem nos clamores do povo aos ouvidos de Deus, e os prantos das viuvas clamam por justiça.

O duque não se agastou, e continuando, queixou-se de D. João II tão depressa esquecer, que nas discordias do Infante D. Pedro com Affonso V, vendo seu pae o alvoroço em que todos andavam, tentou applacal-os, e não o conseguindo, se recolheu a Ceuta com grande desgosto do marquez, seu irmão, e dos cavalleiros do partido contrario ao filho de D. João I.

« Tudo isto, disse o duque, fez elle por se arredar de tantos males, e sempre nos recommendou, a nós seus filhos, a paz e a lealdade, e Deus sabe que nunca em meu peito entrou outra cousa; mas linguas de maldizentes invejosos crearam no coração tamanho mal. Perdôe-lhes Deus, pois de tanto foram causa. » [1]

A consternação dos fidalgos parentes e alliados da casa de Bragança, vendo em tanto risco a cabeça do seu chefe, longe de lhes dictar um commettimento ousado, que talvez movesse o rei, pelo menos a contemporisar, poupando ao duque o opprobrio do supplicio, inspirou-lhes uma humildade hypocrita, que, não concordando com os passos atrevidos adiantados antes, no que chamavam a defesa de seus direitos, serviu só, como dissemos, de revelar a D. João II a fraqueza dos inimigos, confirmando-o na idéa de os prostrar de uma só vez, e com um só golpe, condemnando o homem, ao qual o ligavam os vinculos do sangue, mas de quem o separavam as memorias do passado, e os receios do presente.

A unica segurança, que podiam dar ao duque, era a resistencia dos logares que lhe obedeciam em Bragança, no Minho e no Alemtejo, e a firme resolução por parte da nobreza, de não o deixar succumbir desamparado á vingança calculada do monarcha.

Nenhum, porem, dos amigos e parentes de D. Fernando soube valer-lhe, como devia, n'este conflicto, fallando alto e com a mão no punho da espada. A propria duqueza, colhida de sobresalto, e no primeiro movimento, lembrou-se mais dos filhos, como mãe, do que de acudir, como esposa, á salvação do marido, mandando cerrar as portas das fortalezas, e negando a entrada d'ellas e de suas terras aos officiaes delrei.

Em vão o duque de Vizeu escreveu a D. João II offerecendo em penhor da vida do duque os seus castellos e propriedades; o mesmo praticaram o bispo de Evora, e os condes de Marialva e de Villa-Real; mas o sacrificio do chefe da facção dos fidalgos estava decidido, e o filho de Affonso V não era homem que trocasse a victoria, que tinha certa, pelas duvidosas vantagens, que podia prometter-lhe a clemencia.

Não descobrindo até á ultima hora o seu pensamento deliberado, enganava com palavras equivocas os prantos e as supplicas da rainha, e de sua irmã a duqueza, ouvia com agrado e sem embaraço os partidos que lhe propunham, e tão inaccessivel á piedade, como inexoravel nos propositos, não se desviava um passo do caminho encetado.

Foi o padre Paulo quem lhe entregou o escripto do duque de Vizeu aberto; e D. João, depois de o ler em silencio, sem dizer outra coisa, poz o dedo sobre a ultima linha, notando que, além do offerecimento espontaneo de todas as terras e fortalezas, acrescen-

[1] Transcrevemos quasi textualmente as poprias palavras do confessor do duque em toda esta scena, que, melhor do que esmeradas paginas, nos está representando o duque e o rei, conhecendo-se ambos, e jogando até ao ultimo instante as armas politicas, proprias do seu tempo.

[2] Esta obra foi muito lida nos fins da meia edade, e não das ultimas dadas á estampa depois da invenção da imprensa.

[1] *Breve Tratado, que escreveu o padre Paulo sobre a morte do duque de Bragança.* — Provas da Historia Genealogica. Tomo III. Dec. n. 88. pag. 782.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] *pedia conceder-lhe a promettida audiencia.*

« Não vem a Evora os Alemães? » perguntou D. Fernando, [illegible] *que esta terra* [illegible] *de render, e de respeito.* [2]

De resto, [illegible] *n'aquelle mesmo dia, terça feira, de tarde,* [illegible] *para serem todos* [illegible] *os autos, perante o tribunal, como já experimentou,* [illegible] *o duque, e* [illegible] *a linguagem aspera do doutor João de Elvas,* [illegible] *da causa, sem se desluzir nem um instante do* [illegible] *de que se mostrava revestido desde que entrou na prisão. A audiencia alongou-se além das nove horas da noite; e foi só no outro dia que o duque, depositando no seio de Paulo toda a verdade, exclamou: « Muito senti hontem quando não vos encontrei. Quereis saber? Já eu* [illegible] *dos finados. Certamente, não culpo a el-rei, meu senhor, de fazer o que fez, porque não só coisas ditas e escriptas, mas ainda pensadas, e não pensadas, em tal forma sabe e lhe são ditas, que não ha de que o accusar. »* [3]

Tudo prova que fallava convencido, porque desde então ajustou todos os seus actos como quem imaginava que não podia sair incolume do conflicto, apercebendo-se para a jornada provavel da morte com os auxilios espirituaes dos sacramentos, e revelando nos gestos e phrases, que pouca, ou quasi nenhuma esperança lhe restava de sobreviver ao odio de um monarcha, tão paciente em colligir contra elle as provas, que o obrigavam a confessar, que os olhos do principe não só liam no papel, mas até no coração, os mais reconditos segredos.

Na quinta feira seguinte, de manhã, ao acabar de ouvir missa, foi o duque requerido pelo doutor Diogo Pinheiro, seu defensor, e pelo seu procurador Affonso de Barros, para assistir com elles á acareação das testimunhas. Escusou-se, dizendo, que deixava tudo a Deus e a el-rei. Esta resposta concordava com a que já tinha dado, quando lhe haviam apresentado os vinte e dois artigos do libello. [4]

N'esta occasião D. Fernando, consultando em voz baixa o padre Paulo, só replicou a Ruy de Pina,

[1] Estas curiosas circumstancias, narradas com ingenuidade pelo religioso, pintam em relevo o caracter e a profunda dissimulação do rei, e mostram ao mesmo tempo a falta de plano e o sobresalto da nobreza, vendo-se de repente privada do seu chefe.

[2] As palavras de D. Fernando n'este lance mostram, como notámos, que elle, desde o principio, não se illudiu com a sorte que o esperava, conhecendo o monarcha, e antevendo os fins a que elle aspirava.

[3] *Breve Tratado, que escreveu o padre Paulo sobre a morte do duque de Bragança.* Provas da Historia Genealogica. Tomo III Docum. n. 88 pag. 771.

[4] Ruy de Pina. Chr. do mui excellente rei D. João II. cap. XIV. pag. 40. *Ineditos de Historia Portugueza.* Tomo II.

[illegible]

[illegible]

LOGARES MEMORAVEIS

[illegible]

[illegible] *sepulturas de tumulos;* [illegible] *Desertos, poetas,* [illegible] *todos tem esta superstição* [illegible] *za; e, se da natureza e, para alguma* [illegible] *de nos foi dada. Em a nota que atraz fica,* [illegible] *e o aventamos,* [illegible] *virtude inspirativa de tumulos e estatuas.*

Ha porem, alem dos tumulos, cofres de pó [illegible] de heroes, e alem das estatuas, [illegible] de suas formas externas, muitas outras cousas suas que não menos se devem salvar, assim para lhes augmentar a elles o culto, como para despertador a outros, e tambem para credito nacional: taes são os logares consagrados pela sua presença, trabalhos e meditações. O que a alma assume de poesia, de brios, de fidalga emulação, aspirando ares já respirados para immortaes, poucos haverá que alguma vez o não experimentassem.

....

Ora pois, se os sitios apprehendem alguma coisa dos seus moradores, para o ficarem invidando por esses seculos fóra, e taes invites não são estereis; se o *Itinerario* da *Terra Santa*, de Chateaubriand, e a *Viagem ao Oriente*, de Lamartine, não tiveram outra origem; se o mais gostado de lord Byron são as suas reminiscencias por entre as ruinas da Grecia; se a *Corina* de madama de Stael brotou tão seductora do chão da Italia, só composta de suas brilhantes exhalações; se, n'uma palavra, em todos os escriptores de maior alma, as paginas mais attractivas lhes foram inspiradas pelas saudades, e as saudades pelos logares, testimunhas e theatros das grandes coisas e pessoas do mundo preterito; e se é certo que esta invisivel mó do tempo váe desfazendo de continuo os edificios, as pedras, os nomes e as memorias, porque não havemos de disputar ao esquecimento, o mais que possivel fôr d'essas mesmas memorias, mirrados fructos das edades extinctas, mas germes, e, quando menos, adubio de bens e gozos no futuro?

Quão sem custo não póde qualquer municipio assignalar com uma lamina de metal, esculpida com o nome da pessoa, e datas do seu nascimento e morte, a frontaria da casa em que haja nascido, vivido, ou acabado um homem notavel nas sciencias, nas lettras, n'uma arte, n'um mister, nos ermos, nas virtudes etc.? Os senhorios mesmos o deviam fazer para seu interesse. Soubesse alguem hoje onde tinha assistido o Camões, na travessa do Monturo do Collegio; por mais mesquinho que o predio fosse, veria-

mos se ficava nunca por arrendar, e por bom preço, e por boa gente! »

Pois que nenhum municipio, nenhum senhorio, tem até agora adoptado o alvitre, iremos nós pela gravura assignalando os logares memoraveis de que houvermos noticia, e possamos haver copia.

Já desenhámos a casa onde falleceu Garrett; hoje damos a gravura da em que nasceu Bocage. São dois grandes credores da poesia e da lingua portugueza. Por mais tributos que paguemos á sua memoria, lhes ficaremos sempre em divida.

E Bocage poeta tão geralmente conhecido e sabido, que por de mais fôra quanto aqui dissemos a respeito d'elle.

Não assim a sua genealogia, que só ha poucos annos foi escrupulosamente apurada pelos srs. Castilhos na *Livraria Classica*, obra já rara, e que bem merece ser reimpressa e continuada.

LOGARES MEMORAVEIS

II



Casa onde nasceu Bocage

D'ella tomâmos os seguintes periodos, acrescentando que a casa onde nasceu este nosso grande poeta, e se representa na gravura, é a que tem os numeros 17 e 18 da rua de S. Domingos, freguezia de S. Sebastião, da cidade de Setubal.

Nasceu Manuel Maria Barbosa du Bocage (*Elmano* [1] *Sadino* foi seu nome pastoril) aos 15 de setembro de 1765, na villa de Setubal.

Eram seu pae e sua mãe familiares com as musas, e já no trato domestico, já nas litterarias palestras, delicias dos seus progenitores, ia o joven *Manuel* colhendo inspirações, desenvolvendo a intelligencia precóce, alimentando o fogo que desde os mais tenros annos o devorava, e supprindo, com o natural ardor, o que devia escacear n'uma educação em terra onde os meios de instrucção eram defeituosos e parcos.

[1] Anagramma do nome *Manuel*.

Na cidade de Cherburgo (Normandia) viveu, pelos fins do seculo XVII, um abastado e distincto proprietario, por nome Antonio Le Doux (outros escrevem *l'Hédois*) du Bocage, casado com a dama Catharina Cosma. D'este consorcio proveiu o tronco dos Bocages em Portugal.

Gil Le Doux du Bocage, baptisado na freguezia de Santa Maria Maior, em Cherburgo, abraçou a vida de mar, passando, em 1704, ao serviço da marinha portugueza, no posto de capitão de mar e guerra, do qual, em 1717, foi promovido ao de coronel de mar e guerra (vice-almirante). Cavalheiro de vasto saber, exemplar denodo e pericia militar, foi tido por um dos mais habeis officiaes da armada. Por sua distincção nas guerras do Mediterraneo contra os Barbarescos, e do Brasil contra os Francezes, alcançou 10$000 réis mensaes de tença, e o habito de Christo; e por novos relevantes serviços, lhe fez el-

rei a mercê da tença annual de 400$000 réis por tres vidas, como consta da certidão passada na secretaria do despacho das mercês e expediente, assignada por Jeronimo Godinho de Niza, aos 4 de novembro de 1827. Recebeu-se com D. Clara Francisca Lestof, aos 13 de junho de 1720, na freguezia da Encarnação de Lisboa, levando a procuração da noiva seu padrasto, o coronel de artilheria da praça de Setubal, João Thomaz Corrêa de Brito. Era esta senhora filha de Leonardo Lestof, consul de Hollanda, rico proprietario, e de sua segunda mulher, Luiza Vanzeller. Nasceram d'este matrimonio duas filhas:

1.ª D. Antonia Ignacia Xavier Lestof du Bocage deixou cinco filhos, de que não ha razão para tratarmos mais miudamente.

2.ª D. Marianna Joaquina Xavier Lestof du Bocage. Casou com o bacharel José Luiz Soares de Barbosa, que foi juiz de fóra da Castanheira e Povos, e ouvidor na comarca de Béja; verificou-se a ceremonia na freguezia de S. Sebastião de Setubal, aos 6 de junho de 1758. Tiveram seis filhos, a saber:

1.º Gil Francisco Barbosa du Bocage, nascido em Setubal, a 3 de outubro de 1762, casado com D. Gertrudes Homem da Cunha d'Essa, filha de um marechal de campo, governador da torre do Outão da barra de Setubal. Agradavel poeta, distincto jurisconsulto, e de facil e aprazivel convivencia. Falleceu aos 13 de maio de 1834, e só teve uma filha.

2.º Manuel Maria Barbosa du Bocage, o nosso poeta, baptisado na freguezia de S. Sebastião de Setubal, sendo seus padrinhos Heitor Mendes Botelho de Moraes Sarmento, e soror Luiza Mathilde, sua tia.

3.º D. Maria Agostinha Barbosa du Bocage nasceu em 14 de julho de 1759; foi baptisada na freguezia de S. Sebastião, em 28 de agosto; casou com Vicente de Paula Figueiredo de Goes Souto-Maior, tenente de infanteria 7, e teve dois filhos.

4.º D. Anna das Mercês Barbosa du Bocage nasceu em 23 de setembro de 1760; baptisou-se na freguezia de S. Sebastião, em 31 de outubro; casou com João do Prado Homem da Cunha d'Essa, cunhado de seu irmão Gil, matrimonio que produziu tres filhos.

5.º D. Maria Eugenia Barbosa du Bocage nasceu em Béja, em 8 de setembro de 1768; foi baptisada na freguezia de Santa Maria em 13 de outubro; falleceu na flor da edade.

6.º D. Maria Francisca Barbosa du Bocage, nascida em Setubal, em 13 de abril de 1771, baptisada na freguezia de Santa Maria da Graça, em 2 de junho, fallecida no primeiro estado, aos 18 de maio de 1841, em casa da marqueza d'Alorna, foi tambem poetiza, e a irmã predilecta do nosso auctor. Viveu em sua companhia até se elle finar, e toda se desentranhou em affecto, pagando-lhe em saudosas lagrimas, até que o foi procurar em melhor mundo o seu tributo de fraterna gratidão.

Era, por affinidade, segunda tia materna d'este poeta, a celebre Marianna Lepage, mulher de Fiquet du Bocage, que só tres annos antes de Manuel Maria falleceu, de idade de 92; auctora de um poema laureado sobre as *Sciencias e as Lettras;* traductora da *Morte d'Abel*, de Gessner; imitadora do *Paraiso Perdido*, de Milton; e coroada de louros em Ferney, pelas mãos de Voltaire, depois do seu poema da *Columbiada,* cujo 1.º canto seu sobrinho verteu em portuguez; *franceza Sapho*, como a denominavam, e sob cujo retrato os seus conterraneos inscreveram: *Formâ Venus, arte Minerva.*

Existindo ainda muitos parentes do poeta, ocioso nos parece progredirmos n'estas indicações, para as não convertermos n'uma arvore genealogica.

Portanto, dos dois appellidos de que estes irmãos usavam, o de Barbosa pertencia ao pae, e do ramo materno lhes veiu o de Bocage; nomes e familias que já de si ligavam ambos talento.

Tirava Bocage jactancia do seu nascimento, e honrava-se com o fulgor dos seus passados. N'um idyllio, exclama elle á sua Lenia, de Macau:

> Pergunta a quantos vem do Tejo e Sado,
> Se alli me condemnou vil nascimento
> A este, em que mourejo, humilde estado.
>
> Sempre entre os mais honrados tive assento:
> Venho dos principaes da minha aldêa...
> Nem cuides que vãs fabulas invento!

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

Saberás que para a parte do Levante, onde assenta o reino de Murcia, havia n'outros tempos um pobre lavrador, a quem os annos estereis haviam reduzido a extrema penuria. Tinha por casa uma cova; por alimento (quando Deus queria) um pedaço de pão de milho, e sempre larga mésse de enfermidades e angustias.

Veiu um inverno longo, geoso e carrancudo, com mil cheias e estragos; fecharam-se todas as portas; ninguem procurava trabalhadores; o pão subia sem conta, e de fraqueza e fome, finou-se a mulher de Pero Antunes, que assim se chamava o pobre lavrador.

Viuvo, fechou a porta mal unida da sua choça, ligou-lhe a aldraba, e saiu do logar á procura de vida, com uma filha unica, Isabel, mocinha de quinze maios, apenas. Subiram montes, desceram valles, tudo caminhos largos, desertos, por onde nunca acharam quem os soccorresse com uma bemdita esmola, com um pedaço de pão negro! Dormiam sob os alpendres das egrejas, amanhecendo cobertos de neve que lhes sacudia o áspero nordeste de dezembro; ou se albergavam nas estrebarias das estalagens, condemnados a verem d'alli a espaçosa e ardente lareira, sem gozar do seu appetecido calor.

Andando, andando, n'uma noite das mais escuras e tempestuosas chegaram a Granada. Cidade tamanha não a tinham visto aquelles olhos; sentiram, o pae e a filha, involuntario terror ao encontrarem-se n'aquelle labyrintho de ruas escuras, por onde cruzavam, de vez em quando, sombras negras com grandes chapeos e longas espadas.

Era dia de festa, e dia das Almas; estavam as lojas todas fechadas, e os nossos pobres caminhantes não encontravam a quem fazer uma pergunta: a chuva miuda, aturada, espessa, caía com a regularidade presaga da sua duração, e penetrava até os ossos; as ruas pareciam infinitas a Isabel e Pero Antunes; o frio entumecia-lhes os membros mal cobertos de andrajos; os pés ensanguentados não podiam supportar as cortantes pedras da calçada: só haviam comido um pedaço de pão, e sentiam-se já desfallecer. Continuaram andando até chegar a uma praça irregular; atravessaram-n'a, guiados por uma luz distante que lhes servia de pharol, e acharam-se ao pé de uma ermida, e na embocadura de uma ladeira.

A costa era comprida, tortuosa e empinada; a escuridão tanta, que Pero e sua filha tiveram que dar-se as mãos para se não perderem. Via-se ao longe uma luz vivissima: os caminhantes acreditaram de boa fé que era a porta aberta de uma casa; mas á medida que se aproximavam iam perdendo as esperanças. A luz saía de uma grade baixa, e parecia o avermelhado clarão de uma fragoa.

— «Perguntaremos ao menos, dizia o pae exhaus-

to de fadiga; vamos, minha filha, que Deus nos abrirá caminho.»

Sem respiração chegaram á altura da janella, e Pero Antunes descobriu uma sala terrea, cheias as altas paredes de gamellas, peroleiras, almotolias, garrafas, e vidros de todas as fórmas e côres; e espalhados pelo solo, pedaços de marmore, de metaes, muitos papeis, e alguns livros misturados com toros de lenha e carvão. Um forno de terra vermelha, acceso, mesmo em frente da grade, despedia o clarão que tinha enganado os caminhantes.

— «Não ha ninguem!...» exclamou o pobre do velho.

Isabel sentou-se no poial da porta, apoiando os cotovelos nos joelhos, o rosto febricitante em ambas as mãos.

Pero Antunes viu então ao reflexo que se projectava no exterior, que tinham á esquerda a porta de uma fortaleza, e atraz de si um palacio. A um ruído que sentiu na sala terrea, Pero aproximou-se, e viu no fundo d'esta casa apparecer, primeiro uma serpente arrastando-se, depois um tigre com os olhos scintillando como duas esmeraldas, e depois um homem de sotaina, alto, sêcco, de cabello ruivo, trazendo nas mãos um vaso cheio de chammas!

Pero Antunes quiz dar um grito e não pôde, persignou-se de subito, dizendo — Jesus!... Santo nome de Jesus!...

O homem do vaso de fogo, com ar ferino, disse para o tigre!

— Arreda-te, demonio, que vou queimar-te. E voltou-se ao mesmo tempo de fórma que mostrou a cabeça tonsurada como de clerigo.

Ouvindo sons humanos, e vendo a coroa do que lhe parecia phantasma, Antunes socegou-se um pouco, porém não tanto que não sentisse o corpo regelado de susto. Sua filha começou a lamentar-se, e o lavrador comprehendendo quanto era desesperada a sua situação, resolveu pedir auxilio áquelle jauleiro. Bateu na grade dizendo:

— Desculpe-me, senhor; sou um pobre caminhante que tenho vindo com a minha filha em busca de trabalho, e perdemo-nos na cidade com o tempestuoso da noite. Poder-me-hia dizer onde nos recolheriam!...

Ao ouvir aquella voz lastimosa fóra da grade, a serpente, que estava enroscada ao calor do forno, ergueu-se enfurecida pondo em espiral os encadeados anneis; o tigre eriçou o lombo, e o homem ruivo voltou-se apressadamente.

A vivissima claridade que do forno saía, illuminava de frente o rosto de Pero. A filha soltou um ai, e Antunes fez um gesto, como de quem dizia: — «E minha filha que se fina como sua infeliz mãe!»

O homem ruivo mostrou compaixão.

— Que pousada achareis aberta a estas horas? Como a encontrareis, se sois forasteiro?

— Tem razão; mas diga-me ao menos onde encontrarei um alpendre, debaixo do qual nos abriguemos do vento e da chuva d'esta noite.

O homem da sotaina vacillou alguns instantes; depois disse resolutamente:

— Esperae-me que vou guiar-vos a uma estalagem.

— Deus lh'o pague.

E logo, abrindo a porta, o homem alto, sêcco e ruivo, pegou n'uma lanterna, e ao sair tropeçou em Isabel, que estava meio recostada no poial de marmore.

— Vamos, filha das minhas entranhas, disse Pero, ergue-te!

— Como ha de ella andar e seguir-nos com tanta febre! Ajude-me a levantal-a, que por esta noite ficarão ambos em minha casa.

(Continúa)

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

DUVIDAS GRAMMATICAES

Li em o n. 30 do «Archivo Pittoresco,» que v. dignamente redige, sob o titulo de «Estudos da Lingua Materna,» e em resposta a um seu assignante, um artigo resolvendo uma questão grammatical; mas não dando aquella cabal solução ás duvidas que, sobre o mesmo ponto, muitas vezes fazem hesitar os que desejam fallar e escrever com correcção. Resolvi, pois, dirigir-me a v. , ousando esperar, que no seu semanario mais explicitamente tratará esta questão, logo que para isso tenha ensejo.

Como deverá dizer-se?

É dever dos meninos obedecerem (ou obedecer) aos seus paes.

Os soldados desejavam combater (ou combaterem).

Deu-se ordem aos caçadores para marcharem (ou marchar).

N'uma palavra, creia v. que fazia um bom serviço aos estudiosos, examinando e explicando claramente a regra do emprego dos infinitos (pessoaes ou não pessoaes) portuguezes, que, parece-me, é o que resolve as duvidas que apresento nos exemplos anteriores. — *Fabio.*

Annuindo de bom grado ao convite do nosso correspondente, cujas ponderações são mui judiciosas, vamos dar solução ás duvidas que nos propõe.

E para que o faça pessoa que tanto tem estudado a philologia da nossa lingua, qual é o professor da eschola normal de Lisboa, o nosso amigo Julio Caldas Aulete, nos facultou elle a transcripção da parte da sua grammatica, ainda inédita, que trata do correcto emprego dos infinitos, pessoaes e impessoaes, na lingua portugueza.

SOLUÇÃO

O infinito impessoal, além de representar um substantivo verbal, abstracto, e de com os verbos auxiliares constituir as fórmas compostas, tambem se junta a outros verbos não auxiliares, para com elles formar as phrases verbaes compostas, que tão communs são no discurso, taes como: *queremos ler; mandaram cantar; vou viajar* etc.

O infinito pessoal representa uma acção por modo vago e indeterminado, contendo ao mesmo tempo a idéa de pessoa e de numero. Ex: Trabalha, meu filho, para *agradarem* tuas obras a Deus. — *Fernão Mendes Pinto* C. 168.

Os escriptores principiantes erram vulgarmente a grammatica d'este tempo, em o empregarem quando devem usar do infinito impessoal, e vice-versa.

Uma das causas, e talvez a primeira, por que nos auctores antigos apparecem alguns d'estes erros, é devido á influencia que a litteratura hespanhola exerceu na lingua portugueza. Porque, não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns auctores usassem o castelhanismo de empregar o impessoal quando deviam empregar o pessoal. E hoje a influencia da lingua franceza faz tambem com que se empregue o impessoal quando se deve empregar o pessoal. As seguintes phrases traduzidas do francez, á letra, produzem equivoco em portuguez, além de serem oppostas ao dizer vernaculo dos mestres da lingua. «É para dar que o Senhor nos dá. — A vida é feita para trabalhar. O equivoco desapparece d'estas phrases, se dissermos: É para *darmos* que o Senhor nos dá. — A vida é feita para *trabalharmos*.

Tratemos pois de estabelecer regras, com as quaes o principiante não possa errar na applicação d'estes dois tempos.

Regra geral:

Quando o infinito tem sujeito proprio, e fórma com elle uma oração, concorda com o sujeito em numero e pessoa.

Quando o infinito não tem sujeito proprio, e faz com outro verbo uma fórma composta, conserva-se invariavel.

Daremos agora alguns exemplos, para costumar o ouvido dos principiantes á verdadeira construcção.

«Virtude, sem *trabalhares e padeceres*, não verás tu jámais com teus olhos. — *Bernardes. Luz.* 256.

«Se do ceo, onde estaes, *abaterdes* os olhos e os *pozerdes* em Amarante. — *Vieira. Serm.* 7. 294.

«As mulheres tem a seu mandar as lagrimas para *chorarem* quando e quanto *querem.* — *Bernardes. Flor.* 342.

«Póde bem *ser quererdes saber* a que venho. — *Euphrosina. Prol.*

«Para que não podessemos duvidar *serem* isto obras da poderosa mão de Deus. — *Lucena.* C. 15. 109.

Todos estes exemplos são correctos. Os seguintes são os que encontrámos afastando-se da regra, e por isso os damos como errados.

«Será de uns doidos vãos, que *acabado de gastarem* o dinheiro com que casam, desprezam-se do sogro, e dão triste vida á mulher.—*Euphrosina.* act. 5. sc. 10.

Este logar é errado, porque *acabado de gastarem* é uma fórma verbal composta; portanto deve ser invariavel o infinito.

Deve-se corrigir: *acabado de gastar.*

N'este mesmo caso está o seguinte verso de Camões.

«E *folgarás de veres* a policia.—*Lusiadas. Cant.* 7. *Est.* 72.

Deve-se corrigir: *folgarás de ver.*

«Mandou... dois talões a espiar o porto, sondar o rio, e ver o surgidoiro. — *Fernão Mendes Pinto.*

Deve-se corrigir: a *espiarem* o porto, *sondarem* o rio, e *verem* o surgidoiro. Porque o sujeito d'estes tempos é, *dois talões*, e formam com elle uma oração differente da representada pelo verbo *mandou.*

«Forçareis as pedras a vos *fazer* a vontade — *Ulyssipo. act.* 5. *sc.* 4.

Deve-se corrigir: a vos *fazerem* a vontade; por que o sujeito de fazer é, *pedras,* portanto deve concordar com elle em numero e pessoa.

«O que se lhes não póde defender com a artilheria por *trabalhar* cobertos. — *Jacintho Freire.*

Deve-se corrigir: *trabalharem*; pois que o sujeito de trabalhar é, *soldados*, e não artilheria. Defender está correctissimamente empregado no impessoal, pois fórma com o verbo, *póde*, uma variação verbal composta.

«É muito proprio das mulheres o saír para *verem* e *serem* vistas. — *Bernardes. Flor* 4. 243.

Este exemplo é correcto: *verem* e *serem* concordam com seu respectivo sujeito, *mulheres. Saír* está na fórma impessoal, porque está tomado como um puro substantivo.

«Os moradores salvaram no sertão as vidas... faltando-lhes valor... para se *defender* ou *morrer* em suas casas. — *Jacintho Freire*. 275.

Deve-se corrigir: para *se defenderem* ou *morrerem* em suas casas.

Ha phrases em que se póde considerar o infinito do verbo de duas maneiras: constituindo uma fórma com o outro tempo, ou formando sobre si outra oração. N'este caso póde-se empregar o impessoal ou pessoal, segundo melhor convier á clareza e harmonia do periodo. Quando concorre assim, mais de um verbo no infinito, põe-se uns no singular, outros no plural, fazendo depender este emprego da boa consonancia.

Ex: Começaram os ouvintes a bocejar e cabecear até que ficaram adormecidos.—*Bernardes. Flor. T.* 4, *fl.* 250.

Se se considerarem os verbos *bocejar* e *cabecear* codependentes de *começaram*, formando portanto com elles fórmas compostas, devem-se conservar invariaveis; se porém se suppozerem formando uma oração separada, cujo sujeito é *ouvintes*, deve-se empregar a fórma pessoal, d'esta maneira: começaram os ouvintes a *bocejarem* e *cabecearem.*

Algumas vezes tambem se encontra a *bocejarem* e *cabecear.* Porém este modo achâmol-o irregular.

Até aqui o illustre professor.

Agora acrescentaremos, que nos nossos classicos ha exemplos para auctorisar o emprego dos infinitos, segundo a regra exposta, e contra ella. Pôr exemplo este, de Fr. Luiz de Souza, na *Vid. do Arceb:* Os santos a *persuadir-me* humildade... e eu que mostre brios e ufania? Os santos a *prégar* pobreza e *seguil-a* em tudo, e eu que mostre ufania e brios.

Tomariam elles esta licença para evitar, umas vezes a dissonancia que produz a repetição das terminações do infinito impessoal; outras a reduplicação de pluraes no infinito pessoal, e por isso empregavam, ora um, ora outro, como melhor lhes soava, até com prejuizo da clareza do periodo? Parece-nos ser esta a razão; porque nem sempre taes logares se podem explicar por ellipse, como alguns tem feito.

Apesar d'isto, os escriptores que rigorosamente fazem auctoridade na grammatica da nossa lingua, nem todos os classicos observam as regras expostas, sem discrepancia. Muitos exemplos poderamos adduzir, para mostrar que ainda nos periodos em que ha necessidade de repetir os infinitos, seguem á risca a syntaxe de concordancia da lingua.

Sirva para exemplo incontestavel o periodo que vamos transcrever, pois é de um escriptor que, além de escrupuloso observador das regras da grammatica, na harmonia, variedade, graça, energia e pompa ninguem o excede:

«Deve ser o ether enredado de fios de luz, que, em todas as direcções, parallelos, perpendiculares, obliquos, convergentes, divergentes, remotos, proximos, se *entertecem* sem se *torcerem*, se *cortam* sem se *quebrarem*, se *encontram* sem *confundirem;* communicam todos os pontos com cada ponto, fazem que tudo possa ver a tudo, e ser de toda a parte descoberto. — *A. F. de Castilho. Noções rudimentaes para uso das escholas, pag.* 76.

Em conclusão, já vê o nosso correspondente que, segundo as regras expendidas e commentadas, os exemplos que nos propõe estão correctos, tirando-lhes os parenthesis.

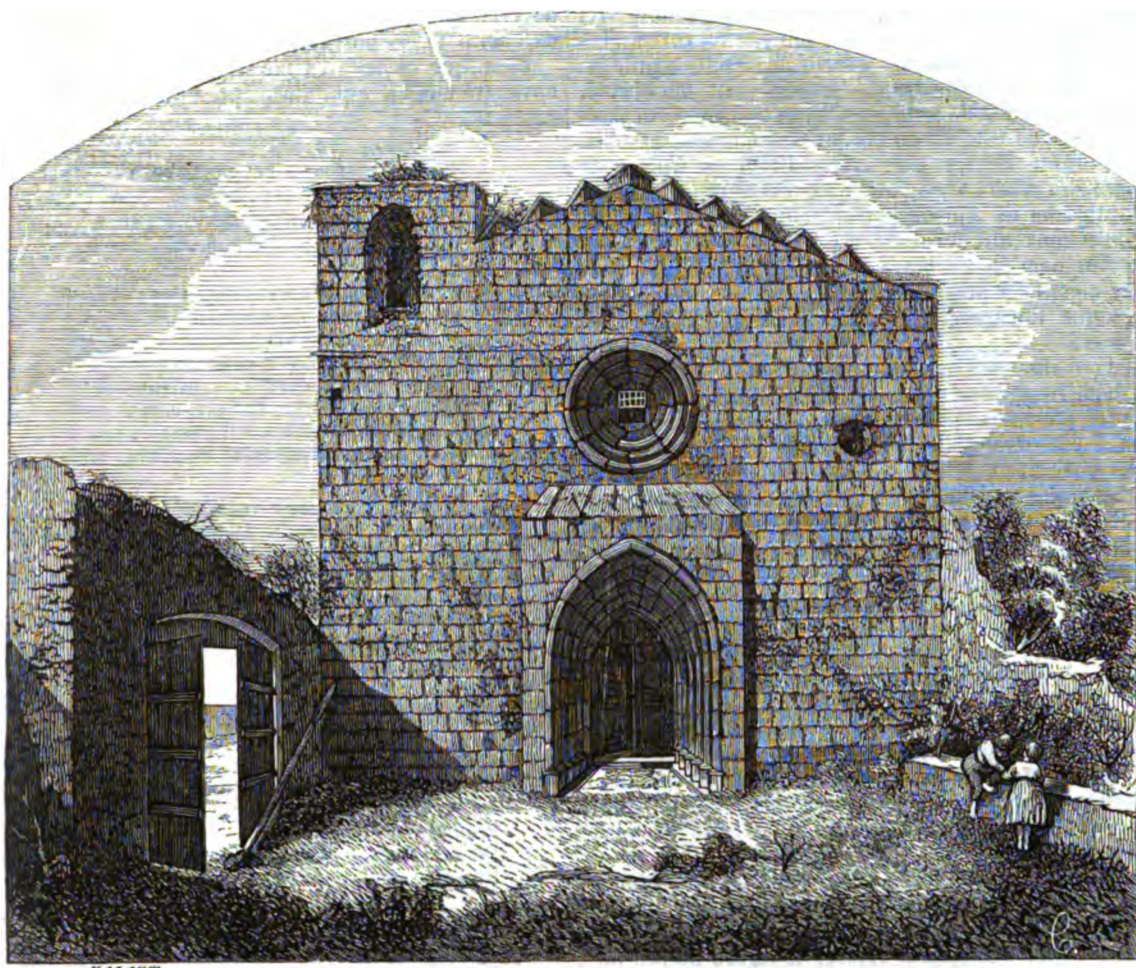
ENIGMA.

A

Eu



Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Convento de Palmella — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho Junior

Com o desenho do castello de Palmella, a pag. 313 do corrente volume, démos algumas noticias a respeito da antiguidade d'esta villa, do seu castello moirisco, e da fundação do convento que el-rei D. João I alli mandára edificar para residencia dos freires, e cabeça do mestrado da ordem de Santiago.

Hoje, dando a gravura do frontispicio da egreja do mesmo convento, poucas mais acrescentaremos.

Como ao apostolo Santiago tocou por sorte a prégação do evangelho na Hespanha, o tomaram os hespanhoes para seu patrono; e depois, gratos ao auxilio que lhes prestava este santo, cujo nome invocavam como grito de guerra nas batalhas contra os moiros, instituiram a ordem militar que ainda hoje subsiste.

Quasi todos os nossos antigos escriptores remontam a fundação da ordem de Santiago ao seculo IX, seguindo a lenda da batalha de Clavijo, ganhada aos infieis por el-rei D. Ramiro I de Leão, na qual se diz, que o santo apostolo entrára na peleja, bem montado, acutilando e derribando centenares de moiros, pelo que a ordem, que dizem se instituíra logo depois d'essa batalha, tomou por insignia a terrivel e victoriosa espada.

Mas a opinião hoje seguida, á vista de documentos desconhecidos dos antigos, é que esta ordem foi instituida em 1170, reinando Affonso VIII em Castella, e Fernando II em Leão, fazendo voto os cavalleiros que n'ella professavam, de empregarem toda a sua vida, e gastarem toda a sua fazenda, na continuação da guerra contra os moiros.

Foi por este voto, que os cavalleiros de Santiago, sabendo que D. Affonso Henriques estava cercado em Santarem pelo rei moiro de Sevilha, vieram soccorrel-o; e tão prestante foi o auxilio, que o nosso primeiro monarcha admittiu logo esta ordem no seu reino, fazendo-lhe doação de muitas villas e logares.

Tambem elles o ajudaram na conquista de Lisboa; pelo que D. Affonso lhes deu a ermida dos santos martyres Verissimo, Maxima e Julia, á beira do Tejo, para ahi fazerem convento. Aqui assistiram, até que, tomando o mesmo rei a villa de Alcacer do Sal aos moiros, a deu aos cavalleiros de Santiago, que tomaram posse do castello, e sagraram a mesquita de que fizeram convento para a ordem, obra sumptuosa, de que hoje apenas restam vestigios.

Sancho II, conquistando a forte villa de Mertola, fez d'ella praça de armas e fronteira da Andaluzia, ordenando que a defendessem os cavalleiros de Santiago, e que passassem para ella o seu convento.

Aqui esteve a séde d'esta milicia religiosa, desde 1239 até que em 1423 (e não 1443, como por lapso

de revisão se lê a pag. 314 d'este vol.), el-rei D. João I, sendo mestre da ordem o infante D. João, seu filho, mandou que o convento mestral e cabeça da ordem fosse no castello de Palmella.

Este convento foi feito com muito vagar, porque só em 1482 se acabaram as obras, concorrendo muito para esta conclusão o principe D. João filho del-rei D. Affonso V, que succedeu a seu pae na coroa d'este reino, e foi o decimo quarto mestre de Santiago.

N'este convento residia o prior-mór da ordem, que era dignidade prelaticia, tinha mitra, e era sempre provido este cargo em pessoas mui qualificadas.

Durante quatro seculos residiram os freires de Santiago n'esta casa, até que, extincta esta corporação com as demais ordens religiosas em 1834, ficou o convento devoluto, e o templo secularisou-se.

Ninguem se lembrará, já de que alli jazem muitos mestres e priores-móres, da tão longa serie d'elles que illustraram Portugal pelas armas e pelas letras?

Já o dissemos e repetimos: se não é possivel ter a bom recato as cinzas, o jazigo dos nossos antepassados gloriosos, porque o estado não tem recursos para conservar todos os edificios onde se acham essas veneraveis reliquias, trasladem-se para algum templo dos que temos bem amplos para o effeito.

São muitos os finados que tem jus a um logar n'esse pantheon; mas agora caberão em pouco espaço os que encheram o mundo de sua fama e nossa gloria!

NOVA TRADUCÇÃO DO TASSO

Em todas as linguas cultas está vertida a grande epopéa da conquista de Jerusalem pelos christãos; o mais bem acabado poema épico dos tempos modernos, aquelle a que os criticos dão a palma, sobre tantos que tem honroso logar no templo da musa heroica.

No seculo XVII foi a *Gerusalemme Liberata* de Torquato Tasso traduzida em portuguez por André Rodrigues de Mattos, [1] e no seguinte, Pedro de Azevedo Tojal, começou a refazer a versão do seu antecessor, melhorando algumas estancias, peorando outras, e copiando quasi textualmente muitas d'ellas. Comtudo isto, não passou do VI canto; ao menos é o que deixou impresso, n'um volume de oitavo, com o original ao lado.

A versão de Mattos tem sido julgada variamente; se porém se attender á vantagem que a lingua e metrificação italiana leva á portugueza, ninguem desconvirá que elle arcou com difficuldades quasi insuperaveis, para traduzir oitava por oitava, de tão longo, e, em partes, obscuro poema. O que se lhe não póde contestar é o direito de prioridade; nem os muitos e merecidos louvores que os entendedores tem prestado a André Rodrigues de Mattos.

Era comtudo desejada outra versão, em que a poesia moderna, mais bem dotada e polida que a antiga, resplandecesse na trasladação de tal epopéa para o nosso idioma.

Um poeta novel, mas já bem estreiado na imprensa, com um volume de poesias, [2] se dedicou a esta laboriosa tarefa, e conseguiu leval-a a cabo.

Tem a versão do sr. José Ramos Coelho merecido a approvação dos peritos, e tanto que o sr. Alexandre Herculano a recommendou como obra que devia, desde já, ser contemplada na distribuição da verba do orçamento que se destina para auxiliar a impressão dos livros uteis, taes como o *Diccionario Bibliographico*, do sr. Innocencio; o *Camões*, do sr. Juromenha; a *Historia Portugueza*, do sr. Rebello da Silva, que se estão estampando na imprensa nacional.

Sabemos que já se requereu isto ao governo, e é de crer que a verba votada este anno seja repartida com o Tasso portuguez.

Para que os leitores possam julgar o merito da nova traducção, aqui lhes apresentâmos parte do canto II.

EMBAIXADA DO REI DO EGYPTO

FRAGMENTO DE UMA TRADUCÇÃO INEDITA DA JERUSALEM LIBERTADA, DE TORQUATO TASSO

Emaús de Sião pouco é distante;
Se de uma partir de manhã clara,
Por acaso, moroso viajante,
Á outra ás nove horas chega e pára.
Que nóva para o exercito prestante!
Como os pios desejos lhe prepára!
Mas, como do zenith o sol passava,
O chefe as tendas assentar mandava.

Já eram preparadas, e remota
Pouco a luz do oceano ia apagar-se,
Quando, com ar estranho e veste ignota,
Dois illustres barões vêem chegar-se.
Seu aspecto pacifico denota
Que amigos vem ao chefe apresentar-se.
São do grão rei do Egypto mensageiros,
E trazem muitos pagens e escudeiros.

É um Aletes, que principio teve
Da plebe rude e vil no seio immundo,
E que o subir ás móres honras deve
Ao seu fallar astuto, alto e facundo,
Ao modo brando, e ao vario genio e leve,
Prompto em fingir e no enganar profundo;
De calumnias é mestre, e d'ellas usa,
De sorte que se crê que louva e accusa.

O outro Argante é, circassiano,
Que á grande corte fôra ter do Egypto;
Hoje, satrapa feito, vive ufano
Entre os maiores da milicia inscripto.
Impaciente, duro, deshumano,
Infatigavel na peleja e invicto,
Zomba de toda a crença, e no seu erro
Tem por lei e razão da espada o ferro.

Como audiencia pedissem, no aposento
Onde era Godofredo ambos entraram,
E em trajo simples, e em humilde assento
Entre os seus cavalleiros o encontraram.
Mas serve-lhe a modestia de ornamento,
Com a qual os seus dotes mais se aclaram.
A fronte apenas inclinou Argante,
Qual homem soberboso e arrogante.

Porém a mão Aletes poz no peito,
E, a cabeça e os olhos abaixando,
Dos seus segundo o modo, com respeito
O saúdou, suas honras offertando.
Depois principiou, em rio desfeito
De doce mel o seu fallar manando;
E porque já do syrio os francos eram
Senhores, seu discurso perceberam.

Ó tu que digno o céo achou sómente
De tão grandes heroes levar á gloria,
Aos quaes com forte mão, peito prudente,
Já reinos deras antes e a victoria,
Passou o estreito herculeo e o mar fremente
A fama tua, a todos nós notoria,
E aos mais povos tambem, pelo que ha dito
Dos feitos teus e teu valor o Egypto.

[1] Sobre este nosso classico, lêa-se o que diz, com boa critica, o nosso collaborador Innocencio Francisco da Silva, no seu *Dicc. Bib.* t. 1. pag. 69.

[2] Preludios poeticos de J. Ramos Coelho. Um volume de 300 pag. de 8. — Lisboa. 1857.

Todos o nome teu, que elle levanta,
Ouvem, qual maravilha não sabida;
Mas ao pasmo geral, que tudo espanta,
Meu rei sente a alegria reunida;
Nem receia ou inveja gloria tanta,
Antes é por sua bocca repetida
Mil vezes com prazer, e sua vontade
Hoje é só procurar tua amizade.

Sim, comtigo amizade e paz deseja,
Visto que o tempo amado o favorece;
O laço que vos ligue o valor seja,
Pois a diversa crença o não padece,
Mas porque ouviu que tu para a peleja
Te armaste, o que ora certo lhe parece,
Para do reino seu fóra lançares
O rei amigo, e d'elle te apossares;

Propõe, antes que mal d'ahi provenha,
Que do que has ganho já te satisfaças,
Por que a Judéa a doce paz mantenha,
E que a quanto protege mal não faças;
Firmeza em paga elle fará que tenha
Teu debil reino; se este accordo abraças,
E vos unis, quando é que o turco e o persa
Hão de sua sorte melhorar adversa?

Em pouco muitos feitos acabaste,
Acções que respeitar hão de as edades,
Fomes, ingratas marchas supportaste,
Exercitos venceste, mais cidades,
E as provincias longinquas atterraste
Co'a voz da fama, com que tudo invades.
Podes inda ganhar nova victoria
E terra, porém não ganhar mais gloria.

Ao teu zenith subiste; d'ora ávante
Deves buscar fugir a gloria incerta,
Que só terreno alcanças triumphante,
E mais c'roas a gloria não te offerta;
Antes, sendo vencido, n'um instante
Perdes tudo, e a ruina terás certa.
Pôr o ganho e o muito, contra o pouco
E duvidoso, é jogo audaz e louco.

Mas o conselho d'esses a quem peza
Que muito tempo o havido outrem conserve,
E o ter sempre vencido em toda a empreza,
Junto á vontade natural que ferve
Em os maiores peitos mais accesa,
De haver mais quem o sirva e a lei lhe observe,
Farão que a paz tu fujas mais que a dura
Guerra, fugir outro qualquer procura.

Hão de exhortar-te a proseguir na estrada
Que a teus passos o fado abriu tamanha,
A não depor essa famosa espada,
Que a victoria feliz sempre acompanha,
Té ser a lei de Mahomet prostrada,
E a Asia ermar a bellicosa sanha;
Doces conselhos são, doces enganos,
D'onde podem provir extremos damnos.

Mas, se a paixão os olhos te não cerra,
Nem da razão o lume te escurece,
Verás, seja qual for a nova guerra,
Que não esp'rança, mas temor te off'rece.
A mudavel fortuna varia erra,
Ora ventura, ora desgraças tece,
E áquelles cujo vôo foi mais alto,
Mais perto põe do precipicio o salto.

Se acaso contra ti se move o Egypto
De armas, de oiro e conselho poderoso,
E se o turco da guerra sólta o grito
Co'o filho de Cassano, e o persa iroso,
Que oppões ao seu poder grande, infinito?
Que abrigo tens, ó chefe cauteloso?
Irás acaso pôr a confiança
Do rei dos gregos na firmada alliança?

Quem dos gregos a fé ainda ignora?
Bem deves conhecel-a, que a provaste
Por vezes mil, pois sempre na traidora
Gente insidias apenas encontraste.
E ha de a vida por ti expor agora
Quem ao passar contrario exp'rimentaste?
Ha de te dar o sangue, o que a estrada
Te negou por seu reino, a todos dada?

Mas talvez a esperança tu puzeste
N'esse exercito que ora te rodeia,
E esses, que espalhados já venceste,
De vencer reunidos tens a ideia.
Pois não notas a gente que perdeste
Na crua guerra de desgraças cheia?
Não vês co'o persa e o turco unido o egypcio,
Novo inimigo para o teu exicio?

Ainda que supponhas que é teu fado
Pelo ferro jámais seres vencido,
E que tudo quanto has imaginado
Por decreto do céo vejas cumprido,
Ficarás pela fome subjugado;
Por quem és n'esse caso soccorrido?
Tira contra ella a espada, vibra a lança,
E vê se de vencel-a tens esp'rança.

A previdente mão dos habitantes
Os campos destruiu, e em forte muro
Do dia em que chegaste dias antes
Quanto produz a terra poz seguro.
Como has de os cavalleiros e os infantes
Sustentar? que farás em tal apuro?
Dirás que tens a armada bem provida;
Então dos ventos pende a tua vida?

Acaso tua fortuna aos ventos manda,
E suas iras, se quer, prende ou desliga?
O mar, que aos nossos ais se não abranda,
Uma palavra tua tanto obriga?
Não poderemos nós por outra banda,
Com o turco e o persa em forte liga,
Congregarmos armada tal, tamanha,
Que da tua se possa oppor á sanha?

Duplicada victoria necessitas
Para sair-te bem qualquer empreza.
N'uma derrota só, desacreditas
Teu nome, ou soffres damno que mais peza;
Pois se perdes a frota precipitas
Os teus, que á fome entregas, triste preza,
E, se vencido és, victoriosos
Em vão serão teus lenhos poderosos.

Porém se em tal estado inda preferes
Rejeitar do rei nosso a alta amizade,
Do que és, do que tens sido bem differes!
Perdoa-me se digo esta verdade.
Ah! se tu renovar a lucta queres,
Mude-te o ceo superno essa vontade,
Porque a Asia respire e dispa os luctos,
E tu gozes tambem da gloria os fructos.

E vós, seus companheiros nos azares,
Nos perigos, na lida e vencimento,
Não vos enganem da fortuna os ares,
Na guerra não ponhaes o pensamento,
Mas, qual nauta escapado aos grossos mares,
Que o barco recolheu livre do vento,
Deveis de amainar as soltas velas,
Nem mais ao mar vos entregardes n'ellas.

Calou-se, e o seu fallar logo seguiram
Os heroes em voz surda murmurando,
Nos seus nobres semblantes do que ouviram
Claros signaes de indignação mostrando.
O capitão por quatro vezes viram
Volver em roda a vista os seus fitando,
Té que no mensageiro, que esperava
Que lhe désse resposta, os olhos crava,

E diz: brando e soberbo propozeste
Do teu rei o recado, o qual, se ama
A mim e aos feitos meus, como expozeste,
Mercê me faz que o affecto meu inflamma.
Quanto á guerra que contra nós preveste
Do paganismo unido em firme trama,
Responderei com toda a liberdade,
Qual costumo, mas com simplicidade.

Sabe que tudo quanto supportâmos
Ou sobre o mar, ou sobre a terra dura,
É sómente por ver se franqueâmos
Caminho até de Christo á sepultura,
Co'o que de Deus a graça mereçamos,
Livrando Sião da escravidão impura.
Para tamanho feito cremos leve
Reinos, honras perder, e a vida breve.

Não nos levaram, não, a esta empreza
Dá ambição os estimulos (arrede
De nós o Eterno Padre essa vileza,
Se por acaso algum de nós lhe cede,
Nem consinta que adoce tal torpeza
Bello veneno que o viver impede).
Sua santa mão que os corações abranda
Foi só que nos moveu, e que nos manda.

Por ella entre embaraços conduzidos
Fomos, a mil perigos escapando,
Ella é que aplana os montes mais erguidos,
E os caudalosos rios sécca, acenando;
Aplaca o mar, e os ventos desprendidos,
Torna o estio fresco, e inverno brando;
É ella que entra os muros, que batalha,
Que vence armadas hostes, e as espalha.

D'ella nos vem a esp'rança e atrevimento,
E não de nossas forças já cançadas,
Nem da armada ou de todo o ajuntamento
De nações pela Grecia e franco armadas.
Tenhamos nós do ceo o valimento
E sejam as mais coisas desprezadas;
Quem o conhece e viu como defende
E fere, outro soccorro não pretende.

Mas inda que sem elle nós fiquemos
Por culpa nossa ou por seus fins occultos,
Como alegres á terra desceremos,
Onde os restos de Deus foram sepultos!
Mortos, inveja aos vivos não teremos;
Os nossos corpos não serão inultos;
Nem a Asia rirá da nossa sorte,
Nem choraremos nós a nossa morte.

Emtanto que fujamos não se creia
A paz bem como a guerra assoladora.
Ninguem do teu monarcha a alliança odeia,
Sua amizade até grata nos fôra.
Mas, se não lhe pertence inda a Judêa,
Porque razão tanto a defende agora?
Deixe-nos conquistar dos mais a terra,
E a sua reja ledo, e sem ter guerra.

Assim responde; e com furor ardente
A resposta d'Argante o seio parte;
Nem o occulta, mas com voz fremente
Se chega ao capitão, e diz d'est'arte:
Paz não queres; pois bem, guerra sómente
Haverá entre nós, guerra vou dar-te;
Claro desejo d'ella demonstraste,
Já que as nossas propostas recusaste.

N'isto pela aba toma a veste sua,
E, apanhando-a na fórma de regaço,
Ainda mais irado continúa,
Pintado no semblante fero ameaço:
Aqui tens n'este manto á espera tua
Guerra e paz, de uma offerta aqui te faço;
Escolhe, homem soberbo, sem tardança,
Já que no tão incerto has esperança.

Como tal altivez todos movesse,
Guerra, guerra soou em tom guerreiro;
Que ninguem aguardou que respondesse
Godofredo do Egypto ao mensageiro.
Este, soltando o manto, guerra offrece:
Meu rei, tornou, para ella vos requeiro.
Assim fallou, e tão feroz o disse,
Qual se de Jano ao templo a porta abrisse.

Dirieis que do manto lhe saíra
Com o louco furor discordia fera,
E que nos olhos seus arder se víra
De Alecto o rubro fogo e o de Megera.
O altivo que chamou de Deus a ira
Querendo ao ceo subir certo assim era,
Babel assim o viu a fronte alçando,
As estrellas e o sol ameaçando.

Dizei ao vosso rei que o esperâmos,
E que se apresse, torna Godofredo;
A guerra que offerece lhe acceitâmos;
Se não vier ao Nilo seu bem cedo,
E ao proprio reino seu buscal-o vamos.
Com presentes depois, e gesto ledo
Os despediu; a Aletes deu brilhante
Elmo, que houve em Nicéa triumphante.

Coube a Argante uma espada; é pedraria
E oiro o punho d'ella; tão bem feita
Que lhe excede o trabalho a alta valia,
De artifice sublime obra perfeita.
Depois que elle notado attento havia
A tempera, a riqueza e o que a enfeita,
A Godofredo disse: bem depressa
Verás teu dom como a servir começa.

Assim se despediram. Por Argante
Foi co'o seu companheiro concertado:
Que este, mal despontasse o sol brilhante,
Partisse para o Egypto co'o recado.
Quanto a elle co'a noite iria adiante,
Caminho de Sião, pois escusado
Era o prestimo seu para onde ia
Aletes, e entre as armas se queria.

Assim de mensageiro em inimigo
Se torna; se faz bem ou mal não cura;
Se offende das nações o uso antigo
Nem sequer em tal pensa n'alma dura.
Sem resposta esperar vae pelo abrigo
Da paz nocturna, e pela treva escura
Para Jerusalem impaciente.
Nem menos a demora Aletes sente.

José Ramos Coelho

THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

I

Hoje 20 de janeiro de 1861, á hora em que vou traçando estas linhas, acabam de completar-se justamente quarenta e cinco annos (se não falham as memorias que tenho á vista) depois que no de 1816, pelas seis da tarde de egual dia, um exiguo prestito, formado de poucos mas fieis e magoados amigos, regressava, taciturno, da egreja velha do hospital de S. José. Ahi deixára escondidos na mudez do sepulchro, dentro em pouco ignorado, os restos mortaes de um pobre sexaginario, que no dia anterior havia tocado o termo da sua atribulada carreira.

De todos os que então tomaram parte no piedoso cortejo, um só, segundo creio, ainda vive: graças á Providencia, que o exemptou até agora de solver esse tributo inevitavel, que pésa sobre a humanidade, e que os antigos companheiros satisfizeram, desapparecendo successivamente da face da terra! Cha-

ma-se José Pedro da Silva; é o chefe dos continuos da camara hereditaria. Se o sol de 11 de abril proximo futuro luzir para elle, contará n'esse dia os seus oitenta e nove annos!

Quem era, porém, aquelle sobre cujo cadaver se fechára a campa, preenchidas que foram as preces e ceremonias deputadas pela religião, para invocar, em favor dos finados, as misericordias do Todo-Poderoso? Um homem que vivêra no mundo como exemplo do systema das compensações, pelo qual a Deus apraz regular e dirigir o universo. Engenho penetrante, vasta intelligencia, imaginação fecunda e vigorosa; todas estas faculdades, alojadas em um corpo enfermo, debil e mal conformado. Nascido em berço humilde; envolvido, durante a infancia, nas faxas da pobreza; vendo na quadra da adolescencia sorrir-se-lhe por alguns dias a fortuna, acenando-lhe com esperanças de futuras prosperidades, para ser, ainda antes da virilidade, perseguido por uma serie sempre crescente de infortunios, que para elle só findaram com a vida, e que jámais lhe permittiram desenvolver, em larga escalla, os seus recursos intellectuaes.

Tal foi Thomaz Antonio dos Santos e Silva, um dos nossos mais sublimes, e (diga-se a verdade) ao mesmo tempo mais defeituosos poetas; mas que, apesar dos seus defeitos, não deixou de illustrar a nação a que pertenceu, e de merecer saudosas recordações á terra que o viu nascer.

Honremos, pois, o seu nome do modo possivel, revocando-o do esquecimento a que parece querer arrojal-o a diuturnidade do tempo: dediquemos uma pagina á narrativa das suas desgraças, e outra á commemoração dos fructos mais ou menos sazonados do seu innegavel talento.

LOGARES MEMORAVEIS

III



Casa onde falleceu o poeta portuguez Thomaz Antonio dos Santos e Silva, fronteira á porta do cemiterio da Misericordia de Setubal

II

Nem todos os meus leitores veriam ainda a gravura que, representando o vulto do nosso poeta, adorna a edição feita em 1815 da sua epopéa, a *Brasiliada*. Justo é pois dizer aos que o não sáibam, que (se podêmos fiar-nos na exactidão da legenda annexa á mesma gravura) elle nascêra a 12 de abril de 1751, e que tivera por patria a populosa e antiga villa de Setubal, elevada recentemente á categoria de cidade. Ahi mesmo estava destinado a ver a luz, quinze annos mais tarde, outro cultor das musas, o insigne Bocage, poeta se não superior áquelle seu patricio nos quilates do engenho, por certo de mais depurado gosto, e que soube encobrir com as graças nativas da sua metrificação, sempre fluente, correcta e harmoniosa, a mingua de estudos regula-

res, em que o outro lhe levava indisputavel vantagem.

Os progenitores de Santos e Silva, pessoas, ao que parece, de condição obscura, e que pouco deviam á fortuna, habitavam em casa não propria, de cuja fachada, tal como se conserva, foi ha pouco tirado o desenho, que o «Archivo Pittoresco» apresenta no principio d'este artigo.

Impossibilitados, pela falta de meios, de darem a seu filho qualquer educação litteraria, correu esse encargo á conta do padrinho, que era um desembargador por nome Thomaz da Costa de Almeida Castello-Branco, varão respeitavel por letras e virtudes, se devemos fiar-nos na pintura que d'elle nos deixou nos seus versos o pupillo agradecido.

A natureza, que parece pouco propensa a consentir desegualdades nas creaturas, contrabalançando muitas vezes a superabundancia dos dotes intellectuaes com incommodos physicos, fez que Santos e Silva nascesse aleijado de ambos os pés, e com uma compleição fraca e valetudinaria. Dotado porém de summa penetração e ancia de saber, deu de si tão rapidos progressos nos rudimentos das letras, que o seu protector satisfeito do que n'elle via, e condescendendo com os desejos que mostrava, determinou franquear-lhe a estrada das sciencias, e foi resolvido que iria para Coimbra, concluidos que fossem os preparatorios necessarios para a faculdade da Medicina, por ser esta a da sua predilecção.

Assim correram para elle os annos de puericia, e despontaram os da adolescencia, estudando entretanto as linguas latina e grega, e depois os modernos idiomas. Chegou pelo tempo adiante a ser versado no italiano, francez e hespanhol; mas sobre todas as linguas vulgares que conhecia, deu sempre a preferencia á ingleza. Assim m'o certificaram pessoas que viveram com elle em intimidade. Se a preferencia era ou não plausivel e fundada, decida-o quem podér e quizer.

Entrado nos estudos secundarios, cursou seguidamente os da philosophia racional e moral, e da rhetorica; applicando-se tambem á geometria e algebra, e por fim aos da historia antiga e moderna, geographia e chronologia. D'este modo completou o curso chamado então, e muitos annos depois, de humanidades; e com tal aproveitamento como é facil de ver aos que folheam as suas composições, pelas quaes se encontram derramadas, profusamente, especies que bem patenteam sua erudição e saber.

A leitura de Homero o iniciou nos mysterios da arte; e não tardou em revelar-se a sua vocação para a poesia. Posto que nos sejam hoje desconhecidos os primeiros vagidos da sua musa, sabe-se todavia que na edade madura se comprazia elle em narrar aos seus amigos, como principiára a versificar aos quinze annos de edade, e como antes dos vinte compunha já algumas peças, que mereciam louvores e applausos áquelles de seus patricios que podiam ter voto na materia. Depois de Homero, Young era o seu auctor favorito, e conta-se que ainda nos derradeiros annos se regozijava repetindo de cór os melhores trechos das «Noites» do poeta inglez, que conservava tenazmente impressas na memoria.

Antes de passar a Coimbra quiz ainda estudar a chimica e pharmacia, e deu-se a estas sciencias com o mesmo ardor que o acompanhava em tudo o que emprehendia. Eis que um accidente imprevisto e doloroso veiu cortar em flor as suas esperanças, e derrocar pelos fundamentos o edificio da sua felicidade futura, aniquilando para sempre a execução dos projectos, que deviam assegurar-lhe uma situação estavel e independente. A morte do bemfeitor, sobre cujos auspicios se lisonjeava de chegar ao termo da carreira começada, foi para o mancebo uma perda irreparavel, e o primeiro ensaio de outros golpes não menos profundos, que a desgraça lhe preparava.

III

Despertado pela funesta realidade dos seus sonhos de ventura, teve Thomaz Antonio de conformar-se com a sorte, e procurar algum expediente para haver os meios de subsistencia que lhe falleciam no estado de desamparo em que ficára. Occorreu-lhe por mais prompto o de tirar partido da pharmacia, na qual adquirira instrucção bastante para ser, como foi, admittido em uma botica da sua patria. Miseravel recurso! Conjuradas em seu damno a fortuna e a natureza, negára-lhe uma os cabedaes necessarios para mestre, e a outra a agilidade indispensavel a um bom official. Teve, pois, de vegetar, ou antes de languecer, durante alguns annos, n'aquelle desagradavel e prosaico mester, entregue de dia e de noite á manipulação de pilulas, unguentos, e mais preparados officinaes; isto a troco de um tenue salario, que mal chegava para as primeiras urgencias da vida, sujeito a todos os dissabores, incommodos e amarguras inseparaveis da condição servil, que facilmente se imaginam!

Menos bastaria para que outro, no logar do joven poeta, sentisse embotarem-se-lhe de todo as faculdades, e extinguirem-se-lhe de uma vez para sempre, os fogos do enthusiasmo. Elle pôde tirar do seu animo forças sufficientes para contrastar os rigores da desventura, com quanto não conseguisse vencel-os de todo. O estudo, a que tão cedo se habituára, continuou a ser-lhe occupação nos momentos que lhe sobravam das importunas tarefas profissionaes. Os livros lhe serviam de conforto, e no cultivo das musas achava allivio e distracção. Alheado da convivencia de amigos illustrados, com quem podesse discutir e aprender, teve de soccorrer-se unicamente a si, e dever tudo aos proprios esforços. Mas se d'ahi resultou maior gloria ao seu talento, não deixou essa falta de prejudicar em muito as suas composições. Acceitando a inspiração, tal como se lhe deparava, via-se obrigado a traduzir os pensamentos, quasi sempre grandiosos e arrojados, em phrases que, por demasiado vulgares, mal polidas, e muitas vezes incorrectas, amorteciam o brilho das idéas, ou as desfiguravam grosseiramente, denunciando-se, a cada passo, na rudeza das fórmas, a incapacidade do auctor em accordal-as com o estilo e locução que o assumpto requeria.

O amor, essa paixão, ou melhor, esse sentimento ingenito e indefinivel, mutuo pendor de attracção nos dois sexos, que se reveste de fórmas tão differentes, e que de ordinario impera com mais violencia sobre os homens de imaginação fogosa e extasiada, quaes costumam ser os poetas, não tardou em prender nos seus laços o coração de Santos e Silva, com promessa de venturas que não lhe era dado fruir. Namorou-se elle de uma donzella sua patricia, cujo nome e qualidades pessoaes são hoje mysterios occultos a investigações: foi correspondido, e lisonjeava-se de ver em breve cumulados os seus votos, quando a morte se apressou em roubar-lhe o objecto amado; um cancro devorador a lançou á sepultura! Facilmente se crê quanto a perda lhe seria dolorosa, sabendo que á sua saudade devemos a composição do poema elegiaco «Sepultura de Lesbia», talvez o primeiro que, n'aquelle genero, se escreveu em portuguez, e que, embora mui longe de poder julgar-se perfeito, é comtudo um dos melhores florões da coroa poetica do seu auctor.

Não podendo já conservar-se em uma terra, que de continuo lhe apresentava tão amargas recorda-

ções, desejoso de melhorar de fortuna, e illudido, ao que se affirma, pelas promessas de um grande, que lhe offerecia amparo e protecção, Santos e Silva resolveu transportar-se para Lisboa, e dizer á patria um adeus, que os successos subsequentes tornaram para elle eterno.

(Continúa) INNOCENCIO DA SILVA

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

II

(Vid. pag. 366)

Á frouxa luz da lanterna examinára o sacerdote a morbida physionomia de Isabel, e adivinhára-lhe os padecimentos. Em braços a levaram pelos triangulares degraus da tortuosa escada, e depositaram o precioso fardo na casa que servia de cozinha, compartimento immundo e cheio de objectos extravagantes.

— Mudae-lhe a roupa, em quanto acudo com fogo para o lar.

— Ah senhor! enxugal-a-hei em quanto haja lume, porque não temos outra.

A severa fronte do clerigo annuviou-se, e silencioso trouxe alguma lenha, um enxergão de palha, uma manta de seda e lã, ao uso moirisco, e uma camisa grossa.

— Não posso offerecer-vos mais, nem melhor, — disse com sentimento; — despi essa criança, aquecei-lhe esta camisa com as raizes, enxugae-lhe o cabello, recostae-a no xergão, guardae-a bem, alimentae o fogo, e componde-vos com esta comida e esta manta, porque não ha outra coisa na minha roupparia, nem na minha cozinha.

— Pague-lhe a Virgem tanta caridade. Arranjar-me-hei aqui do outro lado do fogo; nós, os pobres, estamos affeitos a passar incommodos e trabalhos.

— Dae-lhe umas gotas d'este licor, e ceae este pedaço de carne.

E apresentou-lhe uma garrafa com licor, um copo, e um pedaço de carne.

O homem dos cabellos vermelhos era um philosopho; soldado na juventude corrêra muitas e longinquas terras, tomando como as abelhas o melhor de todas. Sabia muitas linguas, e com tanta facilidade lia nos pergaminhos velhos da escriptura arabe, como nas pedras antigas. Entendia de todas as coisas, curava enfermos, compunha canções com a musica apropriada, e em tudo o mais levava a palma aos da sua classe. Como todos os homens grandes, por defender os moiros, foi encarcerado na inquisição, d'onde saiu ao cabo de vinte annos, illeso da culpa de relapso. O doutor Graciano, desde então, amava a humanidade, sem querer trato com os homens, dava em esmolas todas as suas rendas, e occultava-se ao soccorrido. Vivia só na ultima casa da rua de Gomeres, vivenda temida no bairro, porque tinha *duende*. Estabeleceu observatorio no alto da casa, e laboratorio na sala terrea, domesticou um gato e uma cobra que apresára, em pequenos, no jardim da casa, e procurando apartar-se inteiramente do mundo, comprava de vez em quando o que lhe era mister para alimento, e lavava a roupa por meios chimicos.

Como iamos dizendo, passou a noite, mas não a febre da menina, segundo declarou o doutor Graciano; e este, regressando de celebrar o incruento sacrificio da missa, trouxe um grande cesto com todo o necessario.

Pero Antunez esperava-o já disposto para se ir em busca de nova pousada, e sua filha Isabel estava meio vestida, com a sáia ainda lenta da chuva.

— Que ides fazer? — exclamou ao vel-os n'aquella disposição. — Ides matar essa pobre criança! Tirae-lhe essa maldita sáia, abrigae-a bem, ateae o fogo, e disponde um caldo para lhe dar.

— Olhe que...

— Não procuraes trabalho?

— Procuro.

— Pois então, hoje ajudar-me-heis a compor o meu observatorio, que a chuva destruiu, e ámanhã a estacada da herdade.

— Só Deus vos póde pagar tão boa vontade.

Como o inverno ia sendo demasiadamente chuvoso, os pobres e faltos de trabalho andavam aos bandos, e o doutor, ainda que se restabeleceu Isabel, não quiz despedir os hospedes, receando que perecessem de fome. O trato que com elles tivera reconciliou-o com os homens, porque as virtudes mais se casam com a gente dos campos. — Pouco a pouco, o doutor foi perdendo a sua vida solitaria.

Pero Antunez occupou-se, pois, nos reparos da vivenda do doutor; e em pouco, salas e jardim tinham grande transformação.

Isabel começava a estar formosa; a sua belleza infantil encantava como os ramos de flores, como a aurora, como os sonhos em que de crianças vemos a gloria. A cutis era branca e transparente como o alabastro, suave como a folha da rosa de primavera; os cabellos loiros caíam-lhe, entrançados, até á delicada cinta; os olhos azues revelavam a doçura de um coração de pomba, porque a alma era-lhe ainda mais formosa que o corpo; gentileza, engenho, prudencia (tão rara n'aquella edade), exquisita sensibilidade, demonstravam-se nas suas acções. Era assim Isabel.

Uma grave e penosa enfermidade sobreveiu ao doutor, e então, mais que nunca, abençoou elle a hora em que recolhêra os pobres forasteiros, porque o trataram com affectos de irmão, com o carinho de mãe ou de esposa. Ao cabo de largos padecimentos, morreu o clerigo com a tranquillidade do justo.

Pero Antunez e sua filha ficaram por universaes herdeiros. Limitados eram os bens, porque se não estendiam a muito mais da casa e algumas granjas; porém com elles melhorou-se consideravelmente o estado e condição dos adventicios; sendo, além d'isso, esta herança occasião de impensados e maravilhosos factos, como o leitor verá.

III

Isabel completára quatorze annos, edade dos primeiros amores, no benefico e voluptuoso solo de Andaluzia; a compostura do rosto, a elegancia das fórmas, sua melancolia, e o olhar carinhoso dos claros e serenos olhos denunciavam-no.

Andava sempre fugindo da companhia de seu pae; inquieta durante o dia, pela noite desvelavam a pobre menina sonhos muito extravagantes ou muito agradaveis. Ao cair da tarde passeava pelas ruas do seu jardim, querendo occultar as indiscretas lagrimas que banhavam as suas pupillas, ao pé dos tetricos muros das Torres-Vermelhas.

Na vespera de S. João, pela tarde, ouviu que em uma granja immediata, as visinhas que tomavam o fresco, praticavam pelo teor seguinte:

— Veiu arrastando farrapos, e já tem sáia de panno verde...

— Com roupinhas do mesmo, mãe Candelaria, e...

— E com camisa fina, branca, engommada, pregada, e o collo guarnecido de cabeção carmesim, que lhe vãe admiravelmente, porque a rapariga é um brinco de oiro.

— E gargantilha de pedras moiriscas; estas raparigas... mettem a mão no lume sem se queimarem...

— Tens maldita lingua; segoviana, porque o pobre senhor era mui caritativo.

— Pois sim! Veja aquelles sapatos com duas solas que a menina calça; as tranças apanhadas com fios de oiro; e o rosario de cristal e prata! Ora, mãe Candelaria, de certo appareceu o duende á loirinha.

— Não m'o recordes, que n'esta noite de S. João é que sáe a passear por estes campos. Em boa casa vivemos!... Pobre da minha irmã!...

— Deixae-me persignar! Jesus! Contae-me o fim de vossa irmã. — Não ficarei só no quarto esta noite.

— Has de saber, minha filha, que viviamos, minha mãe, minha irmã e eu, n'essa casa em que vivem agora os forasteiros, na *casa do duende*, ha já muitos annos, quando entrou aqui o imperador; não te lembrarás, eu era mui nova. Minha irmã primogenita começava a informar, e chorava muito porque lhe não saía noivo. Com estas e outras coisas veiu a noite de S. João. Jesus! — faz hoje annos!... e minha irmã saíra a passear pelo jardim, e n'um dos canteiros sentiu como gemidos lastimosos, e ao soar a meia noite viu abrir-se a terra, e sair um gigante com um bastão de pedra. Quiz ella correr e gritar, porém tinha pegada a lingua ao paladar, e pesavam-lhe os pés cem arrobas. O gigante offereceu-lhe dois cestos, um continha rosas, e o outro figos recemcolhidos e appetitosos. Minha irmã, que sempre fôra mui desejosa, tomou dois figos. Nunca o tivera feito! O gigante soltou um rugido espantoso, e desappareceu na terra com flores e figos, que em minha irmã se converteram em carvões esbrazeados. Antes de chegar o inverno, a pobre de minha irmã finára-se de ictericia que lhe deu o susto. Era como um sol!... Desde então deixámos a casa onde ninguem se atrevêra a viver, até que a comprou o ecclesiastico para se metter n'ella, como se tambem fôra bruxo. Asseguro-te, segoviana, que, ainda que a herdade esteja separada do jardim pelo muro, quando chega esta hora...

As visinhas, machinalmente, escutaram isto com supersticioso temor. Passou um mocho, e derribou algumas folhas das arvores. Todas as da herdade deram um grito doloroso, e fugiram para casa como passaros espantados.

(Continúa)

AMPHORA DE BARRO GROSSEIRO

DE UM METRO DE ALTURA, ACHADA NAS RUINAS DA ANTIGA CETOBRIGA

Que razão de conveniencia moveria os antigos a darem a estes vasos uma fórma tal, que para estarem perpendiculares carecem de outra base? Não acho nenhuma, que seja acceitavel, o que me não maravilha, porque em materia de usos e costumes, em todos os povos ha coisas, da *existencia* das quaes a unica razão que póde dar-se, *é terem assim existido:* e o artifice romano, que fez esta amphora, responderia á nossa pergunta, pouco mais ou menos, n'estes termos: *isto foi feito assim, porque sempre assim se fez*. Muito bem: o homem não queria, nem talvez sabia innovar, copiava da obra antiga a obra nova, imitava o typo tradicional, e por mais que os annos corressem, a fórma não variava, porque os annos não mudam estas coisas; e quando não ha quem as mude, as obras feitas dois mil annos depois tem o mesmo typo das que foram feitas dois mil annos antes.

As amphoras serviam para liquidos e solidos, e *Columella*, natural de *Cadiz*, que escreveu ha mais de mil e oitocentos annos, diz, que os *Gaditanos* exportavam as azeitonas em amphoras cheias até ao gargalo, *usque ad fauces*. Ainda hoje os *gaditanos* exportam em amphoras a famosa azeitona de *Sevilha:* e isto prova que entre os selvagens de hoje, *digo*, que entre os oleiros de hoje, e os do mundo antigo, ha seculos, e mais nada!

G. X.



Na sala das antiguidades da bibliotheca nacional de Lisboa, ha uma amphora de barro que tem 74 centimetros de altura.

Pertenceu ao douto antiquario, D. fr. Manuel do Cenaculo, arcebispo de Evora.

EXEMPLOS CLASSICOS

Tenho achado, que por v. m. ser de bom agradecer, quiz achar em mim que *agradecesse*. Eu cuidava que os meus *procedimentos*, quando muito, alcançassem *o* perdão, *o* favor nunca.

Estou cercado de tolos, como dirá o portador (e entre eu tambem na conta). Veja v. m. que *asado* estou para me haver com um discreto! Parece-me que ámanhã, ás nossas horas, poderemos bem conferir quaesquer idéas. Não convido, peço que *seja*. Ouviremos, seremos *ouvido*. *(Carta de D. Francisco Manuel de Mello, ajustando vistas com um amigo).*

Note-se que *ajustar vistas*, é o que á franceza chamâmos hoje *pedir uma entrevista*. E reparem bem os principiantes na construcção elliptica, e epistolarmente concisa d'esta carta; assim como nas palavras que pozemos em gripho, para que se note tambem a sua propriedade, e a vernaculidade da syntaxe.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Menina de Val-de-mil — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 298)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XVI

PAIXÃO EM FLOR

Em quanto o portuguez velho do nosso honrado capitão-mór se anda com o futuro genro lá por essas provincias a emprehénder châmente um heroico atrevimento, que faz em Lisboa a morgadinha?

Lembrado está seguramente o leitor de como, por intervenção do ministro Herman, o visconde Léon de Beaucigny ficára aboletado em casa do desembargador, sem respeito aos foros da toga. Não ha de ter esquecido tambem a leitora a singular turbação, que a presença do moço official suscitára no espirito juvenil de Ignez. Escusado será, pois, dizer o que este interior sobresalto exordiava. Quem não o percebeu?

Com ser nova a sensação, era tanto menos combatida, quanto mais entrevista e scismada fôra nas vagas perspectivas de uma ardente phantasia.

Na noite que seguiu aquelle primeiro e fugitivo encontro, não pôde a pobre donzella um instante conciliar descanço, e em leito de rosas se aninhava ainda!

Que differença, porém, entre esta insomnia e a que na casa paterna a desvelára á chegada do doutor!

Agora, como então, surgia-lhe diante dos olhos uma imagem obstinada; mas tanto aquella tinha de antipathica e repulsiva, tanto esta lhe era toda seducções e enlevos.

No calice das flores muitas vezes se occulta um verme. Um verme tinha já em si esta flor de esperança, ainda mal desabrochada.

Era o verme um pensamento cruel, que se insinuára entre as risonhas imaginações de Ignez, e lh'as remordia sem piedade. O official, na vespera, nem por ella parecêra dar!

Arguia-lhe já a dor d'esta offensa immerecida, como se não bastára para desculpal-o a fraqueza e o padecimento!

Se o gentil moço não tivesse olhos para atravessar a sombra, que em tôrno da sua viçosa mocidade, lhe fazia a sagaz experiencia da prima? Não era preciso mais incentivo do que este para estimular uma inclinação!

Facil é imaginar até onde lhe subiria com similhante idéa o instincto da rivalidade, e como taes apprehensões contribuiram para lhe esconder as memorias já confusas do passado, e de todo calar as importunas vozes, que lhe susurravam na consciencia.

Pensou, pensou muito n'aquella noite a morgadinha. Que não pensa em taes occasiões uma donzella namorada? Pensou, pensou, e de tanto pensar occorreu-lhe que as janellas do quarto dos hospedes, no piso inferior, onde provavelmente fôra alojado o official, davam para o jardim, para onde as suas deitavam tambem.

Tão cedo como luziu a alvorada, não póde resistir á tentação de abrir uma fenda da janella subtilmente, bem subtilmente, tão subtilmente, que mais ruido lhe fazia o coração no peito.

Abriu e olhou...

Para que? Nem ella mesma sabía. Era uma acção machinal. Os canteiros do jardim mal se divisavam á luz crepuscular. Da escuridade opaca dos caramanchões como que lhe sorriam os jasmineiros. Propicia vista, não?

Cerrou a janella, e tornou a encostar-se, lastimando a extensão d'aquella noite sem fim. Quiz orar, quiz distrahir-se, quiz adormecer, para encurtar o tempo. Era lá possivel! Fugíra-lhe o somno com a tranquillidade. São raras estas vigilias na juventude. Mas quando vem...

Sem embargo voaram as horas, como de costume, tardas ao desejo, rapidas ao gozo. Clareou o dia, e com elle appareceu a morgada, em vez de pallida, como se poderia crer, florida e rosada que nem a mesma aurora. Nacarava-lhe finamente o jaspe das faces a chamma que de dentro lhe vertia rubores. Amanhecia-lhe na alma um astro como o que arraiava no ceu. Desbotoava-se-lhe em fim o coração com a primavera.

Foi breve, e mais que de ordinario apressada, a collação matutina da familia. As duas primas saudaram-se com toda a exaggerada affectuosidade do seu mutuo rancor. O official estava ainda recolhido. Ordenára o desembargador que de tudo o que necessitasse o provesse no seu quarto o criado, que para tal serviço especialmente lhe destinára. O seu melindroso estado justificava estas disposições.

D. Maria aquella manhã pouca attenção deu á morgada, porque toda estava nos atavios.

Chegou finalmente o instante de partir para o cobiçado convite. Ignez viu-a saír com indifferença, — direi mais, com alvoroço. Eram umas tantas horas de quasi liberdade. Que de coisas não podem acontecer n'este intervallo!

Por sua parte, a mulher do desembargador ia brilhar sem receios de competencia. Não lhe lembrou mais nada.

Estava lindo o dia. Ignez quiz ir logo espairecer ao jardim. Conteve-se porém — póde conter-se ainda. Subiu ao seu quarto, e, para illudir as impaciencias, poz-se a corrigir e aprimorar o vestuario, como se tivera tambem uma festa. E não tinha? a melhor?

De certo a prima não esmerára as suas custosas galas com mais preoccupado empenho.

Onze horas seriam, pouco mais ou menos. Desceu a donzella com o pretexto de ir tratar as suas rosas e rainunculos. Nada mais natural. Tinha já passado tempo sufficiente para não provocar nenhuns reparos, parecia-lhe ao menos. E depois... depois o official já por força estaria, não só desperto, mas seguramente erguido, porque a manhã convidava um convalescente.

Não vá agora o leitor fazer juizos temerarios, nem ter em menos conta o recato e educação da formosa menina. Não levava ella outra idéa, que não fosse vel-o ou ser vista. E, em boa verdade, nem essa mesma posso jurar que levasse bem formulada e definida. Ía aonde a attrahia aquelle secreto impulso, que mal sabia apreciar.

As janellas do official estavam inexoravelmente fechadas. Ter-lhe-hiam dado outro aposento? Não ousára perguntal-o a morgada, e apertava-se-lhe o coração de ver a realidade corresponder tão mal ás suas conjecturas. Entretanto não desistiu do passeio explorador. Nunca ella tivera tanto cuidado nos seus alegretes, nem visitára os canteiros tão minuciosamente, e com tão inquieta vivacidade. Aqui para nós, leitora, de involta com este exame o raio visual, do modo que se sabe, obliquava frequentemente para outra parte.

Baldado tudo. Ninguem dava signal de si.

Seguiu-se um desalento cortado de irritações. Frustradas assim as illusões da expectativa, ora parava junto a um vaso, contemplando sem ver, ora vagueava a passos lentos, como nympha esquecida e melancholica, alongando os olhos ao azul do ceo por entre o verdor das arvores, como se em remotas alturas buscasse as esperanças fugitivas da terra.

No melhor d'esta indefinida suspensão, um rumor vulgar, vulgarissimo, chamou a donzella a superiores realidades. Abrira-se em fim uma janella...

E digam lá que ha objectos inaccessiveis á poesia! Tudo depende da occasião. Que coisa mais trivial e prosaica do que ouvir correr uma vidraça? Todavia, isto bastou para agitar Ignez da commoção mais desusada. Alvoroçou-se-lhe o coração como se lhe quizera saltar do peito, e, tanto mais sobresaltada quanto menos contava já com tal incidente, voltou-se... sem saber o que fazia.

O que viu pagou-a de todas as suas tormentosas alternativas. A janella era, com effeito, a do quarto dos hospedes. Assomado a ella estava o mancebo, fitando-a transportado com uma expressão tão admirativa, que mais se podia tomar por extasis.

Cruzaram a vista os dois, e Ignez sentiu como um estremecimento electrico. Inclinou-se o mancebo saudando-a, e tentou formular um comprimento.

Não podia Ignez comprehender as palavras. Mas para que era preciso? Estavam já de complicidade os olhos. Estavam, e tanto, e tanto, que a morgadinha fugiu com um grito de ave espavorida, escondendo nas mãos o vivo fogo das faces. Correndo trémula a fechar-se na sua camara, ahi desafogou em torrentes de lagrimas aquella oppressão de jubilos.

Por que se aljofram sempre de prantos as alegrias dos primeiros amores, á similhança das plantas que o orvalho fecunda? E que chora n'ellas? chora a innocencia, ou chora a paixão?

Chorou longamente Ignez, mas chorou como chove no estio, com um raio de sol a doirar o aguaceiro. Arfava-lhe precipitado o seio: levantava, porém, estas ondas uma deliciosa tempestade. Revia por entre as lagrimas, não já o mancebo, mas a elo-

quente attitude d'elle, e toda se lhe rendia em gratidão. Se era verdadeiramente o primeiro triumpho!

Uma noite apenas era passada. Que de caminho percorrido n'uma só noite!

MENDES LEAL JUNIOR

THOMÀZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

(Vid. pag. 102)

IV

As memorias tradicionaes que conservo ácerca de Santos e Silva, colhidas nas relações de pessoas que com elle conviveram nos derradeiros annos de sua vida, são em demasia vagas, e ás vezes incertas no tocante aos successos occorridos nos periodos anteriores. Para seguir o fio dos acontecimentos tive de soccorrer-me a inducções mais ou menos provaveis, tiradas de um ou outro passo dos seus escriptos, aliás mui deficientes n'estas particularidades.

Assim, não sabendo determinar com certeza o anno da vinda do poeta para Lisboa, creio comtudo que não me afastarei muito da verdade, indicando como tal o de 1781. Contava elle então os seus trinta, ou pouco mais. Ignoro tambem quaes fossem precisamente as esperanças que se lhe frustraram, depois de passar pelas humilhações proprias do triste papel de requerente, que representou na corte, até que desenganado se accommodou por fim como official em uma botica na rua de S. Paulo.

Foi pouco mais ou menos por essa epócha que elle entregou ao prelo a primeira publicação poetica de que alcancei noticia: uma «Ecloga de Balbino e Lilia,» impressa em 1783, em folheto de quarto, que bem poucos terão visto. A poesia campestre andava n'aquella quadra mui valida, graças aos idyllios do amenissimo Quita, que a morte arrebatára alguns annos antes; e mais ainda ás eclogas de João Xavier de Mattos, poeta popularissimo, cujas producções correndo toda Lisboa no pregão dos cegos ambulantes, eram lidas e decoradas com avidez, e o auctor proclamado por excellencia o principe dos bucolicos da sua edade!

Uma vida de servidão, mais que laboriosa, e retribuida com mesquinhez, que não distaria muito da miseria, devia tornar-se de força insupportavel ao nosso setubalense. Resolveu elle abrir mão da pharmacia por uma vez, e procurar outro mister, mais adequado ás suas inclinações. Saindo da botica, tratou de alugar um quarto nas proximidades da casa da Moeda; e ahi, provavelmente favoneado pelo credito de alguns amigos, estabeleceu uma aula de inglez e francez. Não teve de arrepender-se, porque a concurrencia e aproveitamento dos discipulos começaram em breve a justificar a proficiencia do mestre.

Era por aquelles tempos emprezario e director do novo theatro do Salitre Antonio José de Paula, a quem a fama se compraz de celebrar como uma das nossas notabilidades dramaticas, não só entre os seus coetaneos, mas ainda entre os que o precederam e seguiram no periodo de muitos annos. Por seus cuidados e esforços a scena portugueza, surgindo do mais lastimoso abatimento, obteve elevar-se a um estado florescente, do qual voltou a decair irremediavelmente pela perda prematura do seu restaurador. Este homem, pois, travára entretanto relações de amizade com Santos e Silva, e conhecedor do seu talento tratou de persuadil-o a que se applicasse á poesia dramatica. Acceitou aquelle o alvitre, e para logo provou forças na composição de alguns dramas e comedias, que o seu amigo fez representar, e que foram recebidos com applauso. Animado pela boa sombra e acolhimento do publico, o poeta deu-se pressa em ceifar novos louros, e continuou a abastecer o theatro de novas producções, das quaes algumas originaes, outras imitadas ou traduzidas dos mais celebres dramaturgos estrangeiros. Taes fadigas eram coroadas pelo successo; e com o producto de seus dramas, reunido aos honorarios das lições que não descontinuára de dar a seus discipulos, tirava Santos e Silva os meios sufficientes para viver em decente mediocridade.

D'estas composições existiam apenas na occasião da sua morte, ineditas e originaes, segundo as informações que obtive: «O condestavel D. Nuno Alvares Pereira» — «A conquista de Ceuta» — «A restauração de Pernambuco» — «A Madrasta» — «Egas Moniz» — «Vasco da Gama» — «O ministro syndicante» — «O inimigo das mulheres» — «As irmãs rivaes» — «O magico em a locanda» — E traduzidas: «O emprezario de Marselha» — «A condessa de Gyvry» — «O matrimonio em mascara» — Davam-se já então por perdidas muitas outras, entre ellas «Zemira e Azor» — «Bohemundo» — «Guiomar» — «O governador dos Alpes» etc. Hoje creio que difficilmente se achará noticia de qualquer d'ellas: e pela minha parte devo declarar que de todas só consegui ver até agora «O condestavel,» de que o acaso me deparou uma antiga copia, ainda não ha muito tempo.

V

Grande era a reputação que Santos e Silva grangeára como poeta e auctor dramatico, para que o seu nome escapasse aos fundadores da ephemera associação poetico-litteraria, que, sob a denominação de Academia das Bellas-Letras, se instaurou em Lisboa, no anno de 1790, e que viu, por algum espaço, reunido no seu gremio tudo o que havia na corte de mais escolhido entre os que se jactavam de favorecidos das musas. De que pertencêra a esta sociedade nos deixou elle testimunho indubitavel no rosto do volume que, em 1792, deu á luz, com o titulo de «Estro de Thomaz Antonio, etc., no qual incluiu o poema da «Sepultura de Lesbia,» com a selecção de outras rythmas que até então compozera.

Nas intrigas que a discordia começou a fomentar, dividindo os academicos em parcialidades, e convertendo-os de consocios e amigos em adversarios rancorosos, que a final tiveram de separar-se, perdidas as esperanças de paz e reconciliação, Santos e Silva agrupou-se do lado de Bocage, que, além de patricio, era tambem seu amigo, não sei se do tempo em que um e outro conviveram na patria commum, se por virtude de conhecimento e relações mais recentes, contrahidas, talvez, já depois que Manuel Maria regressára a Lisboa, vindo da India.

Declarando-se partidario d'aquelle nas contendas academicas, Santos e Silva concitou contra si as iras de José Agostinho, que capitaneava a parcialidade contrária, e que se mostrava implacavel para com todos que recusavam reconhecer a sua aliás disputada supremacia. O infeliz Tomino (era o nome anagrammatico que Thomaz Antonio adoptára para si no seu arcadico baptismo) ficou sendo, em quanto viveu, uma victima expiatoria, consagrada á vingança de Macedo. D'ahi a multiplicidade dos ditos satyricos e insultuosos, e de não poucas allusões malignas, que a seu respeito se encontram nas obras d'este, e talvez menos nas impressas, do que em certo poema inedito, onde lhe deu logar, collocando-o na

primeira plana dos seus heroes burlescos: procedimento em verdade pouco generoso, se attentarmos a que se dirigia contra um individuo inoffensivo, que, além do respeito que costuma conciliar o infortunio, tinha por si merito e qualidades reaes, que bem podiam inspirar sentimentos mais nobres a seu gratuito adversario.

VI

A fortuna, tantos annos conjurada contra o malfadado poeta, como que consentíra em illudil-o por algum tempo com as auras da bonança, para mais cruamente o mergulhar de todo no pelago de novas, e sempre crescentes desventuras. Achou-se repentinamente accommettido de uma terrivel e pertinaz ophtalmia; falto de recursos para combater a molestia, e ainda mais segregado do agasalho da familia, ou da companhia de pessoas que por elle velassem para administrar-lhe os remedios e confortos necessarios em tão arriscada crise. Teve pois de valer-se da caridade publica, buscando no hospital de S. José o abrigo de que carecia, e ahi entrou a 17 de Dezembro de 1798. [1] Conduzido para a enfermaria denominada de Santo Antonio, n'ella jazeu durante muitos mezes no leito da dor, onde o seu estado peiorava de dia em dia, apesar dos soccorros da sciencia, caindo a final em completa cegueira, que os medicos capitularam de incuravel.

N'esta infelicissima situação, desvalido, valetudinario, perdida a luz do dia aos quarenta e cinco annos, e condemnado a passar nas trevas os restantes de uma vida amargurada, qual a sorte futura do miseravel que sentíra esvaecer-se com o ultimo golpe todo o vislumbre d'esperança? Vel-o-hiam talvez arrastar-se de porta em porta, estendendo mãos supplicantes para mendigar o pão quotidiano, se a providencia não movesse em seu favor o animo compassivo do monsenhor D. Lourenço de Lencastre, enfermeiro-mór do hospital. Este fidalgo condoendo-se da desgraça do poeta, cujo talento apreciava, resolveu suavisal-a do modo possivel, concedendo-lhe habitação permanente no proprio estabelecimento.

Destinou-lhe um quarto separado na extremidade da enfermaria de S. Lazaro (para o qual passou a 10 de dezembro de 1800), e mandou fornecer-lhe rações diarias, a elle e a um criado que o acompanhasse e servisse. Diz-se que, menos attento do que o são de ordinario os seus eguaes aos preconceitos da nobreza, não se dedignava de visitar a miudo o pobre cego no seu aposento mesquinho, para levar-lhe palavras de consolo, e entreter-se com elle em praticas amigaveis.

Favorecido com tal soccorro, e apoiando-se nos dictames de uma solida philosophia, Santos e Silva teve coragem e resignação sufficientes para conformar-se com os rigores do destino. Parece até que a sua imaginação cobrára maiores forças, pois são d'esse periodo as suas melhores poesias. Impossibilitado de consultar livros, e obrigado a aproveitar-se de amanuenses taes quaes podia havel-os, isto é, quasi sempre ruins, e ás vezes pessimos, é facil de ajuizar o trabalho que deveriam custar-lhe as suas composições.

E não foram poucas as que mandou para o prelo, e mais ainda as que por circunstancias teve de deixar ineditas. Logo em 1801 fez imprimir na officina do Arco do Cego uma pequena collecção dos seus versos, que mais tarde, em 1806, appareceu reproduzida e notavelmente augmentada em um volume de perto de 400 paginas, com o titulo « Poesias originaes e traducções. » A este deviam seguir-se mais tres tomos promettidos; e a promessa sería de certo cumprida, se a invasão franceza do anno seguinte, e successos subsequentes não fizessem addiar indefinidamente a sua execução, por modo que jámais se realisou. Porém a falta da publicação d'esses tomos como que foi supprida pela multidão de folhetos, e versos impressos avulsamente, suscitados pelas occurrencias do tempo, a proposito dos acontecimentos notaveis da guerra da independencia, ou destinados a celebrar diversas personagens, que n'elles intervieram. A enumeração de todos sería aqui fastidiosa por extensa, e talvez deslocada. Reservo-a para logar competente do « Diccionario Bibliographico » onde darei d'elles conta circunstanciada.

Tambem data do principio d'este periodo, isto é, de 1803, segundo creio, a composição da tragedia « D. Sebastião em Africa », posto que só impressa posthuma em 1817.

A famosa batalha dada em Austerlitz a 2 de dezembro de 1805, que parecia rematar a gloria de Napoleão I, por quem todos esperavam ver então consolidada a paz geral e o socego da Europa, segundo as suas ostentosas declarações, despertou o enthusiasmo de Santos e Silva; e inspirou-lhe o pensamento de brindar a sua patria com uma nova epopéa, cujo assumpto fosse a referida batalha, e a victoria das armas francezas. N'este projecto não havia que notar nem sombra de culpa, á face do mais puro patriotismo; pois que entre as cortes de Lisboa e Paris reinava a mais cordial harmonia, e mal podiam prever-se as eventualidades que se apparelhavam, e quaes os destinos que o imperador dos francezes reservava a Portugal. Começou pois Santos e Silva o seu poema, que intitulou « Napoleada, » por elle dedicado (segundo affirmavam os que o viram) ao principe regente, depois rei D. João VI. Chegára com a composição ao canto undecimo, quando Junot invadiu Portugal á frente das suas tropas. Então o poeta, que amava muito a patria para cantar os que pretendiam opprimil-a, supprimiu para logo a sua obra, que só depois da restauração, por um esforço do genio quasi incomprehensivel no seu estado, refundiu e acabou, mudando completamente a acção, sob o titulo de « Brasiliada. »

(Continúa) INNOCENCIO F. DA SILVA

[1] Esta, e outras datas de que me servirei no resto do presente esboço, podem reputar-se authenticas, por serem fielmente transcriptas dos respectivos assentamentos, existentes no livro das entradas do hospital; d'elles obtive ha pouco uma copia, devida ao cuidado e boa diligencia do meu prestavel amigo e patricio do poeta, o sr. João Carlos de Almeida Carvalho. Do proprio assentamento consta que Thomaz Antonio fôra baptisado na freguezia de S. Julião de Setubal, e que eram seus paes Antonio dos Santos e Francisca Ignacia.

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 83)

VARINO E MONAIO

Depois dos botes são os varinos os que em maior numero sulcam o Tejo. Esta denominação que elles tem no vulgo não vem em nenhum diccionario da lingua, e tambem na repartição do imposto que elles pagam em Lisboa tal se lhes não chamam, mas *aveiros*, nome generico para todos os barcos que vem do districto de Aveiro. Estão actualmente registados e avençados na repartição municipal de Lisboa 431 varinos ou aveiros.

O monaio é uma especie de varino da mesma procedencia, mas tem diversa armação, como bem mostra o que está desenhado na estampa, ao mar do varino.

Pela seguinte curiosa estatistica, que na citada repartição nos ministraram obsequiosamente, vemos que a marinha do Tejo se compõe ao presente de 1143 vélas.

LOGAR DA AMARRAÇÃO	DENOMINAÇÃO DAS EMBARCAÇÕES								
	Aveiros	Bateiras	Barcos	Barcos de moinhos	Bateis	Botes	Faluas	Fragatas	Total
Abrantes	190	»	»	»	»	»	»	»	190
Alcochete	8	»	6	»	»	1	5	»	20
Aldea-gallega	3	»	3	»	1	35	9	»	51
Alhos Vedros	»	»	1	»	»	1	1	»	3
Amora	»	»	»	»	»	4	»	»	4
Arrentella	»	»	»	»	»	2	»	»	2
Alcantara	4	»	»	»	»	2	»	»	6
Alfama	3	»	»	»	»	16	»	»	19
Barreiro	»	»	1	»	»	19	2	1	23
Boa-Vista	24	»	»	1	»	4	»	8	37
Belem	»	»	»	»	»	28	»	»	28
Barquinha	75	»	»	»	»	»	»	»	75
Constança	51	»	»	»	»	»	»	»	51
Caes Novo	»	»	»	»	»	1	»	»	1
Chamusca	5	»	»	»	»	»	»	»	5
Caes do Sodré	13	»	3	»	»	85	»	20	121
Caes do Tojo	30	»	1	33	»	12	»	28	104
Caes da Pedra	22	»	1	»	»	88	1	38	150
Cascaes	»	»	1	»	3	»	»	»	4
Cacilhas	»	»	»	»	»	30	»	»	30
Fundição	»	»	»	»	»	13	»	3	16
Junqueira	»	»	»	»	»	1	»	»	1
Moita	»	»	4	»	»	6	»	9	19
Paço d'Arcos	»	4	3	»	»	1	»	»	8
Porto Brandão	»	»	1	»	4	21	»	»	26
Lavradio	2	»	1	»	»	»	»	»	3
Pampulha	»	»	1	»	»	11	»	2	14
Samoco	»	»	»	»	»	1	»	»	1
Trafaria	»	»	»	»	»	5	»	»	5
Praia de Santos	»	»	»	»	»	2	»	1	3
Tercenas	»	»	»	»	»	»	»	1	1
Ribeira nova	1	»	»	»	»	73	»	»	74
Terreiro	»	»	»	»	»	5	»	»	5
Seixal	»	»	»	»	»	43	»	»	43
Somma	431	4	27	34	8	510	18	111	1:143

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

IV

(Vid. pag. 375)

Isabel, na edade credula para os vaticinios, e confiada até no sobrenatural, ouvíra a narração da mãe Candelaria com grande interesse. Pela primeira vez observou que os massiços torreões do visinho castello se levantavam sombrios e ameaçadores, e que entre as fendas se ouviam ruidos estranhos, o ruge-ruge das cobras ao passar pelos descarnados ladrilhos, o grito dos mochos, e o silvo compassado e monotono de aves nocturnas.

A pobre menina sentiu um medo frio e trémulo. Por entre as sombras das quebras do muro, d'entre a vegetação dos campos, julgou ver saír anãos, gigantes, phantasmas, monstros alados, e logo encaminhou-se para casa, sem olhar para traz.

Á medida que a pobre da mocinha avançava, parecia-lhe que em seu seguimento vinham exercitos de duendes com pernas e braços descommunaes, sentia-lhes os passos na areia, e tapou as orelhas para lhes não ouvir os horriveis gritos. Apressou o passo, correu. Os espiritos alados e os espectros correram após d'ella; quasi a seguravam entre as garras, apagavam-lhe as pégadas, pisavam-lhe os vestidos.

Isabel gritava, corria, voava... Turvou-a uma vertigem; tinham-lhe agarrado os cabellos, a cintura, todo o corpo... e caíu desmaiada nos braços do velho pae, que acudíra a seus gritos.

Em breve tornou a si, e com Pero Antunez zombou do seu medo, e do mundo de phantasmas que a imaginação lhe creára.

Ás onze horas d'aquella noite, Pero Antunez e sua filha estavam adormecidos; elle tranquillamente, ella perseguida pela imaginação: a final, despertou presa de um angustioso pesadelo. O calor suffocava-a.

Isabel ergueu-se, e ligeiramente vestida, saíu a passear pelo jardim. Tão certo é que para a dor só se encontra allivio na mesma dor. E da mesma fórma para o medo. Isabel queria convencer-se de tudo, ou arrostar qualquer perigo.

A noite conservára-se tranquilla; apenas algumas nuvens turvavam a atmosphera. Era profundo o silencio.



Varino e Moinho

Isabel vestia de branco, solto o cabello de oiro. No seu passo havia ardor febril; e á proporção que avançava no jardim, resfriava-lhe o corpo, e vergavam-lhe os joelhos.

Soou a meianoite! Meianoite, e vespera de S. João!

Á imaginação de Isabel vieram todas as memorias das crenças populares. Parou em frente do luxuriante canteiro para ouvir a hora, e contou-a até que se perdeu o ultimo som nas ondas do vento. Depois viu saír das flores um vapor branco e luminoso, como o da luz d'alva que despede voluptuosa claridade; atraz do vapor, como a chamma solta da vela, assomou, por encanto, um negrinho de rosto prazenteiro e formoso, e que nenhum terror inspirava; trazia na mão direita um açafate de fio de oiro, cheio de rosas de Alexandria recemcortadas, e na esquerda um cesto de filigrana, contendo maçãs de appetecivel encanto.

Isabel, sem saber por que, não se assustou.

— Escolhe, meu anjo, — disse o negrinho, offerecendo-lhe ao mesmo tempo, e com a maior delicadeza, o açafate doirado e o cesto de filigrana.

Estavam tentadoras e odoriferas as maçãs: era a fruta de que mais gostava a pobre menina, e a que menos comia, por ser cara; olhou-as com avidez, mas venceu-se, e tomou uma rosa.

— Tudo é teu, — exclamou o pretinho, com mal dissimulada alegria; até ámanhã á noite, á mesma hora. Adeus. — E, entregando-lhe o açafate, desappareceu, deixando embalsamada a brisa da noite.

Isabel retirou-se pensativa, adormeceu profundamente, e sonhou que era rainha em terras estranhas, onde os palacios tinham paredes de cristal e portas de rubis.

Apenas amanheceu, foi ver o açafate, para se certificar do sonho da noite anterior, mas encontrou, com surpreza, o cesto á cabeceira do leito, com a só differença de que todas as rosas eram de oiro salpicadas de perolas, á excepção de uma natural, odorifera e fresca, a que ella havia tocado com os dedos.

Isabel chamou seu pae, contou-lhe o caso, e este, para se certificar, sem dúvida, colheu algumas rosas, e levou-as a um oirives que as comprou por bom preço, exaltando-lhe o trabalho do metal, e o tamanho das perolas.

Pero Antunez parecia louco com tanto oiro nas suas mãos; abraçava a filha, e promettia-lhe mais louçanias que póde sonhar uma rainha.

Isabel, á meia noite seguinte, viu de novo o negrinho, que lhe appareceu e fallou com summa discrição e cortezia.

Mas qual foi o pasmo dos forasteiros, observando que as rosas de oiro e perolas, apesar da colheita, não haviam diminuido, e a natural não murchára! Verdadeira maravilha!

Tudo em casa mudou com tão inesgotavel thesouro; Pero Antunez e sua filha offuscaram rapidamente todos os ricos de Granada; e a mocinha, d'antes desconhecida e desprezada, foi então a mais requestada senhora, pelo esplendor e formosura sem eguaes.

A casa estava magnificamente adornada; posto que não tamanha qual á sua nova perfeição convinha, Isabel quiz permanecer n'ella, para não faltar aos convites do negro encantado. Ambos conservaram mutua confiança, sentavam-se já nos bancos do jardim, como dois alegres meninos; apertavam-se as mãos, e fallavam de innocentes e castos amores. Isabel já não estava triste, nem sentia a vaga inquietação na alma; esperava com anxiedade a hora de ver o seu negrinho, e sentia-se enlevada ao seu lado.

Notou-se na cidade, pois tinham sempre os olhos na gentil donzella, que, por magnifico e esplendido que fosse um baile, antes de soar a meia noite, desapparecia Isabel, acompanhada de seu pae, para se fechar em casa, e não deixou tambem de alimentar as murmurações dos visinhos que, apesar dos seus verdes annos, e de gozar de todas as distracções, não lhe designassem um amante sequer, posto que fossem infinitos os apaixonados.

Um libertino d'aquelles tempos, D. Cesar de Toledo, propoz-se render a fortaleza que todos haviam sitiado baldadamente, e, em homenagem á verdade, diga-se que antes mirava ao espolio do que á gloria. Era o emprehendedor, mancebo, galan, valente, gastador, por extremo formoso, dado tambem ao jogo e ás mulheres, e corrompido de alma como poucos. Ao cabo de alguns dias Isabel preferiu-o aos outros adoradores que, como sempre acontece, eram uma turbamulta de nescios.

De taes artificios se valeu D. Cesar de Toledo, tantas provas venceu, e com tamanha constancia poz mão n'aquelles amores, que concluiu por enamorar-se perdidamente da *estrella oriental*, como elle denominava Isabel.

As paixões são contagiosas, segundo diz o povo, e a gentil filha de Pero Antunez de ouvir e ver continuamente D. Cesar, principiou a querer-lhe com a paixão frivola que as meninas tomam ao primeiro adventicio.

Dentro em pouco, o cavalleiro pediu Isabel em matrimonio com o ceremonial então usado pela aristocracia hespanhola.

Pero Antunez, em quem sobejava boa fé e sinceridade, julgou-se mui honrado, e ficou para logo mais louco que o noivo, vangloriando-se prematuramente do appellido illustre que usariam os netos. Sua filha pulava de contentamento pensando no seu matrimonio, precursor de tantos festejos e de uma vida nova, desconhecida e mysteriosa.

Já não cuidava tanto do seu negrinho; comtudo, visitava-o todas as noites, buscando pretextos de abbreviar as conversações. O encantado ia cada noite mais triste, e lagrimas ardentes lhe saltavam dos olhos, quando Isabel com infantil galanteria lhe contava os seus amores e esperanças.

— Porque te não alegras commigo? Que tristezas te atormentam?

— As tuas alegrias, meu anjo, as tuas esperanças são a morte do pobre negrinho; que será d'elle quando te não veja?

— Nunca deixarei de ver-te; sería uma ingrata! Olha, — e estreitava-lhe as torneadas mãos de ebano, — ao lado de Cesar estou sempre rindo; conta-me as suas tumultuosas aventuras que entremeia com graciosas anecdotas; trova-me em lingua toscana e em provençal; nunca se esgota o manancial da sua conversação. Junto de ti, porém, sinto um prazer ineffavel, que talvez seja mais profundo, porque tem alguma coisa de poetico e triste, como tu, e comtigo se me dilata o coração...

— E já me deixas de vez em quando!... Brevemente não virás... esse D. Cesar, tão folgasão e recreativo, quererá todas as tuas horas, todos os teus segredos, e abandonar-me-has... e, quem sabe, se pensarás em vender-me!...

E o negrinho chorava como uma criança.

Como póde enganou-o Isabel, consolando-o.

Na seguinte noite, D. Cesar de Toledo deteve-a em um baile, e Isabel não desceu ao jardim. — Após d'esta passaram dez noites sem que a menina se lembrasse do negrinho encantado.

Todos os preparativos e galas estavam dispostas, a ceremonia devia verificar-se no dia seguinte, e a filha de Pero Antunez, devorada por um vago presentimento, triste por extremo, quasi com as lagri-

mas nos olhos, recordou-se do seu negrinho, dos momentos felizes que passára junto d'elle, e teve remorsos. Despediu D. Cesar, que se foi de mau grado, e ao expirar o ultimo som das doze horas da noite, desceu ao jardim e dirigiu-se ao sitio costumado.

(Continúa)

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 112)

VI

No ultimo capitulo fizemos a promessa de descobrir a paragem dos ossos do grande Affonso de Albuquerque, tanto a pezar dos moradores de Goa, trazidos a Portugal em 1566, e depostos no jazigo dos Gomides, no convento da Graça de Lisboa. Com os frades d'esta ordem teve o edificador da casa dos Bicos renhida questão, a ponto de fundar em Azeitão uma egreja propria para jazida de tão grande homem.

Mal pensavamos quanta lida nos houvera de causar esta promessa, para a final nos vermos forçados a declarar, que os frades a quem foi confiado tão precioso deposito, ácintemente confundiram estes honrados ossos, tirando-os do jazigo em que estavam para o dar ao outro *bemfeitor* que lhes soube tentar á cubiça!

É a triste, a vergonhosa solução que nos ministram os documentos que havemos descoberto.

Façamos d'elles breve resenha.

No capitulo II dissemos, que o jazigo a que Affonso de Albuquerque se referiu no seu testamento, e no qual mandou se depositassem os seus ossos quando viessem da India, era o dos Gomides, como tambem expozemos no mesmo artigo.

Vamos ver como os frades começaram a esquivar-se ás obrigações que o fundador da capella e jazigo lhes impoz.

Devemos ao illustre e illustrado conde de Peniche, um dos immediatos successores dos vinculos de Affonso de Albuquerque, o obsequio de nos facultar todos os papeis e processos a respeito d'esta questão do jazigo da Graça.

Já notámos a pag. 87 que o fundador do morgado de Villa Verde, dos Albuquerques, fôra Gil Esteves Fariseu, homem riquissimo para aquelles tempos, como se deprehende do seu testamento, o qual tendo adoptado a Gonçalo Lourenço de Gomide, celebre escrivão da puridade del-rei D. João I, o fez herdeiro de quasi todos os seus bens; pondo no testamento com que falleceu esta verba:

« Mando enterrar meu corpo no mosteiro de S. Agostinho da cidade de Lisboa, *dentro no cabido;* e mando com o meu corpo ao dito mosteiro cem livras. Item. Deixo ao dito mosteiro de S. Agostinho o meu casal de Louriceira, com esta condição; que os frades do dito mosteiro me digam para sempre em missas tudo aquillo que o casal render, e isto pela minha alma e de Sancha Annes minha mulher. Item. Mando mais ao dito mosteiro cinco mil livras em herdades, afóra o dito casal, e isto, para refazimento d'uma capella em que me digam em cada um anno as missas, para sempre, pela minha alma e da dita Sancha Annes minha mulher, como dito é. »

Este testamento tem a data de 10 de maio de 1437 (era de Cesar, que corresponde á de Christo 1399).

Dois annos depois, isto é, aos 25 de agosto de 1401 acrescentou o herdeiro estes suffragios pela seguinte escriptura:

« Saibam todos que eu Gonçalo Lourenço, escrivão da puridade del-rei D. João, e eu Ignez Leitoa etc. querendo reconhecer a Gil Esteves e a sua mulher Sancha Annes, moradores que foram na cidade de Lisboa, uma doação que nos fizeram de todos os bens que elles haviam em estes reinos; de nossas livres vontades fazemos pura doação, entre vivos, valedoira para todo sempre ao mosteiro de S. Agostinho da cidade de Lisboa, onde jaz enterrado o dito Gil Esteves, e onde se ha de lançar a dita Sancha Annes, de um casal que nós havemos, que jaz em o termo da dita cidade em logar que chamam a Louriceira. O qual casal damos ao dito mosteiro com a condição que os frades elejam, entre si, um frade ou dois ou mais ou menos segundo as rendas do dito casal, que cantem em cada um dia, e celebrem o officio divino para sempre, pelas almas do dito Gil Esteves e Sancha Annes sua mulher, por guiza que todas as novidades e rendas do dito casal se dispendam em missas cantadas pelas almas dos sobreditos. »

Para que tambem tivesse jazigo e suffragios ao convento da Graça, este mesmo Gonçalo de Gomide, fez, passado tempo, outra doação aos mesmos frades de um casal denominado de Casainhos, no mesmo logar da Louriceira, que ficava na aldêa de Bucellas (hoje villa); uma casa na rua dos Douradores, e as tendas (lojas) que tinha á porta de Ferro, com a obrigação de um annal de missas, tres procissões, um anniversario e duas missas officiadas em certos dias, tudo por alma d'elle Gonçalo Lourenço, e sua mulher Brites Leitoa.

Estes, e outros de que não ha tão authenticas memorias, são os avós junto dos quaes o grande Affonso de Albuquerque ordenou, por testamento, se enterrassem os seus ossos.

Que fizeram, porém, os frades da Graça, tão bem dotados, para suffragarem as almas d'estes finados?

Diga-o a seguinte minuta junta á sentença tirada no anno de 1752, de uma demanda que durou dez annos.

« Em 25 de agosto da era de Cesar de 1439, que é o anno de Christo de 1401, nas notas de Pero Esteves de S. Vicente, tabellião de Lisboa, Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade do sr. rei D. João, o primeiro d'este nome, e sua mulher, Ignez Leitoa, fizeram doação perpetua ao convento da Graça de Lisboa de um seu casal, sito na Louriceira, termo de Lisboa, cujo rendimento annual, inteiro, o dito convento distribuisse em missas e officios quotidianos, pela alma de Gil Esteves Fariseu, e sua mulher Sancha Annes, com a condição de o dito convento o não poder nunca vender, dar, nem alheiar, sob pena, não só de ficar esta doação nulla, mas tambem de que logo o administrador de Villa-Verde tomaria d'elle posse; e o mesmo tambem se o convento faltasse ao inteiro cumprimento das missas e officios quotidianos. Porém, cumprindo pontualmente que os administradores do dito morgado examinassem, visitando assim na egreja do dito convento a satisfação das obrigações pias, como no dito casal o seu estado de conservação, e que por cada visita o administrador do morgado recebesse do convento um carneiro, dois capões, dois alqueires de trigo e dois de cevada, ao que tudo se sujeitou e se obrigou o dito convento.

Pelo juizo da Provedoria das capellas d'esta corte, escrivão Manuel de Pontes, requereu o marquez de Angeja, legitimo administrador do morgado de Villa-Verde, a execução e cumprimento da clausula da instituição expressa na sobredita doação, sobre o que o dito convento veiu com embargos. Teve o marquez sentença a seu favor, em o 1.º de abril de 1748. D'esta sentença embargada pelo convento, saiu outra pelo mesmo juizo, sem embargo dos embargos, em 14 de outubro de 1748. O convento appellou

para a relação: saíu por accordão que fôra bem julgado pelo provedor das capellas, em 7 de fevereiro de 1750: e sendo pelo convento embargado este accordão, saíu outro, sem embargo dos embargos, em 17 de novembro de 1750. Tornando o convento a embargar por via de restituição, saíu, finalmente, accordão contra o dito convento, em 8 de agosto de 1752.

Por fundamento dos embargos de restituição, juntaram os religiosos o testamento de Gil Esteves Fariseu, morador a S. Jorge de Lisboa, feito na era de Cesar, em 10 de maio de 1437, que é o anno de Christo Nosso Senhor de 1399, em que, nomeando por seu herdeiro e testamenteiro a Gonçalo Lourenço, deixou ao dito convento da Graça um seu casal na Louriceira, cujo rendimento, inteiro, applicava, perpetuamente, em missas por sua alma, e de sua mulher Sancha Annes, ditas pelos religiosos do dito convento, e que sería sepultado na casa do capitulo do mesmo convento da Graça: e mais lhe deixava 5:000 libras em herdades, etc.

Para se não confundir este casal, deixado por Gil Esteves com o sobredito casal doado por Gonçalo Lourenço, ambos sitos na Louriceira, como pretendia o convento, se deve reflectir que o testamento de Gil Esteves foi em 10 de maio de 1399; e a doação de Gonçalo Lourenço foi em 25 de agosto de 1401, dois annos depois: pelo que se deve declarar quantos casaes possue o dito convento no logar da Louriceira, para se vir no conhecimento da distincção dos casaes, e se applicar a cada instituição o seu casal.

Como as instituições não declaram o limite e as confrontações dos casaes, será difficultoso distinguil-as; quiçá o mesmo convento não saberá mais d'elles que receber os foros cada anno, que é só o desvelo de quem deseja viver alegre para morrer triste.»

Até aqui vimos que os frades se recusavam a dar conta dos bens que tinham recebido para suffragios; e tambem que esses bens andavam, adrede talvez, misturados, para se não extremarem os que pertenciam a cada uma das capellas. E note-se que nos autos d'onde tirámos estes apontamentos se diz, que já no anno de 1573 o administrador do morgado de Villa-Verde havia feito eguaes instancias baldadamente.

Ainda vivia n'este anno o filho de Affonso de Albuquerque. Sería acaso a esta demanda que elle, tão desgostosamente, allude na verba do seu testamento, que já transcrevemos a pag. 112?

Isto, porém, é insignificante, em comparação do que depois fizeram estes mesmos frades.

Tinha o grande Affonso de Albuquerque disposto na sua ultima vontade: «Declaro que, fallecendo eu n'estas partes da India, o que Nosso Senhor por sua misericordia não permitta, por alguns justos respeitos que a isso me moveram, e por descanço de minha alma, mando que, depois de comesta a carne, os meus ossos sejam levados a Portugal, e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, onde jazem meus avós.

Quanto custou ao filho cumprir esta piedosa manda de seu pae, o declara elle no ultimo tomo dos «Commentarios», por estas palavras:

Coisa tão desejada de Affonso de Albuquerque, como era trazerem seus ossos a Portugal (como se vê por estas palavras do codicillo), descuido fôra de seu filho passarem-se cincoenta e um annos sem lhe cumprir sua vontade; mas como esta obrigação era de Pero Corrêa, e como testamenteiro era obrigado a fazel-o, fica elle desculpado. O qual Pero Corrêa por muitas vezes pediu a el-rei D. Manuel, que lhe désse licença para os mandar trazer, a qual lhe não quiz nunca dar, dizendo, que em ter os ossos de Affonso de Albuquerque em Goa tinha a India segura. Morto Pero Corrêa, ficou esta obrigação a seu filho, como seu herdeiro, que trabalhou muito com el-rei D. João o Terceiro por haver esta licença, que lhe sempre negou, pelos muitos requerimentos que teve dos moradores de Goa, e de toda a India, que lh'a não désse; e depois de seu fallecimento, governando a rainha D. Catharina nossa senhora estes reinos por el-rei D. Sebastião seu neto, tornou outra vez a este seu requerimento, e passaram-se alguns annos sem o poder acabar, que lhe foi necessario haver uma bulla do papa com grandes excommunhões aos moradores de Goa, que o não impedissem: (parece que não era ainda a hora chegada.) Havida esta licença da rainha nossa senhora, porque já ahi não havia quem na impedisse, e indo D. Antão de Noronha á India por viso-rei, que poz força com a sua auctoridade a mandal-os, chegaram ao porto de Lisboa a seis dias do mez de abril de 1566. E da nau em que vinham foram tirados e levados á casa da Misericordia, sendo Ruy Lourenço de Tavora provedor, acompanhados de muitos fidalgos, e alli estiveram alguns dias, coberta a tumba com um panno de veludo carmesim com muitos clerigos que o acompanhavam, e diziam cada dia missa por sua alma, em quanto se dava ordem a se levarem á capella-mór de Nossa Senhora da Graça, *que seu filho dotou de grossa renda para seu enterramento.*

Estando tudo prestes, um domingo dezenove dias do mez de maio foram juntos na casa da Misericordia todos os senhores e fidalgos, que havia na corte, para acompanharem estes ossos, e d'alli saíram em procissão, indo diante a bandeira da Misericordia com toda a irmandade: após ella os frades franciscos e agostinhos, e toda a cleresia da cidade, com tochas nas mãos, e no couce o cabido da Sé de uma parte, e D. Affonso Henriques Adaião del-rei com toda a capella da outra, e após elles a tumba, onde iam os ossos, que levavam os irmãos, coberta por cima com um panno grande de téla de oiro, e diante ia o provedor com sua vara na mão, e Affonso de Albuquerque seu filho de uma parte, vestido em um capuz de dó, com a cabeça descoberta, e da outra parte André de Albuquerque seu sobrinho, da mesma maneira, e detraz da tumba o duque de Aveiro, e seus filhos, e irmãos, e todos os mais senhores, e fidalgos, e prelados, que a este tempo estavam na corte. A gente do povo era tanta, que não cabia pelas ruas, e assim n'esta ordem foram caminhando em procissão, e por todas as egrejas por onde passavam se dobravam os sinos, e chegaram a Nossa Senhora da Graça, e na capella-mór estava um estrado alto de dois degraus, que quasi a tomava toda, cercada de todas as quatro partes com muitas tochas, e alcatifado de muitas alcatifas, e alli pozeram a tumba, em que os ossos iam mettidos, forrada de téla de oiro, acompanhada de muitos criados seus, vestidos todos de dó. E sobre esta tumba estavam dependuradas tres bandeiras das côres e divisas dos tres reinos, que o grande Affonso de Albuquerque ganhou aos moiros na India. Em riba d'estas bandeiras estava a bandeira real, que lhe el-rei D. Manuel entregou, como atraz fica dito, muito rôta e velha, a qual lhe foi entregue a seis dias do mez de abril do anno 1506. E havendo sessenta annos que d'aqui partíra, os ossos a tornaram a entregar no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, cheia de muitas victorias, que houve na India, debaixo d'aquelle signal da cruz, reinando el-rei D. Sebastião nosso senhor; e depois de estar tudo quieto, começou mestre fr. Sebastião Toscano sua prégação, da qual não dou rezão n'estes Commentarios, assim por não fazer grande volume, como tambem por andar impressa.

(Continúa)

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



A bananeira

Sem ser arvore, rigorosamente, porque não tem tronco nem ramos, a bananeira é a rival da palmeira. A grandeza e formosura de suas assetinadas e virentes folhas lhe grangeariam esta competencia, ainda que não désse tão saboroso fructo.

Alexandre Magno deu-se por bem pago das fadigas que lhe causou a expedição das Indias, comendo de vez uma penca de bananas, que se cultivavam já por todo o Indostão.

Plinio descreve, com o sabor de um paladar regalado pelo agridoce da banana, todas as especies principaes d'esta planta alimenticia dos brahmanes.

Pozeram os botanicos á bananeira o nome de Musa, que foi o de um naturalista romano, medico do imperador Augusto, talvez porque lhe fez alguma cura com esta planta. Os modernos botanistas acrescentaram-lhe o sobrenome de paradisiaca, como se dissessem « planta do paraiso », porque entenderam que a figueira de cujas folhas se vestiu Adão depois do peccado, segundo diz o Genesis, era a bananeira, e não a figueira commum, porque esta não tem folhas que cheguem nem para uma tanga.

Bernardim de Saint-Pierre parece adoptar a opinião de que havia bananeiras no paraiso terreal, e que o pae do genero humano talhára das folhas d'esta planta os primeiros calções, porque na *Chaumiére Indienne* se exprime elle n'estes termos:

A bananeira podia bem supprir todas as necessi-

dades alimenticias do primeiro homem. O seu fructo é o mais salutar de quantos se conhecem. Um só cacho carrega um homem. A copa ampla e não muito alta, fórma um guardasol magnifico; e as folhas de bellissimo verde, compridas, largas e assetinadas, servem para tangas ou bragas. Como são muito flexiveis, os indios usam tambem d'ellas para fazer vasos onde recolhem a agua e os comestiveis; com ellas cobrem as suas cabanas, e do talo extrahem fio para tecidos. Duas folhas de bananeira cobrem um homem da cabeça até aos pés.

Ainda mais; esta planta, que nos nossos climas não dá fructo senão passados tres annos, no seu produz em menos de um. E posto que seque o pé que fructificou, como tem em volta uns doze filhos ou rebentões, que d'elle vão nascendo successivamente, todos os mezes dá fructo.

N'outro capitulo faz tambem a seguinte apologia da banana:

« Vi na ilha de França [1] muitas bananeiras, umas anãs, outras gigantes, originarias de Madagascar, [2] cujo fructo, comprido e recurvado, alli chamam *pontas de boi*. Uma só banana dá para jantar um homem. A especie commum é unctuosa, saccarina, farinhenta, e tem um sabor mixto da pera do bom christão e da maçã raineta. A polpa tem a consistencia da manteiga fresca no inverno, de sorte que não necessita de dentes para se mastigar, e por isso serve de alimento tanto ás crianças de leite, como aos velhos desdentados. Não se lhe acha semente nem placenta, como se a natureza quizera tirar tudo o que podesse causar o mais leve obstaculo a este alimento do homem. E de todas as frutas, que eu conheço, a unica que goza de tal privilegio. Tem outros ainda, todos raros, entre elles o de não apodrecer antes de chegar á sua natural madureza; e se colhermos um cacho ainda verde, amadurece perfeitamente, conservando-se por mais de um mez. »

E com effeito a banana é para os habitantes das regiões intertropicaes, o mesmo que a batata para os das regioes temperadas. O barão de Humboldt diz, que por observação que fizera na America do sul, um hectare de terra de bananeiras produz cada anno a prodigiosa somma de 183,000 kilogrammas d'esta substancia alimenticia. Á vista d'isto tem-se já feito tentativas para conseguir que os pobres da Europa participem d'esta superabundante fertilidade da bananeira; mas ainda se não achou meio de transportar o fructo com acondicionamento e facilidade que se não damne ou sáia caro.

Ha tres especies principaes de bananeira: a bananeira gigante *(musa paradisiaca)*, communissima em todas as colonias tropicaes: a bananeira anã, ou da China *(musa sinensis)*, quasi tão fertil como as antecedentes: e a bananeira textil *(musa textilis)*, que não se deixa fructificar, nem sequer florir, porque se deve cortar em verde, para se lhe extrahir a fibra que no commercio se chama abaca, e que serve principalmente para velame dos navios.

Os viajantes europeus, quando partem das terras onde ha bananeiras, costumam fazer provimento de farinha extrahida da polpa deseccada do fructo d'esta planta, que dizem ser mui nutritiva, saudavel e gostosa.

Em Nova Granada é commum o pão de banana. Nas Antilhas e Cayena fazem uma bebida chamada vinho de bananas, de que extrahem boa aguardente. Os talos dão-se como forragem ao gado; e da medulla se fazem papas. O succo de que abunda o talo da bananeira foi analysado por Fourcroy e Vauquelin, que o capitularam por um adstringente util para moderar os fluxos de ventre.

[1] Esta ilha do mar das Indias foi descoberta pelo nosso João Pimentel, em 1519, e se chamou ilha de Cirne. Quando no tempo dos Filippes os hollandezes nol-a arrebataram, pozeram-lhe o nome de Mauricia; e os francezes, que lh'a conquistaram, chrismaram-n'a em ilha de França.

[2] É a famosa ilha que os nossos navegadores descobriram em 1506, e a que chamaram ilha de S. Lourenço, por ser descoberta no dia d'este santo.

Napel-Lachenaye descobriu nos talos da bananeira um novo producto que deve enriquecer a physiologia vegetal e a economia domestica. Cada pé de bananeira, diz elle, dá perto de oitava e meia de trachéas, cujos fios são mais compridos, mais elasticos, e mais aptos para se ligarem entre si que os das diversas especies de algodão. Portanto é possivel fabricarem-se tecidos de extrema flexibilidade, e chapeos tambem. Esta materia prima é sobre tudo excellente para torcidas, porque não formam, como as de algodão, a pevide ou morrão que diminue tanto a luz: as torcidas de fibra de bananeira não tem necessidade de ser espivitadas.

Para não citarmos só os estranhos, reservámos para o fim dar um extracto da descripção que o nosso Brotero faz da bananeira.

É este:

A bananeira é planta herbacea dos paizes quentes da Asia, Africa e America. É do tamanho de uma arvore mediana; não tem tronco propriamente tal, pois o que lhe serve de pé vem a ser um rolo de oito até dez pollegadas de diametro, composto de folhas acamadas mui congedamente umas sobre outras, mas desapegadas, a que chamam sobrecapas. Esta haste se eleva a dez ou doze pés de altura, e é tão tenra que com um só golpe de foice se póde cortar cércea.

As folhas, contando-lhe o peciolo que as sustenta, tem de seis a nove pés de comprimento, e quasi dois na maior largura: são mui lisas, e de bellissimo verde, mais carregado da parte de cima que da de baixo.

Do centro d'estas folhas sáe uma haste grossa, verde e lenhosa, dividida em nós, inclinada, e terminando n'um botão composto de folhas ou escamas espathaceas, córadas, oblongas, apinhadas umas sobre outras, d'onde sáem as flores, que dão fructo de quatro, cinco, e seis pollegadas de comprido, da feição de pepinos pequenos. São as bananas. A pelle, quando o fructo está maduro, fica da côr do oiro; o miolo é amarellado, molle, unctuoso, sem pevide nem caroço, e de sabor agridoce mui gostoso.

Nasce este fructo em fórma de cacho, formado de nove até dez divisões, verticiladas ao redor do pé commum; cada divisão consta de curtissimos esgalhos, e é composta, segundo o vigor da planta, de seis, oito e dez bananas, muito unidas. A estes esgalhos chama-se *pencas;* e ao aggregado das pencas *espádice.*

A banana é mui nutritiva, mas de difficil digestão. Comem-se cruas, assadas, e tambem cozidas em agua, ou vinho, e até fritas em manteiga. N'alguns paizes fazem pão de banana, e uma bebida assucarada, fervendo-as n'agua.

A haste d'este precioso fructo tambem serve para fazer panno, tirando-se-lhe fios mui rijos, mediante certa preparação.

A bananeira não dá fructo mais de uma vez: multiplica-se, porém, pelos filhos, que lhe nascem da raiz, e que são uma especie de gomos ou bolbos. Só no fim de um anno é que dá fructo.

Não ha no mundo alegria sem sobresalto; não ha concordia sem dissensão; não ha descanço sem trabalho; não ha riqueza sem miseria; não ha dignidade sem perigo; finalmente, não ha gosto sem desgosto.

FR. HEITOR PINTO.

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

V

(Vid. pag. 381)

Isabel estava no jardim havia meia hora, mas o negrinho encantado ainda não tinha apparecido. Decorreu uma hora, passaram mais duas, e elle, seu amigo extremoso, sem lhe saír ao encontro.

A pobre criança chamava-o com carinhosas palavras, chorando. Ninguem respondia aos seus queixumes.

Cançada e inconsolavel, retirou-se; e ao desataviar-se, viu no toucador a rosa de Alexandria que recebêra na vespera de S. João entre as de oiro e perolas. Aquella lembrança unica de tão fiel amigo perdido pela ingratidão, excitou-lhe a sensibilidade, e principiou a beijar a flor com amoraveis suspiros e entrecortados soluços.

De repente girou o espelho do toucador, e appareceu o negrinho com o rosto amofinado, e os olhos molestos do pranto.

— Ah! — exclamou Isabel entre assustada e alegre.

— A final, recordaste-te, minha Isabel, do infeliz desterrado. Vou morrer porque amas outro; e apesar do acerbo futuro que me aguarda, agradeço-te d'alma que te fiques ao meu lado na hora do passamento.

— Tu morres! Por que? Porventura não és tu o genio da noite...

— Não te disse que ha um mysterio impenetravel na minha vida e no meu ser?... Não sabes que só tu podes quebrar o sêllo do livro dos arcanos?

— Quero expiar a minha ingratidão com as lagrimas e com o sangue; não morrerás, dize-me o que hei de fazer...

— Renunciar o teu casamento.

— Que!...

— Ouve-me. D. Cesar não te ama, cega-o e allucina-o a tua formosura, porque és como o sol a cujos vivos resplendores não podem resistir olhos humanos; e se pretende casar comtigo é, além da tua belleza e mais valiosos que ella, pelos thesouros que teu pae desperdiça, e a esplendida riqueza que ostentas...

— D. Cesar é rico...

— Foi; jogador, rixoso, dado á vida licenciosa, dissipou o patrimonio que em breve irá parar com a honra ás mãos dos usurarios; tornar-te-ha desgraçada se o amares, precipitar-se-ha no crime se o aborreceres. Fallo-te sincera e francamente, a respeito do presente, e vejo o teu futuro tão claro como se em um espelho se retratasse. Aprouvéra ao ceo que D. Cesar podesse fazer-te a mais ditosa da terra, e eu morreria contente entre os maiores supplicios; mas...

— Aterram-me os teus prognosticos!... Meu pae resume o seu orgulho em tão illustre genro!... Parece-me que te illudem os infundados zelos que alimentas, porque D. Cesar de Toledo não é tão mau como o descreves; pelo contrario, uma condessa, senhora idosa e de experiencia, dizia-me hontem que os galanteadores e peralvilhos eram os melhores maridos.

— Consentes em uma prova?... É terrivel, mas póde fazer-nos tão venturosos!... Salvar-me-hias a vida, sorriria-me o futuro, e conheceriamos a verdade dos sentimentos do teu amante.

— Dize-me o que intentas fazer.

— É impossivel! Não sabes que um terrivel mysterio me cerca, e não posso ter communicação alguma com o mundo?

— Eu...

— Sim; és um anjo... porém talvez não poderias deixar de o revelar: perdoa-me esta desconfiança. Não tens fé em mim?

— Consinto, e espero vencer-te.

— Quantas amarguras te ha de custar essa esperança!

— É cruel conceder-te licença ás cegas...

O negrinho não respondeu. Entrára a manhã sem que d'isso se percebessem os dois, e ao dardejar o primeiro raio do sol no quarto, o espelho girou de novo, e por detraz d'elle desappareceu o encantado; ficando tudo como d'antes.

O dia que principiava devia concluir-se com a boda de Isabel; tinham-se feito sumptuosos preparativos, e a cidade inteira fallava d'aquella festa. As galas e joias da noiva sobrepujavam qualquer encarecimento, e o adorno da casa, convertida em palacio, fizera-se duplicadamente magnifico.

Isabel estava triste, e ouvia distrahida a D. Cesar, que levava em si, nas galas, os ultimos restos do seu credito.

Chegou a final o momento, retirou-se o noivo para voltar com as testimunhas; saíram as outras pessoas a prepararem-se para a ceremonia, e ficaram sós Pero Antunez e sua filha.

VI

Soava a ultima badalada das trindades, quando D. Cesar de Toledo, acompanhado de seus amigos, subia a rua de Gomeres. Chegando á casa da sua amada quiz entrar, mas dando o primeiro passo, como que hesitou e retrocedeu para examinar a frontaria. Tudo estava mudado. D. Cesar e seus amigos olharam-se attonitos, e duvidaram da propria existencia. Sería aquella a casa que duas horas antes haviam deixado transformada em sumptuoso palacio? Não podia confundir-se com outra, porque occupava o extremo da rua. Existia a casa, mas pobre, desconcertada, quasi em ruinas, como o doutor Graciano a deixára em herança aos forasteiros.

Decidiram-se por fim a entrar os cavalheiros, chamaram ao acaso, porque nem luz havia onde momentos antes brilhavam custosas lampadas venezianas. A propria Isabel veiu abrir-lhes a porta.

Subiram, e encontraram-se aquelles senhores em uma sala das dimensões da antiga. Os tapetes flamengos, os cortinados de veludo e oiro, as alfaias, os tamboretes, os candelabros de prata mexicana, os espelhos colossaes, as lampadas de agatha, os diversos e notaveis quadros, haviam desapparecido das paredes, deixando-as ennegrecidas pelo fornilho do ecclesiastico alchimista.

Pero Antunez estava sentado com ar tristonho n'um dos degraus da escada que dava para o observatorio, vestido como antigamente. Isabel, tambem em vez de matrimoniaes galas, vestia o trajo modesto que lhe criticaram as visinhas na tarde da vespera de S. João: sáia de panno verde, roupinhas do mesmo, camisa fina, branca, engommada, pregada, o collo guarnecido de cabeção carmesim, gargantilha de pedras moiriscas, e as tranças apanhadas com fios de prata. Mais formosa parecia a alguns com aquelle trajo plebeu.

Ninguem se atrevia a fallar. D. Cesar, a final, cobrindo-se e pondo a mão na espada, com enfadamento disse:

— Que zombaria é esta, e quem são vocês que tanto se parecem com o senhor Antunez e sua filha Isabel?

— Não ha aqui escarneo senão infortunios, senhor D. Cesar de Toledo; ordenae a esses cavalheiros que

se retirem, e escutae-me por alguns instantes. Sou o mesmo Pero Antunez de ha duas horas.

— A todos nos deveis satisfação, e elles hão de ouvil-a, porque deviam ser testimunhas da minha boda.

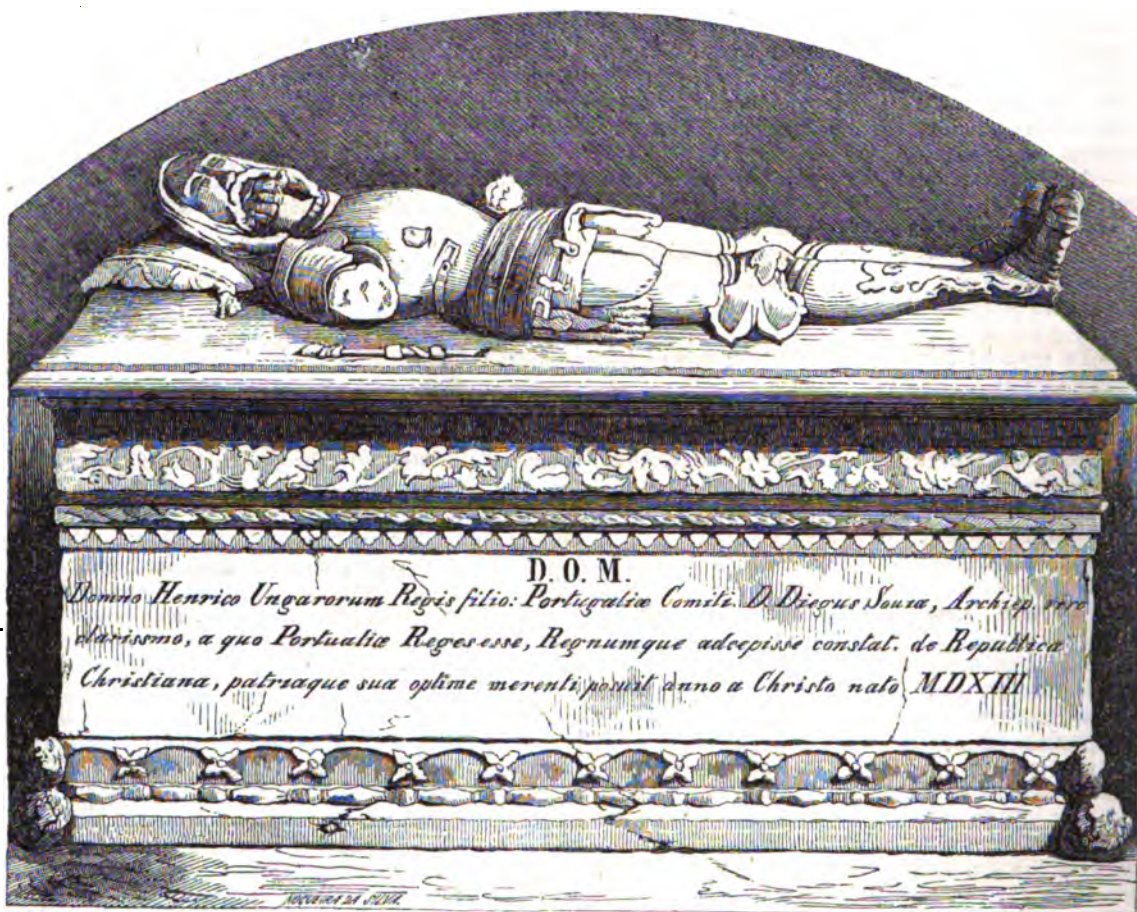
— Como for do seu agrado.

E em succintas palavras contou o forasteiro a sua historia ao noivo despeitado; a sua chegada, a herança e acquisição do açafate inesgotavel, deixando de fallar nas ultimas vistas de sua filha com o negrinho, por não haverem chegado ao conhecimento de Pero Antunez. Referiu-lhe como de subito se dissipára em fumo o adquirido, e até víra mudar o seu vestuario. Coisa grave tambem era que, no meio da transformação geral, desapparecêra o açafate prodigioso.

— Em fim, senhor D. Cesar, — rematou Antunez, — o senhor é rico; Isabel nada perdeu em belleza; por esta circunstancia e pelos dotes relevantes da sua alma, estimastel-a; celebremos, pois, secretamente o consorcio...

— A pobreza embruteceu-vos, senhor rustico; julgaes que com a graça e discrição poderei pagar as minhas dividas? Demais, a illustre linhagem dos Toledos envilecer-se-hia descendo até um desprezivel mendigo.

Assim respondeu com insolente modo D. Cesar,



Tumulo do conde D. Henrique

que nada comprehendia senão a pobreza real da sua futura, com o que todo o seu amor se havia congelado.

— Não a amastes com tamanho encarecimento? Porventura não sabieis já a humildade do seu berço?

— Não comprehendo o que se passa aqui; mas de qualquer modo zombam de mim, e retiro-me para não calcar os foros d'esta miseravel pocilga.

As testimunhas desataram a rir estrepitosamente, vendo o estupido assombro de Pero Antunez, e o noivo, enfadado, tomou, a passo largo, o caminho da escada.

Isabel estava no primeiro patamar, pallida e lacrimosa, e os que d'antes a respeitavam dirigiram-lhe mil bernardices, onde se não guardavam os preceitos da decencia.

— O habito não faz o monge, — disse seu pae; — tem razão, e a benção não é essencial para o matrimonio.

— Bravo! Saiu-se retrucadora!

— Foi pena que o açafate desapparecesse!

— Com esses trajos de plebea podias ser a mais formosa das amantes; — e dizendo isto, D. Cesar ousou apertar-lhe a mão, e pretendia beijar-lh'a; Isabel repelliu-o com violencia, e retirou-se para o interior da casa.

A pobre menina, depois de tal desengano, comprehendeu a verdade das palavras do negrinho, o terrivel da provação, a sua tristeza e amargura; então adivinhou que a amizade do amigo encantado era verdadeira.

Pero Antunez quiz que saissem de Granada no mesmo instante, porque não poderiam resistir aos sarcasmos de todos, ao vel-os em tão deploravel estado.

Isabel queria antes d'isso fallar com o negrinho.

Em vão foi esperar uma, duas, tres noites, o negrinho não appareceu, e inutilmente correram as lagrimas da infeliz.

Os nossos forasteiros venderam a propriedade, cuja transformação servia de alimento á curiosidade publica, e com ella todos os limitados haveres do doutor Graciano, e saíram de Granada para a sua terra.

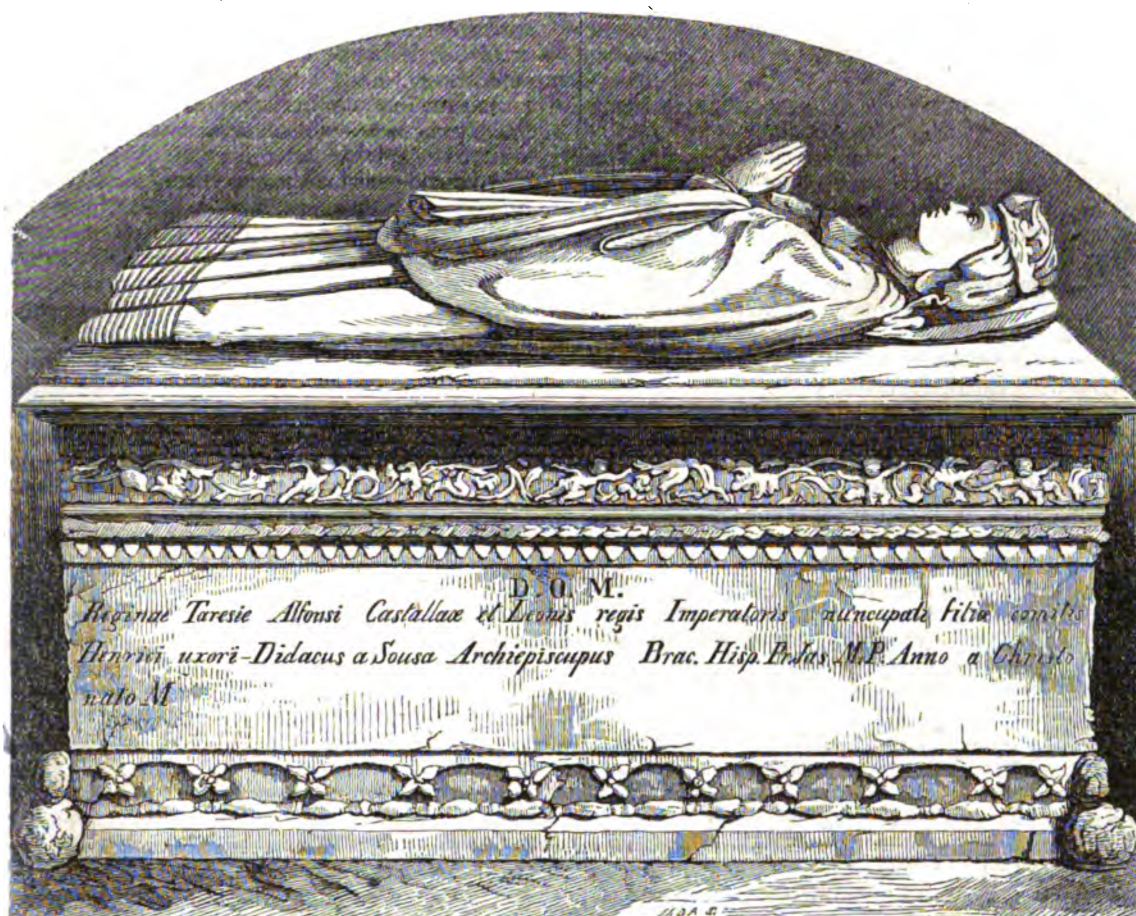
Vão com a benção de Deus, pae e filha, que em quanto elles caminham, narraremos nós o que fez D. Cesar de Toledo.

(Continúa)

OS TUMULOS DO CONDE D. HENRIQUE E DA RAINHA D. THERESA

Poucos monumentos conserva Portugal dos primeiros tempos da monarchia. Muitos d'elles aluiram-se e perderam-se no meio das convulsões do solo. Alguns, caducando precocemente por defeito e mesquinhez de construcção, desappareceram, cedendo o logar a novas edificações. Outros, querendo os reedificadores amparal-os e conserval-os, foram por tal modo mascarados e deturpados, que difficilmente deixam ajuizar das suas feições primitivas.

Todavia alguns existem, que conservam o typo



Tumulo da rainha D. Theresa

genuino da architectura que presidiu á sua fundação, ou pelo menos bastantes indicios da sua originalidade.

Quem olhar superficialmente para estes edificios, tão modestos e singelos, não vê n'elles mais que duas revelações do passado: a infancia da arte, e a pobreza do paiz n'essas eras remotas. Porém se quizerem contemplal-os com olhos de meditação e philosophia, verão tambem n'elles retratadas a simplicidade dos costumes, e a modestia e frugalidade do viver das gerações que os levantaram.

Nas sepulturas avultam por egual modo, se não mais distinctas, essas qualidades verdadeiramente christãs, caracteristicas da sociedade portugueza nos principios da monarchia.

Em quanto o feudalismo procurava em toda a Europa perpetuar o seu orgulho e vaidade além da morte na grandeza e magnificencia dos tumulos, uma simples loisa cobria de ordinario, em o nosso paiz, os restos mortaes dos que em vida tinham sido grandes e poderosos. Modestos e singelos em qnanto vivos só ambicionavam na morte repouso eterno para a alma, e sepultura humilde para o corpo. Mesmo aquelles que se sentiram aguilhoados pela ambição e pelo orgulho, buscavam na hora derradeira apagar a memoria de taes vicios sob a humildade de uma pobre campa.

O conde D. Henrique, e a rainha D. Theresa sua esposa, já illustres por sua regia ascendencia, e illustrissimos como glorioso tronco d'onde brotaram tantos reis, principes, e princezas, que honraram o solio portuguez, e que brilharam sobre os mais esplendidos thronos da Europa, tiveram por unico abrigo na estancia da morte duas toscas lages de

granito, e por unica divisa alguns caracteres mal gravados, que indicavam estarem alli enterrados os paes do primeiro rei de Portugal. Os mausoleus, que hoje encerram as suas cinzas, só ao cabo de 4 seculos foram construidos.

E o fundador da monarchia, cujo diadema se ornou com os loiros de cem batalhas; e o seu inclito herdeiro, que juntou ás glorias de conquistador o honroso epitheto de *povoador* e *pacificador*, jazeram por largos annos em sepulturas razas, sem outro signal que as differençasse da do mais infimo dos seus vassallos, além dos laconicos epitaphios. Só passados mais de tres seculos é que se fabricou morada digna de tão grandes vultos historicos.

No seculo XIV é que principiou a introduzir-se algum luxo na construcção dos tumulos. Até então não passavam de uma arca de pedra inteiramente lisa, ou adornada de ligeiras esculpturas, e quando muito com uma estatua grosseiramente esculpida sobre a tampa.

Os primeiros mausoleus que se erigiram n'este paiz, mais grandiosos por suas proporções, e mais ricos d'arte, foram, segundo cremos, o del-rei D. Diniz, que está em uma capella junto da egreja das freiras de Odivellas; o de sua esposa, a rainha Santa Isabel, que existe no coro de baixo da egreja das freiras de Santa Clara, de Coimbra; e o do arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, o qual se acha na egreja velha da Misericordia, contigua á sé primaz.

Aquelle mesmo seculo viu levantar no templo d'Alcobaça os soberbos tumulos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro; e em S. Francisco de Santarem o del-rei D. Fernando, todo coberto de engraçados e delicados relevos.

Pertencem ao seculo XV, a sumptuosa *capella do fundador* na Batalha, com os sepulchros de D. João I e de seus filhos; o tumulo de D. Pedro de Menezes, conde de Vianna, e primeiro governador de Ceuta, na egreja da Graça em Santarem; e o de seu filho, D. Duarte de Menezes, tambem conde de Vianna, em S. Francisco da mesma villa, ambos riquissimos, e sobresaindo pela variedade e belleza dos lavores, e pela maior perfeição da esculptura.

Do seculo XVI mencionaremos apenas dois mausoleus, que se extremam d'entre todos os monumentos sepulchraes do nosso paiz pela sua magnificencia verdadeiramente real. São os tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I, na capella-mór da egreja de Santa Cruz de Coimbra, mandados fazer por el-rei D. Manuel.

Vê-se n'este abbreviadissimo quadro, como no decurso de tres a quatro seculos, a simplicidade dos costumes se foi corrompendo pelo luxo, e como a humildade christã degenerou na vaidade pagã.

Estas nossas considerações contrastam, porém, singularmente com os dois monumentos, cujo desenho acompanha este artigo. Erguidos em honra de dois personagens tão importantes na historia portugueza; fabricados no seculo a que melhor quadra o titulo de *edade d'oiro de Portugal*; seculo que se distinguiu entre nós pela florescencia das artes, e pela grandeza e riqueza das edificações; mandados fazer pelo arcebispo de Braga D. Diogo de Souza, que deixou bem assignalada a sua munificencia e alteza d'animo na reedificação da capella-mór da sé; desdizem das cinzas, que em si guardam, da epocha que os viu levantar, e do prelado que os mandou construir.

São de granito, e acanhados nas suas proporções, pois que não chegam a ter cinco palmos de altura, com pouco mais de sete de comprido. As estatuas são pequenas, e a esculptura grosseira. A qualidade da pedra não consentia ao cinzel maior perfeição. A estatua do conde está vestida de armas brancas, e acha-se mutilada. A da rainha, trajada de tunica e capa, e com a fronte cingida por uma coroa real, está menos destruida.

No epitaphio do conde caíu o arcebispo em grande erro (o que se póde ver na respectiva estampa), chamando-lhe filho do rei de Hungria. Foi um erro bebido na chronica de Duarte Galvão, a qual appareceu á luz por aquelle tempo. O conde D. Henrique era filho de Henrique de Borgonha, neto de Roberto I, duque de Borgonha, bisneto de Roberto II, o Devoto, rei de França, e terceiro neto de Hugo Capeto rei do mesmo paiz, e chefe da dynastia que do seu nome se intitulou *capéta*, a qual reinou em França desde o anno 987 até á revolução de 1848, que expulsou do throno a Luiz Filippe.

Parece que nasceu o conde D. Henrique no anno de 1035. Passando a militar na Hespanha contra os moiros, desposou-se pelos annos 1093 com D. Theresa, filha de D. Affonso VI, rei de Leão e Castella, que lhe deu em dote Portugal. Não se sabe ao certo o anno em que entrou a governar este paiz. Dividem-se as opiniões pelos annos de 1094 a 1096. Falleceu na cidade de Astorga no 1.º de Novembro de 1112, d'onde foi logo transportado por seu filho D. Affonso Henriques para a sé de Braga, que elle proprio á hora da morte designára para seu jazigo. Foi enterrado em uma capella da mesma sé, mas separada da egreja, e conhecida mais tarde pelo nome de *capella do arcebispo D. Lourenço*, por se achar n'ella o tumulo que encerra o corpo incorrupto d'este prelado, que militou valorosamente, e foi ferido na batalha d'Aljubarrota ao lado do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

D. Theresa, que segundo o uso do seu tempo tomou o titulo de rainha como filha de rei, morreu no 1.º de Novembro de 1130, e foi sepultada na mesma capella.

Em 1513, foram trasladados os seus ossos e os do conde para a capella-mór da sé. Porém ambos os despojos mortaes foram lançados, não sabemos por que razão, no tumulo destinado para o conde D. Henrique.

Talvez que isto succedesse por não estar concluido o mausoléo da rainha D. Teresa, e o arcebispo D. Diogo de Souza ter pressa de fazer a trasladação, contando depois proceder á separação e mudança dos ossos da rainha.

Entretanto o que é fóra de duvida, é que os dois tumulos são obra de D. Diogo de Souza, e que movendo-se questão em 1598 ácerca do logar, onde jazia D. Theresa, visto achar-se vasio o tumulo, que para ella fôra erguido na capella-mór, D. Fr. Agostinho de Castro, então arcebispo de Braga, mandou abrir o sepulchro do conde D. Henrique, assistindo a este acto com os seus conegos, e outras pessoas convidadas, e n'elle se encontraram os ossos dos dois esposos, envoltos em damasco amarello. Separados os da rainha por varios cirurgiões para esse fim convocados, foram depositados no outro tumulo. Celebrou-se esta ceremonia no dia 28 de Novembro do referido anno de 1598.

Estão collocados os tumulos aos lados do altar-mór: o do conde D. Henrique da parte do evangelho, e o da rainha D. Theresa da parte da epistola. Mas é tão apertado o logar, que apesar da pequenez dos monumentos, foi mister para alli se accommodarem cavar um pouco as paredes lateraes da capella-mór.

Parece, ás vezes, que a sorte adversa persegue os individuos ainda além da tumba. Só d'este modo se explicará a contradicção que acima notámos; e o estado de deterioração de dois mausoléos, que não contam bem tres seculos e meio, e que sempre estiveram em um logar tão honorifico e reservado co-

mo é a capella-mór de uma sé; e a circunstancia de se acharem ambos occultos debaixo de duas credencias.

J. DE VILHENA BARBOSA.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 383)

VI

Por esta declaração authentica do filho, sabemos que elle tinha dado *grossa renda* aos frades da Graça, para que o jazigo de seu pae, o grande Affonso de Albuquerque, fosse na *capella-mór* d'aquella sumptuosa egreja. A segunda edição dos «Commentarios» tem a data de 1576, dez annos depois da chegada dos ossos vindos de Goa.

Ora em 1556 tinha-se começado a reedificar a egreja da Graça, *porque a antiga, tendo já 285 annos, as paredes se mostravam cançadas de sustentar o peso da abobada*, segundo se exprime o jesuita que, em 1704, deu ampla descripção d'este novo templo, obra que se conserva inedita na sala dos manuscriptos da bibliotheca nacional de Lisboa, com a marcação A. 3. 21.

Foi naturalmente por esta occasião que o filho de Affonso de Albuquerque contratou com os frades, dando-lhes *grossa renda*, para que a capella-mór ficasse sendo a jazida de seu pae.

Acceitaram os frades a offerta, isto é, fizeram venda da capella-mór para tão honrada sepultura: mas depois «roeram-lhe a corda» (tolere-se-nos o rifão, que é bem cabido em boccas tão famintas). Quando o filho de Albuquerque morreu, que foi em 1580, durava ainda o pleito que os frades lhe haviam proposto, para que lhes largasse a capella-mór da Graça, como elle proprio o declara nas seguintes palavras do testamento com que falleceu: *E porque trago demanda com os ditos padres sobre lhe largar a dita capella, etc.*

Tratámos de indagar onde paravam os autos d'esta demanda, que deviam ser curiosos, pois nos dariam razão dos motivos por que os frades queriam rescindir um contrato que lhes dava tanta nomeada e gloria ao seu novo templo, qual a de ser deposito de tão honradas cinzas. Os autos, porém, segundo todas as presumpções foram dos que ficaram sepultados nas ruinas do terremoto de 1755, ou talvez os frades os queimassem, para que a posteridade não tivesse noticia de tão escandalosa rescisão.

Vendo nós, porém, que o citado codice da bibliotheca dizia que os frades haviam vendido a capella-mór para jazigo de D. Diogo de Menezes, primeiro conde da Ericeira, fomos ao cartorio das capellas e jazigos, que se conserva no hospital de S. José, e ahi, no liv. 1. n. 163 do extincto da Graça, achámos, com effeito, alguma coisa a este respeito, sob o titulo de: Capella de D. Diogo de Menezes, da casa dos condes da Ericeira. Contém o traslado de varios documentos e transacções com os herdeiros do instituidor da capella sobre o rendimento applicado para diversos suffragios, e, entre elles, um alvará de el-rei D. João IV, datado de 19 de maio de 1644 permittindo aos religiosos do mosteiro da Graça possuirem para sempre 500$000 réis de juro n'um padrão, *em logar dos bens de raiz que possuiam em terras jugadeiras, pelo contrato feito com Affonso de Albuquerque, pela capella-mór da egreja do dito mosteiro, contrato que está desfeito por sentença contra os herdeiros do dito Affonso de Albuquerque;* e isto para que tenha effeito no contrato que os frades fizeram com os testamenteiros do conde da Ericeira, sobre a mesma capella.»

Este, além dos 500$000 réis, de juro annual, que deu ao convento, pela capella-mór que tinha comprado o filho de Affonso de Albuquerque para perpetuo jazigo de seu pae, deu mais duas tapeçarias, tudo com a obrigação de tres missas quotidianas e dois anniversarios.

Aqui está, pois, sabido o exito da demanda que os frades intentaram contra o filho de Affonso de Albuquerque. Houve outro defuncto que deixou mais, e por isso os ossos do fundador do imperio portuguez da India foram deitados para um canto, e depois sumidos, perdidos para sempre!

O piedoso filho, vendo a má vontade dos gracianos, e prevendo já que perdia a demanda que haviam intentado contra elle, tratou, em vida, de edificar á sua custa um templo, em que para sempre jazessem descançadas as cinzas d'aquelle que em vida tinha feito já a muitos comerem-se de inveja.

Eis o que lemos no seu testamento:

Digo e declaro, que por minha propria vontade, sem meu pae o mandar em seu testamento, como d'elle se verá, determinei tomar *para sepultura de seus ossos;* minha e de minha mulher, *a capella mór* de Nossa Senhora da Graça, da ordem de S. Agostinho, para o que *tinha feito contrato* com os padres do dito mosteiro, no *qual lhes dotei certa fazenda* com certas obrigações. E por os ditos padres *não cumprirem* commigo como eram obrigados, e *pelo que em minha vida vi e entendi*, que pois *faltavam* na vida, sendo presente, muito mais faltariam depois da morte; por a experiencia que d'isso alcancei, e por outros justos respeitos que me a isso levaram, mando:

Que sendo caso que antes da minha morte não tenha mandado as ossadas de meu pae, mulher e filha, á egreja de S. Simão, que mandei fazer á minha custa, em Azeitão, que logo as façam mandar para a dita egreja, conforme a declaração do livro que d'isso tenho feito B.or da Matta.

E porque *trago demanda com os ditos padres, sobre lhe largar a dita capella etc.* (Manuscripto da bibliotheca nacional de Lisboa).

D'aqui se vê que os frades, assim como tinham renhido sobre a conta que eram obrigados a dar do rendimento dos bens que haviam recebido para suffragar as almas dos ascendentes de Affonso de Albuquerque, tambem agora se mostravam arrependidos de terem concedido a sua capella mór para jazigo de tão gloriosas cinzas, a ponto de obrigarem o bom filho de tal heroe, a edificar um templo especialmente destinado para sepultura de seu pae, como de feito edificou á sua custa na villa de Azeitão.

Mas foram para alli transferidos effectivamente os ossos do grande conquistador da India?

O padre Luiz Cardoso, que tantas noticias recolheu para o seu excellente *Diccionario Geographico*, formando para a composição d'elle uma serie de interrogatorios que por ordem superior foram remettidos a todas as auctoridades civis e religiosas, fallando da referida egreja de S. Simão, e citando até documentos do cartorio diz: «Para esta egreja determinou seu fundador trasladar os ossos de seu pae, da capella-mór de Nossa Senhora da Graça dos religiosos eremitas de S. Agostinho da cidade de Lisboa, *o que até agora* (1745) *se não fez*. (T. I pag. 734.)

É evidente, pois, que os restos mortaes de Affonso de Albuquerque ficaram na Graça. Mas esquecidos, desprezados, sem monumento, sem lapide, e talvez sumidos de proposito pelos frades, como nos inculcam os seguintes documentos!

Como o chronista dos gracianos, fr. Antonio da Purificação, fazendo ampla descripção das sepulturas de pessoas notaveis que havia no convento de Lisboa, nem sequer faz menção de Affonso de Albuquerque; tão pouco diz uma palavra ao menos, o padre Antonio de Carvalho na descripção que faz da egreja da Graça, na sua *Chorographia Portugueza*, tratámos de indagar em que paragem da egreja estavam, ou tinham estado estes ossos, com cuja posse, e por cuja virtude, os portuguezes da India contavam nunca perder um palmo de terra por elle conquistado.

Ninguem nos soube dizer; nenhum dos egressos que ainda hoje vivem d'aquella extincta ordem tinha sequer ouvido fallar em tal n'aquelle convento, nem uma inscripção, uma letra, uma cruz, nada!

Que vergonha, e que ingratidão esta, da patria que tal homem engrandeceu como poucos...

E todavia temos um documento que prova haverem estado os ossos do grande capitão soterrados na capella-mór da Graça. É o codice C. 5. 13. da sala dos manuscriptos da bibliotheca nacional de Lisboa que tem por titulo: *Nobiliario de varias familias de Portugal*, que não só por ter sido cotejado com o nobiliario feito pelo arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha em 1631, como dizem as annotações marginaes, mas pelo caracter da letra, mostra ser d'aquelle tempo, e é autographo. Ahi, no titulo dos *Gomides Albuquerques*, se diz que o grande Affonso de Albuquerque está enterrado na capella-mór de Nossa Senhora da Graça, de Lisboa, e sobre a sepultura tem as bandeiras que tomou aos reis moiros, e um letreiro que diz: *Aqui está o grande Affonso de Albuquerque.*

Para onde levaram os frades este singelo epitaphio, e as bandeiras moiriscas?

Nenhum dos impressos posteriores fallam em similhante epitaphio n'aquelle convento; nem o chronista da ordem, aliás um chapado mentiroso, [1] posto que escrevesse a chronica ao tempo que concluiu o citado nobiliario. Vê-se que havia mancommunação com os frades para se não fallar em tal. O jesuita que escreveu o livro que já citamos, guardou o mesmo silencio.

Procurámos em differentes estações publicas os papeis que d'aquelle convento haviam saído, e só na repartição de fazenda do districto de Lisboa, achámos o livro de registo das missas que os frades da Graça tinham obrigação de dizer por alma de seus bemfeitores, e ahi, entre uma longa serie de defunctos obscuros, achámos o seguinte, a fol. 302:

«Affonso de Albuquerque. — Por sentença do provedor das capellas, tem este defuncto n'esta casa uma missa quotidiana, sómente, a qual pela dita sentença paga o administrador conforme ao ordinario em que se monta cada anno dezoito mil trezentos réis. É hoje administradora d'esta capella D. Luzia de Menezes, mulher que foi de Lourenço de Souza, aposentador.»

Começa o assento das missas em 1623, e termina em 1732. Tem uma cota á margem de letra d'esta epocha que diz: O conde de Santiago paga esta capella, e dá 43$560 réis. A folha em que isto está escripto, apesar de ter ainda grande espaço em branco, não diz mais nada.

Fomos em busca dos successores da casa de Santiago, e soubemos que era actualmente a de Pombal.

O excellentissimo marquez d'este titulo nos disse, que parte dos vinculos do conde de Santiago se achavam encorporados nos da sua casa, por successão que seus ascendentes haviam recebido da do conde de Sarzedas. Que era elle que pagava os suffragios por alma de Affonso de Albuquerque, ao hospital de S. José, depois da extincção do convento da Graça.

Dignou-se este nosso illustrado fidalgo mostrar-nos todos os papeis que no seu cartorio tem a tal respeito; e entre elles achámos a verba do testamento do grande Albuquerque [1], feita em 1506, na qual institue um legado perpetuo na egreja da Graça, para n'ella se dizer missa quotidiana por alma de seu pae, de sua mãe, e d'elle, determinando que esta missa (formaes palavras) *se diga no altar da capella do capitulo aonde jaz meu pae e meu bisavô*. Para isto deixa onerados os bens livres que possuia em Alhos Vedros, Atouguia e Alhandra.

Tem esta verba disposições mui notaveis, entre outras, a de recommendar o testador, que não quer a missa dita por nenhum frade, sim *por um clerigo de bom viver*, ao qual manda se dêem seis mil reis cada anno, para elle e para a candeia com que disser a missa; e mais mil e duzentos para um moço que o sirva.

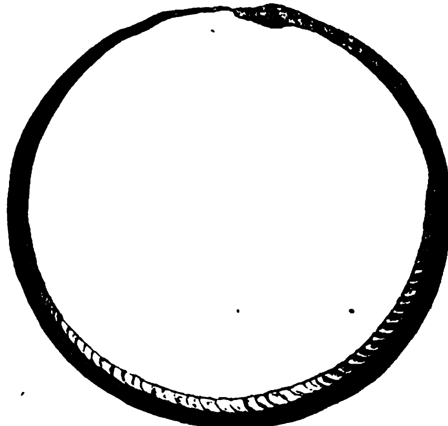
E para que o seu capellão não usasse de coisa alguma pertencente aos frades, ordenou que se comprasse uma vestimenta de seda, e um calix de prata para dizer esta missa, e que tudo estivesse fechado n'uma arca, na capella ou na sacristia. Prevendo que os frades se haviam de escandalisar com tão affrontosa recommendação, dispoz Affonso de Albuquerque o seguinte: Não consentindo n'isto os frades nem querendo que se diga a dita missa, cantase em Santo Eloy, indo o clerigo de fóra como tenho dito, com tudo que necessario for.»

Aqui esta pois explicada a raiva que os frades da Graça tiveram sempre á familia dos Albuquerques, e a razão por que commetteram a infamia, não só de lhe venderem o jazigo, mas de lhe sumirem os ossos, aquelles ossos que tantos trabalhos e dispendios custaram a seu filho, a ponto de ser necessario conseguir uma bulla do papa, com excommunhão maior, para todos os que na India se oppozessem á sua trasladação para Portugal.

Para terminarmos esta digressão, resta-nos ainda adduzir alguns factos, que nos parecem demonstrar que os frades da Graça sumiram, ácintamente, os ossos de Affonso de Albuquerque.

Vêl-o-hemos no numero seguinte.

ENIGMA



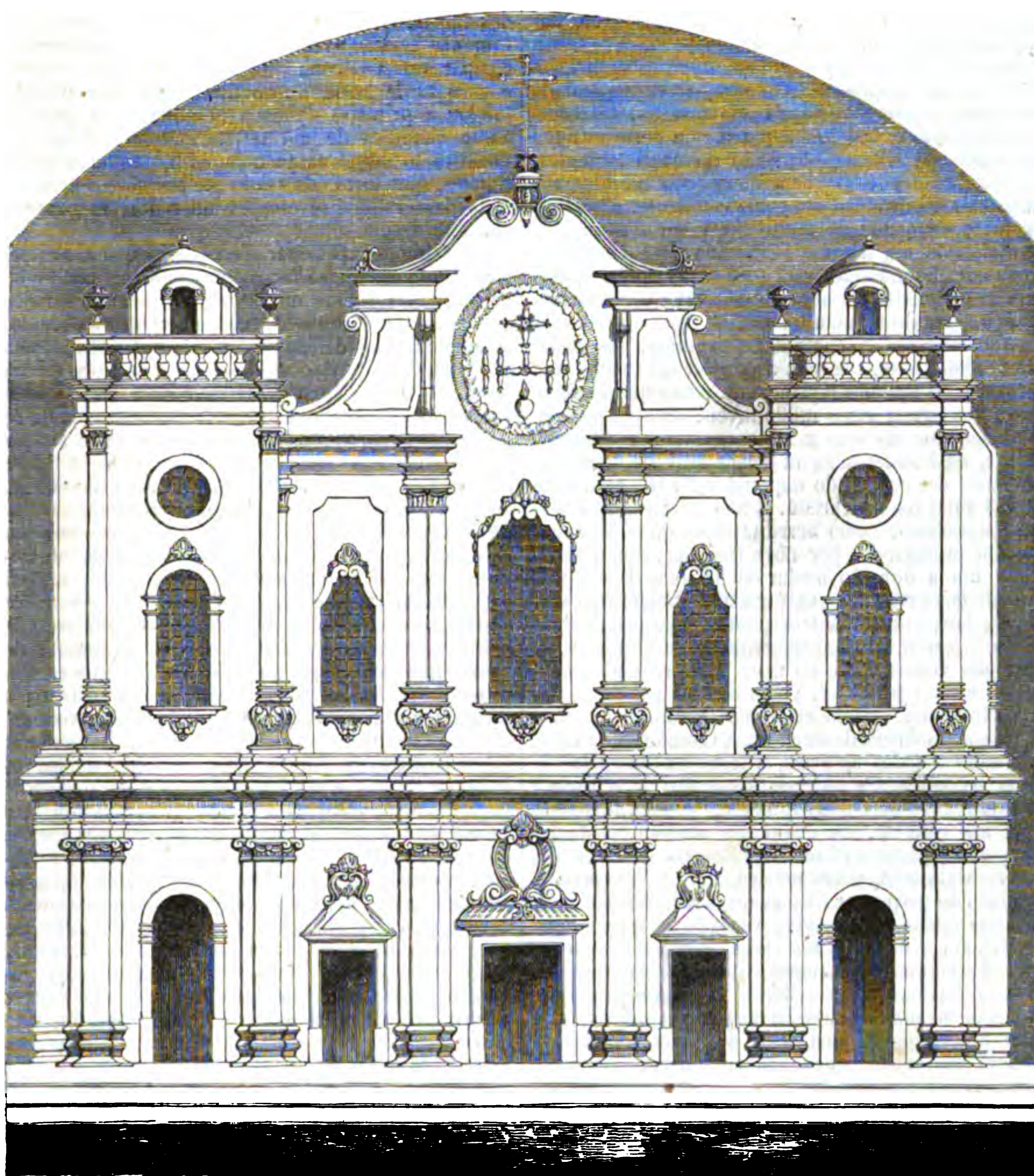
Explicação do enigma do numero 46

A linha recta é o mais curto espaço entre dois pontos

[1] Veja-se o que diz a este respeito o nosso collaborador Innocencio Francisco da Silva no t. I pag. 242 do Dicc. Bibl.

[1] D'este precioso documento, que se julgava perdido, conseguimos achar uma verba importante.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampayo.



Sé de Pekin, edificada pelos missionarios portuguezes em 1650 — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho

Se a tomada da capital do imperio da China, pelas armas da França e da Inglaterra, foi o successo mais notavel do anno 1860, Portugal tem o seu nome associado a este grande feito, porque a sumptuosa egreja onde se cantou o «Te Deum» por esta victoria, é edificação dos seus missionarios, e conta mais de dois seculos.

Vendo nós que em tantos escriptos e estampas, que se tem publicado depois da tomada de Pekin, se não fazia menção de tal gloria portugueza, d'este monumento perduravel do nosso antigo predominio em toda a Asia, antes alguem ousava attribuir a edificação da cathedral de Pekin a missionarios francezes, tratámos não só de colligir os documentos que provam ser esta egreja, denominada de S. José, obra dos missionarios jesuitas portuguezes, feita para sé e residencia dos nossos bispos de Pekin, mas de averiguar se existiria o desenho e plano que d'ella enviára para Portugal o bispo D. Fr. Alexandre de Gouvêa, em 1785, segundo tinhamos lido n'uma carta d'este prelado escripta a fr. Vicente Salgado, e que se acha n'um dos volumes manuscriptos d'este erudito religioso da ordem terceira, conservados na bibliotheca da academia real das sciencias.

Felizmente o encontrámos na bibliotheca da Marinha, com todos os visos de ser o mesmo. D'esse

desenho copiámos a gravura que hoje apresentâmos, e que será seguida de todas as noticias que podermos haver ácerca da missão portugueza em Pekin.

Antes, porém, de fallarmos d'esta fundação, e da nossa primeira entrada na capital da China, por mandado del-rei D. Manuel, em 1516, convem dar algumas noções de tão mysterioso povo.

Na epocha actual, em que as attenções se dirigem para o celeste imperio, não nos parece mal cabido dar uma rapida noticia da sua historia, tal como nol-a apresenta Old-Nick, que tão de perto estudou as coisas da China. Cirurgião do exercito inglez, conseguiu, depois de bem amestrado na lingua e usos chins, introduzir-se, como estudante, n'um collegio; para o que de muito lhe valeu a amizade e gratidão de um mandarim, a cuja filha curára da cegueira, fazendo-lhe, com toda a pericia, a operação da cataracta. Da obra d'este auctor é que formámos o seguinte resumo historico.

Não fallando da chronologia fabulosa, dos cyclos de 18:000 annos, dos reis da terra, dos reis do ceo, nem d'essas epochas mysteriosas, sobre que nenhum povo conservou luzes indubitaveis, occupar-nos-hemos sómente do que a recta razão póde admittir, isto é, da historia mais ou menos provada do celeste imperio, começando do imperador Fo-Hi, e do anno 2:953 antes da era christã. E não se estranhe o nosso scepticismo; como acreditaremos que 750 annos fossem preenchidos por nove reinados, tendo assim cada um a duração media de 83 annos! Todavia, apesar dos erros palpaveis em que abunda esta tradição, suspeita em outros pontos, não póde deixar de se acceitar como imagem dos costumes antigos: por ella vemos o povo chinez, que, segundo a hypothese mais plausivel, vinha dos plainos da Tartaria Mongolica, estabelecido no territorio que hoje fórma a provincia de Shen-Si, e, vivendo só da caça, estranho a todas as artes, a todos os commodos da vida civilisada. Os progressos que fez em sciencia e riqueza deve-os exclusivamente, se admittirmos o que nos referem, ao genio dos chefes, constantemente occupados no bem estar dos seus subditos. Um faz-se architecto, outro musico, um terceiro inventa o modo de perpetuar as memorias historias por meio de nós dados em cordões, verdadeiros *quipos*, que serviram de escripta aos chins, como aos peruvianos. Em summa, cada reinado traz seu descobrimento, e leva a palma ao precedente; o progresso não pára, não afrouxa, nem se transvia. É verdade (mas isto faz imaginar uma serie de factos contrária á ordem das coisas) que a monarchia era electiva, e quasi sempre conferida ao primeiro ministro do imperador fallecido.

Por esta fórma succedeu Fo-Hi a Soui-Jin-Tchi. Não só colonisou o Ho-Nan e o Shan-Tung, mas arroteou os matos, ensinou aos seus povos o uso do ferro, e a criação dos animaes domesticos; em fim, transformou tribus caçadoras e guerreiras em nação agricola e pastoril. Para remate de beneficios, conferiu honras ao matrimonio.

Chin-Nong, que reinou depois d'este, construiu o primeiro arado, estabeleceu os primeiros mercados de permutação, e foi habil medico.

Tornando-se Chin-Nong velho e idiota, foi desthronado por Hoang-Ti, a quem se attribue a invenção dos pesos e medidas, os principios de arithmetica, os carros, pontes, as habitações de tijolo, as leis sumptuarias que regulavam o modo de trajar de cada casta, as primeiras tentativas para a formação do kalendario, e os primeiros teares de seda. Este principe proveu os soldados de arcos, espadas e cascos; e o uso das bandeiras remonta á sua epocha. Não devemos, portanto, admirar-nos que alargasse o poder imperial mais que os seus antecessores. Acceitando os chins a escolha que este soberano fizera de um de seus filhos para lhe succeder, deram-se mal com esta primeira experiencia do systema hereditario, e logo voltaram ao principio electivo, a que deveram pouco depois os dois grandes imperadores, Yao e Chun, cujos reinados figuram nos seus annaes como uma era de ventura incomparavel. Yu, por muito tempo ministro de Chun, e mais tarde associado ao throno por este ultimo, fundou a primeira dynastia hereditaria, a de Hia, assim chamada de um territorio que submettêra. Constituido desde então o imperio, tomou a fórma simples, que tem conservado até aos nossos dias, no meio das crises e revoluções inherentes ao governo absoluto de um só.

Seria impossivel tratar d'estas crises, sem nos demorarmos em demasiados pormenores; pondo de parte differenças insignificantes, apresentam sempre o mesmo espectaculo de um soberano amollecido, afeminado pelas delicias do poder, e derribado pelo primeiro vassallo resoluto, que se põe á testa de um punhado de descontentes. O usurpador, esquecendo tambem as lições da sua propria victoria, engolfa-se nos gozos sensuaes, e succumbe ao primeiro ataque de um rival ambicioso. Aqui e alli se ergue a figura de um Tito, ou de um Caligula, de um Chao-Kang, ou de um Li-Koué. Este ultimo offerece-nos o ideal do tyranno, como os chins o concebem: une-se a um ente tão perverso como elle, e o terrivel par entrega-se a todos os excessos da depravação, a todo o delirio da carnificina. No seu palacio, forrado de marfim, e recamado de pedrarias, vê-se um lago de vinho, em torno do qual se elevam pyramides de carnes succulentas, em que ninguem póde tocar sem primeiro se ter saciado do licor, que transtorna a razão. No magnifico edificio retumbam incriveis orgias, a que presidem o imperador e a imperatriz: sobre o marmore do pavimento correm, misturando-se, o sangue e o vinho; além d'essas portas de jaspe o povo, estupefacto, ouve gritos de morte, e cantos de voluptuosidade. Se um homem virtuoso se indigna, se um sabio ministro ousa protestar, é atado ao poste de bronze. Coberto de pez, cheio, interiormente, de carvões ardentes, este poste funesto devora os que o abraçam; e os gritos das victimas, seus esforços desesperados, e convulsões furiosas, são o recreio predilecto dos dois monstros que governam a China consternada. Taes foram Li-Koué e Mey-Hi, taes Cheou-Sin, e a formosa Tan-Ki, com quem acaba a segunda dynastia, a de Chang, no anno 1122 antes de Christo.

A dynastia Tcheou começa então e dura 873 annos. Ou-Ouang, que a fundára, foi obrigado a sanccionar as pretenções de alguns feudatarios poderosos, que recusavam reconhecer o seu dominio absoluto, e o obrigaram a contentar-se com uma especie de supremacia feudal, sem mais proveito que homenagens insignificantes e tributos irrisorios. Deu isto origem a um desmembramento, que, durante seculos, foi para o imperio o germe fecundo de dissensões encarniçadas, que principiaram, pouco mais ou menos, 750 annos antes da era christã, e se prolongaram perto de cinco seculos.

Durante este periodo, o imperio, dividido em vinte e um principados rivaes, foi theatro de guerras e depredações perpetuas. Todas as grandes doutrinas, todos os livros classicos, datam d'esta epocha turbulenta, em que parece que só as preoccupações guerreiras deveriam ter absorvido todos os homens eminentes que o paiz contava. Lao-Tse, Confucio, Meng-Tsze, viveram no tempo dos Tcheou; e pelo contrario, sob a dynastia seguinte, cujos primeiros dois soberanos restabeleceram a auctoridade central com toda a sua

energia, as sciencias e as letras padeceram a mais terrivel perseguição.

Chi-Hoang-Ti, segundo da dynastia Tsin, cujos actos todos revelam um despotismo intelligente, fez incriveis esforços para novamente mergulhar a China na ignorancia. Enterrou vivos, em numero de quatrocentos e sessenta, os letrados mais celebres do imperio, e tentou entregar ás chammas todas as obras historicas e philosophicas que existiam. Destruindo completamente a memoria do preterito, pretendia por este modo adquirir a fama que sobrevive ao fundador de um imperio. Outro capricho seu foi escapar á sorte commum dos homens, e tornar-se immortal. Illudido por sacerdote impostor, fez partir uma expedição para uma ilha, onde se devia encontrar a herva que prolonga a vida para sempre. A tempestade tragou os mensageiros, e elle morreu pouco depois, sem prever, que poderia ser roubado a seus subditos; por isso não nomeára successor. A lei hereditaria entregou o sceptro a um principe imbecil, que deixou restabelecer as antigas demarcações provinciaes, apagadas com tanto cuidado por seu pae.

Este trabalho destruidor ia reconduzir a China aos horrores do estado feudal, quando um aventureiro feliz derribou a dynastia Tsin, e poz no throno a familia Han, uma das que deixou mais gloriosas recordações. Esta revolução, feita pouco mais ou menos pelo anno 200 antes da era christã, marca o fim do que se póde chamar a historia antiga do imperio chim.

Não esperemos comtudo ver mudar desde então a essencia dos factos, e o seu encadeamento logico: simplesmente a um despota inimigo das letras succede outro que as protege. Hao-Hoang-Ti, e especialmente Kan-Ou-Ti repararam os effeitos da terrivel proscripção, que acabámos de contar. Os estudos historicos foram de novo animados, os letrados chamados á corte, e a paz quasi restabelecida no imperio.

Entretanto as fronteiras do nordeste, apesar da grande muralha acabada por Chi-Hoang-Ti, estavam continuamente expostas ás correrias dos Hiong-Nous — que assim se chamavam então os tartaros. Estes ousados cavalleiros, endurecidos em toda a qualidade de fadigas, destros no manejo do arco e das flechas, correndo a galope pelas mais escabrosas montanhas, atravessando a nado as mais caudalosas torrentes, desafiavam com a sua tactica instinctiva as evoluções mais sabias, e a melhor disciplina das tropas chinezas. É verdade que parecia ser-lhes interdicta toda a conquista permanente; mas devastavam provincias inteiras, e perseguidos por forças superiores, desappareciam dispersando-se no seio de um paiz inaccessivel. Han-Ou-Ti procurou por meios pacificos livrar o imperio d'estes importunos inimigos: tratou directamente com o seu chefe, e concedeu-lhe a mão de uma princeza de sangue imperial. Os Hiong-Nous, apesar d'esta insigne honra, não cessaram as suas depredações, mais ou menos reprimidas, até ao anno 90 da era christã, em que romperam graves dissensões entre elles. As tribus estrangularam-se mutuamente, e as que obtiveram a protecção dos imperadores chinezes, paga com o reconhecimento de vassallagem, triumpharam sem custo das suas rivaes. Estas refugiaram-se na Siberia, e d'alli passaram á Europa, onde sob as ordens de Attila, desvastaram no seculo v a parte do velho mundo romano que tinha escapado das invasões precedentes.

N'esta epocha já não existia a dynastia de Han. Depois de 426 annos de dominio (isto é, no anno 220 da era christã) fôra derribada em consequencia de uma insurreição provocada por um charlatão de aldeia. Este individuo, chamado Tchang-Kio, aproveitando a inquietação produzida no paiz por uma doença contagiosa, persuadiu o povo de que, com uma certa agua magica, podia combater esta fatal influencia. Com isto adquiriu grande popularidade; desde que viu mais de quinhentos mil fanaticos ligados á sua fortuna, premeditou a conquista do supremo poder. Esta insurreição foi conhecida pelo nome de revolta dos barretes amarellos, por serem estes o signal adoptado pelos rebeldes para se reunirem. Tchang-Kio e os seus partidarios foram destroçados; mas o general que os venceu adquiriu em breve um poder superior ao do monarcha; e seu filho, Tsao-Pi, subdito menos fiel que elle, aproveitou a adhesão dos grandes para se apossar do sceptro.

Houve então uma especie de desmembramento; tres reinos independentes existiram ao mesmo tempo, durante quarenta e tres annos, no fim dos quaes um general victorioso, chamado Ssye-Ma-Yen, fundou outra dynastia, que teve o nome de Tcin. A par d'esta, um chefe tartaro estabeleceu outra raça reinante, denominada de Tchao.

A dynastia Tcin era notavel pela fraqueza, e a Tchao pelo luxo, a ponto de um dos seus membros manter um regimento de cavallaria, composto exclusivamente de raparigas formosas e fortes, que lhe serviam alternadamente de guardas de honra, e de musicas.

(Continúa)

THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

(Conclusão. Vid. pag. 379)

VII

Ao passar pelos olhos as linhas (embora tão abbreviadas e concisas quanto o requer a natureza d'este esboço) que terminam o capitulo precedente, o leitor notaria de certo o modo como Santos e Silva, colhendo na resignação forças bastantes para escudar-se contra os rudes golpes da desgraça, conseguira superar em parte o infortunio, applicando a trabalhos uteis os dias que outro consumiria em queixas vãs e lamentos improductivos; procurando converter em serviço do paiz e gloria do proprio nome os dotes intellectuaes, unica riqueza de que a sorte não podéra desapossal-o.

A perda do seu patrono D. Lourenço de Lencastre, a quem tanto devêra, custosa sem dúvida á sua alma agradecida, não empeiorou, entretanto, a sua situação; porque o novo enfermeiro-mór D. Francisco de Almeida Mello e Castro, depois conde das Galvêas (homem humano e caritativo, honrador do talento, cujos ditos agudos e chistosos são ainda hoje festivamente recordados) sobreexcedeu para com o poeta, em agasalho e carinho, as deferencias que tivera para com elle o seu predecessor.

Em principios de 1812 viu-se, pois, Santos e Silva transferido do seu antigo quarto para outra casa mais espaçosa, melhor arejada, e até independente das enfermarias. A ração que lhe subministravam passou a ser mais delicada e nutritiva; gozou, em fim, por algum tempo, de todas as commodidades e regalos a que, nas suas circunstancias, podia aspirar. Os que d'isso desejarem mais claro documento, acharão na dedicatoria da « Brasiliada », concluida durante este ensejo, e offerecida ao bemfeitor, as phrases significativas que ao agraciado inspirou o reconhecimento dos favores recebidos.

Só foi para sentir que a administração de D. Francisco de Almeida, tão auspiciosa em geral para o estabelecimento, quanto em particular propicia para

o poeta, não fosse mais duradoura, tendo aquelle de ausentar-se de Portugal em 1814, chamado para o Brasil pela corte do Rio de Janeiro.

A nova administração, embora não desmerecesse a outros respeitos, houve-se para com Santos e Silva de um modo que a muitos pareceu injustificavel. Não sei que conveniencias do serviço (provavelmente allegadas como sempre á mingoa de melhores razões para disfarçar injustiças) ordenaram que o infeliz cego, em quem iam crescendo os annos e os achaques, fosse para logo desapossado do seu commodo alojamento, dando-se-lhe em troca outra habitação que, por desabrigada e de ruins condições, se tornava insupportavel a um homem em taes circunstancias. Não podendo obter a revogação do decreto, preferiu elle saír do hospital, e alugar á propria custa uma casa proxima, chamando para a sua companhia duas irmãs que ainda conservava em Setubal, e com ellas um accrescimo de despeza impossivel de supprir. Posto que se lhe continuasse a fornecer a ração do hospital, era esta insufficiente para manter mais duas pessoas; ao passo que não podia viver só quem como elle carecia cada vez mais de auxilio e cuidado alheios. N'este estado, tornou-se taciturno e melancolico; fugia da sociedade, e passava na cama dias, e ás vezes semanas inteiras. Amortecia-lhe o estro, e foi pouco a pouco descaíndo, até chegar a uma quasi total imbecilidade. Debalde seus amigos lhe offereciam distracções; debalde o aconselhavam a que se erguesse, e tratasse de dar exercicio aos membros, que iam entorpecendo. Se alguma vez condescendia com elles, animando-se a saír, não passava da botica do hospital, e voltando depressa para casa, ahi se entregava de novo á sua invencivel apathia.

A morte successiva de suas irmãs acabou de arruinar aquelle edificio abalado: e cedendo á sua afflicção, aggravada a enfermidade, teve de recolher-se ao hospital, onde foi d'esta vez recebido com absoluta indifferença, aprestando-se-lhe uma cama na extremidade de uma das enfermarias, como a qualquer doente ordinario. Alli permaneceu durante alguns mezes, privado de todo o movimento da cintura para cima, e tratado com tão imperdoavel desleixo, que ainda nos seus ultimos dias (é facto affirmado por testimunhas de vista, com quanto parecerá talvez incrivel á posteridade!) fez por vezes inuteis rogativas, pedindo em vão aos enfermeiros um cobertor com que reparar-se dos rigores do frio!

Reduzido a extrema debilidade, e sentindo avisinhar-se a morte, cuidou de fazer as ultimas disposições, que a pouco se reduziam. Entregou a José Maria da Costa e Silva (dos seus amigos intimos o que mais sollicito se mostrava em visital-o, e do qual eu soube algumas d'estas particularidades) todos os seus manuscriptos, pedindo-lhe que os revesse e coordenasse, para serem em occasião propicia publicados os que se julgassem em termos de o merecerem. Repetiu-lhe egualmente a instancia, já por vezes feita, de annotar a « Brasiliada », pouco antes dada á luz, na qual se lhe afigurava ver o titulo mais solido da sua immortalidade. Preparou-se para o transito final com os soccorros espirituaes, requerendo os sacramentos da egreja, que promptamente lhe foram administrados: e decorridos ainda quinze dias expirou placidamente, e sem mostras de agonia, na tarde de 19 de Janeiro de 1816, contando perto de 65 annos de vida, tal como pouco mais ou menos a deixámos historiada.

Depositado por então o cadaver na capella respectiva, e informado do successo José Pedro da Silva (o mesmo de quem fallei no principio d'este esboço) tambem provado amigo e admirador do poeta, e que tomára á sua conta a impressão da « Brasiliada », encarregou-se este dos preparativos e despeza do funeral; e pelas cinco da tarde do dia immediato foi o cadaver conduzido com decente acompanhamento até á egreja velha do hospital, onde os amigos lhe deram o ultimo *vale!*

VIII

Thomás Antonio dos Santos e Silva foi de pequena estatura e côr morena: tinha as pernas excessivamente delgadas, e só assentava no chão os dedos dos pés: o que todavia não lhe obstava a que andasse com expedita ligeireza, sendo só nos derradeiros annos que teve de soccorrer-se ao uso de moletas. De caracter em extremo jovial, e de uma sinceridade infantil, era ao mesmo tempo desconfiado, talvez em demasia; facil de enfurecer-se, e ainda mais facil de applacar-se. Posto que muito cioso da sua gloria poetica, jámais se lhe conheceu o vicio de deprimir o merito alheio; antes o achavam sempre disposto a applaudir os escriptos dos proprios que, com razão ou sem ella, julgava seus inimigos. Sua natural indolencia e desleixo lhe inspiravam uma repugnancia invencivel para tudo o que fosse movimento e intriga. De religioso degenerava, diz-se, em supersticioso: e era tal a sua timidez e acanhamento, que ao vêl-o pela primeira vez ninguem podéra suppor que houvesse n'elle tamanho cabedal de saber e ingenho. Dormia pouco, e era frugal na comida, e ainda mais na bebida; porém em compensação usava immoderadamente do café; e sobre tudo de tabaco de fumo. Durante os doze annos que passou no hospital raras vezes saía fóra do edificio: contentava-se de passear e espairecer na grande varanda contigua á botica da casa. Ahi fazia reduzir a escripto o que compuzera de cór, occupando o resto do tempo na conversação, ou em ouvir ler. A sua memoria feliz emparelhava com a fecunda imaginação de que era dotado. Entre os nossos poetas antigos preferia, abaixo de Camões, Gabriel Pereira de Castro; e dos modernos eram para elle os melhores Garção, Quita, Francisco Manuel e Bocage.

Perfilado assim o retrato physico e intellectual do poeta setubalense, tal como nol-o transmittiram os que de mais perto o conheceram, resta dizer algumas palavras com respeito ás suas composições, que obtiveram tão encontrados juizos da parte de alguns contemporaneos. [1]

IX

O leitor intelligente e reflectivo, attentando pela primeira vez em qualquer dos volumes das obras de Santos e Silva, não tardará em sentir movimentos alternados de admiração e estranheza, notando o caracter de desegualdade que reina por todos elles, e que parece tornar quando menos duvidosa a persuasão de que esses, por vezes desconformes, conjunctos de bellezas e defeitos sejam partos da mente de um só e unico individuo! Se porém quizer deter-se na indagação das causas determinantes de tal desegualdade, achará tres, a meu ver sufficientes para explicar o phenomeno. Primeira, o genio do poeta, propenso a singularidades, como attestam as memo-

[1] Confronte-se, por exemplo, o que no *Investigador Portuguez* n. 1 (outubro de 1811), escreveu o dr. Vicente Pedro Nolasco acerca de Santos e Silva, com o que annos depois disse a egual proposito A. Garrett no *Parnaso Lusitano*, tomo I, pag. ij.—Entre as disparidades que ahi se encontram, não é de certo a menos notavel, que o primeiro inculcasse a linguagem de Santos por laconica, justa, expressiva, e até *depurada do mais pequeno resaibo dos gallicismos*, que infectavam então muitos dos nossos escriptores:—ao passo que o segundo não via nos escriptos do vate de Setubal mais que *uma sentina de gallicismos*, um apontoado de termos baixos, de expressões que não usa gente de bem, deconstrucções barbaras, etc. etc.! — José Maria da Costa e Silva á sua parte não conhecia entre todos os poetas portuguezes outros, que podessem rivalisar com Thomino, senão Camões e Filinto! Os tres eram para elle como outras tantas assombrosas pyramides, que levantadas nos campos da poesia lusitana, lhe pareciam similhantes ás do Egypto, ostentando ainda atravez de quarenta seculos toda a força e poder do homem! . . . — Os que só se contentam da verdade devem buscal-a n'outra parte, que não n'estas contradictorias e enthusiasticas exaggerações.

rias que d'elle nos ficaram: segunda, os seus conhecimentos, que sendo amplos na historia, e mais ainda nas sciencias naturaes, eram comtudo mingoados em bellas-letras: terceira, o seu teor de vida, que em todo o tempo lhe permittiu pouca concurrencia e trato com as classes mais illustradas da sociedade. Da reunião d'estas causas se derivou o mau gosto, que tanto a miudo desfeia as suas producções. Como porém elle fosse do seu natural dotado de rasgada intelligencia e vigorosa imaginação, ajudado de bom saber superou mil vezes todas as difficuldades, e compoz muitas poesias, em que a abundancia de bellezas resgata com usura os defeitos; ou èm que o esplendor e magnificencia da idéa triumpham da rudeza da fórma.

Das suas composições de maior vulto a primeira em data, e a mais bem acabada de todas, no juizo de alguns criticos, é o poema « Sepultura de Lesbia, » tão bem acolhido do publico, que passou por tres edições. Ahi comtudo se divisa a cada passo essa alliança monstruosa de bellezas de mais de um genero com imperfeições que mal podem desculpar-se.

A imitação dos poetas inglezes e hespanhoes, a que mais se affeiçoára, e que n'elle introduzíra o gosto das caprichosas sublimidades de uns, e dos conceitos rebuscados e obscuros de outros; juntamente as singularidades proprias do seu natural; o nimio trato do vulgo, que o habituára a servir-se de termos e phrases plebêas, toleraveis, se tanto, na conversação familiar; as continuas reminiscencias dos seus estudos pharmacos; e por fim a difficuldade da rythma que empregou: tudo concorreu para que este



Trenó puxado por dois rangiferos

poema, com quanto bem delineado e grandioso no seu todo, offereça todavia um mixto de partes heterogeneas, que ás vezes enfastia, e até enoja; bem que outras, e muitas mais, agrada, commove e arrebata; porque, profundo pensador, e tão instruido como era, o poeta sabía quasi sempre expressar com vigor o que concebia, e atava as suas idéas com um longo fio, admiravelmente seguido todas as vezes que se não demasiava em particularisar, além do que lhe requeriam a razão e o bom gosto.

É porém no seu outro poema a « Brasiliada, » edificio de dimensões incomparavelmente mais vastas, construido mais de espaço, e na perfeita maturidade do genio, que devemos procurar a melhor manifestação do seu engenho e saber; da sua força inventiva; e se quizerem, do mau gosto que por vezes o desvairava nas materias da arte. D'entre tantas epopéas nacionaes que possuimos, raras, talvez nenhuma se apresente com egual cunho de originalidade! A acção, toda politica e diplomatica, mal se parece com a de algum dos poemas do seu genero até agora conhecidos. Livre das pêas da imitação, o auctor teve de seguir n'esta parte uma senda não trilhada. Escolheu um assumpto, para nós em verdade importantissimo, mas não épico: d'ahi o primeiro defeito caracteristico do poema, se houvermos de consideral-o, como é de razão, á luz das regras assentadas pelos legisladores do antigo Parnaso. Outros, antes d'elle, naufragaram n'esse escólho. Importantissimo era para os francezes o assumpto da « Henriada; » e comtudo, por defeituoso na essencia, nem ainda tratado pela abalisada intelligencia de um Voltaire, pôde dar de si mais que uma epopéa de segunda ordem!

Com um assumpto defeituoso, como sería possivel urdir uma fabula perfeita? Muito foi que Santos e Silva, equilibrado nas azas do engenho, soubesse dar á sua tal contextura, que a critica, embora severa, percorrendo as diversas partes, poderá apenas accusal-o de pobreza de invenção na que entre os epicos

se appellida *maravilhoso*, a qual no seu poema saíu, força é dizel-o, mingoada em demasia. Porém como compensação, e para supprir essa falta, aproveitou elle no seu assumpto de especie nova todos os recursos da arte oratoria; desenvolveu todo o vigor e galas da eloquencia; avivou todo o colorido da mais nobre imitação; e conseguiu apresentar o que no genero temos de melhor escripto, assim no que pertence aos *costumes*, como na *sentença* e na *dicção*. Não lhe faltam interesse progressivo, unidade exactamente observada; caracteres bem desenhados e sustentados com arte; episodios quasi sempre trazidos a proposito, casados com a acção, felizes na maior parte, e alguns excellentes: que mais poderia exigir-se do poeta na sua situação, e com os meios de que lhe era dado dispor? Os defeitos que se lhe notam são todos de natureza secundaria, e incapazes de deteriorar a estructura e machinismo do poema: consistem na má escolha e frouxidão de alguns episodios, e sobre tudo, nas falhas e incorrecções de estilo e linguagem, que em verdade abundam n'esta como em todas as suas obras; mas que elle proprio remediaria sem duvida, collocado em circunstancias menos deploraveis, que lhe permittissem passar por seus escriptos a ultima lima.

A tragedia «El-rei D. Sebastião em Africa», impressa posthuma, e hoje quasi desconhecida, passa entre julgadores competentes por um dos melhores titulos da sua gloria, e a poucos seria dado comporem, sobre o mesmo assumpto, obra que mais valesse. Outra deixou elle, com o titulo de «Viriato e Osmia», tambem original; e além d'estas, as traducções de varias peças do theatro inglez, taes como o «Catão», de Adisson; a «Vingança», «Busiris», e «Os Irmãos», de Young; «Eduardo e Leonor», de Tompson, etc., todas ineditas, cujos autographos passaram de sua mão, com o resto de suas poesias, para a de Costa e Silva, que se compromettêra a dal-as á luz, quando se lhe deparasse para isso opportunidade. Não podendo, porém, realisar o desejo do amigo, que era tambem o seu, continuou a guardal-as com recato e estima, até que por sua morte ignoro que destino levassem, ou se existem ainda hoje em poder da sua viuva.

Santos e Silva tentou, com melhor ou peior successo, todos os generos de poesia que no seu tempo se cultivavam, á excepção do apologo e do conto. São tidas por mediocres as suas odes e canções; porém mostrou-se superior nos sonetos, nos hymnos e nas epistolas. Tem algumas elegias estimaveis; o cantico á *Primavera*, que alguns qualificam de excellente; e a metamorphose dos *Cachopos de Ullyséa*, que sobreexcede incomparavelmente, não só as de Antonio Diniz, mas ainda a outras de poetas que n'esta especie mais primaram entre nós.

Resumindo: os seus escriptos peccam mais ou menos na phrase; são n'elles frequentes, como fica dito, as incorrecções grammaticaes; abundam em construcções abstrusas, em locuções plebeas, e ás vezes exquisitamente conceituosas, ou amphibologicas; o que tudo concorre para que o não possâmos contar entre os classicos da lingua: porém, ao mesmo tempo, estão cheios de quadros de uma imaginação vigorosa e animada; de muitas e profundas idéas philologicas; e de amiudados rasgos de sublime originalidade. Estes dotes compensam exuberantemente os seus defeitos, e por elles lhe compete, de justiça, um logar distincto entre os nossos mais admirados poetas.

INNOCENCIO F. DA SILVA

RECTIFICAÇÃO

Inadvertidamente se imprimiu por baixo da gravura collocada a pag. 373 do n. 47, no começo do artigo que hoje concluimos, a designação inexacta: «Casa onde *falleceu* Thomaz Antonio etc.», quando devia ser: «Casa onde *nasceu* etc.» — A equivocação é comtudo tão manifesta, que mal poderia induzir em erro o leitor.

TRENÓ PUXADO POR DOIS RANGIFEROS

O rangifero ou renno é oriundo da Laponia, e tão prestante n'aquella frigidissima região, como o camelo nos abrazados desertos da Arabia. Dá-se bem nas regiões polares da Asia; mas tem sido baldadas todas as tentativas para o aclimar nos paizes septentrionaes.

É mais corpulento que o veado, com o qual se parece muito. Os paus tem ordinariamente quatro esgalhos principaes, dois adiante e dois atraz, que lhe cáem todos os annos.

O pellume do rangifero adulto é cinzento escuro, excepto no ventre, ilhargas e sobre as espadoas, que é branco. São muito mansos estes animaes; e além de servirem para carga, a carne é excellente para comer, e as femeas dão leite mais substancial que o das vaccas, de que se faz manteiga e queijo. A pelle é boa para forros, e curtida transforma-se n'um cabedal muito macio e duravel. De sorte que não havendo n'aquellas paragens cavallos, bois nem ovelhas, o renno substitue todos estes tres prestantissimos animaes.

O que porém dá mais valor ao rangifero é a sua força e velocidade para os transportes sobro o gelo. Um rangifero puxa por uma carga de tres quintaes sobre as carretas sem rodas, a que chamam trenós, caminhando muitas vezes trinta legoas em dezoito horas.

Os trenós que na Laponia servem de carruagem são tirados por dois rennos, e galopam tão velozmente pelo gelo, como a melhor parelha de cavallos por uma boa estrada.

O que representa a nossa estampa é tirado de uma viagem á Russia asiatica em 1830 — por Ouvarovski.

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 391)

VIII

Já vimos que nenhum dos impressos falla do jazigo de Affonso de Albuquerque, isto é, nenhum dos escriptores coevos, ou proximamente posteriores ao anno de 1566, em que os ossos do valoroso capitão vieram de Gôa para o convento da Graça.

Tambem d'elle não falla nenhum dos do seculo passado.

Vejamos agora o que dizem os do seculo actual.

Pedro José de Figueiredo, laborioso socio da academia real das sciencias de Lisboa, que tantas investigações fez para a publicação da obra intitulada: *Retratos e elogios de varões e donas que illustraram a nação portugueza em virtudes, letras, armas, e artes;* cujo primeiro volume se publicou em 1817, no fim da biographia de Affonso de Albuquerque, e depois de referir como os seus ossos vieram da India para a Graça, accrescenta:

«Ainda permanecem n'aquelle convento, se bem que mudados da capella-mór, quando passou a outro padroeiro, para o *cemiterio commum da casa do capitulo*, onde não só lhes falta epitaphio, mas confundidos com muitos outros, experimentam, depois da morte, a mesma sorte que elle teve em vida.»

Em 1843, o *Ramalhete*, jornal litterario de Lisboa, em que assiduamente collaborou o sr. F. A. Martins Bastos, e de quem são os melhores artigos sobre as egrejas de Lisboa que alli se publicaram, diz o seguinte, a respeito dos ossos de Affonso de Albuquerque:

«Foram trazidos ao convento da Graça, onde se lhes levantou um tumulo de pouca sumptuosidade, o qual, pela destruição do terremoto de 1755 que transtornou a egreja, desappareceu; e só por occasião de se enterrar o conde de Villa-Verde, que foi secretario de estado, e determinou ser sepultado no mesmo sepulchro, feitas immensas diligencias, sem nada se poder descobrir, por conselho do padre José Agostinho de Macedo, frade d'aquella casa, *se achou estar no refeitorio*, a que, levantando-se os tijolos, foi descoberto o seu esqueleto, a que se uniu o de seu descendente, e talvez que ambos ainda alli durmam.»

Consultando nós o sr. Martins Bastos sobre esta affirmativa, não se recordou d'onde a houvera, mas disse que, naturalmente, fôra dos frades da Graça, com quem tivera trato e amizade.

Não ha prova nem testimunho algum, positivo, d'esta assersão; pelo contrario, todas as inducções são contra a veracidade de tal escavação.

Teve grande valimento na corte este conde de Villa-Verde; foi conselheiro de estado; ministro assistente ao despacho do gabinete; encarregado da secretaria de estado dos negocios do reino; director da commissão dos negocios de Roma; secretario da casa de Bragança; presidente da junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação do reino; deputado da junta da casa do infantado; gentil homem da camara; inspector da bibliotheca publica da corte, e do jardim botanico; presidente da sociedade real maritima; socio da academia real das sciencias, etc. Com tanta auctoridade, e tendo, segundo consta, propensão para as letras, e para os escriptores e poetas, de que dá bom testimunho o nosso Nicolau Tolentino, como é que elle guardou para depois de morto a busca dos ossos de seu glorioso antecessor? Não fôra honroso, para o seu ministerio, a tentativa, ao menos, de procurar tão preciosas reliquias, e levantar condigno mausoleo a tal heroe, seu parente? Sem dúvida. Mas presuppomos que D. Diogo de Noronha nunca de tal se lembrou. E fundâmo-nos no silencio do já citado professor Pedro José da Fonseca, que tratou com o conde, que era filho do medico do convento da Graça, e portanto, na biographia de Affonso de Albuquerque, que escreveu dez annos apenas depois da morte do conde de Villa-Verde, não podia ter deixado de consignar este facto. Antes o nega implicitamente, dizendo, como já referimos pelas suas proprias palavras, que os ossos de Affonso de Albuquerque *estavam confundidos com outros muitos*.

Ha ainda outra circunstancia que concorre para se ter por fabulosa a achada dos ossos em 1806; e é dizer-se no citado artigo do «Ramalhete» que o padre José Agostinho indicára o sitio onde se achou a ossada do Albuquerque; porque a esse tempo estava Macedo não só já fóra do convento, mas indignado contra os frades; pelo que de certo não concorreria para os livrar do labeo de haverem deixado perder as cinzas de tal heroe.

Concluamos, pois, que os frades da Graça, pela clausula do testamento com que falleceu Affonso de Albuquerque, e pela demanda que tiveram com o filho sobre o jazigo da capella-mór, se vingaram, infamemente, dispersando-lhe os ossos, *lançando-os para o cemiterio commum*, como diz o professor Fonseca.

E pois que elles apagaram um dos mais honrosos epitaphios do necrologio nacional, levantemos-lhes aqui, a elles, o padrão da ignominia que os ha de infamar em quanto existir a letra redonda!...

Não só os frades da Graça foram os deshonradores das cinzas do grande conquistador da India; n'aquelle mesmo theatro das suas façanhas foram ellas bem mal tratadas. Já referimos a ordem que dera o que lhe succedeu no governo da India, o ávido concessor Lopo Soares, aquelle a quem D. João II disse, como ingenuamente conta o chronista Garcia de Resende: *Mando-vos por capitão á costa de Mina; não sejaes tão peco que venhaes de lá pobre*: foi este o que mandou tirar o corpo de Affonso de Albuquerque do jazigo que este para si fizera em Goa, dizendo que o deitassem debaixo de uma arvore; e que o teve com tão pouco recato, que, segundo refere Gaspar Corrêa: — O capitão Pero de Albuquerque, que estava com muita magoa sabendo os avexamentos que o governador, Lopo Soares, fazia ás coisas de seu tio Affonso de Albuquerque, n'estas naus mandou um seu criado com dinheiro, para que cobrisse a sepultura de Affonso de Albuquerque com veludo preto, e lhe fizesse grades de redor, e concertasse a capella de tudo o que cumprisse; e disse a D. Aleixo, quando d'elle se despediu: «Senhor, dizei ao senhor governador, vosso tio, que os rumes estão em Camarão sem nenhum medo, porque estão vivos; que lhe peço por mercê que deixe estar em paz os ossos de meu tio Affonso de Albuquerque, que estão na cova.»

E com effeito, tanto porfiaram seus inimigos em lhe soprar as cinzas ao vento, que de todo as dispersaram!

Pois nenhum d'elles valeu tanto, como ao vivo nol-o pinta o seu secretario Gaspar Corrêa, na seguinte ethopéa:

«Affonso de Albuquerque era homem de bom corpo, sêcco de carnes, o rosto comprido, córado, a barba muito branca, e tão comprida que lhe chegava á cinta. Era muito prudente em todas as coisas; escrevia muito, era conversavel á gente; estimava muito os homens cavalleiros; mui entendido nas negociações dos moiros e gentios. Ante manhã ouvia missa, e só a cavallo, com os da sua guarda, visitava as obras, a ribeira, e armazens. Era mui amigo do proveito del-rei, que nada os seus officiaes despendiam senão por seus mandados. Era supito em sua paixão e logo arrependido. Tratou verdade; era amigo da justiça, de liberal condição para dar o seu. Não tinha estado de despacho, que na rua, sobre o joelho, assignava os mandados. Era mui vigoroso contra os homens brigosos; grangeava muito os mercadores moiros e gentios, para os assegurar em boa paz e amizade. Era piedoso aos pobres. Todos os presentes que lhe deram os reis e senhores da India, mandava a el-rei e á rainha, ou os repartia pelos capitães e fidalgos.

Nove annos andou na India, tres que conquistou o reino de Ormuz; um anno que lhe o viso-rei D. Francisco de Almeida não deu a governança; e governou cinco não acabados, em que tomou Goa duas vezes e a fortificou, e Calecut, Malaca, Ormuz. Foi o primeiro que entrou o estreito de Meca.

Em seu tempo nenhum homem andou fóra do serviço del-rei, e muito honrava os seus criados e das rainhas. Mui zeloso de acrescentar as coisas da India; homem sem cubiça. Não tinha porta fechada, nem porteiro de dia, senão quando dormia depois de jantar, que nos dias da semana era mui pouco. Não tinha nenhum modo d'estado. Escrevia para el-rei e rainha, para os do conselho, e para os veadores da fazenda, e por não se occupar de dia, escrevia de noite com seus escrivães, e dava conta a el-rei até das bombardas quebradas.

Sabido no reino de sua morte, el-rei mostrou d'isso grande sentimento, e lhe nobreceu um filho que tinha, que Affonso de Albuquerque houvera sendo mancebo em uma mulher de Africa, chamado Braz, que se criava em casa de sua tia D. Isabel de Albuquerque, que andava no estudo. El-rei o poz em

grande honra, e lhe poz nome Affonso de Albuquerque, como seu pae, e o fez legitimo herdeiro de seu pae, e lhe mandou pagar 180 mil cruzados que deviam a seu pae de seus ordenados e quintaladas de pimenta. E lhe deu 400 mil réis de juro, que para sempre durassem nos morgados d'esta casa, de que o herdeiro sempre teria o nome Affonso de Albuquerque, e se fosse mulher se chamaria Affonsa de Albuquerque, porque sempre durasse e fosse lembrado o nome de tão bom vassallo; e lhe fez muitas outras mercês. E el-rei tomou todos os criados de Affonso de Albuquerque no fôro em que o serviam, e lhes pagou quanto lhes deviam do serviço da India. Do que adiante contarei mais outras coisas e mercês que el-rei fez a Affonso de Albuquerque.»

A mesma sorte tiveram os ossos do filho, o auctor dos *Commentarios*, e fundador da Casa dos Bicos. Tambem se não sabe onde param!

Tinha elle edificado em Azeitão, como já dissemos, uma egreja, não só para jazigo de seu pae, mas seu e de sua mulher. O sr. José Maria da Fonseca [1], proprietario e lavrador n'aquelle concelho, se dignou informar-nos, que não constava por nenhum tumulo, epitaphio, ou documento do cartorio da egreja de S. Simão, que alli jazesse o fundador, e muito menos seu pae, o grande Affonso de Albuquerque. E por esta occasião nos remetteu o traslado authentico da instituição da capella que o Albuquerque filho fizera em 1578, onde vem a mui pia fundação de que vamos dar extracto.

«Ordenâmos e instituimos (elle e sua mulher) um hospital, de hoje para sempre, na egreja do bemaventurado S. Simão, que está junto da nossa quinta de Azeitão, para n'elle se agasalharem pobres caminhantes de Jesus Christo, pelo modo, maneira e condições abaixo declaradas.

Primeiramente mandâmos, que no dito hospital haja para sempre cinco camas, em louvor das cinco chagas de N. S. Jesus Christo; e cada uma terá um estrado de pau, para se não gastar com a humidade, e um enxergão de palha, e duas cobertas de almáfega, e uma manta do Alemtejo, e um travesseiro da mesma almáfega, e um de lã, tamanho como a cama; as quaes camas serão tamanhas que possam caber duas pessoas; e serão reformadas todos os annos, e concertadas de todo o necessario, melhorando e não peiorando. Ordenâmos e mandâmos, que no dito hospital se recolham todos os pobres caminhantes, de qualquer qualidade e condição que sejam, tres dias, do dia que entrarem por diante, e mais não. Aos que vierem doentes se poderão agasalhar cinco dias.

E pedimos muito, pelo amor de Nosso Senhor a todos os administradores do dito hospital, que pelo tempo forem, sendo presentes na dita quinta, provam estes doentes de algumas coisas necessarias para a sua enfermidade, por sua vontade, e sem obrigação. E ordenâmos e mandâmos, que a todo o pobre caminhante que vier agasalhar-se no dito hospital, lhes dêem azeite para se allumiar toda a noite, e seis mezes de inverno lhes darão lenha para se aquentarem, e enxugarem seus pobres vestidos; e pedimos a todo o pobre que n'este hospital entrar, que por nossa alma, e pela de meu pae Affonso de Albuquerque, rese cinco vezes a oração do padre nosso e cinco ave-marias, á honra das cinco chagas que Nosso Senhor recebeu na arvore da vera cruz, pedindo-lhe muito fervorosamente que livre nossas almas do fogo do purgatorio, e as leve á sua santa gloria.

E para se cumprirem as ditas obrigações e encargos do dito hospital, de hoje para todo sempre deixâmos, avinculâmos e unimos a nossa quinta de Azeitão, com seu assento de casas, pomar, vinhas, serrados, foros, havidos e por haver, assim e da maneira que nós os possuimos; e pela mesma maneira avinculâmos e unimos *as nossas casas que temos em Lisboa, ás portas do Mar* [1], que partem com o doutor Luiz da Veiga, e com a mulher que foi de Ayres Tavares.»

D'esta instituição vemos que a casa dos Bicos foi vinculada para do seu rendimento se manter o hospital de Azeitão. É mais uma memoria honrosa que nobilita esta celebre casa.

Poremos remate á nossa digressão, com alguns tercetos da elegia que o doutor Antonio Ferreira, contemporaneo e amigo do fundador da casa dos Bicos, fez a este varão, na qual elle diz que os *Commentarios* do grande Affonso de Albuquerque supprem avantajadamente a falta do seu mausoléo.

Affonso d'Albuquerque, por ti escripto
Teu clarissimo pae vive e florece,
De quem c'o nome herdaste esse alto esprito.

Fizeste teus, os seus claros louvores,
Dando-lhe eterno assento entre a memoria
Dos grandes capitães e imperadores.

E renovaste n'elle a antiga historia
Do grande Macedonio, que parece
Mostrar inveja d'esta nova gloria.

Testimunhas serão as reaes bandeiras,
Que vencedoras viu o sol oriente
Lá nas praias do mar mais derradeiras.

Da Persia e Arabia a tributaria gente
Viram de seu despojo as praias cheias,
E do barbaro sangue a grã corrente.

Turvaram o Nilo, o Gange, o Hydaspe as vêas,
Vendo altas fortalezas levantadas,
E o vencedor pendão entre as amêas.

De Meca as portas, té então cerradas,
Tremeram ver-se, não sómente abertas,
Mas do grande Albuquerque conquistadas.

Quantas ilhas e terras descobertas
Foram por elle ao mundo? quantas minas
D'oiro té li a todos encobertas?

Quem mais gloriosas fez as reaes quinas?
Quem o portuguez nome mais famoso,
Com mais victorias de triumpho dignas?

Ousado capitão e venturoso,
Se a morte não cortára teus intentos,
Que fruito inda nos deras tão formoso!

A ti se devem os altos fundamentos
Do oriental imperio que inda dura
Firme entre tanto mar e tantos ventos.

Não póde a inveja a clara formosura
Escurecer da tua viva fama,
Por mais que contra ti se armasse dura.

Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
De seus bons capitães premios escuros:
E mortos os suspira, honra e adora.

Nunca egualmente se guardaram
Em vida os altos feitos; só na morte
Seu verdadeiro premio e honra acharam.

Louvou-se: agora espanta o peito forte
Do teu illustre pae, a alta paciencia
Que em tudo lhe deu tão ditosa sorte.

Espanta a ousadia com a prudencia,
Que juntas n'elle egualmente venciam,
A constancia, a justiça, a continencia.

Desprezando as vãs vozes que impediam
O nosso bem, tudo venceu soffrendo;
Que premios a este Fabio se deviam?

Quanto suou, quanto soffreu vivendo,
Tu lh'o pagaste agora, filho digno
De tal pae, que immortal foste fazendo.

Não está toda honra no sepulchro erguido,
Mausoléos aos mortos não dão vida,
Que em fim tudo por tempo é consumido.

[1] Foi o sr. Fonseca o primeiro que publicou a notavel carta dictada á hora da morte por Affonso de Albuquerque para el-rei D. Manuel, escrupulosamente copiada do original que se acha na torre do Tombo, inserindo-a no *Panorama* de 1842. O academico José Joaquim Soares de Barros, que no tom. 5. das «Mem. de Litt.» da academia real das sciencias, diz tel-a visto n'um volume dos mss. de Alcobaça, apenas dá imperfeitos extratos d'este monumental testamento epistolar.

[1] É a Casa dos Bicos.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Effeitos do vinho — Composição e desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

De Bacco o alegre ardor lhe accende as vêas;
Já se entorpece a lingua, o corpo pesa,
Fuma a cabeça, tudo á vista gira,
Aos passos falta a terra, os pés vacillam,
Os olhos nadam na risonha fronte,
Cáe titubante, tenta levantar-se,
Mas as quédas repete, até que o somno
Benigno se declara seu patrono.

Em todos os tempos tem a pintura e a poesia lidado por nos representar, com vivas côres, a hediondez da bebedice, do vicio que tira ao homem a razão, expondo-o ao escarneo de quem assim o vê.

E, coisa providencial, o castigo que primeiro pune a embriaguez é o escarneo, a zombaria, a mofa, o ludibrio.

Para os outros vicios ainda ha compaixão, porque a fraqueza humana é recaidiça, mas para a embriaguez ninguem suspende o riso. Cada tombo ou esgare das victimas da sepa provoca uma gargalhada, suggere um dito mordaz.

Vêde na estampa como aquella velha, ou antes aquella bruxa, está arreganhando o unico dente que lhe resta: e o mesmo faz o velho, seu quinto marido talvez, attestando com o ultimo copasio aquelle odre vivente, que já se não póde lamber!

O primeiro homem que se embebedou, como todos sabem pelo que nos diz a historia sagrada no cap. x do Genesis, foi tambem escarnecido, e pelos proprios netos, que ainda é peior do que ser apupado pelos rapazes da rua, para quem os bebedos são as melhores tourinhas que lhes saem á praça. Noé, porém, não conhecia a virtude traiçoeira do sumo da uva; espremeu um cacho; provou, gostou, foi lambendo os beiços, foi indo atraz do choro; sentiu-se quente, depois alegre, e d'ahi experimentou uma animação em todo o corpo. Como era muito velhinho, julgou ter achado o elixir de longa vida, e foi repetindo as dóses. Se não quando, sente um quebramento geral, já não tem força para espremer os cachos (que o primeiro lagar foram as mãos), cada bago lhe parecia um coco, no tamanho e na dureza; a cabeça andava-lhe á roda, e pesava-lhe como se tivesse um capacete romano; os joelhos vergavam-lhe como varas verdes, os olhos, piscos, fechavam-se-lhe de todo, até que, não podendo já comsigo, baqueou em terra, e largou a dormir e a resonar, mal deitado e mal coberto, como diz a Escriptura.

Vieram os netos, e ao vêl-o n'aquelle estado, desataram a rir. Foram chamar o filho; mas este, andando de costas para não ver a descomposição do pae, agasalhou-o e beijou-o respeitosamente. Por isso foi abençoado, e os netos amaldiçoados.

De Noé para cá, o credo de todos os devotos de Baccho, — é beber até cair.

O nosso artista, n'esta excellente composição, de eschola flamenga, pintou o suprasummum do beberrão, que não podendo já suster o copo, quer que lh'o despejem pela bocca abaixo!

SÉ DE PEKIN, EDIFICADA PELOS MISSIONARIOS PORTUGUEZES EM 1650

(Conclusão. Vid. pag. 393)

A familia Tcin, depois de cento e cincoenta e cinco annos de reinado, foi derribada por um chefe guerreiro, que ella chamára em seu auxilio. Este usurpador não conseguiu todavia concentrar a auctoridade soberana na sua familia; e durante duzentos annos a realeza pertenceu a uma serie de familias que os historiadores chins denominam as cinco dynastias, que foram: a dynastia Sung, que reinou cincoenta e nove annos; a Tse, vinte e tres; a Liang, cincoenta e cinco; a Tchin, trinta e dois; a Soui, vinte e nove. Até á quinta dynastia d'estas esteve o

imperio dividido em reino do sul e reino do norte. Em fim Yang-Kien, primeiro da dynastia Soui, matou o seu soberano, apossou-se da coroa, veiu desthronar o ultimo Tchin, e deu por este modo unidade ao imperio. Todavia não era mais que um barbaro, inimigo das letras e destruidor dos collegios estabelecidos pelos Hans, com grandes despezas em todas as cidades principaes. Mas Yang-Ti, seu filho, imbuido em principios inteiramente differentes, empregou os thesouros accumulados por seu pae em dotar o paiz de monumentos soberbos, e de instituições uteis. É a elle que a China deve o admiravel systema de navegação interior e os magnificos jardins de Yuen-Mien, que destinados aos prazeres do imperador, ainda hoje formam a mais deliciosa residencia.

Apesar de todos estes beneficios, as insurreições succederam-se com rapidez n'este reinado, e a ultima, provocada por um simples official do exercito imperial (Li-Youen), substituiu a dynastia Soui á dynastia Tang; — esta occupou o throno durante duzentos e setenta e cinco annos, — de 622 a 897, e assignalou o seu transito com os maiores beneficios.

O rigor das leis foi suavisado, o kalendario melhorado, as superstições combatidas, a moral honrada sob a maior parte dos principes d'esta illustre raça, á qual entretanto pertenceu uma especie de monstro feminino, cujas façanhas de todo o genero deixam muito atraz as de Joanna de Napoles e de Catharina da Russia. Dominando o espirito do imperador Kao-Tsong, mas submettida por sua parte ás inspirações de um eunucho, e de um magico *tao-sze*, Ou-Heou commetteu crueldades fabulosas, primeiro para alcançar o imperio, depois para o conservar. Esta mulher, energica apesar de tudo, não pôde conseguir que passasse á sua familia a auctoridade imperial, que sem embargo conservou em quanto viveu; mas, por sua morte, o principio hereditario tornou a vigorar, e o filho de Kao-Tsong subiu ao throno.

Entretanto, conforme a lei fatal d'estas dynastias hereditarias, os Tangs, corrompidos pelos prazeres, perdiam pouco a pouco o poder, que abandonavam aos eunuchos, seus mais assiduos cortezãos. O povo, desaffeiçoado, murmurava, e devia soar a hora em que o poder, gradualmente enfraquecido, caíria em outras mãos. As coisas passaram-se como de costume: Tchu-Ouen, primeiro defensor zeloso da dynastia, aproveitou a sua influencia para a derribar. O assassinio geral dos eunuchos, em numero de muitos mil, assignalou esta revolução a que serviram de pretexto. O ultimo dos Tangs foi deposto, condemnado á morte; e a familia do usurpador desappareceu bem depressa, expulsa por um novo pretendente. Outras cinco dynastias secundarias (Heou-Ou-Tai) preencheram um intervallo de cincoenta e tres annos (907 a 960), que separa a quéda dos Tangs da exaltação da familia Song. Esta durou trezentos annos, e offereceu uma serie, até então sem exemplo, de soberanos esclarecidos e justos. A descoberta da imprensa, por elles favorecida, deu um poderoso arrojo ao progresso das luzes. Tchu-Hi, sob pretexto de commentar os escriptos de Confucio, introduziu uma verdadeira reforma philosophica; e posto que fosse n'essa occasião perseguido, e que as suas doutrinas, reputadas hereticas, provocassem edictos prohibindo expressamente toda a indagação da verdade que não se fundasse nos livros antigos, não se póde negar que o impulso dado por elle teve importantes resultados; principalmente se attendermos a que os seus escriptos formam hoje a verdadeira base do ensino philosophico e moral.

Antes da grande invasão da China pelos tartaros, as tribus barbaras dos Kins, que atacavam a fronteira do norte, tinham obtido algumas vantagens; e estabelecendo-se pouco a pouco em todas as provincias além do Yang-Tse-Kiang, fundaram a sua capital em Kai-Fong-Fou. Os Songs estavam desapossados de uma parte do imperio, quando, das vastas planicies que se estendem ao oeste entre as cadeias dos montes Bogdo e dos Altai, as hordas tartaras, juntas sob o commando de Te-Mout-Chin (Genghis-Khan), pareceram chamadas a conquistar a Asia inteira. A sua marcha impetuosa conduziu-os, depois de alguns annos de victorias, ás fronteiras do reino fundado pelos Kins, e bem depressa a guerra se declarou. Os imperadores chins creram que podiam aproveitar o ensejo para reconquistar as suas provincias invadidas, e alliaram-se com os mongoles errantes, contra os Kins mais civilisados. A consequencia foi a ruina completa d'estes ultimos, consummada por Ogotai ou Oktai, successor immediato de Genghis-Khan, com o auxilio dos imperadores Songs. Obtida esta victoria, succedeu — coisa facil de prever — que os vencedores se dividiram sobre a partilha dos despojos; ora, como os mongoles eram muito mais fortes, a guerra dirigida por Khoubilai ou Kublai-Khan trouxe em breve a tomada de Nan-King, a maior cidade do imperio, e desde muito tempo capital das provincias do meio-dia. O ultimo Song, expulso successivamente de todos os pontos do territorio, e reduzido a reinar unicamente em uma esquadra, matou-se, para não caír vivo em poder dos mongoles. Em 1279, data d'este acontecimento, passou a China ao jugo estrangeiro.

Os primeiros soberanos tartaros, Kublai-Kan, Timour e Hai-Chan, governaram segundo principios e idéas contrarias ás da raça conquistada; mas pouco a pouco esta, forte pela sua civilisação, retomou a influencia, impondo aos dominadores o espirito de justiça, os costumes polidos e delicados, a intelligencia e o amor das letras que a caracterisavam. Os monarchas mongoles, sujeitos á influencia commum, afeminavam-se no seu novo throno; e Chun-Ti, o ultimo d'elles, foi surprehendido pela revolta n'um palacio cheio de bufões e dançarinas. Bastou um aventureiro temerario (Tchu-Youen-Achang), saído da casta dos bonzos, e alistado no exercito como simples soldado, para destruir a obra de Genghis-Khan. Depois de 89 annos de dominio absoluto, os Youen (imperadores tartaros) cederam o logar á dynastia Ming, ultima familia chineza que reinou no *imperio do meio*.

A sua historia assimilha-se á de todos os seus predecessores; a mesma dissolução de costumes, a mesma fraqueza para com os eunuchos, a mesma credulidade nos perfidos *tao-sze* que lhes promettiam prolongar a vida com segredos maravilhosos, a mesma degeneração gradual dos soberanos, as mesmas desordens, os mesmos desmembramentos interiores, produzidos pela mesma incapacidade. Entretanto, formava-se uma nova potencia entre as hordas, ou tribus tartaras; longa serie de victorias dera a uma d'ellas, a dos mandchoux, ou mandshurs, o predominio soberano sobre todas as outras. A China desorganisada ficou sem defesa exposta ás suas correrias; até alli penetraram sem difficuldade, á sombra de uma revolta, e acharam Pe-King senhoreada por um usurpador, que acabava de derribar Hoai-Tsong, o ultimo da dynastia Ming. A morte d'este principe teve um tanto de heroica: depois de ter decepado a cabeça a sua filha unica, rodeado da imperatriz, e seis mulheres que voluntariamente se mataram a seu lado, escreveu uma supplica ao vencedor, para que poupasse o seu povo, e depois se afogou resolutamente com o cinto imperial.

Chegando a noticia da sua morte ao exercito chin, que se tinha mandado ao encontro dos tartaros, o

general que o commandava fez alliança com os chefes inimigos; Pe-King caiu, como se disse, em seu poder, e em 1652 se consummou a nova invasão.

Os mandchoux, advertidos pela experiencia do passado, governavam com sabedoria e prudencia; esforçavam-se por não encontrar em nenhum ponto essencial as idéas, ou os prejuizos da raça conquistada, á qual além d'isto reservaram uma parte consideravel da administração. As instituições mixtas, que ainda hoje regem a China, foram obra de Chun-Tchi e dos quatro tutores a quem foi confiada a menoridade de seu successor Kang-Hi, um dos maiores soberanos que governaram o celeste imperio. O seu reinado, findo em 1722, assim como os de Yong-Tching (1736); de Kien-Lung (1795); e de Kea-King (1820), não foram memoraveis por nenhum acontecimento importante; pois não se póde assim chamar a guerra sustentada por 30 annos contra a Russia, por causa de limites de fronteira; nem algumas revoltas felizmente reprimidas; nem mesmo a occupação do Thibet roubado, sob capa de protecção, á soberania do gran-Lamá. Esta ultima conquista e a cessão recente que a Gran-Bretanha obteve do Garhawal ou Serinagur poz em contacto as fronteiras dos dois imperios; mas d'isto não resultaram, graças á politica desconfiada do governo chin, nenhumas relações politicas, nem commerciaes.

Tao-Kouang, que actualmente reina (1844), deve o throno ao reconhecimento de seu pae, a quem defendeu o palacio, atacado durante a ausencia do imperador por um punhado de conjurados atrevidos. O seu reinado não tem sido perturbado até hoje senão pela insurreição de Ele, districto mahometano recentemente annexado ao imperio chin. Em fins de agosto de 1826, no sexto anno do reinado de Tao-Kouang, rebentou esta revolta, cujo chefe era um antigo principe do Turkestan, chamado Changkiburh, ou Jehanghir, que depois de ter alcançado algumas victorias das tropas chins, foi entregue por traição ao seu general, e conduzido a Pe-King, onde o esperava um prompto supplicio. Julgando unicamente pela gratidão do imperador para com aquelles que a suffocaram, poder-se-hia crer que esta revolta devia inspirar serios receios. Chang-Ling — o general victorioso — foi nomeado Kung hereditario; concedeu-se-lhe o direito de trazer uma pedra preciosa no cimo do barrete, e a insignia do dragão n'um escudo redondo, em logar de um escudo quadrado.

— Dou-lhe — dizia o imperador no seu decreto, — o titulo de grande homem d'estado na presença imperial; confiro-lhe o direito de se servir de uma rédea escarlate, de trazer uma penna de pavão de dois olhos; desprendo do meu proprio cinto duas bolsas, que lhe dou, e do meu pollegar um annel de pedra branca; dou-lhe tambem um martinete de perolas para o seu barrete, uma pedra branca, symbolo de felicidade, para a prender no seu cinto, e um par de bolsas amarellas, ornadas de coral, assim como outras quatro mais pequenas para que as traga em lembrança das suas expedições.

Um manifesto posterior á execução de Jehanghir contém o programma das ceremonias religiosas ordenadas para dar graças aos deuses pela pacificação da revolta: são sacrificios aos ceos circulares e á terra quadrada, aos santos antepassados, ás pontes e ás collinas, por onde passaram as tropas imperiaes, á imperatriz donataria, ás cinco grandes montanhas e aos quatro grandes rios da China, aos tumulos dos imperadores e de Confucio, etc.

O imperador ordena, além d'isto, reparações nos templos e nos sepulchros imperiaes; dá titulos de honra aos fallecidos paes dos officiaes civis e militares, um dia feriado aos estudantes do collegio nacional, um mez de paga extraordinaria ao exercito e á policia, dinheiro aos hospitaes e outros mil beneficios similhantes.

Assim se terminou a ultima crise que ameaçou a existencia da dynastia Ta-Tsing; e se não fossem os evidentes receios, que inspiram as sociedades secretas, e essa influencia mysteriosa, que mais tarde ou mais cedo perde todas as tyrannias hereditarias, poderiamos julgal-a para sempre firme no throno que hoje occupa (1844).

Volvâmos agora ao assumpto da estampa, a sé.

Mallogrando-se a embaixada que el-rei D. Manuel mandára á China em 1516, segundo referimos a pag. 361, com palavras de João de Barros; o apostolo da India, S. Francisco Xavier, propoz a segunda, que em Goa, e no anno de 1552, se aprestou para ir a Pekin. Não chegou esta, porém, ao seu destino, pela morte do bemaventurado missionario ás portas d'aquelle imperio.

Em 1555 penetrou no interior da China o dominicano Gaspar da Cruz, o qual, no livro que nos deixou impresso, diz não achar então as coisas dispostas para a propagação do christianismo.

Finalmente, em 1583, o jesuita Miguel Rogerio, com dois companheiros, todos do nosso collegio de Macau, depois de ter aprendido a lingua chineza, conseguiu missionar n'algumas cidades do imperio, levando uma chapa de prata, que era como provisão ou salvo conducto, para que ninguem lhe estorvasse o transito, dada pelo vice-rei de Cantão, em cujo arrabalde fez a primeira capella que os portuguezes tiveram dentro do imperio. Foi tambem elle que compoz, em lingua chin, o cathecismo de doutrina christã para as cathecheses que haviam de preceder o baptismo dos convertidos. Tudo isto nos conta, mui por menor, o padre Amador Rebello, mestre del-rei D. Sebastião, pelas cartas que recebêra d'este e de outros missionarios do Oriente.

O padre Mattheus Riccio foi, porém, o que conseguiu chegar até Pekin, em 1601, com dois companheiros, Gaspar Ferreira e Diogo Pantoia, egualmente do nosso collegio de Macau. Foi este o primeiro que obteve o grau de mandarim, e a presidencia do tribunal das mathematicas, em que era mui versado, gozando até á sua morte da privança do imperador Vanli. Foi este jesuita o fundador da christandade portugueza na capital da China.

Depois da sua morte, João Adamo Schale, que missionava em Xan-si com grande acceitação, foi chamado a Pekin, e nomeado successor de Riccio na presidencia do tribunal mathematico. A este notabilissimo astronomo foi que o imperador Chun-Tchi concedeu o chão para se edificar a sé de Pekin, representada na estampa que démos no numero antecedente.

É um templo grandioso, e o maior de toda a Asia. A fachada é de marmore, e as paredes interiores revestidas de ladrilhos envernizados. Terá a capacidade da egreja de S. Domingos, uma das maiores de Lisboa. Das torres avista-se o admiravel panorama da cidade. Junto da egreja havia habitação para o bispo, e para os padres da missão.

Foi esta cathedral edificada em 1650, com a invocação de S. José, mas os chins chamam-lhe *Nan-tam*, que quer dizer egreja do sul. No portal tinha a seguinte inscripção em lingua chineza e letras de oiro: *Kin-cu*, que quer dizer: *dom do imperador*.

Nos magistraes artigos sobre esta nossa missão, escriptos pelo nosso collaborador C. José Caldeira no II vol. d'este jornal, se referem todas as alternativas por que passou a diocese de Pekin, erecta no tempo del-rei D. Pedro II, por bulla do papa Alexandre VIII, com data de 10 de abril de 1690, desmembrando-a do bispado de Macau.

Mórmente depois da extincção da companhia de

Jesus, começaram os propagandistas francezes a cubiçar esta nossa diocese; e taes enredos e disturbios moveram n'aquella christandade, que obrigaram a rainha D. Maria I a mandar para alli um prelado energico, e mantenedor dos direitos do padroado portuguez, qual foi o douto D. fr. Alexandre de Gouvêa. A este encarregou a soberana de lhe enviar um plano para o restabelecimento das missões da China, o que elle bem cumpriu, como prova a seguinte copia extrahida dos manuscriptos de fr. Vicente Salgado, hoje pertencentes á bibliotheca da academia real das sciencias de Lisboa:

Plano do restabelecimento das missões da China pertencentes ao real padroado

Em Pekin existe a casa de S. José, que fôra dos extinctos jesuitas portuguezes, com rendimentos annuaes de oito mil cruzados, com uma bella egreja, officinas e accommodações para viverem seis ou oito religiosos.

Sendo S. Magestade servida, póde dar esta casa com os seus rendimentos a uma congregação regular, obrigando-se esta a dar seis religiosos para viverem na dita casa, debaixo da obediencia a um superior nomeado pelo geral ou provincial da mesma congregação, sujeitos porém ao bispo nas funcções parochiaes, e em todos os mais casos em que o direito o determina.

Além dos sobreditos seis religiosos, ficará a mesma congregação obrigada a dar mais cinco para assistirem com o bispo na residencia episcopal, e o servirem nas funcções parochiaes da cathedral, ficando porém isentos da sujeição ao superior da casa de S. José, e immediatamente sujeitos ao bispo, que por esta causa deverá dar-lhes o necessario.

Os religiosos que a mesma congregação destinar a Pekin não devem exceder a edade de quarenta annos, para podêrem aprender a lingua chineza, que não é para edades avançadas. A de vinte até trinta e cinco é a mais propria. Devem além d'isto ter um genio docil, pacifico, e civilmente agradavel.

Devem ser ou mathematicos, ou medicos, ou cirurgiões, ou boticarios, ou relojoeiros, ou machinistas, ou pintores. Uma d'estas qualidades basta para entrarem sem obstaculo em Pekin. Nem é necessario que sejam famosos, basta que tenham nas sobreditas qualidades alguma instrucção, excepto o pintor, que ou deve ser bom ou nenhum.

Por agora basta que a congregação mande um superior com tres religiosos, e para o seguinte anno dois, preparando entretanto outros para virem quando os antigos ex-jesuitas aqui forem faltando.

Devem vir a Macau hospedar-se no real seminario de S. José, aonde acharão as instrucções para o modo de entrarem, e o necessario para as despezas até Pekin.

Sendo S. Magestade servida dar á mesma congregação as missões que tem nas provincias d'este imperio, pertencentes ao real padroado, póde ordenar á dita congregação, habilite oito ou dez religiosos para irem a seu tempo a Macau, e hospedando-se no real seminario de S. José, esperar opportunidade de entrarem occultamente nas provincias de Nankin, Kiansi, etc., conforme as instrucções dos respectivos prelados.

Devem os religiosos destinados para as ditas provincias ser homens de uma morigeração irreprehensivel, de um zêlo ardente, e nas sciencias theologicas sufficientemente instruidos. Não devem exceder a edade de quarenta annos.

Sendo S. Magestade servida, póde dar á mesma congregação o real seminario de S. José de Macau, ordenando-lhe a educação dos seminaristas, na fórma que foi estabelecida no anno de 1784, e habilitando n'aquelle seminario sujeitos habeis, principalmente moços chinas, para serem depois enviados ás dioceses de Pekin, Nankin e Macau, e fazerem as funcções parochiaes n'aquelles logares, aonde não podem ir os europeus. — *Fr. Alexandre, bispo de Pekin.*

Este plano foi remettido ao ministro da marinha e ultramar, Martinho de Mello e Castro, com um officio datado de 24 de setembro de 1785, no qual o zeloso bispo refere o deploravel estado em que achou aquella diocese, e as discordias que os agentes da propaganda alli tinham suscitado.

Elle, porém, conseguiu manter os direitos do real padroado, e insinuar-se por tal arte no animo do imperador, que foi tambem nomeado presidente do tribunal das mathematicas. N'esta data é que elle enviou para Portugal a planta da sé de Pekin, que julgâmos ser a que está na bibliotheca da marinha, formando tres quadros de aguarela, com suas molduras. A fachada que representa a nossa gravura foi copiada, tal qual, d'este plano.

Fallecido este prelado em 1813, tornou a propaganda a minar e a enredar, voltando a Pekin os discolos que o nosso bispo tinha desterrado. E d'esta vez acharam tanto apoio na curia romana, que nunca mais tivemos bispo confirmado n'aquella diocese!

Serra, successor de Gouvêa, não chegou a tomar posse; Saraiva não foi confirmado; Pereira, bispo de Nankin, achou-se em Pekin sem missionarios, malquistado com os propagandistas, desamparado do seu pontifice e do seu rei; até que morreu de desgosto em 1838. Foi então que se taparam de pedra e cal as portas da antiga sé portugueza de Pekin.

O douto vigario geral d'aquella diocese, o rev. D. João de França Castro e Moura, que alli missionava desde 1833, foi eleito em 1841; mas tambem não obteve a confirmação papal que as suas letras, virtudes, e serviços feitos áquellas christandades haviam grangeado, pelo que teve de retirar-se para Portugal.

A desastrosa concordata, ultimamente concluida, tirou-nos a diocese de Pekin, sem ao menos nos conceder uma egreja n'aquella capital, agora aberta ao trato europeu, onde nós, depois de descobrirmos a India, fomos edificar a primeira que teve o christianismo na corte do imperio da China.

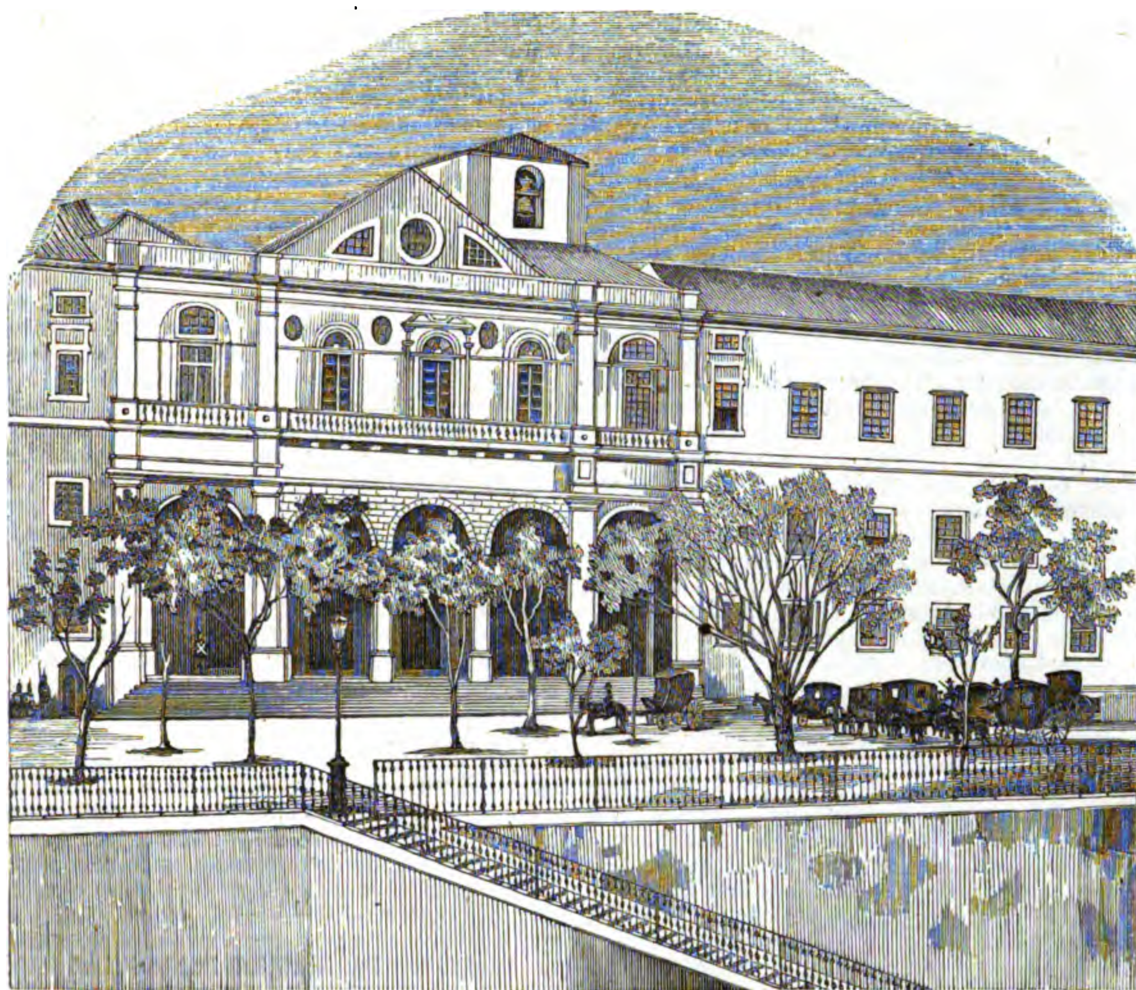
Mas essa lá está ainda pomposamente erguida, para attestar aos novos vencedores, que houve um tempo em que os portuguezes faziam conquistas d'aquellas, sem esquadras nem exercitos; mas tão sómente pela sciencia, perseverança e prégação dos seus missionarios.

Desenhando n'estas paginas a nobre fachada da sé portugueza de Pekin, lavrâmos, em muitos mil exemplares, um protesto solemne contra a invejosa occultação que d'esta gloria nacional nos fazem os estrangeiros nos seus escriptos.

Até o douto Rohrbacher, na sua *Histoire universelle de l'Église*, referindo-se ao seculo em que nós levámos a prégação do evangelho a Pekin, e edificámos alli a sumptuosa cathedral, intitula um dos capitulos da sua obra: *Le catholicisme établie en Chine par les jesuites français, au grand honneur de la France,* quando só em 1693, meio seculo depois de nós, é que os jesuitas francezes levantaram egreja em Pekin, a qual lhe foi destruida em 1755; e nenhuma outra nação, afóra a portugueza, *estabeleceu* o christianismo na China. Além d'esta asserção, leviana ou fraudulenta, Rohrbacher não menciona na sua longa historia a edificação d'esta egreja pelos portuguezes, nem os nomes dos nossos missionarios do Oriente, nos seculos XVI e XVII.

Opportunamente recordaremos o que ha de mais assombroso nos nossos annaes ecclesiasticos da China.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.



Palacio das cortes (extincto mosteiro de S. Bento) — Desenho de Caggiani

Os monges benedictinos, que tantos conventos haviam edificado nas provincias de Portugal, desde o começo da monarchia, mórmente na do Minho, não tiveram casa na capital senão no tempo del-rei D. Sebastião.

Sendo abbade geral e reformador da ordem fr. Pedro de Chaves, propoz este ao cardeal infante D. Henrique, então regente do reino, a fundação de um mosteiro de S. Bento em Lisboa. Havido o necessario *praz-me,* escolheu o abbade uma quinta, com casa de habitação, que havia no sitio que hoje chamâmos largo da Estrella.

Concorreu o cardeal para a ajuda da compra, abraçando o frade quando viu o sitio por elle escolhido. Em dois annos se fez a egreja e accommodações para trinta monges; celebrando-se n'ella a primeira missa na noite do Natal de 1573.

Esta foi a primeira casa conventual dos benedictinos, até que em 1597 resolveram, em capitulo geral, fundar outro convento mais proximo á cidade, em sitio menos levantado, e por isso menos exposto aos ventos que tanto accommettiam o da Estrella.

Eis-aqui a historia da nova edificação, tal como nol-a refere um manuscripto de 1704:

«Vinte e cinco annos depois de haverem os religiosos de S. Bento fundado a sua primeira casa em Lisboa, satisfeitos do sitio da cidade, e obrigados da benevolencia dos moradores d'ella, trataram de pôr em obra a resolução que haviam tomado, em uma congregação geral, de edificar outro convento mais proximo á cidade, e menos exposto aos ventos que tanto combatiam o sitio do primeiro, chamado hoje de Nossa Senhora da Estrella. E ainda que a mudança não foi para logar mui distante do primeiro, foi comtudo para sitio muito avantajado nas qualidades que n'elle acharam, porque, por uma parte, se póde dizer está fóra da cidade, e por isso entre os limites que requer a profissão da vida monachal; e por outra, como fica mui proximo á cidade, parece estar dentro d'ella, e por isso, sem muito trabalho, podem os moradores chegar á egreja, e buscar os padres do convento.

Tem de mais o sitio ser muito accommodado para n'elle se lograr boa saude, e com ella a recreação da boa vista que tem sobre a cidade, rio e porto, gozando o prospecto das muitas naus que no dito porto entram e d'elle saem. E ficando, como está dito, o convento mui visinho da cidade, possue uma cêrca [1] tão larga como podéra ter se estivesse mui

[1] É hoje proprietario d'ella o sr. Faustino da Gama.

distante d'ella; fazendo mais estimavel esta cêrca ter uma fonte de agua, que se deriva, sem muito custo, a prover o convento, circumstancia que se não acha em muitos de Lisboa.

Pagos, com muita razão, os religiosos das boas conveniencias que tinham achado para a fabrica do novo convento, buscaram architecto que lhes delineasse o edificio, com tanto acêrto que não houvesse occasião, depois de começada a obra, de se conhecerem erros na traça d'elle. Os que dão principio a grandes fabricas, tem que agradecer muito á ventura o encontrarem architecto tal como foi em Lisboa, no seculo passado, o celebre Balthasar Alvares, de cuja sciencia na arte dão bom testimunho muitas obras suas; bastando para o fazer digno de muito louvor o edificio de S. Bento, assim no que está feito, como no que se vê desenhado para se fazer.

Para superintendente d'esta obra, teve tambem o convento a boa sorte de ter um sujeito tão diligente e intelligente, como foi o padre fr. Pedro Quaresma, o qual, sendo geral da congregação o reverendissimo fr. Balthasar de Braga, deu principio á obra no anno de 1598.

Para que nada faltasse ao frontispicio e entrada d'este convento, antes de chegar a elle, tem um mui sufficiente recinto, capaz de dar logar a muitas carruagens; recinto a que podêmos chamar praça, porque é cercado de muro com duas portas, podendo ficar de noite fechadas; uma das quaes olha para o frontispicio da egreja, e a outra fica a um lado da frontaria, olhando para o sul.

Caminhando para o portico se encontra alguma subida, que se vence, com facilidade, por beneficio de alguns degraus que terminam em dois taboleiros, e depois d'elles, com poucos mais degraus, se chega ao pavimento do portico da egreja, cuja frontaria se funda em seis grandes e firmes pilares de bem lavrada pedraria, onde assentam cinco formosos arcos, sobre os quaes corre uma valente cimalha, e por cima d'ella, superior aos tres arcos do meio, se vêem tres nichos de pedraria, todos na mesma linha, e sobre o do meio tem logar o frontispicio, com uma tarja no fecho do arco; e no andar da volta dos arcos dos nichos ha quatro oculos, pelos quaes se communica luz, assim ao côro como á egreja. Por cima dos outros dois, entre os quaes ficam os tres do meio correspondentes ás portas da egreja, ha duas mui grandes janellas rasgadas, com avultadas grades de marmore branco [1], as quaes janellas guarnecem arcos de pedraria, que excedem na altura os arcos dos nichos, e as mais voltas dos arcos occupam vidraças que dão claridade aos dormitorios. Pelos lados d'estas janellas se continuam pilares, que são os extremos do frontispicio da egreja, os quaes se rematam em uma cimalha de pedraria, que corre, não só sobre a frontaria da egreja, mas tambem pelos lados do frontispicio, em que se vêem, de cada parte, nove janellas das cellas mais estimadas dos religiosos do convento, pela vista que logram d'ellas.

Nos extremos da dita frontaria tem logar outra grandiosa janella similhante á que dissemos ficar proxima ao côro; e ambas estão mettidas entre dois grandes pilares, que formam os solidos cunhaes que seguram o edificio do convento, um dos quaes fica á mão direita de quem quer entrar no portico; uma face olha para o terreiro, ou praça que está diante da egreja, e a outra olha para a casa do noviciado da Companhia. [2] N'este cunhal dizem ter-se feito uma despeza extraordinaria, de que foi causa não se achar firmeza no fundo, pelo que foi necessario il-a buscar muito abaixo, até que, dando-se em agua, veiu a fundar-se o cunhal sobre grade de madeira: mas como a profundidade foi extraordinaria, seguiu-se ser tambem extraordinaria a despeza em encher, de pedra e cal, uma altura tão notavel, com largura qual se requeria, tanto para a obra que se havia de fazer, como para n'ella poderem trabalhar os officiaes. Da outra parte foi muito menor a difficuldade e a despeza, por que se achou fundo accommodado para se fazer o alicerce.

O frontispicio da egreja está ainda agora egual com a mais obra da frontaria: mas se se levantára com as duas torres que havia de ter, conforme ao desenho com que se começou, seria sem duvida uma obra magnifica, e que acrescentaria muito a magestosa frontaria. Porque além das nove janellas que ficam a cada lado do frontispicio da egreja, se vêem por baixo d'ellas outros dois andares de janellas eguaes ás de cima, que são grandes, e todas guarnecidas de pedraria, com o que vem a ficar tres andares de janellas eguaes, que acompanham o frontispicio, fazendo tudo um objecto magestoso, e mui agradavel aos olhos que n'elle se empregam, dando facilmente a entender, pelo que vêem de fóra, que não póde deixar de ser grandioso o que se esconde no interior do convento.»

Como este edificio foi respeitado pelo terremoto de 1755, que lhe não causou o minimo estrago, a descripção de 1704 serve para agora, visto que o exterior se conserva ainda no mesmo estado.

Só temos a acrescentar-lhe, que pela extincção das ordens religiosas foi este convento destinado para palacio das cortes, em 1834, arborisando-se parte do largo; e em 1852 se terraplanou, fazendo-lhe uma cortina, com dois magestosos lanços de escadaria de pedra, para a rua de S. Bento.

Além das duas camaras legislativas, estão no extincto mosteiro de S. Bento, o archivo nacional, ou torre do tombo, desde 1755, em que para alli foi mudado do castello de S. Jorge; e a repartição dos trabalhos geodesicos e topographicos do reino.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 377)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XVII

EM QUE SE PROVA QUE O AMOR É PHILOLOGO

A mutua inclinação do visconde e de Ignez era favorecida por todas as circumstancias.

O capitão-mór, activamente occupado, como vimos, raramente escrevia á filha. A mulher do desembargador, no turbilhão de festas e partidas em que andava continuamente envolta na pequena corte de Junot, mal dava attenção ao que se passava em casa. Léon tinha com a sua convalescença um pretexto justificado para não saír. A morgada achava na reclusão systematica, imposta pela prima, um incentivo continuado.

Encontravam-se os dois quasi todos os dias, a bem dizer sós, no jardim, que ficára sendo para ambos um como terreno mixto. Quando se não encontravam no jardim, saudavam-se das janellas. Nas noites de partida de D. Maria reuniam-se na sala, posto que este lhes fosse o local mais importuno. Finalmente, a impressão do primeiro encontro renovava-se a cada passo, e alimentava-se de contínuo com este permanente contacto de duas existencias juvenis e florentes, passadas debaixo do mesmo tecto, aspirando sem cessar uma para a outra, e por isso multiplicando as seducções.

[1] Para a ceremonia da acclamação del-rei D. Pedro v, fez-se d'estas duas janellas uma varanda, revestindo-se-lhe de madeira as grades de pedra, para se forrar de veludo.

[2] Hoje Eschola Polytechnica.

Se fosse possivel seguir no seu recondito e mysterioso desenvolvimento o fio das cogitações longas da donzella, e das multiplicadas sensações que ella mesma não sabía explicar, esta dissecção, esta analyse, este estudo, valeria acaso um copioso tratado de moral.

Por que mudava ella de côr, sentindo, no pavimento baixo, o ecco já bem conhecido dos passos do visconde, quando este passeava, fóra de horas, a insomnia pertinaz?

Ao confessor que lh'o perguntasse, não poderia responder.

E, todavia, n'esta proximidade havia um attractivo e um encanto irresistivel. Longe dos olhos, mais perto do coração, tornavam-se, pouco a pouco, intimos aquelles dois pensamentos. As visões da noite são más conselheiras para a mocidade. Separavam-n'os algumas paredes e algumas taboas, é verdade; mas andavam juntas as almas, e juntas se desvelavam, e scismavam, e devaneavam as phantasias.

Em que haviam de elles scismar?

Esta secreta familiaridade não era, todavia, apparente, e isso a tornava mais perigosa. Escondia-a a causa que já fica referida: o visconde não entendia uma palavra de portuguez, como a donzella ignorava os primeiros rudimentos do francez.

A linguagem dos olhos é um grande supprimento, bem sei. Mas a linguagem dos olhos, com ser tão suasoria e expressiva — talvez a mais expressiva e suasoria — não póde bastar eternamente a dois namorados em relações quotidianas. Ha a mimica e a telegraphia do officio, que antecederam muito os mais engenhosos aperfeiçoamentos d'estes modos de communicação, tambem não o ignoro. Sem embargo, a gesticulação mais profusa, os acenos mais variados, os gestos mais significativos, tem as suas limitações; e, bem averiguado tudo, não podem contentar a insaciabilidade natural do espirito.

A difficuldade de se exprimirem cabalmente era, pois, ainda uma separação. Nas partidas do desembargador o visconde apparecia pouco, fallava menos, e retirava-se cedo. Ignez acautelava-se, conhecendo a sagacidade da prima, e parapeitava-se atraz do seu recato e da sua ignorancia.

D. Maria, sempre rodeada e festejada, tinha o visconde em conta de um Werther melancolico, ou de um heroe valetudinario, e propendia a acreditar que a morgadinha, desenganada das ambiciosas presumpções dos primeiros dias, se resignára ao modesto papel de hospeda provinciana.

Assim o fogo ia lavrando debaixo das cinzas, sem que ninguem notasse fumo nem chamma.

Só o desembargador, que observava muito por costume e por prudencia, teve suas desconfianças.

Um dia em que, por excepção, D. Maria não saíra, aproveitando a opportunidade, foi ter com ella ao toucador, depois de sollicitada e obtida a competente venia.

D. Maria estava lendo um volume dos *Contos Moraes* de Marmontel, que lhe tinham mandado na vespera, e, para dizer a verdade, abusava d'este intervallo de solidão bocejando com uma irreverencia pouco lisongeira para o auctor.

Em geral D. Maria não lia por lêr, lia para dizer que tinha lido.

O desembargador escolhêra acertadamente a occasião. Foi recebido com agrado fóra do commum. Era uma distracção.

— O que me dá o gosto de o ver... tanto contra costume? — interrogou com excepcional amabilidade D. Maria, que já tinha tomado os modos vaporosos das senhoras francezas, bem como lhes imitava a linguagem e os usos.

— Uma coisa grave — tornou o desembargador — Se não fôra isso não me atreveria...

— Já se vê. Um magistrado não faz nada que não seja gravemente.

— Não deve fazer.

— Concordo, concordo. Vamos ao caso.

— E que na verdade não sei como diga...

— Tão difficil é?

— Difficil, não; mas...

— Tem um «mas»? Acabe.

— Como hei de acabar, se ainda não principiei!

— Bom remedio! Principie então.

— Ahi tem justamente o custoso. Não sei por onde ha de ser...

— Pelo principio, naturalmente.

Esta leve amostra poderá dar uma idéa da lei em que viviam os dois conjuges, longe, bem longe da antiga cordialidade portugueza, da lhaneza affectuosa e do respeito patriarchal das familias, onde o chefe da casa era uma jerarchia, e uma protecção.

O desembargador, depois de procurar no seu bestunto o modo mais conveniente de conciliar a benevolencia e a attenção da esposa, o que não era facil, proseguiu resolutamente:

— Diz bem. O melhor é irmos directamente ao facto.

— Pois vamos directamente ao facto.

— Saberá que venho fallar-lhe a respeito da Ignezinha... de sua prima...

— E são esses os graves assumptos que o preoccupam? — atalhou D. Maria com um risinho malicioso e ironico. — Já vejo por que se acautelava com tantas precauções. Então que temos?

— Nada.

— Nada!

— Pouco... na verdade pouco é. Por fim de contas, é mais sua parenta do que minha.

— Podia-lhe ter lembrado a observação antes de me fallar a seu respeito.

— Queria só fazer-lhe uma pergunta.

— Comtanto que seja breve.

— Duas palavras. Tem reparado como se faz vermelha, quando o visconde entra na sala?

— Quem?

— Sua prima.

— Que tem isso? Todas as d'aquella edade se fazem vermelhas, em vendo um rapaz. Se não sabem fazer outra coisa!

— Notou já os olhos que elle lhe deita?

— Forte milagre olhar!

— Como seu tio lh'a confiou...

— Confiou... a mim, penso. Supponha que o visconde gosta d'ella... não creio... mas supponha... Cuida que meu tio se queixará de ver a filha viscondessa?

— Eu sei... Tem outras idéas.

— E feliz se lhe vê... outras. Eu nunca lhe achei nenhumas.

— E depois... um francez!

— Quanto tempo pensa que durarão essas velharias? Sería excellente se fosse como diz. A Ignezinha ha de vir a fazer-se uma boa dona de casa... com o tempo...

— E as suas lições.

— Não o diga zombando... E o visconde... o visconde, quando for general, póde ser um auxiliar muito util. Siga o meu conselho, não se metta com essas futilidades. Não são para um jurisconsulto... que está para sair desembargador do paço.

— Desembargador do paço! Que me diz?

— A verdade: prometteu-m'o hontem o conselheiro Herman. Já vê que sei pilotar o meu barco... o nosso barco, visto que navegâmos de companhia.

— Admiravelmente, convenho.

— Então deixe-me guiar a derrota, que o hei de levar a bom porto.

— E á prima?

— A prima tambem... essa depois. É uma criança: tem tempo de esperar.

— Entretanto...

— Descance.

O desembargador inclinou-se, como para se despedir, beijando a mão a sua mulher com um primor de galanteria, evidentemente suscitado pela perspectiva do despacho.

— Entrego-me nas suas mãos... ás cegas — disse sorrindo.

— Ás cegas! Olhe que póde ser um epigramma — acudiu D. Maria.

— Um epigramma na bocca de um desembargador... do paço! Que monstruosa supposição! É só a expressão da mais completa confiança.

— Não se ha de arrepender, verá. Para o convencer da semrazão das suas suspeitas a respeito da Ignezinha... ao menos, por ora... bastará lembrar-lhe uma coisa, que de certo lhe não occorreu.

— Vem a ser?

— Concedo que o visconde olhe, concedo que ella se faça vermelha... concedo tudo. Só lhe não concedo que estejam tão adiantados... como quiz dar a entender com as suas innocentes perguntas, as suas meias palavras...

— Meias palavras!

— E os seus avisos.

— Protesto que não tive sequer intenção...

— Não proteste... Conhecemo-nos.

— Não a desmentirei.

— Era o que faltava! Pense nos autos... Estas coisas pertencem-me.

— Seguramente... mas uma paixão...

— Uma paixão! Acredita em paixões?

— Se não acreditasse, não teria a ventura...

— Não diga, que perpetra um madrigal... E na sua edade!

— O coração não tem edade.

— Onde leu isso?.. Não divaguemos. Uma paixão... só de um lado... não é perigosa. Uma paixão... reciproca... suppõe accordo. Para haver accordo era preciso que elles se entendessem... Como se hão de fallar? diga.

— É verdade. Não me occorria, com effeito. Felizmente, prevê tudo... por si, e por mim.

— Não lhe esqueça.

Na propria occasião em que os donos da casa estavam entretidos n'esta singular conversação, Ignez e o visconde encontravam-se... casualmente... como era costume, no jardim, contentes, radiosos, alvoroçados, como nunca até então.

D'esta vez não fallaram sómente os olhos. O visconde chegou-se ao pé da morgada, e perguntou em portuguez de principiante:

— Sra. D. Ignez, como passou?

A morgada ousou, ao mesmo tempo, balbuciar em mau francez, vibrando da commoção com que responderia a uma declaração formal:

— Bonjour, monsieur le vicomte.

A trivial saudação, que aos outros pareceria simpleza quasi risivel, pareceu a ambos a flor da oratoria.

Como fôra isto? Muito naturalmente. O visconde havia tres dias que tomára um mestre; Ignez havia oito que desenterrára na livraria do desembargador uma grammatica velha.

Não se diz que o amor faz poetas! Por que não havia de fazer philologos?

N'estes comprimentos, porém, tão pueris e tão futeis, se iam de todo para a pobre menina de Valde-mil as salutares memorias do passado; n'elles — mal o previa! — lhe começava outra vida, e que vida!

A ultima barreira que defendia o coração de Ignez estava por terra!

(Fim da primeira parte) MENDES LEAL JUNIOR

CARNEIRO MONTEZ

O argali ou carneiro montez da Siberia *(ovis fera siberica)* é do tamanho do gamo, pouco mais ou menos. Tem o corpo coberto de cabello curto, acastanhado de inverno e arruivado de verão. A lista aleonada que lhe corre por todo o fio do lombo, é que não muda de côr. Os paus do macho são grossos, compridos e recurvos; os da femea são menores, quasi direitos, e mui similhantes aos das cabras domesticas.

Ao inverso do rangifero (vid. pag. 397), o argali de inverno habita as regiões montanhosas, e de verão os valles e as planicies; o que se explica pela razão de que o vento varre a neve do cume dos montes, e a lança nas planicies, que durante esta estação permanecem inteiramente cobertas de gelo.

Dotado de grande agilidade, o argali salta de rochedo em rochedo, para pascer os musgos e a relva, de que tão pouco abundam aquellas paragens, e tambem para comer os pimpolhos dos arbustos.

A femea tem filhos duas vezes por anno, na primavera e no outono; e muitas vezes tem duas crias de um parto.

A carne do argali, e a gordura principalmente, tem muita estimação na Siberia.

O carneiro montez, ou muflão, encontra-se tambem na Corsega, nas montanhas da Grecia, e nos desertos da Tartaria.

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

VII

(Conclusão. Vid. pag. 387)

D. Cesar referiu aos seus amigos o occorrido como para lhe servir de desculpa, mas ninguem acreditou a narração phantastica do fidalgo; recebiam com estrepitoso coro de gargalhadas o seu conto, e tomavam-no por desmemoriado ou tresloucado.

Os credores, gente descortez e inconsiderada, vieram de tropel sobre elle augmentando com similhante procedimento as suas difficuldades. D. Cesar, para melhor se equilibrar, decidiu sair para a Italia em busca da fortuna militar que de outras vezes o favorecêra.

Embarcou-se em Malaga n'uma galera genoveza, que entrára carregada de lã, e com vento bonançoso emprehendeu a derrota para o theatro da guerra; ao segundo dia, porém, embraveceu-se o mar, e correram borrasca furiosa, vindo a encontrar-se ao romper d'alva na altura das costas de Africa, e cercada a embarcação por duas galeotas de corsarios argelinos. Sendo impossivel a fuga, accordaram os da companha em render-se á discrição para salvar as vidas; mas D. Cesar, com outros hespanhoes não menos esforçados, entenderam covarde o proposito, apoderaram-se do navio, das escassas armas e munições, e aprestaram-se para desesperada defesa. Pelejaram como valentes, e a preza foi, apenas, os restos da embarcação com D. Cesar e quatro de seus companheiros passados de innumeras feridas. Os genovezes foram enforcados na antena do seu proprio navio, e os fidalgos curados com sollicitude na esperança de grande resgate.

Restabeleceu-se em Argel D. Cesar de Toledo, e um governador aposentado levou-o, com outros muitos escravos de garbosa presença e de familias nobres, para os offerecer ao grão-senhor. O nosso fidal-

go granadino perdeu inteiramente a idéa de liberdade ao ver-se em Constantinopla.

Destinaram-no aos jardins do serralho, que dão para o Bosphoro, e em breve, pela sua intelligencia e desembaraço, conquistou as boas graças do turco que o mandava. Não dormia com os outros escravos; levado de sua tristeza, por altas horas da noite, tomava de uma guitarra, e entre as rosas junto dos bosques de palmeiras, sentava-se a cantar romances em hespanhol ou em toscano, que elle mesmo compunha, allusivos ao seu negro porvir, aos seus amores passados, ás suas tristezas; a sua voz e os seus cantares tinham a melancolia dulcissima e voluptuosa das canções hespanholas, das rogativas de um desterrado perdidas entre as ondas embalsamadas da brisa da noite.

Certo dia julgou escutar um suspiro, que respondia aos seus queixumes, e outra dulcissima barcarola veneziana que rimava com as ultimas coplas cantadas por elle; aproximou-se das altas paredes do serralho, e de uma gelosia, ondulando com o vento, caíu-lhe aos pés o mais formoso dos cravos que produziram os jardins orientaes.

Desde então, com as precauções e sobresaltos da escravidão, se estabeleceu mysteriosa correspondencia entre o rouxinol aprisionado nas doiradas gelosias do harem e o cantor andaluz. Ao cabo de alguns mezes chegou a occasião que sempre chega para o que a espera com todos os sentidos, e D. Cesar recebeu uma pulseira de oiro, na qual com punção de aço se escrevêra longa carta em italiano correcto.

Vendeu a pulseira o captivo, e seguindo as instrucções da sua dama, e em uma noite sem lua, escalou a ponte por onde as odaliscas, atravessando o jardim, passavam ás galerias que dominam o mar; com a foice do jardineiro fez saltar as gelosias, atravessou aquelle caminho a passo largo, levantou a porta dos lemes mettendo o punhal pela fenda, e procurou no solo de alabastro a mola que lhe haviam indicado; d'ahi percorreu um labyrintho de casas até que deu com uma porta, d'onde saíam raios de vivissima luz.



Carneiro Montez

Penetrando na estancia ficou cego com tanta luz e tão deslumbradora magnificencia. Uma joven de dezeseis annos, formosa qual estatua antiga, e mui parecida á Venus de Médicis, adiantou-se com um cofresinho debaixo do braço, e disse afoitamente em toscano:

— *Andiamo.*

— *Il eunuco?*

— *É morto...*

E mostrou a D. Cesar um corpo humano estendido no solo e nadando em sangue, e o vermelhado punhal que ella occultava nas ricas vestiduras.

— *Andiamo* — respondeu o fidalgo encolhendo os hombros com a indifferença propria dos homens de marmore.

Atravessaram a galeria que dava para o mar; uma barca de piratas gregos levou-os a uma das ilhotas do archipelago, cujas entradas e abrigo só os naturaes conhecem; d'alli á terra de Veneza, d'onde se embarcaram para Hespanha em galera bem armada.

Helena trouxe comsigo n'aquelle cofresinho uma mina inesgotavel de joias; tinha dezeseis annos; formosura perfeita, e estava perdida de amores pelo seu libertador.

Chegaram a Granada os dois amantes, mas incognitamente, porque D. Cesar meditava um estranho projecto; inteirou-se de que vivia na memoria de todos a sua estranha aventura com Isabel, e preparou o que váe ler-se.

VIII

D. Cesar de Toledo comprou a casa de Pero Antunez, ou, antes, do doutor Graciano, reedificou-a e adornou-a como se encontrava no tempo da prosperidade da sua promettida (para tudo lhe bastou uma joia unica); á grega, que era christã, como nascida em dominios venezianos, mandou-lhe fazer um traje egual ao de Isabel quando noiva; ataviou-se elle da mesma fórma, e em a noite que prefazia o anno do seu desventurado matrimonio *in fiori*, convidou mysteriosamente todos os amigos que haviam presenciado o seu triste desengano.

Tudo estava preparado; a hora de anoitecer approximava-se. Era grande o esplendor da casa. Multidão de curiosos se apinhavam á porta, e algum mais atrevido penetrava até ao pateo devorando com avidos olhos tanta opulencia, ou examinando com impertinente curiosidade as minimas circunstancias.

Entre os que se adiantaram, posto que com extrema timidez, ia uma joven plebea, limpa mas pobremente vestida, formosa, com a tez queimada pelo sol, e que chorava desconsolada cada vez que reconhecia um movel, um quadro, ou uma alfaia. Era Isabel, a quem com a vista seguia seu pae, encurvado pelos annos e pela miseria.

A filha de Pero Antunez, aproveitando-se da confusão geral, porque ainda não tinham chegado os senhores, apenas entrou no pateo, tomou sobre a direita, e encaminhou-se furtivamente para o jardim.

Atravessou com passo ligeiro as primeiras ruas, e dirigiu-se para o sitio onde de outras vezes encontrára tanta felicidade e alegria. A mocinha não se atreveu a chamar o negrinho, e julgou, vendo a casa no estado em que a perdêra, que outra mais ditosa e menos ingrata possuia o açafate do encantado, e o seu affecto. Isabel, n'aquella soledade, contentou-se de chorar desconsoladamente; viu a flor, e sem ousar arrancal-a aspirou-lhe com deleite o perfume, e embriagada com elle beijou-lhe voluptuosamente as pétalas.

Subita claridade illuminou o umbroso canteiro; Isabel viu-se com as mesmas galas que devia trajar em a noite da boda; porém com maior riqueza e mais grossa pedraria. Appareceu tambem o negrinho que abraçou enthusiasmada. Junto do seu febricitante seio, o negro tomou a fórma de um gentil moço alvo como a neve, com porte e vestes de principe cavalleiroso.

Quiz fugir aterrada a filha de Pero Antunez, mas o desconhecido disse-lhe com voz melliflua:

— Sou o mesmo, minha querida, e o ingrato é D. Cesar, que, se eu não o impedisse, casaria dentro de um minuto com a grega que trouxe do captiveiro. Acabas de livrar-me dos laços de miserandos encantadores á custa de um anno de trabalhos, de fidelidade, de grandes sacrificios e muitas perturbações, que procurarei recompensar-te agora com quanta felicidade haja no mundo, e satisfaça o teu coração. Vamos, que nos esperam na boda.

Isabel petrificada deixou-se levar pela mão, arrastada como sempre pelo encanto irresistivel que imperava no seu amante e que a dominava.

IX

D. Cesar de Toledo e a formosa grega chegaram no entretanto em duas magnificas carruagens, seguidas de numeroso cortejo de convidados, escudeiros, pagens e lacaios, e foram sentar-se no estrado armado no salão principal. Deu a conhecer a sua futura esposa, e levou-a a um esplendido gabinete para que cobrisse a cabeça com a mantilha, como se exige na ceremonia dos desposorios.

Durante este curto intervallo, appareceu no salão, sem se saber como, um formosissimo e gentil mancebo de vinte annos, luxuosamente vestido, e que trazia á direita uma dama que todos reconheceram immediatamente pela sua belleza sem egual; com elle vinha Pero Antunez. Geral foi a admiração ao ver alli Isabel tão bella como havia um anno, nos melhores dias da sua grandeza, acompanhada de forasteiro tão garboso. Este preveniu a curiosidade dos presentes, tomando logar no estrado, e dizendo:

— Senhores: D. Cesar de Toledo inventou uma historia por conveniencia propria, o anno passado, com a qual ficou em má situação, se não a honra, pelo menos o nome d'esta dama que todos conhecem. Regressando das suas viagens para lhe dar completa satisfação, quiz que eu, o mais intimo de seus amigos, vos fizesse tal manifestação, e, visto nos amarmos, Isabel e eu celebrâmos a nossa boda em sua propria casa, no mesmo dia e com alguns momentos de anticipação. Fazei-me, pois, a honra de serdes testimunhas.

Ditas estas palavras, entrou o ecclesiastico, que terminou a ceremonia em poucos momentos.

Apenas havia saido, quando appareceram os outros noivos. Furiosas rabanadas de vento abriram as janellas, estalando as gelosias e cristaes, apagaram-se as luzes, cairam em pedaços as cortinas, estremeceram as portas, os quadros e os lustres com horrivel estrepido, e os concorrentes sairam para a rua, julgando proximo o fim do mundo.

....

X

Duas palavras em conclusão.

D. Cesar foi-se para Alpujarra, em companhia da sua grega Helena, e asseguravam os montanhezes do sitio, que nem quando estava ebrio fallava jamais da desventura do seu noivado, posto que costumasse, depois do jantar, denunciar que o perseguiam duendes e phantasmas.

Isabel com o seu principe desencantado viveu rica, feliz, estimada de todos, e por largos annos.

A CASA DOS BICOS

(Conclusão. Vid. pag. 391)

IX

Terminada a digressão a que nos levou o encontro de varios documentos inéditos, a respeito do desapparecimento dos ossos de Affonso de Albuquerque, concluamos a investigação das origens e historia da casa dos Bicos.

Um dos quesitos que tomámos para balisas das nossas averiguações, foi saber a quem pertence hoje esta casa, e qual a sua historia moderna. Eis o que apurámos.

Em 1827 foi a casa dos Bicos posta em praça pela fazenda nacional, achando-se já penhorada pela somma de 14:800$000 réis, que o proprietario devia de decimas d'este e d'outros predios que possuia. Arrematou-a por 14:500$000 réis, o inquilino, que era Caetano Lopes da Silva, honrado negociante de bacalhau, e pae dos actuaes locatarios, que ainda alli conservam a mesma bacalhoaria de seus avós.

Em 1838, Francisco Antonio Marques Giraldes Barba, tutor do menor Pedro Telles de Mello, successor do antigo senhorio d'esta casa, citou o arrematante para lh'a restituir, com o fundamento de que sendo vinculada, não podia ser vendida, embora por execução fiscal. Caetano Lopes, homem de antiga tempera, inimigo de demandas, e reconhecendo, por conselho de letrados, que a casa fôra illegalmente posta em praça, confessou a acção, demittiu de si o dominio de uma propriedade que lhe tinha custado tantos contos de réis, fazendo ao novo senhorio um arrendamento de longo praso, pelo aluguer annual de 500$000 réis.

E posto que tivesse direito de pedir ao estado a restituição do preço que havia pago, por um predio que o fisco não podia vender, nunca quiz usar d'esse direito, nem tão pouco seus filhos. Acção é esta digna de ficar aqui registada com o devido louvor.

Tal é a situação actual da casa dos Bicos.

Temos respondido já á maior parte dos quesitos que formámos quando démos começo ás investigações sobre a origem d'esta popularissima casa; agora só restam alguns de pouca importancia.

Um d'elles é saber por que pertence a casa dos Bicos ao morgado do antigo secretario de guerra, de que é actual administrador o sr. Pedro Maria Telles de Mello Malheiros Brito Freire e Albuquerque.

Os bens, tanto vinculares como allodiaes, pertencentes ao grande Affonso de Albuquerque e a seu filho, passaram successivamente para as differentes familias que hoje os possuem, e são os srs. marquez de Pombal, successor da casa Sarzedas; conde de Peniche, herdeiro das do conde de Villa-Verde e marquez de Angeja; conde de Mesquitella e Pedro de Mello. Ao morgado d'este ultimo coube a casa dos Bicos. Fica porém uma questão irresoluta, e é, determinar qual d'estes seja o descendente directo de Affonso de Albuquerque. Achámos esta averiguação genealogica muito intricada, e tanto que nos não atrevemos por em quanto a resolvel-a. N'outro estudo mais largo o faremos.

O quesito tocante á tradição, de que na familia dos Albuquerques se entroncára um magistrado de appellido Bacalhau, filho de um commerciante d'este pescado; e que por isso a casa dos Bicos, desde muito antes do terremoto, como já vimos, tem servido de bacalhoaria; que pelo mesmo motivo se mudára o nome á celebre quinta de Azeitão, chamando-se da Bacalhôa, sendo o primitivo de quinta do Paraiso; de similhante tradição não encontrámos documentos, nem para a confirmar nem para a refutar. O bacalhau, por em quanto não é *fiel amigo* da fidalguia, porque, como appellido, não o achámos em nenhum dos muitos nobiliarios que havemos folheado, para esta e outras investigações archeologicas.

Resumâmos, pois, o que nos antecedentes artigos fica apurado tocante á casa dos Bicos, e é que:

Foi edificada por Affonso de Albuquerque Junior, cêrca do anno 1523.

Que por esta data se vê que nunca alli residiu o grande conquistador da India.

Que foi acabada, e não embargada durante a sua edificação como alguns suppozeram.

Que se não sabe a razão por que nos livros e manuscriptos antigos se lhe chama dos diamantes.

Que foi parar á casa do secretario de guerra (Mellos), em cujo dominio se conservá, no anno de 1649.

Que a fazenda nacional a pozera em praça no anno de 1827, sendo arrematada por 14:500$000 réis.

Que em 1838 fôra reivindicada pelo tutor de Pedro Telles de Mello, com o fundamento de que sendo vinculada se não podia vender.

Que actualmente a traz de renda o sr. J. Caetano da Silva por 500$000 réis annuaes; e ahi tem os seus armazens de bacalhau. Antes do terremoto andava esta casa arrendada a um negociante inglez, de bacalhau tambem, por 700$000 réis.

Finalmente, que as outras tradições populares não tem fundamento averiguado.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

DUVIDA

Tendo o sujeito da oração por complemento algum substantivo regido pela preposição *com*, o verbo deve pôr-se no singular ou no plural?

Isto é, escreverei:

Eu *com* meus filhos *assistimos* á missa da uma hora.

Ou:

Eu *com* meus filhos *assisti* á missa da uma hora.

RESOLUÇÃO

A regra geral é que o verbo deve concordar com o sujeito em numero e pessoa; mas os nossos melhores classicos, na especie proposta, attendendo ao significado de commitancia ou simultaneidade que tem a preposição *com*, fazem o sujeito collectivo, e põem o verbo no plural quando lhes convem.

Aqui estão alguns exemplos decisivos.

«Na mesma noite fatal em que o rei, *com* mil magnates da sua monarchia, *estavam* brindando pelos vasos sagrados. — *Vieira.*

«Assentaram n'esta congregação (os jesuitas) que o mesmo padre commissario, *com* o padre Miguel de Torres e o provincial Diogo Nirão, lh'as *fossem* offerecer (as constituições da companhia). — *Balthasar Telles.*

«Foi um padre *com* um irmão ao reino de Congo, para *sacramentarem* os portuguezes e christãos de uma povoação de certo senhor. — *Amador Rebello.*»

Váe ao sertão Thomé Ribeiro *com* o padre Francisco Velloso, e trazem mais de mil gentios. — *André de Barros.*

«Patecasir *com* todo-los seus, *padeciam* grande fome. — *Damião de Goes.*»

«Chegando Affonso de Albuquerque ao porto de Adem, por o mar andar furioso... e tambem o sitio da cidade requeria outro modo de repartição da gente, não fez o que trazia ordenado, tomou o que lhe o acaso deu; e foi ficar *com* toda a gente em corpo para *combaterem* a cidade á escala vista. — *João de Barros.*»

Accumulámos tantos exemplos, e dos melhores classicos, por termos visto n'algumas grammaticas coarctada esta faculdade, da qual tão amplamente usam os mestres da lingua, e tanto que são raros os exemplos de empregarem o verbo no singular.

Camões e outros poetas de auctoridade usam tambem pôr o verbo, ora no singular, ora no plural; mas nós evitaremos sempre tomal-os por texto, em razão do abuso que todos elles fazem da liberdade poetica.

Este arbitrio comprehende tambem os adjectivos e participios, que seguem as mesmas leis de concordancia.

Convem talvez advertir aos menos attentos, que tal faculdade de optar pelo singular ou plural do verbo, limita-se unicamente aos casos em que o sujeito da oração represente pessoas, assim como os substantivos do complemento, o que bem mostram todos os exemplos adduzidos. Quando os substantivos do complemento não tem acção propria, o verbo concorda rigorosamente com o sujeito. Verbi gratia:

Foi lá o capitão-mór *com* tres caravellas para *render* a fortaleza ou *esbombardear* a cidade. — *Diogo do Couto.*

Portanto, fica resolvido, que se póde empregar o verbo, nas hypotheses analogas á duvida proposta, tanto no singular como no plural.

Em uma lingua tão viva como é a portugueza, e tão distante do seu fim, que apenas tem passado os annos da sua infancia, razão é que com curiosa discripção, os mais laboriosos engenhos se apurem em procurar com selectas dicções os seus augmentos.

D. RAPHAEL BLUTEAU.

Explicação do enigma do numero 49.

Os extremos tocam-se.

